

Rafael de Oliveira Peçanha Ortman

Fruição fonográfica na era do *streaming*

Tese de Doutorado

Programa de Pós Graduação em Design

Orientadora: Dra. Maria Manuela Rupp Quaresma

Co-orientadora: Dra. Roberta Portas Gonçalves Rodrigues

Rio de Janeiro
Abril 2024

Rafael de Oliveira Peçanha Ortman

Fruição fonográfica na era do *streaming*

Tese a apresentada ao Programa de Pós Graduação
em Design como parte dos requisitos para a obtenção
do título de doutor em em Design

Dra. Maria Manuela Rupp Quaresma
Orientadora

Dra. Roberta Portas Gonçalves Rodrigues
Co-orientadora

Dra. Claudia Renata Mont'Alvão Bastos Rodrigues
PUC-Rio

Dr. Nilton Gonçalves Gamba Junior
PUC-Rio

Dr. Leonardo Gabriel De Marchi
UFRJ

Dr. Ricardo Artur Pereira Carvalho
UERJ

Rio de Janeiro
Abril 2024

Ortman, Rafael de Oliveira Peçanha

Fruição fonográfica na era do *streaming* / Rafael de Oliveira Peçanha Ortman ; orientadora: Maria Manuela Rupp Quaresma ; co-orientadora: Roberta Portas Gonçalves Rodrigues. – 2024.

683 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2024.

Inclui bibliografia

1. Artes e Design – Teses. 2. Música. 3. Streaming. 4. Fonografia. 5. Plataformas de streaming de música. 6. Experiência estética. I. Quaresma, Maria Manuela Rupp. II. Rodrigues, Roberta Portas Gonçalves. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. IV. Título.

CDD: 700

Agradecimentos

À CAPES e à PUC-Rio pelo custeio de meus estudos. À minha esposa, Anelise, pela troca e apoio. Às minhas amigas (e chefes na Refinaria Design), Rafaela Wiedemann e Valerie Tomsic, pela compreensão e ajuda inestimável em um momento chave da elaboração desta tese.

Resumo

Ortman, Rafael de Oliveira Peçanha; Quaresma, Maria Manuela Rupp (Orientadora). **Fruição fonográfica na era do *streaming***. Rio de Janeiro, 2024. 683p. Tese de Doutorado — Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No final do século passado, a apropriação de duas novas tecnologias pelo grande público desestruturaram a indústria fonográfica. Mas o compartilhamento generalizado de mp3 pela internet não impactaria somente o negócio das grandes gravadoras, mas também a própria função da escuta musical. Mais móvel, extensa e flexível, a fonografia se torna virtualmente ubíqua, ganhando novas potencialidades, revelando outras aspirações por parte dos ouvintes. Por mais de uma década, a audição de música gravada fica à margem da monetização institucional e sua experiência uma atividade sem um projeto específico por parte da indústria. As plataformas de *streaming* de música, sob o pioneirismo do Spotify, surgem nesse contexto, convertendo em serviço o que era produto e concebendo um novo conceito para a experiência fonográfica. Nesse novo modelo de negócio, uma escuta musical de alto valor simbólico para fruição estética, objeto de interesse de um público aficionado, perde espaço para uma audição situada, funcional, em que a música associada à rotina e ao estado mental do usuário agrega valor aos seus dados coletados no mercado de publicidade programática. A perda de centralidade no público-alvo e a própria visão corporativa sobre a fonografia indica a alienação do fã de música pela própria indústria. Esta pesquisa exploratória se destina a investigar como este nicho se sente com relação ao atual contexto e de que forma ele contempla suas necessidades de fruição fonográfica através de uma escuta dedicada. Para tal, além de uma revisão bibliográfica destinada a examinar a lógica sobre a qual as plataformas de *streaming* operam, seu modelo de negócios e qual o papel do fã nesse cenário, entrevistamos 40 indivíduos de 18 a 70 anos que se identificam como fãs de música. Se nossa pesquisa de campo indicou que o referido nicho utiliza as plataformas para audição dedicada, é significativa a amostragem da utilização de outros recursos, como a prevalência da mídia física, especialmente o vinil, e a recorrência ao audiovisual para obter experiência estética.

Palavras-chave

Música, *streaming*, fonografia, plataformas de *streaming* de música, experiência estética.

Abstract

Ortman, Rafael de Oliveira Peçanha; Quaresma, Maria Manuela Rupp (Advisor). **Phonographic fruition in the streaming era**. Rio de Janeiro, 2024. 683p. Tese de Doutorado — Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

At the end of the last century, the appropriation of two new technologies by the general public disrupted the recording industry. But the widespread sharing of mp3s over the internet would not only impact the business of major record companies, but also the very function of music listening. More mobile, extensive and flexible, phonography becomes virtually ubiquitous, gaining new potential, revealing other aspirations by the listeners. For more than a decade, listening to recorded music has not been subject to institutional monetization and has been an activity without a specific project by the industry. Music streaming platforms, by Spotify's leadership, emerge in this context, converting what was a product into a service and conceiving a new concept for the phonographic experience. In this new business model, listening to music with high symbolic value for aesthetic enjoyment, an object of interest for a passionate public, loses space to situated, functional listening, in which music associated with the user's routine and mental state adds value to the data collected in the programmatic advertising market. The loss of centrality in the target audience and the corporate vision of phonography indicates the alienation of the music fan by the industry itself. This exploratory research is intended to investigate how this niche feels in relation to the current context and how it addresses its needs for phonographic enjoyment through dedicated listening. To this end, in addition to a bibliographical review aimed at examining the logic on which streaming platforms operate, their business model and the role of the fan in this scenario, we interviewed 40 individuals aged 18 to 70 who identify themselves as music fans. If our research indicated that this niche uses platforms for dedicated listening, the use of other resources is significant, such as the prevalence of physical media, especially vinyl, and the use of audiovisual media to obtain an aesthetic experience.

Palavras-chave

Music, streaming, phonography, music streaming platform, aesthetic experience.

Sumário

1	Introdução	13
1.1	Efeito fonográfico e efeito de plataforma.....	15
1.2	Crise da indústria fonográfica na transição do século XX para XXI.....	16
1.3	A transição dos padrões de escuta do ponto de vista experiência.....	18
1.4	Impactos produzidos pelas plataformas de streaming de música	19
1.5	Problema de pesquisa	22
1.6	Perguntas de pesquisa	22
1.7	Hipótese	22
1.8	Objetivos de pesquisa	23
1.9	Revisão bibliográfica.....	23
1.10	Pesquisa de campo	24
1.11	Justificativa	25
2	A construção do conceito de álbum e sua demolição promovida pelo mp3....	27
2.1	A era do álbum.....	27
2.2	A era do mp3	38
3	A era do <i>streaming</i>	48
3.1	De produto a serviço — a reinvenção da fonografia.....	48
3.2	<i>Playlists</i> — conveniência e funcionalidade.....	53
3.3	Intimidade monetizada.....	57
3.4	Poder “algorítmico” e “efeito de plataforma”	60
3.5	A biopolítica das plataformas	66
3.6	Contraponto à crítica sobre as plataformas.....	67
3.7	Fonografia e engajamento	71
4	Experiência estética, identidade e fonografia	75
4.1	Experiência estética ao longo da história.....	75
4.2	Experiência estética e fonografia	77
4.3	Identidade e fonografia	86

Sumário	
5.1.1 Instrumentos metodológicos da pesquisa de campo	91
5.1 Processo e recursos de recrutamento.....	91
5.2 Roteiro da entrevista.....	92
5.2.1 Informações demográficas do entrevistado	95
5.2.2 Relação pessoal com música	95
5.2.3 Hábitos de audição musical	97
5.2.4 Protagonismo da audição musical	99
5.3 Transcrição e alimentação das entrevistas	101
5.4 Plataforma de análise das entrevistas.....	101
5.4.1 Processo de registro do conteúdo na plataforma de entrevistas	107
5.4.2 Benefícios da plataforma de entrevistas	108
5.5 Considerações éticas	109
6 Análise dos resultados da pesquisa de campo	110
6.1 Dados quantitativos gerais das entrevistas e entrevistados	110
6.2 Tópicos de análise	113
7 Relação pessoal com música	114
7.1 Significado pessoal da música.....	114
7.2 Identidade e música.....	115
7.3 Identidade e gênero musical	117
7.4 Consumo de produtos musicais.....	119
7.5 Coleção de suportes musicais	121
7.6 Relação com a tecnologia de audição	124
7.7 Assinatura de plataforma de streaming	135
7.8 Consumo, engajamento e produção de conteúdo online	139
7.9 Importância da qualidade de áudio	142
8 Hábitos de audição musical	147
8.1 Rotina de audição.....	147
8.2 Função da música	148
8.3 Podcast vs música.....	151

Sumário	
8.4 Confiança no algoritmo	153
8.5 Meio de audição	156
8.5 Formato de audição.....	157
8.7 Experiência de audição.....	161
8.8 Processo de seleção do repertório.....	163
8.9 Criação de playlists.....	165
 9 Protagonismo da audição musical	 168
9.1 Prática de audição dedicada.....	168
9.2 Espaço de audição dedicada.....	172
9.3 Meio de audição dedicada.....	174
9.4 Formato de audição dedicada.....	179
9.5 Narrativa da experiência	182
9.6 Linguagem fonográfica	185
9.7 Noção de obra de arte fonográfica.....	187
9.8 Frequência e comparação da audição dedicada.....	188
9.9 Comportamento pessoal no decorrer da audição dedicada	192
 10 Considerações finais.....	 196
 11 Referências bibliográficas	 202
 Apêndice I - Formulário de recrutamento	 207
Apêndice II - Perfil dos participantes	211
Apêndice III - Entrevistas transcritas	228
Anexo I - Termo de consentimento aprovado pela Câmara de Ética da PUC-Rio	681

Lista de figuras

Figura 1: A indústria fonográfica e sua transição de produto a serviço	15
Figura 2: Venda mundial de CDs.....	16
Figura 3: Receita global da indústria fonográfica 1999 a 2022 em US\$ bilhões .	17

Sumário

Interface do tema de WordPress desenvolvido para auxiliar na consulta das citações selecionadas na revisão de bibliografia	24
Figura 5: álbum para acondicionamentos de discos.....	28
Figura 6: “Eroica” (sinfonia n.º3), de Bruno Walter e Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, capa de Alex Steinweiss, uma das primeiras já lançadas	29
Figura 7: Canções Praieiras, de Dorival Caymmi (1954), um dos primeiros LPs que carrega consigo as características de compilação orgânica.....	30
Figura 8: Sgt Peppers Lonely Hearts Club Band, The Beatles (1954), um dos marcos da criação de uma linguagem fonográfica autônoma.....	31
Figura 9: Primeiro Walkman, lançado em 1979	34
Figura 10: CD longbox	37
Figura 11: Estojo de CDs	38
Figura 12: A interface do Napster	41
Figura 13: Apple iPod, primeira geração.....	43
Figura 14: Propaganda de sistema de som	46
Figura 15: Charge da matéria “Isso é um computador na sua sala?” publicada na revista PC World em dezembro de 2003	47
Figura 16: Receita potencial não aproveitada pela indústria fonográfica	49
Figura 17: Posição de destaque da playlist de orientação temática no Spotify ...	55
Figura 18: Capa do álbum Sleepify da banda Vulfpeck	64
Figura 19: Tendência de crescimento do mercado de podcast	71
Figura 20: Complementaridade expressiva no Spotify.....	72
Figura 21: Intenção de aproximar a experiência do Spotify à do TikTok.....	73
Figura 22: “O mix de engajamento musical”	73
Figura 23: “Edison Realism Test”, procedimentos metodológicos	78
Figura 24: Álbum Tropicália ou Panis et Circencis, álbum de vanguarda alinhado a processos sociais contingentes	83
Figura 25: Compradores de vinil (BBC NEWS, 2016).....	90
Figura 26: Journalist Studio / Pinpoint	101

Sumário	
Figura 27: Página inicial da plataforma de entrevistas.....	103
Figura 28: Painel administrativo exibindo o campo de criação de temas em Categorias.....	105
Figura 29: Página da Categoria “Significado pessoal da música”	105
Figura 30: Página do termo “Alexandre Limão” da taxonomia “Pessoa”	106
Figura 31: Painel de edição de <i>post</i>	107
Figura 32: Nosso processo metodológico.....	109
Figura 33: Correlação entre o ano de nascimento e as diversas fases da fonografia.....	111
Figura 34: Gênero dos entrevistados.....	112
Figura 35: Escolaridade dos participantes	113
Figura 36: Ocupação dos participantes	113
Figura 37: Participantes e o consumo de produtos musicais	120
Figura 38: Participantes e coleção de suportes musicais	122
Figura 39: Assinantes de plataformas de <i>streaming</i>	136
Figura 40: Plataformas de audição de música.....	137
Figura 41: Participantes e a importância percebida da qualidade do áudio	143
Figura 42: Funções praticadas pelos participantes.....	149
Figura 43: Funções praticadas com agrupamento orientada por desempenho e lazer	150
Figura 44: Meios de audição utilizados pelos participantes para além do <i>streaming</i>	157
Figura 45: Formatos utilizados pelos participantes	159
Figura 46: Participantes vs prática de criação de <i>playlists</i>	166
Figura 47: Praticantes de escuta dedicada.....	169
Figura 48: Grau de profissionalismo do participante.....	170
Figura 49: Espaços de audição dedicada.....	173
Figura 50: Meios de audição dedicada utilizados pelos participantes	176

Sumário

Figura 51: Prática de escuta dedicada, streaming vs outros meios	176
Figura 52: Prática de escuta dedicada, usuários do streaming, não-usuários do streaming e participantes que combinam mais de um meio	176
Figura 53: Distribuição dos formatos na prática de audição protagonista	181
Figura 54: Quantificação dos formatos de audiovisual	181
Figura 55: Minituarização da capa.....	183
Figura 56: Álbum 1989 de Taylor Swift	184
Figura 57: Percepção dos participantes sobre sua frequência e comparação da audição dedicada com outras eras fonográficas.....	191
Figura 58: Comportamento pessoal dos participantes durante a audição dedicada	193

Lista de tabelas

Tabela 1: Participantes e o consumo de produtos musicais.....	120
Tabela 2: Participantes e coleção de suportes musicais.....	122
Tabela 3: Participantes e plataformas de <i>streaming</i>	137
Tabela 4: Participantes e a importância percebida da qualidade do áudio.....	143
Tabela 5: Funções praticadas pelos participantes	149
Tabela 6: Meios de audição utilizados pelos participantes para além do <i>streaming</i>	157
Tabela 7: Participantes vs formatos.....	158
Tabela 8: Participantes vs prática de criação de <i>playlists</i>	166
Tabela 9: Perfil do participante com relação à música vs prática de audição protagonista	169
Tabela 10: Espaços de audição dedicada utilizados pelos participantes.....	173
Tabela 11: Meios de audição dedicada utilizados pelos participantes.....	175
Tabela 12: Formatos de audição dedicada utilizados pelos participantes	180
Tabela 13: Formatos de audiovisual e seus participantes.....	181
Tabela 14: Percepção dos participantes sobre sua frequência e comparação da audição dedicada com outras eras fonográficas.....	190
Tabela 15: Comportamento pessoal dos participantes durante a audição dedicada	193

1

Introdução

O surgimento do fonógrafo no final do século XIX a partir dos esforços empreendidos na oficina de Thomas Edison abriu uma frente de exploração daquele instrumento no campo da música. Projetado como ferramenta de escritório, tal aplicação não teve o sucesso inicial esperado por Edison. Mais de uma década depois, uma distribuidora de São Francisco, na Califórnia, sob a liderança de Louis Glass e William S. Arnold, buscam uma alternativa comercial viável para a invenção ao expor o instrumento dentro de uma caixa em locais de grande circulação. Mediante a inserção de uma moeda, o transeunte podia escutar uma peça musical através de tubos de audição (ORTMAN, 2019, p. 37).

Ao projetar a *jukebox*, Glass e Arnold viabilizam a primeira audição mecanizada de música. Até então, essa escuta estava necessariamente associada a um evento social, seja aquela executada por músicos profissionais nos espaços dedicados ou por amadores nos domicílios, esquinas e tavernas. Pressupunha, portanto, uma sociabilidade, o encontro presencial entre ao menos dois indivíduos no qual não havia intermediário entre a emissão e recepção da música. Os esforços de Glass e Arnold e, sobretudo, de Emile Berliner, inventor do disco plano, e Eldridge Johnson, seu sócio na Victor Talking Machine, dão à luz à escuta fonográfica, mediada por instrumentos.

1.1

Efeito fonográfico e efeito de plataforma

Este evento produz uma série de transformações tão profundas no campo da música que o musicólogo estadunidense Mark Katz cria uma série de categorias para abordar o fenômeno cunhado por ele como *efeito fonográfico* (2010). Tal efeito produz impacto tanto do lado do músico, que se torna prescindível, invisibilizado e obrigado a se adaptar à execução destinada à recepção mecanizada, quanto do ouvinte, que agora pode sentir tatilmente a obra, levá-la para onde bem quiser e repeti-la a seu gosto. A fonografia, especialmente em seus primeiros anos, também produz limitações, uma vez que está subordinada às possibilidades de armazenamento do suporte e da tecnologia de registro.

Tal contexto condiciona o cenário da indústria fonográfica da primeira metade do século XX, determinando a extensão das faixas, os instrumentos a serem utilizados nas gravações, a potência vocal do cantor e influenciando diretamente os estilos musicais mais adequados à comercialização. O surgimento

de novas ferramentas e desenvolvimento de técnicas de gravação ao longo do século XX, concederam uma nova potência à fonografia, qual seja, a possibilidade de intervenção na peça musical sem a agência dos músicos.

Inspirados nesses efeitos fonográficos, outro musicólogo conterrâneo de Katz, Jeremy Wade Morris, introduz o conceito de *efeito de plataforma* (2020, p.2) para abordar o impacto dos serviços de *streaming* sobre a música. Se Morris se aproxima de Katz ao abordar o empacotamento de bens culturais com vistas à adequação tecnológica, ele se distancia dele ao não ambicionar a definição de um conjunto limitado de efeitos. Ao contrário, ele busca apontar determinadas condicionantes que essas plataformas, como novos intermediários fonográficos, a partir de sua agência, estão inserindo neste campo. Em particular, Morris aponta para a crescente influência de fatores não humanos no processo, em que os regimes de visibilidade estão cada vez mais subjacentes aos recursos computacionais, “forçando músicos, gravadoras e outros *stakeholders* a pensar mais como curadores de dados: especialistas em otimizar conteúdo, código e metadados em um busca por um produto pronto para plataforma” (2020, p.3, tradução nossa¹).

Assim como o efeito fonográfico não interferiu tão somente na circulação dos bens culturais e na adequação do músico para dar conta do contexto econômico e tecnológico, o efeito de plataforma afetou diretamente a experiência de escuta musical do lado do ouvinte. Esta pesquisa exploratória se destina a investigar esses efeitos sobre um público em particular, aquele que se percebe como alguém com interesse acima da média em música, ou, em outras palavras, o *fã*.

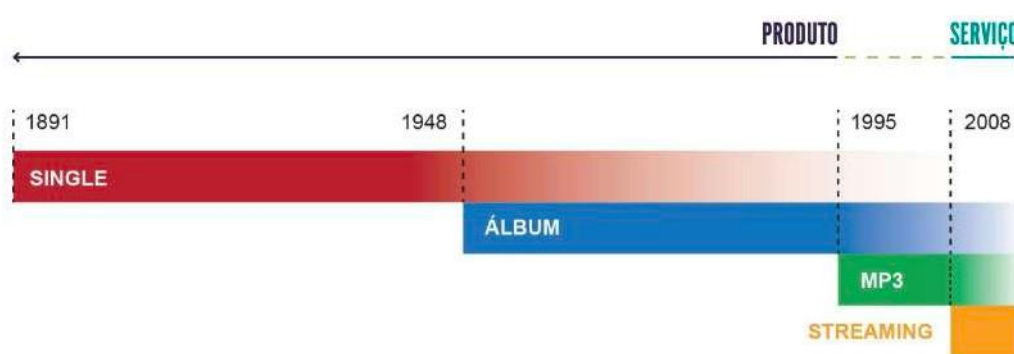


Figura 1: A indústria fonográfica e sua transição de produto a serviço

¹ (...) push musicians, labels, and other stakeholders to think more like data curators: experts at optimizing content, code, and metadata in a quest for a platform ready product.

1.2

Crise da indústria fonográfica na transição do século XX para XXI

Para que possamos falar a respeito dessa experiência, é importante que observemos o cenário no qual a indústria fonográfica estava inserida no início deste século. Organizada em torno da comercialização de fonogramas físicos desde sua origem, esse modelo de negócio vê-se ameaçado pelo compartilhamento em massa de arquivos de áudio compactado pela internet. Nos anos 1990, vivendo a época mais rentável de sua história (figura 2), as grandes gravadoras fizeram-se surdas aos apelos de Karlheinz Brandenburg, pesquisador do Instituto Fraunhofer, na Alemanha, para o licenciamento do mp3. Como consequência, esta tecnologia migrou para o mercado informal.

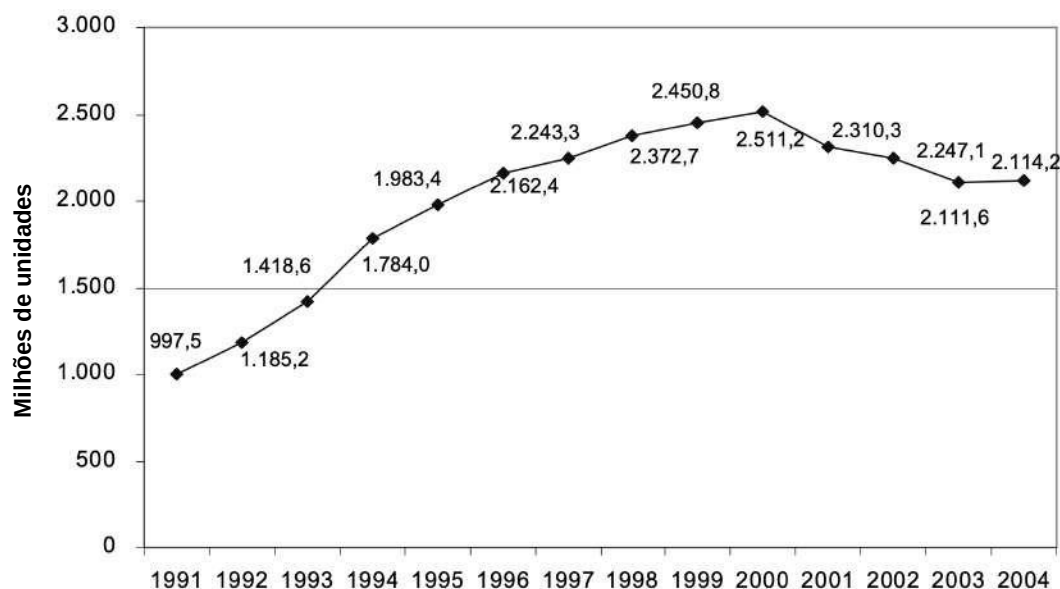


Figura 2: Venda mundial de CDs (IFPI apud TSCHMUCK, 2006, p.161).

A resposta da indústria fonográfica foi acionar judicialmente plataformas de *download* de música e seus usuários sem que lograssem êxito. O material sobre o qual as gravadoras detinham direitos circulava livremente sem que obtivessem remuneração, registrando, ano após ano, curvas descendentes de rentabilidade. A situação do setor parecia insolúvel no início deste século. No entanto, para um observador atento, tratava-se uma oportunidade comercial extraordinária. Quem apresentasse um modelo de negócio que seduzisse as gravadoras seria o responsável por definir novos parâmetros de funcionamento para a indústria.

Em 2008, o Spotify apresentou uma oferta às *majors*² que elas não puderam recusar. Ou talvez tenha sido o inverso, visto que 2022 é o primeiro ano em que a empresa sueca tem uma projeção que seja diferente de prejuízo (MARTINS e REIS, 2021). Por outro lado, desde que o Spotify foi lançado, o crescimento da receita de *streaming* vem puxando a lucratividade do setor (figura 3), com especial destaque para o intervalo de 2016 em diante, quando a indústria voltou finalmente a superar o ano anterior em termos de rendimento. Seja lá como for, uma vez definidos os critérios comerciais, diversas outras plataformas como Deezer, Tidal e Apple seguiram o padrão estabelecido pelo Spotify.

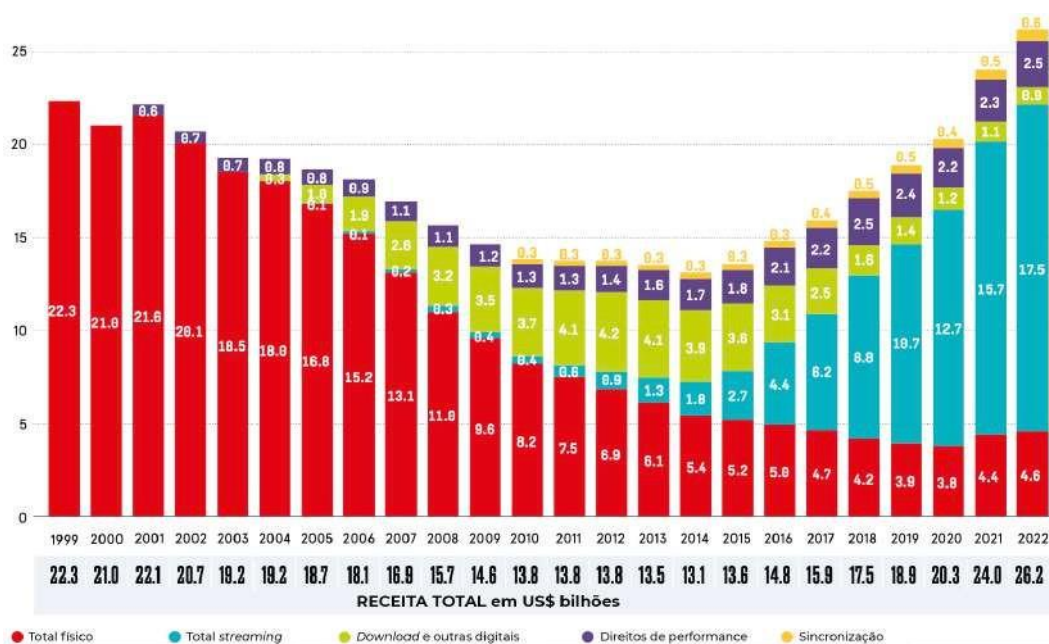


Figura 3: Receita global da indústria fonográfica 1999 a 2022 em US\$ bilhões (GLOBAL MUSIC REPORT, 2023)

No ano de seu lançamento, havia duas premissas norteadoras da proposta do Spotify. A primeira estabelecia que a *startup* sueca tornaria a música grátis graças às receitas de publicidade de seu *site*. A segunda prometia tornar obsoleta a rotina pessoal de busca e arquivamento de mídia musical. Se a primeira premissa foi impactada pela crise financeira do capitalismo em 2008 e não foi bem recebida pelas gravadoras, obrigado-os a projetar um serviço híbrido em que assinantes pagam para remover anúncios, restrições de reprodução e acesso privilegiado a determinadas ferramentas, a segunda de fato foi profética. Era o início de uma nova era em que a posse sobre o artefato cultural fonográfico era substituído pelo acesso (ERIKSSON et al, 2018).

² Termo pelo qual as quatro grandes gravadoras na época (Universal Music, Sony Entertainment, Warner Music e EMI) — hoje, *três grandes*, uma vez que a Universal compra a EMI em 2012 — são conhecidas.

Desde seu lançamento e progressiva expansão da Europa para o mundo, pouco a pouco, o benefício oferecido pelo *streaming* foi tornando menos atraente o mercado de *download* de música — tanto o paralelo quanto o oficial. Enquanto a receita proveniente do digital despencava, de modo inverso, a de *streaming* crescia consistentemente. De fato, se considerarmos a estagnação expressa na figura 3 com relação aos lucros do segmento digital de 2011 — ano de chegada do Spotify aos EUA — a 2013, o quadro da última década se torna ainda mais significativo. Mas o que tudo isso representou considerando a perspectiva do ouvinte?

1.3

A transição dos padrões de escuta do ponto de vista experiência

Até que o mp3 sacudisse o mercado fonográfico no decorrer da última década do século XX, a indústria fonográfica era organizada em torno do disco. Este disco era comercializado sob o formato de *álbum*, inaugurado com o surgimento do *long play* de vinil em 1948.

O álbum foi um conceito desenvolvido sob a agência de alguns artistas pioneiros, como Miles Davis nos EUA e Dorival Caymmi no Brasil (Mammì, 2014). A partir daí, os álbuns, quando bem sucedidos artisticamente, guardavam determinadas características importantes que os investiam de valor simbólico. A ordenação de suas faixas determinava a condução da experiência, estabelecendo uma compilação orgânica. O diálogo com a arte gráfica da capa apresentava uma complementaridade expressiva à música, oferecendo-se como “um suporte de códigos que se relacionam intersensorialmente com o usuário” (REZENDE, 2012, p.87). Por fim, o desenvolvimento de técnicas de estúdio proporcionou o surgimento de uma linguagem fonográfica, uma modalidade específica de arte musical.

Se o álbum enquanto suporte sobreviveu sem grandes atropelos ao surgimento de outros suportes como a fita cassete e CD, o impacto que mp3 impõe se provou definitivo tanto no que diz respeito à perda de relevância, quanto aos próprios conceitos que o estruturavam. Ao desmaterializar o álbum, o mp3 desarticula a compilação orgânica e a complementaridade expressiva, abalando não só a indústria mas também a própria escuta musical orientada para experiência estética de produtos de alto valor simbólico. Veremos no decorrer da tese que a *playlist* tomará o lugar do álbum como formato privilegiado pelas plataformas de *streaming*.

Por outro lado, com o mp3, a fonografia ganha mobilidade e flexibilidade. Agora imaterial, o fonograma passa a ser passível de execução em qualquer dispositivo que puder reproduzir áudio. Essa condição proporciona não somente

a extensibilidade de acervo, como também novas aplicações e atividade cotidianas antes inviáveis quando a reprodução do fonograma estava vinculada a um sistema de reprodução específico. O mp3 empodera o usuário e o emancipa da indústria fonográfica, libertando-o dos veículos institucionais de comercialização. Para o fã, no entanto, meio século de consagração ao álbum-disco produziu um vácuo com sua pulverização. Tal carência parece ser o combustível por trás das curvas ascendentes de vendas de vinil, em ascendência a mais de uma década (ORTMAN, 2022a).

De todo modo, quando o Spotify entra em cena, o processo de digitalização do conteúdo fonográfico já está em elevadíssimo estágio, resultado do esforço orgânico de milhões de internautas em todo o mundo. À época, a experiência do ouvinte já se encontrava divorciada da mídia física. Escutar um álbum da forma convencional, como foi prevista pelo artista, passou a ser uma prerrogativa do usuário, não um imperativo definido pela capacidade de armazenamento de um suporte. Ao fim e ao cabo, o que as plataformas de *streaming* fizeram foi acrescentar camadas de conveniência e ubiquidade a uma experiência que já havia perdido o espaço doméstico dedicado à fruição fonográfica. Ao menos para o público convencional, a escuta de música gravada se torna uma experiência menos aurática (BARTMANSKI e WOODWARD, 2015) e mais mundana, cumprindo funções mais objetivas que subjetivas.

1.4

Impactos produzidos pelas plataformas de *streaming* de música

Se examinarmos o panorama da fase anterior, representada pelo mp3, são evidentes as vantagens oferecidas pelas plataformas. Mesmo que a tarefa do Spotify e seus parceiros se limitassem apenas à organização do acervo, tirando do usuário o fardo da classificação e arquivamento das bibliotecas pessoais de música, o benefício já seria tremendamente significativo para qualquer segmento do público. A integração das funções de *download* e reprodução associada à evolução da transmissão de dados via internet proporcionou ao usuário ter toda e qualquer música ao alcance dos dedos em milésimos de segundos.

No entanto, a reação em cadeia que o *streaming* fonográfico produziu sobre o campo ainda hoje é difícil compreender em toda a sua profundidade e extensão. Os efeitos são diversos, multidirecionais e transdisciplinares — sobre o consumo, sobre a cultura, sobre a economia, sobre a sociabilidade, sobre processos identitários, sobre a experiência de audição, sobre a arte musical etc —, razão pela qual há substancial volume de pesquisas acadêmicas dedicadas ao tema em diversas disciplinas acadêmicas nos últimos anos.

Trata-se plataformação da cultura (MORRIS, 2020; HRACS e WEBSTER, 2020; ERIKSSON et al, 2018; BONINI e GANDINI, 2019), desdobramento do capitalismo de plataforma no interior do qual esses novos intermediários controlam a produção e a circulação de bens culturais através de regras e políticas próprias (MORRIS, 2020, p.2). De fato, o Spotify e seus congêneres se constituem no exemplo pioneiro, explícito e extremamente eficiente da plataformação³.

A que podemos creditar a reputação prestigiosa da *startup* sueca? Como desenvolvemos nesta seção preliminarmente, o Spotify resolve problemas importantes dos dois lados da cadeia. Do lado do usuário, oferece acesso a praticamente todo o conteúdo produzido pelo *mainstream* fonográfico de uma forma prática e conveniente; do lado da indústria, soluciona um sério problema de rentabilidade que o setor enfrentava há anos.

Outra questão fundamental com relação ao *status* paradigmático do Spotify diz respeito ao contexto de sua indústria à época de seu lançamento. Como já demonstramos aqui, as gravadoras no início deste século se viam imersas em uma crise tão profunda que o seu produto — o fonograma — efetivamente havia se tornado gratuito, como diz o sugestivo título do livro de Stephen Witt (2015) — *Como a música ficou grátis*. Visto que já haviam perdido o controle sobre o compartilhamento não remunerado de seu produto, as detentoras dos direitos de reprodução de música gravada não estavam em posição de negociar restrições de acesso, em comparação, por exemplo, ao cenário das plataformas dedicadas ao conteúdo audiovisual, como a Netflix.

Ubiquidade e abundância de conteúdo se constituem em um benefício poderoso para o usuário e são referência do modelo de negócios do Spotify. Esse modo escuta ubíqua ganhará ainda maior relevância a partir de 2013, quando ocorre o que Eriksson et al (2018) inferem como a “virada curatorial” da plataforma. Até aquele momento a referência paradigmática era o Google. Assim, o Spotify, líder de mercado e pioneiro do setor, se colocava como uma plataforma de acesso específico à música, projetando um usuário soberano, autônomo, que sabia o que queria. Quando entram em jogo as recomendações personalizadas, o serviço passa a encarar seu usuário como alguém em constante necessidade de auxílio e seu objeto, a fonografia, como um recurso utilitário:

(...) o modo de “escuta ubíqua” facilitado pelos serviços de *streaming* parece correlacionar-se com uma virada mais ampla para uma abordagem utilitária da música, em que o consumo de música é cada vez mais entendido como situacional e funcional para determinadas atividades (ao invés, por exemplo, de

³ O pesquisador Rasmus Fleischer cunhou o termo *spotification* (FLEISCHER, 2021, p.14) para abarcar as iniciativas de mediação de conteúdo cultural que ao longo dos anos intentaram copiar as estratégias e soluções oferecidas pela *startup* sueca.

uma questão de construção de identidade ou de uma experiência estética) (ERIKSSON et al, 2018, sem paginação, tradução nossa)⁴.

Essa abordagem utilitária está diretamente relacionada a um outro aspecto do modelo de negócios do Spotify que diz respeito ao processo de extração de dados do usuário para negociação no mercado de *bigdata*. O Spotify, enquanto líder do setor, a partir de 2013, se coloca como um agente capaz de entregar dados de *microtargeting*⁵ para publicidade programática, ditando a tendência dessa indústria. Suas *playlists* com características funcionais, como diz Jana Jakovljevic, diretora da empresa sueca, entregam “*insights* exclusivos (...) e segmentação contextual incomparável” (JAKOVLJEVIC apud BESSENY, 2019, p.12).

Ao projetar um usuário leigo e uma fonografia utilitária, o Spotify apresenta um viés de exploração do campo em antagonismo com o fã. A própria estratégia de assinatura que caracteriza a economia de acesso acabou por determinar um afastamento do referido nicho com relação à centralidade de seu público-alvo. Na era do disco, havia uma concentração de receita neste perfil, o qual tinha o hábito de gastas altas somas anuais em produtos fonográficos. Com o modelo de assinaturas, houve horizontalização da receita (ARDITI, 2017) e, nos últimos anos, uma recuperação de rentabilidade.

Assim como a marginalidade do mp3 emancipou o ouvinte com relação à indústria fonográfica, a re-institucionalização da fonografia, calcada em um novo modelo de negócios, libertou economicamente a indústria do fã. Além disso, ao aumentar a previsibilidade de entrada de recursos, acaba por impactar indiretamente os interesses desse especialista. Isto porque os álbuns de alto valor simbólico eram vistos como uma forma de se proteger contra as volatilidades e modismos do mercado cultural. Apesar de não renderem muito a curto prazo em comparação com o *hit*, esse tipo de produto obtinha rendimento constante ao longo dos anos (KEIGHTLEY, 2004).

Destarte, o modelo de negócios das plataformas de *streaming* acaba por desfavorecer o fã de música de diversas maneiras. As recomendações personalizadas projetam um usuário convencional, não especialista; a escuta ubíqua indica uma fonografia de características funcionais; o serviço de assinatura atenua a relevância econômica do fã; e os álbuns de alto valor simbólico perdem importância estratégica. Além disso, a própria organização da experiência ofere-

⁴ (...) the mode of “ubiquitous listening” facilitated by streaming services seems to correlate with a broader turn toward a utilitarian approach to music, whereby music consumption is increasingly understood as situational and functional for certain activities (rather than, for instance, a matter of identity work or an aesthetic experience).

⁵ Aquele em que a exposição de conteúdo publicitário é subjacente às práticas pessoais do usuário.

ce pouco em termos de complementaridade expressiva e o privilégio às *playlists* prejudica o conceito de compilação orgânica. Esse cenário parece indicar, portanto, a alienação do fã na abordagem das plataformas de *streaming*.

1.5

Problema de pesquisa

A abordagem musical dos serviços de *streaming* está centrada em um consumo contextualizado. Nesse modelo de negócio, é mais importante correlacionar a tarefa desempenhada, a rotina, o estado mental e emocional do usuário do que investir no valor simbólico da música gravada, como na época da mídia física. Assim, para as plataformas, é interessante estimular uma prática de audição situacional ao invés de uma escuta voltada para a fruição fonográfica. Portanto, o fã de música, para o qual a experiência estética e o valor simbólico são fundamentais, ocupa agora uma posição marginal na lógica aplicada pela indústria. Consideramos importante compreender como o indivíduo com esse perfil, nas mais diversas faixas etárias, se sente e de que forma se comporta com vistas às suas necessidades fonográficas.

1.6

Perguntas de pesquisa

De que forma o público com interesse específico em música contempla suas necessidades de experiência estético-fonográfica na era do *streaming*? Terá a tecnologia, a narrativa, o modelo de negócio e a lógica operativa das plataformas alienado o fã de música, o desassistindo em suas práticas de fruição?

1.7

Hipótese

Nossa hipótese postula que o nicho que se identifica como “fã de música” foi deixado em segundo plano no modelo de negócios das plataformas de *streaming*. A referida subalternidade se expressa na organização da experiência proposta por esses serviços, alienando o referido nicho. Como consequência, este fã não encontra suporte total para as suas necessidades, voltando-se também para outros recursos fonográficos.

1.8

Objetivos de pesquisa

Objetivo geral: demonstrar que a narrativa fonográfica das plataformas de *streaming* empurram a música gravada para uma condição utilitária, operando mais como um apoio operacional, mental e / ou emocional do que como fonte de experiência estética, objeto de desejo do fã de música.

Objetivos específicos: (1) apresentar a lógica sobre a qual as plataformas de *streaming* operam e de que forma contemplam seu modelo de negócios; (2) demonstrar porque o fã de música não está no centro do público-alvo das plataformas de *streaming* de música; (3) compreender o contexto da experiência de audição dedicada na contemporaneidade; (4) comparar a adoção desta prática em outras fases da fonografia.

1.9

Revisão bibliográfica

Para levar à cabo tais objetivos o esforço precisou ser empreendido em duas frentes. A primeira é teórica, contemplada nos três primeiros capítulos. A revisão de bibliografia teve como lastro as referências utilizadas no mestrado (ORTMAN, 2019), no qual através de um apanhado histórico investigamos o papel da visualidade ao longo da trajetória da indústria fonográfica.

Para levantar o estado da arte com relação ao nosso tema, empreendemos uma busca tão ampla quanto possível na plataforma Scopus, banco de dados que agrega a produção acadêmica em artigos, livros e revistas científicas.

Os termos utilizados foram “music” e “streaming” e estabelecemos três critérios de exclusão: idiomas, campo de estudo e data. Aceitamos apenas o material redigido em língua inglesa e português. Definimos que apenas a produção acadêmica da ciência da computação, ciências sociais, ciências da decisão, artes e humanidades (inclui *design*), psicologia e economia interessavam. Estabelecemos que apenas os itens publicados de 2017 primeiro ano em que a receita advinda do *streaming* superou à do suporte físico) ou mais recentes seriam válidos.

A plataforma retornou cerca de 250 artigos acessíveis, dos quais uma análise do resumo restringiu a pouco mais de 80 a serem baixados. Uma vez no disco rígido, um segundo exame do material foi empreendido, permitindo-nos ranquear os textos com etiquetas coloridas. Após a leitura do que restou, catalogamos 44 itens na plataforma Notion. Conseguimos extrair dessa ferramenta um arquivo de forma CSV⁶ que utilizamos para alimentar um site desenvolvido no

⁶ *Comma separated values*, formato de arquivo padrão para banco de dados.

meu ambiente local de desenvolvimento na plataforma WordPress (figura 4), simplificando bastante a metodologia de consulta dos trechos mais importantes dos textos.

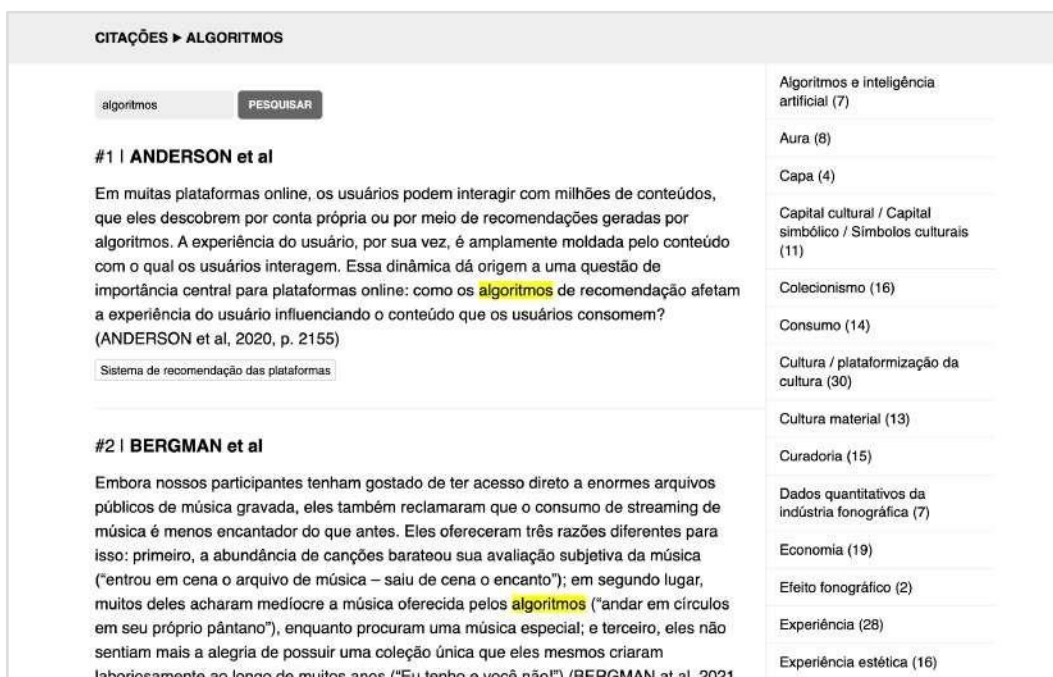


Figura 4: Interface do tema de WordPress desenvolvido para auxiliar na consulta das citações selecionadas na revisão de bibliografia

1.10 Pesquisa de campo

Na segunda frente nos dedicamos à pesquisa de campo com a realização de 40 entrevistas, com participantes de 18 a 70 anos, junto ao público-alvo, o “fã de música”. A metodologia da pesquisa de campo está documentada no capítulo 5 enquanto a análise das entrevistas foi desdobrada nos capítulos 6 (introdutório), 7, 8 e 9. Cada um dos três últimos se destina a abordar um bloco da entrevista: (7) Relação pessoal com música; (8) Hábitos de audição musical; e (9) Protagonismo de audição musical.

Como na revisão de bibliografia, criamos uma plataforma para documentar as entrevistas. Ao contrário da plataforma de revisão, optamos por publicar o site em um domínio na internet: xpouvinte.com.br⁷. Neste site, é possível ver todas as respostas pertinentes dos entrevistados, categorizadas pelos tópicos de interesse da entrevista.

⁷ Os entrevistados são apresentados sob pseudônimos.

1.11 Justificativa

Concluiremos este texto introdutório apresentando as razões pelas quais defendemos que nossa pesquisa é relevante. Pelo que já expusemos até aqui, não é difícil observar os laços de nossa pesquisa com aspectos sócio-culturais e econômicos. No âmbito sócio-cultural, é importante entender como a transição para a *playlist* de caráter funcional como estratégia de distribuição de conteúdo pelas plataformas *streaming*, bem como suas metodologias de remuneração, já impactaram e tendem a impactar ainda mais a forma como se compõe, produz e se consome música gravada. Compreender como o segmento com interesse acima da média em música lida com a experiência proposta pelas plataformas é fundamental para inferir possíveis caminhos de fruição fonográfica.

Do ponto de vista econômico, ainda que este não seja nosso viés de pesquisa, acreditamos que o estudo vai fornecer subsídios para a própria indústria sobre um segmento de seu público e suas práticas de consumo. Este conhecimento pode servir de base para um debate a respeito do seu produto e como insumo para o departamento de pesquisa e desenvolvimento.

Por fim, acrescentamos uma reflexão sobre o nosso campo como mais um argumento para a pertinência de nossa pesquisa. O produto do trabalho do designer é o substrato que povoa a cultura material que nos cerca. No caso da fonografia, não somente somos os responsáveis, em qualquer era, pelas interfaces dos aparelhos que mediam a reprodução do áudio, como pela criação da dimensão plástica original de um artefato cultural e artístico. O álbum, paradigma fundamental da indústria da segunda metade do século XX, alcançou *status* de obra de arte, razão pela qual os discos são cultuados até hoje. Para que isso ocorresse, um dos aspectos fundamentais foi uma inovação introduzida por um designer, o diretor de arte da Columbia Records, Alex Steinweiss.

Sinalizamos também com nossa pesquisa a necessidade de conscientização com relação ao nosso papel como projetistas de interfaces mediadoras de experiências que vão além da utilização de um produto ou serviço. Obviamente, não é possível ignorar que na atualidade o viés mercadológico está centrado sobre a experiência e não sobre a usabilidade. Como diz Hassenzahl (2008, p.2), na visão atual do campo de experiência do usuário, a usabilidade por si só não é capaz de entregar valor. Porém, quando se trata de experiência estética, esse valor não está centrado na marca do produto ou serviço, como é tradicionalmente, mas sim na obra e nas potências estéticas que a obra pode produzir sobre o sujeito, não sobre o usuário de uma ferramenta específica.

Na atualidade, o papel do designer no setor da fonografia ganhou tração no âmbito administrativo e gerencial — poder-se-ia fazer um paralelo com o ritmo no qual a visualidade particular dos fonogramas, responsabilidade que o campo ainda conserva, perde relevância e dimensão poética. Assim, somos nós os profissionais que têm a missão de converter a estratégia da indústria. Por uma série de conjunturas externas e internas à indústria, a experiência proposta pelos aplicativos vêm drenando a função estética da fonografia.

Direta e indiretamente, é o designer que viabiliza a missão e a visão de futuro dos serviços de *streaming*. Estamos criando interfaces e viabilizando estratégias que vão além da dimensão utilitária, tornando-nos mediadores da fruição de obras de arte. Assim, é absolutamente necessário que tomemos consciência de nossa agência e responsabilidade no processo.

2

A construção do conceito de álbum e sua demolição promovida pelo mp3

2.1

A era do álbum

Das primeiras aplicações do fonógrafo para o meio musical até o advento do *long play* de vinil, foram-se quase 60 anos — a fase mais longa da história da indústria fonográfica. Nesta época, à qual denominaremos de era do *single*, restrições de armazenamento e, sobretudo antes da invenção do microfone, de registro de frequências condicionaram a produção de música gravada.

Ao surgir em 1948, em alguns aspectos, o LP não apresentou inovação significativa com relação à fase anterior. Continua a ser uma escuta fonográfica essencialmente doméstica, cujo acesso se dá por meio da aquisição de suporte físico. Em outros, porém, o vinil produz grande efeito por associar três fatores que vão concorrer para convertê-lo em bem cultural de alto valor simbólico: inovações técnicas que proporcionam maior fidelidade na reprodução do áudio; a expressão gráfica da capa; e uma mídia que permite o surgimento de um novo formato.

Como é de hábito, porém, esses fatores não se conjugaram concomitantemente, mas sim evoluíram para se tornar o esteio do álbum. Ainda que os recursos tecnológicos já estivessem disponíveis no meio radiofônico, a chamada “alta-fidelidade” só foi tangibilizada ao público através do LP (TSCHMUCK, 2006, p.215). O conceito de capa, surge quase dez anos antes com a arte gráfica de Alex Steinweiss para caixas contendo discos de goma laca que compreendiam uma peça sinfônica. E a extensão da capacidade de armazenamento não foi proposta pela indústria com o intuito prévio de propor um novo formato para a fonografia, mas sim, essencialmente, para poder conter obras de música erudita.

É curioso observar as semelhanças das crises promovidas pela entrada em cena do rádio, nos anos 1920, e do mp3, na década de 1990. Em ambos os casos, a indústria fonográfica vivia seus melhores anos, razão pela qual desprezou e subestimou a tecnologia entrante. Por consequência, foi engolida por ela, ainda que, ao contrário da primeira crise, na segunda, tenha sido capaz de manter sua agência, espremendo o faturamento das plataformas ao limite da rentabilidade. Duas tecnologias surgidas no meio radiofônico foram fundamentais para a viabilização do sistema hi-fi em paralelo ao surgimento do LP: o microfone, que permitia melhor captação do áudio, e os gravadores de fita, que podia melhor registrá-lo.

Até o surgimento do conceito de capa, as embalagens dos discos não faziam qualquer alusão ao conteúdo musical das mídias que acondicionavam.

Os discos eram disponibilizados ao consumidor em envelopes cujas superfícies podiam conter a propaganda da loja em que foram adquiridos, publicidade de artigos fonográficos como agulhas e toca-discos, referências a um repertório musical da gravadora sem nenhuma relação com o fonograma adquirido ou simplesmente nada. Não havia, portanto, um esforço comunicacional por parte das gravadoras para apresentar o conteúdo musical de seus produtos.

Não à toa, portanto, esses envelopes eram frequentemente descartados e os discos inseridos em um artefato gráfico semelhante a um álbum de fotografias (figura 5). Por analogia, os lançamentos de música erudita, como sinfonias, que na era do *single* precisavam de diversos discos para contê-los na íntegra, passaram a ser chamados de álbuns. Assim, o LP, ao ser lançado em 1948, acabou por herdar essa nomenclatura, visto que sua capacidade de armazenamento era equivalente.



Figura 5: álbum para acondicionamentos de discos

A capa tal como a conhecemos é resultado das pesquisas de Steinweiss como diretor de arte da gravadora Columbia. Seu trabalho (figura 6) inaugura o que definimos como complementaridade expressiva na dissertação de mestrado (ORTMAN, 2019). Este conceito diz respeito ao efeito que a capa de disco produziu sobre a arte fonográfica. Através da capa foi possível ao ouvinte estabelecer relações entre a expressão plástica e a obra musical contida no disco. Como bem coloca o designer André Novaes de Rezende, que entrevistou o artista gráfico estadunidense para sua tese de doutorado:

A partir do momento em que Steinweiss desenvolve trabalhos gráficos originais para os álbuns de discos, o usuário passa a ser visualmente guiado a estabele-

cer relações mais diretas entre o som e a imagem que o acompanha. Assim, as formas de relação do usuário com o disco intensificam-se de maneira complementar e se manifestam igualmente através dos sentidos do tato, da audição e da visão. Desta forma, o disco torna-se um suporte de códigos que se relacionam intersensorialmente com o usuário.

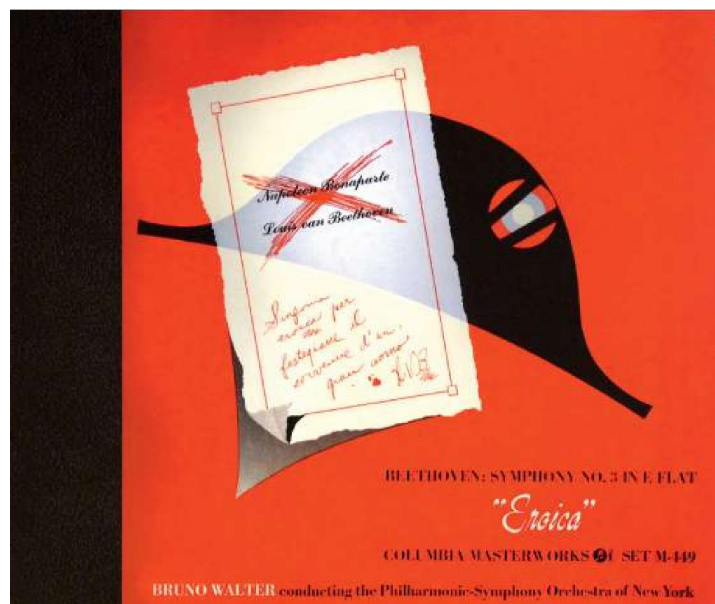


Figura 6: “Eroica” (sinfonia n.º3), de Bruno Walter e Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, capa de Alex Steinweiss, uma das primeiras já lançadas

Como observamos, a maior capacidade de armazenamento do disco de vinil não se converteu de imediato em um novo formato. Nos primeiros anos, quando não contemplava obras eruditas, o LP não era mais que uma coletânea de *singles*. No catálogo da Columbia Records de 1949, o LP era assim apresentado ao público:

O novo e revolucionário disco Columbia Long Playing de microsulcos reproduz até 45 minutos de música em um disco de 12 polegadas, ou aproximadamente seis vezes mais música do que os discos de goma-laca convencionais. Depois de mais de uma década de preparação, as maiores sinfonias, concertos, poemas sinfônicos e música de câmara do mundo estão agora na íntegra em um álbum. Também estão disponíveis coleções vibrantes de músicas mais leves e populares, de artistas importantes. (COLUMBIA RECORDS, 1949, p.1, tradução nossa⁸).

Há dois aspectos interessantes a se destacar da citação acima. Primeiro, a ênfase no repertório erudito; segundo a caracterização dos lançamentos populares como “coleções de músicas mais leves”. O que distancia o formato álbum da

⁸ The revolutionary new Columbia Long Playing (LP) Microgroove Record plays up to 45 minutes of music on one 12-inch record, or approximately six times as much music as conventional shellac records. After more than a decade of preparation, the world's greatest symphonies, concertos, tone poems and chamber music are now held in their entirety on one album-length record. Available, too, are sparkling collections of lighter music and popular songs, by leading artists.

pura justaposição comercial de músicas de sucesso é a apropriação artística das possibilidades de armazenamento do LP. É a partir daí que se projeta uma experiência de escuta sequencial de músicas que formam um todo orgânico. Às vezes essa intenção encontra origem nos propósitos do artista, às vezes do produtor, ou pode ser um processo dialético distribuído entre múltiplos atores.

Para isso, porém, ainda vai ser preciso transcorrer alguns anos. Na opinião de Lorenzo Mammì (2014), pode-se discernir experimentações mais ambiciosas com o novo formato já em 1954, no disco *Canções Praieiras*, de Dorival Caymmi (figura 7), e, especialmente, nas obras de Miles Davis do início dos anos 1960, como *Sketches of Spain* e *Kind of Blue*. Mammì considerava Davis “um mestre em pensar o LP como uma obra unitária”. O conceito de “montar as faixas numa sequência preestabelecida, segundo escolhas refletidas”, à moda de Davis, tornar-se-ia tendência nos anos subsequentes. “É a emergência do conceito de álbum como uma compilação orgânica, uma proposta de experiência do artista para seu público” (ORTMAN, 2022a, p.2).

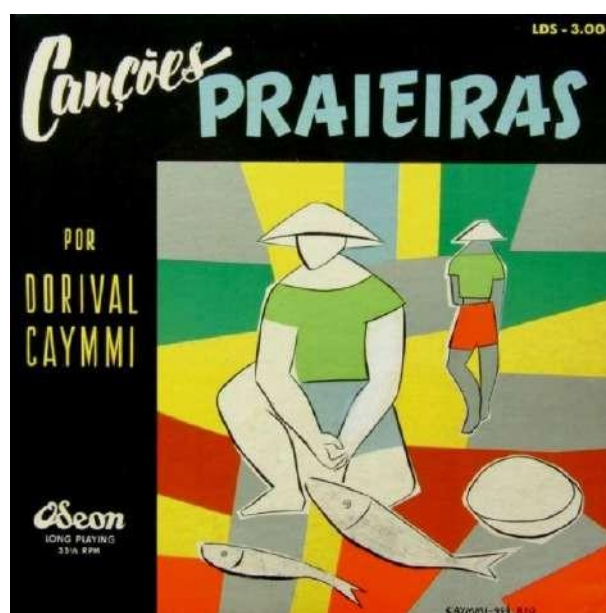


Figura 7: *Canções Praieiras*, de Dorival Caymmi (1954), um dos primeiros LPs que carrega consigo as características de compilação orgânica

Em meados daquela mesma década, as experimentações dos Beatles em estúdio vão acrescentar mais uma camada de especificidade ao formato álbum. Se os recursos de reprodução do áudio ao vivo para grandes plateias ainda eram incipientes, uma das razões pela qual a banda inglesa desistira das turnês, os Beatles tinham prestígio suficiente para explorar à vontade os recursos de estúdio. São marcos da criação de uma linguagem fonográfica que extrapola a mera reprodução da performance presencial os álbuns *Revolver*, de 1966, e *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, de 1967 (figura 8).

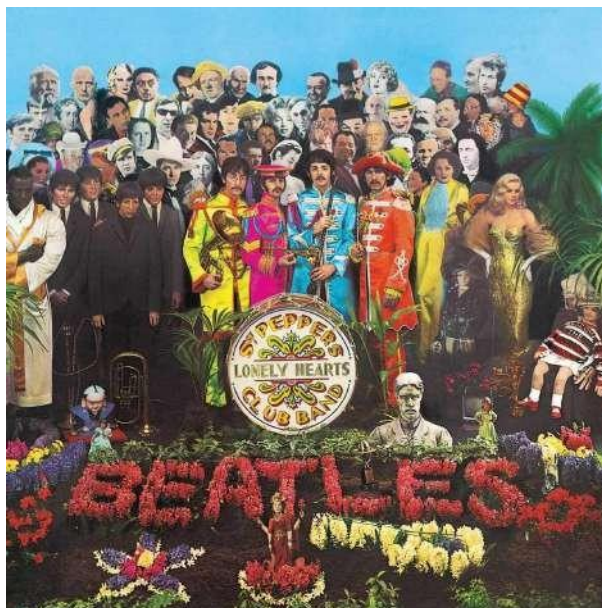


Figura 8: Sgt Peppers Lonely Hearts Club Band, The Beatles (1967), um dos marcos da criação de uma linguagem fonográfica autônoma

A exceção de *Let it be*, que buscava um retorno às origens dos Beatles nos palcos, nos últimos discos da banda há diversas canções virtualmente impossíveis de serem executadas ao vivo por músicos. Ao longo dos anos, essa prática tornou-se trivial para artistas de diversos estilos. Tais experimentos, dos quais os Beatles são vanguarda, resultaram no desenvolvimento de uma modalidade artístico-musical inaudita, com ferramentas, linguagens e universos exploratórios próprios, como observa o filósofo Arnold Berleant (1991):

As próprias técnicas de gravação transformaram o objeto musical através da variedade de maneiras pelas quais ele pode ser manipulado, como pelo equilíbrio de microfones, câmaras de eco, gravações multipista e pela emenda e edição de fitas. Pode-se até dizer que a gravação transformou a música em um produto de grupo, fruto de uma colaboração entre o compositor, o intérprete e o engenheiro de som. Alguns comentaristas chegaram a afirmar que a gravação tornou a música ao vivo um anacronismo. A gravação mudou tanto os requisitos da performance que a música gravada se tornou uma arte diferente da música ao vivo. (...) A música já não vive e cresce como um ato recém-criativo; ele é construído como um produto de máquina (BERLEANT, 1991, p.36, tradução nossa⁹).

Voltando ao exame do trecho citado do catálogo da gravadora Columbia, no que diz respeito à ênfase no repertório erudito, é interessante observar a

⁹ Recording techniques have themselves transformed the musical object through the variety of ways in which it can be manipulated, such as by the balance of microphones, echo chambers, multi-track recordings, and the splicing and editing of tapes. It can even be said that recording has turned music into a group product, the result of a collaboration between the composer, the performer, and the sound engineer. Some commentators have even claimed that recording has made the live concert an anachronism.2 Recording has so changed the requirements of performance that recorded music has become a different art from live music. (...) The music no longer lives and grows as a freshly re-creative act; it is constructed instead like a machine product.

marcha da consagração do álbum como artefato cultural de alto valor simbólico. Surgido pouco tempo depois, o disco de vinil de 45 rpm lançado pela rival RCA, cuja capacidade de armazenamento não trazia vantagem com relação aos de goma-laca de 78 rpm na geração anterior, estabeleceu uma contraposição com relação ao LP. Se a Columbia posicionava seu produto como destinado prioritariamente à música erudita, mirando em uma audiência adulta, a RCA buscava focar no público jovem, supostamente consumidor de sucessos instantâneos (KEIGHTLEY, 2004, p.377).

Largando atrás no quesito rentabilidade no final dos anos 1940, o LP foi diminuindo a distância para o *single* na década seguinte. Em pouco mais de dez anos, as vendas de LPs mais do que quadruplicaram nos EUA, passando a representar “quase 80% do gasto total com discos” (idem, p.378). Claro, isso significava também que o público adulto passava a ser o ponto focal da indústria. Além disso, as gravadoras perceberam que o LP, gozando de prestígio cultural, rendiam bem ao longo dos anos, ao contrário dos *singles* que vendiam muito em pouco tempo, mas logo se tornavam obsoletos (idem, p.381). Assim, o LP torna-se também um ativo de baixa oscilação e alta perenidade.

O comunicólogo Keir Keightley, lança mão da argumentação de Will Straw para compreender a interrelação de *singles* e álbuns na estratégia da indústria fonográfica:

A implicação de instituições como o álbum ou o *single* nas hierarquias de gosto tem muito a ver com seus diferentes períodos de vida como produtos. (...) O período relativamente curto de viabilidade comercial dos *singles* e sua promoção inicial ampla e intensa são contrastados por Straw com a disponibilidade mais longa e rotatividade mais lenta dos álbuns, cuja promoção é limitada e geralmente envolve o boca a boca ou a canonização crítica de longo prazo (KEIGHTLEY, 2004, p.382, tradução nossa¹⁰).

Tudo isso posicionava o LP como um bom investimento e os artistas “sérios”, que explorassem bem o formato álbum, objeto de desejo das gravadoras. Da perspectiva do músico, observa Keightley, a “chave para uma carreira bem sucedida no pós-guerra” na indústria fonográfica não era obter um hit de sucesso, mas sim lançar álbuns que obtenham boa vendagem ao longo dos anos (2004, p.375). Para isso, é preciso que o álbum seja celebrado nos círculos de consagração da fonografia: pelo público, pela crítica, ou — melhor ainda — por ambos.

¹⁰ The implication of institutions like the album or the single in hierarchies of taste has a great deal to do with their differing life-spans as products. (...) The relatively short period of commercial viability for singles and their widespread and intense initial promotion are contrasted by Straw with the longer availability and slower turnover of albums, whose promotion is limited and often involves word of mouth or long-term critical canonization.

Destarte, o mercado dos álbuns tornou-se uma dinâmica que agradava a diversos *stakeholders* da cadeia fonográfica: indústria, músicos, público e a crítica, que tinha farto material sobre o qual escrever. Como diz Keightley:

Assim, o mercado de álbuns representou ao mesmo tempo uma base econômica para a indústria fonográfica e um local para a valorização das tradições “ortodoxas” que resistem à novidade e ao consumo “irracional”. Esse entrelaçamento e interdependência da valorização industrial e cultural são fundamentais para as maneiras pelas quais a instituição do álbum contribuiu para a legitimação da música popular nos anos 1950 e além (2004, p.382, tradução nossa¹¹).

No decorrer da década de 1960, as vendas de LPs destinados a adolescentes pouco a pouco foram derrubando a fácil oposição estabelecida pela indústria entre álbuns para o público adulto e *singles* para o público jovem. O chamado “mercado adulto” foi tomado pelo rock em detrimento da estratégia operada pelas gravadoras: “a lógica temporal do pop adulto tornou-se a lógica temporal do rock, ao mesmo tempo que o rock se tornou a força dominante na indústria” (KEIGHTLEY, 2004, p.385, tradução nossa¹²).

Em meados dos anos 1970, os *singles* representam não mais que 8% do faturamento da indústria nos EUA (idem, p.378). Contudo, ao final daquela década, a venda de LPs começou a declinar. O fenômeno é frequentemente explicado pela “recessão mundial após a segunda crise do petróleo, bem como pelo surgimento de fitas cassete que passaram a permitir a cópia pessoal de música” (TSCHMUCK, 2006, p.149).

Mesmo que tivesse surgido ainda na década de 1940, o cassete só foi disponibilizado ao consumidor pela Philips na década de 1960. Nas nações industrializadas (para usar um termo da época), a mídia não prosperou, visto que a Philips, sendo ela própria uma gravadora, “era capaz de controlar a tecnologia aplicando estritamente seus direitos autorais” (TSCHMUCK, 2006, p.150). Em outros países nos quais o poder de compra era sensivelmente inferior, um mercado paralelo do cassete se instaurou, visto que reprodução em massa de mídias piratas era viável. Na Índia, no decorrer dos anos 1980, o vinil virtualmente desapareceu (idem, p.150). No Brasil, o ex-executivo de gravadora André Midani descreve o estado de coisas à época:

¹¹ Thus the album market represented at once an economic foundation for the record industry and a site for the valuing of ‘orthodox’ traditions that resist novelty and ‘mindless’ consumption. This intertwining and interdependence of industrial and cultural valorization are key to the ways in which the institution of the album contributed to the legitimization of popular music in the 1950s and beyond.

¹² (...) adult pop’s temporal logic had become rock’s temporal logic, just as rock had become the dominant force in the industry.

Descobrimos, então, que os singelos estandes de fitas do passado, que ocupavam um modesto lugar dentro dos postos de gasolina, tinham se transformado em importantes lojas que, em muitos casos, vendiam quase que exclusivamente cassetes piratas. Depois de investigações mais extensas, constatamos que o estrago se estendia também às ruas do centro das principais cidades do país. A dimensão era tal que o processo era, provavelmente, irreversível (MIDANI, 2013, sem paginação).

Para além da questão comercial, o cassette acrescenta duas importantes valências ao fonograma. A portabilidade do cassette permitiu seu acoplamento em veículos e, no final dos anos 1970, o surgimento do Walkman pela Sony (figura 9), que possibilita a associação da experiência fonográfica individual à circulação do ouvinte em qualquer ambiente. Além disso, o cassette populariza a criação de compilações segundo critérios pessoais. É o surgimento das *mixtapes*, como se dizia nos anos 1980, ou *playlists*, como se fala na atualidade.



Figura 9: Primeiro Walkman, lançado em 1979

É nesse cenário de crise comercial que surge o CD no início da década de 1980. O *compact disc* a laser converte o áudio em informação digital. De algumas formas, o novo suporte apresentava melhorias significativas em relação ao vinil. Com maior capacidade de armazenamento, boa parte dos discos duplos lançados até então poderiam ser contidos em uma só mídia (ainda que, no início, por razões comerciais, essa prática não fosse adotada pelas gravadoras). O sistema de reprodução do CD dispensava os cuidados necessários para a audição do vinil e praticamente prescindia de qualquer manutenção. Embora o vinil seja hoje considerado uma mídia mais durável a longo prazo, se manipulado desajeitadamente, sua superfície pode facilmente ser arranhada, inutilizando o tre-

cho danificado. Além disso, o áudio digital removeu completamente o chiado característico da audição analógica.

No entanto, apesar de toda a propaganda, nem todo mundo estava convencido de que o CD soava melhor do que o vinil, como conta Gareth Murphy, através do relato de Craig Kallman, atual presidente da Atlantic Records, que na época atuava como DJ:

Tudo estava sendo anunciado como uma conquista tecnológica que supostamente melhorou a maneira como ouvimos música (...) Quando a indústria começou a anunciar alegremente a morte de vinil, eu suava frio e tinha noites sem dormir porque comecei a comparar os dois formatos. (...) Esses primeiros CDs eram quebradiços, vítreos, afiados e bidimensionais, enquanto o vinil era líquido, aberto, suave, convidativo e verdadeiramente harmonioso (MURPHY, 2015, sem paginação, tradução nossa¹³).

O depoimento de Rick Rubin nos dá pistas concretas para a percepção expressa por Kallman: “Todos nós trabalhamos duro na masterização de nossos discos para soar bem em vinil, mas ainda não havíamos trabalhado muito na masterização de discos para CD” (MURPHY, 2015, sem paginação, tradução nossa¹⁴).

A despeito do debate do campo audiófilo, ao final da década de 1980 a vendagem de CDs viria a superar a de vinis na Europa e nos EUA, prenunciando a excepcional taxa de crescimento experimentada pela indústria na década seguinte (ver figura 1). No entanto, como relata Tom Silverman, ex-executivo da Warner Music, a Murphy, a lucratividade era fortemente potencializada por venda de catálogo:

O enorme crescimento baseou-se em grande parte nas vendas por catálogo. (...) Qualquer um com um catálogo obtinha 45% de sua receita de pessoas que recompravam seu disco favorito em CD a preços 60% a 80% mais altos (MURPHY, 2015, sem paginação, tradução nossa¹⁵).

O impulso de rentabilidade da indústria fonográfica na década de 1990 motivado por venda de catálogo está diretamente associado ao processo de sacralização cultural do álbum, corroborando a estratégia estabelecida pela indús-

¹³ It was all being heralded as a technological achievement that supposedly improved the way we listen to music (...) When the industry started happily announcing the death of vinyl, I used to have cold sweats and sleepless nights because I started comparing both formats. I'd sync the vinyl and the CD of the same recordings by artists like Led Zeppelin, Miles Davis, Fleetwood Mac, Bob Marley, Van Morrison, Aretha Franklin, Neil Young, Frank Sinatra. Those early CDs were brittle, glassy, edgy, and two-dimensional, whereas the vinyl was liquid, open, smooth, inviting, and truly euphonic.

¹⁴ We all worked hard mastering our records to sound good on vinyl, but we hadn't worked much on mastering records for CD yet.

¹⁵ The enormous growth was based largely on catalog sales. (...) Anybody with a catalog was getting forty-five percent of their revenue from people rebuying their favorite record on CD at sixty to eighty percent higher prices.

tria para o formato (KEIGHTLEY, 2004, p.380). Em paralelo à consagração do álbum evidenciada pelo alto faturamento de obras de catálogo na nova matriz tecnológica, vê-se a emergência da MTV, canal de escoamento da estratégia comercial para os *singles*.

O jornalista Stephen Witt, autor do livro *Como a música ficou grátis*, percebe a criação da MTV como o marco do fim “do rock cujo objetivo era produzir bons álbuns e o ressurgimento do pop voltado a singles de sucesso” (WITT, 2015, sem paginação). Witt vai além e afirma que “o rock feito para álbuns morrera na década de 1980, vítima da MTV e do Walkman, e nos últimos vinte anos a música fora um negócio voltado para hits”. Não seria tarefa muito difícil elencar diversos álbuns posteriores para contestar a afirmativa de Witt. No entanto, o executivo André Midani também parece observar fenômeno semelhante na virada dos anos 1970 para 1980:

De súbito, os conglomerados disseram “Fora com os líderes criativos e dentro com os tecnocratas”, sob o pretexto de que os contratos artísticos estavam se tornando demasiadamente complexos e custosos para deixar a direção dos negócios nas mãos de gente com paixão pela música (MIDANI, 2016, sem paginação).

Os anos 1990, cuja primeira metade ofereceu aos executivos um dos períodos mais rentáveis do setor, iriam terminar de forma crítica para a indústria. Tornado digital, o fonograma agora podia ser replicado indefinidamente sem perdas¹⁶. Isso significava que bastava o recurso tecnológico de duplicação de CDs chegar ao mercado para que o produto pirata não devesse nada em termos de qualidade de áudio em relação ao original vendido pela indústria.

Em 1995, um gravador de CD custava cerca de US\$650 (Witt, 2015, sem paginação). Ainda que fosse dispendioso, o valor podia ser recuperado a longo prazo. No mesmo ano, como já expusemos, foram tangibilizados ao público um conversor de mp3 e um player para Windows. Era o início de uma nova era.

Contudo, para Witt (2015), os problemas da indústria fonográfica iam além da incapacidade de acompanhar as novidades tecnológicas: “O álbum estava desaparecendo. (...) Isso — mais do que a pirataria, mais do que as cópias ilegais, mais do que qualquer outra coisa — era o que de fato estava matando a indústria fonográfica” (WITT, 2015, sem paginação).

O CD trouxe algumas inovações com relação aos procedimentos mecânicos e novos recursos que incidem na experiência do usuário. Se alguns tocafitas podiam reproduzir cassetes sem que o ouvinte precisasse intervir no pro-

¹⁶ Durante toda história da fonografia analógica os discos com numeração mais baixa eram os mais cobiçados, visto que a matriz de reprodução se degradava a cada cópia.

cesso, o CD, em função de sua maior capacidade de armazenamento, por si só já concedia maior conveniência ao ouvinte. Porém, os aparelhos de CD evoluíram para inserir bandejas que permitiam a inserção de diversos discos, ofertando ao usuário não somente a possibilidade de escutar vários álbuns em sequência, mas também a função *random* que sorteava faixas dentre os discos disponíveis, criando uma espécie de *playlist* aleatória gerada pela máquina.

Não demorou muito também para que um aparelho portátil fosse disponibilizado ao público. Em 1984, o Sony D-50 já podia oferecer a mesma mobilidade que o Walkman dava ao cassete. É verdade que o tamanho compacto proporcionava ao usuário levar a música aonde quisesse, contudo, por outro lado, comprometiam a complementaridade expressiva que tinha no LP área generosa para explorar. Não à toa, os CDs lançados na transição da matriz tecnológica vinham com o que ficou conhecido na indústria como *longbox*, uma caixa cartonada que acondicionava o suporte (figura 10).

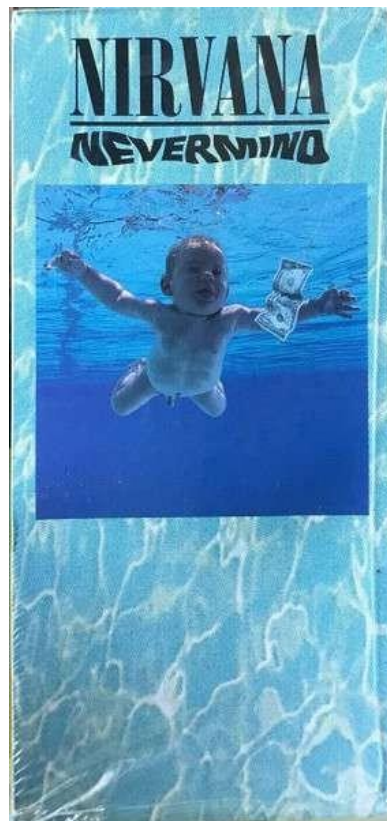


Figura 10: CD longbox

Mas a *longbox* teve vida curta, até porquê, ao contrário das capas, elas serviam muito mais como *display* de produto. A baixa qualidade das caixas plásticas que, via de regra, acondicionavam os CDs proporcionaram outro fenômeno curioso. Como não acrescentavam nenhuma especificidade ao álbum, não agregando nada em termos de complementaridade expressiva, surgiram no mercado

estojos para armazenar CDs em massa (figura 11). É irônico que o caminho do descarte da embalagem apresente processo muito semelhante àquele experimentado pelos discos de 78 rpm nos primeiros anos da indústria.



Figura 11: Estojo de CDs

Por mais discutíveis que sejam as declarações de Witt (2015) ao inter-relacionar a crise criativa da música com crise econômica da indústria, a lógica por trás das inovações tecnológicas surgidas a reboque do CD era a de conferir cada vez mais conveniência e mobilidade à experiência fonográfica. O conceito de álbum com alto valor simbólico como parte da estratégia das gravadoras estava ficando em segundo plano. Isto associado à marcha tecnológica e à sociabilidade do século XXI, cada vez mais individualista, favoreceram a banalização do álbum. O estojo de CDs pode ser apontado como a materialização concreta do processo.

2.2 A era do mp3

Ninguém na indústria parecia estar preparado para a disrupção promovida pela entrada em cena do mp3 em meados da década de 1990. No entanto, não foi sem aviso. Não foram poucas as tentativas promovidas por Karlheinz Brandenburg, líder da equipe de desenvolvimento do mp3 no instituto

Fraunhofer, na Alemanha, para chegar a algum acordo com as gravadoras. Por um lado, o sucesso dos últimos anos havia deixado os executivos um tanto indolentes. Por outro, sua assessoria técnica considerava que aquele formato de áudio degradado não merecia ser levado a sério.

É compreensível. Para quem passa a vida dentro de um estúdio de gravação, rodeado de instrumentos e equipamentos sofisticados e dispendiosos, se esmerando por obter a melhor qualidade de áudio possível, talvez seja difícil compreender que o mp3 poderia ser bom o bastante para a maior parte das pessoas. Mas era. “O mp3 reproduzia música de CD com uma fidelidade quase perfeita a 1/12 do tamanho original” (WITT, 2015, sem paginação).

Obviamente, essa afirmação vai contrariar a opinião de muitos aficionados por música, mas ela está embasada nos testes em laboratório realizados pelo instituto Fraunhofer. Assim como o debate sobre áudio digital e áudio analógico, só possível chegar a consenso utilizando os mesmos critérios de comparação, e era nisso que os físicos e os profissionais do mundo da música e audiófilos nunca concordaram.

Enquanto para os cientistas o som podia ser avaliado utilizando unidades de medida, indivíduos como o guitarrista Jack White utiliza expressões como “vibração”, “calor” e “alma”, intangíveis para o cientista do campo das ciências naturais, para qualificar o que pensa sobre o som analógico. É deveras curioso que White utilize o paradigma funcionalista para sustentar uma argumentação cujo fundamento contraria frontalmente as aspirações científicas da Bauhaus:

Forma segue função. Você precisa se perguntar o que você está querendo. Como você quer que soe? Quando você está gravando e produzindo, você está mirando em alguma coisa e se você quer vibração, calor, alma, coisas assim, você sempre será atraído de volta para analógico (Sound on Sound, 2014, sem paginação, tradução nossa¹⁷).

São visões de mundo antagônicas. A clássica oposição entre subjetividade e objetividade. Quem está errado? Quem está certo? Ainda está por vir, seja na fonografia ou em qualquer outro campo, uma síntese geral entre congreque harmoniosamente as duas perspectivas.

O mp3 não era disruptivo somente nos aspectos operativos e comerciais. Adotá-lo significava uma mudança importante na perspectiva sobre o produto fonográfico e sobre os padrões de qualidade que o seu público considerava aceitáveis. Na verdade, “bom o bastante” era “mais que suficiente”.

¹⁷ Form follows function. You have to ask yourself what you are trying to accomplish. What are you trying to make it sound like? When you are recording and producing, you are aiming for something and if you want vibe, warmth, soulfulness, things like that, you will always be drawn back to analogue.

Ao fim e ao cabo, era preciso repensar para quem a indústria estava trabalhando. Não se tratava de segmentação estilística, com isso as gravadoras estavam acostumadas a lidar a décadas. Tratava-se de considerar qual o significado da música para as pessoas — e quais os usos que elas pretendiam dar a ela. E, aparentemente, nem todo achava que todo aquele esmero no estúdio fazia de fato sentido.

Mas já naquela época havia quem vislumbrasse que o futuro da música estava na internet, como o empresário Ricky Adar, que projetara a ideia de uma “jukebox digital”:

Adar acreditava que em poucos anos todos poderiam baixar músicas diretamente pela internet e abrir mão dos CDs. O problema era que os arquivos de áudio eram pesados e teriam de passar por uma compressão considerável para que a ideia desse certo. É claro que o Fraunhofer havia passado os últimos nove anos trabalhando exatamente nesse problema. (...) “Tem noção do que fez?”, Adar perguntou a Brandenburg depois do primeiro encontro dos dois. “Você matou a indústria fonográfica!” (WITT, 2015, sem paginação).

No entanto, no que dependesse de Brandenburg, o mp3 seria mais um ativo da indústria. O difícil era convencer as gravadoras. Em sua batalha para viabilizar sua “jukebox digital” Adar lidava com os mesmos problemas que Ek e seus sócios no Spotify teriam de lidar anos depois: a autorização para utilizar os direitos autorais.

A indústria fonográfica temia que uma *jukebox* digital canibalizasse as vendas de músicas em formato físico, e ele havia passado os últimos dois anos ouvindo “não”. Adar explicou a Brandenburg como funcionava a mente das gravadoras: as esplêndidas margens de lucro do CD, a atitude ambiciosa em relação à propriedade intelectual, a indiferença — aliás, uma ignorância deliberada — em relação à internet de modo geral e, mais especificamente, ao futuro das tecnologias de gravação (WITT, 2015, sem paginação).

No final da década de 1990, tornou-se impossível ignorar a circulação de arquivos de música na internet. Em 1997, é registrada a primeira menção ao mp3 na grande imprensa (idem, sem paginação), na página 8 do jornal *USA Today*, sob a manchete: “Avanços no som abrem as portas para a pirataria. Álbuns em *websites* se proliferam¹⁸”. Em 1998, uma versão melhorada do WinPlay3, rebatizada como Winamp, alcançava 15 milhões de downloads. No mesmo ano, “a Diamond Multimedia e a Saehan International, ambas companhias coreanas, procuraram o Fraunhofer separadamente com a ideia de produzir o primeiro mp3 player portátil do mundo” (WITT, 2015, sem paginação). E em 1999, surgia o Napster (figura 12), aplicativo especializado em troca de arquivos mp3.

Para Doug Morris, CEO da Universal Music, o que Napster fazia era organizar um assalto generalizado ao patrimônio da empresa:

No original, *Sound Advances Open Doors to Bootleggers. Albums on Web Sites Proliferate.*

(...) o Napster tirou o compartilhamento de músicas do submundo e o inseriu na vida de todos, o que para Morris não passava de um caso claro de roubo em uma escala sem precedentes. A base de usuários do Napster era o equivalente a um bando de criminosos, e, por consequência, a própria companhia também, pois buscava lucrar com a troca ilegal de material protegido por direitos autorais que pertenciam ao Universal Music Group (WITT, 2015, sem paginação).

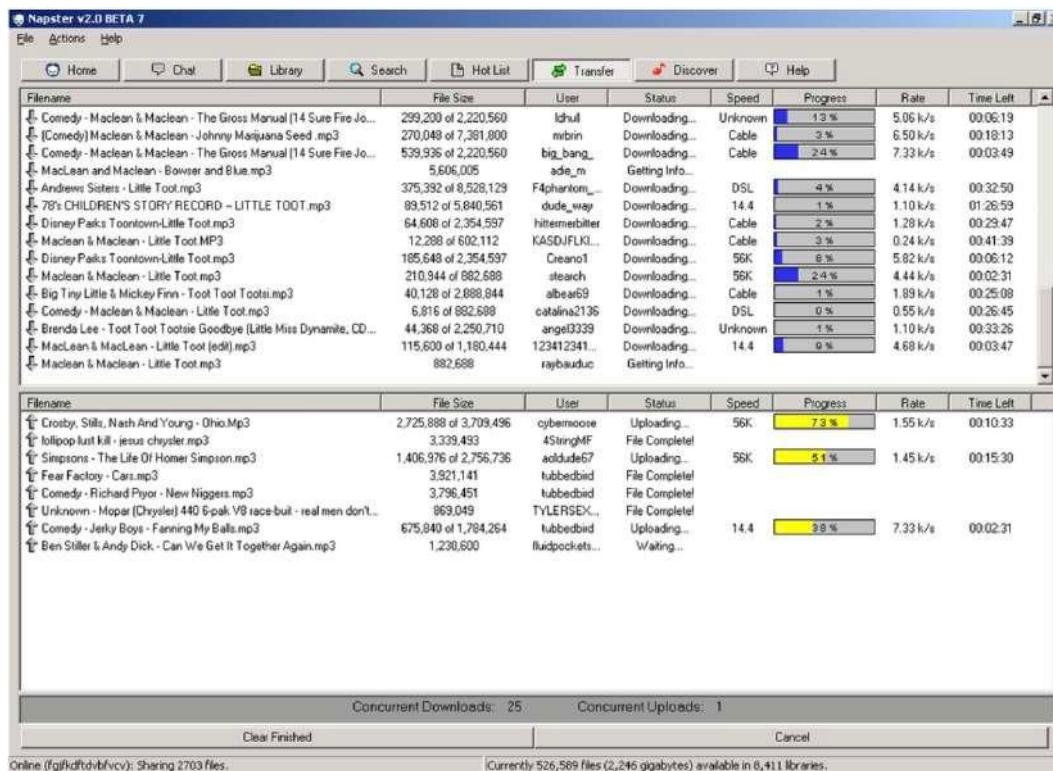


Figura 12: A interface do Napster

As gravadoras, capitaneadas por Morris, na tentativa de se defender do vazamento dos fonogramas na internet em formato mp3, optaram por uma estratégia em duas frentes. Na primeira, a RIAA¹⁹ processa Diamond Multimedia, fabricante do mp3 *player*. Na segunda, a A&M Records e mais 18 gravadoras acionam o Napster, considerando que o aplicativo “era legalmente responsável pela violação dos direitos autorais” (idem, sem paginação).

A indústria saiu-se bem na ação contra o Napster mas acabou perdendo a segunda. Segundo Witt (2015, sem paginação), esta seria a razão principal para o bom resultado do ano de 2000 — o melhor resultado da história da indústria fonográfica. Enquanto o processo contra a Diamond não era concluído, ações cautelares recomendaram a remoção do produto das prateleiras. Mais do que isso, desencorajou fortemente qualquer iniciativa similar por outros fabricantes. O mp3 perdia a conveniência que era um dos seus principais atrativos para competir com o CD.

¹⁹ Associação Americana da Indústria Fonográfica.

Com o rápido surgimento de outras plataformas *peer-to-peer*, como e-Mule, Kazaa e Limewire, destinadas a ocupar o espaço deixado pelo Napster, o tráfego de arquivos de música na internet estava garantido. Ao contrário do Napster, seus sucessores não utilizavam um servidor central para processar os termos de busca, funcionando de uma forma totalmente descentralizada, o que dificultou sua responsabilização pelo vazamento de conteúdo com os direitos autorais atrelados às gravadoras (TSCHMUCK, 2006, p.174).

As dificuldades técnicas na imputação criminal das novas plataformas eram agravadas pelo fato de não apresentarem endereço comercial e não poderem ser identificadas como empresas registradas. A derrota no processo contra os fabricantes de *players* e os empecilhos na judicialização dos novos aplicativos indicavam que o mp3, ou para ser mais preciso, a disponibilização de arquivos de áudio via internet, era a tendência da fonografia no século XXI. Mas a indústria vinha apresentando grande dificuldade de acompanhar, ou mesmo apreender, o espírito do tempo. Como consequência, a pirataria tomou conta desse mercado.

No limite, percebendo o compartilhamento de arquivos como responsável pela sangria da indústria e percebendo que o sistema de justiça americano se provava incapaz de conter o vazamento de seu conteúdo através das plataformas *peer-to-peer*, a RIAA montou um projeto com o intuito de processar um conjunto de usuários. A associação exigia US\$150 mil dólares de compensação por música, na intenção de utilizar esses indivíduos como exemplo e criar uma cultura de criminalização do compartilhamento de material com direitos autorais.

Para a presidente da RIAA à época, Hilary Rosen, “processar quem compartilhava arquivos era uma política desastrosa, que com certeza irritaria os consumidores e poderia manchar a reputação da indústria por décadas” (WITT, 2015, sem paginação). Rosen, porém, foi voto vencido e a ação foi adiante. Sua renúncia em 2003 serve como mais um testemunho da estratégia desastrosa da indústria para lidar com a crise inoculada pelo mp3: como ela previra, o processo, que ficou conhecido para a posteridade como projeto Hubcap, foi extremamente impopular e — além de tudo — ineficaz.

A declaração de Seymour Stein, ex-vice-presidente da Warner, a Gareth Murphy enfatiza essa dificuldade com a tecnologia, que está no cerne da miopia de *marketing* que levou a indústria à crise enfrentada no século XXI:

O verdadeiro nome da EMI é *Gramophone Company*; o nome verdadeiro da RCA é *Victor Talking Machine Company*; o nome verdadeiro da Columbia Records é *Columbia Graphophone Company*; o nome verdadeiro da Decca é *Decca Phonograph Company*. Percebe? Eles produziam fonógrafos... Nos anos 50, a Columbia inventou o 33 rpm, a RCA inventou o 45 rpm, o rock 'n' roll apareceu e o mercado fonográfico explodiu, então eles pensaram: 'Graças a Deus não precisamos mais fazer esse mobiliário!' Felizmente, por algum milagre, a

Philips e a Sony fizeram o cassette e o CD, então aguentamos um pouco mais, mas plantamos as sementes de nossa própria destruição. Isso poderia ter sido evitado. Nunca deveríamos ter parado de fabricar *hardware* (MURPHY, sem paginação, tradução nossa²⁰).

Ao fim e ao cabo, quem viria a oferecer uma solução (até certo ponto) viável para legalizar o mercado de *download* de fonogramas digitais foi uma fabricante de *hardware* — a Apple. O iPod (figura 13) foi um sucesso desde o seu lançamento, no final de 2001. Cerca de um ano e meio depois, a *iTunes Store* comercializava fonogramas digitais pela primeira vez.



Figura 13: Apple iPod, primeira geração

Embora tenha vendido mais de 70 milhões de música no primeiro ano, isso representava menos de 1% do faturamento da Universal Music, maior conglomerado da indústria fonográfica:

O Napster podia ter desaparecido, mas o movimento *peer-to-peer* tinha chegado para ficar, e havia uma nova geração de jovens que nunca pagara por um CD e que encarava o compartilhamento de arquivos como um direito e o pagamento por músicas como uma forma antiga de clientelismo. Esse era o futuro da música e uma ameaça à existência do negócio de Morris (WITT, 2015, sem paginação).

²⁰ The real name of EMI is the Gramophone Company; the real name of RCA is the Victor Talking Machine Company; the real name of Columbia Records is the Columbia Graphophone Company; the real name of Decca is the Decca Phonograph Company. You get it? They made phonographs ... In the fifties, Columbia invented the 33 rpm, RCA invented the 45 rpm, rock 'n' roll came along and the record business exploded, so they thought, 'Thank God we don't have to make this furniture anymore.' Luckily, by some miracle, Philips and Sony made the cassette and the CD, so we held on a little bit longer, but we planted the seeds of our own destruction. This could have been avoided. We never should have stopped making hardware.

Do ponto de vista da Apple, a receita advinda do iTunes era marginal. Segundo Tschmuck, seu modelo de negócio não era baseado no mercado de *download*, mas sim um incentivo para comprar o iPod (2006, p.173). Uma década após seu lançamento, o *player* de música da Apple havia vendido 300 milhões de unidades. Os dez bilhões de músicas vendidas pela iTunes Store até 2011 e não chegaram a representar nem 10% do faturamento da empresa. No entanto, “graças ao crescente volume de iPhone e iPads, a iTunes Store ultrapassou US\$ 1 bilhão em 2009 e US\$ 2 bilhões em 2012. À medida que mais máquinas são vendidas, mais música é comprada” (MURPHY, 2015, sem paginação, tradução nossa²¹).

Enquanto a receita da Apple disparava, a das *majors* faziam o caminho inverso (MURPHY, 2015). Em seu melhor ano, as vendas do digital não chegaram a 30% do faturamento total da indústria e jamais superaram o lucro advindo da venda de fonogramas físicos. Em outras palavras, nunca representaram uma mudança de paradigma para as gravadoras, quando muito ajudaram a estabilizar (em baixa) o setor, que parou de encolher entre 2010 e 2014 (figura 3).

Em 2007, observando a interface do recém-lançado site YouTube, Doug Morris nota que ao lado dos vídeos que contemplavam artistas sob contrato com a Universal Music havia pequenos banners de publicidade. Segundo Witt (2015, sem paginação), foi assim que Morris descobriu uma forma de monetizar o *streaming* de música.

Ainda que uma observação atenta do gráfico dos rendimentos das gravadoras indique que a receita advinda do *streaming* estava presente desde 2005, este foi um evento paradigmático, visto que o YouTube continua sendo um dos recursos mais populares para a escuta musical até os dias de hoje. Além disso, a exigência de receita por exposição de seu material determinou que, ao final de 2007, milhares de vídeos tivessem sumido do YouTube e similares (WITT, 2015, sem paginação), o que significava que uma solução que atendesse às indústrias e à demanda por conteúdo musical disponível na internet ainda não havia sido encontrada.

Um ano depois, uma *startup* surgia na Suécia com a intenção de oferecer uma alternativa viável para este mercado. Não deixa de ser irônico que a marcha tecnológica responsável por empurrar a indústria a uma crise profunda no final do século passado seria seu viés de salvação no vigente.

Pode-se dizer que a fonografia era uma antes do mp3 e outra após a crise que o formato digital proporcionou. Se antes a escuta era limitada aos espaços em que havia disponível um maquinário dedicado à reprodução de áudio,

²¹ Thanks to the increasing volume of iPhone and iPads, the iTunes Store exceeded \$1 billion in 2009 and \$2 billion in 2012. As more machines get sold, more music gets bought.

convertido em arquivo digital, o fonograma passa a poder estar em qualquer lugar em que exista um dispositivo eletrônico. Se antes o acervo fonográfico estava restrito às posses do ouvinte, agora bastava uma conexão com a internet e algum espaço no disco rígido de um computador para que pudesse selecionar e armazenar milhares de fonogramas.

A fonografia é um caso emblemático do processo de convergência digital iniciado na última década do século passado. Com o surgimento do computador pessoal e a progressiva desmaterialização de conteúdo musical e audiovisual, os eletrodomésticos destinados à reprodução de mídias progressivamente se tornam uma variável eletiva para o consumidor. A fonografia, para a infelicidade de sua indústria que não acompanhou com a devida atenção o processo, graças à compactação do mp3, migrou antes para os discos rígidos dos usuários.

Essa confluência digital “diz respeito à integração de mídias que convergem a um mesmo dispositivo, com o intuito de facilitar a interação humana com diferentes plataformas em um único ambiente” (ALMEIDA JR e XAVIER, 2019, p. 35). Em outras palavras, indica que o consumidor não está interessado no suporte, mas na experiência que ele pode proporcionar. Mas esse processo representa também uma “transformação cultural”:

A convergência não só altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos como também interfere na lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento (ALMEIDA JR e XAVIER, 2019, p. 38).

As evidências oferecidas pelos cientistas do Instituto Fraunhofer e a prática maciça de *download* de mp3 demonstraram que a grande maioria do público não estava ligando muito para “alta fidelidade”, como se propalava nas propagandas das décadas predecessoras (figura 14). Até porque as condições de avaliação eram muito prejudicadas pelo efeito da convergência digital. Não raro, ouvia-se o mp3 baixado em reprodutores de áudio muito degradados, como caixas de som de um *kit* multimídia em um computador *desktop* ou os alto-falantes nativos de um *laptop*.

Uma matéria publicada na revista PC World de 2003 (MANES, 2003, p. 216) revela o espírito daquela época. Sob o título “Isso é um computador na sua sala?²²”, o *lead* do artigo de Stephen Manes diz: “nunca pensei que diria isso, mas estou começando a achar que meu universo de entretenimento acabará girando em torno de um computador.”

É particularmente ilustrativa a charge que acompanha o texto (figura 15): “Mídia em computadores pessoais: quase prontos para o horário nobre”²³.

²² Is That a Computer in Your Living Room?

²³ Media PCs: almost ready for prime time

Manes prossegue: “a batalha ainda não acabou, mas falta pouco para que as empresas de eletroeletrônicos saiam derrotadas”. Não deixa de ser curioso que o autor, mais adiante, elenque a incapacidade do computador da época de “alimentar grandes alto-falantes”, uma característica distintiva dos sistemas de som do século passado, como um obstáculo a ser superado.

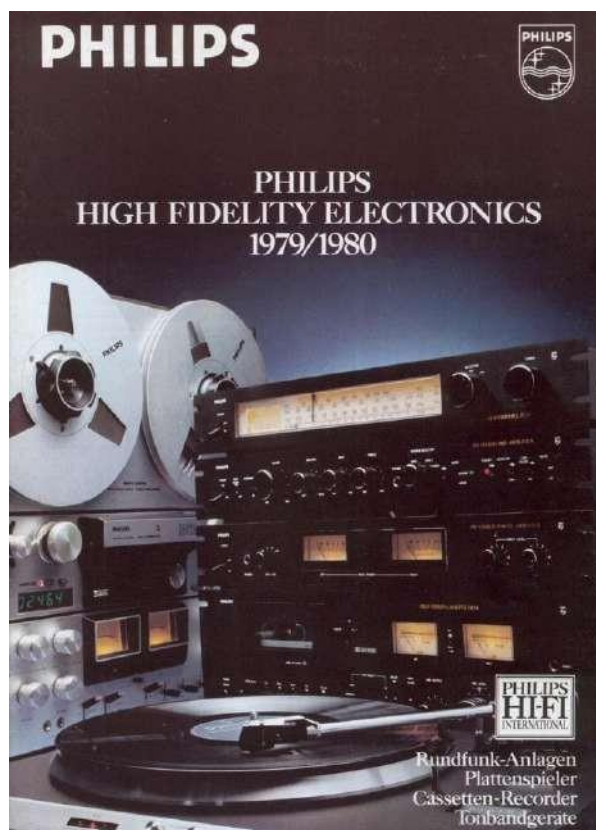


Figura 14: Propaganda de sistema de som

O processo da convergência digital proporcionou também aos consumidores ferramentas mais avançadas para interferir nas possibilidades de formato fonográfico. A *mixtape*, antes confinada às fitas cassetes, vira “mixCD” e depois desencarna do suporte físico para assombrar a indústria. Claro, como já expusemos, a gênese da *playlist* é muito anterior. Contudo, quando exercida através da mídia física, esse tipo de organização da experiência era periférica. Antes do mp3, os procedimentos operativos para a criação da *playlist* exigiam mais trabalho e dedicação por parte do ouvinte, o que, por consequência, limitava sua disseminação, restringindo a elaboração de *playlists* a um círculo limitado de aficionados.

Assim, os produtos físicos da indústria tinham prevalência no formato fonográfico. Mas a crise promovida pelo mp3 fez com que as gravadoras perdessem o controle sobre seu produto, não somente do ponto de vista econômico, como também o poder de conceituar a experiência fonográfica. Com o mp3,

a *playlist*²⁴ torna-se a regra, a forma mais simples e corriqueira de ouvir música gravada. Até porque os meios através dos quais se colecionava fonogramas não tinha uma organização central, determinando e garantindo que cada álbum era baixado em sua integridade e que o áudio de cada fonograma correspondia diretamente aos metadados registrados. A própria fragmentação do processo desencorajava uma audição orientada ao álbum.

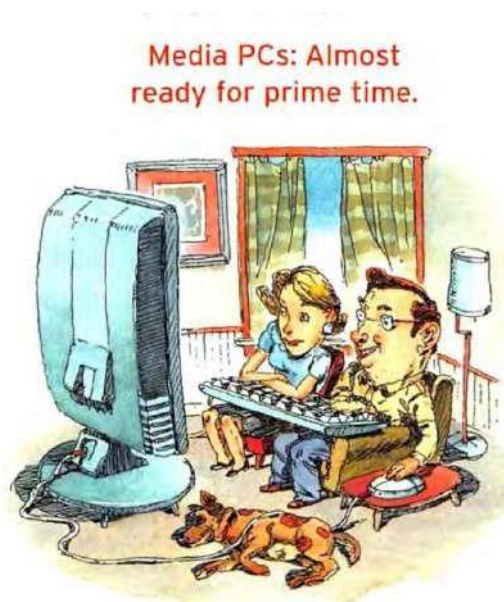


Figura 15: Charge da matéria “Isso é um computador na sua sala?” publicada na revista PC World em dezembro de 2003

Disponível em qualquer espaço onde haja um mp3 *player*, a música agora podia assumir funções que os meios técnicos de reprodução de outrora não eram capazes de viabilizar com a mesma eficiência. E, sobretudo, com usuário se apropriando dos recursos técnicos para explorar novas funções e aplicações para uma fonografia muito mais flexível, móvel e ubíqua. É sobre esse cenário que o Spotify oferecerá uma nova forma de remunerar a indústria pelo seu catálogo.

A era do *streaming*, a ser abordada no capítulo seguinte, surge essencialmente para organizar e institucionalizar o consumo de música gravada, desestruturado pelo impacto marginal do mp3, apontando uma alternativa de monetização que só vem se mostrando lucrativa no último ano. Além disso, a era do álbum teve — e ainda tem — forte influência sobre os processos culturais subjacentes a este campo.

²⁴ Importante esclarecer que utilizamos a nomenclatura *playlist* para abarcar tanto àquela em que o usuário refletiu sobre as canções e sua sequência, quanto àquela cujo processo generativo foi obra de um software, como nas ocasiões em que o ouvinte seleciona uma pasta de seu disco rígido e utiliza a função *shuffle*.

3

A era do *streaming*

3.1

De produto a serviço — a reinvenção da fonografia

Seria ilusório tomar como ponto inaugural da era do *streaming* a fundação do Spotify. Para citar apenas duas iniciativas, podemos lembrar do MySpace, rede social inaugurada em 2003, e o YouTube, surgido dois anos depois. Até o advento da *startup* sueca, no entanto, o *streaming* de música não era institucionalizado. Os clipes, mesmo quando hospedados nos canais oficiais, eram peças promocionais através das quais não se esperava retorno financeiro. Isso começa a mudar quando, como apresentamos, a Universal, notando que o YouTube vendia espaço publicitário, passa a exigir remuneração do site pela exposição de seu conteúdo.

Ainda assim, a rentabilidade oriunda do *streaming*, como mostra o gráfico da figura 3, era muito incipiente. Em 2012, ano seguinte à sua chegada ao mercado estadunidense, quando bateu US\$ 1 bilhão em receita, o *market share* do *streaming* não chegou 7%. No entanto, esse lucro representou um crescimento de 166% em relação ao ano anterior. Mais do que isso, 2012 foi o último ano em que o mercado de *download* pago obteve crescimento. Deste ano em diante, em uma marcha inexorável em cada período supera o anterior, o *streaming* foi tomando conta do mercado digital.

Se compararmos 1999, pico de rentabilidade da indústria antes do advento do mp3, quando toda a receita era oriunda da venda de fonogramas físicos, ao ano de 2021, quando finalmente, puxada pela popularidade do *streaming*, essa marca é batida, observa-se uma área substancial de receita potencial não aproveitada (figura 16). Onde estavam esses consumidores? Por óbvio, o produto físico e o *download* oficializado de música não representavam um competidor forte o bastante para seduzir os frequentadores de plataformas *peer-to-peer* a abandonar suas práticas e adquirir os produtos oferecidos pela indústria.

O modelo de negócio oferecido pelo Spotify representa a retomada do controle do mercado fonográfico pela institucionalidade. Essa retomada está diretamente relacionada às soluções legais e operacionais promovidas pela plataforma, de tal sorte que, tanto a indústria pôde recuperar sua rentabilidade, quanto o usuário passa a perceber o produto oficial como uma solução melhor para os seus propósitos. Ao integrar o *download* de fonogramas em templo real ao seu *player*, o Spotify cumpre com uma de suas metas de fundação: mudar o paradigma da fonografia “da propriedade para o acesso” (ERIKSSON et al, 2018, sem paginação).



Figura 16: Receita potencial não aproveitada pela indústria fonográfica

Encher discos rígidos com arquivos de música pouco a pouco se torna uma prática antiquada. Diante da extensão do acervo fonográfico e da praticidade oferecida pelo Spotify, toda a árdua logística do ecossistema do mp3 vai se revelando inócua aos olhos dos usuários. Qual o sentido de acumular música se você pode reproduzir a música “que quiser”²⁵ a qualquer momento?

A outra meta de fundação, “tornar a música grátis”, se mostrou ineqüível nos moldes em que empresa operava até 2009. Com a crise econômica mundial gerada pela crise do crédito *subprime* nos EUA, ficou mais difícil de convencer investidores de que a receita de publicidade seria capaz de sustentar a rentabilidade da plataforma. Por pressão das gravadoras, o Spotify passa oferecer também assinaturas pagas.

Não à toa, o ano seguinte foi o que gerou menos frutos na rodada de investimentos. É sintomático, contudo, que um dos investidores dessa rodada fosse Sean Parker, o idealizador do Napster, fonte de inspiração para Ek (AEGIDIUS, 2021, p.45). No momento em que ele assume um lugar no conselho de administração do Spotify, “isso pareceu enfatizar uma certa continuidade na qual o Spotify representava o desfecho do efeito disruptivo que o Napster havia iniciado” (ERIKSSON et al, 2018, sem paginação, tradução nossa²⁶).

²⁵ De fato, a expressão “o que você quiser” (*whatever you want*) era um slogan do Spotify, e estava presente na interface junto ao campo de busca do aplicativo (ERIKSSON et al, 2018, sem paginação).

²⁶ (...) this seemed to emphasize a certain continuity in which Spotify represented the fulfillment of the very same disruption that Napster had started.

É significativo também que Parker fosse também sócio do Facebook, visto que 2010 marca o início de um período no qual o Spotify se propõe a promover a integração com redes sociais. A partir daí, o aplicativo deixa de ser um meio através do qual se obtém acesso à música, mas uma plataforma de gerenciamento musical:

Primeiro, tornou-se “social”, no sentido que o Facebook passou a dar à palavra. Os usuários agora podem criar um perfil pessoal no aplicativo, adicionar amigos e arrastar e soltar para compartilhar músicas. Os perfis foram conectados às contas do Facebook, para ajudar os usuários a encontrar mais amigos, bem como para facilitar a extração de dados da empresa entre os usuários. (ERIKSSON et al, 2018, sem paginação, tradução nossa²⁷).

Este período marca também a atenção especial que os dados dos usuários passam a ter no modelo de negócio do aplicativo. A plataforma que surgira com a missão de tornar a música grátis através da venda de espaço publicitário e em pouco tempo tivera de passar também a vender assinaturas, buscava agora tornar-se relevante como ferramenta de monitoramento do comportamento do usuário, almejando tornar-se um dos atores importantes deste mercado.

Como observa o comunicólogo Leonardo De Marchi, a partir das transformações operadas na década de 2010, “o negócio das plataformas de *streaming* não é a curadoria dos conteúdos, mas o desenvolvimento de sistemas de obtenção de dados privados” (DE MARCHI, 2020, p.233). Alguns anos depois, Jana Jakovljevic, Diretora de Soluções de Publicidade Programática do Spotify, defenderia a posição da empresa no mercado de micromarketing: “as *playlists* não apenas oferecem *insights* exclusivos sobre os hábitos, *hobbies* e interesses de um usuário, mas também fornecem segmentação contextual incomparável” (BESSENY, 2019, p.12, tradução nossa²⁸).

Em artigo publicado pela Universidade de Toronto em 2021, Born et al explicitam o papel da coleta de dados no modelo de negócios do Spotify, permitindo que explorem o mercado de publicidade segmentada:

As plataformas de *streaming* tornam-se corretores de dados, conectando um vasto mercado em rede de anunciantes, marcas e ouvintes. E ao comprar uma assinatura (pelo menos no Spotify), você pode comprar ouvintes em função da necessidade de ouvir anúncios. Tanto os modelos gratuitos quanto os de assinatura são construídos principalmente em torno da coleta de dados e da extra-

²⁷ First, it became social, in Facebook’s particular sense of the word. Users could now build a personal profile within the app, add friends, and then drag-and-drop to share music. The profiles were connected to Facebook accounts, to help users find more friends, as well as to facilitate company extraction of data among users.

²⁸ playlists not only offer unique insights into a user’s habits, hobbies and interests, but provide unrivalled contextual targeting [for advertisers].

ção de conhecimento em torno desses dados. (BORN et al, 2021, p.10, tradução nossa²⁹).

Na citação destacada acima, os autores chamam a atenção para a transição na abordagem do mercado fonográfico operada pelas plataformas a partir da liderança do Spotify, que passam a lançar mão da análise de dados e do desenvolvimento programático para sua monetização: “o negócio da música, então, se transformou para se tornar voltado tanto para a análise de dados auditivos e a elaboração de algoritmos de descoberta quanto para encontrar e nutrir músicos emergentes e estabelecidos” (idem, tradução nossa³⁰).

O tipo de atuação empreendida pelos serviços de *streaming* de música pode ser analisado em torno de dois conceitos econômicos: *economia do acesso* e a *economia da atenção*. O primeiro negocia com as grandes gravadoras o trânsito mediado pelas plataformas ao acervo fonográfico ao consumidor de acordo com um conjunto de regras de rentabilidade articuladas entre esses atores. Essas regras são regidas de acordo com as práticas financeiras da economia da atenção. Como diz Alékis de Carvalho Moreira (2021, p.42), “o que está em jogo não é tanto o valor utilitário ou artístico dos produtos veiculados nelas, mas sim a capacidade de nos fazer gerar interação e engajamento com a infraestrutura em que estamos inseridos”. A especificidade do negócio das plataformas no escopo da economia da atenção é que sua abordagem da música gravada empurra os usuários para uma escuta musical em segundo plano (HESMONDHALGH et al, 2023, p.12).

A respeito da economia do acesso, De Marchi, comenta dois fatores fundamentais para o valor oferecido pelo modelo de negócio das plataformas: a escala de seu conteúdo e o uso intensivo de algoritmos de recomendação. O primeiro fator é responsável por induzir a percepção de custo baixo pelo serviço (considerando a magnitude do acervo disponibilizado — “toda a música que você puder desejar”). Além disso, ao aproveitar extensamente a segmentação da oferta, permite o aproveitamento de uma economia de cauda longa. O segundo fator, por um lado, funciona como um recurso para a exploração do catálogo monumental da fonografia; por outro objetiva-se otimizar a descoberta de novos conteúdos para a geração de “uma economia de escala pela demanda em longo prazo”. Como diz De Marchi, se o indivíduo limitar-se a escutar o que já conhece

²⁹ Streaming platforms become data brokers, connecting a vast networked market of advertisers, brands, and listeners. And while purchasing a subscription (at least on Spotify) may buy listeners out of the need to listen to ads, both free and subscription models are built primarily around the collection of data and the extraction of insights from that data.

³⁰ The business of music has, then, morphed to become geared as much around analyzing listening data and crafting discovery algorithms as it is around finding and nurturing emerging and established musicians.

e não estender seu repertório musical, não há qualquer sentido em acessar uma plataforma de *streaming* com milhões de músicas (2020, p.232).

Assim, o algoritmo de recomendação personalizada, ferramenta destinada a operacionalizar o acesso ao acervo e a economia de escala sobre a qual comenta De Marchi, se converte em um “agenciador determinante nas dinâmicas de fruição” (MOREIRA, 2021, p.42). A inteligência artificial usa os dados coletivos aplicados individualmente na intenção de estimular sensações que proporcionem o desejo de repetir a experiência e assim reter o usuário na plataforma (idem, p.68). De acordo com Moreira, os sistemas de recomendação personalizada não se aprofundam na experiência do sujeito, mas sim situa sua prática de acordo com comportamentos similares:

Nesse sentido, os perfis construídos como modelo não representam um indivíduo específico, mas sim expressa relações entre indivíduos, sendo mais interpessoal do que intrapessoal. O seu principal objetivo não é produzir um saber sobre um indivíduo identificável, mas usar um conjunto de informações pessoais para agir sobre similares. O perfil atua, ainda, como categorização da conduta, visando à simulação de comportamentos futuros. Neste sentido, um perfil é uma categoria que corresponde à probabilidade de manifestação de um fator (comportamento, interesse, traço psicológico) num quadro de variáveis. (p.77, 2021).

Nesse contexto, prossegue Moreira, as plataformas se portam como predadores na captura de suas presas, o consumidor de música gravada. O sucesso da inteligência artificial em operação nos algoritmos de recomendação se dá a partir da manipulação, persuasão e da retenção desse usuário (p.80, 2021). Esse desejo de controle e influência, observa Moreira, pode ser entendido no contexto da economia comportamental, na qual as questões psicológicas, sociais, cognitivas e emocionais são as variáveis envolvidas nas decisões do indivíduo.

David Arditi trabalha com o conceito de “consumo infinito” para dar conta das singularidades da era do *streaming*. Segundo o sociólogo, ela inaugura uma nova etapa do capitalismo, que se apresenta como muito vantajosa para a indústria fonográfica. “À medida que as pessoas começam a assinar os serviços, elas pagam US\$ 10 por mês *ad infinitum*, aumentando assim o gasto médio do consumidor com música de US\$ 40 por ano para US\$ 120 por ano³¹” (ARDITI, 2017, p.13). Além disso, o “consumo infinito” proporciona a previsibilidade da receita, gerando um fluxo de renda constante em mercado tradicionalmente instável (idem, p.13).

A estratégia das gravadoras, observa Arditi, sempre fora a expansão do consumo, tanto no que diz respeito ao aumento da oferta, quanto no ciclo de re-

³¹ As people begin to subscribe to services, they pay \$10 per month *ad infinitum*, thereby increasing average consumer spending on music from \$40 per year to \$120 per year.

posição de álbuns — como vimos, este fenômeno é o principal responsável pelos ótimos resultados da indústria no final do século passado. Antes do advento dos serviços de *streaming*, a receita da indústria era concentrada, já que a maior parte do consumo derivava de pequena porcentagem de consumidores que compram grandes volume de música (idem, p.7). O consumo infinito desarticula a estratégia de reposição do álbum que fora o antídoto adotado pela indústria contra a volatilidade do mercado desde a década de 1960.

O processo de consagração cultural do produto fonográfico, já abalado pela desmaterialização do fonograma operada pelo mp3, revela-se desnecessário e ultrapassado do ponto de vista econômico. E, fundamentalmente, o aficionado por música passa a render tanto quanto o ouvinte casual. Ambos valem US\$10 ao mês.

Muda o público-alvo da indústria. E, assim, altera-se também a intenção da experiência projetada pelos mediadores da fonografia. Ritual de consagração ao produto fonográfico, a audição estetizada do álbum, cujo valor simbólico era o motor por trás dos ciclos de reposição e representava o próprio *éthos* da fonografia, perde espaço para usos mais funcionais da música gravada.

3.2

Playlists — conveniência e funcionalidade

O privilégio à *playlist*, para além da adequação ao enquadramento da função da fonografia empreendido pelas plataformas de *streaming*, tem também um fator econômico que não se pode perder de vista. Ao relegar o álbum a segundo plano e ao definir um formato de fruição nos quais têm a agência na organização do consumo, esses serviços obtêm controle sobre a própria produção da indústria musical. Conforme Juan Sebastián Peña:

Assim, atualmente, as playlists são as principais divulgadoras de novas músicas no Spotify, e acadêmicos e pesquisadores têm apontado que ao desagregar o principal formato de vendas da indústria fonográfica — ou seja, o álbum —, e reagrupar o conteúdo na forma de playlists, O Spotify é quem assume o controle sobre a forma como a música é consumida (Bonini e Gandini, 2019); gerenciando assim com comodidade as músicas e artistas que, de acordo com fatores econômicos, beneficiam a empresa (2022, p.5, tradução nossa³²).

³² Así, actualmente, las listas de reproducción o playlists, son las principales promotoras de las nuevas canciones en Spotify, siendo los académicos e investigadores quienes han señalado que al desagregar el principal formato de ventas de la industria discográfica — esto es, el álbum—, y volver a agrupar el contenido en forma de listas de reproducción, Spotify es quien asume el control sobre la forma en que se consume la música (Bonini y Gandini, 2019); manejando así a conveniencia las canciones y artistas que, según factores económicos, benefician a la compañía.

No âmbito das plataformas, segundo De Marchi et al (2023), é possível discernir as seguintes taxonomias de *playlists* institucionais: individuais, categoriais e temáticas. As individualizadas se baseiam no histórico de audição e determinadas referências emocionais, “o símbolo de coração estampado na faixa musical, a criação de *playlists* próprias entre outras formas de interação do usuário com o sistema” (p.23) procurando reproduzir o gosto pessoal do ouvinte. São exemplos deste tipo de *playlists* “Seu Radar” e “Descobertas da Semana”. As categoriais fazem uma “mistura de curadoria humana, metadados e análise formal da música” (idem) e estão normalmente associadas a gêneros musicais, artistas ou rádios programáticas. As temáticas são aquelas que estão diretamente ligadas a uma escuta funcional, seja com um objetivo de obtenção de um determinado estado mental (“Focus”), vazão emocional (“This is Sorrow”) ou acompanhamento de uma atividade específica (“Fui Run”). Conforme De Marchi et al:

As listas temáticas apostam nas sensações de prazer ou desprazer que se produzem em determinadas situações de escuta nas quais a atenção do ouvinte não está necessariamente dedicada. Em outros termos, sua lógica reside em atrelar determinados sons a um tipo de experiência, criando ambientes sensoriais para acelerar ou diminuir o ritmo do corpo: dormir, despertar, meditar, estudar, fazer exercícios físicos, namorar e assim sucessivamente.

As *playlists* temáticas gozam de posição privilegiada na interface do Spotify (figura 17), evidenciando o estímulo à prática da escuta musical funcionalizada e a abordagem de seu modelo de negócio. Esse enquadramento da música demonstra a atenuação da tradição da fonografia estetizada, da qual o álbum era seu principal representante.

Esse processo teve origem com o surgimento do mp3, que proporcionou a ampliação do público fonográfico para além do círculo restrito dos aficionados para os quais o custo com produtos fonográficos era rotineiro. O barateamento (e sucateamento) dos recursos de reprodução de áudio, no decurso do processo de convergência digital, e a crescente mobilidade dos dispositivos também permitiram novas valências para a música gravada. Na fase seguinte, como visto, as práticas instrumentais subalternizadas da fonografia ganharam peso institucional ao serem privilegiadas nas interfaces dos aplicativos de *streaming*. Tudo isso, observamos, é reflexo da emancipação da indústria com relação ao fã de música.

É através da associação do recurso de personalização musical, tangibilizado pelos algoritmos de recomendação, ao monitoramento da rotina do usuário que se potencializa a monetização do fluxo de dados. A experiência de música em segundo plano favorece uma prática de audição que oferta a potenciais anunciantes não somente os interesses do indivíduo, como também seu cotidiano e estado de espírito:

Ao contrário de outros bens culturais, como o cinema, a TV ou os livros, que exigem maior foco e são consumidos tipicamente em horários fixos do dia, a música gravada é onipresente no cotidiano de muitas pessoas, servindo de ‘trilha sonora’ para viajar, trabalhar, socializar e relaxar (Fuentes et al. 2019). Para plataformas que podem competir com sucesso, há uma oportunidade altamente lucrativa de se inserir na vida cotidiana de milhões de pessoas, abrindo vastas receitas e fluxos de dados sobre o que, quando e como as pessoas consomem música gravada (HRACS e WEBSTER, 2020, p.7, tradução nossa³³).

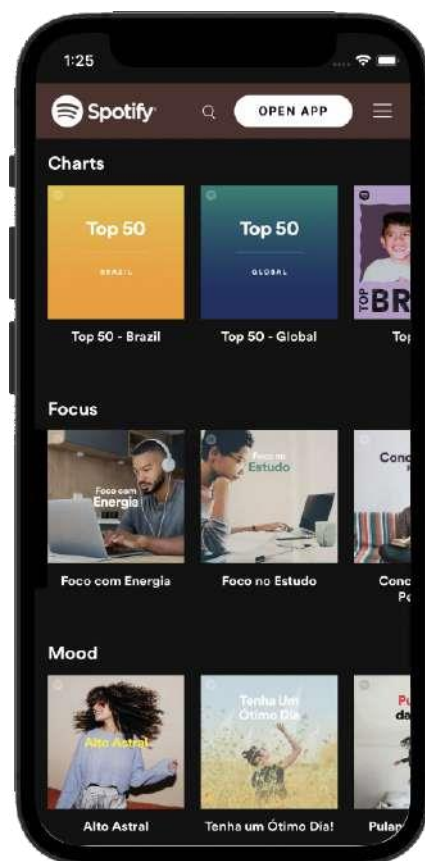


Figura 17: Posição de destaque da playlist de orientação temática no Spotify

De fato, a ideia de fazer da fonografia uma espécie de trilha sonora da vida do usuário não é uma inferência de pesquisadores baseada em análises das estratégias das plataformas. O conceito foi literalmente expresso em peças de marketing do Spotify: “Você pode fazer a trilha sonora da sua vida inteira com o Spotify. O que quer que você esteja fazendo ou sentindo, temos a música para torná-la melhor” (ERIKSSON et al, 2018, sem paginação, tradução nossa³⁴).

³³ Unlike other cultural goods, such as film, TV or books, which require greater focus and are typically consumed at set times of the day, recorded music is omnipresent in many people’s everyday lives, providing the ‘soundtrack’ to travelling, working, socialising, and relaxing (Fuentes et al. 2019). For platforms that can successfully compete, there is a highly lucrative opportunity to embed themselves in millions of people’s everyday lives, opening up vast revenue and data streams about what, when and how people consume recorded music.

³⁴ You can soundtrack your entire life with Spotify. Whatever you’re doing or feeling, we’ve got the music to make it better.

Eriksson et al. (2018), pesquisadores das universidades de Umeå e Estocolmo e autores do livro *Spotify Teardown*, observam a função das *playlists* funcionais no Spotify, salientando o papel meramente intermediário da música no modelo de negócio:

Playlists criadas para atender a atividades urbanas específicas (como “Morning Commute”) e humores (como “Life Sucks”) são combinadas com dados sobre preferências de gênero, idade, gênero, geografia, idioma e hábitos de transmissão, juntamente com informações de terceiros provedores de dados sobre interesses mais amplos e estilo de vida e comportamentos de compras. É, em suma, um modelo de negócios baseado em trocas de informações tecnologicamente auxiliadas – não música. A música é promovida como meramente funcional para definir e estabelecer o microtargeting dos segmentos da audiência. A principal promessa da publicidade programática é sua vantagem competitiva quando se trata de demonstrar a nova “relevância para o consumidor” da publicidade (ERIKSSON et al, 2018, sem paginação, tradução nossa³⁵).

Os autores enfatizam o papel fundamental de um evento particular para o estabelecimento da lógica sob a qual operam as plataformas de *streaming* na atualidade. Nos seus primeiros anos, a interface do Spotify era dominada pelo campo de pesquisa, revelando que o modelo de referência até aquele período eram plataformas de busca como o Google. Esse tipo de abordagem pressupõe um usuário soberano que já sabe exatamente o que quer. Em 2013, virá a ocorrer a chamada virada curatorial, quando a ênfase passará a se estabelecer no fornecimento de recomendações pessoais de músicas, projetando um usuário que está em constante necessidade de auxílio para selecionar a música a ser escutada (ERIKSSON et al, 2018, sem paginação).

A partir do momento em que a recomendação musical entra em jogo, apoiada pela coleta constante dos dados dos usuários, a audição musical passa a ser muito mais “situacional e funcional” ao invés de uma “questão de construção de identidade ou de uma experiência estética” (ERIKSSON et al, 2018, sem paginação). Como vimos e vemos ressaltando, este movimento está em total consonância com a mudança no público-alvo da indústria.

Ao não depender mais de um grupo restrito de usuários que compram grandes quantidades de música, o círculo de consagração do álbum e audição ritualizada não são mais relevantes para a lucratividade do negócio. Paradoxalmente, em um cenário em que todos os usuários rendem rigorosamente a mesma coisa (seja no modelo de assinatura paga ou gratuita), a construção de uma

³⁵ Playlists tailored to specific urban activities (such as “Morning Commute”) and moods (such as “Life Sucks”) are combined with data on genre preferences, age, gender, geography, language, and streaming habits, alongside information from third-party data providers about broader interests and lifestyle and shopping behaviors. It is, in short, a business model based on technologically aided information exchanges—not music. Music is rather promoted as merely functional for defining and microtargeting audience segments. The main promise of programmatic advertising is its competitive edge when it comes to demonstrating advertising’s new “relevance to the consumer.”

experiência personalizada é vital para a geração de valor dos dados coletados pelos algoritmos das plataformas de *streaming*.

3.3 Intimidade monetizada

Ao cruzar os dados dos gostos musicais com a rotina do usuário, as plataformas podem inferir e interferir no estado emocional do indivíduo (MOSCHETTA e VIEIRA, 2018, p.263). Com base em dados acumulados e ciclos de *feedback* entre as entregas de recomendações e as ações dos usuários, os sistemas algorítmicos funcionam de forma prescritiva, procurando prever as preferências do usuário e, portanto, também tendendo a moldar suas práticas, produzindo informação de alto valor agregado para potenciais anunciantes (ERIKSSON et al, 2018, sem paginação).

Perfis de gosto são construídos através de mapeamento que leva em conta “um ‘conhecimento cultural’ mais amplo, considerando como os artistas são descritos online e as características de sua música” (idem), e o cruzamento com perfis e padrões de escuta de outros usuários. Assim, cada usuário torna-se parte de uma inteligência coletiva maior da qual as recomendações são derivadas. No *back-end*³⁶, como já sinalizamos, os usuários, portanto, não são avaliados individualmente, mas como membros de populações, ou, mais apropriadamente, como *clusters* de correlações. Por outro lado, no *front-end*⁴⁶, para que a estratégia do Spotify e seus congêneres seja bem sucedida, é fundamental que a interface do aplicativo proporcione uma percepção de intimidade com a plataforma.

À medida que os usuários são atraídos para esse universo “sob medida” que oferece a música certa para cada momento, eles também são incentivados a estabelecer uma relação afetiva e íntima com o serviço. Essas construções de intimidade fazem parte de uma política de conteúdo que busca mapear e moldar a vida dos usuários de *streaming*. O serviço que as plataformas oferecem não é a música em si, mas o *streaming* de música enquadrado como uma prática profundamente pessoal e íntima (idem). Como defendem Eriksson et al (2018), o negócio do Spotify é o seu próprio *branding*, a música como uma experiência de marca.

A construção de intimidade, argumentam Eriksson et al (2018), quando associada à temporalidade das recomendações, infundem uma visão crononormativa que está impregnada de princípios e de uma moralidade específicas, recomendando que os usuários se engajem nas etapas que correspondem à sua

³⁶ *Back-end* diz respeito à programação e ao fluxo de informação que ocorre sem a percepção do usuário; *front-end*, por sua vez, concerne a tudo aquilo que o usuário pode interagir e influenciar tornado tangível pela interface do aplicativo.

rotina diária. As plataformas, portanto, convertem-se em agentes que promovem um discurso prescritivo do que é uma “vida boa”, para a qual a música é apresentada como uma forma de aumentar a produtividade e o desempenho em cada uma daquelas atividades. É como se a “felicidade” fosse um processo de destino difuso, para o qual o Spotify é o veículo e a música, seu combustível. O depoimento a seguir é especialmente ilustrativo do efeito que o discurso da plataforma pode promover sobre o usuário:

Honestamente, eu estaria perdida sem meu Spotify, ele me ajuda a passar o dia de trabalho e não sei como sobrevivi sem todas as minhas *playlists* e o acesso a esse nível de escolha” (SINCLAIR e TINSON, 2017, p.6, tradução nossa³⁷).

Moreira identifica um posicionamento político específico do líder de mercado nessa “positividade compulsória”. Segundo o autor, esse estímulo à felicidade pode ser enquadrada como *happycracia*, conceito desenvolvido por Cabanas e Illouz: “os indivíduos são movidos pelo ímpeto de serem felizes, de modo que a busca por felicidade deveria ser vista não apenas como natural, mas como a expressão mais elevada da realização de um ser humano” (CABANAS e ILLOUZ apud Moreira, p. 103). No interior da racionalidade da *happycracia*, está uma ideologia neoliberal para a qual o cumprimento desta meta fundamental da vida é da agência do indivíduo, desconsiderando, por consequência, as contradições do capitalismo:

Essa realidade, que reflete tanto uma positividade compulsória, uma espécie de imperativo quanto a sermos felizes, quanto a mentalidade de um empreendedorismo de si exigidos pela nova fase desse modelo econômico, compreende ainda a sustentação no imaginário de mitos relacionados às noções de igualdade e de capacidades de realização individual, da mesma forma com que parece rejeitar que existam, subjacentes ao seu funcionamento, relações que estruturam a distribuição de poder (2022, p. 66).

De acordo com Erikson et al, esse individualismo é expresso pela lógica crononormativa da vida impelida pelo sistema de recomendações personalizadas que estimula o sujeito a acordar pela manhã, trabalhar, se exercitar e eventualmente socializar à noite. Em suas *playlists* proprietárias o apelo à essa positividade é explícita:

Neste sentido, o pensamento positivo característico das *playlists* pré-embaladas está intimamente ligado ao privilégio da “subjetividade empreendedora”, uma vez que os utilizadores são encorajados a direcionar o seu desejo de mu-

³⁷ Honestly, I would be lost without my Spotify it helps me get through the working day and I don't know how I survived without all my playlists and the access to that level of choice.

dança para dentro e a “gerir habilmente as dificuldades e esconder as lesões. (2018, sem paginação, tradução nossa³⁸).

No Spotify, o movimento em direção à música como uma função do cotidiano não era apenas discurso para consumo interno, ele estava presente em diversas entrevistas. Observando que mais de 40% dos títulos das *playlists* geradas pelos usuários têm alguma função cotidiana como tema, o diretor da Comunidade de Desenvolvedores Paul Lamere chegou a afirmar que “contexto é o novo gênero”. A declaração está alinhada com diversos depoimentos fornecidos por Daniel Ek, sócio-fundador e idealizador da *startup*, confirmando o conceito de música e experiência praticado pela plataforma:

As pessoas não olham mais para coisas como hip-hop ou country – elas estão olhando para coisas baseadas em eventos e atividades. Precisamos ser capazes de entregar a música certa com base em quem somos, como estamos nos sentindo e o que estamos fazendo, dia a dia (MAASØ e SPILKER, 2019, p.11-12, tradução nossa³⁹).

Declarações como essa encontram lastro com uma suposta tendência cultural a um mundo musical “pós-gênero”. Em artigo publicado em 2019, a consultoria YPulse observou uma certa insignificância dos estilos musicais para a chamada geração Z (indivíduos nascidos da segunda metade dos anos 1990 até o princípio dos anos 2010):

60% dos jovens consumidores disseram que não ouvem primordialmente um gênero. Hoje, em nossa recente pesquisa musical, 78% dos jovens de 13 a 17 anos concordam que seu gosto musical não se enquadra em apenas uma categoria. Enquanto os jovens consumidores de gerações anteriores podem ter se sentido mais ligados a um único gênero, as *playlists* de hoje estão repletas de vários estilos e a Geração Z está feliz por viver em um mundo pós-gênero (YPULSE, 2019).

Interessante observar que, para a população pesquisada, o consumo musical é uma experiência tangibilizada pelas plataformas de *streaming* ou, quando muito, na faixa superior da faixa etária, intermediada por *players* de mp3. O artigo dá a entender que “o mundo pós-gênero” é um processo cultural mais ou menos autônomo, mas considerando as ferramentas em poder das plataformas para moldar o consumo, é importante levar em conta seu poder influência.

³⁸ In this sense, the positive thinking characteristic of prepackaged playlists is intimately tied to the privileging of “entrepreneurial subjectivity,” as users are encouraged to direct their desire for change inwards and “capably manage difficulties and hide injuries.

³⁹ People don’t look at things like hip-hop or country anymore – they are looking at things based on events and activities. We need to be able to deliver the right music based on who we are, how we’re feeling and what we’re doing, day-by-day

3.4

Poder “algotorial” e “efeito de plataforma”

Bonini e Gandini (2019), pesquisadores das Universidades de Siena e Milão, chamam a atenção exatamente para o poder dessas plataformas para moldar o consumo de música gravada. Segundo eles, após um período de desintermediação proporcionado pelo compartilhamento não institucionalizado de fonogramas digitais, os serviços de *streaming* reverteram o processo, iniciando a “reintermediação das práticas de consumo de música, realocando audiências musicais em ambientes digitais recém-cercados” (BONINI e GANDINI, 2019, pág. 2).

A escolha do termo “cerca” não é aleatória. Em seu artigo, os autores desenvolvem seus argumentos em torno do conceito de *gatekeeping*, em que as plataformas funcionam como guardiãs das chaves do consumo de música. Este conceito teve sua origem no campo editorial, sendo posteriormente extrapolado para as demais indústrias culturais. Ele representa o processo de seleção, programação, posicionamento e massificação de conteúdo, operando sob diversas camadas de influência (idem, p.2, 2019). Os atores que têm agência nesse cenário são chamados de *gatekeepers*, os intermediários incontornáveis deste ou daquele mercado.

Não é sem inquietação que os pesquisadores observam a capacidade desses serviços de *streaming* de influenciar a demanda, graças ao que chamam de “poder algotorial”. Segundo eles, os “regimes de visibilidade” controlados pelas plataformas são determinados por uma política que é parte fomentada por algoritmos e parte intermediada por curadores de conteúdo.

[...] a curadoria de música digital consiste em lógicas parcialmente editoriais, parcialmente algorítmicas pelas quais a agência humana se mistura com o funcionamento automatizado de infraestruturas algorítmicas de maneiras que exercem novas formas de poder baseadas nessa mistura. Assim, argumentamos que as plataformas de *streaming* de música, em sua combinação de curadoria proprietária, orientada por algoritmos e humana, representam os “novos *gatekeepers*” de uma indústria anteriormente dominada por intermediários humanos, como programadores de rádio, jornalistas e outros especialistas. Sugerimos que essa atividade de *gatekeeping* é uma forma de “poder algotorial” que tem a capacidade de definir as “agendas de escuta” dos consumidores globais de música (BONINI e GANDINI, 2019, p.2, tradução nossa⁴⁰).

⁴⁰ digital music curation consists of partly editorial, partly algorithmic logics whereby human agency blends with the automated functioning of algorithmic infrastructures in ways that exert new forms of power based on this intermingling. Thus, we argue that music streaming platforms, in their combination of proprietary, algorithmically driven, and human curation, represent the “new gatekeepers” of an industry previously dominated by human intermediaries such as radio programmers, journalists, and other experts. We suggest that this gatekeeping activity is a form of “algo-torial power” that has the ability to set the “listening agendas” of global music consumers.

O “poder algorítmico” proporciona um controle que os *gatekeepers* tradicionais predecessores nunca tiveram, graças ao cruzamento dos dados ofertados pelos algoritmos, do *bigdata* e da curadoria humana. Como dizem os autores, “[i]sso torna o modelo capitalista de plataforma (Srnicek, 2017) potencialmente mais eficiente que o capitalismo industrial em transformar a atenção do público em dados computacionais e os dados computacionais em mercadoria” (BONINI e GANDINI, 2019, p.9, tradução nossa⁴¹).

Uma vez que Bonini e Gandini percebem um controle nunca antes experimentado em outras eras da indústria, cabe rememorar aqui os recursos disponíveis que o setor acionava para garantir maior efetividade em seu investimento. Tschmuck lembra a integração vertical do setor e o domínio sobre a produção criativa, sobretudo antes da década de 1950, como uma forma de manipular a exposição de seu conteúdo fonográfico, proporcionando não somente maior lucratividade como também influência direta sobre a cultura popular:

O seu poder de mercado baseava-se em dois fatores: a integração vertical da indústria fonográfica, que lhes permitia controlar toda a cadeia de valor agregado, desde a aquisição de matérias-primas até à distribuição, e o controle dos fatores criativos. Compositores, letristas e intérpretes estavam vinculados às empresas por meio de suas próprias editoras musicais e divisões de A&R⁴². Como uma obra só poderia ter sucesso quando tivesse radiodifusão (e, mais tarde, em programas de TV) e fosse distribuído em lojas de varejo, as grandes empresas tentavam ganhar influência sobre a programação do rádio. (2006, p. 99, tradução nossa⁴³).

A prática sobre a qual Tschmuck comenta ficou conhecida como *payola* nos EUA ou jabá, no Brasil:

Para controlar os programas de rádio, as *majors* por vezes usavam métodos bastante questionáveis. O poder do rádio consistia em sua capacidade de tornar uma música famosa por meio de sua execução repetitiva. [...] A situação era mais difícil com os Disc Jockeys populares, que as gravadoras agora tenta-

⁴¹ This makes the platform capitalistic model (Srnicek, 2017) potentially more efficient than industrial capitalism in transforming audience attention into data and data into commodities.

⁴² *Artists and repertoire*, no jargão do setor, artistas e repertório.

⁴³ Their market power was based on two factors: the record companies' vertical integration, which allowed them to control the entire value-added chain from procuring raw materials to distribution, and the control of creative factors. Composers, lyricists, and interpreters were tied to the companies through their own music publishing houses and A&R divisions. Since a title could be successful only when it received airplay on the radio (and, later, TV shows) and was distributed to retail stores, the majors attempted to gain influence over radio programming

vam subornar para tocarem suas músicas. Este tipo de restrição comercial acabou ficando conhecido como “Payola”. (2006, p. 99, tradução nossa⁴⁴).

Esse tipo de prática escusa evidentemente não era contemplada nas livros de contabilidade da indústria. Outros agentes marginais lançavam mão de estratégias para oferecer acesso a canais de comunicação que garantiriam maior visibilidade, especialmente artistas novos no cenário musical. No documentário *Rock Brasília* (2011), os integrantes da banda Capital inicial Fê Lemos (baterista) e Dinho Ouro Preto (vocalista), afirmaram que, para tocar no programa de Chacrinha na TV Globo na década de 1980, eram obrigados a fazer um *tour* pela periferia do Rio de Janeiro fazendo *playback*⁴⁵. Fê Lemos explica:

O maior programa de TV brasileira na época, era a discoteca do Chacrinha. O que a gente achava, na nossa ingenuidade, que era chegar lá tocar e ir embora, que não tinha nenhuma moeda de troca. A moeda de troca era a nossa presença como atração popular tocando uma música de sucesso da rádio. Rapidamente descobrimos que não existia almoço grátis. Existia uma troca. E essa troca consistia em ir a bailes de periferia que tinham atrações que eram atrações que apareciam no programa do Chacrinha. Você ia lá e fazia um *playback* (ROCK BRASÍLIA, 2011, 1:11:50).

Dinho complementa: “então você fazia isso em um, entrava no carro, e ia para outro. [...] Você passava a noite inteira rodando esses bairros tocando duas músicas.” Essa “moeda de troca” esclarece Fê Lemos, não passava pela direção da Globo, “mas passava pela produção do programa do Chacrinha”. Nas viaturas que faziam essa ronda tinham “no porta-malas do carro tinha fuzil, metralhadora, tinha até granada”.

Em entrevista realizada com um integrante de uma banda da mesma época, o qual não quis se revelar por receio de represálias da indústria musical, comenta que esse tipo de permuta era cinicamente oferecida a eles: “a gravadora tinha ‘direito’ a um certo número de inserções no Chacrinha. Aí um funcionário da gravadora chegava e dizia: ‘a gente entrega uma lista de 15 nomes. São eles que escolhem quem vai aparecer no programa. Aí é com vocês.’”

Dinho relatou a prática à Folha de São Paulo e publicidade com a denúncia acabou por impulsionar sua carreira: “nos torna muito mais famosos”.

Assim, ainda o desejo de controle absoluto e estratégias obscuras sempre estiveram no interior e à margem da indústria fonográfica. O poder que essas plataformas exercem se dá através da exploração de seu controle sobre a

⁴⁴ To control radio programs, the majors used rather questionable methods at times. The power of radio consisted of its ability to make a song famous through repetitious playing. If the record companies had the ability to exert direct influence on radio programming, they did so without calling much attention to their practice. The situation was more difficult with popular Disc Jockeys, whom the record companies now tried to bribe to play their songs. This type of trade restriction eventually became known as “Payola”.

⁴⁵ Tocar e cantar fazendo mímica sincronizada com o fonograma.

infraestrutura para “manipular como as pessoas, informações e bens culturais interagem e garantem que as interações sejam otimizadas para os fins desejados da plataforma” (HRACS e WEBSTER, 2020, p.2, tradução nossa⁴⁶). A produção e a circulação de bens culturais estão condicionados às determinações das plataformas, que passam a moldar e a filtrar o conteúdo que mais lhe interessam. Essa interferência — ou talvez seja mais apropriado dizer, esse *domínio* — na produção cultural contemporânea é o que vem sendo denominado como “plataformização da cultura”:

As plataformas e o conteúdo que passa por elas, como a música, se adaptam para garantir que o conteúdo seja “contingente, modularizado, constantemente alterado e otimizado para a monetização da plataforma” (Nieborg & Poell, 2018, p.7–8) (MORRIS, 2020, p.2, tradução nossa⁴⁷).

Powell e Nieborg acrescentam: “a plataformização altera fundamentalmente a configuração econômica e institucional em que a produção cultural toma forma, uma vez que os produtores de conteúdos estão sempre numa posição de dependência” (2023, p. 4279).

Jeremy Wade Morris chama a atenção de que a plataformização não é um processo imposto de cima para baixo. As plataformas são a arena onde as agendas conflitantes de seus múltiplos *stakeholders* colidem e “o resultado é um conjunto dinâmico e em constante mudança de relacionamentos e práticas” (MORRIS, 2020, p.4).

Ainda assim, em outro artigo assinado em conjunto com outros pesquisadores, Morris, refletindo sobre a operacionalidade dos serviços de *streaming*, assinala que não há neutralidade em sua agência os consumidores: “os sistemas de recomendação fazem suposições altamente normativas sobre os sujeitos ouvintes que modelam e a quem supostamente apenas servem” (MORRIS et al, 2021, p.5). E acrescenta, citando Robert Prey: “Nos sistemas de recomendação, então, as categorias de identidade ‘não são determinadas a priori, mas sim transformadas em existência através das ações do usuário’” (PREY apud MORRIS et al, 2021, p.5).

Como observamos na introdução, a expressão “efeito de plataforma” foi cunhada por Morris para abarcar os impactos causados pelo advento dos serviços de *streaming* de música. Em seu artigo “Music Platforms and the Optimization of Culture”, ele fornece exemplos do efeito de plataforma do lado da produção de conteúdo, como o álbum *Sleepify* (figura 18), da banda estadunidense Vulf-

⁴⁶ Manipulate how people, information and cultural goods interact and ensure that interactions are optimised for the platform’s desired end(s).

⁴⁷ Platforms and the content that passes through them, like music, adapts to ensure that content is “contingent, modularized, constantly altered, and optimized for platform monetization”

peck. Este “álbum” é composto apenas por faixas silenciosas, servindo à banda tão somente como uma ação de financiamento coletivo com o objetivo de angariar fundos para uma turnê gratuita. Cada música do disco excedia pouco mais de trinta segundos, tornando ainda mais óbvia a intenção zombeteira. Conhecido como “fator de sucesso”, audições abaixo de trinta segundos não contabilizam para a monetização do artista.

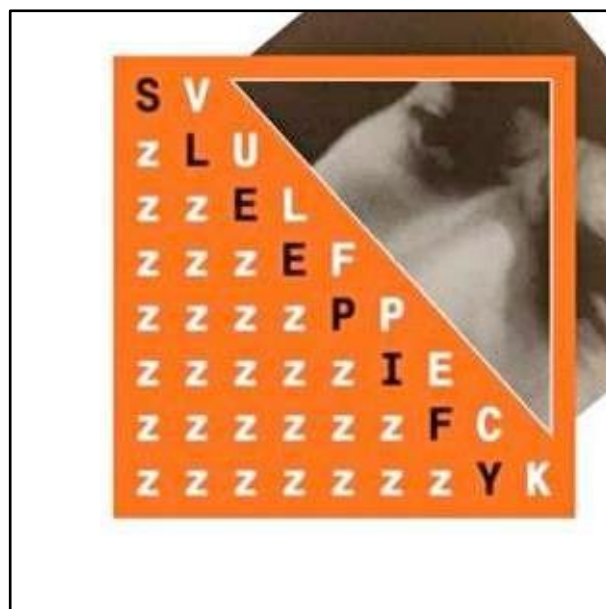


Figura 18: Capa do álbum Sleepify da banda Vulfpeck

Sleepify é um exemplo canhestro, a plataformização da música via de regra se dá de formas menos explícitas, se infiltrando na produção de conteúdo com o objetivo de gerar receita para os artistas:

Ainda que seja sônica, de (meta)dados, ou otimização de infraestrutura, são efeitos plataformáticos que advêm da pressão cada vez maior por visibilidade em um serviço que apresenta uma quantidade avassaladora de conteúdo e oferece apenas algoritmos, índices de busca e outras tecnologias de *software* para navegar nesse conteúdo. Embora possam variar em propósito, dano e intenção – os fãs do Vulfpeck podem ver seu experimento como engraçado ou subversivo, enquanto o *hacker* da lista de reprodução é mais propenso a ser visto como um criminoso – todos os exemplos são tentativas de fazer exatamente o que o Spotify foi construído para fazer: conectar artistas com um público global de ouvintes na tentativa de monetizar uma rede massiva de atividades de escuta musical (MORRIS, 2020, p.7, tradução nossa⁴⁸).

⁴⁸ Whether it is sonic, (meta)data, or infrastructural optimization, these are platform effects that come from the increasing pressure to achieve visibility in a service that presents an overwhelming amount of content and offers only algorithms, search indexes, and other software technologies for navigating that content. While they may range in purpose, damage, and intent—fans of Vulfpeck might see their experiment as humorous or subversive, while the playlist hacker is more apt to be seen as a criminal—the examples are all attempts to do the very thing that Spotify was built to do: connect artists with a global audience of listeners in an attempt to monetize a massive network of music listening activities.

Em *Artificial Intelligence, Music Recommendation, and the Curation of Culture*⁴⁹, Morris et al manifestam algumas outras inquietações concernentes ao efeito de plataforma que importantes de serem mencionadas. Além da interferência na subjetividade e na ideologização do consumo musical que esses e outros pesquisadores (Erikson et al, 2018 e Moreira 2021) descreveram, o efeito de plataforma influencia também na produção de conteúdo, empobrecem as dimensões sociais da escuta musical e promovem uma concentração de poder de agenda sobre a curadoria de conteúdo musical, como bem observou BONINI e GANDINI (2019). Morris et al recomendam fortemente a pesquisa nesse campo em conjunto com a comunidade de engenharia. Para eles é fundamental acompanhar de perto o efeito de plataforma, observando os problemas gerados do modelo empregado na atualidade e enfatizando a importância de se desenvolver algoritmos mais musicais, sociais e responsáveis:

Os modelos de recomendação envolvidos na individuação algorítmica não apenas reduzem a natureza complexa e multifacetada das subjetividades humanas, mas também minimizam e efetivamente negam as dimensões sociais e incorporadas da audição musical. É sobre o conjunto profundamente normativo de pressupostos básicos sobre o tema da compreensão aqui delineado que precisamos urgentemente de mais investigação, com os resultados realimentados nas culturas do design algorítmico, de modo a mitigar e transformar os modelos normativos existentes e, assim, a seus efeitos performativos na escuta. Precisamos urgentemente de pesquisas que investiguem a distância entre esses modelos e a diversidade das atuais práticas de escuta e desejos curatoriais dos usuários, especialmente aqueles não capturados pelos modelos. Construir a autorreflexão crítica sobre essas questões nas culturas de design de sistemas de recomendação é, então, um passo crucial para a criação de algoritmos e sistemas de recomendação mais musical, social e culturalmente conscientes e responsivos (2021, p.6, tradução nossa⁵⁰).

3.5

A biopolítica das plataformas

Do ponto de vista comercial, construir uma relação de intimidade com o objetivo de gerar a dependência (ou o vício) do usuário com relação à plataforma é uma estratégia interessante. Se o cruzamento da coleta de dados com a rotina

⁴⁹ Inteligência Artificial, Recomendação Musical e Curadoria de Cultura.

⁵⁰ Recommender models engaged in algorithmic individuation not only reduce the complex, multifaceted nature of human subjectivities but they downplay and effectively deny the social and the embodied dimensions of music listening. It is the profoundly normative set of base assumptions about the listening subject outlined here on which we urgently need more research, with the results fed back into the cultures of algorithmic design so as to mitigate and transform the existing normative models, and, thereby, their performative effects on listening. We urgently need research probing the distance between such models and the diversity of users' actual listening practices and curatorial desires, particularly those not captured by the models. Building critical self-reflection on these issues into the cultures of design of recommendation systems is, then, a crucial step towards creating more musically, socially, and culturally aware and responsive algorithms and recommendation systems.

do pessoal oferece a potenciais anunciantes dados computacionais com alto valor agregado, o poder de interferência das plataformas sobre as emoções dos ouvintes é ainda mais problemático quando se considera que o consumo de música em *smartphones* possibilita a exploração de dados biométricos, levando o potencial de controle sobre os corpos a um outro nível:

Ao contrário de se basear em fatores sociais ou culturais (classe social, religião, cultura local), a IA está atrelada a uma concepção biológica do indivíduo derivada da neurociência: o que lhe interessa é saber manipular os sentimentos e afetos de cada indivíduo através de mineração de dados pessoais e até pela análise de dados biológicos dos indivíduos. Como bem lembra Harari (2018), os algoritmos de dispositivos individuais (o celular, por exemplo) podem acessar sensores atrelados aos corpos dos indivíduos para lerem suas emoções via variações hormonais ou cardíacas (para quem acha que isso é pura especulação, basta lembrar que alguns aplicativos já selecionam músicas para atividades físicas, baseando-se na leitura que GPS e/ou monitores cardíacos) (DE MARCHI, 2020, p.237).

Os pesquisadores turcos Nedim Karakayali e Baris Alpertan analisam a tendência de funcionalização da música operacionalizada pelas plataformas de *streaming* sob a ótica das formulações de Foucault. De fato, considerando que o conceito de controle social se estabelece quando “um ator tenta ‘conduzir a conduta’ de outros através de diversos meios e estratégias” (KARAKAYALI e ALPERTAN, 2020, p.22) não é difícil enquadrar os procedimentos das plataformas de *streaming* sob a ótica foucaultiana, servindo não somente aos serviços como recurso de manipulação, como também aos próprios usuários para se autodisciplinarem:

Esses estudos sugerem que as novas TICs podem facilitar um sistema de controle muito mais flexível e constante do que antes (Deleuze 1992; Galloway 2004; Haggerty e Ericson 2000; Nadesan 2008; Rabinow e Rose 2006) – não menos importante, devemos acrescentar, porque eles permitem novas práticas de autocontrole. De fato, um ponto crucial a ser observado aqui é que, para Deleuze (1992), as sociedades de controle podem ter sucesso em grande parte porque muitos indivíduos são “motivados” a participar dela e se submetem voluntariamente a uma regulação contínua (KARAKAYALI e ALPERTAN, 2020, p.22, tradução nossa⁵¹).

Como vimos na seção anterior, Eriksson et al (2018) também observam que as estratégias das plataformas se encaixam no conceito de controle biopolítico, sugerindo que a ideia de “vida boa” promovida pelo Spotify, parece privilegiar uma determinada “subjetividade empreendedora”, impelindo seus usuários

⁵¹ These studies suggest that new ICTs can facilitate a far more flexible and constant system of control than before (Deleuze 1992; Galloway 2004; Haggerty and Ericson 2000; Nadesan 2008; Rabinow and Rose 2006) – not the least, we should add, because they allow for new self-control practices. Indeed, a crucial point to note here is that, for Deleuze (1992), control societies can succeed largely because many individuals are “motivated” to participate in it and voluntarily subject themselves to continuous regulation.

rumo à adequação social e aos valores neoliberais que o sistema considera positivos para seu bom funcionamento.

3.6

Contraponto à crítica sobre as plataformas

Para David Hesmondhalgh (2021), da Universidade de Leeds, no Reino Unido, este tipo de afirmativa é problemática, reproduzindo inquietações e premissas anacrônicas. Em artigo publicado recentemente, ele identifica cinco temas-chave associados aos efeitos promovidos pelas plataformas de *streaming* que são alvo de críticas frequentes:

- Promoção de uma experiência musical “funcional” em vez de uma experiência estética e repleta de significados.
- Incentivo a uma criação musical branda e sem desafios.
- Relegação da música a um segundo plano, induzindo uma escuta passiva e distraída
- Encurtamento das faixas e fomento uma experiência musical mais fragmentada.
- Desencorajamento e/ou limitação a descoberta musical e seus processos aventurecos.

De modo geral, o autor não nega os efeitos de plataforma sobre os quais viemos discorrendo, mas censura a academia e, especialmente, a crítica especializada, observando traços de machismo e preconceito nas suas abordagens. Por exemplo, ao comentar sobre a avaliação de que há uma tendência ao funcionalismo na experiência proposta pelas plataformas, ele lembra que a música sempre teve esse papel nas mais diversas sociedades ao longo da história. Aproveita também para desaprovar determinadas conclusões apressadas de setores da academia, como a de Eriksson et al que associa o discurso neoliberal às *playlists* funcionais.

No exame à alegação de que a música tem se tornado mais branda e pouco desafiadora, o autor observa que este segundo tópico está intimamente ligado ao primeiro. Segundo Hesmondhalgh (2021), ambos revelam uma certa defesa de um capital cultural associado ao um discurso elitista e, em última análise, machista, visto que os gêneros nos quais esse tipo de defesa se expressam têm uma forte marca masculina (especialmente o rock).

Com relação ao terceiro, é interessante aqui apresentar um conceito frequentemente explorado no mundo anglófono. Trata-se de uma ideia relacionada à postura do ouvinte ao escutar música. Propõe-se uma oposição entre a postura de “lean back” (reclinar-se) e “lean forward” (inclinar-se para frente), na

qual a primeira representa um relaxamento e falta de atenção, enquanto a segunda está associada a uma audição engajada. Hesmondhalgh (2021) argumenta que esse tipo de hierarquização da escuta mais uma vez está associada à defesa do capital cultural. O autor recupera Benjamin e Adorno para representar um certo dualismo entre uma percepção positiva / negativa da indústria cultural. Não deixa de ser curioso que o texto de Hesmondhalgh (2021) não cite nenhuma vez Pierre Bourdieu, ainda que sua argumentação esteja diretamente alinhada em diversos pontos aos conceitos desenvolvidos pelo sociólogo francês.

Hesmondhalgh (2021) mais uma vez analisa o quarto tópico sob a luz lançada nos tópicos anteriores. Segundo ele, comentadores associam o encurtamento das canções a uma audição distraída, o que permite que as argumentações com relação a uma hierarquização da experiência se estendam a este item. Aqui o autor basicamente relativiza a questão do — suposto — encurtamento das canções e eliminação das introduções. Ainda que mencione de passagem no início da seção, o autor não se detém muito na questão preponderante do “fator de sucesso” das plataformas de *streaming*. É mais do que claro — e não faltam autores que tenham abordado o assunto diretamente, como Katz (2010) e Tatit (2004) — que o meio influencia a produção cultural. O músico e linguista Luiz Tatit observa que a canção teve a proeminência no século passado graças à sua extensão reduzida, o que a tornava adequada à baixa capacidade de armazenamento do suporte de então. Nos parece que neste tópico, mais do que nos anteriores, o autor, no objetivo de desqualificar as críticas, se perde produzindo uma relativização em um processo que é materialmente inegável.

No quinto tópico, Hesmondhalgh (2021) pela primeira vez no artigo envereda por outra abordagem, apontando suas reprimendas para a metodologia dos autores investigados. Segundo ele, comentadores e pesquisadores frequentemente tecem seus argumentos sem se incomodarem em ouvir diretamente os usuários. Tal afirmativa nos parece bastante inconsequente, fazendo-nos ponderar sobre o viés do autor. Em nossa revisão de bibliografia foram inúmeros os artigos em que a pesquisa empírica se faz presente. À guisa de exemplo, oferecemos a pesquisa de Wench Nag (2017), já citada anteriormente, e a da cientista da computação Sally Joe Cunningham (2019), cujos achados serão explorados mais adiante.

Ao final desta seção, Hesmondhalgh (2021) traz uma autora, Nancy Hanrahan, com a qual ele percebe mérito nas suas inquietações. Coincidência ou não, o texto de Hanrahan contempla uma referência crítica dele próprio com relação à potência das plataformas de *streaming* para “melhorar a vidas das pessoas”. É interessante apresentarmos este trecho, para que possamos analisar alguns pontos explorados pelo autor.

Com base em grupos focais que ela conduziu com estudantes e jovens profissionais, Hanrahan observa que 'embora todos afirmem ter gostos ecléticos', seus entrevistados 'não conseguiram descrever qualquer coisa que ouviam como diferente, nem poderiam descrever uma experiência de diferença' (Hanrahan, 2019: 167). De fato, ela encontrou evidências de profundo medo e ansiedade sobre o uso da música como um meio de explorar a intersubjetividade, incluindo a confiança em métricas quantificadas, abundantemente disponíveis nas plataformas de *streaming*, para fazer julgamentos sobre o que ouvir (Hanrahan, 2018: 295–296). Isso, por sua vez, leva a situações em que o julgamento sobre música se torna cada vez mais privado ou tácito, em vez de “sociável, deliberativo, performático ou público” (Hanrahan, 2018: 296). Hanrahan também descobriu que “a descoberta é orientada não para o que pode ser surpreendente, perturbador, novo ou diferente, mas para o eu – nossos humores, atividades e memórias” (2018: 296). Numa situação em que os utilizadores esperam que a música seja adaptada às suas necessidades, através de dinâmicas de personalização, baseadas na recomendação algorítmica e humana, detecta uma impaciência e desilusão com a música que não está de acordo com as expectativas (HESMONDHALGH, 2021, p.16, tradução nossa⁵²).

Logo ao princípio da citação, chama a atenção que as observações expressas por Hanrahan no artigo de Hesmondhalgh se alinham com as conclusões manifestas na pesquisa da YPulse (2020) e com as declarações de Ek e seus funcionários com relação a uma tendência a um mundo “pós-gênero”. A seguir, na passagem mais importante da citação, Hanrahan, a partir dos relatos coletados junto ao público pesquisado, observa que o processo de descoberta quando mediado pela tecnologia proporciona uma certa convergência de conteúdo, uma vez que os algoritmos buscam oferecer o que tem mais segurança de obter o fator de sucesso. Quando um fonograma não atende às expectativas do ouvinte, isso gera impaciência e desilusão. Por consequência, o usuário do *streaming* tem menos disponibilidade para a exposição a conteúdos diferentes daquele em que se está acostumado. Assim, indiretamente, Hesmondhalgh acaba por concordar com as críticas à música com tendência ao funcionalismo, visto que esse processo descrito por Hanrahan é derivado da experiência algorítmica sobre a qual Bonini e Gandini (2019) comentam.

O texto de Hesmondhalgh procura desmontar determinadas abordagens críticas às plataformas mirando, não nos seus argumentos, mas sim no seu dis-

⁵² Based on focus groups she conducted with students and young professionals, Hanrahan notes that ‘while everyone claims to have eclectic tastes’, her respondents ‘were at a loss to describe anything they heard as different, nor could they describe having an experience of difference’ (Hanrahan, 2019: 167). Indeed, she found evidence of deep fear and anxiety about using music as a means of exploring intersubjectivity, including a reliance on quantified metrics, abundantly available on MSPs, to make judgements about what to listen to (Hanrahan, 2018: 295–296). This in turn leads to situations in which judgement about music becomes increasingly private or tacit, rather than ‘sociable, deliberative, performative or public’ (Hanrahan, 2018: 296). Hanrahan also found that ‘discovery is oriented not toward what might be surprising, unsettling, new or different but toward the self – our moods, activities and memories’ (2018: 296). In a situation where users expect music to be tailored to their needs, via dynamics of personalisation, based on algorithmic and human recommendation, she detects an impatience and disappointment with music that does not fit.

curso e/ou metodologia. Ainda que discutíveis, mesmo que suas objeções com relação à narrativa possivelmente elitista ou machista possam ter fundamento (tarefa para outro empreendimento de pesquisa), já apresentamos aqui suficiente evidência de que o modelo de negócio das plataformas promoveu uma mudança no público alvo da indústria fonográfica.

Essa mudança, que possivelmente mobiliza determinados segmentos na defesa de seu capital cultural, promove desdobramentos com relação à experiência ideal de consumo do ponto de vista da indústria. Para as plataformas, a atenção e o engajamento não é um fator preponderante de sucesso na era da economia da atenção. Pelo contrário, como apresentamos, a possibilidade de conciliação da música com outras atividades representa uma vantagem para os serviços de *streaming*. Além de eliminar potenciais competidores, ao prescindir da atenção dedicada, a fonografia pode se infiltrar em todas as partes da vida do usuário, agregando valor aos dados pessoais coletados. E nunca é demais lembrar que 30 segundos de música valem o mesmo, com ou sem engajamento.

Nos parece também que Hesmondhalgh perde oportunidade de relativizar o que de fato seria importante ser relativizado. Por exemplo, no que concerne ao encurtamento das canções ou do suposto abrandamento da produção musical, seria fundamental observar que, mesmo que as canções destinadas a um público mais abrangente estejam de fato se tornando mais curtas e diretas, o fenômeno oferece a oportunidade para outros nichos deliberadamente criarem canções extensas com longas introduções. E, por óbvio, este não é um fenômeno circunscrito ao *streaming*, é um processo observado para além do campo da música — se determinadas características não são desejadas para objetivos comerciais, elas podem ser privilegiadas em produções destinadas a um público mais alternativo.

3.7 Fonografia e engajamento

Como já observamos, as plataformas de *streaming* de diversas formas representam a organização da experiência da fonografia digital. Em comparação com o mp3, elas simplificam e expandem o acesso ao acervo, bem como as possibilidades de reprodução fonográfica a praticamente qualquer ambiente. A inovação disruptiva se dá no campo do que Eriksson et al (2018) definiram como “virada curatorial”. A partir deste momento paradigmático, as recomendações pessoais, alimentadas pela coleta de dados e pelas inferências da equipe de curadoria associadas às informações especializadas para além da plataforma, passam a representar a entrada do Spotify e seus congêneres ao mercado de

big data. Este evento é o motor por trás dos efeitos de plataforma sobre o qual viemos discorrendo nesta seção.

A virada curatorial também representa, como vimos, a transição de público-alvo da indústria, que passa a depender menos do consumidor aficionado. O abandono da institucionalização das práticas de consagração do álbum promove uma fonografia sem compromisso com a arte fonográfica e desarticula o artefato que era o repositório de seu valor simbólico. Como veremos no capítulo seguinte, há indícios de que a prevalência do disco de vinil é resultado desse fenômeno.

Assim como as vendas de discos, a audiência de *podcasts* a cada ano superam a registrada no ano anterior. Em um cenário em que a música atua como um recurso de acompanhamento de tarefas rotineiras, fica claro que a fonografia ganha tem um competidor que apresenta uma tendência substancial de crescimento para os próximos anos (figura 19).

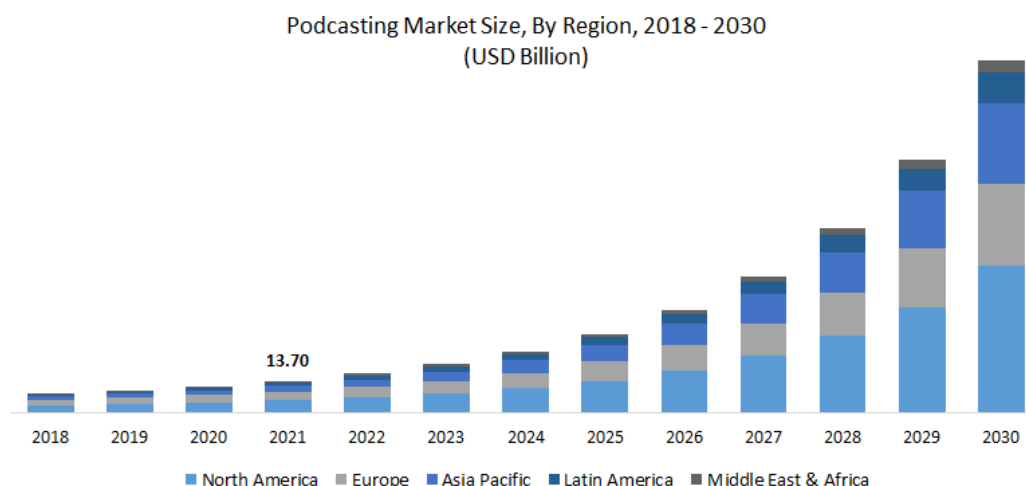


Figura 19: Tendência de crescimento do mercado de podcast

Como já observamos, os serviços de *streaming* de música tem uma vantagem competitiva importante ao poderem prescindir da atenção total do usuário para a monetização. Em função desse modelo de negócio, foi vantajoso para o Spotify, como líder e pioneiro do segmento, enquadrar a prática de audição musical como um recurso funcional, encampando práticas pregressas dos usuários como a criação de *playlists* com objetivos práticos. Com a desarticulação do álbum operada na era do mp3, os serviços de *streaming* se apresentaram como uma alternativa superior em diversos campos, inclusive, mais recentemente, com a incorporação de recursos de complementaridade expressiva, como a incorporação de letras em tempo real, informações conexas sobre o fonograma e créditos das canções (figura 20).

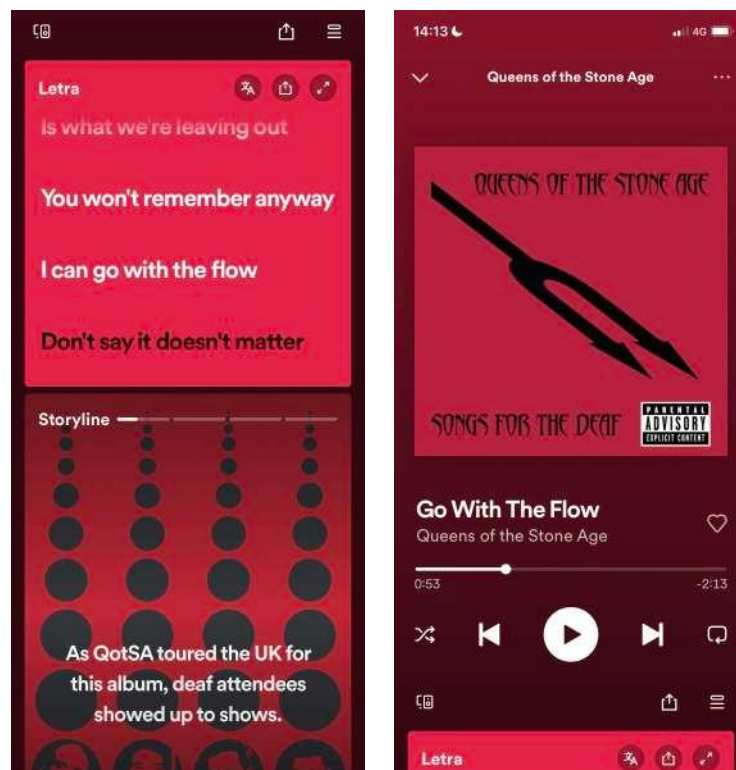


Figura 20: Complementaridade expressiva no Spotify

Em 8 de março de 2023, no evento *Spotify Stream On*, a plataforma apresentou mudanças significativas em sua interface, buscando aproximar a experiência daquela oferecida por outro aplicativo de redes-sociais, o TikTok (figura 21). Tais ferramentas sugerem uma tendência na diversificação da experiência proposta pela plataforma. Segundo os relatos coletados no evento, diversos novos recursos serão incorporados, como os *feeds* de “descoberta” com acionamento via rolagem vertical, um novo modo “Smart Shuffle” para recomendações de playlists, e a possibilidade reprodução automática de *podcasts*.

O objetivo, segundo o Spotify, é fazer sua interface mais “viva e interativa” (PEREZ, 2023, sem paginação). A aposta em personalização continua forte, trazendo para outras localidades a ferramenta de “AI DJ”, antes disponível apenas nos EUA e no Canadá. Usando inteligência artificial generativa, o recurso apresenta as canções e oferece informações adicionais sobre o artista, música ou álbum.

As transformações buscam atender, segundo o Spotify, as solicitações de artistas e usuários com relação a maiores e mais diversificados recursos de descoberta. Tais transformações demonstram uma convergência do formato consagrado pelo TikTok e copiado por diversas outras plataformas, gerando possivelmente enfado a determinada audiência (idem). O picotamento de canções na nova modalidade de descoberta pode incomodar àqueles que têm um interesse acima da média em música. A se confirmar, é mais um indício do distanciamento desse perfil com relação ao público alvo da plataforma.



Figura 21: intenção de aproximar a experiência do Spotify à do TikTok (material de divulgação da plataforma)

Ao buscar oferecer mais iscas para obter engajamento, a plataforma demonstra que pretende se inserir como competidora no mercado da atenção do usuário. Essa estratégia parece ser um movimento comercial interessante, visto que a nova proposta de experiência deve abrir novas oportunidades de receita sem impactar seu modelo de negócio central.

Será preciso acompanhar se as transformações representam apenas a diversificação da experiência ou fazem parte de uma reviravolta mais ampla do serviço em direção a sua conversão efetiva em uma plataforma com características mais próximas das redes sociais.

De todo modo, o jargão das redes permeia os estudos realizados pela IFPI (Federação Internacional da Indústria Fonográfica⁵³). Desde 2022⁵⁴, este órgão publica um relatório dedicado ao mapeamento do consumo de música, servindo como uma interessante contraparte aos gráficos 3 e 16, também elaborados pelo IFPI. Neste estudo (figura 22), realizado em 22 países, com mais de 44 mil participantes, de 16 a 64 anos, 5% dos participantes estão “engajados” com música a partir de redes sociais (Facebook e Instagram). É interessante observar também que este percentual não inclui o TikTok, que está contemplado na categoria “aplicativos de vídeo curtos”⁵⁵.

⁵³ International Federation of the Phonographic Industry.

⁵⁴ Embora o relatório de 2023 tenha sido publicado antes do fechamento desta tese, o do ano anterior oferece dados melhor segmentados, razão pela qual os apresentamos.

⁵⁵ Short form video apps.

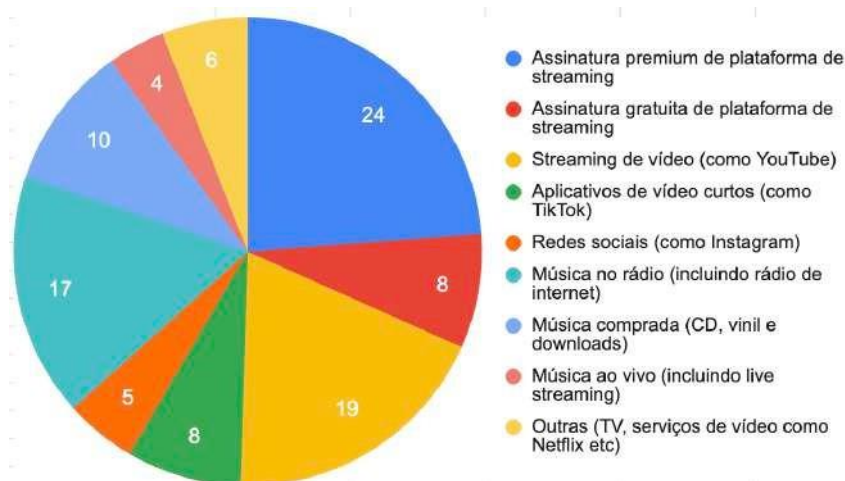


Figura 22: “O mix de engajamento musical” (ENGAGING WITH MUSIC, 2022⁵⁶).

A metade dos participantes (71%, no caso do Brasil) deste estudo afirmaram que usam aplicativos de vídeos curtos, o que parece justificar a referida tendência de incorporação das características do TikTok à experiência nas plataformas.

Com relação à compra de suportes físicos, 12% compraram CDs no último mês e 8% adquiriram vinil. No que diz respeito à mídia analógica, as principais razões mencionadas para sua compra foram: o prazer de ter sua própria música (49%); o gozo de poder olhar para o disco (41%); o ritual de escuta do vinil (36%); a imersão na audição do álbum (28%); a intenção de apoiar seus artistas favoritos (26%); a presença de ficha técnica (26%). Tais argumentos reforçam a potência totêmica do vinil para o fã de música como objeto de culto para obtenção de experiência estética.

Uma análise histórica do percurso da indústria fonográfica mostra que, entre as décadas de 1950 a 2010, apostou-se na sacralização de produto como forma de garantir receita de longo prazo e no consumidor ávido de música, comprador contumaz de discos, como seu público-alvo e principal fonte de renda. Após a crise gerada pelo mp3, o setor se viu menos dependente desse segmento, visto que cada usuário vale rigorosamente a mesma coisa em termos monetários.

A guinada na estratégia da indústria foi pouco a pouco tangibilizada por aqueles indivíduos com interesse acima da média em música, motivando um sentimento de nostalgia, não somente da produção musical pregressa, mas também de sua condição privilegiada de especialista perdida. A busca de uma fonografia concretizada em um artefato de alto valor simbólico voltada para a experiência estética é um dos combustíveis para o fenômeno do retorno do vinil. Abordaremos mais sobre essas questões no próximo capítulo.

⁵⁶ No relatório é informado que, em razão de arredondamento, os gráficos (como este) podem não somar 100%.

4

Experiência estética, identidade e fonografia

4.1

Experiência estética ao longo da história

A expressão “experiência estética” assumiu esta forma com Alexander Baungarten, no século XVIII. Contudo, ainda que a nomenclatura não fosse mesma, a preocupação filosófica com o tema remonta a Pitágoras. Para os filósofos de língua grega, do ateniense Platão ao egípcio Plotino, passando por Aristóteles, nascido em Estagira, na Macedônia, o conceito era compreendido simplesmente como a percepção da beleza (TATARKIEWICZ, 1980, p.312).

Até a Renascença, a investigação dos autores que se dedicaram ao fenômeno podia ser resumida à duas questões básicas: “a quem atribuir as emoções experimentadas e quais são as faculdades e atitudes que elas requerem?” (Idem, p.318). No Iluminismo essas questões seriam substituídas por preocupações concernentes aos aspectos psicológicos que norteiam a percepção da beleza, motivando a elaboração de tratados a respeito do gosto (idem, p.319).

Para Baungarten, que cunhou a expressão, a “experiência estética” era um tipo de cognição, mas apenas e tão somente uma “cognição sensual, por consequência, um tipo inferior de conhecimento, posto que obscuro” (idem, p.322). Kant, por sua vez, ainda que reconhecendo que a experiência estética não tinha base racional, mas subjetiva, afirmava era “algo mais do que a mera experiência do prazer” e reivindicava a universalidade (idem, p.322-323). Para ele, a experiência estética era desinteressada; não-conceitual (não racional); pertinente somente à forma do objeto; baseada não somente na sensação como também na imaginação e no juízo a respeito da experiência; e não há qualquer regra universal que determine *a priori* quais são os objetos capazes de proporcionar experiências estéticas.

Quase contemporâneos, Schopenhauer percebia a experiência estética como derivação das sensações que ocorrem ao homem quando ele assume uma atitude contemplativa, se concentrando na obra e abandonando o raciocínio prático corriqueiro. Essa imersão converte o sujeito em reflexo da obra contemplada, “não há mais em sua consciência uma divisão entre observador e o que é observado; toda a sua consciência é preenchida com uma representação pictórica do mundo” (idem, p.324).

Da segunda metade do século XIX ao final do século XX, desenvolveu-se duas teses principais: a *teoria mais simples*⁵⁷, segundo a qual “[a] experiência estética é uma experiência peculiar, irreduzível a outras, não passível de análise” (TATARKIEWICZ, 1980, p.325) e *teoria hedonística*, cuja formulação estabelece que “a experiência estética nada mais é do que uma sensação de prazer”.

Sobre a teoria hedonística debruça-se o novo campo da psicologia cognitiva, buscando compreender a experiência estética como uma resposta psíquica a um estímulo. Essa tradição gerou três correntes importantes de investigação: o modelo psicobiológico de Daniel Berlyne; a preferência prototípica; e a fluência de processamento (SILVIA, 2014, p.254).

As três correntes de pensamento buscam inferir de forma objetiva os estímulos e efeitos, determinando abordagens e técnicas para a obtenção de dados quantitativos seguros a respeito da dinâmica instaurada por uma experiência estética. O problema dessas concepções é que do ponto de vista do pesquisador pouca diferença faz se o estímulo oferecido ao participante é um pedaço de veludo, uma fotografia do por-do-sol, ou uma sinfonia.

O psicólogo Paul Silvia (2014) advoga que tais teorias não têm condições de dar conta da complexidade de sensações instauradas pelo fenômeno artístico na mente do expectador. Silvia sugere que seu campo deve colaborar — e não rivalizar na disputa pelo objeto de estudo — com a filosofia da arte para avançar com mais efetividade em uma investigação mais profunda sobre a experiência estética. Por seu lado, observa Silvia, a filosofia da arte poderia se beneficiar dos dados quantitativos obtidos pelas pesquisas de seu campo, sugerindo que uma síntese das abordagens seria proveitosa para ambas disciplinas.

O filósofo William P. Seeley (2014) concorda com Silvia que a cooperação entre a filosofia da arte e a psicologia cognitiva beneficiaria ambas as disciplinas, observando suas características distintivas e diferentes abordagens poderiam favorecer seus respectivos campos de estudo:

As teorias filosóficas da arte não são especulativas da maneira identificada por Berlyne (1971), elas não emergem de avaliações introspectivas de gostos, preferências e intuições individuais, mas sim de discussões sobre como um conceito geral de arte amplamente compartilhado emerge na prática comum dos comportamentos perceptivos, afetivos e cognitivos envolvidos em nosso envolvimento com as obras de arte. Da mesma forma, as medidas estéticas empregadas na estética empírica não estão divorciadas dos tipos de variáveis cognitivas importantes para as posições contextualistas dentro da filosofia da arte. Assim, deixando de lado as aparências e as diferenças doutrinárias, as metodologias podem ser complementares, afinal.

Como diz Antonia Peacock (2023) em artigo publicado como verbete da expressão “experiência estética” da *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, são

⁵⁷ The simplest theory, no original.

tantas as abordagens e intenções que é difícil conciliar um conceito que atenda as mais diversas teorias. Para os propósitos concernentes à nossa tese, delimitamos que estamos tratando aqui da experiência, ou fruição, proporcionada pela exposição do usuário de plataformas de *streaming* proporcionada por obras de arte musical-fonográficas.

4.2 Experiência estética e fonografia

Aristóteles afirma que a acuidade de sentidos não é uma condição necessária para a apreensão da beleza. Ainda que ele estivesse se referindo à exclusividade da potência humana para o acesso à experiência estética, podemos extrapolar essa observação e tomá-la como referência no exame do exercício da função estética ao longo das eras da fonografia. Um exemplo ilustrativo é uma evidência de experiência estética que remonta aos tempos da gravação mecânica, quando havia restrições técnicas importantes no registro de frequências, além de outras limitações com relação à velocidade de reação do gravador. Em relato publicado no ano de 1926, o músico britânico Ernest Fowles (FOWLES apud MORGAN, 2016) comenta sua experiência de audição fonográfica:

(...) pela primeira vez, fiquei alheio à presença de um gramofone e consciente apenas da música que ele reproduzia. Na verdade, não passou muito tempo antes que eu sucumbisse à magia e me entregasse totalmente ao deleite da ocasião (FOWLES apud MORGAN, 2016, p.154, tradução nossa⁵⁸).

Outro exemplo anedótico da pertinência da observação aristotélica é uma ação de marketing promovida pela Edison Phonograph datada de 10 anos antes do trecho citado. Fiando-se na reputação de Edison como inventor, a empresa elaborou um teste denominado “Edison Realism Test” (KATZ, 2010) com estritos procedimentos metodológicos para provar sua tese (figura 22).

O interessante na metodologia proposta é que ela era infalível. Se o teste não atingisse o resultado esperado, qual seja, a obtenção da mesma reação emocional do ouvinte ao ouvir a peça fonográfica em comparação àquela registrada na sua memória de um concerto ao vivo, a solução era repetir o experimento novamente, com mais afincamento e compenetração.

Nas décadas subsequentes, o advento do microfone, nos anos 1920, e da gravação eletromagnética, nos anos 1930, permitiram registrar, até onde os instrumentos disponíveis podem mensurar, toda a gama de frequência audíveis

⁵⁸ (...) for the first time, I became oblivious to the presence of a gramophone and conscious only of the music it was reproducing. Indeed, not many moments had passed before I had succumbed to the magic, and surrendered myself wholly to the delight of the occasion.

ao ouvido humano. O surgimento da mídia vinílica na década de 1940 tangibilizou ainda melhor a “fidelidade” para os ouvintes.

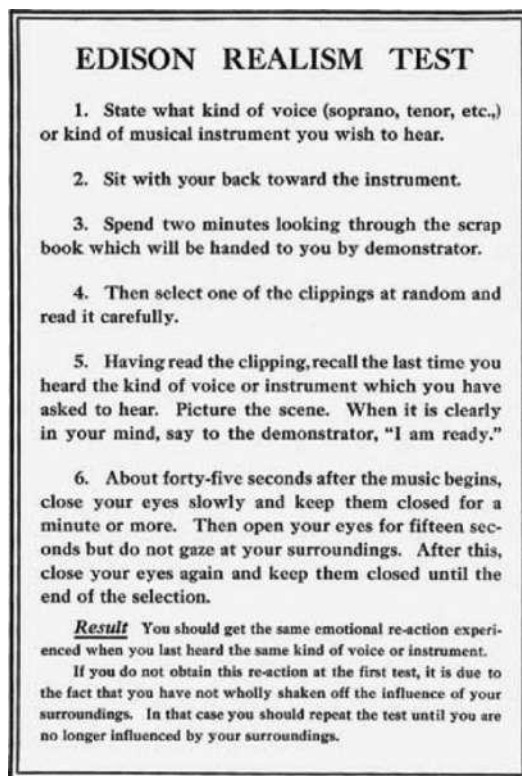


Figura 23: “Edison Realism Test”, procedimentos metodológicos (insheepsclothinghifi.com/edison-realism-test/)

Grafamos o termo entre aspas no parágrafo anterior em função das objeções com relação ao seu uso no contexto da fonografia. Segundo o músico Fernando Iazzetta, fidelidade sugere uma equivalência entre o fenômeno físico e o resultado armazenado e reproduzido por instrumentos. Tal premissa é inadequada, quando muito se pode falar em uma representação sonora.

Para Antoine Hennion a experiência humana é uma cadeia infinita de mediações (GUERRA et al, 2019, p.39). Hennion elabora uma teoria do gosto que se contrapõe a Bourdieu: “porque ele parecia dizer que quanto mais tu gostas de algo, mais te deixas enganar, ser iludido” (HENNION apud GUERRA et al, 2019, p.43). O centro da experiência estética está no que chama de *amador*, aquele que ama a música, o praticante eventual de um instrumento musical, o *fã*. “Isso é feito não para estudar os sujeitos em vez dos objetos ou para opor os determinismos sociais às injunções estéticas, mas para partir daquele que faz algo da música” (HENNION, 2019, p.260).

Para Bourdieu, por sua vez, a expressão do gosto é uma derivação da dinâmica de classes sociais. Os integrantes das castas mais abastadas fazem uma performance de seu gosto e erudição como um processo de *tem* o objetivo de estabelecer uma distinção com relação às camadas inferiores da sociedade.

Por sua vez, um indivíduo pertencente dessa classe tende a copiar o gosto da superior como mímese. No entanto, essa operação representa “uma ameaça para as classes cuja cultura é imitada à medida que ela lhes faz perder sua exclusividade e coloca em perigo sua posição dominante” (MOREIRA, 2021, p.117). Ao centrar sua elaboração a respeito do gosto na figura do amador, Hennion busca uma visão empática, etnográfica, das práticas do fã de música.

De forma análoga a Mark Katz com seu efeito fonográfico, Hennion desenvolve a ideia de “discomorfose” da música. Para Hennion, a experiência de audição musical é sentida a partir do efeito provocado pelo disco. Essa mediação transforma a maneira pela qual absorvemos a música. Nossas recordações são de obras gravadas, concertos são momentos exceção (HENNION, 2001, p.5). Os discos são centro da experiência estética:

Os discos tornaram-se a pedra de toque de uma experiência estética completamente sem precedentes, a fruição personalizada de um “programa” em contínua expansão, quinze séculos de música de todo o mundo que os amantes da música têm agora diretamente na ponta dos dedos (HENNION, 2001, p.15, tradução nossa⁵⁹).

Se Hennion se impressiona com a extensão do acervo fonográfico proporcionado pelo “disco”, o que pensaria do acesso proporcionado pelas plataformas de *streaming* e sua experiência em fluxo sem atenção dedicada? Difícil projetar, mas logo antes da frase destacada acima, Hennion discorre a respeito da relação do ouvinte com sua biblioteca pessoal e ritualização da escuta:

Há duas experiências simétricas envolvidas na escolha dos discos, que decorrem da natureza ambivalente da paixão, a de caçar o disco certo e a de desfrutá-lo em privado: pequenas listas obsessivas, diários e resenhas marcadas, modus operandi ritual e métodos de folhear as estantes, permitem ouvi-la em outro horário e em outro lugar, se quiser (idem).

A construção do álbum como artefato de alto valor simbólico é um empreendimento que tem raízes econômicas, como observamos no primeiro capítulo. No entanto, se as raízes são econômicas, quem preparou o terreno foram os artistas pioneiros na apropriação do novo formato, criando compilações orgânicas e se aproveitando das novas ferramentas a seu dispor, desenvolvendo uma nova linguagem. Como diz o filósofo estadunidense Arnold Berleant “[a] gravação mudou tanto os requisitos da performance que a música gravada se tornou uma arte diferente da música ao vivo” (BERLEANT, 1991, p. 35). A indústria contribui ao observar que capas artísticas favorecem a narrativa, gerando uma sinergia entre a arte visual e a arte fonográfica.

⁵⁹ Discs have become the touchstones of a completely unprecedented aesthetic experience, the personalized enjoyment of a continually expanding 'program', fifteen centuries of music from all over the world that music lovers have now directly at their fingertips.

A capa de disco atua como complementaridade expressiva, suporte midiático disponível ao ouvinte que serve não só como acompanhamento para a escuta, mas também torna-se parte indissociável daquela obra. Afinal, ao contrário de capas de livros, que podem mudar de acordo com a editora ou a edição, a manifestação visual do álbum é una. Muito embora sejam fisicamente apartados, a capa e o disco são componentes inseparáveis. É impensável o descarte da capa ao se comprar um álbum de vinil, funcionaria como uma mutilação da obra.

Walter Benjamin (2012), filósofo alemão que suicidou em 1940, afirmou que da obra de arte emana uma “aura”, que é uma derivação de sua unicidade, autenticidade e tradição. O autor debruçava-se sobre a questão da reprodutibilidade, visto que, à época, o maquinário gráfico viabilizou a reprodução em série de peças das artes plásticas, mas essas cópias não carregavam consigo a aura do original.

Embora Benjamin tenha se debruçado longamente a respeito do cinema e da fotografia, também adventos da era industrial, absolutamente nada mencionou a respeito do disco em seu trabalho mais célebre, *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. Podemos somente especular sobre as razões da ausência. Seria porque o disco, em sua época, pouco podia oferecer em termos de distintivos, constituindo-se em mera mímese, para usar um termo platônico? Talvez, se tivesse vivido para presenciar a gênese do conceito de álbum, Benjamin, como já o fizera com determinados trabalhos fotográficos, concedesse também uma aura ao disco.

Pode-se sugerir um paralelo interessante entre a capa de disco e o estojo que abrigava as primeiras peças fotográficas, objeto de interesse de Benjamin em *Pequena história da fotografia*, publicação na qual surge pela primeira vez o termo aura. O autor chama a atenção para a contribuição do invólucro no que diz respeito à percepção da obra: “eram peças únicas, não raro guardadas em estojos, como joias” (BENJAMIN apud PALHARES, 2006, p.29). A este respeito, a filósofa Taísa Palhares, autora do livro *Aura — a crise da arte em Walter Benjamin* no qual ela examina a obra do autor alemão, acrescenta:

Tanto esse vapor misterioso⁶⁰ quanto o estojo protetor que guardava e conservava as primeiras fotografias lembram a figuração da aura apresentada nos protocolos sobre as experiências com haxixe. Ali Benjamin já se referia à aura com um invólucro que envolvia as coisas fazendo a função de estojo (PALHARES, 2006, p.30).

Como observa Palhares, ao longo do tempo, Benjamin apresentará grande ambiguidade com relação ao conceito de aura que ele próprio sugeriu.

⁶⁰ Efeito estético em torno dos rostos dos indivíduos das imagens registradas com daguerreótipos.

Ora celebra o rompimento com a tradição e a popularização decorrente da destruição da unicidade da obra de arte promovida pelos recursos de reprodução que assistiu eclodirem no decurso de sua trajetória, ora acompanha Theodor Adorno em sua desconfiança com relação à cultura de massa (PALHARES, 2006, p.78).

O último texto de Benjamin examinado por Palhares, *Alguns Temas sobre Baudelaire*, trabalho posterior a *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, revela a transitoriedade das reflexões de Benjamin no que diz respeito ao estatuto da aura:

A obra-de-arte aurática deixa de ser reduzida a uma unicidade e autenticidade puramente material e passa a se consolidar como o receptáculo de uma experiência autêntica, igualmente capaz de ocasionar uma experiência singular (PALHARES, 2006, p.100).

Bartmanski e Woodward advogam pela existência da aura especificamente no *long play* de vinil:

Absolutamente em contraste com o formato digital onde os arquivos de música podem ser infinitamente clonados, cada vinil se baseia em sua relativa raridade como prensagem e sua capacidade material de ter história, e ser 'possuído', possuído, tocado e cuidado. Em certo sentido, ser uma "cópia" não o priva de um senso de singularidade (BARTMANSKI e WOODWARD, 2013, p.11, tradução nossa⁶¹).

Nos parece que os autores lograriam mais êxito em defender seus argumentos caso se abstivessem de tentar justificar a unicidade do vinil pela sua relativa raridade e degradação reprodutiva. Tal alegação é frágil. Se assim fosse, haveria uma hierarquia aurática norteadas pelos ciclos de prensagem, em que a matriz seria de fato a origem de toda emanção. Ao contrário, a abordagem deveria se dar na mão inversa: na absoluta impossibilidade de se estabelecer a unicidade do produto fonográfico. O álbum só se constitui quando está na praça, disponível para a avaliação da crítica e a aquisição do público. Sua aura não tem gradações.

Ontologicamente, a obra de arte fonográfica só é a partir do seu lançamento. É uma condição de sua existência. Ela não tem unicidade posto que não é na sua materialidade quantificável que se pode apreciá-la. De modo paradoxal, embora sua natividade seja inaugurada a partir do momento em que se torna tangível, sua aura emanará do projeto, do conceito primordial que irá vincular a música encarnada na mídia à visualidade que virá a guarnece-la. Assim, a aura não pode estar na "cópia" do disco ou em sua matriz original, mas sim na ideia

⁶¹ Absolutely in contrast to the digital format where music files can be endlessly cloned, each vinyl rests on its relative rarity as a pressing and its material capacity to have history, and to be 'possessed', owned, touched, and cared for. In a sense, its being a 'copy' does not deprive it of a sense of uniqueness.

que norteou sua condição de artefato industrial. Se resta dúvida, trata-se de um processo que apresenta afinidade com o idealismo platônico. É essa a aura que faz o sujeito se perder, à moda de Schopenhauer, na fruição da obra. No entanto, na manipulação do disco, não é sua aura que tocamos, mas através do toque no artefato podemos senti-la e à toda a teia de referências que ela dispara.

Se nossa argumentação tem fundamento, a aura do produto fonográfico não está vinculada ao disco de vinil. E porque deveria? Se assim fosse, a mídia derivada do petróleo gozaria de propriedades mágicas — ou místicas, para nos alinhar melhor ao vocabulário de Benjamin. Contudo, o surgimento do CD tem duas particularidades que afetam diretamente a experiência estética. Por um lado, a redução da área da embalagem abrandou o impacto da arte gráfica, prejudicando a complementaridade expressiva. Por outro lado, a “era de ouro do disco” está diretamente associada ao vinil. A expressão é extraída do artigo de Lorenzo Mammì (2014). Segundo o autor, houve uma época em que as pessoas tinham um vínculo mais expressivo com os discos:

As gerações que cresceram nas décadas de 50, 60 e 70 (a época de ouro dos LPs) basearam suas escolhas existenciais nos discos. Não apreciavam jazz, pop, folk ou rock: eram jazz, pop, folk ou rock. As estrelas da música popular tinham autoridade de poetas, carisma de líderes revolucionários e charme de atores de Hollywood (MAMMÌ, 2014, sem paginação).

O vínculo das pessoas com os discos, não é difícil inferir, é subjacente à sua relação com a música. Essas décadas foram prolíficas de processos sociais nos quais a música desempenhou um papel de vanguarda, não somente canalizando as energias populares como também, por vezes, liderando ou catalisando o discurso de movimentos. Podemos citar como exemplo, no Brasil, o álbum *Tropicália* (figura 24), símbolo do empreendimento artístico de mesmo nome, e, na Inglaterra, *Nevermind The Bollocks Here is The Sex Pistols*, marco fundamental do punk.

Bartmanski e Woodward, contribuem para nossa argumentação introduzindo o conceito de iconicidade, associando-o ao potencial performático das sociabilidades:

(...) o disco de vinil é um exemplo perfeito de como um produto mecanicamente reproduzível pode se tornar um significante icônico repleto de referências. Mostra que a aura de autenticidade não é redutível a qualquer noção de originalidade ou singularidade, mas constitui-se relacionalmente em performances (BARTMANSKI e WOODWARD, 2013, p.22-23, tradução nossa⁶²).

⁶² the vinyl record is a perfect example of how a mechanically reproducible product can become an iconic signifier full of references. It shows that aura of authenticity is not reducible to any one notion of originality or uniqueness but is instead constituted relationally in contingent social performances.

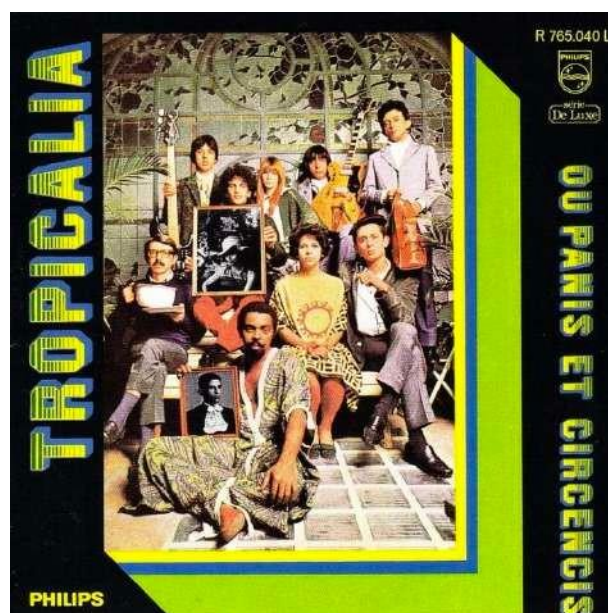


Figura 24: Álbum Tropicália ou Panis et Circensis, álbum de vanguarda alinhado a processos sociais contingentes

O jornalista David Sax, autor do livro *The revenge of analog things*⁶³ acrescenta um relato pessoal ilustrativo sobre experiência estética no contato com o disco de vinil:

O ato de colocar um disco pra tocar parecia mais envolvente, e, em última análise, mais gratificante que ouvir a mesma música vindo de um disco rígido: a manipulação das lombadas dos álbuns, o exame cuidadoso da arte da capa, o diligente processo de pousar a agulha no disco, e aquele segundo de pausa entre o atrito com a superfície do vinil e as primeiras ondas sonoras vindo dos falantes. Tudo isso envolvia mais de nossos sentidos, solicitando o uso de nossas mãos, pés, olhos, ouvidos, e até mesmo nossa boca no momento de soprar a poeira do disco. Havia uma riqueza na experiência do disco de vinil que transcendia qualquer medida quantificável. Era mais gratificante precisamente por ser menos eficiente (SAX, 2016, sem paginação, tradução nossa⁶⁴).

Neste trecho, a comparação que Sax estabelece é com a experiência derivada do mp3. A crise impelida pelo compartilhamento em massa de arquivos digitais de música por um lado democratizou o acesso aos fonogramas, mas por outro destruiu o artefato fonográfico. Esse dismantelamento de certa forma revelou a fragilidade da produção cultural de música liderada pela indústria fono-

⁶³ Publicado no Brasil com título “A vingança dos analógicos”.

⁶⁴ the act of playing a record seemed more involved, and ultimately more rewarding, than listening to the same music off a hard drive: the physical browsing of album spines on the shelf, the careful examination of the art on the sleeve, the diligent needle drop, and that one-second pause between its contact with the record's vinyl surface and the first scratchy waves of sound emerging from the speakers. It all involved more of our physical senses, requiring the use of our hands, feet, eyes, ears, and even mouth, as we blew dust from the record's surface. There was a richness to the vinyl record experience that transcended any quantifiable measurement. It was more fun precisely because it was less efficient.

gráfica, visto que há muitas décadas seu faturamento se mantinha graças à receita derivada da compra de catálogo — aquelas obras que gozavam de alto valor cultural.

A desarticulação promovida pelo mp3 permitiu às plataformas de *streaming* promover uma refundação da indústria fonográfica. A transformação conceitual mais importante se deu, como reiteramos nos capítulos anteriores, na mudança do público alvo. Essa mudança permitiu à indústria abrir mão de estratégias de consagração dos artistas e suas obras, muito embora diversifique seu *pool* de produtos oferecendo também os álbuns de catálogo com alto valor simbólico e alguns lançamentos mais recentes em vinil.

Ao prescindir do público com interesse acima da média em música, a indústria distribuiu horizontalmente seu faturamento e adequou-se aos processos sociais contemporâneos em que a música não cumpre mais — ao menos na escala em que atuou em décadas pregressas — o papel de vanguarda que um dia cumpriu.

No entanto, importante esclarecer, ainda que a experiência estética seja impulsionada pelo valor icônico e pela aura do álbum, seria uma temeridade defender que não existe fruição na era do mp3 ou na era do *streaming*. Como vimos, com muito menos recursos, Fowles descreveu seu deleite com uma noite ao lado do gramofone. O que ocorre é que nos últimos vinte e cinco anos, os sistemas de reprodução fonográfica favoreceram menos essa função.

É verdade, porém, que, como expusemos no capítulo passado, há alguns experimentos buscando oferecer um pouco mais ao público aficionado. A disponibilização da ficha técnica (ainda que incipiente) e a exposição da letra, além da sugestão de conteúdos conexos em formato similar aos *stories* do Instagram, são algumas das investidas nesse campo.

Mesmo que as plataformas pretendam fornecer mais suporte à experiência estética, o contexto no qual estão inseridas não contribui para que a função seja mais e melhor exercida. Com a convergência das mídias para o meio digital, em especial para o *smartphone*, este dispositivo está em constante solicitação da atenção do usuário, interrompendo e quebrando o fluxo da fruição fonográfica. A interrupção compromete o próprio curso de processamento da audição, impondo obstáculos à escuta musical. Neste ponto é interessante estabelecer distinção entre os termos “audição” e “escuta” que encontra embasamento objetivo na absorção fisiológica do fenômeno sonoro:

Os processos de escuta estão ligados a dois níveis de variáveis que impõe uma dinâmica ao resultado final desses processos, ou seja, ao aspecto cognitivo da escuta. O primeiro nível está mais ligado ao funcionamento do aparelho auditivo e aos estágios mais primários de processamento pelo cérebro. Nesse nível, o material sonoro bruto captado é filtrado, analisado e selecionado. Estão

em jogo aí mecanismos fisiológicos situados no ouvido interno, mas também um processamento primário realizado pelo cérebro. Um segundo nível é responsável pela interpretação do estímulo sonoro e envolve aspectos cognitivos mais complexos. É nesse nível que podemos construir uma rede de conexões de significados. [...] No primeiro nível estamos mais próximos dos mecanismos perceptivos, da ação dos sentidos, da captação e codificação de informação e, portanto, mais próximos da audição. O segundo nível dá lugar aos processos de elaboração cognitiva, em que entram em jogo a consciência, a memória e a experiência, aproximando-se mais da escuta. Um está mais próximo do fato sonoro, enquanto fenômeno bruto. O outro cria uma aproximação com o fato musical, possibilitando uma cadeia complexa de associações (IAZZETTA, 2012, p.103-104).

Em artigo publicado em março de 2020, Randall Roberts, colunista do jornal californiano LA Times, exortava os leitores a reservarem uma fração de seu tempo à audição de três álbuns musicais. No texto, Roberts recomenda o exercício de uma “escuta profunda” — *Deep Listening* —, expressão cunhada pela compositora Pauline Oliveros que o editor aproveitou no título da matéria: *A arte perdida da escuta profunda: Selecione um álbum. Esqueça o telefone. Feche os olhos*⁶⁵.

O argumento de Roberts sugere que perdemos a capacidade — ou o interesse — de escutar da forma como Oliveros entende: “ouvir diz respeito aos meios físicos que permitem a percepção. Escutar é dar atenção ao que se percebe acústica e psicologicamente” (LA TIMES, 2020).

Como se vê, uma das premissas do artigo, expressa em seu título, é esquecer do telefone. Na era da economia da atenção, o articulista percebe ser esta uma pré-condição para que o experimento sugerido no texto possa ser um sucesso. Contudo, supondo que o ouvinte não disponha de outros recursos, não há outra alternativa a não ser recorrer a ele. Além disso, como vimos, a complementaridade expressiva é um item importante da fruição fonográfica, ainda que o suporte a ela seja mínimo e reduzido nesse tipo de dispositivo. Trata-se, portanto, de um dilema: sem o *smartphone*, como escutar música?; com o *smartphone*, como se concentrar?

Outro aspecto a se considerar que extrapola a agência das plataformas, é a mudança na própria cadeia da indústria da música. No século passado, as gravadoras concentravam toda a produção fonográfica, trabalhando em sinergia com a indústria cultural para coordenar lançamentos e notícias de seus contratados. A partir do surgimento das DAW — *Digital Work Station* —, cujo marco inicial é o lançamento do Pro Tools no início da década de 1990, gravar um disco em casa e lançá-lo por conta própria, com poucos intermediários, torna-se viável.

Não há dúvida que, do ponto de vista democrático, trata-se de um avanço e tanto. Por outro lado, isso proporcionou a descentralização dos canais

⁶⁵ The lost art of deep listening: Choose an album. Lose the phone. Close your eyes.

comunicacionais dedicados à música, tornando cada vez mais difícil compreender o estado da arte do campo nos diversos estilos. Como a iconicidade é uma questão subjacente aos processos sócio-culturais, a própria conjuntura concorre para drenar o valor simbólico dos fonogramas.

Assim, o mercado de discos de vinil — que ano após ano supera as vendas anteriores — é, de certa forma, uma arqueologia de uma era em que a música tinha uma validação sócio-cultural extraordinária. Por sinal, em 2022, pela primeira vez desde 1987, as vendas mundiais de discos de vinil superaram as de CD (ROLLING STONE, 2023, sem paginação).

4.3

Identidade e fonografia

Como vimos na seção anterior, Bartmanski e Woodward encontram no conceito de iconicidade uma ferramenta para compreender o estatuto do disco de vinil. O percurso de desenvolvimento desse conceito nos será útil para esclarecer melhor a relação entre fonografia e identidade a que Mammì se refere:

Uma ampla estrutura conceitual que permite entender o vinil nessa capacidade cultural especial emergiu recentemente da chamada virada icônica (Boehm, 1994, 2001). Encontrou uma expressão sociológica na teoria da iconicidade esboçada por Jeffrey C Alexander em vários artigos (2008a, 2008b, 2010). Segundo Alexander, os objetos dotados do poder simbólico acima enunciado são ícones culturais. O 'icônico' não denota o qualificador estritamente semiótico de que fala Charles Peirce, nem aquele comumente empregado em discursos cotidianos com referência ao epítome de algo. Em vez disso, Alexander aponta para o papel social mais geral e mais profundo dos ícones culturais como condensações simbólicas (Freud) e representações totêmicas (Durkheim) associadas aos processos de formação de identidade e canais não-verbais de produção de significado (BARTMANSKI e WOODWARD, 2013, p.18, tradução nossa⁶⁶).

Se concordarmos com Mammì que houve uma era na qual a identidade do indivíduo se manifestava diretamente pelo seu gosto musical e, por consequência, pelos discos que adquiria, a julgar pelos resultados da pesquisa da consultoria Ypulse sobre a qual discorreremos no capítulo anterior, na era do *streaming*, essa relação parece menos sólida.

⁶⁶ A broad conceptual framework that enables one to understand the vinyl in this special cultural capacity has emerged recently out of the so-called iconic turn (Boehm, 1994, 2001). It found a sociological expression in the theory of iconicity sketched by Jeffrey C Alexander in several articles (2008a, 2008b, 2010). According to Alexander, the objects endowed with the symbolic power adumbrated above are cultural icons. The 'iconic' does not denote the strictly semiotic qualifier Charles Peirce talks about, nor the one commonly employed in everyday discourses with reference to the epitome of something. Rather, Alexander points to the more general and more profound social role of cultural icons as symbolic condensations (Freud) and totemic representations (Durkheim) associated with the processes of identity formation and non-verbal channels of meaning-production.

A pesquisa de Bergman et al indica que esse definhamento tem relação com o processo de plataformização da fonografia. No artigo publicado em 2021, cujos participantes entrevistados eram usuários de plataformas de *streaming* com “forte interesse em música” (para usar a expressão utilizada) seus resultados acompanham Bartmanski e Woodward e Lorenzo Mammì:

As coleções de música podem refletir a identidade musical pessoal e coletiva. Como resultado, o declínio das coleções e a indefinição de suas fronteiras podem comprometer a identidade musical (BERGMAN et al, 2021, p.127, tradução nossa⁶⁷).

Um dos entrevistados de Bergman et al, registrado sob a sigla RC, se ressentia da ausência de sua coleção de discos da adolescência, posto que ela “expressava sua identidade musical”. Com a ausência de acervo pessoal, este participante sente que “sua identidade musical tornou-se ‘mais fluida, menos definida e menos dedicada’” (BERGMAN et al, 2021, p.127).

Como diz Sally Joe Cunningham para determinado segmento, a coleção de discos é “uma questão que define parte do que se é” (2019, p.528). Em artigo que examina uma série de entrevistas a respeito de comportamento musical, é interessante observar o contraste entre perfis de ouvintes de música. Vejamos dois depoimentos que ilustram bem a discrepância:

Sinto que meu caráter é parcialmente julgado pelo conteúdo do meu acervo, pois eu mesmo considero o conteúdo de um acervo pessoal de música ao avaliar que tipo de pessoa ele é. (CUNNINGHAM, 2019, p.528, tradução nossa⁶⁸).

Geralmente me considero uma pessoa ocupada e simplesmente não posso me dar ao trabalho de gerenciar uma coleção. Quando quero ouvir música, só quero ouvir e não quero ter que lidar com a gestão de música (CUNNINGHAM, 2019, p.533, tradução nossa⁶⁹).

Enquanto para o primeiro entrevistado a coleção de música de uma pessoa é um item formativo da sua identidade e um recurso de inferência da personalidade alheia, para o segundo, ela seria um fardo. Logo, para este último o advento dos serviços de *streaming*, que tornou obsoleto colecionar discos para escutar música, visto que todo acervo das grandes gravadoras está disponível em seu catálogo, a conveniência proporcionada pelas plataformas será sentida

⁶⁷ Music collections can reflect personal and collective musical identity. As a result, the decline of collections and blurring of their boundaries may compromise musical identity.

⁶⁸ I feel that my character is partially judged on the contents of my collection, as I myself consider the contents of a person’s music collection when evaluating what type of person they are.

⁶⁹ I generally consider myself a busy person, and simply cannot be bothered managing a collection. When I want to hear music, I just want to hear, and don’t want to have to muck around with managing music.

como um grande benefício. Já para outro, representa a implosão de um importante elemento identitário.

Eric Drott, estudioso do campo cultural ligado à música, observa um aspecto interessante no que diz respeito à construção de identidade quando mediada pelas plataformas de *streaming*. Segundo Drott, o serviço de curadoria associado às recomendações derivadas das práticas de usuário oferecem ao sujeito posições “que eles podem adotar por meio da música, aliviando-os do fardo de terem que fabricar essas subjetividades” (DROTT, 2018, p.335). Este autor salienta ainda que a própria condição fluida e mutável dos sistemas que orientam a exposição de conteúdo exige dos usuários flexibilidade e capacidade de adaptação, “menos como indivíduos tendo identidades coesas, e mais como um conjunto difuso de necessidades, disposições e pulsões flutuantes, cuja única constante é sua inconstância.” (DROTT, 2018, p.330).

Nag observa que a “autoconstrução é um processo social e reflexivo. (...) Essa auto-narrativa se desdobra também pelo uso da música”(NAG, 2017, p.21). Nag observa que essa construção de identidade pode ser rompida pelo uso do *streaming*:

Isso tem implicações para o consumo de música (a) como uma tecnologia do “self”⁷⁰ e (b) como um canal para emitir (consciente ou inconscientemente) sinais do “self” nos desempenhos de papéis da vida cotidiana (NAG, 2017, p.31, tradução nossa⁷¹).

O efeito de plataforma sobre indivíduos com interesse acima da média em música pode gerar um desejo de escassez em um cenário de abundância de opções que mina os processos de construção de identidade. Como diz um participante da pesquisa de Nag: “Perdemos alguma coisa. Não é mais aquela relação íntima com a música e acho que isso é uma pena” (NAG, 2017, p 26). Nag registrou também entre seus entrevistados uma sensação de desvalorização da música: “Não guardo mais música. Está disponível o tempo todo. Talvez a exclusividade seja perdida porque você a tem sempre” (idem). Os achados desta autora sugerem que o acesso instantâneo a milhões de faixas musicais gerou tensão entre “intimidade e distanciamento na relação do usuário com a música” (idem, p.33).

⁷⁰ Segundo Macedo e Vieira (2012), “self” inclui um corpo físico, processos de pensamento e uma experiência consciente de que alguém é único e se diferencia dos outros, o que envolve a representação mental de experiências pessoais”.

⁷¹ This has implications for music consumption (a) as a technology of self and (b) as a channel for emitting (knowingly or unknowingly) signals of the self in the role performances of everyday life.

Por sua vez, os comunicólogos Moschetta e Vieira observam que o investimento pessoal em consumo de música está relacionado acúmulo de capital cultural, recurso que proporciona distinção social e *status* (2018):

A era digital da música é caracterizada pelo êxtase no consumo, ao mesmo tempo em que há uma nostalgia com relação às antigas experiências. Como forma de distinção cultural (BOURDIEU, 2006) e por oposição ao consumo digital, assiste-se a um fenômeno de reemergência do vinil (SARPONG et al., 2015).

Uma forma contemporânea de obter distinção social através do consumo musical sem recorrer ao ressurgente mercado de discos de vinil é a confecção de *playlists* nas plataformas de *streaming*. Essa prática permite ao usuário construir uma reputação de especialista, sendo “um importante meio de expressão ao refletir gostos, hábitos e preferências pessoais” (MOSCHETTA e VIEIRA, 2018, p.283).

Como vimos no decorrer desta seção, até o século passado, os processos de construção de identidade estavam vinculados ao consumo de discos. Esses artefatos são ícones culturais de alto valor simbólico que serviram de referência para a definição de posições não somente do ponto de vista individual, como também sócio-cultural. A entrada em cena dos serviços de *streaming* promoveu transformações na organização da fonografia que repercutiram diretamente no aspecto identitário. Por um lado, tornou obsoleto colecionar fonogramas; por outro, como já exposto anteriormente, descentralizou a produção musical, diminuindo a validação social das obras.

Uma das razões para o fenômeno da prevalência do vinil é a utilização do disco como um repositório de identidade pessoal, como observaram Lefsetz e Moschetta e Vieira. Em artigo publicado na BBB NEWS em 2016 evidencia essa prática ao registrar que quase a metade dos compradores de vinil que participaram da pesquisa não usam o vinil para ouvir música (figura 25). O recurso nativo das plataformas de *streaming* para construção de prestígio neste campo é o desenvolvimento de *playlists* pessoais. Tornadas públicas, o que é fundamental para a acumulação de *status* e capital cultural, essas listas se convertem em receita para as plataformas.

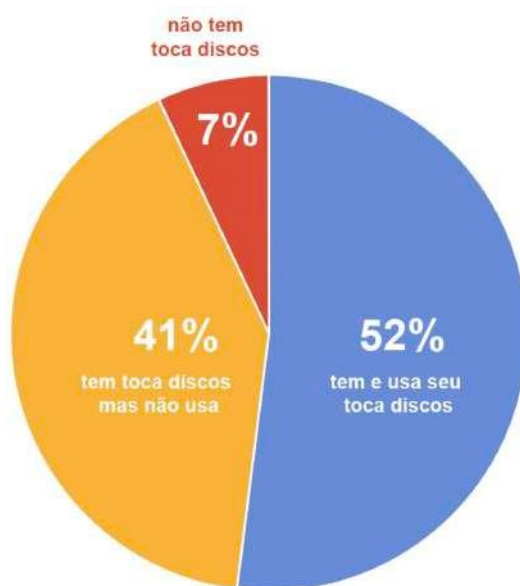


Figura 25: Compradores de vinil (BBC NEWS, 2016)

5

Procedimentos metodológicos da pesquisa de campo

Nossa revisão de bibliografia dá lastro à percepção, muitas vezes difundida, de que a fonografia da era do *streaming* não privilegia o indivíduo com interesse acima da média em música. Esta realidade tem uma razão econômica de fundo, qual seja, a dispersão da renda das plataformas. Como vimos, ao contrário da era do álbum, quando a lucratividade apresentava uma concentração em determinado perfil de consumidor, na era do *streaming*, cada usuário vale essencialmente a mesma coisa. Assim, a estratégia de investir no valor simbólico do produto fonográfico, que coadunava com os interesses dos círculos de consagração do álbum, perde centralidade, tornando o culto à fonografia um fetiche de um segmento restrito de aficionados em música. Cabe-nos agora investigar como esse público específico se comporta no cenário contemporâneo.

5.1

Processo e recursos de recrutamento

Com este propósito, nos incumbimos de realizar um conjunto de entrevistas com indivíduos que percebem a música como um fator de alta importância em suas vidas. Consideramos que a percepção pessoal interna foi critério suficiente para o recrutamento do sujeito para a entrevista.

O processo de recrutamento deu-se através da submissão de um formulário elaborado na plataforma “Google Forms” (Apêndice I). Ainda que tenhamos reservas quanto à utilização do termo “fã” para descrever a relação do sujeito com música, preferindo, como já introduzimos anteriormente, a expressão “indivíduo com interesse acima da média em música” intitulamos o formulário “Perfil de fã de música” para que o objetivo da pesquisa fosse mais facilmente apreendido pelo potencial recrutado.

No referido formulário introduzia-se primeiramente o termo de consentimento e livre esclarecido. Neste termo, que pode ser conferido na íntegra no Apêndice I, o respondente tinha como garantia de privacidade a utilização de pseudônimos. Para facilitar a remissão mnemônica do pesquisador, optamos por escolher nomes que de alguma forma aludissem ao entrevistado. Assim, tanto quanto possível, se o sobrenome do indivíduo tivesse, por exemplo, origem italiana, buscou-se propor outro que mantivesse as mesmas características.

No formulário, além da autorização para a utilização do conteúdo das entrevistas, era solicitado ao respondente o preenchimento dos campos de

nome, e-mail, celular (opcional), escolaridade, ocupação, data de nascimento e a disponibilidade para a realização da entrevista. Uma vez submetidos, os dados foram armazenados na plataforma, gerando um relatório em formato de planilha.

De posse das informações, entrei em contato com os indivíduos recrutados através da plataforma de mensagens “WhatsApp”. Houve duas ocasiões em que foi necessário contato prévio através de email. Em uma delas, o entrevistado que chamaremos aqui de Renato Toscanio optou por não compartilhar seu número telefônico no formulário. Em outra, a participante cujo codinome é Fabiana Leão errou seu número de telefone.

As duas primeiras entrevistas foram direcionadas a pessoas do círculo pessoal do pesquisador para calibragem do roteiro. A partir daí utilizou-se dois métodos de amostragem voluntária e bola de neve através do compartilhamento do formulário: envio do *link* em grupos de WhatsApp e a indicação direta do entrevistado de outros indivíduos que compartilhavam o mesmo perfil. O formulário acabou também por ser compartilhado na rede social “X”, originando também algumas entrevistas.

Foram realizadas 40 entrevistas entre julho e novembro de 2023. O participante mais jovem entrevistado tinha 18 anos e mais idoso 70. Em sua grande maioria, elas foram realizadas via videoconferência através da plataforma “Zoom”. Nela havia o recurso de gravação tanto do áudio, quanto do vídeo. As exceções foram a entrevista de Marcelo Nakata, em que ele teve dificuldades técnicas para usar a referida plataforma, e duas entrevistas presenciais. Uma foi a de Rachid Malik, realizada em sua loja de discos de vinil em Santa Teresa, e a outra foi a de Rui Pereira e Rui Pereira Jr. Feitas em conjunto, pai e filho moravam no bairro do Maracanã e mantinham um segundo apartamento para armazenamento de seu estoque de discos de vinil.

No caso das presenciais, gravamos o vídeo da entrevista com a câmera do computador *laptop* e o áudio através do celular. O mesmo recurso de captação de áudio foi utilizado na entrevista de Marcelo Nakata, realizada através de videoconferência pelo WhatsApp. Neste último caso, não houve registro em vídeo da entrevista.

5.2

Roteiro da entrevista

Nossa entrevista utilizou uma metodologia semi-estruturada, permitindo que o entrevistador pudesse abordar temas de interesse da pesquisa ainda que eles não estivessem previamente definidos no roteiro. Este foi dividido em quatro segmentos que se destinavam a apreender as seguintes informações dos entre-

vistados: informações demográficas, relação pessoal com música, hábitos de audição musical e experiência estética. A extração dos dados do primeiro segmento não era propriamente realizado na entrevista, mas sim no formulário de recrutamento. A estrutura geral era exposta ao participante nos primeiros momentos da entrevista, observando também a média de tempo que ela tomava (pouco mais de meia hora em média).

O roteiro foi constituído de uma série de perguntas, das quais extraímos tópicos de interesse a serem analisados agrupados sobre os mesmos segmentos aos quais nos referimos. Apresentamos a seguir o roteiro de perguntas e, no decorrer, deste capítulo elaboraremos os tópicos de interesse:

1. Informações demográficas

- 1.1. Aceite do termo de consentimento
- 1.2. Nome
- 1.3. Email
- 1.4. Celular
- 1.5. Escolaridade
- 1.6. Ocupação
- 1.7. Data de nascimento
- 1.8. Agendamento da entrevista

2. Sobre sua relação com música

- 2.1. O que a música representa para você?
- 2.2. Você acha que a música marca a sua identidade pessoal?
- 2.3. Qual sua primeira lembrança de audição musical?
- 2.4. Você consome produtos com temas musicais (camisetas, pôsteres, livros, objetos decorativos etc)?
- 2.5. Pode correlacionar sua história de vida com os suportes musicais e sua vida?
- 2.6. Você tem (ou teve) o hábito de colecionar discos?
- 2.7. Você escuta os seus discos?
- 2.8. Você tem (ou teve) o hábito de baixar músicas para ouvir?
- 2.9. Você é assinante de plataformas de streaming? Qual?
- 2.10. Na internet, como é sua atividade em relação à música? Você costuma interagir em postagem sobre música, segue perfis que têm com esse tema?

3. Sobre hábitos de audição musical

- 3.1. Como você relaciona a sua rotina com sua audição musical

- 3.2. A música te ajuda a desempenhar tarefas?
- 3.3. Você é ouvinte de podcast?
- 3.4. Você costuma a ouvir música de que forma (rádio, disco, acervo digital pessoal ou plataformas de *streaming*)?
- 3.5. E em relação a formatos (álbuns, *playlists*, *singles*, *pocket shows* para plataformas audiovisuais como o YouTube)?
- 3.6. Questão relativa à linguagem fonográfica, o que você pensa sobre isso?
- 3.7. Você confia no algoritmo (inteligência artificial) para selecionar música para você?
- 3.8. Quando você vai ouvir música, você costuma saber o que vai escutar?
- 3.9. Você tem o hábito de criar *playlists*? Você costuma compartilhá-las? Caso positivo, você acha que elas são uma forma de manifestar o seu conhecimento e identidade musical?

4. Sobre protagonismo da audição musical

- 4.1. Você se percebe experimentando esse momento de protagonismo da audição musical?
- 4.2. Quando esse momento especial acontece, qual recurso você está usando (rádio, disco, acervo digital pessoal ou plataformas de *streaming*)?
- 4.3. Esse momento acontece quando você escuta músicas isoladas, *playlists* específicas, álbums, EPs ou outro?
- 4.4. Você percebe uma intenção de construir uma narrativa que procure introduzir uma atmosfera para a fruição da experiência na plataforma?
- 4.5. Para que esse momento especial ocorra, qual a importância do sistema de reprodução (fones, caixas, aparelhos etc)?
- 4.6. Para que essa conexão especial com a música aconteça, isso tem relação com o espaço físico, situação, momento do dia etc?
- 4.7. Esse momento ocorre com frequência?
- 4.8. Hoje isso ocorre mais ou menos do que outros momentos de sua vida?
- 4.9. Quando esse momento acontece, o que você está fazendo? Você se arrepia? Você fica estático, somente ouvindo a música? Ou você costuma cantar junto, dançar, ler a letra, acessar conteúdos específicos sobre o conteúdo que está sendo ouvido? Ou você alguma outra coisa que eu não mencionei?

5.2.1

Informações demográficas do entrevistado

Este bloco, como dissemos anteriormente, teve a finalidade de registrar a aceitação do entrevistado, reunir um mínimo de informações do futuro participante e estabelecer um contato para agendamento de uma videoconferência.

5.2.2

Relação pessoal com música

Este item teve como finalidade traçar um perfil do entrevistado. A partir das perguntas elencadas, relacionamos os seguintes tópicos de interesse:

1. Significado pessoal da música
2. Identidade pessoal e música
3. Identidade e gênero musical
4. Consumo de produtos musicais
5. Coleção de suportes musicais
6. Assinatura de plataformas de streaming de música
7. Consumo, produção e engajamento de conteúdo na internet
8. Histórico da relação pessoal com a tecnologia de reprodução
9. Importância pessoal da qualidade de áudio

É fácil notar que não há uma relação de um para um entre as perguntas e os tópicos de interesse. A segunda pergunta (“você acha que a música marca a sua identidade pessoal?”) gerou dois tópicos de interesse: “identidade pessoal e música” e “identidade e gênero musical”. Isso se justifica porque percebeu-se que há indivíduos cuja subjetividade têm um vínculo mais específico com um determinado estilo. Da mesma forma, já foi documentado que as gerações mais recentes apresentam um maior ecletismo. Assim, optamos por desmembrar a pergunta original em dois tópicos.

Inversamente, a sexta (“você tem (ou teve) o hábito de colecionar discos?”) e a sétima (“você escuta os seus discos?”) perguntas se condensaram em uma só, visto que a sétima era de fato um desdobramento da sexta. Do ponto de vista do roteiro, cuja finalidade é servir de apoio material ao processo de entrevista, era importante lembrar de registrar o comportamento do sujeito com relação ao suporte, razão pela qual ela estava presente na lista.

Da mesma maneira, a oitava pergunta (“você tem (ou teve) o hábito de baixar músicas para ouvir?”) funcionava como um lembrete da pergunta número 5 (“pode correlacionar sua história de vida com os suportes musicais e sua vida?”), visto que consideremos que a vantagem operacional oferecida pelo

streaming é um dos aspectos mais importantes de sua proposta de valor. Como adendo, não haveria sentido de tratar este item como um tópico de interesse, visto que os entrevistados mais jovens não necessariamente tiveram sequer a oportunidade de vivenciar a referida prática em uma fase anterior da indústria.

O nono item, “qualidade de áudio”, provou-se um tópico de interesse fundamental e transversal aos demais segmentos. Optamos por contemplá-lo no item de “Relação pessoal com música” em função de ele ser consistente neste segmento e relativo nos demais. Em outras palavras, a “qualidade de áudio” pode ou não ser uma questão para determinados perfis no que diz respeito aos seus hábitos e à prática de protagonismo da audição, mas necessariamente isto será um aspecto de sua personalidade. Mesmo que aquele entrevistado relegue a qualidade de áudio a plano inferior, sua percepção sobre isso permanecerá sendo uma característica importante da sua relação com a fonografia.

No primeiro tópico, o entrevistado era estimulado a discorrer a respeito do tema com perguntas cujo cunho semântico era “o que a música representa para você” ou “qual a importância da música para sua vida”.

O segundo e terceiro se diferenciam significativamente. Enquanto o segundo trata da percepção do entrevistado com relação à marca identitária da música para sua personalidade, o terceiro diz respeito à vinculação de um estilo musical a ela.

O quarto tópico de certa forma expõe uma forma de expressar a identidade do indivíduo com a música através do consumo de produtos musicais, quais sejam: cartazes, livros, revistas, camisetas, *merchandising* de bandas e outros colecionáveis.

Não raro, o conteúdo que o quinto tópico pretendia extrair era frequentemente confundido com o quarto, especialmente para participantes mais jovens, para os quais o consumo de suportes sempre foi absolutamente dispensável para a audição musical. Ainda que em ambos os casos o participante de fato expresse sua identidade de alguma maneira no consumo e na manifestação pública de seu gosto pessoal por música, o quinto busca apreender se aquele sujeito tem por hábito colecionar e cultivar suportes musicais (fitas cassete, discos de vinil, CDs e até mesmo acervos pessoais de música digital).

Salvo um ou outro caso, o sexto tópico não gerava mais do que uma resposta curta e objetiva, ensejando que ela poderia ter sido incluída previamente no formulário de recrutamento.

O sétimo é mais um item que sugere estratégias pessoais, conscientes ou não, para manifestar a representatividade do indivíduo com música. Inversamente, o oitavo tópico gerava necessariamente relatos longos, via de regra proporcionais à idade do entrevistado. Por óbvio, esses indivíduos tiveram oportuni-

dade de conviver com mais suportes e modelos de negócio da indústria fonográfica. Pedia-se ao participante para correlacionar seu histórico pessoal com a trajetória da tecnologia de reprodução.

O nono tópico rendeu muitos resultados interessantes ao correlacionar a importância da qualidade de áudio a um perfil que se identifica como “fã de música”.

5.2.3

Hábitos de audição musical

Este item do roteiro se destina a investigar tópicos que nos permitem compreender como a música é utilizada na prática por um perfil que se identifica como “fã de música”, o que é vital para fornecer elementos para validar ou não a hipótese desenvolvida em nossa tese. São eles:

1. Rotina de audição
2. Função da música
3. Música vs *podcast*
4. Práticas de audição
5. Experiência de audição
6. Meio de audição
7. Formato de audição
8. Confiança no algoritmo
9. Processo de seleção do repertório
10. Criação de *playlists*

Assim como no segmento anterior, não há uma paridade perfeita entre o roteiro e os tópicos de interesse, tornando-se necessário esclarecer alguns pontos antes de abordá-los diretamente. A pergunta 3.6 do roteiro que trata a respeito da linguagem fonográfica foi contemplada no segmento de hábitos musicais em função da cronologia da entrevista. A este ponto da entrevista, após ser perguntado sobre os meios e formatos de audição, era o momento mais propício para introduzir este tópico de interesse, ainda que seja um assunto relacionado à “prática de audição musical com protagonismo”. Acrescentamos ainda que a realização desta pergunta dependeu da condução da entrevista, houve entrevistados para os quais o conceito de formato fonográfico não foi bem compreendido.

No primeiro tópico deste item, pediu-se ao entrevistado que ele relatasse como o hábito de ouvir música se encaixava no seu dia-dia. No segundo tópico era importante compreender o papel que a música empreende na vida do sujeito. Via de regra, estimulamos o participante a falar sobre isso perguntando se ele considerava que ela o ajudava a desempenhar tarefas. Frequentemente, po-

rém, não havia necessidade de abordar o tópico seguinte, visto que a função representada pela música é diretamente relacionada à sua rotina.

Ao enquadrar o valor do produto ao benefício que ele proporciona, é inevitável compreender de que maneira música e *podcast*, produtos de conteúdo totalmente diverso, competem pela audição do usuário. Buscamos abordar esta questão neste tópico, instando o entrevistado ouvinte de *podcast* a refletir sobre o consumo dessas mídias.

Os primeiros tópicos deste item acabaram por gerar outros tópicos que não previstos no roteiro, mas que se mostraram relevantes subprodutos na entrevista. É o caso do quarto e do quinto, em que os participantes espontaneamente revelaram práticas, estratégias e experiências em seus relatos.

O sexto tópico procura entender quais são os recursos de audição aplicados pelos participantes, tanto com relação aos instrumentos, quanto com relação à oferta de acervo. Ele é ouvinte de plataforma de *streaming*? Escuta de disco de vinil ou CD? Como ele reproduz esses suportes? Gosta de usar fone de ouvido? Faz questão daqueles que se notabilizam por se posicionarem no mercado por serem capazes de entregar áudio de alta fidelidade? É sua prática ouvir música por caixas de som *bluetooth*? Ouve música até pelo celular sem se incomodar? Em suma, este tópico pretende extrair quais são o acesso fonográfico e os sistemas de reprodução fonográfica utilizados.

Como já explicamos anteriormente, formato diz respeito ao conceito de empacotamento fonográfico. O sétimo tópico busca inferir os formatos consumidos pelos usuários. A pergunta formulada, dependendo do andamento da entrevista, frequentemente sugeria exemplos: *single*, álbum, *playlist*, *pocket shows* curtos para plataformas de vídeo etc.

Os dois tópicos seguintes estão diretamente relacionados ao anterior. A confiança do participante no algoritmo interfere especialmente, mas não só, no formato de *playlist*, visto que a inteligência artificial sugere fonogramas associados à prática individual do sujeito. E o formato consumido tem efetivamente um processo de seleção específico que muitas vezes não é revelado pelo entrevistado sem ser estimulado a falar sobre isso. Aqui nos interessava também saber se infinidade de escolhas disponíveis em plataformas de *streaming* produzia algum tipo de obstrução no processo de decisão do repertório a ser ouvido.

O último tópico deste item investiga se o participante tem o hábito de criar *playlists*. Dependendo do tipo de utilização praticado, este tópico está diretamente relacionado à manifestação de identidade, tópico do item anterior.

5.2.4 Protagonismo da audição musical

Este segmento tem como objetivo investigar a prática de audição dedicada do entrevistado⁷².

Os tópicos deste segmento são:

1. Prática de audição dedicada
2. Meio preferido de audição dedicada
3. Formato de audição dedicada
4. Espaço da audição dedicada
5. Frequência da audição dedicada
6. Historização da escuta dedicada
7. Linguagem fonográfica
8. Narrativa da experiência
9. Noção de obra de arte fonográfica
10. Comportamento pessoal no decorrer da audição dedicada

Assim como nos demais segmentos, é importante contextualizar a elaboração dos tópicos de interesse, face os itens do respectivo item no roteiro. Além da questão da linguagem fonográfica, contemplamos um item adicional a respeito da noção de obra de arte fonográfica. Este tópico foi incluído em razão do relato dos próprios entrevistados, não era uma questão a ser abordada diretamente ao participante.

A primeira pergunta (“você se percebe experimentando esse momento de protagonismo da audição musical?”) ao entrevistado apresentava um contexto do tipo de experiência sobre a qual estávamos interessados. Explicávamos que nosso objetivo era falar a respeito do momento no qual a audição musical estava em primeiro plano e não em pano de fundo ou funcionando como um apoio para execução de determinadas tarefas. Após a contextualização perguntávamos se o participante se percebia praticando esse tipo de audição, gerando o conteúdo a ser contemplado no primeiro tópico. Nem sempre obtínhamos resposta positiva neste tópico, praticamente inviabilizando a sequência da entrevista. Mas via de regra, o participante entendia de imediato do que estávamos falando e, nesse caso, os três tópicos seguintes frequentemente vinham juntos. Como já explicamos no segmento anterior o que entendemos por meio de audição e formato não há necessidade de explicitá-los novamente aqui. Com relação ao “espaço” queríamos compreender em que lugar (ou em qualquer lugar) ocor-

⁷² Utilizamos no decorrer de nossa tese utilizamos ambos os termos: audição protagonista e audição dedicada. Para todos os efeitos podem ser considerados sinônimos.

re a audição com protagonismo. A depender da resposta, poderíamos especular se o espaço físico é um catalisador da experiência estética.

O quinto e sexto tópico também estão inter-relacionados. Por vezes o sexto não precisava sequer ser mencionado, visto que o participante que passou por diversas fases da fonografia de imediato já entabulava um comparativo com épocas anteriores. O sexto tópico era apresentado perguntando se o entrevistado achava que a frequência de audição com protagonismo era maior ou menor que na atualidade.

O sétimo tópico, que, como vimos, era extraído de uma pergunta do bloco anterior, diz respeito à questão da narrativa fonográfica⁷³ estar ou não sendo comprometida em um contexto de uma audição sem protagonismo.

O oitavo tópico foi inferido a partir de respostas de participantes, especialmente aqueles mais jovens. Este grupo percebia uma narrativa no processo de lançamentos fonográficos. Notamos que o conceito de experiência integrada exercido pelo álbum-disco, em que a fisicalidade e expressão visual da capa fornecem uma espécie de enquadramento estético para a fruição, podia ter paralelo nas postagens de artistas em redes sociais. A identidade visual, os ensaios fotográficos, o conteúdo das mensagens poderiam estar oferecendo um enquadramento estético análogo ao do álbum utilizando o ferramental comunicação digital contemporânea. Essa pergunta que geraria o conteúdo deste tópico era oferecida dependendo da condução da entrevista. Por óbvio, ela está condicionada a relação daquele participante com o consumo e produção de conteúdo *online* (tópico 7 do primeiro segmento).

O nono item tampouco era item presente em nosso roteiro original, contudo, observou-se que determinados participantes entendiam a fonografia como um tipo específico de obra de arte, ensejando, por sua vez, uma experiência estética em latência. Quando os entrevistados espontaneamente articulavam esse tipo de elaboração, tornou-se relevante observar e assinalar esse tipo de enfoque. Dependendo da transcorrer da entrevista, passamos oferecer a oportunidade do sujeito refletir sobre isso.

O último tópico desse segmento era última pergunta da entrevista e destinava-se a inferir qual o comportamento do participante no decurso da audição com protagonismo. Fica ele sentado ouvindo? Caso trate-se de uma audição via *streaming*, ele fica na própria plataforma enquanto escuta? Pesquisa sobre o repertório na internet no momento da audição? Canta? Dança? Se arrepia? Esse questionamento se destina a entender o efeito da experiência estético-fonográfica para o sujeito.

⁷³ Como vimos anteriormente (BERLEANT, 1991, p.36), do ponto de vista artístico, a fonografia pode ser entendida como uma derivação específica do campo da música.

5.3

Transcrição e alimentação das entrevistas

Utilizamos um recurso da plataforma “Journalist Studio” do Google para transcrever as entrevistas. A ferramenta denomina-se “Pinpoint” e carregamos nela todos os áudios e vídeos para que ela fizesse as transcrições. A ferramenta gera PDFs uma interface para análise da transcrição (figura 26). A transcrição é longe de ser eficaz e obrigou-nos a escutar na íntegra todas as 40 entrevistas, corrigindo os diversos erros apresentados. Optamos por realizar a transcrição fora da plataforma.

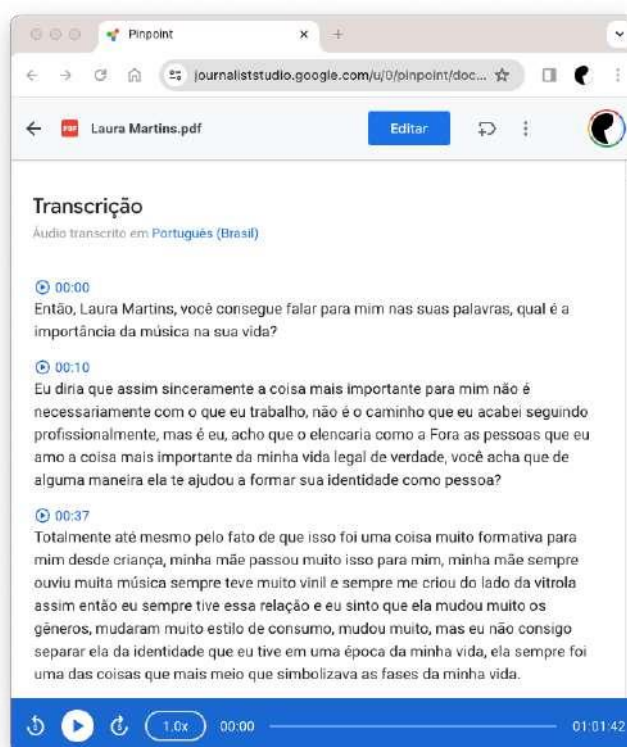


Figura 26: Journalist Studio / Pinpoint

5.4

Plataforma de análise das entrevistas

Assim como no processo de revisão bibliográfica, optamos por criar um *site* para que o processo de análise das entrevistas fosse facilitado. Essa plataforma foi criada com o gerenciador de conteúdo WordPress, o mais popular da *web* há muitos anos. Este gerenciador é baseado na linguagem de programação PHP e no banco de dados MySQL, ambos *open source*⁷⁴.

⁷⁴ Programa de computador disponibilizado gratuitamente que permite a qualquer pessoa acessar, copiar ou alterar seu código.

Como o pesquisador é desenvolvedor *web*, pudemos criar um “tema” de WordPress adequado às necessidades de análise da pesquisa. A tarefa de um tema de WordPress é utilizar o PHP para através de instruções específicas extrair as informações do banco de dados e tratá-las na interface do *site* da maneira que for mais adequada para o projeto.

No decorrer do processo de desenvolvimento, percebemos que a plataforma desenvolvida atenderia não somente às necessidades de nossa pesquisa como também a qualquer pesquisador que precise tratar uma massa muito grande de informação originada por entrevistas. Assim, ao contrário do que foi feito na plataforma de revisão bibliográfica⁷⁵, optamos por comprar um domínio e publicar os resultados na *web* no endereço xpouvinte.com.br (figura 27).

Na figura 25, vê-se a página inicial da plataforma na qual exibe-se na interface o cabeçalho (1), onde se visualiza o título do site. No canto direito é possível realizar uma busca. Na área principal (2) exibimos os entrevistados com seus codinomes. Na barra lateral, temos os itens e os tópicos de análise aqui classificados como categorias. Na parte inferior da barra, contempla-se uma “nuvem de *tags*”⁷⁶. O sistema popula esta seção com os termos mais utilizados. Nos estenderemos mais sobre categorias e *tags* adiante.

⁷⁵ Esta plataforma com mais algum trabalho de desenvolvimento também tem potencial para ser utilizada para as mesmas necessidades.

⁷⁶ Nuvem de etiquetas.

XP OUVINTE

1

pesquisar...

2	Alexandre Limão 1977	Ana Maria Fugazzi 2005	Antonia Schiavio 1984	Bruno Druet 1976	Relação pessoal com música (590) Assinatura de plataforma de streaming (59) Coleção de suportes musicais (135) Consumo de produtos musicais (37) Consumo, engajamento e produção de conteúdo online (57) Identidade e gênero musical (38) Identidade e música (67) Importância da qualidade de áudio (58) Relação com a tecnologia de audição (215) Significado pessoal da música (78)
	Carlos Santiago 1988	Clementina Trevisani 1965	Daniel Chamusca 1994	Darcy Paranhos 1999	Hábitos de audição musical (483) Confiança no algoritmo (71) Criação de playlists (73) Experiência de audição (48) Formato de audição (74) Função da música (75) Meio de audição (109) Podcast vs Música (26) Práticas de audição (30) Processo de seleção do repertório (76) Rotina de audição (64)
	Fabiana Leão 1995	Fernando Menezes 1957	Fiammetta Ricci 1997	Frederico Baal 1953	Protagonismo de audição musical (260) Espaço da audição dedicada (26) Formato de audição dedicada (36) Frequência da audição dedicada (26) Historização da escuta dedicada (9) Linguagem fonográfica (13) Meio preferido de audição dedicada (26) Narrativa da experiência (19) Noção de obra de arte fonográfica (25) Prática de audição dedicada (87) Reação física à audição dedicada (58)
	Giovanna DeLuca 1997	Gustavo Lubiano 2005	Humberto Barbosa 1992	Isabela Prata 1994	Off topic (4) adolescência aleatório algoritmo amizade audição automotiva audição compartilhada audição doméstica bluetooth cantar cd celular clipe coleccionismo computador concentração dançar descoberta disco DJ download experiência família fita cassete fone de ouvido infância k-pop lançamento(s) loja de disco mp3 / mp4 música erudita playlist(s) podcast recomendações automáticas rock rádio show single Spotify streaming toca discos trabalho tv vinil YouTube álbum
	José Luiz Dias 1965	Julia Beauchamp 1979	Laura Martins 1990	Leandro Salgueiro 2005	
	Marcelo Nakata 1975	Marcos Cunha 2000	Natalie Horvat 1973	Nina Maia 1963	
	Patrícia Oliveira 1954	Paula Lubiana 1976	Paulo Haidar 1973	Rachid Malik 1970	
	Rafael Alves 1989	Renato Toscanio 1991	Ricardo Mazzi 1992	Roberto Castro 1963	
	Rui Pereira 1957	Rui Pereira Jr 1990	Sandro Geraldo 1958	Sonia Rodrigues 1965	
	Tiago Azevedo 1988	Vanessa Renata 1997	Vinícius Martins 1968	Willian Cavalcante 1993	

Figura 27: Página inicial da plataforma de entrevistas.

Para alimentar a plataforma de conteúdo, cada declaração pertinente do participante foi classificada em determinadas taxonomias, gerando um total de 1154 *posts*. Cada *post* é uma unidade de publicação classificada em quatro taxonomias: Categorias, Tags e Pessoas⁷⁷. No WordPress, taxonomias são atributos que podem ser associados a publicações. No ecossistema deste gerenciador de conteúdo, cada registro de taxonomia é denominado como “termo”. Assim, ao criamos a Categoria “Relação pessoal com música” ela torna-se um termo desta taxonomia. Em outras palavras, existe uma relação de parentesco entre taxonomias (mãe) e termos (filhos). O título do termo é convertido em um conjunto de caracteres sem espaços e acentos, no que se denomina um *slug*. No exemplo do parágrafo anterior, o *slug* criado é “relacao-pessoal-com-musica”. O *slug* é a partícula da URL⁷⁸ que vai permitir agregar todos os *posts* que compartilham aquele termo. Na formação da URL o *slug* do termo será precedido pelo *slug* da sua taxonomia. No caso que estamos exemplificando, como se trata da taxonomia nativa Categoria, o *slug* taxonômico é “category” e a URL para acessar todos os *posts* que compartilham o termo “relacao-pessoal-com-musica” é “https://xpouvinte.com.br/category/relacao-pessoal-com-musica/significado-pessoal-da-musica/”⁷⁹. Este padrão se replica para todas as taxonomias, nativas ou criadas pelo desenvolvedor.

A taxonomia Categoria, nativa do WordPress, serviu para contemplar os itens e tópicos relatados na seção 5.2 deste capítulo. Os itens foram convertidos em macro-categorias e os tópicos em subcategorias, apresentando a mesma estrutura abordada na referida seção. Como recurso de análise adicional, acrescentamos no painel de edição da categoria um campo de criação de Temas (figura 28). Esses Temas servem para agrupar assuntos relevantes que apresentaram singularidade na análise interna daquela categoria. Os Temas proporcionam a clusterização semântica do tópico de análise e pode ser visualizado na interface da plataforma na página da categoria (figura 29).

Na página da categoria é possível também realizar uma filtragem cruzada com as Tags presentes nos seus *posts*. Além disso, nesta página, são exibidos os *posts* de destaques (mais sobre isso adiante) e os Temas de análise determinados no seu painel administrativo. Ambos os recursos estão alocados em um componente de conteúdo extensível⁸⁰ (figura 30).

⁷⁷ Grafaremos as taxonomias em caixa alta para que fique claro que estamos falando sobre um recurso uma taxonomia do sistema.

⁷⁸ *Uniform Resource Locator* é um endereço de rede, em nosso caso, da *world wide web*.

⁷⁹ Por óbvio, a interface do sistema que criamos fornece todos os links necessários para acessar esses conteúdos, não é necessário digitá-los na barra de endereços do navegador.

⁸⁰ No jargão de UX este tipo de componente chama-se *accordion*.

Figura 28: painel administrativo exibindo o campo de criação de temas em Categorias.

XP OUVINTE ► SIGNIFICADO PESSOAL DA MÚSICA (78)

pesquisar...

Filtrar categoria por tag

Destaques (22)

Temas (13)

03:03 | Significado pessoal da música

100% determinante para formação

Roberto Castro

Em termos de ser determinante na personalidade, caráter e personalidade, totalmente porque você começa a se moldar, você vai ouvindo, se envolvendo e depois vai se direcionando. Tanto que com 12 anos eu comecei a tocar violão e já fui andando por esse caminho, aí com 14 anos eu entrei para uma banda e aí [...] é determinante para sua formação toda, porque já vem direcionado por ali, você tá sempre antenado naquele aspecto, seus ídolos começam a vida da música. Então, 100% determinante para formação, em termos do que eu sou hoje, do que a pessoa se transforma, né?

TAGS: adolescência, formação, ídolo, infância, tocar, violão

ABRIR

ID: 343

Relação pessoal com música (590)

- Assinatura de plataforma de streaming (59)
- Coleção de suportes musicais (135)
- Consumo de produtos musicais (37)
- Consumo, engajamento e produção de conteúdo online (57)
- Identidade e gênero musical (38)
- Identidade e música (67)
- Importância da qualidade de áudio (58)
- Relação com a tecnologia de audição (215)
- Significado pessoal da música (78)**
- Hábitos de audição musical (483)**
- Confiança no algoritmo (71)
- Criação de playlists (73)
- Experiência de audição (48)
- Formato de audição (74)

Figura 29: página da Categoria “Significado pessoal da música”.

A taxonomia Pessoa não é nativa do WordPress e foi criada para atender às necessidades específicas do conceito elaborado para a plataforma de entrevistas. Como dissemos, cada item de uma taxonomia é definido como um termo. No caso da taxonomia Pessoa, o termo é o codinome do entrevistado. Por exemplo, Alexandre Limão é o codinome de um dos entrevistados; consequentemente, Alexandre Limão é um termo da taxonomia Pessoa. Consequen-

temente, aplicando a lógica que explanamos nos parágrafos anteriores, a URL para acessar o conteúdo dos *posts* de Alexandre Limão é <https://xpouvinte.com.br/pessoa/alexandre-limao/> (figura 29).

No painel de edição da “pessoa” registra-se o nome real do indivíduo, sua data de nascimento, sua ocupação, escolaridade e o áudio da entrevista. Esses dados, a exceção do áudio, foram extraídos do formulário de recrutamento. Apesar de disponíveis na *web*, o nome real e o áudio só são exibidos ao próprio pesquisador através da autenticação no painel administrativo com um identificador de usuário e uma senha. Na página de cada Pessoa tem-se acesso ao conjunto de declarações ordenados pelo seu tempo (figura 29).

XP OUVINTE ▶ ALEXANDRE LIMÃO (30)

pesquisar...

Nascimento: 04/03/1977
Profissão: Jornalista
Escolaridade: Graduação

00:20 | Identidade e gênero musical | Identidade e música | Significado pessoal da música

A música é uma forma de mágica

A música é uma paixão, uma coisa que define da sua personalidade, que ajuda a formar quem você vai ser de acordo com aquilo que você ouve, né, uma influência muito forte. E tem um lado da mágica também que é aquilo que eu tinha falado antes, de ser uma coisa que vem pelo ar, que não te toca diretamente, fisicamente, mas pode levar a emoções... uma coisa incrível isso, né? Se você para pra pensar, como é que pode? Como é que explica um negócio desse? O cara aperta um botãozinho, sopra um negocinho, assovia, canta "lá, lá, lá", e às vezes você chora, às vezes você fica feliz, fica alegre, pula... [...] Então, isso é uma viagem, a mágica existe, entendeu? E a música é uma forma de mágica, assim, muito clara, eu acho.

TAGS: imaterialidade, magia

ABRIR ID: 1413

01:00 | Identidade e gênero musical | Identidade e música | Significado pessoal da música

Eu fiquei mais fissurado, então foi muito, muito forte a influência

Como produto cultural, né? Uma parada de tudo que você absorve pra formar sua personalidade. Os filmes, os livros que você lê e a música muito. No meu caso assim, acho mais que foi o que eu tive mais contato de todos, eu acho, né? Porque eu fiquei mais fissurado, então foi muito, muito forte a influência, sim.

TAGS: cinema, literatura, produto cultural

ABRIR ID: 1416

Relação pessoal com música (590)

- Assinatura de plataforma de streaming (59)
- Coleção de suportes musicais (135)
- Consumo de produtos musicais (37)
- Consumo, engajamento e produção de conteúdo online (57)
- Identidade e gênero musical (38)
- Identidade e música (67)
- Importância da qualidade de áudio (58)
- Relação com a tecnologia de audição (215)
- Significado pessoal da música (78)

Hábitos de audição musical (483)

- Confiança no algoritmo (71)
- Criação de playlists (73)
- Experiência de audição (48)
- Formato de audição (74)
- Função da música (75)
- Meio de audição (109)
- Podcast vs Música (26)

Figura 30: página do termo “Alexandre Limão” da taxonomia “Pessoa”.

As taxonomias são atribuídas aos *posts* em seu painel de edição (figura 31). Neste painel é preciso definir quem (taxonomia Pessoa) fez a declaração e o momento no qual ela foi proferida (campo Tempo). Como dissemos, a taxonomia Categoria serve à vinculação a um tópico de análise, porém, há um termo especial (*_destaque*) que proporciona o destaque do *post* na interface. Um recurso que foi disponibilizado, mas não utilizado, foi possibilidade de associar outras declarações àquele *post*. Ainda que este recurso não tenha se mostrado útil

para nossos propósitos de análise, por certo poderá se mostrar interessante a outros empreendimentos acadêmicos.

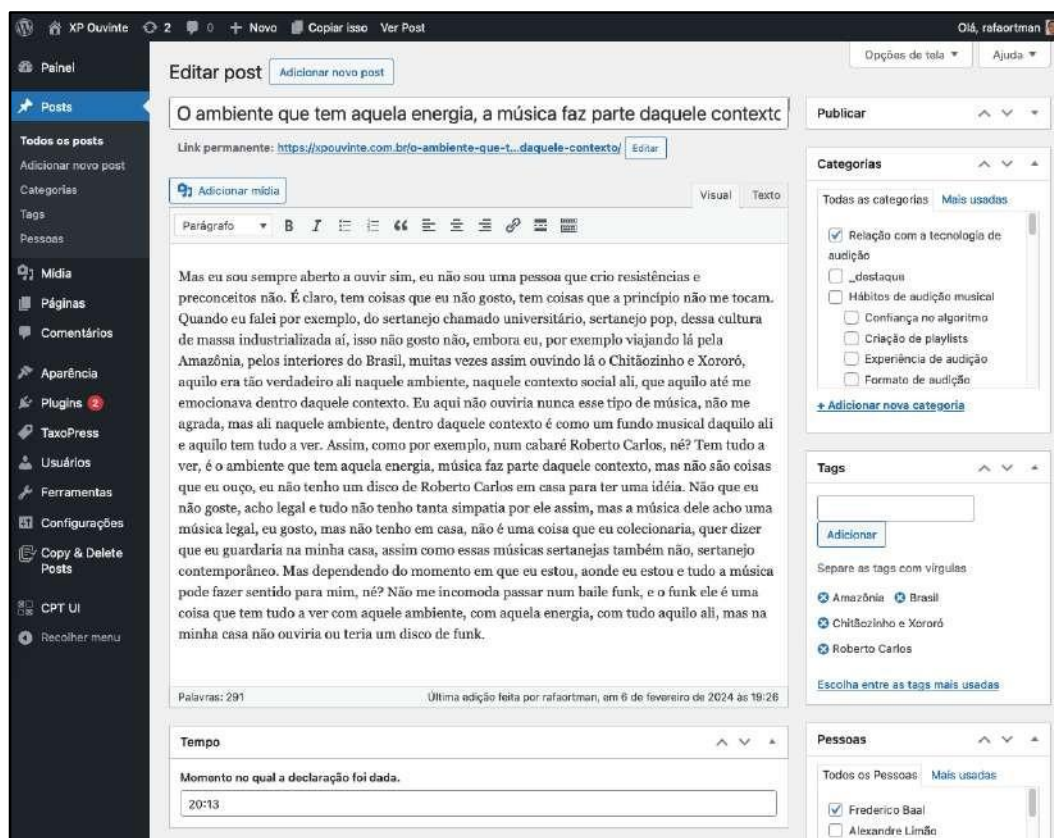


Figura 31: painel de edição de *post*.

5.4.1

Processo de registro do conteúdo na plataforma de entrevistas

O primeiro passo para disponibilizar as entrevistas na plataforma foi criar os entrevistados na taxonomia Pessoas. Com a planilha de dados consolidados do formulário de recrutamento gerada pelo Google Forms inserimos as informações referentes a cada um dos participantes.

Com relação ao procedimento empreendido para o cadastramento dos *posts*, trabalhamos com o Pinpoint aberto em janela do navegador e a nossa plataforma em outra. Com a entrevista transcrita aberta (figura 22), fomos transferindo do Pinpoint para a plataforma cada declaração dada na entrevista. As inconsistências de texto eram corrigidas diretamente na plataforma. As declarações que não contribuíam em nada para a pesquisa foram desprezadas⁸¹.

Com o conteúdo da declaração disponível na plataforma, havia alguns procedimentos adicionais: inserir o momento da declaração; criar um título para

⁸¹ Você pode ver ler todas as entrevistas na íntegra no Apêndice III.

o *post*; atribuir uma Categoria; e sugerir Tags. Quando o momento da declaração não era visualizável no Pinpoint era necessário escutar o áudio para determinar o momento exato da declaração. O título era extraído do conteúdo da declaração, podendo sofrer pequenas alterações para ser mais claramente compreendido fora do contexto de seu conteúdo. A definição da Categoria já era em grande parte indicada pelo momento da entrevista e pela pergunta que motivou aquela resposta. Por fim, era preciso determinar que Tags eram pertinentes àquele *post*.

A alimentação da plataforma foi um trabalho que levou cerca de dois meses para ser concluído. No entanto, uma vez finalizado, o processo de análise foi bastante facilitado pela metodologia que nos propusemos a desenvolver.

5.4.2 **Benefícios da plataforma de entrevistas**

Destacamos alguns benefícios proporcionados pela plataforma de análise que desenvolvemos:

1. A criação de títulos para as declarações funciona como uma síntese do conteúdo da declaração, facilitando a clusterização semântica de trechos diversos das entrevistas.
2. O recurso de destacar *posts* permite a rápida identificação dos conteúdos mais relevantes.
3. A ferramenta de Temas fornece um meio através do qual podemos visualizar a singularidade dos assuntos, agrupando *posts* a cada tema.
4. As páginas de Categorias exibem em uma mesma área todas as declarações sobre o mesmo tópico de análise.
5. Possibilidade de filtragem cruzada com Tags
6. Plataforma desenvolvida para ser totalmente responsiva, permitindo um acesso em telas de quaisquer dimensões com conforto de leitura.

Importante mencionar que o desenvolvimento desta plataforma pode ser visto uma contribuição metodológica do design para a pesquisa acadêmica, fornecendo recursos de análise indisponíveis de outra maneira. O tema desenvolvido será disponibilizado gratuitamente com a documentação necessária para que qualquer pesquisador possa utilizá-la como recurso metodológico.

Finalmente, observamos que em entrevistas estruturadas, o processo de alimentação da plataforma será significativamente mais simples e direto, diminuindo de forma substancial seu tempo de execução.

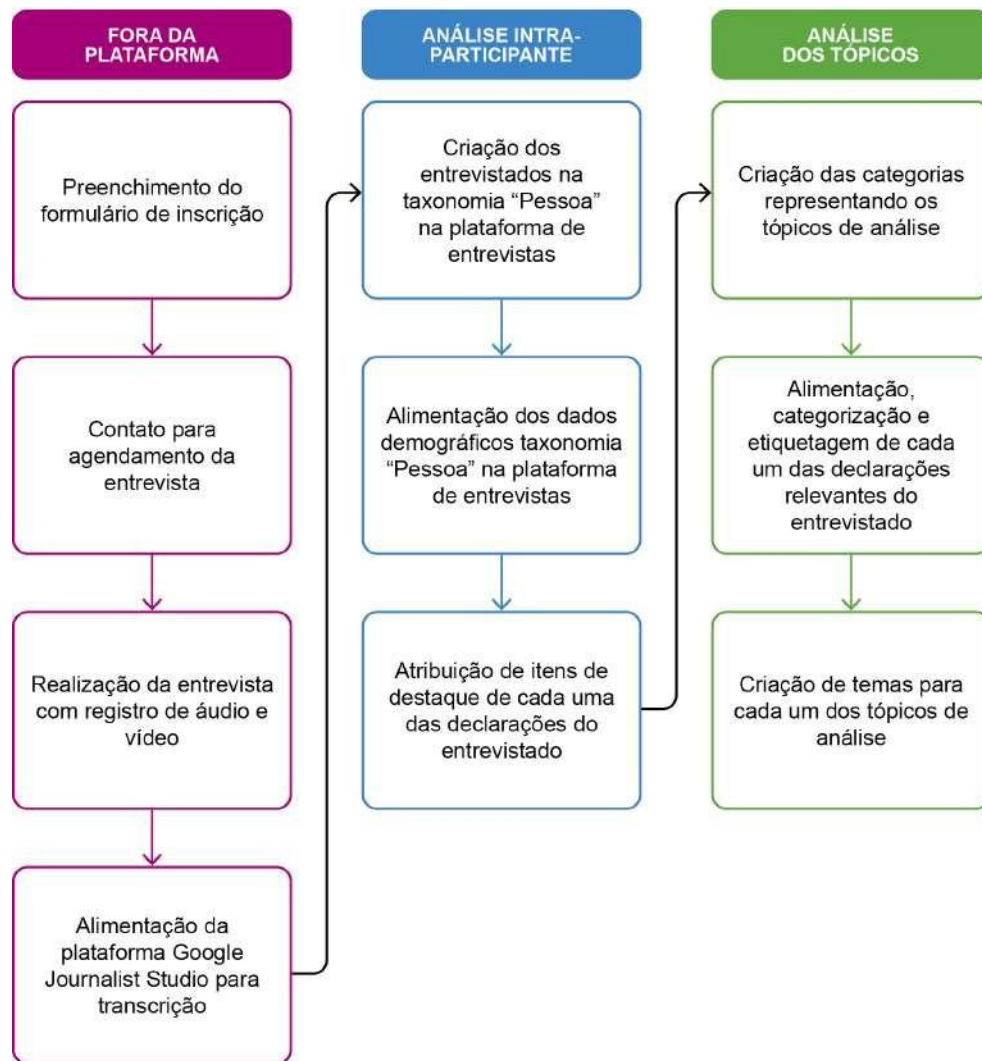


Figura 32: Nosso processo metodológico

6

Análise dos resultados da pesquisa de campo

6.1

Dados quantitativos gerais das entrevistas e entrevistados

Apresentaremos a seguir alguns dados quantitativos gerais que nos ajudarão a apresentar um quadro geral de análise das informações obtidas através das entrevistas. Dados quantitativos concernentes aos tópicos de análise serão apresentados, sempre que possível, no contexto de análise do respectivo tópico. A análise temática é útil para contemplar dados qualitativos pertinentes à nossa tese.

Com relação à coleta de dados, vale registrar que em determinadas situações o participante não entendeu o que desejávamos explorar. Em outras, era nítido para o pesquisador que o entrevistado nada tinha a declarar sobre aquele assunto. Por exemplo, se ao ser perguntado sobre a prática de audição dedicada quando o participante responde de maneira afirmativa, mas lacônica, não há muito o que aprofundar com relação a este assunto. No entanto, em nosso entender, o entrevistado, pode colaborar em outro tópico. Finalmente, houve casos em que o participante produziu um monólogo, em um discurso livre sobre sua experiência com música. Esses relatos ofereceram um material prolífico, mas desorganizado. Essas situações foram isoladas e ocorreram no início do procedimento. Ainda assim, não quisemos descartar nenhuma entrevista, visto em nossa visão todo o conteúdo pode ser aproveitado em nossa pesquisa exploratória. Assim, sempre que tratarmos de dados quantitativos, apresentaremos uma amostragem do que rotulamos como dados inconclusivos para abarcar tais cenários.

Quarenta pessoas foram entrevistadas (veja um breve perfil dos entrevistados pode ser acessado no Apêndice II) entre 24 de julho e 7 de novembro de 2023. Consideramos que com este número de participantes conseguimos abarcar indivíduos que viveram todas as eras da fonografia. Os participantes têm idades entre 18 e 70 anos, com média de 42 anos (veja a correlação entre as idades dos participantes e a história da fonografia na figura 32). 24 entrevistados são do gênero masculino, 15 do gênero feminino e um não binário (figura 34).

As entrevistas levaram entre 15 (Nina Maia) e 97 (Daniel Chamusca) minutos, com média de 24 minutos. Em algumas ocasiões não conseguimos extrair as respostas que esperávamos dos participantes. Com relação à escolaridade, tivemos 6 participantes com ensino médio, 25 com graduação, oito com mestrado e um com doutorado (figura 35). Nove deles são designers, quatro são músicos, quatro jornalistas, três estudantes, três comerciantes, dois servidores públicos, e dois empresários (figura 36).

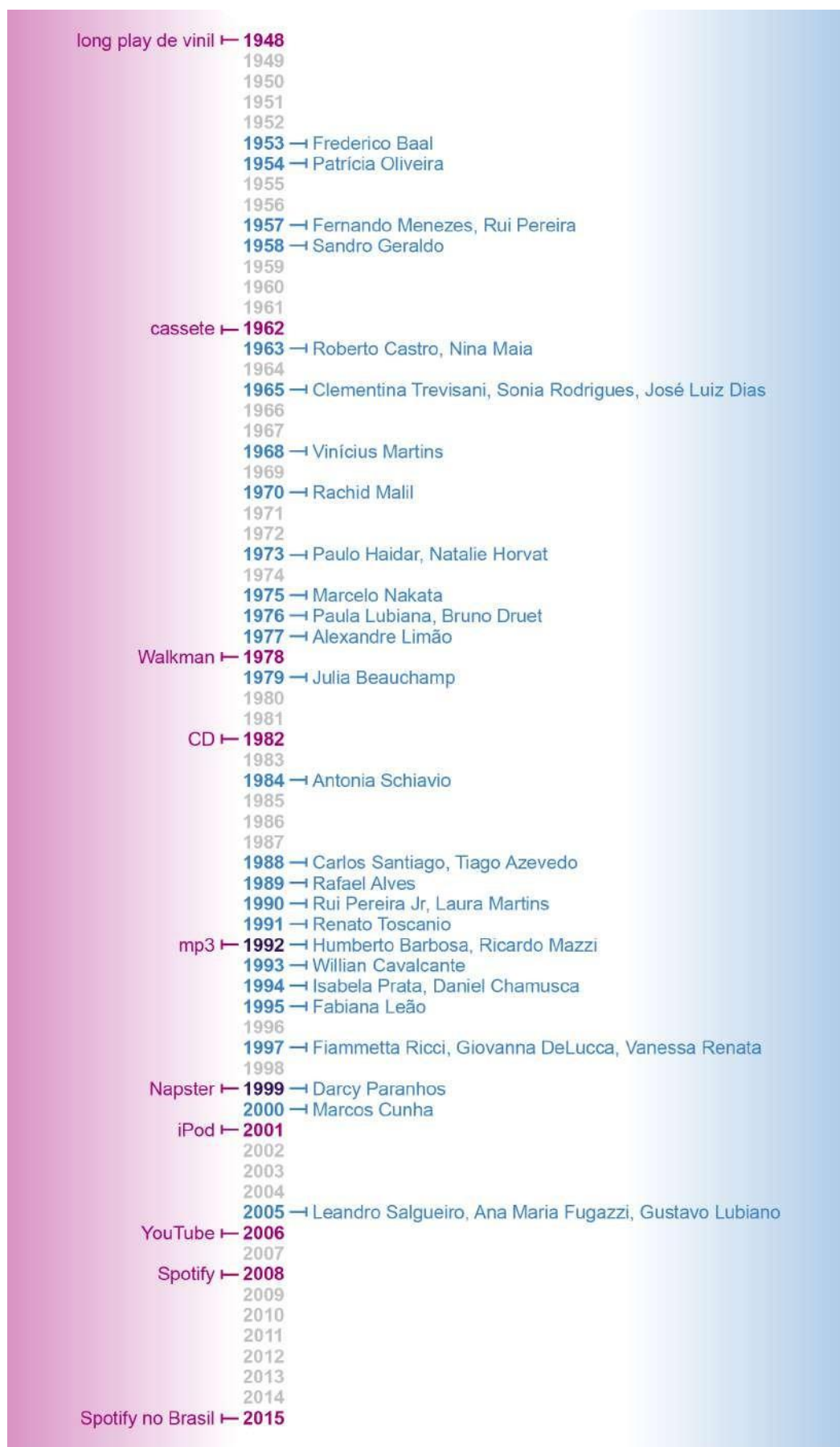


Figura 33: correlação entre o ano de nascimento e as diversas fases da fonografia.

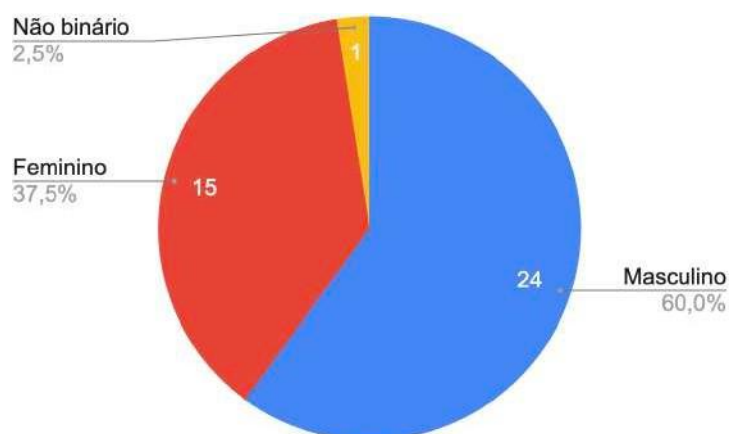


Figura 34: gênero dos entrevistados

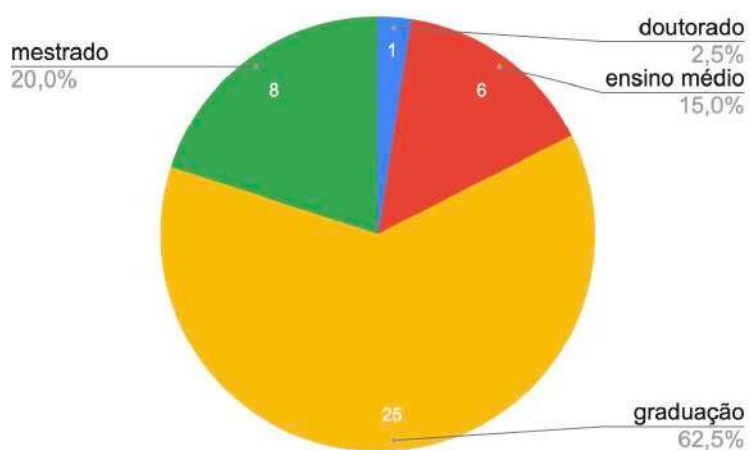


Figura 35: escolaridade dos participantes.

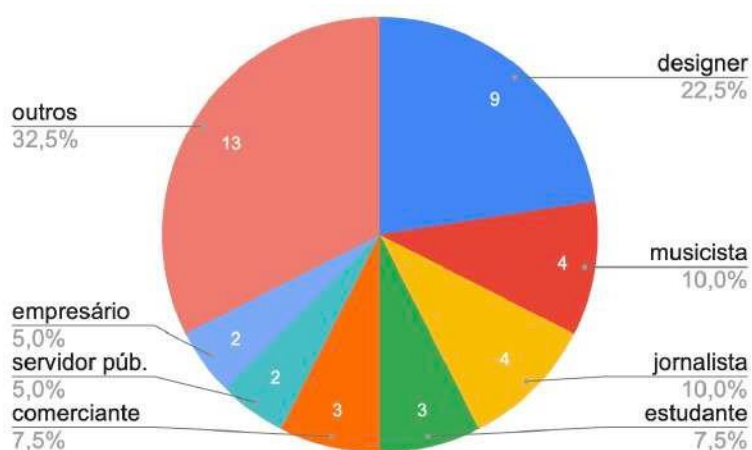


Figura 36: ocupação dos participantes.

Não vamos entrar em uma análise relacionando gênero com perfil de fã de música, mas parece ser expressivo que 60% dos entrevistados sejam do sexo masculino. Com relação à idade dos entrevistados, no início, a seleção não

teve qualquer moderação. Mais para o final, buscamos indivíduos que pudessem equilibrar a faixa etária dos participantes.

É óbvia a super amostragem de designers. Claramente, isso se deu em função de muitos dos entrevistados terem sido selecionados através da rede de contatos da pós-graduação em grupos de WhatsApp. O percentual de 10% de jornalistas parece ser aleatório, sem viés aparente. O mesmo não se pode dizer da mesma quantidade de músicos profissionais. Não é difícil inferir que a profissionalização neste campo esteja associada a um interesse importante em música. De fato, veremos mais adiante que o número trabalhadores deste campo será inflado, incorporando ainda comerciantes e técnicos. Os participantes com algum grau de instrução musical também é significativo.

6.2

Tópicos de análise

Como apresentado no capítulo 5, nosso roteiro de perguntas originou tópicos de análise que se converteram em categorias e subcategorias em nossa plataforma de entrevistas. Por sua vez, cada subcategoria foi analisada dentro de seu contexto, proporcionando a criação de “temas”. Tais temas devem ser entendidos como um recurso para acessar abordagens de interesse para o nosso objeto de pesquisa. Eles serão especialmente úteis em tópicos em que uma análise quantitativa não for possível. Quando pudermos extrair dados tabuláveis, analisaremos o tópico em função dessas informações, ainda que os temas continuem sendo apresentados na plataforma de análise das entrevistas (XPOUVINTE, 2024). Os três próximos capítulos são dedicados aos seguintes tópicos de análise: (1) Relação pessoal com música; (2) Hábitos de audição musical; e (3) Protagonismo de audição musical.

7

Relação pessoal com música

Este tópico tem como objetivo traçar um perfil geral do participante como fã de música e, através de suas práticas, compreender se a sua classificação pessoal como fã parece coadunar com o público alvo da nossa pesquisa. Além disso, alguns sub-tópicos de análise oferecem *insights* importantes para a articulação de nossa tese. É o caso de “Identidade e gênero musical”, “Relação com a tecnologia de audição” e “Importância da qualidade de áudio”. “Assinatura de plataformas de *streaming*” também contribui para oferecer dados quantitativos interessantes.

7.1

Significado pessoal da música

A intenção desse tópico foi oferecer ao participante oportunidade de discorrer livremente a respeito do significado da música para si. Esse conteúdo foi majoritariamente recolhido na primeira pergunta, que tinha a função também quebrar o gelo da entrevista. Foram identificados sete temas na exploração deste tópico: (1) impacto importante na formação; (2) música tem como componente a herança familiar; (3) importância da música se expressa também através da prática musical; (4) a música como companhia / presença / trilha sonora; (5) a música como apoio mental / emocional; (6) música é tudo; (7) a importância da música refluí ao passar a juventude.

Este tema é o mais aberto dentre todos os que elencamos, razão pela qual faremos um esforço de generalização das respostas obtidas. Não faria sentido, nem produziria efeito algum para os nossos objetivos de pesquisa destacar declarações das trajetórias pessoais, seria apenas anedótico.

O que podemos apresentar como traços gerais dos temas extraídos das declarações é que ao serem instados a falar a respeito de sua relação com música, boa parte dos participantes externaram aspectos de sua trajetória pessoal, buscando as origens desse vínculo. Quando o sujeito menciona aspectos formativos da música, uma herança familiar em seu interesse e a percepção de que ele refluí com a maturidade revelam uma abordagem retroativa nas respostas.

A própria prática musical também costuma remontar à infância e à adolescência, no entanto, em diversos casos, essa prática é perene na vida desse grupo de participantes. É interessante mencionar o caso de Rachid Malik (53 anos) sobre este tema. Rachid revela que seu pai queria que aprendesse violino.

Para ele, porém, “música não era tocar violino, [...] a música era o disco, era a música que escutava na rádio (Apêndice III, p.552)”. Outro participante, Roberto Castro (60 anos), ao contrário de Rachid, expressou também seu interesse por música através do aprendizado musical. Acompanha Rachid porém na percepção de que sua relação era com o *disco*: “à medida que a mídia física foi acabando, eu fui me distanciando um pouco mais da música (p.596)”.

Houve quem refletisse mais a respeito do papel que a música cumpria em suas vidas. Foi o que fez uma fatia dos entrevistados que especularam que a música é uma presença, uma companheira que proporciona a trilha sonora de suas vidas ou como apoio mental e emocional para si.

No tema “música é tudo”, aglutinamos quatro entrevistados proferiram literalmente essa frase e dois que disseram que a música é “a coisa mais importante.” Tais declarações têm como objetivo dar ao entrevistador a maior dimensão possível da relevância da música para a sua subjetividade.

Com relação a este tópico, pode-se dizer que o perfil dos nossos participantes é de alguém para o qual a música, se não é o elemento mais importante de suas vidas, é fundamental para sua formação, ao menos na sua juventude. A música de modo geral tem um aspecto de herança familiar importante e o interesse por ela mobilizou o estudo e prática musical. Em boa parte dos participantes ela tem um papel de apoio, companhia ou consolo.

7.2

Identidade e música

Este tópico se destina a explorar a percepção pessoal do entrevistado a respeito da expressão da música em sua identidade, fator importante para traçar seu perfil como fã de música. Percebe-se uma certa ambiguidade com relação ao tópico anterior, visto que ao relatar a importância da música para si, não foram poucos aqueles que falaram a respeito de sua formação, como se pode atestar no tópico anterior. Foram identificados cinco temas na exploração deste tópico: (1) música é um marcador de identidade importante; (2) *playlists* são um manifesto da identidade; (3) o consumo de suportes é um marcador de identidade; (4) ser músico (profissional ou não) é um marcador de identidade; e (5) estratégias ou percepções diversas de marcação de identidade.

De modo geral, quase a totalidade dos participantes concordaram que a música é um marcador de identidade para si. A exceção foi William Cavalcante que observou que ela “faz parte de muitos momentos muito fortes”, mas não molda sua personalidade. É digno de nota também as declarações de Darcy Paranhos (24 anos) e Marcos Cunha (23). Darcy observa que, como uma pessoa

LGBT, a música ajudou nas suas “piores fases, de descobrimento”, permitindo que se expressasse através da música. Já Marcos Cunha diz que percebe a contribuição da música para sua identidade pela chave racial, uma vez que sempre gostou muito de “artistas pretos”. Ambos os casos parecem sugerir o reforço das pautas de gênero e raça para indivíduos dessa faixa etária para o conceito de identidade. A intenção da pergunta se referia à música como um marcador direto de identidade e não um meio através do qual o participante reforçasse outro. Evidentemente, não estamos sugerindo que havia uma resposta correta, pelo contrário, apenas enfatizamos aqui o aspecto distintivo dessas declarações.

A maioria das falas manifesta concordância em relação à importância da música para a sua identidade, mas ainda que utilizem discursos diversos, oferecem pouco mais a ser explorado para os nossos propósitos. Por exemplo, “a música é fundamental na minha vida e certamente contribuiu para a formação (Apêndice III, p.418)”, José Luiz Dias (59 anos); “é uma dimensão existencial” (p.377), Giovanna DeLucca (26); “a música é uma paixão (p.228), uma coisa que define da sua personalidade”, Alexandre Limão (46).

Há declarações a respeito da percepção de que o interesse pessoal do participante era acima da média: “eu era sempre o cara da música (p.569)”, Renato Toscanio (32); “eu acho que eu tenho interesse maior do que os meus amigos em música (p.580)”, Ricardo Mazzi (31). Outras observam a relevância da música para o aspecto emocional, seja na atualidade, “é assim que eu entendo meus sentimentos (p.286)”, Daniel Chamusca (29), ou em retrospectiva, “na minha adolescência [a música] me salvou (p.496), [...] conduziu muito meu pensamento, ela organizou meus sentimentos”, Natalie Horvat (50). Vale mencionar ainda a declaração de Fabiana Leão (28) comentando sobre o impacto da música no seu “estilo de roupa, o estilo de vida, coisas de decoração (p.332)” e a de Roberto Castro falando a respeito da mudança no público alvo da indústria musical na atualidade:

As plataformas estão muito mais voltadas para quem não gosta de música, entendeu? Para quem [...] escuta música como [...] se isso aqui é um churrasco, é uma festinha, tem que ter a música, então bota lá. Do que para o cara de música mesmo, como eu sempre fui e tenho outros amigos músicos, que gostam de tocar que tiveram aquela coisa assim. Então hoje em dia, tá no segundo plano, compete com mais coisas (p.598).

À parte o tema sobre o qual acabamos de discorrer, podemos dizer que a produção de *playlists* e consumo de suportes são vistos como expressões do gosto pessoal do participante. Como síntese de ambos os temas, destacamos a declaração de Daniel Chamusca:

Pessoas que vêm aqui em casa pela primeira vez, eu gosto de mostrar “essa aqui é minha estante, aqui, esses aqui são meus CDs”. Eu gosto de fazer isso

e virtualmente também. Tipo, eu organizo as primeiras *playlists* no Spotify e escondo algumas que são *playlists* do dia a dia e são menos curadas ou sem capa bonitinha (Apêndice III, p.304).

Esse tipo de preocupação de Daniel estende-se ao seu comportamento no Twitter, declaração do tema “estratégias ou percepções diversas de marcação de identidade”:

O meu tuíte fixado no Twitter é sobre música, sobre os álbuns que eu tô muniando. Chega no fim do ano eu faço a minha lista de favoritos e deixo até fevereiro, pelo menos para a pessoa entrar e já ver “ah, olha só ele fala de música”. [...] A minha bio do Twitter fala sobre livros e música... [...] Então, nesse caso sim, tipo, eu faço um esforço para mostrar. Se a pessoa tiver que me escolher, me ver de alguma forma, eu gostaria que fosse primeiro musicalmente, depois ver como eu me visto e o restante da personalidade, né? Eu confio que a minha personalidade é mostrada pelas músicas que eu propositalmente tento mostrar (p.304).

Há outras declarações neste tema que valem ser destacadas. William Cavalcante percebe que seu comportamento de fruição musical é um aspecto distintivo de sua personalidade:

Eu consigo acessar camadas ali tanto do áudio, quanto do vídeo, que eu acho isso muito foda. E que eu vejo que muita gente não presta atenção nessas coisas. [...] Eu me sinto muito foda de conseguir de conseguir estar ali presente consumindo aquilo absorto (p.676).

Darcy Paranhos também contribui neste tema afirmando que a música de trabalho, o *single*, “essa não pode ser a minha favorita do álbum” (p.329). É importante para Darcy que perceba uma originalidade pessoal na seleção de suas músicas preferidas.

Para alguns participantes, ser músico também é um aspecto definidor de sua identidade pessoal. Leandro Salgueiro (18 anos) observa que para ele a música acabou por orientar sua vida, estabelecer uma rotina, ocupar seu tempo. Passou “a ser a minha religião” (p.468), diz ele.

Como síntese deste tópico, pode-se dizer que de modo geral nosso participante percebe a música como um aspecto importante de sua identidade pessoal ou até, como observamos acima, o *mais* relevante. Percebe-se também que muitos participantes têm a necessidade de manifestar esse vínculo, demonstrando orgulho desse aspecto de sua identidade.

7.3 Identidade e gênero musical

O tópico se destina a relacionar a percepção do vínculo entre gênero musical e identidade pessoal. Algumas pesquisas (YPULSE, 2019) demonstram

que este elo não tem a mesma expressão que já teve em épocas pregressas (MAMMÌ, 2014). Foram identificados três temas na exploração deste tópico: (1) a relação entre identidade e gênero musical se expressou na juventude; (2) o vínculo entre gênero musical e identidade se expressa até hoje; e (3) ecletismo como traço da personalidade.

A declaração mais representativa do tema identidade e gênero musical como uma expressão da juventude é a de Fiametta Ricci (26 anos). Coadunando com a pesquisa YPULSE (2019), ela diz observa que seus laços entre gênero musical e identidade foram se dissipando com a utilização das plataformas de *streaming*. A declaração de Fiametta não revela qualquer ponta de nostalgia:

Eu acho que no sentido assim do identitário, bloqueado, que eu tô colocando, tem um pouco relação com você estar conscientemente selecionando aquilo, né? Você não tá submetido a um fluxo, você tá escolhendo. Você vai na loja de CD, você escolhe o CD, você tá fazendo uma escolha ali que tem várias etapas de assentimento. [...] Agora, nas ferramentas de *streaming* [...] você faz uma escolha, mas a partir dessa escolha, você abre uma porta de outras opções, que nem sempre são coisas que você decide. Você pode estar submetido a. O que eu acho legal, assim. Eu acho que é interessante poder perder esse controle. Mas, ao mesmo tempo, o que eu tinha definido como um gosto musical, um gênero musical, uma categoria que eu ia lá na loja de CD na seção de rock alternativo, eu não tenho mais. Não acho ruim... (Apêndice III, p.361).

Darcy Paranhos (24 anos) e Laura Martins (33) convergem na percepção que determinados gêneros estão vinculados a fases específicas de suas vidas. “Eu tive períodos da minha vida em que certos estilos, certos gêneros musicais, foram mais presentes na minha vida” (p.314), diz Darcy. “Não consigo separar ela [sua relação com os estilos musicais] da identidade que eu tive em uma época da minha vida. Ela sempre foi uma das coisas que mais [...] simbolizava as fases da minha vida” (p.448), corrobora Laura.

No viés em que o vínculo entre identidade e gênero musical se mantém, é interessante destacar a declaração de Paulo Haidar (50):

Sempre que as minhas camisas do Sonic Youth, do Goo, estragam, ficam rotas, eu compro uma nova. É um lugar que te ajuda a preencher um lugar no mundo, né? É uma identidade, realmente. Quando você vê uma galera assim que o cara tem uma camiseta, tu fala “caraca, eu tenho essa também, cara” (p.531).

No tema “Ecletismo como traço da personalidade” dialoga com o primeiro que abordamos nessa seção. A declaração de Laura Martins, que se considera “o máximo de eclética possível” converge com a experiência pessoal que Fiametta descreveu em sua declaração:

Porque que a geração Z, na minha opinião, é uma geração que tem um gosto musical tão aberto? [...] É porque você não precisa comprar um CD inteiro por causa de uma coisa que você quer experimentar. [...] Eu queria ter, sei lá, crescido com esse nível de liberdade (p.453).

Marcelo Nakata concorda e associa as *playlists* à diluição do aspecto identitário do estilo musical: “Tem gente que é mais compartimentada, né? O cara é *grunge*, o cara é gótico. Hoje em dia, com as *playlists*, é mais difícil por que é tudo meio diluído” (Apêndice III, p.482).

À parte o exemplo dado por Paulo Haidar, pode-se dizer que na percepção do nosso participante, o impacto da tecnologia diluiu a relevância do estilo musical para o aspecto identitário.

7.4

Consumo de produtos musicais

Consideramos que o consumo de produtos musicais (livros, revistas, vestuário, objetos decorativos e memorabilia) é um traço que costuma marcar o fã de música. Neste tópico foi possível apresentar dados quantitativos (tabela 1 / figura 37). Nossa análise nesse caso associará tanto os dados quantitativos quanto os três temas identificados na exploração deste tópico: (1) consome; (2) não consome; e (3) já consumiu.

É interessante observar que a resposta de alguns participantes, mesmo que na pergunta oferecêssemos exemplos dos produtos a que nos referíamos, incluiu coleção de suportes musicais, objeto da próxima seção. Embora não seja uma inverdade, os suportes físicos em suas vigências enquanto mídias de audição musical se confundiam com o próprio fonograma. Ainda que do ponto de vista da indústria de fato fossem produtos, os principais ativos de seu negócio, do ponto de vista do ouvinte esses suportes eram a própria obra fonográfica, razão pela qual temos um tópico de análise reservado para eles.

À exceção de coleções de suportes musicais, foram mencionados como camisetas, pôsteres, livros, revistas, memorabilia, *merchandisings* diversos de bandas e artistas, roupinhas de bebê e instrumentos musicais (ainda que estes não se enquadrem no tópico vigente).

Vale destacar as declarações de Renato Toscanio (32 anos), Julia Beauchamp (44) e Marcelo Nakata (49). Renato afirma que embora tenha bastante livro sobre música, nunca exteriorizou seu vínculo pessoal como moda — nunca teve camisa de banda, por exemplo. Marcelo, por sua vez, diz que “depois de uma certa idade comecei a achar isso [camisa de banda] meio ridículo” (Apêndice III, p.475) Julia, que usa camisa de banda apenas em casa, não viu vantagem em adquirir um suporte musical dos Beatles, mesmo que seja ouvinte assídua da banda:

Não me interessei em comprar, em ter isso. Porque eu penso assim, “tenho um objeto, eu quero usufruir dele”, não quero que ele fique ali acumulando pó. Não

vou poder ouvir, não tenho o aparelho, aí vou deixar para os meus filhos? Eles também não vão ter... Nem o computador hoje tem CD mais... Imagina um disquinho, um vinil. [...] No meu sistema pessoal de valores, não é uma coisa que eu vá... não corro atrás disso. Quero ouvir a música, aproveitar a música. Não quero objeto empoeirado para dizer que eu tenho (Apêndice III, p.440).

Participantes	sim	não	hoje não	suportes	indefinido
Alexandre Limão	x				
Ana Maria Fugazzi	x				
Antonia Schiavio	x				
Bruno Druet	x				
Carlos Santiago	x				
Clementina Trevisani				x	
Daniel Chamusca	x				
Darcy Paranhos				x	
Fabiana Leão	x				
Fernando Menezes		x			
Fiammetta Ricci			x		
Frederico Baal					x
Giovanna DeLucca		x			
Gustavo Lubiano					x
Humberto Barbosa	x				
Isabela Prata	x				
José Luiz Dias			x		
Julia Beauchamp	x				
Laura Martins				x	
Leandro Salgueiro				x	
Marcelo Nakata			x		
Marcos Cunha	x				
Natalie Horvat	x				
Nina Maia					x
Patrícia Oliveira					x
Paula Lubiana	x				
Paulo Haidar	x				
Rachid Malik	x				
Rafael Alves	x				
Renato Toscanio	x				
Ricardo Mazzi	x				
Roberto Castro					x
Rui Pereira	x				
Rui Pereira Jr	x				
Sandro Geraldo	x				
Sonia Rodrigues					x
Tiago Azevedo			x		
Vanessa Renata			x		
Vinicius Kalil					x
Willian Cavalcante	x				
Total	22	2	5	4	7

Tabela 1: Participantes e o consumo de produtos musicais

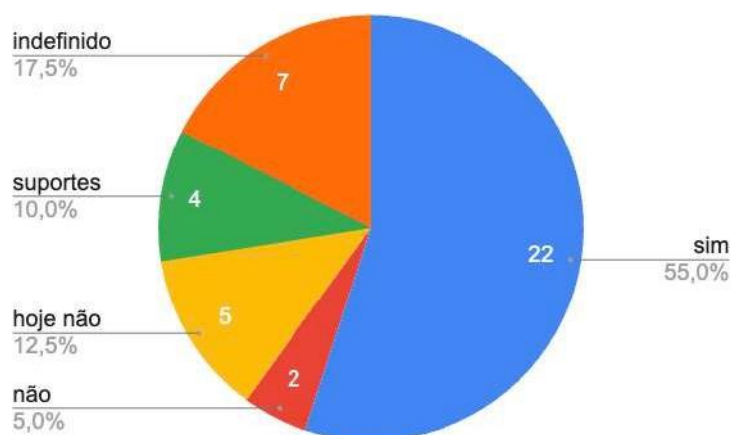


Figura 37: Participantes e o consumo de produtos musicais

Como se pode perceber, na figura 37, apenas dois participantes afirmaram não consumir produtos musicais, confirmando que este é um traço importante do perfil de fã de música.

7.5

Coleção de suportes musicais

Colecionar suportes físicos antes da desmaterialização do fonograma era a forma como o consumidor tinha acesso à música gravada com autonomia de reprodução. Como observa Mammì (2014), a posse de bens simbólicos é uma forma de manifestar sua identidade e o disco, segundo ele, era uma das mais reveladoras da identidade do sujeito em décadas pregressas. Já citado aqui, o crítico Bob Lefsetz (QUARTZ, 2014), vê no fenômeno do renascimento do vinil uma maneira de recuperar essa prática. Assim, nos interessa inferir com este tópico os suportes e as reflexões sobre os suportes dos participantes. Em sua exploração, identificamos seis temas: (1) coleção de vinil; (2) coleção de CD; (3) coleção de fita cassete; (4) coleção de CD e vinil; (5) características do suporte físico; e (6) coleção de vinil. Assim como na seção anterior, pudemos compilar dados quantitativos (tabela 2 / figura 38), documentando os participantes para os quais a coleção de suportes cumpre algum papel, seja como meio de audição, seja como elemento decorativo.

A respeito da coleção de vinil e da relação do participante com este suporte, podemos relacionar alguns aspectos que foram citados nas entrevistas. O “amor à música” foi mencionado como um aspecto motivador de seu consumo (Ricardo Mazzi, 31; Carlos Santiago, 35; Vanessa Renata, 26).

A relação com a loja e com a feira do vinil é um aspecto que confere valor de sociabilidade ao seu consumo (Ricardo Mazzi). Tanto no que diz respeito à relação com os funcionários da loja, quanto ao garimpo de vinil com amigos. A própria limitação do acervo é um fator que interessa a Ricardo Mazzi:

Cara, o que eu acho muito legal assim, eu acho que ainda mais sendo essa coisa do Spotify, você tem acesso a tudo, né? A sensação é essa, pelo menos, você pode achar tudo ali e eu assino também o YouTube Music. A sensação de que tem mais tudo ainda, sabe? Então às vezes eu sinto que um pouco de limite interessa. Do tipo de eu ir numa loja de vinil, [...] primeiro que não vai ter nenhum lance de algoritmo, [...] qualquer pessoa que entrar ali ia achar os mesmos vinis. Então pra mim tem um lance disso, eu sinto que é um limite que deixa mais interessante (Apêndice III, p.582-583).

O mesmo Ricardo, falando a respeito da sociabilidade da loja de vinil, investe ao suporte um *status* de obra de arte: “tem álbum que eu nunca vou comprar, mas de olhar ele ao vivo, tipo assim, ‘caramba, olha só’, de ver isso. Isso já é muito foda, sabe? [...] ver uma obra de arte pessoalmente” (p.584).

Participantes	não tem	vinil	cd	cd e vinil	indefinido
Alexandre Limão	x				
Ana Maria Fugazzi		x			
Antonia Schiavio	x				
Bruno Druet					x
Carlos Santiago		x			
Clementina Trevisani	x				
Daniel Chamusca			x		
Darcy Paranhos			x		
Fabiana Leão			x		
Fernando Menezes	x				
Fiammetta Ricci	x				
Frederico Baal			x		
Giovanna DeLucca		x			
Gustavo Lubiano				x	
Humberto Barbosa			x		
Isabela Prata	x				
José Luiz Dias	x				
Julia Beauchamp	x				
Laura Martins			x		
Leandro Salgueiro				x	
Marcelo Nakata				x	
Marcos Cunha		x			
Natalie Horvat	x				
Nina Maia	x				
Patrícia Oliveira	x				
Paula Lubiana		x			
Paulo Haidar	x				
Rachid Malik				x	
Rafael Alves	x				
Renato Toscanio	x				
Ricardo Mazzi		x			
Roberto Castro				x	
Rui Pereira				x	
Rui Pereira Jr		x			
Sandro Geraldo		x			
Sonia Rodrigues	x				
Tiago Azevedo	x				
Vanessa Renata		x			
Vinicius Kalil	x				
Willian Cavalcante	x				
Total	18	9	6	6	1

Tabela 2: Participantes e coleção de suportes musicais

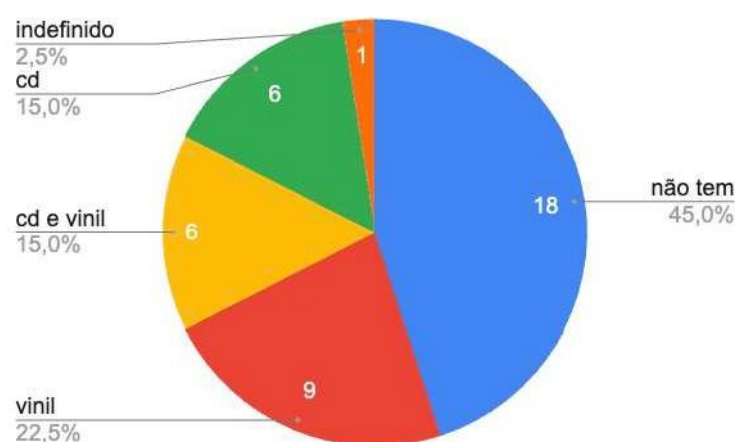


Figura 38: Participantes e coleção de suportes musicais

Ricardo, porém, afirma que é muito raro ouvir os discos de vinil que têm, embora goste de exibi-los. O mesmo faz Marcos Cunha (23) e, em seu caso, sequer tem vitrola. Ter vinil é um “encantamento de fã”, diz ele. Vanessa Renata, que comprou o primeiro vinil antes de ter toca-discos, hoje tem o hábito de escutar e valoriza o valor simbólico do vinil: “uma coisa é ouvir, por exemplo, David Bowie em qualquer lugar. Outra coisa, é você ter um disco do Bowie na sua casa e você colocar pra ouvir. É uma situação mil vezes melhor” (Apêndice III, p.657).

A respeito de *status*, Rui Pereira Jr (33) observa que uma coleção de vinil dá prestígio ao seu dono: “pô, esse cara tem muito disco, ele entende de música” (p.620). Observa também que “sentir graficamente trabalho de um artista [...] é melhor no vinil do que no CD” (p.617) onde tudo é muito miúdo. Com relação a isso, Sandro Geraldo (65) acrescenta:

Eu gosto do vinil porque você tem o encarte... Você tem o Gorillaz, tem um design maravilhoso, você fica ouvindo o disco, você fica curtindo. Que você tem muito menos no CD e no aplicativo você não tem, né? Então eu gosto muito, eu curto muito essa parte, entendeu, do visual (p.633).

As capas são objeto de diversas declarações, como a de Bruno Druet (47): “eu comecei a comprar disco pelas capas e comecei a gostar das músicas pelas capas que eu gostava”. Para ele, comprar um disco “era sempre um momento de conquista”. Rachid Malik acrescenta:

Mas o que diria é que o disco de vinil é muito além da música, o disco de vinil é um objeto em si. Primeiro começa pela capa, a capa pode ser uma verdadeira obra de arte, a capa é a primeira relação que você tem com o disco de vinil, uma relação visual. É a capa (p.554).

A respeito da coleção de CD, para alguns participantes, como Daniel Chamusca (29) e Fabiana Leão (28), ela tem o mesmo aspecto decorativo manifestado por consumidores de vinil. Nenhum dos dois ainda escuta os CDs de sua coleção. Outros, como Gustavo Lubiano (18) e Leandro Salgueiro (18), valorizam o CD pela sua qualidade de áudio. Marcelo Nakata (49) concorda e afirma que ela é superior no CD do que no vinil. Falaremos mais sobre isso adiante. Darcy Paranhos faz um relato significativo de sua relação com este suporte:

Eu gostava muito dessa banda, My Chemical Romance, [...] eu sabia exatamente o dia e o mês que eles tinham acabado, e todo ano eu ouvia os CDs que eu tinha deles nesse dia específico. Eu tinha o meu ritual: de noite chegava e botava, ficava no meu quarto curtindo, e, assim, celebrando aquela banda [...] Eu quero muito fazer isso, com meus CDs de K-pop também (p.317).

É preciso comentar a respeito de K-Pop. Laura Martins, que produz conteúdo para *blogs* de música, afirma que os lançamentos de CD de K-Pop são equivalentes às edições especiais no mundo ocidental. E o projeto estético é

muito cuidadoso: “ideia da ópera-rock morreu para renascer no k-pop. Os discos, eles são feitos para você ouvir inteiro” (Apêndice III, p.456). Com relação a acervo digital pessoal apenas dois participantes, Gustavo Lubiano e Marcelo Nakata, afirmaram que ainda pesquisam e alimentam seu conteúdo.

Para concluir este tópico de análise, após falarmos a respeito das motivações e supostas vantagens do consumo de suportes, é interessante mencionar o depoimento de José Luiz Dias (59). Para ele “não faz o menor sentido mídia física em uma época dessas” (p.419). Em sua entrevista, José Luiz, que é operador de áudio, é muito contundente a respeito da qualidade de áudio do vinil, vamos aproveitá-las melhor mais adiante.

Observando os dados da figura 38, podemos notar mais da metade dos participantes têm coleção de suportes musicais, o que é deveras significativo, uma vez que na atualidade já não há mais qualquer necessidade de utilizá-los como fonograma. Também é digno de nota que mais de um terço dos entrevistados consomem vinil. A amostragem do CD não é tampouco desprezível, contando com pouco menos que um terço dos participantes.

7.6

Relação com a tecnologia de audição

Este tópico nos interessa para compreender como o participante se relacionou com as mudanças tecnológicas no campo da fonografia. Essa compreensão tem uma importância direta para a nossa tese, visto que a hipótese que estamos articulando versa a respeito do impacto tecnológico sobre a experiência de ouvinte do indivíduo que se identifica como fã de música. Assim como a seção 7.1, os resultados deste tópico são necessariamente abertos e idiossincráticos, uma vez que os participantes eram instados a correlacionar sua história pessoal com a marcha da tecnologia de reprodução fonográfica. Destacaremos aqui aquelas declarações que têm relevância para os nossos objetivos de pesquisa. Foram identificados dez temas na exploração deste tópico: (1) consumo de rádio; (2) consumo de vinil; (3) consumo de fita cassete; (4) consumo de clipe; (5) consumo de CD; (6) consumo de mp3 e seus reprodutores; (7) transição pessoal para o streaming; (8) aspectos positivos proporcionados pela evolução tecnológica; (9) aspectos negativos proporcionados pela evolução tecnológica; e (10) transformações geradas pelo streaming.

Para além dos temas citados vale mencionar que o suporte mais antigo surgido nas entrevistas foi o gravador de fita rolo, no relatos de Rui Pereira (66 anos) e Patrícia Oliveira (69), cuja declaração apresentamos abaixo:

Papai era aficionado por música clássica. E aí eu lembro que ele me deu um gravador, daquele gravadorzão de fita. [...] E aí eu escutava sempre, sempre... [...] Naquela época, tinha que virar, né? Botava fita de um lado, depois do outro (Apêndice III, p. 515).

Para além de relatos da ordem de “antes da gente ter o acesso ao *streaming*, eu ouvia muita música no rádio” (Isabela Prata, 29) ou “ouvia muito rádio na época do celular” (Darcy Paranhos, 24), o que podemos trazer de interessante a respeito do tema “Consumo de rádio” é a frequente menção de diversos participantes à correlação entre rádio e fita cassete na operação de gravar um fonograma. A dificuldade de acesso ao acervo fonográfico associada à aleatoriedade do locutor interferir na execução acabava por investir de valor simbólico e afetivo aquelas fitas. É o que se pode extrair dos relatos de Julia Beauchamp (44), Natalie Horta (50), Vinícius Martins (55) e Rui Pereira.

Eu queria poder criar *playlists* no Spotify com as fitas que eu tinha, ouvir a musiquinha na ordem certa e criar essas *playlists* baseadas no que eu conseguia na época (Julia, p.432).

O grande salto foi quando eu pude gravar minhas fitas, aí era aquele ritual de ficar ouvindo o rádio pra poder pegar o momento exato que a música começava e o filha da puta do cara da rádio falava no meio da música que acabava com a fita. (Natalie, p.497)

Então eu fazia muito, ouvia muita rádio, fazia *mixtapes* de rádio. Aí ficava gravando as músicas da rádio. E aí ficava torcendo para não ter aquelas vinhetas de rádio no meio da música, porque antigamente tinha isso, né? (Vinícius, p.656).

Você não tinha acesso a muita música e você pegava o quê? A Rádio Mundial! Porra, o programa do Big Boy vai lançar música tal, vai tocar o disco tal, dos Beatles! Caramba, ninguém tinha aquele disco! [...] Então você pegava um gravador, né? (Rui, p.612).

Como sabemos, o fenômeno do “retorno do vinil” é um dos aspectos motivadores da elaboração desta tese. Apresentaremos a seguir alguns relatos que virão a ilustrar algumas características deste suporte e comportamentos praticados pelos participantes em torno dele. Importante, porém, lembrar que as declarações relacionadas neste tema estão vinculadas ao relato pessoal do participante associado à história da fonografia. A audição do vinil contemporânea será tema de outros dois tópicos (meio de audição e meio de audição dedicada) a serem abordados mais adiante.

Os relatos mais representativos deste tema foram dados por Fernando Menezes (66), Roberto Castro (60) e Rachid Malik (53). Nas declarações, os três mencionam o aspecto gregário da audição do vinil, ritualístico, para Roberto e Rachid, enfatizando o valor simbólico e afetivo deste suporte.

E no meu tempo reunia-se na sala as pessoas, o disco passava de mão em mão, todo mundo ia vendo aquilo enquanto o disco estava tocando... A gente

ficava lendo aquele negócio, aquilo era um tesouro pra gente, você tinha um ciúme daquele negócio louco (Fernando, Apêndice III, p.355).

Era inenarrável você chegar e pegar um LP, vir com ele para casa, pegar, abrir e botar no toca disco e começar a escutar. Tinha a interação com a capa e aí você ver a capa, "quem fez?", "quem compôs?", arranjador, produtor... [...] Não sei se é um perfil muito meu, mas era muito legal. Aí você devorava aquele LP e conhecia profundamente (Roberto, p.594).

Eu lembro de uma coisa, quando eu era adolescente, quando eu fazia parte de uma turma, alguns de nós comprava um disco novo e se encontrava em casa, comprava o disco e a gente ouvia junto. [...] Então tinha um processo, um certo ritual que existia. [...] Você nunca vai chamar os amigos pra ouvir um disco no Spotify, talvez você vá mandar o *link*, mas você não vai receber seus amigos em casa e vai ouvir o disco (Rachid, p.559).

Rachid contribui também desenvolvendo mais profundamente a relação do ouvinte com o objeto:

Mas o que diria é que o disco de vinil é muito além da música, o disco de vinil é um objeto em si. Primeiro começa pela capa, a capa pode ser uma verdadeira obra de arte, a capa é a primeira relação que você tem com o disco de vinil, uma relação visual. É a capa. Então, em si, ela pode ser considerada como objeto de arte. [...] Você pode até reproduzir a arte digital, mas ela não significa nada. Segundamente, informação. Dentro do disco de vinil, da contracapa, você tem informação de quem gravou as músicas, quem são os músicos, quem é o produtor, quem é o arranjador. Então você tem história inteira (p.554).

A visualidade é também destaque da declaração a seguir de Rachid, na qual ele entabula um comparativo com CD que, para ele, não oferece a mesma experiência visual e mnemônica do vinil.

A relação visual que eu tenho é com o disco [refere-se ao vinil], já sei quais são as músicas, as músicas já tão ecoando dentro da minha mente. Aí, depois, eu chego a comprar CD, e até a gravar CD porque eu tocava na noite, essas coisas. Mas eu não consigo ter a mesma relação, tipo pego um CD e essa relação não existe (p.555).

Assim como com o consumo de rádio, o consumo de fita cassete também guarda relação com o vinil. A fita proporcionou, especialmente após o lançamento do Walkman, mobilidade à audição fonográfica. Era também um suporte mais barato e personalizável, foi o suporte que popularizou a criação de *playlists*. Era mais resistente e seu processo operativo era mais simples comparado ao disco. A esse respeito, é interessante recuperar o relato de Julia Beauchamp (44):

Não podia pular e dançar no lugar que tava tocando vitrola porque se não a vitrola parava de tocar. A vitrola engasgava! Eu me lembro disso. Na creche quando botavam música a gente não podia se empolgar, não podia dançar porque senão a música parava? Poxa, então porque pôr a música!? A música vai provocar esse esse ânimo e "não, vamos ouvir música, mas não pode dançar, não pode pular". A fita não tinha isso, a fita era pau pra toda obra! (p.432).

As declarações de abaixo de Julia permitem tangibilizar bastante o valor afetivo que o suporte tinha para ela desde a infância:

Lá em casa não tínhamos vitrola. Não fui uma pessoa criada com vinil. Para mim, a mídia principal sempre foi a fita e já pequena, eu sabia manejar aquilo, eu tinha dezena de fitas que eu mesma tinha gravado (Apêndice III, 432).

Fita eu adorava, eu adorava, eu adorava... Eu me lembro claramente de um dia que eu fui num churrasco com meus pais e o pessoal do trabalho do meu pai e por uma troca alguém se enganou e levou a minha bolsa de fita. A pessoa tinha levado uma bolsa de fitas e eu tinha levado. [...] Eu fiquei indignada e fiquei muito mal, até levamos dois dias para descobrir que tinha sido engano, que tinha sido levadas por engano. Então para você ver como eu tinha um apego àquilo, eram *playlists*, meio físico, conquistadas ali com a sorte do aleatório das rádios, de ficar vigilante lá e eu gostava muito das minhas fitas (idem).

Julia enaltece a questão da mobilidade e da possibilidade da personalização daquele suporte:

E eu ouvia [fita cassete] em casa, podia ouvir no carro, na casa da colega, no Walkman. Levava comigo, muito mais cômodo, muito mais prático e eu podia gerar as minhas listas... (idem)

Sobre mobilidade e personalização, Bruno Druet (47), Paulo Haidar (50) e Natalie Horvat (50) enfatizam a importância do Walkman em suas experiências pessoais:

Eu acho que uma revolução mesmo, pra mim, que eu vivi, veio do cassete, com Walkman. Quando você começa a personalizar e tornar a experiência da música dentro do seu cotidiano e isso para mim foi uma mudança radical em tudo (Bruno, p.255).

Então a minha vida foi toda feita em fita cassete. [...] Eu sou da geração Walkman. Botava aquela bodega aqui na mochila, no cinto e ia embora. Minha vida toda era aquilo, bicicleta e... por isso que eu tinha falado muitas músicas se relacionam com lugares e com coisas e com sensações... A mídia pra mim foi isso mesmo, cara (Paulo, p.535).

Aí eu acho que eu embarquei mais na fita cassete, o vinil foi menos e a fita cassete foi mais, que aí a gente podia ouvir nos Walkmans. Eu comprei, eu me lembro o momento quando eu comprei o Walkman, ganhei, lá do Paraguai. O Walkman era uma alegria, você poder ficar ouvindo (Natalie, p.499).

O CD foi o suporte anterior à desmaterialização do fonograma. De fato, o CD, ao converter o áudio analógico em digital, criou as condições para sua derrocada. Pelas suas dimensões e facilidade de operação, o CD proporcionou as mesmas condições de mobilidade que a fita cassete. No entanto, ao contrário da fita, demorou mais de uma década para que o recurso de gravação ficasse disponível aos consumidores, já na vigência do mp3. A partir daí, a fita cassete já não oferecia qualquer vantagem aos consumidores.

Se o CD destronou a fita no terreno da mobilidade e dos recursos de registro e personalização, o mp3 operou o mesmo em relação ao CD. Além disso, a compactação do áudio reduziu a extensão do arquivo digital de áudio a menos de 10% do original. Com o surgimento de mp3 *players* com alta capacidade de armazenamento, como o iPod em 2001, ofereceu ainda mais vantagens no terreno da mobilidade. Como nunca antes na história da fonografia, era possível carregar milhares de músicas consigo. Assim, gradualmente, as vendas de CD foram declinando neste século, chegando a representar hoje quase um quinto do que fora em 1999 (figura 3). Identificamos em nossas entrevistas alguns participantes para os quais o CD foi perdendo as funções operativas.

Daniel Chamusca (29) observa que de 2010 a 2015 ainda comprava CD, mas já não escutava, “comprava o CD pelo encarte, para ter em casa e baixava as músicas ilegalmente” (Apêndice III, p.290). O mesmo foi relatado por Fabiana Leão (28): “eu lembro muito de comprar CD, porque eu gostava, eu até hoje gosto, da coleção, um negócio de ter o físico pra tipo ficar bonitinho na prateleira”. Paulo Haidar também valoriza sua coleção de CD, mas, assim como Daniel e Fabiana, já não ouve mais:

Não, não escuto mais [CD]. Eu tenho os CDs que eu gosto, que eu tenho ali, acho maneirão... Eu boto tudo para tocar no YouTube, no Spotify. E eu tenho o CD, gosto de olhar para ele, acho bacana (p.537).

Para Paulo, que era consumidor de fita cassete, as vantagens no campo da qualidade de áudio oferecidas pelo CD foram importantes:

Eu lembro quando eu fui ver um show do Agent Orange na Barra da Tijuca, na praia, então aquele vento, aquela porra... Os caras, “porra o som tá uma merda”, não “pra mim tá ótimo”. Cara, porque: som de fita velha, cara. Esse era o som deles pra mim, som de fita velha. Porque era: eu só escutava em fita velha! Depois, a chegada do CD, foi a revolução. Comecei a escutar tudo direitinho (p.535).

Diversos participantes, chamaram a atenção para a qualidade da audição automotiva que CD proporcionava, assunto que será mais explorado mais adiante. O músico Fernando Menezes declara “meu carro era cheio de CD, era o meu estúdio de ouvir música”. Alexandre Limão lembra: “uma das coisas que eu ficava procurando qual carro que eu ia comprar, e eu fazia questão que tivesse, era CD *player*”.

Um das frequentes justificativas para o consumo de vinil é a suposta qualidade superior do áudio, ainda que existam objeções importantes a esse

respeito. Há quem, como Marcelo Nakata, considere que o CD⁸² desempenha melhor que o vinil neste quesito.

Com relação ao consumo de clipes, diversos entrevistados comentaram sobre o formato como referência importante na sua história como ouvinte. É o caso de Laura Martins (33), Fabiana Leão (28), Vanessa Renata (26) e Marcos Cunha (23). A MTV Brasil, que operou entre 1990 e 2013, foi o canal mais citado entre os entrevistados. Marcos Cunha lembrou também do Multishow, segundo ele, o programa TVZ era “o Spotify da época”.

A seguir vamos abordar os cinco temas subsequentes, “Consumo de mp3 e seus reprodutores”, “Transição pessoal para o streaming” e os aspectos positivos, negativos e as transformações e proporcionados pela evolução tecnológica, em conjunto em virtude de estarem correlacionados. Começaremos por uma breve contextualização histórica para que possamos articular as declarações dos participantes com propriedade.

O Napster, surgido em 1999 e extinto em 2000 em razão das ações judiciais impetradas pela indústria fonográfica, costuma ser citado como o grande marco da era do mp3, muito embora o suporte digital já estivesse disponível aos consumidores desde 1992. A desarticulação da indústria fonográfica causada pelo consumo e compartilhamento do mp3 representou que a circulação de música gravada saísse do circuito institucional. Subitamente, se você tivesse acesso a um computador e à internet, o acesso à fonografia tornou-se gratuito, como observa Renato Toscano: “o mp3 para mim foi a grande mudança, porque foi uma época que eu consegui conhecer muita coisa. Então era muito fácil compartilhar música” (Apêndice III, p.570). Bruno Druet acrescenta:

E é engraçado que aqui no Brasil a gente tem dois discos que sempre foram quase lendas urbanas, três discos, né? E com essa revolução digital, ficou muito acessível e ajudou a moldar muita coisa depois. Que foram os dois “Tim Maia Racional” e o “Paêbirú” do Lula Côrtes com Zé Ramalho, disco caríssimo e extremamente raro. E isso era maneiro porque “caraca, eu tô escutando essa parada aqui” (p.256).

A tão propalada democratização do acesso à fonografia foi retardada para alguns participantes por “uma questão de classe”, como observa William Cavalcante (30). William observa que só foi ter acesso a computador em 2010, 2011 e internet somente em 2015. Curiosamente, 2011 é o mesmo ano que Vanessa Renata afirma ter tido contato com *download* de música pela primeira vez: “foi quando minha tia comprou um computador e colocou internet lá”. William relata ainda que, mesmo tendo nascido em 1993, um ano depois do surgimento do

⁸² É interessante registrar que a venda de CDs em 2021 (RICHTER, 2022) teve um pequeno impulso, a ver se essa realidade se sustenta a longo prazo.

mp3, ainda era consumidor de fita cassete. Ele faz um relato pungente da compra de seu primeiro mp3 parcelado em dez vezes nas Casas Bahia:

Eu lembro de eu indo nas Casas Bahia com minha mãe comprar, porque, na época, meu pai biológico, ele me dava acho que R\$50 por mês. Eu lembro da gente ter feito, sei lá, em 10x assim o mp3. Eu era muito criança, não lembro o momento, mas eu lembro nas Casas Bahia, indo lá comprar e tal, esse de 128. E eu baixava na *lan house*, baixava música na *lan house*, e aí eram músicas soltas e tal (Apêndice III, p.668-669).

É interessante observar que em outro momento de sua entrevista, William afirma ter assinado o Spotify no primeiro da operação do serviço no Brasil. Isso é curioso, pois a plataforma chega ao país em 2014 (ALECRIM, 2014), um ano depois do citado como sendo aquele no qual William teve acesso à internet pela primeira vez. Isso não significa necessariamente que a memória de William o tenha traído, mas, a não ser que o participante esteja se referindo ao acesso à banda larga, esta parece ser uma inconsistência de seu relato.

De diversas formas, como já abordamos, o cenário do consumo do mp3 na primeira década deste século define as diretrizes e a proposta de valor que as plataformas *streaming* tinham de oferecer, ampliando as vantagens da tecnologia anterior e atacando as dores dos seus ouvintes. Como diz Bruno Druet:

Acho que foi em 2000 e... não, 1998, que eu escutei meu primeiro mp3, e falei “prefiro meus discos”. Sei lá, era meio difícil, entraram uns grupos de discussão e a conexão não era tão boa, era meio difícil assim. Mas depois que a banda larga começa a se tornar presente, esse é um formato que acaba vindo demais. E o *streaming* como uma resposta do capital a essa troca (p.256).

A adesão à nova tecnologia não foi suave para boa parte de nossos participantes. À excessão de Marcos Cunha e de Natalie Horvat, a maioria dos relatos colhidos neste tema revela resistência e uma certa sensação de impotência. Começamos, pois, pela declaração de Marcos. Ele percebe uma transição natural para o *streaming* em função de uma questão geracional e observa que as práticas de audição musical no YouTube contribuíram uma mudança sem sustos:

Olha, eu acho que eu posso dizer que foi muito natural, né? Porque, enfim, ali em 2010, eu acho que a minha geração já era mais aproximada do meio digital, do computador, né? Então meio que mesmo eu tendo CDs, eu acho que [...] a minha geração já toma o CD como um colecionável. Então, às vezes, mesmo a gente tendo CD e discos etc, a gente já ia ouvir no digital, né? Seja no YouTube, né? Seja no Spotify, que não entrando ainda no *streaming* né? Mas no YouTube também era muito forte, né? Então eu acho que foi bastante natural, né? Eu acho que essa minha geração já era acostumada com o YouTube, então foi bastante natural, diria (p.488).

Já Natalie celebra a transição tecnológica, mas revela grande resistência para assinar o Spotify:

Do CD pro streaming, eu amei também. Porque [...] a gente de alguma maneira ficava transitando entre jogar conteúdo no computador de alguma maneira pra poder ter um acervo e não ter que ter o objeto físico. E aí, quando veio o *streaming*, eu não tive o Spotify primeiro, eu tive acho que o Deezer, era muito fã do Deezer, amava o Deezer. Tive uma resistência enorme pra mudar pro Spotify, eu acho que eu mudei porque eu me senti obrigada a mudar pro Spotify (p.500).

Já Renato Toscanio inicialmente não viu benefício na proposta de valor do *streaming*: “Eu pensava, ‘eu já tenho aqui um aparelho com as minhas músicas, né?’ Eu não preciso ficar assinando essas coisas para ter acesso à música” (p.568). Julia Beauchamp também resistiu a aderir ao *streaming*, segundo ela, tinha apego às suas listas de mp3:

Eu demorei a aderir porque eu ainda tinha apego às minhas listas de mp3 conquistadas com trabalhadeira. [...] Eu organizava e tinha minha lógica. Eu demorei a aderir ao *streaming* (Apêndice III, p.433).

Se Renato, ao contrário de Natalie, não percebeu de imediato a vantagem que streaming oferecia, ele converge com ela no sentimento de ser dragado para o Spotify:

E aí eu acabei sendo meio que levado para o Spotify, não foi algo que eu busquei ativamente. Pessoas ao meu redor começaram a usar e eu comecei a ver que era mais fácil mesmo do que você baixar, pegar no seu computador, jogar para o seu celular ou para o seu tocador [...] . E que me atraiu foi mais o boom, a globalização. Foi de forma mais passiva que eu comecei a utilizar o Spotify. Aí hoje eu uso basicamente diariamente (p.572).

Sensação semelhante de inevitabilidade é registrada também na fala de Fiametta Ricci (26):

Foi que nem o WhatsApp. Assim, você não teve muita opção. Todo mundo tava usando, se você quisesse entender o que tava acontecendo, você tinha que... Mas eu demorei um pouco assim pra ceder porque... eu não tinha certeza que era aquilo mesmo... Fiquei um pouco ressabiada (p.360).

Daniel Chamusca se ressentiu da mudança em função da perda de controle sobre sua classificação pessoal de música. Cedeu porque a operacionalidade era mais fácil e pela pressão externa também:

Aí, quando foi em 2015, eu entrei para o Spotify. [...] E eu lembro que eu fiquei muito triste [...] porque eu tinha que abrir mão do controle que eu tinha, como eu catalogava e categorizava as minhas músicas para começar a usar a do Spotify. [...] Mas eu fui para o Spotify porque era o jeito mais fácil, né? Não tava mais tendo paciência para conseguir baixar as coisas que eu queria e sempre saía muito mais fácil no Spotify, era um jeito muito mais fácil de descobrir artistas novos principalmente. Então eu continuei baixando ali por mais um tempo as músicas que eu gostava, mas eu comecei a fazer isso e porque os meus amigos começavam (p.290).

Os aspectos positivos da desmaterialização e do *streaming*, a saber, a democratização do acesso e mobilidade da experiência, já foram abordados. Com relação aos aspectos negativos, podemos relacionar algumas objeções sobre as quais ainda não houve menção nesta seção. São elas: diminuição da qualidade do áudio; fragmentação e passividade da experiência; e perdas no campo informacional e da visualidade.

Com relação à perda da qualidade do áudio, é preciso fazer antes algumas ponderações. A herança da compressão do arquivo digital tem origem no mp3. Hoje, porém, há mais de um serviço que são capazes de servir o áudio no modelo *loss/less* (sem perdas), dentre eles Tidal, Qobuz e Apple Music. Além disso, como consequência da revolução digital e da convergência das mídias, primeiro para o computador, depois para dispositivos móveis, os sistemas de som de alta fidelidade, comumente chamados de *estéreo*, perderam o lugar nobre que ocupavam nas salas dos domicílios de classes média e alta. Esses aparelhos pouco a pouco foram se tornando objeto de desejo de audiófilos e não do público em geral. A audição de música doméstica foi migrando para sistemas de som *bluetooth*, os quais, como observou Humberto Barbosa (31), mesmo quando são providos de dois falantes, não têm como entregar a sensação de estereofonia⁸³. De modo que essa audição de áudio degradado em fontes sonoras de baixa qualidade não têm mais essa relação direta com as plataformas, ainda que algumas delas, como o líder de mercado Spotify, não oportunizem a entrega de um fonograma com integridade técnica.

A respeito da baixa qualidade de áudio do Spotify, há alguns comentários dos participantes. Humberto, que é músico profissional, demonstra preocupação com relação a essa questão:

Você perde os graves, os agudos, parece que você botou uma almofada em cima do da caixa de som, sabe? E aí isso eu acho muito preocupante, até no sentido de que você parar para pensar e ver que, por exemplo o Spotify, é o maior, né? (Apêndice III , p.402).

Roberto Castro, também músico ainda que amador, concorda:

Em termos de mudanças estruturais, em termos de mídia, como se consome música hoje, o que acabou me afastando é essa questão [...] que eu acho muito ruim. De repente assim, estar com os amigos aqui em casa, batendo papo, e botar um Spotify para tocar lá atrás, uma *playlist* qualquer, sem problemas. Mas botar um fone e ficar curtindo, como eu fazia, aí eu acho que a questão é a qualidade de áudio da mídia hoje (p.597).

⁸³ Técnica de gravação, reprodução e transmissão de sons que visa a possibilitar a localização plausível da direção e da distância de uma fonte (voz, instrumento, ruídos etc.) em um campo sonoro complexo, por meio da utilização, em geral, de dois canais de registros que conduzem os sons para dois ou mais alto-falantes, convenientemente instalados, tentando recriar o efeito espacial que o ouvinte experimenta em uma apresentação ao vivo (MICHAELIS, 2024).

Como contraponto, é interessante apresentar a declaração de Natalie Horvat. Para ela, qualidade de áudio é coisa de músico e a experiência que o Spotify oferece é boa:

Eu acho que a qualidade do áudio para quem é músico, é diferente para quem não é. Eu diria que é sempre bom. [...] Meu cunhado Danilo é músico, ele fala: “essa música aqui o baixo tá não sei quê”. Eu não tenho a menor ideia se tá tocando baixo, se a bateria falhou. Para mim, é muito difícil ter esse ouvido tão minucioso assim, para mim, quase sempre a experiência do Spotify é uma experiência positiva (Apêndice III, p.506).

Essa observação de Natalie demonstra o quanto o campo dos ouvintes fãs de música é heterogêneo. O exemplo de Bruno Druet, que não é músico, contraria diretamente essa observação de Natalie: “invisto hoje parte da minha grana em melhorar a qualidade do *streaming*, tem aparelhos caríssimos no universo da audiofilia” (p.262).

Com relação à fragmentação da experiência, Alexandre Limão encontra causas no aspecto operacional das plataformas de *streaming*: “Você tem mais liberdade de pular de um para o outro, então você acaba fazendo um pouco disso também, né?” (p.228). Ele acha que piorou a experiência do ouvinte:

Piorou a relação do cara com a música no sentido que não houve mais uma obra inteira, muitas vezes. Piorou o negócio da comercialização que é horrível. E ainda piorou a qualidade da audição. Então assim é difícil de entender isso, né? Porque o tempo evolui, a tecnologia evolui e você regride na sua experiência, eu acho muito triste (p.230).

Laura Martins (33) observa uma tendência à audição passiva, compartilhada com outras atividades, resultando em uma fonografia com menor protagonismo:

Eu acho que com o tempo, por causa da mobilidade e da facilidade de acesso, a coisa [a experiência] ficou um pouco mais passiva... [...] A música tá o tempo inteiro, o tempo inteiro... Então eu acho que a música virou um pouco mais música de fundo. A não ser que você queira ativamente que ela não seja, e eu acho que às vezes a gente não faz esse exercício (p.454).

Laura e Marcelo Nakata (49) relaram esforços conscientes para praticar audição dedicada.

Sobre as perdas visuais e informacionais, já apresentamos aqui as observações de Rachid Malik e Roberto Castro quando falamos a respeito do consumo de vinil nesta seção. Elencaremos a seguir os comentários de dois entusiastas das plataformas de *streaming*, Natalie Horvat, a respeito da capa e José Luiz Dias, sobre a ausência de ficha técnica.

Natalie, que nunca teve uma relação mais próxima com o vinil, se resente da ausência da capa do CD: “não tem mais onde ouvir, mas adorava o encarte dos CDs. A gente tinha amigos que faziam design gráfico [...] de capa de CD [...]. Isso pra mim é a maior perda que tem no *streaming*” (p.497).

José Luiz, técnico de áudio, embora ache que há muita nostalgia e pouca objetividade nas críticas às plataformas de *streaming* concorda que precisa melhorar na entrega dos metadados relativos às fichas técnicas:

Você vai nos serviços streaming, não diz quem gravou, quem tocou, quem mixou, quem operou o som, quem são os atores da letra, tem pouca informação sobre isso, isso é uma reclamação extremamente justa das pessoas que trabalham com isso sobre o serviço de streaming. Mas isso é uma coisa fácil de resolver, você vai botar um arquivo ali, do mesmo jeito que você clica pra ver a letra, também você veria a ficha técnica (Apêndice III, p.420).

Para finalizar esta seção, abordemos as declarações que concernem a transformações operadas pela tecnologia fonográfica. Elas foram reunidas em um tema próprio em razão de não se constituírem, necessariamente, nem em aspectos negativos, nem positivos. A primeira que exporemos aqui diz respeito à transição do formato álbum para *playlist*. De acordo com Paulo Haidar, o segundo tomou o espaço do primeiro:

A *playlist* acho que tomou conta do álbum, né cara? [...] Uma ideia que a gente tinha antigamente de você pegar aquilo mais fisicamente e ouvir do começo ao fim. [...] Hoje em dia, cara, mudou tudo. Então, por isso, eu acho que o álbum perdeu um pouquinho daquele impacto que ele tinha (p.542).

Há comentários a respeito da transformação na própria estrutura musical, tanto no que diz respeito ao encurtamento das canções, quanto na antecipação dos momentos mais envolventes do fonograma na tentativa garantir a monetização na plataforma.

Rui Pereira e Rui Pereira Jr falam sobre o encurtamento. Jr entende que esse aspecto está associado à influência do TikTok enquanto o pai reflete se o jovem de hoje terá paciência para ouvir uma música com uma organização mais tradicional.

O nosso movimento [a época atual] começou com músicas de cinco a seis minutos, foi para quatro, três... e agora a gente vive a era do TikTok. [...] É muito mais difícil você ver alguém consumir três minutos de música (Rui Pereira Jr, p.609).

Tem disco aí que tem música que tem sete minutos, tá entendendo? Essa pessoa será que ela consegue retornar à capacidade de ouvir uma música que tem uma introdução, tem um meio, tem um fim, entendeu? Mas isso aí é uma questão de que nem eu sei responder, entendeu? (Rui Pereira, p.609).

Daniel Chamusca também encontra no TikTok a causa para o encurtamento das canções e contribui para essa discussão falando a respeito da antecipação do gancho⁸⁴ da canção:

⁸⁴ O gancho é uma ideia musical, geralmente um pequeno riff, trecho ou frase, que é usada na música popular para fazer a canção ser "cativante" e para "chamar a atenção do ouvinte".

O *hook* da música, o gancho, começou a ficar no começo, nos primeiros segundos ali porque você precisa tomar a atenção do ouvinte na hora que ele tá passando ali na *playlist* e se eu não gostar daquela música nos primeiros 10 segundos, eu vou passar para a próxima porque eu tenho outras oito milhões de músicas disponíveis para mim, né? (p.299).

Para finalizar essa seção traremos as observações de Laura Martins e Bruno Druet que versam a respeito do suposto efeito de radicalismo provocado pelo algoritmo do Spotify. Ambos têm uma visão convergente e um tanto negativa a respeito desse assunto:

E eu acho que o algoritmo é a forma de construir extremos. Se você tende um pouquinho a gostar de Anitta, que eu admiro para caramba artisticamente, ele vai insistir tanto a você ir para um lado que você vai esquecer todo o resto. Então, não sei, acho que é por aí (Bruno, Apêndice III, p.266).

Eu acho que o algoritmo ele te faz entrar nos buracos. Sei lá, ele identifica que você gosta, eu nunca vou esquecer da época que eu tava ouvindo muito country. E aí ele começou a me indicar todo o country. E aí eu comecei a escutar todo country, quando eu vi ele tava me indicando bandas country norueguesas! [...] Porque ele não sabe fazer conexões muito complexas. Então ele não vai te mandar para, sei lá, um disco de rock alternativo que puxa referências do country! [...] Ele vai ficar te mandando é um funil ao ponto de chegar naquele ponto mais específico do que você tá escutando. Eu acho que cria radicalismo musical, eu não gosto (Laura, p.462).

Essas declarações estão elencadas no tema de transformações e não de aspectos negativos em função de serem a perspectiva pessoal desses dois participantes. Daniel Chamusca, por exemplo, acha que o algoritmo funciona muito bem para o seu estilo musical, não parece incomodado por supostos radicalismos:

Inclusive eu escuto o Spotify porque para mim é o que tem o melhor algoritmo. Eu não consigo migrar pro Apple Music, apesar de ter uma política de pagamento aos artistas que seria mais interessante para mim... Mas eu sou egoísta nesse ponto, eu sou um consumidor que deixa isso de lado. Eu prefiro ouvir no Spotify porque os algoritmos funcionam mais para o tipo de coisa que eu gosto, né? (p.303).

A única síntese possível dessa seção é assinalar o perfil heterogêneo de nossos participantes. Observando a figura 33, pode-se perceber que temos entrevistados que nasceram em todas as fases da fonografia. Essa contingência permite percepções muito diversas a respeito do percurso da tecnologia.

7.7

Assinatura de plataforma de *streaming*

Começaremos este tópico comentando alguns dados quantitativos. Entre nossos entrevistados, o Spotify dominou amplamente este item, com 31 assinantes de versão Premium e três da versão gratuita. Temos três assinantes da Apple

Music, dois Deezer e um para YouTube Music, Qobus e Tidal (figura 39). Há ainda três participantes que não assinam nenhuma plataforma (Rachid Malik, 53; Roberto Castro, 60; Frederico Baal, 70), mas todos eles eventualmente utilizam o YouTube para ouvir música. Rachid Malik inclusive tem um canal do YouTube para promover sua loja de discos. Em do volume de assinantes de uma só plataforma, optamos por relacionar apenas dois temas neste tópico: (1) características do Spotify; e (2) características de outras plataformas de *streaming*. Eles serão abordados transversalmente na análise deste tópico utilizando como linha mestra os dados quantitativos encontrados.

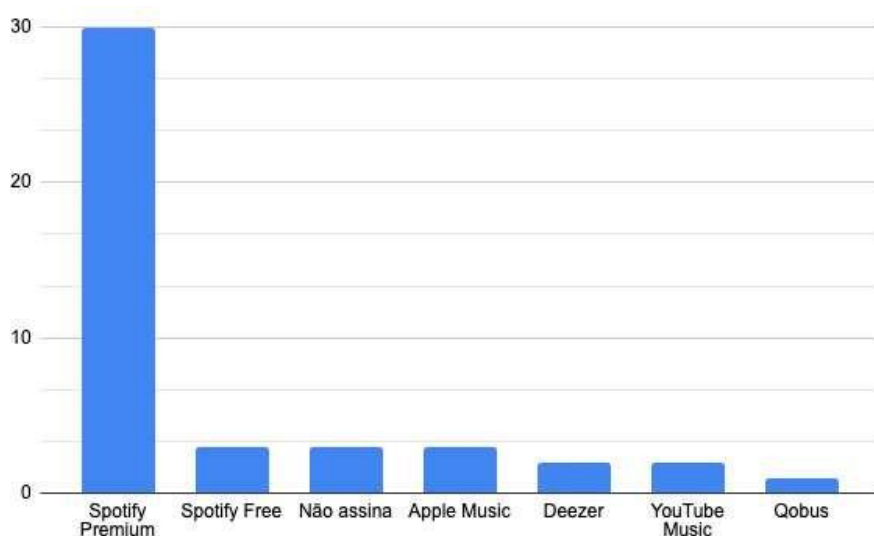


Figura 39: Assinantes de plataformas de *streaming*

Daqueles que assinam AppleMusic (José Luiz Dias, 59; Vinícius Kalil, 55; Laura Martins, 33), dois deles (Laura e José Luiz) optaram pelo serviço pela entrega de áudio sem perdas. Já Vinícius Kalil disse que adoção da plataforma é um legado de seu vínculo com o ecossistema da Apple.

Entre os assinantes do Deezer, Alexandre Limão (47) afirmou que saiu do Spotify acompanhando o posicionamento de Neil Young que deixou aquela plataforma por razões políticas. A ausência do cantor canadense é um problema também para Bruno Druet (47), mas a razão pela qual ele assina Tidal é pela qualidade de áudio, mesmo motivo que faz Marcelo Nakata assinar Qobus. Ambos, porém, assinam Spotify. Enquanto o último o faz para poder ter acesso a mais conteúdo, o primeiro assina o líder de mercado para compartilhamento de uma *playlist* semanal que publica. Laura Martins, assim como Bruno, assina o Spotify pela popularidade do serviço: “audições um pouco mais sociais, tipo *playlist*, coisas assim, é Spotify porque é onde as pessoas estão” (Apêndice III, p.451).

Participantes	Assinatura	Outras plataformas
Alexandre Limão	Deezer	YouTube
Ana Maria Fugazzi	Spotify Premium	
Antonia Schiavio	Spotify Premium	YouTube
Bruno Druet	Spotify Premium, Tidal	SoundCloud
Carlos Santiago	Spotify Premium	SoundCloud, YouTube
Clementina Trevisani	Spotify Premium	
Daniel Chamusca	Spotify Premium	YouTube
Darcy Paranhos	Spotify Premium	YouTube
Fabiana Leão	Spotify Premium	YouTube
Fernando Menezes	Spotify Premium	YouTube
Fiammetta Ricci	Spotify Premium	
Frederico Baal	Não assina	YouTube
Giovanna DeLucca	Spotify gratuito	YouTube
Gustavo Lubiano	Spotify Premium	YouTube
Humberto Barbosa	Spotify Premium	YouTube
Isabela Prata	Spotify Premium, YouTube Music	
José Luiz Dias	Apple Music	
Julia Beauchamp	Spotify Premium	YouTube
Laura Martins	Spotify Premium, Apple Music	YouTube
Leandro Salgueiro	Spotify Premium	YouTube
Marcelo Nakata	Spotify Premium, Qobus	
Marcos Cunha	Spotify Premium	
Natalie Horvat	Spotify Premium	YouTube
Nina Maia	Spotify Premium	
Patrícia Oliveira	Spotify Premium	
Paula Lubiana	Spotify gratuito	YouTube
Paulo Haidar	Spotify gratuito	YouTube
Rachid Malik	Não assina	YouTube
Rafael Alves	Spotify Premium	YouTube
Renato Toscanio	Spotify Premium	YouTube
Ricardo Mazzi	Spotify Premium, YouTube Music	YouTube
Roberto Castro	Não assina	YouTube
Rui Pereira	Spotify Premium	
Rui Pereira Jr	Spotify Premium	
Sandro Geraldo	Spotify Premium	
Sonia Rodrigues	Deezer	
Tiago Azevedo	Spotify Premium	YouTube
Vanessa Renata	Spotify Premium	
Vinicius Kalil	Apple Music	
Willian Cavalcante	Spotify Premium	YouTube

Tabela 3: Participantes e plataformas de streaming

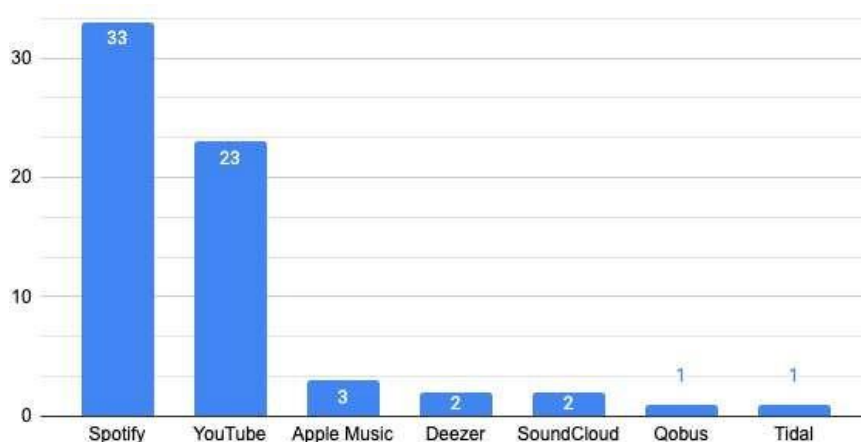


Figura 40: Plataformas de audição de música

Dos participantes que se declararam felizes com o serviço prestado pelo Spotify, o comentário a mais representativo é o de Daniel Chamusca (29). Ele se diz “apaixonado” pela plataforma fundada na Suécia. Mesmo tendo acesso a outros serviços gratuitamente não consegue abandonar o Spotify:

E aí, enfim hoje eu sou apaixonado pelo Spotify. Eu até tenho Apple Music porque faz parte do plano de assinatura do que eu divido com meus amigos, tenho Deezer grátis, meu namorado usa, então às vezes eu quero ouvir as playlists que ele tá ouvindo e tudo mais. Mas aí eu tenho o Spotify, eu não consigo abrir mão, é o que tem a melhor usabilidade para mim, mesmo não tendo algumas coisas exclusivas e tal, mas enfim escuto no YouTube, escuto menos, escuto pouco (Apêndice III, p.289).

O baixo valor é uma das razões listadas para a assinatura do Spotify por Sandro Geraldo (“pô, R\$19,90, então deixa”) e Fabiana Leão, que só entrou para a plataforma em função do preço promocional: “uma das coisas que me fez assinar foi o preço de R\$ 9,90 [...], o plano de estudante”.

Dentre aqueles que utilizam a versão gratuita do Spotify, Paula Lubiana (47) tem acesso eventual à versão Premium, e parece não se entusiasmar muito em pagar pelo serviço. Paulo Haidar (50), por sua vez, não liga muito para os anúncios: “anúncio é chato, fica ali um pouquinho, depois você bota de novo, tá tudo bem”. Já Giovanna DeLucca tem uma opinião forte a respeito da versão gratuita. Segundo ela, que não assina o Spotify por algum problema com seu cartão de crédito: “eles quase te expulsam da plataforma por ser tão insuportável você estar lá sem ser assinante”. Julia Beauchamp tem a mesma impressão:

Eu usava música para trabalhar, me concentrar, e eu tava ouvindo assim uma música calminha de repente entrava um áudio de um anúncio de axé. Eu não entendia, eu pensava... os caras: “olha, a [Julia] tá ouvindo Mozart. Vamos botar assim o oposto”. Eu não sei se isso é proposital, não sei. Botar o oposto do que a pessoa tá ouvindo pra ela se irritar e assinar de uma vez o serviço. [...] É feito para incomodar, né? [...] Ouvindo jazz e entrava axé gospel, eu ficava “o quê?!” Assinei! E desde então, já sou usuária do Spotify, tem anos já. E gosto (p.432).

Alexandre Limão, em suas palavras, tem “ódio mortal” às propagandas. Para ele é uma interferência inaceitável na experiência:

O que eu queria falar também é o negócio da comercialização da música, né? Do jeito que é feita hoje, isso te impõe uma coisa horrorosa que é ficar vendo anúncio no meio da música. Eu tava dando um exemplo daquele Tiny Desk [...] no YouTube, show do Nile Rogers, é maravilhoso, muito bom, a banda maravilhosa, cara [...], aí o cara toca uma música, toca outra porra, aí entra a Ludmila fazendo propaganda do Shopee! [...] Eu vendo essa porra, entra uma propaganda, eu nunca vou comprar essa merda na minha vida! Eu tenho um ódio mortal, me dá vontade de fazer um caderno e anotar os produtos que eu nunca vou comprar na minha vida só de sacanagem. Piorou muito a experiência de se ouvir música, eu acho (p.228).

Aparentemente, a Alexandre não ocorreu a opção de assinar o YouTube Premium para se livrar dos anúncios. Uma declaração notável a respeito de publicidade foi dada por Fiametta Ricci. Embora recentemente tenha passado a pagar pelo serviço *premium* do Spotify, Fiametta gostava de ouvir os anúncios, achava interessante ser exposta a conteúdos fora do seu raio de influência:

Eu tenho uma experiência estranha, eu gostava dos anúncios. Eu gostava de ouvir os anúncios para saber o que ele tava sendo falado fora do que eu escolhi. Eu gostava de ver a construção do mundo, eu gostava de entender como é que tava sendo feito. Mas eu comecei a assinar porque tinha momentos que, eu viajava, ou então fazia alguma coisa, ou perdia a internet e aí já ficava sem música (Apêndice III, p.360).

Ao contrário de Alexandre, Ricardo Mazzi (31) paga pelo YouTube Premium, que oferece também o acesso ao YouTube Music. Para ele, o YouTube é “imensamente melhor” e só não sai do Spotify por causa de suas *playlists*: “Eu já tenho minhas playlists no Spotify, senão eu sairia completamente do Spotify assim, porque para mim o YouTube é imensamente melhor para como eu consumo música assim, sabe?”. Isabela Prata assina tanto o Spotify quanto o YouTube Music, pois o acervo deste último é melhor: “YouTube music é um pouco mais completo. Ele me entrega uma discografia maior dos artistas que eu consumo.”

Muitos dos participantes mencionaram ouvir música também no YouTube⁸⁵ (figura 40), demonstrando que a plataforma de vídeo do Google é a segunda mais utilizada. No entanto, como se pode observar na tabela 3, os serviços não são excludentes.

7.8

Consumo, engajamento e produção de conteúdo online.

Este tópico tem como papel revelar o comportamento do participante com relação à produção e consumo de conteúdo na internet. Encontramos 8 temas na exploração deste tópico: (1) Instagram; (2) Twitter (X); (3) YouTube; (4) Spotify; (5) Last.fm; (6) demais redes sociais; (7) segue artistas; (8) atividade é relacionada a trabalho.

O Instagram foi a rede social mais citada neste tópico. Diversos participantes mencionaram que seguem artistas que gostam nesta rede social. Foi o caso de Natalie Horvat (50 anos), Fabiana Leão (28) e Giovanna DeLucca (26). A integração entre Spotify e Instagram facilita o compartilhamento do gosto musical nesta plataforma, como diz Marcos Cunha (23) “no Spotify, particularmente

⁸⁵ Na figura 40, já que o YouTube Music é fornecido como um produto adicional da assinatura Premium do Youtube, agregamos ambos os dados

tem aquela opção da gente compartilhar tudo no *stories* do Instagram. Então, eu diria que [...] costumo compartilhar bastante”. Giovanna tem a mesma prática:

Eu tiro uma foto, coloco no *stories* [do Instagram] aí coloco uma música por cima que eu acho que tem a ver com a imagem que eu tirei, enfim. Ou tô ouvindo no Spotify e tem aquele modo de compartilhar no Instagram o que você está ouvindo no Spotify. Hoje mesmo eu fiz isso assim, tava ouvindo música, quis compartilhar (Apêndice III, p.378).

O Twitter (ou X) é o local onde costumam acompanhar a discussão pública sobre os assuntos, como diz Fabiana Leão:

Mas eu acompanho, assim, todo mundo e, assim, os temas também pelo Twitter. Então, Twitter é tipo jornal de manhã, acompanhando o que tá acontecendo na música, né, com as pessoas que eu quero acompanhar e tudo mais... (p.336).

Com relação à produção de conteúdo no Twitter, Gustavo Lubiano (18) “fala muito sobre música” e Daniel Chamusca (29) e Laura Martins têm o hábito de compartilhar suas *playlists*. Laura acha que “o que você tá ouvindo diz muito sim sobre sua personalidade” e Daniel, em uma citação já destacada aqui, confia que a personalidade “é mostrada pelas músicas que propositalmente [tenta] mostrar”.

A criação de *playlists* no Spotify com o objetivo de compartilhamento é uma prática de alguns entrevistados, como os já citados Daniel e Laura. Bruno Druet (40) assina o Spotify para permitir que a curadoria de uma *playlist* semanal que elabora seja melhor difundida: “vou botar essa *playlist* no mundo”. Seu interesse, no entanto, não é ter visibilidade pessoal, pelo contrário, cancelou todas as redes sociais. Diz ele:

Tem sempre uma curadoria assim, então, acho que isso é maneiro porque eu não tenho vocação nenhuma para ser *influencer*. [...] O lugar da curadoria é um lugar muito interessante. O *influencer* quer um lugar para ele, né? Onde vai fazer de tudo para que ele seja o assunto no final das contas. [...] Mas eu resolvi fazer e tô gostando (p.257).

Laura Martins, que escreve sobre música profissionalmente, compartilha a aversão em ser *influencer*:

Eu escrevo literalmente quase uma vez por mês pro Screamin' Hell sobre K-Pop. Eu falo que o meu trabalho atualmente é falar sobre K-Pop para Indie e sobre Indie para K-Pop. Mas, na verdade, eu não tenho muito saco para o jeito que a produção de conteúdo de música atualmente acontece. Eu não quero, de maneira alguma, ser *influencer* (p.453).

O consumo de conteúdo relacionado à música no YouTube foi bastante citado nas entrevistas. Dois dos entrevistados, Rachid Malik (53) e Daniel Chamusca, também produzem material para a plataforma de vídeos do Google.

Daniel colabora com um *blog* na curadoria de uma *playlist* de lançamentos musicais e paga o Last.fm Premium para poder parametrizar com maior controle seu gosto musical:

Se eu tivesse hoje que falar qual a coisa mais inútil que eu tenho, mas que eu ainda faço por conta do meu amor por música, é que eu pago o Last.fm premium. Então, são US\$3 por mês para eu ter direito de alterar as coisas. Então quando o Spotify usa uma tag que eu não gosto eu vou lá e arrumo para poder organizar do jeito que eu gosto, porque é o meu diário (Apêndice III, p.289).

Quem também tinha uma produção de conteúdo sobre música era Renato Toscanio, um *podcast* no qual debatia questões musicais. O projeto foi descontinuado por falta de tempo. À exceção de Fernando Menezes (66), que não é ativo na internet, entrevistados que trabalham com música, como é o caso de Rachid Malik, Rui Pereira (66), Rui Pereira Jr (33), José Luiz Dias (59) e Humberto Barbosa (31) usam as redes sociais como ferramenta de trabalho.

Com relação às demais redes sociais, o TikTok foi mencionado por Ricardo Mazzi (31) e Daniel Chamusca. Ricardo tem um uso mais específico desta rede social, na qual consome conteúdo relacionado à produção musical. Daniel relata que o TikTok foi a inspiração para um projeto que tocou em conjunto com um amigo, ouvir um álbum por dia e relacionar suas músicas favoritas:

A gente viu isso no TikTok, uma pessoa teve essa ideia, a gente falou “vamos fazer isso”, que é ouvir um álbum por dia. Então no ano passado, eu comecei realmente a ouvir um álbum por dia até abril mais ou menos, escutei todos os dias e depois eu simplesmente estava muito cheio, não conseguia mais prestar atenção (p.304).

Assim como Daniel, Marcelo Nakata (49) teve um projeto tocado em conjunto com um amigo associado ao formato álbum. A rede social utilizada nesse caso foi no Facebook, na qual mantiveram uma página que reunia publicações de *playlists* que emulavam álbuns clássicos com versões de suas músicas tocadas por outros artistas:

Até a pandemia a gente tinha uma página, chama DisCover no Facebook, né? Eu fazia com um amigo aí do Rio de Janeiro, porque assim a gente pegava um álbum clássico, sei lá “Revolver” dos Beatles, né? E pegava bandas que faziam *cover* dessas músicas. Então a gente fazia o álbum inteiro só de bandas de *cover*. [...] Pandemia e meu amigo teve filhos... mas eu parei. Ultimamente eu só olho, só pesquiso e só fico olhando as coisas (p.475).

Os participantes que produzem (ou produziram) conteúdo com uma intenção de alcance para além de sua rede pessoal foram Daniel Chamusca, Laura Martins, Bruno Druet, Marcelo Nakata e Renato Toscanio. Outros participantes que relataram um comportamento engajado foram Darcy Paranhos (23), Giovanna DeLucca, Gustavo Lubiano (18), Leandro Salgueiro (18) e Marcos Cunha. Para além dos citados e dos que têm uma produção de conteúdo relacionada ao

trabalho (e neste caso é preciso incluir Sonia Rodrigues, que não é musicista, mas utiliza suas redes profissionalmente), o restante dos indivíduos manifestaram um consumo mais passivo do que ativo relacionado à música na internet.

7.9

Importância da qualidade de áudio

Esse tópico diz respeito à relevância da qualidade do áudio para a experiência fonográfica. Como já se pôde observar em declarações pinçadas em outros tópicos, essa questão é controversa. Há participantes para os quais a qualidade do áudio não é tão relevante para sua fruição, enquanto para outros é absolutamente fundamental, sendo o fator decisório para selecionar a plataforma de áudio. Também há bastante debate a respeito da capacidade de entrega de alta fidelidade de determinados suportes, como o vinil e o CD. Vamos nos engajar nessa discussão, explorando as diversas visões dos participantes a respeito desse tópico. Sugerimos 6 temas para análise: (1) a qualidade do áudio é importante; (2) a qualidade do áudio não é um tão importante; (3) a qualidade do vinil é superior; (4) a qualidade do vinil não é superior; (5) a qualidade do CD é superior; e (6) as plataformas de *streaming* no geral e especialmente o Spotify têm baixa qualidade. Apresentamos na tabela 4 uma correlação entre os participantes a importância percebida da qualidade do áudio.

Ao falar a respeito de seu envolvimento com música no princípio de sua entrevista, uma das coisas que Bruno Druet (47) viu como evidência da importância dela em sua vida foi o investimento que fez não somente em suportes musicais, mas também em revistas, livros, assinaturas premium de serviços de alta fidelidade e equipamentos de audiofilia: “acho que a música, pelo grau de investimento que eu tive [...] é muito formadora da minha identidade mesmo, não tem como me dissociar”. Bruno observa que a relação com o mp3 foi gerando pouco a pouco uma determinada fadiga auditiva, que ele identifica como sendo uma derivação da baixa qualidade não somente do mp3, mas também do “hardware”:

A gente no mp3 ali em 1998 até 2000 e pouco, não conseguia perceber, tava muito empolgado com a quantidade de música, mas aos poucos você começa a perceber que é uma música, é um formato que traz muita fadiga no ouvido. Eu via que eu estava escutando cada vez menos e porque será, porque que com o vinil não tinha isso, com o CD eu não tinha isso? O áudio digital, o áudio de *streaming* ainda tem que passar por uma série de evoluções, né? Acho que depende muito do *hardware*. Depende muito dos *headphones*, das caixinhas de som (p.261).

Participantes	é importante	não é tão importante	indefinido
Alexandre Limão	x		
Ana Maria Fugazzi	x		
Antonia Schiavio		x	
Bruno Druet	x		
Carlos Santiago	x		
Clementina Trevisani		x	
Daniel Chamusca		x	
Darcy Paranhos		x	
Fabiana Leão	x		
Fernando Menezes	x		
Fiammetta Ricci	x		
Frederico Baal			x
Giovanna DeLucca	x		
Gustavo Lubiano	x		
Humberto Barbosa	x		
Isabela Prata	x		
José Luiz Dias	x		
Julia Beauchamp			x
Laura Martins	x		
Leandro Salgueiro	x		
Marcelo Nakata	x		
Marcos Cunha	x		
Natalie Horvat		x	
Nina Maia			x
Patrícia Oliveira			x
Paula Lubiana			x
Paulo Haidar	x		
Rachid Malik	x		
Rafael Alves	x		
Renato Toscanio	x		
Ricardo Mazzi	x		
Roberto Castro	x		
Rui Pereira		x	
Rui Pereira Jr	x		
Sandro Geraldo			x
Sonia Rodrigues		x	
Tiago Azevedo	x		
Vanessa Renata	x		
Vinicius Kalil			x
Willian Cavalcante	x		
Total	26	5	7

Tabela 4: Participantes e a importância percebida da qualidade do áudio

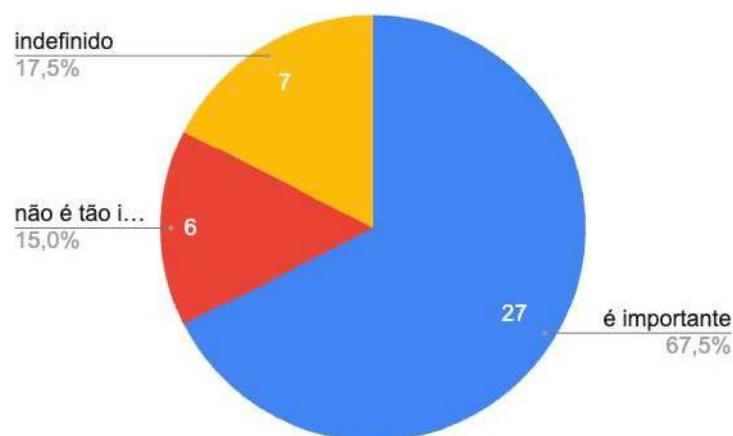


Figura 41: Participantes e a importância percebida da qualidade do áudio

Bruno, como visto em seção anterior, é assinante do Tidal, serviço que entrega áudio digital sem perdas. Segundo ele, “não dá nem para comparar [o Tidal] em termos de qualidade de áudio com o Spotify”. Ele até assina Spotify também, mas a utiliza para o compartilhamento da *playlist* que elabora semanalmente por ser o serviço de *streaming* mais popular.

Marcelo Nakata (49), assinante do Qobus, outro serviço de alta fidelidade, assim como Bruno, faz objeções ao áudio do Spotify, segundo ele, “é um pouco mais baixo”. Também como Bruno, Marcelo assina também do Spotify, nesse caso para pesquisas, visto que o Qobus tem um acervo menor.

Laura Martins (33), optou pelo Apple Music para poder ter acesso a um áudio digital audição sem perdas. A baixa qualidade do Spotify a “irrita um pouco” e também assina esta plataforma em função da extensão da sua rede de ouvintes: “audições um pouco mais sociais, tipo *playlist*, coisas assim, é Spotify porque é onde as pessoas estão. A qualidade do *lossless* da Apple Music, se eu tô com o fone bom, eu prefiro. É outro nível assim, você escuta tudo” (Apêndice III, p.453).

Há outros participantes como os músicos Humberto Barbosa (31) e Roberto Castro (60) que condenam a baixa qualidade do líder de mercado como sendo um obstáculo para uma boa audição fonográfica. É interessante resgatar uma outra citação, de Natalie Horvat (50), já destacada aqui, que se contrapõe diretamente a essas observações: “a qualidade do áudio é para quem é músico, é diferente para quem não é. Eu diria que é sempre bom. [...] Quase sempre a experiência do Spotify é uma experiência positiva” (p.506).

A audição fonográfica é uma questão de tal maneira subjetiva que não é possível nem mesmo generalizar com segurança que “qualidade de áudio é um fator importante para os músicos”. Clementina Trevisani (58), ex-violista da Orquestra Sinfônica Brasileira, ouve música basicamente o dia todo pelo rádio, sempre como pano de fundo. E, como vimos pelos exemplos de Bruno, Marcelo e Laura, a qualidade de áudio é uma questão que os participantes “não músicos” de nossa amostragem também dão grande importância.

Considerando o relato a respeito da audição fonográfica com protagonismo, os demais músicos profissionais dentre os nossos entrevistados demonstraram que sua audição é mais técnica do que estética. Fernando Menezes também escuta dedicada e Humberto Barbosa diz que sua escuta é “entra em uma chave mais profissional”. Para este último, em trecho já destacado, a qualidade de áudio do Spotify é motivo de preocupação, uma vez que se trata da principal plataforma de audição musical na atualidade:

Você perde os graves, agudos, parece que você botou uma almofada em cima do da caixa de som, sabe? E aí isso eu acho muito preocupante, até no sentido de que você parar para pensar e ver que, por exemplo o Spotify, é o maior, né? (p.402).

Por outro lado, alguns participantes enfatizaram que mesmo que considerem a qualidade de áudio uma questão relevante para a audição musical o mais importante é a relação com a música, para que o indivíduo não se perca em fetiches tecnicistas. Como diz José Luiz Dias, é melhor ouvir “música boa em som ruim do que o contrário”, ou Bruno Druet: “tá muito diferente ouvir um disco de vinil e ouvir um disco de CD e ouvir um disco no *streaming*. [...] Mas isso não impede que a experiência musical seja bacana” (Apêndice III, p.267).

Alguns participantes manifestaram que essa questão não tem muita relevância para sua audição. Antonia Schiavio (39) descreveu uma experiência na qual pratica audição musical dedicada usando o celular. Para Sonia Rodrigues, cantora amadora, importa mais a estética da música do que “o meio como ela chega para [si]”.

Darcy Paranhos (24), por sua vez, diz que acabou se acostumando a ouvir “música como dá”. Para Daniel Chamusca a qualidade de áudio é muito pouco relevante. Em suas práticas, como Antonia, escuta pelo celular, o que seria inconcebível para Alexandre Limão: “O que me incomoda é você ouvir, por exemplo, uma música no celular, o alto-falante do celular. Porra, isso é bizarro para mim”. Mas Daniel evita dizer que não liga muito para qualidade de áudio: “nunca falo que eu não me importo com a qualidade do áudio ou que eu escuto em áudio ruins, porque isso pode virar argumento para as pessoas que gostam de falar mal das coisas que eu gosto”.

Para falarmos a respeito de qualidade de áudio no contexto do vinil, voltemos à entrevista de Clementina Trevisani. Segundo ela, os músicos sabiam que o vinil ia voltar, face à qualidade superior que ele é capaz de entregar:

A gente, como músico, sabia que isso ia acontecer [voltar o vinil]. Era previsível. Assim, na época da discoteca, a gente sabia também que essa fase [de usar sintetizadores] ia passar e que voltaria a gravação dos instrumentos originais dentro do estúdio. Porque é uma questão de som, é uma questão de respiração, é uma questão de interpretação, a coisa mecânica... A mesma coisa o CD e o LP. O LP tem aquele chiado que faz a diferença de um CD e o LP. O LP ele acaba tornando a coisa um pouco mais real entre aspas. [...] A relação é estaria para uma fotografia feita com uma câmera analógica e uma fotografia com uma câmera digital. Quando você vai lá para a sala escura e faz a revelação do teu filme, ela tem uma alma que não vai sair na digital. A mesma coisa o CD e o LP. Falta essa alma que não é captada pelo CD entendeu? (p.282-283)

Como Clementina, Rachid Malik acha que o som do vinil é mais próximo da execução ao vivo:

A qualidade sonora do vinil muito diferente do arquivo digital, porque para criar um arquivo digital você corta muitas frequências e então a reprodução não é igual. Vou dizer que o disco é um som natural. Então, ele tá mais perto da execução que foi feita naquele momento. Menos artifícios, um som mais quente, mais natural (p.554-555).

Vanessa Renata vai na mesma linha e acrescenta que com o vinil ouve detalhes do arranjo inacessíveis pelo *streaming*.

Eu acho que o som [do vinil] é melhor [que o das plataformas de streaming] acredito que o som esteja mais fiel, ao que foi gravado. Principalmente, quando a gente gosta muito de uma banda assim... no meu caso, sou fã de várias bandas, tem algumas que eu gosto mais, às vezes no vinil tem alguns detalhes do som que no *streaming*, ou não tem, ou a gente não percebe. Acho que é isso, é um som um pouco mais fiel. E acho que é melhor também (Apêndice III, p.653).

Roberto Castro (60) diz que o vinil tem um impacto auditivo que o *streaming* não pode competir: “pô, outro dia fui escutar acho que foi Guns’n’Roses, [...] botei aqui no celular, na segunda música eu parei. Era outra coisa, não era o que eu conhecia do vinil, com aquele *punch*” (p.599).

Mas há quem discorde frontalmente dessa suposta superioridade do som analógico. Como vimos anteriormente, para Fernando Iazzetta, professor titular na área de Música e Tecnologia do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP, o próprio conceito de fidelidade não faz sentido, ambos são distorções do registro original (IAZZETTA 2009, p.102). A José Luiz Dias o entusiasmo com o vinil não tem a ver com qualidade sonora:

Eu entendo assim dessa parte tecnológica então não vou "ah, o som do vinil é muito melhor". Não é, não é. É uma coisa nostalgia sim. [...] Não tô assim contra o vinil, pelo amor de deus. Só estou dizendo uma coisa real: ele tem várias limitações tecnológicas, né? A faixa dinâmica é menor, ou seja a diferença entre o ruído e o máximo antes da saturação. Tem aqueles *pops* e *clicks*... Faz parte também, a pessoa gosta, ok. Não tô criticando quem faz isso. Eu acho legal também. Por exemplo, não pode ter nenhum som grave que seja mais muito mais de um lado que do outro, porque senão agulha pula... Então, tem uma série de limitações (p.421).

Marcelo Nakata, acha o som do CD superior, por mais que os consumidores de vinil, segundo ele, jamais vão admitir:

Os consumidores muito ávidos de vinil sempre vão dizer que por mais que os métodos digitais sejam superiores, a audição no vinil é melhor, tal. Não concordo, não. Eu gosto, mas assim, por exemplo, há muitos discos dos anos 1970, 1980, 1960, que foram remasterizados em CD e são muito superiores, tá? Então eu não tenho isso. Eu acho que CD é melhor, inclusive (p.480).

Como diz Iazzetta (2009) a disputa pela qualidade de áudio entre vinil e o audio digital parece ser uma questão subjetiva, relativa ao gosto pessoal. Evidentemente, essa comparação só pode ser efetuada considerando o arquivo digital não comprimido, como o mp3 ou o material oferecido pelas plataformas de *streaming* que não oferecem áudio sem perdas.

É difícil dizer o que é mais significativo no exame da figura 41, se a amostragem de dois terços dos nossos participantes para os quais a qualidade de áudio é um fator importante para a escuta musical ou os 15% de indivíduos que se consideram fãs de música que não dão tanta importância para esta questão.

8

Hábitos de audição musical

Com o perfil do participante traçado, cabe-nos investigar seus hábitos de audição. De que forma a música se insere na sua rotina, a que função ela se presta, através de quais meios e formatos ele escuta, como ele seleciona o material que escuta e qual o papel da inteligência artificial no processo. Exploramos também determinadas experiências de audição e nos propusemos a investigar se a audição de *podcasts* compete com a audição musical.

8.1

Rotina de audição

Com este tópico pretendemos extrair do participante a forma pela qual a audição musical se insere em sua rotina. Relacionamos três temas para análise: (1) presença da música na rotina diária; (2) audição de música e mobilidade; (3) práticas específicas. Boa parte dos ouvintes relatou usar música “o tempo inteiro”, como diz Laura Martins (33). É o caso também de Clementina Trevisani (58), Ricardo Mazzi, William Cavalcante (30), Julia Beauchamp (47) e Daniel Chamusca (29). Como diz Ricardo, “se [ele] não preciso ter um foco 100% numa coisa, [ele vai] estar ouvindo música enquanto tô fazendo aquilo”. Esta prática só interrompida em caso de necessidade, por exemplo, por questões profissionais precisa interromper a música.

A audição musical também está muito associada à mobilidade, um recurso a que o participante lança mão no momento em que está circulando pela cidade ou no transporte para o trabalho. Isso foi registrado nos relatos de diversos ouvintes, como Alexandre Limão (47), Rui Pereira Jr (33), Ricardo Mazzi (31), Fiametta Ricci (26), Leandro Salgueiro (18), Ana Maria Fugazzi (18).

Vale registrar algumas práticas específicas para que tenhamos noção de como a rotina de audição musical se expressa no contexto das vidas desses participantes. Ouvir música logo que a acorda é uma prática registrada por diversos entrevistados, como Gustavo Lubiano (18), Darcy Paranhos (24) e Paula Lubiana (47). Ricardo Mazzi já acorda botando o fone, está tão habituado a estar com ele que às vezes esquece que está sem: “tem vezes que eu tô sem fone e eu tiro o fone [faz o gesto de tirar um fone do ouvido] e não tem fone.”

Marcelo Nakata tem a audição de discos como uma marca da sua rotina diária, ouve um disco quando acorda e outro na hora de dormir. A audição de música para Fabiana Leão começa logo após dar bom dia no *home office*. A se-

guir de imediato abre o YouTube “para ver se saiu o clipe novo”. Antonia Schiavio (39) alterna a audição de *podcasts* com música no dia a dia. Ao acordar, coloca *podcast*, para treinar, escuta música. Ricardo não consegue tomar banho sem música e já chegou a voltar para casa ao chegar na academia e reparar que está sem fone.

Pudemos perceber que a rotina de audição está intimamente ligada à função que a música desempenha para o indivíduo. Essa questão será abordada na próxima seção. E quando a música se afasta da audição dedicada e se apresenta como um apoio, uma companhia, uma ferramenta facilitadora de outras atividades, o *podcast* torna-se um potencial competidor para esta aplicação. A relação entre *podcast* e música será objeto de análise no tópico seguinte ao que abordará a função da música para o sujeito.

8.2

Função da música

Observaremos neste tópico os usos aplicados da música para nossos entrevistados. Relacionamos seis temas para análise: (1) música ajuda a cumprir tarefas; (2) música atrapalha a cumprir tarefas; (3) música como controle do estado de espírito; (4) música como pano de fundo; (5) audição técnica; e (6) outras funções. Na tabela 5 listamos e correlacionamos 12 usos citados pelos entrevistados (ver também a figura 42).

Considerando as funções listadas podemos agrupar algumas delas em dois conjuntos: audição para desempenho (exercício, facilitação, concentração) e audição para lazer (relaxamento, praticar canto, protagonismo, integração, distração, isolamento). Com a associação dessas funções, podemos observar sua distribuição na figura 43.

Elencaremos a seguir 12 citações associadas às práticas relacionadas. William Cavalcante (30) afirma que na academia “era eu ligar a *playlist* lá de punk e eu sentia que minha energia lá em cima, tinha uma diferença enorme”. Fiametta Ricci observa que a música a ajuda a lidar com questões emocionais, ela ajuda a “lidar com questões como ansiedade, ou então questão de ânimo assim... de humor mesmo”. Fabiana Leão (28) diz que tarefas desagradáveis ficam mais fáceis de lidar quando envolve música:

Mas com certeza, assim, tarefas que você não gostaria de fazer, ou então que você tá enrolando pra fazer, ou então... Sabe, essas coisas que não necessariamente seja ruim, mas pode ficar mais fácil? A música faz ficar mais fácil (Apêndice III, p.341).

Função	Participantes	#
Exercício	Antonia Schiavio, Alexandre Limão, Carlos Santiago, William Cavalcante, Ricardo Mazzi, Fabiana Leão, Rafael Alves, Sandro Geraldo	8
Estímulo emocional	Fiammetta Ricci, Rui Pereira Jr, Rafael Alves, Vinícius Kalil, Ricardo Mazzi, William Cavalcante, Isabela Prata, Tiago Azevedo	8
Facilitação	Gustavo Lubiano, Fabiana Leão, Darcy Paranhos, William Cavalcante, Paula Lubiana, Rui Pereira, Rui Pereira Jr	7
Fazer companhia	Daniel Chamusca, Ricardo Mazzi, Julia Beauchamp, Laura Martins, Rachid Malik, Natalie Horvat	6
Concentração	Carlos Santiago, Fiammetta Ricci, Isabela Prata, Julia Beaumont, Marcos Cunha, Letícia Oliveira	6
Audição técnica	Fernando Menezes, Humberto Barbosa, Leandro Salgueiro, Roberto Castro, Sonia Rodrigues, Rui Pereira Jr	6
Criação	Darcy Paranhos, Frederico Baal, Sonia Rodrigues, Giovanna DeLucca, Ana Maria Fugazzi	5
Relaxamento	José Luiz Dias, Leandro Salgueiro, Vanessa Renata	3
Praticar canto	Clementina Trevisani, Nina Maia, Sonia Rodrigues	3
Protagonismo	Bruno Druet, Marcelo Nakata, Roberto Castro	3
Integração	Paula Lubiana, Natalie Horvat	2
Isolamento	Paulo Haidar	1

Tabela 5: Funções praticadas pelos participantes.

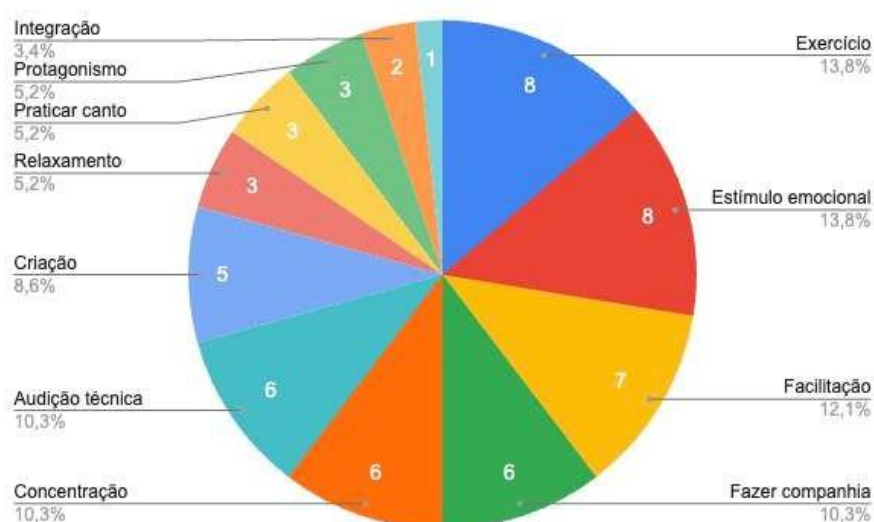


Figura 42: Funções praticadas pelos participantes.

Daniel Chamusca (29) percebe o lugar da música não como uma facilitadora de tarefas, “é para fazer companhia, não é para me ajudar a fazer alguma coisa”. Como Daniel, Julia Beauchamp (47) usa a música para fazer companhia e se concentrar no trabalho. Segundo ela, a situação de pano de fundo da música não é uma condição de subalternidade: “o fato de ser um pano de fundo, não tira a importância disso para mim não. Tá me acompanhando sempre. O meu cão guia, talvez. Mas, realmente, vem casada com outra atividade” (Apêndice III, p.445).

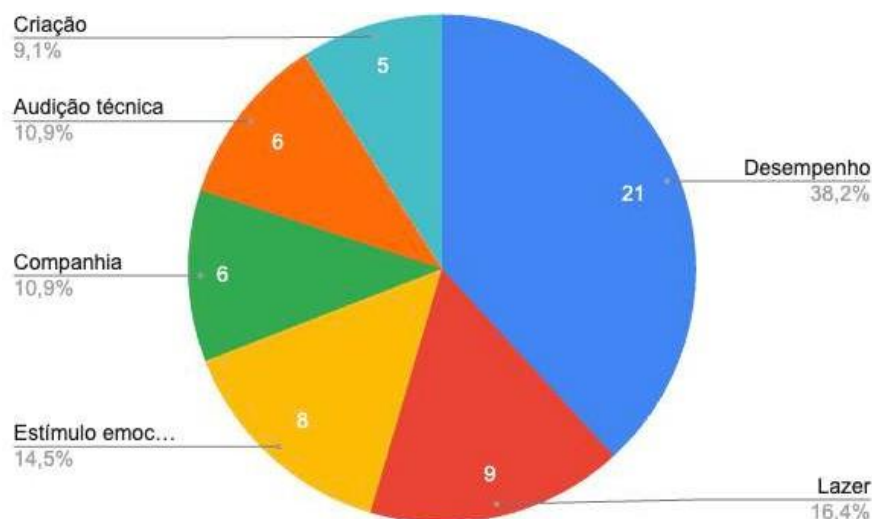


Figura 43: Funções praticadas com agrupamento orientada por desempenho e lazer

A prática de audição técnica (ou profissional) é adotada por aquele grupo de entrevistados que precisam ensaiar peças musicais para gravações ou apresentações ao vivo. Este grupo não é composto só de músicos profissionais. Sonia Rodrigues (58) é empresária, mas canta em um coral, Leandro Salgueiro está iniciando buscando se profissionalizar e Rui Pereira Jr (33) é comerciante de discos. Este último precisa ouvir os discos usados que vende para se familiarizar com o seu estado.

Para Frederico Baal (70) a música ajuda na ambientação no momento de criar uma ambientação quando está trabalhando com visualidade. Ele explica: “por exemplo, na época que eu tava fazendo um trabalho, um livro sobre cangaço, que eu tinha muitas fotografias desse tema, eu gostava de ouvir músicas relacionadas a esse assunto”.

José Luiz Dias (59) cria *playlists* para o ajudar a relaxar:

A música que baixa a pressão arterial, a música mais relaxante do mundo é um CD chamado Weighless de uma banda, ou um projeto, chamado Marconi Union. [...] Aí eu criei uma *playlist* pra ficar repetindo várias vezes (Apêndice III, p.425).

Clementina Trevisani (58) se diz cantora frustrada e tem o hábito de catar junto o dia inteiro: “porque eu nunca consegui ser cantora, então eu gosto de cantar. Sempre gostei de cantar, então eu gosto de ouvir música e cantar junto” (p.285).

Natalie Horvat (50) acha que música é um ótimo recurso para integrar um grupo de pessoas que não se conhece muito bem: “quando você tá com um grupo que é muito variado, que você precisa de alguma maneira dar uma integrada, bota uma música” (p.505).

Paulo usa a música como um recurso de isolamento no botequim: “Botequim tem umas coisas que são chatas, né? Que é uma hora tu tem que ouvir

umas besteiras que você não quer ouvir. Então é *headphone* e ‘vambora’. A música me ajuda nisso, não converso com ninguém” (Apêndice III, p.541).

É importante registrar que um grupo de participantes observam que a música atrapalha o desempenho de determinadas tarefas (Bruno Druet, 47; Vinícius Kalil, 55; Alexandre Limão, 47; Renato Toscanio, 32; Leandro Salgueiro, 18; Humberto Barbosa, 31). Para esse grupo de pessoas, a música desconcentra da tarefa principal por lhes chamar muita a atenção: “Eu prefiro que não tenha música porque eu vou acabar prestando muita atenção na música, eu não vou prestar atenção no que está acontecendo na minha frente” (Renato Toscanio, p.573).

Notou-se que a música tem um aspecto operativo para a maioria dos nossos participantes. Como vimos, foram poucos aqueles que afirmaram ouvir música tão somente em protagonismo. Parece ser significativo também que diversos participantes vêem a música como um apoio mental ou emocional. Salientamos aqui que, para os efeitos de nossa pesquisa, isto também se constitui em uma aplicação funcional da fonografia.

8.3

Podcast vs música

A utilização da música como pano de fundo significa que ela está ocupando um lugar de acompanhamento de outra atividade. Logo, pode não haver uma especificidade para a utilização da música com este objetivo. Esse espaço auditivo que exige pouca ou nenhuma interação operativa indica que outro tipo de mídia tem o potencial de competir com a música pela escuta do ouvinte. Considerando que em algumas plataformas música e *podcasts* são oferecidos na mesma interface eles se constituem em produtos da mesma prateleira. Assim, procuramos registrar neste tópico a percepção do participante a respeito deste assunto. Relacionamos quatro temas para análise: (1) escuta mais música que podcast; (2) a música perdeu espaço para o podcast; e (3) não escuta podcast, prefere ouvir música. Como as respostas deste tópico envolviam opinião a respeito de um assunto que não necessariamente envolvia a experiência pessoal, os resultados acabaram sendo por demais heterogêneos, desfavorecendo uma abordagem quantitativa.

Para Ricardo Mazzi (31) nessa relação competitiva a música consegue ter vantagem por exigir menos processamento mental: “parece que o *podcast* é um estímulo maior do que a música”. Como diz Daniel Chamusca, se for para compartilhar utilizar uma mídia auditiva com outra tarefa, *podcast* exige mais atenção: “*podcast* eu não consigo, mas música eu consigo porque [...] talvez seja a linguagem que eu já tô acostumado, mas também porque são menos sentidos envolvidos, então eu sempre tô escutando música, fazendo as coi-

sas” (Apêndice III, p.262). Fiametta opina que o *podcast* apela mais à racionalidade: “O *podcast* é uma coisa que vai mais para o racional e às vezes toma um espaço que eu não posso disponibilizar naquele momento” (Apêndice III, p.364).

Na experiência de Julia Beauchamp (47), sua atividade profissional a impede de usar o *podcast* em segundo plano:

Como já te disse, trabalho com texto. Eu reviso o texto, traduzo o texto, eu leio. Ouvir outras pessoas falando em português, eu não consigo. Ou uma coisa, ou outra, e eu tenho que prestar atenção em todos os detalhes ali. Eu tô ali de goleira, sou revisora. Tô de goleira, né? Não posso deixar passar o erro e prestar atenção no *podcast* (p.438).

Julia não aderiu ao *podcast*: “não vejo como uma boa uma maneira de preencher meu tempo. Se eu posso ouvir música, por que eu vou ouvir uma pessoa aleatória?” Fabiana Leão (28) concorda: “não escuto *podcast*, por exemplo, não sou uma pessoa do *podcast*. [...] Porque, pra mim, eu tô perdendo tempo de ouvir música (p.340)”.

Mas para Paulo Haidar ocorreu o inverso: para sua atividade o *podcast* acaba contribuindo com a exploração de assuntos que são importantes para seu trabalho como pesquisador. Na visão dele, a música perdeu espaço: “hoje está em segundo plano. Eu preciso ganhar dinheiro”. Natalie Horvat observa processo semelhante associada à sua vivência a partir da pandemia com a migração para o trabalho em *home office*:

Depois do *home office* foi a entrada dos *podcasts* que fuderam a minha cabeça porque eu tô ouvindo muito *podcast*. [...] O que antes para mim era um prazer trabalhar ouvindo música, agora é um prazer para mim trabalhar ouvindo *podcast*. Então isso reduziu um pouco meu prazer pela música no dia a dia, né? (p.501).

Alexandre Limão percebe essa competição pelo tampo também. Via de regra, seu espaço de audição é no carro no trajeto do trabalho, o que o obriga a escolher entre música e *podcast*: “então, aquele momento que você tem para ouvir aquele negócio, no meu caso quando eu tô no carro, eu tenho que escolher, ou eu ouço música, ou *podcast*, entendeu?” Já Renato Toscanio não percebe essa competição, são mídias diferentes, com destinos diferentes:

Talvez esteja roubando [o tempo da audição musical] e não esteja sentindo, mas quando eu ouço *podcast*, eu não sinto falta da música e quando eu ouço música, não sinto falta do *podcast*. Não é alguma coisa que compete, na minha mente [...] Se eu tiver comendo macarrão, eu não penso “nossa, podia estar comendo uma pizza”, entendeu? Não é essa relação, entendeu? (p.573-574).

À parte Renato, a impressão geral dos participantes é que o *podcast* compete com a música a audição do ouvinte. O fato de alguns entrevistados não escutarem *podcast* por razões diversas não quer que no cômputo geral essa disputa não exista.

8.4

Confiança no algoritmo

Neste tópico debateremos de que forma o participante entende a interferência do algoritmo em sua experiência fonográfica. Registramos 3 temas centrais abordados pelos entrevistados: (1) a interferência do algoritmo é incômoda, desaprova ou desconfia dos propósitos da inteligência artificial; (2) utiliza, aprecia ou aprova a agência do algoritmo na experiência; e (3) não é contrário à interferência do algoritmo, mas sente-se frustrado, confuso ou incomodado em algumas ocasiões. Observa-se um grande equilíbrio na aprovação ou desaprovação desta tecnologia. Como se pode observar pelos temas relacionados, seria pobre analisar este tópico a partir de uma referência binária “confia” / “não confia” no algoritmo, razão pela qual não oferecemos dados quantitativos nesta seção.

Como temos muitas declarações dos dois primeiros temas, será útil fazer um exercício de agrupá-las para facilitar nossa análise. Com relação ao primeiro tema, “a interferência do algoritmo é incômoda, desaprova ou desconfia dos propósitos da inteligência artificial”, podemos desdobrar os seguintes pontos: (1) o algoritmo não é capaz de entregar repertório que considera adequado; (2) o algoritmo favorece determinados fonogramas; (3) o algoritmo é intrometido; (4) o algoritmo cria radicalismos musicais; (5) o algoritmo representa a mercantilização da música e artificializa a experiência; (6) não gosta das *playlists* automáticas do Spotify.

O algoritmo não é capaz de entregar o repertório que considera adequado: declarações com esse tipo de conteúdo foram dadas por Fernando Menezes (66), Patrícia Oliveira (69), Isabela Prata (29), Marcelo Nakata (49) e Sandro Geraldo (65). Tomemos como exemplo o comentário de Patrícia Oliveira: “eu não deixo o Spotify me indicar nada, porque eu sei para onde ele vai, entendeu? [...] É raro o Spotify acertar alguma coisa” (Apêndice III, p.518).

O algoritmo favorece determinados fonogramas: essa perspectiva é compartilhada por Humberto Barbosa (31) e Darcy Paranhos (24): “o algoritmo do Spotify é aquela coisa assim... impulsiona certas músicas e afasta outras. Eu tento não confiar muito no algoritmo” (Darcy, p.324).

O algoritmo é intrometido: Julia Beauchamp (47) e Fabiana Leão (28) manifestaram a mesma percepção quando notaram que o Spotify se imiscuiu na audição de uma *playlist* de sua própria criação e desaprovaram essa interferência. De acordo com Julia:

No Spotify dia desses, aconteceu uma coisa que me incomodou. Você tem lá a sua playlist, ele introduziu isso tem mais de um ano e ele fala assim “nós colocamos na sua playlist algumas músicas relacionadas”. Quer dizer, ele vai e se

intromete na sua playlist. Como é uma playlist variada, às vezes a música que entra de sugestão, entra ali e passa despercebida, entra de penetra ali e você nem repara, a música realmente está dentro daquele escopo, daquele estilo. Mas isso aconteceu com a playlist minha dos Beatles. Eu tava ouvindo Beatles enquanto eu fazia comida e de repente entrou uma voz que eu vi que era do George Harrison, mas não era da faixa da carreira solo do George Harrison, nem dos Beatles. E aí depois eu fui ver, era uma faixa do Traveling Wilburys, que foi um projeto que ele participou. [...] Então o algoritmo falou “ela gosta de Beatles, então vou botar isso do George Harrison”, mas eu tava naquela experiência, [...] eu quero ouvir Beatles e o algoritmo vai colocar outra coisa (Apêndice III, p.442).

O algoritmo cria radicalismos musicais: Bruno Druet e Laura Martins dividem a mesma percepção sobre a agência do algoritmo do Spotify oferecer uma super exposição de um mesmo estilo ou artista. Segundo Bruno (47):

E eu acho que o algoritmo é a forma de construir extremos. Se você tende um pouquinho a gostar de Anitta, que eu admiro para caramba artisticamente, ele vai insistir tanto a você ir para um lado que você vai esquecer todo o resto. Então, não sei, acho que é por aí (p.266).

O algoritmo representa a mercantilização da música e artificializa a experiência: Alexandre Limão (47), Renato Toscanio (32), Bruno Druet (47), Vinícius Kalil (55) e Ricardo Mazzi (31) convergem com relação a isso. Ricardo tem uma declaração interessante a esse respeito, em que comenta a sensação quando a indicação é de um amigo e não do algoritmo:

Eu descubro muita música interessante no “Descobertas da semana”, [...] mas eu não amo. [...] Parece que é sempre a mesma coisa, sabe? [...] E me dá uma sensação de agonia quando eu escuto que é sempre a mesma coisa. [...] Me dá uma sensação de música completamente descartável. [...] Parece quase música que foi criada por robô. Dá uma sensação de que não é tão especial assim. Para mim é diferente quando algum amigo me indica, que me dá e parece que é uma pérola encontrada assim, sabe? (p.589).

Não gosta das *playlists* automáticas do Spotify: Darcy Paranhos e Carlos Santiago não apreciam esse tipo de recurso. Diz Carlos:

Não [confio] muito, mas assim, às vezes, eu até escuto aqueles álbuns tipo “seleções para você” e tal, mas, quando são aquelas *playlists* geradas do Spotify, eu não gosto. É difícil ter alguma que eu gosto de fato. Né, “músicas para correr”, eu acho que são as coisas geradas pelo algoritmo. A *playlist* gerada do algoritmo eu acho meio estranho... (p.276)

Basicamente, os aspectos celebrados nas declarações do segundo tema, “utiliza, aprecia ou aprova a agência do algoritmo na experiência”, recaem em duas percepções: (1) o algoritmo tem um bom desempenho; (2) o algoritmo colabora para a descoberta.

O algoritmo tem um bom desempenho: essa visão é compartilhada por muitos dos participantes, entre eles Giovanna DeLucca (26): “eu acho muito bom, eu acho que tem muito a ver mesmo com o que você tá ouvindo”; Leandro Salgueiro (18): “eu acho que ele faz um bom trabalho, inclusive em recomendar

pequenos artistas de vez em quando”; Daniel Chamusca (29): “prefiro ouvir no Spotify porque os algoritmos funcionam mais para o tipo de coisa que eu gosto, né?”; Rui Pereira Jr (33) “eu tenho visto o algoritmo funcionar bem”; José Luiz Dias: “Se eu não gostar, eu posso pular. [...] Eu acho interessante, sim, o algoritmo”; Antonia Schiavio: “Eu meio que controlo [a seleção de repertório]. Mas às vezes, quando eu tô distraída, ela [a plataforma] me sugere. Na maioria das vezes ela acerta”; e Sonia Rodrigues (58): “às vezes, o que eu faço é botar naquele ‘flow’ que eles sugerem, né? Uma *playlist* baseada no meu gosto pessoal. [...] Eu dou uma chance [...] Eles acertam muito”.

O algoritmo colabora para a descoberta: pensam dessa forma os entrevistados Antonia Schiavio (39): “às vezes ela [a plataforma] quebra um pouco o padrão que eu tava escutando. Às vezes não é bom. Mas ela me ajuda a descobrir coisas novas, aí eu acho produtivo”; Giovanna DeLucca: “eles fazem um ‘mix para você’, uma coisa assim que é tipo músicas que você conhece (porque eles sabem que você já ouviu), com outras que você não conhece”; Rui Pereira (66): “é interessante, sim. Porque ela te dá muita coisa que você não conhece, você não é conhecedor de tudo, né?”; Nina Maia: “o Spotify tem aqueles negócios de ‘Daily Mix’, ‘Feito para você’, aquelas coisas... De vez em quando, eu deixo rolar até pra ver alguma coisa nova, né?”; e Humberto Barbosa: “às vezes eu vou nele lá o ‘Feito pra você’... Às vezes aparece uma coisa interessante, né?”.

O último tema deste tópico contém declarações de Marcos Cunha (23), Paula Lubiana (47); Vanessa Renata (26); Fiametta Ricci (26); Natalie Horvat (50); e Nina Maia (60). Nina tem uma das frases mais representativas da perplexidade com o algoritmo: “meu deus do céu, porque que colocaram isso aqui?”.

Natalie Horvat faz uma crítica ao desempenho recente da ferramenta do Spotify “rádio do artista”, mas acaba por culpar a si mesma mais adiante na entrevista: “eu acho que já foi melhor, por exemplo, esse negócio da rádio do artista, né? [...] eu acho que to confundindo meu algoritmo pra te falar a verdade, a inteligência artificial tá confusa comigo” (Apêndice III, p.503).

Também neste tópico o que salta aos olhos é a heterogeneidade da percepção sobre o algoritmo. Observa-se que uma parte significativa dos temas que elencamos conformam para uma percepção negativa do algoritmo, seja porque consideram que o algoritmo não contribui para sua experiência ou porque percebem uma agência negativa sobre o campo da fonografia. Por outro lado, como demonstramos, há aqueles que relatam uma experiência positiva, sendo notável sua contribuição para o alargamento do repertório de escuta.

8.5

Meio de audição

Neste tópico de análise não relacionamos a audição via *streaming* visto que todos os participantes utilizam de uma forma ou de outra alguma plataforma para ouvir música via internet. Como vimos, mesmo aqueles que não assinam nenhuma plataforma (Rachid Malik, 55; Roberto Castro, 60; e Frederico Baal, 70) usam pelo menos eventualmente o YouTube. Trata-se então de mapear os demais meios de audição, excluindo os meios de audição que envolvem as plataformas de *streaming* (dispositivos *bluetooth*, dispositivos de comando de voz, *smartv*, fones de ouvido etc). Seleccionamos 3 temas principais para serem tratados aqui: (1) vinil; (2) CD; e (3) rádio. Podemos observar a correlação entre os demais meios de audição utilizados pelos participantes na tabela 5 e na figura 44.

Podemos atestar, portanto, que o vinil representa o meio de audição mais utilizado pelos nossos participantes, à parte, é claro, as plataformas de *streaming*. Dos participantes que escutam vinil, Roberto Castro (60), Leandro Salgueiro (18) e Ricardo Mazzi (31) manifestaram que escutam o suporte raramente. Como diz Ricardo: “é muito raro eu escutar os vinis que eu tenho. Eles ficam mais ali, de eu achar lindo. Eu acho que para mim tem um lance totalmente com uma parada meio estética”. Dentre os entrevistados que utilizam o vinil regularmente, Fabiana Leão é única que critica a qualidade de som do vinil e o utiliza para uma audição sem protagonismo.

O CD vem a seguir do vinil com relação ao meio de audição mais usado pelos entrevistados. Roberto Castro e Bruno Druet (47) escutam raramente CD. Rachid Malik usa CD em sua loja por praticidade, para não ter que trocar o lado do vinil com frequência. Humberto Barbosa (31) e Rui Pereira escutam CD no carro. Os demais ouvem CD no espaço doméstico. Leandro Salgueiro (18), Gustavo Lubiano (18) e Marcelo Nakata (49) valorizam muito a qualidade deste suporte, Marcelo acha inclusive sua qualidade superior ao vinil.

Com relação ao rádio, o qual é, ao mesmo tempo, um meio de audição e um formato, foi possível registrar dois tipos de recursos utilizados. O rádio tradicional e o de internet. Do tradicional, à parte a prática de audição de Clementina Trevisani que é ouvinte regular, percebe-se que os demais participantes escutam eventualmente. A utilização da rádio via internet foi relatada por Julia Beauchamp e Sonia Rodrigues. Esta última relata o uso em viagem de um aplicativo que apresenta as estações da região para seleção do usuário.

Ao mesmo que se demonstra a inevitabilidade da audição fonográfica via *streaming*, há que se salientar a resiliência da mídia física como recurso de

audição. Ela se mostrará ainda mais representativa quando se trata de audição com protagonismo, tópico a ser abordado mais adiante.

Participantes	vinil	CD	rádio	DVD	Mp3
Bruno Druet		x			
Carlos Santiago	x		x		
Clementina Trevisani			x		
Fabiana Leão	x				
Fernando Menezes			x		
Frederico Baal		x			
Giovanna DeLucca	x				
Gustavo Lubiano	x	x			
Humberto Barbosa		x			
Laura Martins		x			
Leandro Salgueiro	x	x			
Marcelo Nakata	x	x			x
Nina Maia			x		
Paula Lubiana	x				
Rachid Malik	x	x			
Rafael Alves				x	
Ricardo Mazzi	x				
Roberto Castro	x	x			
Rui Pereira	x	x			
Rui Pereira Jr	x				
Sandro Geraldo	x				
Sonia Rodrigues			x		
Vanessa Renata	x				
Vinicius Kalil			x		
Total	14	10	5	1	1

Tabela 6: Meios de audição utilizados pelos participantes para além do *streaming*

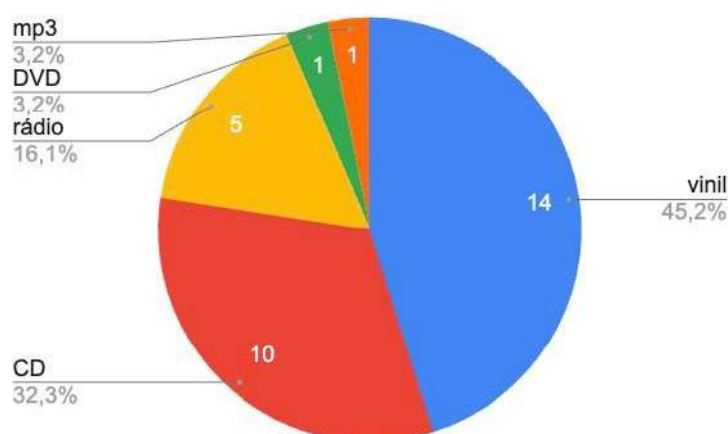


Figura 44: Meios de audição utilizados pelos participantes para além do *streaming*

8.5 Formato de audição

Foram mapeados os formatos utilizados pelos ouvintes: *playlist*; álbum; rádio; clipe; shows fonográficos; set de DJ; rádio algorítmica; músicas curtidas; seleção unitária (tabela 7 / figura 45). Relacionamos três temas a serem explorados neste tópico: (1) *playlist*; (2) álbum; e (3) shows fonográficos.

Antes de começarmos a empreender nossa análise da tabela 16, é importante fazer alguns esclarecimentos a respeito de alguns dos formatos relacio-

nados. A coluna de *playlist* considera as curadas por humanos e aquelas que são geradas por inteligência artificial. *Álbum* incorpora também as menções à *EPs*. *Shows fonográficos* são aquelas produções que têm como conceito a distribuição para plataformas de áudio visual, principalmente YouTube. Portanto, não se trata de um show genérico que foi distribuído nesse tipo de plataforma. *Set de DJ* acompanha o mesmo conceito, porém o que interessa a esses participantes é curadoria de fonogramas e não o registro da execução de uma apresentação ao vivo. Rádios algorítmicas são aquelas nas quais o repertório é gerado pela inteligência artificial a partir da seleção de um fonograma isolado ou de um artista. Diversos participantes relataram a reprodução, em geral, aleatória, do recurso de músicas curtidas. Esse tipo de prática representa um caso especial de utilização de *playlist*. Por fim, seleção unitária é aquela em que o ouvinte controla a audição a partir de *inputs* diretos e constantes.

Participantes	playlist	álbum	shows fonográficos	seleção unitária	rádio algorítmica	clipe	rádio	músicas curtidas	set de DJ
Alexandre Limão		x	x		x				
Ana Maria Fugazzi	x	x						x	
Antonia Schiavio			x	x		x			
Bruno Druet	x	x		x					
Carlos Santiago	x								x
Clementina Trevisani							x		
Daniel Chamusca	x	x	x			x			
Darcy Paranhos	x	x				x			
Fabiana Leão	x	x	x			x		x	
Fernando Menezes				x			x		
Fiammetta Ricci	x	x						x	
Frederico Baal		x							
Giovanna DeLucca	x	x							
Gustavo Lubiano	x	x	x	x			x	x	
Humberto Barbosa	x	x							
Isabela Prata	x	x		x	x				
José Luiz Dias	x	x		x	x				
Julia Beauchamp	x	x	x						
Laura Martins	x	x	x						
Leandro Salgueiro	x	x						x	
Marcelo Nakata	x	x							
Marcos Cunha	x	x	x	x		x			
Natalie Horvat	x			x	x				
Nina Maia	x						x		
Patrícia Oliveira	x								
Paula Lubiana	x	x							
Paulo Haidar	x		x						
Rachid Malik		x							x
Rafael Alves	x	x		x					
Renato Toscanio	x	x	x						x
Ricardo Mazzi	x	x							
Roberto Castro	x	x		x					
Rui Pereira		x			x				
Rui Pereira Jr	x	x			x				
Sandro Geraldo		x							
Sonia Rodrigues									
Tiago Azevedo	x				x		x		
Vanessa Renata	x	x							
Vinicius Kalil	x								
Willian Cavalcante	x	x	x	x		x			x
Total	31	29	11	9	7	6	5	5	4

Tabela 7: Participantes vs formatos

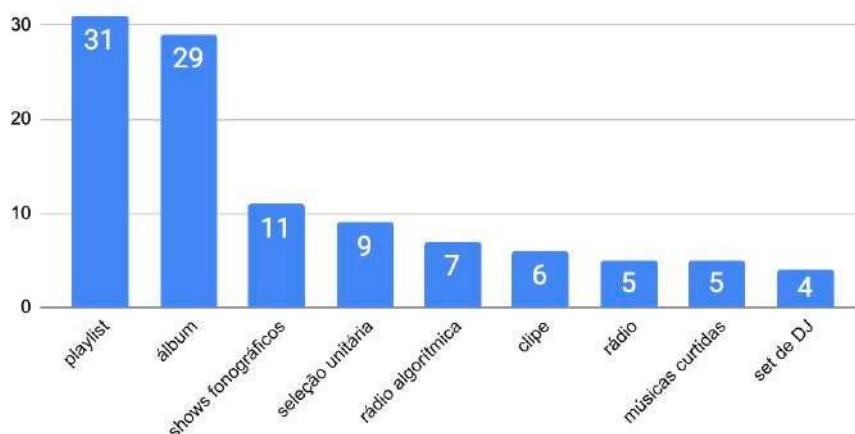


Figura 45: Formatos utilizados pelos participantes

Observando os formatos mais utilizados e o total de participantes, quase 80% deles (31) são ouvintes de *playlist*, 72,5% (29) escutam álbum e 27,5% (11) são consumidores de shows fonográficos. Dos oito participantes que não manifestaram o hábito de escutar *playlists*, seis deles têm 55 anos ou mais. Inversamente, é digno de nota que todos os doze ouvintes com menos de 30 anos disseram ouvir álbuns. Desses, oito deles são consumidores de mídia física (vinil ou CD). Se a *playlist* “tomou conta do álbum”, como disse Paulo Haidar (50), a julgar pela faixa etária dos nossos entrevistados com perfil de fã de música, isso não se verifica.

Sobre o consumo de shows fonográficos, é interessante observar que abordamos diretamente essa prática, visto que o formato tende a reter a atenção do ouvinte. Normalmente, esses vídeos são apresentações com pouca ou nenhuma plateia, gravados com boa captação de áudio, e via de regra têm extensão inferior a meia hora. Dentre os mais populares estão os canais de YouTube NPR Music (8,32 milhões de assinantes), responsável pelo projeto Tiny Desk Concert; Colors (7,32 milhões de assinantes) e KEXP (3,2 milhões de assinantes). Uma vez que estamos interessados na audição fonográfica com protagonismo, consideramos proveitoso para nossos propósitos abordar esse formato na nossa entrevista. Ao contrário dos outros dois formatos, não encontramos uma correlação etária no consumo deste formato.

Abordemos agora algumas das declarações de destaque dos temas selecionados na exploração deste tópico. Com relação à *playlist* observemos três práticas desse formato. William Cavalcante (33) usa *playlist* de *mood*⁸⁶ oferecida pela plataforma. Diz ele:

Geralmente é [*playlist* de] *mood*. [...] Tem esses dois momentos: o principal eu vou pela *vibe*, tipo “café da manhã”, “começando o dia” ou “tranquilidade pra trabalhar”, “*lo-fi* pra estudar” essas *vibes* assim temáticas. E aí quando eu que-

⁸⁶ *Playlist* de *mood* é uma lista que está associada a um clima, uma atmosfera, um estado de espírito ou uma tarefa.

ro ver uma coisa específica, eu procuro pelo gênero. Mas, sei lá, a cada 10x que eu vou procurar uma *playlist*, uma deve ser por gênero (Apêndice III, p.671).

Ricardo Mazzi (31) tem prática semelhante, mas lança mão de suas próprias listas:

Eu acordo, ponho fone de ouvido ou deixo a música alta. Mas geralmente ponho fone de ouvido, porque eu acordo cedo, fico com medo de fazer barulho no prédio. [...] Eu tenho 1.100 *playlists*, então, tipo, às vezes eu escrevo “manhã” vai ter alguma *playlist* só para acordar cedo de manhã, umas coisas assim (p.585).

Laura Martins (33) tem aversão a *playlists* criadas pelo Spotify “meu maior inimigo na vida que é a *playlist* do Spotify” e praticamente só escuta *playlists* curadas por ela própria ou amigos:

A única *playlist* externa que eu escuto, que não sou eu que faço ou um amigo que fez (que eu gosto muito de ouvir recomendação de amigo), a única *playlist* que eu escuto que não é assim é a Top 100 da NPR que eles fazem no final do ano que eu acho absolutamente sensacional para conhecer coisa nova (p.462).

A respeito do formato álbum, é interessante trazer três declarações de participantes com menos de 30 anos. Giovanna DeLucca (26) afirma está procurando ouvir álbum em função de sua narrativa: “eu tô tipo me forçando um pouco a criar o hábito de escutar o álbum mesmo, porque eu acho que tem toda uma narrativa” (p.380). Fabiana Leão, dois anos mais velha, salienta que quando ouve um álbum da primeira vez, nunca escuta um álbum no aleatório “porque é a ordem que foi pensado”. Por outro lado, observa-se que ela ouve o álbum no aleatório em outros momentos, rompendo a referida narrativa que Giovanna comentou. Leandro Salgueiro reforça que é uma pessoa que ouve muito disco do “início ao fim”. É significativo que Leandro chame a atenção para isso, o que dá margem a pensar que essa não é uma prática corriqueira, ainda que este formato tenha como conceito (pelo menos em tese) uma proposta específica de experiência.

Paulo Haidar acha que o formato de show fonográfico consegue prender a atenção do ouvinte: “esses 15 minutos, 20 minutos de uma apresentação, palco, show, consegue segurar qualquer um”. Laura Martins aprecia muito o formato: “eu amo [shows fonográficos]. Uma coisa que foi muito chave para mim. Eu acho um jeito muito interessante de assistir show.” Tem dúvidas porém se eles são fruídos sempre com protagonismo:

Eu não sei até que ponto [o show fonográfico] retém a atenção das pessoas que não passam o dia inteiro pensando em música a ponto de realmente reverter essa situação [de usar a música sempre como trilha sonora] [...] Eu acho que ainda tem muita gente que, sei lá, põe no vídeo do YouTube e continua trabalhando e só escuta a versão ao vivo no fone. Eu queria acreditar que isso faz um efeito maior (p.461).

Demonstrou-se neste tópico que nosso participante utiliza formatos diversos. É significativo que o álbum, o único dentre os citados cujo conceito é derivado da limitação de armazenamento de um suporte, tenha uma boa amostragem de utilização mesmo entre aqueles que não usam mídia física.

8.7

Experiência de audição

Este tópico não é derivado de uma pergunta direta feita aos participantes, ele foi sugerido a partir da contribuição espontânea sobre este assunto. Abordaremos dois temas nesta seção: (1) agência da mídia física na experiência de audição; e (2) agência das plataformas de streaming na audição musical. Esta seção não comporta uma abordagem quantitativa.

Dentre os efeitos da audição proporcionados pela mídia física, foi relatado que ela interrompe o fluxo das solicitações concentradas no seu dispositivo móvel: “A mídia física meio que força você a tomar uma decisão ativa de ir lá colocar... Ela meio que pausa a sua vida de alguma maneira. O streaming ele não pausa a sua vida” (Laura Martins, 30, Apêndice III, p.452). A questão da qualidade do sistema de som foi abordada por Alexandre Limão:

No tempo do vinil e do CD, pelo menos no início, você ouvia música num som com caixa de som grandes, né? [...] Hoje em dia, com essa coisa da mobilidade, todo mundo ouve música no celular, ou no fone de ouvido, mas muitas vezes nem usa o fone de ouvido, ou numa caixa de som muito ruim (p.230).

Giovanna DeLucca (26) observa um aspecto gregário na audição da mídia física:

Eu acho que o vinil é uma experiência completamente diferente porque é uma experiência mais coletiva. [...] Eu acho que você ouvir música no seu fone de ouvido com aparelho digital é uma experiência mais individual. E aí [...] a tendência é você combinar ela com outras tarefas, né? (p.380).

Vanessa Renata (26), que compartilha a mesma idade que Giovanna, relata a prática chamar amigos para ouvir música em sua residência em sua entrevista. Fernando Menezes (66), Roberto Castro (60), Rachid Malik (55) e Paula Lubiana (47) compartilham a mesma experiência. Para todos os citados, Laura, Alexandre, Giovanna, Fernando, Roberto, Rachid e Paula isto se dá com o vinil. Roberto destaca a disponibilidade dos presentes para ouvir a música:

O evento era ouvir. Podia estar lá tomando uma cerveja, fazendo uma coisa assim, mas não tinha uma televisão ligada, não tava batendo papo, o disco estava tocando e a gente estava ouvindo o disco e depois invariavelmente falava a respeito, não sei quê (p.600).

Roberto descreve essa experiência em retrospectiva, mas não são poucos os participantes que têm o mesmo comportamento atualmente. Diz Carlos Santiago (35): “quando eu tô num momento pensando em ouvir vinil, é um momento mais de parar e ouvir a música, de fato” (Apêndice III, p.272).

Segundo Ricardo Mazzi (31), o vinil tem a capacidade de criar um clima “eu acho que esse lance do vinil, principalmente, tem um lance tipo de criar um *mood*. Que eu acho que o Spotify não tem isso” (p.591).

Rachid Malik ressalta que, do lado do artista, o disco era uma oportunidade de entregar uma experiência completa para o ouvinte:

A ordem das faixas é muito importante e você leva o ouvinte numa viagem junto contigo. Então quando você grava um disco é muito importante você definir a ordem das faixas porque você transporta o ouvinte para a sua viagem, da experiência que você criou (p.560).

José Luiz Dias (59), Natalie Horvat (50) Daniel Chamusca (29) acham que “não tem porque romantizar” a mídia física, nas palavras de Daniel. Ele enfatiza a flexibilidade que o *streaming* oferece ao dar oportunidade do ouvinte de selecionar o repertório permitindo maior vazão aos sentimentos experimentados naquele instante:

Não tem porque eu romantizar o CD, romantizar o vinil. Sendo que eu não posso levar um tocador de vinil comigo pela rua. O Walkman eu poderia levar, um Discman e tudo mais, mas é a facilidade de trocar de música e poder passar pelo o que eu tiver sentindo naquele minuto: “nesse minuto estou triste, quero ouvir música triste...”, “passou, agora quero ouvir música feliz”. [...] A plataforma de streaming é a ferramenta que me dá esse tipo de flexibilidade (p.312).

Natalie Horvat também celebra a libertação que o *streaming* ofereceu, enfatizando as vantagens no aspecto operativo:

Hoje pra mim não é um prazer ouvir um CD, um vinil. A galera bota aquela vitrolinha... [...] Quando eu me lembro da experiência, eu fico porra... lembra? Tem que trocar de lado... Ai meu Deus... acaba, arranha, pula. Eu não tenho esse saudosismo não. Eu acho que nesse sentido o Spotify me fez um favor (p.498).

José Luiz arremata: “não faz o menor sentido a mídia física numa época dessas”. Daniel também oferece uma visão contrária à percepção de Giovanna DeLucca de que a audição em dispositivos digitais favorece uma experiência mais individual. De fato, através de sua atuação nas redes sociais, ele se vê compartilhando muito mais sua escuta fonográfica do que jamais seria possível em épocas anteriores.

Então para mim é interessante e é importante ouvir as músicas do lançamento e fazer os comentários e participar da conversa e poder fazer as piadas, entender o que as pessoas estão comentando. Tipo, saiu o álbum novo do cantor tal, porque que tá todo mundo falando, porque que tá todo mundo gostando de tal

música e menos dessa música, será que eu tô gostando das mesmas músicas? Ah, eu gostei dessa, eu gostei dessa... conversar com os meus amigos, trocar essas idéias. [...] Então, eu faço isso muito mais hoje que eu tenho acesso imediato ali na música. Saiu a música, está na minha mão, do que quando eu tinha que comprar o CD e acabava fazendo isso de maneira um pouco mais solitário, né? Porque eu tinha que ouvir sozinho na minha casa (Apêndice III, p.310).

Mas, de modo geral, quem viveu eras anteriores da fonografia, tem reservas em relação ao efeito que o *streaming* produziu na fonografia. Em declaração já destacada aqui, Alexandre Limão percebe uma relação inversamente proporcional entre o avanço tecnológico e qualidade da experiência fonográfica. Em sua opinião, piorou a relação do ouvinte, piorou a qualidade do áudio, a experiência ficou mais fragmentada e a interrupção comercial é agressiva:

Mas acho que piorou isso, entendeu, cara? Piorou a relação do cara com a música no sentido que não houve mais uma obra inteira, muitas vezes. Piorou o negócio da comercialização que é horroroso. E ainda piorou a qualidade da audição. Então assim é difícil de entender isso, né? Porque o tempo evolui, a tecnologia evolui e você regride na sua experiência, eu acho muito triste (p.230).

Laura Martins entende que a música foi se tornando “pano de fundo” por causa de como o formato de *playlist* é trabalhado:

No Spotify é tipo, sei lá, música para ouvir no trabalho, música para ouvir tomando banho, música para ouvir no ônibus... É tipo é uma coisa meio trilha sonora, plano de fundo constante... Assim, antigamente, era uma coisa eu vou ouvir este disco de cabo a rabo (p.454).

Entre participantes mais jovens, a percepção a respeito do *streaming* é menos crítica, parecem usufruir com menor alienação as potencialidade das plataformas. Assim mesmo, sete entre os dez entrevistados mais novos são consumidores de mídia física: Leandro Salgueiro (18) consome CD e vinil; Gustavo Lubiano (18), consome CD e vinil; Ana Maria Fugazzi (18), consome vinil; Marcos Cunha (23), consome vinil; Giovanna DeLucca (26), consome vinil; Vanessa Renata (26), consome vinil; e Fabiana Leão (28), consome vinil. É uma amostragem significativa, sugerindo que o consumo dos serviços de *streaming* é insuficiente para dar conta das necessidades do fã de música, mesmo aqueles que cresceram com a organização atual da fonografia.

8.8

Processo de seleção do repertório

Essa investigação é relevante não somente para compreender as estratégias de seleção do participante, mas também para apontar se o entrevistado tem dificuldade no momento de tomar a decisão com relação ao

repertório a ser fruído. Essa sensação de imobilidade foi objeto de pesquisa do psicólogo estadunidense Barry Schwartz que correlaciona a multiplicidade de opções com a incapacidade de decidir (SCHWARTZ, 2004). Serão apresentados seis temas associando cada um deles a uma declaração representativa: (1) não se sente indeciso; (2) na indecisão usa o aleatório; (3) na indecisão recorre às recomendações; (4) na indecisão recorre a outras pessoas; (5) na indecisão não perde tempo pensando; e (6) não ter controle é interessante. Como outras seções que trabalham com resultados muito heterogêneos, apenas a abordagem qualitativa faz sentido neste tópico.

Leandro Salgueiro (18) acha que a sensação de indecisão, que não experimenta, é mais significativa para os mais idosos:

O fato de você ter muita opção também leva isso [não saber o que escolher na hora de ouvir música], né? Você tem muita opção, mais do que nunca, então... e é muita recomendação também... Acaba que você vai fazendo suas *playlists*... [...] Mas eu acho que tem gente com mais idade, meu pai é muito assim, não entende muito bem como funcionam esses aplicativos, sente perdido... (Apêndice III, p.470).

Julia Beauchamp (47) se sente refém do aleatório quando não sabe o que vai ouvir. Ou opta por ouvir a Radio Paradise, ela resolve a sensação de congelamento “porque a seleção é fantástica, muito variada e me surpreende”.

Humberto Barbosa (31) quando se descobre indeciso, tenta descobrir se há algum lançamento, não havendo novidades às vezes opta pelas recomendações personalizadas “o ‘Feito pra você’, às vezes aparece uma coisa interessante, né?”.

Se a experiência não está sendo proveitosa, Ricardo Mazzi (31) recorre a amigos:

Pra mim é sempre assim, eu tô ouvindo música, [...] aí você escuta e “não tá batendo, não tá indo” e aí eu procuro outra e... “não tá batendo, não tá batendo” [...] Será que simplesmente não é hora de ouvir música? Geralmente, quanto eu tô assim, eu tenho dois amigos que a gente se escuta muito e se manda muita música (p.585).

Nesses momentos, Laura Martins (33) vale-se da barra de social disponível no Spotify para se inspirar: “Quero meio que ver o que que os meus amigos estão ouvindo. Eu uso muito aquela barrinha do Spotify que mostra o que as pessoas estão ouvindo porque às vezes eu penso... ‘eu não sei o que que eu quero’”.

Paulo Haidar (50) simplesmente não perde muito tempo pensando: “boto ali, dou uma olhada... você! Às vezes também um jogo de sorte, filho.”

Fiametta Ricci questiona o próprio processo decisório, pondera se realmente ter controle o tempo todo é uma coisa positiva:

A maioria das pessoas gosta dessa diferença de poder controlar, mas eu não sei até que ponto esse controle contínuo é positivo. Porque condiciona também, né? Porque, tipo, se falar “pensa numa música”, provavelmente eu vou pensar na primeira da minha *playlist*, porque é a que eu tô ouvindo o tempo todo (Apêndice III, p.362).

Dentre as estratégias lançadas aqui pelos participantes, observa-se que há duas que são intra-plataforma: recomendações personalizadas e a aleatoriedade. O socorro a outros seres humanos pode ser potencializado pela própria plataforma, como fez Laura, ou recorrendo à sua rede de contato pessoal, como optou Ricardo. O exemplo de Paulo indica que ele, segundo Schwartz (2004, p. 78), não está no grupo de pessoas se vê que pressionada a selecionar sempre a melhor escolha (*maximizers*), para ele o *good enough* (“bom o bastante”) é suficiente (*satisficers*).

8.9

Criação de playlists

Neste tópico vamos apresentar o comportamento dos participantes com relação à criação de *playlists*. Esta prática, quando é realizada com o objetivo de compartilhamento, pode representar um aspecto identitário, de modo análogo à posse de bens culturais (MAMMÌ, 2014). Neste tópico, em função da maior regularidade nas respostas foi possível tabular os dados obtidos (tabela 8 / figura 46). Serão apresentados cinco temas associando cada um deles a uma declaração representativa: (1) as *playlists* criadas são para consumo pessoal; (2) não tem hábito de criar *playlists*; (3) tem o hábito de compartilhar as *playlists* criadas; (4) cria *playlists* com temas pouco usuais; e (5) as *playlists* são um manifesto da identidade pessoal.

Considerando a lógica de usar a *playlist* como um manifesto da identidade pessoal, podemos observar que 20% dos indivíduos podem ser enquadrados como praticantes desse recurso. É interessante recuperar a ponderação de Bruno Druet (47) que apresentamos na seção sobre “Consumo, engajamento e produção de conteúdo online”. Segundo Bruno, embora concorde que as *playlists* reflitam sua identidade, não tem “vocação nenhuma para ser *influencer*”, sua relação com a “persona digital é nenhuma”.

Já Daniel Chamusca (29) busca ativamente ser reconhecido pelo seu gosto. Como diz, ele faz um “esforço para mostrar” seu interesse sobre música. Se a pessoa quiser segui-lo, que seja “primeiro musicalmente”. No Twitter, Daniel publica seus dados Last.fm (que quantifica sua própria audição musical) “fosse uma parada oficial”. Assim como Daniel, Laura publica suas *playlists* na mesma rede social. Ela gosta muito da “cultura do *mixtape*” e Paulo Haidar (50) observa que a tecnologia pode ter mudado, mas o princípio é o mesmo:

Um pouco [as playlists que eu crio servem como manifesto da minha identidade]. Como as fitas [mixtapes] faziam. A ideia é a mesma, a tecnologia mudou. Eu acho que alguma coisa não se perdeu. [...] É o princípio de Lampedusa: tem que mudar alguma coisa pra ficar tudo como está (Apêndice III, p.544).

Participantes	Cria para uso pessoal	Cria e compartilha	Não cria
Alexandre Limão			x
Ana Maria Fugazzi			x
Antonia Schiavio			x
Bruno Druet		x	
Carlos Santiago			x
Clementina Trevisani			x
Daniel Chamusca		x	
Darcy Paranhos		x	
Fabiana Leão			x
Fernando Menezes			x
Fiammetta Ricci	x		
Frederico Baal			x
Giovanna DeLucca		x	
Gustavo Lubiano	x		
Humberto Barbosa	x		
Isabela Prata	x		
José Luiz Dias	x		
Julia Beauchamp	x		
Laura Martins		x	
Leandro Salgueiro		x	
Marcelo Nakata	x		
Marcos Cunha	x		
Natalie Horvat	x		
Nina Maia	x		
Patrícia Oliveira	x		
Paula Lubiana			x
Paulo Haidar		x	
Rachid Malik			x
Rafael Alves	x		
Renato Toscanio	x		
Ricardo Mazzi	x		
Roberto Castro			x
Rui Pereira			x
Rui Pereira Jr	x		
Sandro Geraldo			1
Sonia Rodrigues	1		
Tiago Azevedo		1	
Vanessa Renata	1		
Vinícius Kalil	1		
Willian Cavalcante			1
Total	18	8	14

Tabela 8: Participantes vs prática de criação de *playlists*

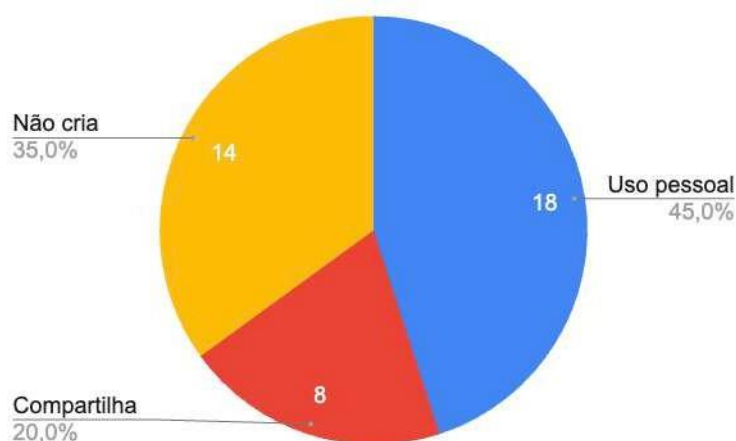


Figura 46: Participantes vs prática de criação de *playlists*

É interessante observar que o compartilhamento das *playlists* pode ser involuntário, como é o caso de Julia Beauchamp, ou até ser percebido como invasivo, como diz Natalie Horvat.

Eu sei que algumas *playlists* que eu criei, coisas pra eu ouvir, seleção musical de coisas que eu ouvia quando era criança, adolescente e tal... fui ver uma vez tinha uns 400 *likes*. E me surpreendeu, não é divulgado, como é que as pessoas chegaram naquilo, entendeu? Assim, se alguém descobriu aquilo foi pelo acaso, não foi por iniciativa minha de ficar divulgando. (Julia, Apêndice III, p. 444).

Compartilhar com quem? Mandar pra amigo, essas coisas? Não, nem quero. Inclusive, às vezes aparece o que as pessoas estão ouvindo e eu fico constrangida. Não quero saber. Será que as pessoas querem saber o que eu tô ouvindo? Acho meio esquisito. [...] Mas são abertas, eu acho. Não sei se dá pra fechar. (Natalie, p.504)

Há quem crie *playlists* não só para audição musical e compartilhamento, mas como um registro de uma cronologia pessoal. Darcy Paranhos usa para voltar no tempo e reviver seu consumo fonográfico de uma determinada época:

No último ano, eu tenho feito *playlists* mensais. [...] Eu comecei a ouvir no Spotify em 2018. E aí [...] eu sentei um dia e organizei todas as músicas que eu tinha ouvido no Spotify. [...] Eu tava achando isso fantástico assim: eu volto pra *playlist* de maio de 2022, e estão todas as músicas que eu ouvi em maio 2022. Sejam os álbuns [...], música soltas que estão ali e aí eu vou ouvindo naquela *playlist* (p.323).

Daniel Chamusca tem prática semelhante a de Darcy: “Um hábito que eu tenho até hoje [...] é criar uma *playlist* por ano e salvar as músicas que foram destaques para mim. E sempre que eu escuto é como se fosse uma cápsula do tempo, né?” (p.289). Ele também gosta de fazer montar *playlists* de turnês inventadas “assim que sai um disco, eu monto a turnê” e de criar suas próprias versões dos álbuns:

São raros os álbuns que eu acho que a *tracklist*, a ordem foi feito do jeito certo, né? Aquela brincadeira de eu sei mais do que o artista, não importa que ele foi quem criou a música. Eu sei mais e eu gosto de fazer essa versão, então eu escuto o álbum inteiro, mas na minha versão, às vezes colocando faixas bônus, né? (p.298).

É significativo que apenas um em cinco participantes tenha o hábito de compartilhar suas *playlists*. É interessante observar que, ao fazê-lo, esses participantes estão contribuindo de duas formas para as plataformas de *streaming*: por um lado, oferecem mais um recurso para extração de dados do usuário; por outro, colaboram para o volume de tráfego dentro do serviço.

9

Protagonismo da audição musical

Nesta seção, que aglutina nove tópicos de análise, vamos abordar as práticas de audição dedicada, em que a música tem protagonismo na atenção do participante. O estereótipo desta situação é aquela na qual o ouvinte está em frente à fonte sonora do fonograma, ou com o fone ouvido, acompanhando o decurso da música. Mas esta prática não se dá apenas desta maneira, como veremos em alguns dos relatos dos entrevistados. Procuramos mapear o contexto da audição protagonista, levantando o espaço, o meio, o formato, a reação do participante e a frequência com que ela ocorre, comparando com outras eras fonográficas.

Três outros tópicos são subprodutos das abordagens a respeito da audição dedicada. São eles: narrativa da experiência, linguagem fonográfica e noção de obra de arte fonográfica. Apresentaremos a relevância para a tese desses tópicos no momento de sua apresentação.

9.1

Prática de audição dedicada

Este tópico tem a função de registrar se o participante tem como hábito ouvir música com protagonismo. Não é difícil notar que esta questão é fundamental para os propósitos de nossa tese. Assim, os dados coletados neste tópico nos permitirão avançar na hipótese do impacto da tecnologia sobre este tipo de experiência.

Observamos uma correlação interessante entre a prática profissional de música e a escuta dedicada, razão pela qual apresentamos na tabela 9 o perfil do participante com relação à música (se é leigo, amador ou profissional). Na exploração deste tópico encontramos três temas a serem comentados aqui nesta seção: (1) exemplos de audição dedicada; (2) é preciso forçar-se a praticar; e (3) audição dedicada acontece de surpresa.

Os contextos da prática de audição dedicada serão explorados em outros tópicos, por conseguinte, apenas apresentaremos algumas declarações interessantes a esse respeito. Por exemplo, Rachid Malik, que não relata ser um ouvinte dedicado atualmente, relata que durante um ano tinha apenas um disco para ouvir, quando morava na Argélia:

Teve um momento que eu morei um ano e durante um ano tinha um disco só. [...] O disco do Stevie Wonder, uma coletânea dupla [...] e durante um ano eu só tinha esse disco para escutar. Na África eu escutei esse disco todo dia e

nunca cansei. Hoje eu posso botar o de novo para tocar lá e não canso (Apêndice III, p. 559).

Participantes	relação com música	função desempenhada	audição dedicada
Alexandre Limão	amador	—	sim
Ana Maria Fugazzi	amador	—	sim
Antonia Schiavio	leigo	—	sim
Bruno Druet	leigo	—	sim
Carlos Santiago	leigo	—	sim
Clementina Trevisani	profissional	musicista	não pratica
Daniel Chamusca	leigo	—	sim
Darcy Paranhos	leigo	—	sim
Fabiana Leão	amador	—	sim
Fernando Menezes	profissional	musicista	não pratica
Fiammetta Ricci	leigo	—	sim
Frederico Baal	leigo	—	inconclusivo
Giovanna DeLucca	leigo	—	sim
Gustavo Lubiano	amador	—	sim
Humberto Barbosa	profissional	musicista	sim
Isabela Prata	amador	—	sim
José Luiz Dias	profissional	operador de áudio	sim
Julia Beauchamp	leigo	—	sim
Laura Martins	leigo	—	sim
Leandro Salgueiro	leigo	—	sim
Marcelo Nakata	leigo	—	sim
Marcos Cunha	leigo	—	sim
Natalie Horvat	leigo	—	inconclusivo
Nina Maia	leigo	—	sim
Patrícia Oliveira	leigo	—	sim
Paula Lubiana	leigo	—	sim
Paulo Haidar	amador	—	sim
Rachid Malik	profissional	DJ, comerciante e produtor	não pratica
Rafael Alves	amador	—	sim
Renato Toscanio	amador	—	sim
Ricardo Mazzi	leigo	—	sim
Roberto Castro	amador	—	inconclusivo
Rui Pereira	profissional	DJ e comerciante	sim
Rui Pereira Jr	profissional	DJ e comerciante	sim
Sandro Geraldo	leigo	—	sim
Sonia Rodrigues	amador	—	sim
Tiago Azevedo	leigo	—	sim
Vanessa Renata	leigo	—	sim
Vinícius Kalil	leigo	—	inconclusivo
Willian Cavalcante	amador	—	sim

Tabela 9: Perfil do participante com relação à música vs prática de audição protagonista

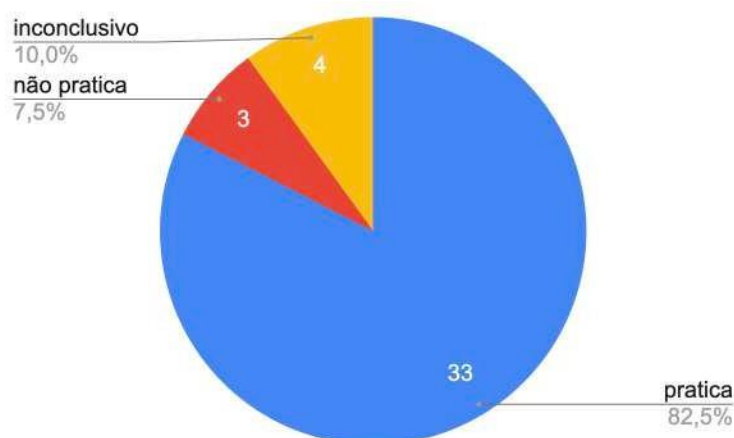


Figura 47: praticantes de escuta dedicada

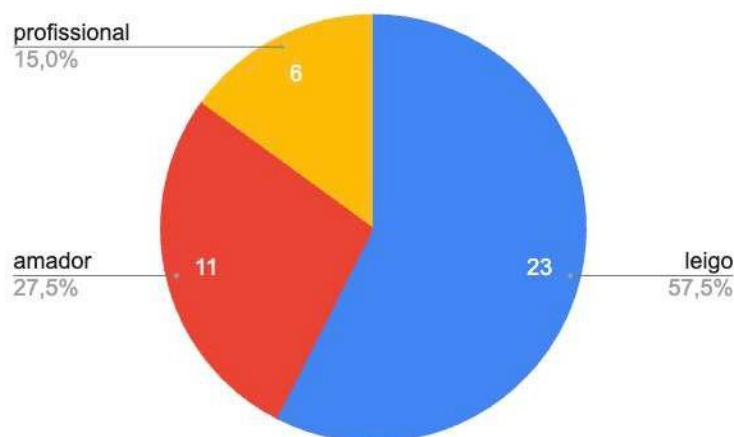


Figura 48: grau de profissionalismo do participante⁸⁷

Leandro Salgueiro (18) comenta a respeito da perda da noção de tempo ao ouvir um álbum:

Me lembro até hoje a primeira vez que eu ouvi Pink Floyd, eu tinha tipo 13 anos. [...] Mas eu ouvi Pink Floyd, o “Dark Side of the Moon”, e eu pirei! [...] Eu fechei meus olhos por 40 minutos e não abri. Quando acabou o disco eu falei “nossa senhora, quanto tempo durou isso? Parece que foi o dia inteiro!” Assim... muito legal (Apêndice III, p.473).

Como se pôde ver na tabela 9, dos quarenta entrevistados, três deles não são adeptos da escuta dedicada: Clementina Trevisani (58), Fernando Menezes (66), e Rachid Malik (53). É de chamar a atenção todos os três tenham uma relação profissional com a música, a metade da amostragem dos seis participantes profissionais de música.

Daniel Chamusca (29) e Darcy Paranhos se programam para ouvir os lançamentos. Como diz Daniel, “no ano passado, saiu o álbum da Taylor Swift, eu pedi folga no trabalho, [...] me organizei para tirar ela no dia 21 de outubro, porque eu queria poder ficar de madrugada escutando” (p.293). E Darcy:

Esses rituais com certeza acontecem, assim, combinar de ficar até às 02:00 manhã com os amigos em chamadas só esperando lançar o álbum pra gente comentar junto primeiro (p.320).

Darcy se planeja também para ter experiências estéticas em que associa o cenário a uma música em específico: “eu me programei para ouvir ela andando num brinquedo alto de parque de diversões, pra que quando girasse mais alto, eu tivesse ouvindo a música e a sensação me tomasse. Foi magnífico” (p.317). Darcy usa a fonografia para imprimir memórias:

⁸⁷ Dois dos entrevistados mais jovens, Gustavo Lubiano (18) e Leandro Salgueiro (18) estão em processo de profissionalização.

Às vezes eu ouço a música... “nossa, eu preciso ouvir essa música vendo o sol se pôr”. Tipo, ela vai encaixar perfeitamente, essa memória vai ficar muito marcada pra mim. Eu tenho certeza absoluta, [...] vai ser uma situação maravilhosa! Então tem músicas que eu consigo prestar atenção nisso assim: “ai, se eu ouvir nessa situação específica, vai ser incrível! Eu preciso fazer isso!” (Apêndice III, p.328)

Há três participantes que comentam sobre a realização forçada de audição dedicada: Laura Martins (33), Rafael Alves (34) e Marcelo Nakata (49). Enquanto Laura (“eu tenho que transformar em parte da minha rotina ou isso vai se perder”) e Marcelo (“eu ainda tenho esse hábito porque eu me pego, eu me prendo pra fazer né?”) revelam forçar-se ativamente para não perder essa prática, Rafael lamenta que hoje já não pratique mais tanto essa escuta:

Agora, é um pouco de tomar vergonha na cara e tomar esse tempo para você, né? Tipo isso me faz bem e eu gosto de escutar um álbum da banda x e hoje eu quero fazer isso eu vou pegar ali uma horinha e vou ficar escutando o disco. Uma hora não é nada demais, dá para fazer isso... (p.567)

Alguns participantes falaram a respeito de uma audição protagonista não controlada, que acontece de surpresa. Diz Renato Toscanio (32):

90% do tempo eu tô ouvindo ou no som do carro, ou numa caixinha não tão boa, né? Aí de repente, tipo “nossa, não, essa música eu tenho que prestar atenção”. Aí eu vou colocar um fone de melhor qualidade, aí eu vou parar, sentar, mas na maior parte do tempo, é como música ambiente (p.573).

Fabiana Leão (28) e Darcy Paranhos (24) também fazem comentários semelhantes:

Acontece muito, de você estar fazendo uma tarefa ouvindo música e aí vem uma música que você gosta muito, uma música que você não tava esperando, uma música que muda o seu humor... eu paro tudo que eu tô fazendo e vou ficar só curtindo aquela música, assim (Fabiana, p.344).

Às vezes eu tô aqui ouvindo música e aí me pega muito assim, tipo, “putz, eu vou parar aqui pra escutar com mais atenção”. Às vezes você tá ouvindo uma música, “Espera aí, eu não prestei atenção o suficiente. Preciso voltar pro começo da música pra poder apreciar ela por inteiro” (Darcy, p.326).

De modo geral, podemos concluir que a prática de audição dedicada é uma escuta muito exercitada pelos nossos participantes (menos de um em cinco não praticam). Via de regra é uma atividade consciente, controlada e por vezes forçada, mas há quem relate, como os exemplos relacionados, situações em que ela se estabelece de uma forma imprevista.

9.2

Espaço de audição dedicada

Neste tópico começamos a explorar mais o contexto da audição dedicada. Na tabela 23, podemos observar os espaços nos quais esse tipo de escuta se estabelece para cada um dos participantes. Na exploração deste tópico apresentamos dois temas para discussão neste tópico: (1) exemplos de audição dedicada; e (2) é preciso forçar-se a praticar.

Como se pôde atestar na análise na tabela 10, a audição dedicada é uma escuta majoritariamente doméstica. Como diz Bruno Druet (47), “minha relação com música é mais dentro de casa. É uma relação mais íntima mesmo.” Ricardo Mazzi (31) oferece um relato afetivo da relação da escuta dedicada com o espaço doméstico:

Um pessoal, quando tava morando em Portugal, que lá era muito caro o aluguel, então tava todo mundo toda hora se mudando, morando num lugar meio merda [...] Eu tinha essa relação e outros amigos falavam “caramba, quando eu me mudar, só quero um “tocadorzinho” de vinil, chegar em casa do trabalho, abrir um vinho e ficar em casa ouvindo um vinil” (Apêndice III, p.591).

Nas situações de escuta dedicada exercitada em espaço externo, seis participantes declararam que praticam essa escuta em transporte motorizado: três no ônibus (Marcos Cunha, 23; Fiametta Ricci, 26 e Fabiana Leão, 28), um em automóvel pessoal (Alexandre Limão, 47), um no avião (José Luiz Dias, 59) e um de motocicleta (Darcy Paranhos, 24).

Darcy comenta sobre audição dedicada enquanto anda de moto:

Às vezes eu tô pegando Uber Moto pra me deslocar, aí eu consegui dar um jeito de colocar o fone mesmo na moto. [...] Eu tô apreciando muito música enquanto ando de moto. [...] eu tô andando aqui de moto, mas parece que eu tô em outro lugar, eu tô andando de *scooterzinha* na Itália, andando pelas vielinhas (p.326).

Projeção corporal de outra ordem é relatada por Leandro Salgueiro:

E aí eu vendo a peça cara, uma hora eu me desconectei mesmo do meu corpo de alguma forma. Claro que não é completo, mas, graças à música! Se não fosse a música, eu não teria tido aquela experiência. [...] Eu me senti realmente saindo do meu corpo (p.473).

Três disseram exercitar esse tipo de escuta em situações que envolvem movimento corporal (Laura Martins pratica caminhando, 33; Rafael Alves correndo, 34; e Ricardo Mazzi pedalando, 31). Laura diz que gosta de levar o disco para passear:

Eu falo que eu gosto de levar o disco para passear. Que é, sei lá, se eu vou andar para algum lugar, eu gosto de andar ouvindo a música. É um jeito passivo, porque eu tô andando, mas o andar é meio que pra ouvir a música (p.463).

Participante	Espaço doméstico	Espaço externo	Não pratica	Não respondeu
Alexandre Limão	x	carro		
Ana Maria Fugazzi	x			
Antonia Schiavio	x			
Bruno Druet	x	carro		
Carlos Santiago	x			
Clementina Trevisani			x	
Daniel Chamusca	x			
Darcy Paranhos	x	diversos		
Fabiana Leão	x	transporte público		
Fernando Menezes			x	
Fiammetta Ricci	x	transporte público		
Frederico Baal			x	
Giovanna DeLucca	x			
Gustavo Lubiano	x			
Humberto Barbosa	x			
Isabela Prata	x			
José Luiz Dias		avião		
Julia Beauchamp	x			
Laura Martins	x	caminhada		
Leandro Salgueiro	x	diversos		
Marcelo Nakata	x			
Marcos Cunha	x	transporte público		
Natalie Horvat				x
Nina Maia	x			
Patrícia Oliveira	x			
Paula Lubiana	x			
Paulo Haidar	x			
Rachid Malik			x	
Rafael Alves	x	correndo		
Renato Toscanio	x			
Ricardo Mazzi	x	pedalando		
Roberto Castro				x
Rui Pereira	x			
Rui Pereira Jr		discotecando		
Sandro Geraldo	x			
Sonia Rodrigues				x
Tiago Azevedo	x			
Vanessa Renata	x			
Vinícius Kalil				x
Willian Cavalcante	x			
Total	30	12	4	4

Tabela 10: Espaços de audição dedicada utilizados pelos participantes

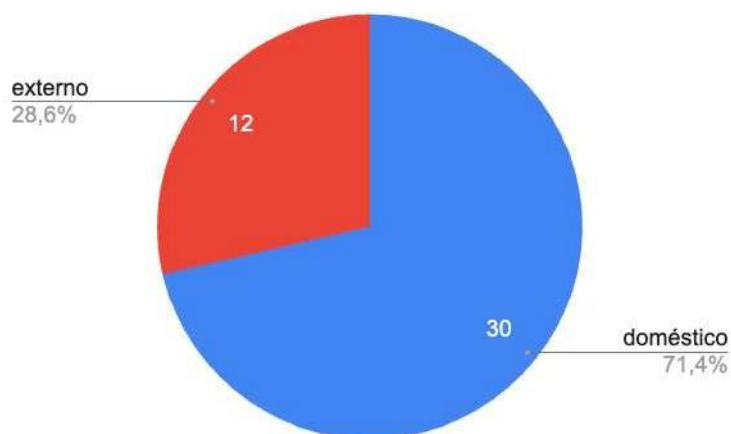


Figura 49: espaços de audição dedicada

Bruno Druet revela também uma indução da escuta em trânsito: “Eu até gosto de andar de carro, às vezes sozinho — olha lá o cara, maior poluidor — justamente por causa da música”.

Rui Pereira Jr revela que tem uma experiência estética enquanto trabalha como DJ:

Eu tenho uma vontade de ter essa experiência sensorial, geralmente no vinil, eu gosto de fazer isso. Então, quando eu toco no vinil, é uma coisa especial. [...] Tem esse lugar que eu toco, no restaurante, que eu fico mais à vontade (Apêndice III, p.629).

Assim, como se pôde perceber, a escuta dedicada para nossos participantes é uma prática majoritariamente doméstica. No entanto, mesmo quando realizada em movimento, pode ser experimentada com a atenção da música em primeiro plano.

9.3

Meio de audição dedicada

Já argumentamos em outros momentos que quando falamos a respeito do meio de audição não estamos nos restringindo a suportes (vinil, CD, fita-cassete etc). Como sabemos, há meios de audição imateriais como o rádio e os serviços de *streaming*. Além disso, quando nos referimos a meios de escuta expandimos o recorte para os sistemas de som utilizamos para a audição musical. Diversos participantes citaram a utilização do YouTube para audição dedicada, o que indica uma experiência audiovisual, seja na televisão, no computador, no *tablet*, ou no celular. Na tabela 11 e (ver também a figura 50) observamos os principais meios de audição dedicada tabulados por participante. Acompanhando os resultados da referida tabela, relacionamos quatro temas de relevância para serem debatidos: (1) plataforma de streaming; (2) audiovisual; (3) vinil; e (4) CD.

Ainda que as plataformas de *streaming* representem o maior meio de experiência dedicada com 25 ocorrências, associando-se os demais, temos 30 menções a esta prática fora da plataforma (figura 50). São nove os ouvintes entre os 33 praticantes de escuta dedicada que não combinam nenhum outro meio além do *streaming*. Por sua vez, oito entrevistados não recorrem às plataformas com esta finalidade (figura 51).

A prática do audiovisual para escuta dedicada é o segundo meio mais praticado com 18 ocorrência. O vinil aparece a seguir com 11 menções, com o CD fechando as menções aos meios de audição dedicada.

A facilidade operacional do Spotify foi mencionada como uma vantagem importante para escuta dedicada. Antonia Schiavio (39) afirma que o utiliza o

serviço “porque ele é mais rápido”. Julia Beauchamp (47) associa o serviço ao assistente de voz Alexa para enfatizar esse benefício: “E a Alexa e o Spotify facilitam muito, né? Você pedir, falar: “eu quero a música tal”! Nem precisa escrever, você fala”. Recuperaremos uma declaração de Daniel Chamusca já citada aqui anteriormente para realçar o proveito que alguns participantes observam na conveniência das plataformas de *streaming* para audição dedicada:

É a facilidade de trocar de música e poder passar pelo o que eu tiver sentindo naquele minuto: “nesse minuto estou triste, quero ouvir música triste...”, “passou, agora quero ouvir música feliz”. [...] A plataforma de *streaming* é a ferramenta que me dá esse tipo de flexibilidade (Apêndice III, p.312).

Participante	Streaming	Audiovisual	Vinil	CD	Não pratica	Inconclusivo	Meios praticados
Alexandre Limão	x	x					2
Ana Maria Fugazzi	x		x				2
Antonia Schiavio	x	x					2
Bruno Druet	x	x					2
Carlos Santiago		x	x				2
Clementina Trevisani					x		0
Daniel Chamusca	x	x					2
Darcy Paranhos	x	x					2
Fabiana Leão	x	x					2
Fernando Menezes					x		0
Fiammetta Ricci	x						1
Frederico Baal					x		0
Giovanna DeLucca	x	x	x				3
Gustavo Lubiano	x		x	x			3
Humberto Barbosa	x						1
Isabela Prata	x						1
José Luiz Dias	x						1
Julia Beauchamp	x	x					2
Laura Martins	x	x		x			3
Leandro Salgueiro	x			x			2
Marcelo Nakata			x	x			2
Marcos Cunha	x						1
Natalie Horvat						x	—
Nina Maia	x						1
Patrícia Oliveira	x						1
Paula Lubiana		x	x				2
Paulo Haidar		x					1
Rachid Malik					x		0
Rafael Alves	x	x					2
Renato Toscanio	x						1
Ricardo Mazzi	x	x	x				3
Roberto Castro						x	—
Rui Pereira			x				1
Rui Pereira Jr			x				1
Sandro Geraldo			x				1
Sonia Rodrigues	x						1
Tiago Azevedo	x						1
Vanessa Renata			x				1
Vinicius Kalil						x	—
Willian Cavalcante	x	x					2
Total	25	16	11	4	4	3	—

Tabela 11: Meios de audição dedicada utilizados pelos participantes

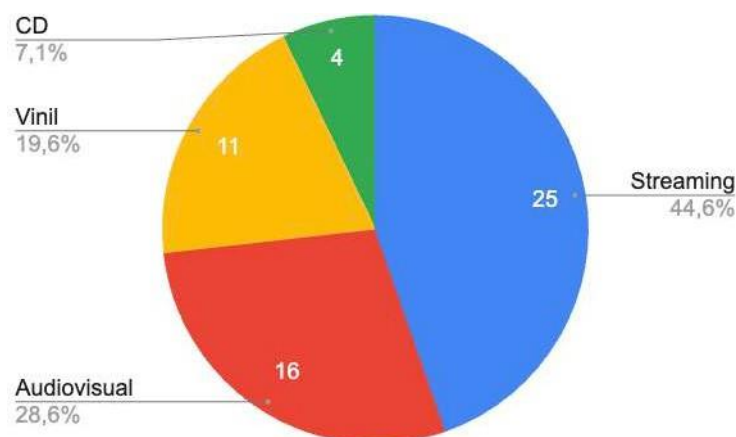


Figura 50: Meios de audição dedicada utilizados pelos participantes

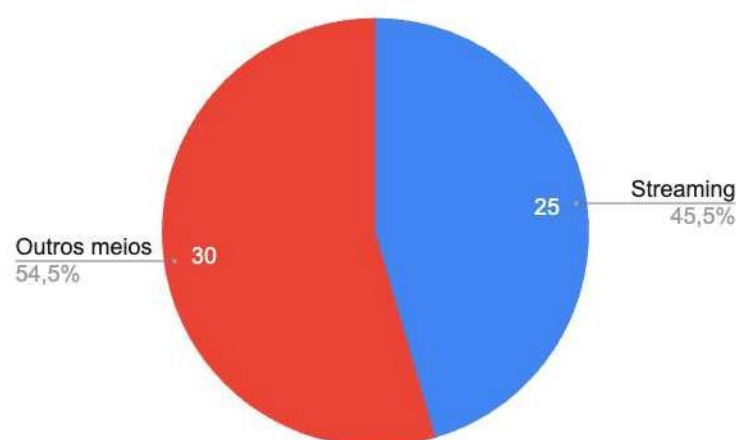


Figura 51: Prática de escuta dedicada, *streaming* vs outros meios



Figura 52: Prática de escuta dedicada, usuários do *streaming*, não-usuários do *streaming* e participantes que combinam mais de um meio

Como vimos na tabela 11 e na figura 50, à frente do vinil, aparecem as experiências audiovisuais para escuta dedicada. Em cenário em que música está majoritariamente em segundo plano, com a visualidade e os recursos informaci-

onais menos favorecidos nas plataformas de *streaming*, shows curtos com alta qualidade de captação de áudio, que chamamos anteriormente de “shows fonográficos”, parecem ser um bom recurso para captar a atenção do ouvinte. Como disse Paulo Haidar: “esses 15 minutos, 20 minutos de uma apresentação, palco, show, consegue segurar qualquer um”.

Mas a amostragem da utilização de audiovisual não contemplou somente este formato, clipes e *sets* de DJ também forma lembrados pelos participantes. Ricardo Mazzi observa:

Eu acho muito [um recurso interessante para ter a música como protagonista]. Eu fiquei até arrepiado lembrando. [...] Não acho que é uma experiência só da minha bolha, mas eu acho que é uma experiência [...] não acho que é só de gay, mas acho que é muito de gay. [...] De chamar amigos, tipo para casa e ficar às vezes duas horas só vendo YouTube e vendo isso Tiny Desk ou vendo live de não sei quem... (Apêndice III, p.594)

Apesar de reconhecer o préstimo da tecnologia, sobretudo no aspecto da extensão do acervo, Tiago Azevedo (35), que está dentre os participantes que usam apenas o *streaming* com vistas a praticar escuta dedicada, gostaria de recuperar seu toca-discos para esses momentos: “se eu pudesse resgatar a minha vitrola, eu preferia com certeza por conta da qualidade.”

Ana Maria Fugazzi (18) observa que as desvantagens operativas do vinil acabam por realçar a experiência: “não pode estar aqui vou fazer outra coisa, eu realmente botava o vinil ficava curtindo o vinil.” Como diz Gustavo Lubiano (18), “ouvir um vinil em um som bom é uma experiência que você consegue se envolver.” O aspecto icônico do vinil é ressaltado na fala de Vanessa Renata, também já trazida em outro momento da tese: “uma coisa é ouvir, por exemplo, David Bowie em qualquer lugar. Outra coisa, é você ter um disco do Bowie na sua casa e você colocar pra ouvir. É uma situação mil vezes melhor”. Rui Pereira Jr (33) acha que o *streaming* não é um repositório cultural como o vinil:

Eu acho que falta muito mais assim pro *streaming* realmente se tornar uma ferramenta de cultura, pra realmente trazer a cultura musical do jeito que o vinil fez, entendeu? (p.618)

Relembramos aqui a declaração de Rachid Malik (53) a respeito das questões táteis, visuais e informacionais tangibilizadas pelo vinil:

Não existe outro formato que não seja vinil. [...] Mas o que diria é que o disco de vinil é muito além da música, o disco de vinil é um objeto em si. Primeiro começa pela capa, a capa pode ser uma verdadeira obra de arte, a capa é a primeira relação que você tem com o disco de vinil, uma relação visual. É a capa. Então, em si, ela pode ser considerada como objeto de arte. [...] Você pode até reproduzir a arte digital, mas ela não significa nada. Segundamente, informação. Dentro do disco de vinil, da contracapa, você tem informação de quem gravou a música, quem são os músicos, quem é o produtor, quem é o arranjador. Então você tem história inteira, às vezes até alguém escreveu um

texto falando do disco, falando do artista. Então, tem todo um conteúdo que não existe no arquivo digital (Apêndice III, p.554).

A Rui Pereira Jr parece que o vinil proporciona um cenário sensorial que o *streaming* não pode oferecer.

O vinil ele tinha uma questão não só de pertencimento de uma geração, mas ele tava lá com um encarte em bom tamanho, você tinha a ficha técnica, você tinha vezes um cartão, um pôster... tudo isso, essa parte sensorial, o *streaming* não consegue chegar. [...] Eu tenho certeza que é isso [a razão que faz as pessoas se voltarem para o vinil atualmente]. O disco de vinil chega em locais que o *streaming* não chega (p.618).

Rui Pereira Jr reforça as perdas sensoriais e informacionais na transição para o CD:

Tem a questão de você pegar uma capa de disco, sentir graficamente trabalho de um artista é melhor no vinil do que no CD, né? Abrindo aquele encarte do CD, é muito pequenininho, letras pequenas. [...] Mas a mídia desfavorecia, o CD desfavorecia. [...] Quem lia o encarte do CD? Era tão pequeno, era tão difícil, eram poucas pessoas, entendeu? (p.6137).

O CD foi citado por quatro participantes como meio de audição dedicada. À parte Laura Martins (33) que cita as vantagens da mídia física para justificar seu consumo, os demais participantes usam este suporte por sua capacidade de entregar áudio de alta fidelidade, como diz Leandro Salgueiro (18):

É, eu ouço basicamente por plataforma de *streaming*. Mas, ultimamente, esse ano, eu consegui esse aparelho CD, que já tinha aqui em casa, que eu achei na mudança [...] E aí eu comecei a ouvir muito CD porque o som é muito melhor. E é estéreo, tenho duas caixinhas assim, então eu sento aqui na frente do negócio e ouço o som estéreo. E é um outro tipo de experiência musical para mim porque é em alta fidelidade e tal (p.470).

Se formos fazer um resumo das justificativas apresentadas pelos nossos participantes para a adesão a um determinado meio para a prática da audição dedicada, poderíamos dizer que o principal benefício do *streaming* seria sua facilidade operacional e a extensão de seu acervo. A recorrência ao recurso audiovisual parece estar relacionado a um desejo de obter uma experiência mais completa, agregando a visualidade à fruição e, a depender do formato, também performance e qualidade de áudio. O vinil, por sua vez, tem variados argumentos: a visualidade, o aspecto informacional, sua iconicidade, a qualidade de áudio e até mesmo seus problemas operacionais. O interesse no CD está basicamente associado à alta fidelidade do suporte.

9.4

Formato de audição dedicada

Este tópico diz respeito aos formatos utilizados pelos participantes para prática de audição dedicada. A compreensão sobre essa escuta com relação aos formatos é complementar aos meios, tópico abordado na seção anterior. Na tabela 12 correlacionamos os participantes com os seus formatos privilegiados na escuta com protagonismo: (1) álbum; (2) audiovisual (que aglutina *pocket shows*, *sets* de DJ e videocliques); (3) por fonograma; e (4) *playlist*, que compreendem também os quatro temas relacionados neste tópico.

Como mencionamos anteriormente, o item “audiovisual” representa a aglutinação de três formatos: shows fonográficos, *set* de DJ e clipes. Vejamos na tabela 13 como foi a distribuição interna desses itens por entrevistado praticante e na figura 53 a quantificação dos formatos de audiovisual.

Apresentaremos a seguir algumas declarações de participantes para pontuar o consumo desses formatos em escuta dedicada. Segundo Darcy Paranhos (24), a audição de álbum é mais imersiva: “Com álbum é legal porque acaba ficando uma consistência maior. Eu sinto que quebra menos a imersão.” Laura Martins (33) destaca que audição de um álbum pela primeira vez é sempre dedicada: “quando eu vou ouvir um álbum pela primeira vez, eu vou só ouvir o álbum”. Fiametta Ricci (26), assim como Darcy, Fabiana Leão (28) e Daniel Chamusca (29), pratica mais a audição dedicada quando há um lançamento: “eu tento tirar o momento para ouvir aquele álbum inteiro.” Ricardo Mazzi (31) destaca que leva o formato muito a sério:

Eu levo o álbum muito a sério. Às vezes eu me pego pensando “caramba, qual o álbum que eu mais gostei da minha vida?”, “qual o melhor álbum desse ano?”, “se eu tivesse que fazer um top três álbuns de *house*”, sabe? Álbum é uma coisa que eu penso bastante (Apêndice III, p.597-592).

Ele complementa estabelecendo uma comparação com a audição de *playlist*: “Parece que a *playlist* é uma coisa mais rápida [...] agora o álbum parece que eu tenho que ter uma conclusão sobre aquilo quando terminar”. Este depoimento de Ricardo é especialmente relevante tendo em vista que ele tem mais de 1.100 *playlists* curadas por ele no Spotify. Laura concorda: “eu sinto que *playlist* eu uso muito, muito mais para audição com menos protagonismo”. De todo modo, é importante observar o exemplo de Isabela Prata (29) que usa as *playlists* que cria como formato de audição dedicada.

Paulo Haidar (50) se vê usando apenas shows fonográficos para audição com protagonismo: “nesses vídeos, sim, tô com atenção total pro cara. No mais, vida passa, vida que segue.” Esta não é a primeira opção de formato audi-

ovisual para Carlos Santiago. Se não for ouvir um álbum no vinil ele prefere *set de DJ*. Fabiana Leão, que se descreve uma pessoa “muito multi-tarefa” se vê utilizando o clipe para audição dedicada: “quando eu tô vendo o clipe, eu tô vendo o clipe!”

Participante	álbum	audiovisual	por fonograma	playlist	não há correlação	não pratica	inconclusivo	formatos utilizados
Alexandre Limão	x	x						2
Ana Maria Fugazzi	x							1
Antonia Schiavio		x	x					1
Bruno Druet		x						1
Carlos Santiago	x	x						2
Clementina Trevisani						x		0
Daniel Chamusca	x	x						2
Darcy Paranhos	x	x						2
Fabiana Leão		x	x					2
Fernando Menezes						x		0
Fiammetta Ricci	x							1
Frederico Baal						x		0
Giovanna DeLucca	x	x						3
Gustavo Lubiano	x							1
Humberto Barbosa							x	—
Isabela Prata				x				1
José Luiz Dias					x			4
Julia Beauchamp		x						1
Laura Martins	x	x						2
Leandro Salgueiro	x							1
Marcelo Nakata	x							1
Marcos Cunha							x	—
Natalie Horvat							x	—
Nina Maia							x	—
Patrícia Oliveira							x	—
Paula Lubiana		x					x	2
Paulo Haidar		x						1
Rachid Malik						x		0
Rafael Alves	x	x						2
Renato Toscanio	x	x						2
Ricardo Mazzi	x	x						2
Roberto Castro					x		x	1
Rui Pereira	x							1
Rui Pereira Jr	x							1
Sandro Geraldo	x							1
Sonia Rodrigues			x					1
Tiago Azevedo							x	—
Vanessa Renata	x							1
Vinicius Kalil							x	—
Willian Cavalcante	x	x						1
Total	17	16	5	3	2	4	9	—

Tabela 12: Formatos de audição dedicada utilizados pelos participantes

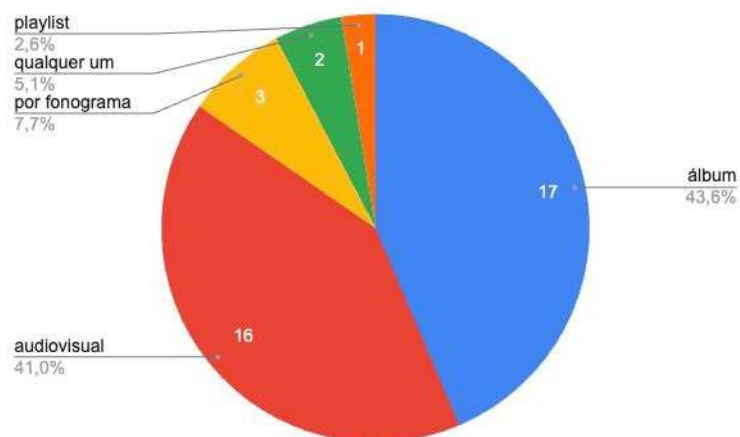


Figura 53: distribuição dos formatos na prática de audição protagonista

Participante	formato de audiovisual	formatos praticados
Antonia Schiavio	pocket show, clipe	2
Bruno Druet	pocket show	2
Carlos Santiago	pocket show, set de DJ	2
Daniel Chamusca	show, pocket show, clipe	3
Darcy Paranhos	clipe	1
Fabiana Leão	clipe	1
Giovanna DeLucca	indefinido	—
Julia Beauchamp	pocket show, show	2
Laura Martins	pocket show, clipe	2
Rafael Alves	show	1
Renato Toscanio	pocket show	1
Ricardo Mazzi	pocket show, set de DJ	2
Willian Cavalcante	pocket show, set de DJ	2

Tabela 13: Formatos de audiovisual e seus participantes

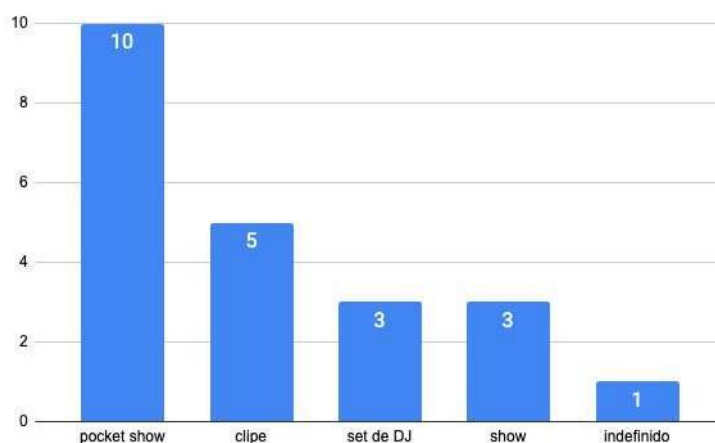


Figura 54: Quantificação dos formatos de audiovisual

O gatilho é por fonograma para Antonia Schiavio: “isso acontece porque eu lembro de uma música e eu tenho vontade de ouvir aquela música. E essa música, vai levar a outra”.

Esta seção demonstrou que existem duas situações principais no que diz respeito a formatos de audição dedicada. Àquela na qual o ouvinte irá se escutar um álbum, se o meio for *streaming*, há uma correlação importante com lançamentos, e a audição de formatos audiovisuais, especialmente *pocket shows*. Demonstrou-se ainda que há a audição avulsa, por fonograma, e que a *playlist*, formato de maior utilização entre nossos participantes, é vista como mais adequada para uma audição de música em acompanhamento de outras tarefas.

9.5

Narrativa da experiência

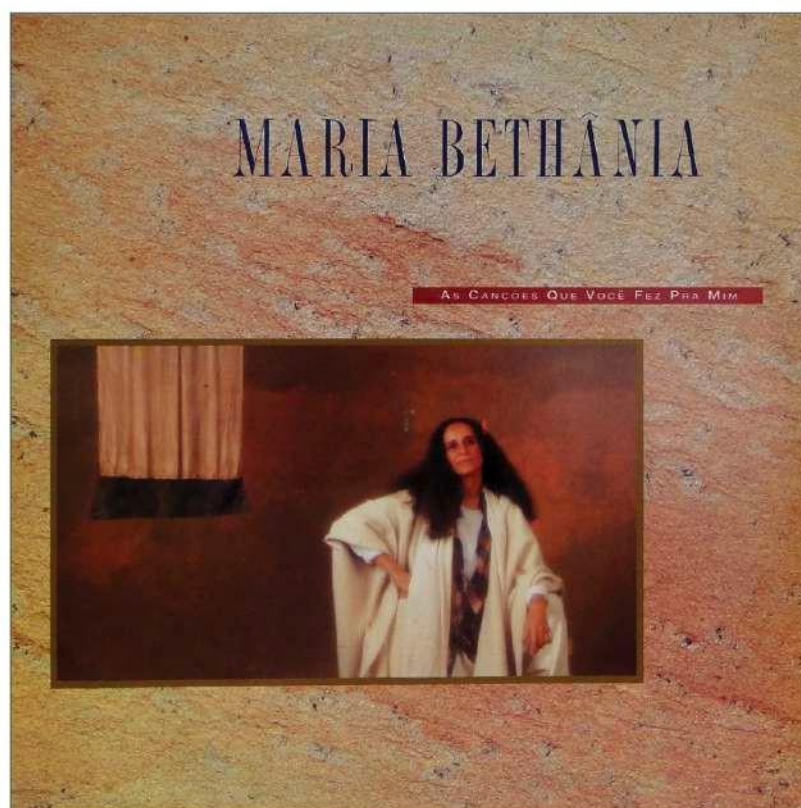
Este tópico surgiu do comentário de alguns participantes mais jovens a respeito de uma espécie de integração artística e estética ao processo fonográfico, sobretudo quando relacionados a lançamentos. No processo de minituarização da visualidade do fonograma (figura 55), as estratégias para oferecer complementaridade expressiva à música gravada lançam mão das redes sociais para oferecer mais recursos às suas obras. Assim, essa “narrativa da experiência” a que se refere o tópico é uma espécie processo análogo ao da capa do álbum sem tangibilidade física.

Na exploração deste tópico, apresentamos dois temas inter-relacionados a serem debatidos aqui: (1) o conceito de “era musical”; e (2) estilo de música K-pop. O conceito de era musical foi mencionado por três participantes: Daniel Chamusca (29), Fabiana Leão (28), Fiametta Ricci (26) e Darcy Paranhos (24). No contexto abordado por esses entrevistados, a era musical é:

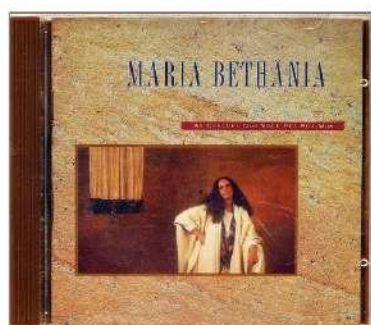
Musicalmente, uma “era” define um período na vida de um artista em que ele tem uma sonoridade, um conceito ou um visual pessoal. Geralmente está associado ao ciclo de um álbum, com os músicos mudando seu estilo ou tom de voz para combinar com seu lançamento mais recente, como refletido por Taylor Swift cortando o cabelo curto antes do lançamento de seu álbum de grande sucesso, 1989 (GUPTA, 2023).

Daniel percebe um vínculo entre cultura pop e as eras musicais, exemplificando o processo:

Eu consumo principalmente música pop e música pop tá junto com cultura pop, com a parte visual, todas as coisas, né? Essa coisa da era musical é uma coisa que me interessa muito [...] começa ali. O artista apaga todas as fotos, sabe que vai vir uma música nova. E troca a cor do cabelo, começa a usar roupas de uma cor diferente, aos poucos vai lançar uma música, começa a fazer algumas entrevistas (Apêndice III, p.307).



LP: 31cm x 31cm (arte ocupa 100% da embalagem)



K7: 10,9 cm x 7 cm
(arte ocupa quase 90% da embalagem)



CD: 14 cm x 12,4 cm (arte ocupa aproximadamente 83% da embalagem)

iPhone 5 (suporte digital): Carcaça: 5,8 cm x 12,4 cm. Interface: 5 cm x 8,9 cm. Imagem digital da capa no Spotify: 3,6 cm x 3,6 cm (29% da interface e 18% da carcaça). Vale ressaltar que esta é a apresentação de maior destaque da imagem do disco.

Figura 55: Minituarização da capa (ORTMAN, 2019).

Fabiana Leão comenta sobre a coesão de um projeto artístico baseado em uma era musical e sua influência na sua própria experiência:

O Little Mix fazia muito isso, o girl group britânico, [...] que saiu do X Factor, e elas trabalhavam as “eras” delas de uma forma muito incrível. Porque, assim, eram quatro singles, todos com MV, e todos eles seguiam a estética daquele álbum, daquela “era”. E cada vez que elas faziam apresentação ao vivo, nunca era a mesma coisa, sabe? O esforço de cada conceito, de cada apresentação ao vivo, é muito claro, assim. Você via que elas estavam se empenhando muito

em trazer uma coisa nova, mas coesa, em cada apresentação. Então, é tipo, são várias coisas, né? Não é só uma música ou só um álbum, é todo um projeto que é [...] muito coeso, né? Assim, às vezes não é tanto, infelizmente [risos], mas quando é bem trabalhado, assim, com certeza dá para notar. E me interessa muito, sim. Não sei se é porque também a parte do design me interessa muito, mas eu consigo ficar muito grata ou muito decepcionada dependendo de como o artista trabalha aquela “era”, sabe? (Apêndice III, p.339).



Figura 56: Álbum 1989 de Taylor Swift

Na vivência de Darcy Paranhos as eras musicais foram percebidas a partir de seu interesse particular em K-pop e observa que isso está se expressando para além daquele gênero:

A ideia de eras dos artistas, que o artista vai lançar um álbum novo... aí eu pensei até no Jão, artista brasileiro, porque ele tem pintado o cabelo e aí ele mudou as coisas do Instagram dele pra anunciar que vai ter um trabalho novo, vai ter um álbum novo (p.319).

Laura Martins, cujo trabalho é “é escrever sobre *indie* para k-popper e sobre k-pop para *indie*”, se junta a Darcy e Fabiana no grupo de entrevistados que falou a respeito de K-pop como um fenômeno que entrega uma experiência fonográfica rica. Como adiantado por Darcy, o conceito de eras musicais associado aos ciclos de álbuns tem uma expressão importante nesse gênero. No K-pop as produções de videoclipes tem uma atenção especial e alto investimento, como diz Fabiana, “é um filme aquele negócio”. Para ela, um clipe ruim deflagra um projeto de era musical fraco:

O videoclipe, por exemplo, pra mim, é uma das coisas mais importantes desses projetos [de conceituação musical]. Assim, pra mim, é muito atrelado. Eu fico decepcionada se eu acho que um videoclipe é ruim ou que aquela que aquela “era” não foi bem trabalhada... ou, então, se eu tô ouvindo uma música, eu imagino um clipe pra ela e é uma coisa completamente diferente... eu fico decepcionada (Apêndice III, p.338).

Darcy Paranhos (24) comenta a respeito da importância dos videoclipes e sinaliza que eles podem fazer com que uma música ruim tenha uma percepção positiva em razão da experiência oferecida pelo videoclipe.

O que me diferencia dos outros fãs de k-pop é que eu realmente gosto de k-pop pela música [...] E eu gosto muito de ouvir e tem muita gente que gosta de k-pop por causa por causa pelo visual. É uma indústria muito visual, [...] são clipes fantásticos, mas se você for ver assim eu mal vejo eu clipe de k-pop. Eu vejo quando lança, [...] mas normalmente, eu tô ouvindo as músicas mesmo. Eu também tenho para mim que tem músicas ruins que as pessoas gostam porque tem clipes bons. E aí eu fico, tipo, “vocês estão gostando por causa do clipe, [...] se você ouvir só a música, ela é ruim”. Aí eu gosto de ouvir a música, se eu gostar, eu vejo clipe. Aí ele melhora a experiência toda (p.321).

Como introduzimos no início deste tópico, o conceito de eras musicais se utiliza dos recursos comunicacionais contemporâneos para trabalhar um lançamento, oferecendo uma série de mídias que os fãs podem consumir. Essa prática se converte em uma ferramenta de *marketing* para impulsionar os lançamentos e um meio de oferecer complementaridade expressiva imaterial a um projeto artístico.

9.6

Linguagem fonográfica

Como já abordamos anteriormente, a música gravada ganha singularidade a partir do desenvolvimento de uma linguagem fonográfica própria com a evolução das técnicas e ferramentas de estúdio. É um dos elementos do tripé sobre o qual se sustenta a noção de obra de arte fonográfica, juntamente com o conceito de complementaridade expressiva e compilação orgânica (ORTMAN, 2022a). Esta seção abordará alguns dos momentos em que, no conjunto de nossas entrevistas, os participantes se manifestaram sobre linguagem fonográfica.

Excetuando a escuta técnica praticada por profissionais do campo, a modalidade de audição musical dedicada envolve uma experiência estético-fonográfica. Em sua exploração, identificamos três temas a serem abordados: (1) a fonografia é uma artificialidade; (2) a fonografia representa a unicidade da obra; (3) impactos tecnológicos contemporâneos na linguagem fonográfica.

Partamos das objeções de Renato Toscanio a propósito da experiência fonográfica. Segundo ele, “a música gravada é o jeito certo de ouvir música [...],

uma amostra daquilo que pode acontecer”. Esse tipo de contestação parece encontrar origem na obra de Walter Benjamin, especialmente em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Segundo Benjamin, a aura da obra de arte é uma derivação da sua singularidade e, portanto, seria arruinada a partir da sua reprodução em massa. Ao usar a palavra “acontecimento”, Renato pode estar pensando também em Alain Badiou, que dialoga com o filósofo alemão, mais propriamente com seus últimos escritos:

A unidade pertinente do pensamento da arte como verdade imanente é, portanto, definitivamente, não a obra, nem o autor, mas a configuração artística iniciada por uma ruptura relativa ao acontecimento (que em geral torna a última configuração obsoleta) (BADIOU, 2002, p.24).

Voltando ao conceito de “acontecimento”, Renato articula que as transformações operadas pelo *streaming* relegam a música a uma condição de acompanhamento o que, para ele, é seu *locus* adequado:

Eu acredito que a gente tá vendo os resultados disso agora de como o produto musical gravado, ele se torna mais um acompanhamento dos acontecimentos que você tá vivendo do que realmente o acontecimento em si (Apêndice III, p.574).

É quase como se Renato celebrasse essa condição de subalternidade da música gravada. Trata-se, nos parece pensar Renato, de um novo paradigma segundo o qual o fonograma e sua linguagem não tivessem mais condições de serem um “acontecimento”, para usar o termo selecionado por ele.

Se recuperarmos algumas das declarações já fornecidas aqui em seções diversas, podemos observar que pelo menos para o recorte de nossa pesquisa essa “maldição” fonográfica não parece ter se consumado. Tanto no que diz respeito a observações com um cunho nostálgico associados à experiência do vinil, como a de Roberto Castro (60), quando ele enfatiza que o “evento era ouvir”, como os relatos dos mais jovens Darcy Paranhos (24), Fabiana Leão (28), Daniel Chamusca (29), na experiência da audição de álbuns no meio digital. A declaração de Darcy é dos exemplos no qual a fonografia é o acontecimento: “ficar até às duas da manhã com os amigos em chamadas só esperando lançar o álbum pra gente comentar junto primeiro”.

Ao contrário de Renato, Fiametta Ricci (26) comenta a respeito de sua preferência pela música gravada, exatamente por ela ter sido extraída de seu contexto e removido outras dimensões para além da esfera musical:

Então, nesse sentido, eu acho que eu prefiro a música gravada porque ela tá ali... Tipo, ela foi planejada para ser aquilo mesmo. Ela tá, tipo, dentro do que foi pensado, na construção. Não tem essa outra dimensão que eu acho que as outras pessoas inclusive preferem (p.356).

Foram mencionadas transformações na linguagem fonográfica geradas a partir do impacto das plataformas de *streaming* e das redes sociais, principalmente o TikTok. Daniel Chamusca lembrou do efeito desses agentes no encurtamento das canções e da inserção precoce do gancho das canções, como um recurso contra o *skip rate*⁸⁸.

À parte as questões de ordem filosófica de Renato Toscanio, nossa pesquisa registrou empiricamente que os indivíduos que se indentificam como fãs de música continuam a praticar uma audição dedicada e a dar muito valor para elementos da linguagem fonográfica, como a mixagem e o arranjo. A declaração de William Cavalcante (30) dá a dimensão da estima dessa experiência para os nossos entrevistados:

Eu faço muito isso de ficar buscando aqueles sonzinhos que estão ali só para criar a textura e eu fico neles assim, às vezes ignorando o que tá ali na primeira camada. Eu acho muito foda. Acho muito foda. Eu faço isso praticamente todo dia (Apêndice III, p.677).

9.7

Noção de obra de arte fonográfica

Como observamos na seção anterior, o trinômio composto por complementaridade expressiva, compilação orgânica e o desenvolvimento de uma linguagem própria são os conceitos que sustentam a noção de obra de arte fonográfica. Nesta seção apresentaremos a percepção dos participantes sobre este tópico com três temas: (1) complementaridade expressiva, (2) compilação orgânica e (3) ritualização da escuta.

Em uma declaração já destacada aqui, Rachid Malik (53) observa a importância da visualidade e da tangibilidade material na relação do sujeito com o vinil. Como diz Rachid, o encanto se dá a partir do objeto e da visualidade. Esse efeito é concretizado na fala de Ricardo Mazzi (31) a respeito do impacto provocado ao manipular um disco em uma loja: “tem vezes que tem álbum que eu nunca vou comprar, mas de olhar ele ao vivo, tipo assim, ‘caramba, olha só’, de ver isso. Isso já é muito foda, sabe? [...] ver uma obra de arte pessoalmente”. Bruno Druet (47) acrescenta sua vivência pessoal na adolescência: “eu comecei a comprar disco pelas capas e comecei a gostar das músicas pelas capas que eu gostava”. Fernando Menezes (66) acrescenta “o disco era um tesouro”.

A respeito de compilação orgânica, Rachid vê o álbum como uma viagem que é norteadada pela sequência de suas faixas:

⁸⁸ *Skip rate* é a taxa de rejeição do fonograma das plataformas de *streaming*. Caso uma peça seja pulada antes dos 30 segundos, a execução daquele fonograma não é monetizado.

A ordem das faixas é muito importante e você leva o ouvinte numa viagem junto contigo. Então quando você grava um disco é muito importante você definir a ordem das faixas porque você transporta o ouvinte para a sua viagem, da experiência que você criou (Apêndice III, p.560).

Ricardo observa que essa narrativa orgânica se perde na aleatoriedade: “Pra mim, se tem uma coisa que já é no *shuffle*, já nem considero aquilo como contando uma história assim, porque cara tá no aleatório”. Fiametta Ricci (26) complementa acrescentando um aspecto de *gestalt* à experiência proporcionada pelo álbum:

Tem alguns álbuns que eu acho super amarrados, mas eu acho que acaba tendo um pouco essa relação da narrativa também. Tipo, eu vi uma corrente outro dia que falava assim, “escolha o seu álbum preferido dos artistas e três músicas neles”. Dos meus álbuns preferidos de artistas específicos, eu não consigo escolher três músicas favoritas, porque é algo que é um conjunto assim, né? Mas eu acho que é muito raro, eu encontrar alguma coisa que eu identifique uma fechada, mesmo (p.368).

Voltemos à Rachid para observar a questão da ritualização da escuta:

Quando eu era adolescente, quando eu fazia parte de uma turma, alguns de nós comprava um disco novo e se encontrava em casa, comprava o disco e a gente ouvia junto. Eu tinha uma turma de amigos, a gente gostava de música, ia na loja, outro ia na loja e comprava o disco e chamava a gente pra ouvir junto. E isso é uma coisa que existia também em família. Então tinha um processo, um certo ritual que existia (p.559).

Como diz Paulo Haidar, “o disco virou objeto de culto”. Embora o vinil tenha esse aspecto totêmico, catalisador da audição dedicada, o relato de nossos participantes demonstra que não é elemento indispensável para uma escuta ritualizada. A fruição do formato álbum tem uma relevância muito mais importante para essa prática, como se pode ver nas entrevistas de Darcy Paranhos (24) e Daniel Chamusca (29). Ambos se programam e aguardam com expectativa a oportunidade de ouvir um lançamento pela primeira vez. Nas palavras de Daniel: “no ano passado, saiu o álbum da Taylor Swift, eu pedi folga no trabalho. Eu tinha direito a uma folga, eu me organizei para tirar ela no dia 21 de outubro, porque eu queria poder ficar de madrugada escutando”.

9.8

Frequência e comparação da audição dedicada

Como articulamos desde o início de nossa tese, postulamos que o modelo de negócio das plataformas de streaming acabam por desencorajar uma escuta dedicada em virtude de estratégias que acabam por privilegiar uma audição compartilhada com outras tarefas, subalternizando a fonografia como consequência. Assim, o impacto tecnológico, percebemos, pode estar alienando o

nicho de consumidores que se identificam como “fã de música”. Esta seção se destina a apresentar a percepção de nossos participantes a respeito de sua prática de audição dedicada e estabelecer um comparativo com outras eras da fonografia. Na exploração deste tópico, identificamos quatro temas relevantes de serem apresentados: (1) acontece com menos em função do impacto da tecnologia na fonografia e/ou na sociedade; (2) acontece com menos porque tinha mais tempo livre; (3) acontece mais na atualidade; e (4) não vê diferença entre antes e hoje.

Por óbvio, não faz sentido solicitar que os participantes mais jovens de nossa entrevista fizessem essa análise em retrospectiva, não teriam condições de avaliar. Assim, a nossa análise não conta com as reflexões de Gustavo Lubiano, Ana Maria Fugazzi e Leandro Salgueiro, todos com 18 anos. Esta amostragem exclui também Clementina Trevisani (58), que não é praticante de escuta dedicada, e todos aqueles que não deram depoimentos conclusivos a respeito deste tópico. Assim, pode-se observar na tabela 14 que trabalharemos com os dados de 24 entrevistados.

Desses, 21 deles consideram que praticavam mais essa modalidade de escuta em eras anteriores, dois disseram que praticam mais e um que não percebe diferença entre a atualidade e antigamente.

Os dois que notaram incremento na audição protagonista foram Daniel Paranhos (29) e Carlos Santiago (35). Este último diz que a razão pela qual exercita mais audição com protagonismo hoje se justifica pelo seu consumo hoje ser “prioritariamente doméstico”. Vale registrar que sua escuta dedicada se dá através do vinil e do audiovisual. Já Daniel, cuja plataforma de audição é exclusivamente o Spotify, afirma que pratica mais atualmente pelo “acesso imediato ali na música”. Marcos Cunha (23) alega que sua fixação por música não se alterou e portanto isso não se repercutiu na frequência de sua audição protagonista.

Com relação a aqueles que notaram uma diminuição na escuta dedicada, podemos encontrar duas razões principais articuladas pelos participantes: diminuição na disponibilidade de tempo e o impacto da tecnologia. Dentre aqueles que notam uma redução em sua prática associada ao tempo disponível destacaremos os depoimentos de Alexandre Limão (47) e Paula Lubiana (47). Ambos notam que há um outro agente para a redução na sua audição protagonista. Alexandre percebe uma redução no espaço da descoberta:

Eu acho que eu ouvia mais quando eu era moleque. Mas também, pensa o seguinte, era quando eu tava descobrindo as coisas, entendeu? Eu acho que nesse caso é mais [...] do tempo livre, né? [...] E hoje em dia é claro, pô, não tô morto, né? Às vezes a gente escuta coisa nova, mas não é a mesma coisa. Você já explorou muita coisa daquilo que você tinha interesse, né? É difícil você chegar num universo e falar “porra, vou ouvir tudo disso aqui agora”. A gente já meio que ouviu um pouco de tudo assim, né? (Apêndice III, p.237).

Paula Lubiana vincula a audição dedicada ao convívio com um grupo de amigos que já não se vê mais com tanta frequência quanto antigamente:

E aí eu tinha essas pessoas que tinham esse interesse em trocar, de investigar e também de tirar letra para cantar, tinha essa *vibe* de estudo musical. Agora não tenho mais essa galera para trocar, cada um foi para um lado (Apêndice III, p.531).

Participante	mais atualmente	menos atualmente	sem alteração	não se aplica	inconclusivo
Alexandre Limão		x			
Ana Maria Fugazzi				x	
Antonia Schiavio		x			
Bruno Druet					x
Carlos Santiago	x				
Clementina Trevisani				x	
Daniel Chamusca	x				
Darcy Paranhos		x			
Fabiana Leão					x
Fernando Menezes		x			
Fiammetta Ricci					x
Frederico Baal				x	
Giovanna DeLucca		x			
Gustavo Lubiano				x	
Humberto Barbosa					x
Isabela Prata		x			
José Luiz Dias		x			
Julia Beauchamp		x			
Laura Martins		x			
Leandro Salgueiro				x	
Marcelo Nakata					x
Marcos Cunha			x		
Natalie Horvat		x			
Nina Maia		x			
Patrícia Oliveira			x		
Paula Lubiana		x			
Paulo Haidar		x			
Rachid Malik		x			
Rafael Alves		x			
Renato Toscanio					x
Ricardo Mazzi		x			
Roberto Castro		x			
Rui Pereira					x
Rui Pereira Jr					x
Sandro Geraldo					x
Sonia Rodrigues		x			
Tiago Azevedo		x			
Vanessa Renata					x
Vinicius Kalil					x
Willian Cavalcante		x			
Total	2	21	1	5	11

Tabela 14: Percepção dos participantes sobre sua frequência e comparação da audição dedicada com outras eras fonográficas

Há aqueles que percebem que a diminuição está associada a algum efeito provocado pela tecnologia. Uma das causas está associada à fragmentação da atenção causada pelo afunilamento de funções cotidianas concentradas

em um mesmo dispositivo que também é o responsável pela reprodução fonográfica: “acontece com menos frequência hoje do que quando eu não tinha um celular, com várias demandas”, Antonia Schiavio (39). Giovanna DeLucca (26) acrescenta: “eu acho que os *streamings* eles te levam a colocar o celular no bolso e fazer outra coisa, sabe?” Julia Beauchamp complementa: “acho que antigamente a gente [...] parava mais para se dedicar e usufruir daquele produto cultural. [...] Concordo. Diria que sim, que acho que com os meios a atenção tá mais fragmentada”.

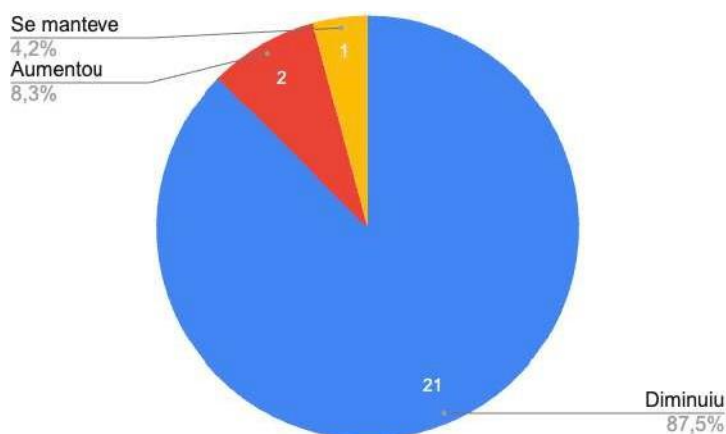


Figura 57: Percepção dos participantes sobre sua frequência e comparação da audição dedicada com outras eras fonográficas

A questão da fragmentação não é só associada à atenção, mas também à própria experiência fonográfica proporcionada pelo *streaming*. A facilidade operativa seria a causa e foi mencionada por Alexandre. Segundo ele, “você tem mais liberdade de pular de um para o outro, então você acaba fazendo um pouco disso também, né?” Nina Maia especula: “não sei se a facilidade acaba dificultando”. Roberto Castro concorda que facilitou o acesso ao acervo, mas ele vem a reboque do problema da falta de qualidade, obstáculo para sua fruição fonográfica. Ele percebe uma mudança no público alvo da indústria, como já sugerimos aqui:

Agora eu acho que facilitou para todo mundo de uma forma geral e talvez por isso mesmo que a gente percebe essa preocupação. Aquele cara, é o cara específico, chato para caramba. “Eu, indústria, não tô aqui para vender pra ele que é chato e fica com esse negócio falando que não tem grave”. Vamos aí em quem você dá qualquer coisa e vai qualquer coisa. [...] Mas eu acho que para quem é mais específico, acabou afastando de uma certa forma (Apêndice III, p.599).

Importante registrar, como já o fizemos anteriormente, que Laura Martins (33) e Marcelo Nakata (49) fazem um esforço consciente para continuar praticando a escuta dedicada. Como disse Laura, “Hoje em dia é uma coisa que eu

tenho que ativamente falar assim, 'não eu tenho que fazer isso, porque se eu perder isso, eu vou ficar triste'".

É bastante significativo que quase 90% das respostas válidas (figura 57) tenham percebido uma diminuição em sua prática de audição dedicada. Voltaremos a esses dados mais adiante.

9.9

Comportamento pessoal no decorrer da audição dedicada

Este tópico é mais documental e menos decisivo para os propósitos de nossa tese. Ele se destina a apresentar o comportamento pessoal do ouvinte no decorrer do processo de audição dedicada. Nos debruçando aos comportamentos relatados pelos participantes, podemos agrupá-los em atitudes que: (1) estimulam respostas emocionais; (2) mobilizam o sistema motor; (3) engajam o sujeito na peça musical; (4) provocam imersão na obra; e (5) motivam desejo de conhecimento a respeito do fonograma, álbum ou artista. Na tabela 15 apresentamos as atitudes mencionadas pelos participantes. Considerando os dados válidos, temos 27 participantes contribuindo com os seus relatos de comportamento pessoal.

As declarações a respeito de resposta emocional são diversos. Alexandre Limão (47) comenta sobre chegar às lágrimas: "Pô, eu vi esse negócio dos Beatles aqui três vezes seguidas, fiquei chorando aqui em casa, igual um bobão, entendeu, sozinho aqui na sala."

Os relatos que mobilizam o sistema motor compreendem aquelas pessoas que relataram se mexer, dançar, batucar etc. Laura Martins (33) comenta que não tem "necessariamente muito controle sobre reação física à música": "Eu tenho uma tendência a reagir fisicamente a música muito grande. Inclusive, eu tava falando que agora eu voltei por presencial três vezes por semana e tá sendo muito difícil para mim".

O impulso de cantar está vinculado à motivação de engajamento na obra, como diz Ana Maria Fugazzi (18): "se é uma música que eu conheço, tipo, eu canto junto, tipo, com certeza!" Quando é uma música que não está familiarizada, Ana tende a se concentrar. Esse tipo imersão na obra é mencionado por vários participantes, a experiência de Paula Lubiana é um exemplo típico dessa resposta: "escolhia a música a dedo pra botar no headphone porque queria escutar alto, pra poder escutar o som da parada ali e prestar atenção em cada 'blim, blim, blim', cada coisinha". É um comportamento que motiva um envolvimento profundo com o arranjo, a mixagem, a produção fonográfica como um todo.

Participante	se emociona	se mexe	se arrepia	canta	se concentra	pesquisa	lê a letra	euforia	depende	outros	não pratica	inconclusivo
Alexandre Limão	x			x								
Ana Maria Fugazzi	x			x	x							
Antonia Schiavio			x	x		x						
Bruno Druet		x		x								
Carlos Santiago									x			
Clementina Trevisani											x	
Daniel Chamusca		x		x		x						
Darcy Paranhos									x			
Fabiana Leão	x											
Fernando Menezes											x	
Fiammetta Ricci								x				
Frederico Baal											x	
Giovanna DeLuca	x	x	x									
Gustavo Lubiano	x	x			x	x				x		
Humberto Barbosa												x
Isabela Prata		x	x	x	x							
José Luiz Dias												x
Julia Beauchamp			x									
Laura Martins	x	x										
Leandro Salgueiro										x		
Marcelo Nakata				x	x		x					
Marcos Cunha												x
Natalie Horvat	x	x	x				x					
Nina Maia				x								
Patrícia Oliveira												x
Paula Lubiana					x							
Paulo Haidar	x											
Rachid Malik											x	
Rafael Alves	x		x		x							
Renato Toscanio	x		x			x				x		
Ricardo Mazzi	x	x	x				x					
Roberto Castro												x
Rui Pereira												x
Rui Pereira Jr												x
Sandro Geraldo												x
Sonia Rodrigues		x		x								
Tiago Azevedo		x	x									
Vanessa Renata	x	x	x		x			x				
Vinicius Kalil												x
Willian Cavalcante	x	x	x									
Total	13	12	11	9	7	4	3	2	2	3	4	9

Tabela 15: Comportamento pessoal dos participantes durante a audição dedicada

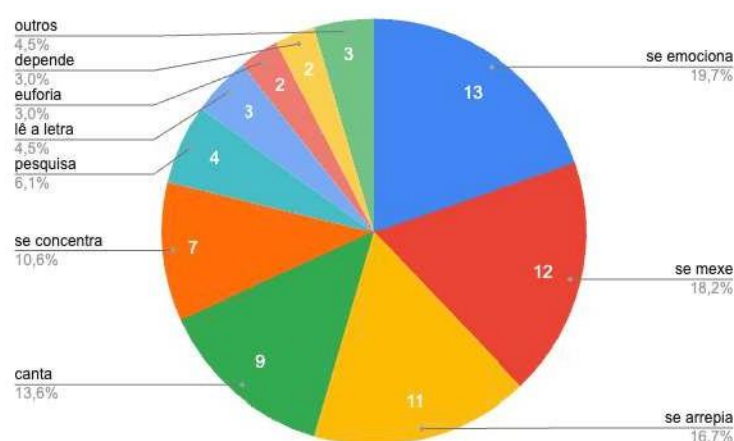


Figura 58: Comportamento pessoal dos participantes durante a audição dedicada

O desejo de conhecimento a respeito do fonograma em audição também foi manifestado por alguns participantes, como Daniel Chamusca (29), Gustavo Lubiano (18), Antonia Schiavio (39) e Renato Toscanio (32). Segundo este último, “existem algumas ocasiões em que eu não conheço o artista, por exemplo, enquanto eu tô ouvindo a música eu vá procurar sobre ele, aí eu vejo lá nas redes sociais o que ele fala, como é que essa pessoa é, onde ela vive...” É interessante observar que no desejo de saber mais sobre a obra, os participantes tendem a sair da plataforma.

Esse comportamento documenta a oposição da experiência de audição via *streaming* com àquela fruída via suportes físicos. Recuperemos o comentário de Rachid Malik (53) sobre o assunto: “dentro do disco de vinil, da contracapa, você tem informação de quem gravou a música, quem são os músicos, quem é o produtor, quem é o arranjador. Então você tem história inteira”. O vinil apresenta vantagem importante sobre o CD em virtude de suas dimensões físicas, como diz Rui Pereira Jr: “quem lia o encarte do CD? Era tão pequeno, era tão difícil.”

Voltemos nossa atenção agora para o aspecto quantitativo registrado na tabela 15 e na figura 55. O comportamento pessoal mais mencionado pelos participantes foi “se emociona” (13). Laura Martins ilustra: “eu comecei a chorar quando eu tava na casa da minha mãe, minha mãe passou por mim, falou assim: ‘aconteceu alguma coisa?’. Eu falei, ‘não é que eu tô ouvindo um disco muito bonito’”.

A seguir, vem “se mexe” (12) que aglutina atitudes como dançar, batucar, se sacudir etc. Na experiência de Bruno Druet (47):

Eu danço, me balanço todo. Às vezes eu tô trabalhando [...] e começo a mexer no teclado diferente, tudo diferente. Então acho que a música estabelece sim uma influência físico-emocional que é muito legal (Apêndice III, p.268).

Com 11 referências, temos “se arrepia”, Julia Beauchamp (44) contribui:

Dia desses isso aconteceu: “ah quero ouvir uma música que me arrepie”, aí eu pedi para tocar “Magrelinha”, do Luiz Melodia. Aquela música, ela já começa arrepiando, né? O solo de guitarra no início... Aquela música é maravilhosa e eu tive isso. Eu quero me arrepiar. Vai nessa e tiro e queda (p.446).

Oito participantes relataram que cantam durante a audição, como diz Nina Maia (60): “quando eu paro pra ouvir são coisas que eu posso cantar junto. Por isso é que eu paro!”

Seis comentaram que ficam concentrados no arranjo, procurando observar todas as camadas da peça musical. William Cavalcante (30) relata:

Muitas vezes, eu faço, tipo, eu fecho o olho, boto a música e eu fico tentando não ouvir o que tá no primeiro plano, fico buscando muito que tá de segundo e terceiro plano assim. Eu faço muito isso de ficar buscando aqueles sonzinhos

que estão ali só para criar a textura e eu fico neles assim, às vezes ignorando o que tá ali na primeira camada (Apêndice III, p.676-677).

Quatro de nossos participantes afirmaram que durante a execução da obra vai procurar saber mais sobre aquele fonograma. Daniel Chamusca (29) observa: “uma coisa que eu faço com muita frequência, ler a página da Wikipédia dos álbuns e das turnês para aprender *trivia*⁸⁹”.

Outros gostam de ler a letra das canções. Diz Ricardo Mazzi (31): “esse lance do Spotify de ter a letra ali, eu acho perfeito. Eu vou muito também no Genius [...] que dá uma interpretada nas letras, é ótimo”.

O relato de euforia foi registrado por dois participantes. Nas palavras de Vanessa Renata: “nossa, acho que se eu pudesse descrever, acho que é uma euforia, assim”. Outros dois comentaram que o estilo musical é o que define seu comportamento. Carlos Santiago afirma: “vai estar mais vinculado ao gênero musical”.

Como pudemos ver nesse tópico, a audição dedicada pode promover respostas físicas, emocionais, e racionais de diversas naturezas. Foram poucos os participantes que relaram apenas uma reação específica. Assim mesmo, esse comportamento não necessariamente é o único experimentado, parece ser aquele que ocorreu ao participante mencionar naquele momento.

⁸⁹ Curiosidades.

10

Considerações finais

Nossa hipótese, conforme exposto na introdução, postula que no modelo de negócio da indústria, o indivíduo com interesse acima da média em música — o “fã” — não está no centro do benefício que elas pretendem oferecer. Essa condição subalterna, se expressa através do próprio enquadramento da fonografia como um recurso funcional pelas plataformas, sob a liderança do Spotify. A escuta dedicada de uma fonografia de alto valor simbólico, objeto de desejo do referido público, tem pouca relevância no plano estratégico desses serviços. A partir desta hipótese, definimos nossos objetivos: apresentar o quadro geral da abordagem fonográfica articulada na hipótese e investigar empiricamente de que forma o fã de música se sente no contexto atual e como ele obtém experiência estética, entabulando um comparativo com outras eras. Tratemos primeiro a respeito da mudança de público-alvo da indústria e a respectiva abordagem fonográfica que está por trás dela.

Antes da conversão de produto em serviço, a receita da indústria apresentava uma alta concentração. Em outras palavras, da massa de ouvintes de música, a lucratividade do setor dependia de relativamente poucos indivíduos que gastavam de forma contumaz em produtos fonográficos, sobretudo na aquisição de mídia física. Ao tornar-se um serviço, a indústria passa a ofertar todo o seu acervo em troca da horizontalização da receita, logrando não apenas a desconcentração de sua renda, mas também a previsibilidade do seu fluxo financeiro. Ao conquistar uma estabilidade maior de lucratividade, a estratégia de investimento em artistas capazes de produzir álbuns de alto valor simbólico, que historicamente sempre fora uma forma de se proteger contra volatilidades e modismos, torna-se obsoleta.

Associada à horizontalização da receita, que emancipa o setor dos recursos do fã de música, a virada curatorial do Spotify (ERIKSSON et al, 2018) evidencia a alternância de público-alvo. Em 2013, a interface do Spotify que se assemelhava a uma plataforma de busca como o Google, passa a incorporar recomendações personalizadas para oferecer conteúdo ao usuário. Enquanto na primeira abordagem se pressupõe a agência do indivíduo, portanto um sujeito com repertório e conhecimento do meio musical, na segunda, vislumbra-se alguém em constante necessidade de ser guiado em seu consumo. Esse momento marca uma mudança de enfoque na fonografia. Se antes ela era objeto de fruição estética e alicerce de identidade do ouvinte, agora passa a ser encarada como uma ferramenta pessoal de apoio, seja para execução de tarefas ou indução de

estados mentais e emocionais. Assim, sob a liderança do Spotify, essa abordagem projeta uma experiência musical subalternizada em que o conteúdo artístico-fonográfico tem pouca valência para os objetivos das plataformas.

Por trás da virada curatorial está em jogo uma mudança de enfoque de receita do Spotify, que passa a se voltar em direção ao mercado de dados privados, tornando-se um ator capaz de associar estados de espírito e momentos do dia a perfis de usuários. Esse processo de financeirização e dataficação da música é objeto da preocupação de diversos pesquisadores. Observa-se uma grande concentração de poder nas mãos das plataformas, as quais, através da influência de seus algoritmo e *playlists* proprietárias com milhões de seguidores, são capazes de suggestionar a demanda, produzir efeitos sobre a produção musical, e empobrecer a sociabilidade e a experiência musical (BORN et al, 2021).

O consumo infinito (ARDITI, 2017) que representa horizontalização da receita e a virada curatorial oferecem evidências bastante robustas do desprestígio ao usuário que valoriza uma escuta fonográfica estetizada de alto valor simbólico. Ao contrário, as plataformas visam o consumo funcional e subalternizado da música como um trunfo estratégico em seu modelo de negócio.

Para falarmos a respeito da fruição fonográfica do fã, abordaremos a experiência de audição dedicada, aquela em que a música está no centro da atenção do ouvinte. Dos participantes de nossas entrevistas, a vasta maioria afirmou praticar essa modalidade de escuta. Curioso observar que dos participantes que não praticam escuta dedicada, a metade deles trabalham com música, sugerindo que uma abordagem profissional dilui a experiência estética.

O espaço da audição dedicada se dá mais frequentemente em ambiente doméstico, mas houve amostragem importante desta prática em locais externos. Nesses casos, a audição é compartilhada com outra prática concomitante, contudo, a música está em protagonismo para o ouvinte. Foram mencionadas práticas externas nas quais a tarefa em paralelo se presta a favorecer a audição protagonista, dentre elas correr, andar de bicicleta, caminhar e dirigir.

O meio de audição dedicada relatado pelos nossos participantes apresentou a seguinte distribuição: 25 participantes afirmaram utilizar plataformas de *streaming* para audição dedicada; 16 recorrem ao audiovisual; 11 ao vinil; e 4 ao CD. Se para a maioria de nossos participantes os serviços de *streaming* não são obstáculo para audição dedicada, é significativo que mais da metade da amostragem esteja vinculada a outros meios. Consideramos que a recorrência à mídia física e ao audiovisual corrobora a importância da complementaridade expressiva para uma escuta com protagonismo. A boa amostragem do vinil como recurso de audição dedicada demonstra a popularidade deste suporte entre os indivíduos com interesse acima da média em música.

Sobre formato de audição dedicada, para nossos participantes a *playlist* tem como característica ser mais adequada para uma audição funcional. Apenas uma participante (Isabel Prata, 29), afirmou utilizá-la para audição dedicada. De resto, o formato de audição com protagonismo dividiu-se principalmente entre o álbum e o audiovisual.

Como síntese, podemos afirmar que a prática de audição dedicada é uma característica intrínseca do fã de música. Ela é fruída majoritariamente em ambiente doméstico, ainda que existam relatos de experiências externas sem que se atenuem o protagonismo da audição musical. O meio de audição mostrou-se bastante heterogêneo em nossas entrevistas, mas chama a atenção o apelo a práticas externas aos serviços de *streaming* de música. O formato de *playlist* apresentou correlação importante com a audição funcional, enquanto que o álbum e o audiovisual foram vinculados à escuta dedicada.

Dentre os praticantes de audição com protagonismo, a vasta maioria afirmou que praticava essa modalidade com maior frequência em outras eras da fonografia. Seria açodamento afirmar categoricamente que isto é uma derivação da abordagem fonográfica das plataformas, há outras correlações importantes a serem mencionadas. Parece existir, para nossos entrevistados, uma associação entre a audição protagonista e juventude. Alguns participantes afirmaram que a diminuição da frequência tem a ver com a diminuição do tempo disponível, ou, como vê Alexandre Limão (47), com o processo de encantamento com a descoberta da música.

No entanto, o efeito de plataforma (MORRIS, 2020) se faz sentir claramente em relatos como os de Laura Martins (33) e Artur Suzuki (49) que fazem um esforço consciente de parar regularmente para ouvir música com protagonismo. Do contrário, percebem Laura e Artur, essa prática se perderia. Importante mencionar também o contraditório. Há fãs de música que não se sentem alienados em absoluto na era do *streaming*. Os relatos de Daniel Chamusca (29) são particularmente ilustrativos. Este entrevistado se percebe integrado à comunidade que discute sobre música e vê na facilidade operativa do Spotify uma ferramenta fundamental para pontuar seu estado de espírito.

Se as plataformas de *streaming* podem oferecer experiência estética, como compreender a prevalência do consumo de suportes físicos, em especial do vinil? Haveria algo além da posse de cultura material (MAMMÌ, 2014)? A nostalgia de uma fonografia discográfica encontra expressão em todas as idades dentre os nossos entrevistados. Contudo, esse saudosismo tem origem em fatos externos à organização da experiência proposta pelas plataformas.

Importante perceber que o surgimento e a popularização da internet no final do século passado fragmentou o processo de consagração da cultura

(SANTOS, 2020). No século XX, para circular nos meios de comunicação de massa, era preciso ser aprovado em uma série de instâncias na cadeia da música. Para o artista reunir as condições de exposição midiática, tinha que passar pelo crivo das gravadoras, do público, da crítica e dos próprios decisores dos conglomerados de mídia. Essa condição possibilitava ao artista construir prestígio e reputação em um contexto de maior validação cultural de sua obra. A internet desconstrói esse processo e as plataformas de *streaming* corroboram para o atendimento da validação cultural ao apostar na personalização da experiência. Essa abordagem promoveu uma individualização ainda maior da relação com a fonografia e atuou, como vimos (YPULSE, 2019), para atenuar o vínculo entre estilo musical e gosto pessoal.

Em outras palavras, o discurso, por exemplo, do *punk*, do *hip hop*, do tropicalismo ou da contracultura dos anos 1960, é situado em um contexto de consumo que não impele o ouvinte a considerar seu conteúdo enquanto um apelo à sua identidade pessoal. Antes, trata-se de um adereço, um aspecto idiossincrático, quiçá anedótico, da obra.

O culto a álbuns do século passado, sobretudo quando associado ao consumo de vinil, parece estar associado a um aspecto arqueológico e nostálgico de uma era em que os “heróis” do fã de música gozavam de uma consagração cultural que não encontra paralelo na atualidade. Assim, observamos, há um caráter histórico-afetivo nesse consumo.

Outro ponto que precisa ser mencionado concerne ao processo de digitalização e convergência das mídias. Como se sabe, este fenômeno está associado à revolução tecnológica dos meios de comunicação proporcionada pela entrada em cena da internet sobre a qual viemos discorrendo. Esse acontecimento, como introduzido no capítulo 1, no caso da fonografia, contribuiu para a degradação da audição musical. Se antes a música era desfrutada (ao menos pelas classes médias e acima) em estéreos que gozavam de espaço nobre nas residências, agora ela passa a ser ouvida em condições inferiores, não raro em caixas de som e de baixo custo conectadas na saída de áudio do computador ou fones intra-auriculares de plástico.

A desarticulação da indústria promovida pelo surgimento do mp3 veio a contribuir ainda mais para a degradação da experiência. Democratizou-se o acesso e, em paralelo, sacrificou-se a qualidade do áudio. A respeito disso, Bruno Druet (47) identifica um determinado cansaço auditivo causado pelo mp3. Não temos condições de comprovar essa afirmativa, mas ainda que a relevância da qualidade de áudio tenha sido relativizada por boa parte de nossos participantes, relegar esse aspecto da experiência a segundo plano é sintomático da pouca importância da experiência estético-fonográfica na

atualidade. Na percepção de um de nossos participantes (Alexandre Limão, 47), a tecnologia evolui em direção oposta à qualidade da experiência. Não é impossível que o solapamento da qualidade de áudio e das condições gerais de fruição tenham contribuído para o desvalor dessa experiência até mesmo do ponto de vista mercadológico.

Nossa pesquisa teve uma característica exploratória, valorizando os aspectos qualitativos que pudemos trazer com a utilização de entrevistas. Porém, como se sabe, enquanto meio de validação de inferências, esse método não se presta a isso. Para obtê-la, seria de extrema valia uma pesquisa quantitativa extensa que investigasse os fatores objetivos que apontem um perfil de “fã de música” e o comparassem com o consumidor inespecífico. Da mesma forma, valeria apurar a fundo a experiência de audição protagonista nos tópicos que relacionamos, tabulando os espaços, meios e formatos utilizados para essa prática.

Não teríamos condições de sugerir recursos metodológicos, mas nos parece que seria interessante investigar a relação entre as condições técnicas de audição e a prática de fruição estética. Seria interessante averiguar se o acesso a bons recursos de reprodução repercutem no estímulo à prática de audição protagonista.

No que diz respeito ao aproveitamento mercadológico da pesquisa, sugerimos que o nicho de fã de música, cujas práticas foram aqui relatadas, indicam lastro para melhor exploração comercial. Como vimos, esse público continua desejando investir em produtos fonográficos, especialmente àqueles nos quais se percebem repositórios de alto valor simbólico e potenciais projetores de diferenciação de identidade pessoal.

No âmbito da experiência há muito a ser feito, ainda que se reconheça alguns avanços, sobretudo na exposição das letras das canções. Ainda assim, como afirmou um participante, existem os meios, mas parece não haver vontade política para oferecer as informações a respeito das faixas (como compositores, músicos, engenheiros de gravação, produtor etc). No que diz respeito à complementaridade expressiva, os serviços têm muito a explorar, haja vista o mínimo que é oferecido, empurrando o ouvinte interessado em audição dedicada para fora plataformas no interim de sua experiência.

Como síntese final, podemos dizer que as plataformas operam sobre um cenário sócio-cultural e, sobretudo, tecnológico de um recorte específico, erigindo-se sobre a destruição criativa promovida pelo mp3. Logo, é leviano responsabilizá-las pelo atrofamento da experiência. De fato, o Spotify, como pioneiro do setor, concentra sua proposta de valor no acesso ao acervo e na entrega de um arquivo de áudio “bom o suficiente” para a vasta maioria do público. Cla-

ro, estes atributos associados à mobilidade, à conveniência e ao baixo custo, pareciam ser os valores percebidos pelos consumidores.

No entanto, como especulamos, a audição frequente de áudio degradado pode ter um efeito sobre o ouvinte e repercutir mercadologicamente no médio-longo prazo. Além disso, a virada curatorial e o consumo infinito são marcos do desprestígio ao fã de música e representam o estado da arte da fonografia contemporânea: uma experiência individualizada e funcional de música. E, não nos esqueçamos, viabilizada por serviços que se dedicam a monitorar e oferecer dados da rotina, do estado mental e emocional do seu usuário para apresentar-se como um *player* importante no mercado de dados vigente. É fundamental, como observam Born et al (2021), que a comunidade dedicada ao estudo deste campo acompanhe de perto a evolução do setor, sugerindo, sempre que possível, práticas mais transparentes e responsáveis por parte das plataformas.

11

Referências bibliográficas

AEGIDIUS, A. L. The music streaming metaphor and its underlying tangle of transcodes. *Popular Communication*, p.1–15, 14 abr. 2020.

ALECRIM, Emerson. A estreia oficial do Spotify no Brasil. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/noticias/estreia-oficial-spotify-brasil/>>. Acesso em 10 mar. 2024.

ALMEIDA JR, Valdívio Cabral Almeida e XAVIER, Antônio Nolberto de Oliveira. Cadernos de aulas do LEA. n. 8, dez. 2019, p. 35-53.

ARDITI, D. Digital Subscriptions: The Unending Consumption of Music in the Digital Era. *Popular Music and Society*, v. 41, n. 3, p.1–17, 18 jan. 2017.

BBC News. Music streaming boosts sales of vinyl. Disponível em <<https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-36027867>>. 14 abr. 2016. Acesso em: 11 abr. 2021.

BARTMANSKI, D.; WOODWARD, I. The vinyl: The analogue medium in the age of digital reproduction. *Journal of Consumer Culture*, v. 15, n. 1, p.3–27, 31 maio 2013.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre: Zouk Editora. 2012.

BERLEANT, A. Art and Engagement. Temple University. Filadélfia. 1991.

BERGMAN, O.; WHITTAKER, S.; TISH, G. Collecting music in the streaming age. *Personal and Ubiquitous Computing*, 9 jul. 2021.

BESSENY, A. Lost in spotify: folksonomy and wayfinding functions in spotify's interface and companion apps. *Popular Communication*, v. 18, n. 1, p.1–17, 18 dez. 2019.

BONINI, T.; GANDINI, A. "First Week Is Editorial, Second Week Is Algorithmic": Platform Gatekeepers and the Platformization of Music Curation. *Social Media + Society*, v. 5, n. 4, p.1-11, out. 2019.

BORN, G.; MORRIS, J.; DIAZ, Fernando; ANDERSON, A.. ARTIFICIAL INTELLIGENCE, MUSIC RECOMMENDATION, AND THE CURATION OF CULTURE. University of Toronto. p.1-25. jun. 2021

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva. 2005.

CARLSSON, S.; LEIJONHUFVUD, J. The Spotify Play. Diversion Books. Nova Iorque. 2021.

COLUMBIA RECORDS. Columbia Records Catalog. Bridgeport, Columbia Records Inc, 1949.

CUNNINGHAM, S. J. Interacting with Personal Music Collections. *Information in Contemporary Society*, p.526–536, 2019.

DE MARCHI, L. A Angústia do Formato: uma História dos Formatos Fonográficos. *E-Compós*, v. 2, 1 jan. 2005.

DE MARCHI, L. Pós-streaming: um panorama da indústria fonográfica na Quarta Revolução Industrial. *Diálogos Interdisciplinares sobre a Música Brasileira*, p.223-248, 2020.

DE MARCHI, L.; KISCHINHEVSKY, M.; FERREIRA, G.; SALDANHA, R. M. O gosto algorítmico: A lógica dos sistemas de recomendação automática de música em serviços de streaming. *Fronteiras - estudos midiáticos*, v. 23, n. 3, 2021.

DENORA, T. Musical practice and social structure: a toolkit. In CLARKE, Eric F. e COOK, Nicholas, eds. *Empirical musicology : aims, methods, prospects*. Oxford: Oxford University Press. p.35-56. 2004.

DROTT, E. Why the Next Song Matters: Streaming, Recommendation, Scarcity. *Twentieth-Century Music*, v. 15, n. 3, p.325–357, out. 2018.

ENGAGING WITH MUSIC 2022. Disponível em: <<https://www.ifpi.org/ifpi-releases-engaging-with-music-2022-report/>>. Acesso em: 12 mai. 2024.

ERIKSSON, M; FLEISCHER, R; JOHANSSON, A; SNICKARS, P; VONDERAU, P. *Spotify Teardown — Inside the Black Box of Streaming Music*. London: The MIT Press. 2018.

FLEISCHER, R. Universal Spotification? The shifting meanings of “Spotify” as a model for the media industries. *Popular Communication*, p.1–12, 2 abr. 2020.

GLOBAL MUSIC REPORT 2023. Disponível em: <<https://www.ifpi.org/resources/>>. Acesso em: 15 mar. 2024.

GOLDSMITHS. The Goldsmiths Musical Sophistication Index (Gold-MSI). Disponível em: <<https://www.gold.ac.uk/music-mind-brain/gold-msi/>>. Acesso em: 3 de jul. 2022. 2014.

GUERRA, P.; BRANDÃO, M. D.; SARROUY, A. D. Antoine Hennion: música, mediação e amadores. *Estudos de Sociologia*, v. 2, n. 25, p. 29–49, 19 dez. 2019.

HASSENZAHN, Marc. *User Experience (UX): Towards an experiential perspective on product quality*. 2008.

HENNION, A. Music Lovers. Taste as Performance. *Theory, Culture, Society*, v. 18, n. 5, p. 1, 2001.

HENNION, A. Pragmática do Gosto. In: *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, nº 8, jan/jul, 2011, p. 253-277.

HESMONDHALGH, D. Streaming’s Effects on Music Culture: Old Anxieties and New Simplifications. *Cultural Sociology*, p.1-22, 16 jun. 2021.

HESMONDHALGH, D.; VALVERDE R. C.; KAYE, D. B. V.; LI, Z. The impact of algorithmically driven recommendation systems on music consumption and production - a literature review. Disponível em: <<https://www.gov.uk/government/publications/research-into-the-impact-of-streaming-services-algorithms-on-music-consumption/the-impact-of-algorithmically-driven-recommendation-systems-on-music-consumption-and-production-a-literature-review>>. Acesso em: mar. 2024.

HRACS, B. J.; WEBSTER, J. From selling songs to engineering experiences: exploring the competitive strategies of music streaming platforms. *Journal of Cultural Economy*, v. 14, n. 2, p.1–18, 26 set. 2020.

IAZZETTA, F. *Música e mediação tecnológica*. São Paulo: Perspectiva. 2009.

IAZZETTA, F. Da escuta mediada à escuta criativa. In Contemporanea, comunicação e cultura — vol.10 — n.01. Salvador. 2012.

KARAKAYALI, N.; ALPERTAN, B. Mood playlists, biopower, and the “functional turn” in online media: What happens when a pre-digital social control technology is transferred to the internet?. The Information Society, v. 37, n. 1, p.20–34, 2 nov. 2020.

KATZ, M. Capturing Sound — How technology changed music. Los Angeles: University of California Press. 2010.

KEIGHTLEY, K. Long Play: Adult-Oriented Popular Music and the Temporal Logics of the Post-War Sound Recording Industry in the USA. Media, Culture & Society, v. 26, n. 3, p.375–391, maio 2004.

LA TIMES, The lost art of deep listening: Choose an album. Lose the phone. Close your eyes. Disponível em: <<https://www.latimes.com/entertainment-arts/music/story/2020-03-17/coronavirus-deep-listening-music-albums>>. Acesso em: 6 jan. 2020.

MAASØ, A.; SPILKER, H. S. The Streaming Paradox: Untangling the Hybrid Gatekeeping Mechanisms of Music Streaming. Popular Music and Society, p.1–17, 19 jan. 2022.

MACEDO, L. S. R.; SILVEIRA, A. C.. Self: um conceito em desenvolvimento. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 22, n. 52, p.281–290, ago. 2012.

MARTINS, D; REIS, B. Spotify: Finally Profitable in 2022, But Here Is The Catch. Disponível em: <<https://www.thestreet.com/streaming/spot/spotify-finally-profitable-in-2022-but-here-is-the-catch>>. Acesso em: 04 dez. 2022.

MAMMÌ, L. A era do disco — O LP não foi apenas um suporte, mas uma forma artística. <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-era-do-disco/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

MANES, Stephen. Is That a Computer in Your Living Room? In PC WORLD. Dez. 2003.

MEHROTRA, R. Algorithmic Balancing of Familiarity, Similarity, & Discovery in Music Recommendations. Proceedings of the 30th ACM International Conference on Information & Knowledge Management, 26 out. 2021.

MERRIAM, A. The Anthropology of Music. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MIDANI, A. Música, ídolos e poder. Le Livros: Rio de Janeiro, 2013.

MOREIRA, A. C. “Gosto (não) se discute”: Perspectivas humano-algorítmicas a partir do Spotify e da “Descobertas da Semana” (Dissertação em Comunicação) — Uerj. Rio de Janeiro: 2021.

MORGAN, N. "A new pleasure": listening to National Gramophonic Society records, 1924-1931. In Musicre Scientia V. XIV, No. 2. Sheffield: University of Sheffield. 2016.

MORRIS, J. W. Music Platforms and the Optimization of Culture. Social Media + Society, v. 6, n. 3, p.1-10, jul. 2020.

MOSCHETTA, P.H.; VIEIRA, J. Música na era do streaming: curadoria e descoberta musical no Spotify. *Sociologias*, v. 20, n. 49, p.258–292, dez. 2018.

MÜLLENSIEFEN, D; GINGRAS, B; STEWART, L; MUSIL, Jason. Goldsmiths Musical Sophistication Index (Gold-MSI) v1.0: Technical Report and Documentation Revision 0.3. Disponível em: <https://www.gold.ac.uk/media/documents-by-section/departments/psychology/Gold-MSIv10_Documentation.pdf>. Acesso em abr. 2023.

MURPHY, G. *Cowboys and Indians — The Epic History Of The Record Industry*. Nova Iorque: Thomas Dunne Books, St. Martin Press. 2015.

NAG, W. Music streams, smartphones, and the self. *Mobile Media & Communication*, v. 6, n. 1, p.19–36, 14 ago. 2017.

ORTMAN, R. Experiência e visualidade do fonograma na era do streaming. In: Simpósio de Pós Graduação em Design da ESDI, 2018, Rio de Janeiro. *Anais do SPGD 2017*. Rio de Janeiro: PPDESDI, 2017. v. 1.

ORTMAN, R. Experiência e visualidade do fonograma. Da audição analógica à digital. Dissertação (Dissertação em Design) — Uerj/Esdi. Rio de Janeiro: 2019.

ORTMAN, R. O disco na era do *streaming*. In: 14º Congresso Brasileiro de Design, 2022, Rio de Janeiro. *Anais do P&D 2022*. Rio de Janeiro: P&D, 2022a.

ORTMAN, R. Experiência de uso e experiência estética — fronteiras e reflexões. In: 14º Congresso Brasileiro de Design, 2022, Rio de Janeiro. *Anais do P&D 2022*. Rio de Janeiro: P&D, 2022b.

PALHARES, T. H. P. *Aura — A crise da arte em Walter Benjamin*. São Paulo: Barracuda. 2006.

PEACOCKE, A, "Aesthetic Experience", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2023 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2023/entries/aesthetic-experience/>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PEÑA, J. S. B. Spotify, un ejemplo de la convergencia en la música digital y su incidencia en los gustos. Una revisión integrativa. *HUMAN REVIEW. International Humanities Review / Revista Internacional de Humanidades*, v. 11, n. Monográfico, p. 1–7, 28 dez. 2022.

PEREZ, S. Spotify revamps its app with TikTok-style discovery feeds, Smart Shuffle for playlists and more. Disponível em: <<https://techcrunch.com/2023/03/08/spotify-revamps-its-app-with-tiktok-style-discovery-feeds-smart-shuffle-for-playlists-and-more/>>. Acesso em: 11 mar. 2023.

POLARIS RESEARCH. *Podcasting Market Size Global Report, 2022 - 2030*. Disponível em: <<https://www.polarismarketresearch.com/industry-analysis/podcasting-market>>. Acesso 22 fev. 2023.

POWELL, T; NIEBORG, D. B. The platformization of cultural production: Theorizing the contingent cultural commodity. In *New Media & Society*. 20p. 2018.

QUARTZ. The vinyl revival is not about sound. It's about identity. Disponível em: <<https://qz.com/323345/the-vinyl-revival-is-not-about-sound-its-about-identity/>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

REZENDE, A. N. No caminho das pedras brancas: Alex Steinweiss e o processo de fundamentação de um paradigma para o projeto de capas de discos. Tese — Unicamp.Campinas: 2012.

RICHTER, Felix. The Rise and Fall of the Compact Disc. Disponível em: <<https://www.statista.com/chart/12950/cd-sales-in-the-us/>>. Acesso em 9 mar. 2024.

ROCK BRASILIA: ERA DE OURO. Direção: Vladimir Carvalho. Produção: Vertovisão, Ligocki-Z e Canal Brasil. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lgdj3giwfm>>. Acesso: 19 mar. 2024.

ROLLING STONE. Pela primeira vez em 36 anos, vendas de vinil superam CDs. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/musica/pela-primeira-vez-em-36-anos-vendas-de-vinil-superam-cds/>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

SANTOS, G. L. F. O formato playlist: a prescrição musical entre filosofias de programação radiofônica e engenharias da experiência musical automática. Dissertação (Tese em Comunicação) — Uerj. Rio de Janeiro: 2020.

SAX, D. The Revenge of the Analog — Real things and why they matter. New York: PublicAffairs. 2016.

SCHWARTZ, B. The Paradox of Choice – Why More Is Less. Nova Iorque: Harper Perennial. 2004.

SEELEY, William P. Philosophy of art and empirical aesthetics: resistance and rapprochement. In: The Cambridge Handbook of the Psychology of Aesthetics and the Arts. Cambridge: Cambridge University Press. 2014.

SILVIA, P. J. Human Emotions and Aesthetic Experience — an overview of empirical aesthetics. In: Aesthetic science: connecting minds, brains, and experience. Nova Iorque: Oxford University Press. 2012.

SINCLAIR, G.; TINSON, J. Psychological ownership and music streaming consumption. Journal of Business Research, v. 71, p.1–9, fev. 2017.

SINCLAIR, G.; TINSON, J.; DOLAN, P. Music in the time-spectrum: routines, spaces and emotional experience. Leisure Studies, v. 38, n. 4, p.509–522, 27 mar. 2019.

SOUND ON SOUND. Inside Track: Jack White. Disponível em: <<https://soundonsound.com/techniques/inside-track-jack-white>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

TATARKIEWICZ, W. A history of six ideas — an essay in aesthetics. Melbourne international philosophy series v. 5. PWN/Polish Scientific Publishers. Warszawa, 1980.

TSCHMUCK, P. Creativity and Innovation in the Music Industry. Dordrecht: 2006.

WEBSTER, J. The promise of personalisation: Exploring how music streaming platforms are shaping the performance of class identities and distinction. New Media & Society, p.1-23, 7 jul. 2021.

WITT, S. Como a música ficou grátis. Intrínseca: Rio de Janeiro. 2015.

XPOUVINTE. <<https://xpouvinTE.com.br>> Acesso em 10 mar. 2024.

YPULSE. 3 Trends Shaping Gen Z's Taste In Musicians. <<https://www.ypulse.com/article/2019/06/11/3-trends-shaping-gen-zs-taste-in-music/>>. Acesso em 12 dez. 2020.

Apêndice I - Formulário de recrutamento

Termo de consentimento livre e esclarecido

LEUI | Laboratório de Ergodesign e Usabilidade de Interfaces da PUC-Rio

Título da Pesquisa: Fruição fonográfica na era do *streaming*

Nome do Pesquisador Responsável: Me. Rafael de Oliveira Peçanha Ortman

Professora Orientadora: Profa. Dra. Manuela Quaresma

Você está sendo convidado/a a participar da pesquisa intitulada Fruição fonográfica na era do streaming - as estratégias para uma experiência estetizada, sob a responsabilidade do/a pesquisador Me. Rafael Ortman aluno de doutorado do curso de Doutorado em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- Rio), sob a orientação da Profa. Dra. Manuela Quaresma.

Justificativa

Nossa pesquisa investiga o comportamento do usuário com interesse acima da média em música no que diz respeito às suas necessidades em direção a uma experiência fonográfica estetizada e à distinção pessoal identitária. Evidências empíricas indicam que a estratégia das plataformas de streaming de música de certa maneira aliena nosso público-alvo, o qual, por sua vez, se volta para o consumo de mídias analógicas obsoletas. Entendemos que nossa pesquisa promoverá contribuições no âmbito sociocultural, uma vez que vamos nos debruçar sobre as práticas de audição musical de um nicho de ouvintes, e no âmbito econômico, posto que nossos resultados podem oferecer subsídios para indústria fonográfica a respeito de um segmento de seu público.

Objetivo

O objetivo desta entrevista é traçar um perfil de usuário com interesse acima da média em música. Tencionamos investigar quais recursos, mídias ou formatos fonográficos este nicho recorre quando se trata de obter fruição musical. Pretendemos descobrir as razões subjacentes (caso se verifiquem) para o referido público buscar uma experiência estetizada fora das plataformas (se assim se provar). Desejamos verificar se este público sente sua condição de especialista ameaçada pelas plataformas e se esta percepção influencia na sua experiência.

Metodologia

Este questionário tem a função de traçar um perfil geral do respondente com relação ao seu interesse e envolvimento com música e selecionar participantes para uma rodada de entrevistas a ser realizada a posteriori.

Participantes da pesquisa

Nosso público-alvo é composto por indivíduos com interesse acima da média em música.

Riscos

Esta pesquisa tem como riscos: possíveis desconfortos ou constrangimentos em compartilhar suas opiniões. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, reforçamos que suas respostas serão totalmente anônimas, e não será possível identificar sua identidade no conteúdo gerado, tanto durante, quanto após a realização do estudo. O procedimento do qual você participará visa somente criação e discussão de soluções e, logo, você não será testado(a) ou julgado(a).

Benefícios

Sua participação é muito importante para a compreensão do comportamento do indivíduo com interesse acima da média em música, o que poderá lhe beneficiar futuramente de forma indireta.

Sigilo e Privacidade

Para proteger o sigilo de sua identidade, seu nome não aparecerá em nenhuma publicação. Você receberá um pseudônimo (um nome falso) que será usado em vez de seu nome.

Autorização para uso de declarações

O material que constitui o corpo de dados coletados (imagens e áudio) não será divulgado. Ao consentir com o termo você autoriza o uso de suas respostas para fins acadêmicos.

Despesas e Ressarcimento

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo e nem receberá qualquer vantagem financeira.

Assistência e acompanhamento

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada, bastando solicitar uma cópia por e-mail ao pesquisador. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Caso eventualmente a pesquisa seja interrompida, seus dados não serão publicizados de nenhuma forma.

Participação voluntária e direito de desistência

Sua participação neste questionário é voluntária. Você não tem nenhuma obrigação de participar. Você tem o direito de mudar de ideia e sair da questionário a qualquer momento.

Acesso ao pesquisador em caso de dúvidas

Em qualquer etapa da pesquisa, você pode contatar o pesquisador responsável para esclarecimento de dúvidas pelo e-mail rafaortman@gmail.com ou pelo telefone (21) 99228-9883 ou com a professora orientadora através do e-mail mquarresma@puc-rio.br ou pelo telefone (21) 3527-1005.

Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

Em caso de dúvidas relacionadas à ética em pesquisas, acionar o órgão responsável na Rua Marquês de São Vicente, No 225, Edifício Kennedy, 2º andar, Gávea - 22453-900. Rio de Janeiro, RJ. Telefone: (21) 3527-1618.

Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS

Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, e da Resolução 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre normas aplicáveis à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Termo de consentimento

Eu, de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, das garantias de sigilo e confidencialidade, dos riscos e suas formas de contorno, da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre eles. Fui informado/a de que se trata de uma pesquisa vinculada ao Programa de Doutorado em Design da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isen-

ta de despesas e que meu nome não será publicado sem minha prévia autorização por escrito.

() Aceito participar

Nome

Seu nome só será visualizado pelo pesquisador e você só será contatado caso opte por participar de uma entrevista por videoconferência.

E-mail

Seu email só será visualizado pelo pesquisador.

Celular

Seu número só será visualizado pelo pesquisador.

Escolaridade

() ensino fundamental

() ensino médio

() graduação

() mestrado

() doutorado

Ocupação

Informe abaixo sua ocupação principal. Seu texto só será lido pelo pesquisador.

Data de nascimento**Agendamento**

Escreva abaixo sua disponibilidade de agenda para que entremos em contato.

Apêndice II - Perfil dos participantes

Alexandre Limão (46 anos, jornalista, graduação)

Música define personalidade, é uma forma de magia. Sua relação com os suportes foi sobretudo com vinil e CD. Ouve praticamente apenas através de plataforma de *streaming*, pareando o celular via bluetooth com algum dispositivo. Assina o Deezer. Abomina a interferência do algoritmo. Acha que a tecnologia evoluiu e a experiência piorou. Não utiliza a música como facilitadora de tarefas, ela o desconcentra. Exceto quando está fazendo exercício, a música está sempre em condição de protagonismo. Ouve em casa e sobretudo no carro. Não ouve muito podcast, mas percebe que ele toma espaço da audição musical. Escuta menos música atualmente do que em sua juventude, acha que em razão de de sua disponibilidade ser menor e por já ter explorado bastante o universo da música. Acha que a fragmentação da experiência prejudica a escuta dedicada. Se emociona muito com música.

Ana Maria Fugazzi (18 anos, estudante, ensino médio)

A música a define como pessoa, a leva para outra dimensão. Está sempre de fone de ouvido, ama fazer tudo ouvindo música. Como está sem toca-discos, ouve sempre em plataforma de *streaming*. Não gosta muito da interferência do algoritmo. Não é de fazer *playlist*. Sua escuta dedicada é na cama ou na escrivaninha, de fone, em geral um álbum. Com o vinil, sentia até que ouvia mais detalhes da música, ficava mais focada na audição. Tem o hábito de cantar junto, fica emocionada e se arrepia.

Antonia Schiavio (39 anos, jornalista, graduação)

Percebe que o interesse por música tem um componente familiar, mas tem algo que é dela mesmo. Os suportes com os quais teve relação foram o vinil, CD e mp3. É assinante do Spotify Premium. Gostaria de ouvir disco, mas só escuta através de plataforma de *streaming*. Procura controlar a seleção do repertório, mas nas vezes em que se distrai o algoritmo geralmente acerta, contribuindo para descobrir coisas novas. Na academia, ouve música, quando acorda, um *podcast*. Está sempre ouvindo alguma coisa, a música a ajuda a cumprir tarefas. A audição dedicada pode ser na TV pelo YouTube ou na cama usando o

celular mesmo. Acha que antigamente tinha mais disponibilidade para música, o celular gera muitas demandas. Canta, se arrepia e pesquisa sobre a música que está escutando.

Bruno Druet (47 anos, designer, graduação)

A música ajudou a construir sua identidade. Todos os suportes foram importantes para ele, mas dá especial importância para a fita cassete, que oferecia a possibilidade de personalizar a experiência e o próprio suporte. O mp3 democratizou, mas aos poucos a empolgação com a quantidade de música foi cedendo e advindo uma fadiga auditiva. Assina Tidal, por causa da qualidade superior, e Spotify, para divulgar a *playlist* semanal que cria. Utiliza o SoundCloud também para ter acesso a conteúdos não disponíveis no streaming. Gosta de andar de carro só para ouvir música. Exceto uma ou outra excessão, não costuma ouvir *podcast*. Não usa a música para ajudar no desempenho de tarefas, o desconcentra. Ouve música pelo *streaming* e investe dinheiro para melhorar a sua qualidade de áudio. Pretende comprar um pré-amplificador para tocar vinil. Acha que sempre ouve música com protagonismo. O formato importa pouco, o fundamental é ouvir música. Dança, se balança, a música estabelece uma influência físico-emocional que é muito legal.

Carlos Santiago (35 anos, servidor público e professor, mestrado)

A família não tem relação com música, razão pela qual se interessou tarde e tornou-se um ouvinte compulsivo para tirar o atraso. Para ele a música tem uma importância de ordem meio afetivo-psicológica. Foi crucial para sua identidade. Usava diversas plataformas de download de mp3, até o surgimento do streaming. Aí ficou usando o SoundCloud e depois o Spotify. Coleciona vinil porque gosta de ter o suporte físico, mas também por causa da qualidade de áudio superior. Acha importante ter um bom fone de ouvido. Sempre escuta música de manhã, na academia e no carro. Gosta de usar música para se concentrar no trabalho. Usa *podcast* para tarefas domésticas. *Playlist* é para momentos de descontração. Não confia muito na inteligência artificial para selecionar repertório. Se sente mais passivo quando a audição é através do *streaming*. A audição de vinil é relacionada a um momento de parar para escutar a música de fato no espaço doméstico. Percebe que ouve mais música com protagonismo hoje. A reação física está relacionada ao estilo musical que esta escutando.

Clementina Trevisani (musicista aposentada, 58 anos, ensino médio)

A música ajudou a constituir sua família. Sabia que o vinil ia acabar voltando por conta da qualidade superior, ele torna a coisa mais “real”. Ao CD falta a alma do analógico. Está na conta da família do Spotify, mas ouve rádio o dia inteiro, acompanha todas as tarefas do dia-dia. Escuta pelo celular mesmo. Não pratica audição dedicada.

Daniel Chamusca (29 anos, editor, graduação)

É seu tipo de mídia favorito. Trabalha para ter dinheiro para ir a shows. Compra CD e produtos oficiais e não oficiais de artistas. Não escuta os CDs, servem para decorar sua casa. Não liga muito para a qualidade de áudio, mas não gosta que as pessoas saibam porque isso pode servir como argumento contra o seu gosto musical. Tem Apple Music e Deezer grátis, mas não consegue abrir mão da melhor usabilidade e da qualidade do algoritmo do Spotify. Acha que o algoritmo é muito bem treinado para o estilo de musical que gosta. Paga o Last.fm premium através do qual promove uma mensuração quantificável de sua escuta musical. Consegue conciliar a audição musical com outras atividades, mas ela é uma companhia e não para ajudar desempenhar tarefas. Não é muito de ouvir podcasts, exceto um de oração que escuta com frequência. Se puder ficar de fone, vai preferir ouvir música. Ouve no fone de ouvido ou no alto-falante do celular, mas não gosta de música alta. No máximo na televisão. Não romantiza o CD ou vinil, é a facilidade que a plataforma de streaming proporciona que permite escolher a música que acompanhe o que está sentindo. Em lançamentos, se programa e reserva tempo para ouvir os álbuns na ocasião em que eles estreiam. É sempre à noite, com a luz apagada. Pratica mais audição dedicada hoje em dia porque o acesso é mais facilitado. Se emociona, dança e canta, ou pelo menos dubla, se não puder cantar. Às vezes posta no Twitter para registrar para si mesmo a audição daquela obra.

Darcy Paranhos (24 anos, psicólogo, graduação)

Percebe a contribuição da música a partir de uma chave da identidade de gênero. Os estilos musicais estão associados às diferentes fases da vida e traduziam perfeitamente o sentimento da época. Tem camisetas e sempre gostou de colecionar CD. Assina Spotify Premium. No K-pop há uma cultura de compra de suportes físicos e por isso tem alguns discos, embora não ouça. Prefere ouvir música com qualidade boa, mas acostumou-se a ouvir música do jeito

que dá. Música dá energia para fazer atividades, faz o tempo passar mais rápido e mais agradável. Acredita que a audição ritualizada do disco ajuda a fixar memórias e contribui para o afastamento das telas. Acompanha o calendário do K-pop para poder ouvir no momento exato do lançamento para poder comentar com os amigos. Sua prática de criação de *playlist* tem um viés de registrar sua própria prática de audição vinculada a um período de tempo (um mês, um ano), mas também faz *playlists* que têm como tema momentos de lazer ou sentimentos específicos. Não confia muito no algoritmo, mas já foi mais restritiva com relação à interferência dele em sua prática de audição. O álbum quebra menos a imersão do protagonismo da audição, mas também usa *playlist* sem interferência do algoritmo. A audição musical com protagonismo era mais intensa antigamente justamente por ser mais escasso. Percebe que aprecia menos a música hoje em dia por estar o tempo todo ouvindo música. Há músicas que o corpo todo reage e se arrepia, há outras que precisa dançar.

Fabiana Leão (28 anos, assiste de produto, mestrado)

Não sabe viver sem esse contato com música, uma trilha sonora que está sempre presente. É um hábito diário que vem da mãe. Fez aula de violão e canto. Gosta muito de ir a shows, acha que tem o gene do fã. Gosta de exibir sua coleção de CDs na prateleira, raramente escuta. Hoje em dia assina o Spotify, mas durante muito tempo era *download* direto. Tem um estéreo na sala que dá suporte a todas as mídias. O vinil é para audição compartilhada, o Spotify é mais no fone, enquanto trabalha. Na academia e no transporte, está sempre ouvindo música. A música torna as tarefas mais fáceis. A audição de vinil está associada a esse momento de cumprir tarefas. Não ouve muito *podcast* porque significa que está perdendo tempo de audição musical. Clipe é uma coisa muito importante para ela. Prefere ouvir no Spotify do que vinil porque a qualidade do vinil é pior, em razão dos discos serem muito antigos. Mas gosta do chiado do vinil. Seu formato de escuta preferencial é pelas músicas curtidas no aleatório. Não gostou quando o Spotify inseriu conteúdo na sua audição, achou invasivo. Quando escuta um álbum pela primeira vez, se concentra para ouvi-lo. Fica muito grata ou muito decepcionada dependendo de como o artista trabalha aquela “era”. No momento de audição dedicada, a qualidade de áudio é muito importante. Quando se emociona é com a obra, não é porque percebeu uma referência ao seu estado emocional. Sempre dança, até porque faz dança três vezes por semana.

Fernando Menezes (66 anos, músico, graduação)

Música é tudo para ele. É músico e vive de música. Tem muitos CDs, mas não escuta mais. Se desfez dos seus vinis. Seu carro era o seu ambiente de audição musical. Acha que a qualidade do estúdio melhorou, mas a produção artística caiu muito. É desligado de questões tecnológicas, não é ativo na internet. A filha assinou o Spotify para ele. Não confia no algoritmo, via de regra não gosta do que a inteligência artificial lhe apresenta. Sente que hoje o consumo de música é algo descartável. Na época do vinil, o disco era como uma obra de arte, um tesouro. Ouve muito em casa, via Spotify ou YouTube, amplificando em uma caixa de som. Às vezes seleciona um álbum específico para escutar. Cria *playlists* em função do que a música provoca nele. São *playlists* para consumo próprio. Hoje, sua audição é mais voltada para a prática profissional.

Fiametta Ricci (26 anos, designer, graduação)

Música é um estímulo para existir. Percebe que a adesão ao streaming a tornou mais eclética, por outro lado perdeu o vínculo de identidade ao gênero musical, isso não é necessariamente ruim. Ouve muita música em trânsito ou quando estou fazendo algum trabalho manual. Ouve *podcast*, mas ele exige uma disponibilidade que muitas vezes não tem, acaba preferindo ouvir música. Ajuda a lidar com questões como ansiedade, ânimo, humor. A música tira um pouco do fardo da tarefa incômoda, põe a concentração em um outro lugar. Normalmente não sabe o que vai ouvir. Dá uma olhada na lista pessoal e clica na música em função da sensação que ela vai proporcionar. Às vezes se sente bloqueada no momento de seleção do repertório, nesse caso, usa o aleatório. Desconfia um pouco do algoritmo, mas já teve boas surpresas. A audição com protagonismo é um momento de exceção, de ritualização da escuta. Às vezes ocorre em deslocamento, no espaço doméstico precisa ser planejado. Esses momentos estão mais vinculados ao álbum, especialmente nos lançamentos. Sente vontade de dançar com determinadas músicas, relaxa com outras e percebe euforia também em determinados momentos.

Frederico Baal (70 anos, jornalista, fotógrafo, professor, mestrado)

Música e visualidade andam juntas. Não se desfaz dos discos e escuta sempre os CDs. Gosta do processo de ir à estante escolher o disco a ser ouvido. Se ressenha da perda da parte gráfica do vinil, acha que no CD isso ficou praticamente insignificante. Não assina plataforma de *streaming*. Quando está escre-

vendo, não houve música, mas se o trabalho envolver fotografia, sim. Nesses momentos, costuma botar no YouTube selecionando algum repertório relacionado a um artista para não precisar interromper o trabalho para trocar o CD. As propagandas incomodam. Valoriza o controle da experiência e se percebe bastante restrito ao repertório do que conhece, apesar de ter um gosto bastante eclético. Não pratica audição dedicada.

Giovanna DeLucca (26 anos, designer, graduação)

A música tem uma dimensão existencial. Não tem a assinatura premium do Spotify e acha muito desagradável a versão gratuita. Ouve mais vinil porque tem toca discos em casa. Acha charmoso o chiado do vinil. Vem se forçando a escutar o álbum completo pois considera importante a narrativa da obra. Ouvir música no fone de ouvido com aparelho digital é uma experiência individualizada, o que favorece a combinação com outras tarefas. Ouve música trabalhando. Gosta de criar *playlist* e de pedir *playlists* para os amigos também. Aquelas que cria, tem o hábito de compartilhar. Gosta do algoritmo do Spotify, acha que ele contribui com eficácia ao que está ouvindo. Muitas vezes se vê bloqueada no momento de selecionar o repertório, mas sente que uma vez rompida a inércia, a audição flui com naturalidade, a “música vai acabar te convencendo”. Normalmente a audição dedicada é experimentada via TV e gosta de compartilhar esse momento com as pessoas. Percebe-se arrepiando-se, chorando, dançando.

Gustavo Lubiano (18 anos, estudante, ensino médio)

Música é tudo. Molda a personalidade. Não tem um vínculo forte com nenhum gênero específico. Percebe que a criação familiar contribuiu para o gosto musical. Tem acesso a uma assinatura familiar do Spotify. Coleciona vinis e CDs e escuta esses suportes. O valor afetivo de comprar um vinil é muito significativo. Se for pra ouvir música com um fone ruim, prefere nem ouvir. Usa o Last.fm para documentar sua audição musical o que serve de inspiração na hora de selecionar o repertório. Ouvir música torna tudo mais fácil. Além do Spotify, assiste YouTube e baixa algumas o que não tem no *streaming*. Quando se sente bloqueado, usa uma *playlist* própria com 4 mil músicas. O próprio algoritmo do Spotify ajuda um pouco, recomendados do YouTube também. Quando a inteligência artificial recomenda algo que não gosta, ignora. É uma forma de educar a inteligência artificial. Na correria do dia a dia, escuta muito no aleatório da *playlist*. Quase todo dia tem um momento há um momento de audição dedicada no espaço doméstico. Não faz nada, fica escutando e pesquisando sobre música.

Se emociona muito ouvindo música e sente adrenalina quando descobre algo novo. Se está triste, pode chorar. Se está feliz, pode pular.

Humberto Barbosa (31 anos, músico, graduação)

A música está presente na vida de todo mundo, na dele ainda mais, visto que é músico. A música entra numa chave mais profissional, não tem muito a chave emocional. Se ressenete da ausência da ficha técnica nas plataformas de *streaming*. A compressão dessas plataformas prejudica a experiência do ouvinte. Assina o Spotify. No carro, usa o CD *player* ou rádio, pois não tem entrada auxiliar nem *bluetooth*. O som do carro é muito bom para ouvir música. Ouve também em caixa *bluetooth*. Na época do lançamento de um trabalho, ouve no celular também posto que essa é uma prática comum nos ouvintes. Ouve música fazendo atividades domésticas. Desconfia do algoritmo, mas às vezes usa o recurso “Feito para você” do Spotify. Percebe uma força para que determinadas músicas sejam ouvidas. Costuma praticar audição com protagonismo com um bom fone de ouvido em um local tranquilo.

Isabela Prata (29 anos, designer, mestrado)

Na infância e adolescência estudou violino. Há uma origem familiar também. A música influencia nas nossas emoções e por isso percebe haver um vínculo de identidade. Assina Spotify e YouTube Music. Valoriza qualidade de áudio e investe em bons fones de ouvido. Ouve muita música no transporte, está sempre de fone. No trabalho, ajuda na concentração. Nas tarefas de casa e no lazer ela também está presente como pano de fundo. Percebe que a audição de *podcasts* tomou o tempo da audição musical. Ouve praticamente apenas em plataformas de *streaming* e alterna entre as duas plataformas que assina. Monta *playlists* para consumo próprio, normalmente escuta essas listas ou álbuns de artistas favoritos. Em geral, não gosta da interferência do algoritmo, ele recomenda material que divergente do seu gosto. Nos momentos de audição dedicada, ouve suas próprias *playlists*. Percebe que fazia mais isso antigamente, quando tinha mais disponibilidade. Hoje em dia, a música está presente em grande parte do tempo, mas está frequentemente em segundo plano. Tem uma relação cinestesia com música. Às vezes se projeta como sendo o cantor da banda, é uma relação bem física. Canta e gesticula.

José Luiz Dias (59 anos, operador de áudio ao vivo, ensino médio)

Tem uma importância gigantesca na vida. Tem uma origem familiar. Já foi músico. Tornou-se operador de áudio e foi com essa atividade que criou seus filhos. Assinou o Apple Music por ter uma qualidade de áudio superior, além de ter um acervo maior. Colecionava CD e vinil mas atualmente acha que a mídia física não faz o menor sentido. Dizer que o som do vinil é melhor é pura nostalgia, o suporte tem limitações tecnológicas. A mudança da tecnologia não impactou o consumo, pelo contrário, passou a ouvir mais música. É muito melhor ouvir pelo *streaming* do que um vinil “com craca”. A música ajuda a passar o tempo e nas tarefas domésticas. Ouve quase que 100% pelas plataformas de *streaming*. Não tem restrição ao algoritmo, se não gostar, é só pular. Quando precisa viajar, baixa um álbum no 5G antes de decolar e vai ouvindo. Esse modelo de audição era mais frequente antigamente, mas a culpa não é do algoritmo.

Julia Beauchamp (44 anos, revisora, mestrado)

Música é pano de fundo, a encoraja, a consola, faz companhia e a estimula. Demorou a aderir ao *streaming* pois tinha apego ao acervo pessoal de mp3 que ela organizara com tanto esforço. A experiência na versão gratuita do serviço era muito ruim, parecia que os anúncios eram moldados para oferecer um estilo musical inverso ao conteúdo que estava escutando. Sente que a propaganda é feita para incomodar o ouvinte e obrigá-lo a assinar o serviço. Acabou assinando a versão premium e gosta do Spotify. Se dependesse dela, ouviria música o tempo todo. Não tem o hábito de ouvir *podcast*, prefere ouvir música. Ouve *playlists* criadas pelo Spotify com o tema de algum estilo musical. Utiliza a Radio Paradise quando não sabe o que vai ouvir. O fato da música estar em pano de fundo, não tira a importância. Acha que a fragmentação da atenção promovida pela tecnologias de comunicação contemporâneas prejudica a escuta dedicada. Com relação à reação física, é algo muito pessoal, que não compartilha. Mas às vezes ela seleciona um fonograma com a finalidade de provocar uma reação física: “vou ouvir uma música que me arrepie”.

Laura Martins (33 anos, publicitária e *sommelier*, graduação)

Fora as pessoas que ama, a música é a coisa mais importante da vida dela. Foi uma coisa muito formativa e tem origem materna. O vínculo sempre foi mais com a música do que com os estilos. Coleciona CDs e tem outros produtos com tema de música na casa. Acha que a geração Z tem um gosto musical aber-

to porque não é obrigada a comprar um CD para experimentar algo. Queria ter crescido com esse nível de liberdade. Assina Spotify, para audições sociais, e Apple Music, porque tem qualidade superior. Escreve sobre *indie* para fã de k-pop e sobre k-pop para fã de *indie*. Se puder, ouve música o tempo inteiro. Em casa, tem um conjunto de Alexas que toca Spotify sincronizado na casa toda. Não confia na inteligência artificial, acha que cria radicalismos por ser pouco flexível. Assiste clipe, gosta de Tiny Desk Concert paga e pelo YouTube Premium. Às vezes se sente tão sobrecarregada de opções que não sabe o que vai escutar. Nesses casos recorre ao que os amigos estão escutando. Com o tempo, por causa da mobilidade, a audição ficou mais passiva, ela tenta combater isso ativamente. Não é ouvinte de podcast. Tem duas formas de praticar audição dedicada: uma é a audição doméstica a outra é quando leva “um disco para passear”. Na primeira ocasião, ela vai estar talvez nas redes sociais, mas vai estar prestando atenção no disco. Na segunda, é um jeito passivo porque está caminhando, mas a caminhada é para ouvir música. Se ouve CD, acha que a audição é mais ativa porque força a sair da frente da tela. 95% da audição dedicada é com álbuns. Reage fisicamente à audição dedicada de uma forma quase involuntária. Se emociona.

Leandro Salgueiro (18 anos, estudante, ensino médio)

A música ajuda na formação e mais recentemente passou a ocupar seu tempo com isso. Passou a ser a sua religião, a nortear a escolha profissional. Tem coleção de vinil e CD. Escuta CD e gosta de olhar o vinil. O toca-discos que tem é muito ruim, pretende comprar um melhor. Fez o plano do Spotify para a família inteira. Ouve música no fone o dia inteiro através dessa plataforma. Acha que o algoritmo do Spotify faz um bom trabalho. Às vezes, prefere ouvir música do que conversar com alguém. Frequentemente, deita e fica só ouvindo música.

Marcelo Nakata (49 anos, eletricitista, graduação)

A pior coisa para ele seria se ficasse surdo. Acorda ouvindo, dorme ouvindo. Assina o Spotify e o Qobus que qualidade melhor, embora o acervo seja limitado. Coleciona discos. Gosta de ter a mídia física por segurança, gosta de pegar na mão. Usa o *streaming* mais para pesquisar novidades. Até hoje baixa música, raridades, e se preocupa em baixar arquivos de boa qualidade e com a capa digital. Percebe que o vínculo entre identidade e estilo musical foi muito diluída em função das *playlists*. Ouve dois discos por dia, um quando acorda e outro na hora de dormir. É um costume de mais de 20 anos. Quando em deslo-

camento, ouve *playlist* no aleatório. Ouve apenas as listas de sua própria criação. Não usa a música como trilha sonora. Não usa o algoritmo, acha aberto demais. Eventualmente, pode escutar no aleatório com um tema específico. Em geral, usa o CD para audição dedicada, em momentos mais tranquilos, ouve vinil. Os consumidores de vinil sempre vão dizer que a qualidade é superior, mas não concorda. Nesse momento, tranca a porta e não quer ser incomodado. Coloca o CD e fica lendo a ficha técnica. Quando a música é complicada, tenta ouvir os instrumentos; quando é mais simples, presta atenção na letra.

Marcos Cunha (23 anos, artista visual, mestrado)

Percebe a relação entre identidade e música através da chave da identidade racial, para ele é um papel formativo pois sempre gostou de artistas pretos. Não tem um acervo de vinil, mas tem alguns favoritos que ficam em exposição no quarto. Acha que o vinil é uma espécie de encantamento do fã, uma relação de nostalgia. Assina o Spotify. Sente saudade do início do século por causa dos CDs e dos clipes na TV, sente que antigamente era mais ativo. Usa a música com objetivos específicos, para concentração, para som ambiente, para acompanhar tarefas. Gosta mais de criar *playlists* próprias do que consumir as já existentes. Não se sente bloqueado no momento de selecionar o repertório de audição. Só ouve música no *streaming*. Com relação à audição dedicada, pode ocorrer em casa, a noite ou em trânsito. Serve tanto para sair da realidade, como para relaxar. Sente que a mudança do padrão tecnológico não interferiu.

Natalie Horvat (50 anos, designer, graduação)

É um dos pilares da vida, contribuiu muito para sua identidade, organizou os sentimentos. Na adolescência a música teve uma importância muito grande, uma experiência que já não vivencia mais. Essa experiência avassaladora não tem mais. Conecta-se muito com a letra das canções, elas são mais importantes do que o estilo musical. Na relação com os suportes, achava muito incômoda a operacionalidade do toca-discos, gostava mais da fita cassete/Walkman e depois do CD. O processo de download de mp3 se tornou uma coisa doentia pois tinha-se mais música do que se conseguia escutar. O Spotify nos fez um favor. Ainda tem CD, não tem mais onde ouvir, mas adorava o encarte do CD. A ausência da capa é a maior perda do *streaming*. Teve uma resistência enorme pra mudar pro Spotify, sentiu-se obrigada a fazê-lo. Depois do *home office*, passou a ouvir muito *podcast*. O processo de seleção normalmente é motivado por uma música específica que está na sua cabeça. Gosta de acordar em

um domingo e preencher a casa com música. A audição dedicada parece ser uma prática que pode acontecer eventualmente em casa ou no carro.

Nina Maia (60 anos, designer e cantora, graduação)

A música é uma herança familiar. Teve uma educação musical desde cedo. A primeira plataforma de *streaming* que conheceu foi o Spotify e acabou ficando. Talvez estar atarefada, perdeu um pouquinho o hábito de ouvir música em casa, na carro sempre ouve. Tem *playlists* próprias que servem para armazenar músicas que gosta. De vez em quando, usa as recomendações do Spotify para ouvir coisas novas, pois se deixar ouve só o que já conhece. Não confia muito no algoritmo pois volta e meia aparece recomendações que não tem nada a ver com seu gosto pessoal. Tem ouvido menos música porque gosta de parar e ouvir e não de ficar fazendo outra coisa em concomitância. Percebe que se dedica menos a escutar música com protagonismo, talvez a facilidade esteja dificultando. Quando para para ouvir, são coisas que pode cantar junto.

Patrícia Oliveira (69 anos, analista de sistemas aposentada, graduação)

Ajudou a formar a identidade pessoal. Teve relação com o gravador de fita de rolo, vinil (long play e compacto), CD e mp3. Acha o acesso ao acervo no Spotify muito confuso, mas superou esse incômodo criando muitas *playlists*. Abomina quando a inteligência artificial tenta interferir na sua experiência. Sente que a plataforma não está programada para a experiência que ela deseja. A migração para o Spotify foi doída, mas hoje acha que o aplicativo entendeu que ela não quer que ele se restrinja à sua *playlist*. Hoje em dia, a música cumpre mais uma função de pano de fundo. Vê-se praticando escuta dedicada quando ouve música clássica. Nesse sentido, não mudou tanto assim.

Paula Lubiana (47 anos, coordenadora técnica, graduação)

Percebe a música como uma herança familiar. Sem ela, não sabe o que seria pois foi através dela que descobriu o talento para dançar. Não assina nenhuma plataforma, usa tudo gratuito. Costuma usar a Alexa e caixa *bluetooth* para ouvir música. Se possível, pede emprestado a alguém que tenha o Spotify Premium ou usa a sua versão gratuita mesmo. Ouve também pelo toca-discos e até pelo celular. Sempre há música como pano de fundo. Geralmente, já sabe o que quer ouvir. Não se incomoda com a interferência do algoritmo. A música aju-

da a cumprir tarefas, deixa a vida mais fácil e mais alegre. Ela nos eleva, nos transporta para outro lugar e agrega as pessoas. Também proporciona memórias, às vezes isso é bom, às vezes é ruim. Não é muito de criar *playlist*. Já praticou mais audição dedicada antes do que atualmente, talvez por falta de tempo. Ou talvez por encontrar menos o círculo de amigos que costumava se reunir para ouvir música. Costumava praticar de fone de ouvido nas viagens a trabalho e se conectava com o arranjo da música. Ainda tem esses momentos, mas são raros.

Paulo Haidar (50 anos, pesquisador, doutorado)

A música ocupou muito espaço na vida, hoje ocupa menos, em função do trabalho. Ouve pelo Spotify gratuito, pelo YouTube. Não liga muito para os anúncios. A música ajuda no isolamento pessoal, bota o fone e não conversa com ninguém. Ouve mais *playlist*, ela ocupou o espaço do álbum. Quando pode descansar, bota esses *pocket shows* do YouTube. Acha ok a interferência do algoritmo. Não sente tanto a sensação de bloqueio no momento de seleção do repertório. Simplesmente, bota pra tocar. Cria *playlist* pra si próprio e sugere para os amigos. Ouve *podcasts* e percebe que a música ficou mesmo em segundo plano. Já não faz muito isso, mas quando faz, canta, se emociona, se recorda de lugares e pessoas.

Rachid Malik (53 anos, comerciante, DJ e produtor musical, mestrado)

Não se interessou por estudar violino, como desejado por seu pai, para ele, a música era “o disco”. Comprou discos a vida inteira. O disco de vinil é muito além da música, seu valor é também pela sua condição de objeto, tanto no que diz respeito à arte da capa, quanto no aspecto informacional. Escuta vinil e às vezes CD, por comodidade. Ouve muito pouca música em casa, pois escuta o tempo inteiro na loja. Quando não sabe o que vai ouvir, na manipulação dos discos a relação visual é definidora para a seleção, isso não existe no digital. Hoje, não pratica audição dedicada. Na adolescência, havia uma relação de ouvir o disco junto com amigos, havia um certo ritual. Pode chorar, se arrepiar e até se irritar.

Rafael Alves (34 anos, músico, ensino médio)

Música é o combustível da sua vida. Uso música pra tudo, o dia inteiro. Ajuda a cumprir tarefas. Molda o dia a dia com música. Nunca teve o hábito de comprar vinil, sua relação era mais com CD, mas isso passou. Dá muita importância à qualidade de áudio. Assina Spotify a muitos anos, é a forma legal de consumir música. Permite ouvir em qualquer lugar, mas nem sempre presta-se atenção. Quando vai escutar música, já sabe o que quer, não se sente bloqueado. Tem o momento de protagonismo da música, mas hoje em dia cada vez menos. Não gostaria que fosse assim, mas a vida leva a isso. Quando está correndo, ouve música com atenção dedicada.

Renato Toscanio (32 anos, empresário, graduação)

É músico, fez faculdade de música, a mãe era pianista, o pai tocava violão. Sempre foi “o cara da música” e os amigos que têm até hoje têm alguma relação com a música. Nunca nunca exteriorizou seu interesse em música como moda, vestuário etc. Não coleciona discos. Tinha um *podcast* sobre música. Sente que acabou sendo levado para o Spotify, não foi algo que buscou ativamente. Hoje, usa diariamente, geralmente enquanto dirige ou fazendo alguma outra atividade, como música ambiente. Se precisa prestar atenção em alguma coisa, a música atrapalha. Ouve *podcast*, mas não sente que esteja roubando tempo de sua audição musical. A música não foi feita para ser gravada, o jeito certo de ouvir música é ao vivo. A fonografia se torna acompanhamento do acontecimento e não o acontecimento em si. Gosta de ser surpreendido, então, muitas vezes coloca no aleatório no Spotify, ajuda bastante na descoberta musical. Se vê naqueles 90% ouvindo música quase que no automático. Se alguma peça chama a sua atenção, vai parar e buscar reproduzir a obra com a melhor qualidade possível, em geral de fone de ouvido. Pratica audição com protagonismo com diversos formatos, pode ser uma peça, um álbum ou um show do Tiny Desk Concert. Acontece pelo menos uma vez por semana, provavelmente no final de semana. Acompanha a música buscando entrar em sincronia com o ritmo. Se arrepia e se emociona.

Ricardo Mazzi (31 anos, designer, graduação)

Se considera *heavy user* de música. Escuta desde a hora que acorda até a hora de dormir. A portabilidade da música permite que ela acompanhe todos os momentos de sua vida. Sua identidade seria outra se eu não tivesse a

companhia dela. Tem coleção (pequena) de vinil, ainda tem a antiga, de CD, mas nem olha mais para ela. É muito raro escutar os vinis, eles cumprem uma função estética. Consumi-los satisfaz seu vício. Uma vez por mês eu escuta um vinil, de resto é só plataforma de *streaming*. Faz parte de uma assinatura familiar do Spotify e assina o YouTube Premium. A música ajuda na indução de sentimentos e estados espírito. O consumo de música deve ter diminuído em função da audição de *podcasts*. Quando não precisa ter 100% de foco, vai ouvir música durante aquela tarefa. Se não sabe o que escutar, costuma recorrer a amigos. Tem muito o hábito de encontrar amigos para beber e ouvir música. A prática de audição dedicada ocorre bastante com álbuns novos, deita na cama e escuta. Mesmo que esteja fazendo outra atividade, esta atividade está sendo executada para ser compartilhada com a audição musical. Acha que audição do vinil está associada a uma relação positiva com o espaço doméstico. Se emociona, se arrepiava com facilidade, com amigos, pode sentir vontade de dançar. Tem sido cada vez mais difícil ficar parado ouvindo, fica um pouco entediado. Os momentos de ficar assistindo YouTube com amigos tem sido um dos poucos momentos em que a música é protagonista.

Roberto Castro (60 anos, ex-comerciante e corretor, aposentado, graduação)

O pai tinha loja de disco, isso foi um facilitador. Foi 100% determinante para a formação. Se interessou por tocar instrumento na infância. À medida que a mídia física foi acabando, distanciou-se da música. Acha também que a qualidade musical hoje em dia é inferior. Não assina serviço de *streaming*, acha que as plataformas estão mais voltadas para quem não gosta de música. Tem mais de 3000 LPs e mais de 800 CDs, mas escuta pouco. Pode botar uma *playlist* como pano de fundo, mas não vê sentido em botar um fone para ficar curtindo a música via *streaming*. Percebe que a música hoje em dia é apenas um acessório para eventos sociais. Para ele, ouvir música sempre foi uma atividade fim, não algo a ser desfrutado como pano de fundo. Antigamente, a audição era mais ritualizada. As pessoas se reuniam em torno do toca-discos para acompanhar com a capa em mãos. Acha que as pessoas mudaram e que a dificuldade fazia com que elas valorizassem mais o momento.

Rui Pereira (66 anos, funcionário público aposentado, graduação)

A música veio da relação paterna. Percebe que hoje em dia as pessoas não tem mais paciência de ouvir uma música inteira. Tem dúvida se o consumi-

dor de vinil jovem terá paciência de ouvir uma música que tem início, meio e fim. Com relação à tecnologia, não importa o suporte, tudo é música. O vinil tem vantagem sobre o CD pois relação visual é melhor. A pirataria permitiu às pessoas ouvirem música sem ter dinheiro. Tem uma assinatura familiar do Spotify. Escuta CD no carro. Se estiver na loja, vinil. Não se incomoda com a interferência do algoritmo: “não gostou? pula!”. Pratica audição dedicada no carro ou na loja ouvindo discos.

Rui Pereira Jr (33 anos, vendedor de discos e DJ, graduação)

A música veio pela relação paterna. Ele mostrava clipes e isso ajudava a entender a magia da música. Era uma experiência não só sonora, mas visual também. Descobriu o vinil por conta própria. A música apela às memórias e é muito abrangente com relação ao seu público. O vinil oferece uma experiência sensorial que o *streaming* não é capaz de fornecer. Tem um *status* também. Tem uma assinatura familiar do Spotify. Há momentos em que não quer mexer em vinil, quer a praticidade do Spotify, especialmente quando vai na rua buscar disco. É nesse momento que está prestando atenção na música. Em casa já não tem tanto o hábito de ouvir música. Acha que o algoritmo funciona bem, percebe que frequentemente salva as recomendações que Spotify oferece. Quando tem vontade de ter uma experiência sensorial, geralmente é no vinil.

Sandro Geraldo (65 anos, ator e dublador, graduação)

Música é tudo. É a trilha sonora da sua vida. De uns tempos pra cá, voltou ao vinil. Gosta do vinil porque é tem um design maravilhoso, no CD é menos e no *streaming* não tem. Assina Spotify porque é baratinho. 90% do que escuta é em vinil, 10% Spotify. Quando vai deitar, ouve Spotify. Gosta do chiado do vinil. Normalmente, sabe o que vai escutar, dificilmente é um processo aleatório. Se estiver na academia, bota alguma *playlist*. Acha que às vezes é “burrice artificial”. Já teve o hábito de criar *playlist*, mas desde que voltou a ouvir vinil, parou. Audição com protagonismo geralmente acontece com o vinil. Fica ouvindo e acompanhando com o encarte à mão.

Sonia Rodrigues (58 anos, empresária, graduação)

A relação com a música é profunda, vem do estudo musical desde a infância. Se adaptou às tecnologias que foram surgindo, mas às vezes sente fal-

ta do vinil. Assina o Deezer, mas sente falta de determinados conteúdos. Ajuda muito na condução do seu trabalho, a inspira. Ouve muito pelas plataformas e utiliza rádios da internet quando está viajando. Acha que o algoritmo acerta muito, contribui na descoberta. Ouve música em qualquer lugar, não tem muito apego à qualidade do áudio. Às vezes a audição dedicada tem um efeito terapêutico. Não importa tanto o formato, mas acha que a audição com protagonismo está mais associada à música isolada.

Tiago Azevedo (35 anos, arquiteto, graduação)

Música é um escape, um recurso para relaxar. Não tem mais a mesma relação com música que tinha na adolescência. Ouve muito rádio pois o leitor de CD do carro quebrou. Ouve pelas plataformas de *streaming* também. Teve uma fase nostálgica com o vinil. Usa a música como um recurso para controle do humor. Cria basta *playlists* e gosta de compartilhar pelo WhatsApp. A música fica em segundo plano o tempo todo, fazendo parte da rotina diária. Às vezes senta na sala onde não tem TV e ouve uma música relaxando e tomando uma cerveja. Nesses momentos gostaria de recuperar o toca-discos em função da qualidade superior, mas ficaria limitado ao acervo pessoal. Pratica menos essa modalidade por ter menos tempo. Canta junto e se arrepia.

Vanessa Renata (26 anos, jornalista, graduação)

A música é tudo. A família não tinha muito hábito de ouvir música. Cresceu ouvindo rádio para adolescente. É filha única, foi uma criança solitária, a música fazia companhia. Coleciona vinil, comprou antes o primeiro disco, depois o toca-discos. A relação com a música foi crescendo tanto que em um certo ponto queria ter algo físico, porque em sua época não a música já havia se desmaterializado. Assina o Spotify. Dá muita importância para a qualidade de áudio, mas é algo caro, especialmente considerando que é consumidora de vinil. Quando está trabalhando, bota o fone de ouvido, quando está arrumando a casa, deixa na televisão ou no vinil. Vinil é para ocasiões especiais, quando recebe amigos ou à noite quando está descansando. No vinil tem detalhes do arranjo que no *streaming* não se percebe. Não acha que o algoritmo acerta muito, pois seu gosto musical está vinculado a determinadas épocas e a recomendação não tem essa referência. Cria *playlist* para consumo próprio. O protagonismo da audição musical é com o vinil. Uma coisa é ouvir um artista em qualquer lugar, outra coisa é ter um dele em casa, para ela é mil vezes melhor.

Vinícius Kalil (55 anos, designer, graduação)

Música é extremamente importante. Durante a pandemia, foi o que manteve a sanidade. Canta em coral. Não paga o Spotify, usa o Apple Music. Não usa muito as recomendações personalizadas, prefere conferir as redes dos amigos. É mais humano, não tem um mercantilismo se imiscuindo. O carro é o lugar onde mais ouve música. Pede para a Alexa tocar músicas do Apple Music também. Ouve muito pouco rádio. Não houve música no trabalho. Usa música como recurso para controlar o humor. Para além desse uso, a música está muito relacionada a eventos sociais.

William Cavalcante (30 anos, designer, mestrado)

No início, a música veio por causa da religião. É de família evangélica e a música fazia parte daquele universo, hoje já não tem qualquer relação com a igreja. Não acha que a música tenha uma representatividade identitária, mas ela faz parte de momentos muito fortes. Assina Spotify e escuta *playlist* de *mood*. Quando quer algo específico, vai pelo gênero. Quando gosta do artista, quer escutar tudo. Gosta de ouvir sets de DJ no YouTube. Utiliza a Alexa para reproduzir música em diversos espaços domésticos. O único momento que não escuta música é quando está criando. Acha que a música não contribui tanto na execução de tarefas, mas influencia bastante no estado de espírito. Tem preguiça de escolher música, sente que sua memória é péssima, usa o algoritmo para auxiliar a superar essa dificuldade. Percebe que muita gente não pratica audição dedicada. É um aspecto de sua personalidade da qual tem orgulho. Nesse momentos, em geral, está em frente à TV ou deitado na cama com o fone antes de dormir. Para isso um bom fone é imprescindível. Talvez antes do Spotify praticasse mais. Fica arrepiado, se emociona e batuca.

Apêndice III - Entrevistas transcritas

Alexandre Limão

Escolaridade: graduação

Ocupação: jornalista

Data de nascimento: 04/03/1977

Idade: 47

Entrevistador:

Você vai repetir rapidinho, tá? Tá, o que a música representa pra você?

Alexandre:

Tá, então assim, a música é uma paixão, é uma coisa que define a sua personalidade, te ajuda a formar quem você vai ser, de acordo com aquilo que você ouve, né, uma influência muito forte e tem um lado da mágica também, aquilo que eu tinha falado antes, né, de ser uma coisa que vem pelo ar, não te toca diretamente, fisicamente, mas te pode levar a emoções, é uma coisa incrível isso, né, se você parar pra pensar, como é que pode, como é que explica um negócio desse, né, o cara aperta um botãozinho, sopra um negocinho, assovia, canta, vai lá, vai lá, e às vezes você chora, às vezes você fica feliz, fica alegre, pula, às vezes, entendeu, fica triste, então isso é uma viagem que eu acho que é a mágica real, a mágica existe, entendeu, e a música é uma forma de mágica muito clara, eu acho.

Entrevistador:

Aí, esse guia foi sobre a sua identidade, sobre música e identidade, que você já falou um pouquinho nessa resposta.

Alexandre:

É, acho que como produto cultural, né, assim, né, eu colocaria o lado de tudo que você absorve, né, pra formar a sua personalidade, né, os filmes, os livros que você lê e tal, e a música muito, né, no meu caso, assim, acho que mais, porque eu tive mais contato, assim, de todos, eu acho, né, fiquei mais fissurado, então foi muito, muito forte a influência.

Entrevistador:

Sim, aí depois eu te perguntei sobre as suas recordações de audição musical, aí eu vou até dizer o que você respondeu, que foi rápido e eu me recordo bem, você falou que o MPB foi na faixa dos 7, 8 anos, com os discos da sua mãe, da sua irmã, e aí um pouco depois, na era do rock, uns dois ou três, uns dois anos depois, os discos do seu irmão, né? Isso, isso. Beleza, aí a seguir a gente falou sobre produtos com temas musicais, você falou que consumia mais camisetas e tal, numa época anterior, mas até hoje, não é isso?

Sim, até hoje, sim. Então agora vamos voltar à pergunta sobre a correlação entre a sua vida com os suportes musicais, desculpa, meu nome. Não, que isso, irmão.

¹ Essa entrevista teve seu início cortado razão pela qual foi solicitado ao participante que repetisse suas respostas

Alexandre:

Então, retomando, acho que é isso, a época anterior do vinil e coloca o CD até junto, embora tenha mudado um pouco a experiência, eu acho parecidas, entendeu? Você tinha um contato com uma obra que tinha início e meio fim, um produto que era um disco, com várias músicas, uma sequência de aquilo, às vezes um conceito, né? Vários discos que a gente conhece, Sgt. Peppers, porra, porrada de disco aí, The Wall, enfim, tantos outros que a gente pode pensar aqui, que são discos que tem uma história, a gente conta uma história, assim, tem uma ideia própria deles, né?

E você parava pra ouvir, né, cara? E você ter uma obra assim, acho que a gente fazia, é como a diferença, sei lá, de você de repente ver um filme e ver uma série curta, assim, dessas que tem 20 minutos hoje, eu acho que a música hoje em dia se tornou muito pulada, sabe? Eu acho que ficou muito solto, avulso, né, seria a palavra melhor, né?

Eu acho que se perder um pouco dessa experiência de você curtir uma obra mais completa, isso acho que é uma pena, porque, assim, é uma experiência muito maneira que quase ninguém tem hoje. A verdade é essa. Porque ninguém para pra ouvir um disco inteiro, praticamente.

Mas você pode fazer no *streaming*, né? Mas, sei lá, eu tenho a impressão que as pessoas não costumam mais ouvir música assim. Entendeu?

Entrevistador:

E você?

Alexandre:

Oi?

Você é de rádio? Não entendi.

Entrevistador:

Eu quero saber se, assim, você tem essa impressão, mas na tua experiência pessoal, você escuta ainda um álbum do início...?

Alexandre:

Eu escuto. Eu escuto, sim, eu escuto. Mas, assim, às vezes é diferente um pouco, né, cara? Sei lá, você tem mais liberdade de pular de um para o outro, então você acaba fazendo um pouco disso também, né? Não que eu não escute disco, escuto, mas hoje em dia eu posso escutar uma música desse, ah, vou ouvir um desse agora, agora um desse outro, um desse outro, você fica meio zureta.

E o que eu ia falar também é o negócio da comercialização da música, né? Do jeito que é feita hoje. E isso te impõe uma coisa horrorosa que é ficar vendo anúncio no meio da música.

Eu estava dando um exemplo do Tiny Desk, que é aquele negócio que é maneiro, que tem na internet, no YouTube, né, do NPR, Tiny Dash, o estreou do Nile Rodgers, cara, maravilhoso, muito bom, a banda maravilhosa, cara, vai ver lá, Rafa, baixista foda, muito bom, banda muito boa. Aí o cara toca uma música, toca outra, porra, aí entra Ludmilla fazendo propaganda do Shopee. Porra, minha irmã, dá vontade de matar aquela mulher, entendeu, Bruno?

Eu vendo essa porra, entra uma propaganda, eu falo, nunca vou comprar essa merda na minha vida. Eu tenho um ódio mortal, dá vontade de fazer um caderno. Para ter aquele produto, eu jamais comprei na minha vida, só de sacanagem, entendeu?

Nossa, eu acho que piorou muito a experiência de se ouvir música, eu acho. Você tem que contar na qualidade, isso é uma coisa muito importante também que eu vou falar agora. Você no tempo do vinil e do CD, pelo menos no início, você ouvia música num som com caixas de som grandes, aquele 3 em 1 antigo e tal.

Ou você tinha até o vinil separado, né? Como é que chama aquilo? Aquela vitrola, tem um nome bonito que eu esqueci.

Vitrola, né? Tem outro nome? É, sei lá, eu acho que tem.

Mas hoje em dia, com essa coisa da mobilidade, todo mundo ouve música no celular ou no fone de ouvido. Muitas vezes não usa o fone de ouvido, né? Ou no celular, numa caixa de som muito ruim.

Além da qualidade do arquivo, não ser muito tão boa e tal, mas bem dentro disso. Eu acho que mesmo se você ouviu um mp3, num som bom, acho que é decente ainda. Na minha opinião, não faz tanta diferença.

A não ser que o cara que tá vendo, que usa um negócio super, né? Sei lá, do melhor jeito possível, profissional e tal. Mas eu acho que piorou isso, entendeu, cara?

Piorou a relação do cara com a música, no sentido que não ouve mais uma obra inteira, muitas vezes. É... Piorou o negócio da comercialização, que é horroroso.

E ainda piorou a qualidade da audição. Então, assim, é difícil de entender isso, né? Porque o tempo evolui, a tecnologia evolui e você regride da sua experiência, né?

Eu acho muito triste.

Entrevistador:

E é curioso porque parece ser inversamente proporcional ao *streaming* de vídeo, né? De conteúdo audiovisual, que é cada vez mais qualidade, né? Inclusive das televisões e tal, né?

É curioso mesmo. É verdade. Deixa eu te perguntar, você ainda coleciona disco, cara?

Alexandre:

Cara, coleciono... Não, eu não compro mais disco, né? Nem lembro qual foi o último CD que eu comprei.

Já tem muitos anos. Não lembro mais, na verdade. Mas eu tenho eles guardados aqui.

Coitados, estão em um quartinho lá que eu nunca pego por mim mais. O meu carro agora, que eu acabei de vender, ele tinha esse CD. Engraçado, olha só, o Rafa, explica isso aí, ó.

Esse carro, eu comprei ele no fim de 2014. De 2014 pra 2015. E eu lembro que na época, uma das coisas que eu ficava procurando qual carro eu ia comprar e eu fazia questão que tivesse, era CD Player.

E todo mundo, porra, tão retardado. Não, porra, gosta dos meus CDs e tal. Isso em 2015.

Aí hoje em dia eu já me dei por vencido, entendeu? Eu não conseguia resistir enquanto eu pude. E o CD Player quebrou do carro ainda por cima, não funcionava bem.

Ficava cuspidando disco, às vezes funcionava, às vezes não funcionava. Aí cheguei a mandar por acertado, depois quebrou de novo. E hoje em dia eu ouço música mais jogando do celular pra algum dispositivo, ou no carro, em casa e tal.

Mas eu tenho.

Entrevistador:

Isso é curioso, né, Alexandre, porque você falou 2015, que é a data exatamente de entrada do Spotify no Brasil. Porra, não sabia não, olha só. Você assina o Spotify ou o equivalente?

Alexandre:

É, assino o Deezer hoje em dia. Assinava o Spotify antes, mas eu saí por causa do Neil Yang. O Neil Yang ficou curto lá por causa do maluco da Covid, que era contra a vacina.

O Spotify ficava botando um podcast desse cara aí. Aí o Neil Yang fez um... O Neil Yang saiu do Spotify, isso que ele fez.

Ele falou, pô, vou tirar minhas músicas dessa parada, que eu não fico junto com o cara. Se o Neil Yang for eu vou sair também, vou ter o Deezer.

Entrevistador:

Boa. Agora eu vou te perguntar aqui sobre a sua atividade na internet. Você não é, você...

Alô? Vou te fazer uma coisa, vou te fazer uma pergunta...

Alexandre:

Ei, travou aqui, Rafa, não tô ouvindo não, repete aí. Travou você.

Entrevistador:

Ah, peraí, deixa eu ver se mudou a rede aqui, peraí. Não, tá certa a rede, você tá me ouvindo ou não?

Alexandre:

Vou botar o seu áudio, peraí.

Entrevistador:

Ouviu, ouviu? Agora?

Alexandre:

Ah, agora foi.

Entrevistador:

Beleza. Queria te perguntar sobre a tua atividade na internet no que diz respeito ao tema música. Você costuma seguir perfis que tenham essa característica?

Você costuma publicar algum tipo de conteúdo com essa pegada? Como é que é?

Alexandre:

Não, não publico nada. Eu não sou muito de rede social, na verdade. Não uso, sei lá, Twitter, Instagram, até tem um aqui que eu fiz uma vez que eu precisei, mas não fico usando sempre também.

Porque eu uso mais a YouTube, assim, né, cara? No YouTube, sim. Consumo muita música pelo YouTube, entendeu?

Eu acho que é o principal. E assim, se você olhar assim, lá pro censo, né, tudo é internet, né? Quando você ouve uma música por stream no Deezer, no Spotify, também não tem jeito de ser internet, né?

Claro. Então, na verdade, o jeito que eu consumo música hoje é através da internet, né? Seja ouvindo por um desses aplicativos de *streaming* de áudio ou YouTube.

Basicamente são as duas plataformas que eu vejo.

Entrevistador:

Pode crer. Cara, então deixa eu te perguntar. Como é que...

Agora estamos entrando no segundo bloco da entrevista. Eu queria saber como é que você correlaciona o seu dia-a-dia, a sua rotina com a audição musical. Será que isso é possível?

Alexandre:

Pois é. Cara, geralmente o carro... Eu faço no carro, entendeu?

Porque eu trabalho longe pra cacete e passo um grande... Agora o meu momento de vida tá mudando, né? Porque eu vendi meu carro, não comprei outro ainda e eu tô querendo parar de ir de carro pro trabalho.

Porque, enfim, gasto de grana, tudo isso, gasto de gasolina e tal. Então é uma boa pergunta como é que vai ser daqui pra frente. Mas pode responder como é que é até agora, entendeu?

Até quarta-feira que eu vendi o carro, porra. É isso, cara. Ouvindo mais no carro, mas também ouvindo em casa, né?

Sem contar o que tocar e tal, não sei o que, né? Mas de ouvir em casa, mas assim, no dia que eu tô no trabalho, eu acordo, boto o som, entendeu? Acho que mais em momentos que eu tenho mais tempo livre, né?

Assim que eu posso me dar... Criar um ambiente, relaxar um pouquinho. Fora isso, mais no carro.

Mas como é, porra, só duas horas de carro por dia, eu posso dizer que eu tenho ouvido bastante música.

Entrevistador:

Você acha que a música te ajuda a desempenhar tarefa? Por exemplo, você usa a música pra estudar, pra ler ou não tem nada a ver pra você?

Alexandre:

Não atrapalha isso. Não, eu não consigo. Eu quero prestar atenção na música, então eu não consigo estudar, não consigo fazer nada.

Entendi. Mas você, porra, você vai malhar, aí você bota um toque-toque aí qualquer, entendeu? Mas até isso, assim, eu corri muito, né?

Durante muitos e muitos anos, né? Pude correr na praia. E só durante um pequeno período, assim, mais no começo, quando eu era bem moleque, que ainda tinha aquelas praias de iPod, iPad, né?

iPad Mini. iPod Mini, eu tinha o iPod Mini. Um cotoquinho branco, assim, ó.

Um negocinho branco que... Aí eu corria com isso. Cara, mas assim, não durou muito tempo, não.

Depois eu parei, entendeu? A não ser que esteja, por exemplo, na academia que eu estou indo tocar música, mas eu não tenho muita vontade. Pra fazer exercício, eu acho que vai.

Bota uma música animada e tu vai lá pra te animar. Mas pra estudar, outra coisa assim, eu não costumo botar, não.

Entrevistador:

Você é ouvinte de podcast também, não?

Alexandre:

Sim. Não assiduamente todo dia, mas já ouvi vários, muito interessantes.

Entrevistador:

Você acha que ele toma tempo da sua audição musical, por acaso? Uma excelente pergunta.

Alexandre:

É, acho que não tem como negar que sim. Porque... Inclusive, principalmente pelo fato de que é o mesmo suporte que você usa pra ouvir hoje em dia, música e podcast.

Então aquele momento que você tem pra ouvir aquele negócio, no meu caso, quando estou no carro, eu tenho que escolher, ou eu ouço música ou podcast. Entendeu? Ou rádio, por exemplo, que tem ali também.

Mas eu acho que sim. Eu acho que acaba competindo, sim.

Entrevistador:

E você costumou ouvir pensando na fonte, né? Se você ouve música pelo rádio, por disco, por acervo pessoal, por exemplo, mp3, ou plataformas de *streaming*. Hoje em dia você só escuta através de plataformas, do Spotify, do YouTube, ou você usa outras coisas também?

Na grande maioria.

Alexandre:

Mas tem algumas coisas que não tem lá também. Existe isso, sei lá. Não é que eu nunca ouço CD.

Muito raramente eu ouço. Entendeu? Mas, porra, sei lá, 90% pelo menos de plataformas.

Entrevistador:

Entendi. Aí assim, considerando o formato, o que você costuma ouvir? Você costuma exercitar audição por álbum, por *playlist*, por *single*?

Aí eu digo assim, muita gente ouve música... É como se fosse uma *playlist on demand*, né? Você bota uma música, aí depois você bota outra, depois você bota outra.

Eu chamo isso de *single*, né? Você não tem um formato pré-acabado antes. Como é que você costuma escutar?

Ah, vídeos do YouTube, esses novos formatos de vídeos de shows ao vivo curtos. Que tipo de formato você costuma consumir?

Alexandre:

Cara, geralmente assim, eu procuro alguma coisa que eu quero, geralmente. Não gosto muito que o bicho me indique, não. Isso me incomoda um pouco.

Entrevistador:

Ih, Alexandre! Deu uma travada aí no seu áudio. Alexandre, Alexandre!

Alexandre:

Dá um joinha aí se tu tiver me ouvindo.

Entrevistador:

Agora foi, agora foi. Fala aí de novo o que você estava falando.

Alexandre:

O que era mesmo, cara? Todos os formatos de audição, por *playlist*... Sim, eu estava falando que me incomoda o...

Eu não sei se é isso que você se referiu. Às vezes você escolhe uma música, quando você escolhe uma lista não, porque ele segue a lista. Ou quando acaba a lista, ou quando você escolhe uma música ou duas, ele automaticamente bota uma música que ele acha parecida com aquilo.

Isso me incomoda, não gosto disso não. Então geralmente eu vou pra uma coisa que eu quero ouvir. Por exemplo, sei lá, um amigo falou que esse disco é melhor, eu vou lá e ouço o disco.

Então, porra, hoje eu quero ouvir Celso Blues Boy, sei lá, eu vou lá e ouço Celso Blues Boy. Agora, o que mudou, e acho que a gente falou mais ou menos disso antes, é que nem sempre hoje, você acaba ouvindo discos, né? E eu também não...

Acabo também não fazendo isso, entendeu? Muitas vezes eu quero ouvir um determinado artista e boto lá um random dentro desse cara, por exemplo. Entendeu?

Dentro de um disco desse cara, ou dentro de uma *playlist* desse cara. Você tem novas coisas assim, que você pode fazer hoje em dia. Então acaba sendo esse formato.

E no YouTube, também, cara. No YouTube eu vou no que eu quero ver, entendeu? Eu boto...

Derek de Trunks, sei lá, coisa que eu acho que eu gosto. Pá! Entendeu?

Esse dos Beatles é agora maravilhoso, né, porra?

Entrevistador:

Ainda não, mas vou ouvir.

Alexandre:

Ah, hoje lançou um clipe, Rafa. Aquilo que eu te mandei ontem é um documentário e só a música, só com áudio, só um selo na tela. E hoje lançou um clipe.

Cara, meu irmão, esse negócio é seríssimo. Maravilhoso, cara.

Entrevistador:

Maravilhoso.

Alexandre:

Mas eu vou assim, eu vou no que eu quero. Isso eu pergunto objetivamente. Geralmente eu já vou sabendo o que eu quero ouvir, busco e dou play naquilo.

Entrevistador:

Agora me diz, você se sente, às vezes, congelado na frente do YouTube ou do Spotify? Tipo, ah, quero ouvir música, mas não sei o que é. Pode ser, talvez.

Alexandre:

No YouTube, talvez sim. Sei lá, mais ou menos. Não é uma coisa muito significativa.

É, não é muito, não. Mas eu entendo que pode acontecer.

Entrevistador:

Agora, queria fazer uma pergunta sobre um tema que você já introduziu, esses vídeos de shows curtos, tipo Tiny Desk e outros semelhantes. Eu considero isso um novo formato, análogo a um álbum, a uma *playlist*, com a vantagem, talvez seja exatamente esse o ponto norteador desse formato, que é você criar um espaço de um show gravado com qualidade em um tempo curto, que obriga o cara a sentar para assistir aquilo ali ao invés de ouvir a música e não prestar atenção nela. É um tipo de audição muito comum hoje em dia.

Agora, aí é que vem a pergunta. Fiz essa introdução toda para te fazer a seguinte pergunta. Agora, esse tipo de formato é um formato de linguagem de música ao vivo, não é?

Sim. O que você pensa, só posso fazer esse tipo de pergunta para quem é músico, como é que você pensa a linguagem fonográfica, que é um aspecto estilístico que a gente pode se lembrar que começou lá nos Beatles, na época do Sgt. Peppers, do Revolver, que são coisas que só foram criadas a partir da própria prática de estúdio. Isso de que maneira você acha que fica desvalorizado em função da baixa dedicação, baixo engajamento?

Alexandre:

Mas você fala de engajamento de parte do público, você fala?

Entrevistador:

É, do ouvinte, considerando o seguinte. Se esses vídeos do Tiny Desk são recursos para apreender a atenção, que as pessoas usam muito a música como um pano de fundo, será que a linguagem fonográfica fica de alguma maneira pouco valorizada, pouco relevante?

Alexandre:

Cara, eu vou te falar assim, pela minha experiência, o meu consumo de música. Eu não tenho tanto costume de ver esse formato que você está falando. Eu gosto muito do Tiny Desk, mas não vejo muitos outros.

Quem é mais que tem, sei lá, essas *lives* que tiveram de pandemia, mas eram coisas maiores, eu acho.

Entrevistador:

Demorava uma hora. Eu vou te mostrar até, tem um que é maravilhoso, chamado KEXP, é uma rádio de Seattle, eu acho muito bom.

Alexandre:

É tipo o Tiny Desk, que vão os caras lá no YouTube com vídeo e fazem um show de quatro, cinco músicas, é isso?

Entrevistador:

Eu diria que em muitas ocasiões é até melhor, porque tem mais espaço, é um estúdio mesmo, e aí eles fazem um ensaio ao vivo, gravado, entendeu?

Alexandre:

Minha resposta tem que ser o seguinte, não influencia muito no meu jeito de ouvir, porque eu não tenho tanto costume de ouvir esse formato como você está falando, entendeu? E eu quero acreditar que existe gente ainda que gosta de ouvir música, parar para escutar o negócio, e falar, pô, isso aqui é legal que o cara fez, e não só do oba-oba ali, de puxou e estendeu isqueiro, entendeu? Então assim, eu acho que a coisa do artesão ali do estúdio, vamos dizer assim, eu acho que isso ainda tem grande valor, até me assustou falando isso agora, porque se eu esquecer isso aí fodeu mesmo, porque aí vai virar tudo a Ludmilla no Chopin, né?

Entrevistador:

Tá bem. Você tem o hábito de criar *playlists*, meu amor? Nem que seja para o seu consumo próprio?

Não, eu já fiz algumas, mas não muito. Tá bem. Então olha só, vamos chegar aqui no último bloco da entrevista.

Eu queria te perguntar sobre um tipo de audição que eu costumo chamar de protagonismo da audição musical, que é o momento em que ela está em primeiro plano, mesmo que às vezes você pode estar até fazendo uma outra coisa em paralelo, é o momento que a sua atenção principal está voltada para a audição. Você se vê praticando esse momento?

Alexandre:

Sim, o tempo todo. Quase sempre que eu ouço música é assim. Acho que a sessão é fazer exercício, entendeu?

Depois botar uma música ali, que de repente você não está prestando tanta atenção, mas geralmente quando eu boto, eu presto bastante atenção na música.

Entrevistador:

Você acha que de alguma maneira esse momento, hoje, é mais frequente do que em épocas anteriores? Estou pensando nessa relação com a tecnologia de reprodução. Ou você acha que não?

Que é igual?

Alexandre:

Eu acho que não, mas parando para pensar, porque eu nunca nem pensei sobre isso, na verdade, mas tem a ver também com a nossa idade, a minha geração, quando eu escutava música pra cacete, em formato de vinil, de CD, por exemplo, às vezes eu tinha mais tempo, estava na escola só e tinha um tempão de tarde, entendeu? Hoje em dia correria pra caramba, às vezes você não tem tanto tempo para parar para ouvir, entendeu? Mas não que isso seja uma coisa de repente...

Eu quero dizer assim, a mudança do formato coincide com o nosso crescimento, nessa chegada da vida adulta. Então é difícil para mim separar as coisas, não sei até que ponto, se já fosse o suporte de hoje, quando eu era moleque, se eu não passaria o mesmo tempo prestando atenção e ouvindo música como protagonista, como você falou. É difícil de separar pelo nosso lugar de geração, entendeu?

Entrevistador:

Mas você acha que você ouve mais ou menos música com atenção?

Alexandre:

Eu acho que eu ouvia mais quando eu era moleque, mas também tem o seguinte, quando eu estava descobrindo as coisas, eu acho que nesse caso é mais pela minha questão de idade, então eu falei do tempo livre, e agora tem esse outro elemento que eu estou colocando, que é quando você está descobrindo, então quando eu descobri rock, ia rock pra caralho, é mais um disco do Led Zeppelin, esse aqui eu não conheço do Deep Purple, vou descobrir esse dos Beatles, aí comecei a ouvir jazz, porra, vou descobrir quem é o Charles Mingus, quem é não sei quem, então assim, esse é uma experiência, um processo, um momento em que você está dedicado àquilo. E hoje em dia, claro, não estou morto, às vezes a gente escuta coisa nova, mas não é a mesma coisa, você já explorou muita coisa daquilo que você tinha interesse. É difícil você chegar no universo, vou ouvir tudo disso aqui agora, você já meio que ouviu um pouco de tudo, e talvez se apegue mais a uma coisa ou outra, acho que tem isso também.

Entrevistador:

Entendi, entendi. Alguns itens aqui do meu roteiro você já respondeu de uma maneira ou de outra, por exemplo, quando eu te perguntei de que tipo de recurso você usa, você falou que você ouve quase sempre de plataforma de *streaming*, você também introduziu sobre a questão da sua prática de audição, você falou que muitas vezes você pega, escolhe um artista e bota para tocar aquele artista no rádio. Falou que muitas vezes quando você ouve um álbum inteiro é por indicação.

Sim. Eu queria te perguntar o seguinte, a qualidade de áudio é uma questão muito importante para você no momento da tua audição?

Alexandre:

Então, cara, é sim, mas eu não sou aqueles caras super rigorosos, porque tem gente que assim, qualquer mp3 o cara não quer ouvir, eu não tenho isso. O que me incomoda é você ouvir, por exemplo, uma música no celular, com alto-falante no celular, isso é bizarro para mim. Me incomoda nesse sentido, que às vezes as pessoas pela mobilidade ou vendem dispositivos que tem uma saída muito ruim.

Mas nós, por exemplo, a qualidade da música por ser *streaming*, se eu boto no som de casa, que eu faço Bluetooth aqui para o som de casa, eu acho ótimo, não me incomoda.

Entrevistador:

Entendi. Então, esse tipo de audição a gente pode dizer que acontece com você basicamente no seu *commute*, para o trabalho, no carro, e em casa. É uma audição automotiva e doméstica, vamos dizer assim.

Alexandre:

Sim, sim.

Entrevistador:

Legal. Cara, então assim, eu vou te fazer aqui a última pergunta, que é sobre a sua relação com o teu corpo no momento da audição. Se você se arrepia, se você começa a cantar junto, se você...

A tua relação pessoal, a tua... A forma como você age ou reage à música quando você está realmente ouvindo.

Alexandre:

É foda, né, Rafa? Tem de tudo, né, amigo? Muitas vezes, sim, toco uma música...

Dependendo do seu estado espírito também, né, cara? Se você está numa coisa mais animada, a música, cantar junto, muitas e muitas vezes, é uma reação muito normal. E a gente se emociona, né?

Pô, eu vi esse negócio dos Beatles aqui, vi três vezes seguidas e fiquei chorando aqui em casa, igual um bobão, entendeu? Sozinho aqui na sala, botei... Vi uma vez e fiquei, meu Deus!

Vi de novo e fiquei, meu Deus! Vi de novo e fiquei, meu... Fiquei assim.

Então, assim, é... Mas também no shopping, toda hora, né? Mas, assim, fico...

É aquilo que eu te falei na primeira pergunta, o negócio da mágica, entendeu? Acho que a música tem esse poder, a gente levar pra estados mentais, de espírito, de emoção, totalmente diferentes e me afeta muito nisso, entendeu assim? Agora, de coisa de física, corpo, assim, eu sou um cara que dança pouco, né?

Então, dificilmente a música vai fazer eu dançar, vai fazer eu, muito rara, cantar muito mais, entendeu?

Ana Maria Fugazzi

Escolaridade: ensino médio

Ocupação: estudante

Data de nascimento: 21/10/2005

Idade: 18

Entrevistador:

Então, essa pesquisa, ela tem, essa entrevista, ela tem três blocos. Normalmente leva, no máximo, meia hora. Então, ela é dividida em três bloquinhos.

O primeiro fala sobre a relação, sobre sua relação pessoal com música. O segundo, a gente vai tentar falar, mapear quais são os hábitos de audição musical. E, no último, a gente vai falar sobre um tipo de experiência de audição que a gente está mais detidamente interessado.

Então, eu queria pedir para você falar, com as suas palavras, qual é a importância da música para você, se você acha que, de alguma maneira, ela te define como pessoa.

Ana Maria:

Eu acho que, tipo, definitivamente me define como pessoa. Eu tenho muitas memórias ouvindo música desde muito pequena. Tipo, faz muito parte da minha vida.

Muito mesmo, assim. Porque, sempre, sempre estive lá. Eu sempre lembro muito de viagem de carro, conhecendo muitas músicas novas.

Muita música brasileira que minha mãe ouve muito. E depois, quando a minha mãe começou a namorar a esposa dela, tipo, me apresentou novas músicas ainda, tipo, mais. E eu sempre gostei muito.

Eu fiz muito tempo de aula de piano. Eu aprendi a tocar, mas eu era de violão sozinha. Fiz muito tempo de aula de canto.

Então, tipo, sempre foi muito, muito, muito presente. Eu gosto muito. Assim, para mim, é quase algo que leva para outra dimensão.

Entrevistador:

Legal. Essa relação com o instrumento, com a prática mesmo de canto, de instrumento, isso é uma coisa que veio de família ou foi um interesse particular seu?

Ana Maria:

Então, o meu avô, por parte de mãe, toca acordeão. Mas o único, assim. Ele toca acordeão, violão e canta.

Mas o resto dos filhos, ninguém.

Entrevistador:

Então, é mais de você mesmo, mais da sua pessoa mesmo. Eu estou vendo aqui na sua parede que aparentemente você tem alguns pôsteres e tal. Você costuma consumir, decorar a sua casa, o seu quarto com coisas com motivos musicais?

Com temas musicais?

Ana Maria:

Sim, com certeza. Eu adoro. Eu tenho, inclusive, coleção de vinil que no momento não estava no meu quarto.

Mas antes estava no meu quarto, porque eu amo.

Entrevistador:

Bacana. Então, você tem o hábito de colecionar vinil. Você escuta?

Eu estou me perguntando se você escuta, porque tem uma pesquisa que diz que quase a metade dos compradores de vinil não escutam os álbuns. Compram mais pelo símbolo cultural e tal.

Ana Maria:

Eu escuto. Ultimamente, nesse ano, principalmente, eu não tenho escutado. Porque o meu disco quebrou e eu não tive tempo de pesquisar para um realmente bom.

Porque o meu era meio mais ou menos, sabe? Então, eu estou esperando ter tempo de pesquisar para achar um bem bom para voltar a ouvir meus discos. Mas eu estou um tempo sem ouvir.

Mas eu ouço normalmente.

Entrevistador:

Legal. Agora, por que comprar vinil se... Bom, você não precisa do vinil do disco para ouvir música.

Hoje em dia, você pode ter tudo nas plataformas. O que é que te motiva a comprar vinil?

Ana Maria:

Eu não sei. Eu gosto muito da sensação de ter físico e estar ali tocando. E para mim, não sei, é muito surreal, porque é uma agulha que está tocando.

É isso.

Entrevistador:

Bacana. Bom, você é de 2005. Você está com 17, 18...

Ana Maria:

17. Vou fazer 18 esse mês.

Entrevistador:

Beleza. Então, você se lembra da época do mp3, por exemplo? Não, muito não.

Ana Maria:

Não. Assim, eu fiz logo no início, quando eu tive meu primeiro tablet. Porque eu tinha um tablet antes de celular.

Então, eu baixava música mp3, mas... Era um tablet, mas era modo mp3 para baixar, mas não durou muito tempo.

Entrevistador:

Foi pouco. Você se lembra que idade você tinha?

Ana Maria:

Eu estava... No sexto ano... Calma.

Acho que eu tinha uns 11, por aí.

Entrevistador:

Legal. Você é assinante de alguma plataforma de *streaming*? Ou sua família?

Ana Maria:

Eu uso o Spotify Premium.

Entrevistador:

Bacana. De respeito a sua atuação na internet, redes sociais, o blog... Você tem o hábito de postar coisas sobre música?

De seguir produtores de conteúdo associados à música? Como é que é isso?

Ana Maria:

Mais ou menos, eu acho. Eu normalmente posto... Eu gosto de postar letras de música, de vez em quando, mas eu não...

Não vai muito além disso. Eu não sei se eu sigo muitas pessoas que... Eu sigo alguns artistas, claro, mas...

Não sei se gente que realmente fala de música ou coisas do tipo.

Entrevistador:

Bacana. Você consegue me descrever como é o seu hábito de ouvir música na sua rotina?

Ana Maria:

Eu acho que eu ouço todo dia. Principalmente agora. Eu estou vestibulando.

E eu passo muito tempo na escola. Minha escola é integral. Então eu sempre estou ouvindo meio...

Indo para a escola ou voltando. Eu sempre estou de fone ouvindo. Então esse ano diminuiu um pouco.

Eu tenho ouvido um pouco menos. Mas mesmo assim... Para mim é o meu momento em que eu estou tranquila.

Entrevistador:

Legal. Você acha que a música de alguma maneira te ajuda a desempenhar tarefas? Por exemplo, você usa música para estudar?

Ou para malhar? Você acha que ela cumpre esse papel?

Ana Maria:

Com certeza. Eu usei por muito tempo música para estudar e funcionava muito. Ultimamente eu não tenho gostado tanto.

Então eu tenho estudado mais silêncio. O que eu tenho preferido. Mas eu amo fazer tudo ouvindo música.

Eu fico lavando louça. Eu acho que funciona muito.

Entrevistador:

Então assim... Você costuma ouvir música... Vamos supor assim.

Vamos pensar nos meios de audição musical que tem. Pensando em música gravada. Tem rádio, tem vinil, tem CD.

Poderia ter um acervo pessoal de mp3. Em plataformas de *streaming*. Você consegue me dizer de que maneira você escuta música?

Considerando esses meios de audição.

Ana Maria:

Plataformas de *streaming*.

Entrevistador:

Tipo, praticamente exclusivo.

Ana Maria:

Eu diria quase que exclusivo mesmo. Porque realmente eu estou sem toca-disco. Então tipo...

Totalmente exclusivo.

Entrevistador:

Entendi. Olha só. Eu vou te descrever uma situação.

Aí você vai me dizer se isso acontece com você. Então assim. Você chega, abre o Spotify.

Você falou que usa o Spotify. E de repente você não sabe o que ouvir. Como você lida com isso?

Isso acontece contigo?

Ana Maria:

Acontece muito. Ou eu procuro alguma coisa nova. Recomendada.

Pode ser. Sempre que eu fico em dúvida, eu faço alguma dessas três. Ou eu vou numa música curtida.

Nas minhas músicas curtidas. E boto meio aleatório. E vejo se eu gosto.

Ou vou num álbum que eu sei que vou gostar. Sabe? Que eu gosto muito.

E aí eu vou nele. Que eu sei que vai ser uma coisa boa. Mas eu sempre fico meio num dilema.

Eu sempre abro o Spotify e fico...

Entrevistador:

E agora? Então assim. Pelo que eu entendi, tem três saídas pra esse dilema.

Um é você botar nas recomendações do próprio Spotify. O outro é nas músicas já curtidas. Escolher alguma delas.

Outra é num álbum que você gosta. Legal. Deixa eu te perguntar.

Você então, de certa maneira, você acha que você confia nas recomendações da inteligência artificial, do algoritmo, pra te auxiliar a escolher? Ou você desconfia?

Ana Maria:

Eu desconfio. Eu não sei. Apesar de eu recorrer às vezes, na maioria das vezes, não sei.

Não é uma coisa que eu gosto muito. Ou, sei lá, é alguma coisa que eu ouvi numa época e ele me recomenda coisa parecida, mas que eu nem gosto tanto, sabe? Que eu só tava...

Ah, deixa eu ouvir isso aqui pra ver como que é.

Entrevistador:

Mas você acha que ele não acerta muito, né?

Ana Maria:

Não, acho que ele não acerta muito.

Entrevistador:

Legal. Você tem o hábito de criar *playlist*?

Ana Maria:

Não. Eu tinha, mas agora eu nunca crio. Eu vou no artista ou no álbum, normalmente no álbum que eu quero e escolho.

Entrevistador:

Tá, beleza. Então, vamos aqui pro último bloco da nossa entrevista. Eu queria falar sobre um momento, isso pode acontecer com você ou não, mas o momento é o seguinte.

Quando você tá com a sua atenção voltada pra música, não quando você tá ouvindo música em símbolo plano, tá? Você se vê nesse tipo de situação?

Ana Maria:

Sim, sim.

Entrevistador:

Você consegue me contar como é que é esse contexto? Como que acontece esse momento de conexão especial com música?

Ana Maria:

Normalmente, ou eu tô meio sentada e tiro essa cadeira, ou na cama, porque aí eu escolho me concentrar só na música, de fone, porque eu prefiro ouvir, pra isso eu prefiro ouvir de fone. Sei lá, é realmente transcendental, não sei se é

essa palavra, mas pode ser também. Porque tem música, inclusive, que você ouve fazendo outras coisas, depois você vai ouvir prestando atenção e você ouve coisa que você nunca ouviu.

Só os instrumentos que você nunca ouviu e é muito surreal, é muito incrível.

Entrevistador:

Então você acha que esse momento sobre o qual a gente tá falando agora, você acha que ele acontece de surpresa, assim, ou é uma coisa que você controla? Não, agora eu vou ouvir. Ou não, tô aqui distraída fazendo uma outra coisa, aí de repente ele acontece.

Ana Maria:

Eu acho que pode ser um pouco dos dois. Mas eu acho que eu, pelo menos pessoalmente, tendo a escolher. Vou sentar e prestar atenção.

Porque eu sou muito distraída.

Entrevistador:

Entendi. Então, pelo que você tá dizendo, isso sempre acontece com plataforma de *streaming*, pelo menos nesses últimos tempos, pelo que você tá descrevendo, você só tá ouvindo através do Spotify, né? Mas e antes, com vinil?

Você fazia isso com vinil?

Ana Maria:

Fazia também. E com vinil é ainda mais, né? Porque você tá escolhendo, você bota ali o vinil, e aí normalmente eu botava e não ia fazer outra coisa, eu botava pra ficar só ouvindo música, então eu até sentia que eu ouvia mais, sabe?

Porque aí você não bota, eu vou botar aqui, vou ouvir e fazer outra coisa. Eu realmente botava vinil e ficava curtindo o vinil.

Entrevistador:

Legal. E aí assim, me diz, você acha que pra esse momento acontecer é muito importante ter uma qualidade de áudio melhor?

Ana Maria:

Eu acho que sim. Acho que sim.

Entrevistador:

Você prefere estar com fone, né? Dá a sensação de que isso é importante pra você. Quando você vai ouvir com atenção, você costuma usar, você costuma ouvir mais músicas isoladas, que você vai selecionando uma atrás da outra, ou você prefere ouvir *playlist* ou álbum, ou mesmo daquelas rádios do Spotify, que você bota no artista e toca...

Ana Maria:

Sim. Normalmente, quando eu quero prestar mais atenção, é porque eu vou sentar, parar e ouvir um álbum, sabe? De início ao fim.

Não é sempre, mas normalmente é isso. E eu adoro, porque aí eu ouço exatamente como foi planejado, né?

Entrevistador:

Legal. Você consegue me dizer se isso acontece com frequência contigo ou é uma coisa, sei lá, muito de vez em quando?

Ana Maria:

Não tem acontecido tanto, mas... Acontece frequentemente, mas ultimamente eu tenho ouvido mais música pra fazer junto, coisas, mesmo assim não me desconectar com a música.

Entrevistador:

Entendi. Aí me diz, quando você está nesse momento, você se arrepia? Você canta junto?

Você fica super concentrada? Consegue descrever como é que você fica nesses momentos?

Ana Maria:

Se é uma música que conheço, eu canto junto, com certeza. Eu gosto muito. Sempre que eu estou ouvindo alguma coisa, eu fico cantando.

E... Se não... Se eu não conheço, eu fico muito concentrada.

Eu normalmente me arrepio mais em coisas ao vivo, tipo show e essas coisas ao vivo. Não me arrepio muito ouvindo. Não fico arrepiada, claro.

Fico emocionada, só não fico arrepiada.

Entrevistador:

Entendi. Cara, é isso. Super obrigado.

Valeu mesmo. Se você se lembrar de alguém que tenha um perfil parecido com o seu, que tenha uma super conexão com música e que tiver disponibilidade para dar uma entrevista, eu vou super aceitar. Tá bom?

Ana Maria:

Eu vou pensar e qualquer coisa eu te mando.

Entrevistador:

Muito obrigado, tá?

Ana Maria:

Muito obrigada e você.

Entrevistador:

Tchau, tchau.

Antonia Schiavio

Escolaridade: graduação

Ocupação: jornalista

Data de nascimento: 09/11/1984

Idade: 39

Entrevistador:

Gravando, tá? Pronto. Então, Antonia, as perguntas que eu vou fazer dizem respeito à sua relação com música.

Então, eu queria saber se você consegue me contar como é essa tua relação com música, se você acha que, de certa maneira, a música é uma marcação de

identidade pessoal sua. Então, se você puder me contar nas suas palavras, como é isso para você?

Antonia:

Então, eu, desde pequena, eu gostava muito de música. Eu, na casa dos meus avós, sempre, eu chegava na casa deles, sempre tinha música na vitrola, ou eles estavam conversando sobre alguns discos, alguns CDs, mais tarde. Meu pai é uma pessoa que ouvia o disco inteiro, nas minhas visitas, em barbia, em casa.

Então, eu sempre fui inspirada e cresci um pouco com música. Isso, eu acho que me influenciou, mas eu também tenho interesse com música, também, meu. Então, eu me interessava por ver os impactos dos discos, procurar saber sobre as músicas.

E eu acho que, nesse ambiente, eu peguei influência das pessoas. Música MTV, a samba do meu pai, rock do meu tio, MTV também, música internacional, bolero, etc., da minha avó. Então, tudo isso me influenciou para que eu fosse uma pessoa interessada em discos.

Entrevistador:

Bacana! Você falou sobre discos. Você tem ou teve o hábito de colecionar discos?

Antonia:

O meu pai colecionava discos, e esses são discos guardados até hoje. Desde aí, não escuto mais, mas eles estão todos ali. A minha avó escutava um monte de discos, ela tinha duas vitrolas de discos.

Quando eu vi meu pai, eu falei, ele tinha um quarto só para isso. Era o quarto da televisão e da vitrola, do equipamento que ele tinha, que era o equipamento de ônibus. Na casa da minha avó também, eu pegava os discos, lia os encartes, colocava os discos.

Entrevistador:

Você, pessoalmente, tinha esse hábito de colecionar discos?

Antonia:

Eu não, eu ganhava alguns discos. Eu comecei no ano 80, então minha avó ganhava discos. A vitrola do meu pai.

Entrevistador:

Mas você tinha o hábito de fazer download, por exemplo?

Antonia:

Eu fazia muito, muito download. Tinha muita, muita coisa.

Entrevistador:

Mas quando você fazia um download, qual era o seu critério? Você buscava pelo quê?

Antonia:

Isso já você está falando nos anos hoje, não é?

Entrevistador:

É, estamos falando aqui de um hábito de fazer download de música. Como é que você costumava fazer isso?

Antonia:

Eu ficava... Se fosse uma música mais da contemporaneidade, daquela época, eu buscava. Se nada estava muito, eu buscava.

Porque eu queria ter aquela música para que eu pudesse ouvir como eu quisesse. E às vezes de memória. Músicas que eu ouvia antigas, sambas antigos, ou MTV Rock, eu buscava.

Entrevistador:

Mas era uma coisa mais voltada para a música em si, não para um algo, vamos dizer.

Antonia:

Não, voltada para essa música. Eu queria que uma música eu procurasse. Mas, por exemplo, eu gosto muito de Nirvana.

E eu queria ter os discos, os CDs. Então eu procurava na ordem e fazia uma baixa. Quando eu queria fazer a baixa, eu puxava na ordem.

Se não, eu apenas nomeava samba ou rock e colocava a música dali.

Entrevistador:

Então quando você tinha um interesse específico por um artista, você tinha o hábito de fazer esse exercício, de fazer o download do disco inteiro.

Antonia:

Eu fiz o download do disco e o final receita.

Entrevistador:

Legal. E fora discos, você tem o hábito de comprar produtos com temas musicais? Por exemplo, camisas, pôster, livro?

Antonia:

Eu tenho bastante referências na minha casa de música. Tanto de pôster, também de ímã de geladeira. Camisas de banda, até mesmo que eu gostaria, mas tem...

Entrevistador:

Entendi.

Antonia:

Eu me identifico.

Entrevistador:

E assim, na internet você costuma interagir, você segue pessoas que têm como tema a música, artistas, você tem esse hábito?

Antonia:

Eu uso poucas redes sociais. Seria o Instagram e o YouTube. De vez em quando eu olho o Twitter, imagino mais que uma boiada.

Mas nessas plataformas eu tenho alguns artistas que eu gosto e que eu sigo.

Entrevistador:

Ah, legal. Interessante.

Antonia:

Gostaria de fazer isso mais com bandas, não. Conhecer e tal, mas tem que fazer isso mesmo.

Entrevistador:

Bacana. Você assina alguma plataforma de *streaming*?

Antonia:

Mais de música, né?

Entrevistador:

Sim, estou falando de *streaming* de música.

Antonia:

Spotify.

Entrevistador:

Mas que você assina?

Antonia:

Spotify.

Entrevistador:

Spotify, né? Legal. Vou te perguntar um pouco mais sobre os seus hábitos de audição.

Você costuma ouvir música de que forma? Quando eu pergunto isso, eu estou pensando assim. Você costuma ouvir rádio?

Você ouve um disco de vinil? Você ouve um CD? Ou você ouve músicas que você baixou um dia?

Ou você usa mais plataformas de *streaming* mesmo?

Antonia:

Sim, claro. Eu gostaria de ouvir mais discos, mas não, eu ouço mais Spotify, porque eu lembro, às vezes eu lembro de uma música, de um artista, eu coloco e aí eu ouço. Ou, de repente, eu descubro que há uma via e eu ouço mais.

Entrevistador:

Mas dentro lá da plataforma, você bota para tocar uma música e aí você assume o controle dessa experiência ou você deixa que o algoritmo escolha as obras para você?

Antonia:

Eu acho que eu procuro, eu tenho vontade de ouvir certa música, certa artista, e eu meio que controlo isso. Mas tem vezes que a plataforma me sugere, às vezes quando eu estou distraída, e aí entra uma música que a plataforma me sugeriu. Na maioria das vezes ela acerta, às vezes eu conheço algo com isso.

Entrevistador:

Então você gosta desse comportamento? Você acha que a plataforma acaba acertando?

Antonia:

Então, ela acaba então executando. Tem vezes que ela coloca um artista que eu não estou gostando ou até posso gostar, mas o que eu digo agora? E ela estaria um pouco o padrão que eu estava tentando seguir.

Eu acho que, às vezes, não é bom.

Entrevistador:

Mas qual é o seu... Desculpa, pode falar.

Antonia:

Eu descobri coisas novas. Às vezes falo algo que não estou gostando e aí eu acho positivo. Acho que não é...

A plataforma não acerta de sempre, mas às vezes ela anda por coisas que eu acho interessante. São dois.

Entrevistador:

Entendi. O que eu ia dizer aqui? Você sempre sabe o que você vai escutar ou tem ocasiões que você não sabe?

Se você não sabe, como é que você lida com esse momento de não saber o que vai ouvir?

Antonia:

Olha, eu acho que eu sei o tempo do vídeo. É muito difícil, porque nem se eu não saiba exatamente, eu sei o lógico. Então, eu vou procurando essas ideias que eu gosto e acabo curtindo a experiência.

Entrevistador:

Sim. Aí eu te pergunto. Você tem, você percebe que a música, ela...

Existe uma relação entre música e a sua rotina pessoal? Como é que ela se encaixa no teu dia a dia?

Antonia:

Eu acordo, jogo um podcast. Quando eu vou para a academia, eu ouço música. Na academia, eu ouço música.

Voltando para casa, ou eu vou botar uma música no podcast, sempre estou ouvindo alguma coisa. E... Eu acho que é também padrão.

Por exemplo, quando eu estou na academia, eu procuro ouvir rap, rock, algumas músicas americanas, mas... Rock também. Muitos temas de energia, eu acho.

Entrevistador:

Entendi.

Antonia:

Na minha volta para casa, eu coloco samba, MTV, até rock de repente, mas... Varia.

Entrevistador:

Não, interessante. Então, você percebe até que existe uma relação entre o gênero e o momento do dia, até, não é?

Antonia:

Sim, acho que sim.

Entrevistador:

Então, você diria que a música acaba te ajudando a desempenhar algumas tarefas no seu dia a dia?

Antonia:

Sim. Não só tarefas, mas também motivação.

Entrevistador:

Sim.

Antonia:

Eu associo a música à motivação.

Entrevistador:

Bacana. Você tem o hábito de criar *playlist*? Não.

Então, quer dizer, você... Não é uma coisa que você...

Antonia:

Eu adoro ter o hábito de fazer, porque eu acho que eu tenho talento para isso, modéstia e paciência. Eu não tenho muita paciência. Eu simplesmente escolho a música que eu quero e vou escolhendo.

Então, eu acabo não fazendo *playlist*, mas eu gostaria de fazer. Acho que uma hora eu vou fazer.

Entrevistador:

Tá, bacana. Olha só, agora a gente vai entrar aqui numa terceira sessão aqui da nossa entrevista, que eu quero falar sobre um tipo específico de experiência, que é aquele momento no qual você está profundamente conectado à música. Então, as perguntas que eu vou falar agora, elas estão mirando nesse momento.

Se é que ele acontece para você. Você se percebe experimentando esse momento? Consegue descrever quando esse momento ocorre?

Em que contexto?

Antonia:

Você pode repetir, por favor, a última frase? Entendi muito bem.

Entrevistador:

É, eu estou... Agora a gente está falando sobre um momento de um vínculo especial com música. É um momento aquele...

É aquele momento que não necessariamente ele está atrelado a alguma outra atividade, mas sim um momento em que você está totalmente focada na música. Você percebe que isso acontece?

Antonia:

Claro. Às vezes eu estou sentada e eu coloco um clipe no meio de uma canção da música. Às vezes eu corto a minha música, fico livre, não estou fazendo nada, fico ouvindo, pergunto a música.

É esse o momento.

Entrevistador:

Então, você diria que esse momento especial de certa maneira ele precisa de algo além do áudio em si?

Antonia:

Não. Eu vejo o clipe, escuto a música, está legal. Só que não, eu posso estar na cama sem fazer nada, sentada e colocar a música e curtir.

Pode ser. Eu gosto. Eu quero ouvir a música e sair livre.

Pode.

Entrevistador:

Você acha que esse momento que a gente está falando aqui, ele acontece de uma forma espontânea? Tipo de surpresa, que te surpreende quando ele surge?

Antonia:

Ele é espontâneo, mas às vezes eu tenho vontade de fazer isso.

Entrevistador:

Você acha que você induz esse momento ou ele acontece do nada? Bacana. E aí, quando isso acontece, você deve estar usando, pelo que você falou, as plataformas de *streaming* mesmo, no caso o Spotify.

Antonia:

Sim. É porque eu tenho acesso na hora. Mais rápido, eu acho.

Entrevistador:

E aí, quando isso acontece, você diria que essa conexão especial vai acontecer quando você está escutando músicas isoladamente ou é um disco? Você percebe que isso acontece quando você está acessando uma *playlist* específica, um disco específico, ouçam músicas de forma isolada?

Antonia:

Olha, eu acho que isso acontece porque eu lembro de uma música e eu tenho vontade de ouvir essa música. Então, eu coloco ela, tenho imunidade e curto ela. E essa música vai levar a outra.

E até o Genesis, eu vou lembrar uma coisa que vai levar a outra. É isso. Legal.

Entrevistador:

Entendi. Você diria que é importante para você a qualidade do áudio? Ou assim, você mesma se colocou no momento em que você está ouvindo no quarto e tal, do próprio celular.

Como é que funciona esse tempo?

Antonia:

É claro que não importa muito. Mas, em momentos assim, eu acho que não. Me bate com uma qualidade de ok.

Entrevistador:

E a qualidade do celular mesmo não é um empecilho para que você consiga ter essa experiência mais conectada? Não. Beleza.

Você acha que esse momento especial tem alguma relação com o espaço físico? Algum momento do dia? Uma situação?

Antonia:

Não. Geralmente, isso acontece quando eu acordo. Eu acordo pensando em uma música.

Um disco ou uma música. Totalmente contando. E aí, eu quero ouvir.

Mas, de vez em quando, sim. Às vezes, acontece de tarde. Às vezes, acontece quando eu estou caminhando.

E as pessoas me veem. Eu acho que é uma coisa... Pode ser mais ou menos quando eu acordo.

Mas, quase todos os dias, não é?

Entrevistador:

Você diria que esse momento de conexão especial ocorre com frequência? Com que frequência ele ocorre? Você acha que hoje isso ocorre com menos frequência do que no último momento da sua vida?

Antonia:

Eu acho que acontece com frequência boa, mas com menos frequência do que quando eu não tinha o celular toda hora, várias demandas, e quando a vida era muito tranquila. Eu acho que menos... A vida era menos conectada, eu acho.

Tinha mais disponibilidade para mim.

Entrevistador:

Então, tentando traduzir o que você falou, você acha que o fato do celular ser a fonte da sua audição e ele estar conectado com outras coisas acaba te atrapalhando? Essa conexão especial com o músico.

Antonia:

Ah, sim. Tem muitas demandas de se levantar.

Entrevistador:

Então, falando mais especificamente sobre o seu comportamento nesse momento de conexão especial, você costuma se arrepender... Eu vou falar algumas coisas, só para sugerir comportamentos, mas você usa isso só como inspiração, e aí você fala como é que ele acontece, tá? Você costuma se arrepiar quando isso acontece?

Você fica somente ouvindo a música ou você busca algum conteúdo específico sobre aquele artista? Você costuma cantar junto, dançar, ler a letra? Ou você faz alguma outra coisa?

Como é que é? Se você fosse descrever.

Antonia:

Se eu fosse descrever... Eu falo... Ah, eu tenho uma dúvida, canto junto, com certeza, eu procuro...

Eu não sei do artista, porque eu não tenho vários recursos para ver mais.

Entrevistador:

Naquele momento?

Antonia:

Não, no caso...

Entrevistador:

Tá, então essa é outra coisa.

Antonia:

Mas eu vou procurar. Isso eu não sei, porque sempre que eu gosto muito de uma música, eu me conecto com a música, ou eu gosto da letra, em prática, muitas vezes eu amo a letra também, então com esse artista... Se isso, já era nem isso, eu me conecto aí, eu vou pensar mesmo.

Entrevistador:

Queria te perguntar se você conseguiria me mostrar esse momento agora? Se você fosse me dizer quando eu me conecto, poderia ser com essa música, e aí eu queria ver o que você faz para isso, como é que você tentaria induzir esse momento?

Antonia:

Agora? É. Deixa eu pensar.

Entrevistador:

Não, não pensa, faz. Me mostra como seria, escolhe uma música... Agora? É, se você puder. Pega.

Antonia:

Uma música que eu já conheço.

Entrevistador:

Como você acha que seria um momento de conexão especial com música, como é que você faria? E se você puder descrever o que você está fazendo, seria bom.

Antonia:

Eu agora, por exemplo, eu tive uma festa de menina aqui no condomínio e eu participei... Eu participei de fazer um serviço, né? Eu coloquei muitas músicas na festa de serviço.

E algumas dessas músicas que eu coloquei, eu senti uma conexão com a música, com o arrepio, fiquei na maleta e tal. E tem uma música específica, que é uma música da Bethânia, que é... Na verdade, não é da Bethânia, né?

Mas ela canta, que é festa. Eu acho que é festa, não sei se estou me enganando. E eu fiquei muito envolvida nessa música, ouvindo muito, muito a música e coloquei uma conexão com essa música.

Entrevistador:

Isso, vai descrevendo o que você está fazendo, por favor.

Antonia:

Aí eu venho aqui no Wi-Fi e procuro, né?

Entrevistador:

O que você fez? Você clicou no botão de busca?

Antonia:

Cliquei no botão de busca. E aí eu vou procurar a música. Deixa eu falar o nome da música.

A música que fez a festa. Qual a música?

Porra, não?

Antonia:

Essa, essa. A música é festa e a Bethânia que canta. Tá bom.

Não tem que escolher a música, a gente tem a música. Vai lá no Wi-Fi. É só colocar a música.

Entrevistador:

Bota a música.

Antonia:

Coloquei.

Entrevistador:

E aí o que você... Como é que você curtiria essa música?

Antonia:

Aí você vai saber como que eu esperava.

Entrevistador:

É, se você se lembrar, se você...

Antonia:

A primeira vez que eu ouvi a música, eu fiquei muito envolvida com o ritmo da música e com a letra da música. O que falava na música que tocou, o refrão, eu acho emocionante. E eu fiquei com a letra da música.

E eu fiquei ouvindo ela em louco.

Entrevistador:

Legal. Bom, Antonia, é isso então. Agradeço você pelo seu tempo, tá?

E conforme a pesquisa for tendo andamento, eu te informo.

Antonia:

Muito obrigada.

Entrevistador:

Obrigado, boa noite.

Bruno Druet

Escolaridade: graduação

Ocupação: designer

Data de nascimento: 14/10/1976

Idade: 47

Entrevistador:

Deixa eu te falar, a nossa entrevista aqui, eu estava te explicando aqui, antes da gente começar a gravar, qual é o nosso recorte da pesquisa. E essa entrevista

aqui, ela tem três blocos, vamos dizer assim. No primeiro bloco, a gente fala sobre a sua relação pessoal com música.

No segundo bloco, a gente tenta falar um pouco sobre os seus hábitos de audição. E aí a gente encerra com um tipo de experiência mais específica, a gente está interessado. Então, assim, via de regra, meia hora, mais ou menos isso aí.

Então vamos lá. Como é que você qualificaria a importância da música para a sua vida? Você acha que de alguma maneira ela te ajuda a formar a sua identidade pessoal?

Bruno:

Sem dúvida. Acho que a música, cinema e literatura são três pilares para mim. O design acaba sendo um recorte, uma consequência disso.

E a música, principalmente, acho que a música evoca experiências muito singulares. Acho que o cinema também, a literatura também. Mas na música, acho que foi pela música que comecei a me ver como sujeito mesmo.

Acho que ela ajudou a construir minha identidade. Acho que mais do que os outros eu não sei, mas com muita relevância, porque na música é onde eu mais investi grana. Parava de comer no lanche, minha mãe me dava um dinheirinho lá para comprar hambúrguer.

Eu não comia nos recreios, para comprar disco.

Entrevistador:

Aí, nesse caso, vinil, ou não? Nesse caso, era vinil ou já era...

Bruno:

Vinil, não. Vinil. Não sei se você conhece o Felipe Kaiser, que também é doutor em...

Só que ele fez pela ESD. Ele me chamou para fazer uma palestra sobre design e música, e eu falo um pouco sobre essa relação. Tenho memórias muito marcantes das minhas idas à loja de disco.

Antigamente não tinha essa coisa de loja especializada, nem sabia o que era. Mas eu entrava para viajar nas capas, e óbvio que aqui no Brasil era mais difícil uma criança ficar pedindo para manipular o som. Então, comecei a comprar disco pelas capas e comecei a gostar das músicas pelas capas, que eu gostava. E isso foi muito maneiro, porque às vezes... Eu gostava das capas do ACDC.

Todos os que tinham desenhos, ilustrações, essas coisas, me deixavam muito... Então, Pink Floyd, ACDC, Iron Maiden, essa coisa do metal ali no final... No começo dos anos 80 era muito forte.

E eu achava o máximo, ficar vibrando com aquelas capas e depois comprar o disco. Mas eu era muito pequeno antes. Todos os discos que eu gostava, eu acabava não comprando, eu comprava um ou outro.

Mas sim, eu acho que, voltando à sua pergunta, acho que a música, pelo grau de investimento que eu tive na vida, de relação à música, é talvez muito formadora da minha identidade mesmo. Não tem como me dissociar.

Entrevistador:

Acho interessante também você falar sobre o investimento de grana. Você sempre consumiu, para além do suporte, o disco e tal, você sempre consumiu outros produtos com temas musicais, por exemplo, camisa, pôster, livros, objetos decorativos?

Bruno:

Revista. Revista? A música, cara, era impressionante.

Porque música tem um universo muito amplo, você tem que ler, não tem como. Eu, pelo menos, sempre achei que tinha que ler, ouvir, óbvio, é o básico, mas tinha que ler sobre música, entender por que você gostava das coisas, fazer suas conexões. Música tem um universo de conexões muito avançado, por conta de milhares de estilos e subestilos.

Não dá para entender tudo. Você vai começando a conectar as coisas lendo. Então, revista de música, mas camiseta menos.

Acho que, assim, pôster. Pôster? Talvez, mas nunca comprei muito.

Tem um pôster gigante ali do Primal Screen, tem quase 1,5m, 1,80m.

Entrevistador:

Grande, é bonito.

Bruno:

É de um designer que gosto muito, Julian House. Lá na sala tem muitos pôsteres, coisas ligadas à música, principalmente com assinatura. Camisa e pôster menos, mas, com certeza, disco e revista.

Entrevistador:

Bacana. Você, assim como eu, a gente pegou... Se a gente for considerar que, a partir de 1948, surge o vinil.

De lá para cá, a gente pegou essa transição do vinil para o CD, do CD para o mp3, do mp3 para as plataformas de *streaming*. Você consegue tentar me contar, de alguma maneira, como é que era a relação com esses universos diferentes, com esses suportes, que, a partir de um certo momento, a gente disse que era um suporte para ser música digital.

Bruno:

Eu acho que uma revolução mesmo, pra mim, que eu vivi, veio do cassete, com Walkman. Quando você começa a personalizar e tornar a experiência da música dentro do seu cotidiano e isso para mim foi uma mudança radical em tudo. O formato vinil é um formato bacana, porque, primeiro, pelo tamanho do disco, as capas, o álbum, você abrir, aquela coisa do vinil, você mergulhar naqueles universos gráficos também, enquanto escutava o disco, era muito maneiro. Mas acho que o cassete foi um meio radical de popularização de música, e de comportamento em torno da música.

Quando a música se torna, entre aspas, atitude. Acho que graças a essa relação, o Fita Cassete e o Alckmin. Por quê?

Porque no Fita Cassete você fazia fitinha... Eu gravava programas de rádio e também ficava depois gravando dos discos que os amigos emprestavam. Isso era muito moleque, a relação era meio doentia mesmo.

E depois ficava escutando. É um negócio que eu acredito que tenha sido o grande formato para mim. Criança, jovem, pré-adolescente, em busca de uma identidade.

Acho que foi isso.

Entrevistador:

Re-significação daquele conteúdo ou de uma apropriação. Você acha que é por aí?

Bruno:

Acho que sim, porque o conteúdo quer ser difundido. O cassete traz essa coisa da fitinha pirata, que não é pirata, ninguém tinha muita consciência disso. Mas a maneira como você trocava e fazia as suas fitinhas, o preço que aquilo custava...

Eu tinha umas paixonites, fazia umas fitinhas para menina que eu gostava. Nunca ficava, mas eu comprava uma fita cassete que eu achava ótima, de ótima qualidade. Resolvia lá contar uma história através da música.

Para um amigo, eu falava pega essa fita qualquer, escuta essa parada, grava para mim. Tinha umas coisas assim. E o cassete também proporcionou uma coisa que era muito maneira, que era a coisa do manuscrito.

Fica muito personalizado. Então, acho que é um formato que não dá para a gente ignorar como um formato revolucionário. E óbvio que o mp3 se torna revolucionário também.

Mas... num outro lugar, num lugar de muitas revoluções acontecendo ao mesmo tempo, simultaneamente, que a revolução digital proporciona, que é uma re-materialização das coisas, a partir de uma coisa muito pouco material, que são os bits e bytes e algoritmos. E é curioso como, em termos de formato, o mp3 chega com tudo.

Eu acho que... sei lá, acho que foi em 2000 e... não, 1998, que eu escutei meu primeiro mp3, e falei “prefiro meus discos”. Sei lá, era meio difícil, entraram uns grupos de discussão e a conexão não era tão boa, era meio difícil assim. Mas depois que a banda larga começa a se tornar presente, esse é um formato que acaba vindo demais. E o streaming como uma resposta do capital a essa troca.

O capital organiza, centraliza, cria as leis e processa lá o criador do mapa, certo? E o outro... mas ali naquele momento que o Napster, que o criador do Napster é processado, o mp3 já estava em outro lugar, porque era uma galera que garimpava vinil, graças ao SoulSeek, e botava as coisas mais raras possíveis.

Eu tinha uma coisa de grupos de SoulSeek ali, de canais de SoulSeek ali, que eram umas coisas muito, muito obscuras, diferentes. E é engraçado que aqui no Brasil a gente tem dois discos que sempre foram quase lendas urbanas, três discos, né? E com essa revolução digital, ficou muito acessível e ajudou a moldar muita coisa depois. Que foram os dois “Tim Maia Racional” e o “Paêbirú” do Lula Côrtes com Zé Ramalho, disco caríssimo e extremamente raro. E isso era maneiro porque “caraca, eu tô escutando essa parada aqui”. Todo mundo falou, alguém falou alguma coisa.

Sabe? Isso acontecia, e era verdade, porque o Prince, com o Black Album lá, que foi o grande *bootleg* da história do pop, não era lançado porque o Prince não queria, e porque ele até achava uma das melhores obras dele, mas como teve a treta lá com a gravadora, ele não queria deixar ser lançado de forma alguma. Os *bootlegs* tinham essa cultura, e o mp3 acaba também trazendo um pouco essa cultura do *bootleg* ali, para uma galera que gostava de música, e ele vai se tornando meio difundido ali, numa camada mais “mênsil”, num outro lugar, as mesmas músicas e tal.

Qualidade péssima, mas as pessoas iam lá e consumiam. Então tinha aqueles *pendrivezinhos* que você colocava, aqueles *players*, isso tinha o iPod também, que eu não desmereceria essa importância, mas eu também não coloco todo esse peso na questão do iPod como mídia. Acho que tinha outras mídias na época, até porque a galera ouvia a música no computador, mp3, muito no computador, Winamp, aquelas coisas.

Mas eu acho que o Cassete foi muito revolucionário, em termos de uma série de coisas.

Entrevistador:

Você colecionava Cassete?

Bruno:

Eu estou reformulando essa estante aqui, tem algum lugar, eu tenho algumas sobras de Cassete e VHS também, com shows e tal, era uma engraçada. Ia para a loja de discos, não tinha dinheiro para comprar os discos, aí o cara da loja fazia umas gravações para você. Tinha que pagar o aluguel, tinha tanto de shows, até Cassete.

Então me lembro que eu ia numa loja de discos que tinha uns EPs super obscuros do My Bloody Valentine, o cara gravava nos cassetinhos e cobrava lá. Hoje devia custar uns 20 reais cada Cassete.

Entrevistador:

Se eu entendi, está me parecendo que você dá bastante valor a essas coisas que você garimpou e tal, que você construiu, que você puxou, ressignificou e tal, mais até do que, por exemplo, um álbum que você comprou de um determinado artista especial?

Bruno:

Comprar um álbum era o auge, mas só que a vontade de escutar música era maior do que a capacidade financeira de comprar álbum. Para comprar o álbum, tinha que entrar num panteão da grana que tinha para poder escutar aquele álbum e comprar aquele disco. Mas o álbum tinha uma função maior.

O que o Cassete traz e os outros formatos, mp3, é mais um lugar de falar que eu posso escutar isso também. Não era uma coisa... Na música, como em qualquer expressão artística, tem muita gente blasé, muita gente metida.

E a gente viveu uma época em que ser metido, ser descolado, ser blasé era maneira para caramba. Tentava ser também. Hoje em dia é muito menos.

As pessoas não são. Elas não querem ser. Elas até ficam putas com quem fica com essa postura.

Ter esse acesso era muito bom, mas comprar o disco era um auge. Consegui esse disco aqui. Para mim, era sempre um momento de conquista.

Entrevistador:

Você é assinante de plataforma de *streaming*. Qual a plataforma que você assina? Deixa eu fechar a janela que as crianças estão gritando para caramba.

Bruno:

Cara, eu sou assinante... Eu já fui assinante de todas. Não dá para ter tudo.

Mas eu fui assinante do Spotify na época em que o Spotify não tinha no Brasil. Eu tinha que usar uma VPN para usar, porque era muito melhor do que os concorrentes. O Spotify.

Mas eu consumo hoje em dia três assinaturas. Eu cancelei a Music, mas eu pago... As três plataformas que eu mais uso são, sem dúvida nenhuma, o Tidal, que é uma plataforma muito similar ao Spotify, porém tem a vantagem da qualidade do áudio ser superior.

Entrevistador:

Sim.

Bruno:

Eu gosto muito do SoundCloud, que é uma que eu acho fundamental para quem gosta do edit de um cara, ou de algumas coisas raras que só tem vinil e as pessoas jogam lá, não sei o quê. Eu sigo algumas lojas de discos que tem conta no Spotify, umas lojas no Japão, coisa mais experimental. Descubro muita banda ali, sabe?

Uma coisa boa. Música do mundo, uma coisa que é muito... O pop também deixa tudo muito fechadinho.

Ele junta muita gente, mas em torno daquela linguagem. Escutar música de tudo quanto é lugar do mundo, o SoundCloud é muito bom. Recentemente reabri, faz dois meses hoje, a minha conta no Spotify, porque eu resolvi, a pandemia foi uma tragédia para todos nós, uma tragédia psíquica, acima de tudo, emocional.

Não somos feitos ou construídos, não nesse senso de sociedade utilitária, para ficar dentro de casa isolado. No meio de um processo político bem desgastante também. Eu me lembro que comecei a fazer uma *playlist* no Tidal para mim.

Porque eu resolvi... Nas primeiras semanas de pandemia, falei, vou ficar fazendo projetos para difundir conteúdo para a galera. Criei umas pastas no meu Dropbox para divulgar filmes semanais, como se fosse um cineclube, isso durou um mês.

Cinco, seis. E queria fazer isso também no Tidal, construir umas *playlists* e depois... Só que eu não consegui, porque a pandemia também foi um lugar...

Eu digo que foi um lugar e foi um momento. Mas foi um lugar do capital, no sentido de ressignificar e reestruturar tudo. Passei a trabalhar dez vezes mais.

Trabalhando de casa. Acabou que eu não conseguia. Quando vi outro dia, escutei tanto essa *playlist* que era confinamento, que era uma brincadeira de palavra com confinamento.

Tem muita música aqui que eu fui jogando, que fui me lembrando, coisas que fui descobrindo aqui durante a pandemia. Coisas que me indicaram, que eu achava que era para o momento mais íntimo. Falei, cara, sabe uma coisa?

Eu vou botar essas *playlists* no mundo. Estou há dois meses fazendo toda semana uma curadoria. Tem sempre um conceitinho, eu não falo muito para ninguém, mas eu conto história com música.

Aquela coisa do Nick Hornby, lá, o Alta Fidelidade. Reveio a vida dele ou entende a vida dele a partir das trilhas. A trilha ajuda a estabelecer uma relação com a memória ícone.

É maneiro. Eu tenho um pouco disso. Te mandei agora um link da última aqui.

Tem sempre uma curadoria. Acho que isso é maneiro, porque eu não tenho vocação nenhuma para ser *influencer*. Mas o que eu acredito hoje é que nessa...

Ainda que nessa sociedade algorítmica está cada vez mais difícil de lidar com as coisas que não são zeros e uns. O lugar da curadoria é um lugar muito interessante. Porque o *influencer* quer...

O *influencer* quer um lugar para ele. Onde ele vai fazer de tudo para que ele seja o assunto, no final das contas. São pessoas que falam de arte para, na verdade, elas aparecerem ou acenderem socialmente.

É uma pessoa que vai falar de filosofia que vai prestar um serviço - não estou ignorando isso também - mas, às vezes, para construir uma persona. Então, a gente está vivendo nessa estética e ética pós-avator. São novos avatares tridimensionalizados e corporais.

Mas eu resolvi fazer. E estou gostando. Mas são três serviços que eu não acho que dê para não usar.

O Tidal, pelo meu fato que tem a ver com a audiofilia, eu acho que ninguém precisa ter o Tidal, mas eu acho que se você gosta de um *headphone* um pouquinho melhor, já gosta de escutar alguma coisa um pouco melhor, não dá nem para comparar em termos de qualidade de áudio com Spotify. E tem as mesmas coisas. Relação muito pequena de não ter uma coisa.

Nessa *playlist* dessa semana tem uma música que tem no Spotify e não tem no Tidal. Um selo que eu gosto, que eu tenho uns discos de vinil aqui desse selo que não saiu no Tidal. Ou então estava no Tidal e saiu.

Às vezes acontece isso também. Por exemplo, nada do Neil Young que você encontra no Spotify. Ele não deixa a qualidade do som, mas eu encontro no Tidal.

E eu sou tipo o louco por Neil Young. Não dá para não ter.

Entrevistador:

Mas era isso. Eu conheci muita coisa do Neil Young por sua causa.

Bruno:

O cara é monstruoso. A coisa da experiência musical mexe com a gente de um jeito. Porque eu fui no show dele no Rock in Rio, gostava.

Mas não foi o show que eu queria ver. Eu queria ver o show do IEM. Quando eu assisti o Neil Young, ele era um gargarejo.

Foi uma dificuldade para chegar. Aquilo mudou totalmente a minha vida. Não dá para não me relacionar com o Neil Young.

Entrevistador:

Então, você falou que você está assinando no Spotify o Tidal. E qual é o terceiro mesmo? Ah, não.

Você usa três plataformas. Ele usa uma coisa que eu não estava entendendo.

Bruno:

Quem escuta música em alta resolução chama-se Roon 1N. No final. Ele é para quem tem Tidal, Qobus, que também é um concorrente do Tidal.

Chegou no Brasil. Eu não criei essa conta. E você ter também seus áudios.

Seus sources digitais. Um HD externo. E aí ele é uma interface maneiríssima.

É um projeto de experiência de usuário espetacular. O Roon vale a pena. É caro.

Custa 12 dólares por mês. Mas para quem gosta, vale super a pena.

Entrevistador:

Bacana, cara. Você estava falando há pouco sobre essa questão da curadoria. De alguma maneira, como é a tua persona digital?

A sua atividade na internet? Você diria que você cultiva isso? Se você cultiva, você costuma publicar conteúdos musicais?

Como é que é isso?

Bruno:

Então, durante muito tempo, acho que lá pelos anos de 2009, 2008, a Apple lançou pouco antes, o formato AAC. Eles criaram um *softwarezinho*, que era o GarageBand e tal. Antes de criar o software de podcast.

E eu comecei a publicar *playlists* temáticas com esse software. E eu mandava, subia no meu servidor e passava o link para a galera. Mas eu nunca tive interesse em participar da relevância enquanto persona digital.

Ao contrário, o Facebook eu cancelei desde 2015. Sei lá quanto, desde 2015. O Instagram eu já não uso há um ano.

Eu acho que há alguns excessos que eu não tenho hoje nem lugar de fala e nem distanciamento histórico. Então, eu só posso contar com a minha desconfiança. E eu acredito que o FoMO é muito forte.

Entrevistador:

O que é FoMO?

Bruno:

Fear of missing out. E eu resolvi pagar para ver, sair disso. Minha relação com a persona digital é absolutamente nenhuma.

Eu nem gosto muito. Às vezes tem umas palestras, umas aulas no YouTube. Até hoje eu estava mandando para o médico lá que a gente estava trocando uma coisa de live.

Eu nunca fiz uma live. Eu estava dando aula. Eu dava aula de design e prefiro não dar aula mais remoto.

Eu acho que a presença é fundamental no sentido dessa coisa corpórea.

Entrevistador:

Bruno, deixa eu te perguntar. Agora vamos entrar em um segundo bloco e pelo que a gente está rendendo aqui a entrevista, acho que a gente vai acabar tendo que abrir uma segunda sala. Você se importa?

Claro que não. Daqui a dez minutinhos vai acabar. Pelo visto, acho que vai dar um pouco mais de tempo do que as outras que eu tinha gravado.

Deixa eu te perguntar. Como é que... Você consegue descrever para mim como é que o seu hábito de ouvir música se encaixa no dia a dia?

Como é que... Qual é a tua rotina?

Bruno:

Cara, é um hábito que para mim... Se eu estou de carro eu não tenho como... Eu até gosto de andar de carro, às vezes, sozinho.

Olha lá, o cara mó poluidor. Justamente por causa da música. Mas é muito raro eu sair e levar um *headphone* para correr.

Eu não gosto de correr com o *headphone*. Eu corro quase todo dia. Eu não gosto de...

Eu não tenho uma... Eu tenho uma relação de música meio em casa, assim. Mais na solitude, assim.

Mas num ambiente mais íntimo. E festa, né? Claro.

Às vezes você vai numa festa. Já toquei, já fui DJ. Eu não tenho esse interesse.

Já apresentei alguns programas de rádio com Maurício Valadares. Mas... Não tenho a minha relação com música.

Acho que é mais dentro de casa mesmo, assim. É uma relação mais íntima mesmo.

Entrevistador:

Você acha que a música acaba te ajudando a desempenhar tarefas e até aproveitando uma... Você... Você também é ouvinte de podcast?

Fazendo uma pergunta dupla aí?

Bruno:

Não. Não sou. Eu gosto de algumas, mas eu não tenho o hábito de ouvir podcast.

Eu acho que a gente vive uma urgência de respostas muito grande. E... O podcast atende.

Mas eu volto para um lugar da desconfiança. Assim... Eu me lembro da pandemia como um exemplo claro da quantidade de respostas que a gente via todos os dias e de coisas novas.

Tem que agora lavar a embalagem. Não, agora não precisa mais lavar a embalagem. Faz dias, não sei o quê.

Agora tem que fazer dessa forma. Até o Átila, que foi aquele cara lá... Átila lamarino.

Virou uma espécie de arauto, um apocalipse. Ainda que prestando um serviço, né? Pelo tempo, ele...

Ah, não é isso mesmo que agora a organização... Eu comecei a ficar meio com uma espécie de... Foi antes da pandemia.

Isso, já tinha essa desconfiança. Mas na pandemia, com certeza, eu resolvi não participar. Eu acho que tem respostas demais.

Ou melhor, tem reações demais para perguntas de menos. Isso pode ter a ver com a minha construção agora, meio que já indo para 50 anos, aquela coisa. Prefiro olhar as coisas com um pouco mais de calma.

E eu acho que os podcasts têm podcasts incríveis. Tem um que eu escuto muito. Um só, que é o Foro de Teresina.

Que é político, assim. Eu escuto também. Mas os outros, cara...

Eu prefiro que me ensinem. Estou no lugar de... Me ensina aí o que é.

Não sei. Prefiro... Eu prefiro fazer um curso.

Prefiro ir para uma aula ou fazer uma pós. Eu acho que o podcast, ele tem uma espécie de... Está surfando o *zeitgeist* mesmo, sabe?

Ninguém está errado por fazer podcast. Mas o que a gente vê de podcast bosta, com gente chula, tosca, violenta, sectária, racista, sabe? Como se ela pudesse falar tudo sobre qualquer coisa.

Eu já acho isso bem perigoso. Eu acho que o homem moderno nasce da dúvida. E ele começa a se destruir quando ele acredita muito nas suas certezas.

O homem moderno é o que questiona tudo. Mas esse homem moderno que chega no começo do século XX, no final do século XIX, começo do século XX, com o advento da ciência, como a ferramenta que controlamos tudo, a natureza, o mundo, uma série de coisas, ele torna o homem extremamente violento, arrogante, muitas vezes psicopata. A gente vê o que aconteceu no começo do século XX, em termos de manifestação.

Eu não estou achando que isso vai acontecer agora. Aliás, estão acontecendo coisas muito esquisitas. Mas o podcast não.

Acho que o podcast é uma coisa que eu não busco mesmo. Eu prefiro ler. Prefiro depois fazer um curso.

Entrevistador:

Bacana. Bruno, eu vou encerrar aqui, eu vou abrir uma nova, mas eu vou aproveitar essa tua resposta aqui para a gente seguir nesse mesmo assunto. Vou encerrar aqui e já volto.

Bruno:

Valeu.

Entrevistador:

Até já.

Entrevistador:

Então, Bruno, eu fiz essa pergunta sobre podcast porque a minha pergunta aqui no meu roteirinho, na sequência, era te perguntar se de alguma maneira a música te ajuda a desempenhar tarefas. E, sendo o podcast um recurso de áudio também, tem muita gente que vê essa disputa dos conteúdos visto que o tempo é recurso escasso, então, eu estou lá falando.

Bruno:

Não, eu mergulho muito na música, até nem gosto às vezes muito de trabalhar ouvindo música porque eu me distraio, porque eu vou para a música, eu saio do trabalho e vou para a música, eu saio e vou para a música, ela me suga demais. Mas sim, assim, acho que, pô, ligar uma música e sentar no sofá para fazer alguma coisa meio mecânica, tipo, organizar uma pilha de livros, acho que ajuda, mas não sei muito numa tarefa criativa, não. Eu acho que a música me abriu outros portais, que é muito em torno dela.

Entrevistador:

Tá, bacana. Você costuma ouvir música de uma forma, de que maneira? São várias maneiras diferentes, você ouve rádio, você ouve através de disco mesmo, você ouve acervo digital, plataformas de *streaming*, e se você ouve de diversas formas, você tem uma maneira que você elege melhor do que as outras?

Bruno:

A mais prática é *streaming*, e tanto que eu invisto hoje parte da minha grana em melhorar a qualidade do *streaming*. Tem aparelhos caríssimos no universo da audiofilia, porque... Agora, o CD é uma coisa que eu nunca perdi, eu sou da geração do CD, né?

Então, eu tenho muito disco, vinil, tive muito, mas isso foi meio que se perdendo, assim, hoje em dia eu tenho quase nada, e... Mas é uma coisa que eu botei na minha cabeça que ano que vem eu vou voltar a investir, assim, parte da minha grana. Estava hoje até vendo aqui um pré-amp de fono, de vinil, para ver se eu conseguia comprar no final do ano, não sei o que, mas a música, o *streaming* é maravilhosa, né?

Um celular e um *headphone* bluetooth, você está super bem, né? E o meu carro não tem bluetooth, eu até prefiro, porque eu tenho duas coisinhas aqui, né? Um DAC, que é isso aqui, né?

Esse aqui é um... Eu tenho dois, esse aqui foi o segundo, dois dessa marca, esse aqui é um pouquinho mais evoluído. Aí depois eu entrei para esse, que é uma super evolução portátil também, um DACzaço.

Em casa eu até ia levar hoje, mas com o médico eu perdi o horário. Tenho mais dois, esse já é mais audiófilo. É um DAC também externo.

Isso para transformar a experiência do áudio digital mais material, né? Que é muito ruim, realmente, quando você percebe as diferenças. A gente no mp3 ali, em 1998 até 2000 e pouco, não conseguia perceber, estava muito empolgado com a quantidade de músicas.

Mas aos poucos você começa a perceber que é uma música, é um formato que traz muita fadiga no ouvido. Eu via que eu estava escutando cada vez menos. E por que será?

Por que um vinil não tinha isso? Com um CD eu não tinha isso? O áudio de *streaming* ainda tem que passar por uma série de evoluções.

Acho que depende muito do *hardware*, depende muito dos *headphones*, das caixinhas de som. E eu não posso falar da China, porque a China virou uma referência no hi-fi. Os caras realmente entraram nesse universo.

Mas tem muita coisa ruim, né? Então, você está em uma praia, estou falando de comportamento um pouquinho, eu odeio ir para a praia e escutar alguém perto de mim com uma caixa de Bluetooth daquelas, sabe? Seja menorzinha até aquelas *boomboxes*.

Eu acho uma violência. Eu acho que aquilo que sai dali não é música, é um barulho. Não estou falando da música que as pessoas ouvem, não.

Estou falando do ruído que sai dali. E isso incomoda demais. Então, acho extremamente violento.

Mas eu acho que, com certeza, *streaming*, depois CD e agora vai voltar a ser vinil. Eu estava limpando os discos outro dia aqui, estou no armário. Não tem jeito de tirar o *streaming* do topo, sabe?

Entrevistador:

Você, de alguma maneira, você acha que você confia no algoritmo, na inteligência artificial para selecionar a música para você?

Bruno:

Não, não. Normalmente, eu devo ser odiado pelo algoritmo. Tudo que vem do algoritmo, que eu gosto, eu dou um follow, um like, no artista, no disco, não sei o quê.

Então, assim, deve ser muito difícil do algoritmo segmentar algo para mim. Porque eu dou like mesmo, descacetadamente. O algoritmo vai funcionar para quem...

Ah, eu gosto da fulana, siclana, beltrana. Todo dia eu dou like em, sei lá, 50 artistas, que eu às vezes não conhecia, ou alguns que eu conhecia. Ih, eu nunca dei like nesse, espera aí.

Eu dou. Mas isso é consciente para educar o algoritmo, ou não? Aí que tá, eu não sei, porque o algoritmo não é educado, né?

O algoritmo, e a própria inteligência artificial, quem codifica, como que aquilo vai se comportar, não está preocupado com uma educação, está preocupado com o controle. Está querendo que você seja cada vez mais *predictable*. Acho que é bom, o algoritmo já me trouxe várias coisas boas, mas o que é bom mesmo é cavar, e ficar dando play lá e dizer, ah, isso aqui eu acho maneiro, isso aqui eu gosto, isso aqui não sei o quê.

Entrevistador:

Mas e quando você não sabe o que escutar, esse momento acontece para você?

Bruno:

Não. Não, nunca aconteceu. Nunca aconteceu.

Às vezes eu acho que eu quero escutar uma coisa, começo a escutar falando, não era isso, aí mudo. Mas nunca aconteceu. Eu acho que o algoritmo, ele tende a favorecer algumas coisas, tipo um estilo musical, ou aquele artista específico, só que eu acho isso muito limítrofe para a experiência musical.

Esse confinamento aí é um pouco isso, sabe? Eu faço questão de misturar o tempo inteiro e criar conexões que é onde eu acredito. Eu acho que o algoritmo é mais previsível do que a gente normalmente tende a acreditar, porque existe nessa sociedade tecnocrata um processo de uma crença religiosa mesmo no que a tecnologia pode fazer por você.

A gente está muito cego a isso. E eu acho que a experiência musical é muito maior do que a experiência algorítmica. O mesmo da tentativa e erro, vem da conversa, troco música com um amigo, falo com um amigo, um amigo me mandou uma parada, já escutou isso aqui, isso aqui é maneiro, os caras de Detroit lá fazem isso aqui, porra, Marte, ouvi.

Isso eu acho que é muito rico e a gente acaba deixando o algoritmo porque no fundo não é a gente que educa o algoritmo, o algoritmo que está educando, estabelecendo exatamente o que você deve gostar, porque a previsibilidade é o que todas as *big techs* buscam. Eles querem conseguir indicar alguma coisa e ter 100% de taxa de conversão em você, sabe? Taxa de conversão, só se fala em taxa de conversão, se você conhece alguém que trabalha em big tech, tudo é taxa de conversão.

Então, 90% não é satisfatório, 95% não é satisfatório, só vai ser satisfatório.

Entrevistador:

Publicidade programática, não é, Bruno?

Bruno:

É, exatamente.

E é curioso, uma semana que passou agora, a gente vê aquele juiz Sérgio Moro falando de crime de hermenêutica. Caraca, o mundo nunca precisou tanto de hermenêutica, sabe? E um cara desses, tão chulo, tão limítrofe, tão desleal, falar, usar a hermenêutica para justificar algo, é curioso.

Mas eu acho que os algoritmos não educam, não.

Entrevistador:

Bruno, deixa eu te perguntar, você falou sobre criar *playlists*, você compartilha, provavelmente, pelo que você está descrevendo, para um grupo seletivo de pessoas, você diria, até antes de fazer a pergunta, eu vou conectar com um artigo do Lorenzo Mami, publicado na Piauí, de 2014, que ele fala o seguinte, ele fala assim, houve uma era de ouro do disco, em que, quando você ia na casa das pessoas, você conseguia olhar para as estantes, e aí, a partir do exame do acervo, você conseguia saber quem era aquela pessoa, de alguma maneira, não é?

Assim como você vê os livros, você sabe quem é, via os discos, o acervo musical, e você sabia quem era aquela pessoa, de alguma maneira, aquilo é uma espécie de manifesto concreto da identidade da pessoa. Você diria que as suas *playlists* são o manifesto pessoal seu, do que você é?

Bruno:

Deve ser, deve ser. Acho que sim, mas acho que os meus discos devem falar mais do que as *playlists*. É curioso porque a gente faz recortes históricos muito malucos, houve uma era de ouro do disco, isso nunca aconteceu, assim como a rádio não acabou, assim como cada vez mais as igrejas e os políticos, menos do centro sul, aqui dos centros financeiros, querem mais e cada vez mais conquistar a rádio.

A gente estabelece eras muito antes para fins comparativos, no sentido de construir uma tese específica, mas eu não acredito muito nisso, não. Era de ouro do disco. Uma das coisas que mais...

Tem um cara, o John Darko, ele tem um site... Não me lembro agora o artigo, mas eu já vi. Adoro acompanhá-lo, acompanhá-lo já tem uns cinco anos, ele tem um site e faz muitas pesquisas sobre o uso de formatos, no canal dele no YouTube e tal.

Cara, o vinil e o CD não param, o CD até caiu, mas já voltou. Na Europa o CD vende muito, eu acabei de voltar no passado, comprei um player novo de CD para mim, e eu não sei essas eras, eu acho que as pessoas... Eu não uso nenhum aplicativo de relacionamento, mas eu acredito que se eu fosse falar para alguma empresa, eu falaria, cara, tinha que ter só a *playlist* dos seus livros, não interessa por nada, a imagem da pessoa ou sei lá o quê, para mim deve vir, mas num outro lugar.

E eu acho que ainda existe isso, a gente ainda define o outro pelo que ele lê, pelo que ele consome, eu não acredito que tenha passado essa era não, mas eu acho que o comentário dele é pertinente, ele é legal, é muito importante a gente conhecer o outro pelo que o outro lê. Eu vou na casa de alguém que tem uma estante de livro, eu já bato ali, vejo quais as lombadas já estão mais gastas, ou seja, que livro já foi lido, tem outros que nunca vão ser, mas isso é maneiro.

Entrevistador:

Bruno, deixa eu te perguntar, agora a gente vai entrar aqui no último bloco da entrevista, e a gente está aqui interessado num momento em que a audição musical está em protagonismo, que a gente ouve música de muitas maneiras, e talvez para tentar escrever melhor, acho que para você nem precisa, mas eu sempre uso esse artigo para dar uma noção do que eu estou falando. No meio da pandemia, lá para o 2020, teve um artigo do LA Times que ele falava assim, larga o celular, escolha três discos para você ouvir, três álbuns, na verdade, e se relacione com esses álbuns, pare para ouvir. Então, o que eu estou interessado?

Nesse momento de protagonismo da audição, você se vê, você vê a sua prática de audição dessa maneira?

Bruno:

Total. Sem dúvida. Ver, ouvir, todos esses sentidos, eles precisam de práticas muito musculares, acho que é maneiro isso, ensinar o ouvido, ensinar o paladar, nunca gostei de café, uma época da minha vida que eu precisei tomar um antidepressivo forte, que me dá muito sono, eu não conseguia trabalhar, e comecei a tomar café, achava que o ó.

Mas, aos poucos, eu fui entendendo o café. E eu acho que a beleza das coisas está muito na capacidade que a gente tem de descobrir as coisas, as coisas, não pelo belo, não estou falando um belo, mas estou falando no sentido do complexo, do que sai, acho que tudo no mundo pode dar um nível de complexidade que é encantador, sabe? A música eu acho que tem isso, para para ouvir, para, pensa, respira, o que adianta?

O que adianta? Sério, eu fico pensando aqui, tinha aquela brincadeira que falava faz ioga, mas não cumprimenta o porteiro, eu fico pensando hoje em dia, isso é

uma evolução desse momento, faz ioga, mas é tiktok. Que adianta você fazer algo que é feito para você buscar uma outra camada de percepção, se você está o tempo inteiro correndo para atualizar o algoritmo, nesse fomo, não que eu acho que ninguém tem que fazer ioga, não é sobre isso, mas ser tiktok, não estou moralizando ninguém, eu só acho que são coisas que podem ser feitas a partir de um tempo próprio, e não só como um remédio, sabe?

Eu não quero ouvir todos os podcasts falando sobre todos os assuntos, sabe? Não quero, não é porque eu não queira me informar, eu me informo para caramba, sabe? Mas eu me informo nesse meu lugar, eu acho que é um desperdício para mim, aí estou falando nível pessoal, sair de Ipanema, dirigir até Curicica, três vezes por semana, escutando um podcast, eu prefiro escutar música, sabe?

Que é justamente onde eu tenho contato com essa descoberta do café, sabe? Com essa coisa que não é o podcast que vai me trazer, entendeu? Eu acordo de manhã, coloco todo dia meu iPad aqui no ICL, lá que é a plataforma do Eduardo Moreira, que eu estou achando ótima de notícias, fico ouvindo lá, eles chamam um monte de colunistas fantásticos, mas assim, enquanto eu estou fazendo meu café e tomando meu banho, e depois é outro momento, sabe?

É o momento que eu preciso realmente parar para respirar e começar a decantar, né? Tem uma coisa que é decupar, mas acho que quando a gente fala em decupar, a gente fala de uma forma muito mecânica, né? O *decanter* no vinho, ele é muito orgânico, ele é vivo.

Então, acho que a gente precisa decantar um pouquinho, sabe? Muita resposta. Eu prefiro me perguntar, eu prefiro me indignar assim, não no sentido reativo, sabe?

De perguntar, cara, para quê que saem uns garotos, sabe? Que nem são garotos mais, com o peru de fora numa quadra ali, batendo punheta, não sei se você viu essa coisa.

Entrevistador:

Não vi, não, cara.

Bruno:

É um jogo de vôlei. Como é que se forma agora? Caralho, eu fiquei assim, porra, cara, para que isso?

Os caras estão “zindo” assim, e não é uma indignação reativa, não? Uma indignação assim de falar, porra, o que está acontecendo, sabe? O que será?

Eu não quero me indignar para já ter uma resposta. Nisso, cara, os extremos do mundo já estão fazendo isso muito bem. E eu acho que o algoritmo é uma forma de construir extremos.

Se você tende um pouquinho a gostar de Anitta, que eu admiro para caralho artisticamente, ele vai insistir tanto a você ir para um lado, que você vai esquecer todo o resto, sabe? Então, não sei, acho que é por aí.

Entrevistador:

Pode crer. Cara, falando sobre esse momento de protagonismo, você diria que todos os momentos que você escuta música, pelo que eu estou entendendo da sua prática, todos os momentos de audição, eles estão sempre nesse lugar do protagonismo? Ou pode ser alguma coisa que você não ouviu no meio distraidamente?

Bruno:

Cara, acho que sim. Acho que sim. Mas é muito raro eu conseguir botar música sem deixar ela se tornar protagonista.

Então, acho que o protagonismo não é muito ativo meu.

Entrevistador:

Não é uma escolha, né? Acontece de uma forma autônoma. O protagonismo é da música.

Bruno:

Eu não consigo ligar simplesmente e não deixar ela ser protagonista, sabe? Eu preciso ligar. Por exemplo, eu não consigo ler e escutar música.

Não consigo. Eu não consigo correr e escutar música. Mas ler, assim, eu saio...

Olha o que eu deixei ali fora. Eu saio de casa, posso esquecer o celular, mas eu não esqueço o meu Kindle para ler. Porque eu acho que a leitura também tem um lugar muito forte na minha vida.

Mas não é uma leitura... É engraçado, né? A gente está vivendo um lugar de construir bases de conhecimento que servem para projetar um lugar professoral seu para o resto do mundo.

Como se a sua verdade, as suas experiências estivessem... Ou um conjunto, um grupo de pessoas tivessem essas mesmas experiências e pudessem levar isso para fora. Como se fosse a maneira certa.

E eu acho que não. Eu acho que a leitura também está precisando passar por um *decanter*, um lugar menos opinativo. Talvez eu esteja em crise de meia-idade.

Talvez eu já virei *cringe* mesmo. Não sei. Mas eu acredito que esse utilitarismo algorítmico ele tenta ir para um outro...

Ele leva a gente para um outro lugar.

Entrevistador:

Legal. Você está descrevendo que esse momento de protagonismo acontece no carro, por exemplo. Você diria que a qualidade do áudio é fundamental?

Ou ele pode acontecer mesmo ouvindo pelo celular? Como é que você ouve eventualmente?

Bruno:

Não entendi. Me explica.

Entrevistador:

Se a qualidade de áudio é fundamental para você ouvir música em todos os contextos, ou se você pode até ouvir e se envolver com a música sem que essa qualidade seja ideal?

Bruno:

Não. Óbvio que a qualidade do áudio... Vou só responder aqui.

Estou indo para São Paulo. A qualidade do áudio ajuda hoje a compensar um pouco essa desmaterialidade do digital. Você vê, é muito diferente.

Eu ouvi um disco de vinil, eu ouvi um disco de CD, e eu ouvi um disco no *streaming* mesmo. Mas são nuances muito específicas. Mas isso não impede nunca que a experiência musical seja bacana.

Eu adoro sair e ouvir música, sabe? Adoro pegar uma coisa, sei lá, onde eu estiver. Outro dia eu estava aqui andando na praia mesmo, e tinha uns moleques no domingo ali, escutando também numa caixinha de som dessa *boombox*.

A música era boa para caramba, o funk. E eu parei para ouvir. Caraca, o que é isso?

Maneira, isso aqui é maneiro, vou catar. Então, acho que a qualidade não deve ser um impeditivo para você. Senão você vai se tornar uma pessoa metida.

Acho que não é para a gente se tornar metido. Eu sou um privilegiado, poder investir parte do meu dinheiro, juntar nessa experiência. Sou um privilegiado por muito mais coisas, diga-se.

Mas, nesse caso, sou um puta privilegiado. Mas eu não quero. O dia que isso não existir mais para mim, essa realidade, eu não posso deixar também de ouvir algo por conta da qualidade.

Não, acho que não. Até porque eu sou um cara que vem do lo-fi ali, gosto da coisa garage, sabe? Desde as produções eletrônicas mais independentes, até as coisas de rock, sabe?

Então, isso seria uma espécie de traição ao que eu sempre gostei, sabe? Não é a qualidade dita.

Entrevistador:

Pode crer. Cara, então, olha aqui, vamos só para ir para a reta final. Eu queria saber duas coisas.

Primeiro é o seguinte, quando você escuta a música, a tua audição está vinculada a um formato específico?

Bruno:

Falhou aqui para mim.

Entrevistador:

Você está ouvindo agora?

Bruno:

Não, você começou a falar e começou a falhar.

Entrevistador:

Então, é o seguinte, eu queria te perguntar se a tua audição está vinculada a um formato específico, por exemplo, *playlist*, álbuns, músicas isoladas?

Bruno:

Não, música isolada é ótimo, porque eu acho que é uma cultura que é muito maneira, é uma cultura antiga, a cultura do single, né? Se tinha lá só um single de 7 polegadas, aquilo podia bombar no rádio, né? Eu acho isso ótimo.

A música, single, depois você ia para um 12 polegadas, depois você ia para o álbum. Então, assim, escutar música é o principal, não é escutar o disco ou a *playlist* específica, sabe? Eu estou o tempo inteiro escutando música.

Mas, óbvio, tem umas coisas que eu quero ouvir. Ontem não foi esse final de semana, eu estava fazendo uma pesquisa das *playlists* daqui a duas semanas, por um acaso, tem nove minutos, por um acaso... Nacional, vamos estourar os dois?

Por um acaso, eu falei, pô, cara, gostei dessa mulher, vou guardar o álbum dela aqui para ouvir depois. Ainda não ouvi, em algum momento eu vou ouvir. Aí tem a experiência de sentar e escutar o disco inteiro, né?

Mas eu acho que a coisa do *streaming* traz essa cultura da faixa, sabe? Isso é muito bom, porque escutar um álbum requer uma série de coisas, né? E eu escuto muito, tem álbuns recentes que eu adoro ouvir.

Entrevistador:

Legal. Deixa eu te perguntar, Bruno, a última pergunta aqui da nossa entrevista, nessa tua relação com música, ela te provoca alguma reação física quando você está especialmente conectado, você fica hiperfocado, você se arrepia, você canta junto, você consegue descrever um pouco essa reação física que ela provoca em você?

Bruno:

Total, o tempo inteiro. Como eu me mexo, como eu sinto, como potencializa ou corta alguma coisa dentro do meu humor, do meu estado emocional. Eu gosto muito quando a música potencializa, você está triste, está num luto, e aí, de repente, você está num momento de falar com o seu coração, e aí você vai naquilo ali e vai potencializando, porque eu acho que tem uma coisa que é catártica nessa solidude musical, que é muito bacana.

A gente tem vivido catarses algorítmicas, que são muito narcísicas, sociais, de demonstração, de demonstrações de valores. Todo mundo quer ser bom para o seu grupo e ressaltar esses valores, mas a gente não é só regido por valores socializantes, a gente é regido por uns valores que são intangíveis, que são internos ali, que a gente nem sabe dar nome para eles. Eu acho que a música transmite isso.

Eu danço, me balanço todo, às vezes estou trabalhando, estou montando uma palestra para sábado, começo a fazer, mexer no teclado diferente, tudo diferente. Então, acho que a música estabelece, sim, uma influência físico-emocional, que é muito legal, muito legal. Canto, estou cantando às vezes, fiquei com os vizinhos aqui, muitas vezes.

Eu acho que é isso, você vira um... Seu corpo se dinamiza diferente. Eu acho que isso é maneiro com a música.

Entrevistador:

Pode crer. Pô, ah Bruno, muito obrigado, cara.

Bruno:

Eu não sei se eu viajei muito aqui, se eu falei muita merda, mas...

Entrevistador:

Não, o importante é falar livremente.

Carlos Santiago

Escolaridade: mestrado

Ocupação: servidor público e professor

Nascimento: 04/03/1977

Idade: 47

Entrevistador:

Carlos, primeiro eu queria te perguntar como foi que você chegou ao link do formulário de recrutamento.

Carlos:

Ah, sim, eu vi no Twitter que tinha alguém repassando, alguém que eu sigo estava repassando, pedindo ajuda a isso. Eu não sei se tinha dado RT, eu tinha postado diretamente, e aí eu terminei entrando por isso. Porque, como eu falei, eu sou pesquisador, eu sempre vejo link de pesquisa, assim, eu gosto de ajudar o pessoal de uma coisa geral.

Entrevistador:

Ótimo. Então é o seguinte, vamos lá, vamos começar a reunião. A reunião, não, a nossa entrevista, ela é composta por três blocos.

No primeiro bloco a gente busca falar sobre a relação do entrevistado com música, depois sobre os hábitos de audição musical, e conforme for o rendimento a gente fala sobre um tipo de experiência específica a gente está mais diretamente interessado, tá? Normalmente essa reunião, ela leva, é difícil falar em média porque eu não calculei o tempo de todas as reuniões, mas normalmente leva cerca de meia hora, já teve entrevista de 15 minutos, já teve entrevista que levou uma hora e quarenta. Mas, dia de regra, não leva mais do que meia hora, depende muito do entrevistado.

Bom, então vamos lá. Sobre sua relação com música, qual a importância da música para a sua vida? Você consegue me dizer com as suas próprias palavras, por favor?

Carlos:

Cara, tá difícil, né, mensurar assim, porque é uma, sei lá, sou um grande apreciador, assim, eu acho que eu comecei a ouvir música tarde, assim, minha família não ouvia música, aí eu comecei a ouvir música mais tarde, assim, eu já tinha uns 15 anos, assim, minha família não tinha o costume de ouvir música em casa, não sei o quê, e eu comecei, sei lá, a ver clipe na TV, comecei a pesquisar coisas para baixar na internet, e aí eu, sei lá, comecei a consumir música de uma forma até meio compulsiva, assim, para tirar atraso, o passado dia todo ouvindo música e tal. Então, assim, né, talvez seja a forma de arte que eu mais aprecio consumir, né, ou tenho uma relação mais próxima, assim, é que eu estou mais em contato, e eu acho que, no geral, é isso, né, eu acho que tem uma coisa muito forte, eu acho que, de músico principalmente, que eu me fascino muito é de passar esse poder de influência no humor, né, que se tem ou no estado, no estado geral das coisas, né, então eu acho que é uma importância, eu acho que de ordem meio afetiva, psicológica, posso dizer nesse sentido.

Entrevistador:

Bacana, você diria que a música de alguma maneira te interferiu, influenciou na sua identidade como pessoa?

Carlos:

Ah, sim, sim, principalmente porque eu acho que quando, sei lá, desde jovem eu comecei a me integrar a determinados assuntos, a determinados movimentos por causa de música, né, frequentar determinados lugares, quando era jovem eu gostava muito de punk rock, comecei a andar com o pessoal, né, que era do punk rock, hardcore, me envolvi politicamente com muitas coisas, né, por causa disso, assim, esse envolvimento com as cenas, assim, que a

gente pode ser nesses termos, então eu acho que foi meio importante para a minha identidade, né, de formar, assim, definir mais ou menos quem eu sou.

Entrevistador:

É, então, é bem interessante você fazer esse comentário sobre o vínculo com o gênero relacionado à tua identidade, porque não é comum, pelo menos nas entrevistas que eu fiz, né, essa é a 36ª entrevista que eu estou fazendo, provavelmente a última, não é muito comum, não peguei muitas pessoas com a tua faixa etária em que o gênero fosse um corte de identidade, é comum que as pessoas que têm mais ou menos a sua faixa etária vinculem identidade a outras características, como identidade de gênero, identidade de raça, e a música entra por um outro lado, que já não está mais tão influenciado por essa questão identitária, mas sim que as pessoas são muito mais ecléticas nessa sua faixa etária, assim, pelo menos é a minha percepção.

Carlos:

Ah, sim, não, hoje em dia eu posso dizer que sou bem mais eclético também, né, eu estou dizendo que acho que nesse começo, nesse processo de formação de identidade foi bastante crucial, né, e eu acho que no final dos contos como definiu muito, assim, o espaço, os espaços que eu frequentava, né, porque um pouco mais velho, depois comecei uns 10 anos atrás, comecei a me envolver com música eletrônica, gostar de música eletrônica, frequentar esses espaços, eu acho que também foi uma coisa assim que me deu uma mudada, assim, mais de 10 anos atrás, mas foi uma coisa que também me deu uma mudada como o ambiente que eu frequento, as pessoas que eu convivo, então tem essa relação, tem essa relação, né, com esse, eu acho que até com o convívio, com o dia-a-dia, né, com o cotidiano.

Entrevistador:

Legal, eu vou te fazer a seguinte pergunta agora, você tem o hábito de consumo de produtos com temas musicais, por exemplo, camisetas, você tem pôster na sua casa, seção de música, você costuma ler, põe livros, tem objetos decorativos, esse tipo de coisa?

Carlos:

Assim, acho que objetos, assim, paralelos à música, eu acho que não, né, eu tenho o hábito de consumir coisas de música, de fato, comprar vinilo, e eu gosto também de, como eu sou um produtor amador, né, faço as coisas muito por lazer, eu tenho um sintetizador e tal, aí eu consumo coisas assim também, tipo instrumentos disso, assim, mas assim, de camiseta é mais raro, eu tenho um costume assim, de comprar camiseta quando é mais, ou eu vou a um show, né, ou estão trazendo alguém pra, aí é mais nesse aspecto.

Entrevistador:

Legal, você está com 34 anos, é isso?

Carlos:

Isso, isso.

Entrevistador:

Então assim, você, 34 anos, você, considerando que o Napster surge em 99, já na virada do século, você já é um nativo de música digital, né?

Carlos:

É, eu comecei a consumir música pelo Kazaah, né, eu baixava no Kazaah, eu usei muito Kazaah, E-mule, e já rolava, e muito pouco tempo depois, mais ou menos, acho que em 2004, eu conheci o SoulSeek, eu fiquei usando muito, né, eu baixava muita música e tal, até o advento do *streaming*, que eu parei de, digitalmente, aí eu passei a consumir cada vez menos, aí eu passei a usar mais o SoundCloud e depois o Spotify e tal.

Entrevistador:

Então, eu queria saber se você consegue estabelecer um paralelo entre a tua experiência dessa época de download de música, e considerando as plataformas de *streaming*, e se você consome outro tipo de suporte musical, por exemplo, CD ou vinil, também é interessante ouvir o teu relato.

Carlos:

Ah, sim.

Entrevistador:

Especialmente da experiência, cara, pensar na tua experiência.

Carlos:

Na experiência de... Eu acho que eu tenho experiências um tanto, acho que distintas de onde eu estou ouvindo, qual é o aparato que eu uso para ouvir música, né? Se eu estou, por exemplo, ouvindo música utilizando o celular, quando eu estou, sei lá, fora de casa, ou escuto música no computador, quando estou trabalhando, eu acho que eu tenho experiência mais de receber, porque eu estou usando o *streaming*, né?

Tipo, prioritariamente eu uso o *streaming* quando eu estou consumindo música nisso. E tem um outro momento, né, que a gente coleciona vinil aqui em casa, minha esposa e a gente... A coisa de parar para ouvir música, né?

Que é, tipo, de sair da feira, comprar um disco, então a gente ficar aqui ouvindo os discos, então receber amigos para ouvir discos, ouvir música, né? Então eu acho que são duas experiências bem distintas, eu acho, né? Porque tem esses certos momentos que eu estou ouvindo no *streaming* e eu vou usando ou o que eu tenho baixado, ou às vezes pego uma recomendação, né?

Tanto no Spotify quanto no SoundCloud. No Spotify eu escuto mais álbum, no SoundCloud eu gosto mais de ouvir *set* de DJs que eu sigo e tal. Mas quando eu estou num momento, assim, mais pensando em ouvir vinil, é um momento mais de parar e ouvir a música, de fato.

Entendi. E no computador tem mais essa coisa, raramente eu uso o *streaming*, mas muitas vezes também estou, tipo, pesquisando mais coisas, assim, né? Enquanto o celular, quando estou fora de casa, é mais recebendo a influência externa.

Entrevistador:

Entendi. Quer dizer, você se sente mais passivo quando você está usando o celular e as plataformas de *streaming*.

Carlos:

Com certeza.

Entrevistador:

É ótimo.

Carlos:

Isso, com certeza.

Entrevistador:

Então é o seguinte, você então já respondeu aí que você tem o hábito de colecionar vinil, né? Isso.

Carlos:

Vinil.

Entrevistador:

CD não?

Carlos:

Não. Tá. Sei lá, eu nunca tive um CD meu, inclusive, né?

Tipo, eu já peguei direto na internet. Aí mais recentemente, com a vida mais estável e tal, eu já queria colecionar vinil há muito tempo. E aí, de um ano para trás para cá, eu e minha esposa, a gente começou a colecionar e a ouvir, porque a gente também, ela também gosta muito de música e tal.

Então era uma coisa que a gente já queria e como teve uma instabilidade, a gente partiu para essa mídia também.

Entrevistador:

Bacana. Então, assim, você escuta os seus discos, né? Tem muito colecionador de vinil que às vezes não tem nem vitrola, né?

Não. Você tem o hábito de ouvir. E aí eu queria te perguntar por que você compra, por que você é consumidor de vinil?

Carlos:

Cara, eu gosto tanto pela... Acho que tem dois fatores, né? Uma coisa é a própria mídia, porque eu gosto de ter o suporte físico, arte bonita, arte.

Eu gosto de ter arte para ver, né? Principalmente às vezes quando a gente acha o vinil mais completo, tem o encaixezinho. E a qualidade do som, né?

E esse é o outro aspecto, né? Eu, sei lá, gosto, né? Do muito valor é isso, assim.

De eu ouvir música e ter um bom fone de ouvido, assim, melhor que a média. Eu uso um monitor de áudio para ouvir música no computador. Eu gosto de, assim, pela qualidade, sentir o som mais denso, né?

Acho que isso é uma forma... Para mim é um jeito que eu gosto mais de apreciar.

Entrevistador:

Bacana! Você falou que é assinante de Spotify, é isso, né? Isso.

Somente Spotify? Isso. Tá.

E na internet você costuma publicar conteúdos relacionados à música? Ou consumir? Você segue o pessoal, os músicos, enfim?

Carlos:

Eu sigo principalmente gente que produz. São tantos amigos que produzem, né? Que lançam coisas.

Eu uso o BandCamp também, né? Quando eu vou acompanhar o lançamento do pessoal que eu conheço, o pessoal lança no BandCamp também, né? Então eu uso...

Para além disso, eu tenho o costume de pegar coisas no Bandcamp, comprar uma coisa ou outra. Mas eu sigo muita gente... Eu sigo pouca gente de, sei lá, jornalista musical, por exemplo, mas eu sigo mais gente que produz, DJ, produtor, gente que está postando.

Aí eu acompanho mais por isso, né? Aí eu vou mais para o SoundCloud, para o BandCamp, nesses casos.

Entrevistador:

Mas você costuma produzir conteúdo relacionado à música?

Carlos:

Não, apenas... Eu não produzo muito, então eu repostro coisas de um link que apareceu, mas é muito raro eu comentar ou coisas do tipo. Eu só falo assim, recomendo isso aqui para o pessoal da timeline, etc.

Entrevistador:

Ok, bacana. Como é que o seu hábito de ouvir música se encaixa na tua rotina do dia a dia?

Carlos:

Cara, eu... Eu escuto sempre música de manhã, vou para a academia, sempre estou ouvindo música, preciso estar ouvindo até... É bom para eu estar mais concentrado e tal.

Eu escuto muita música pré-produzida, porque como sou pesquisador, estou escrevendo também, então para escrever eu gosto muito de ouvir música porque me mantém no ritmo, no fluxo, assim. Escutar coisa mais instrumental, principalmente também coisa eletrônica, que é um ritmo bem marcado. Escuto muita música dirigindo, no trabalho, quando eu posso, ou então quando está mais tranquilo eu coloco o fone de ouvido, fico ouvindo música.

E é isso. Acho que é bem marcado em momentos em que eu preciso de concentração, eu consigo me isolar com música, ficar... Então tem esse caso, que eu posso dizer até que é um fenômeno utilitário, como tem que dirigir um certo período para o trabalho também, às vezes é um momento que eu ouvi um álbum, ou vou ouvir metade indo e metade voltando do trabalho, isso acontece também.

Mas tem também o caso do momento de relaxar, de ouvir um disco ou colocar um *set* no YouTube, e aí é um momento de noite, você acompanha um DJ *set*, ou então ouvir um disco. Então, pelo menos durante o dia, praticamente todo dia e quase todas as noites.

Entrevistador:

Legal. Deixa eu te perguntar, você é ouvinte também de podcast?

Carlos:

Sim. Eu escuto menos que música, porque podcast, pelo fato de estar uma pessoa falando, e como o meu trabalho envolve escrever, o meu trabalho acadêmico, o quanto ele envolve escrever, então não dá para eu ouvir trabalhando. Mas, às vezes, deslocamento, eu gosto muito de ouvir podcast, e eu alterno com...

Às vezes, na academia, também gosto de escutar um podcast para andar na esteira, essas coisas.

Entrevistador:

Você sente que a audição de podcast, de alguma maneira, ela toma o tempo da sua audição musical?

Carlos:

Sim, às vezes é mais cômodo eu continuar, eu sinto até que depois que eu passei a consumir podcast, eu tenho escutado menos música, porque eu termino também ouvindo podcast no momento que eu ouvir minha música. Aí, no momento que não requer concentração, às vezes eu quero me distrair, tipo, lavar uma louça ou fazer um serviço doméstico, tipo, pendurar as roupas, aí eu gosto de ouvir um podcast que é mais... é bem uma coisa sem distração.

Enquanto música, para mim, tem mais um fenômeno da concentração.

Entrevistador:

Sim, legal. Interessante. Deixa eu te perguntar, você falou um pouquinho no bloco anterior sobre as formas de audição de música, você falou sobre vinil, você falou sobre SoundCloud, falou sobre Spotify, você tem mais algum outro meio que você escuta?

Se ouve rádio, por exemplo?

Carlos:

Eu escuto rádio muito raramente, é quando eu vou fazer um... Eu moro em Brasília, então a gente faz aqui quase tudo de carro. Principalmente da região que eu moro.

Então, às vezes, quando tenho que fazer um trajeto curto de deslocamento de carro, às vezes eu escuto rádio para não ter que conectar Bluetooth, essas coisas. Eu coloco na rádio, quando eu vou dirigir uns 10 minutos, aí eu deixo na rádio. Principalmente a rádio.

Música, música. Eu escuto muito a rádio local aqui, que é a rádio cultura.

Entrevistador:

Entendi. E aí, vamos pensar em formato. Você que mexe com música de uma maneira ou de outra, já que você também é produtor, considerando alguns dos formatos, por exemplo, álbuns, você já falou que tem o hábito de ouvir álbuns.

Por exemplo, você ouve *playlists*, você falou de *set* de DJ também. Você costuma ouvir, por exemplo, já vi gente que diz não, eu não faço *playlist*, eu não ouço *playlist*, eu não ouço álbum, mas eu, o tempo inteiro, eu boto uma música, aí aquela música vai me lembrar outra, eu vou lá e boto outra, é como se fosse uma *playlist on demand*. Como é que é essa tua prática de audição?

Carlos:

Cara, a maior parte das vezes é álbum mesmo. Eu gosto de ouvir um álbum do começo ao fim, até brinco, dizendo que eu gosto mais de álbuns do que de artistas. Tem muitos artistas que eu faço com um álbum, eu gosto daquela sequência, de ouvir.

Não tenho muito costume de montar *playlist*, eu mesmo fazer uma *playlist*, eu tenho uma coisa ou outra, um gênero ou outro, mas não é uma prática muito que eu tenho de organizar as coisas em *playlist*. Mas eu escuto coisas em *playlist* também, principalmente quando é mais um momento de contração, estou com outras pessoas, estava fazendo churrasco, aí é um momento mais

que eu sinto de ouvir uma *playlist*, porque acho que tem mais a ver com o clima, o que você pretende causar ali.

Entrevistador:

Rapaz, deixa eu te perguntar, você já ouviu esses shows curtos gravados? Porque eu considero que é como se fosse um novo formato musical, por exemplo, Tiny Desk Concerts. Você costuma ouvir esse tipo de coisa?

Carlos:

Eventualmente, não é muito costumeiro, mas às vezes estou ouvindo, toquei com a minha mulher, a gente está ouvindo música, um dia de noite, a gente bota um *set*, às vezes falam de colocar um Tiny Desk, mas a opção sempre primeira é botar um *set*, mas eventualmente eu escuto um Tiny Desk, tem aquele outro que eu acho que é Colors, o nome é esse?

Entrevistador:

Colors, tem Key e XP, tem vários.

Carlos:

Ah, essa KEXP eu acho que já ouvi também, é uma rádio. Mas o principal é escutar *set*, às vezes vejo um *set* ao vivo, tipo um *boiler room*, mas tenho esse costume eventual de ver esses *pocket shows*.

Entrevistador:

É interessante porque eles acabam solicitando a atenção do usuário que é uma coisa que está um pouco... É muito comum a pessoa ouvir música como um *background*, não você que é um usuário mais aficionado, mas muita gente a atenção fica em outro lugar. Deixa eu te perguntar, você confia no algoritmo para selecionar a música para você?

Carlos:

Não muito, mas às vezes eu escuto um daqueles álbuns de “seleções para você” e tal, mas quando são aquelas *playlists* geradas do Spotify eu não gosto. É difícil ter alguma que eu goste de fato. Aqueles temas, ah, músicas para correr, eu acho que são umas coisas, essas geradas pelo algoritmo, a *playlist* gerada pelo algoritmo eu acho meio estranha.

Sempre tem uma coisa ou outra que eu fico meio, pô, por que isso está aqui? Oi? Você chegou a tentar ouvir?

Já, já cheguei. Eu tenho essa curiosidade de dar essa conferida, mas não me pegou muito não.

Entrevistador:

Entendi. Você que é usuário de plataforma, você costuma sempre saber o que você vai ouvir? Ou você às vezes se vê naquele congelamento de sem saber o que vai escutar?

E se isso acontece com você, como é que você quebra?

Carlos:

Ah, não, é bem difícil isso acontecer, eu não tenho que me decidir, porque eu só carrego muita coisa baixada também. Aí se eu não souber o que eu ver, eu vou num álbum que eu tenho baixado e escuto ele, assim.

Entrevistador:

Ah, então assim, desculpa, conclui, eu não vou te atrapalhar. Não, não, é isso, nem tem o que... Ah, não, é porque eu não tinha entendido que você faz o download dos álbuns.

Esses álbuns que você faz o download, você faz o download do próprio Spotify? Isso. Ah, tá.

Para ouvir offline.

Carlos:

É. Entendi. E para também eu não ficar, por exemplo, no trabalho, quando eu tenho uma questão de trabalho no serviço público, tem umas questões lá de...

Por exemplo, eu não tenho internet no trabalho, aí eu tenho que usar minha internet local, uso minha internet do celular. Aí eu deixo coisa baixada para eu ouvir lá.

Entrevistador:

Entendi. Você já comentou que você não tem muito hábito de criar *playlist*, né? Você não...

Se tem uma coisa muito estanque ali, não é uma coisa que você fica compartilhando e tal?

Carlos:

Isso, isso. Tá. Então tá.

Devo ter, tipo, umas duas *playlists*, assim, que eu fiz, e eu recorro a elas às vezes. Tipo assim, ah, eu quero ouvir um reggae, então *playlist*, especificamente essa, assim, os reggae que eu mais gosto. Legal.

Mas assim, não é uma coisa que eu costumo criar e compartilhar.

Entrevistador:

Tá bem. Então, olha só, eu queria entrar agora no último bloco da entrevista, falando sobre o momento de protagonismo da audição musical. Porque muitas vezes eu tenho que fazer uma introdução para explicar do que eu estou falando.

Mas você já sabe do que eu estou falando, porque você já falou no primeiro bloco lá, que é aquele momento em que você para e vai ouvir. Você vai realmente ter atenção com a música e tal. Você se percebe experimentando esse momento, né?

Carlos, como é que você olha?

Carlos:

Sim, sim, de ter um momento de parar e ouvir músicas. Isso é feito? Especialmente no final de semana.

Assim, no final de semana isso rola muito, tipo domingo, domingo, semana, é o momento da gente ouvir disco, assim, ouvir música. Tipo, pelo menos uma vez na semana, de parar, fazer essas coisas, isso acontece bastante, assim. Mas tem outros momentos também, de parar, parar a audição, porque tem muitas vezes que a gente, sei lá, chega em casa, fica de noite com a minha esposa, às vezes, quando a gente não está assistindo a algo, o momento é de ouvir música.

No caso, ouvir um set, né? Deixando a televisão e a gente fica sentado conversando. A gente até brinca, né?

Que a gente sai menos, aí a gente deixa, não é como se a gente estivesse numa festa pequena, tivesse um rolê, um movimento de DJ, tá tocando. Mas a gente sabe que gosta de ficar vendo, né? Principalmente quando é set, gravado ao vivo, né?

A gente gosta de ver o movimento como o *boiler room* da vida.

Entrevistador:

Tá. Deixa eu te perguntar, esses vinis que você descreveu, que você compra e tal, eles são vinis, você tem vinis contemporâneos ou os vinis são todos de uma era anterior?

Carlos:

Não, a maioria, a grande maioria é comprado de segunda mão, né? Compra em feira, em loja de discos, mesmo o tempo. Mas comprar o novo, eu devo ter um ou outro, assim, acho que é da Tracellus.

Entrevistador:

Tá.

Carlos:

Mas assim, é um ou outro mesmo, é contemporâneo. A maioria é comprado de segunda mão.

Entrevistador:

Na era do vinil mesmo?

Carlos:

Isso, na era do vinil.

Entrevistador:

Vinhos antigos, de 40 anos atrás, papo assim, é isso que a gente tá falando.

Carlos:

Ah, mas até, é, uns 30 anos atrás, né? A gente tem muita coisa dos anos 90. Principalmente 80 e 90, assim, que a gente tem.

E mesmo os que eu tenho comprado de coisa contemporânea, prensados atualmente, são de coisas antigas também.

Entrevistador:

Entendi. Você, esse momento de protagonismo da audição é sempre com vinil?

Carlos:

Não sempre, mas eu posso dizer que a partir do momento que eu comecei a colecionar vinil, passou a ser o prioritário. Eu passei até vinil porque é essa coisa, a qualidade do áudio, de ser um... Então, qualquer coisa, você parar, precisar gerar o disco, então é como se você estivesse mais atento.

Antes era variado o meio, mas agora, como a gente tem vinil, o prioritário é o vinil.

Entrevistador:

Com relação, você já falou algumas vezes sobre a importância de qualidade de áudio pra você, você, nesse momento de protagonismo, você está sempre

ouvindo no mesmo espaço, com uma determinada, um determinado sistema de som específico, ou com fones, como é que é isso?

Carlos:

A gente está... Nos momentos em casa, a gente está sempre ouvindo no nosso aparelho de som. Já tiveram outros momentos, por exemplo, de juntar e, por acaso, outra pessoa levar o disco pra ouvir, ter amigos que gostam de vinil também, a gente levar o disco pra ouvir, mas em casa, a gente está sempre ouvindo no mesmo aparelho, na mesma série de som onde...

Entrevistador:

Entendi. Então, assim, é basicamente uma audição doméstica, né? Se não for na sua casa, é na casa de amigos.

Carlos:

É, isso mesmo.

Entrevistador:

Interessante. Legal. E você percebe que esse momento, ele acontece com mais ou menos frequência na sua vida hoje, considerando épocas anteriores?

Carlos:

Eu acho que acontece com mais frequência hoje, porque antes, minha relação com música era mais eu sair pra um lugar, pra uma festa, escutar um DJ tocar, que sempre foi muito também, principalmente pela música, e queria ouvir música mesmo. Um DJ que eu gostava, uma festa que não teve o estilo que eu gostava, mas hoje em dia é prioritariamente doméstico, porque eu sinto que não curto mais sair tanto e tal. Tem mais uma acalmada, se posso dizer desse jeito.

Aí é principalmente doméstico, sem idade, né?

Entrevistador:

Tá bem. Deixa eu te perguntar aqui, cara, fazer a pergunta final aqui da entrevista. Eu queria saber o seguinte, você, no seu comportamento pessoal, quando tá ouvindo música com um protagonismo, como é que é?

Você se arrepia, você tá ali manipulando o vinil o tempo inteiro, a capa do vinil, o encarte, você tá se emocionando, você tá dançando junto, cantando junto, como é que é esse momento do seu envolvimento pessoal com aquela hora?

Carlos:

Depende do que você está ouvindo também, né? Acho que isso também vai estar mais vinculado ao gênero musical, né? Então, às vezes, sei lá, por exemplo, minha mulher tem...

A gente, desculpa, ela tem muito gênero de pop, né? Normalmente, quando a gente tá assistindo pop, a gente compreende que é uma dona, mas não é isso. Ah!

Mas aí, quando é uma coisa mais, sei lá, acho que é contemplativa, também é outras coisas, né? A gente tá emocionado, de acompanhar, né? Então, ficar prestando muita atenção no som.

Mas a maior parte do tempo é isso, né? A gente está ouvindo música, prestando atenção na música, comenta coisas da própria música, conversa. Mas acho que tá mais vinculado ao gênero, né?

O estado de humor e de comportamento vai estar mais vinculado ao que a gente está ouvindo.

Entrevistador:

Entendi. Cara, muito obrigado pela tua entrevista, pelo seu tempo, disponibilidade, tá?

Carlos:

Fico muito feliz de ajudar. Espero muito que tenha servido de algo por sucesso na pesquisa, inclusive. Acho muito maneiro participar também.

Entrevistador:

Obrigado, cara. Muito obrigado.

Carlos:

Valeu a oportunidade. Tudo bom pra ti. Até mais.

Tchau, tchau. Boa noite. Valeu.

Clementina Trevisani

Escolaridade: ensino médio

Ocupação: musicista, aposentado(a)

Nascimento: 02/11/1965

Idade: 58

Entrevistador:

Então, essa entrevista tem três blocos. Dá mais ou menos meia hora. Nesse primeiro bloco, a gente vai falar sobre a sua relação pessoal com música.

Clementina:

Eu trabalhei, a minha vida toda foi música, me profissionalizei, toquei em orquestra, e fazia shows, gravações, então, assim, criei meus filhos com música.

Entrevistador:

Como uma profissional de música, mas e você como ouvinte de música?

Clementina:

Bom, como ouvinte, eu curto todas as músicas. Música clássica, porque era a minha formação, e música popular, que eu sempre fui... Meu apelido, inclusive, era Clementina Motorola, porque eu gostava de cantar todas as músicas, conhecia todas as músicas, então ia fazer show, os cantores ficavam sempre brincando comigo, porque eu conhecia todas as músicas.

Ai, meus cachorros estão me infernizando. Então, assim, foi uma... Eu sempre curti muito música, de todos os credos.

Entrevistador:

Certo. E, assim, você costumou comprar produtos com temas de música, discos, livros?

Clementina:

Tem que esperar aí.

Entrevistador:

Desculpa.

Clementina:

Para de latir. Sai daqui. Desculpa.

Oi, Rafael. Acho que agora a minha filha chegou, a Bia chegou, vai segurar os cachorros. Comprar produtos relacionados à música, tipo CDs, LPs...

Sim, bastante. Bastante. Durante muito tempo eu comprei muita coisa, muito CD, muito LP, muita coisa.

Entrevistador:

Você percebe alguma... Como é que você vê, considerando a sua posição como ouvinte, desde os tempos que você comprava disco, em algum momento depois passou para CD, como é que foi essa tua trajetória como ouvinte? Você percebe alguma diferença que concerne a tua experiência, a sua própria relação com música?

Clementina:

Tipo, se eu tinha algum tipo de seletividade que foi amadurecendo conforme eu crescia na profissão, alguma coisa assim?

Entrevistador:

Não, eu estava pensando do ponto de vista da sua relação com o objeto musical mesmo, com o disco, com a fita.

Clementina:

Eu sempre gostei muito. Então, às vezes, mesmo não estando trabalhando diretamente com essas pessoas, como eu fiz muita gravação, às vezes eu gostava até de comprar o CD para ficar escutando em casa, não para me curtir, mas porque a obra era boa, a música era boa, então eu queria levar aquilo para casa. Mudou a partir do momento que você tem filhos, porque a grana começa a ficar difícil, mas, de qualquer forma, era um dos meus hobbies, trabalhar com música, e aquilo que eu gostava às vezes até comprava para descobrir coisas novas, principalmente artistas internacionais, que eu não tinha muita chance de estar perto.

Então, na época, não sei se você vai lembrar, se você já estava nascido, que tinha a Mesbla, que tinha uma coisa muito grande de música. Então, às vezes, eu ia para lá, ficava escolhendo, num primeiro momento pela capa, gostava, o tipo de música, e aí eu acabava levando e acabava virando, não digo fã, mas curtindo aquele tipo de música, de novos artistas e tudo mais.

Entrevistador:

É interessante. Você assina alguma plataforma *streaming*, Clementina?

Clementina:

Estou na conta família do Spotify. Mas gosto muito do rádio. Eu escuto muito rádio.

Entrevistador:

Escuta mais rádio. Bacana. Você, naquela época que estava na virada do século, que estava mudando o padrão tecnológico do disco, estava acabando o disco, você tinha o hábito de baixar música?

Como era isso?

Clementina:

Não, porque era como se eu mesma estivesse me pirateando. Era assim, depunha muito contra a minha profissão, e a gente sofreu muito com essa questão de baixar a música. Era um piratão para a gente.

Isso envolve também uma questão financeira, porque a gente recebe direitos autorais, direitos conexos, que com a baixa de CD, a compra dos CDs e DVDs e tudo mais, essa renda cai também para os músicos e para os intérpretes. Então isso foi uma... Dentro do meio musical, era uma coisa meio que...

Difícil. Tipo assim, cara, você está traindo a sua profissão, sabe como é?

Entrevistador:

Mas você... Porque também tinha naquela época a loja da Apple, você podia comprar música digital. De alguma maneira você participou desse mercado?

Clementina:

Não, não, não.

Entrevistador:

Tá. Bacana. Vamos falar um pouquinho sobre os seus hábitos de audição.

Você falou que gosta de ouvir música... Você ouve mais música no rádio, você tem disco, você tem vitrola, ou você ouve mais por plataforma. Como é que você costuma ouvir?

Clementina:

Atualmente eu escuto mais pelo rádio. A vitrola tem uma história muito triste na minha vida.

Entrevistador:

Por quê?

Clementina:

É muito triste. Eu tinha uma coleção gigantesca de LPs, que eu cuidava com muito carinho. E ocupava um espaço tremendo.

E tinha inclusive LPs de músicas clássicas, raras, de gravações, que você não acha mais em CD nem em lugar nenhum. Então eram discos raros, tinha muitos discos de música popular autografado, porque eu participei da gravação, participei do show. E eu não tinha lugar para guardar na minha casa.

A minha tia morava sozinha, ela tinha um armário embutido enorme. Ela perguntou, você quer que eu guarde na minha casa? Eu falei, não, se não for te atrapalhar, beleza.

Aí ela levou. Cara, mas eram uns 400 discos, ou talvez mais. E aí um belo dia ela me chegou em casa com 60 reais.

Eu olhei aquilo e falei, o que é isso? Ela falou assim, não, está aqui. Você falou que queria um dia vender os discos.

Eu vendi para você, arrumei uma pessoa, cara, as lágrimas vieram nos meus olhos. Eu falei, não acredito nisso. E eu não tive coragem de brigar com ela nem coisa nenhuma.

Então eu perdi todos os meus discos dessa forma. Então não tinha mais sentido ter LP. Ter vitrola.

Agora que a vitrola está voltando, a gente sabia, como músico, a gente sabia que isso ia acontecer. Era previsível. Assim quando começou a discoteca, que

começou a questão dos sintetizadores e tudo mais, que meio que roubou o trabalho dos músicos de estúdio, principalmente músicos de cordas e tudo mais, que era tudo no sintetizador, a gente sabia também que essa fase ia passar e que voltaria à gravação dos instrumentos originais dentro do estúdio, porque é uma questão de som, é uma questão de respiração, é uma questão de interpretação. A coisa mecânica, a mesma coisa, o CD e o LP. O LP tem aquele chiado que faz a diferença de um CD e o LP. O LP acaba tornando a coisa um pouco mais real, entre aspas. Aquele chiado faz parte.

Entrevistador:

Você acha, então, que o som do vinil, na sua opinião, é mais legal, mais interessante?

Clementina:

Com certeza. A relação estaria para uma fotografia com uma câmera analógica e uma fotografia com uma câmera digital. Quando você vai lá para a sala escura e faz a revelação do teu filme, ela tem uma alma que não vai sair na digital.

A mesma coisa o CD e o LP. Falta essa alma que não é captada pelo CD. Entendeu?

Entrevistador:

Entendi. Deixa eu te perguntar, você acha que a música te ajuda a desempenhar tarefas? Como é que a música se encaixa no seu dia a dia?

Clementina:

Eu sempre falei para os meus filhos e para todo mundo que eu me considero uma privilegiada profissionalmente, porque eu digo sempre que a minha profissão me permitia ganhar dinheiro, fazer terapia e me divertir. Porque eu vivi momentos fenomenais na música popular e principalmente na música clássica, que tem uma relação mais profunda com essa questão de sensibilidade. Primeiro que é um tempo mais longo.

Você vai tocar uma sinfonia de Beethoven e ela te leva uma hora e meia. Coisa que nenhuma música popular vai ter essa relação de tempo. Então, assim, dentro da música clássica, eu tive músicas, por exemplo, que eu não podia tocar, porque eu entrava em crise de choro e eu tive uma ópera que eu pedi para ser dispensada porque eu não conseguia tocar.

Eu entrava em uma crise de choro compulsiva e o nome dela é Suor Angélica, de Puccini. Uma das obras mais lindas para mim e é inexplicável, porque a primeira vez que eu toquei essa ópera eu não entendia o que estava acontecendo comigo. Então, assim, eu acho que a música tem sempre o dom de te fazer exorcizar muita coisa, botar para fora.

Seja dançando, seja cantando, seja chorando por aquela música, ficando extasiada. E tem umas músicas na música popular que também me causam isso. Entendeu?

Que também me causam esse tipo de coisa. Mas, assim, é maravilhoso. Eu acho que o mundo sem música não existe.

Tudo é música.

Entrevistador:

Você acha que esse momento de conexão especial que você está descrevendo, por exemplo, com essa obra do Puccini, você se percebe experimentando esse momento com frequência ou com que contexto? Você busca por esse momento ou é uma coisa que aconteceu num momento lá atrás e hoje não acontece mais? Ou acontece com frequência?

Clementina:

O fato de eu estar aposentada agora da orquestra, da música clássica, então, assim, esses momentos que não eram escolhidos por mim, ia muito do que tinha na programação. Foram surpresas para mim. Eu me pegar sentindo determinadas coisas, eu não tinha como procurar, até porque eu nunca tinha passado por aquilo.

Então, assim, não vou dizer para você que eu procuro ouvir essa ópera em específica porque ela me causa, apesar de eu entrar nesse choro compulsivo, ela me causa muito cansaço. É um cansaço mental, físico até, porque é uma mudança tão grande dentro de mim e eu não sei por que acontece isso, mas ela me exaure, sabe? Então, assim, vou te dar um outro exemplo.

A primeira vez que eu toquei Carmina Burana. A partitura da viola, que era o instrumento que eu tocava, ela tinha uma determinada marcação repetitiva que eu praticamente entrei em transe quando eu comecei a tocar. Eu comecei a tocar e eu percebi que eu comecei a ficar tonta, tonta, tonta.

Eu falei, caramba, eu vou desmaiar aqui. Aí eu parei. Então, eu só podia tocar essa música, e é uma obra que a gente toca muito, eu só podia tocar essa música sem prestar atenção na partitura, eu tinha que botar minha cabeça pra outro lugar.

Eu não podia estar concentrada na minha partitura, eu tinha que estar olhando a plateia, pensando em outra coisa, porque se eu me concentrasse completamente naquela partitura, eu entrava nesse transe de novo. Não vou dizer que isso é comum acontecer com todo mundo, entendeu? Eu sou uma pessoa que eu tenho, assim, uma sensibilidade muito grande pra determinar, pra música, no geral.

Entendeu? E, assim, não acho nem que seja uma coisa de estar se vangloriando, porque eu acho que isso é uma coisa até que prejudica, sabe? Porque você acaba não conseguindo se concentrar realmente naquilo que você está fazendo.

Então, como no caso da Carmina Burana, que eu tinha que me desconcentrar completamente. Isso, para um músico, é péssimo, né? Então, assim, mas eu não busco, não busco.

Entrevistador:

Nem como ouvinte.

Clementina:

Nem como ouvinte. Nem como ouvinte. Assim, eu escuto música clássica, mas eu escuto aquelas que me dão mais leveza do que propriamente me colocar nessa situação de choro compulsivo.

Entendeu? Atualmente eu prefiro escutar aquelas que eu sei que me trazem mais leveza, mais plenitude, mais êxtase, qualquer coisa assim. Entendeu?

Mas não essas que me derrubam. Entendi.

Entrevistador:

Mas você busca esses momentos de conexão exclusiva, quase exclusiva, com a música ou a música é alguma coisa que te acompanha durante a execução de outras tarefas do dia a dia?

Clementina:

Ah, eu escuto música o dia inteiro, mas música popular. Eu deixo no rádio, que eu gosto de escutar. Vou para o banho cantando.

Porque eu curto. Eu sempre gostei de música popular. Sempre.

Então assim, estou cozinhando, o rádio está ligado. Às vezes eu vou varrer a casa, coloco o celular no bolso e estou com o rádio ligado. Entendeu?

Entrevistador:

Então assim, nesses momentos a qualidade do áudio não é especialmente significativa para você, como se fosse um acompanhante do seu dia a dia, ou é? Estou falando bobagem.

Clementina:

Sim. Primeiro que assim, às vezes eu fico o dia inteiro sozinha dentro de casa, então também é uma forma de eu ficar com o som. E tem horas que eu quero silêncio, tem horas que nem televisão eu escuto com som, mas no geral eu gosto de cantar.

Eu sempre falei que eu sou uma cantora frustrada, porque eu nunca consegui ser cantora. Então eu gosto de cantar. Sempre gostei de cantar. Então eu gosto de ouvir música e cantar junto.

Entrevistador:

Legal, Clementina. Pô, é isso. Fechamos.

Super te agradeço pelo seu tempo, essa confusão chata, mas deu super certo.

Clementina:

Prazer falar sobre isso. Depois eu quero ver a tua pesquisa, porque eu fiquei interessada.

Entrevistador:

Com certeza, quando tomar uma forma final, eu te encaminho.

Daniel Chamusca

Escolaridade: graduação

Ocupação: editor de livros

Nascimento: 06/10/1994

Idade: 29

Entrevistador:

Então, Daniel, essa entrevista faz parte do meu projeto de pesquisa do doutorado, na PUC-Rio, que investiga a experiência de um indivíduo que se identifica como com interesse acima da média em música nas plataformas de *streaming*. Então, é voltada para a música gravada, não é? Está bem?

A entrevista é dividida em três blocos. No primeiro, a gente busca investigar a sua relação pessoal com música. No segundo, a gente fala um pouquinho sobre os seus hábitos de audição musical.

Conforme for, a gente entra no terceiro bloco, que é sobre um tipo de experiência que a gente está mais diretamente interessado. Está bom?

Daniel:

Beleza.

Entrevistador:

Então, eu queria te pedir, para falar com as suas palavras, qual é a importância da música na sua vida?

Daniel:

A palavra importância é muito grande, parece que acaba te dando um peso a mais e parece inutilidade falar que música é uma coisa muito importante para mim. Mas acho que é uma palavra que seria boa para descrever, sim, porque... Principalmente música pop, né?

Mas eu sempre falo que eu gosto de música pop, isso é um guarda-chuva que engloba bastante coisas. E é o meu tipo de mídia favorito, né? Sempre tem as pessoas que falam, ah, eu adoro um bom livro, ou pessoas que falam, ah, eu adoro ver filmes, né?

E para mim é sempre música. Então, se eu tiver que escolher entre qualquer tipo de mídia, e eu acho que as pessoas em si sempre vão ter uma mídia de escolha, né? Tipo, pelo menos agora, nessa época que a gente vive, que está tudo muito fácil de acesso.

No caso da minha mãe, por exemplo, é televisão. Minha mãe não lê, minha mãe não vê filme, minha mãe não escuta nada, mas ela está sempre na televisão. Está ligada ali enquanto ela está assistindo alguma coisa, vendo novela e tal.

Tenho amigos que são de filmes. E, para mim, é música. Eu sempre estou escutando música.

Eu me irrita quando eu tenho que pausar minha música para ouvir o áudio de uma pessoa. Eu estou o tempo todo esperando qual vai ser o próximo álbum, eu marco na minha agenda, eu estou fazendo *playlist*, eu estou comprando CDs aqui para... Uma pequena coleção de CDs que eu tenho aqui em São Paulo, na casa dos meus pais, eu tenho outros 180.

Então, de quantidades à parte, música é sempre uma coisa que está me acompanhando. Eu estou sempre pensando em música, sempre cantando, ouvindo. É assim que eu entendo os meus sentimentos.

Então, se eu estou bravo com um amigo meu, eu vou lá e faço uma *playlist* ouvindo música de raiva, tipo, ao invés de eu ir lá e desabafar com ele. Se eu estou apaixonado, eu faço uma música pensando na pessoa que eu estou gostando e as músicas que estão me lembrando aquilo. É o jeito que eu me expresso, né?

Eu não me considero uma pessoa que produz arte de qualquer forma. Eu não escrevo, não pinto, não fotografo. O jeito que eu me expresso é emprestando as palavras e os sons das músicas que eu gosto e organizando da minha forma, né?

Então, é cortando pedaços, trechos, fazendo edit no aplicativo de celular para postar no TikTok, fotos no Twitter, sempre dos cantores que eu gosto, das bandas que eu gosto. Eu brinco que eu gosto muito de ir em show, né? Esse ano eu não fiz as contas, mas no ano passado eu fui em muitos shows.

Acho que deu uns 10 shows de escala grande de música pop. E as pessoas brincam, né? Ah, você está indo em outro show?

Sim, é para isso que eu trabalho. É a experiência que eu gosto, né? Tipo, eu não vou para a balada no fim de semana para poder depois pagar a pista prêmio do show da Taylor Swift, do Coldplay, da Dua Lipa.

É o lazer que eu gosto. Se eu pudesse descrever de uma maneira prática, é o meu lazer de escolha.

Entrevistador:

Super. Deixa eu te falar. Então, não é muito difícil afirmar, pela sua primeira resposta, que a música ajuda a formar a sua identidade como pessoa, né?

Daniel:

Sim. É engraçado que, como eu sou muito, vou usar a palavra obcecado, apesar de eu não gostar muito dessa palavra, mas eu sou muito dedicado, vou usar essa palavra. Eu sou muito dedicado a alguns cantores.

Tenho amigos que gostam menos dessas bandas, desses cantores, e acabam lembrando de mim quando vem alguma coisa. Ou me marcam. Ah, você viu que lançou tal álbum de fulano de tal?

E eu sempre sei, porque eu sempre estou acompanhando a paz, mas eu acho engraçado, eu acho fofo que é isso, né? Às vezes você vê um livro e você fala, ah, fulano gosta de tal livro. E lá, tem uma amiga que coleciona O Pequeno Príncipe.

Então mesmo quando eu vejo em qualquer lugar O Pequeno Príncipe, eu lembro dela. E no meu caso, é música. Então, sim, eu acho que forma a minha identidade.

Entrevistador:

Você tem, assim, recordação das suas primeiras audições musicais?

Daniel:

Eu tenho. Eu sou de Piracicaba, sou do interior, não é tão longe aqui de São Paulo, e que nem eu falei, meus pais não são muito de escutar músicas. Mas lá nos anos 90, a gente não tinha internet, era o que a gente tinha, televisão e rádio.

E meus pais me ensinaram a comprar CDs. Só um instante que é do ingresso aqui, perdão.

Entrevistador:

Ah, tudo bem. Eu te espero.

Daniel:

Vamos ver se eu consigo. Como qualquer experiência de tentar comprar ingressos, está indo e voltando e esgotando. E talvez eu não consiga, mas tudo bem. Não foram encontrados os ingressos, apesar de aparecer que tem ingressos.

Entrevistador:

Se precisar dar atenção a isso, é só pausar.

Daniel:

Não, eu vou fazer as duas coisas aqui, mas como é uma pergunta de memória, acho que é mais fácil de lembrar. Então, meus pais me ensinaram a comprar CDs, porque era o jeito que eles tinham. Eu não peguei a época de vinil, nem agora eu voltei a pegar vinil, mas quando eu tinha nos anos 90 também não.

Meus pais já tinham CDs e a gente tinha um rádio. E eu lembro das minhas primeiras memórias ouvindo música, são algumas delas. Então, primeiro, são os CDs do sertanejo do meu pai, principalmente Chitãozinho e Xororó, e o CD de Natal deles, que eles têm algumas músicas, acho que até com o Sandy Junior.

E eu me lembro muito de ouvir esse CD na sala de casa. Minha mãe gostava de Raul Seixas, ela não tinha nenhum CD, mas sempre que tocava no rádio me fazia lembrar. Especial de Natal do Roberto Carlos, que é uma coisa meio TV, meio música, mas a minha mãe gosta muito de Roberto Carlos, e era o jeito que ela tinha de assistir.

Então, todo final de ano... Ah, peraí. Desculpa, meus amigos estão mandando mensagem, acho que é por causa do ingresso, mas todo final de ano minha mãe assiste, e até hoje, de vez em quando não dá pra eu assistir de voltar lá com ela, eu fico triste, eu tento ver daqui, tento assistir com ela pelo celular, então Roberto Carlos, e das músicas que eram realmente as minhas escolhas, porque eu era criança, então Sandy Junior, Xuxa, Eliana e Angélica. Então eu tenho todos os meus CDs da Xuxa, da Eliana, eu tenho um CD da Angélica, até hoje lá em Piracicaba. Eu lembro que, outra memória que eu tenho bastante, que é meio televisão, meio música, é assistindo as aberturas de novela, então eu lembro da abertura de O Rei do Gado e da música, então eu lembro, eu recordo meu pai ouvindo isso, e acho que de escolha mesmo são os CDs da Xuxa.

A minha música favorita, que eu lembro muito que eu ouvia tanto, era Salada Mista, do CD da Xuxa, Luz no Meu Caminho, que acho que é um CD que ela tinha, e eu colocava no *repeat*, tipo, eu acho que eu tinha ali uns 5 para 6 anos, então as pessoas me ensinaram a mexer no rádio, que a gente tinha, e eu colocava só essa música no *repeat*, só essa música, com o encarte na mão, tentando ler, depois que eu já tinha ali aprendido a ler, 5, 6 anos, e ouvindo essa música no *repeat*, no *repeat*, no *repeat*.

Acho que essas são as memórias que eu tinha mais, né, e depois começou, eu sempre fui muito noveleiro também, eu entrei para a faculdade porque eu queria trabalhar fazendo abertura de novela, então eu queria trabalhar com motion antes de saber que era isso, mas por exemplo, eu lembro que eu assistia as novelas com a minha tia, e minha tia tinha os CDs, porque comprava CD de novela, e eu ficava ouvindo, então eu ficava escutando o CD de Laços de Família, ficava escutando o CD de Zaza, sei lá, tipo, todos os CDs que ela tinha, de O Amor Está no Ar, todas essas novelas aí do final dos anos 90, começo dos anos 2000, eu ficava escutando, foi assim que eu fui comprando, né, porque eu assistia as novelas, eu gostava de comprar os CDs, que eu descobri muitos cantores que hoje são meus favoritos, então Sarah Burrells, Kelly Clarkson, que eu fui conhecendo porque tinham músicas na coisa, e fui me apaixonando, e depois comecei a comprar os CDs meus hoje, e hoje eu tenho mais de 200 CDs, e eu só não comecei a comprar vinil, porque eu sei que eu vou me descontrolar, e vinil é muito caro, e eu não tenho onde escutar, então me dou uma controlada, e gasto dinheiro só com CDs, mas respondendo a sua pergunta, foi assim que eu comecei a ouvir quando criança.

Entrevistador:

Ah, ótimo, cara, deixa eu te perguntar, você também é consumidor de produtos musicais, por exemplo, camisas, pôsteres, memorabilia, livros, assim, enfim...

Daniel:

Eu sou principalmente de CDs, e eu comecei uma coleção, faz uns dois anos, de camiseta oficial de show, né, eu tenho algumas camisetas não oficiais nessas lojas de fãs, mas eu comecei a comprar de memória, para mim, dos shows que eu vou, as camisetas dos shows, e é engraçado porque nunca tem o meu tamanho, eu uso M, às vezes eu uso P, e sempre só tem G, então eu tenho umas sete camisas G, que não servem pra mim pra nada, tipo, eu tenho que estar num momento muito especial pra conseguir fazer um look com a camiseta grande, mas os produtos oficiais que eu tenho, né, sempre são caras, porque, enfim, né, eles se aproveitam dos fãs, e você tá no calor do momento, mas eu

tenho isso, eu tenho alguns copos, tenho muitos CDs, pôsteres, eu tenho os que vêm nos CDs, mas eu não tenho coragem de colar na parede, então de produtos seriam principalmente esses, e aí, sei lá, um ou outro chaveiro, alguma coisa, um broche e tal, mas não é, não diria que faz parte de coleção.

Entrevistador:

Legal, você já começou a introduzir um pouco o assunto que eu vou abordar nessa pergunta, você falou um pouco da sua relação cronológica com a indústria fonográfica, você falou um pouco de CD, e aí você é de 94, né, pelo que eu tô vendo aqui, aliás, parabéns aí, você fez aniversário esse mês aí.

Daniel:

Foi, 20 dias atrás, já sei, obrigado.

Entrevistador:

Legal, então, você, de 94, o Napster é um marco aí da transição do, chama de desmaterialização da música, né, você deixa de ter necessidade de ter um suporte físico para ouvir música, ele é de 99, então você, com essa idade, em 99, você tinha menos de 10 anos, né? É. Você, ainda assim, quer dizer, isso é um marco temporal, mas não significa que você não tenha vindo, você pode ter vivido, já entrevistei pessoas que, apesar de terem nascido na década de 90, têm muita referência com cassete, por exemplo, né, que é uma mídia muito mais antiga, mas, então, você consegue correlacionar, me contar um pouquinho dessa história de vida em paralelo com os suportes musicais, como é que foi essa transição, por exemplo, do CD para a rotina de fazer o download de música e agora, recentemente, mais recentemente, né, com as plataformas de *streaming*?

Daniel:

Sim, sim, é engraçado que são coisas que eu não penso, mas são memórias que eu tenho muito porque eu lembro, né, então é isso, eu sempre comprei CDs, né, então, como eu comentei na minha casa, sempre teve isso, e eu ganhei meu primeiro computador em 2003 e o acesso à internet em 2004, então eu tinha 10 anos, era uma coisa que eu sempre pedia para os meus pais, porque eu ligia na televisão, mas, né, não lembro se era um computador, pelo menos naquela época, com uma criança tão jovem, mas quando eu tive 10 anos, eu ganhei, mas ainda assim, eu ainda não tinha o costume de músicas nisso, né, ali para entre os 10 ou os 12 anos, eu lembro que eu comecei a consumir CDs piratas, principalmente de rebelde, RBD, porque é isso, né, todo mundo no colégio tinha, mas eu ainda então estava nos CDs, mas a troca de músicas era por CDs, né, você emprestava os CDs e fazia uma cópia, que eu sinto que é uma coisa que os meus, sei lá, primos mais velhos contam que existia muito nos anos 90, esse negócio de trocar a fita e tal, para mim chegou um pouco mais tarde, mas acho que é só pelo, não sei, por estar no interior, por ser de uma família mais, menos rica e tudo mais, né, não me digam que eu sou classe média, mas, né, meus pais nunca foram ligados nesse tipo de coisa de tecnologia, mas enfim, aí em 2008 ou 2009, eu ganhei um mp4 e eu tinha um primo que tinha um mp4, e eu era o primo que tinha computador, então ele ia na minha casa e me dizia as músicas que ele queria que eu baixasse, para eu baixar e colocar no mp3, mp4 dele, e foi assim que eu comecei a gostar de muitos artistas que eu gosto até hoje também, como por exemplo o Britney Spears, Britney Spears Madonna foi meu primo que me ensinou, porque ele conhecia, sei lá, indicavam para ele, ele via na televisão, e ele me pedia para eu baixar, esses arquivos ficavam no meu computador, ele fazia eu escutar também, ah, escuta esse clipe, veja, veja esse clipe, escuta essa música, comecei a escutar dessa forma, então foi ali por 2007-2008 que eu comecei a

baixar músicas, mas ainda assim muito sendo guiado por ele, não entendia muito, né, e aí eu lembro que ali para 2009-2010 eu comecei a participar de comunidades no Orkut de música, e aí você começa a aprender muito mais, né, eu baixava principalmente do 4Shared, eu cheguei a usar um pouquinho de, sei lá, LimeWire, E-mule, essas coisas, mas eu tenho pouca memória disso, acho que já era, eu baixava mais nesses sites de, que as pessoas subiam, mas não era o mesmo esquema de *seed* e tudo mais, não entendo muito essa parte, então era principalmente 4Shared, MegaUpload, esse tipo de portal, então eram comunidades do Orkut que faziam fóruns, né, com discografia, então tipo, ah, se você gostou do álbum novo da Beyoncé, baixa também a discografia do Destiny's Child, e eu tenho até hoje, né, então eu baixava tudo no meu computador, eu tenho alguns *prints*, posso te mostrar, que eu postei outro dia no Twitter, que eu encontrei, então eu tenho no meu HD externo e tenho em CDs, que a gente gravava, quando eu fosse trocar de computador, eu tinha que salvar todos os arquivos, então eu tenho todas as minhas passas, e aí em 2011, eu comecei a usar o Last.fm, que é uma plataforma de, não sei se já ouviu falar, provavelmente sim, né, e até hoje eu sou o doido do Last.fm, então eu comecei a baixar as músicas e catalogar do jeito que tinha que ser, né, então o nome do artista, nome de música, aquele jeito certinho, para ficar bonitinho nos gráficos, então ali, então de 2010 até mais ou menos 2015, todo o meu consumo, ainda comprava CDs, mas eu já não escutava os CDs, eu só comprava o CD pelo encarte, para ter em casa, e baixava as músicas ilegalmente, aí quando foi em 2015, eu entrei para o Spotify, comecei a usar o Spotify, foi no segundo semestre do Spotify, eu tenho certeza, o primeiro álbum que eu escutei no Spotify foi o Badlands da Halsey, Halsey, Halsey, sei lá, e eu lembro que eu fiquei muito triste, eu tenho um tweet disso ainda, posso te mostrar depois também, porque eu tinha que abrir mão do controle que eu tinha, em como eu catalogava, categorizava as minhas músicas, para começar a usar o do Spotify, então às vezes eu não usava a tag deluxe, e o Spotify usava, e eu sabia que isso eu ia perder os gráficos do meu Last.fm, né, não ia ter mais gráficos automáticos, ia ter que começar a somar manualmente, mas eu fui para o Spotify, porque era o jeito mais fácil, né, eu não estava mais tendo paciência para conseguir baixar as coisas que eu queria, e sempre saía muito mais fácil no Spotify, era um jeito muito mais fácil de descobrir artistas novos, principalmente, né, então eu continuei baixando ali por mais um tempo as músicas que eu gostava, mas eu comecei a fazer isso, e porque os meus amigos começavam, né, então eu queria, foi quando eu comecei a fazer *playlists* e trocar *playlist* com os outros.

Um hábito que eu tenho, então, desde 2015, 2015 acho que eu não fiz tanto porque, como eu falei, foram poucos meses, mas em 2016, com certeza, eu já comecei, eu tenho até hoje, é criar uma *playlist* por ano, e salvar as músicas que foram destaques para mim, sempre que eu escuto é como se fosse uma cápsula do tempo, né, então essa foi a minha transição aí para o stream, continuei usando o Spotify, mas aí, então, usando o que o Spotify mesmo fazia, de *tags*, de álbuns, em 2017 eu parei porque desconfigurou de alguma forma e não consegui, em 2018 eu voltei, inclusive, esses dias eu descobri que dá para você pedir o histórico do Spotify e lançar manualmente no Last.fm, eu estou muito para fazer isso, e aí, enfim, hoje eu sou apaixonado pelo Spotify, eu até tenho o Apple Music, que faz parte do plano de assinaturas que eu divido com os meus amigos, tenho o Deezer grátis, mas não escuto tanto, mas é o que o meu namorado usa, e aí, então, às vezes eu quero ver as *playlists* que ele está ouvindo e tudo mais, mas aí eu tenho o Spotify, eu não consigo abrir mão, é o que tem a melhor usabilidade para mim, mesmo não tendo algumas coisas exclusivas e tal, mas, enfim, escuto no YouTube, escuto menos, escuto pouco, e aí, o que, se eu tivesse que hoje falar qual a coisa mais inútil que eu tenho, mas que eu ainda faço, por conta do meu amor por música, é que eu pago o Last.fm Premium, então são 3 dólares por mês, para eu ter direito de alterar as coisas,

então quando o Spotify usa uma tag que eu não gosto, eu vou lá e arrumo, para poder organizar do jeito que eu gosto, porque é o meu diário, então, uma coisa que eu gosto muito no Last.fm, tem a ver com os anúncios de música, é poder comentar na página de cada música, e depois, de alguns anos, entrar lá e ver meu comentário, e lembrar de por que que eu coloquei aquilo, né, então, ah, nossa, em 2009, não usava, em 2013, eu estava ouvindo tal música da Kelly Clarkson, e comentei lá, tipo, ah, nossa, essa música me deixou muito feliz, porque não sei o que, não sei o que, aí depois eu vou lá, hoje em dia, às vezes não lembro que eu deixei o comentário, tem músicas que eu sei que eu deixei o comentário, e às vezes eu não lembro, tipo, só quero ir lá, porque eu quero ver o que as pessoas estão comentando, e aí tem um comentário meu lá, falando, e eu lembro, ah, nossa, é verdade, tal música foi em tal momento, então, não sei se respondeu bem a pergunta, mas eu acho que sim, né, que passou bem.

Entrevistador:

Falou pra caramba, aí deu riquíssima resposta.

Daniel:

Pelos formatos, é.

Entrevistador:

Deixa eu te falar, então, você já me respondeu que você tinha o hábito de ouvir músicas, que você também é assinante de plataforma do *streaming*, nesse caso, várias, aí eu queria te perguntar, você falou que não tem o hábito de ouvir os CDs que você compra, você compra os CDs, por que, então?

Daniel:

Pelo encarte, principalmente, e como objeto de decoração, então, são as duas coisas. Até mais ou menos ali, bom, não vou lembrar o ano agora, mas lá em 2014, 2015, eu ainda escutava bastante, eu tenho muitas memórias de ali entre a sétima série, a oitava série, até um pouco depois, então, eu ia pra escola de manhã, na tarde, eu ficava sem fazer nada em casa, eu nunca fui uma pessoa de sair muito, inclusive, hoje, às vezes, eu até me arrependo de, não sei lá, não ir pra biblioteca, não ir pra clube, não sair com os meus amigos, eu saía, mas eu gostava de ficar em casa, fazendo as minhas coisas. Tinha duas coisas que eu fazia muito, escutar os meus CDs no DVD, porque eu não tinha mais um mini-system, então, eu colocava no DVD pra ouvir na televisão, fazia muito isso com os CDs da Kelly Clarkson, da Britney, principalmente, e escutar rádio, porque, hoje, é uma coisa que faz, que eu consigo ver paralelos até hoje, que era escutar os top 10, então, de rádios, eu escutava das rádios lá de Pedra Escada, às vezes, eu tocava sertanejo, não era nem rádio que eu gostava, mas era lá, três da tarde, todo dia, tinha o top 15, sei lá o quê, sei lá o quê, e eu gostava de anotar, então, eu tinha num caderno, como se eu estivesse fazendo um registro da parada daquele lá, né? Até hoje, eu gosto muito de acompanhar a parada da Billboard ou a parada do Spotify, eu não trabalho com dados, mas parte do meu trabalho envolve Excel e planilha e ficar calculando e tabulando as coisas, é uma área que, inclusive, eu tenho vontade de migrar, e eu gosto muito de juntar essas duas coisas, até por isso que eu tenho o Last.fm até hoje, então, de ver, tipo, ah, tal música tá melhor e tal, tenho até uma brincadeira que eu faço, não é uma brincadeira, mas, tipo, no meu Twitter, né, que, tipo, eu faço pra mim, porque literalmente ninguém se importa, mas o Twitter é pra isso mesmo, que é tuitar como se o meu Last.fm fosse uma parada oficial, então, sempre que sai um álbum novo, eu vou lá e comento, tipo, nossa, em 2023, a Kylie Minogue foi a artista que mais teve plays de não sei o quê, não sei o que lá, ah, o álbum Tal foi o álbum que eu mais escutei no período de uma semana de lançamento, como se eu estivesse fazendo recordes oficiais, mas é o jeito de eu registrar pra

mim mesmo, porque eu sei que, como hoje eu gosto de ver no passado como eu estava, eu vou gostar de ver no futuro, é o meu jeito de ter o meu diário.

Algumas coisas eu até salvo em outros lugares, porque se um dia o Twitter parar de existir, eu vou perder todos esses posts, né, então eu tenho o meu Google, é isso, enfim, mas é isso, eu lembro de eu gostar de ouvir rádio e de ouvir os CDs, depois eu comecei a ouvir menos, né, então, o DVD parou de funcionar, não tinha mais rádio, no computador escutava um pouco, e eu só parei porque o Spotify, o *streaming*, ele facilita muito pra gente, é muito mais fácil, então você ter o CD ali, fácil, sem ter que jogar para o programa, aí ripar, passar para o celular e tudo mais, o celular nunca tem memória, então eu comecei só ouvindo Spotify, mas eu ainda gosto de comprar CDs, eu diminui bastante, claro, o ritmo, mas eu ainda gosto de comprar os meus favoritos, até os que não são tão favoritos assim, mas que eu gosto da capa, eu acho bonita, porque é uma materialização da música ali, é uma coisa que serve como objeto de decoração, então eu deixo, por exemplo, ali na minha estante, e sempre que eu olho, é quase como ver um retrato de alguém que você gosta, se você deixou a foto da sua família ali, eu vejo a foto do álbum e falo, é verdade, adoro essa música, e eu sou designer gráfico, né, eu sou formado em designer gráfico, então eu sempre gostei da parte de encarte, então ter o ensaio ali comigo, ver o pôster, ver o encarte, as fotos, as letras, é uma coisa que eu gosto muito até hoje, e eu compro principalmente para isso, é diferente ver na mão do que ver na tela do computador.

Entrevistador:

Então, Daniel, você também é do design, você sabe que essa pesquisa está sendo desenvolvida no laboratório de design da PUC, né, não sei se você...

Daniel:

Eu acho que eu vi isso quando alguém tuitou e falou que era isso, e eu só me inscrevi, porque era de parte de música.

Entrevistador:

Ah, bacana. Você, então, pegou o link do formulário de recrutamento no Twitter mesmo, né?

Daniel:

Foi. Eu não vou lembrar agora quem foi que tuitou, eu posso procurar nos meus seguidores, nos tweets de quem eu sigo, mas foi pelo Twitter.

Entrevistador:

Maravilha. Então, assim, considerando a produção e consumo de conteúdo na internet, como é que você correlaciona isso com o tema música?

Daniel:

O meu tipo de conteúdo favorito, que nem eu comentei, eu assisto pouco filme, porque sempre eu estou ouvindo música. Eu não sou o tipo de pessoa que consegue assistir filme fazendo duas coisas. Então, pessoas que assistem filme achando meu celular ou, ah, vou deixar um filme passando enquanto eu faço um trabalho, enquanto eu vou lá na louça, não consigo.

Eu preciso assistir com atenção. E música eu consigo, né? Podcast eu não consigo, mas música eu consigo, porque, sei lá, são menos...

Talvez porque seja a linguagem que eu já estou acostumado, mas também porque são menos sentidos envolvidos. Então, eu sempre estou escutando música e fazendo as coisas. E aí, quando eu preciso assistir alguma coisa, eu quero assistir alguma coisa.

Por exemplo, no YouTube, meu conteúdo favorito é *react*. Então, é o tipo de produção de conteúdo que eu gosto. É quase como estar falando sobre a música com algum amigo que está ali ouvindo pela primeira vez.

Eu tenho os meus grupos de cantores, de amigos que gostam dos mesmos cantores e tal, a gente comenta. E eu tenho essas outras pessoas que eu gosto de acompanhar, que é essa relação que a gente tem com o produtor de conteúdo, que eles são seus amigos, apesar de eles não conhecerem a gente, que eu gosto de sempre ver eles ouvindo, conhecendo álbuns, ou discutindo, falando sobre os principais que eles gostam. Esse é o tipo de conteúdo que eu gosto de consumir.

É o tipo de conteúdo que eu gosto de produzir, que nem eu comentei, né? Apesar de ser conteúdo que ninguém se importa, algumas pessoas se importam. Algumas pessoas dão like, curtem, querem saber.

Tipo, na próxima semana... Peguei um tempo, no ano passado, que eu comecei a fazer thread de primeiras impressões. Então, se você entrar no meu Twitter e procurar primeiro play, todos os...

Era o nome que eu colocava. Então, primeiro play no álbum tal, primeiro play no CD tal. E aí, às vezes, alguns amigos falavam, tipo, ah, você não vai fazer a thread do álbum tal?

Principalmente porque são meus amigos, eles se importam comigo, não são seguidores que não estão nem aí. Mas não deixa de ser produção de conteúdo, e esse tipo de relação que a gente tem com a internet, e querer colocar a nossa presença no mundo, né? Eu gosto muito de que as pessoas entendam que eu sou uma pessoa musical, né?

Então, eu gosto de fazer... Ah, um tipo de produção de conteúdo que eu, com certeza, faço, não só para os meus amigos, mas eu faço para a internet, são *playlists*. Eu gosto de fazer *playlists*, eu gosto de fazer turnês inventadas.

Então, assim que sai um disco, eu monto a turnê, aí, nas primeiras semanas, eu tento, dos artistas que eu gosto, eu faço *playlists* temáticas de, ah, se sua vida fosse um filme, então, você pode ouvir essa *playlist*. Se sua vida fosse um livro, Young Adult, seria essa *playlist*. Tem uma *playlist* que eu gosto muito, que eu comecei a fazer em 2020 e eu não parei até hoje.

Acho que ela é a minha *playlist* mais seguida, que são 260 pessoas, que... 260 pessoas é pouco, mas, ao mesmo tempo, eu não conheço 260 pessoas, e elas encontraram pelas hashtags, pela maneira como eu citei a descrição no Spotify, que é uma *playlist* que eu chamo de disco pop, que são as músicas pop com influência disco, que fizeram sucesso aí, né? Eu comecei a fazer em 2020, porque tinha muitas, e até hoje eu vou fazendo.

E é engraçado, porque, como eu mudei o meu nome no Spotify para o meu arroba no Twitter e no Instagram, pessoas, artistas independentes e tudo mais, me mandam um DM falando Oi, tudo bem? Eu encontrei sua *playlist*, eu vi que ela tem bastantes seguidores, achei bacana a sua curadoria, tô lançando essa música que eu acho que vai funcionar. Então, é quase que eu virei um *curator*, um curador, um *tastemaker* micro, nano, mas pessoas que eu não conheço me encontraram na internet por conta das *playlists*, por conta do conteúdo que eu produzi.

Então, posso dizer que eu produzo conteúdo musical, de certa forma, ou de curadoria.

Entrevistador:

Tá, ótimo, Daniel. Vamos falar um pouquinho agora sobre seus hábitos de audição, então. Você pode correlacionar para mim como é a música e a rotina, como é que ela funciona para você?

Sua rotina do dia a dia é música?

Daniel:

Minha rotina de dia a dia é com música, então, eu moro sozinho, mas uma característica que eu tenho é que eu não gosto de ouvir música em alto-falante, eu gosto sempre de estar de fone de ouvido ou no alto-falante do celular mais baixinho, eu não sou o tipo de pessoa que gosta de ouvir música alta. No máximo, na televisão, quando eu tô limpando a casa, mas é sempre o volume baixo. Mas então é isso, eu escuto música enquanto eu tô tomando banho, enquanto eu tô me arrumando, eu paro de ouvir música para ouvir um podcast que eu escuto todos os dias, que é um podcast de oração diária.

Peguei esse costume por conta de alguns amigos meus. Eu sou uma pessoa meio religiosa, meio não, ao mesmo tempo que eu sou bissexual e eu entendo, enfim, é todo um outro para uma outra coisa, mas é um tipo de quando eu não tô escutando música, eu tô escutando esse podcast de oração, especificamente, que também é no Spotify, tudo junto, e depois eu volto a escutar. Então, eu escuto isso, faço uma oração, volto a escutar música e vou até chegar no trabalho.

Eu tenho muitas reuniões, então, nem sempre eu tô escutando, mas eu posso ficar de fone de ouvido no trabalho enquanto eu tô respondendo o pessoal, então, eu sempre tô escutando alguma coisa. E eu tô... E é isso, eu não consigo escutar o dia inteiro, mas eu tenho que escutar ali pelo menos umas duas ou três horas durante o trabalho.

Eu só não volto escutando música no trabalho, porque eu volto à noite, e aí eu tenho medo, só por segurança, de andar em São Paulo à noite com fone de ouvido não é uma ideia muito boa, mas aí, chegando em casa, já volto a escutar música de novo. Ou quando eu tô assistindo alguma coisa, eu não tô escutando, mas é um pouquinho disso. Então, esse é o meu dia a dia, sempre escutando alguma coisa, eu nunca tenho...

Geralmente, é perto de coisas que foram lançadas naquela semana, porque é isso, eu tô obcecado no último álbum do Tricey Banks, que saiu faz duas semanas. Aí, daqui a pouco, amanhã, vai sair o álbum da Taylor Swift, e provavelmente eu vou escutar isso pelas próximas duas semanas, até sair o próximo de alguma coisa. Alguma ou outra *playlist*.

E aí, fora do dia a dia, mas ainda nessa parte de temporal, foi isso que eu comentei, eu organizo a minha vida para me preparar para os lançamentos que vão vir. Então, no ano passado, saiu o álbum novo da Taylor Swift, eu pedi folga no trabalho, eu tinha direito a uma folga, eu me organizei para tirar ela no dia 21 de outubro, porque eu queria poder ficar de madrugada escutando. Outra coisa que eu tenho também, que tem a ver com a minha rotina, eu tenho um amigo que tem um blog de entretenimento, e ele sempre fez *playlists*.

Agora ele virou meu amigo, ele não era meu amigo antes, mas eu acompanhava já desses de, tipo, portal. E ele fazia essas *playlists*, e ele tinha uma *playlist* que era de lançamentos musicais toda semana, que estava muito desatualizada. E aí eu criei coragem, mandei para ele e falei, oi, tudo bem?

Eu sou leitor do seu blog, e eu vi que você não atualiza essa *playlist* faz meses. Posso fazer parte da equipe? Eu sei que é voluntário, eu sei que não paga nada, mas eu gosto de acompanhar os lançamentos.

Se você precisa de alguém que atualize a *playlist*, seria muito legal eu ser parte da equipe. Então eu faço isso desde julho do ano passado, toda semana, toda quinta-feira, eu tiro a parte da noite para poder organizar. Então eu dou uma olhada em todas as *playlists* de lançamento do Spotify, de música pop, é o meu foco, e é o meu jeito de me manter atualizado e conseguir organizar de certa forma.

Então isso faz parte da minha rotina já também, eu sempre já sei, tipo, se eu vou sair de quinta-feira, eu já dou uma avisada para ele e falo, Diego, meia-noite não vai estar pronto, mas na hora que eu chegar em casa com certeza eu vou fazer e tal. Então é isso, não é um emprego, não é nada sério, mas ainda assim é um compromisso que eu assumi, que eu tento fazer, e faz parte da minha rotina também. E é isso, então toda sexta-feira, quinta-feira eu preparo as coisas, porque sexta-feira saem os lançamentos, segunda-feira é ficar de olho, porque sai o resultado da Billboard, então tem a ver um pouco com a minha rotina, meio de musical, querer saber as coisas, acho que é isso, responder parte da rotina.

Entrevistador:

Ah, ótimo. Deixa eu te perguntar, você já introduziu um pouquinho desse assunto nas suas respostas anteriores, mas eu queria saber se a música te ajuda a desempenhar tarefas no dia a dia.

Daniel:

Um pouco, um pouco. Uma coisa que é engraçada, não é tanto assim, mas é, eu não consigo, eu não gosto de me concentrar com música lenta, eu gosto de me concentrar com música que seja barulhenta. Então, na faculdade, por exemplo, era muito assim, e às vezes até agora no trabalho, quando eu quero me concentrar com alguma coisa, eu faço como se fosse, ao invés de ouvir uma música calma, eu coloco uma música barulhenta, para poder bloquear os barulhos, principalmente de uma coisa que eu já conheça.

Então, músicas pop, que tem um pezinho ali no dubstep, ou no eletrônico, um pouquinho mais pesado, pesado entre aspas, porque é sempre música pop, é o tipo de coisa que eu coloco para me concentrar. Mas não diria que é totalmente assim, porque é isso, porque, como eu falei, eu não gosto de dividir a atenção. Então, eu coloco a música lá só porque eu não quero ficar sem ela, escutando alguma coisa, mas não é necessariamente para me concentrar.

Se eu precisar fazer sem a música, eu consigo fazer. E se eu pudesse só ouvir a música, eu faria as duas coisas. Então, eu não diria que é necessariamente se concentrar, mas é companhia mesmo, é para fazer companhia, não é para me ajudar a fazer alguma coisa.

Entrevistador:

Entendi. Você também disse que você é ouvinte de podcast também, não é?

Daniel:

Eu escuto alguns podcasts, é isso, não escuto tantos, mas além desses de oração que eu falei que eu comento, tem outros dois podcasts que têm um pouco a ver com música também. Eu não sou muito fã de podcast desses que são os mais famosos hoje em dia, que é de mesa, que são pessoas que chamam o convidado. Mas tem um que é o meu podcast favorito, que ele chama Switched on Pop, que é um podcast que acho que faz parte da VOX, agora da rede VOX de revistas lá, gringa.

Mas é isso, chama Switched on Pop, é um musicólogo e um compositor, eu acho, que eles começaram discutindo músicas. Então, acho que o primeiro episódio que eles fizeram era de Call Me Maybe, que era uma música que ficou

muito famosa e era muito popular, e eles queriam saber por que aquela música grudava tanto. Então, um deles é compositor, o outro é musicólogo, começaram a discutir, tipo, ah, porque ela usa a nota A, B, C, D, eu não entendo nada de teoria musical.

Esse tipo de nota faz o seu cérebro pensar em tal coisa, e ela usa tal instrumento, que é referenciado na música pop desde os anos 70, e é por isso que é tão familiar pra gente, sei lá. E eles têm vários episódios de várias músicas assim, que era sempre muito legal, e agora eles diminuíram um pouco esse tipo de conteúdo, mas eles ainda fazem semanalmente algum tema. Então, às vezes eles chamam um artista pra poder falar sobre a própria obra e tal.

Então, esse é o meu podcast favorito. Tem o outro que é um nacional, que é o do blog Papel Pop, chamam o Milkshake chamado Vanda. Então, é muito um pouco mais sobre cultura pop, mas às vezes falam um pouco de pop.

Então, eles comentam sobre os principais lançamentos e tal. Acho que são os principais podcasts que eu escuto, né? Eu não escuto tanto, mas são esses que são ali, música pop barra cultura pop.

Às vezes é a mesma coisa, às vezes não é a mesma coisa.

Entrevistador:

Você acha que o podcast, de alguma maneira, toma espaço da sua audição musical?

Daniel:

Sim, porque é isso. Se eu estou escutando podcast, eu não estou conseguindo escutar música, e eu prefiro escutar música. Então, eu não acompanho tantos, exatamente.

Porque, eu não sei se você quer dizer por tomar espaço, mas é isso. Eu não escuto mais, porque todo momento que eu posso estar com fone de ouvido, eu prefiro estar ouvindo música do que ouvindo algum tema que não seja sobre música. Óbvio que eu não posso ficar de fone de ouvido todo o tempo da minha vida, né?

A gente tem umas obrigações e outras coisas pra fazer. E beleza, é isso que faz parte da vida. Mas aí os momentos que eu posso ficar de fone de ouvido, eu prefiro ouvir música.

Até porque eu comecei, não dá pra eu ouvir um podcast enquanto eu estou trabalhando. Aí já é realmente muita informação, eu não consigo me concentrar nas outras coisas.

Entrevistador:

Tá bem. Hoje em dia você ouve música através apenas de plataformas?

Daniel:

Apenas de Spotify e *streaming*, isso. E sempre de Spotify? Sempre de Spotify.

Raríssimo. Outras, como por exemplo, Apple Music. É só quando tem algum conteúdo específico lá.

Quando, sei lá, quero ouvir esse álbum, como é que fica no Dolby Atmos lá da tecnologia nova. Ou uma *playlist* que alguém me manda em outro lugar. Mas é isso, não em outro lugar.

Entrevistador:

Você não costuma ouvir YouTube, por exemplo?

Daniel:

YouTube e música, não. Até porque o Last.fm não reconhece. Então eu estaria escutando músicas que não entrariam pra depois pro meu diário, que é o Last.fm. Você, de alguma maneira, você...

Entrevistador:

Como é que eu vou dizer isso? Pra você é muito importante essa alimentação de dados que o Last.fm organiza pra você. É isso, né?

Daniel:

Isso. É um diário mesmo, né? Um registro que eu gosto de fazer pra ter...

Não... Também dados, né? E saber quais foram os artistas que eu mais escutei, como é que tá, e brincar de parada, brincar de chart oficial.

Mas é principalmente pra eu ter um registro de como foi a minha vida naquele momento, né? Então eu consigo entrar lá hoje e qualquer dia desde 2011, desde 31 de agosto de 2011, saber o que eu tava escutando naquele dia. Bacana.

E por conta disso lembrar como é que estava a minha vida, não só saber o que eu tava ouvindo.

Entrevistador:

Daniel, vamos falar sobre formato. Você já falou um pouquinho sobre *playlist*. Você já falou um pouquinho sobre álbum.

Eu queria saber como é que é a sua relação com os formatos. Você ouve muito álbum no dia... Normalmente você escuta...

Você prefere ouvir *playlist*? Alô? Puta merda.

Entrevistador:

Cara, então, Daniel, eu estava te perguntando, estava no meio da pergunta sobre o formato. A pergunta sobre o formato, quando eu faço essa pergunta, eu estou pensando no tipo de formato que você costuma escutar, álbuns, *playlists*, tem muita gente que escuta música isolada, single, e aí a pessoa tem o controle da experiência durante a audição, então a pessoa bota uma música, depois bota outra, depois ela mesma tem esse tipo de rotina também. Tem também um outro tipo de formato, que eu considero um novo tipo de formato, que são esses vídeos de shows curtos, que não é um show que foi feito para um show mesmo, por exemplo, você vai no show da Taylor Swift, ela não vai fazer um show para o YouTube, ela vai fazer um show, show dela que pode ser gravado também, virar um DVD, mas isso é outra coisa.

Mas hoje tem vídeos musicais que são feitos com o intuito de você gravar com boa qualidade e depois apresentar em uma diversidade de canais, como Time Dance Concert e outros por aí. Então, eu queria saber quais são os formatos que você costuma usar.

Daniel:

Sim, eu estava vendo, acho que ontem no TikTok, hoje eu vou trazer no final, mas no TikTok uma mulher que estava falando sobre marketing, chegou para mim, e ela estava explicando que as pessoas que mais consomem um tipo de produto são as pessoas que mais consomem produtos variados daqueles, tipo, ela estava falando sobre marcas e tal. E todos esses exemplos que você foi dando, eu acabo consumindo também, porque é isso, eu acho que por eu consumir muita música, eu acabo pulando um pouco de cada um. Então, eu

adoro escutar álbuns, não é o tempo todo que eu escuto só álbuns, mas eu adoro escutar álbuns.

Mas uma coisa que eu gosto de fazer é fazer a minha própria versão do álbum. São poucos os álbuns, que inclusive é uma *playlist* ou um conteúdo, uma *thread*, que eu estou há alguns meses pensando nisso, porque são raros os álbuns que eu acho que a *tracklist*, a ordem, foi feita do jeito certo. Aquela brincadeira de eu sei mais do que o artista, sabe?

Não importa que ele foi quem criou a música, eu sei mais. E eu gosto de fazer essa versão. Então, eu escuto o álbum inteiro, mas na minha versão.

Às vezes colocando faixas bônus, né? Tipo, saiu essa música na mesma era, mas ele não quis incluir. Na minha versão vai ter na ordem que eu pensar.

Então, meio que isso. Adoro fazer *playlist*. Eu gosto de escutar a *playlist* que os outros fazem, mas não qualquer *playlist*, né?

Eu gosto das *playlists* mais que são temáticas. Então, tipo, agora eu estou com vontade de escutar uma coisa um pouco mais tranquila. Eu vou lá e procuro por palavra, né?

Então, chill, pop, não sei o que, não sei o que lá. Então, eu até escuto *playlists*. Rádio eu amo com o formato que eu não escuto mais, porque tem muito anúncio e eu não tenho paciência mais para isso, né?

Por isso que eu gosto dos *streamings* e tal. Eu não tinha pensado na parte do YouTube, mas eu gosto de consumir, porque eu gosto de música ao vivo também, né? Eu gosto de álbuns ao vivo.

E eu gosto de estar nos shows também. Então, eu gosto muito de gravações e versões alternativas. Adoro quando tem versão acústica, adoro remix.

Adoro versão single, versão rádio edit. Então, isso que você falou de Tiny Desk, que eu adoro consumir também. Todo show que eu vou, eu gosto de gravar de três a quatro músicas ali, as minhas favoritas, e eu posto num canal que eu criei no YouTube, que eu vou perder a qualquer momento, porque eu já tomei dois *strikes*, provavelmente, e eu não tinha pensado nisso, mas foram duas vezes que eu fui.

Foi no Lollapalooza, eu postei e deram *strike*. E agora no The Town, eu fui e postei e dei *strike*. Provavelmente foi o Multishow que estava me dando *strike*, porque só eles podem ter a transmissão.

Eu não tinha pensado nisso, mas a hora que eu postei, eu recebi. Mas é isso. Então, eu gosto de ver vídeos de performance e tal.

Eu gosto muito de assistir também gravação de show, mas de show completo, porque... Principalmente de turnê de pop, que geralmente é um espetáculo, então tem cenografia, coreografia, fogos de artifício, todas as coisas. Adoro assistir, inclusive estava assistindo agora.

Esse domingo eu assisti, domingo passado eu assisti também. Foram duas da Kylie Minogue, que eu nunca ouvi todas as turnês dela, mas comecei a assistir. E vou no cinema agora assistir o da Taylor Swift, que vai estreiar agora em novembro.

Apesar de que eu vou no show no final de novembro, eu vou assistir no cinema antes que ela vai lançar. Gosto de assistir assim. E não sei quais outros formatos seriam, mas é isso, eu acabo passando um pouquinho de cada.

Acho que o único que eu não assisto muito mesmo é rádio. Para não dizer que eu não escuto no YouTube, eu gosto de, quando eu estou com outra pessoa, na casa de algum amigo, ou alguém vem para cá e tudo mais, ficar vendo clipes no YouTube. Então, é um jeito de escutar música também, mas que é meio que não

entra no escutar música, porque a gente está assistindo as coisas e é menos sobre a música e mais sobre o momento ali de...

Ah, nossa, deixa eu te mostrar um clipe muito legal que eu vi e tudo mais, saiu dessa banda e tal, não sei o quê. Então, esses são os formatos que eu escuto.

Entrevistador:

Legal, deixa eu te perguntar uma coisa, Daniel, que não é uma pergunta que eu faço para todo entrevistado, depende do que você vai sentindo pela relação da pessoa, pelo nível de sofisticação e tal. Eu queria te perguntar o seguinte, ver se você percebe o que eu estou querendo dizer. Com a invenção da música gravada, aos poucos, pelas técnicas de estúdio, foi se desenvolvendo uma determinada linguagem, que alguns autores chamam de linguagem fonográfica, que não é mais a linguagem da música ao vivo, é uma linguagem própria, como se fosse uma arte à parte.

A música ao vivo que é a execução musical, é a expressão musical que existe desde sabe-se lá quando. A música conta-se em milênios, a gente nem sabe quando foi que começou. Então, no que diz respeito a essa questão da linguagem fonográfica, você percebe, alguns autores comentam que isso pode estar, de alguma maneira, se perdendo, porque boa parte das pessoas já não conseguem ouvir música com a mesma atenção, por uma falta talvez...

E aí tem uma série de explicações, por uma falta de um suporte físico para acompanhar, pela própria condição da contemporaneidade, de excesso de estímulo e tal. Você tem algo a dizer sobre isso?

Daniel:

Tem um disco que você falou, não é uma coisa que reparei sozinho, mas eu escutei em podcasts e depois comecei a pensar. E não sei se faz... Você vai me corrigir depois se não tiver, mas é que são, por conta do TikTok, principalmente, das redes e tudo mais, as músicas pop começaram a ser menores, isso é muito fácil da gente perceber, mas o *hook* da música, o gancho, começou a ficar no começo, nos primeiros segundos ali, porque você precisa tomar atenção do ouvinte a hora que ele está passando ali na *playlist*.

Se eu não gostar daquela música nos primeiros 10 segundos, eu vou passar para a próxima, porque eu tenho outras 8 milhões de músicas disponíveis para mim.

Entrevistador:

Tem que falar que a execução só é contada a partir dos 30 segundos.

Daniel:

Exato, o algoritmo é cruel com a parte dos artistas e facilita isso para os nossos consumidores. E é engraçado, porque uma vez que eu escutei isso, eu comecei a reparar, em algumas músicas isso é muito óbvio e muito batido, e você vê que, de certa forma, perde a personalidade, sei lá. Em outras, você fala que conseguiram fazer isso, mas de uma maneira que ainda funciona na música, e isso, é claro, vai depender de qualquer compositor e tal.

Sobre isso que você comentou, de que essa linguagem pode estar se perdendo, faz sentido, não é uma ideia que parece alienígena, porque é isso, a gente está com menos *attention span* cada dia que passa, porque é isso, a gente tem muitas músicas, e se eu não gostei dessa música, eu não vou me forçar a gostar dessa música, igual do jeito que era antes, quando eu escutava os CDs que eu comprava, nem sempre eu gostava da segunda metade do álbum, porque eu já estava cansado e estava muito empolgado ali. Um exemplo muito claro disso, que eu tenho dois deles, um do primeiro disco do RBD, eu demorei

muito para ouvir a segunda parte, porque eu ficava muito empolgado, e eu ouvia ali as primeiras músicas, chegava um tempo e tipo, beleza, cansei dessa música, parei de ouvir o CD, nunca cheguei naquelas músicas.

E o Camby Tamba da Miley Cyrus foi a mesma coisa, até ainda do... Puta que pariu, caralho!

Daniel:

Então, vou voltar um pouco, mas não sei se vou conseguir conectar os dois pensamentos, mas as duas coisas que eu ia falar eram, então, a primeira coisa sobre o encurtamento das músicas, que eu não reparei por conta própria. A parte de diminuir as músicas, sim, eu provavelmente teria reparado, mas a parte que eu comentei, que eu ouvi num podcast e isso fez eu começar a prestar atenção, é como o gancho das músicas começou a ser colocado cada vez mais no começo, para tentar pegar os autores, os consumidores, durante toda a oferta que a gente tem no *streaming*. Eu comentei sobre alguns CDs que eu não tinha escutado a última metade, por qualquer motivo que seja, e que era muito mais...

até que chegou um ponto de que eu só tinha aqueles CDs, e aí eu voltei a escutar e consegui descobrir como aquela música era boa e tal, que isso é uma coisa que, se fosse hoje em dia, talvez eu só nunca teria continuado, porque eu teria outros CDs de uma lista enorme de coisas salvas, e não tem para que eu voltar em uma coisa que eu não gostei. Então, os artistas começaram a colocar, principalmente nas músicas mais pop, né? Ainda tem os artistas que são mais para a arte do que para o mercado, eu acho que é um tipo de arte que sempre vai andar ali pelo meio das duas coisas, porque eu consumo muita música pop, e música pop é comercial por si, então, para poder puxar os consumidores e prender os consumidores, os ganchos começam a ficar no começo das músicas, e eu só reparei nisso depois que eu escutei num podcast, de como em algumas músicas isso é muito óbvio, e em outras você consegue ver que conseguiram colocar ali, diluído, de uma maneira mais sutil. E a outra coisa que eu ia comentar de que é isso, né?

Tipo, não me estranha ouvir essa ideia de que essa linguagem pode estar se perdendo, mas o que eu ia comentar é que eu não gosto da palavra se perdendo, e sim eu gosto da palavra sendo substituída por uma outra linguagem, porque essa é a opinião que eu tenho sobre todos outros tipos de produtos também. Porque é isso, né? Eu sou de 94, então apesar de eu ser milênio, eu tenho um pezinho ali na geração Z, e irrita quando eu vejo gerações mais velhas falando sobre como as pessoas da geração mais nova estão perdendo algum hábito.

Então, tipo, os jovens de hoje em dia não sabem fazer tal coisa, os jovens de hoje em dia não se interessam por tal coisa. E não tem que se interessar mesmo, porque é outra geração que tem outros interesses, né? Tipo, quando você era jovem, outra pessoa que era mais velha falava a mesma coisa, você só talvez não se lembre e tudo mais.

Então eu não gosto de... eu não diria que a linguagem está se perdendo, e sim está se perdendo, mas porque está sendo substituída por uma outra linguagem, que talvez ainda seja cedo demais para a gente conseguir catalogar e os autores conseguirem pegar exemplos o suficiente, né? A gente ainda está vivendo nela para conseguir ver qual vai ser essa nova linguagem.

Talvez seja isso, da música curta e do gancho no começo. Mas eu não acho que seja a palavra perda como se fosse uma coisa... Porque é isso, porque toda mudança de geração implica que algo está sendo perdido para se virar algo novo, né?

A gente está vivendo numa época que a gente consegue ter registro das coisas, e quando a gente registra, a gente consegue refletir o que foi perdido. Mas

antes disso era muito assim também, né? Então, com certeza, o jeito que a música ao vivo era feita nos anos 1800 era diferente com a música ao vivo era feita em 1900.

Houve algum tipo de perda aí, sei lá, quando foi inventado o gramofone, com certeza houve um tipo de resistência também nessa tecnologia. Então... mas aí isso sou eu defendendo ali o péssimo da minha geração, apesar de eu já estar aí chegando nos 30.

É isso, eu não diria que... né? É isso, tipo, está havendo uma troca pelo que a nova geração gosta.

Então é isso, de linguagem, de formato, o que eu teria para dizer.

Entrevistador:

É, você está dizendo assim, que não é tanto uma questão de perda, mas de transformação, né?

Daniel:

Isso, algo está sendo trocado por outra coisa. Transformação é uma boa palavra.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar, Daniel, com relação à inteligência artificial, você confia que essas plataformas de *streaming* selecionem conteúdo para você? Ou você procura estar sempre no controle da experiência?

Daniel:

Um pouco das duas coisas. A questão de inteligência artificial é muito bizarra, né? Porque, apesar de eu ter, de eu acompanhar algumas discussões sobre a parte ética disso, e realmente é uma discussão que é muito complicada, né?

Porque alguns usos da inteligência artificial parecem ser mais fáceis. Então, quando eu estiver falando sobre uma questão que eu tiver no trabalho e eu preciso que resuma um texto para mim, alguma coisa de uma tarefa muito mecânica. Todos os anos, sei lá, vou usar inteligência artificial, parece um uso mais simples.

Agora, o uso da inteligência artificial para criar coisas, que com certeza é inspirado no estilo de outros, ou no caso da música, usar a voz de cantores para poder colocar outras palavras na boca desses artistas, já começa a ser uma coisa muito mais complicada, né? E eu não posso dizer, de qualquer forma, que eu tenho a solução disso tudo, porque é uma... Eu, como consumidor, eu sou amigo de muitos ilustradores, muitas pessoas que estão no meu círculo são ilustradores, e por conta deles que eu comecei a ouvir esse tipo de conversa da parte ética de inteligência artificial, porque é isso, né?

Na parte de ilustração, você precisa ensinar com a arte de alguém para poder fazer, e aquilo passa a ser menos arte e mais uma máquina. O que é arte, se não a expressão sentimental de alguém, enfim, toda essa conversa. E no lado de música, por eu gostar de música pop, tem muitos, até pela cultura de meme que vem junto com a cultura de música pop, isso de inspiração de pegar, então, Taylor Swift cantando a nova música da Anitta, Anitta cantando a nova música da Beyoncé, né?

E eu, como consumidor, acabo me divertindo com isso, porque eu tento ouvir sem levar a sério, eu não vou... Nunca vai ser a mesma coisa do que a música original, porque não tem o selo do artista ali, do que foi criado, e de toda essa experiência que eu gosto, que é o CD, o encarte, o ensaio, as entrevistas, as performances, é só um arquivo de áudio. Mas, ao mesmo tempo, é muito legal

de imaginar e você falar, caraca, que legal seria se a Taylor Swift cantasse português, que legal seria se a Beyoncé estivesse cantando com a Cher, sei lá.

Então, aí tem essa parte de inteligência artificial usada para criar, e na parte de algoritmo, que é o que a gente chama, essa inteligência de escolher as músicas de curadoria, eu gosto, sim, eu não confio, ou não deixo totalmente que seja só isso, porque eu gosto da experiência de escolher ali o seu álbum de maneira virtual, não estou indo numa loja ficar olhando CDs, mas estou olhando ali na galeria, e isso está muito puxado também com a parte do design gráfico, porque a única coisa que você tem para escolher a música é a capa, o ensaio, a ideia, que eu estou passando um pouco do nome do artista, principalmente de bandas mais puxadas para o indie, é muito o nome, sempre temos nomes muito malucos de banda.

Mas, ao mesmo tempo, o algoritmo é muito bem treinado, e principalmente no tipo de gênero de música que eu gosto. Outras pessoas que gostam de outro gênero, pode ser que tenham opiniões diferentes, porque pode ser que não funcione, mas para a música pop, até por ela ser a mais popular, o algoritmo funciona muito bem para isso. E as *playlists* automáticas do Spotify, por exemplo, que são os mixes, então tem lá o “chill mix”, “happy mix”, “sad mix”, ou os próprios algoritmos de *no repeat*, as *playlists* de músicas que você ouviu nos últimos...

Eu não sei qual é o algoritmo que eles usam, porque nunca são as que a gente mais ouviu nos últimos meses, e sim as que você ouviu nos últimos dois dias. Eu faço isso comparando com o Last.fm, que eu confio muito mais nos dados e tal. Mas eu escuto sim *playlists* que foram feitas dessa forma, e já escutei, já conheci artistas muito legais, principalmente nas *playlists* de lançamentos do Spotify.

Inclusive, eu escuto o Spotify porque, para mim, é o que tem o melhor algoritmo. Eu não consigo migrar para o Apple Music, apesar de ter uma política de pagamento aos artistas, que seria mais interessante para mim, mas eu sou egoísta nesse ponto, eu sou um consumidor que deixa isso de lado. Eu prefiro ouvir no Spotify, porque os algoritmos funcionam mais para o tipo de coisa que eu gosto.

Então, o Apple Music não tem uma área, um serviço, *playlist*, que me mostre os lançamentos dos artistas que eu sigo. O Spotify tem isso. As outras plataformas, eu não sei, acho que devem ter.

E faz parte disso, da matemática por trás dos programas, que acaba sendo, se for pensar pelo lado dos artistas, acaba sendo um pouco cruel, porque é isso, tipo, se o número de pessoas suficiente deu *skip* na sua música nos primeiros 10 segundos, sua música não vai ser recomendada. E muitas pessoas vão ouvir menos, né? Então, acaba sendo triste por conta disso.

Mas, ao mesmo tempo, eu não me deixo ficar pensando nisso, porque acaba sendo, tipo assim, a facilidade, né? Tipo, a tecnologia tá ali para me facilitar, e é o tipo de lazer, é o tipo de coisa que eu tô ouvindo para me divertir. Eu não vou ficar transformar essa parte do lazer em uma parte política e tudo mais.

Apesar de que tudo que a gente faz é político e todas as coisas, e eu tento minimamente não piratear a música, sempre pagar pelo CD, pagar pelo show, obviamente, né? É do meu interesse contribuir financeiramente para os artistas, apesar de todos os artistas que eu escutar, todos eles são milionários, bilionários, mas, né, tem toda a indústria que tá junto ali, né, das gravadoras e das pessoas que trabalham. Essa parte acaba ficando muito, tipo, não dá para ser perfeito, né?

Tipo assim, não dá para ter, não existe consumo ético no capitalismo, frase batida, frase clichê, mas, assim, não tem como fugir da parte da inteligência artificial e do algoritmo, e eu não tento fugir dela de qualquer forma. Tipo, eu

tento não usar para produzir, principalmente na parte de, como eu falei, ilustração, que acaba impactando pessoas que são próximas de mim. Talvez se eu tivesse amigos que são músicos, eu teria uma opinião diferente, mas eu não tenho, então, do jeito que é hoje e para o tipo de música que eu consumo, acaba fazendo pouca diferença, porque eu só escuto artistas que são muito grandes, de qualquer forma.

Entrevistador:

Entendi, deixa eu te perguntar, você, quando você vai ouvir música, você sempre sabe o que você vai ouvir? Você se vê, por exemplo, congelado, diante da plataforma ou não?

Daniel:

Muito pouco, muito pouco. Geralmente, eu tenho vontade, né? Então, eu já acordo pensando, tipo, com alguma música na cabeça, com algum artista na cabeça, e o Spotify tem muito isso das sugestões ali no começo, né?

Então, eu não sou o tipo de pessoa que gosta de perder tempo escolhendo a música perfeita, porque eu não ligo de parar no meio e mudar de caminho. Tipo assim, comecei a ouvir um álbum, só posso parar agora, quando eu terminar o álbum. Não.

Ah, quero escutar tal álbum, vou começar a ouvir. Das três, quatro músicas que deu vontade de ouvir outra coisa, eu paro o álbum e vou ouvir outra coisa. Então, eu não fico congelado, pensando qual é o álbum perfeito para esse momento.

Ah, quando eu estou com vontade de ouvir tal coisa, eu vou ouvir tal coisa. Se eu não conseguir, eu coloco ali qualquer coisa que eu tinha escutado no dia anterior, só para ter uma música e depois ver o que vai dar ideia.

Entrevistador:

Legal. Você já comentou que você tem o hábito de criar *playlists*, você é um cara que documenta também a sua experiência musical o tempo inteiro, né? Eu vou te fazer uma pergunta que, no seu caso, é protocolar, porque você bem que já respondeu, mas seria interessante ouvir você comentar, pelo menos fazer mais um adendo sobre essa questão.

Você considera que as *playlists* são uma forma de você demonstrar o seu conhecimento, a sua sofisticação nesse campo?

Daniel:

Já pensei assim, e hoje eu não penso mais tanto. Quando eu era um pouco mais jovem, eu gostava de pensar, eu sempre penso que a gente tem o melhor gosto musical do mundo. E talvez agora, porque eu esteja ficando um pouquinho mais velho, eu já comecei a entender, não só em música, mas em todas as coisas.

Eu já fui produtor de conteúdo literário também. Então, estampar a minha opinião e o meu gosto era muito mais forte para mim, e agora eu comecei a dar uma fugida disso na rede social, nas redes sociais como um todo. Então, é menos sobre sofisticação e mostrar que eu tenho um bom gosto, e mostrar que eu sou uma pessoa legal, uma pessoa interessante, e mais como mostrar como um lado da minha personalidade.

Tipo, não é sobre eu querer mostrar que eu tenho um bom gosto. Este é o meu gosto. Algumas pessoas vão gostar, outras pessoas não.

E quem não gostar, beleza. Vida que segue tem outras *playlists*, outras coisas, porque é isso. Até por conta que eu era produtor de conteúdo literário e minimamente ganhava um pouquinho de dinheiro com isso.

Eu era um micro influenciador também. Mas é isso, eu fiz uma tentativa muito grande na minha vida de parar de ser isso. E ainda dou opinião sobre livros, porque é uma coisa que eu gosto de consumir, mas menos sobre prestem atenção na minha opinião, porque eu tenho uma opinião muito legal e eu quero te vender esse livro.

Porque começou a dificultar até eu gostar disso. Tipo, chegou uma hora que eu comecei a ler por obrigação, porque eu precisava ler tantos números no mês para poder fazer o conteúdo e fazer um vídeo bonito e tudo mais. E acabou minando um pouco o gosto que eu tinha no começo.

E quando eu reparei isso, eu falei, eu não posso deixar isso acontecer com música. Então, eu não quero de jeito nenhum que o meu gosto musical eu acabe mostrando que eu sou a pessoa com o melhor gosto e que eu sou sofisticado e tudo mais. É sobre tipo, quero mostrar porque é um lado da minha personalidade que eu gosto e não para tentar trocar algum tipo de crédito.

Entrevistador:

Talvez a forma como eu tenha formulado a pergunta tenha feito você escutar como se pela chave meio narcisista e tal. E eu vou te dar até o exemplo que um artigo utiliza. Ele fala o seguinte, antigamente, quando você ia na casa de alguém, se você olhasse a prateleira onde estão os álbuns que a pessoa gosta, você conseguia, de alguma maneira, identificar que tipo de pessoa era aquela.

Não que aquela pessoa tivesse escolhido aqueles álbuns para botar em exibição, enfim. Mas aquilo, de certa maneira, é um manifesto da identidade, do nível de dedicação, dependendo do volume.

Daniel:

Nesse caso, sim. Nesse caso, completamente sim. Aí é isso.

Tipo, tanto fisicamente, então eu gosto de ter alguns álbuns que ficam empilhadinhos, mas eu gosto de ter os meus. Esse aqui é novo, então eu deixo ele ali porque ele é novo e tal. E esse aqui é o meu favorito.

Eu deixo ali para mostrar. E eu, conforme você foi falando, exatamente. Pessoas que vêm aqui em casa pela primeira vez, eu gosto de mostrar “essa aqui é minha estante, aqui, esses aqui são meus CDs”. Eu gosto de fazer isso e virtualmente também. Tipo eu organizo as primeiras *playlists* no Spotify e escondo algumas que são *playlists* do dia a dia e são menos curadas ou sem capa bonitinha. Eu organizo lá para a primeira pessoa entrar no meu perfil.

O meu tuíte fixado no Twitter é sobre música, sobre os álbuns que eu tô municiando. Chega no fim do ano eu faço a minha lista de favoritos e deixo até fevereiro, pelo menos para a pessoa entrar e já ver “ah, olha só ele fala de música”.

A minha biografia é, falo sobre música. Minha biografia, minha bio do Twitter é, falo sobre livros e música. Aquelas páginas de, sei lá, Linktree ou tem outros.

Eu tenho uma que é sobre música, que você entra lá e você vê as *playlists* dos álbuns que eu fiz. Então nesse caso sim, tipo, eu faço um esforço para mostrar. Se a pessoa tiver que me escolher, me ver de alguma forma, eu gostaria que fosse primeiro musicalmente, depois ver como eu me visto e o restante da personalidade, né? Eu confio que a minha personalidade é mostrada pelas músicas que eu propositalmente tento mostrar.

Entrevistador:

Super, pode crer. Então, cara, vamos tentar falar um pouquinho, Daniel, sobre um tipo de experiência. Nós acabamos de encerrar o segundo bloco aqui da entrevista.

Vamos tentar falar um pouquinho sobre o tipo de experiência, que é uma experiência na qual a música está em protagonismo. E aí eu vou deixar até o critério definir o que é escutar música em protagonismo. Para algumas pessoas, vai ser aquele momento em que a pessoa está totalmente ouvindo a música tão somente que ela está, não sei, pegando lá o vinil dela, ou então o CD e lendo em carte, ou então aquilo que você considerar que a tua audição musical está em primeiro plano.

Você se percebe experimentando esse momento de protagonismo da audição? Se você se percebe, você consegue me descrever o contexto em que ele ocorre?

Daniel:

Sim, sim. Acho que maior quantidade é em dia de lançamento, porque eu quero ouvir pela primeira vez e prestar atenção, tanto da primeira vez quanto ao longo do dia. Eu deixo aquele álbum ali, tento arrumar a ordem e ver as músicas.

E eu gosto de procurar conteúdo que o artista tenha feito. Então, quais entrevistas o artista está fazendo e comentando. E tanto as maiores quanto as menorzinhas que tem aí nos blogs e revistas e tudo mais.

Eu gosto de entrar nos sites que falam sobre isso. Então, tem o Genius, que é um site de letra que as pessoas lá comentam as referências e explicam as músicas. Eu gosto de ler isso.

Uma coisa que eu faço com muita frequência, que eu acho que... Ler a página da Wikipédia, dos álbuns e das turnês, para aprender trívias. Eu amo trívias.

E aí eu fico lendo lá. E às vezes eu leio e releio depois de uns meses depois, ou de uns anos depois, para saber se alguma coisa foi adicionada e tudo mais. Ler entrevista em revista e tal.

E isso faz parte de quando eu estou conhecendo ali uma era, seja em lançamento ou quando é uma novidade para mim mesmo. Tipo, esse álbum foi lançado em 1990, e eu não conhecia. Agora eu vou sentar para fazer isso.

Dois anos já que eu faço isso, que é... Um amigo meu me convidou para fazer a partir do ano passado, e eu gostei. Fazia com ele.

Agora esse ano eu comecei a fazer, que é... A gente viu isso no TikTok. Uma pessoa tivesse ideia e a gente falou, vamos fazer isso.

Que é ouvir um álbum por dia. Então, no ano passado, eu comecei a realmente ouvir um álbum por dia. Até abril, mais ou menos, eu escutei todos os dias.

E depois eu simplesmente estava muito cheio. Não conseguia mais prestar atenção, porque era isso. Ouvir com atenção, escolher as suas favoritas e escolher qual era uma das favoritas.

E a gente tinha até uns dias especiais. Então, segunda-feira era sempre um álbum nacional. De sábado, eu escolhia um para ele, ele escolhia um para mim.

E no último dia do mês, a gente escolhia o mesmo álbum, para ouvir e ter a mesma opinião. Então, a gente fez um clube do disco. Só que era diário e eu simplesmente não consegui fazer mais, porque a vida aconteceu.

Esse ano, ele está fazendo o dele, eu estou fazendo o meu. A gente se fala ainda, mas a gente não está fazendo juntos. Ainda eu chamo de um álbum por dia, mas eu já não escuto por dia.

Mas é isso, eu salvo lá os álbuns que eu escutei e depois eu documento. O dia que eu escutei, qual foi a minha favorita, quantas músicas eu gostei. Então, é uma coisa que eu faço ainda quase que diariamente.

É ter esse momento de prestar atenção na música. Às vezes é prestar atenção na música enquanto eu faço outra coisa, limpo a casa, lavo a louça. Mas prestando atenção de...

Eu gostei dessa música? Não, essa música eu não gostei. Essa música eu gostei de tal parte, essa letra e tal.

Eu amo ver a letra, é um jeito de... Seja no próprio aplicativo de *streaming*, ou ir para um site, ou pegar um encarte e ver a letra. Acho que é isso, acho que sim.

Eu me percebo fazendo isso com muita, muita, muita frequência. É uma coisa que eu faço quase que diariamente. Parar para ouvir a música com intenção e não só...

E também, quando eu não estou com intenção, a música está acompanhando.

Entrevistador:

Legal. Então, você diria que quando esse momento ocorre, ele está sempre sob o seu controle? Ou isso pode acontecer de uma forma surpreendente para você?

Daniel:

Eu diria que está 90% sob o meu controle. Ou é quando eu fui para um show, fui para um evento, fui ouvir a música. Eu acho que, sei lá, às vezes estou em uma loja, está tocando uma música, coloco o Shazam lá, porque eu prestei atenção.

Mas é tipo, aqueles segundos o suficiente. Ou estou no Uber, está tocando uma música, pego o Shazam, eu quero saber qual é a música. Então, acontece também, mas 90% é no meu controle.

E eu separo tempo para isso. Hoje, daqui a pouco, como eu comentei, daqui a pouco eu vou parar e vou começar a fazer a *playlist* que eu faço para o blog. E hoje vai sair o álbum da Trilocity uma hora da manhã.

Então, com certeza, meia-noite, 45, eu vou estar deitado na minha cama, já com todas as coisas prontas, armadas, para eu escutar o álbum. Depois, se eu precisar fazer alguma coisa, eu levanto duas da manhã e faço, sabe? Eu controlo e eu separo tempo para fazer isso.

Entrevistador:

Bacana. Então, quando você vai exercitar esse tipo de experiência, você vai estar sempre escutando através de plataforma de *streaming*, porque esse é o recurso através do qual você ouve música hoje em dia, né?

Daniel:

Isso.

Entrevistador:

Certo. Pode falar, pode falar.

Daniel:

Não, é isso mesmo, é isso mesmo. Eu não tenho mais onde ouvir CDs, o computador que eu tenho hoje não tem CDs, eu não tenho videogame, Bluetooth, Blu-ray, nada disso. Então, hoje eu escuto 100% de plataforma de *streaming*.

Entrevistador:

E aí você, quando estamos falando desse momento, você escuta, são mais álbuns, *playlists*, como é?

Daniel:

Se é para ouvir propositalmente, nesse lugar de protagonismo que você falou, aí é quase sempre álbum. *Playlist* eu escuto mais nos momentos em que eu estou fazendo outras coisas.

Entrevistador:

Entendi, perfeito. Agora, deixa eu te fazer uma pergunta, que é o seguinte, o álbum, quando ele surge lá no final da década de 40, e com seu amadurecimento nas décadas seguintes, ele acabou se transformando como se fosse quase que uma obra de arte, um artefato que tem uma expressão visual, tem uma expressão musical, e aquilo ali é como se fosse um acompanhante da experiência. Estamos falando do Vinil um pouco depois, algumas décadas depois, sobre o CD.

Eu já entrevistei algumas pessoas aqui que relataram que esse tipo de narrativa da experiência, ela pode ter, de alguma maneira, migrado para uma espécie de expressão fluida, começa na rede social do artista, e aí ele vai postar alguns conteúdos que já estão meio que indicando, tipo de estética, enfim, algum conceito que ele vai explorar nesse álbum e tal, e aí isso vai meio que como se fosse um processo, ao invés de ser um suporte físico, é como se fosse uma expressão estética fluida que vai desaguar em um determinado conjunto de fonogramas, que aí ele chama de álbum.

O que você pensa disso? Você se percebe tendo esse tipo de experiência que eu estou descrevendo? O que você acha?

Daniel:

Sim, sim, e é uma das coisas que eu mais gosto na arte de música, é o quanto você consegue englobar e essa parte da expressão. Então, como eu comentei, eu consumo principalmente música pop, e música pop está junto com a cultura pop, com a parte visual, todas as coisas, e essa coisa da era musical é uma coisa que me interessa muito. Então, exatamente isso que você falou, então começa ali, sei lá, o artista apaga todas as fotos, sabe que vai vir uma música nova, e aí troca a cor do cabelo, começa a usar roupas de uma cor diferente, aos poucos vai lançando uma música, começa a fazer algumas entrevistas.

Alguns artistas são mais, que falam mais sobre a própria vida, então começa a contar entrevistas e dizer, ah, na minha vida está acontecendo tal coisa, casei, separei, tive filho, isso impactou na música. Outros artistas são mais vitrine, são artistas que compõem menos e performam mais, então acaba sendo mais uma coisa mais plástica, eu não estou falando isso de maneira nenhuma ruim, mas uma coisa meio tipo performance mesmo. Então, dessa vez vai ser um álbum preto e branco, dessa vez vai ser um álbum colorido, dessa vez vai ser um álbum inspirado nos anos 80, dessa vez vai ser um álbum de country, sei lá.

Eu gosto de ver isso, e eu gosto de artistas que mudam isso a todo tempo, e conseguem brincar com isso, principalmente as divas pop, então Madonna faz isso, Lady Gaga faz isso, Taylor Swift faz isso, Britney faz isso, Kylie Minogue faz isso, então são os meus tipos de artistas favoritos, e aí tem isso também, tipo, então, querem ver o show, ah, vou assistir agora o show da Madonna de 2005, se eu pudesse, eu iria no show de 2005, e eu iria no show de 2008 também, ah, mas vai em outro show da Madonna? Não, é outra coisa, porque ela está em outro momento, é outra performance, que é outra estética, é como se eu estou...

é uma obra diferente, não só na música, porque a música pode até ser parecida, ou seguir os mesmos inspirações de estética e de estilo, digamos assim, mas a parte visual e a parte sensorial faz muita diferença para mim, e é uma coisa que eu percebo, é uma coisa que eu me interessou, e é raro eu gostar de artistas, gosto também, claro, mas eu gosto muito mais dos artistas que brincam com isso e aproveitam disso, do que dos artistas que brincam menos com isso, que só sentem música e só fazem a parte de marketing, puramente por marketing, não brincam com isso.

Entrevistador:

Legal. Daniel, deixa eu te perguntar, cara, estamos chegando ao finalzinho aqui de nossa entrevista, ainda tem algumas perguntas para te fazer, mas primeiro eu queria te perguntar sobre a questão da qualidade do áudio, se ela é importante para você nesse momento de protagonismo da audição.

Daniel:

Muito pouco, e aí é a parte que eu acho engraçado, só porque, por exemplo, tem algumas plataformas de *streaming* que tem qualidade de áudio um pouco melhor, obviamente eu gosto de ouvir áudio em boa qualidade, mas eu não sou a pessoa que é neurótica com esse tipo de coisa, até porque eu sei que eu não tenho os equipamentos bons ou próprios para isso, então não adianta eu querer pagar o Tidal Hi-Fi para ouvir em altíssima qualidade, sendo que eu estou escutando nesse meu fone de ouvido que custou 22 reais na banca do jornal, e não adianta eu querer comprar o vinil e tudo mais se eu não tiver uma vitrola que consiga passar por isso, porque eu sei que existem vitrolas e tocadores que são de menos qualidade, então não adianta eu comprar...

Entrevistador:

É engraçado essas vitrolas de maleta que as pessoas...

Daniel:

É, é isso, eu nem tenho tocador, porque eu não comecei a colecionar vinil e tudo mais, mas é isso, sempre já ouvi pessoas falando não compra de maleta porque é muito ruim, sendo que se eu não tivesse, provavelmente eu teria comprado, porque eu acho bonitinho e sei lá, e de nada ia adiantar ter a grande qualidade do vinil se eu fosse ouvindo uma vitrola, que não vai passar essa qualidade. Então, tento ali minimamente ter as configurações de alta qualidade, mas se eu estiver ouvindo no rádio, que a gente sabe que tem aquele som mais abafado, até por conta, não sei se dá transmissão, mas com certeza por conta do equipamento onde você está ouvindo, não me importa. Inclusive, é engraçado nessa coisa que a gente tem de imagem que a gente passa, como eu consumo muita música pop, que tem muito público jovem e público adolescente, parte de consumir a música também é essa experiência que eu brinco de time de futebol, que é falar, o meu cantor é melhor que o seu, mas o meu álbum ganhou o prêmio, seu álbum não ganhou o prêmio.

Faz parte também da minha experiência de ouvir a música, que é brincar disso. E eu comparo com futebol porque é isso, é uma coisa que a gente torce, que a gente fica empolgado, a gente fica triste quando ganha, quando perde, ao mesmo tempo não tem mudanças práticas na nossa vida, porque são pessoas praticando um esporte, meu esporte é em premiações e paradas musicais. E aí eu nunca falo que eu não me importo com a qualidade do áudio ou que eu escuto em áudios ruins, porque isso pode virar argumento para as pessoas que gostam de falar mal das coisas que eu gosto, até de brincadeiras, meus amigos, poderem usar isso como argumento.

Tipo assim, é claro que você gosta desse tipo de música ruim, você escuta no fone de música ruim. Então é engraçado porque eu já pensei várias vezes em

comentar esse tipo de coisa quando estava tendo discussão sobre qualidade, preço de plataforma, não sei o que lá. E eu nunca comento isso porque eu sei que isso pode virar argumento para um dia alguém pegar no meu pé e me zoar por conta disso.

Então respondendo a sua pergunta, eu não me importo com a qualidade do áudio.

Entrevistador:

Cara, então olha só, eu queria te perguntar o seguinte, você vê que esse momento, ele tem uma relação especial com o espaço? Digamos, você costuma exercitar esse tipo de audição quando você está em casa exclusivamente? E com o momento do dia também, como é que é essa relação com o espaço e com o tempo?

Daniel:

Sim, e é menos proposital. Tipo, é proposital também, mas não é uma coisa que eu tento fazer muito esforço. Mas agora que você comentou, faz todo sentido, sim.

Então é sempre à noite. Por exemplo, agora, como os álbuns saem à noite, mas eu sempre tento separar. Então, e eu tento apagar a luz, estar numa roupa confortável, estar numa posição confortável para eu poder me concentrar aí, porque eu sei que eu vou ficar pelo menos uma hora ouvindo as coisas.

Então é isso, eu sempre tentando ficar em casa, que é o meu lugar e tudo mais, é o lugar onde eu gosto de estar. Geralmente aqui no sofá das minhas salas, principalmente no quarto, mas é sempre com a luz apagada, porque sou eu e a música. Às vezes alguma coisa visual, quando tem o clipe, quando tem a letra, mas é tipo assim, tentando tirar o máximo de distrações possíveis, às vezes até da luz e realmente do restante do ambiente, para eu poder focar na música.

Então, um pouco.

Entrevistador:

Legal. E você acha que esse momento, você acabou de falar que é uma coisa que você exercita com muita frequência, mas isso já foi, você percebe que houve algum tipo de oscilação, considerando a tecnologia de audição, por exemplo, você escutava, você exercitava menos isso na época que você ouvia CDs ou mp3, e hoje você faz mais ou vice-versa?

Daniel:

Hoje eu faço mais, com certeza. Até, tirando aí da conta, esses últimos dois anos, que eu comecei a ficar cada vez mais maluco da música, mas, em comparação, realmente é isso, porque, agora, eu separo esse momento para ter com a música, principalmente quando está em lançamentos, porque eu quero ter a memória de quando eu escutei pela primeira vez. A música está muito puxada em mim com a memória e eu quero ter a memória daquele momento.

Então, é sempre o jeito mais fácil de lembrar é a primeira vez que você faz alguma coisa. E, antes, quando eu tinha CD, era menos... E uma coisa que eu gosto muito de música que eu não comentei em nenhum momento da entrevista é a experiência comunitária que se tem com a música, apesar de ser uma coisa muito individual.

Eu gosto muito de ir em shows, mesmo sabendo que eu não vou conseguir ver o artista tão em coisa, porque eu estou longe, ou não vai dar para escutar o artista, mas uma coisa que eu gosto muito em shows é ter 70 mil pessoas cantando junto comigo. É uma energia que eu gosto muito. Eu gosto de escutar álbuns ao vivo, porque é uma imitação dessa experiência.

Você ter o barulho da plateia e ter a diferença da guitarra, da bateria, sei lá. Então, para mim, é interessante ou é importante ouvir as músicas no lançamento e fazer os comentários e participar da conversa e poder fazer as piadas, entender o que as pessoas estão comentando. Então, tipo, ah, saiu o álbum novo do cantor tal.

O que está todo mundo falando? Por que está todo mundo gostando de tal música e menos dessa música? Será que eu estou gostando das mesmas músicas?

Ah, eu gostei dessa, eu gostei dessa. Conversar com os meus amigos, trocar essas ideias. Então, eu faço isso muito mais hoje que eu tenho acesso imediato ali na música.

Saiu a música, está na minha mão, do que quando eu tinha que comprar o CD e acabava fazendo isso de maneira um pouco mais solitário. Porque eu tinha que ouvir isso sozinho na minha casa e tem outros fatores também, como por exemplo, agora eu moro sozinho e tenho o meu dinheiro para escolher as coisas, e antes eu era adolescente, não podia chamar um amigo para vir na minha casa e fazer isso a hora que eu quisesse, né? Tipo, era muito mais raro, apesar de trocar ali uma música ou outra com alguns amigos, trocar *pendrive* na escola, trocar o CD.

Hoje eu faço isso com muito mais intenção e com muito mais frequência, porque eu descobri que é o tipo de mídia, ele é o hobby que eu gosto e que eu tenho. Então, eu faço muito mais isso agora com o formato do *streaming* do que eu fazia com o CD.

Entrevistador:

Que ótimo. Deixa eu te perguntar então, cara, essa pergunta final aqui da entrevista, eu queria explorar uma coisa que você já introduziu, que é o momento, a sua relação com o tempo, com o seu corpo, no momento que você está exercitando esse tipo de audição dedicada, vamos dizer assim. Você já descreveu que vai buscar conteúdos relacionados àquela obra, mas quem sabe você também se arrepia, você canta junto, você chora.

Eu queria que você falasse um pouco disso, desse momento especificamente, desse envolvimento pessoal com essa situação.

Daniel:

Sim, sim. Eu não sei se eu vou chegar nos lugares que você precisou da pergunta, mas provavelmente sim, mas é isso, eu vou falar um pouco da experiência. É uma coisa que acontece, eu, aquela dançadinha que você faz pra instalar a música em público, sabe, sempre acontece, então eu sempre sou o tipo de pessoa que tá...

Quando eu tô em público, eu evito cantar alto, mas pelo menos dublando eu estou, eu gosto de acompanhar a música cantando mesmo que seja assim, naturalmente, né? É, quando eu tô em casa, exatamente, quando eu tô em casa eu tento cantar. E eu choro com música, sim, eu dou risada com música.

Acho que uma das últimas vezes que aconteceu isso agora foi, às vezes eu coloco a música para chorar, mas eu não tô falando desses casos, tô falando dos casos que você chora acidentalmente, que você se emociona. Que foi uma das vezes que eu tava... Parei pra ouvir um álbum pela primeira vez, foi um dia que eu tava em casa, porque saímos sexta-feira, e sexta-feira era o dia que eu tava fazendo *home office*, então eu tava em casa, estava num lugar seguro, trabalhando, fazendo a coisa e tal, e aí, deu quatro da tarde, eu separei esse álbum pra ouvir num momento que eu tivesse uma tranquilidade no trabalho, né?

Então o álbum saiu meia-noite, eu não consegui escutar meia-noite, eu tava muito empolgado, tô falando do álbum do Niall Horan. Então saiu uns dois singles antes, lá, um mês antes, dois meses antes, escutei, tava muito animado, mas quando chegou meia-noite, eu não consegui escutar e não lembro porquê, se eu caí no sono, se eu acordei cedo. Então eu deixei de sobremesa, pra mim, ao longo do dia.

Eu vou trabalhar, quando der quatro horas, que eu tiver feito tudo que eu fiz, eu vou poder escutar o álbum. E aí eu comecei a escutar, a primeira música era uma que já tinha saído, muito legal, a segunda música era uma nova, não sei se teve os menos, terceira uma música e tal. E aí, acho que na quarta música, eu tentando prestar atenção na letra, né?

Eu não tava lendo a letra, mas tava tentando escutar e entender, e eu comecei a chorar. E eu lembro que eu tirei uma foto e eu postei no Twitter, pra registrar pra mim mesmo. Eu falei, gente, tava ouvindo o álbum, e simplesmente comecei a chorar, muito lindo, meu Deus, e tal.

Posso te mandar o link depois, que tá lá o tweet. Foi um dos casos, assim, que me veio à memória, que você comentou, de chorar e se emocionar. Mas sim, é uma...

Como eu aceitei já há algum tempo, de que esse é o tipo de... Que nem eu comentei várias vezes, o *hobby* que eu gosto, a mídia que eu gosto, e eu tento fazer isso com intenção, e eu gosto que as pessoas saibam que eu sou musical, e eu gosto que as pessoas saibam quem eu sou pela vitrine musical, que eu escolho mostrar, e que eu tenho orgulho e tudo mais, para te mostrar. Eu comecei a deixar o meu corpo reagir à música desse jeito.

Então, se eu quero dançar, eu danço. Se eu quero cantar, eu canto. Obviamente, dentro dos parâmetros sociais, que não vou começar a cantar no meio do escritório, que é o lugar disso, mas vou fazer a dancinha, e vou cantar, e tô andando na rua, e tô pensando numa música, eu vou cantando ela.

Não sei assoviar. Se eu soubesse, provavelmente, eu estaria assoviando também no meio da rua. Então, eu deixo o meu corpo fazer parte disso, e da emoção, e da sensação de ouvir as coisas.

E aí ajuda também a me desestressar, e sei lá, acho que eu respondi a pergunta, mas eu deixo participar.

Entrevistador:

Só fazer um complemento, Daniel. Você acha que a plataforma é uma boa companhia para esse momento de... dedicação à escuta?

Você usa a plataforma nesse momento? Ou você sai da plataforma para acessar outros conteúdos? Você vai ver o Wikipedia?

Ver o Wikipedia, como você falou? O que você diria sobre isso?

Daniel:

Não, faz parte, sim. Faz parte, sim. Eu estou ouvindo no *streaming*, que, como eu falei, é o jeito mais imediato que eu tenho música.

Então, tá sempre ali com isso. E enquanto eu estou consumindo as outras coisas, claro que se eu estiver assistindo a alguma coisa, eu não vou estar ouvindo. Se eu estou lendo alguma coisa, é enquanto eu estou escutando.

E se eu estou montando a *playlist*, como eu falei, se eu estou fazendo essa experiência de... Ainda que eu não esteja montando na plataforma, porque às vezes eu rascunho no Word, ou no bloco de notas. Até em papel eu já fiz às vezes, tipo, porque eu tenho muitas *playlists* de turnê, que eu invento uma turnê, e eu tenho uma fórmula, quase, que eu sigo.

Então, sempre começo de tal jeito, termino de tal jeito, divido em blocos e tudo mais. É um jeito muito específico de fazer, imitando outros shows que eu gosto, claro. É ouvindo a música.

Então, o ato de ouvir a música e ouvir a música estar junto com a plataforma, é a plataforma que está me acompanhando nesse tipo de coisa. É uma tecnologia que eu... Para não dizer que...

Agora, sendo um pouco saudosista, mas é que nesse momento eu já estava no final da entrevista, uma coisa também que eu penso às vezes nisso de formato. Eu queria muito ter vivido a época dos singles. Eu sei que os singles não aconteceram aqui no Brasil, talvez não tanto quanto aconteceram lá fora, pelo menos nos estilos de músicas que eu gosto.

Mas é uma coisa que faz bem para a minha conta bancária não ter vivido essa coisa. Mas como eu gosto muito de CD e da mídia física, eu queria muito ter vivido a fase de ir para a loja e comprar o single e descobrir qual é a b-side que está junto com isso. Essa é uma coisa de formato que eu sinto falta, que eu queria ter vivido, não sei se um dia isso vai voltar, e que, se isso existisse hoje, com certeza eu estaria para esse lado, eu não teria só a plataforma.

Como é uma faceta e uma fase da música que eu não vivi, a plataforma acaba passando isso por mim. Quando sai o single, eu vou ouvir o single, depois, se a música está dentro de um álbum, eu sempre vou ouvir o álbum. Mas o formato é a plataforma de *streaming*, porque...

pela facilidade, exatamente. Porque não tem para o que eu romantizar o CD, romantizar o vinil, sendo que eu não posso levar um tocador de vinil comigo pela rua. Não posso...

Com o Walkman eu poderia levar um Discman e tudo mais, mas é a facilidade de trocar de música e poder passar pelo o que eu estivesse sentindo naquele minuto. Nesse minuto estou triste, quero ouvir uma música triste. Passou.

Agora quero ouvir uma música feliz ou alguma música feliz. A plataforma de *streaming* é a ferramenta que me dá esse tipo de flexibilidade, que até que se eu tivesse um CD com várias músicas, ainda seriam só as músicas que estão gravadas naquele CD, e não a flexibilidade que eu gosto de ter de trocar as coisas.

Entrevistador:

Entendi. Porra, Daniel, muito legal a entrevista. Talvez tenha sido a entrevista mais longa que eu fiz.

Daniel:

É, com a ajuda da empresa de energia, sim.

Entrevistador:

Ainda teve esses percalços aí. Eu queria te pedir, se você puder me mandar o seu perfil do Twitter, quero seguir. E se você, esse projeto que você falou de um álbum por dia e tal, isso foi no TikTok, é isso?

Daniel:

Não, a gente viu a ideia no TikTok e a gente faz, a gente tem uma *playlist* no Spotify que a gente coloca as coisas, mas eu documento também no Twitter. Então, no meu tweet fixado você vai ver que está lá. É muito simples, na verdade, eu só coloco um print do álbum.

Ah, uma coisa também que eu fico pensando de neuras que eu acho que pessoas que não são acima da média da música talvez não tenham, mas eu

tenho. Eu trabalho fazendo conteúdo para pessoas com deficiência visual, eu trabalho com livros em braille. Então, eu faço descrição das coisas e tal.

E aí, nesse perfil, nessa thread que eu faço, eu posto a foto do Spotify, do álbum e eu escrevo a foto tanto pela acessibilidade, mas também porque eu tenho medo de um dia perder a visão e não ter mais o conteúdo que eu mesmo fiz, porque eu estou fazendo isso para registrar. Então, é quase que uma poupança que eu faço para mim mesmo, da mesma forma como eu faço esses conteúdos e registro para eu lembrar no futuro como eu estava lá em outubro de 2023, eu estava pensando em tal coisa. Eu tenho esse extra que eu faço pensando que se no futuro, tipo, não, eu quero garantir que eu vou ter acesso às coisas que eu estou registrando, sei lá, tipo, de alguma forma.

Eu acho que esse é um pouco extra que eu faço, mas não custa nada, eu faço lá e tanto mais. Mas enfim, vou te mandar o Twitter, sim. É isso, e aí eu posto lá não é a foto do álbum, é o print do álbum no Spotify, então qualquer *recodezinho*, caso alguém queira acessar.

Tem o nome do álbum, o nome do cantor, o dia que eu ouvi, qual é o número daquele álbum do ano, quantas músicas de quantas músicas eu gostei, *interludes* não contam. Então, se o álbum tem 10 músicas, e uma delas é *interlude*, ele tem 10 músicas, ele não tem 11. Porque *interludes* não valem na conta matemática de fazer se eu gostei ou não gostei, porque ela não foi feita para eu gostar, ela foi feita por uma outra proposta.

E qual foi a minha música favorita? Então eu vou documentando isso. E eu estou atrasado em postar isso, porque eu preciso ouvir o álbum algumas vezes para eu conseguir entender qual é a minha música favorita e saber diferenciar todas.

Mas eu quero chegar até o fim do ano e conseguir postar todos. Em 2022 eu não consegui postar todos, cheguei no final do ano, eu só fiz uma lista de todos eles, posso te mandar o link também, porque eu estava escutando muitos álbuns e eu não tinha como postar todos. Mas esse ano eu estou tentando ser um pouquinho mais.

Outra coisa que eu faço também, esse ano eu não fiz, mas eu fiz os três anos anteriores, é fazer a minha própria premiação musical. E é uma coisa que eu faço só para mim, é uma rotina que eu tenho só comigo. Então eu me baseio como se fosse inspirado no Grammy ou no Oscar, eu faço as categorias e eu coloco quais seriam os indicados.

Eu não escolho um vencedor, mas é um jeito que eu tenho de ter um diário. Então se eu entrar lá, eu sei que em 2021 os indicados a melhor álbum, e a melhor letra, e a melhor música pop, e a melhor clipe, melhor artista, foram aqueles, foi um resumo. E ele conta sempre de 1º de outubro até 30 de setembro, parecido com o Grammy, mas porque é o mês do meu aniversário.

Então durante essa minha fase da vida foi isso. E é uma coisa que eu nunca postei em lugar nenhum, estar num documento privado, que é só para mim, tipo, é o meu registro. Tive caderno de letra de música, então no ensino médio aprendi inglês, porque eu ia lá, copiava a música, e depois traduzia na página seguinte.

Sei lá, estou pensando agora em todas as experiências que eu tive, que eu acho que vale a pena mencionar também.

Entrevistador:

Cara, muito obrigado pela sua paciência, por tudo aí.

Daniel:

Não, imagina. Obrigado pelo convite, é muito divertido falar sobre tudo isso, muito legal saber que tem pessoas estudando sobre isso. Eu não faço, eu sou que nem a professora do design gráfico, mas eu segui zero da vida acadêmica, então não faço ideia de por quanto tempo mais você vai entrevistar, e até você formar a sua tese, o seu artigo, mas eu queria muito ver quando ele estiver pronto, porque é um assunto que me interessa muito.

Entrevistador:

Sim, com certeza, eu te mando a obra, a tese, quando acabar. Falta, provavelmente, a ideia é defender em março, fevereiro, março. Então, está finalmente aí.

Daniel:

Não, beleza, vai dar certo, já. Eu, pelo menos, como sou apaixonado pelo tema, eu achei muito legal, eu quero muito saber quais vão ser os insights e as comparações que você vai fazer com as outras pessoas, as outras coisas que, com certeza, você está estudando de histórico e tal. Mas é isso, me diverti muito.

Entrevistador:

Que bom.

Daniel:

Mais 20 perguntas, eu estarei aqui falando feliz, porque fiquei falando sobre mim, que é uma coisa que todo mundo gosta de falar, me senti aqui protagonista das coisas, e pude falar para alguém que achou interessante todas essas coisas bestas que eu faço, e que, para mim, faz parte da minha personalidade, tipo, o jeito que eu organizo as *playlists*, e o jeito que eu organizo as coisas e tudo mais. Então, foi muito divertido.

Entrevistador:

Daniel, olha só, uma última observação é o seguinte, você é a 35ª pessoa que eu estou entrevistando, então, eu já estou, não quero, não tem nem mais como entrevistar muito mais gente, mas, talvez, se você pensar em alguém que você acha interessante, e aí, assim, independentemente de faixa etária, se te ocorre alguém, me fala que eu vou, porque, assim, nesse momento, eu já estou escolhendo, porque já tem muita gente.

Daniel:

Sim, é isso, se você estivesse precisando, assim, não, precisa de mais muitos números, eu ia até pedir o resumo da coisa e postar nos links, nos grupos que eu tenha. Alguma pessoa que eu sei, que eu acho que tenha respostas muito mais diferentes das que eu tenha dado, ou diferentes do que eu imagino que as outras 35 pessoas tenham dado, e não consigo pensar de imediato, mas, então, não fique esperando, mas, se eu achar alguém, eu te mando.

Entrevistador:

Qualquer coisa, eu te dou um toque pelo WhatsApp.

Daniel:

É isso.

Entrevistador:

Tá bom? Beleza. Muito obrigado pela paciência.

Daniel:

Eu te agradeço. Espero que sua luz volte logo aí e tudo mais, e que bom que deu certo para fazer isso.

Entrevistador:

Vai ser uma longa noite.

Daniel:

Beleza, vou te mandar os links no WhatsApp, tá?

Entrevistador:

Valeu, um abraço, cara.

Daniel:

Valeu, tchau, tchau.

Entrevistador:

Tchau, tchau.

Darcy Paranhos

Escolaridade: graduação

Ocupação: psicólogo

Nascimento: 17/06/1999

Idade: 24

Entrevistador:

Então, Darcy, eu queria que você falasse nas suas palavras qual é a importância da música para a sua vida.

Darcy:

Eu acho que hoje em dia a música é uma das coisas que me dão mais energia para, digamos assim, efetuar atividades, é uma coisa que está muito presente o tempo todo. E é isso, assim, eu não sou uma pessoa muito de ficar em silêncio com meus pensamentos, eu gosto às vezes, mas no geral eu gosto de estar ouvindo uma música, sempre parece que incrementa a situação em que eu estou, sabe? Seja estar limpando a casa, seja estar passando por uma experiência complicada, se eu não estiver conversando ou realmente querer ficar em silêncio em momentos muito específicos, eu gosto de estar ouvindo música.

Faz o tempo passar mais, não só mais rápido, mas também mais agradável, sabe? É assim que eu interpreto um pouco.

Entrevistador:

Você acha que a música, de alguma maneira, te ajudou a formar a sua identidade pessoal?

Darcy:

Sim, bastante. Principalmente como uma pessoa LGBT, artistas LGBTs, mas assim, músicas nas minhas, digamos assim, piores fases, fases de descobrimento, de enfrentamento de muita coisa. Eu sempre me expressei muito pela música.

Não necessariamente é que eu fazia, mas as letras que eu ouvia, as narrativas que eu estava, vamos assim, explorando pela música, mesmo pela musicalidade. Então sempre teve muito presente, sempre foi uma marca muito intensa para mim. Hoje em dia, eu faço parte de uma comunidade muito grande que é voltada para a música, o seu foco.

Então é extremamente importante para quem eu sou. Eu tenho até grandes fases de músicas, minhas grandes épocas de ouvir estilos musicais diferentes e todos fazem sentido comigo. Ainda gosto de todos, só que foram momentos que eu estava passando, eu gosto muito disso.

Entrevistador:

Então assim, você não se vê como, você não vê um estilo como especificamente mais vinculado à tua personalidade?

Darcy:

Eu vejo que épocas diferentes da minha vida, assim, grandes épocas, não só meses, mas eu tive períodos da minha vida em que certos estilos, certos gêneros musicais foram mais presentes na minha vida. Digamos assim, concordando com a época, sabe? Teve uma época que estava, digamos assim, mais triste e com mais revolta juvenil e coisa assim.

Eu ouvia muita música emo e traduzia perfeitamente os sentimentos que eu tinha na época. E aí, em uma outra época, eu já estava ouvindo músicas mais indie, alternativas, que faziam mais sentido também com o meu período da época de estar me entendendo, de me aprendendo a se tornar adulto, sabe, esse período assim. Então as músicas indie já se encaixavam mais comigo.

Mas ainda gosto de todas, fazem parte da minha história. Eu olho para trás e ainda aprecio tudo o que eu gostava de antes, sabe? São fases diferentes.

Entrevistador:

Bacana. Mas não tem uma específica. Entendi.

Você consegue se recordar da sua primeira, não precisa ser a primeira especificamente, mas uma de suas primeiras audições de música?

Darcy:

Eu tenho uma muito cômica, na verdade, que eram artistas locais aqui da minha cidade e eles tinham um CD, era uma banda, era um conceito que era de, sabe uma pegada meio Mamonas Assassinas? Sabe aquelas músicas engraçadas, músicas bem reverentes? Só que era bem localizado, tipo tem uma música inteira que ele fala sobre não ter dinheiro e aí quer sair com a namorada e a namorada vai pagar o dinheiro do ônibus.

E aí ele fica falando os locais em que eles estão passando para ir para a festa. E são todos os locais da minha cidade. Então eu lembro muito quando era criança, eu adorava esse CD e é uma das minhas memórias, assim, eu nem sei em que ano saiu, acho que em 2002, 2003.

Mas eu lembro desse CD assim, de ouvir ele o tempo todo. Mas eu também ouvia muita música infantil, eu ouvi o Adriana, Adriana Calcanhoto tem um CD infantil, que é Adriana Partimpim, que eu adorava também. Sim, eu lembro bastante, música desde que eu era muito criança eu lembro de ouvir,

principalmente música infantil, mas é Regnaldos, o CD local aqui, que é o meu, porque eu lembro até hoje, parece que só eu conheço, sabe?

Eu falo com as outras pessoas, vocês nunca ouviram falar do Regnaldos? Não, o que era isso? Meu Deus!

Entrevistador:

E você, o que foi a sua cidade?

Darcy:

Eu sou de Maceió, Maceió, Alagoas, capital de Alagoas. Bacana. Eles são daqui, eles eram daqui, sei lá, não sei se a banda existe, acho que existe, mas não.

Entrevistador:

Estamos da época. Na sua casa tem produtos com temas musicais postos, ou mesmo você tem camisa, costuma consumir livros, ou enfim, objetos decorativos com esse tema musical?

Darcy:

Sim, eu sempre gostei de colecionar CD, porque eu peguei uma fase em que os aparelhos usados para ouvir música estavam mudando. A minha mãe em casa tinha, não usava mais, mas tinha um toca-fita. A minha irmã mais velha, ela tinha um Discman que me deu, eu já não usava mais Discman quando eu era criança, mas ela me deu ainda como uma recordação, então eu ouvia algumas vezes, e a gente tinha uma caixa de som.

Então, não teve mais de uma, mas a gente tinha uma, que eu me lembro que a gente ficou por muito tempo. E aí quando eu comecei a crescer mais, principalmente na minha época de música emo, My Chemical Romance, essas coisas, eu comecei a juntar meu dinheirinho para comprar CD, porque mesmo que eu já tivesse, na época a gente baixava música por aqueles aplicativos de 4share, dessas coisas. Mas eu gostava de ouvir no CD, porque eu achava que era uma experiência mais, não sei, eu achava mais divertido.

E aí eu gostava de comprar, era especial, eu ouvia as coisas especiais, eu abria e botava lá no CD. Aí, tá certo. Só que aí o tempo foi passando, foram surgindo aplicativos de *streaming*, aí isso foi ficando um pouco de lado.

A minha caixa de som quebrou também, a gente nunca voltou para consertar porque ficou mais difícil, porque não tem tão fácil assim para vender, para comprar mais. Tem que ir atrás. Eu também ouvia muito rádio na época do celular, às vezes aquele celular que você tinha que puxar a anteninha para conectar com o rádio.

Mas hoje em dia, como eu ouço K-pop, K-pop tem uma cultura muito grande de compra de álbuns e coisa assim, aí eu tenho alguns álbuns de K-pop, eu ainda tenho CDs da minha época, eu tenho camisa inspirada em música e álbum, coisas de K-pop. Então eu tenho bastante coisa assim, principalmente CDs, eu gosto muito de comprar CDs, eu ainda tenho a intenção de consertar a minha caixa de som no aparelho para poder voltar a ouvir meus CDs, que eu ouvia em momentos específicos e era legal, era o meu ritualzinho.

Entrevistador:

Então você compra CD hoje em dia, porque isso está vinculado à tua prática como fã de K-pop, mas no momento você não tem onde ouvir, é isso?

Darcy:

É, exato. Eu ouvi até, acho que minha caixa de som quebrou em 2019, aí eu ainda não, desde então. Aí teve pandemia, essas coisas e foi ficando meio de lado assim, mas sempre foi um interesse meu.

Quando eu comprei o meu primeiro CD de K-pop, foi o primeiro CD que eu comprei depois de ela ter quebrado, eu fiquei um tempo sem comprar, aí o primeiro CD que eu comprei eu fiquei, eu preciso consertar a minha caixa de som, porque eu preciso voltar a ouvir, eu gosto, é o meu momentozinho de sentar e vou ouvir um CD. Não sei onde fazer mais isso. E aí ainda estou nessa busca para consertar.

Entrevistador:

Agora, deixa eu te perguntar, porque você, assim, o que você identifica como a tua motivação para comprar um CD, mesmo que você não tenha mais um sistema de som para escutar?

Darcy:

Hoje em dia, primeiro porque eu sempre penso, tipo, não, eu ainda vou conseguir um sistema de som, mas eu acho que hoje em dia, mas pelo símbolo, pela recordação, eu faço meio que a mesma coisa com o livro. Às vezes eu leio um livro emprestado, ou eu leio um PDF ou disponibilizado, mas eu leio aquele livro, e se eu gostar, eu quero ter ele para mim, eu quero ter ele como parte da minha, eu não sei nem se seria uma coleção, porque muita gente tem coleção como aquela coisa intocável, como aquela coisa que fica ali para ser visto e para eu ter. Mas eu gosto de poder ter para poder até emprestar, para poder chegar para você e falar, olha, isso aqui é muito legal.

O CD, sei lá, eu ouvia muito em datas específicas. Eu gostava muito dessa banda, Make Him Promise, e eles acabaram, esqueci o mês, mas eu sabia exatamente o dia e o mês que eles tinham acabado. E todo ano eu ouvia os CDs que eu tinha deles nesse dia.

Em específico, eu tinha o meu ritual de noite, chegava e botava, ficava no meu quarto curtindo, e assim, celebrando aquela banda que tinha. E eu quero muito fazer isso com meus CDs de K-pop também, eu quero poder chegar e falar, olha, faz não sei quanto tempo que o Bi lançou, vou ouvir agora, vou botar, vou ouvir, vou escutar meu momento. Eu gosto dessas coisinhas.

Então, em parte, é porque eu acredito muito nisso, de assim, eu ainda vou ouvir, é uma coisa que está nos meus planos, eu quero muito voltar a ouvir meus CDs. E em parte também por essa questão da coleção, porque são músicas que eu já ouvi digitalmente, e eu sei que eu gosto, e eu quero ter pra mim, eu quero poder ter pra quando eu tiver filhos, eu chegar e falar, olha, esse álbum aqui eu gostava muito, eu ouvi em tal época, música está muito associada com a minha memória. Então assim, quando eu pego um álbum, eu chego e falo, olha, isso aqui eu ouvi tal dia, eu estava fazendo tal coisa, e foi muito bom e tal, eu quero poder ter essas lembranças.

Pra mim é uma das melhores formas de guardar lembrança com música. Isso eu posso ter de um jeito físico ainda, mas...

Entrevistador:

Então, você falou sobre essa questão da... me parece que a gente pode falar que é um tipo de experiência, que é você ritualizar a tua escuta, você homenagear artistas ou álbuns que você tem especial apreço. Você se percebe que de alguma maneira isso pode acontecer também através da internet?

Por exemplo, você acompanhando o Instagram e todo ritual de lançamento de uma determinada obra ou álbum? Se quiser falar um pouco sobre isso, seria bom.

Darcy:

Claro. Principalmente no K-pop. Antes eu sinto que eu não ligava muito pra isso.

Antes eu sinto que eu descobri as músicas quando elas estavam sendo...

Assim, quando elas apareciam pra mim, por indicação, porque eu ouvi um pedacinho e fui procurar mais, por estar na *playlist* do Spotify, aleatoriamente eu gostava e botava lá. Mas principalmente quando eu comecei a consumir K-pop, e eu sinto...

Eu não sei se o movimento foi acontecendo simultâneo, porque eu cheguei meio que recentemente no K-pop, mas eu sinto que muitas dessas coisas do K-pop, eu estou vendo na música pop hoje em dia também. A ideia de eras dos artistas, que o artista vai lançar um álbum novo, eu pensei até no Jão, o artista brasileiro, porque ele tinha pintado o cabelo, e aí ele mudou as coisas do Instagram dele pra anunciar que vai ter um trabalho novo, vai ter um álbum novo. E eu estava observando isso, quando eu cheguei no K-pop em 2020, eu percebi que, tipo, não.

Olha, o idol começou a esconder o cabelo, é porque pintou, é porque cortou, porque fez alguma coisa, porque vai lançar música nova. Olha, vai ter os... No K-pop tem muito isso, assim, vai ter uma tabela de lançamentos, então você vai ficar...

Vai sair as fotos, vai sair os conceitos, vai sair o teaser, vai sair o trailer, e tal dia vai sair a música, de tal hora da manhã, vai sair o álbum. Segunda-feira, eu acordei de seis horas da manhã, porque lançou o álbum. Eu quero ouvir o álbum inteiro, pra poder comentar com os meus amigos, pra gente comentar.

Tem as estreias dos clipes no YouTube, então... Nossa, eu lembro até hoje, eu tinha acabado de conhecer a K-pop, a minha prima é fã de K-pop, durante a pandemia eu fiquei na casa dela. E eu sempre não gostei, porque eu nunca...

Eu sempre consumi música pop de uma forma mais, assim, casual. Eu ouvia em rádio, aí se eu gostava, botava numa *playlist*, mas eu nunca tinha tido muito interesse de ir atrás. Eu sempre ouvia músicas mais independentes, depois da minha fase em emo, eu ouvia mais música alternativa mesmo, tal.

E aí a minha prima... Eu não gostava muito de pop, eu não gostava muito de K-pop, eu ficava meio assim. Mas quando eu fiquei com a minha prima lá, o tempo que eu fiquei com ela, eu me apaixonei totalmente.

Perdi muitos preconceitos que eu tinha. E aí... Eu lembro até hoje, o primeiro lançamento era 1 hora da manhã, a primeira música em inglês do BTS, Dynamite.

E tinha acho que... Nossa, eu nem lembro quantas milhões de pessoas tinha na live esperando. Contar...

Aqueles 1 minuto e 50 da contagem do YouTube antes de lançar o clipe. E eu sentia uma coisa que eu estava com a minha prima, parece que eu estou sentindo todas as pessoas do mundo, inclusive os 7 lá, esperando ansiosamente lançar o que parecia que ia ser uma coisa muito grande. E foi!

Foi um estouro a música deles. Eu digo assim... Acho que foi a música mais bem sucedida da carreira deles, independente se é melhor ou não.

A revolução que aconteceu com aquela música foi histórica, mas assim...

Aquele 1 minuto e 50 antes, 1 hora da manhã, eu e minha prima tentando fazer silêncio, esperando ver o que ia ser. Nossa!

Esses rituais com certeza acontecem. Combinar de ficar até 2 da manhã com os amigos em chamada, esperando lançar o álbum pra gente comentar junto primeiro. Eu acho fantástico.

O K-Pop está me entregando isso. Eu sei que outros artistas também estão, mas eu estou sentindo muito intensamente com o K-Pop por causa disso.

Entrevistador:

Agora... Você... O que eu ia te perguntar?

Isso foi a espera de um clipe? Foi? Foi.

Se você puder, você me manda o link desse clipe?

Darcy:

Claro!

Entrevistador:

É bom que eu vejo e entendo qual é o teu contexto. Claro!

Darcy:

Qualquer coisa que você precisar de link, de negócio, eu mando.

Entrevistador:

Não tem problema. Deixa eu te perguntar, você é assinante de uma plataforma de *streaming*?

Darcy:

Eu sou. Eu tenho Spotify. Desde 2018.

Entrevistador:

A tua prática de audição, por exemplo, de K-Pop, você se percebe desejando ouvir de outra maneira?

Darcy:

Eu acho que seria muito legal poder ouvir os álbuns. Principalmente assim, muito por causa disso que eu tenho com memórias e com esses pequenos rituais que eu faço. E também porque, principalmente depois da pandemia, antes eu nunca tinha sentido isso, mas a coisa de, poxa, eu quero fazer coisas um pouco longe de telas.

Eu ouço música com celular e aí eu às vezes fico pensando assim, poxa, seria legal de vez em quando ter um aquele momento em que eu boto a música aqui no CD, não tô com mais nada, o celular tá longe, tá carregando tá fazendo alguma coisa e eu tô só podendo apreciar. O BTS lançou um álbum na pandemia, o Be, e eu ouvi ele de ele lançou de uma hora da manhã, então eu vi o clipe, fui me deitar pra dormir, digamos assim, fui me deitar pra ouvir o álbum e dormir porque eu tava morrendo de sono. E eu ouvi o álbum, tipo, deitado na cama, ouvindo, e as músicas me pegaram muito, que são músicas da pandemia, então mesmo que a letra eu fosse ler depois e aí fosse ficar pior ainda, mas só aquela primeira experiência ouvindo as músicas mais tristes, as músicas mais felizes, a experiência de estar no quarto no escuro, ouvindo a música e sentindo tudo aquilo, no meio da pandemia, novembro de 2020, foi assim, muito memorável, e eu queria sentir isso de novo, queria botar o meu CD do Be, que agora eu tenho o álbum, deitar, ouvir, deitar na cama de noite e ficar sentindo aquilo de novo, vendo quanto as coisas mudaram, quanto não mudou e apreciando dessa forma. E K-pop tem uma coisa que me diferencia, eu sinto, dos outros fãs de K-pop é que eu realmente gosto de K-pop pela música, eu

realmente gosto do ritmo, eu gosto das batidas, eu gosto de... são músicas divertidas muitas vezes, mas são outras que tem uma produção, assim, uma qualidade na produção mesmo, de os sons que são utilizados, a forma como a voz é trabalhada, ela é, digamos assim, alterada artisticamente ou não, eu gosto muito das escolhas que são feitas por alguns grupos de K-pop, e eu gosto muito de ouvir, e tem muita gente que gosta de K-pop por causa do apelo visual, é uma indústria muito visual, são músicas, são clipes fantásticos, mas se você for ver, assim, eu mal vejo clipes de K-pop, eu vejo quando lança, eu vejo quando, aí, fiquei com vontade de ver o clipe, vou ver, mas normalmente eu tô ouvindo as músicas mesmo, e aí meus amigos às vezes brigam comigo, assim, porque fica tipo assim, a gente sai junto e eu fico, nossa, eu nunca vi esse clipe, eles vão falar, a gente mandou pra você ver quando saiu, aí, mas eu ouvi a música eu botei no meu Spotify logo a música, ouvi, gostei, vi o clipe eu também tenho pra mim que tem músicas ruins, que as pessoas gostam porque tem clipes bons e aí eu fico, vocês tão gostando por causa do clipe, o clipe é muito bom, aí a música fica melhor se você ouve só a música, ela é ruim aí eu gosto de ouvir a música, se eu gostar, eu vejo o clipe aí ele melhora, a experiência toda, mas se eu não gosto da música, eu falo se eu vou ver o clipe, aí o clipe vai ser nossa, produção, todo mundo lindo, aí eu vou gostar, eu não quero, não gostei da música, acabou eu tenho essa descrição

Entrevistador:

é, então deixa eu te perguntar, só sobre pra fechar esse papo, sobre sua relação com a música eu queria saber como é que você como é você na internet, nas redes sociais você publica muito conteúdo relacionado a música

Darcy:

eu, como eu tô principalmente em comunidade, a partir de um ponto que eu comecei a seguir mais pessoas que falavam sobre música, não só sobre K-pop, mas falavam sobre música, isso me deu mais liberdade pra falar porque, apesar de eu consumir música e eu participei, eu canto participei de coral por um tempo eu sou uma pessoa bem leiga em relação a temas técnicos, então muitas vezes eu queria falar sobre música, mas eu ficava, nossa, mas eu não vou saber explicar, eu não sei gêneros musicais bem definidos, eu não sei é, é sei lá, as vezes sai uma música e eu falo, olha isso aqui parece no soul da época de não sei quem que tal artista fez, tal eu não sei, eu não sou uma pessoa tão técnica em relação a música mas eu fui ganhando mais liberdade pra poder fazer certas análises, certas comparações, enfim, falar a minha opinião mesmo, quando eu comecei a seguir mais pessoas que falam sobre música eu comecei a entender mais algumas coisas eu ainda não tenho confiança 100% pra, digamos assim, dar análises análises profundas sobre, mas eu consigo, digamos assim falar um pouco mais sobre, sabe falar, ah, tal música tá numa pegada mais assim, então sei lá, esse álbum que saiu nossa, parece as coisas que eu ouvi em 2011, eu não sei explicar exatamente quais eram os gêneros que eu ouvi em 2011 mas tem uma pegada muito nostálgica e ainda assim foi um álbum meio ousado porque esses artistas tão, digamos assim o público internacional deles tá aumentando recentemente e eles poderiam ter feito um álbum com uma pegada mais, digamos assim, palatável pro gosto internacional padrão, isso acontece às vezes no K-Pop, assim, ah, K-Pop é uma música que, é um estilo musical que ainda é de nicho alguns vão saindo mas ainda é um nicho então, às vezes, o próprio BTS passou por isso, assim eles já tinham conquistado um público internacional muito grande e eles lançaram algumas músicas que foram pro público internacional, músicas em inglês músicas bem pop, bem chiclete, bem verãozinha e mais bobas até do que as músicas que eles costumavam fazer, porque foi feito pro público internacional mas é uma escolha que você tecnicamente entende porque primeiro precisa se conquistar pra depois você poder arriscar mais, ousar mais mas esses artistas não, eles tão crescendo,

digamos assim a *fanbase* deles e eles lançaram músicas, assim, bem na cara deles bem pouco palatáveis pra gente que não acompanha eles há um tempo caramba, ousado e eu tava comentando isso, nossa, é bem você tem que ser muito autoral pra a gente ganhou muitos fãs, mas então vamos mostrar quem a gente realmente é eu achei isso bem interessante, eu falo mais hoje em dia sobre isso até que momento eu não falava tanto

Entrevistador:

Tá, vamos entrar aqui no segundo bloco, eu queria que você falasse como é que você correlaciona o teu dia-a-dia com o hábito de ouvir música como é que é no dia-a-dia

Darcy:

Eu geralmente ouço muita música quando eu tô principalmente assim ok, eu acordei eu acordo ok, eu tenho que arrumar algumas coisas em casa aí eu já boto música pra tocar porque já vai, tipo enquanto eu tô eu sinto que eu sou uma pessoa eu não sou exatamente jeans eu tô ali no meio termo entre a geração Z e a geração dos *millennials*, sendo assim, 99 mas eu sinto um pouco as vezes disso, assim, de eu quero ter algum estímulo, sabe enquanto eu tô fazendo isso enquanto eu tô fazendo essa coisa, pra não tá só limpando, só eu quero tá ouvindo música também eu quero tá fazendo duas coisas e aí eu já coloco ouvido desde então, e as vezes eu uso muito pra marcar tempo as vezes não tanto mais, isso foi mais na época que eu tava mais muito, muito engajada com K-pop assim, de *streaming* e números e etc, que as vezes acontece tem quando K-pop como também é uma indústria muito competitiva principalmente na Coreia, mas é uma indústria muito competitiva, assim, eles tem programas de premiação toda semana, então o artista que estiver com mais *streamings* ele tem mais chance de ganhar, então você tem que dar *streaming* eu não sou mais tão assim mas eu usava como uma forma de medir tempo pra mim, digamos assim, eu vou botar essa música é o foco da *playlist* quando ela tocar de novo, é a hora de não sei eu tinha uma noção de quanto tempo tinha passado sabe, eu me acostumava a marcar tempo por causa disso, sei lá, quando eu tô treinando pra concurso aí eu sabia que tipo, ok questões que eu demoro mais, matemática, então quando eu tocar essa música de novo, eu vou tentar já ter terminado, porque eu vou ir aprendendo a fazer as questões mais rápido então eu sempre fui utilizando música nessas coisas e também porque eu acabo ouvindo muito eu escrevo também, eu escrevo então eu ouço muita música pra escrever também quando eu tô escrevendo uma cena específica eu acabo botando se tem alguma música que encaixa, eu geralmente tenho *playlists* pras histórias mas se eu tô escrevendo uma cena e eu preciso dessa música essa música, ela precisa estar tocando o tempo todo, aí eu boto ela no *repeat* e fica só aquela música, enquanto eu vou fazendo toda a cena, e aí eu tenho esses hábitos mas eu tenho usado frequente

Entrevistador:

Então a música tem um aspecto de auxílio de tarefas, muito significativo pra você?

Darcy:

É as duas coisas, tem a parte emocional como eu falei, eu tenho meus rituais eu marco as minhas lembranças muito, eu tenho a minha comunidade mas ela também me ajuda muito eu sinto que é por isso que eu acabo ouvindo muita música o tempo inteiro, porque ou é ouvir música por uma razão super sentimental, ou é ouvir música por uma razão prática.

Entrevistador:

E aí você hoje em dia praticamente ouve música só através de plataforma de *streaming*?

Darcy:

É, hoje em dia sim, porque como eu tô sem o meu meu aparelho de som aí eu tô ouvindo praticamente só por plataforma de *streaming* mesmo eu ouvia rádio antigamente tento ouvir mais ou menos no carro, mas acaba tendo muito comercial, e às vezes tem aqueles programas aí a gente acaba quando eu tenho oportunidade, eu peço pra minha mãe deixa eu botar no meu celular, mesmo que a gente já bota as músicas que a gente quer, e não tem que ficar ouvindo os mesmos comerciais duas músicas, cinco minutos de comercial completo.

Entrevistador:

Ah sim, você assina o Spotify Premium né? É isso?

É, isso, isso Beleza E em relação a formatos do ponto de vista seguinte, você escuta sempre álbuns, você escuta *playlist*, álbuns, você gosta de ter o tempo inteiro o controle da experiência e você vai selecionando de uma em uma as músicas, como é que é essa sua prática?

Darcy:

Eu gosto de ouvir álbuns quando, pra mim são sensações diferentes, tem hora que eu quero ouvir o álbum inteiro, tem hora que eu quero assim, não, eu quero ouvir esse álbum todo eu quero que quando acabe, às vezes, sei lá, eu quero ouvir X música, mas quando acaba X música eu quero ouvir música Y que está depois, logo depois do álbum, então eu quero ouvir o álbum todo, mas no geral eu faço muita *playlist* mas as *playlists* que eu faço elas contêm os álbuns dentro eu tô nos últimos no último ano eu tenho feito *playlists* mensais então, aí depois de um tempo eu vou, digamos assim, eu comecei a ouvir no Spotify em 2018 e aí eu fiz, eu sentei um dia e organizei todas as músicas que eu tinha ouvido no Spotify, mais ou menos né, porque as mais antigas, as de 2018 mesmo, eu não lembro exatamente em que mês eu ouvi, ou até porque eu não ouço só lançamento, né, eu ouço também músicas em 1970 e tanto, então eu fui organizando elas tava até mexendo numa delas hoje porque outubro já tá quase acabando, eu tava atualizando algumas músicas de outubro e aí, porque aí eu posso ouvir, eu tava achando isso fantástico, assim, eu volto pra *playlist* sei lá, de maio de 2022, então todas as músicas que eu ouvi em maio de 2022 sejam os álbuns que eu ouvi pela primeira vez ou os álbuns que eu ouvi, tava com vontade de ouvir também, músicas soltas que tão ali, e aí eu vou ouvindo naquela *playlist*, e aí vai variando muito assim, às vezes eu quero ouvir, se eu quiser ouvir só o álbum, bem certinho na linha certinha, eu ouço só o álbum se eu quiser ouvir músicas que me lembram dessa época, ou agora, não quero ouvir uma música específica, mas deixa tocando as que eu tô ouvindo muito esse mês aí eu ouço a *playlist* de outubro mas eu também faço algumas voltadas pra, sei lá, *playlist* de ir pra praia, e aí tem músicas que tem mais essa *vibe* de verão eu vou fazendo, assim eu adoro fazer *playlist* às vezes, mesmo a *playlist* tendo o álbum inteiro, eu gosto de ficar brincando com esses sentimentos específicos ou juntando músicas que me dão a mesma *vibe*, mesmo que não se pareçam eu vou brincando disso pra mim isso também é parte da diversão

Entrevistador:

você compartilha essas *playlists* com amigos?

Darcy:

eu compartilho com amigos algumas dessas eu compartilho no meu perfil mesmo, assim sei lá, eu ouço quatro artistas de K-Pop com mais intensidade são os que eu acompanho mesmo, os que eu gasto dinheiro com, digamos assim, nem todos eu gastei dinheiro, mas eu teria interesse de gastar dinheiro seja pra ir pra um show, ou comprar um cd, ou comprar uma coisa são os que no nosso mundinho a gente fala que a gente “estaneia” que nós somos *stans* desses grupos, são os que a gente é realmente fã de verdade e aí às vezes eu quero apresentar um artista, eu conheço alguém que ouve um dos meus quatro artistas, mas eu quero opa porque caiu uma coisa ali nada demais, só porque fez barulho aí às vezes eu quero apresentar, aí eu mando uma *playlist* que tem músicas desses artistas com uma *vibe* parecida pra que a pessoa vá ouvindo e conhecendo os outros artistas que eu gosto ou então fazendo combinações de artista ocidental, artista brasileiro, com artista de K-Pop vendo onde vão se misturando, eu gosto de fazer essas misturinhas, aí eu compartilho, essas que são mais eu sinto que tem *playlists* que são mais voltadas pras outras pessoas, que eu já fiz com o intento de vou compartilhar essa porque isso aqui é interessante e vai ser legal de mandar pras pessoas e outras que são mais minhas mesmo que são mais tipo, olha, essas músicas não tem concisão nenhuma, não faz sentido pra ninguém, mas eu quis ouvir junto

Entrevistador:

Entendi Deixa eu te perguntar, quando você vai ouvir música, você sempre sabe o que você vai escutar e de que maneira você confia ou não no algoritmo pra selecionar músicas pra você?

Darcy:

O algoritmo Spotify é aquela coisa assim ele impulsiona certas músicas e afasta outras. Eu tento não confiar muito só no algoritmo mas nos últimos eu sinto que no último, no ano passado eu era muito mais assim, eu quero ouvir o que eu quero ouvir e ponto, e eu vou colocar exatamente o que eu quero na minha *playlist* na ordem, eu vou adicionar na fila e tal hoje em dia eu acho que eu tô com um comportamento mais livre assim, eu mudo só não gostei, vou mudar mas se não eu vou deixando tocar eu sinto que depende muito eu sinto que, por exemplo, como eu tenho essas *playlists* mensais se tá de manhã, eu quero ouvir música mas eu não sei especificamente o que eu quero ouvir, eu boto na *playlist* do mês, vou rodando eu vou ver, se tiver alguma que eu queira alguma que eu não queira, eu vou pulando, eu não gosto muito das *playlists* prontas de Spotify isso é uma coisa assim, certa porque elas são as mesmas músicas praticamente a questão assim o algoritmo que faz as *playlists* ou enfim, seja lá a pessoa tem um uma vontade muito específica tem um, você claramente vê que tem artistas que estão lá mais vezes e aí acaba ficando uma coisa meio pra mim assim de a *playlist* do mesmo gênero, pop você vai ver as mesmas músicas repetidas várias e várias vezes, mesmo que sejam *playlists* diferentes eu acho isso uma

Entrevistador:

eu não sei, eu não gosto

Darcy:

é, acho, bastante porque eu tento não fazer isso, eu tento não botar as minhas músicas em tantas *playlists* iguais porque aí é melhor fazer só uma e com todas as que você quer a minha prima tem isso, eu acho isso um absurdo, a minha prima tem uma *playlist* de 46 horas, assim só as músicas que ela está ouvindo e ela chega no final e fica ouvindo aquelas do final que são as mais recentes que

ela adicionou e eu fico tipo, já esse faz menores não sei como é que você consegue

Entrevistador:

deixa eu te perguntar, então você sempre sabe o que você vai ouvir e caso você não não saiba, você costuma se sentir congelada em frente da plataforma

Darcy:

eu não gosto muito do Spotify para conhecer música nova a não ser que seja, digamos assim algumas vezes dá, por exemplo sei lá, no gênero, se for uma música de K-Pop eu já sei, por exemplo, as músicas que o Spotify me recomendar, 99% eu já ouvi, 99% eu já sei quais são, então não sei músicas novas disso, aí eu não gosto muito, mas alguns gêneros novos, músicas novas sei lá, meu namorado me recomendou ska aí eu fui ouvir ska e aí as recomendações do Spotify eram todas novas então também fui adicionando as que eu achava legal, fui deixando a *playlist* aí, mas gêneros que você já conhece, eu acho muito complicado, porque você acaba já tendo ouvido, principalmente músicas mais pop, seja pop brasileiro pop internacional, assim língua inglesa ou pop coreano você meio que já conhece, porque são as músicas que são populares, então acaba você não vê muito artista desconhecido mas o Spotify também tem algumas recomendações que são várias, assim eu conheci muitas músicas pelo Spotify só não é a minha escolha assim, eu acabo olhando mais *playlist* de usuários do Spotify do que outras, sabe sei lá, eu tô vou dar um exemplo assim, sei lá, eu tava ouvindo tava relendo Jogos Vorazes, eu fui pesquisar *playlist* de pessoas que fizeram, enquanto estavam lendo Jogos Vorazes e estavam lembrando ouvindo aquelas músicas, aí eu conheci artistas de músicas diferentes, e aí eu já adicionei, já gostei da *vibe* e aí as recomendações do Spotify depois dessas músicas eram músicas novas, mas assim, se for pra depender pra pop coisa assim vai ser o que tá tocando mais vai ser o que tem mais *streaming*, vai ser o que tá mais...

Aí eu não gosto necessariamente

Entrevistador:

Entendi agora vamos falar sobre um tipo de experiência mais específico que está interessado e você já até falou que você de alguma maneira exercita isso, que é aquele momento em que a em que a audição tá em protagonismo que é o foco principal da sua atenção, sabe você então se percebe né, experimentando isso, você consegue me descrever como é que é esse contexto você já falou um pouquinho, né, mas se você puder falar um pouquinho mais

Darcy:

eu sinto principalmente em deslocamentos é pra mim, eu acho que acho que é uma experiência muito comum pra muita gente, mas assim principalmente em deslocamentos e também momentos que tipo assim aí deitei na cama, quero ficar aqui só ouvindo música e aproveitando essa música principalmente meus primeiros contatos com música, eu preciso ouvir com calma, sabe sei lá, é um álbum novo, é uma coisa nova eu preciso sentar e ouvir e observar com calma seja porque esse álbum tem uma produção maior, então ele vai ter sonzinhos escondidos sabe, em cada batidinha da música, vai ter um sonzinho e ali eu quero poder experienciar tudo, ou seja porque a letra é muito significativa, se é um álbum que eu consigo entender a letra de primeira, sim, mas eu preciso prestar atenção, então eu preciso parar e ouvir e entender como aquela letra se aplica a mim ou não, e inventar uma história na minha cabeça se eu escrevo, então letras que não remetem a mim, eu já vou criando um cenário na minha cabeça de a quem essa letra se aplicaria, se seria um personagem como seria mas eu acho que essa coisa assim, todo o deslocamento de eu sempre viajei

muito, eu tenho família que mora longe então eu sempre viajei muito, eu sempre viajei ouvindo música, mesmo quando era rádio eu ficava ouvindo as músicas da rádio aqueles programas de uma hora, duas horas sem intervalo eu adorava, eu ficava ouvindo a viagem e aí quando acabava eu ia dormir porque aí agora ia ter um monte de anúncios e aí eu parava mas sempre foi assim, meu momento de desligar o corpo em movimento e a música tocando e aí eu fico sentindo assim, só.

Entrevistador:

Beleza, entendi, olha só eu vou interromper aqui essa sala, eu vou abrir outra só pra gente acabar aqui faltam uns 5, 10 minutinhos a gente conclui, porque vai vai terminar aqui o tempo do Zoom, tá bom? Obrigado.

Entrevistador:

Obrigado. Vamos lá, só para concluir, a gente estava falando sobre aquele momento em que a sua atenção está mais dedicada à música. Esses momentos, eles acontecem de surpresa ou você fala assim, agora eu vou ouvir música?

Darcy:

Não, assim, tem os momentos em que isso tende a acontecer, como, por exemplo, eu estou no deslocamento, estou não sei o que, mas às vezes não, às vezes eu estou aqui ouvindo música e aí me pega muito assim, tipo, putz, eu vou parar aqui para escutar com mais atenção. Às vezes, sei lá, você está ouvindo uma música, você está na metade, você fala, peraí, eu não percebi isso o suficiente, eu preciso voltar para o começo da música. Aí você volta para o começo da música para poder apreciar ela por inteiro.

Então, tipo, às vezes acontece nada. Tem situações no deslocamento que eu sei que vai acontecer mais, assim, eu tenho, o meu último, assim, surpresa nisso de que isso acontece é, às vezes eu estou pegando o Uber moto para me deslocar e aí eu consegui dar um jeito de colocar o fone, mesmo estando na moto, eu tiro o óculos, mas boto o fone dentro do capacete e está me vindo assim muito, eu estou apreciando muito música enquanto eu ando de moto. Eu estou andando de moto e ouvindo a música e parece que eu estou no outro cenário. É muito interessante.

Entrevistador:

Que legal. Você, então, assim, isso sempre acontece com álbuns? Não, pode acontecer com playlist ou até música isolada?

Como é que é isso?

Darcy:

Pode, pode. Com álbum é legal porque acaba ficando uma consistência maior, eu sinto que quebra menos a imersão, porque se eu estou ouvindo aquela música e está naquela imersão, aí se às vezes quebra para uma música muito diferente de gênero ou de coisa assim, aí às vezes quebra, mas nem sempre, às vezes o momento parece que se adapta à música. Eu acho que depende, assim, do quão drástica é a mudança ou o quanto eu gosto da música, o quanto eu levo a sério aquela música, o quanto está encaixando com a situação, sei lá, nisso de andar de moto, às vezes eu estou ouvindo, que eu estou lembrando muito, que foi muito engraçado, eu estava ouvindo Super Shy do New Jeans, que é uma música bem fofinha, meio verãozinha, e aí eu me senti tipo assim, não, eu estou andando aqui de moto, mas parece que eu estou em outro lugar, eu estou andando de "scooterzinha", sei lá, na Itália, em algum negócio assim, andando pelas vielinhas ali, e aí se muda para uma música com

uma *vibe* muito intensa, e aí quebra esse cenaríozinho, que eu não estou pensando, eu não estou literalmente imaginando, é a sensação que dá, tipo, poxa vida, e aí se quebra muito esse cenário, aí me quebra a imersão, porque eu quero mudar, eu quero voltar para aquele cenário, eu quero voltar para aquela sensação. Outras vezes eu estava andando na chuva, tentando chegar em casa rápido, e aí eu estava ouvindo músicas bem, que estavam fazendo assim, tipo assim, aí, que besteira andar na chuva assim, que besteira se molhar, isso não é nada pra você, uma besteirinha assim, mas que eram músicas mais intensas, mais assim, pá, poxa vida, e aí se mudasse para uma música muito calma, ia quebrar a sensação que eu estava tendo, a experiência que eu estava tendo, aí eu precisaria.

Mas já aconteceu assim, de eu estar andando numa chuva também, outra sensação, outro ano, e que eu ouvi uma música que me pegou tanto, me pegou tanto o cenário em que eu estava e tudo, que eu botei ela para repetir, e ela ficou só repetindo aquela música, até eu, até aquela situação parar, eu me abrigar e a situação virar outra coisa, eu fiquei ouvindo só aquela música, parecia até uma coisa meio de filme, sabe? Você está o personagem na cena do filme e ele está ouvindo aquela, está tocando aquela música na trilha sonora, então eu tenho que respeitar a trilha sonora do filme. Aí é variável.

Entrevistador:

E aí nesse caso, pode ser um álbum ou pode ser uma *playlist*, porque *playlist* tem essa característica de tentar manter mais ou menos sempre a mesma *vibe*, como você falou, né?

Darcy:

Uhum, é, porque se for do Spotify, vai tocar a música mais popular, e quem sabe o que vai ser depois, sabe? O Spotify, eu não acho o algoritmo Spotify muito, acho que ele é muito alinhado nesse tipo. Ele prioriza músicas mais populares, eu acho que tem ali uma, a gente tem a intenção de botar músicas com uma sensação, sei lá, BPM meio parecido ou coisa assim, mas nem sempre isso é a regra e muitas vezes isso quebra.

Aí pra mim, assim, tá nas recomendações automáticas do Spotify, pra mim só serve se eu realmente puder depois mudar se eu não quiser, sabe? Se eu estiver numa situação em que, ou por causa da sensação que eu estou tendo, do clima, ou que eu não puder alcançar o celular pra mudar, aí eu geralmente tendo a não querer deixar chegar no aleatório do Spotify, sabe? Prefiro ou manter no *playlist* ou ouvir o álbum inteiro, porque vai ser uma experiência melhor auditiva mesmo, eu diria.

Entrevistador:

Pra você, nesses momentos, é muito importante a qualidade do áudio?

Darcy:

Eu não sei porque eu não, eu sei que pra muitas pessoas a questão até do fone de ouvir, você quer dizer a qualidade assim, o som, né?

Entrevistador:

É, se você precisa que esteja com uma caixa de som muito boa ou com fone específico.

Darcy:

É, então, eu nunca fui uma pessoa muito de ter fones de ouvido, principalmente esses headphones, que geralmente tem uma qualidade de áudio melhor, que sempre apertou muito o meu ouvido e eu nunca gostei. Apesar de eu gostar de

vez em quando, meu namorado tem um, e de vez em quando eu fico, olha, eu quero ouvir essa música do seu fone, que vai ser muito legal, essa experiência vai ser muito legal. Mas no geral, eu diria que eu acabei me acostumando a ouvir música como dá.

Tem aquela coisa assim, poxa, eu preferiria estar ouvindo às vezes um áudio melhor, mas acaba não sendo uma, digamos assim, prioridade minha, porque por situações mesmo, por questões mesmo de não ter um ou coisa assim. Mas, no mínimo, eu gosto de estar em um ambiente que eu possa estar ouvindo uma música, sabe? Quando eu quero ouvir uma música e tá muito barulho e, sei lá, por mais que eu aumente o volume, não vai ser a mesma coisa, vai estar vazando som, aí isso me incomoda mais.

Entrevistador:

E para que aconteça esse momento, você já falou, na verdade, que não é necessário que você esteja em um lugar específico, você falou que pode estar na sua cama ou em trânsito, né? E você percebe que esses momentos, eles acontecem mais ou menos que em outros momentos da sua vida? Consegue estabelecer essa linha do tempo aí, dessa experiência?

Darcy:

Digamos assim, quando eles aconteciam mais, questão de idade, de tempo?

Entrevistador:

É, se essa relação com a atenção direcionada à música era mais ou menos intensa em outros momentos da sua vida, seja se você era mais jovem, enfim, como é que funciona isso? Ou até se ela acontecia mais no *streaming*?

Darcy:

Ah, eu acho que era mais intenso antigamente. Eu acho que justamente por ser mais escasso, justamente porque o processo de você conseguir ter, eu sempre ouvi mais pelo celular, sei lá, o processo de estar tocando essa música na rádio, isso era assim, era instantâneo que você precisava parar e ouvir com toda a sua atenção, porque você não sabe quando você vai ouvir essa música de novo. Depois, quando eu comecei a ter computador pra baixar e passar pro celular, aí era outra coisa assim, tinha um trabalho maior, então quando você baixava, você queria ficar ouvindo aquela música e apreciando ela ao máximo, porque não era uma coisa de sempre assim, não era uma coisa tão fácil.

Os momentos ainda existem, eu acho que assim, não sei dizer se era, eu sinto que era, menos que eles acontecem menos hoje em dia, mas é que hoje em dia eu ouço mais música, então eles acabam ficando, em todo o tempo que eu ouço música, o tempo todo, aí os momentos específicos de eu parar pra ouvir música de um jeito assim, catártico, diria uma amiga minha, eles parecem menos porque eu ouço mais música.

Eu sinto que a quantidade em que eles acontecem, a quantidade que músicas conseguem me mover, a quantidade que situações conseguem encaixar perfeitamente com a música, são mais ou menos a mesma quantidade, sabe? Mas antigamente parecia mais, porque antigamente era mais difícil, então antigamente, acontecia mais vezes assim, porque mais vezes que eu ouvia música, eu precisava prestar toda essa atenção, porque era o que tinha e eu tinha que apreciar perfeitamente. Hoje em dia é mais fácil, aí eu sinto que acaba ficando aquela coisa de se valorizar menos, porque acontece o tempo todo, acontece ali, quando eu tô indo de ônibus e tal, antigamente não tinha isso, antigamente era o momento que eu achava uma música, que eu aprendi o nome em inglês, eu não sabia inglês, aí eu aprendi o nome da música, eu conseguia pesquisar no YouTube e aí eu ouvia e ficava, era essa, era essa a música que eu ouvi na rádio. Então, era um sentimento diferente, eu diria.

Entrevistador:

Legal, então pra concluir aqui a nossa entrevista, LVC, eu queria saber como é a tua relação com o corpo nesses momentos, se você batuca, se você se arrepia, se você dança, se você fica concentrada, como é que é?

Darcy:

Ah, nossa, pra mim acho que depende do gênero da música, mas tem músicas que arrepiam, às vezes desde a primeira vez que eu ouvi, eu acho interessante isso, que tem músicas que desde a primeira vez que você ouve, o seu corpo todo, você fica tipo assim, meu Deus, isso aqui é fantástico. Tem outras músicas que você ouve algumas vezes, e aí depois quando você ouve de novo, ou porque a letra te pegou diferente, ou você, no caso eu sou uma música coreana, eu preciso ler a letra depois, assim, precisa ser um movimento de parar pra ler a letra, não é ao mesmo tempo. Não sei o que eles estão falando 100% do tempo, sei algumas coisas, mas, e aí quando eu paro e eu leio a letra e eu vou ouvir a música de novo, a música se transforma, ou então a música que ganhou um significado pra mim, de acordo com a situação que eu estou passando.

Mas, as vezes tem música que eu ouço e eu preciso dançar, eu preciso, me enche de um sentimento muito positivo, e eu preciso, tipo, meu Deus, eu preciso viver essa música, eu queria estar dentro dessa música, sabe? Ou vivendo no mundinho dela, a piada assim, tipo, nossa, ninguém ama essa música mais que eu no mundo, no mundo inteirinho, com todas as pessoas, ninguém entende essa música como eu entendo. Eu sinto ela de uma maneira diferente.

Eu tenho isso com, curiosidade, eu tenho isso com música assim, e quando a música é muito popular, ou ela é a música single, né, é a música title, é a música de promoção mais do artista, eu digo, nossa, todo mundo gosta muito dessa música, então essa não pode ser a minha favorita do álbum. A minha favorita do álbum tem que ser a que, não é que a mais diferente ou não, mas tem que ser assim, tirando as mais populares, que todo mundo gosta, qual é a minha favorita dessas outras? E aí eu tenho, por exemplo assim, só com as minhas músicas favoritas do álbum, e quase não tem single de trabalho, single de promoção ou *title*, que no carnaval a gente fala *title*.

E aí, quase não tem, porque eu tenho que ter a música que todo mundo sabe, tem uma das minhas músicas favoritas lançadas esse ano, ela é a menos ouvida do álbum dela, e eu fico tipo, como? Assim, ao mesmo tempo, tipo, aí, claro, porque só eu entendo essa música, mas ao mesmo tempo, como que essa música não é mais bem valorizada? Eu ouvi ela, eu me programei pra ouvir ela andando num brinquedo alto de parque de diversões, sabe? Pra que quando girasse mais alto eu estivesse ouvindo a música e a sensação me tomasse, foi magnífico!

Entrevistador:

Ah, você fez isso antigamente, é legal, interessante.

Darcy:

É, tem situações assim que, as vezes eu conheço a música, as vezes eu ouço a música e falo, nossa, eu preciso ouvir essa música vendo o sol se pôr, é, tipo, ela vai encaixar perfeitamente, essa memória vai ficar muito marcada pra mim, eu tenho certeza absoluta, vai ser uma situação maravilhosa. Então, tem músicas que eu consigo prestar atenção nisso, assim, aí, se eu ouvir nessa situação específica, vai ser incrível, eu preciso fazer isso.

Entrevistador:

Muito legal, Darcy. Cara, queria te agradecer muito pelo seu tempo, pela sua atividade, e queria te lembrar, se você puder compartilhar aquele link do clipe que você mencionou. Uma última pergunta, você pegou o link desse formulário de recrutamento através do Twitter?

Darcy:

Foi.

Entrevistador:

Foi, né?

Darcy:

Uma mutual minha do Twitter estava comentando, assim, será que eu me encaixo como apreciador acima do anônimo? Eu, com certeza, cliquei lá.

Entrevistador:

Muito legal.

Darcy:

Foi no Twitter.

Entrevistador:

Obrigado, tá?

Darcy:

É que é isso.

Entrevistador:

Valeu, bom dia.

Darcy:

Foi legal conversar sobre.

Entrevistador:

Valeu.

Darcy:

Bom dia pra você também. Tchau, tchau.

Fabiana Leão

Escolaridade: mestrado

Ocupação: assistente de produto - turismo

Nascimento: 12/12/1995

Idade: 28

Entrevistador:

Então, Fabiana, essa entrevista está no contexto da minha pesquisa sobre a experiência das pessoas que se identificam com o interesse acima da média em

música, aquele que é o aficionado, o fã, nessa nossa era de plataformas de *streaming*. Essa entrevista está dividida em três blocos. No primeiro bloco, a gente vai tentar falar um pouquinho sobre a sua relação pessoal com música.

A seguir, a gente vai explorar um pouquinho os seus hábitos de audição. E, no final, conforme for, a gente fala sobre um tipo de experiência que a gente está mais centralmente interessados. Tá bom.

Eu queria que você falasse com as suas palavras qual a importância da música para a sua vida.

Fabiana:

Que profundo!

Nossa, eu nem sei descrever. Bom, acho que a minha mãe sempre foi uma pessoa bastante musical em casa. A gente sempre ouvia a rádio desde que eu era pequenininha, fazendo afazeres de casa.

Então, era muito comum ter música tocando o tempo todo. Enquanto a gente estava arrumando a casa, fazendo comida, fazendo dever de casa, fazendo qualquer coisa, sempre tinha música tocando. Então, isso para mim virou um hábito até hoje.

Música tocando o tempo todo, estou trabalhando, a música está tocando. Eu consumo diariamente, acho, música. Depois, quando fui crescendo um pouquinho, fui me interessando um pouco mais.

Eu fiz aula de violão, fiz aula de canto, fiz aula de piano. Sempre gostei muito de me envolver, apesar de não ser uma pessoa super musicista, não desenvolvi muito as habilidades. Eu fiz violão durante bastante tempo.

Sempre gostei muito de ter aquele momento entre amigos em que a gente toca as nossas músicas e a gente canta e brinca. Sempre fui a muitos shows. Desde adolescente, eu vou a muitos shows nacionais e internacionais.

É o dinheiro do show separado mentalmente, sabe? Aquela coisa que a gente fica esperando o anúncio e depois gasta lá muito mais do que queria gastar acompanhando o turnê. Já fiz isso, já fiz isso.

Então, acho que não sei viver sem esse contato com música. Acho que muito da minha vida é condicionado a ter música junto. A trilha sonora está sempre presente.

Fui uma criança muito da MTV também. Acompanhei muito a MTV e o Multishow depois quando começou a decadência da MTV. Então, tentar e assistir clipe de música é uma coisa que eu faço até hoje.

Quando eu tenho tempo livre, eu acho que quero só descansar o tempo em frente à TV e boto o YouTube no aleatório e fico assistindo clipe de música. Então, não passa um dia que eu não tenha algum contato com a música. E acho que, não sei, eu não saberia ficar sem isso.

Entrevistador:

Legal. Então, de certa maneira, a gente pode afirmar que a música acabou de te ajudar a formar a sua identidade pessoal.

Fabiana:

Com certeza. Porque eu acho que eu tenho o gene do fã. Eu acho que a pessoa quando nasce fã tem um gene específico.

Porque, por exemplo, a minha mãe, apesar de gostar muito de música e sempre ter uma pessoa muito musical em casa, ela nunca foi muito fã de alguma música, ou de um artista, ou de uma fase. Ela não tem esse contato. E eu acho que é uma coisa de gene mesmo.

Acho que quem nasce com o gene do fã é outra coisa. Porque eu tive muitas fases. Quando eu era bem novinha, eu era muito fã da Avila Vinha.

Eu acho que eu assisti todos os vídeos da Avila Vinha no YouTube. Eu acho que... Ah, tem esse vídeo aqui.

Já vi. Tenho certeza que eu já vi. Eu era dessa que ficava lendo a Wikipedia dela para saber tudo sobre a vida dela.

Eu era muito, muito fã. Também era muito, muito, muito fã de RBD. Quando eu era mais nova ainda, quando lançou a novela na TV, lá em 2004, eu era muito, muito, muito fã.

E era mesmo nível de passar o dia inteiro salvando foto dele no *fotolog*, sabe? Eu era muito, muito fã. Eu tive várias fases, várias pessoas que eu passei que eu fui muito, muito fã e pessoas que eu acabo acompanhando até hoje na carreira musical.

Então, acho que faz parte da minha personalidade. Acho que é uma daquelas coisas... O que você pode sentar e falar por horas sem ler?

Ah, se eu olhar para o ladinho, com certeza eu consigo falar por horas, dar uma palestra. Acho que faz parte da minha personalidade. E também acaba influenciando o estilo de roupa, estilo de vida, coisas de decoração para o seu quarto, coleção que você começa a fazer.

Acho que tudo implica. Com certeza, a música e a minha relação com a música moldou muito do que hoje em dia existe ao meu redor.

Entrevistador:

Entendi. Você diria que essa sua relação com aspectos estéticos que você falou aí de roupa e tudo mais, você acha que entrou mais pelo viés da sua relação com o artista ou com um gênero musical?

Fabiana:

Acho que os dois. Não sei. Acho que os dois.

Porque, especialmente quando você é adolescente, você é muito fã de um artista específico, você acaba se espelhando muito naquele artista. Mas aquele artista se espelha em um movimento muito maior. Então, por exemplo, pegando o RBD e a Avila 20, que foram coisas que estiveram presentes durante a minha adolescência, a Avila estava inserida num contexto pop rock muito forte que conversava com muitas outras bandas, conversava com muitos outros artistas.

Então, o gênero rock ou pop rock teve uma influência em mim por conta dela. A mesma coisa do RBD. Não sei se eles estão num gênero latino, pop latino, pode ser.

Mas eles tinham... O gênero conversava comigo através deles. Então, não sei se é uma coisa inseparável.

Acho que os dois. Porque você acaba também... Um artista sempre te leva a conhecer outros.

Inúmeros artistas eu conheci por causa da Avril. Seja por *cover* que ela fez, ou então colaboração, ou então mencionar em entrevista. E você vai expandindo o horizonte.

Acho que é os dois.

Entrevistador:

Tá bem. Você tem recordação das suas primeiras audições musicais?

Fabiana:

Eu acho que uma das primeiras coisas que eu tenho muito fresco na memória é o Tim Myers. Minha mãe era muito fã dele. E eu conheci toda a discografia dele através dela.

Eu chamava ele de Tio Myers, porque eu não conseguia pronunciar direito Tim. E eu acho que foi uma das primeiras coisas que eu ouvi. Uma das mais antigas que eu me lembro.

Ele e a Marisa Monte. São as coisas mais antigas que eu tenho.

Entrevistador:

Você acha que você tinha que idade, mais ou menos? Só pra entender com que idade você começou a se descobrir interessado em música, entendeu?

Fabiana:

Cara, eu acho que essa memória eu devia ter uns 5, 6 anos. Porque eu lembro de reunião familiar no sítio, assim, todo mundo. Minha mãe escolhia a música, ela botava o Tim Myers.

Eu lembro desses momentos, assim. Eu muito pequena mesmo, e já ter contato. É porque eu nunca parei de ouvir também, né?

Então eu acho que eu tenho essa memória porque continuou na minha vida. Mas eu era bem pequenininha.

Entrevistador:

Tá bem. Eu ia te perguntar se você consome produtos com temas musicais, mas você já respondeu essa pergunta, né?

Fabiana:

Como assim produtos com temas musicais? Não entendi.

Entrevistador:

Eu entendi que na tua resposta sobre a importância da música na sua vida, você tinha falado que na sua casa ia ter alguma coisa, algum tipo de decoração.

Fabiana:

Ah, tipo produtos físicos, sim. Sim, eu compro álbum, eu compro vinil, eu compro coisas de colecionadoras, camisas. Sim, eu super consumo.

Entrevistador:

Legal. Olha, você está com 28 anos, 27?

Fabiana:

Vou fazer 28 no final do ano.

Entrevistador:

Tá. Então assim, você com 27 anos, você deve ter vivenciado, deve se lembrar, se recordar de uma época em que o CD era o suporte musical principal. Logo depois, né?

Porque o Napster surge em 99, né? Então você talvez não se lembre do Napster na época que você tinha 7.

Fabiana:

Não.

Entrevistador:

Não, você é de 95. Eu sou de 95. Ah, então você não teria nem como lembrar, né?

Então essa rotina de fazer download de música e tal, já surgiu para você como uma coisa natural. Quando você nasceu, a música já era digital até, né?

Fabiana:

Então eu lembro muito de comprar CD, porque eu até hoje gosto da coleção, eu gosto de ter o físico para ficar bonitinho na prateleira. Até hoje eu tenho muito CD e DVD. Inclusive um dos primeiros CDs que eu comprei foi da banda Calypso, eu ouvi na Amazônia.

Foi R\$10 o CD. Eu lembro disso muito claramente. Mas eu sempre comprei muito CD.

Só que eu baixava muita música depois que eu aprendi, porque eu não tive internet boa, né? Durante bastante tempo da minha infância e adolescência. Mas quando essa conexão com a internet estabilizou na minha vida, eu baixava direto.

Eu usava o Ares, que eram programas que você baixava a música. Depois veio o Pirate Bay e 4Shared, que era um outro que você conseguia baixar sem um programa. Mas tinha o Ares, tinha o Sherazade, uma coisa assim.

Eram programas que você baixava as coisas no computador. Nossa, eu usei muito, usei muito.

Entrevistador:

Quando você tinha essa rotina de download, você se preocupava em baixar... O seu foco da atenção era no álbum? Era na música?

Tem gente que, por exemplo, era muito comum as pessoas baixarem a discografia inteira de fulano do tal. Como é que era?

Fabiana:

Acho que depende. Eu gosto muito de ouvir o álbum inteiro. Principalmente se é de um artista que eu tenho alguma familiaridade, eu gosto de ouvir o álbum.

Então eu baixava o álbum. Mas na época da MTV, era muito comum você ligar a TV e ver músicas aleatórias, porque era um clipe atrás do outro. Então se eu vi um clipe que eu gostava muito da música, eu baixava o músico.

Aí se eu gostasse muito, eu começava a ver outros do artista e acabava baixando o álbum. Mas depende. Se fosse um artista que eu já acompanhasse, que eu gostava, que eu tivesse familiaridade, eu sempre baixei o álbum inteiro.

Eu gosto de ouvir o álbum todo.

Entrevistador:

E aí nesse caso você se preocupava em baixar o *thumbnail* da capa, a imagenzinha pequenininha?

Fabiana:

Com certeza. Até hoje, há pouco tempo, quando eu usava ainda o iTunes, o aplicativo de música do Mac, quando não tinha uma música no Spotify, por exemplo, eu queria baixar ela e vinha sem capa. Eu vou no Google, pego a capa, enfio uma música que eu não consigo ver, tem a capazinha bonitinha.

E tem capa do álbum, tem capa do single. Às vezes eu quero a capa do single e não do álbum. Eu faço isso, eu pego a imagem direitinho.

Entrevistador:

Você também se preocupava em renomear os arquivos, com o nome certinho e tal, as suas coisas?

Fabiana:

Sempre fiz isso. Sempre organizei tudo.

Entrevistador:

Legal. Então, olha só, você está me contando aí de uma fase da sua vida que provavelmente essa relação com o CD e com o download foi concomitante, pelo menos durante um bom período. Talvez o CD tenha parado de existir na sua vida a partir de uma determinada época.

Você pode me falar.

Fabiana:

Eu acho que não sei o ano exatamente, mas acho que foi ali para 2013, 2015, eu acho que foi quando eu parei um pouco de comprar CD, porque o CD começou a ficar uma coisa muito cara. Hoje em dia um CD é R\$60, R\$70 às vezes. Você não encontra um álbum com tanta facilidade também.

E aí quando começou a ficar muito forte o *streaming* e o download, o CD parou um pouco de ser acessível. Então só se eu quisesse muito algum CD para uma coleção, eu compraria. Mas acho que a partir de 2013, 2015, já não tinha quase nenhuma relação com CD físico.

Entrevistador:

É interessante você mencionar o ano de 2015, porque é o ano que o Spotify chega no Brasil. Você é assinante de uma plataforma de *streaming*?

Fabiana:

Hoje em dia, sim. Hoje em dia eu tenho o Spotify. Não faz muito tempo, na verdade.

Na verdade acho que deve fazer uns três anos só que eu tenho o Spotify. Porque eu estava muito acostumada a baixar. Eu baixava muito tempo da minha vida.

Então para mim não era um trabalho. Eu já estava muito acostumada a fazer. E eu tinha o iPod.

Então assim, não precisava de internet. Ainda tem isso, o Spotify tem que pagar, tem que assinar e tudo mais. E há pouco tempo atrás eu não tinha tanta condição para ficar.

Eu assinava no Netflix ou no Spotify. Tinha que escolher um. Então durante muito tempo eu continuei baixando música e usando direto no iPod sem internet.

Sem precisar de internet. Então hoje em dia eu assino o Spotify e uso só o Spotify praticamente. Mas por bastante tempo foi download direto.

Entrevistador:

Você acha que isso teve a ver com a pandemia de alguma maneira? Essa tua assinatura do Spotify?

Fabiana:

Não sei. Quer dizer, sim, mas não diretamente. Porque na pandemia foi quando eu entrei no mestrado.

Então eu ganhava desconto de estudante. Agora ele vai acabar, infelizmente. Mas eu acho que uma das coisas que me fez assinar foi o preço de R\$ 9,90. Que é o plano de estudante.

Entrevistador:

Estou te perguntando porque estou correlacionando o ano com a pandemia. Porque a pandemia começou em 2020, você falou que assina uns três anos.

Fabiana:

Mas foi por aí. Foi porque eu entrei no final de 2020. Eu entrei no mestrado em novembro de 2020.

Então foi quando eu pude ter o desconto também e assinei.

Entrevistador:

Legal. Você falou que coleciona discos também, de alguma maneira?

Fabiana:

Sim.

Fabiana:

Então, os CDs hoje em dia a gente tem bem menos. Porque a gente foi se desfazendo. A coleção W continua lá, intacta, bonita, vai continuar lá para sempre.

Mas a gente tem bastante vinil. Principalmente de artistas brasileiros. Porque foi uma coleção que começou com a minha mãe.

Então a gente tem bastante.

Entrevistador:

Os seus vinis, você tem artistas recentes também? Ou é só artistas mais antigos?

Fabiana:

Eu acho que só tem um artista recente. Que é o Black Pin. Mas eu acho que depende.

Porque tem artistas que ainda estão ativos. Mas não tem vinis de álbuns recentes.

Fabiana:

A maioria deles é de 2010, pelo menos.

Entrevistador:

Legal. Então o que mais que eu posso te perguntar? Você tem suporte para tocar?

Você tem vitrola? Você tem CD player?

Fabiana:

Tenho. Eu tenho aquele rádio que a vitrola...

Entrevistador:

Sim.

Fabiana:

A vitrola para o CD e para o vinil. E aí tenho coisas de CD, tem rádio, tem USB, tem tudo.

Entrevistador:

Esse é o famoso estéreo que você tem, na verdade.

Fabiana:

Isso aí.

Entrevistador:

E ele fica na sala?

Fabiana:

Fica na sala.

Entrevistador:

Então essa rotina de audição do vinil é uma coisa coletiva da família?

Fabiana:

Do vinil é, com certeza. Quando a gente bota o vinil, está na sala todo mundo escutando. Quando é Spotify, é mais do que o fone, que eu estou trabalhando, estou mais concentrada.

Mas, se eu botar o vinil, é compartilhado, todo mundo.

Entrevistador:

A plataforma de *streaming* acaba sendo uma escuta mais pessoal, menos coletiva?

Fabiana:

Sim.

Entrevistador:

Na internet, como é a sua relação com música? Você costuma publicar músicas ou temas relacionados à música? Seguir artistas?

Como é isso para você?

Fabiana:

Acho que sim. Se for considerar Instagram, sim, eu sigo todo mundo que eu quero acompanhar, que eu quero saber alguma coisa, eu sigo todo mundo. Eu acho que eu não produzo nenhum tipo de conteúdo ou nada, para lugar nenhum, para mídia nenhuma.

Eu raramente posto coisas. Então seria muito raro eu postar alguma coisa sobre música, porque é raro eu postar em geral. Mas eu acompanho todo mundo.

E os temas também, pelo Twitter.

Fabiana:

Mas eu acompanho, assim, todo mundo e, assim, os temas também pelo Twitter. Então Twitter é tipo jornal de manhã, acompanhando o que tá acontecendo na música, né, com as pessoas que eu quero acompanhar e tudo mais...

Entrevistador:

Alguma coisa aconteceu que o seu som ficou muito melhor de repente?

Fabiana:

O meu fone acabou a bateria. Isso aconteceu. E aí ele trocou para o áudio do computador.

Entrevistador:

Ah, tá. Tá bem. Então, deixa eu te falar.

Agora eu vou te fazer uma pergunta que às vezes não é muito... Não é todo mundo que vai ter esse tipo de percepção. E não é necessariamente que a pessoa saiba mais ou menos.

É uma experiência pessoal. Um álbum é mais ou menos um conceito fechado em tese. Você tem ali a expressão gráfica, você tem em tese uma ordem da experiência que foi definida pelo artista.

Muitas vezes tem um conceito mesmo e tal. Quando você vai escutar um álbum em uma plataforma de *streaming*, essas coisas ficam menos palpáveis. Por uma série de razões.

Primeiro que você não é obrigado a ouvir aquele álbum de cabo a rabo. Você pode ouvir do jeito que você quiser. Segundo que aquele álbum pode...

Aqueles fonogramas podem ser distribuídos de diversas maneiras. Tem alguns recursos que alguns artistas exploram que é de uma certa forma criar uma narrativa que começa, digamos, na rede social dele. Alguma estética, alguma coisa.

Aí ele lança um símbolo, ou dali a pouco ele lança um EP, não sei. Vai até desaguar naquele projeto do álbum. Talvez também o show, tudo.

Você se percebe seguindo artistas que têm esse tipo de narrativa? Isso faz sentido para você?

Fabiana:

Sim, faz bastante. Quando eu escuto um álbum, eu nunca escuto no aleatório. Por exemplo, a primeira vez que eu vou ouvir um álbum, eu jamais escuto ele no aleatório.

Eu escuto na ordem que ele vem, porque é a ordem que ele foi pensado. E quando eu vou escutar um álbum pela primeira vez, eu quero parar e me concentrar naquilo. Nem sempre é possível, mas é uma coisa que eu gosto de fazer.

Eu quero me concentrar, eu quero realmente ouvir tudo. Eu gosto de prestar atenção na produção das músicas. E eu quero entender, ainda mais sendo um artista que eu seja fã, que eu gosto muito, que eu acompanho, que eu conheço o trabalho, é um momento de sentar e ouvir, entender aquele álbum.

E o videoclipe, por exemplo, para mim é uma das coisas mais importantes desses projetos. Para mim é muito atrelado, eu fico decepcionada se eu acho que um videoclipe é ruim, ou que aquela era não foi bem trabalhada, ou então se eu estou ouvindo uma música, eu imagino um clipe para ela e é uma coisa completamente diferente. Eu fico decepcionada, porque para mim é muito importante.

É muito importante, ainda mais hoje em dia com o K-Pop, que você assiste um videoclipe, é um filme aquele negócio. E existe muito conceito por trás, muita estética. Eu fiz design, né?

Então o design de produção, o design de figurino, toda a estética de um clipe me atrai muito. E eu quero entender por que aquela música está sendo representada daquela forma naquele vídeo. Porque não é jogou qualquer coisa.

Os artistas têm intenções por trás das coisas que eles fazem, pelo menos as coisas pensadas. Então eu quero entender por que aquela música foi apresentada daquela forma. Por que a capa é assim...

Tudo que envolve o trabalho de design, de estética de uma era, de promoção de uma era, me interessa muito. O Little Mix fazia muito isso. O Little Mix é o girl group britânico do X Factor, que saiu do X Factor.

E elas trabalhavam as eras delas de uma forma muito incrível. Porque eram quatro singles, todos com um MV, e todos eles seguiam a estética daquele álbum, daquela era. E cada vez que elas faziam uma apresentação ao vivo, nunca era a mesma coisa, sabe?

O esforço de conceito de cada apresentação ao vivo é muito claro. Você via que elas estavam se empenhando muito em trazer uma coisa nova, mas coesa em cada apresentação. Então são várias coisas.

Não é só uma música ou só um álbum, é todo um projeto que é muito coeso. Às vezes não é tanto, infelizmente. Mas quando é bem trabalhado, com certeza você dá pra notar.

E me interessa muito. Não sei se é porque a parte do design me interessa muito, mas eu consigo ficar muito grata ou muito decepcionada, dependendo de como o artista trabalha aquela era.

Entrevistador:

Sabe que eu tenho percebido que muitas das pessoas que eu entrevisto que têm interesse genuíno em música são ligadas em K-pop. Isso me chama atenção porque sou de outra época, e não tenho apelo... Enfim, não por ser...

Não estou fazendo esse julgamento, mas eu vejo que as pessoas que estão muito ligadas em música estão ligadas em K-pop também. Não todo mundo, mas uma parcela significativa.

Fabiana:

Mas é porque o K-pop é um mundo que investe muito dinheiro nisso e faz de uma forma que... Por exemplo, como é que eles trabalham uma era de música? Você tem teaser do MV, você tem fotos de conceito...

Você tem o MV, é isso? É, o MV. Você tem o teaser dele, mas isso é a última coisa que sai para esquentar todo mundo para aquela era.

Antes disso, eles já lançaram várias fotos conceituais. Às vezes, eles lançam trailer da era. Tipo, o que essa era vai ser?

Olha só, eles fazem um trailer de um minuto com conceito. É só conceito. É uma delícia de acompanhar, porque eles estão *hypando* você para a música que eles vão lançar.

E quando isso sai, você vê que tudo conversa. É muito legal.

Entrevistador:

Bacana, bacana. Você consegue me descrever... Agora, entrando no segundo bloco da entrevista.

Você consegue me descrever como é que o seu hábito de ouvir música se encaixa na sua rotina de vida?

Fabiana:

Sim. Bom, eu trabalho em horário comercial, de oito às cinco, mas eu trabalho em casa. Então, uma coisa que eu faço...

Abri o notebook, comecei a trabalhar, dei bom dia, não sei o quê. Eu já abro o YouTube para ver se sai um clipe novo. São coisas que eu faço todo dia.

Então, no K-pop, sai coisa nova todo dia. Mesmo que eu não vá acompanhar aquele artista, ou que eu nem goste da música, eu gosto de ver e saber o que está sendo lançado. Mas isso eu faço com tudo.

Todos os artistas que eu acompanho, K-pop ou não, americano, brasileiro, eu sempre acompanho e gosto de assistir os clipes. Então, todo dia eu abro o YouTube e vejo o que está rolando, o que está saindo. Bom, aí eu começo a trabalhar e dependendo da tarefa que eu faço, que eu tenho que estar fazendo, se requer menos ou mais atenção, a música está sempre ligada.

Eu trabalho ouvindo música e tal. E fico durante o dia todo com fone. Até o fone acabar a bateria, como aconteceu agora.

E aí eu pauso às vezes para prestar mais atenção numa coisa ou para ler uma coisa que eu tenho que ler, ou para reunião, e aí depois volto de novo. Então, eu me acompanho durante o dia. Ônibus, pegar ônibus, é fone de ouvido e livro, toda vez.

Então, acho que, assim, academia, fone de ouvido também, sempre. Eu não escuto podcast, por exemplo. Eu não sou uma pessoa do podcast, porque para mim eu estou perdendo tempo.

Entrevistador:

Quem vai te fazer?

Fabiana:

Não, para mim eu estou perdendo tempo de ouvir música. Esse é o meu pensamento. Eu sei que é loucura, assim, tem muito podcast muito bom, coisas muito interessantes acontecendo em podcast, coisas que eu sei que eu ia gostar, mas eu posso ficar, não, gente, não vou ouvir um podcast, tem tanta música para ouvir, eu estou perdendo tempo.

Para mim, essa é a minha lógica, eu estou perdendo tempo de ouvir música.

Entrevistador:

A pergunta que eu costumo fazer, se você é ouvinte de podcast, se você percebe que o podcast acaba roubando tempo de você escutar música, você...

Fabiana:

É isso, é isso. Para mim é isso. Para mim é isso.

Nossa, não vou ficar ouvindo uma hora de podcast, porque são uma hora, quantas músicas são, gente? Sabe? Quantas músicas eu podia estar ouvindo?

E para mim, o sentimento de ouvir música vale muito mais do que qualquer coisa informativa, qualquer coisa, qualquer outro tipo de diversão ou qualquer outro de aprendizado, porque o podcast tem muito também... Podcast de curiosidades, podcast de casos, podcast de disciplinas, sabe? Tem muita coisa.

Você pode aprender a ouvir um podcast, mas eu prefiro não aprender, eu prefiro ouvir música.

Entrevistador:

Entendi. Acho que você já respondeu essa, mas se você quiser explorar um pouquinho disso, se a música te ajuda a desempenhar tarefas.

Fabiana:

Ah, sim. Acho que se a academia for considerada uma tarefa, eu acho que é fundamental, fundamental, porque eu detesto academia, eu detesto academia. E se eu não tiver, inclusive, com a música certa, eu paro, não, troco, essa música não vai me ajudar.

Precisa de outra música, outro ritmo, outra coisa para eu poder fazer o exercício tal. Se eu troquei pra esteira, é outra música, outra *playlist*, me ajuda muito. E assim, lavar a louça, certo, jamais lavo louça sem ouvir música.

E aí, de fone? Sim, depende. Porque lavar louça é muito rápido, e eu geralmente estou sempre com fone, então eu só boto.

Mas se é uma coisa, tipo, vou arrumar meu armário, vou arrumar meu quarto, que é uma tarefa que vai levar horas, eu, às vezes, boto na caixinha, boto na JBL. E aí, fico ouvindo. Mas com certeza, assim, tarefas que você não gostaria de fazer, ou então que você tá enrolando pra fazer, ou então... Sabe, essas coisas que não necessariamente seja ruim, mas pode ficar mais fácil? A música faz ficar mais fácil.

Entrevistador:

Legal. Você costuma ouvir música de que maneira? Aí estou pensando em formato, tá?

Rádio, disco, mp3, plataforma de *streaming*?

Fabiana:

Eu raramente ouço rádio. Só quando eu estou no carro da minha mãe, porque é mais fácil já estar lá. Eu quase não ando de carro, então, não tenho esforço de, tipo, fazer, conectar meu celular.

Não faço isso. Então, quando estou no carro dela, geralmente eu ouço rádio. Mas em casa, eu acho que é praticamente só Spotify e o YouTube, se estiver na TV.

Se estiver na TV, eu escuto pelo YouTube. E eu não tenho o YouTube Premium. Eu só passo pelos comerciais mesmo.

Entrevistador:

Entendi. Você prefere ouvir música... Você descreveu, na verdade, três situações, né?

Talvez você tenha... Não sei se você esqueceu de falar do vinil ou do CD.

Fabiana:

Ah, é verdade. Então, CD eu não escuto com frequência, não. O CD é mais pelo valor sentimental de coleção.

Eu gosto dos CDs na prateleira, bonitinho. Eu gosto de saber que eu tenho toda a coleção de um artista tal. Eu raramente coloco ele para ouvir.

O vinil, sim. O vinil tem esse momento. Mas eu acho que o vinil se encaixa no momento das tarefas também.

Ah, vou arrumar a casa. Vou arrumar alguma coisa. Vou lavar a louça.

Boto o vinil. É esse momento. Se minha mãe estiver...

Porque mora só eu e minha mãe, né? E a gente divide muito a vida uma com a outra. Então, a gente vai...

A gente costura muito. De ajustar coisa que a gente comprou e não ficou como a gente queria. Trocou coisa.

A gente tem muito hábito de costurar. Ah, vamos costurar um negócio. Aí boto o vinil.

Acho que isso inclui naquela categoria das tarefas, né? Música fazendo tarefas. Mas CD realmente não tem mais tanto hábito.

Entrevistador:

Você pratica ouvir música... Considerando esse teu repertório que você descreveu, você tem uma de sua preferência? Ou você não tem experiência de ouvir?

Fabiana:

Eu não sei se eu tenho uma preferência. Eu acho que o Spotify é mais rápido em alguns sentidos. Mais prático.

Está sempre ali. É mais fácil. E o vinil também tem a questão da qualidade do som, né?

Muitos discos que a gente tem são muito antigos. São discos de feira de antiguidade. Então eles não têm um som mais tão interessante assim.

Ainda mais quando você já ouviu com um fone muito bom dentro do ouvido. Cada instrumentozinho, o vinil perde um pouco nesse sentido. Mas é experiência também, eu acho.

Às vezes é um dia que você quer ouvir um vinil só. Porque eu gosto daquele barulhinho chiadinho e tal. Mas eu acho que o Spotify é preferencial por ser mais prático e mais presente, eu acho, no meu dia a dia.

Entrevistador:

Considerando o formato, eu estou pensando em álbum, *playlist*, single, música isolada, ou mesmo o clipe a gente pode considerar que é um formato. Ou aqueles shows. Eu considero que é um formato novo de música que são esses shows curtos, gravados com alta qualidade, já pensando no YouTube ou numa plataforma de vídeo.

Eu também considero que é um tipo de formato. Você costuma ouvir música de todos esses tipos? Quais tipos você costuma praticar?

Como é que é isso? O que você gosta mais?

Fabiana:

Então, eu raramente faço *playlist*. Só se for uma coisa muito específica. Eu raramente faço *playlist*.

Eu só escuto pelas minhas músicas curtidas. Aquela página do Spotify das músicas curtidas é onde tem todas as minhas músicas. E eu geralmente deixo aleatório lá.

A menos que eu acordei e estou com vontade de ouvir tal artista, aí eu vou procurar ou um álbum ou alguma *playlist* já do Spotify daquele artista e tal. Mas são momentos mais específicos. Hoje ou ontem.

Ontem eu estava... Nossa, tem muito tempo que eu não escuto o Eminem. Gostava muito dele quando eu era mais nova.

Vamos ver se eu ainda gosto. Aí fui na página dele, ouvindo só coisas dele. Mas geralmente eu escuto no aleatório nas minhas músicas curtidas que tem tudo que eu gosto.

Eu vejo muito show. Eu tenho costume de assistir show. Então, assim...

No YouTube, hoje em dia, tem praticamente tudo. Torrent, se não tiver, tem lá. Então, eu assisto show.

Eu gosto de pegar... O Coldplay tem shows muito, muito bons de se assistir. Um espetáculo de se assistir.

A Beyoncé tem shows muito bons de se assistir. Então, eu gosto de sentar e assistir um show também. Faço bastante isso.

Quando tenho tempo livre de noite, faço bastante isso. E assistir clipe também é uma coisa muito recorrente. Acho que toda semana...

É porque eu não tenho tanto tempo livre assim. Mas de noite, sempre faço alguma coisa. Aula, enfim...

Mas se eu tenho tempo, eu também assisto clipes muito. Existem clipes que eu gosto muito de dançar. Então, quando é clipe pop, geralmente sempre tem muita coisa visual.

Muita dança e muito estímulo visual. Então, isso também eu gosto de combinar as duas coisas. Mas, é...

Eu acho que é isso. Geralmente é o aleatório no Spotify. Assisti muito show e assisto muito clipe.

Entrevistador:

Nesse teu aleatório, você considera... Se você está ouvindo dentro das músicas curtidas, você não está recebendo muito *input* de inteligência artificial, né?

Fabiana:

Não. Não tem nenhum, praticamente. Teve uma vez que isso aconteceu.

Eu não sei se foi uma ferramenta nova que foi implementada ou se eu nunca tinha esbarrado com isso. Mas, teve uma vez que eu coloquei no aleatório. Eu não sei se foi nas minhas músicas ou se eu realmente estava ouvindo alguma *playlist*.

Mas, eu coloquei no aleatório e aí veio uma música que eu não conhecia, que eu nunca tinha escutado. Falei, por que essa música está tocando? E aí, eu fui ver que era uma ferramenta de...

Aleatório com indicações do Spotify, né? Então, era o aleatório do que você colocou com o Spotify te indicando música. E eu fiquei puta.

Falei, não quero sim, não quero. Obrigada. Não.

Tira isso. Eu achei uma invasão. Achei horrível.

Não gostei.

Entrevistador:

Entendi. Cara, você sempre sabe o que você vai ouvir?

Fabiana:

Sim. Acho que sim. Porque, quando eu boto no aleatório e vem alguma música que eu não estou na *vibe*, eu pulo.

Mas, eu acho que quando eu começo, eu começo sempre com uma música específica. Então, tipo, eu vou daquela música e ele vai indo para outras e aí eu vou entrando na *vibe*. Mas, acho que sim.

Entrevistador:

Você não se vê congelada diante da plataforma nunca? Ah, o que eu vou ouvir?

Fabiana:

Não.

Entrevistador:

Não?

Fabiana:

Nunca. Isso nunca acontece. Porque, se eu não sei a música que eu quero começar, eu só clico no aleatório das minhas músicas e vai, com certeza, vir alguma que eu gosto.

Porque são as minhas músicas. Eu nunca fico... Ah, o que eu vou ouvir?

Nunca, nunca, nunca, nunca. Nunca aconteceu.

Entrevistador:

Legal. Você falou que não tem o hábito de criar *playlist*, não é isso?

Fabiana:

Não, não tenho.

Entrevistador:

Então, olha, vamos tentar falar agora sobre essa experiência que eu sempre descrevo que é uma experiência com o protagonismo da audição. Muita gente escuta música hoje no segundo plano e tal. Você se vê experimentando esse momento?

Fabiana:

De ouvir só a música?

Entrevistador:

Não necessariamente que você esteja só ouvindo música, mas que a música é o primeiro plano na tua atenção, no que você está fazendo.

Fabiana:

Ah, sim. Acontece muito de você estar fazendo uma tarefa ouvindo música. E aí vem uma música que você gosta muito, ou uma música que você não estava esperando, ou uma música que muda o seu humor.

Eu paro tudo que eu estou fazendo e vou ficar só curtindo aquela música. E aí meio que é ruim que comece a vir várias músicas e eu quero só ficar ouvindo, e eu tenho que voltar para a tarefa. Mas acontece muito de eu interromper o que eu estou fazendo para curtir aquela música.

Ou então assim, estou fazendo uma tarefa e aí não percebi que está tocando uma música muito boa. Volto para poder ouvir ela do início e dar a devida atenção. Isso acontece muito.

E quando eu estou vendo o clipe, eu estou vendo o clipe.

Entrevistador:

Você considera que talvez isso aconteça mais de uma forma de surpresa do que controlada?

Fabiana:

Sim. Sim, porque é raro. É raro eu ter tempo...

Não é que seja raro eu ter tempo. Eu sou uma pessoa muito... multitarefa.

E eu preciso de muito estímulo. Então eu nunca estou fazendo uma coisa só. Para mim é muito difícil fazer uma coisa só.

Eu estou sempre fazendo muitas coisas. E não é TDAH. Porque eu consigo completar todas as tarefas.

Eu estou fazendo várias coisas ao mesmo tempo, mas todas elas eu completo. E é só questão de estímulo. Então é muito raro eu estar fazendo só uma coisa.

Quando eu estou no ônibus, isso acontece mais. Porque não tem muita outra opção. Então se eu estou ouvindo música no ônibus, eu estou meio que só ouvindo muita música.

Ou às vezes eu estou lendo, mas eu não misturo muito as duas coisas. Leio ou ouço música especificamente. Então é mais raro eu estar só ouvindo música, porque eu estou sempre fazendo muita coisa.

Eu estou sempre mexendo no celular, escrevendo alguma coisa, arrumando alguma coisa. Eu estou sempre fazendo muitas coisas ao mesmo tempo.

Entrevistador:

E mesmo quando você está ouvindo vinil, também é dessa maneira que você estava falando.

Fabiana:

Sim, com certeza.

Entrevistador:

Desculpa, pode falar?

Fabiana:

Acho que vinil principalmente. O vinil é bem fazer tarefa, fazer alguma coisa, botar uma música.

Entrevistador:

Entendi. Bacana. Você acha que para ter esse momento de dedicação à audição, você acha que a qualidade do áudio...

É que você me falou que é de surpresa. Sendo de surpresa, você está sempre escutando com um fone bacana? Isso te ajuda a focar e tudo mais?

Fabiana:

Acho que sim. Acho que se você estiver só ouvindo música, precisa ser muito bom o som. Porque aí eu vou querer prestar muita atenção na produção, nos instrumentos, nos vocais escondidos.

Então, eu gosto de ouvir a música bem. Então, acho que a qualidade do som influencia bastante.

Entrevistador:

Quando você escuta álbum, você não exercita essa escuta mais dedicada?

Fabiana:

Sim. Sim, sim. Quando eu vou ouvir um álbum pela primeira vez, eu vou só ouvir o álbum.

Eu vou ficar ligada. Eu vou ler a letra da música junto. Eu vou querer ouvir todos os vocais, todos os instrumentos, toda a produção.

Quando eu vou ouvir um álbum pela primeira vez, é o momento de ouvir o álbum, com certeza. Isso é uma coisa que não tem mais nada fazendo junto. Eu vou ouvir o álbum.

Entrevistador:

E aí você... Isso vai acontecer no *streaming*, não é? É.

Sim. Isso não vai acontecer uma coisa que possa acontecer com vinil, por exemplo?

Fabiana:

Eu acho que não.

Entrevistador:

Eu acho que não. Agora, uma coisa que você começou a falar, que eu queria que você conseguisse explorar um pouquinho mais, é sobre a sua relação com esse momento. Você falou que dança, de repente.

Como é esse momento em que você está mais engajada na música? Você fica super concentrada? Você se arrepia?

Você chora? Você dança?

Fabiana:

Acho tudo isso. Acho que a coisa que me faz chorar mais facilmente é música. Muito facilmente.

E às vezes não é porque eu me relaciono com a letra ou porque eu estou vivendo um momento X. Não é isso. A música é emocionante.

E aquela música ou essa me emocionou naquele momento. Não é uma emoção minha. É a emoção do artista me emocionou.

Mais ou menos isso. Acontece bastante. Tem músicas que são certas.

Sempre que eu escuto, vou dar uma choradinha. Mas tem umas que também me surpreendem. Às vezes eu estou ouvindo e falo, nossa, senti, senti.

Isso acontece muito. Sobre dançar, eu acho que é uma coisa que eu sempre faço. Porque eu faço dança, na verdade, três vezes na semana.

Então é um momento que essas duas coisas estão juntas. Toda semana isso acontece. Então quando estou em casa também é natural.

Parar, ouvir uma música que eu conheço a coreografia e reproduzir em casa, no quarto. Isso acontece também bastante. Mas show, show me emociona muito.

Eu sempre choro em show. E às vezes não é porque é uma música triste. Não é porque é um artista que eu amo.

É só porque o momento me emociona. Eu acho que é muita gente, muita energia, todo mundo cantando. Esse momento me emociona.

Então, às vezes, depende do artista. Eu geralmente choro em show porque é o momento que me emociona. Eu não preciso estar triste.

Porque não é essa relação com a sofrência da letra, da música. Às vezes não é isso. Às vezes é o conjunto que me emociona bastante.

Entrevistador:

É a sua relação com a arte musical, vamos dizer assim. É, eu acho que é um pouco isso. Cara, super obrigado.

Ah, que bom. Valeu, foi uma ótima entrevista.

Fabiana:

Ah, que bom. Espero que te ajude mesmo.

Entrevistador:

Sim. E aí, quando tiver, sempre digo, quando concluir, eu falo que terminou. Felizmente espero que acabe em fevereiro, março do ano que vem.

Fabiana:

Então, eu espero que acabe, porque a gente sempre espera que acabe. Não acaba nunca.

Entrevistador:

E doutorado, se você...

Fabiana:

Nossa, imagino, imagino. Mas manda sim, eu vou adorar ver, vou adorar saber e ler a pesquisa. Eu adoro pesquisar, então pode mandar.

Entrevistador:

Tá ótimo, obrigado, tá?

Fabiana:

Nada.

Entrevistador:

Valeu.

Fabiana:

Espero que seja uma ótima pesquisa para você.

Entrevistador:

Boa noite. Tchau, tchau.

Fabiana:

Boa noite, tchau.

Fernando Menezes

Escolaridade: graduação

Ocupação: musicista

Nascimento: 09/07/1957

Idade: 66

Entrevistador:

Agora foi. Então, Fernando, queria primeiro te agradecer muito pelo seu tempo, tá? A gente, que é pesquisador, às vezes é muito difícil conseguir pessoas para ser entrevistadas e tal.

Agora, deixa eu te esclarecer como é que é a nossa entrevista aqui. Ela leva, em geral, cerca de 30 minutos. É dividida em três blocos, basicamente.

Primeiro, a gente busca falar um pouco sobre a sua relação com música. Depois, sobre os seus hábitos de audição musical. E, no final, vamos tentar falar sobre um tipo de experiência específica.

A gente está mais detidamente interessado. Então, eu queria que você falasse, nas suas palavras, a importância da música para a sua vida. Se você acha que, de alguma maneira, ela te ajuda a formar a tua identidade pessoal.

Fernando:

Cara, assim, a música é tudo para mim. Porque desde cedo, de garoto, que eu comecei a cantar em casa, pequeno. Aí estudei, fiz faculdade de administração, mas já tocava, cantei em banda, fui baterista e cantei a vida inteira.

E, de lá para cá, eu estou há 50 anos vivendo exclusivamente de música. Eu sou músico, toco por aí nas madrugadas, na noite. Formei várias bandas, gravei alguns CDs.

Sou compositor e continuo nativa. E continuo tocando música brasileira em todos os lugares, música de qualidade.

Entrevistador:

Super legal. Você tem o hábito de consumir produtos com tema musical, tipo camiseta, pôster? Sua casa tem esse tipo de produto?

Fernando:

Não, não tenho. Especificamente sobre uma música qualquer, seria isso?

Entrevistador:

É sobre uma banda. Você poderia ter um pôster de algum artista que você gosta?

Fernando:

Não, não tenho. Eu sou um pouco tiete. Tá bom.

Apesar de ser tiete, de muita gente.

Entrevistador:

Você tem ou teve o hábito de colecionar discos?

Fernando:

Sim, já colecionei muita coisa. Não especificamente de uma pessoa só. Discos em geral.

Até hoje eu tenho muitos CDs aqui em casa que ninguém consome. Nem eu mesmo consumo mais CD, mas eu tenho uma coleção de CDs muito grande aqui. Eu tive já vinil, muito vinil.

Depois desfiz em função do CD. E hoje em dia eu tenho os CDs aqui, todos guardados.

Entrevistador:

Você percebe alguma diferença? Você, como eu, viveu a época do vinil, do CD, e agora estamos numa outra fase, época do *streaming*. Você percebe alguma diferença na sua percepção como ouvinte?

Na sua relação com a música?

Fernando:

Em termos de qualidade, seria isso? Qualidade musical? No que você quiser falar.

Entrevistador:

Mas estou falando especificamente da sua relação com o suporte, com o hábito de ouvir.

Fernando:

Tem uma diferença enorme. Porque, na verdade, eu como talvez um pouco você, mas eu, a gente tinha o hábito de você comprar o disco. Você pegava, tinha a vitória de tocar em casa.

Então eu tenho um toca-CD, um toca-fita. No carro também, por exemplo. Eu tenho um carro agora que não veio mais com toca-CD.

Então isso para mim é uma coisa muito estranha. Eu sempre consumia, eu ouvia muita música no carro o tempo inteiro. O meu carro era cheio de CD.

Era o meu estúdio de ouvir músicas enquanto eu me movimentava pela cidade. Comprava um disco novo, queria ouvir, eu esperava para ouvir no carro. Então eu ia ouvindo no carro e tal.

Hoje em dia não tem mais isso. Se eu quiser uma música, eu ouvi uma música, eu tenho que procurar no YouTube ou colocar numa caixa de som. Eu procuro nessas plataformas.

O rádio, por exemplo. Eu ainda ouço o rádio. Ainda me traz alguma coisa da forma que eu ouvia, mas não muito.

Muita coisa, sei lá, eu não gosto de ouvir.

Entrevistador:

E você falou, em termos de qualidade, você tem algo a acrescentar sobre isso também, Fernando?

Fernando:

A qualidade sonora eu acho que não. Porque eu acho até que houve uma evolução. Os estúdios evoluíram muito em termos de qualidade.

Mas a qualidade em si do material, da música em si, eu acho que mudou muito. Não dizendo que não existam ainda coisas boas de qualidade, mas o que você ouve de forma efetiva, o que te colocam para ouvir, a qualidade eu considero baixíssima. Em 90%, não vou colocar 100% claro.

E tem muitas coisas que ainda tocam em alguns lugares, e as pessoas fazem questão de colocar isso para a gente ouvir. Mas, na verdade, a qualidade como conteúdo, eu acho que caiu muito.

Entrevistador:

Entendi. Você é assinante de plataforma de *streaming*? Eu tenho o Spotify. Só. É uma assinatura... Você paga pela assinatura, ou é aquela assinatura gratuita?

Fernando:

Cara, eu acho que... Isso foi a Maíra, minha filha. Eu acho que ela paga.

Ela paga e me colocou na situação. Então, eu pedi para... Eu sou um pouco desligado dessa coisa da tecnologia.

Eu não sou muito assíduo. Eu gosto muito, mas... Eu peço que as pessoas façam um pouco para mim isso.

Eu acho que ela fez isso e ela paga.

Entrevistador:

Então, posso assumir também que você não é uma pessoa muito ativa em rede social?

Fernando:

Pode assumir. Não sou, não.

Entrevistador:

O que eu ia te comentar? Você fez esse comentário sobre conteúdo. Eu queria saber o seguinte.

Por que você acha, na sua opinião, você tem essa percepção de que o conteúdo musical caiu de qualidade?

Fernando:

É a qualidade das letras, da poesia, de uma forma geral mesmo. O que se escreve hoje em dia em música é tão banal, tão bobo para mim. Mesmo aquela música tão profunda.

Você ouviu Gilberto Gil cantando Drão, por exemplo, que escreve. É de uma profundidade enorme. O Caetano Dourado tem umas músicas lindíssimas, com uma qualidade profunda de composição, de poesia, de percepção.

Até o Legião Urbana ainda tem essa profundidade. Quando ele fala do filme do Godard, do Jean Luc Godard, daquele filme de *Je vous salue Marie*, que foi proibido no Brasil. O Paralamas também falou disso em letras.

Hoje em dia não se fala mais dessas coisas. A música virou aquela coisa do meu amorzinho, saudadezinha, morri, você foi embora, eu fiquei chorando, eu te amo, volta para mim. Essas coisas impressionantes, apesar de gente que faz música de qualidade.

Não que eu não goste de música romântica, eu entendo coisas desse tipo. Gosto. Mas acho que virou só isso.

Naquela época, não. Se você pegar as músicas mais antigas, de Gilberto Gil, o próprio Nuno Santos, com músicas românticas, parece que é uma letra muito bem construída, de uma profundidade muito grande, que dava para você ter uma reflexão. Eu sempre disse que música me ensina.

Eu sempre aprendi muito com música, com letras, de pessoas, escrito de uma forma muito profunda. Hoje em dia acho que não tem mais isso, não.

Entrevistador:

Entendi. Como é que você consegue me descrever o seu hábito de audição de música na sua rotina?

Fernando:

Na minha rotina, sempre. Eu ouço muita coisa em casa. Eu tenho o próprio Spotify.

Eu tenho um repertório já montado lá, muito grande. Eu ouço ele e vou variando, vou colocando coisas novas que eu vou gostando, que eu vou me lembrando, vou colocando. E quando eu quero ouvir uma música específica, eu vou no YouTube e procuro.

Procuro os vídeos, procuro a música e ouço dessa forma. Aí coloco em uma caixinha de som, amplifico. Às vezes eu pego um disco específico de uma pessoa que eu quero ouvir, que eu nunca mais ouvi.

Então eu baixo aquele CD da plataforma e coloco para tocar. E assim que vou fazendo, dessa forma.

Entrevistador:

Você acha que a música, de alguma maneira, te ajuda a desempenhar algum tipo de tarefa no seu dia a dia?

Fernando:

Olha, genericamente falando, minha tarefa é só musical. É porque eu sou músico. Eu fico tirando música em casa, faço repertório, renovo o repertório.

Então eu faço isso especificamente. Eu canto o dia inteiro, tenho o hábito de cantar o dia inteiro. Eu tudo associo à música.

Qualquer frase que alguém fala, eu canto uma música, eu lembro de uma música. Então eu acho que a música está mesmo inserida na minha vida, o tempo todo, o tempo inteiro. Eu ouço música o tempo inteiro, falo de música o tempo inteiro.

É a minha vida, sempre foi.

Entrevistador:

E aí você costuma ouvir música de que maneira? Você consegue me descrever? Pelo rádio, pelo CD, pelo vinil, pela plataforma?

Como é que você costuma ouvir?

Fernando:

Quando eu estou interessado em uma música que eu nunca mais ouvi ou que eu quero ouvir, eu vou no YouTube e ouço, inclusive, todas as gravações daquela música. Eu fico com ela há muito tempo, consumindo aquela música. Eu vejo quem gravou, que tipo de arranjo que fez com aquela música, a interpretação.

Até, inclusive, gostar. É porque eu gosto muito da música original. Eu sempre fui do original.

Quando tem uma regravação, eu quero ouvir. Aí eu ouço, às vezes eu acho melhor, às vezes eu acho pior. Ou então, quando eu ouço uma música há muitos anos, que eu ouço e vejo que tem várias gravações de vários artistas pelo mundo, inclusive, eu ouço todas elas, como foi feito.

Eu ouço dessa forma. Eu consumo a música até gastar-se. Entendeu?

Entrevistador:

Você ainda ouve rádio? Você comentou aí. Ouço.

Basicamente, pelo que você me escreveu, você falou. Ah, eu ouço pelo... Estou entendendo assim.

Fernando:

Não, eu ouço. Tem uma rádio no carro que... Desculpe te interromper.

Tem uma rádio no carro que é Nova Brasil. E eu ouço muita música brasileira. Sempre fui muito da música...

Apesar de gostar de músicas estrangeiras também. Muita gente. Mas eu consumo, basicamente, 90% música nacional.

Entendeu?

Eu gosto de música francesa. Gosto muito de música italiana, que não toca muito no Brasil. Eu adoro a música francesa.

Charles Aznavour. Pessoas que eu adoro. Música italiana.

Gosto muito das músicas italianas. E música brasileira. 90% é o que eu consumo.

Ouço rádio, sim. Bastante.

Entrevistador:

Tá. Deixa eu te perguntar uma coisa. Não é muito incomum você ter a situação do sujeito...

Ah, eu vou ouvir música. Ele abre lá na plataforma e ele acaba hesitando de saber o que escutar. Isso acontece com você, esse congelamento, na hora de selecionar algum repertório para ouvir ou não?

Fernando:

Acho que sim. Acho que acontece. Acho que, na verdade, naturalmente, existe um...

Eu não sei se dizer... Não é proteção, até porque música nunca foi uma coisa ruim. Mas é uma forma de você evitar ouvir coisas que você acha que não são boas.

Talvez eu tenha que mudar um pouco esse meu conceito. Porque pode ser que eu deixe de ouvir coisas interessantes em função de não querer ouvir algumas novidades e achando que elas não são boas. Talvez seja um defeito isso.

Eu tenho isso também. Mas também, por outro lado, da mesma forma, eu tenho a curiosidade também de conhecer coisas que me mostrem, coisas novas. Olha, eu ouço isso aqui que é muito bom.

A minha filha sempre me fala Pô, pai, eu ouço isso aqui que é legal. E eu ouço realmente. Eu ouço de verdade.

Eu ouço ouvindo. E eu me fico muito surpreso com muitas coisas que eu ouço de gente jovem, da novidade, da música. Eu adoro.

Adoro a construção, o arranjo, adoro as letras. Eu gosto. Mas são muito raras.

Eu confesso para você que a minha escola musical é muito mais antiga e eu tenho essa exigência. Mas eu percebo e respeito a coisa de uma forma como ela realmente é, quando ela existe. Acho legal.

E fico ouvindo aquilo. Vira para mim.

Entrevistador:

Então, de alguma maneira, você tem uma certa desconfiança... Me corrija se eu estiver errado, tá? Você tem uma certa desconfiança da música que o algoritmo vai te entregar ou expressar de mal?

Fernando:

Sim. Acho que sim. Acho que tenho, sim.

Acho que sim. Acho que porque é tudo muito colocado. A maior parte das coisas que me são colocadas e que eu tento ouvir, realmente eu não gosto.

Entendeu? Eu tenho essa coisa de querer escolher o meu repertório. Então, eu vou especificamente em cima de alguma recomendação e eu passo a gostar ou não.

Mas coisas que eu vejo que sou obrigado a consumir, eu nem abro. Talvez não seja uma qualidade. Talvez eu até achasse coisas boas ali.

Tem isso também.

Entrevistador:

Você tem o hábito de criar *playlists*?

Fernando:

Sim, eu tenho. Eu sempre falo que o meu repertório está fechado, dentro do meu gosto. Eu crio essa *playlist* de acordo com o que eu gosto.

Eu vou ouvindo músicas. Também não tenho essa questão de idade da música, se ela é nova ou se é velha. Para mim, ela está atemporal.

Qualquer música que eu gosto, eu vou colocando. Ela pode ser a música estrangeira, francesa, inglesa, americana, não importa. Eu tenho isso com música.

Ela bate e fica em mim. E aí eu vou criando a *playlist* em função disso.

Entrevistador:

Agora, você compartilha essas suas *playlists* ou isso é algo para consumo próprio?

Fernando:

Não, é para consumo próprio. Só se tivesse uma reunião de amigos em casa e alguém perguntar se eu tenho, eu coloco. Eu tenho as músicas que eu gosto aqui.

Então, pode colocar. Talvez as pessoas nem gostem das músicas todas que eu gosto, mas eu coloco. Ninguém reclama.

Entrevistador:

Entendi. Eu te fiz essa pergunta porque tem um artigo que foi publicado há uns anos, esse autor diz o seguinte, as décadas de 50, 60 e 70 foi a era de ouro do disco, diz ele. Quando você ia na casa das pessoas, você olhava para a prateleira de discos e aí você conseguia dizer quem era essa pessoa.

Conseguia ter uma noção melhor do tipo de personalidade que era aquela pessoa. E, de certa maneira, talvez a *playlist* possa cumprir de alguma maneira essa função de descrever quem é o sujeito.

Fernando:

Sinceramente, acho que em função... Acho que um pouco isso. Quando chego na casa de alguém, me baseio muito pelo que tem lá, falando de música.

Me diz um pouco quem é aquela pessoa em relação à música, com certeza, ou então ao seu tipo de personalidade. Porque nunca me curvei por causa de música, nunca entrei no negócio do modismo. Desde cedo que tive um gênero de música que consumo e aquilo nunca mudou na minha cabeça.

Nem os modismos todos que vieram, nunca mudou nada, nem um milímetro do que penso sobre música. E nunca consumi o modismo. Vejo umas pessoas, inclusive contemporâneas minhas, que entram nessa onda de consumir aquilo que está na moda porque é uma imposição da mídia e tal.

Acho isso um pouco fraco. Não me curvo, sou meio purista com música, sempre fui, até demais. Não sei se é um defeito ou se é uma qualidade, mas tenho isso.

Entrevistador:

Legal. Vamos tentar falar aqui de um tipo de experiência que a gente está mais centralmente interessado, que é o seguinte. É aquele momento da audição musical que ela ganha protagonismo, que você está mais especificamente ouvindo música.

Por exemplo, é muito comum, a pessoa bota alguma coisa para ouvir enquanto está lavando louça, ou vai trabalhar e bota uma música para ajudar no trabalho.

Estamos falando do momento em que a audição musical tem protagonismo. Você se vê experimentando esses momentos?

Como é isso para você?

Fernando:

Impressionante, não. Se a música que eu ouço pode ser em qualquer momento. Posso estar até correndo na praia e estou ouvindo uma música, pode ser muito romântica, pode ser muito quieta, muito calma.

Ou então posso estar muito quieto em casa e ouvir uma música *swingada*, justamente para ouvir isso mesmo, essa coisa do arranjo, do *swing*, da pegada e tal. Não tenho isso, não. Não associo a música aos meus momentos.

Elas são muito livres de isso uma coisa da outra. Eu ouço música muito assim, independente do momento. Isso hoje.

E antigamente? Acho que tem situações que você busca músicas, aquelas situações românticas, que você está apaixonado, que você perdeu alguém. Aí você naturalmente vai buscar uma música mais romântica, vai ficar pensando naquele momento, consumindo aquela dor.

Isso é muito comum, é por isso que se faz música romântica. As pessoas consomem muito essa coisa da solidão. Eu já tive esses momentos, sim.

Muitas vezes no passado. Acho até que muito mais lá do que aqui. Com a certa idade a gente perde um pouco essa conexão.

Quando é mais jovem, a gente liga tudo à música, à nossa vida, ao momento. Você está em um lugar lindo, você coloca uma música linda, fica tudo lindo. Acho que fiz muito isso.

Acho não, fiz de verdade. Sempre associei a música aos meus momentos, quando voltava para tocar aquela música linda. Eu sempre tive sonhos com músicas.

Tive uma música do Paul Simon e do Garfunkel, que era o The Boxer. Eu escrevi um livro uma época só ouvindo aquela música. Eu tinha um sonho de um dia voltar na minha terra cantando aquele negócio.

Eu me via chegando, com aquela música tocando. Eu sempre tive isso, sim. Hoje em dia, tenho muito menos.

Interessante você perguntar isso para mim, porque um pouco fugiu isso da minha vida.

Entrevistador:

Eu até tendo a não comentar o que eu vou falar agora nas entrevistas, porque pode dar um viés. Mas, por exemplo, vamos supor, na época do... Vou te dar a minha experiência.

Quando eu comecei a consumir disco, quando eu tinha 12, 13 anos, tinha uma rotina que você vai chegar em casa e você vai botar o disco para ouvir e você vai ter um momento de conexão com o disco. Você vai manipular a capa, você vai talvez chamar até amigos para ouvir com você. Talvez, naquela época, a própria organização da experiência te ajudasse a ter uma conexão mais atenta com a música do que hoje em dia.

O que você pensa sobre isso?

Fernando:

Acho que está coberto de razão. Acho que está certíssimo. Eu acho que naquela época o disco tinha um outro caráter.

Você comprava um disco de vinil, ele tinha uma capa, inclusive a capa tinha um encarte, você abria às vezes a capa, era dupla. E aquilo era como se fosse uma obra de arte. Ali dentro estava toda a ficha técnica dos músicos.

Você conhecia os músicos que tocaram aquele disco em qual faixa assim, assado, quem cantou no disco, onde foi gravado, tinha o estúdio, tinha os compositores. Isso se perdeu. Eu acho um pecado isso, porque hoje em dia você consome música como um produto descartável.

No tempo que eu comprava um disco, reunia-se nas salas, o disco passava de mão em mão, todo mundo ia vendo aquilo, enquanto o disco estava tocando a gente ficava lendo aquele negócio. Aquilo era um tesouro para a gente, e você tinha um ciúme daquele negócio louco. Eu me lembro que você não emprestava um disco, porque você tinha medo que não voltasse, que a pessoa arranhasse o disco com o negócio.

Era um tesouro mesmo, hoje em dia não, é muito descartável isso. Ninguém liga mais para quem fez a música ou quem gravou, quem foi que tocou, ninguém conhece mais os músicos, o contrabaixista, o guitarrista, ninguém conhece, vai saber todo mundo. Quem gravou com Gilberto Gil, tal música, sabia os nomes de todos os músicos que tocaram naquela faixa ou em outras faixas.

Assim que era, acho que todo mundo fazia isso.

Entrevistador:

Pode crer, Ivi. Muito obrigado, cara, chegamos aqui ao final.

Fernando:

Espero que eu tenha correspondido um pouco a sua expectativa aí relacionada.

Entrevistador:

Não, foi ótimo, super legal, muito bom.

Fernando:

Se você quiser, vou disponibilizar o tempo que você quiser, quando você precisar de alguma coisa de novo, estou por aqui. Rafael, foi um prazer, cara.

Entrevistador:

Muito obrigado, cara, um abraço.

Fernando:

Valeu, tudo de bom. Obrigado, Rafael, tudo de bom.

Fiametta Ricci

Escolaridade: graduação

Ocupação: designer

Nascimento: 04/11/1997

Idade: 26

Entrevistador:

Fiametta, você consegue falar para mim qual a importância da música para a sua vida?

Fiametta:

Olha, eu acho que sempre tem um presente, mas para mim acaba tendo uma conotação mais emocional, eu acho. Eu acho que é um lugar de conforto, ou desconforto, dependendo. Mas assim, para mim ela pega uma esperança em questão emocional mesmo.

Entrevistador:

Você acha que, de alguma maneira, a música te ajuda a formar a sua identidade? Ela é uma referência identitária para você, de alguma maneira? Você se identificou com uma pessoa que percebe a música num lugar que muitas vezes aparenta ser mais especial para você do que para outras pessoas?

Fiametta:

Sim. Eu acho que sim, mas não sei se tão identitário no sentido de pertencimento a um gênero, porque eu acho que... Eu já tive isso, mas é mais uma coisa de adolescência e tal.

Agora eu tenho um gênero meio eclético e eu prefiro só a música mesmo. Mas eu acho que, inclusive, essa experiência sonora, eu sinto muita diferença, principalmente na música viva. Eu acho que dependendo tem uma função diferente, mesmo em questão de afinação, de ritmo, que eu acho que a performance tem uma variedade.

Mas me incomoda mais, eu acho, que as outras pessoas. Eu acho que acaba sendo para a maioria das pessoas uma experiência social e para mim tem mais a ver com a música mesmo.

Entrevistador:

Entendi. Mas você está falando especificamente das apresentações ao vivo e na audição fonográfica de música gravada, como é que seria?

Fiametta:

Então, nesse sentido, eu acho que eu prefiro a música gravada, porque ela está ali, ela foi planejada para ser aquilo mesmo. Ela está dentro do que foi pensado na construção. Não tem essa outra dimensão que eu acho que as outras pessoas, inclusive, preferem.

Mas eu acho que, nesse caso, eu prefiro o som mesmo. Para mim, a experiência musical tem a ver com sonoridade, não tem a ver com o restante. Por mais que tenha a questão visual, eu acho que o som é o mais...

Inclusive, a letra acaba entrando também em segundo plano para mim, a música

Entrevistador:

Você acha que essa sua preferência, se é que podemos dizer assim, pela música gravada tem a ver com a questão da noção de obra daquelas peças?

Fiametta:

Eu acho que, em certo ponto, sim. Eu acho que eu fico muito no que foi pensado para aquela peça ser aquela peça. E eu acho que, muitas vezes, aquela peculiaridade se perde em uma performance ou em uma interpretação de terceiro.

Eu acho que é esse o ponto. Eu acho que o que pega para mim é o que é específico naquela música, o que é diferente. Tem muitas músicas muito boas que são muito parecidas.

Para mim é essa a diferença mesmo. Tipo, poxa, eu nunca vi isso acontecer. Isso é interessante.

Entrevistador:

Então, você é uma pessoa que tem o hábito de consumir. Não só consumir, porque consumir fica parecendo que você compra regularmente. Mas você tem produtos, por exemplo, pôsters, camisetas, objetos decorativos que têm como tema música ou artistas, enfim?

Fiametta:

Acho que atualmente não, mas eu já tive. Eu acho que talvez... Eu acho que nesse sentido é um pouco menos específico, mas eu ilustro também.

Então, muito do que eu desenho por fora é relacionado a músicas que eu ouço. Eu acho que tem mais uma relação de criação, menos de consumo. Eu estou até olhando para ver se tem, mas não.

Não tenho muito pôster.

Entrevistador:

Legal. E com relação ao consumo de suportes musicais, discos, CDs, cassetes?

Fiametta:

Já tive uma fase, mas... Inclusive, eu gostava muito da experiência de ir na loja de CD, mas... Também acho que é uma questão de espaço físico, que acaba não sendo tão confortável acumular volumes físicos.

Entrevistador:

Entendi. Então, hoje em dia você já não compra disco, nem CD, enfim, não tem essa relação com o vinil também, não é?

Fiametta:

Não.

Entrevistador:

Você, pelo que eu vi aqui na planilha, é de 97. Então, você está com 24, 25?

Fiametta:

25.

Entrevistador:

Tá. Você consegue se lembrar que é o seguinte, quando se estuda a indústria fonográfica, existem várias fases, desde o cilindro, no século passado, até hoje nas plataformas de *streaming*. Tivemos várias eras da música.

Então, quando você nasce em 97, em 99 já surge o Napster, que era uma... não sei se você chegou nem a conhecer o Napster, que era uma ferramenta de transferência de música pela internet, na época era super novidade. Ele surge em 99 e ele tem um ano de vida só, mas ele fez um grande impacto.

Então, a sua lembrança da música é na vigência do mp3, na vigência do CD? Como é que você consegue se lembrar como eram essas fases da música para você?

Fiametta:

Eu acho que peguei mais a parte do CD, mp3, a parte do aparelhinho mesmo, aquele Walkman também, só que de CD, não sei se eles chamavam Walkman.

Entrevistador:

Discman, né?

Fiametta:

Discman, verdade. Uma lembrança que eu tenho da parte que eu acho que a música fez mais sucesso entre a minha geração, foi que a gente transferia a música por Bluetooth, pelo celular, que assim, era um apps de Bluetooth, então todo mundo baixava naquele for sharing, que eu acho, e ficava compartilhando assim.

Entrevistador:

Entendi. Você, tipo... desculpa, fala.

Fiametta:

Não, era quase uma experiência de trocar figurinha, né? Tipo, ah, você tem essa música? Ah, então me passa.

Então, era uma coisa assim.

Entrevistador:

E era uma coisa mais unitária em cima da música, né? E não em cima dos álbuns.

Fiametta:

Assim, teve uma parte da vivência, mas eu acho que foi uma coisa mais lynchada, uma questão que começaram a definir uns fãs, umas coisas assim, ah, eu gosto do artista tal. Aí tinha uma questão até que era muito comum você dar CDs de presente, de aniversário para os colegas. Mas isso também foi uma fase específica.

Eu sou de Niterói, e tinha uma loja de CD aqui que teve uma época que fazia muito sucesso na minha geração. Era um hype do consumo do CD naquela loja, porque era uma experiência realmente. Você olhava lá o que tinha de novo, não sei o quê.

Mas não acho que foi uma fase muito longa. Acho que deve ter durado uns três anos da minha adolescência. Mas acho que de CD mesmo foi mais por aí.

Entrevistador:

Entendi. Na época você tinha, porque você também era muito jovem, então você conseguia reunir, ou tinha o interesse de reunir um acervo em CD próprio?

Fiametta:

Na época eu tinha uma, nem diria uma coleção, inclusive CD tem uma questão também, eu tinha uma coleção pequena com algumas bandas que eu gostava, mas não era muita coisa. Eu acho até um planejamento de ter um repertório ali, mas acho que muito disso teve relação com o consumo de mídia também, porque isso que você fala do CD, de outras mídias, de seriado, de livro, que tinha esse imaginário do CD. Eu lembro de uma época que eu trocava CDs feitos, montados, com uma amiga, e isso foi por conta de um seriado, e faziam isso.

Eu acho que teve um reflexo grande no consumo na época, de ver ser feito em outras ficções.

Entrevistador:

Então, se eu entendi, seria esse tipo de troca com o amigo, com a amiga, no caso, seria meio que numa *vibe* de *mixtape*, mais ou menos?

Fiametta:

Era isso mesmo.

Entrevistador:

Aí vocês criavam uma *playlist* e ficava nessa onda?

Fiametta:

É, por aí mesmo.

Entrevistador:

Entendi, legal.

Fiametta:

Eu já tenho essa pegada mais individual mesmo, não tenho o CD fechado.

Entrevistador:

Legal, então tinha uma espécie de curadoria ali, que você fazia e tal. Você hoje se identifica como fã de alguns artistas?

Fiametta:

Tem alguns poucos, que eu gosto muito. Sei lá, coisas de máximo sete, eu acho.

Entrevistador:

Esses artistas são artistas contemporâneos ou são artistas de fases anteriores?

Fiametta:

Como fã, acho que são contemporâneos mesmo. Tem até alguns anteriores que eu gosto muito, mas eu nunca pensei nessa relação de fã mesmo, porque eu acho que acaba tendo muito essa questão do acompanhar, de estar atento a coisas novas. Artistas, já aposto, mas eu já faleci deles.

Eu nunca tive esse pensamento. Então, acho que talvez fosse, mas...

Entrevistador:

E aí você acompanha esses artistas nas redes sociais, você busca notícias sobre eles?

Fiametta:

Sim.

Entrevistador:

No Instagram e tal, é isso?

Fiametta:

Sim, no geral, sim. Acaba que esse negócio que você falou, do lançamento do CD e tal, que não tem mais na maioria. Alguns até fazem, eles disponibilizam em várias mídias, só que tem uma construção de narrativa em cima daquele lançamento.

Aí vai lançando uma música, tem um diálogo com outra. Eu acho que tem um pouco desse gosto de acompanhar, de você estar conectado com o processo.

Entrevistador:

Achei interessante você falar sobre construção de narrativa. Você acha que essa construção de narrativa acaba impactando na sua experiência, do ponto de vista de você conseguir criar um imaginário, e aquele imaginário ser um condutor? Muita coisa.

Consegue me dar um exemplo? Se possível, até, se quiser me passar um link depois no WhatsApp disso.

Fiametta:

Tá bom, eu vou cantar aqui. Tem um artista que eu gosto particularmente, que é um artista americano tailandês. Ele fez o lançamento de um álbum, que ele chamou de Gay Girls.

Ele começou lançando, ele começou com uma música que ele já tinha lançado, que foi a única antiga que foi incluída no álbum. Colocou duas, imagina, no álbum. Eu acho que nem era muito grande, devia ter umas 10 músicas.

E ele lançou uma, um mês depois lançou outra, até o lançamento do álbum, lançou umas três. Mas contando para os dias do lançamento. E cada música era uma repercussão enorme, porque as pessoas estavam na expectativa daquele álbum.

Eu acho que a última música do álbum não é o nome do álbum mesmo.

Entrevistador:

Então foi... O nome do artista que você falou, eu não consegui entender.

Fiametta:

Keshy. K-E-S-H-I.

Entrevistador:

K-E-S-H-I. Beleza, botei aqui.

Fiametta:

E esse, ele tem inclusive um servidor no Discord, que dá notícias sobre um *fandom* que é auto-organizado. Eu não acompanho muito o Discord não, mas sei que existe, eu acho interessante assim.

Entrevistador:

Legal. O que que eu ia te falar? Que a gente...

Você mencionou essa coisa de uma derivada, que para acompanhar a tua... O que você está me fornecendo aí de conteúdo. Ah, sim.

Você se lembra dessa transição para a plataforma de *streaming*? Como é que foi essa transição?

Fiametta:

Eu acho que acabou sendo... Eu acho que foi numa fase que eu estava meio que perto da adolescência. Então, foi uma coisa que...

Foi que nem o WhatsApp. Assim, você não teve muita opção. Todo mundo tava usando, se você quisesse entender o que tava acontecendo, você tinha que... Mas eu demorei um pouco assim pra ceder porque... eu não tinha certeza que era aquilo mesmo... Fiquei um pouco ressabiada.

Mas eu acho que é uma comodidade, no fim das contas. Condiz um pouco com essa... rotina mais corrida. Eu acho que bateu também com o aumento do tempo de deslocamento maior que eu tinha. Eu acho que foi uma questão prática mesmo.

Mas... Eu acho que é uma outra experiência. Porque tem um filtro menor também.

Quando você tem que estar lá fazendo a curadoria desse conteúdo, fica uma coisa mais... Identitária, eu acho, particularmente. Porque você está selecionando realmente o que você está gastando tempo para adquirir ou não.

E... Essas plataformas, eu acho que te dão mais... De bandeja.

E, por um lado, é bom. Porque eu conheci muita coisa que eu não procuraria.

Entrevistador:

Mas, por... Fala, por favor. Conclui. Eu te cortei.

Fiametta:

Não, não. Mas, por outro, perde um pouco essa... Identidade mesmo, eu acho.

No sentido de uma coisa mais bloqueada. Ficou uma coisa mais fluida, eu acho.

Entrevistador:

Se você puder falar um pouquinho mais sobre isso, Fiametta, eu achei interessante você mencionar o aspecto de filtro e o aspecto de... De identidade. Primeiro, você falou que ela dá como se fosse um aspecto mais identitário, mas depois que, de alguma maneira, ele também... Atenua esse aspecto. Você pode desenvolver um pouco isso?

Fiametta:

Posso. Eu acho que no sentido assim do identitário, bloqueado, que eu tô colocando, tem um pouco relação com você estar conscientemente selecionando aquilo, né? Você não tá submetido a um fluxo, você tá escolhendo. Você vai na loja de CD, você escolhe o CD, você tá fazendo uma escolha ali que tem várias etapas de assentimento. Você pega o CD, você olha o CD, você ouve o CD, você leva no caixa, você paga o CD, você leva para casa, você ouve o CD ou deixa ali guardado.

Então, você tem várias possibilidades ali. Agora, nas ferramentas de *streaming*, eu acho que tem mais uma relação de... você faz uma escolha, mas a partir dessa escolha, você abre uma porta de outras opções, que nem sempre são coisas que você decide. Você pode estar submetido a. O que eu acho legal, assim. Eu acho que é interessante poder perder esse controle. Mas, ao mesmo tempo, o que eu tinha definido como um gosto musical, um gênero musical, uma categoria que eu ia lá na loja de CD na seção de rock alternativo, eu não tenho mais. Não acho ruim... mas, tipo... Tem aquela ferramentazinha que ela analisa as suas escolhas musicais, Spotify, bota o gênero, e eu descobri que eu ouvia hip-hop coreano e eu não tinha ideia, porque...

Não entenderia aquilo como esse gênero. Não estava definido, eu não escolhi. Então, eu acho que teve uma expansão que eu acho que tem um pouco a ver com as mídias digitais também.

Acho que tem essa perda de identidade que não necessariamente é ruim, mas é uma expansão mesmo.

Entrevistador:

Bacana, você é assinante do Spotify?

Fiametta:

Sou, recentemente, mas sou.

Entrevistador:

E antes você assinava outra plataforma?

Fiametta:

Não, eu tenho uma experiência estranha, que é... Eu gostava dos anúncios, assim. Eu gostava de ouvir os anúncios para saber o que estava sendo falado fora do que eu escolhi, assim.

Eu gostava de ver a construção do anúncio, eu gostava de entender como é que estava sendo feito. Mas eu comecei a ensinar porque tinha momentos que eu viajava, eu fazia alguma coisa, eu perdi a internet, eu ficava sem música, aí eu comecei a... E eu não tinha isso na pandemia, foi um reflexo, eu não vou sair de casa.

Aí foi mais nesse sentido dessa impossibilidade de estar offline, literalmente. Acho que teve uma dependência, pós-pandemia, com essa relação.

Entrevistador:

Agora, você falou que achava interessante você receber os anúncios, mas as restrições do Spotify gratuito correspondem também ao seu processo de seleção. Isso não te incomodava?

Fiametta:

Não, eu gostava.

Entrevistador:

Porque ele diminuía o teu leque de alternativas? Pelo que eu me lembro, você pode escolher num determinado... Você tem uma...

Tempo de consumo. E aí depois ele fica ao Deus dará, como o algoritmo oferece. É isso, não é?

Fiametta:

Eu tenho algumas restrições. Por exemplo, eu tenho ouvido menos dessa música no aleatório. Eu acho que isso, por um lado, é cômodo.

E eu acho que por ser cômodo, tem dois lados. Eu acho que... Eu estou ouvindo muito uma música só.

Eu não fazia isso antes, porque não tinha essa opção. Aí eu não saio das dez primeiras músicas da minha lista de músicas. É isso.

Eu boto pra repetir, porque... Até um ponto eu acho legal. Mas eu acho que...

É uma questão muito particular mesmo. Eu entendo que a maioria das pessoas gosta dessa diferença, de poder controlar. Mas...

Eu não sei até que ponto esse controle contínuo é positivo. Porque... condiciona também, né?

A própria... Se eu falar, pensar numa música, provavelmente eu vou pensar na primeira da minha *playlist*, porque é a que eu estou ouvindo o tempo todo.

Entrevistador:

Então, só pra entender, você tem, digamos, uma lista de dez músicas, aí você ouve as dez e depois fica por conta do algoritmo. É isso?

Fiametta:

Não. Então, no sentido de... Essas dez músicas, por elas estarem nas recentes mais adicionadas, em uma lista de 965, elas vão ser mais repetidas, porque não está no aleatório.

Eu tive a opção de botar, porque eu quero ouvir a primeira música, novidade. Aí entra a primeira, vem a segunda, que foi a última adicionada, outra, outra, e assim, as 955 restantes, elas ficam para baixo. Então...

Entrevistador:

Acho que eu... Vê se eu entendi. Acho que você está descrevendo a tua...

o processo de seleção do seu repertório para audição no Spotify. Digamos, você deu like em 965 músicas, e aí você vai botar para tocar da mais recente para baixo, é isso?

Fiametta:

Normalmente sim, porque é o que está ali. Começa a lista da mais recente para... Mas...

Eu acho que quando eu não tinha essa possibilidade de seleção, eu botava e ouvia a música que ele mandava, porque sempre é no aleatório, quando eu não tenho o premium.

Entrevistador:

Entendi. Então, deixa eu ver se faltou alguma coisa desse bloco aqui. Acho que já foi tudo.

Você, como persona de redes sociais, da internet, você costuma publicar conteúdos sobre música? Você acompanha? Você falou que acompanha alguns artistas nas redes sociais, não é?

Consegue me falar um pouquinho sobre isso?

Fiametta:

Olha, eu acho que não ativamente no sentido de crítico musical, às vezes sim, mas tipo... Eventualmente preciso falar sobre alguma coisa que eu estou ouvindo. Então, acaba sendo um trecho de música, ou então um desenho sobre um trecho, um pedaço de uma música, uma música em específico, ou então falando algo mal que eu sou.

Mas assim, eu acho que é um pouco mais não sensorial, emocional mesmo, porque tem essa questão da relação que eu falei com você a princípio, eu acho que tem a ver com expressão mesmo, nesse sentido. Sim, eu acho que está bem presente, sim.

Entrevistador:

Bacana. Então, vamos tentar falar um pouquinho agora sobre os seus hábitos de audição. Como é que os seus hábitos de audição se relacionam com a sua rotina do dia a dia?

Fiametta:

Eu não vou dizer que eu sou um ouvinte dos maiores, não, mas por outro lado, eu sei que tem pessoas que conseguem passar um dia sem ouvir nada. Então, com certeza, eu estou ouvindo música, seja quando eu saio de casa e estou esperando o ônibus, ou fazendo um trabalho que eu posso. Então, eu acho que eu normalmente estou ouvindo alguma música, principalmente com atividades mais manuais.

Eu acho que é um conforto mesmo, eu acho que é uma coisa que é um estímulo para existir mesmo. Eu acho que é uma questão existencial estar ouvindo música.

Entrevistador:

Interessante. Você escuta também podcast?

Fiametta:

Já escutei mais, mas escuto eventualmente. Eu tenho três, quatro programas que eu gosto muito. Mas eu tenho dificuldade de gostar do conteúdo do podcast.

Acaba sendo uma coisa mais nichada dentro da área de design ou de publicação.

Entrevistador:

Você acha que o podcast, de alguma maneira, tomou o espaço da sua audição musical? Ou isso não aconteceu?

Fiametta:

Não, eu tenho preferência ainda por música. Eu acho que, inclusive, por conta de atividades que não são tão... É porque eu acho que tem realmente essa dimensão sensível da música.

Que no *podcast* é uma coisa que vai mais para o racional e às vezes toma um espaço que eu não posso disponibilizar naquele momento. Então, ainda acaba sendo uma preferência música do que *podcast*. Porque *podcast* às vezes eu tô ouvindo e eu percebo que eu tô ouvindo há 15 minutos.

E acaba sendo uma coisa que não tem tanto apelo na minha rotina.

Entrevistador:

Certo. E você acha que a música te ajuda a desempenhar alguma tarefa?

Fiametta:

Sim. Eu acho que justamente por conta dessa relação de conforto emocional, eventualmente ela me ajuda a lidar também com questões como ansiedade ou então questão de ânimo, de humor mesmo. Então, eventualmente se tem uma tarefa que eu acho que vai me digirir, uma música se eu tô ansiosa, fazendo alguma coisa, eu pego aquela música que é uma música de conforto que eu sei que vai me ajudar a, pelo menos, iniciar aquela etapa.

Eu acho que acaba distraindo um pouco do fardo. Eu joga a concentração para outro lugar que não aquela atividade específica.

Entrevistador:

Você costuma... Aliás, deixa eu só fazer uma parte. É que a sua entrevista está oferecendo bastante insumos interessantes.

Você se importaria se ao concluir aqui essa sala do Zoom, que tem só 40 minutos, você se importaria de eu abrir uma segunda para a gente concluir?

Fiametta:

Não, tudo bem. Eu acho que, assim, tem um horário que talvez eu precise sair. Mas, assim, fora isso, não tem problema não.

Qualquer coisa, também, se quiser marcar o abrigo.

Entrevistador:

Eu acho que seria no máximo uma hora. A gente está aqui com quase 40 minutos.

Fiametta:

Ah, não. Está tranquilo.

Entrevistador:

Obrigado. Então, eu queria te perguntar... Você falou sobre tarefas.

Eu queria te perguntar... E aí, quando eu te perguntei sobre tarefas, me chamou a atenção que você falou mais sobre controle do humor e das emoções do que sobre tarefas. Você vinculou a isso, ao emocional e não ao operacional.

Você é usuária dessas *playlists* de *mood* do Spotify? Costuma usar e tal ou não?

Fiametta:

Tem uma específica que eu gosto, mas, assim, no geral ela não me atrai muito. Porque, assim, eu entendo que funcione, mas pra mim não funciona. Tem uma específica que eu gosto, que é uma *playlist* instrumental com músicas assim, no piano e tal, que ela me ajuda realmente a me concentrar quando eu tenho que focar em alguma coisa.

Mas... Eu foco no estudo. Tem umas músicas ótimas que o nome é meio estranho, mas é ótimo.

Se quiser, eu posso mandar o link depois, mas eu acho que deve acertar se a gente...

Entrevistador:

Bom, e... Você costuma saber sempre o que vai ouvir, quando você vai ouvir música?

Fiametta:

Não. Normalmente não. Eu acho que eu procuro alguma coisa, assim, eu passo e olho, tipo, ah, eu acho que tem um pouco a ver com uma sensação mesmo, assim, a escolha.

Eu dou uma olhada, assim, na lista italiana e clico no que eu quero, a sensação que eu quero ter, o que eu quero sentir, ou então o que eu quero me identificar naquele momento. Então eu acho que é uma coisa mais identificação mesmo. Não tem uma relação tanto de escolha racional.

As vezes eu até penso ah, eu quero ouvir um artista, mas também tem relação com o que eu já espero daquilo. Mas enfim, eu acho que tem uma questão de molde mesmo, que você falou.

Entrevistador:

Mas aí você se sente congelado as vezes no momento de seleção, ou isso é como se fosse um fluxo que você, como falou, ficou me parecendo que a experiência que você descreveu é como se você estivesse conectada com o seu emocional e aí essa relação com a plataforma fosse uma maneira de você conduzir para onde você acha que é importante naquele momento.

Fiametta:

É, as vezes eu trago, sim, mas é bem raro, assim. Eu acho que também quando eu trago eu uso o aleatório, a invocação da terra entrar em algum lugar que faça sentido. Mas aí eu acho que tem um pouco a ver com sobrecarga também, que não está muito ligada no que eu estou fazendo.

Eu acho que acaba indo para o segundo plano algumas vezes, falta de rotina e coisas assim.

Entrevistador:

Para o segundo plano o que?

Fiametta:

Desculpa. Essas escolhas acabam indo para o segundo plano por conta de rotina e coisas relacionadas, assim, a essa correria mesmo cotidiana.

Entrevistador:

Para o segundo plano, porque pelo que eu entendi, essa relação com música é como se fosse uma coisa muito pessoal, muito, quer dizer, se você não conseguisse selecionar alguma coisa é porque você não está conseguindo se conectar muito consigo mesma naqueles momentos, é isso?

Fiametta:

É por aí.

Entrevistador:

Legal, ótimo. Eu vou te fazer uma pergunta que você já respondeu de algumas maneiras, mas eu vou te oferecer a oportunidade de responder especificamente por isso que você está conseguindo desenvolver muito bem as respostas. Você confia no algoritmo para selecionar a música para você?

Fiametta:

Eu já tive boas surpresas, mas não sempre. Eu gosto muito daquela *playlist* que eles fazem de fim de ano baseada nas suas escolhas do ano. Mas, assim, dentro dessa *playlist* eu tiro um ou dois artistas e é isso.

Que eu acho que acaba chegando num ponto que você também é direcionado para mais do mesmo, e às vezes não é bem isso que você está procurando. Algo naquele sentido, mas não exatamente. Às vezes é até difícil definir, né?

Porque acaba sendo uma questão de peculiaridade mesmo, que às vezes te atrai. Seja no rock experimental, no pop, no R&B, enfim. São gêneros diferentes, mas talvez eles tenham uma relação que não seja lógica.

Então acho que é nesse sentido. Porque eu acho que, por conta dessa relação emocional, eu acabo me identificando muito com artistas que também tem uma relação emocional com a música. Então acaba indo um pouco para...

Que até cai uma coisa que eu queria comentar, porque eu acho que tem relação. Muitos desses artistas, eles têm uma produção de conteúdo também no YouTube, né? Que eu acho que é uma relação de proximidade que eles estabelecem com os consumidores.

O TV foi um boom dentro do YouTube, que são quase influências mesmo.

Entrevistador:

Então, olha, faltam dois minutinhos. Eu vou preferir interromper aqui para você não perder alguma coisa que você vai falar. Então vou fechar essa sala, vou criar uma nova e te mando de novo o link, tá bom?

Fiametta:

Tá bom.

Entrevistador:

Obrigado, Fiametta.

Fiametta:

De nada.

Entrevistador:

Oi, Fiametta. Vamos lá. Então, você estava falando sobre o YouTube e você falou sobre...

É como se eu entendesse o que você estava dizendo, é que determinados artistas acabam tendo uma produção de conteúdo no YouTube que eles se tornam como se fosse... Como se o YouTube fosse uma mídia que serve como uma extensão da sua própria obra ali, né? Como você falou, eles se tornam também influências de uma maneira.

Você costuma também escutar esses canais de música ao vivo? Por exemplo, o Tiny Desk Concert e outros que existem por aí. Esse tipo de formato, né?

São shows curtos de 15 a 20 minutos ali com música ao vivo captada com qualidade praticamente profissional.

Fiametta:

Eu tenho o hábito. Essa questão do YouTube que eu comentei, ela tem um pouquinho mais de relação... Esses, em especial, são dois artistas que eles começaram mesmo fazendo conteúdo para o YouTube, né?

E eu acho que tem uma relação mais com intimidade mesmo. Porque geralmente são conteúdos menos editados ou então uma coisa mais caseira, assim. E eu acho que gera uma proximidade.

Tem uma banda que eu sigo que é Polyphia. Eu não sei direito como pronuncia, mas é tipo... Assim.

Eles têm um canal no YouTube, né? E eu acho que eles compartilham e avaliam as... Eu não sei como é que fala quando você interpreta a música de outra pessoa.

Cover, né? Eles compartilham o *cover* das músicas deles e avaliam, assim. E tem uma maluquice que eles cantaram, uma música deles é uma banda totalmente instrumental, a capela. Então, assim, tem umas coisas bem diversificadas, assim.

Mas eu acho que tem essa integração no sentido deles estarem prestando atenção no que é feito a partir do conteúdo deles, assim. Então, tem quase aquele negócio do TikTok de você compartilhar, né? Então, acho que tem essa questão da interação muito forte.

Mas eu acho que é mais assim mesmo.

Entrevistador:

Você é usuária do TikTok?

Fiametta:

Não ativa, assim. Eu tenho um nicho específico que eu gosto, mas não é um nicho que é muito favorecido lá, que é o nicho de processo de gráfico. Então, não é exatamente a minha rede.

Mas, assim, eu acho que é uma plataforma interessante, assim, em termos de interatividade.

Entrevistador:

Entendi. Você tem o hábito de criar *playlist*? Costuma compartilhar a *playlist* que você cria?

Fiametta:

Não. Não, eu já fiz, assim. Mas eu não tenho muita...

Porque eu acho que... É, eu tenho algumas específicas, assim, que às vezes eu mexo e tal. Mas eu acho que, no geral, acaba que as pessoas fazem a *playlist* por gênero, né?

Pra mim, não tem muita relação. Tem mais a ver com uma... Uma sensação, né?

Acaba sendo uma *playlist* de música que eu passo pra mim mesma, mas... Ou temática, assim. Tem uma específica que é com músicas sobre frutas, assim.

Mas é... Não é um hábito, não. Eu faço eventualmente, mas...

Entrevistador:

Agora, vamos entrar aqui no último bloco da entrevista. Então, eu queria te perguntar sobre... Aliás, peraí.

Antes de entrar nesse bloco, eu queria só te perguntar uma questão sobre formato. Você sempre... Ultimamente, você escuta música dessa maneira como você descreveu recentemente?

Você tem lá as músicas que você gostou, bota pra tocar e é isso? Você nunca mais ouve o álbum? Raramente isso não acontece?

Como é que é?

Fiametta:

Eu escuto alguns álbuns, assim, desses artistas que eu falo que eu acompanho mesmo. Mas, assim, eu não tenho um hábito, não. Porque é bem raro eu gostar de todo o conteúdo de um álbum inteiro.

Então, assim, é só quando eu gosto muito de uma música específica que eu vou lá e olho o álbum daquela música. Porque... Eu acho que tem que ter alguma coisa que...

Porque, assim, sempre tem uma... É uma coisa meio estranha, mas, assim, quando eu fiz aula de quadrinho na faculdade, alguém falou assim, tipo... O quadrinho pode ser bom, mas vai ter uma página, um par de páginas que vai ser fantástico.

E, às vezes, eu encontro a música fantástica no quadrinho, sabe? E é muito difícil o resto estar dentro daquela expectativa, assim. Então, acho que acaba sendo um pouco essa relação com o álbum, assim.

Tem alguns álbuns que eu acho super amarrados, assim. Mas, eu acho que acaba tendo um pouco essa relação da narrativa também, tipo... É...

Eu vi uma corrente outro dia que falava assim... Escolhe o seu álbum preferido do artista e três músicas nele. Dos meus álbuns preferidos de artistas específicos, eu não consigo escolher três músicas favoritas, porque, assim, é um álbum que é um conjunto, assim.

Mas eu acho que é muito raro eu encontrar, assim, uma coisa que eu identifique como uma coisa fechada mesmo. Que eu acho que acaba caindo um pouco para essa relação de single, de hit, né? Que eu acho que é mais comum atualmente.

Entrevistador:

Uhum. Tá bem. Então, eu queria saber o seguinte, Fiametta.

Você costuma se ver em momentos em que a música está em protagonismo? Não, tipo, você está só ouvindo música. Ou, se você não está só ouvindo música, a música é a sua principal atividade naquele momento?

Fiametta:

Tem momentos, mas eu acho que acaba tendo uma sacralização desses momentos, sabe? Eu acho que é uma coisa meio ritualística. Então, acaba não sendo tão constante por ter esse caráter de exceção, assim.

Ter uma... condições, né? Que são necessárias para que aquilo aconteça.

Entrevistador:

Ah, falemos sobre ela. Vamos lá.

Fiametta:

Ah, eu acho que, por exemplo, é o momento de parar, né? É o momento de parar e ficar ali. Eu não sei, não podia.

Você tem essas demandas, essas coisas. Você pode estar fazendo o tempo todo. Você sempre tem uma demanda de produtividade.

De parte pública, eventualmente, acontece. Porque você está meio condicionado naquele ambiente, né? Então, é um momento, tipo, ao longo de um caminho inteiro.

Eu costumo ouvir música.

Entrevistador:

Uhum.

Fiametta:

Mas, mesmo no transporte público, você tem outras demandas de produtividade. Às vezes, de responder mensagens, responder e-mails. Então, assim, eu acho que no horário comercial ou fora do horário comercial tem uma questão de cobrança muito intensa.

Mas, às vezes, dá para parar e ignorar o mundo. Então, eu acho que tem essa relação de ignorar o contexto em torno do mundo. E eu acho que tem uma relação também de introspecção.

Eu acho que tem esse sentido de introspecção. Eu não diria solidão, porque eu acho que é uma questão mais de solidão, mesmo. É uma questão de um diálogo que não pode ser uma conversa, necessariamente.

Eu acho que é uma experiência bem pessoal que nem sempre é viável de compartilhar. Eu acho que tem casos, mas é difícil alguém ter uma relação parecida com uma música determinada. Principalmente nesses fones musicais.

Mas é mais ou menos por aí. Eu acho que tem essa necessidade de ignorar o entorno para ser uma experiência mesmo.

Entrevistador:

Agora, você descreveu, deu uma cortadinha no início da sua fala, não sei se eu perdi. Mas, pelo que você descreveu, esses momentos de protagonismo que eu estou falando, eles acabam acontecendo em trânsito para você?

Fiametta:

Também. Em trânsito, mas eu acho que fora desse ambiente, eu preciso escolher. Estar naquela pausa, que nem sempre é possível, mas hoje é.

Eventualmente, eu forço um pouco. Nem que seja uma música, só naquela música. Mas em trânsito é uma coisa mais fácil até.

Eu acho que tem aquele... Não, eu vou ouvir pelo menos essa música antes de responder todas as emails que eu tenho que responder. Então, acho que tem uma relação.

Porque a música está ali como necessariamente protagonista.

Entrevistador:

Você não tem uma relação dessa audição ritualizada que você descreveu no espaço doméstico? Isso não é comum para você? Não acontece?

Fiametta:

Acontece, mas acontece de maneira mais fragmentada. Porque precisa ser mais planejada, não é uma questão de rotina. É uma coisa mais de eu entender que aquilo é uma necessidade e eu arrumar um lugar para aquilo.

É mais nesse sentido. Porque é uma coisa que eu faço toda semana.

Eventualmente, eu paro para ouvir uma música específica, mas continuamente é uma coisa mais rara.

Entrevistador:

Então, isso está associado à música, à *playlist*, a um álbum, a um EP? Você consegue dizer isso?

Fiametta:

Essa pausa maior, eu acho que geralmente tem uma relação mais com o álbum mesmo. *Playlist*, não tanto. Mas acho que principalmente quando é o lançamento de um álbum, eu tento tirar um momento para ouvir aquele álbum inteiro.

Aí acaba sendo uma coisa de ocasião mesmo, um evento quase.

Entrevistador:

E aí você vai construir esse espaço, vai arrumar esse tempo para ouvir muitas vezes em casa mesmo, para ter mais atenção? Tipo isso, mais ou menos? Isso.

E aí, nesse caso, a qualidade do áudio é uma coisa importante? Você pode ouvir pelo celular, botar ele no celular e está bem para você?

Fiametta:

Não, eu acho que tem a questão do áudio. Inclusive, eu estou com o fone quebrado e estou incomodada há muito tempo com essa relação. Porque perde muito a experiência do passeio.

Ter tanto um conforto quanto uma qualidade ali. Eu acho que para mim a música, por ter essa relação pessoal, ela acaba tendo uma relação com essa dualidade. Eu gosto do fone porque eu estou ali com aquilo e não preciso que ninguém aprove aquela relação.

Então, eu acho que quanto menos interferência tiver, quanto mais eu puder isolar o ambiente, mais faz sentido para mim.

Entrevistador:

Beleza. Então, cara, para concluir aqui a nossa entrevista e já te agradecendo mais uma vez pelo seu tempo, ainda mais que foi um tempo estendido. Quando esse momento de protagonismo acontece, você consegue descrever a sua relação com o seu corpo nesse momento?

Você se arrepia com a música, você dança, você fica super concentrada, tudo isso junto. Como é que você consegue descrever?

Fiametta:

Eu acho que varia um pouco, mas geralmente eu gosto de dançar com determinadas músicas. Eu acho que tem, sim, uma relação de interagir com a música e com o corpo. Mas, eventualmente, eu acho que varia.

Eu acho que tem uma relação de atenção que o corpo entra num relaxamento também, entra num peso, acaba num peso que se prende meio à terra. É quase um meditativo mesmo, eu acho. Mas também tem essa relação de movimento, eu acho, no sentido de interagir com o ritmo, com a melodia.

Eu acho que é quase uma resposta mesmo ao impulso, porque tem determinados pedaços que você identifica, que dá uma euforia. Eu acho que tem uma relação de euforia também nesse sentido.

Entrevistador:

Tá bem. Então, olha, muito obrigado, Raissa. Queria te dizer também que você fazendo mestrado, se você precisar de ajuda com alguma coisa, estou à disposição.

Não sei qual é a sua pesquisa, mas qualquer coisa você me fala aí para eu te ajudar no que eu puder. E se você tiver alguém, cara, essa sua amiga que você falou aí, que tenha um perfil que tenha a ver com isso que a gente está falando aqui, me interessa, tá? Estou buscando pessoas com 35 anos ou menos nessa fase mais final aqui da minha pesquisa.

E é isso. Muito obrigado.

Fiametta:

Nada, eu que agradeço. E boa sorte com a pesquisa.

Entrevistador:

Valeu. Um abraço. Tchau, tchau.

Fiametta:

Valeu. Tchau, tchau.

Frederico Baal

Escolaridade: mestrado

Ocupação: jornalista, fotógrafo(a), professor(a)

Nascimento: 16/11/1953

Idade: 70

Entrevistador:

Deixa eu te falar, nessa entrevista a gente está interessado, minha pesquisa está interessada na experiência de audição musical de um recorte específico do

público, que é aquele público que se identifica como fã de música. Então, nessa entrevista a gente tem três blocos. No primeiro bloco a gente vai procurar falar sobre a sua relação pessoal com música.

No segundo bloco a gente fala um pouquinho sobre os seus hábitos de audição. E no terceiro vamos tentar explorar um tipo específico de experiência que a gente está mais interessado. Então, dificilmente essa entrevista passa de 30 minutos, mas só para você ter uma noção mais ou menos do tempo que deve durar.

Frederico:

Não, fica à vontade, porque eu estou em casa, não estou preocupado com isso não. Tá ótimo. Beleza.

Entrevistador:

Então, eu queria, se você puder, falar um pouquinho sobre a sua relação pessoal com música, se você acha que ela de alguma maneira te ajuda a formar a sua identidade como pessoa.

Frederico:

Pois é, minha família, ou seja, desde criança, música sempre foi presente na minha casa. Minha mãe, na juventude, adorava ir para os bailes, dançar, então ela era aficionada a várias tendências musicais dos anos 40, 50 e 60, quando eu era criança. Então, ela tinha uma coleção grande de discos em casa e isso foi me alimentando, o meu prazer em ouvir música, em identificar esses estilos musicais, as origens.

Eu me lembro que uma música que me marcou muito, que não é tão conhecida aqui, quando eu era criança, eram meus pais. Meu pai foi trabalhar na Suíça e minha mãe, descendente de francês, a gente passou um tempo em Paris, e eu me lembro de uma música que tocava nos parques de diversões de Paris, que eles chamavam Os Pobres de Paris. Era uma música que a Edith Piaf cantava, mas tinha uma versão orquestral, só com orquestra, e tocava nos parques de diversões.

Aquilo é impressionante, pode ser uma coisa banal e uma experiência talvez não tão significativa para muita gente, mas aquilo ficou gravado em mim. Acho que tem uma memória afetiva da importância da música, ou seja, o prazer de estar ali, naqueles brinquedos, aquele lugar que era, para mim, muito bonito, porque era diferente da realidade que eu tinha aqui no Brasil na época, e aquela música associada àquele ambiente. E, como eu tenho uma memória afetiva sonora e visual disso, desse momento, eu associo música muito também a uma experiência visual, e por isso o cinema também é muito presente na minha experiência cultural, no meu repertório cultural, de associar música à visualidade e à experiência afetiva de estar vivenciando um momento de prazer.

Eu não tenho na música uma relação meramente racional, crítica, de ter uma relação, como se diz, racional no sentido da crítica. Acho que é muito mais no sentido do prazer, de usufruir da música como uma experiência vivenciada, ou um show, ou mesmo um encontro entre amigos em que a música está presente. Acho que essa coisa está muito associada a essas outras relações.

Bom, eu, quando era pós-adolescente, início de juventude, resolvi estudar música por gostar muito de música, e fui estudar no Museu da Imagem do Som na época, que era um museu muito ativo, a sua programação cultural. Tinha uma cinemateca muito ativa que eu frequentava e me matriculei para estudar música. Eu não sabia nada de música, absolutamente nada, em termos teóricos, em termos práticos.

E aí tive o grande prazer de estudar com o maestro Guerra Peixe, que era uma pessoa que nos dava todas as informações sobre cultura musical popular. Na época não havia internet, então essa facilidade de informação que nós temos hoje não havia. Então ele falava de coisas, de manifestações culturais, musicais do interior do Brasil, que para nós aqui na cidade era uma novidade.

E ele era uma pessoa muito interessante. Mas no sentido do aprendizado teórico e prático da música, eu fui um fracasso. Eu não tinha nenhuma vocação, habilidade, eu não tinha um bom ouvido para identificar as notas, fazer aula de solfejo, de partitura, essa coisa toda.

Aquilo tudo eu achei muito maçante. E acho que é exatamente esse lado racional de perceber a música como uma linguagem cifrada, quase matemática, que eu acabei me afastando do aprendizado da música e me mantive, ao longo da minha vida toda, usufruindo da música apenas pelo prazer e pelas experiências de vida. Eu trabalhei muito fotografando músicos, principalmente no início da minha carreira como fotógrafo, eu trabalhei muito fotografando grupos musicais e cantores, músicos, compositores, que eram muito conhecidos.

A pessoa que me pagou pela primeira vez uma fotografia, eu iniciando nisso, foi o Egberto Gismonti, que eu era fã dele. Ele me viu fotografando um show dele no Teatro Opinião e me chamou, mostrou interesse em ver minhas fotos. Eu fui à casa dele e acabou comprando as fotos.

E aquilo foi para mim um estímulo muito grande, tanto como fotógrafo como admirador da obra dele. Então tem essas coisas.

Entrevistador:

Eu queria explorar um pouquinho uma coisa que você... a relação que você fez entre visualidade e música. Especialmente no que diz respeito ao consumo de discos.

Você foi ou é colecionador de discos? Como você via essa... Aproveitando até a sua experiência como alguém ligado à visualidade, como é que você via essa conjunção nas capas, essa relação entre a obra de música e a manifestação visual das capas?

Frederico:

Pois é, então, eu sou, sim, não digo um colecionador como muitos que eu sei que existem, alguns poucos eu conheço que são grandes colecionadores, mas eu sempre tive o hábito de comprar, guardar e ouvir discos, tanto os LPs antigamente, os compactos da época, quanto depois os CDs, que eu tenho muitos ainda guardados aqui e não me disfarço deles, não. Eu gosto muito de escolher a música como não a coisa aleatória da internet, que você liga um canal e fica tocando música e você praticamente nem sabe quem está tocando, mas eu gosto de ir à estante, pegar o disco e escolher qual disco eu vou ouvir. Eu só sinto que hoje os CDs não têm a qualidade gráfica que tinham os LPs, os vinis, porque é o termo mais antigo, mas os vinis que tinham uma qualidade gráfica das capas e também as informações sobre a gravação, sobre os músicos, sobre quem participou da gravação do disco, que eram mais visíveis, além dos encartes que existiam, as peças gráficas eram muito mais bem pensadas e bem confeccionadas do que os CDs. Os CDs, essa parte gráfica é quase insignificante, mas, de qualquer forma, eu gosto muito de ter esses objetos musicais que eu posso eleger o momento em que vou ouvir. Isso eu gosto muito.

Entrevistador:

Não sei se mais alguma coisa? Não, não, legal. Deixa eu te perguntar, você é assinante de alguma plataforma de *streaming*?

Não, de música, não.

Frederico:

Eu, quando estou trabalhando, e quando estou trabalhando aqui, a música não interfere no meu trabalho, porque, por exemplo, se estou escrevendo, eu não ouço música. Escrevendo, eu me dedico exclusivamente àquilo que estou fazendo. Mas, quando estou trabalhando com fotografias ou até fazendo coisas em casa, eu coloco YouTube, no caso de não ser um disco.

Eu gosto muito de colocar discos. Mas, quando estou trabalhando, por exemplo, no computador, eu não quero ficar interrompendo o que estou fazendo. Então, ficar indo e colocar um disco, eu prefiro botar um YouTube, talvez, escolho um artista e deixo rodar aquilo.

O que me incomoda às vezes são as propagandas, dependendo de... Artistas mais populares, ou seja, que têm mais visibilidade, enchem de propaganda. Alguns outros que não são tão conhecidos praticamente não têm propaganda nenhuma.

E, como eu gosto muito de artistas que não são tão conhecidos, a propaganda acho que me incomoda menos.

Entrevistador:

Legal! O que mais posso explorar aqui? Você é usuário de rede social?

Ou costuma acessar determinados sites para se informar sobre música? Caso você seja usuário de rede social, você costuma interagir ou postar conteúdos relacionados à música?

Frederico:

Eu tenho o Facebook e o Instagram. Não vou além disso, não. Mas uso bastante os dois.

Eu, eventualmente, não com tanta frequência quanto outros amigos que vejo que estão sempre colocando, mas, eventualmente, publico clipes ou coisas de música que acho interessante e que gosto, mas que gostaria que outras pessoas conhecessem. Principalmente coisas que não sejam muito conhecidas. Porque ficar compartilhando coisas que todo mundo ouve, que todo mundo sabe que existem, acho que é desnecessário isso.

Já tem suficiente aí na rede para ouvir. Mas às vezes eu descubro gravações ou coisas bem antigas que são pouco conhecidas, ou às vezes até um artista contemporâneo também não muito conhecido, e eu compartilho com as pessoas. Mas não é tão frequente, porque eu utilizo mais as redes sociais para divulgar o meu trabalho pessoal, que não é de música, é um trabalho visual.

Então eu não gosto também de dividir muito os meus espaços de rede social com outras informações que não sejam o meu trabalho. Isso não se dispersa muito também. Mas, eventualmente, eu coloco, sim, porque acho que vale a pena, principalmente quando são informações musicais que não são tão conhecidas, não são tão populares.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar, então. Você comentou que, quando você trabalha, quando você está escrevendo, a música te dispersa um pouco, pelo que eu entendi.

Frederico:

Totalmente.

Entrevistador:

A música se encaixa no seu dia a dia, na sua rotina? Ela te ajuda a desempenhar tarefas? Ou não?

Frederico:

Eu acho que a música cria um ambiente, dependendo do que eu estou fazendo. Se eu estou trabalhando no computador com fotografias, eu gosto de uma música que me abraça, que me acalante. Aquele momento em relação àquilo que eu estou fazendo.

Ou seja, aquele trabalho... Por exemplo, na época em que eu estava fazendo um livro sobre cangaço, em que eu tinha muitas fotografias desse tema, eu gostava de ouvir músicas relacionadas a esse assunto. Agora estou fazendo um livro sobre samba, então eu gosto de ouvir samba também, porque o samba parece que está ali, nesse momento, saindo daquelas fotografias, ele está se comunicando comigo como um filme, em que você tem a linguagem visual associada à música.

Quando estou em casa, fazendo outras coisas, arrumando a casa, mexendo em coisas, aí eu sou mais aberto a momentos de espírito meus, em que eu quero ouvir determinada coisa. Então não tem tanto... Eu sou muito eclético, no meu gosto, vai de música clássica, jazz, samba, música sertaneja, não o sertanejo contemporâneo, que esse me enche o saco, mas músicas do interior, que têm essa origem sertaneja, mais clássicas, talvez.

Eu gosto bastante de rock também, até música eletrônica também, alguma coisa que eu gosto bastante também. Música africana, eu tenho uma coleção grande de música africana, música caribenha, latino-americana, é bem diversificado. Gosto de música clássica também, música brasileira, música cantada, eu gosto muito de ouvir a voz de quem canta.

Entrevistador:

Bacana. Pelo que eu estou percebendo, a sua forma de ouvir música, parece que você está sempre no controle da experiência, parece não precisar ou não querer entregar muito para a inteligência artificial selecionar o repertório para você. Você acha que o que eu estou falando faz sentido?

Sim, total.

Frederico:

Eu acho que isso é bom e é ruim. É bom no sentido de que eu mantenho o meu gosto como protagonista das minhas decisões. Eu estou, na verdade, ouvindo música que me agrada, eu tenho uma consciência sobre aquilo que me toca especialmente.

É ruim no sentido de que eu limito mais as minhas informações recentes sobre o que se produz no mundo, porque se você está mais aberto a uma coisa mais aleatória, de repente você percebe coisas que você não conhecia, tem contato com coisas novas de forma até involuntária. E como eu estou sempre eu próprio elegendo o que me interessa, eu acho que acabo limitando muito ao que eu já conheço. Então, acho que é bom e é ruim.

Entrevistador:

Agora, eu queria tentar entrar numa seara que é sobre um tipo de experiência específico de música, de audição de música, que é aquele momento em que a audição musical ganha um protagonismo. Você se vê experimentando esses momentos, se você se vê experimentando, você percebe que esses momentos hoje, eles acontecem com maior intensidade, com maior frequência do que antigamente ou vice-versa?

Frederico:

Olha, eu acho que talvez no passado, embora no meu passado não houvesse tanta informação, como através da internet principalmente, em que a gente tem acesso a tanta, a uma diversidade muito grande de informações, no caso da música principalmente. Eu era mais curioso, eu como viajava muito, eu comprava muito disco fora do Brasil, trazia, o Brasil não tinha tanta acesso a principalmente discos importados, e eu trazia muita coisa, isso era uma coisa que eu reconheço como era um diferencial meu em relação aos meus amigos. Eu tinha uma informação, uma cultura musical internacional diferenciada.

Hoje, como existe esse acesso muito forte da presença da internet, de disponibilizar informações, músicas de todo tipo do mundo inteiro, eu vejo que as pessoas mais jovens hoje são muito mais informadas do que se passa hoje no mundo que eu nesse momento. Por exemplo, meu filho tem uma relação muito grande com a música, morava em Nova York, trabalha com isso, e isso fez com que eu também passasse a ter muita informação de uma música contemporânea, que eu a princípio não tinha tanto interesse, mas que através dele eu passei a descobrir coisas muito interessantes. É uma fonte de informação muito forte para mim, uma referência forte de informação.

E aí tem a ver pelo lado do convívio familiar. Mas eu não sou uma pessoa de ficar buscando na internet coisas novas. Até porque eu acho que eu sou muito, o meu tempo é muito dedicado ao meu trabalho.

Então, o meu trabalho, como é um trabalho visual, eu não fico buscando tanto essas coisas novas, mas eu sou sempre aberto a ouvir. Eu não sou uma pessoa que cria resistências e preconceitos, não. É claro, tem coisas que eu não gosto, tem coisas que a princípio não me tocam.

Quando eu falei, por exemplo, do sertanejo chamado universitário, sertanejo pop, dessa cultura de massas industrializada, isso eu não gosto, não. Embora eu, por exemplo, viajando lá pela Amazônia, pelos interiores do Brasil, muitas vezes ouvindo lá o Chitãozinho, o Xororó, aquela coisa, aquilo era tão verdadeiro ali naquele ambiente, naquele contexto social ali, que aquilo até me emocionava, dentro daquele contexto. Eu aqui não ouviria nunca esse tipo de música, não me agrada.

Mas ali naquele ambiente, dentro daquele contexto, é como um fundo musical daquilo ali. E aquilo tem tudo a ver. Assim como, por exemplo, num cabaré, Roberto Carlos.

Tem tudo a ver, é o ambiente que tem aquela energia, a música faz parte daquele contexto. Mas não são coisas que eu ouço, eu não tenho um disco de Roberto Carlos em casa, pra ter uma ideia. Não que eu não goste, eu acho legal e tudo, não tenho tanta simpatia por ele, mas a música dele eu acho legal, eu gosto.

Mas não tem em casa, não é uma coisa que eu colecionaria, quer dizer, que eu guardaria na minha casa. Assim como essas músicas sertanejas também não, essas sertanejas contemporâneas. Mas dependendo do momento em que eu estou, aonde eu estou e tudo, a música pode fazer sentido pra mim, não me incomoda.

Posso estar num baile funk e o funk ali é uma coisa que tem tudo a ver com aquele ambiente, com aquela energia, com tudo aquilo ali. Mas eu na minha casa não ouviria, teria um disco de funk, eu próprio.

Entrevistador:

Sim. Frederico, cara, com isso a gente conclui aqui a nossa entrevista. Queria te agradecer mais uma vez.

Vou encerrar aqui a gravação.

Giovanna DeLucca

Escolaridade: graduação

Ocupação: designer

Nascimento: 31/08/1997

Idade: 26

Entrevistador:

Legal. Então, nossa entrevista aqui está associada à minha pesquisa de doutorado, que investiga a experiência das pessoas que se identificam com o interesse acima da média em música, que são fãs de música, aficionados. E a gente quer investigar isso porque alguns autores identificam que existe uma espécie de funcionalização da escuta musical, que é a música servindo para cumprimento de tarefas, e pouca gente está realmente escutando música como aquilo, como uma atividade em primeiro plano.

Então, essa foi a motivação do desenvolvimento dessa minha pesquisa de doutorado. Então, a nossa pesquisa, ela está... A nossa pesquisa não.

A nossa entrevista, ela tem três blocos. No primeiro bloco, a gente fala sobre a sua relação pessoal com música. Segundo, a gente vai tentar mapear um pouquinho dos seus hábitos de audição.

E no final, conforme for, a gente vai falar sobre um tipo de experiência específica que a gente está mais detidamente interessado.

Giovanna:

Muito bom.

Entrevistador:

Então, qual a importância da música para a sua vida, se eu puder dizer assim, com as suas palavras?

Giovanna:

É meio emocionante até, porque eu acho que sem música, a minha vida seria completamente diferente, eu não sei. Eu acho que é uma dimensão existencial, assim, nesse nível.

Entrevistador:

Entendi. Então, você diria que a música te ajuda a formar sua identidade como pessoa, assim?

Giovanna:

Com certeza, sem dúvida nenhuma. Tipo, constitutiva, assim.

Entrevistador:

Bacana. Você está com... Você, de 97, está com 26 anos.

Você, tendo 26 anos, você deve ter pegado o finalzinho da época do CD, não é? Sim, super. Como suporte principal, depois pegou aquelas atividades de download, na virada do século.

E aí, depois, as plataformas de *streaming*. Você consegue me contar um pouquinho como é que, para você, foi ter vivenciado essas transições? Especialmente no que diz respeito à sua experiência como ouvinte.

Giovanna:

Sim, claro. Não, então, eu lembro que, bem, quando eu era bem novinha, minhas primeiras memórias tinham muito CD mesmo, de carro. Levar viagem, aqueles CDs para ouvir.

Eu lembro que tinha aquele Discman também, que você colocava o CD no disco e ficava ouvindo no seu *headphone*, assim, no seu fone. E aí tinha aqueles próprios estojos de CD também, para você carregar com você vários.

Entrevistador:

Sim.

Giovanna:

Mas, enfim, eu também lembro muito do computador já sendo um recurso de ouvir música. E, enfim, meus irmãos tinham um computador no quarto deles, que eles tinham várias músicas baixadas, assim. Não sei, não tinha contado direito de como eles baixavam.

Então, mas eu ouvia muito música no computador deles, muita música no YouTube também. Quando, aí, eu não baixava, mas eu ouvia no YouTube. E, como eu era meio avessa tecnologia, assim, também desde pequena, hoje em dia eu sou designer, não funciona mais você ser tão avessa, mas, quando eu era pequena, eu não curtia muito ficar investigando como baixar música ou não.

Daí eu ficava, às vezes, quando eu queria muito gravar uma música, tinha um mp3zinho. Quando não tinha uma música já baixada no computador dos meus irmãos, às vezes eu gravava no meu mp3 um som, tipo, sei lá, estou escutando uma música no YouTube, eu gravava no mp3 para ter aquilo registrado sem ter que baixar, porque eu não me interessava por baixar. Mas, enfim, aos poucos, foi se transformando.

Tive que aprender a baixar música e, hoje em dia, tem o Spotify, enfim.

Entrevistador:

O Spotify, se você viveu sua vida inteira no Brasil, ele é uma ferramenta que está disponível até em pouco tempo, desde 2015. Você é assinante desde quando da plataforma de *streaming*? Se é que você está assumindo que você é assinante, mas não sei.

Giovanna:

Engraçado, eu estava pensando sobre várias das perguntas que você está fazendo hoje, provavelmente inconscientemente, porque eu sabia que a gente ia fazer essa entrevista. Eu já fui assinante do Spotify, hoje em dia eu não sou mais, por um simples motivo, não aceita o meu cartão, por algum motivo, eu teria que vir no banco, por quê? Mas, porque eu não aceito, eu não fui aceita e não consigo pagar, eu fico ouvindo como, enfim, não assinante.

E, hoje mesmo, eu estava ouvindo e eu fui notando o quanto a empresa, enfim, as decisões de quem estabelece lá as regras, fazem com que as pessoas queiram muito assinar, porque você recebe anúncio o tempo inteiro e, ou, você tem um limite muito pequeno de quantas músicas você pode escolher por dia, então, a partir de, sei lá, 3 músicas que você escolhe, eles já escolhem por você e eles quase te expulsam da plataforma por ser tão insuportável você estar lá sem ser assinante.

E, além de tudo, tem vários amigos músicos que falam quanto o Spotify realmente não remunera bem. Então, acaba que fica uma decisão política ver se assinar ou não, mas, hoje em dia, não é nem por uma decisão política que eu não assino, mas poderia ser também, mas, por acaso, não é.

Entrevistador:

Você se lembra qual é a... Você tem recordação das suas primeiras audições de música?

Giovanna:

As primeiras audições de música... Eu tenho muitas referências, assim, dos meus pais, tipo, eu sempre escutei muito MPB por causa da minha mãe, a gente ouvia muito 90,3 MPB FM, que era um rádio que eu acho que não existe mais, mas a gente ouvia muito e, aí, muito... Eu tenho vinil aqui também e acaba que foi também possível ouvir algumas músicas porque tinha uns vinis já comprados, assim, em casa, então a gente botava pra tocar muitos vinis do Caetano, do Milton, da Gal Costa, então, essas primeiras referências do MPB, um pouquinho de jazz e de música clássica por causa do meu pai e muita música popular mais recente, assim, do que esses Caetano, né, Tropicália e tal, por causa dos meus irmãos que ouviam, sei lá, um rock um pouquinho mais recente, rock pop, né, tipo Skank, Paralamas do Sucesso e, aí, foi um pouquinho mais pra frente, mas acho que essas foram as primeiras, assim, as primeiras referências.

Entrevistador:

Na sua casa, tem produtos com temas musicais? Você é consumidora desse tipo de produto? Você costuma comprar camisetas, comprar livros com esse tema?

Giovanna:

Não, acho que se eu tiver, é muito específico, tipo, não é um, não tem, não, tipo, coisa dos Beatles, eu sou meio avesso, assim, essa estática, mas, por mais que eu goste da música, enfim.

Entrevistador:

Entendi. Você tem ou teve, de alguma maneira, hábito de colecionar discos? Você falou que na sua casa tem disco, né, mas você tinha esse hábito ou tem ainda?

Giovanna:

Não, não, é muito, porque eu já tinha mesmo, e eu, tipo, no pouquíssimo tempo da vida, tinha o hábito de comprar CD, mas, aí, também foi muito específico, muito pontual, assim.

Entrevistador:

Você ouve disco, hoje em dia, ou vinil, ou CD?

Giovanna:

Ouço CD menos, porque, por incrível que pareça, ouço mais vinil, porque tem o aparelho próprio para vinil, hoje em dia, eu não tenho o aparelho mais de CD, e tem poucos computadores, né, coisa e tal, que tem, hoje em dia, né, para colocar, então, CD nem muito, vinil sim, sim.

Entrevistador:

E, aí, você consegue estabelecer uma comparação entre a audição do vinil com as plataformas de *streaming*? Você consegue fazer algum tipo de comparativo?

Giovanna:

Ah, tem, você disse só tecnicamente auditivo, ou, tipo, em geral, assim, experiência?

Entrevistador:

Como você achar que é válido?

Giovanna:

Ah, eu acho que o vinil, ele é completamente diferente, porque você, primeiro que é uma experiência mais coletiva, se você estiver em casa com alguém, as pessoas estarão ouvindo, né? E eu acho que tem uma coisa meio ritualística também, né, porque você vai, escolhe, aí você abre a caixa, aí você, tipo, limpa o vinil, aí pega agulha, coloca, e aí tem todo o cuidado de colocar no início, se você quiser ouvir o disco desde o início, e aí depois você tem que tirar e virar ele ao avesso, para ir para o lado B ou lado A, para onde você tiver começado. Então, eu acho que tem uma coisa, e além disso, eu acho que tem uma coisa muito gostosa do vinil, que é esse barulhinho de chiado, sabe?

Entrevistador:

Ah, é? Você gosta?

Giovanna:

É, eu acho que é super charmoso, e provavelmente o som, tem milhões de coisas técnicas que eu não vou saber, mas deve ser muito diferente, né? Porque é um formato maior, enfim, é analógico, eu não sei nem como funciona você colocar a música num objeto, num objeto físico, material, né? Mas eu imagino que tecnicamente deve ter milhões de diferenças, então eu não saberia dizer assim só de escutar.

Mas eu noto essas, e eu acho que você ouvir música no seu fone de ouvido com aparelho digital é uma experiência mais individual, e aí você pode combinar ela com... A tendência, às vezes, é você combinar ela com outras tarefas, né? Tipo, lavar louça, escutar um negócio no seu fone.

Entrevistador:

Entendi. Você, na internet, você segue artistas, você publica conteúdos relacionados à música? Consegue me contar um pouquinho como é a sua persona na internet com relação a esse tema, especificamente?

Giovanna:

Sim, super. Eu tenho o Instagram, e muitas vezes eu mostro o que eu tô ouvindo. Eu tiro uma foto, coloco no *stories*, aí coloco uma música por cima que eu acho que tem a ver com a imagem que eu tirei.

Enfim, tô ouvindo no Spotify, tem aquele modo de compartilhar no Instagram que você tá ouvindo no Spotify. Hoje mesmo eu fiz isso, tava ouvindo uma música, quis compartilhar. Porque eu acho que tem a ver com essa questão da identidade mesmo, de quem você é.

Como você coloca uma foto do seu rosto, você mostra ali seus hábitos de consumo artístico, seja lá o que for. Então eu acho que, com certeza, o Instagram, que é a ferramenta social que eu mais uso, eu demonstro realmente o meu gosto musical.

Entrevistador:

Entendi. Você já se pegou, seguindo um determinado artista, algum lançamento desse artista? Que começa lá na rede social, ele lança uma obra, você vai lá e

escuta aquela música, depois ele faz algum tipo de hype sobre aquele momento, depois ele lança o disco.

Você já se pegou passando por isso?

Giovanna:

Já, super. Nossa, é muito normal que artistas atuais, que sejam contemporâneos, os que eu gosto eu siga, de fato. E fique acompanhando essa trajetória mesmo.

Então, há pouquíssimo tempo atrás, foi isso. Eu fui pra um show de um artista e, enfim, comecei a seguir ele no Instagram ali na hora mesmo do show. E aí ele foi compartilhando coisas do show e do disco e eu já fui seguindo ele no Spotify.

Então, é um super caminho, super.

Entrevistador:

Entendi. Vamos falar um pouquinho agora dos seus hábitos de audição. Queria saber se você consegue me descrever como é que a música se encaixa no seu dia a dia.

Giovanna:

Cara, eu ouço música o tempo inteiro. Menos quando eu tô com alguém, enfim, e a pessoa não quer ouvir, e é isso. Ou quando eu tô estudando.

Meio que é mais fácil falar com os momentos que eu não tô ouvindo, assim. Mas, enfim, se eu tiver que dizer os que eu tô, Pô, pegando um ônibus, me locomovendo de um lugar pro outro. Dando uma volta na rua, sei lá, preso no mercado, tô ouvindo.

Lavando a louça, tô ouvindo. Tomando banho, tô ouvindo. Eu tô ouvindo o tempo todo, assim.

Só não ouço quando fisicamente eu não posso ouvir. Ou quando eu tô assistindo uma aula, tô em uma conversa, enfim.

Entrevistador:

Então, você diria que a música te ajuda a desempenhar determinadas tarefas do seu dia a dia?

Giovanna:

Muito, sim.

Entrevistador:

De alguma maneira você vê a música, digamos assim, você se vê usando, no caso, a plataforma de *streaming* como uma espécie de trilha sonora da sua vida?

Giovanna:

Sim, pode acontecer. Mas não necessariamente... Porque eu acho que tem esses momentos que você tá, sei lá, pegando um ônibus, ouvindo aquela música e parece que você tá num videoclipe.

Mas, assim, tem outros momentos que a música não é sobre, tipo, talvez a sua projeção da sua imagem. Talvez mais como uma coisa que te... Tipo, por exemplo, eu trabalho com design, né?

Então, quando eu não tô estudando, eu tô trabalhando, enfim, obrigações. E aí, tipo, com design, às vezes você tem que fazer alguma coisa muito imagética e muito visual. Montar um site, montar uma página de livro.

E aí, muitas vezes, eu escutando uma música, fazendo o meu trabalho, eu não me imagino num videoclipe fazendo isso. Porque eu tô trabalhando, não é muito romântico. Mas, tipo, muitas vezes isso potencializa a minha criatividade.

Então, eu acho que ela pode vir pra esse lugar. Tanto de você num filme, quanto também pra um lugar de ela ser um motor, sabe, menos secundário e mais, tipo, ali do teu lado mesmo, assim.

Entrevistador:

Entendi. Você escuta música, basicamente, pela plataforma de *streaming*? Você falou que ouve também um pouco de vinil, né?

Giovanna:

Ah, eu meio que ouço no YouTube muito também. Por mais que tenha essa dificuldade do YouTube de você não poder bloquear o celular. Acaba que porque eu assino o Spotify, eu fico vendo no YouTube muitas vezes, porque eu tenho mais liberdade pra escolher.

Mas, sim, eu gosto de ouvir no vinil, às vezes. Eu monto muita *playlist* também. Que, enfim, também ajuda.

Pode ser no YouTube, pode ser no Spotify. Eu gosto muito de ouvir show também. Então, ficar vendo a pessoa tocar também é uma maneira de escutar pra mim, assim.

Não só ouvir.

Entrevistador:

Agora, deixa eu te perguntar. Você costuma ouvir mais álbuns, *playlists*, músicas isoladas? Como é que é a sua prática?

Giovanna:

Ela muda muito, assim. Eu acho que a tendência hoje em dia tem muito a ver com a cultura também, né? Acho que hoje em dia a gente está numa época em que a gente busca muito os imediatismos, né?

Muitos artistas também lançando single e tal. Então, a música como um objeto... Uma música sendo um objeto que se finaliza em si mesma, eu acho que é uma maneira muito contemporânea de ouvir.

Mas eu tento... Eu estou me forçando um pouco a criar o hábito de escutar o álbum mesmo. Porque eu acho que tem toda uma narrativa, né?

E essa coisa da não completude em si em uma música. Tem uma história que está sendo contada. Tem uma ordem também.

Então, eu ouço muito... Estou tentando ouvir mais álbuns inteiros. Por mais que não seja muito fácil.

Porque às vezes você gosta mais de uma música do que de outra. Então, ficar ouvindo o álbum inteiro não é tão simples. Mas eu quero criar mais esse hábito.

Eu gosto muito de criar *playlists* também. Está sendo uma coisa para mim. Porque você vai descobrindo uma música aqui e outra ali.

E a vontade, às vezes, é de você unir elas. Porque elas têm uma sintonia, às vezes, energética. Sei lá.

Parecida. E você vai e engloba dentro de um pacote. Que é a sua *playlist*.

Gosto muito de pedir *playlist* para os meus amigos também. Tipo, você poderia fazer... Outro dia mesmo, um amigo meu estava me contando...

Eu tenho vários amigos músicos. Então, um deles estava me contando sobre... Ele estava botando...

A gente estava em uma festa. E ele estava botando várias cantoras que são da Grã-Bretanha. E ele estava falando...

Não, é engraçado. Porque essas cantoras têm em comum esse vocal. Aí eu falei...

Pô, que legal. Você pode fazer uma *playlist* para mim desse perfil? E aí ele foi lá e fez.

É muito maneiro. Então, às vezes, eu peço também para as pessoas irem fazendo essas colagens.

Entrevistador:

Legal. Você falou que gosta de criar *playlist*. As *playlists* que você cria, você cria para si própria?

Ou você cria essas *playlists* e gosta de compartilhar com os amigos? Como é isso?

Giovanna:

Eu gosto de compartilhar. Normalmente, eu acho que é mais para isso mesmo. É para mostrar um pouco o que eu estou ouvindo.

E mostrar. Eu fiz algumas recentemente que eu pedi para as pessoas. Às vezes, eu até pedi para as pessoas contribuírem.

Não só você fechar as suas ideias.

Entrevistador:

Tem que ser colaborativas?

Giovanna:

É, às vezes. Às vezes, não. Por exemplo, outro dia mesmo eu fiz uma *playlist* das minhas músicas preferidas dos Beatles.

Aí é difícil você pedir para uma pessoa colaborar porque você está fechando... A ideia tem a ver com a sua opinião. Só que nessa que eu fiz, outras pessoas se animaram a fazer também as delas.

E a gente fez várias *playlists*. Cada uma com uma pessoa com um gosto. Mas com o mesmo tema.

Entrevistador:

Bacana. Você falou uma coisa interessante sobre a narrativa do álbum. Quando eu te perguntei sobre a sua experiência com você seguir um artista.

Se o artista vai lançar um álbum. Possivelmente ele vai criar uma rotina para preparar o lançamento desse álbum. E talvez ele lance uma ou duas músicas antes.

E isso talvez seria uma maneira de você criar também uma narrativa de uma forma análoga do álbum. Você acha que dá para contar essas duas coisas? O que você pensa sobre isso?

Giovanna:

Calma. Quando um artista lança uma música para se promover... Eu não entendi o primeiro caso sem ser o do álbum.

Entrevistador:

Pensa o seguinte. O álbum é uma narrativa no seguinte sentido. Ele não só tem uma estrutura musical.

E como você falou, tem uma ordem pensada de acordo com uma determinada experiência que o artista pensou. Mas também ele tem uma coerência visual. Ele é um pacote fechado.

Ele não só serve como um suporte de códigos, narrativas, ideias, estilos, estética e tal. Como também serve como um suporte para o andamento da própria experiência. Aí pensa, como isso acontece hoje?

Será que isso acontece através de uma identidade visual do artista? Que aí ele vai estruturando aquilo... Ou até aliás, no caso do álbum, também está vinculado de alguma maneira ao artista.

E aquilo vai redundando, desaguando naquele lançamento digital. Que aí já não tem mais suporte. O suporte visual é muito pequeno.

É quase irrisório. Por isso que eu gostaria desse pensamento.

Giovanna:

Pode ser assim. Hoje em dia, eu fico pensando nos artistas que eu sigo. Você já vai pescando nessa narrativa talvez por outras coisas que não um pacote de um álbum com 15 músicas.

Pode ser parcerias que ele está fazendo. Você vai entendendo um pouco em que temperatura da água ele está. Se ele se apresentou junto com um artista, ele abriu o show para alguém.

Ou alguém abriu o show dele. Enfim, eu acho que vem vindo uma... E eu acho também que a narrativa não vem só da música e sim de tudo que vem com ela.

Por exemplo, esteticamente. Tem umas entregas estéticas. Se a pessoa está indo por uma tendência estética X ou Y.

Hoje em dia, está rolando muito esse saudosismo para os anos 2000. Por exemplo, ir por esse caminho. Você já está escolhendo quais vão ser as referências que vão impregnar naquele imaginário daqueles fãs.

Acho que tem esse suporte visual. O Instagram serve muito bem para isso. Para ir dando essas dicas.

Entrevistador:

E você lembrou também do Tiny Desk Concert. O Tiny Desk Concert é um exemplo de um novo formato. Que são esses shows ao vivo gravados com uma qualidade boa.

Como você descreveu que gosta de ver shows ao vivo no YouTube. Esse é um novo formato de audição. Também tem toda uma produção, uma estética que é explorada ali.

De alguma maneira, aquilo acaba servindo para a condução daquela experiência auditiva. Assistindo especificamente. Quando você citou ouvir música no YouTube, você pensou em que exatamente?

Giovanna:

Quando eu era pequena ou hoje em dia?

Entrevistador:

Você falou agora há pouco.

Giovanna:

Agora? Ah, tá. O que eu venho ouvindo no YouTube?

Entrevistador:

O que você escuta? O que te lembra, na verdade? Qual foi a sua referência quando você lembrou disso?

Giovanna:

Agora há pouco mesmo. Eu estava voltando de uma consulta e abri o YouTube para escolher. Tem algumas músicas, por exemplo, que não tem no Spotify, que tem no YouTube.

Eu não sei porquê exatamente. Mas eu agora mesmo estava ouvindo e enviei para uma amiga. Uma música que é do Jeff Buckley com a Elisabeth Fraser.

Ela é ótima. Ela é uma pessoa completamente diferente. É uma música que eles cantam juntos, que não é de nenhum deles.

Que é All Flowers in Time Bend Toward the Sun. Eu estava ouvindo ela e notei que essa música só tem no YouTube. Se eu catar ela no Spotify, vai vir com nomes de outros cantores, outras interpretações.

Eu acho que tem um pouco a ver com isso. Um pouco desses achados. O YouTube já está aí há muito mais tempo que o Spotify.

Que tem lá e que você pode retornar.

Entrevistador:

E tem muita coisa pirata também. Até no Spotify porque simplesmente não tem direito autoral.

Giovanna:

Exatamente.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar. Eu estou entendendo que você escuta a música pela plataforma de *streaming*. Você está falando...

Tem. O YouTube não deixa de ser também uma plataforma de *streaming*. Total.

Você confia no algoritmo para selecionar o repertório? Como é essa prática?

Giovanna:

Cara, o YouTube tem um problema nesse sentido que ele não renova. Pelo menos a minha experiência é essa. Não sei se eu tenho propriedade suficiente para falar.

Em músicas, o que vem de sugestão são músicas que você já está ouvindo e pode repetir. Para mim, pelo menos. Então, para eu procurar coisas no YouTube específicas que eu quero começar a ouvir, eu tenho que realmente procurar, parar e sentar e procurar.

Porque não me vem de imediato. Mas o Spotify vem com essas músicas sugeridas o tempo todo.

Entrevistador:

Você não paga o Spotify recentemente?

Giovanna:

Recentemente eu não tenho... Mas mesmo quando você paga, quando acaba um álbum, um disco, ou quando você acaba uma *playlist*, ele vem com as músicas sugeridas a partir daquilo. Eu acho muito bom, eu acho que tem muito a ver mesmo com o que você está ouvindo. Muitas vezes você conhece gente nova assim mesmo. As pessoas gostam muito de falar isso, que elas gostam do Spotify nesse sentido, porque elas vão encaminhando artistas novos.

E tem aquele mix, sei lá, eles fazem um mix para você, uma coisa assim, que é tipo... Músicas, eu acho que é meio inteligente isso, porque eles mexem com músicas que você conhece, porque eles sabem que você já ouviu, com outras que você não conhece, e que tem, por algum motivo, que eles detectam a ver. Não sei se tem a ver com o movimento de música, bandas que dialogam, porque talvez estivessem da mesma época, do mesmo lugar, enfim, se conhecessem, pessoas que se conhecem.

Não sei. Então eu acho que o Spotify tende a mandar muito melhor nesse sentido que o YouTube, para a música especificamente. Até porque o YouTube não é uma plataforma de música.

Especificamente, uma plataforma de vídeo.

Entrevistador:

Certo. Quando você vai ouvir música, você sempre costuma saber o que vai escutar?

Giovanna:

Não, muitas vezes eu vou meio aberta.

Entrevistador:

E aí você costuma experimentar um congelamento no momento da decisão, por acaso?

Giovanna:

Muitas vezes. Muitas vezes.

Entrevistador:

Como é que você supera isso?

Giovanna:

É meio difícil. Eu acho que você tem que aceitar um pouco. Às vezes você dá uma *vibe* muito certa, tipo, eu quero uma música animada, ou eu quero uma música mais reflexiva, e tal.

Mas é difícil. Às vezes você fica, ah, não, essa daqui não, essa daqui não, essa daqui não. Mas eu acho que é um pouco de você começar a ouvir.

Aí quando você começa a ouvir, dá o play, mesmo com um pouco de resistência, você vai entrando um pouco na onda da música, etc. Ela vai te convencendo, de alguma forma.

Entrevistador:

Entendi. Cara, então, olha só. Vamos tentar falar um pouquinho sobre um tipo de experiência que é o que a gente chama aqui de um protagonismo da audição.

Aquele momento em que você está com a sua atenção mais voltada para ouvir música mesmo. Você se vê experimentando isso?

Giovanna:

Eu acho que, assim, eu acho que é um exercício, né? Porque hoje em dia a gente tem a tendência de você fazer mil coisas ao mesmo tempo. Então, normalmente a música estaria acoplada a alguma outra tarefa.

Mas eu gosto, como eu falei, eu gosto muito de ver a performance dos artistas além de ouvi-los. Então, eu gosto muito, às vezes eu paro e precisa de um incentivo para fazer isso. Por exemplo, tem vezes que eu gosto de mostrar para pessoas o que eu estou ouvindo e eu falo, cara, vamos sentar aqui, vamos ver esse negócio aqui rapidinho.

E aí a gente para e vê uma série de vídeos que é de um artista ou vários performando. E nesse momento eu não estou fazendo nada além de ver uma tela de televisão. E eu acho que o vídeo prende também nesse sentido.

Mas teve outro dia mesmo que eu me deparei com a situação que foi... Eu estava muito cansada e o meu Spotify estava rodando, estava dando play e eu não conseguia fazer nada. Eu ficava deitada na cama, não conseguia nem desligar.

E aí o negócio ficou tocando e eu tive essa experiência meio por acaso, de ficar parada só escutando a música. E foi engraçado, porque eu comecei a gostar mais da música a partir disso. Porque eu sempre achei a música que estava tocando conhecida já meio chata.

Quando eu parei para escutar ela sem fazer nada, eu considerei muito mais.

Entrevistador:

Lindi, para você, você acha que a qualidade de áudio é importante para que você tenha esse momento de atenção maior com a música? Ou nem tanto?

Giovanna:

Ah, eu acho que é. É porque eu não sou musicista, então eu não sei se eu vou dar o mesmo valor que alguém que conhece realmente o som de todos os instrumentos que deveriam estar soando. Mas eu acho que quanto melhor a qualidade, mais você tem essa sensibilidade de detectar.

Então eu diria que sim.

Entrevistador:

Você acha que esse momento acontece com menos frequência ou mais frequência hoje em dia do que antigamente? Antes das plataformas de *streaming*, vamos dizer.

Giovanna:

Ah, sim. Por exemplo, agora lembrando da questão dos CDs, tinha esses objetos de escutar CDs, que eu não lembro o nome. CD player.

CD player, que não são portáteis, são de casa mesmo. Eu tinha no meu quarto, durante a minha adolescência, eu até fui meio resistente a abrir mão dele. E aí eu lembro de momentos em que eu estava parada escutando ele, só eu, ele e a gente no meu quarto.

Então eu acho que sim, eu acho que os *streamings* te levam a colocar o celular no bolso e fazer outra coisa, sabe?

Entrevistador:

Entendi. Agora, a última pergunta aqui da entrevista, quando esse momento acontece, sobre o qual estamos falando agora, como é que a música mexe com você pessoalmente? Você costuma se arrepiar?

Você costuma cantar junto, bater? Como é essa relação com o corpo?

Giovanna:

Eu acho que é bem unida o corpo com o som. Eu acho que rola muito de se arrepiar, rola de chorar, rola de dançar, super. Acho que é bem conectado.

Entrevistador:

Super obrigado, Clarissa. E boa sorte no mestrado. Se precisar de alguma coisa, me fala aí, se eu puder ajudar.

Giovanna:

Tá bom, beleza.

Gustavo Lubiano

Escolaridade: ensino médio

Ocupação: estudante

Nascimento: 14/06/2005

Idade: 18

Entrevistador:

Então, Gustavo, é o seguinte, essa entrevista aqui, normalmente ela leva cerca de meia hora, ela é dividida em três blocos, basicamente. Primeiro, a gente vai tentar falar um pouquinho sobre a sua relação com música. O seguinte, a gente vai tentar mapear, de alguma maneira, os seus hábitos de audição musical.

No final, a gente vai buscar falar sobre um tipo de experiência que a gente está mais centralmente interessado, tá bom? Tá bom. Como é que você definiria a importância da música para a sua vida?

Você acha que, de alguma maneira, ela te ajuda a definir quem você é?

Gustavo:

Para mim, a música é tudo, ainda mais eu que gosto de produzir música. Acho que música me dá uma direção na minha rotina, faz muito parte da minha vida. É muito presente.

Eu dou muita importância para a música, até de moldar a personalidade mesmo.

Entrevistador:

Você se vê vinculado a um estilo específico de música? Do ponto de vista de seus interesses com relação a gêneros, você se vê mais próximo de algum gênero do que outro? Como é que é essa questão estilística?

Gustavo:

Cara, eu não tenho muita definição do que eu ouço. Eu ouço um pouco de tudo, mas eu realmente tenho gêneros que me atraem mais e que me atraem menos. Mas eu acho que seria mais fácil dizer os estilos de músicas que me atraem menos do que falar os que me atraem mais, porque eu falaria desde reggae até heavy metal, até samba, músicas diferentes, mas que, na minha cabeça, vêm do mesmo lugar.

Vêm do mesmo lugar de paixão por música mesmo. Mas eu comecei a gostar de música de verdade ouvindo rock. Por causa da minha criação, eu comecei a gostar de música ouvindo rock.

Eu tinha mais acesso. Tinha muito acesso também à música brasileira. Eu ouvia muito samba quando eu era criança, mas nunca tive...

Mesmo quando eu escutava mais rock, nunca tive preconceito de gênero musical. Me via muito próximo do rock e ainda sou muito próximo do rock. Tenho uma intimidade com o rock grande, mas já passei por várias fases de escutar coisas diferentes que me agradam tão quanto.

Eu acho que o conceito de música boa é um conceito um pouco abstrato. A gente pode dizer que músicas de estilos totalmente diferentes são boas.

Entrevistador:

Legal. Você acha que a música, para você, acaba sendo uma espécie de herança familiar, Gustavo?

Gustavo:

Com certeza. Muitas das coisas que eu ouço vieram da minha família. Pessoalmente, meu pai sendo músico profissional, isso trouxe muita proximidade entre eu e a música.

E minha mãe, pelo lado da minha mãe, sempre tinha... Domingo era dia de samba e ela ouvia desde Led até Arlindo Cruz. E coisas estranhas.

E eu acho que eu, com certeza, parti disso. Esse foi o meu começo. Eu acho que eu não teria a mesma bagagem.

Eu acho que eu teria o mesmo interesse por música, mas a bagagem de músicas que eu já conhecia com eles era muito grande.

Entrevistador:

Bacana. Gustavo, você está com quantos anos? Está com 18?

Gustavo:

Com 18.

Entrevistador:

Você se lembra de uma época em que as plataformas de *streaming*, tipo Spotify e congêneres, não existiam?

Gustavo:

Eu lembro vagamente, mas antes das plataformas de *streaming*, eu, quando era criança, já tinha acesso a computador, não tinha acesso a celular logo de imediato. Fui ter o primeiro celular com 12, eu acho. Mas na minha infância, eu lembro de acessar muita coisa pelo YouTube.

E o YouTube, eu acho que até hoje, é uma ferramenta incrível para ouvir música e para descobrir música, show, vídeos antigos, vídeos de três, quatro, cinco décadas atrás. Meu pai sempre teve muito CD, eu sempre gostei muito de ouvir os CDs dele. Eu ouvia muito CD e DVD quando eu era muito criança.

E aí, depois, comecei a ouvir música pelo YouTube. E eu acho que só tive contato com as plataformas de *streaming* quando fui ter meu primeiro celular mesmo.

Entrevistador:

A partir dos 12 anos e tal, né?

Gustavo:

11, 12 anos.

Entrevistador:

Sim. Você é assinante? Você assina alguma das plataformas?

Ou então você usa alguma assinatura familiar e tal? Ou você usa assinatura gratuita mesmo?

Gustavo:

Eu uso uma assinatura familiar paga do Spotify. E uso, talvez, o aplicativo que eu mais uso. Depois do WhatsApp, talvez.

Entrevistador:

Você tem o hábito de colecionar disco de alguma maneira?

Gustavo:

Sim, eu comecei a colecionar disco acho que de dois anos para cá, ou um ano e meio. Mas é uma coisa recente que veio muito por causa da minha, talvez, até obsessão por música, né? E aí coleciono vinil e CDs.

Coleção de CDs, eu já tinha muita coisa do meu pai e da minha mãe. Então eu só fui adicionando, assim. Meu pai tem uns 200 CDs e aí eu vou adicionando a quantidade de CD.

E vinil ele tinha muitos, né? Da época dele, mas ele se desfez de todos. E eu tenho acho que seis vinis.

Entrevistador:

Você escuta os teus vinis?

Gustavo:

Eu escuto. Eu tenho um sistema de som aqui que é ligado no computador. Eu ligo numa caixa que eu comprei para escutar disco.

E eu boto os vinis e escuto. Tem o Scuba Arc, tem o Talking Heads.

Entrevistador:

Legal. Como é a sua atividade na internet com relação à música? Você diria que você costuma compartilhar conteúdos relacionados à música?

Gustavo:

Sim, as minhas redes sociais são...

Entrevistador:

Para além da sua atividade como músico? Estou querendo dizer assim, para você falar...

Gustavo:

Sim, sim. Não, minhas redes sociais são muito ligadas à música. Eu sempre fui de compartilhar música, postar nos *stories*, com músicas de outros artistas.

Só que aí, hoje em dia, no Instagram eu vejo muito vídeo de show, evento e compartilho eventos de outras bandas. E eu falo muito de música no Twitter. Eu falo muito de música.

Eu compartilho muita música no Twitter, falo de bandas. E no Twitter tem uma galera que realmente é uma certa bolha, que fala não das mesmas músicas, dos

mesmos artistas, mas de estilos e de coisas novas. Então o pessoal é bem engajado e eu participo bem ativamente.

Eu compartilho muita música e descubro muita música compartilhada lá.

Entrevistador:

Vou até te seguir depois, Gustavo. Com certeza. Vamos falar um pouquinho dos seus hábitos de audição.

Como é que você vê o seu hábito de audição de música se encaixar na sua rotina? Como é que é isso? Você consegue me descrever?

Gustavo:

Cara, consigo. Eu acordo com vontade de ouvir música. Eu nem sempre acordo e boto uma música.

Mas nas primeiras duas horas do dia eu já ouvi alguma música. É impossível. Acho que nunca fugi essa regra há muitos anos.

Nem lembro mais quando foi a última vez que eu não acordei e nas primeiras duas, três horas do dia não ouvi uma música. Eu ouço música o dia inteiro. Eu gosto de ouvir...

Eu ouço música na escola, na rua, em casa. Eu consumo música audiovisualmente. Vejo filmes sobre música, vejo shows.

Então eu escuto muita música por dia. Eu devo... Acho que eu devo escutar no mínimo umas 50 músicas por dia.

Talvez não todas novas, mas... E podem se repetir, mas eu devo escutar 50 músicas desse jeito no meu dia, com certeza. Aliás, eu tenho uma conta num site que pega todas as suas músicas que você escuta e te diz qual você está mais ouvindo.

É uma coisa que... Só sobre música, né?

Entrevistador:

Qual é o site? Deixa eu anotar.

Gustavo:

É Last.fm Ah, claro.

Entrevistador:

Conheço.

Gustavo:

Então...

Entrevistador:

Legal. Deixa eu te perguntar. Não, desculpa.

Continua.

Gustavo:

Não, claro. É só dizer que eu uso muito o last.fm. Faço colagens com os discos que eu mais ouvi na semana. E foi um negócio que realmente me incentivou a ouvir mais músicas.

Cada semana tem uma grade diferente. Não tem sempre a mesma grade de músicas que você está ouvindo. Dá vontade de circular os estilos.

Não ter artistas novos.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar. Até voltando um pouquinho no bloco anterior, você falou uma coisa que me fez pensar aqui. Qual é a tua motivação para comprar um disco, um vinil ou um CD?

Por que você compra?

Gustavo:

Ah... CD... Eu acho poucos CDs de discos que eu amo de verdade.

Então eu acabo pegando CDs de artistas que eu gosto, que eu acho interessante ou raridades. Coisas que eu não vejo toda hora. Mas vinil...

Vinil eu escolho bem discos que pessoalmente para mim são muito importantes. O valor afetivo de comprar um vinil para mim é lá em cima. Eu ganhei um vinil.

Que é o Taba de Esmeralda, do Jorge Ben Jô. É um disco que eu tenho uma afetividade gigantesca. Eu adoro esse disco.

Todos os discos que eu tenho são discos que eu gosto bastante. São discos que eu já tinha ouvido. Não foram discos que eu achei, não conhecia.

E queria ver como que era. Todos são discos que eu já tinha ouvido e que eu gostava bastante.

Entrevistador:

Quais são esses vinis? Eu fiquei curioso. São seis, né? Que você falou.

Gustavo:

Posso mostrar?

Entrevistador:

Por favor.

Gustavo:

Vamos lá. Eu tenho... Meus Caros Amigos, do Chico Buarque.

Meu disco favorito do Chico. Eu tenho Remain in Light, do Talking Heads.

Entrevistador:

Muito bom.

Gustavo:

Também meu disco favorito do Talking Heads. Eu tenho a Taba de Esmeralda, do Jorge Ben Jô. Vou tentar não demorar muito com isso.

Eu tenho Caetano e Chico, Juntos e Ao Vivo.

Entrevistador:

Bacana.

Gustavo:

Que eu adoro também, maravilhoso. Eu tenho o disco ao vivo do Talking Heads, Stop Making Sense. Um dos melhores discos ao vivo de todos os tempos.

E eu tenho Outlandos D'amour, do Polícia.

Entrevistador:

Bacana.

Gustavo:

E esses são todos que eu tenho. São um, dois, três, quatro, cinco, Vinicius.

Entrevistador:

Legal. Você de alguma maneira... Você acha que...

Vamos dizer assim. Como é que eu vou colocar isso? Você identificou que esses discos têm um aspecto afetivo para você, né?

Você acha que esses discos... Talvez um lado desse aspecto afetivo tenha a ver com a importância cultural que eles têm? Na história da música, vamos dizer assim.

Você acha que vai por aí de alguma maneira?

Gustavo:

Acho, com certeza. Eu acho. Aliás, eu acho que...

Talvez tirando os discos do Chico, eu acho que todos os discos que tem aqui, sem ser os dois do Chico, são revolucionários. Acho que o disco do Chico ao vivo e do Chico no estúdio são ótimos discos, mas não são revolucionários. Acho que todos esses discos são revolucionários.

O primeiro do Police, sabe? Eles criaram um estilo novo de fazer reggae com rock. Uma coisa que virou febre na Inglaterra, nos Estados Unidos.

Bom, enfim, cada disco aqui... Ainda o disco ao vivo do Talking Heads é uma apresentação ao vivo como nunca se viu antes.

Entrevistador:

Já viu o filme?

Gustavo:

Já vi o filme. O filme é maravilhoso. É sensacional.

O jeito que se constrói o show, ninguém nunca tinha feito. Então, eu acho que, com certeza, é claro que tinham discos muito mais importantes que tinham quando eu comprei esses discos. Por exemplo, acho que eu vi discos dos Beatles, por exemplo. Sgt. Pepper's. Mas, além deles serem mais caros, eu quis ter coisas como Remain in Light e coisas como Outlandos D'amour comigo porque não são discos que qualquer pessoa pode ter. Eu acho que Beatles é uma coisa...

Beatles, Led Zeppelin, bandas muito grandes. Muita gente tem. Eu gostaria de ter uma coisa única e depois vir a ter esses discos que eu também gosto bastante.

Entrevistador:

É como se fosse um manifesto da sua identidade, vamos dizer assim. Uma extensão da forma como você vê a música, né?

Gustavo:

Com certeza.

Entrevistador:

E a importância que ela tem pra você, vamos dizer. Legal, Gustavo. Bacana.

Você acha que a música te ajuda a desempenhar tarefas do seu dia-a-dia?

Gustavo:

Acho. Acho que ouvindo música, tudo fica mais fácil. É claro que tem tarefas do dia-a-dia que não dá pra fazer ouvindo música, realmente.

Mas acho que quase tudo, pra mim, dá pra encaixar a música. Mas acho bom falar também que sem música, você dá uma volta sem música, é uma certa experiência também sonora, de um certo jeito. Porque ouvir o mundo, ouvir o som ao seu redor, é uma grande pilar pra você gostar de ouvir música.

Porque dá vontade, você fica pensando na música, você fica fantasiando, pensando em música, ouvindo o que está ao seu redor, e aí dá vontade de ouvir música, aí você chega em casa com a vontade de ouvir, aí você pensa no que você quer ouvir. Acho... Não ter música também, às vezes, é muito bom, mas eu consigo encaixar ouvir música, acho que só dormindo que não dá.

Entrevistador:

Você costuma ouvir música... Se você fosse dizer assim, se fosse me contar as maneiras como você escuta música, você pode dizer que você escuta música, vou listar algumas opções, pelo rádio, através de mp3, vinil, CD, plataformas de *streaming*, de que maneiras que eu listei aqui, ou de outras que eu não listei, você escuta música?

Gustavo:

Eu acordo de manhã, eu ligo o rádio que tem na minha cozinha, então eu escuto rádio de manhã, qualquer rádio, ouço muito pop rock dos anos 80 na rádio. Eu escuto no *streaming* ouvindo no fone Bluetooth na rua, eu escuto no *streaming* ouvindo no meu som maneira aqui em casa, eu vejo no YouTube, eu baixo algumas coisas que não tem, por exemplo, tem um disco do Marcelo D2 chamado Pela Procura da Batida Perfeita, ou A Procura da Batida Perfeita, que não tem no Spotify, então eu baixei para ficar ouvindo.

Entrevistador:

Legal! Quando você vai ouvir, você sempre sabe o que vai escutar, você às vezes se vê experimentando aquele momento de congelamento, por exemplo, eu quero ouvir alguma coisa, eu abri o Spotify e não sei como é que eu vou começar, isso acontece com você?

Gustavo:

Acontece muito, várias vezes eu entro no Spotify, eu vejo o que eu estava ouvindo, eu procuro muito no Spotify, eu tenho uma *playlist* no Spotify com 4 mil músicas, que eu tenho desde 2018, e eu só vou botando música, é todas as músicas que eu ouço, eu boto lá, que eu gosto, todas as músicas que eu gosto, eu ouço e gosto, eu boto lá, coisas antigas que eu lembro, eu boto lá, a *playlist* é gigantesca, tem muita coisa, e eu sempre estou lá vendo o que eu ouvia, buscando inspiração, mas até o próprio algoritmo do Spotify, eu diria que ajuda um pouco, mostrando as coisas novas da semana, ou alguma banda, se você gosta disso, você vai gostar disso também, essas coisas do algoritmo, recomendados do YouTube, uma coisa que eu já conheci muita coisa, que me era recomendado no YouTube, eu falava, tem uma capa estranha, tem um nome legal, eu vou clicar, aí eu clicava, ouvia, era um disco sensacional, às vezes japonês, às vezes italiano, isso é uma ótima virtude da internet, isso é para descobrir música.

Entrevistador:

Bacana, você diria, então você não tem, de certa maneira o algoritmo te ajuda a descobrir coisas novas, você não tem nenhum tipo de desconfiança, vamos dizer assim, da inteligência artificial para te oferecer conteúdos musicais.

Gustavo:

É, isso vai junto com o meu bom senso, porque às vezes a inteligência artificial me recomenda uma coisa que eu não quero ouvir, mesmo, não tem nada a ver com o que eu ouço, e aí eu só ignoro, porque faz parte, é isso, ignorando, você vai até que ajudando a inteligência, mas às vezes, muitas vezes eu sei o que eu quero ouvir, porque pensando em música todo dia, e toda hora, eu acho que eu me forço a lembrar de algumas coisas que eu queria ouvir, ou lembro de algum refrão do nada, já acontece com todo mundo, você lembra de uma música do nada, fica com vontade de ouvir, e aí vai lá ouvir, essa é a melhor sensação.

Entrevistador:

Você tem o hábito de criar *playlist*, você falou de uma *playlist* que você tem com todas as músicas, mas isso é quase como se fosse uma coleção, vamos dizer assim.

Gustavo:

Exatamente, é um experimento.

Entrevistador:

E *playlist* com um objetivo específico, você costuma fazer isso ou não?

Gustavo:

Olha, eu costumo, mas não com muita frequência, eu uso bastante essa *playlist* maior, mas eu tenho algumas *playlists* que eu gosto de fazer *playlists* com músicas que eu estava ouvindo numa época, por exemplo, músicas totalmente diferentes, mas que fazem parte de uma época, ou *playlist* com um tema específico, acho que é uma das únicas *playlists*, eu tenho algumas *playlists*, tenho uma de músicas tristes, muito tristes, muito boas, músicas muito tristes, muito boas, quando eu quero ficar muito triste, mas ouvir uma música legal, eu sei que eu vou lá.

Tenho de hardcore, que eu adoro, e é difícil também procurar numa *playlist* gigantesca só músicas de hardcore, eu escuto muita coisa, então esse estilo específico eu gosto de ouvir várias músicas em seguida, mas não é muito frequente não, eu sou mais uma *playlist* só e ouvir discos.

Entrevistador:

Legal. Então você puxou um assunto interessante, quando você escuta música, a gente pode elencar aqui alguns formatos que se fala, você pode dizer sobre o single, sobre o EP, sobre o LP, sobre a *playlist*, como é que você consegue me dizer, tirando o rádio, que é outra...

Gustavo:

Sim.

Entrevistador:

Você consegue dizer que tipo de formato você costuma ouvir mais frequentemente, se é que isso acontece com você.

Gustavo:

Mais na correria do dia a dia, quando eu estou na rua ou na escola ou fora de casa, eu escuto muito ordem aleatória mesmo, de *playlist*, mas isso nem é tão verdade, porque até na rua eu dou um jeito de ouvir um disco, eu adoro ouvir disco, é uma coisa essencial para mim, ouço disco toda hora, acho que o último disco que eu ouvi inteiro foi Fan House do Stooges, que é muito bom, mas aí eu

escuto um disco e aí depois eu lembro da música, eu vou lembrando de várias músicas que eu estou escutando ultimamente e fico com vontade de ouvi-las de novo e aí eu entro no disco e ouço de lá, em vez de botar a música em uma *playlist*, às vezes eu tenho preguiça, eu vou no disco que eu estava ouvindo, eu seleciono uma música e às vezes eu escuto três músicas, as três músicas depois da que eu queria ouvir e faço isso, ouço muito single também, mas isso eu escuto mais no contexto de ouvir numa *playlist*, que eu boto numa *playlist* e single também, quando um artista que eu gosto lança, mas tenho muito costume de ouvir disco, EPs, eu gosto bastante.

Entrevistador:

Legal, deixa eu te perguntar, você se vê em algum momento em que você está só escutando música, por exemplo, um momento em que a sua audição musical é a principal coisa que você está fazendo, você não está tipo, estou andando na rua, estou escutando música, estou estudando, estou ouvindo música, não, o momento em que a audição está com protagonismo.

Gustavo:

Sim, com certeza. Eu, para mim, eu acho que eu faço muitas atividades ouvindo música, mas quase todo dia tem um momento em que eu paro, escuto música, no máximo, deixo a letra no computador para ler junto, uma letra que eu não sei, ou fico no Spotify mesmo, procurando a próxima música que eu vou botar, ou o próximo disco, mas não faço nada, fico lá escutando música e procurando sobre música, poderia dizer que estou mexendo na internet, mas ouvindo música...

Entrevistador:

É uma forma de você se conectar com aquele tipo de conteúdo, como é você manipular um álbum enquanto você está ouvindo.

Gustavo:

Exatamente. Sim, sim.

Entrevistador:

Você consegue falar um pouquinho mais sobre esse momento, vamos dizer, como é que você fisicamente se vê envolvido? Eu já ouvi relatos de pessoas que falam que ficam arrepiados, ou eu fico hiperfocado, enfim, como é que você se vê nesses momentos?

Gustavo:

Eu me... Eu sou uma pessoa que me emociona muito com música, não é nem de chorar mesmo, é emoção, qualquer emoção, me emociona bastante, ouvindo um disco que eu adoro, ou uma coisa nova, eu reajo... Até gostaria de me emocionar mais, às vezes eu acho que estou ouvindo uma música, estou fazendo outra coisa, não estou sentindo ela de verdade, eu gosto de sentir, e depende muito do dia, tem dias que eu fico bem hiperfocado, procurando músicas, ouvindo coisas novas, dia de ouvir coisa nova, todo dia é dia de ouvir coisa nova, mas quando eu estou ouvindo coisas novas, é a melhor sensação, é um certo de hiperfoco, e muita animação, muita... de procurar um negócio, ouvir uma coisa que você nunca ouviu, eu acho que quando você ouve, tem aquela sensação da música saindo dos falantes, chegando em você, e ela é um negócio que você nunca ouviu, mas que é bom, você acha estranho, mas você acha bom, essa sensação é adrenalina mesmo, eu sinto adrenalina com isso, e em casa, tudo ocorre ouvindo música, se eu estou mal o suficiente, eu choro ouvindo música, se eu estou feliz o suficiente, eu pulo e danço sozinho, mesmo, eu gosto bastante de me envolver com a música.

Entrevistador:

Você acha que o espaço, ele acaba, vamos dizer assim, para que esse momento de conexão especial com música ocorra, você diria que o espaço, quer dizer, o lugar no qual você está é importante? O que você diria sobre isso?

Gustavo:

Eu acho que sim, eu acho que o espaço é muito importante, e eu acho que é por isso que a gente valoriza tanto boas casas de show, ou bons bares, ou bons lugares que têm show, porque o show, em primeiro lugar, é um espaço para você gostar de música, várias pessoas que gostam de música juntos, sabe? Eu acho que quando a gente está sozinho, a gente está na nossa privacidade, no nosso quarto, a gente tende a ser nós mesmos, assim, e se ter uma reação pura à música, e eu acho que essa relação que a gente tem com a nossa privacidade é tão, é igual à relação que a gente teria, que eu tenho, pelo menos, com o show, porque no show eu me sinto completamente em casa, completamente à vontade, é, sabe, o show de uma banda que eu realmente quero ver, e que tem pessoas maneiras, eu fui num show do De Carne e Flor, que é uma banda de São Paulo, eles fizeram um show no estúdio Hanoi, aqui em Botafogo, e aí foi libertador, assim, é libertador você poder pular, gritar e, sabe, se emocionar, deixar se emocionar, porque as pessoas não vão te julgar, e quem julgar, está errado, é mané, as pessoas têm que se soltar mesmo nos shows e a loucura, sabe, foi feito para isso, as pessoas têm que se juntar para isso mesmo.

Entrevistador:

Pode crer, deixa eu te perguntar, você diria que a qualidade de áudio é importante? Estou pensando assim, nesse momento que você descreveu que aparentemente é uma coisa que pode te acometer muito em casa, mas assim, a qualidade do áudio é importante para que você se conecte mais profundamente com a audição musical?

Gustavo:

Para mim, sim, eu acho que sim. Eu acho, talvez hipócrita falar isso e ouvir vinil, que tem um som, não importa o que falem, muito baixo, mais baixo do que o mp3 ou um som gravado em computador, mas ter um vinil, ouvir um vinil num som bom, é uma experiência que você consegue se envolver. Para mim, para eu ter essa imersão na música, eu preciso, sabe, pelo menos conseguir separar na minha cabeça os instrumentos e a voz, quando é tudo meio junto, sabe, ter um fone ruim ou um fone quebrado ou só de um lado, é uma coisa que eu prefiro nem passar pela experiência de ouvir música, eu prefiro ficar sem, porque você tira sua atenção, assim, da música.

Talvez seja uma coisa minha, porque eu gosto de som, eu trabalho com música, eu sou muito viesado nisso, mas, cara, quanto melhor eu consigo identificar cada instrumento, quanto mais eu consigo mergulhar no som, eu, para mim, a experiência só vai melhorando, assim, a sensação de comprar ou ouvir um disco que você já ouviu num som melhor que o seu, é tipo ouvir de novo, ouvir coisas que você nunca ouviu na vida, assim.

Isso é a melhor coisa, eu lembro que quando eu comprei um fone bom de verdade pela primeira vez, eu ouvi Ok Computer, do Radiohead, e aí umas guitarras lá atrás eu nem fazia ideia, nem fazia ideia, porque eu estava só prestando atenção na música que estava aqui, mas tinha tudo atrás e em volta que eu não estava nem percebendo, mas estava lá.

Entrevistador:

Gustavo, eu queria te fazer uma última pergunta aqui, que nem está no meu roteiro, mas me ocorre que talvez seja interessante te perguntar o que você

acha de iniciativas, por exemplo, como Tiny Desk Concerts, QEXP, o que você pensa sobre isso? Você acha que isso é inovador? O que você acha?

Gustavo:

Olha, inovador? Talvez não. Talvez não seja revolucionário, porque eu só acho que é uma ótima forma de traduzir uma coisa tipo tipo programa ensaio da TV Cultura, que tinha anos atrás, TV Elis, Mito Nascimento, Chico, Jorge Benjor, eu acho que o Tiny Desk e o outro que eu também esqueci o nome, mas ainda mais que esse que eu esqueci o nome trouxe o Tim Bernard, um programa gringo, trouxe um artista brasileiro, achei muito legal, achei uma iniciativa é por isso, exatamente por isso que eu acho maneiro, eu não acho revolucionário, mas eu acho muito bom e acho necessário, porque é uma maneira de traduzir coisas que já existiam para um público novo, um público que não vai ver TV, não vai ver as coisas que estão na TV, mas quer uma coisa com qualidade de TV e precisa de uma coisa com uma qualidade boa para consumir música e pelo menos abrir os horizontes para algumas coisas que ela não conheça, e ver isso ao vivo nessa qualidade é muito necessário, é preciso, é preciso eu acho que demais, aqui no Brasil a gente tem o Sala de Estar, que é um um programa no Youtube muito bom, foi lá que eu conheci Ana Frango Elétrico e Sofia Chablau, que são duas das artistas mais populares na cena agora pelo menos aqui no Sudeste dos últimos anos, e eu comecei vendo coisas no Youtube, ao vivo e me cativou e eu continuo ouvindo até hoje, eu conheci em 2018, 2019 continuo ouvindo quatro anos depois e continuo adorando e continuo vendo Sala de Estar e continuo consumindo tudo, até a última ponta

Entrevistador:

Muito bacana, cara eu te perguntei isso sobre o Tiny Desk, que assim, essa é uma opinião, agora até já não estou nem aqui mais como pesquisador mas como uma impressão que eu tenho é que parece que não você, que você é um perfil mais realmente mais envolvido com música mas parece que iniciativas como essas ajudam ao público a se conectar com a música para além do momento em que a música está em segundo plano, isso acaba trazendo a música para o primeiro plano, entendeu?

Gustavo:

Sim Sim, tem o Tiny Desk do Mac Miller, isso é um dos mais assistidos, é super lembrado Anderson Paak também, né? Anderson Paak é ótimo eu acho que, realmente, tem do Tyler, The Creator, eu acho que deixa é uma forma mainstream boa de fazer uma pessoa leiga entender assim, como que é o processo de fazer música não é só ver um show, mas é ver mais intimamente as pessoas fazendo música perto de você, sabe? É tudo juntinho, tudo gravado a gravação deles tocando você sente essa energia junto com a música

Entrevistador:

Pô, cara, super obrigado

Gustavo:

De nada, é um prazer meu adorei

Entrevistador:

Adorei também até, finalmente ter uma conversa mais longa com você bom te conhecer melhor e, cara, se você tiver algum amigo, alguma amiga que você puder me indicar para fazer essa entrevista, seria super valioso para mim

Gustavo:

Vou te indicar, vou te indicar um cara super maneiro, que vai te dar ótimas respostas

Entrevistador:

Obrigadão, cara, eu vou te encerrar aqui, senão vai acabar o Zoom aqui

Gustavo:

Valeu, Rafa

Entrevistador:

Obrigado, um abraço

Gustavo:

Tamo junto.

Humberto Barbosa

Escolaridade: graduação

Ocupação: musicista

Nascimento: 21/03/1992

Idade: 32

Entrevistador:

Deixa eu abrir meu roteiro aqui também, só um segundinho. Então, Juliano, primeiro ficou faltando você responder seu sobrenome lá no formulário.

Humberto:

Bota Barbosa, Humberto Barbosa.

Entrevistador:

Show, deixa eu até escrever aqui na nossa conversa para não esquecer.

Entrevistador:

Show de bola. Meu amigo, muito obrigado pelo seu tempo. Quem trabalha com pesquisa acadêmica sabe que, às vezes, é difícil conseguir que as pessoas tenham disponibilidade, porque não é remunerado e aquela situação.

Então, super te agradeço. Generosidade, tá? Valeu mesmo.

Humberto:

De nada, Rafa. Tranquilo, meu irmão. Tudo de boa.

Valeu. Um prazer fazer aí.

Entrevistador:

Aqui, nossa entrevista, ela leva, em geral, uns 30 minutos e ela é dividida em três blocos, basicamente. No primeiro, a gente vai tentar explorar qual é a sua relação pessoal com música. Segundo, a gente fala sobre os seus hábitos de audição musical.

E, finalmente, no final, a gente vai tentar explorar um tipo de experiência específica. Lembrando que a pesquisa, ela está interessada na experiência de

audição de música de um público que se identifica como fã, como uma pessoa que tem uma conexão especial, diferenciada com música, tá? Tá.

Beleza. Então, você consegue me descrever com as suas palavras qual é a importância da música para você? Se de alguma maneira ela te ajudou a te definir como pessoa?

Humberto:

Sim, acho que a música está muito presente na minha vida. Acho que nas de todo mundo, né? Nas pessoas, um pouco mais, porque eu trabalho com música.

Então, fora o lance da apreciação, rola também o lance da apreciação comum, de você escutar uma música e curtir. Rola também o fazer e você construir, criar arranjo e fazer apresentações. Então, acho que...

E aí, talvez seja um pouco diferente essa experiência minha, no caso, que estou dentro da labuta, né? Do trabalho com a música. Sim.

Mas eu já adianto que eu também não sou um grande ouvinte assim, não. Eu não sou um cara que escuto tanta música assim, né? Tenho amigos que são muito mais aficionados por pesquisa, de escutar músicas novas sempre e tal.

Eu escuto muito o que está dentro do meu universo, do que eu faço, né? O que é mais voltado para a cultura nordestina, né? Não só a cultura popular, como a música que você faz hoje no Nordeste.

Então, tem um recorte especial para ir, né? Para esse campo específico, né? Mas não sou um grande ouvinte, no final das contas, da música mundial, nem pesquisador, nem nada.

Entrevistador:

Ah, mas a gente gostou do plano. Mas só para entender, a sua relação com música, ela entra em uma chave mais profissional? Sempre foi assim, de alguma maneira?

Humberto:

Não, mais profissional sempre não, né? Todo mundo escuta música desde, assim, a maioria das pessoas, né? Desde muito novo.

Então, músicas que vinham do rádio, né? Digo assim, voltando de escola, as rádios que tocavam na van, na condição, as festas tinham música. No caso da minha família, meu pai é músico, então eu já escutava a música dele, já de uma forma orgânica, né?

Às vezes, sem estar muito gravado. Nos shows dele também. E é isso, acho que música é celebração também, né?

Também não é só da parte do campo profissional, mas de você tocar com amigos, música faz bem, eu acho. Acho que é por aí.

Entrevistador:

Você consome produtos com temas musicais, tipo camisas, pôster, livros? Objetos decorativos?

Humberto:

Sim, de consumo de música, mas eu pego mais para o lado dos livros mesmo, de biografia. Biografias, autobiografias. Acho que é onde consumo, fora o lance dos streams, né?

Eu não faço parte do grupo que usa os vinis, né? No meu carro ainda tem o toca-cd, né? Então eu escuto e não tem entrada auxiliar nem bluetooth.

Então ou é rádio ou é os CDs que eu tenho antigos. E volta e meia eu compro um CD novo, mas não sou garimpador de CDs e de vinis. Mas os CDs que eu já tinha, né?

E volta e meia, se for num show e tem um CD de um cara que eu gostei, eu compro um CD e tal. Mas é engraçado que a sua pesquisa é direcionada mais para o campo do ouvinte mais selecionado, né? De respeito a escutar no vinil, eu imagino, né?

Entrevistador:

Não necessariamente, não necessariamente. É a prática de audição de um público que se identifica como fã de música, né?

Humberto:

Como fã de música, sim.

Entrevistador:

Porque existe esse recorte. A gente tem... Se você sair aqui na rua e for perguntar para qualquer pessoa, Ah, você gosta de música?

99% vai dizer que sim, né? Só que existe uma diferença, existe um corte que tem as pessoas que escutam música, essas aí acho que é um universo muito maior, mas tem uma galera que tem uma relação diferenciada com música, né? A gente está interessado com esse público.

Humberto:

Nesse campo do interesse da música, como eu mexo com música, trabalho com música, quando estou escutando uma canção, às vezes tem um... É engraçado que às vezes a gente perde um pouco o lado emocional, às vezes, e se concentra muito nas questões de arranjo, de produção, né? Eu curto...

Isso é uma pena que eu acho no universo de hoje, devido aos streams, a ficha técnica deixa muito a desejar, né? Eu sou um cara que gosta de observar fichas técnicas, sabe? Apesar de não ter vitrola, minha vitrola em casa está quebrada, meu toca-discos está quebrado.

E eu imagino que no vinil, no vinil e no CD também tem o lance do encarte, com a ficha técnica, com as artes, com as obras, que é um para além da música, né? Tudo bem, você está escutando a música, mas não só a música, como quer saber quem tocou e tocou o quê, e onde foi gravado, quem mixou, quem masterizou, quem produziu, quem fez o encarte.

Entrevistador:

Pode crer. Não, conclui, por favor.

Humberto:

Não, é isso. E aí eu acho que os streams têm essa perda muito grande, né? A gente tem só, pelo menos no Spotify, que é o mais usual, e ainda passo para outro campo, que é, eu não sei se vai perguntar depois, né, o lance da compressão das músicas nas plataformas digitais, né?

E como você perde como ouvinte, né? Porque como eu faço música, eu sei qual é a minha master. Eu sei qual é a minha master.

Eu tenho ela, meu drive, eu tenho ela no computador e eu sei como é que ela toca, num fone de ouvido, eu sei como é que ela toca, até numa caixa de bluetooth mesmo, que é mono, né? Não é estéreo, assim. Eu sei como ela toca, mas quando a gente passa para os campos das plataformas de música, as plataformas de *streaming*, você vê a perda que é grande, assim.

No sentido de qualidade, você perde muito, você perde os graves, os agudos. Parece que você botou uma almofada em cima da caixa de som, sabe? E aí isso eu acho muito preocupante, até no sentido de que você parar para pensar e ver que, por exemplo, a Spotify é a maior, né?

Eu acredito que seja a maior... maior *streaming* de música, né? E a gente compara com o YouTube normal, por exemplo, a perda é grande.

Então, hoje em dia, por exemplo, eu vou lançar uma música, eu estou para lançar uma música, a gente fez diversos, diversas masters, né? Separadas para cada plataforma, né? Por conta de questão de loof, né?

Eu não sei exatamente como é que é o... esses termos técnicos, né? Mas sendo que é *loof*, que é a dinâmica da música, quanto que a música pode bater ou não, então eu recebi cinco masters, um mp3, um em WAV, uma maiorzona, uma direcionada para CD, uma direcionada para Spotify, e uma direcionada para outra coisa também que eu não lembro.

Mas dessas... dessas discussas de música mesmo, eu acho que... pelo menos é que eu tenho acesso a YouTube Music, pelo menos é melhorzinho assim, né?

Entrevistador:

Entendi.

Humberto:

É mais fidedigna, né? E aí... o que dá uma certa tristeza para quem faz música nesse sentido, né?

De você... quando você vê que sua música está na maior plataforma de distribuição, está... está perdendo, assim, sabe?

Está mais fraca do que um YouTube da vida, né? Uma coisa que é direcionada para a música, né? Mas esse já não é o assunto, né?

Isso aí já são...

Entrevistador:

Também é, também é. Acho que é importante saber como é que essa questão da qualidade da audição impacta, até do ponto de vista do músico, como você está colocando aí. Agora, deixa eu te perguntar, você é assinante do Spotify mesmo?

Humberto:

Sim, do Spotify, é.

Entrevistador:

Tá. Deixa eu te perguntar, você está com 30 anos, é isso? 30 anos.

Humberto:

31? Sou 92, eu não sei quantos anos eu tenho, não. Eu sou 92.

30. 31. 31.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar, cara, você, então, com 31 anos, você não é um nativo de plataforma de *streaming*, né? Você viu a transição do padrão do CD para o mp3 e agora para as plataformas. Talvez do CD você se lembre pouco, né?

Porque você é de 92, o CD, o surgimento do Napster ali, que é um marco, né? É 99, então você tinha sete anos. Talvez você nem...

Você tem CD, evidentemente, mas essa mudança de padrão, ela acontece quando você ainda é criança, né? Você se lembra como era a sua relação com as tecnologias anteriores?

Humberto:

Então, na realidade, lá em casa, tanto na casa da minha mãe, que são separados do meu pai, não tinha vinil, nem tocar disco de vinil. Tinha CD. Na casa do meu pai, menos.

Apesar de ser músico, quase não tinha CD e pouco se escutava CD. Porque escuta pouca música mesmo. Minha mãe tinha um armário cheio de CD.

Então, apesar de ter chegado o Napster em 99, eu escutei CD durante bom tempo e muito do que já tinha lá. De CD. E como a gente trabalhava com isso, a gente ganhava muito CD.

Minha mãe escutava muito mais música, então ela tinha vários CDs. Ela tem até hoje os CDs, né? Mas vinil nunca.

Vinil nunca teve costume lá em casa. Mas eu lembro da mudança, principalmente do CD, quando eu tinha 9 anos, começou também, acho que era a terceira série, 9, 10 anos, os mp3 começaram a entrar nas salas de aula. Eu já vinha com, eu peguei a época também do Discman.

Também, né? Dos CDzinhos no Discman, *headphone*. Pegava o CD de casa e escutava na escola, no recreio e tal.

Depois começou a vir os mp3, né? E também rolou muito queima de CD, né? Também fora isso, queima de CD, a galera baixava e queimava os CDs e tal.

Eu lembro dessa mudança, sim. O Spotify vem bem depois, né? Vem bem depois.

Eu não sei nem qual é a data do Spotify.

Entrevistador:

O Spotify chega no Brasil em 2015. É, bem depois. Mas ele surge na Europa em 2008 ainda.

Humberto:

Sim. A gente tinha muito também o lance de compartilhar música via MSN também, demorava um tempo danado para a música subir. Eu lembro disso.

Emule. Faz tanto tempo que, vou ser bem sincero, que eu não vou conseguir dar tantas informações, né? Faz muito tempo.

Mas lógico que deu para sentir essa diferença. Mas o CD permaneceu durante um bom tempo. E até hoje, como eu disse, no carro é ou é rádio ou é CD.

E o som é incrível. É bem legal o som do carro. Eu acho assim, para escutar música, né?

Entrevistador:

É, muita gente comenta que o lugar de ouvir música é no carro. A gente fala isso. Deixa eu te perguntar, como é a sua atividade na internet com relação à música?

Você é uma pessoa ativa em rede social? Você costuma postar conteúdos relacionados à música? Ou não?

Como é que é isso?

Humberto:

Se eu costumo... Conteúdo em relação à música, geralmente mais sobre o meu trabalho. Eu não sou tão ativo, não, nas redes sociais.

Não sou. Mas eu posto... Posto, sim, coisas minhas, meus lançamentos, minhas músicas.

Vou nos shows e faço *stories* e posto. Show de alguém que eu fui, que eu gosto. Em *stories* a gente marca também.

Mas você está falando em rede social, né?

Entrevistador:

É. Se você fosse... Se acessasse blogs ou tivesse um blog, também é uma maneira de você postar conteúdo, né?

Você compartilhar o teu conhecimento sobre música. Mas se não é o caso, tudo bem. Deixa eu te perguntar...

Fala aí, fala aí. Quer falar alguma coisa? Não, não, é isso.

Então vamos tentar explorar um pouquinho sobre seus hábitos de audição. Você... Pelo que você falou na primeira parte, você está me dizendo que a tua audição é mais técnica, né?

Humberto:

Não, é porque... Eu imagino também que o... O ouvinte comum...

Eu acredito, na verdade, em duas questões, assim. Eu acho que tem gente que mais se atenta para a letra e tem gente que mais se atenta para arranjo e melodias. Eu acho que tem esse universo, assim.

Tanto que existe a pessoa que é mais letrista e a pessoa que é mais melodista, né? Que trabalha mais com campos arranjos. Que trabalha mais com harmônicos, então.

Então eu acredito que seja... Que eu tenho, às vezes, essa percepção de também procurar mais as questões de arranjo nas músicas. Acho que é por aí.

Acho que é por aí. Um ouvinte comum, às vezes, ele está atento mais pelo lado emocional também, que eu acho lindo. Às vezes a gente perde um pouco desse lado emocional por estar numa questão de procurar, né?

Procurar os arranjos, os caminhos, qual instrumento foi usado e tal.

Entrevistador:

Sim. Como é que é o seu hábito de audição na sua rotina? Como é que é isso?

Humberto:

Então, meu hábito de audição na minha rotina é uma caixinha Bluetooth, que nem estéreo é, não tem como ser estéreo, né? Uma caixa de Bluetooth ou, então, um fone de ouvido. Fone de ouvido comum ou, às vezes, até um *headphone* também, quando tem à disposição e tal.

O meu fone de ouvido queimou agora, então eu tenho que arrumar um novo, né? E tal, mas é isso. Geralmente é isso.

Caixa de som, às vezes, até mesmo celular, velho. Engraçado, como a gente vai lançar uma canção, alguma coisa, a gente escuta também muito pelo celular, né? Porque é a referência que as pessoas vão escutar, né?

Hoje em dia, né? As pessoas estão escutando, eu imagino, assim, não estou fazendo, assim, estou imaginando. Não tenho dado, né?

Mas imagino que as pessoas botam o celular, né? Liga o celular ali, bota e vai fazer certa coisa e tal, tá o celular tocando. Então, para quem está mexendo com música, trabalhando com música, tem que se atentar ao fone mais baratinho, tem que se atentar ao celular, como ele vai tocar no celular, às caixas de som, né?

E ser possível também escutar de uma forma, um no carro, que é interessante também, né? Porque você tem já uma divisão maior e tal.

Entrevistador:

Sim.

Humberto:

Para escutar a música.

Entrevistador:

Agora, você acha que a música te ajuda a desempenhar tarefas no seu dia a dia, cara? Por exemplo, tem gente que fala assim, ah, eu vou fazer, eu preciso de música para estudar, por exemplo. É que você é músico, às vezes isso não se aplique muito para você, né?

Humberto:

Então, eu gosto muito de, talvez assim, cozinhar escutando música. Eu acho legal, assim, que dá para você prestar atenção porque você está fazendo uma função ali, cozinhar. Você tem que estar atento, mas também não precisa de uma concentração muito grande, né?

Mas para estudar, para fazer... Tem gente que escuta a música lendo, eu não consigo entender muito, assim. Eu fico meio desperto, eu não consigo.

Eu presto atenção em uma coisa ou em outra coisa. Acho que é isso. Nem para fazer exercício eu estou escutando, estou correndo sem também.

Mas é mais para cozinhar mesmo, para... Para funções assim, é. Acho que é por aí.

Entrevistador:

Entendi. Você quando vai ouvir música, você sempre sabe que você vai ouvir ou você experimenta aquela sensação de congelamento que é muito escrita nas plataformas de *streaming*, por exemplo. O cara vai entrar lá, quer ouvir alguma coisa, vai abrir o Spotify, não sabe muito bem o que ouvir, fica meio que paralisado.

Isso acontece com você?

Humberto:

Acontece. Acontece. Porque ele recomenda muito do algoritmo dele, recomenda o que você já está escutando, né?

Eu tento basicamente dar uma procurada nos artistas que eu gosto e ver se tem um lançamento novo, né? Para não escutar sempre a mesma coisa. Mas às vezes eu vou nele lá, feito para você.

Vou escutar que às vezes aparece uma coisa interessante, né? Parece uma coisa dentro do universo ali e tal. E acho que é por aí.

Entrevistador:

Você, de alguma maneira, você confia na inteligência artificial para selecionar a música para você ou você se desconfia um pouco?

Humberto:

Cara, eu desconfio. Acho que eu desconfio um pouco. Eu desconfio porque o lance da mercantilização da música de uma forma tão agressiva como é com as distribuidoras, com os algoritmos, como a música deve se portar, como ela deve

funcionar, quais são as questões de estrutura da música para que ela circule rápido, sem ser nas plataformas de música, mas também nas plataformas de...

Qual o nome? De redes sociais, né? Os 30 segundos que tem que ter, o refrão no começo, tal, tal, tal.

Então, às vezes eu desconfio nesse sentido, né? De como a plataforma de música pode estar me entregando uma coisa que talvez eu não queira ouvir, né? Às vezes acontece de aparecer uma música três, quatro vezes tentando entrar ali e eu pulo ela, mas ela me chama de novo para escutar a música, né?

Aí eu não sei porque também rola, fora esse lance de estrutura, do algoritmo, também rola o... Pode ser que role também o lance de patrocínio por fora, isso aí eu já não sei, não posso nem afirmar, nem nada, né?

Entrevistador:

Jabá digital, né?

Humberto:

Jabá digital, exatamente.

Entrevistador:

Você tem o hábito de criar *playlists*?

Humberto:

Tenho, sim. Tenho o hábito de criar *playlists*. Geralmente são todas trancadas, eu não compartilho, não sei porquê.

Acho que tem uma ou outra que está aberta e tal. Geralmente as *playlists* que a gente faz são direcionadas para um certo gênero musical e é isso. O salvamento, curtir também, né?

Curtir a música e tal.

Entrevistador:

Mas é para seu consumo próprio, né? Não é para compartilhar e tal?

Humberto:

É para o consumo próprio, é. Consumo próprio. Às vezes numa festa e tal.

Pô, tem uma *playlist*. Ah, tem essa aqui. Por aí.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar agora, a gente vai entrar no último bloco da entrevista. Eu queria te perguntar sobre um tipo específico de experiência que a gente está mais centralmente interessado, que é o que eu chamo aqui de protagonismo da audição, que é quando você está com uma audição mais dedicada e não dividindo, não a música em segundo plano. Eu queria saber se você se vê experimentando esse momento e se isso acontece para você, se você consegue me descrever como isso acontece?

Humberto:

O quê?

Entrevistador:

Então, esse momento de protagonismo da audição musical em que ela está em primeiro plano e não acompanhando uma outra tarefa, entendeu? Ah, sim. Você se vê experimentando esse momento?

Sim. Sim.

Humberto:

Eu acho que um bom *headphone*, um cantinho, parar para escutar, deitado na cama ali ou no sofá, uma rede, ver o tempo passar e escutar a música. Sim, acho que me vejo sim. Volta e meia é fácil.

Ah, legal. Quando a música me interessa, quando acho que tem a ver.

Entrevistador:

Então, isso acontece, você deve estar escutando via plataforma de *streaming* mesmo?

Humberto:

Sim. Sim, via plataforma de *streaming*. Realmente sim.

Entrevistador:

E aí, não te incomoda? Não é conflitante com o seu depoimento do primeiro bloco em que você falou que a música perde muito nas plataformas? Como é que você vê isso?

Humberto:

Não, me incomoda, mas é porque eu sou apaixonado ao ponto de pagar um dólar no iTunes para baixar uma música e ter uma experiência um pouco melhor, mas que também é aquém. Porque, como eu disse antes também, quando você faz uma master, quando você faz uma master, hoje em dia, eu recebi do Leo Dias cinco opções. Ou seja, a maior não se enquadra em nada, porque é impossível você pegar os harmônicos da música, então a maior está lá.

Eu não sei nem para que vai servir. E se eu quisesse fazer para vinil, eu teria que passar na fita, como eu tenho um disco que foi feito todo masterizado no vinil. Mas eu não tenho opção também de queimar o vinil, porque eu não tenho 19 mil reais para investir em uma prensagem de 250 cópias, 300 cópias, para comercializar, e talvez eu conseguisse ressarcir esse dinheiro.

Mas é lógico que é um tiro no escuro. Você não sabe realmente qual é a dinâmica da música em relação aos harmônicos, aos graves, aos agudos. Você não sabe.

E aí fica por não saber. Eu não tenho como... Eu teria como experimentar se eu pegasse um vinil, mas nem todos os artistas já tem a possibilidade de prestar um vinil.

Fazer uma prensagem de vinil. E eu também não tenho um toca-disco nem um sistema de som para tocar. Mas...

Eu escuto. Você perde qualidade, mas também a música está ali, de qualquer forma. Também não pode ser algo tão gritante.

Se fosse tão gritante, você acha que você estaria quebrando os fedores das plataformas, apesar de que esse não estar hoje em dia. É uma dicotomia louca, um paradoxo. Se não está no Spotify, não está em lugar nenhum.

Hoje em dia. Da minha visão. Então, é isso.

Escuta sem saber realmente o que é de fato. Acho que é por aí.

Entrevistador:

Entendi. Obrigado, Humberto, pelo teu tempo. É isso, cara.

Valeu. Boa tarde aí para você e quando a gente concluir aqui eu te aviso, se você quiser, eu te mando a pesquisa.

Humberto:

Beleza, Rafael. E aí, vem cá, você lá no textinho lá, você falou que ia trocar os nomes e embaralhar as conversas, não é?

Entrevistador:

É, o nosso compromisso como pesquisador é não divulgar o nome dos entrevistados.

Humberto:

Ah, entendi. Tá bom. Beleza.

Foi ótimo, espero que tenha ajudado aí na conversa e foi massa.

Entrevistador:

Obrigado, cara. Um abraço. Prazer.

Humberto:

Valeu. Tchau, tchau.

Isabel Prata

Escolaridade: mestrado

Ocupação: designer de produto

Nascimento: 20/05/1994

Idade: 29

Entrevistador:

Então, é o seguinte, estou no finalzinho aqui do doutorado e a gente está interessado na experiência de audição de música de um público que se identifica como aficionado, fã, aquele que tem um interesse acima da média em música, está bem? A entrevista é dividida em três blocos, no primeiro bloco a gente vai falar sobre sua relação com música, no segundo vou tentar explorar um pouco sobre seus hábitos de audição e conforme for a gente fala sobre um tipo de experiência específica que a gente está mais interessado. Normalmente tem entrevista que leva 15 minutos, tem entrevista que leva uma hora e pouco, mas em geral fica nas 30, 40 minutos, tá bom?

Beleza, então vamos lá. Queria pedir para você falar com as suas palavras qual é a importância da música para a sua vida.

Isabel:

Desde muito cedo eu tenho uma ligação forte com a música, quando criança, quando jovem, até adolescência mais ou menos, eu era praticante de música clássica, eu tocava violino, então eu tenho uma ligação muito forte com a música, desde sempre. E hoje me acompanha, eu estou trabalhando, eu escuto música, eu estou no transporte, eu ouço música, então é como se fosse uma coisa recorrente que está sempre ali comigo, a música sempre esteve, minha família também, desde que eu era criança todo mundo ouvia música, festas até em casa também.

Entrevistador:

Entendi. Você acha que a música de alguma forma é um componente importante para a sua identidade pessoal?

Isabel:

Eu acredito que sim, acredito que sim, porque acho que em momentos até quando a gente está meio nervoso ou meio fora de si, talvez meio perdido em pensamentos, a gente bota uma música e relaxa, então acho que sim.

Entrevistador:

Legal. Você tem recordação da sua primeira audição musical, se você tem esse tipo de reminiscência?

Isabel:

Não, eu não consigo te precisar dessa lembrança, não.

Entrevistador:

Na sua casa você tem ou você consome produtos com temas musicais, por exemplo, pôsteres, camisetas, livros, objetos decorativos, esse tipo de coisa?

Isabel:

Sim, sim. Pôsteres e camisetas, vestuário.

Entrevistador:

Você é de 95?

Isabel:

94.

Entrevistador:

Então assim, na sua infância, adolescência, você já pegou uma situação, um cenário da indústria fonográfica em que a música já está totalmente digitalizada, né? Você pode ter tido ainda algum tipo de relação com CD ou com vinil, mas considerando que surgiu o mp3 na virada do século, você praticamente já lidou com uma música totalmente imaterial, na verdade. Você pode me contar um pouquinho da sua relação com essas fases, assim, até chegar no *streaming*?

Isabel:

Então, curioso você até tocar nesse ponto porque o meu avô, ele gostava bastante de música, né? Então, ele tinha discos de vinil e muitas fitas cassete. Então, mesmo com a digitalização da música, assim, já chegando ali na época do CD e indo para o mp3, eu tive bastante contato na infância com esse tipo de material fonográfico, mais fita cassete do que o vinil, na verdade, né?

Então, tem uma memória afetiva também ligada à música, assim, quando eu revejo discos ou até documentários sobre música, enfim, eu remeto a essa memória afetiva que eu tinha quando criança, né? E aí, eu tive mais esse contato quando eu estava com o meu avô e aí, passando os anos, eu comprava, assim, CDs e tudo mais e aí, quando a música se tornou mais digital e aí o acesso foi muito mais facilitado, assim, para mim, por exemplo, né? Então, hoje, eu assino dois, até dois *streamings*, assim, eu uso o YouTube Music e o Spotify, né?

Como canais de obtenção de música, assim, no geral, até outras mídias também que hoje a gente tem, né? Como podcasts, enfim, *videocasts*, aí, enfim, é essa aí a minha trajetória com a música, digamos assim.

Entrevistador:

Ah, bem, você se lembra de baixar bastante música? Como é que era essa rotina de download, se é que você passou por ela?

Isabel:

Ah, sim, na adolescência, bastante, assim, né? Eu até utilizava torrent, essa piratariazinha, assim, se for assim dizer, gravava CD, assim, copiava de um CD para o outro, para replicar, né? Então, sim, eu usei bastante essas músicas, assim, de baixar, usava bastante.

Minha cachorrinha chegou aqui, peraí. Tudo bem? Peraí, Paulo.

Peraí, Paulo. E aí, eu usava, assim, bastante esse meio de obter.

Entrevistador:

Oi, tá aí? Tudo bem?

Isabel:

Sim, tô aqui.

Entrevistador:

Tá, tá bem.

Isabel:

Sim, sim.

Entrevistador:

Você, quando baixava as músicas, você se preocupava em fazer o download de um álbum inteiro? Como é que era o teu interesse? Ele era pelas músicas isoladas, pelo álbum, por discografias?

Como é que era isso?

Isabel:

Então, assim, antes, né, da gente ter o acesso ao *streaming*, né, eu ouvia muita música na rádio. E aí, às vezes, na rádio, a gente escuta uma música, às vezes, de um artista, né? E aí, a princípio, num primeiro momento, eu ia atrás daquela música que eu gostava, né, na rádio, e aí baixava essa música.

E aí, conforme eu ia conseguindo outras, assim, conhecendo mais do artista, né, aí, às vezes, eu baixava, assim, álbuns completos, discografia toda. Mas, no geral, assim, fazendo um panorama geral, eram mais músicas isoladas de álbuns, assim.

Entrevistador:

Entendi. Você já falou quais plataformas de *streaming* você assina. Na internet, como é que é a tua atividade em relação à música?

Você costuma postar muito conteúdo com esse tema? Como é que é?

Isabel:

Não, no geral, não. Eu sou, assim, mais uma consumidora, digamos, assim, não sou de postar, assim, nas redes sociais e tudo mais, assim. Eu consumo bastante, mas não divulgo tanto, assim, aquilo que estou ouvindo.

Entrevistador:

Você segue alguns artistas, né, mas você mesmo não produz conteúdo, mais ou menos isso, né?

Isabel:

Isso, isso, exato.

Entrevistador:

Beleza. Então, vamos tentar falar um pouquinho sobre os seus hábitos de audição. Você consegue correlacionar como é que é o seu dia a dia e o teu hábito de ouvir música?

Isabel:

Bom, assim, como eu falei pra você, né, não sei se é exatamente isso que você quer saber. Aí, se não for, você me guia pra um outro caminho.

Entrevistador:

Tá bom.

Isabel:

Mas, assim, a minha... Normalmente, eu escuto bastante música no transporte, né? Então, assim, sempre eu estou de fone de ouvido, assim, ouvindo músicas.

Durante o período de trabalho também, quando eu tô pra me ajudar a me concentrar mais, né? E me distrair também um pouco daquele trabalho meio monótono ali que eu tô realizando, né? E também momentos de lazer, assim.

Às vezes eu tô fazendo alguma coisa em casa e eu boto pra tocar, assim, uma música de fundo e ela vai ali preenchendo o ambiente. Enfim, eu acho que é isso, assim. Não sei se é exatamente esse caminho que você...

Entrevistador:

Você já falou sobre... Você acabou de falar sobre concentração em música, né? Você acha que música te ajuda a desempenhar tarefas do seu dia a dia?

Isabel:

Sim, com certeza.

Entrevistador:

Com certeza?

Isabel:

Com certeza. É quase sempre assim. Se eu tô lendo alguma coisa que eu preciso gravar aquele conteúdo, assim, né?

Ou então extrair algo que é muito importante, me ajuda muito estar ouvindo música. Isso, assim, eu sinto que quando eu estou ouvindo música, eu me isolo do ambiente que eu estou, apesar de ter... Uma televisão ligada.

Quando eu ponho a música, eu percebo que eu fico mais concentrada naquilo que eu tô fazendo, assim.

Entrevistador:

Entendi. Você falou sobre podcast no momento anterior na entrevista. Você costuma escutar bastante?

Isabel:

Sim, sim, sim. Eu escuto bastante podcast, né? Assim, eu comecei a escutar podcast quando nem era tão popular assim, né?

Entrevistador:

Tá.

Isabel:

Então, eu já ouço há bastante tempo, assim. Como a ouvinte assídua de podcast, a gente precisa de diversos assuntos, né? Tanto de cultura pop até de noticiários, enfim, de humor, né?

De vários temas.

Entrevistador:

Você acha que, de alguma maneira, a audição de podcast, ela acaba tomando algum espaço da sua audição musical?

Isabel:

Acredito que sim. Sim. Hoje o tempo fica meio dividido, assim, né?

Então, às vezes, quando eu tô até no transporte mesmo, é um momento quando antes eu escutava somente música e agora eu divido esse tempo com podcast, né?

Entrevistador:

Agora, você falou que assinava duas plataformas. Você assina o Spotify, que você comentou, e o YouTube Music. Você assina o YouTube Music como uma contrapartida do YouTube Premium?

Isabel:

Sim, sim. E, na verdade, eu prefiro a usabilidade ali do YouTube Music. Porém, o Spotify, ele tem algumas outras funcionalidades que o YouTube Music não tem, que ele não entrega.

Por exemplo, esse acesso aos podcasts, no Spotify é muito mais fácil, né?

Então, eu acabo ficando entre esses dois aplicativos nesse sentido, né? E o Spotify também, ele me entrega, assim, no final do ano, apesar de eu não compartilhar isso nas redes sociais, ele me entrega uma estatística daquilo que eu escutei durante o ano.

Então, eu acho isso interessante, né? Que o YouTube Music não tem. Então, eu acabo usando essas duas plataformas por esse motivo, né?

Em relação a álbuns, mais propriamente falando, eu acho que o YouTube Music é um pouco mais completo. Ele me entrega uma discografia maior dos artistas que eu consumo, assim, sabe? Então, nesse sentido, por isso eu assino, eu uso o YouTube Music.

Entrevistador:

Entendi. Você, considerando os meios de audição, por exemplo, rádio, disco, acervo digital, plataforma de *streaming*, você escuta em quais fontes?

Isabel:

Hoje, no geral, assim, plataforma de *streaming*.

Entrevistador:

Quase que exclusivamente?

Isabel:

Quase exclusivamente, é assim. Na minha casa, por exemplo, não tenho aparelho de rádio ou de vinil, nada disso, né? Eu até espelho na caixinha de sol e tudo mais, mas não tenho aparelho de rádio, assim.

Entrevistador:

Entendi. Você costuma ouvir aí com relação a formato, né? E aí, formato, a gente tá falando de álbum, *playlist*, single, até esses vídeos de shows do YouTube, clips, enfim.

Esse tipo de coisa, você costuma ouvir de quais maneiras?

Isabel:

Então, normalmente, eu monto algumas *playlists*, né, assim, de músicas que me agradam. Então, eu tenho várias *playlists*, assim. Eu tenho *playlist*, sei lá, de músicas dos anos 80, músicas mais de um rock mais indie.

Normalmente, no geral, eu vou montando *playlists* das músicas que eu mais gosto. E aí, assim, alguns artistas que são os meus favoritos, aí eu vou mais a fundo, né? E aí escuto álbuns completos, até singles que eles lançam, assim.

Músicas de EP, assim, enfim.

Entrevistador:

Tá bem. Deixa eu te perguntar. Você, então, essas *playlists* que você cria, você cria para consumo próprio?

Sim. Ou você compartilha?

Isabel:

Sim. Não, não, é para mim mesmo, assim. Não costumo compartilhar, não.

Entrevistador:

Tá. Você costuma utilizar essas funções que entram em jogo, o algoritmo do YouTube ou do Spotify, para escutar? Quer dizer, de alguma maneira, a inteligência artificial, ela interfere na sua escuta?

E se interfere, você gosta da interferência, da contribuição?

Isabel:

Então, interfere e, no geral, eu não gosto. Porque, às vezes, recomendo algo que é muito fora daquilo que eu estou acostumada, assim, sabe? E não faz muito o meu estilo musical.

Então, na maioria das vezes, quando tem uma recomendação, eu boto ou a mãozinha para baixo ou não recomendar. Porque aí ele para de me dar aqueles artistas que não estão ali dentro do meu gosto.

Entrevistador:

E aí, com isso, você vai tentando meio que educar o algoritmo, é isso?

Isabel:

Isso, isso.

Entrevistador:

Você se vê, por acaso, congelada diante da interface da plataforma? Tipo, eu quero ouvir música, mas eu não sei o que eu vou escutar.

Isabel:

Não, não. No geral, não. Na maioria das vezes, quando eu vou começar a escutar a música, digamos assim, eu parto de uma música que eu gosto, de um artista que eu gosto, e aí eu deixo ele indo no aleatório, quando eu não vou escutar uma *playlist* específica.

Eu deixo ele indo no aleatório. E aí, quando ele chega numa música que não me agrada, aí eu sinalizo para a plataforma que eu não gosto daquela música. E aí eu vou moldando ali de acordo com o meu gosto.

E aí, quando ele me sugere músicas novas que eu não conhecia e que eu gosto bastante, aí eu adiciono em uma das minhas *playlists* que já estão criadas. E aí eu vou fazendo assim.

Entrevistador:

Legal. Olha só, vamos tentar falar sobre um tipo de experiência para ver se você costuma exercitar. É uma experiência que a gente está interessado?

É aquele momento em que você está com a audição musical em primeiro plano, com o protagonismo, vamos dizer assim. Você precisa não estar fazendo nada mais além de música, além de ouvir música, mas que ela é o principal foco da sua atenção. Você se vê experimentando esse momento?

Isabel:

Sim, sim.

Entrevistador:

Você consegue me dizer como é o contexto em que ele ocorre?

Isabel:

Normalmente, você falou que não necessariamente a gente precisa estar dedicado à música, mas normalmente, quando ela é prioritária e que faz parte, é quando eu estou não fazendo nenhuma outra coisa. Então, eu paro para ouvir música.

Entrevistador:

Ah, legal.

Isabel:

Então, eu tenho esses momentos de parar e falar, agora eu vou ouvir música. E aí eu fico algum momento, algum tempo assim, e dedico a minha atenção, propriamente dita, a escutar música.

Entrevistador:

Então, ótimo. Vamos falar um pouquinho disso. Você disse que, pelo que eu entendi, é um momento que você conscientemente se dedica a isso, vamos dizer assim.

Não é uma coisa presa, vamos dizer.

Isabel:

Não, é. É um momento consciente que eu falo, agora vou fazer isso.

Entrevistador:

Bacana. E aí, em geral, você está ouvindo essas *playlists* que você cria ou é um álbum ou outra coisa?

Isabel:

No geral, são *playlists* que eu crio. E aí eu vou... E aí, às vezes, acontece, quando eu estou nesses momentos, acontece assim, ah, será que essa música é desse artista?

E aí eu pesquiso sobre, às vezes, dentro do próprio aplicativo, ou então no navegador, e aí vou descobrindo coisas, e aí descubro outros álbuns, outras músicas daquele artista, e aí faço aquele mesmo processo de ouvir, e aí, se eu gosto, eu adiciono na *playlist*, ou não, foi só uma música e passou.

Entrevistador:

Sim. Aí, nessas horas, a qualidade de áudio é fundamental para a tua experiência? Como é que é isso?

Isabel:

Sim, sim.

Entrevistador:

Isso não vai acontecer, por exemplo, de botar aqui no celular, vai tocar a música e está tudo bem. Não, você tem que estar com umas caixinhas legais.

Isabel:

Isso, é. Na verdade, eu prefiro escutar com fone de ouvido. Normalmente eu escuto com fone de ouvido.

E aí eu invisto em alguns fones que são mais interessantes, que tenham uma captação de áudio, uma reprodução de áudio mais legal, e não sei se interessa para a sua pesquisa, mas o jeito que eu gosto, que eu prefiro de ouvir música, são com fones de ouvido que entregam mais graves. Então, na minha experiência auditiva, eu prefiro sons mais graves. Então, uma música que tenha uma bateria mais pronunciada, eu gosto de ouvir a caixa, gosto de ouvir os instrumentos que compõem aquela música.

Entrevistador:

Entendi. E esse momento, para que você consiga desfrutar, ele tem relação com um contexto específico? Por exemplo, você tem que estar em casa, ou você...

Isso sempre acontece à noite? Consegue me contar um pouquinho sobre isso?

Isabel:

Normalmente acontece quando eu estou em casa, sim. E é mais à noite também. É quando eu estou mais livre, mais liberada de tempo, e aí eu uso esses momentos até para parar de pensar em trabalho, enfim, coisas da vida.

Então, são momentos de relaxamento também para mim. Então, acontecem mais em casa e mais no período da noite, que às vezes adentram até à madrugada.

Entrevistador:

Entendi. Você acha que esse momento ocorre com mais ou menos frequência em comparação com outras épocas da sua vida?

Isabel:

Atualmente acontece menos. Tenho conseguido menos tempo para dedicar a isso. Quando eu era mais jovem, conseguia fazer muito mais isso e por muito mais horas seguidas.

Então, quando não tinha tantos compromissos, eu conseguia me dedicar mais tempo para ficar nesse ócio criativo, digamos assim.

Entrevistador:

Agora me diz, você acha que essa diminuição tem a ver simplesmente com as obrigações da vida adulta, já que você descreveu que é uma coisa mais voltada para a sua infância, adolescência, ou tem a ver também com a mudança tecnológica das plataformas de *streaming*?

Isabel:

No meu caso, acho que tem mais a ver com a rotina mesmo. Tenho tido menos tempo para dedicar a isso da maneira como eu gosto. Como eu falei com você, a música faz parte de vários momentos do meu dia, mas está sempre em segundo plano, acontecendo enquanto outras coisas acontecem também.

Então, para mim, o momento de dedicação maior e que eu estou absorvendo mais é quando eu paro para me dedicar a isso. Então, acho que a rotina tem impedido que eu faça isso com mais frequência e mais volume.

Entrevistador:

Entendi. Então, vou fazer aqui a última pergunta da entrevista. Agora a gente queria falar um pouquinho sobre como é que você pessoalmente se vê experimentando esses momentos.

Você já falou um pouquinho disso, que até você se concentra, busca conteúdos relacionados àquela obra que você está ouvindo, mas você também se emociona, você também se arrepia, você também canta, você também dança. Como é que é? Se você pudesse descrever um pouquinho dessa sua relação com o corpo.

Isabel:

Ah, sim, com certeza. Tem uma relação sinestésica da música comigo. Algumas músicas me despertam...

Acho até meio bobo quando eu penso friamente sobre isso, mas tem algumas músicas que, quando estou ouvindo, eu me imagino na frente de um palco, como se eu fosse o artista, sabe? E aí eu canto essa música, como se eu estivesse lá num show. Tem uma música, uma em específico do Queen, que é *Bohème Rhapsody*, que eu sinto como se eu fosse o Freddie Mercury, estou cantando ali, enfim.

E música clássica me arrepia bastante, quando estou escutando os instrumentos se desenvolvendo dentro de uma composição, me arrepia bastante, eu me concentro bem nessas partes. Então tem uma relação bem física, a música em si comigo. Nesses momentos de dedicação, eu gosto de prestar atenção, normalmente eu canto, fico gesticulando, enfim.

É bem isso.

Entrevistador:

Isabel, muito obrigado pela sua disponibilidade, pelo seu tempo.

Isabel:

Está bem.

Entrevistador:

Valeu.

Isabel:

Espero ter podido ajudar aí.

Entrevistador:

Com certeza. Ótima entrevista. Muito obrigado.

Boa noite.

Isabel:

Nada, boa noite. Tchau, tchau. Boa defesa para você, que já está chegando no finalzinho.

Entrevistador:

Felizmente.

Isabel:

Valeu. Tchau, tchau. Boa noite.

José Luiz Dias

Escolaridade: ensino médio

Ocupação: operador de áudio

Nascimento: 12/01/1965

Idade: 59

Entrevistador:

Então, a pesquisa trata a respeito da experiência de audição de música de um segmento particular dos usuários, que são aqueles que se identificam como fãs de música.

José:

Certo.

Entrevistador:

Na nossa entrevista aqui, ela vai ser composta por três blocos, basicamente. Na verdade, por quatro, porque o primeiro fala sobre as informações demográficas, mas isso já fez no formulário, então não vamos passar por isso. Então, restam três blocos.

No primeiro bloco, a gente vai procurar falar sobre a sua relação com música. No bloco seguinte, a gente vai tentar falar um pouquinho sobre os hábitos de audição. E no final, a gente vai tentar abordar um tipo específico de experiência.

José:

Certo.

Entrevistador:

Então, vamos lá. Qual a importância da música para a sua vida? Você acha que a música, de alguma maneira, te ajudou a definir a sua identidade como pessoa?

Como é que é isso?

José:

A música tem uma importância gigantesca na minha vida. Desde criança, eu sempre gostei de música. Minha mãe, já falecida, era musicista, era pianista clássico.

Então, minha formação musical foi muito rica culturalmente. Quando eu era criança, a gente ouvia música erudita, música popular brasileira da época, dos anos 70, 65. Então, Chico Buarque, Milton.

Íamos a concertos de orquestra sinfônica, eu morava em Recife. E o tanto que a música acompanha a vida inteira. Hoje, sempre, na verdade, meu trabalho foi com música.

Eu já fui músico, eu estudei música, eu sei ler partitura, tocava flauta doce na iniciação musical. Só que logo eu comecei a gostar de rock, tive guitarra, tive baixo. Mas eu acabei não sendo músico profissional, e sim técnico de apresentações ao vivo, profissão que eu tenho, sei lá, mais de 30 anos.

O trabalho até hoje é meu sustento, meu ganha-pão. É com isso que eu eduquei, criei meus filhos e vivo até hoje. Então, a música é uma coisa fundamental na minha vida.

Eu ouço muita música de muitos gêneros variados. E a música é fundamental na minha vida. E certamente contribui para a minha formação.

Eu não sei diretamente como eu podia dizer isso, mas certamente, subjetivamente, contribui para a formação da pessoa que eu sou hoje.

Entrevistador:

Bacana! Você é consumidor de produtos com temas de música, cartazes, camisas, esse tipo de coisa? Você costuma consumir esse tipo de coisa?

José:

Não, quando eu era mais jovem, eu comprava, além da época de comprar vinis e depois CDs, merchandise de banda que eu gostava, camisetas e tal. O que eu sou consumidor hoje em dia, eu sou assinante, eu era assinante do Disney, porque vinha incluído no plano da minha companhia telefônica, que era a Tim, e hoje em dia eu sou assinante, aliás, hoje não, hoje eu coloquei o plano família, para a família toda, da Apple Music. Então eu pago, é um serviço de *streaming* que eu pago, para poder utilizar, inclusive tem uma qualidade melhor, e tem umas coisas com áudio imersível, não é exatamente *surround*, Adobe Atmos, mas com qualidade melhor.

Então o que eu consumo é isso, entendeu? E para shows, quando eu compro, quando eu pago, cinema, teatro musical, eu consumo isso, e os produtos que eu consumo são esses.

Entrevistador:

Ah, bacana! Então você comentou que você é assinante de plataformas de *streaming*, você começou com o Deezer, depois agora você está com a Apple Music, e essas sugestões pela Apple Music, foi por questões de qualidade musical que você falou? Se quiser poder detalhar um pouquinho mais sobre isso?

José:

Também, na verdade, a gente sempre vai por conveniência, o Spotify é o mais famoso, e eu usei o Deezer durante alguns anos, porque eu fui assinante de um plano família da Tim, aí o Deezer é profissional, é completo, e você pode ouvir sem anúncios, e baixar as músicas para ouvir offline, no avião, ou no metrô, onde quer que seja essa internet, eu fui assinante durante um tempo, e como eu

mudei de operadora, o nosso plano era um plano família, só que um dos membros da família, que era minha filha, viajou para outro país, estava morando em Portugal, então eu cancelei o plano da Tim, fiz um outro da Vivo, migrei para a Vivo, e perdi esse benefício, mas aí eu comecei com o mês grátis da Apple Music, que eles oferecem, e achei bom, e aí vi que para fazer um plano família, o mais barato era esse, para você dar o valor exato, sem contar o centavo, mas uma pessoa é 22 por mês, e até seis pessoas da mesma família, e ele não paga localização, ou seja, pessoas que você convidar como familiar, paga 34 por mês, menos do que duas pessoas, então foi por uma questão de conveniência, e além disso, tem mais músicas do que o Deezer, e do que o Spotify, e ainda tem uma qualidade melhor, tem a opção de ser sem perda, *lossless*, que eles chamam, e tem muita coisa já em *surround*, para quem tem um smartphone da Apple, ou da Beats, que é o meu caso, e você ouve umas coisas com áudio imersivo, então é uma qualidade muito superior ao do Deezer, eu nunca tive o Spotify, mas eu sei que é similar ao Deezer, então estou muito satisfeito, até agora, e pretendo continuar satisfeito, imagina!

Entrevistador:

Legal, cara, deixa eu te perguntar, você falou sobre consumo de disco, você colecionava disco, como é que era a tua relação com os suportes anteriores?

José:

Sim, quando, na época do vinil, a gente comprava vinil e trocava, e esses negócios de pirataria, não tinha pirataria de vinil, até onde eu sei, talvez o cara que tinha que tivesse uma fábrica, tem uma história de um cara do estúdio que prensou CDs piratas de uma gravação do Roberto Carlos e foi processado, então o cara com acesso a fábrica, não tinha pirataria como a gente conhece, então o máximo que a gente fazia era gravar em fita de cassete, para distribuir para os amigos, fazer uma coletânea, os amigos faziam e me davam, olha essas fitas aí, com essas músicas bem variadas, geralmente era rock, então eu comprava discos, depois passei a comprar CDs, e aí com o tempo, eu não vou mentir para você, quando eu fui pioneiro do Napster, que era o primeiro serviço da plataforma, e no tempo que a maioria das pessoas usavam a internet de escada, que ano era esse? 2001, 2002, eu morava aqui na Barra da Tijuca, então tinha um prédio que ofereceram, como é o nome do serviço, não sei, mas era uma coisa que tinha um link no topo do prédio que baixava um cabo de rede até seu apartamento, a velocidade era 348 megabits por segundo, hoje em dia é ridiculamente baixa, mas na época era uma revolução, então o Napster foi um modo de consumir música muito bom, por exemplo, eu lembro que eu estava lendo um jornal, um jornal impresso na época, mais de 20 anos atrás, e o centenário da cantora, uma coisa especial da cantora Maria Carlos, uma cantora de ópera famosa, uma soprano muito famosa, já falecida há muito tempo, e eu falei, poxa, nunca ouvi Maria Carlos, eu ouvi tanto falar, eu vou baixar a discografia, aí baixava, e isso era uma coisa foda, as vezes eu baixava e nem ouvia, entendeu? Isso é uma coisa, e aí foi uma coisa que a gente até estava conversando com um amigo meu, que é empresário, artístico, e ele comentou, a gente estava dentro de um Uber, comentou no início da era dos Ubers, como é que está sendo aqui e tal, em São Paulo, toda vez que começa, os caras começam, aí meu amigo falou isso, a indústria musical começou a querer punir e cobrar das pessoas isso, em vez de querer ganhar dinheiro com isso, que é o que passaram a fazer depois, hoje em dia é uma coisa, como é que você vai interromper, não prender todo mundo, não fazer o menor sentido a mídia física numa época dessas, então eu alegremente eu pago, eu sei que tem gente que não quer pagar de jeito nenhum, o que são 34 reais para 6 pessoas, são menos de 5 reais para a pessoa, principalmente eu que trabalho com música, então como é que eu não vou, eu prefiro ver o Spotify com propaganda do sabão, Rexona, no meio da música, eu não poder avançar para a próxima

faixa, então eu pago isso alegremente assim, e eu comprava isso aí, então eu comprava vinil, não comprava muito, comprava CDs, já tive muito CD, muito vinil, dei um monte, vendi alguns poucos, abandonei alguns em mudanças assim, mas era assim, eu comprava e hoje em dia eu compro, não compro música individual, mas compro assinatura do serviço *streaming*, já que se tornou disponível. Então hoje você já não consome mais disco, né? Não, não, não, eu tenho até uma moda retrô, tenho até vários amigos e colegas de trabalho que tem toca-discos de vinil, eu tenho até alguns discos assim, que eu pretendo um dia quando tiver um espaço, paciência e tal, comprar um toca-disco, mas como curiosidade, não é como eu não estou nessa *vibe*, eu sou, eu entendo assim a parte tecnológica, então não vou assim, ah, o som do vinil é muito melhor, não é, é uma coisa de nostalgia, assim, eu respeito quem gosta, eu acho bacana, na época que vivia isso, né, de abrir a capa, tinha o desenho da capa grande, tinha o encarte com as informações, tinha mais espaço pra escrever isso, né? O CD diminuiu e agora não tem, é uma reclamação dos músicos e autores que não tem ficha técnica, assim, você vai nos serviços *streaming*, não diz quem gravou, quem tocou, quem quem mixou, quem operou o som, quem são os atores da letra, tem pouca informação sobre isso, isso é uma reclamação extremamente justa das pessoas que trabalham com isso sobre o serviço de *streaming*. Mas isso é uma coisa fácil de resolver, você vai botar um arquivo ali, do mesmo jeito que você clica pra ver a letra, também você veria a ficha técnica. É só questão deles quererem inserir esses dados, né? Mas, é isso.

Entrevistador:

Agora, você, então, pelo que eu estou entendendo, você não vê assim, primeiro que você não vê diferença significativa entre a qualidade de som de um suporte anterior para o atual, e também está me parecendo que, me corrija se eu estiver errado, que a tua relação com música, ela não foi fortemente impactada pela mudança do padrão tecnológico.

José:

Não, não foi, não. Pelo contrário, eu passei a consumir mais música, porque, por exemplo, como eu te falei, hoje em dia você vê na internet muito mais facilidade, mesmo na época que eu estou te falando, que eu já tinha, eu trabalhava com a cantora Adriana Calcanhoto, e ela morava num lugar, ainda mora, eu acho, no Alto da Boa Vista, perto do Alto da Boa Vista, uma coisa assim, que não tinha internet ainda, era só de escada, e mesmo assim precária, né? E eu já tinha internet direta, via rede, então, não era satélite, mas era uma coisa, um link no topo do prédio, que comunicava com a central, que ficava naquele shopping Downtown, na Barra, e aí, isso é diferente do, ela comentou comigo, que tinha lido na revista Wired, que assim, que, ah, como é que vai ser a banda larga, era uma grande revolução, um grande paradigma, porque assim, você, quando era conexão de escada, você tinha que entrar na internet, entre aspas, né? Então, você discava, aquele barulho, pum, estabelecia a conexão. Como hoje em dia, ou como é a banda larga, você já está conectado o tempo todo, não tem que entrar na internet, a não ser que você esteja em modo avião e tire do modo avião, mas você já está na internet.

Então, isso foi uma facilidade muito grande quando a conta apareceu, ah, eu sei ali uma notícia sobre, ah, Geddy Lee, o baixista do Rush, é um caso exato, eu estou falando um caso específico meu, lançou um disco só, puxa, eu adoro o Rush, vou ouvir esse disco, era o Napster, vou baixar a discografia, pô, eu baixei, aí, baixava e ouvia isso, instantaneamente, assim, entendeu? É óbvio que se você pudesse pagar, como a gente paga? Quanto custa, assim, no caso, hoje em dia, você não precisa baixar, porque você está online o tempo inteiro, você ouve o *streaming*, né?

E no caso do Apple Music, ouve com uma qualidade, ele chama o *lossless*, né? Sem perda. Então, o mp3 é como o JPEG, ele reduz um pouco a qualidade, em 10, imperceptivelmente, né?

Não sei se você compara um A com um B, assim, e só que esse *lossless* é sem perda, então a qualidade é perceptivelmente melhor, ainda tem algumas, várias coisas que estão sendo relançadas em Dolby Atmos, que é o que eles chamam de áudio imersivo. Então, como o cara mixou, obviamente, o seu sotaque com fone, com L&R, mas eles conseguem, através de processamento psicoacústico, fazer que você escute como se você estivesse dentro, ouvindo o violino tocar aqui em cima, ou um contrabaixo ali do lado, sei lá, por exemplo, entendeu? Entendi.

E é bem realista isso. Então, foi um salto de qualidade muito grande, e eu acho muito melhor ouvir assim do que botar um vinil com gráfica. O vinil tem várias...

Eu não estou sem encontro do vinil, pelo amor de Deus, estou só dizendo uma coisa real, tem várias imitações tecnológicas, né? A faixa dinâmica é menor, ou seja, diferencia entre o ruído e o máximo, a faixa da saturação. Tem aqueles pops e cliques.

Então, isso faz parte também, a pessoa gosta, ok, não estou criticando quem faz isso, eu acho legal também. Por exemplo, não pode ter nenhum som grave que seja muito mais de um lado do que do outro, do estéreo, que se for uma agulha, pula. Então, tem uma série de limitações tecnológicas.

Isso tudo bem, agora, foi muito importante durante muito tempo, entendeu? E as pessoas gostam de ter uma afinidade assim. Eu sempre gostei, na época que eu tinha, eu adorava.

Se eu vi o disco, assim, podia pular as faixas, assim, eu era muito bom na época que teve, né? Enfim, respeito muito, até eu tenho vários discos importantes, assim, um Led Zeppelin 3 importado, coisas sentimentais que eu ganhei que eu não quero me desfazer estão ali guardadas e um dia eu vou recomprar um disco, um tocadorzinho de vinil bom, assim, e botar aqui no meu sistema aqui pra poder ouvir de vez em quando, é legal também, mas não é assim, ah, olha aí, é muito melhor, isso aí é um pouco, sim, respeito quem queira, mas isso aí eu acho um pouco de viagem, enfim, se a pessoa acha melhor, tudo bem, né? Não vou ficar discutindo, ah, que bom, então, ótimo, vamos aproveitar a música pra mim, tem um amigo meu, um músico que trabalhava comigo, disse, vixi, eu prefiro ouvir música boa e som ruim do que o contrário, eu falei, eu também, pra mim a música é mais importante, eu curti, eu lembro quando eu trabalhava na Cidade das Artes, eu ia e voltava de BRT, eu morava no Recreio durante 4 anos e aí, eu preferia ir, eu tinha carro, mas aí eu preferia, como tinha Vale do Transporte, o BRT funcionava super bem na época e era mais seguro, eu ia ouvindo, então às vezes eu ia ouvindo música pra passar o tempo e às vezes meu fone quebrava e eu comprava um zinho de camelô, um sonho bem vagabundo, mas eu gostava, assim, ah, vixi, mas eu curti tanta música, que pra mim não importava se o fone não era absurdamente bom, entendeu? Obviamente depois se mudou, aí eu preferi investir no fone melhor, lógico, enfim, mas na época, assim, eu dava mais importância ainda a qualidade em si do que a fidelidade, assim, não que não seja importante, claro que sim, afinal eu também trabalho com isso, mas pra mim é muito mais importante ouvir a música, sentir, curtir, imaginar, viajar, quanta coisa boa que a música leva a você, mais do que a qualidade em si, aí, não está muito bom, enfim, mas como disse o meu amigo, eu prefiro música ruim em som bom, eu, tipo, prefiro música boa em som ruim do que o contrário.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar, você é uma pessoa ativa, assim, na internet, rede social e tal, ou não?

José:

Eu sou por causa do meu trabalho, eu posto muita coisa, porque eu acho que é uma divulgação do seu próprio trabalho, mais do que a divulgação do seu pessoal por vaidade, é uma coisa que pode, eu sou freelancer, então eu faço operação de shows ao vivo da cantora Elba Ramalho e do padre Fábio de Mello, que são do mesmo empresário, e atualmente eu estou trabalhando bastante, eu não tenho um fim de semana livre, até o fim do ano, e dia de semana também, eu tenho um show quarta-feira agora também, sexta, domingo, terça, então muitas vezes emenda, e o que acontece, eu nem tenho tempo pra pegar outros trabalhos, eu tenho recebido propostas, principalmente até pra substituir colegas em outros shows, um rapaz me chamou pra fazer Vanessa da Mata, e eu vou estar em Portugal com o padre Fábio, então eu trabalho, então eu uso a internet pra divulgar, pra trocar informações logo com os colegas de profissão, e também a ideia é você ser visto, o José Luiz está trabalhando lá, então, oxe, que legal, a ideia é, no caso que alguém precisa puxar, o fulano não vai poder fazer esse trabalho, quem a gente chama? Vamos chamar o José Luiz, que vai estar lá, sei lá, tipo assim, entendeu?

Então eu uso assim, eu não sou muito longe de ser um mega famoso, eu tenho, vai chegar a quase 4 mil, 3.800 e tantos seguidores no Instagram, é muito pouco pra uma pessoa famosa, mas pra um anônimo como eu.

Entrevistador:

Entendi, eu queria saber se nessa tua atividade no Instagram, você costuma publicar algum conteúdo musical, não do ponto de vista do seu trabalho, mas do ponto de vista, olha só que legal esse som aqui, ou aquilo outro, entendeu?

José:

Eu faço isso, mas não é muito comum não, vou até fazer mais, por exemplo, um produtor musical brasileiro que mora nos Estados Unidos, um cara muito famoso, já ganhou vários Grammys, conhece os caras tops, é o Moogie Canazio, e ele compartilhou um dia, agora recente, no Facebook, foi no Instagram, que era falando sobre o lançamento na Apple Music, tem um baixista muito famoso, que é o Nathan Neeson, ele mora nos Estados Unidos, é um cara muito famoso, muito rico, por exemplo, ele é baixista, acompanha outros cantores, mas ele é o compositor também, aquela música Easy Lover do Phil Collins, foi composta por ele, então certamente o cara ganhou muito dinheiro só com essa música, foi um sucesso mundial, e ele lançou um CD solo, um CD, a gente chama de CD, um álbum solo, um conjunto de músicas assim, não sei se tem CD físico talvez não, lançou nas plataformas, e aí o link, esse era o link para esse trabalho, justamente no Apple Music, e a versão já é imersiva, já é com o Dolby Atmos, aí eu achei sensacional, adorei o trabalho também, que eu sou fã dele, e compartilhei isso no Facebook, e a maioria das coisas que eu compartilho, mas não é coisa minha, assim, é vídeo do show, tanto da Eva quanto do Padre Fábio, um trecho de uma música, uma música inteira até não, porque é muito tempo, assim, muitas vezes eu não boto a música inteira, mas por exemplo, histórico, uma musiquinha assim, é difícil eu fazer, porque eu acho meio chato até de ver nos outros, quando é assim, o pôr do sol aqui de casa, aí eu boto um pedacinho assim, e lá se vai, mais um dia, música do Flávio Venturini, é Clube e a Esquina, né, e essa sim, mas nesse caso eu não compartilho muito não, sabe, até vou passar a compartilhar mais, porque é sempre legal, né, música, é muito bom.

Entrevistador:

Vamos agora para o segundo bloco da entrevista, você conseguiria me descrever como é que é o seu hábito de ouvir música, se é que tem assim, como ele se encaixa na sua rotina?

José:

Mas eu gosto muito de ouvir música, me ajuda a passar o tempo, assim, né, por exemplo, uma viagem de avião, eu boto se eu quiser dormir, que na maioria das vezes eu viajo bastante, né, toda semana, então, muitas vezes os voos estão muito cedo, então eu durmo tarde, acordo cedo, então estou com privação de sono, e eu vou dormindo no avião, então eu boto música relaxante, assim, a não ser, já fiz o contrário também, coisa que eu estou afim de ouvir, né, mas eu ouço direto, assim, por exemplo, é que somos eu e minha mulher, então a gente revela as tarefas domésticas, né, então, por exemplo, vou lavar a louça, eu boto meu fone e fico ouvindo a música assim, alegremente, me distrai assim, e eu gosto, tenho um gosto muito variado, eu gosto de ouvir muito, muita coisa diferente, né, eu procuro ver as novidades, mas também a gente acaba sempre curtindo muito ouvir a música que você já ouviu há muito tempo, vê se lembra um período da sua infância, puxa, eu nunca mais ouvi aquele álbum, sei lá, da ACDC, de Deep Purple, aí você bota lá, puxa, e ouve aquilo durante um tempão repetido, não é que enjoa, mas eu vou fazer outra coisa mais, aquele ao vivo, o pulse ao vivo do Pink Floyd, aí não é porque eu tô ouvindo aquilo direto, pra caminhar, pra fazer tudo, e depois eu mudo, né, então eu ouço muita coisa nova, mas eu ouço também muitas coisas que eu já conheço, né, eu já li um livro sobre música e percepção musical assim, e o pessoal diz isso, você gosta de ser surpreendido, né, quando ouve uma peça nova assim, mas você gosta de repetir as mesmas sensações também, muita gente ouve, muita gente, eu tenho conhecimento, muita gente que nem ouve nada novo, ouve as coisas que eu ouvia quando eu tinha 17 anos, é muito curioso, né, cada um tem uma experiência específica, né, com a música assim.

Entrevistador:

E a extensão do repertório é tão grande que se você nunca mais lançassem música nova, você podia passar o resto da vida só ouvindo o que já existe, né?

José:

Exatamente, tem muita coisa, ainda mais com essa plataforma, né, eu li até agora, que hoje eu assinei o plano familiar da Apple Music, que são mais de 100 milhões de músicas, gente, é muita música, qualquer compositor erudito, até coisa que eu ouvia na infância, assim, puxa, até minha mãe faleceu em 2020, né, de Covid, não tinha nem vacina nem nada, e na última vez que ela esteve aqui em casa, ela se emocionou, porque ela ouvia a gente também, quando a gente era criança, ela nunca mais tinha ouvido, porque aí o gravador, o tocador de vinil quebrou, o CD mofou, sei lá o que aconteceu, aí, mãe, tem aqui, botei, sei lá, no YouTube, na época, o chefe ficou com iPad e com fone chorando na varanda aqui, a gente tem uma varandinha com a rede, então, é muito bom você poder, qualquer música, isso aqui hoje em dia é muito fácil, antigamente tinha que garimpar vídeo, pra ouvir no rádio, tinha que gravar, pra tocar no rádio, a gente ficava com o dedo no play e pause, e era no cassete, assim, não dava pra editar, assim como a gente faz hoje no computador, ah, corta o início, corta o final, tinha que ser o *play, pause* ali, *play, rec, pause*, e você gravava da rádio, as músicas, o sucesso, assim, era uma outra época, tem gente que falou, já era muito melhor, não acho não, era o que tinha na época, só isso, a gente tinha que se virar com o que estava disponível.

Entrevistador:

Então, assim, pelo visto, você, basicamente, a sua audição musical é quase 100% via plataforma.

José:

Sim, atualmente, sim.

Entrevistador:

Nem rádio você escuta mais, vamos dizer.

José:

Não, raríssimo. Eu não tenho mais carro, né, porque desde a pandemia a gente ficou sem carro, e agora também eu acho que não vale a pena ter carro, pela necessidade que eu tenho, ando de Uber, e de vez em quando ando com carro, então, quando a gente tinha carro, a gente até ouvia mais, saía e ligava o rádio, entendeu? Ligava o JB FM e tal, assim.

Eu ouço rádio, mas não estou no Uber. Eu estou indo para o aeroporto, está lá a musiquinha tocando, mas até a maioria das rádios tem tem tem rádio pela internet, se ouve, até dentro das próprias plataformas tem rádios específicas, botam canais, eu não ouço nem muito isso, não. Eu ouço *playlist* de um artista específico, de gênero específico, falei tanto.

Quando eu quero fulano de tal ou fulano de tal, vou dar aqui um *playlist*, variado assim, aleatório e tal, mas eu não costumo ouvir rádio, rádio mesmo não, entendeu? Não é que eu ache ruim, não, é só porque eu parei de ouvir, eu não tenho nada contra rádio especificamente.

Entrevistador:

Entendi, mudou o padrão mesmo, você está atualizado no padrão mais recente, né?

José:

Exatamente, exatamente.

Entrevistador:

Agora, deixa eu te perguntar, você sempre sabe o que vai ouvir, ou você se vê naquele momento de congelamento ali, de olhar para a interface lá da Apple Music e ficar meio sem saber o que ouvir? Como é que é?

José:

Já aconteceu isso. Muitas vezes eu lembro assim, aquilo ali, aí procuro e tem ali fácil, né? Mas já também quis pesquisar por gênero, assim, e ouvir coisa diferente também é muito importante.

Eu até acho que deveria fazer mais isso, pra conhecer mais coisas. Meu filho saiu de casa faz um tempo já, então ele está em Portugal, mas quando ele morava aqui, mesmo quando ele saiu de casa, casou com a minha esposa dele, e ele é bem jovem, né? Ele fez 26 agora, então se eu estou falando, ele tinha 20.

Ele era sempre minha fonte de novidades, assim, que ele sempre foi um... mostrava uns negócios muito bons, assim, de todos os gêneros possíveis, você pode se imaginar, né? Ah, um trompetista da Dinamarca, sabe, que nunca, meus amigos nunca viram ninguém falar, o trabalho do cara é maravilhoso, ele descobriu por acaso. Aí saía de carro e a gente ficava ouvindo, era muito legal isso, assim, essa época eu tenho saudade, assim, e eu vou até fazer isso, ouvir no aleatório completamente, mas tem uns estilos, né?

Tem uns estilos que eu não curto muito, apesar de, às vezes, eu gosto até, por exemplo, eu não gosto muito de sertanejo e pagode, eu não tenho raiva, não odeio, nada, é só, não é a coisa que eu boto pra ouvir, mas de vez em quando numa rádio, a pessoa bota uma música desse estilo, eu acho bom, poxa, essa música é boa, bem feita, bem cantada, bem tocada, então a melodia é boa e tal e tal, e, né, por isso o preconceito é ruim, mas é só que eu tenho preferência mesmo por outras coisas, não é que eu odeie, nada, jamais escutaria, eu não digo isso nunca.

Entrevistador:

Entendi. Então, quer dizer, você não tem restrição ao algoritmo, à inteligência artificial selecionar repertório pra você ouvir, né?

José:

Não, não, sim, sim, não tem problema, não. Se eu não gostar, eu posso pular, eu posso avançar, eu posso mudar outra coisa, se eu não estiver gostando. Muitas vezes eu tô ouvindo, Apple Music tem isso, até você falou, até eu lembrei, você bota uma música específica de uma coisa que você quer ouvir, aí, poxa, e aí tá tocando uma, duas, uma terceira, uma terceira, poxa, tá diferente isso, você já tá ouvindo outra coisa, né?

Você só tocou a primeira música do artista que você queria ouvir, e ele não continuou, né, pulou pra um gênero semelhante e tal. Mas enquanto tá agradando, tudo bem, uma vez só por curiosidade eu vou ouvir um, ué, mas estranho, esse cantor mesmo, essa cantora, já mudou pra outro, semelhante. Mas eu acho bacana, eu acho válido, que é bom que eles divulgam, e a gente tem como ouvir outras coisas, né?

Eu lembro um tempão atrás, passou no Fantástico, um cara, uma entrevista do cara, nunca ouviu falar, era um compositor bem obscuro, assim, e lá ele ganha 15 mil dólares por mês no Spotify, sei lá, uma coisa assim, ter 15 mil visualizações, uma coisa assim, altíssima, e aí mostrou pra gente, mas quem é? O cara nunca ouviu falar, o cara não é famoso, aí a história é a seguinte, ele era um compositor muito frutífero, não sei, não escolhi uma palavra assim, e aí até mostrou, ah, como é o nome da repórter da Globo? Ah, você é um músico?

Ah, não sei. Ah, fulano, não é mesmo? Você é lá em inglês.

Aí ele falou o seguinte, ele compunha, botava música na plataforma todo dia, várias, em vários estilos diferentes, country, folk, pop, rock, e aí nessa brincadeira, nessa lista aleatória, sempre, alguma hora, tocava a música dele pra um monte de gente, né? E nessa brincadeira, mesmo sem conhecer o que é, ele ganhava dinheiro, achei um modo de burlar, não, de burlar, não, de usar o algoritmo a seu favor. Achei interessante esse conceito.

Até falei pro amigo meu que toca numa igreja que, ah, eu tenho não sei quantas composições, pô, bicho, começa a votar no Spotify, eu contei essa história pra ele, poxa, é mesmo, ganho dinheiro aí, boto um monte, um monte, um monte, não, porcaria, não, mas boto um monte, vários estilos, aí fatalmente, em algum momento, alguém vai ouvir, mesmo que não seja procurando por ele, porque afinal ninguém conhece ele, assim, né? Fora os conhecidos.

Eu acho interessante o algoritmo, não sou contra, não, acho bacana.

Entrevistador:

Você tem o hábito de criar *playlists*?

José:

Tenho, quando eu quero ouvir as coisas, por exemplo, eu lembro que eu ouvi um tempo atrás, a música foi descoberta na uma pesquisa do negócio da Inglaterra, de saúde, sei lá o quê, uma coisa assim, que é a música que baixa a pressão arterial, a música mais relaxante do mundo, aí um CD chamado Weighless, né, sem pesos no inglês, uma banda chamada, uma banda, Marconi Union, aí eu ouvia no Deezer e agora no Apple Music, tem lá, mas aí tem várias opções, aí eu criei uma *playlist* só com essas músicas, pra ficar repetindo, aí repetir várias vezes, aí não domino a interface, não vi como é que *repeat all*, só tem aleatório, aí eu tô dormindo, vou mais longo, pum, acaba, eu acordo, mas não, não, não, peraí, aí eu criei uma *playlist* repetindo várias vezes. Enfim, gambiarra, né? De *playlist*.

E eu crio umas de coisa que eu que eu gosto, por exemplo, a banda Full Fighters, uma época que eu caminhava muito vindo, aí fiz uma *playlist* com a minha música, mas eu não costumo fazer não, vou até.

Entrevistador:

Mas é pro seu uso próprio, né? Não é uma coisa que você vai divulgar, mostrar pros.

José:

Não, não, não, não faço isso não, até podia ser, pra você, você com os amigos, olha que legal essa música que eu escolhi aí, é uma coisa positiva, eu acho, mas realmente eu não faço costume, porque não não faço mesmo, não por não gostar ou achar que é ruim ou nada, pelo contrário, eu acho muito bom. Isso aí, compartilhar *playlist* e tal.

Entrevistador:

Bacana, é.

José:

Eu vi uma vez antes do a desculpa, não falei. Ah, pode falar pro concluir. Não, dizendo antes antes de um show que eu tava, aí é, o que que vai ficar tocando antes pra plateia entrar?

Aí o cara não, deixa comigo, o cara levou um laptop, ligou lá um cabo e ficou tocando, aí eu tava achando, poxa, que seleção boa, só em MPB e pop rock nacional, tudo bom, gosto da porra, aí o que é isso? Aí eu fui ver, era do Spotify, aí era, nem sabia que tinha era, rádio Nando Reis, aí, obviamente, não, na verdade, tocava pouca coisa do Nando Reis, a maioria eram outras coisas.

Entrevistador:

É a rádio.

José:

Aí eu até tirei uma foto da tela, poxa, vou procurar aí, que legal.

Entrevistador:

É, vamos, vamos entrar aqui no, no último bloco aqui da nossa entrevista. Uhum. E aí eu queria falar sobre um, um tipo de, de experiência que a gente tá estudando, que é, que é aquele momento em que, em que a, a audição musical tá em, tá em protagonismo e não assim, ah, eu tô fazendo uma coisa, tá fazendo, você tá ouvindo música, né?

Realmente.

José:

Uhum.

Entrevistador:

Você se percebe com essa, com esse tipo de atividade, é, e se, e se você se percebe, é, você consegue me dizer quando ele acontece, de que maneira, dar o contexto?

José:

Olha, eu gosto muito, é, por exemplo, meu filho, eu tô dando exemplo, meu filho, puxa, meu filho é versões em estúdio, assim, como eu trabalho com som ao vivo, eu gosto muito de escutar álbum ao vivo de bandas que eu gosto,

porque eu me imagino, pô, como seria se eu tivesse, é, eu operando aquele show ali, né? E aí, muitas coisas que eu ouço nesse contexto assim, é, eu, tipo assim, eu ouço repetidamente, então, você sabe cada detalhe, assim, sabe a hora que o cara vai respirar, a hora que, que a nota, aquela nota vai dar e, e coisa que eu ouço repetidamente, entendeu? Tem vezes que eu ouço, mesmo caminhando, eu, eu ouço prestando muita atenção na música, até muito mais do que, do que no ambiente, assim, porque é, nem é uma coisa muito segura, assim, mas eu ando aqui, eu moro num condomínio na barra, então, é seguro andar nas ruas, assim, em termos de assalto, assim, e tal, então, você pode ir andar despreocupado, assim, sem, ah, será que o cara tá me olhando, vai roubar meu celular, entendeu? Isso é uma coisa positiva também, mas não sei se foi isso que você perguntou, é, quando você, você ouve, eu entendi, eu entendi a pergunta, exato, assim, que quando você tá ouvindo música e não como música ambiente, como eu falei do caso de lavar a louça ou de relaxar no avião e ouvindo, ouvindo mesmo, eu ouço muitas vezes assim, porque eu, eu gosto muito de música, eu gosto muito de instrumentos e eu procuro ouvir a letra, entender a letra, saber o que a pessoa tá dizendo, principalmente numa língua que eu entendo, como o inglês, então, é, como tem a ver, que é uma, muitas vezes, a pessoa escuta, gosta da melodia, mas não entende o que a pessoa tá falando, eu sempre, é, explico quando eu tô com uma pessoa que eu sei que não fala inglês, eu explico, oh, ele tá cantando assim, ah, que legal, tal, tal, pra, o significado, né, que a pessoa queria dizer ali, literalmente ou não, e eu, eu, eu entro muito nessa, nessa imersão também, mesmo quando eu tô no avião, assim, quando eu tô dormindo, mas eu fico ouvindo, prestando atenção, prestando atenção mesmo, por exemplo, nesse negócio da, do *surround* aí, do Apple Music, eh, no dia desse, eu até tava ouvindo, aí eu acabo baixando, porque vai, no avião, não tem, mesmo quando tem Wi-Fi, não, não suporta, às vezes, o, entendeu?

Então, tipo assim, tá no 5G, antes de decolar, aí, eu baixo ali, aquele álbum e vou ouvindo, e aí, tem muita coisa de clássico, eu tava ouvindo umas coisas, assim, de orquestra, aí, e assim, que você, de uma, com imersão, né, pra você se sentir dentro da orquestra, é bem realista, assim, então, eu fico ouvindo, prestando atenção, tentando, eh, ouvir, identificar na direção que tá o posicionamento, se onde estão os instrumentos e tal, é muito interessante isso, assim, entendeu?

Entrevistador:

É, o que que eu ia te perguntar aqui, é, é, é, pelo que eu entendi, você tá, você tá descrevendo que esses momentos que a gente tá falando aqui de protagonismo, ou da audição, eles são, muitas vezes, desfrutados quando você tá com esse fone da, da Apple, não é isso? Mas por aí, né? É, o que você Ah, então, ah, sim, por exemplo, você falou agora, deu um exemplo de uma, de uma peça de música clássica, você, você acha que esse momento de, de imersão, eh, ele, ele, ele pode acontecer com qualquer formato, por exemplo, com álbum, com música isolada, com *playlist*, ou, ou você, não, eu sempre, quando, esse momento, quando, quando eu tenho, eu tô ouvindo álbum, por exemplo, ou não, isso é totalmente.

José:

Não, não tem, não tem isso fixo, eu, pelo menos, não tenho isso fixo, não, pode ser uma música específica, ou uma sequência de música específica, que geralmente vai tá num álbum, ou até numa *playlist*. É, não, não tem especificidade, não, Rafael, não tem, não, pode ser a qualquer momento, entendeu?

Entrevistador:

Agora, então, deixa eu te perguntar, você, você consegue comparar, de alguma maneira, se hoje, esse, esse momento de, de protagonismo, você acha que ele acontece mais do que antigamente, quando na era do disco, ou na era do disco, você acha que isso acontecia mais, você ouvir com uma, com uma atenção dedicada, ou, ou não tem diferença?

José:

Eu acho que, que, não sei explicar exatamente por quê, talvez uma série de razões, mas provavelmente, antigamente, era mais. E se eu tinha mais tempo livre, ou era mais jovem, mais sonhador? Eh, por exemplo, mesmo na época do vinil e do cassete, muitas vezes, eu ouvia música de headphones, então, aqueles, você pode botar no volume legal, sem incomodar ninguém, com a qualidade boa, que nem todas as caixas tem, entendeu?

Eu acho que, antigamente, isso acontecia mais, mas também pode ser uma, uma série de razões, menos, menos, menos oferta de música, né? Como tem hoje, até rádio tinha menos, né? Eh, voltando pra televisão, eu contando pros meus filhos, quando nasceram, a gente já tinha, a gente já tinha Cartoon Network, ou seja, um canal que passava desenho animado, quando eles eram crianças, tio, né?

Mas vinte e quatro horas por dia. Isso na minha época, quando eu era criança, é inimaginável, lá eu morava em Recife, na televisão inteira, tinha assim, três canais que de noite parava de transmitir, então passava desenho animado ali, aqueles do Mickey Mouse, aquelas coisas boas pra caramba, da época, o Tom e Jerry, quando tava na hora de ir pra escola, mora, mora, mora, corre, corre, corre. Então, eu falei em relação a música, antigamente a gente tinha menos, eh, tinha menos, eh, oportunidade e aí acabava que aproveitava mais, talvez, não sei.

Mesmo que a qualidade do som, tecnicamente, não fosse melhor, e assim, mas isso não importava, né? Já era bem aceitável, o que importava era a música mesmo, né? Eh e eu acho que antigamente acontecia mais isso, realmente, uma série, não era uma coisa simples, ah, porque hoje tem algoritmo, eu acho que são várias razões, inclusive, deu que eu era major e tinha outra ideia do mundo, não sei, mais romantizada, eu não precisava trabalhar, né?

Eu vivia, eu era muito jovem, eu vivia com meus pais e e nós éramos classe média, a gente nunca foi rico, mas a gente viveu bem, sempre, na época também tinha, podia consumir cultura e tal, ia concertos e shows e tal.

Entrevistador:

Uhum.

José:

E comprar disco, né? E foi uma época boa, assim.

Entrevistador:

José, cara, queria super agradecer sua sua entrevista. Ótimo. Falou várias coisas interessantes, vai ser super útil aqui na pesquisa.

José:

Obrigado.

Entrevistador:

Pra pra pra gente aqui do lado do pesquisador, vê se não é fácil eu conseguir pessoas pra você entrevistar, muitas vezes é difícil, né? As pessoas estão

sempre, sempre, sempre na correria, então, sempre faço questão de agradecer bastante.

José:

Um prazer. Prazer. Tá certo, um prazer, bom, sempre bom, adoro conversar, sempre bom.

Prazer, cara, espero ter ajudado aí, qualquer coisa, estamos aí. Muito obrigado, amigo. Tá bom?

Julia Beauchamp

Escolaridade: mestrado

Ocupação: revisora

Nascimento: 08/12/1979

Idade: 44

Entrevistador:

Queria agradecer pelo teu tempo, Julia, ajudar aí nessa pesquisa. A pesquisa que a gente está conduzindo lá na PUC, ela está interessada na experiência de audição de música de um público que se identifica com interesse acima da média em música. Bem, ela é dividida em três blocos.

No primeiro bloco, a gente tenta entender como é a sua relação pessoal com música. No segundo, tenta explorar um pouco como são os seus hábitos de audição. E no último, conforme for, a gente fala sobre um tipo de experiência que a gente está mais centralmente interessado, está bom?

Linha de regra leva meia hora. Às vezes, dependendo do entrevistado, pode levar mais, pode levar menos também. Vamos lá.

Queria que você pudesse falar para mim, com as suas palavras, o que a música representa para você.

Julia:

Diria que é a minha forma de arte preferida, mais presente na minha vida. Talvez esteja sendo injusta com as outras formas de arte, as artes visuais, artes gráficas, que também me cercam o tempo todo, cercam a todos, mas... A música, para mim, é pano de fundo, ela me encoraja, ela me consola, ela me faz companhia e me estimula.

É isso. Para mim, um dia sem música é um dia que não vale a pena.

Entrevistador:

Bacana. Você acha que a música, de alguma maneira, marca a sua identidade pessoal?

Julia:

Acho que sim. Porque, de certa forma, falando por mim, o gosto musical acaba moldando os hábitos sociais. Então, vira até piada entre minhas amigas.

Sabem que eu não gosto... Eu não curto samba, não adianta. Não adianta eu forçar.

Eu vou levar a Julia no samba, vou levar a Julia, não sei aonde, no ensaio, não sei o quê. Isso vira piada, porque... Já virou um absurdo.

A Julia numa quadra de escola de samba. Porque está na minha personalidade. Jamais pisar num lugar desse.

Não estou nem falando em termos de preconceito. Porque imagino que vou pisar num lugar desse. Não, é porque ela não curta a música.

Então, acho que sim, porque acaba moldando os convites, as pessoas pensam. É isso que estou te falando. A Julia, não.

Sair para esse programa, não, porque a Julia não vai rolar. Acho que é muito nesse aspecto.

Entrevistador:

Sabe o que é interessante, Julia? Que tem umas pesquisas que demonstram que o pessoal das gerações mais recentes não percebe esse vínculo entre estilo e identidade pessoal. É uma coisa mais da nossa geração, uma galera que esse aspecto estilístico tem uma representatividade mais significativa.

Julia:

Mesmo com as divas pop, que têm um apelo visual, sexy, também mesmo...

Entrevistador:

Sim, porque aí o vínculo se demonstra mais como artista do que com estilo, entendeu? E transita entre vários ídolos pop, independentemente do tipo de música. Entendi.

Você tem recordação das suas primeiras audições de música, tem esse tipo de reminiscência?

Julia:

Como eu costumo dizer, aquela frase da música do Talking Heads, "I was born in a house where the television was on", já vim para aí, porque é muito música da televisão, as aberturas, a propaganda. Meu pai fala que eu não assistia TV quando era pequena, que eu assistia anúncio, que era o que mais me interessava. Eu acredito que muito, em parte, porque é parte musical, porque tem o apelo da música, as aberturas dos programas, eu me interessava mais do que o programa em si, é por causa da música.

Então, imagino que esse primeiro contato tenha sido pela TV. Acho que faz sentido pensar assim.

Entrevistador:

Não, fala, desculpa, conclui, pode ir.

Julia:

Não acredito que os meus pais fossem colocar um disco de música calminha para eu ouvir quando era neném, não acredito muito nisso. Esse contato com a música foi mediado pela TV, esse primeiro. Acho que fez parte da nossa geração, MTV, muito TV, mas eu ouvia muito rádio.

Entrevistador:

Sim, mas você no controle do... Enfim, quero ouvir tal coisa, você tem esse tipo de recordação? Você como seletor, tomador de decisão?

Julia:

Tenho. Lá em casa, era sempre muito de fita cassete, que de certa forma era bom, porque a gente podia fazer nossas listas e tinha um controle ali. Dependia do aleatório da rádio, isso quando não era gravado a partir de um disco, de um CD ou de outra fita, não era o ideal, mas às vezes era o que a gente conseguia.

Acho que só dessa maneira de escolher, quero ouvir isso agora. Também o que me lembro e que meus pais comentam muito era a música infantil da época, porque acho que também quando a gente era criança a gente só tinha o controle da música se tivesse um objeto, se tivesse a fita ou o disco. Alguns tinham videocassete já, não era o meu caso.

Então, acho que não tinha muito... Eu ia no que aparecia, no que dava sorte de ouvir na rádio, ouvir na TV. Não tinha essa facilidade de agora eu quero ouvir Madre Deus, agora Iron Maiden.

A gente ficava preso ao que vinha.

Entrevistador:

Dependia muito dos seus pais disponibilizarem esse acesso. É.

Julia:

Meu pai ouvia muito música no carro, é um hábito que gosto. Ouvia rádio no carro, gosto até hoje. Ouvia estar em casa, não fazendo nada, ligo o rádio também.

Minha avó também era assim, gosto muito. Se dependesse de mim... Porque agora a gente está conversando e eu estava estudando, vendo outras coisas.

Mas, normalmente, se estou cozinhando, ligo música. Qualquer coisa é música. Porque foi uma coisa que já vinha, hábitos familiares.

Entrevistador:

Legal. Você tem produtos com temas musicais, por exemplo, camisas, pôsters?

Julia:

Tenho. Tenho do Rolling Stones, tenho do Kiss, dos Beatles, não tenho nenhuma. Mas... Tenho. Roupas. Roupas, mas não são coisas que use fora de casa. Uso mais para ficar em casa mesmo, não uso para ir trabalhar.

Entrevistador:

Você acha que isso era... Estou falando isso porque você acabou explorando essa questão de não ir para trabalhar, por exemplo. Você acha que você fazia esse tipo de...

Você transitava socialmente com esse tipo de roupa quando você era mais jovem?

Julia:

Ah, sim. Quando eu era mais jovem, com 20 anos, usaria sem o menor pudor. Iria para a faculdade, não é que eu iria, eu ia depois da faculdade para o estágio, com 20 e poucos.

Agora... Não, não vou usar.

Entrevistador:

É, agora estamos coroadas, não é, Julia?

Julia:

Oi?

Entrevistador:

Agora estamos coroadas, tem que ter algum tipo de compostura, não é? Estou sacaneando. Olha só, deixa eu te perguntar.

Você comentou aí, interessante, você falou sobre a sua relação com o cassete. A gente, você e eu, você é mais jovem que eu, cinco anos eu acho, está com 43, não é isso? Isso.

Então, você, assim como eu, você passou pela época do vinil e do Cassete, depois pelo CD, depois por aquela época de download de mp3 e tal, e agora mais recentemente, nos últimos... Na última década, nas plataformas de *streaming*. Você consegue comentar um pouquinho sobre como é que era o teu relacionamento com esses suportes?

Julia:

Fita eu adorava, eu adorava, eu adorava... Eu me lembro claramente de um dia que eu fui num churrasco com meus pais e o pessoal do trabalho do meu pai e por uma troca alguém se enganou e levou a minha bolsa de fita. A pessoa tinha levado uma bolsa de fitas e eu tinha levado. Olha isso, eu com 12, 13 anos, levando minhas *playlists* de fita para o churrasco da turma do meu pai.

Alguém pegou e eu fiquei muito mal. Minhas fitas, eu nunca mais vou ver aquelas músicas. “Roubaram!” Eu fiquei indignada e fiquei muito mal, até levamos dois dias para descobrir que tinha sido engano, que tinha sido levadas por engano. Então para você ver como eu tinha um apego àquilo, eram *playlists*, meio físico, conquistadas ali com a sorte do aleatório das rádios, de ficar vigilante lá e eu gostava muito da minhas fitas, muito.

Muito feliz, mas, com o tempo, hoje penso assim... Eu parei de ter aparelho de tocar fita e me desfiz de todas. Eu queria poder criar *playlists* no Spotify com as fitas que eu tinha, ouvir a musiquinha na ordem certa e criar essas *playlists* baseadas no que eu conseguia na época.

Isso estou te falando para te ilustrar como, para mim, as fitas eram... Era a minha maneira de... Não tinha muito dinheiro para comprar a fita.

Lá em casa não tínhamos vitrola. Não fui uma pessoa criada com vinil. Para mim, a mídia principal sempre foi a fita e já pequena, eu sabia manejar aquilo, eu tinha dezena de fitas que eu mesma tinha gravado.

Entrevistador:

E o cassete tem essa vantagem de ser mais fácil de manejar, porque o vinil tem todo um procedimento, um cuidado. Mesmo o CD é um pouco mais frágil. A fita consegue fazer a criança tocar de uma vez.

Julia:

Com certeza. Não podia pular e dançar no lugar que estava tocando vitrola, senão a vitrola parava de tocar e a vitrola engasgava. Eu me lembro disso. Na creche, quando botavam música, a gente não podia se empolgar, não podia dançar, senão a música parava. Então por que pôr a música? A música vai provocar esse ânimo. E “não, vamos ouvir música, mas não pode dançar, não pode pular”. A fita não tinha isso. A fita era pau pra toda obra!

E eu ouvia em casa, podia ouvir no carro, na casa da colega, no Walkman. Levava comigo, muito mais cômodo, muito mais prático e eu podia gerar as minhas listas...

Como eu já disse, na sorte do aleatório, do randômico, com as vinhetinhas das rádios se intrometendo, as vozes dos locutores também. Era o que a gente tinha. Às vezes me pego com saudade da ordem das músicas.

Já havia até memorizado a ordem dessas listas randômicas. Quando entrou o CD, a gente aderiu ao CD no início dos anos 90, 92, 93. A fita ainda coexistiu um bom tempo, porque eu tinha um Walkman que tocava fita.

Até eu ter um Discman demorou. Até eu ter o meu trabalho, ter o meu dinheiro, poder comprar. Não foi coisa que ganhei dos meus pais, coisa que eu corria atrás de ter.

Essa transição para só CD, eu diria que foi final dos 90, início dos anos 2000. A fita ainda coexistiu um bom tempo. Pelo menos para mim, com o CD.

Entrevistador:

Quase concomitante, então, com a mudança do padrão para o mp3.

Julia:

Eu podia gravar os CDs com as músicas que eu quisesse. Customizava. Eu criava a minha experiência ali.

Entrevistador:

Você podia fazer a mesma rotina que você fazia nas fitas no CD.

Julia:

Exato. Por isso que eu fiquei alucinada quando lançaram o Discman e depois o player de CD, de CD de mp3. Fiquei louca.

Falei, vou voltar, vou poder seguir aquele meu hábito de ouvir várias músicas numa lista e com uma capacidade muito maior, uma qualidade melhor. E eu tinha. E era trabalhoso, não é?

Baixar, você entrar naquele site cheio de armadilhas. Quem não já foi contaminado? LimeWire, Napster, esqueci o nome dos outros.

Não me recordei desses.

Entrevistador:

E-mule, tinha um monte.

Julia:

E-mule, é. Casa, não é? Casa.

Era um pântano.

Entrevistador:

Era uma aventura.

Julia:

Era um terreno pantanoso ali. E eu enfrentava porque eu queria música comigo. Era assim que eu buscava.

Sempre usando os meios, me adaptando a eles, porque eu quero ter música comigo, carregar comigo, ter música direto comigo.

Entrevistador:

E aí chegaram as plataformas musicais. Como é que foi? De *streaming*, não é, na verdade?

Julia:

Você sabe que eu demorei a aderir porque eu ainda tinha pego às minhas listas de mp3 conquistadas com trabalhadeira. Eu via aquilo. Nossa, tipo trabalhadeira. Eu organizava, tinha a minha lógica. Eu demorei. Demorei a aderir ao *streaming*.

Já usava, sim. Via no YouTube e achava muito legal porque no YouTube você consegue, além da música, ter o vídeo. Um vídeo que você não conseguia ver há anos, que MTV parou.

Mesma coisa, não é? Mesma ideia do rádio. Você dava sorte de ver.

Não sei se você está considerando o YouTube nessa... Também. Nessa área do *streaming*.

Para mim, foi o primeiro contato com isso. Vou escolher o que eu quero no YouTube. Até partir para o Spotify, ainda demorei porque eu ainda tinha pego o meu...

Quer dizer, na evolução dos meios, eu tinha o CD de mp3, depois eu descobri... Aí teve o iPod, lembra? Que era...

Como é que é o nome daquilo? Um CD de mp3 pequenininho. Levava, não é?

Eu adorei isso. A interface era ridícula, eu mal conseguia ver, não conseguia ver o nome do disco direito, o nome do artista. Eu ia pelo nome do arquivo, essa música tal.

Tinha que decorar o número da música. Aí me peguei esse método. Depois eu tive um iPod, tive dois, na verdade.

E, por um tempo, eu... O Vitor falava muito, ele falava, você pode ouvir no celular, por que você carrega o iPod? E o celular, eu fico, ah, não.

Eu tenho um aparelho só para música. Eu quero ouvir a minha música ali. Eu me apegava aqui.

E é que, tipo, o iPod caiu no líquido, eu perdi ele, fiquei sem ouvir. Aí tentei, ainda um tempo, baixar a música para o CD. Para o CD não, desculpa, para o celular.

Tentei esse método, mas era muita trabalhadeira. O cerco já estava mais complicado de conseguir, que foi ficando mais difícil.

Entrevistador:

Verdade.

Julia:

O pântano foi piorando, o terreno pantanoso do mp3, aquilo já foi... Deu uma piorada. E aí veio a facilidade do streaming.

Resolvi começar a usar uma conta gratuita. Só que, eu me lembro disso, eu usava música, eu uso música para trabalhar, me concentrar. E eu estava ouvindo uma música, uma música calminha, de repente entrava um áudio de um anúncio, de Axé.

Eu não entendia, eu pensava, os caras... Olha, a Julia está ouvindo Mozart, vamos botar o oposto. Não sei se isso é proposital, não sei.

Botar o oposto do que a pessoa está ouvindo para ela se irritar e assinar de uma vez o serviço. E o áudio, não sei se você deve ter reparado isso, se você está ouvindo num volume X, o áudio do anúncio vem mais alto, dá um susto.

Entrevistador:

Eu não cheguei a essa experiência com a conta gratuita, mas eles têm o controle do que a gente chama de *dynamic range*, qual é a altura que você consegue aproveitar ao máximo. A música não, a música tem fase, tem horas mais baixas, outras mais altas, você tem que contar todo um aspecto muito mais variado. O anúncio é muito mais controlado, aí você consegue ficar...

Julia:

É, e é feito para incomodar. É feito de uma maneira que... Cansei disso.

Eu lembro que era a Axé Gospel, eu estava ouvindo jazz, e de repente entrava a Axé Gospel, eu ficava, o quê? Fascinei. E, desde então, já sou usuária do Spotify há alguns anos, e gosto.

O meu trabalho, por exemplo, eles bloqueiam. Eu ouvia direto, me ajudava muito, até que um dia bloquearam. Deixa eu falar, a experiência piorou muito para mim.

Entrevistador:

Experiência de trabalho?

Julia:

É. De trabalho, porque preciso me concentrar no texto, no trabalho com o texto. E ouvir música, geralmente música ou instrumental, ou música de homem estrangeiro, me ajudam nisso.

Ouvir música em português me atrapalha. Aí tiraram o Spotify lá do trabalho, então agora estou tentando sobreviver à base de YouTube lá, porque também bloquearam a rádio, porque eu ouvia. Sei lá, fugi muito, nem lembro da sua pergunta, mas fugi muito.

Entrevistador:

Não, você estava me contando aqui da sua relação com os suportes, com essas fases.

Julia:

Ah, é?

Entrevistador:

Isso. Padrões.

Julia:

Tiraram o Spotify e fiquei... Acho bem ruim depender do YouTube para isso, sabe?

Entrevistador:

Entendi.

Julia:

Não assinei ainda, porque uso a conta do trabalho. Como vou assinar no e-mail do trabalho? Para você entrar no YouTube, tem que ser pelo e-mail do trabalho.

Entrevistador:

E você não pode usar o seu celular? Mudar o botão fone ali?

Julia:

Cara, posso, mas é bloqueado também. Ah, é? O wi-fi de lá bloqueia.

Entrevistador:

Aí fica complicado usar a sua conta.

Julia:

Não consigo rádio, não consigo Spotify.

Entrevistador:

E não pega o 5G também. Hã? E não pega o 5G também, rede móvel.

Julia:

Pega a rede móvel, mas o 5G ainda não, pega o 4G. Mas eu não consigo.

Entrevistador:

É, tem que ver se consome tanto assim, porque hoje em dia esses planos são tão grandes, não sei também, não posso avaliar como é que é. Para mim aqui não faz a menor, não faz nem cosquinha.

Mas deixa eu te perguntar, Julia. Você, então, está contando aí que basicamente a tua relação...

Está me parecendo que a tua relação sempre teve um aspecto muito importante de uma auto-expressão, de você pegar as músicas e construir a tua experiência, seja na fase mais digital, antes com a fita, depois com o CD e tal. Você tinha ou tem o hábito de colecionar... Aí vou falar disco, mas vale fita também, tá?

Julia:

Álbuns e tal. Já tive. Eu perdi, perdi isso. Hoje não vale. É, eu perdi.

Com o advento do mp3, realmente eu parei de comprar discos. Realmente. Fiquei um tempo sem...

Digo assim, com o *streaming* eu considero que sim, estou pagando por aquilo. Não estou nem entrando no debate da remuneração ser justa para o artista ou não. De certa forma estou pagando ali.

Mas não, perdi. Isso é um hábito que eu perdi. Eu tinha...

Quer dizer, ficou com o meu irmão, né? Eu casei e tal, ficou tudo com o meu irmão lá. Os Beatles e outras coisas que nós tínhamos que eram, de certa forma, compartilhadas, né?

Podia dizer que era o meu Abbey Road. Era do meu irmão. Foi o mais próximo que eu cheguei a ter de coleção de música.

Entrevistador:

E hoje nem tem mais player em casa, Julia, ou tem? Hoje vocês nem tem mais player em casa.

Julia:

Olha, não, não. O Victor guarda os CDs dele. Eu acho que não faz sentido guardar.

Ainda tem os vinis aqui, a gente nem vitrola tem. Acho que é mais pela tendência à acumulação do que de coleção propriamente dita mesmo. Mas te falando, você tem o hábito de colecionar?

Não tenho mais. Não tenho.

Entrevistador:

E quando você fazia download, você se preocupava? Você já falou que fazia a sua própria organização e tal, mas você tinha o hábito, a preocupação de ter também, sei lá, o *thumbnail* da capa ou não?

Julia:

Às vezes vinha, né? Às vezes...

Entrevistador:

Às vezes vinha.

Julia:

Às vezes vinha e era muito bom, gostava, mas se não viesse, não necessariamente eu corria atrás.

Entrevistador:

Não corria atrás necessariamente.

Julia:

Não. Não. Bacana.

Eu gostava quando vinha.

Entrevistador:

Tá. Você hoje é assinante do Spotify, né? Queria te perguntar aqui, para encerrar esse bloco, como é a sua atividade na internet com relação à música?

Você costuma seguir os seus artistas favoritos? Você costuma postar conteúdos musicais?

Julia:

Eu sigo meus artistas preferidos. Muitos sigo. Tem novidade no YouTube, vou lá, vou lá, vou assistir.

No Twitter, sigo muitos perfis que falam de música, muito perfil que busca engajamento. Qual é a sua música com a palavra sister, digamos, preferida? E as pessoas vão lá e colocam, né?

Tipo de interação que... Eu caio direitinho na... Morro da isca direitinho.

Vou lá, engajo. Vou lá e coloco minha música. É um assunto que eu gosto.

Eu gosto. Agora, às vezes, compartilho uma música ou outra, geralmente velharias, raramente alguma novidade. Não sou novidadeira, não.

Então, fico nessa. Como te dizer, é mais como receptora do que chegar e colocar algo.

Entrevistador:

Entendi.

Julia:

Então, reagir a uma postagem, comentando, e é isso.

Entrevistador:

Legal. Julia, deixa eu te perguntar, você já introduziu alguns dos assuntos que a gente fala nesse segundo bloco? Por exemplo, já falou um pouquinho dos seus hábitos de audição com relação à tua rotina, já falou também que a música te ajuda a desempenhar tarefas.

Então, eu vou te perguntar agora se você também é ouvinte de podcast.

Julia:

Não. Não aderi ao podcast. Como já te disse, trabalho com texto. Eu reviso o texto, traduzo o texto, eu leio. Ouvir outras pessoas falando em português, eu não consigo. Ou uma coisa ou outra e eu tenho que prestar atenção em todos os detalhes ali. Eu tô ali de goleira, sou revisora. Tô de goleira, né? Não posso deixar passar o erro e prestar atenção no podcast. Já tentei em outros momentos. Admito que talvez o momento errado, era antes de dormir. Não consegui porque acabava dormindo. Servia para me fazer...

Entrevistador:

Mas se o objetivo foi esse, está bom.

Julia:

Não era. Não foi. Era para o que eu queria ouvir.

Estão falando muito do *podcast*. Vou ouvir. Ouvi.

Cinco minutos depois eu estava dormindo. Não me pegou. Não me pegou.

Vejo muita gente comentando o podcast. Realmente está na crista da onda, mas não entrei nela.

Entrevistador:

Essa pergunta é muito para entender se, de alguma maneira, a audição de podcast acaba tomando um pouco do espaço da audição de música. Mas, no seu caso...

Julia:

Não. Não vejo como uma boa maneira de preencher meu tempo. Se posso ouvir música, o que vou ouvir uma pessoa aleatória?

Não vejo muito sentido.

Entrevistador:

Então, hoje você comentou de formas como você... Você já falou um pouquinho sobre formas como você escuta música. Você falou que não ouve mais CD, vinil nunca fez parte da sua vida, fita também você já não tem mais como ouvir.

Eu queria saber o que sobrou, na verdade, rádio, acervo digital pessoal, se é que você tem ainda, ou plataformas *streaming*. Você escuta por esses meios ou ficou só nas plataformas?

Julia:

Fiquei só nas plataformas porque perdi os... Os mp3 todos que eu tinha, o acervo era enorme. O vírus apareceu...

Não tem vírus, eu perdi o HD, não lembro o que aconteceu. Perdi tudo. Também acho que ajudou a acelerar a minha adesão ao *streaming*.

Perdi tudo. Já estava difícil... Músicas que eu baixei em 2001.

Sabe? Era outro ambiente. Conseguir música de mp3 em 2001 e depois em 2013.

Já estava mais complicado. E eu com dois filhos. Não podia mais dedicar o meu tempo.

Não conseguia mais. O *streaming* facilitou muito.

Entrevistador:

Sim. Ontem estava vendo aqui um filme com a Anelise, um filme norueguês muito bom, da Netflix. Depois procuro ver se passo o nome.

Mas o cara estava contando. No final do filme, o cara diz assim, “sou de uma época em que a cultura estava em objetos físicos”. Isso não existe mais.

Julia:

Não, não existe. Eles até tentam. Virou um negócio premium.

Eu não gosto do termo. Mas é o que eles usam em marketing premium.

Por exemplo, eu recebi um e-mail do Spotify dizendo que como eu sou uma das pessoas que mais escutam músicas dos Beatles na plataforma, eu tenho o privilégio de ter o direito de comprar o disquinho com a música nova. A última música deles. Não sei se você recebeu.

Entrevistador:

Não, eu não sou um grande ouvinte do Spotify, não.

Julia:

Ah, tá.

Entrevistador:

Você me manda essa propaganda?

Julia:

Mando. Mando sim. Eu achei curioso. Quando eu recebi o e-mail, eu até pensei, será que eles querem que eu pague para ouvir a música na plataforma antes de todo mundo?

Depois eu fui lendo e vi que não. Eles queriam vender um disquinho. Tipo single, eu acho.

Entrevistador:

Tipo chaveirinho. Eu acho. Você ganhou uma mídia ali.

Julia:

Isso. Não, eu sou muito fã. Eu amo realmente.

Moldaram muito a minha vida, a minha profissão, do que eu sou hoje. Mas não. Não chego a esse...

Não me interessei em comprar, em ter isso. Ou porque... Eu penso assim, tem um objeto, eu quero usufruir dele.

Não quero que ele fique ali acumulando pó. Não vou poder ouvir, não tenho aparelho. Aí vou deixar para os meus filhos.

Eles também não vão ter. Nem o computador hoje tem CD, mas o leitor de CD, o meu, não tem. Não consigo.

Então, imagina um disquinho, um vinil. Sei que tem gente que vê isso como um investimento. Compra agora por um valor e aquilo vai valer.

Entrevistador:

É, pode ser.

Julia:

Mas assim, No meu sistema pessoal de valores, não é uma coisa que eu vá... não corro atrás disso. Quero ouvir a música, aproveitar a música. Não quero objeto empoeirado para dizer que eu tenho. Não me chama a atenção.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar. Você costuma ouvir... Agora vamos falar de formatos. Você costuma ouvir álbum, *playlist*, single? O que você costuma escutar?

Julia:

Playlists que eu criei. Gosto... *Playlists* que eu criei.

Ouço muito *playlists* criadas pelo Spotify de determinado formato, estilo musical. Quero ouvir hard bop. Tem *playlist* só de hard bop.

Entrevistador:

Aquelas de *mood* você escuta no Spotify? Qual? Essas *playlists* de *mood*, por exemplo, Foco...

Julia:

Ah, não! Essas não. Não.

Mais fácil eu fazer isso pelo YouTube do que no Spotify. Não sei por quê. No Spotify eu quero ouvir aquele artista tal, aquele estilo, mas isso que você está falando de *mood* não...

não me atrai no que eles oferecem. Rádio escuto na Alexa. Falei aqui.

Falei o nome dela lá. Escuto. Rádio americana, Rádios do Rio de Janeiro.

Esqueci a sua pergunta. Desculpa.

Entrevistador:

Você estava falando sobre formato.

Julia:

Playlist. Ouço álbum também. Quero ouvir o álbum tal.

Peço e ouço. Faço bastante isso. Quero ouvir o artista tal.

Entrevistador:

Você falou que consome bastante YouTube. Você consome esses... Eu considero um novo formato.

Não é nenhum show, propriamente dito. E ele também não é uma gravação de estúdio. São esses *pocket* shows curtos.

Gravados com alta qualidade. E aquilo... Me parece que é um outro formato que acaba obrigando o cara que está escutando a não ficar só ouvindo, ver, apela mais ao engajamento, acho eu.

Você também gosta desse formato?

Julia:

Gosto. Não acompanho tanto. Mas esqueci.

Isso ganhou muito destaque na pandemia, acho. Fazer *lives*. Acho que ganhou força na pandemia.

Você deve saber, tem um perfil no YouTube que tem vários...

Entrevistador:

Tem uns que são legais, vale a pena até você procurar depois. Tiny Desk Concert.

Julia:

Esse.

Entrevistador:

Colors. Tem outro que chama KEXP. Muito bom.

Julia:

Ótimo. Parece meio rádio.

Entrevistador:

Tem um que é... KEXP é uma rádio de Seattle.

Julia:

Exatamente.

Entrevistador:

Eles fazem como se fosse um ensaio, mas tudo gravado com perfeita qualidade.

Julia:

Exatamente. Eu gosto. Não procuro muito.

Às vezes estou distraída ouvindo música pelo YouTube pelas circunstâncias que te falei do trabalho. Às vezes o aleatório joga uma dessas. São sempre boas surpresas.

Mas eu ir, chegar e ligar aquilo... Não estou com muita vontade de ouvir determinado artista. Mas admito que procuro pouco.

Gosto. Acho ótima a qualidade. Eu vi uma desses do KEXP de Seattle, do Rodrigo Amarante.

Adorei. Gosto. Acho curtinho.

Acho curto. Me incomoda um pouco ser tão curto. Mas também faz parte.

É isso que você falou. Não é um show, não é uma gravação. É outra coisa. É legal. Você começa e acaba.

Entrevistador:

Agora me diz, você confia no algoritmo para selecionar a música para você?

Julia:

Olha... Você diz do YouTube? De qualquer um.

Entrevistador:

O que você quiser.

Julia:

Cara, no Spotify, dia desses, aconteceu uma coisa que me incomodou. Você tem lá a sua *playlist*.

Ele... Ele vai... Ele introduziu isso já acho que há mais de um ano.

Ele fala assim, nós colocamos na sua *playlist* algumas músicas relacionadas. Quer dizer, ele vai e se intromete na sua *playlist*. Como você é uma *playlist* variada, às vezes a música que entra de sugestão, entra ali e você...

Passa despercebida.

Entrevistador:

Sim.

Julia:

Entra de penetra ali e você nem repara. Às vezes a música realmente está dentro daquele escopo, daquele estilo. Mas isso aconteceu com a *playlist* minha dos Beatles.

Eu estava ouvindo Beatles enquanto eu fazia comida e, de repente, entrou uma voz que eu vi que era do George Harrison, mas não era da carreira solo do George Harrison, nem dos Beatles. E aí depois eu fui ver, era uma faixa do Travelling Wilburys, que foi o projeto que ele participou. Lembra?

Entrevistador:

Com o Bob Dylan...

Julia:

O algoritmo falou, ela gosta de Beatles, então eu vou botar isso do George Harrison. Mas eu estava naquela experiência, eu quero ouvir Beatles, e o algoritmo vai colocar outra coisa. Botou Cream também, botou The Byrds.

Gosto, gosto. Mas ali ele acerta na questão da época, do estilo, do lugar de onde vieram. Acerta realmente.

Ele não...

Entrevistador:

Ele ficou abelhudo. Ele acabou sendo abelhudo. Abelhudo, né?

Julia:

Foi muito abelhudo. E ele bateu uma trave. Ele botou...

Era o George Harrison, mas outra coisa. Eu tenho até que tirar essa configuração, porque eu não pedi para o Spotify fazer isso, e ele colocou à minha revelia. Depois eu esqueci, me incomodou.

Reclamei, até comentei com o Victor. Falei, estou ouvindo música dos Beatles, de repente entra Travelling Wilburys, e é isso. Aí ele falou, você tem que mudar a configuração.

Mudei? Não, esqueci.

Entrevistador:

Mas só o fato de você ter que mudar já é significativo.

Julia:

Ele impõe. Me incomodou isso que eu te falei. Acho que o algoritmo é assim, ele pega, compreende o que você está ouvindo, e vai.

Mas quando você está ouvindo um artista em bloco, ele vai e coloca outro. Aí o algoritmo cagou a experiência. Não havia nada externo.

Aquele grupo, aquele trabalho.

Entrevistador:

Você sempre costuma saber o que vai escutar? Como é que é isso?

Julia:

Não, não. Minhas *playlists* são muito variadas. Rádio também, claro, as rádios têm os seus estilos.

Como eu te disse, eu fico lá refém do aleatório. Sim, está bom. Rádio brasileira, você meio que consegue imaginar o que você vai ouvir, ligando na rádio tal, as mesmas músicas de sempre.

Tem uma rádio americana que eu ouço, já devo ter falado para você, da Radio Paradise. Aquilo ali é uma experiência musical realmente muito fantástica, porque é assim. Ele toca Kraftwerk, e depois ele muda para a sequência de country.

Sempre músicas de... Então, ele surpreende muito. Então, quando eu vou ouvir Radio Paradise, eu não sei o que eu vou ouvir.

Eu sei que vou ouvir coisa boa, uma curadoria fantástica. Mas o quê? Se eu vou ouvir world music, country, blues, ele toca isso tudo.

O que eu estiver ouvindo, vai tocar. Isso que eu te falei, minhas *playlists* são muito misturebas. Quando eu quero, eu sei o que vou ouvir.

Como eu te falei, quero ouvir um estilo musical, jazz, melancólico, quero ouvir... Dos *moods*, eu não uso muito, não. É mais *playlist* de estilo musical.

Nesses momentos, sim, eu sei o que quero ouvir. Agora eu quero ouvir um jazz.

Entrevistador:

Você se vê congelada na frente da interface? Tipo, eu quero ouvir música, mas não sei o que ouvir. Não sei como sair.

Você se vê nesse momento?

Julia:

Sinto... Nunca tinha pensado nisso. Então, arraigada ao hábito de ouvir *playlists* variadas, eu acho que isso, isso que você falou, eu quero ouvir música, mas não sei o que vou ouvir, a Radio Paradise resolve.

Porque tem coisas ali, uma seleção fantástica, muito variada, e me surpreende, eu quero ouvir música. Confio neles. Nesses momentos que você falou que quer ouvir música e não sei, eu apelo mais para isso.

Entrevistador:

Tem uma forma de você superar esse congelamento, de repente. Apelar para a Radio Paradise.

Julia:

É. Acredito que sim. A Radio Paradise tem o mix principal, que é o que toca, mas ele divide também.

Tem “mellow mix”, “rock mix” e “world mix”. Então, assim, você pode também selecionar dentro do acervo deles. Eu quero ouvir só rock.

Não vai tocar música estilo africano. Vai tocar rock. Geralmente rock dos anos 60.

Eles concentram muito 60 e 70 nessa rádio. Você está ali, se entrega ao aleatório deles, mas ainda tem um direcionamento, ainda dá essa possibilidade.

Entrevistador:

Tem um escopo algum, de alguma maneira, não é?

Julia:

Tem.

Entrevistador:

Queria falar um pouquinho sobre o seu hábito de criar *playlists*. Você cria *playlists* para o seu próprio uso?

Julia:

Próprio uso, sim.

Entrevistador:

Você costuma compartilhar essas *playlists*?

Julia:

Não, não.

Entrevistador:

Não tem essa...

Julia:

Não, tem que a pessoa me peça e claramente pede.

Entrevistador:

Ele é aberto?

Julia:

Ele é aberto. Acho que é. Eu sei que algumas *playlists* que eu criei, coisas pra eu ouvir, seleção musical de coisas que eu ouvia quando era criança, adolescente e tal... fui ver uma vez tinha uns 400 likes. E me surpreendeu, não é divulgado, como é que as pessoas chegaram naquilo, entendeu? Assim se alguém descobriu aquilo foi pelo acaso, não foi por iniciativa minha de ficar divulgando. "Vou mandar para todo mundo essa *playlist* que eu fiz". Não.

Entrevistador:

Não tem isso. Mesmo que esse processo de criação de *playlist* possa, de alguma maneira, manifestar o seu conhecimento e, de fato, manifesta o seu conhecimento, a sua dedicação a esse mundo da música, ele não é uma forma de você manifestar a sua identidade para os outros. É uma coisa mais pessoal de você consigo mesmo.

Julia:

Exatamente. Claro que acaba transbordando. As pessoas percebem.

Alguém vem na minha casa, vai ouvir um determinado tipo de música. É aquilo que eu te falei no início. Já vira piada.

Me chamar para o samba. É uma coisa que destoa. Que transborda, como eu te disse, as pessoas convivendo comigo, estão no meu ambiente, vão ouvir se a pessoa for atenta de sacar o tipo de música que eu gosto.

Mas não é algo que eu fico exibindo. Eu vou usar uma roupa que traduza minha preferência pelo estilo musical determinado. Roupa de rock? Maquiagem de rock? Não. Não uso isso.

Essa linguagem estética para transmitir o meu gosto musical. É muito minha experiência. Eu com fonezinho. Ninguém me perturba. Eu aqui.

Entrevistador:

Legal. Vamos entrar no último bloco. Eu queria saber se você costuma praticar esse tipo de audição.

Que é aquela audição musical em que a música está em protagonismo. Você pode até praticar esse tipo de audição em que a música está em protagonismo fazendo alguma outra coisa. Mas significa que é um momento em que a música é o principal foco de atenção.

Você se vê praticando esse tipo de audição?

Julia:

Sim. Quando põe um show para tocar. É isso que está dizendo?

O show está exigindo a minha atenção total. Sim. Inclusive, sinto falta...

Acho que o Netflix, por exemplo, poderia... Não sei se é algo que eles pensam. Dando um exemplo, o Netflix como *streaming* de vídeo.

Eles passarem a ter mais shows. Cinema. Também acho que seria interessante.

O artista fez uma turnê super bacana. Nossa, faz-se um ótimo... Não é um documentário, mas um apanhado dos shows, o melhor show daquela turnê.

E faz em excelente imagem e áudio. E põe no formato de cinema. Eu ia adorar também.

Teve um... O U2 fez isso uns anos atrás. Foi até em 3D.

Foi um show do U2, não me lembro onde. Um show magnífico, bem no estilo deles. Em 3D que a gente via no cinema.

Não vingou, eu acho, como formato. Eu adorei. Eu adorei.

É uma coisa que eu iria. Mas acho que não vingou. É isso que estou te falando.

Mas quando eu paro para botar um show para tocar, que eu tenho essa... Que a música dá um protagonismo.

Entrevistador:

E aí mais com música ao vivo mesmo. Música gravada não é muito comum. Um álbum, uma *playlist*, você acaba tendo um outro tipo de função.

Julia:

É. Estou lendo. Estou desenhando, colorindo alguma coisa e estou ouvindo música, trabalhando. O fato de ser um pano de fundo, não tira a importância disso para mim não. Tá me acompanhando sempre. O meu cão guia, talvez. Mas, realmente, vem casada com outra atividade.

Entrevistador:

Agora, deixa eu te perguntar uma coisa. Você acha que, de repente, você pode ter experimentado com mais frequência ou com maior intensidade essa audição mais dedicada numa época em que a tecnologia de reprodução era outra?

Julia:

É. É. Acho que sim.

Ia passar um show dos Rolling Stones na TV. Não ia fazer mais nada. Não ia ver.

Acho que, hoje em dia, os meios... A gente acaba se distraindo por várias coisas. Mas acho que sim.

Antigamente a gente dava mais... Parava mais para se dedicar a usufruir daquele produto cultural especificamente. Concordo.

Diria que sim. Acho que com os meios a atenção está mais fragmentada.

Entrevistador:

Nesse momento de audição com o protagonismo, como é a tua relação consigo mesma nesse momento? Você vai se arrepiar? Vai dançar? Vai cantar?

Julia:

Quando estou sozinha em casa, sim. No trabalho não dá. Dá vontade às vezes?

Dá. Tem umas músicas que pedem para a gente cantar junto e cantar alto. Mas no trabalho tem que me controlar.

Os boletos vêm. A gente tem que lembrar dos boletos. Mas, geralmente, uma música que me toca muito, que me arrepia, às vezes, mesmo com as crianças em casa ou vindo, me deixa levar.

Mas não muito, não. É mais quando estou sozinha. É o momento meu em que não vou ficar.

Não compartilho com... Não deixo muitos outros verem. Desde que isso aconteceu, eu estava ouvindo...

Eu quero ouvir uma música que me arrepie. Aí eu pedi para tocar a Magrelinha, do Luiz Melodia. Aquela música já começa arrepiando.

O solo de guitarra no início. Aquela música é maravilhosa. Eu tive isso.

Eu quero me arrepiar. Vai nessa. E tira e queda.

Eu já sei meus álbuns. Essa me faz me arrepiar. Bom, ativa esse lado, a emoção.

Estou meio... Estou muito anestesiada. Estou muito automática.

Estou muito... Vamos parar para se emocionar. Eu tenho as minhas escolhas.

E a Alexa, o Spotify, facilitam muito. Você pedir e falar que quer música tal. Você nem precisa escrever.

É muito bom isso.

Entrevistador:

Só corre o risco de você pedir para ouvir Satisfaction e eles botarem uma versão ao vivo do, sei lá, Jota Quest.

Julia:

É. Tem. Tinha isso muito quando...

Sim, isso acontece. É muito irritante. Uma vez, ela não entendia de jeito nenhum que eu queria ouvir uma *playlist* de jazz.

E foi curioso. Eu queria ouvir uma *playlist* específica de jazz do Spotify. E ela me sugerindo do Amazon Music um negócio de dança e pop.

Eu até desisti, sabe? Chega. Está me irritando.

Estava se fazendo de doida ali. Você está pedindo jazz e pop dançante. A sugestão que o robô ali está dando.

Entrevistador:

Eu tentei.

Julia:

Tentei lutar contra aquilo, mas ele não... Chega.

Entrevistador:

A gente aqui já desiste. Pega e compartilha. Você pode apertar no botãozinho do celular ou do computador e mandar colocar na Alexa.

Julia:

Sim, também uso.

Entrevistador:

Sinto que tenho mais controle.

Julia:

É. Também uso esse recurso. Mas, às vezes, estou com a mão molhada.

Estou lavando louça. E aí eu quero ouvir. Eu recorro ao comando de voz.

Mas nem sempre dá certo. Me irrita. Essa de pedir jazz e ela querer me tocar pop dançante me marcou.

Só eu amanhã para meditar com essas coisas. Mas acho que você me entende. Se você está me entrevistando com a minha relação com a música, acho que você deve me entender.

O pequeno grande desgaste que é você querer ouvir um jazz e uma máquina sugerir pop dançante. O pequeno grande desgaste.

Entrevistador:

Julinha, muito obrigado pela tua entrevista. Rendeu bem. Tomei mais tempo do que talvez você estivesse esperando.

Mas foi show de bola. Te agradeço.

Julia:

De nada. Adorei a nossa conversa.

Laura Martins

Escolaridade: ensino médio

Ocupação: publicitário(a), sommelier

Nascimento: 18/08/1990

Idade: 33

Entrevistador:

Então, Laura, você consegue falar para mim, nas suas palavras, qual é a importância da música na sua vida?

Laura:

Eu diria que, assim, sinceramente, é a coisa mais importante para mim. Não é necessariamente com o que eu trabalho, não é o caminho que eu acabei seguindo profissionalmente, mas eu acho que eu elencaria como, fora as pessoas que eu amo, a coisa mais importante da minha vida.

Entrevistador:

Legal.

Laura:

De verdade.

Entrevistador:

Você acha que, de alguma maneira, ela te ajudou a formar a sua identidade como pessoa?

Laura:

Totalmente. Até mesmo pelo fato de que isso foi uma coisa muito formativa para mim desde criança. Minha mãe passou muito isso para mim.

Minha mãe sempre ouviu muita música, sempre teve muito vinil e sempre me criou do lado da Vitrola, assim. Então, eu sempre tive essa relação e eu sinto que ela mudou muito, os gêneros mudaram muito, o estilo de consumo mudou muito, mas eu não consigo separar ela da identidade que eu tive em nenhuma época da minha vida. Ela sempre foi uma das coisas que mais, meio que, simbolizava as fases da minha vida.

Ela é quase o que demarcava todas as temporadas, sabe?

Entrevistador:

Interessante. Você não vê, então, se eu estou entendendo direito, você não vê uma vinculação entre estilo musical e a sua identidade? Passa para um outro lugar, então?

Laura:

Ela, atualmente, no estilo musical, faz muito parte da minha identidade, principalmente em matéria de círculo social. Em outros momentos da vida, outros gêneros também tiveram essa mesma relação, mas eu sinto que sempre foi muito mais uma questão da música em si do que de estilos. Até mesmo porque eu, atualmente, me considero, literalmente, o máximo de eclética que é possível.

Eu realmente acho que não existe nenhum gênero musical que não tenha músicas boas. Eu acho que apenas existem músicas boas e músicas ruins. Existe produção boa e produção ruim em todos os gêneros.

Então, assim, eu não acho, por exemplo, que a identificação de grupo, para mim, é mais importante do que a música em si.

Entrevistador:

Bacana. Você tem o hábito de consumir, ou a sua casa tem, produtos com temas musicais?

Laura:

Totalmente. Eu coleciono disco. Atualmente, eu sou parte da comunidade do K-Pop no Brasil há alguns anos.

Eu tenho, aproximadamente, 90... a última vez que eu contei foram 98 CDs em edições diferentes e tal, de bandas diferentes. Não é uma coisa de, ah, banda X, banda Y.

Não sou fã de uma coisa só. Mas é engraçado que, assim, todos os CDs de K-Pop ficam ali no escritório. Ficam todos os meus CDs de outras épocas.

Então, aí, tem toda a época indie da minha vida. Tem todos os CDs do National, Vampire Weekend, o Yuko. Tudo fica pra lá.

O K-Pop fica pra lá. E, atualmente, eu falo que eu meio que me forço a não comprar uma vitrola, para eu não entrar no esquema de pirâmide de vinil no momento, porque é muito mais caro a mídia em si. E eu sei que eu acabo consumindo.

Mas, assim, eu tenho não só o costume de comprar disco, como eu tenho várias coisas na minha casa que são temáticas de música. Tipo, aqui, ali, tem um livro sobre a história do Count. O último livro que eu li foi um livro que chama Last Night DJ Saved My Life, que é sobre a história da música eletrônica.

Então, eu compro livro, eu tenho instrumento. O meu sonho de princesa para o Natal é subir de nível de fone, mas fone tá um soco na cara de cara.

Entrevistador:

Entendi. Legal. Você, então, você falou sobre colecionar disco, né?

Eu acho... É sempre interessante, nessas entrevistas, você tá com... Quantos anos, Maria Clara?

Desculpa, Laura. 33. 33?

Tá. Você, então, você falou muito de ceder, né? Você percebe essa...

Você, tendo 33 anos, você foi uma pessoa que passou pela fase finalzinho do vinil, né? Como padrão principal. Depois, você...

Cassete, talvez, também, né? Fase anterior. Não sei, você vai me dizer.

Aí, depois, provavelmente, você também teve aquela rotina de fazer download de música e tal. mp3, e aí, finalmente, as plataformas. Você consegue me contar um pouquinho da sua relação com música, tendo em vista essa trajetória da indústria fonográfica?

Laura:

Com certeza. Como eu falei, eu cresci com uma relação, quando eu era criança, criança, quase bebê, com vinil. Minha mãe, ela me colocava do lado...

Minha mãe tinha uma vitrola, ela ainda tem, inclusive. Ela tá querendo até reformar a caixa. A caixa é super difícil de reformar, mas ela era desse tamanho.

E aí, todos os vinis da minha mãe ficavam embaixo dela numa, tipo, uma coisa, uma caixa que ficava embaixo da vitrola. E minha mãe, ela é fã de rock progressivo, coisa que eu detestava, quando eu era criança. Eu acho que meio que eu criei uma relação...

Hoje em dia, eu acho muito, muito, muito, muito foda, mas é aquela coisa de criança sempre quer, meio que, matar o gênero musical dos pais. Não, eu quero ser o oposto, eu quero gostar do oposto. E aí, minha mãe tinha um disco do A-ha, um vinil do A-ha, o clássico, o "Hunting High and Low" do A-ha, que eu ficava mandando ela tocar, literalmente, o dia inteiro.

E eu tinha um tecladinho daquele que tinha sons de animal, umas coisas assim. E eu ficava do lado da vitrola, achando muito que eu estava tocando o tecladinho, como se eu estivesse dentro da banda. Aí, é engraçado, o AK-7, eu sinto que eu pulei um pouco, porque aí eu tinha muito tempo livre de tarde e eu comecei a consumir muito MTV.

E isso, assim, MTV de primeira fase. A antena de casa pegava, era o último canal que a antena pegava, canal 29, e eu ficava assistindo MTV o dia inteiro. E aí, o que eu fazia era gravar os cliques que eu gostava numa VHS gravada.

Aí, eu tinha umas VHS, sei lá, tinha uns 300 cliques. E aí, os meus tios começaram a me dar VHS, assim, também. Meu tio me deu uma VHS, inclusive,

que eu falo que é uma das coisas que mais formou meu gosto musical, que era uma VHS que começava com Beatles, tinha o clipe de “Hard Day’s Night”, eles correndo, eu achava engraçadíssimo.

Eu tinha sete anos, eu achava, sete, seis, alguma coisa assim. Eu ficava lá, eles correndo pra um lado, eles correndo pro outro. E tinha “Like A Virgin”, tinha Carly Simon, tinha Carole King.

Era uma VHS muito, tipo, variada. E eu criei um apego muito grande àquelas músicas. E acabava que o meu consumo era muito visual naquela época.

Eu gostava muito desse aspecto específico da música. Aí, quando veio a época de CD, foi o ápice do pop de produção sueca dos anos 90, assim. Então, eu tinha, sei lá, CD do Backstreet Boys.

Eu lembro de chegar, eu tava um dia no colégio, e toda a minha expectativa era que minha mãe ia me buscar e ela ia estar com o “Millennium” do Backstreet Boys que tinha sido lançado naquele dia. Eu tinha pedido pra reservar na loja, isso tinha, foi dois mil, então, dez anos. E eu lembro de chegar, o disco no encarte tinha as assinaturas deles e eu achava que aquilo era autógrafo de verdade.

Eles tinham, tipo, autografado todos os CDs e tal. E eu ficava, tipo, olha isso aqui, o meu CD, tem o autógrafo deles e tal. Mas aí, tipo, veio toda essa era e aí foi engraçadíssimo, porque toda essa era do CD meio que acompanhou as mudanças.

Sei lá, se você pega os meus CDs de 10 a 12 anos, Backstreet Boys, Spice Girls, aí veio o new metal, que foi, tipo, uma febre na minha geração. E aí eu tinha todos os CDs do Linkin Park, do Evanescence, essas coisas assim. Aí veio o Gorillaz, que eu comprei o primeiro CD deles, pirata.

Porque eu não tinha muita grana, não dava pra comprar todos os CDs que eu queria. Então, era aquela coisa de comprar CD pirata na banquinha da rua, assim. O cara tinha lá aqueles “tanz” com aqueles pacotinhos e tal.

E eu lembro que eu comprei o CD do Gorillaz pirata, só que ele durou muito pouco tempo, porque era muito qualidade ruim de pirata. Aí eu comprei ele original depois e foi aí que eu virei indie, basicamente. Tipo, uns 15 anos com esse CD, eu comecei a falar não.

Aí eu tava assistindo o programa do Massari na MTV, eu tava assistindo o programa do Pulso. Aí eu comecei a gostar de Belle & Sebastian, Radiohead, Sound System, umas coisas assim. Foi quando, obviamente, eu parei de ter amigos na faculdade, no colégio.

Porque com 15 anos todos os meus amigos estavam ouvindo outra coisa e eu tava, tipo, não. Aí, com 15 anos, eu ganhei um iPod mini, um trocinho verde, tela preta e branca. Ficava aquela coisa de ficar girando ali.

4 giga. E aí era aquela coisa, LimeWire. Eu não tinha internet em casa na época, eu tive um trauma com a internet por um tempo.

Por causa de umas coisas bem pesadas que eu vivi na pré-adolescência. Eu era muito ativa na internet, num site principalmente de bichinhos virtuais e tal. E eu vi um caso de pedofilia acontecer e tal.

Então, eu meio que não quis ter internet dos 15 aos 18 anos. Isso parece uma coisa meio, tipo, ok, por que isso tem a ver? Mas isso tem a ver porque acabou que eu pulei uma parte de uma vivência de internet de música muito grande.

Só que o que eu fazia? Eu ia na casa da minha tia, eu baixava música. Apenas baixava música, colocava no iPod e voltava pra casa.

Então, eu tinha que me planejar para que as músicas que eu ia baixar. Porque eu ia fazer isso, sei lá, de mês em mês. Aí eu meio que fazia uma listinha, tipo, ah, eu quero essa, essa, essa, essa aqui.

Aí eu ia lá, colocava as coisas no iPod e voltava.

Entrevistador:

E aí você despejava no seu computador, era isso?

Laura:

Eu despejava no iPod.

Entrevistador:

Não, tudo bem. Aí você fez essa logística de ir na casa da sua tia. Chegou em casa, o que você fazia?

Laura:

Eu ia na casa da minha tia, levava o iPod, o cabo, usava o iTunes dela. O iTunes não tá, tipo assim, eu jogava as músicas do LimeWire no iTunes, passava as músicas pro... E escutava elas só no iPod.

Então eu não tinha elas no computador. Foi com 18 anos, no terceiro ano eu fui forçada a voltar pra internet por causa do colégio. Aí eu comecei a baixar música no meu próprio computador.

E aí o iTunes virou uma grande biblioteca.

Entrevistador:

Tá, desculpa te interromper, o seu relato tá super interessante, mas eu só queria entender uma coisa. Você, então, o teu acervo de música era o que tinha no seu iPod Mini só? Isso.

Você não transferia do seu iPod Mini pra um HD, não fazia? Nada, era só no iPod. Interessante, então você ficava esse mês aí ouvindo aquelas músicas?

Laura:

Sim, a não ser, tipo, sei lá, eu ouvia aí no TV, por exemplo, e aí tinha outras coisas que estavam passando lá.

Entrevistador:

CD também, né?

Laura:

Exato, CD também. Então o que, por exemplo, andava comigo, sei lá, eu ia pra academia muito, eu jogava basquete e tal, eu levava só o iPod Mini, e o iPod Mini tinha 4GB, então era um número limitado. Aí, às vezes, eu tinha que fazer uma certa curadoria, sabe?

Tinha que, tipo, apagar umas coisas do mês passado pra entrar coisas novos no mês que vem.

Entrevistador:

Legal, entendi. Aí continua, pode continuar.

Laura:

Aí, nessa época, logo depois disso, foi quando começou a ter uma presença maior de... Começou a ensaiar uma parte mais de *streaming*, mais space, eu comecei a usar bastante pra descobrir banda. Trama virtual, aqui no Brasil, foi quando eu comecei a escrever sobre música, e com o tempo eu virei blogueira num site chamado Rock'n'Beats, eu fiquei lá 5 anos, quando eu tinha uns...

dos 19 aos 23, 24.

Entrevistador:

Olha...

Laura:

E... e nessa época, aí já começou a ser uma coisa muito mais ativa de prospecção, assim, de, tipo, ir em site pequeno de banda, ir em lista, ouvir... eu ouvia muito NME Rádio, ouvia muito, tipo, sei lá, fazia...

Comecei a fazer ronda de, tipo, sei lá, ouvi todos os lançamentos que saiam no dia. Então, eu entrava, por exemplo, no New Album Releases, que era onde eu, sei lá, pegava pra... disco pra baixar, e aí eu olhava assim, olha, sexta-feira saiu esses discos aqui.

E aí eu ouvia todos esses discos, desse dia, sei lá, uns dois pra resenhar e tal. Isso é um app que eu nunca consegui perder. Hoje em dia eu não escrevo mais, mas chega sexta-feira, eu meio que pego uma listona de, tipo assim, o que foi lançado hoje.

E eu escuto até coisa que eu odeio, eu falo, tipo assim, ah, sei lá, eu odeio Imagine Dragons, se Imagine Dragons lança um disco novo, eu vou ouvir o disco novo de Imagine Dragons, porque eu quero ter uma opinião. Mas... mas aí sexta-feira virou meio que um dia que, tipo assim, provavelmente quando a gente terminar de conversar aqui, eu vou abrir o Spotify, eu vou lá, vamos lá.

Quais são os discos dessa semana?

Entrevistador:

Entendi.

Laura:

E aí o *streaming*, só que o *streaming* é uma coisa que, assim, conhecendo muito a indústria musical, eu sei que é uma coisa que não sustenta a máquina que é a indústria musical. E aí, pra mim, não sei se é porque eu tô dentro da comunidade K-pop, que é basicamente a única comunidade que compra disco atualmente no mundo, é tipo ou *hipster* extremo que compra vinil, compra audiófilo mesmo, ou a galera do K-pop. Você pega, sei lá, a Billboard no final do ano, na parte de Billboard 200, que é só de compra de disco, top 10, sei lá, uns 7, 6 discos são de K-pop.

Por quê? Porque a galera ainda compra CD. E é engraçado, porque atualmente eu nem tenho um CD player em casa, porque eu tenho um DVD que toca CD.

Mas não existe mais muito como você comprar um CD player. Uma coisa pra tocar esses discos. Tipo, o Playstation tocava, ele parou de tocar, o que me deixa muito pessoal.

O DVD, a única coisa aqui em casa que toca CD. Então tem uma prateleira, 5 prateleiras de CD e só um troço que toca eles mal, assim. Mas então eu gosto de comprar coisa porque eu não acho que é absolutamente sustentável pra indústria musical a gente ficar vivendo de 0,001 centavo por *streaming*.

Entrevistador:

Mas você tá falando que não se sustenta do lado do artista, né?

Laura:

Do lado do artista, sim. Porque não existe uma distribuição justa de *royalties* quando se trata de *streaming* ainda.

Entrevistador:

É, porque assim, só te dando o *feedback*, eu que estou estudando isso, o *streaming* ele resgatou a indústria fonográfica do ponto de vista econômico, comercial, entendeu? Total, sim. Até 2015, só em 2015 que se voltou-se a ter a mesma rentabilidade que se tinha na década de 90, entendeu?

Sim. Mas isso é outro papo.

Laura:

É, não, eu acho que pras gravadoras, definitivamente, foi uma coisa... Isso sem contar que eu acho ele muito importante pra formação de gosto musical, assim. Eu acho que o que você tem hoje em dia é da possibilidade...

Por que a geração Z, na minha opinião, é uma geração que tem um gosto musical tão aberto pra umas coisas muito fora da curva? É porque você não precisa comprar um CD inteiro por causa de uma coisa que você quer experimentar. Você vai, sei lá, você quer...

Eu gosto muito de uma frase do Ezra Koenig, do Vampire Weekend, no Men in the Bathroom, que ele fala que ele cresceu podendo escutar, sei lá, Ken de manhã e Fela Kuti de noite, porque não tinha nenhum gasto pra ele fazer isso. Ele só podia simplesmente ir de uma coisa pra outra. E eu acho que isso é muito fascinante.

Eu queria ter, sei lá, crescido com esse nível de liberdade, não ter que ficar esperando duas horas na MTV pra tocar a coisa que eu queria.

Entrevistador:

Entendi. Então, você é assinante do Spotify?

Laura:

Eu sou assinante do Spotify e do Apple Music. Eu atualmente tô ouvindo audições um pouco mais sociais, tipo *playlist*, coisa assim, Spotify porque é onde as pessoas estão. A qualidade do *lossless* da Apple Music, se eu tô com o fone bom, eu prefiro ir pra Apple Music, que é outro nível, assim, você escuta tudo.

Entrevistador:

Entendi.

Laura:

Mas é que nem todo disco tá no *lossless* na Apple Music, então tem uns que eu simplesmente falo, ah, beleza, não faço diferença entre eles, Spotify.

Entrevistador:

Verdade. Agora, eu queria te perguntar, do ponto de vista da experiência, você consegue estabelecer uma comparação entre essas... Tanto do ponto de vista de fase da indústria quanto do ponto de vista da experiência mesmo com aquelas fontes sonoras, com o CD, com o vinil, com o iPod e o *streaming*, você consegue estabelecer uma...

Laura:

Eu acho que com o tempo, por causa da mobilidade e da facilidade de acesso, a coisa ficou um pouco mais passiva, o que eu tento, às vezes, combater diretamente na minha vida porque eu quero prestar atenção no disco. Mas, por exemplo, atualmente, sei lá, eu escuto música trabalhando o dia inteiro. Quando eu não tô, sei lá, fazendo evento, que é uma parte do meu trabalho, aí,

obviamente, eu não posso fazer evento de fone de ouvido, se eu tô fazendo a parte de *desk job* do meu trabalho, eu tô ouvindo música.

Antigamente, pra ser, sei lá, você colocava um CD, você sentava na frente do CD, você colocava um vinil, você sentava na frente do vinil e você ia sentar e escutar. Atualmente, a música, ela tá... Isso, a partir desses...

Óbvio que antigamente tinha, sei lá, eu tinha um Discman, mas eu acho que eu usava menos, por exemplo, o Discman do que eu uso o celular, sei lá, e pra padaria eu não saio sem fone. A música tá o tempo inteiro, o tempo inteiro. Então, eu acho que a música, ela virou um pouco mais música de fundo, a não ser que você queira ativamente que ela não seja, e eu acho que, às vezes, a gente não faz esse exercício.

E isso vem muito também do jeito que as *playlists*, elas são formadas, por exemplo, as *playlists* próprias do Spotify é, sei lá, música pra ouvir no trabalho, música pra ouvir tomando banho, música pra ouvir no ônibus. É tipo, é uma coisa meio trilha sonora, plano de fundo, constante, assim. Antigamente era uma coisa, eu vou ouvir esse disco do cabo a rabo, eu vou sentar e vou prestar atenção.

É uma coisa que, tipo, é uma ferramenta. Você pode usar ela assim, você pode não usar ela assim. Você pode usar ela dos dois jeitos.

Ela não é uma ferramenta que eu acho que, ah, ela está banalizando a música. Não, você pode usar essa ferramenta das duas maneiras. Aí é uma questão de...

seu consumo. Mas que a possibilidade passou a existir e é muito irresistível, na minha opinião, ela existe, assim. Às vezes, sei lá, eu percebo que tocou, sei lá, quatro músicas num CD e eu não presto atenção.

Aí eu meio que penso, uau, assim, por quê? Porque eu estou fazendo uma planilha. E aí passou o disco e eu falei, putz, como assim?

Eu nem vi que o disco acabou. Às vezes eu meio que forço, sei lá, vou voltar, então, para o início. Eu vou prestar atenção nesse negócio.

Mas é... É natural da evolução de ferramentas, né?

Entrevistador:

É, tem muitos autores que eles sugerem que essa descrição que você fez bem aí, dessa relação de trilha sonora da vida, que inclusive está em algumas das peças publicitárias do próprio Spotify, não é uma coisa... É. É aberta até, né?

Não precisa nem fazer uma investigação tão profunda para você perceber a relação disso com o modelo de negócio da empresa. Tem algumas... Tem alguns autores que sugerem que esse tipo de visão sobre a fonografia, sobre a música gravada, acaba...

Mesmo que você possa realmente fazer esse uso, e você explicou bem, você pode tanto fazer o uso dessa experiência mais detida quanto realmente deixar que a música sirva como um pano de fundo para a sua vida, sugere que empurra o consumo para esse lado. Acaba empurrando... E isso também explicaria, de certa forma, o consumo de produtos musicais pregressos, especialmente o vinil.

Hoje em dia até o cassete está voltando também. E provavelmente o CD vai também ter esse *revival*.

Laura:

A mídia física meio que força você a fazer isso até certo ponto. O quê? A mídia física força você a ter que tomar uma decisão ativa de ir lá, colocar...

Ela meio que pausa a sua vida de alguma maneira. O *streaming* não pausa a sua vida. Você pode continuar fazendo o que você está fazendo.

Entrevistador:

E tira também o suporte musical do celular. Sai desse lugar, vai para outro.

Laura:

Exato.

Entrevistador:

Legal. Deixa eu te perguntar. Você falou muito sobre sua atividade como produtora de conteúdo na internet em uma fase anterior.

Hoje em dia como é que é isso?

Laura:

Hoje em dia eu escrevo só... Eu escrevo literalmente quase uma vez por mês pro Screamin' Hell sobre K-Pop. Eu falo que o meu trabalho atualmente é falar sobre K-Pop para Indie e sobre Indie para K-Pop.

Mas, na verdade, eu não tenho muito saco para o jeito que a produção de conteúdo de música atualmente acontece. Eu não quero, de maneira alguma, ser *influencer*. Então, para mim é um pouco...

Eu acho que o jornalismo musical perdeu parte da graça que ele tinha. Eu acho legal ler textos sobre música que são longos e que param para pensar e realmente meio que destrinchar as coisas e tentar ver lados das coisas. Eu não quero, sei lá...

Hoje em dia é tudo lista, thread, TikTok. Assim, acho... Tem umas coisas que me irritam um pouco.

As pessoas acham que o TikTok está matando a indústria da música, sendo que, na verdade, ele está voltando para a indústria da música para um negócio que acontecia em 1950, o que é meio esquisito. Que é, tipo, músicas mais curtas, "dance craze". Eu falo, é muito estranho ter pessoas falando assim, meu deus, o TikTok está transformando tudo em coreografia e música de 1 minuto e 15, 1 minuto e meio.

Eu fico tipo assim, uau, o Chubby Checker ficaria absolutamente confuso com o que você acabou de falar, porque foi exatamente o que fez a carreira dele. Mas é engraçado como, sei lá, as pessoas estão ouvindo mais single do que CD, coisa que aconteceu em 1950. As pessoas estão fazendo coreografia coletiva, não sei qual é a coisa que acontecia, sei lá, Soul Train, coisas lá, 50, 60 até 70.

É quase como se a música pop estivesse voltando para uma outra, sendo que a tecnologia mudou completamente. Por quê? Não sei.

Mas as coisas, elas andam. Você pode ficar tipo... Ou você pode fazer um bom trabalho em cima daquilo, que eu acho que tem gente que faz, tem gente que não faz.

Mas a parte de produção de conteúdo, eu sinto que realmente falar sobre música em uma certa profundidade, no momento, é uma coisa muito frustrante, porque ninguém lê. Ninguém quer. E isso é muito chato.

Isso não é nem uma coisa tão recente. Eu lembro que uma das coisas mais frustrantes para mim, quando eu estava bem perto de largar o blog que eu escrevia, é que eu fiz uma entrevista com o Oliver Arnaldo, no Sonic Longa, pessoalmente. Eu falei, uau, essa entrevista é uma das coisas mais legais que eu já fiz na vida.

E ela foi lançada no mesmo dia de um post, sei lá, sobre o Julian Casablanca ter falado uma coisa numa entrevista da MTV. E as pessoas, literalmente, preferiam a fofoca do que a entrevista longa interessante. E eu falei, olha, sinceramente,

eu não sei para o que a gente está fazendo aqui, para o que a gente está escrevendo essas coisas.

As pessoas entram na Pitchfork e elas ficam, sei lá, olha, esse disco tem a nota 7, esse disco tem a nota 6. Se você perguntar para elas o que a crítica estava escrita, elas nem leram a crítica. Elas olham a nota e pronto.

E é tipo, eu posso ouvir esse disco? Eu quero ouvir esse disco? Eu não quero.

Eu estou com raiva deles terem vendado essa nota. Você leu o argumento? Não, você nem leu o argumento.

Você só olhou a nota e falou. Para que escrever? Para que fazer conteúdo sobre música, no momento?

Ninguém quer.

Entrevistador:

Uhum. E você consome podcast e YouTube voltado para a música?

Laura:

Eu consumo algumas coisas de YouTube voltado para a música, mas muito de nicho, na área de K-pop. Podcast eu tenho muito problema com. Aí é uma coisa de consumo realmente auditivo.

Eu não consigo muito fixar em uma voz, sem corpo falando na minha orelha. Eu já até participei de podcast. Eu já fiz podcast, não na área de música.

E eu não consigo ouvir podcast.

Entrevistador:

Entendi.

Laura:

É uma coisa que vai me deixando irritada.

Entrevistador:

Eu te perguntei isso porque essa crítica que você fez sobre jornalismo musical, eu ouvi num tom parecido do Ricardo Alexandre, do Discoteca Básica. Só que a linha dele foi assim, você tem 33, ele deve ter, sei lá, 53, por aí. Bem mais velho.

E a linha dele se conecta com outro aspecto da sua fala, que ele fala... Puxa, naquela época, quando eu escrevia na Biz, a fonografia estava voltada para as obras, as obras musicais, os discos, aquelas obras de arte que a gente, uma vez por mês, tinha que falar sobre aquilo e aquilo outro. E que hoje as coisas estão muito mais, falando sobre essa questão do TikTok, estão muito mais voltadas para o consumo rápido.

Se você quiser comentar algo sobre isso também, sobre talvez a perda da noção de obra do ponto de vista do interesse do público.

Laura:

Eu acho que sim. Eu acho que a questão de, por exemplo, ver um disco... É porque, por exemplo, no meu nicho, o interesse pelo disco como um todo, que vai de conceito...

Quase que a ideia da ópera-rock morreu para renascer no K-pop. Os discos são feitos para você ouvir inteiro. Eles têm intro, eles têm outro, eles têm intermezzo, eles têm encarte, você para, você olha a ficha técnica.

Então, isso nunca aconteceu no mundo do K-pop. Do mesmo jeito que as pessoas nunca pararam de ver clipe no mundo do K-pop. Tudo isso continuou como parte.

Porém, o que eu sinto, principalmente nos meus amigos que a gente chama de civis, que são pessoas que não são desse nicho, é que sim. Por exemplo, agora até alguns discos eles são meio que lançados em formatos de single. Sei lá, eu estava reparando isso no lançamento do disco do Beach House no final do início do ano.

Eles lançaram quase todas as músicas como single no início do ano. E aí as pessoas meio que... O consumo vira uma coisa quase...

Volta a ser uma coisa muito próxima da ideia... Sei lá, da época que você comprava um *7-inch* com uma música só. Vira uma coisa muito de *playlist*, uma coisa quase tipo uma rádio, mas no Spotify.

E acaba... E tem uma outra coisa que eu acho que... Eu sinto que o Ricardo também sente isso.

Eu sinto que essa galera toda da velha guarda do jornalismo musical brasileiro sente isso também. Virou uma coisa também muito personalizada. As pessoas não aceitam ler sobre uma obra porque elas acham que...

A opinião sua sobre uma obra tem a ver com a opinião sua sobre a pessoa ou artista. Tudo virou muito personalizado. Então é tipo assim...

Você falar mal de um disco da Taylor Swift, você está falando mal da Taylor Swift. Como assim? Você odeia a Taylor Swift?

A ideia de analisar uma obra virou necessariamente uma coisa de você ir contra uma fandom e contra uma personificação ali da... Às vezes até algumas coisas que aí eu acho que chega ao ponto de distópico. Sei lá, você falar mal do disco do Sam Smith quer dizer que você provavelmente é transfóbico.

Gente, é um disco. Vamos falar da obra física de disco. Eu não estou falando da pessoa.

Não estou falando da pessoa que fez. O problema é que agora tudo é assim. É muito difícil falar de música agora porque você, por exemplo, quando saiu o disco do Hairstyles, um caso maravilhoso foi que teve crítico falando, ah, ele não se revela o suficiente na obra.

Eu fico, gente, vocês escutam o disco pelo disco ou pela fofoca de quem, sei lá, o Hairstyles está namorando. Acaba que essa árvore de informações, as pessoas juntam isso tudo na obra e tipo o disco em si, a obra, para de fazer sentido. É muito complicado.

E também vem muito dessa coisa dessas super-celebridades terem se tornado uma coisa... Eu praticamente não quero escrever uma crítica de um disco de uma Taylor, de um Justin Bieber, de um BTS, porque vai vir 60 fãs atrás de você falando assim, isso quer dizer que você, sei lá, você não gostou desse disco, você mata criancinhas de manhã.

Entrevistador:

Aí me parece que você está falando até do processo de cancelamento, né?

Laura:

É, e eu não sou contra cultura do cancelamento de maneira alguma, porque eu acho que a maioria dos casos de cultura do cancelamento das pessoas é tipo assim, isso não é uma cultura do cancelamento, essa pessoa não devia estar presa. Sei lá, eu sou uma pessoa que eu já fui fã do Morrissey e vi ir para o show do Morrissey na grade. Hoje em dia, eu não escuto Morrissey, porque, sinceramente, na minha opinião, não é uma questão de cancelamento, é uma

questão de uma pessoa que é abertamente racista e xenofóbica, ela não devia estar presa, ela não devia estar cantando.

Ah, essa pessoa, sei lá, foi um estuprador, essa pessoa, o Kanye sendo abertamente nazista, gente, isso não é cancelamento, isso é consequências de ações que são contra a lei. Por outro lado, essa coisa de achar que você tem que gostar de uma coisa simplesmente porque ela representa alguma coisa, porque ela fala sobre algo muito importante, gente, não é sobre isso que a gente está falando, a gente está falando da música. Você pode fazer uma música que significa coisas bonitas pra caramba, mas que é uma música ruim.

Entrevistador:

Entendi, beleza. Cara, então, vamos falar um pouquinho agora sobre os seus hábitos de audição, aliás, desculpa, vamos só explorar mais um ponto que eu sabia que tinha ficado alguma coisa pra trás. Você está falando sobre a questão do K-pop ainda ter, está muito vinculada a essa noção de obra.

E você falou sobre o consumo de CD. Como é que é essa relação, então, do K-pop com essas mídias, vinil e CD? Você falou que consome mais CD no caso, né?

Laura:

Sim. Vinil no K-pop é uma coisa que normalmente poucos são lançados no ano e eles não chegam no Brasil, porque tem um problema na questão de consumo de CD no mundo de K-pop, que é não existe distribuição oficial da maioria dos CD's, eu diria de 99% dos CD's no Brasil. Então, o que você faz é que você tem que importar eles direto da Coreia, através de lojinhas e importações em grupo.

Então, é um consumo que chega ao extremo do ativo, você tem que ir atrás de uma pessoa que traz esses CD's de maneira super casual, é coisa que às vezes você gasta e a pessoa some e você toma um golpe. Mas pra você conseguir esses CD's, pra você conseguir colecionar K-pop no Brasil, você tem que ter esse nível de prospecção ativa, é quase uma coisa, tipo, é quase a coisa do nerd de vinil de ir no cebo, sabe? Você não vai, sei lá, entrar no site da Amazon e, tipo, olha, eu quero esse CD aqui do Seventeen.

Não existe isso at all, assim. O CD no K-pop, ele é uma mídia física muito, muito diferente. Basicamente, ele é o que no mundo da música ocidental é uma edição especial, é o CD normal no K-pop.

Ele vem numa caixa, ele tem todo um conceito, sei lá, você tem, por exemplo, um disco do Red Velvet que o nome do disco é Birthday, e ele vem numa caixa de bolo, a caixa do CD é um bolo, esses bolos, eles são decorados pelas cinco integrantes diferentes e você tem que comprar sortido, você não sabe de quem vai ser o bolo que vai chegar na sua casa. Dentro disso tem o encarte, tem marca página, fotos, coisa de bastidor, alguns têm, tipo, um código qr-code pra você ver um vídeo, é um pacote. E isso é meio que o motivo pelo qual essa indústria continua, ela oferece uma coisa pra além da mídia física, musical direto.

E é por isso que ele continua vendendo. E eles usam muito essa questão quase "gamificada" de, tipo assim, ter coisas, por exemplo, que você não sabe que vai vir na sua versão. Porque aí faz pessoas comprarem mais de uma versão, tipo, ah, eu não sei com o bolo que eu queria, eu queria o bolo da minha integrante favorita, então eu vou comprar mais um pra ver se sai.

Tem trocas, coisas assim. Mas, é engraçado que o mundo do vinil lá, eles lançam, o problema é importar um vinil da Coreia de maneira completamente, por exemplo, todos os discos do BTS tem um vinil. A questão é, é muito mais difícil importar um vinil da Coreia do que um CD, porque ele é frágil e ele é fino.

E a caixa é diferente, ela é grande. As caixas grandes, elas têm mais tendência a taxar no Brasil. Então, por exemplo, o meu artista favorito de K-pop, ele lançou o

último disco dele em vinil, eu queria muito, o problema é que o perigo de taxar poderia fazer ele chegar aqui por 800 reais.

Entrevistador:

Caramba, entendi.

Laura:

Sim. Mas então, é uma coisa muito, muito, muito focada em ter uma experiência completa com o CD. Chegar é uma coisa de ter *unboxing*, assim, você fica ansioso para abrir o CD.

Entrevistador:

Cara, queria te pedir duas coisas aqui quando a gente encerrar a entrevista. Se você puder me mandar uma referência de um artista do K-pop, até eu vou caçar um vídeo de *unboxing* no YouTube para entender como é que é esse mundo, que eu desconheço. E se você puder me mandar o link do Twitter que você respondeu.

Porque eu não sei como foi para lá e seria muito bom para mim, porque eu posso até compartilhar, né?

Laura:

Ótimo, ótimo.

Entrevistador:

Eu queria saber o seguinte, você já falou sobre o seu hábito de ouvir música, que você fala que ela te acompanha, que esse hábito te acompanha durante o seu trabalho e tal, que você está sempre de fone, exceto nos momentos que você está em eventos. Beleza, acho que a gente já pode “bypassar” isso aí. Você, já falamos de alguma maneira sobre a música te ajudar a desempenhar tarefas, também você associou isso ao processo de trabalho, né?

Agora eu queria só confirmar algumas coisas sobre a sua fonte sonora. Você costuma ouvir música sempre pela plataforma de *streaming* ou você ouve CD também, você já falou. Fora essas três alternativas que você falou, do Spotify, Apple Music e do CD.

Você já cita alguma outra forma de audição?

Laura:

Atualmente não. O *streaming* eu uso não só no fone, eu tenho, eu meio que fiz um conjunto de Alexas em casa e no fim de semana, principalmente, a gente aqui em casa coloca muito música no Spotify, na Alexa e aí a música toca na casa inteira. Isso é bem...

Entrevistador:

Sincronizado.

Laura:

Isso. Aí é bem comum também esse tipo de consumo aqui. E...

Pensando aqui, como eu disse, nesse momento só minha mãe tem, eu não tenho o player. Eu... Eu ia falar...

Ah, eu assisto muito clipe ainda. Eu gosto muito. Tipo, então eu assisto bastante coisa, eu até pago o YouTube Premium.

E... E vou muito em show.

Entrevistador:

Tá. Beleza. Deixa eu te perguntar sobre essas alternativas de *pocket shows* voltados para YouTube, tipo KEXP...

Tipo, Tiny Desk Concert. O que você acha desse tipo de formato?

Laura:

Eu amo... Nossa, isso foi uma coisa que foi muito, muito, muito chave para mim. Inclusive, principalmente nessa época que eu escrevia sobre música, era uma das coisas que eu mais gostava de noticiar, sim.

E eu acho muito bom, porque eu acho muito diferente ver artistas na roupagem, ao vivo, assim. E... Antigamente, tinha muito menos turnê que passava pelo Brasil.

Chegou num momento pós-pandemia que tá tudo até um pouco saturado. Tipo, eu não tenho dinheiro pra ir em todos os festivais que tem no Brasil no momento, porque, pelo amor de Deus, eu tenho festival todo mês quase. Virou farra de show agora.

Ninguém aguenta. Mas... Mas eu acho um jeito muito interessante de assistir show.

Também vi muito show em *streaming*. Sei lá, às vezes tem... Fim de semana do Coachella, eles colocam *streaming* no YouTube o dia inteiro.

Já vi muita coisa. Eu paguei por *streaming* de show durante a pandemia. Paguei ingresso e tal.

Eu achava um jeito legal de meio que manter a indústria da música ao vivo andando, assim. Então... Porque eu acho muito diferente.

É... Eu acho que show é uma experiência muito... A música ao vivo é muito diferente.

E essas coisas de rádio e tal, eu acho... Ainda mais a curadoria. Você pega um Tiny Desk Concert e é tipo...

É uma curadoria impecável de coisa de praticamente todos os gêneros, assim. A NBA é genial.

Entrevistador:

É. Eu queria comentar uma coisa com você, Laura, porque eu já vi que você é uma pessoa que pensa o tempo inteiro sobre música. Você...

Eu já vi algumas pessoas comentando que essa... Esse tipo de formato é uma alternativa para... É como se fosse a contraparte do Spotify.

Ao invés de você ouvir música como trilha sonora, você conseguir reter a atenção do ouvinte para aquela... Para a música. Transformar a música no protagonismo da sua atenção.

Agora tem um aspecto estilístico também. Artístico mesmo. Do ponto de vista do exercício do estúdio.

O que você acha disso? Porque é uma forma de você transformar tudo em performance, não?

Laura:

Sim. Eu acho que também tem muito isso numa coisa que eu sinto que virou um pouco moda. Que é meio que filmes de backstage de disco.

Isso foi uma coisa muito pandemia, mas eu sinto que está rolando. Por exemplo, o disco da Taylor Swift, o Folklore, que teve um Folklore Sessions. Que tinha na Disney...

Acho que foi na Disney+. Não sei. Que tinha um filme da gravação do disco inteiro dentro do estúdio do cara do The Net.

É um... Interessante. Eu acho muito interessante do ponto de vista de nerd.

Ver o processo de gravação das coisas. Ver a... a banda de estúdio.

Eu acho isso muito legal. Mais uma vez, isso é muito comum no K-Pop. Sei lá.

Quase não tem um disco que não saia depois um mini doc ou um apanhado de gravação vocal. Você vê os “ad-libs”, você vê os *overdubs* sendo feitos. E eu acho isso muito legal.

Eu não sei até que ponto retém a atenção das pessoas comuns, das pessoas que não passam o dia inteiro pensando em música, a ponto de realmente reverter essa situação. Eu acho que o caso do filme faz isso, porque a pessoa não vai pôr um filme e fazer outra coisa. Isso foi uma frase muito errada.

Eu vi gente assistindo filme no metrô um dia. Porém, é mais incomum. Porém, um vídeo de Youtube, eu acho que ainda tem muita gente que, sei lá, põe no vídeo do YouTube e continua trabalhando e só escuta a versão ao vivo no fone. Eu queria acreditar que isso faz um efeito maior.

Mas eu não sei se a pessoa continua não olhando. Não parando.

Entrevistador:

Legal. Deixa eu te perguntar então. Você, quando vai ouvir, você sempre sabe o que você vai escutar?

Não. Como é que é essa relação? Você...

Aí, falando especificamente do ponto de vista do *streaming*, você se vê congelando na frente da plataforma? Total. Total.

Laura:

Isso é uma das coisas que mais me incomoda no pós-*streaming*. Tipo, eu às vezes acho que é tão sobrecarregada de opções, que às vezes eu, um, paro e olho pro nada e fico, o que que eu quero hoje? Dois, acabo meio que querendo mais sugestões, tipo, sei lá.

Eu às vezes pergunto, tipo, ah, o que que vocês estão ouvindo? Quero meio que ver o que que os meus amigos estão ouvindo. Eu uso muito aquela barrinha do Spotify que mostra o que que as pessoas estão ouvindo, porque às vezes eu penso, eu não sei o que que eu quero.

Aí eu olho o que que todo mundo tá ouvindo e penso, hum, olha, essa pessoa que tá ouvindo isso aqui, meu Deus, tem um tempão que eu não escuto. Realmente, eu vou ouvir. E três, eu sinto que isso...

Aí o meu maior inimigo na vida, que é o a *playlist* que chama “No Repeat” do Spotify, que às vezes eu uso ela pra, tipo, ah, eu vou ouvir uma coisa que eu gosto muito. São as coisas que eu já tô ouvindo muito, mas isso alimenta um grande loop de, tipo, ah, ela tá no “No Repeat”, aí eu clico no “No Repeat”, aí ela vai ficar mais tempo no “No Repeat” e quando eu vejo, eu passei, sei lá, um mês ouvindo muito uma mesma música porque era a opção mais fácil. Mas eu acho muito, é muita opção, é desesperador às vezes.

Você às vezes se pergunta, como eu tô me sentindo? Eu tô me sentindo folk hoje, eu tô me sentindo K-pop hoje, eu tô me sentindo punk hoje, o que infernos eu quero ouvir? E você tem a possibilidade de ouvir qualquer uma dessas coisas.

Entrevistador:

Pois é. Então, eu imagino que você não confie tanto na inteligência artificial pra selecionar a música pra você, né? Se não, esse congelamento não aconteceria, né?

Laura:

Não. A única *playlist* externa que eu escuto, a única *playlist* que não sou eu que faço, ou um amigo que faz (que eu gosto muito de ouvir recomendação de amigo), a única *playlist* no ano que eu escuto que não é assim, é a Top 100 da NPR que eles fazem no final do ano, que eu acho absolutamente sensacional pra conhecer coisa nova, e às vezes, às vezes, eu escuto as versões também de final do ano da Pitchfork. Fora isso, eu não confio muito em terceiros pra me mandar o que eu ouvi.

O que o algoritmo... Eu acho que o algoritmo ele te faz entrar nos buracos, sei lá, ele identifica que você gosta... Eu nunca vou esquecer da época que eu tava ouvindo muito country, e aí ele começou a me indicar todo o country, e aí eu comecei a escutar todo o country, e quando eu ouvi ele tava me indicando bandas country norueguesas, porque ele claramente não chegou...

E ele não sabe fazer conexões muito complexas, então ele não vai te mandar pra, sei lá, um disco de rock alternativo que puxa referências do country, mas que... Não, ele vai ficar te mandando... É um funil ao ponto de chegar naquele ponto mais específico do que você tá escutando.

Eu acho que cria radicalismo musical, eu não gosto.

Entrevistador:

Entendi. Eu não quero ouvir o que ele me manda. Só um segundinho.

Oi, desculpe. Então, você falou sobre criar *playlist*, né? Você costuma compartilhar essas *playlists* que você cria?

Laura:

Sim, muito. Twitter.

Entrevistador:

Ah, olha.

Laura:

Eu crio muita *playlist*. Eu tenho até que dar uma limpada no meu Spotify.

Entrevistador:

Eu consigo achar o teu perfil no Spotify com facilidade?

Laura:

Sim, é o mesmo user... Ah, eu te mando ele.

Entrevistador:

É, manda. Eu tenho interesse de ver. Você acha que essas *playlists*, de alguma maneira, são um manifesto da sua identidade musical?

Quer dizer, uma maneira de você ter o seguinte. Antigamente, na época do vinil, do CD, quando você ia na casa de alguém, você poderia dizer qual é o tipo de pessoa que ela é, vendo os discos, vendo os CDs e tal. É algum tipo de inferência sobre a personalidade do sujeito.

Você acha que isso acontece com as suas *playlists*?

Laura:

Eu acho que sim. Eu gosto muito da ideia daquela cultura de *mixtape*. Inclusive, eu adoro, sei lá, mandar *mixtape* para as pessoas.

Tipo, tem um amigo que quer ouvir alguma coisa e fala, não, eu faço uma *playlist* para você e aí eu te mando. Eu acho que isso é, sim. Tanto que toda vez que tem aqueles memes, sei lá, poste as dez primeiras músicas que aparecem no seu “No Repeat”, mostre o que você está ouvindo muito recentemente.

Eu sempre gosto de participar. Eu acho que o que você está ouvindo diz muito, sim, sobre sua personalidade e tal. Isso não resume a sua personalidade.

Resume mais um momento do que a sua personalidade. Mas um momento que é parte de você.

Entrevistador:

Legal. Eu vou ter que mudar de cômodo aqui, Ana Clara, porque a sua entrevista está sendo super interessante e eu vou ter que liberar esse quarto aqui. Você me dá um minutinho?

Laura:

Aham.

Entrevistador:

Obrigado. Então, deixa eu te perguntar agora. Já falamos sobre, já encerramos aqui o segundo bloco. O terceiro bloco é sobre audição musical com protagonismo, que é o contrário que você estava descrevendo aqui sobre a relação de trilha sonora e tal.

Eu queria te perguntar se você... Bom, eu iria até começar esse bloco te perguntando se você costuma exercitar esse tipo de experiência, mas você já falou que sim. Sim.

Você consegue descrever o contexto em que esse tipo de experiência ocorre contigo?

Laura:

Eu acho que tem dois jeitos que eu costumo fazer isso. O primeiro é realmente escutando em casa, tipo eu vou pegando, sei lá, hoje igual, sexta-feira. Se eu tenho um dia mais tranquilo de trabalho igual eu tenho hoje, amanhã, hoje eu tenho só um evento à noite, então meio que por eu ter um evento à noite eu não preciso trabalhar muito durante o dia, eu vou pegar discos e eu vou ficar, tipo, escutando e eu vou estar, sei lá, na rede social, mas eu estou prestando atenção no disco.

Eu estou comentando o disco, inclusive, muitas vezes. Eu não estou prestando atenção necessariamente em outra coisa. Segundo jeito que eu normalmente faço muito isso é que eu falo que eu gosto de levar o disco pra passear, que é, sei lá, se eu vou andar pra algum lugar, eu gosto de andar ouvindo a música e é um jeito passivo, mas porque eu estou andando, mas o andar é meio que pra ouvir a música.

Então, eu sempre senti que isso me ajudou muito a, tipo, ver, sentir a música de outro jeito, assim. Inclusive, é um dos momentos que eu mais uso o *Loss/less* da Apple Music. Eu gosto muito de, tipo, pegar o fone e colocar na melhor qualidade possível e, sei lá, andar um pouco com o CD e ouvir.

Aí eu fico, tipo, às vezes contextualizando o disco. Eu sinto que eu volto com outra percepção do disco, assim. Isso é uma coisa que eu sempre fiz.

Eu fazia isso inclusive pra escrever sobre os CDs, mas hoje em dia eu praticamente não escrevo mais sobre CD. Então, acho que o principal jeito é realmente selecionando um disco pra ouvir de cabo a rabo durante o dia, tipo, na sexta, na segunda e tal, que eu pego e faço isso. E segundo é realmente levando o disco pra passear.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar. Em geral, isso acontece através do *streaming*, mas não. Deve acontecer também por CD, não é?

Laura:

Sim, dos dois jeitos.

Entrevistador:

Como é que você consegue comparar essas duas experiências com relação, claro, ao protagonismo, né?

Laura:

Eu acho que é meio que inevitável que, como o CD força você a parar e sair da frente de tela em algum momento, até mesmo porque num escudo CD no computador é muito diferente. A ação é ainda mais ativa. Realmente sai da tela.

Sai. Às vezes, sei lá, eu fico menos no Twitter, eu fico menos no WhatsApp, coisas desse tipo.

Entrevistador:

E aí você, quando pra esse momento de protagonismo acontecer, ele vai ocorrer mais vinculadamente a álbuns, ou isso pode acontecer também com músicas isoladas ou *playlist*?

Laura:

Não, sempre álbum. Praticamente, eu diria que 95% das vezes é álbum. No caso da mídia física, eu acho que eu nunca coloquei um CD pra ouvir uma música na vida, ou pra ouvir poucas músicas.

Se o disco entrou, ele vai terminar.

Entrevistador:

E *playlist*, nunca?

Laura:

Eu sinto que *playlist* eu uso muito, muito mais pra audição com menos protagonismo. Eu uso muito, mas muito pra trabalhar. E eu gosto muito de *playlists* de uma banda só.

Tipo, por exemplo, sei lá, pegar... Eu gosto muito de todas as bandas que eu gosto, fazer uma *playlist* com as minhas músicas favoritas e ouvir essa *playlist*. E eu gosto de sequenciar essa *playlist*.

Isso. Exatamente. É fazer um best-of, mas um best-of que é o meu gosto, a minha ideia de o que é o "best of" da pessoa.

E aí eu gosto de fazer, até às vezes, sequenciar ela. Tipo, por exemplo, começar com as baladas e ir crescendo, ou fazer uma... Tipo...

E aí eu escuto, mas é muito mais. Tipo, eu vou dar play nessa *playlist*, provavelmente eu vou dar play nessa *playlist* e continuar trabalhando, ou lavar louça, ou...

Entrevistador:

Uhum. Então, assim, pelo que você tá descrevendo, a qualidade de áudio é muito importante pra você desfrutar esse momento, né?

Laura:

Total.

Entrevistador:

Total.

Laura:

A baixa qualidade de áudio, por exemplo, da maioria das... da mídia do Spotify é uma coisa que me irrita um pouco. Eu vi agora que vai ter uma versão premium e tal.

Vamos ver. Se vai ser bom. Mas, tipo, quando eu realmente quero ouvir um disco, eu falo que...

Eu, às vezes, até gosto de ouvir ele primeiro no Spotify e ouvir ele na Apple Music pra ficar, tipo, gritante. Tipo, uau, olha aqui! Você não escutava essa flauta no Spotify.

Entrevistador:

Entendi. Cara, deixa eu te perguntar o seguinte. Você percebe...

Assim, me parece que você é um perfil mais específico que... Você sempre exercitou esse momento de protagonismo, não é uma coisa que, por exemplo, houve... Você percebe que acontecia na época da mídia física e hoje acontece menos na...

Assim, me corrija se eu estiver errado, tá? Mas me parece que você é... Você continua exercitando, cultivando, ou talvez até ritualizando a sua escuta até hoje, seja na plataforma, seja no CD, certo?

Laura:

Sim. Mas eu acho que, assim, mesmo no meu caso, que eu tive que ritualizar isso pra manter isso vivo na minha vida, porque antes era uma coisa muito natural. Hoje em dia é uma coisa que eu tenho que ativamente falar assim, "não eu tenho que fazer isso, por que se eu perder isso, eu vou ficar triste".

Mas antigamente era uma coisa que era simplesmente o jeito que eu consumia, não era uma coisa que eu precisava de meio que criar um momento e um espaço e falar antigamente era só, tipo, se eu vou ouvir música vai ser assim, porque era assim. Agora é uma coisa que eu tenho que transformar em parte da minha rotina ou isso vai se perder e...

Entrevistador:

Pode criar. Cara, deixa eu te perguntar...

Laura:

Virou quase uma filosofia de vida, né? É difícil. Eu entendo como que pra outras pessoas deve ser tipo, nossa, é muito alta manutenção ter que manter isso.

Entrevistador:

Sabe assim, de todos os entrevistados que eu falei, foram pouquíssimas as pessoas que relatam esse esforço ativo, consciente, você e mais um, na verdade, de fazer isso, né? Não perder essa relação de protagonismo, conscientemente, né? Deixa eu te perguntar, então, como é que fica, como é

que é a sua relação com, e essa aqui é a última pergunta, como é que é a sua relação com o seu corpo?

De que maneira essa audição com protagonismo, ela interfere, influencia você como pessoa, você se arrepia, você canta junto, você fica focada, como é que é esse momento, pessoalmente?

Laura:

É, eu tenho uma tendência a reagir fisicamente, a música é muito grande, inclusive eu tava falando que agora eu voltei pro presencial três vezes por semana e tá sendo muito difícil pra mim, porque quando eu tô trabalhando, eu tô escutando música no presencial, eu não consigo, por exemplo, não, sei lá, fazer algo, às vezes é um *air drum*, às vezes é tipo um batucar, é muito natural pra mim, eu às vezes não tenho necessariamente muito controle sobre reação física à música, e eu sinto muito às vezes, tipo, uma coisa quase tipo, uma pessoa é uma reação completa, sabe? Principalmente se a coisa é boa, eu brinco às vezes que, tipo, nossa, acabei de sentir aqui síndrome de "stand-out" com essa música, tipo, às vezes, sei lá, eu já chorei ouvindo música, simplesmente por causa do disco, não porque eu tava me identificando com nada, eu lembro que a última vez que aconteceu, isso foi com o Punisher da Phoebe Bridgers, eu comecei a chorar, eu lembro que eu tava na casa da minha mãe, minha mãe passou por mim, assim, ó, vou acontecer alguma coisa? Eu falei, não, é que eu tô ouvindo um disco muito bonito, e eu senti isso muito recentemente com o disco novo do Sufjan Stevens, eu tava, tipo, escutando ele, eu falei, putz, eu vou chorar, é muito bonito isso, eu sinto muito isso, e isso torna um pouco perigoso, por exemplo, alguns tipos de música, tipo, sei lá, se eu tô escutando com atenção, porém em público, eu às vezes sinto, às vezes eu tô, sei lá, no supermercado, ouvindo um CD, quando eu falo que eu vou levar o CD pra passear, e eu tô, tipo, mexendo, eu tô, tipo, dançando, fazendo alguma coisa meio ritmada, e eu tô, tipo, putz, calma, calma, não é o meu lugar. Entendi.

Entrevistador:

Cara, super obrigado, foi sensacional a tua entrevista, levou mais que o dobro do que eu costumo levar, eu vou, eu devo defender a tese até março, e quando eu tiver concluído, eu te mando o link pra você ler, se você quiser.

Laura:

Nossa, sim, com certeza, adoro, adoro.

Entrevistador:

Tá ótimo. E vou te lembrar, lá no WhatsApp, de você me mandar o link do Twitter, essas coisas.

Laura:

O link do Twitter, um exemplo de CD de K-Pop.

Entrevistador:

Pra mim vai ser importante, porque eu não sei como é que é essa relação, desse tipo...

Laura:

Com a mídia física, sim.

Entrevistador:

É que não conheço.

Laura:

Aham, beleza, vou te mandar, sim.

Entrevistador:

E se você lembrar de algo mais que você queira compartilhar, super agradeço.

Laura:

Perfeito, vou te mandar.

Entrevistador:

Valeu, bom dia pra você.

Laura:

Obrigada, boa sorte com a pesquisa aí.

Entrevistador:

Valeu, tchau, tchau.

Laura:

Tchau.

Leandro Salgueiro

Escolaridade: ensino médio

Ocupação: estudante

Nascimento: 19/11/2005

Idade: 18

Entrevistador:

Primeiro, queria te agradecer pelo seu tempo, não é muito fácil às vezes a gente conseguir pessoas para ser entrevistadas, então super te agradeço. Vou falar um pouquinho sobre como é que é essa entrevista. A gente está interessado em falar com pessoas que se identificam como fãs de música e a entrevista tem três partes.

A primeira parte a gente procura falar sobre a sua relação pessoal com música, depois sobre os seus hábitos de audição musical e no final a gente vai tentar explorar um pouquinho sobre um tipo de experiência que a gente está mais interessado. Beleza?

Leandro:

Beleza.

Entrevistador:

Então vamos lá. Você consegue me falar com as suas palavras qual é a importância da música para a sua vida? Você acha que ela de alguma forma te ajudou a formar quem você é como pessoa?

Leandro:

Com certeza e continua me ajudando. Continua me ajudando a minha formação e a minha vida. Acho que, na verdade, desde pequeno eu tinha a música como algo presente na minha vida, mas só depois que eu acho que eu fiquei

realmente muito fã, porque eu passei a ocupar meu tempo com isso, desde ouvir, tocar, etc.

Porque, enfim, eu sou músico também. E aí, enfim, eu acho que grande parte do que eu tenho como objetivo hoje na minha vida, que eu antes tinha medo de não ter, porque eu pensava, caramba, o que eu vou ocupar quando for adulto? O que eu vou fazer quando eu sair da escola e tudo mais?

O que eu quero de formação profissional? E aí, quando eu descobri que eu podia ser músico e que eu podia ocupar meu tempo com isso, foi uma chave que virou na minha vida. Então passou a ser minha religião, de alguma forma, sentar todo dia e ocupar minha cabeça com isso, que era um lugar que era vazio antes, sabe?

Entrevistador:

Legal, cara. Você tem na sua casa, digamos assim, pôster de música, camisas, você tem esse tipo de produto?

Leandro:

Cara, eu tenho, eu posso até mostrar aqui do lado, eu tenho uma coleção de vinil. Hum, olha. Bem grande, assim, que era tudo do meu pai.

E CD também, então eu, tipo, além de, eu tenho poucas camisas e tal, mas eu coleciono coisa de música mais pelo CD, assim, porque é uma coisa que meu pai tinha muito, CD e vinil, e ele me deu tudo. Então hoje em dia, colecionável pra mim, mesmo que eu não sou uma pessoa de colecionar muitas coisas, mas como eu já tenho tudo isso que meu pai colecionava, então eu, tipo, pô, é muito legal olhar e ter, assim, um quarto, assim, é bem legal mesmo.

Entrevistador:

Então você tem esses vinis, mas você não consome, você não compra, vamos dizer assim.

Leandro:

É, eu compro, raramente eu compro vinil. Eu, na verdade, tipo, eu compro quando é algo que eu, eu comprei esse vinil de um amigo meu, que eu sou fã também dele, que se chama Tonico, e ele é aqui do Rio, e ele fez o disco dele e tal, e aí eu comprei o vinil do disco dele, porque eu tenho muito carinho por isso, entendeu? E eu queria muito ver, mesmo que eu não tenha, é porque eu não tenho um toca-vinil muito bom.

Então mesmo que eu quisesse ouvir, por isso que eu comprei o CD, porque o CD, eu tenho um toca-CD muito bom, e aí o som é bom. Aí eu comprei o vinil e o CD, porque o CD eu ouço e o vinil eu gosto de olhar, entendeu?

Entrevistador:

Saque legal, cara. Você usa alguma conta do, assim, vamos dizer, você é assinante, você ou sua família são assinantes de alguma plataforma de *streaming*?

Leandro:

Sim, sim. E eu fui meio que o responsável por isso, porque antes a galera aqui em casa só ouvia, minha mãe usava muito mp3, meu pai, ele era o cara do CD, ele sempre foi o cara do CD e, tipo, desde que existe CD, né? E aí, depois de um tempo, ambos se afastaram, assim, do consumo diário da música, porque o CD, tipo, meu pai tinha preguiça de usar, e minha mãe começou a ficar com preguiça de usar o mp3 também, e aí eu já estava lá com o Spotify há um tempão, no YouTube, tanto faz, e aí minha mãe, ah, isso aí que você pediu pra

gente assinar, não sei o quê, é de música, né, pô, você podia fazer pra gente, então eu fiz um plano família pra todo mundo e a gente já usa há uns dois anos, assim, tipo, aqui em casa. A parada é que quem ouve mesmo sou eu, meu irmão e minha mãe, que meu pai, ele usa a minha conta, assim, na TV, porque ele não ouve música no fone, assim. Eu sou uma pessoa que escuto música no fone o dia inteiro, indo para os lugares, então Spotify, assim.

Entrevistador:

Pode crer. Você, como é que é a sua atividade na internet com relação à música? Você costuma publicar conteúdos sobre artistas, sobre bandas, sobre músicas, como é que é isso?

Leandro:

Cara, eu gosto, eu sou uma pessoa também muito inserida na internet, né, e para ter um contexto também, eu estou com 17 anos agora, então, tipo, eu vou fazer 18 daqui a dois meses, e eu desde pequeno uso internet, muito. Então, a internet para mim é um lugar bem familiar, assim, então eu passo, tipo, de vários fóruns, assim, eu uso Reddit e tal, e eu gosto de entrar em coisa de música, falar sobre música com a galera e tal. Mas é mais, assim, também eu consumo muito YouTube, coisas sobre música, mas eu acho que eu não acabo, eu não escrevo sobre música, por exemplo, para fazer resenha e coisa assim, tem gente que faz, né, eu não faço muito isso, mas eu, cara, o meu perfil no Instagram é basicamente voltado à minha vida e anunciando, tipo, shows que eu quero fazer, ou que eu vou para ver, para animar a galera, então eu acabo postando muito sobre isso também.

Entrevistador:

Super legal, cara. Vamos falar um pouquinho sobre os seus hábitos de audição musical, você consegue me descrever como é a tua rotina com relação a isso? Como é que é?

Você acorda de manhã, você já bota uma música, como é que é?

Leandro:

Cara, então, sim, e eu ouço música o tempo todo, acaba sendo uma coisa até meio chata para quem está em volta, porque, e eu me sinto mal às vezes com isso, porque a música acabou virando uma coisa tão grande na minha vida que às vezes eu prefiro ouvir uma música do que conversar com alguém, o que é um pouco chato, assim, então, tipo assim, eu acordo para ir para a escola, eu boto uma música no fone, vou para a escola ouvindo música, volto da escola ouvindo música, chego em casa, boto um disco para ouvir, e eu sou uma pessoa que gosta muito de ouvir um disco do início ao fim, então, eu ouço muito disco, eu tenho muita *playlist* também, então, eu boto uma *playlist*, fico ouvindo música aqui no quarto, jogando ou só relaxando, mas eu gosto muito de parar para ouvir música, uma coisa que eu faço muito, deitar e ouvir música, sem fazer mais nada, assim.

E uma coisa que eu não consigo é dormir ouvindo música, eu tenho que estar no silêncio para dormir, eu conheço gente que tem o hábito de, ah, vou botar uma musiquinha para dormir, se tem uma coisa tocando, eu não consigo dormir, porque eu estou prestando atenção, então, eu não consigo, e é isso, eu gosto de ouvir música o tempo todo, e aí, às vezes, eu pego um carro com alguém e a gente está indo para um lugar, e aí eu boto, eu fico até tipo, caramba, será que eu boto fone agora, porque eu gosto de olhar para a janela ouvindo música, e aí eu boto o fone, e daqui a pouco a pessoa fala uma coisa, aí eu, oi, que foi, aí eu, ah, beleza, e aí a pessoa está tentando puxar um papo e eu não me dou conta que eu devia estar conversando e não ouvindo.

Entrevistador:

Cara, você ouve música sempre por plataforma de *streaming*, ou você ouve, sei lá, pelo rádio, por CD, você falou de CD, né? Vinil não rola, né, por causa que você não tem um...

Leandro:

Sim, um bom tocador de disco. É, eu ouço basicamente por plataforma de *streaming*, mas eu, ultimamente, esse ano, eu consegui esse aparelho de CD que já tinha aqui em casa, que eu achei na mudança, que minha mãe se mudou para cá e tal, e aí eu comecei a ouvir muito CD, porque o som é muito melhor, e eu, pô, é estéreo, eu tenho duas caixinhas assim, então eu sento aqui na frente do negócio e ouço o som estéreo, e aí é um outro tipo de experiência musical para mim, porque é um som com mais fidelidade e tal, mas, assim, no dia a dia é *streaming* mesmo, e o vinil é só, assim, só de brincadeira, porque o som é realmente, eu tenho aqueles meio genéricos, aqueles toques de disco meio genéricos, que o som é muito ruim, ele não tem um amplificador bom, então a minha meta é para eu poder ouvir os meus vinis, que eu tenho muita vontade de ouvir com fidelidade alta, é comprar no futuro um disco com um bom amplificador e tudo mais para eu poder ouvir.

Entrevistador:

Bacana, deixa eu te perguntar, tem muita gente que descreve um certo tipo de congelamento quando entra, por exemplo, na plataforma de *streaming*, quer ouvir música, mas não sabe bem o que quer, e algumas pessoas relatam esse tipo de situação, pô, eu não sei o que eu quero e não sei como sair desse dilema, esse tipo de coisa acontece com você?

Leandro:

Pô, acontece, claro. Eu acho que o fato de você ter muita opção também leva a isso, você tem muita opção, mais do que nunca, e é muita recomendação também, então acaba que você vai fazendo suas *playlists*, e tem uma coisa que eu sinto, eu tenho duas experiências musicais diferentes, uma de uma música que eu já ouço, então eu sei o que estou ouvindo, e uma música nova, que eu vou ouvir descobrindo, e são duas experiências para mim que são ambas maravilhosas, eu amo ouvir uma música que eu sou familiar, porque quando eu faço isso, me dá um arrepio diferente de quando eu estou descobrindo, mas quando eu estou descobrindo uma música que eu nunca ouvi antes, também me dá um arrepio diferente de quando eu já conheço, então tem uma coisa assim, no *streaming* eu acabo ouvindo muito o que eu já ouço, eu fico ali repetindo as mesmas músicas várias vezes, o próprio aplicativo me recomenda para ficar reouvindo, aqui e lá a mesma *playlist* e tudo mais, mas eu sempre acabo diversificando, mas acho que tem gente que também com mais idade, meu pai é muito assim, não entende muito bem como funcionam esses aplicativos, porque sente perdido, qualquer aplicativo hoje em dia para ele é mais difícil, então como é que eu vou buscar isso, aí eu mostro, não, você só pesquisa o nome do seu artista que você gosta, dá um play aqui, aí você pode fazer uma *playlist*, mas acho que me dou bem com o *streaming*, apesar de que acho que tem suas coisas ruins, mas me dou muito bem.

Entrevistador:

De certa maneira, vamos dizer, você acha que o algoritmo ou a inteligência artificial é um bom aliado para você sair dessa sensação de travamento? Você confia de certa maneira na inteligência artificial para selecionar música para você?

Leandro:

Cara, é isso, eu acho que entre os algoritmos, o do Spotify é um dos mais tranquilos, porque a gente está vendo algoritmos que são sobre bombardear você de informação, TikTok, etc, e na música, o que o algoritmo do Spotify, pelo menos na minha experiência, faz, é pegar o que eu tenho de interesse e jogar alguma coisa relacionada. E isso pode ser, eu já ouvi pessoas falando, ah, é alienante, porque você vai só ouvir o que você quer, o que você já está acostumado, você não vai descobrir coisas novas, mas de certa forma, ele acaba recomendando coisas novas, porque está sempre recomendando coisas novas. E a coisa é, quando você vai em uma loja, quando você ia em uma loja de vinil, eu não passei nessa época, mas quem é mais velho, ia descobrir uma nova música, você ia na base do que você gostava, você não ia pegar na seção das coisas que você não gostava, eu imagino.

Então, eu acho que é parecido, acho que não tem um grande problema, o algoritmo não é tão problemático, eu acho que ele faz um bom trabalho, inclusive, em recomendar pequenos artistas de vez em quando, mas eu acho que é isso. Também tem a coisa do próprio aplicativo ser ruim para todos os tipos de artista, porque eles não pagam bem. Mas eu acho que esse travamento, o aplicativo, tanto quanto o algoritmo, tanto quanto o fato de você poder pesquisar o que você quer, acaba tirando isso, eu não sinto muito trabalho.

Entrevistador:

Entendi. Cara, você tem o hábito de criar *playlists*, você falou, você costuma compartilhar essas *playlists* que você cria, ou elas funcionam só para você mesmo?

Leandro:

Cara, de vez em quando, quando alguém pede para mim, mas eu tenho *playlists* muito longas, porque eu sou muito fã de jazz, muito mesmo, e aí, desde que eu comecei a ser mais fã de jazz, eu fiz uma *playlist* que eu botei tudo o que eu já escutei. Então, a *playlist* tem tipo 300 horas, mas eu não ouço ela do início ao fim, eu boto no aleatório, quando eu quero ouvir, porque eu sei que está ali, eu já conheço, e vai ser bom. E aí, às vezes a pessoa fala, cara, eu conheço pouca coisa de jazz, você tem alguma coisa para me recomendar?

Aí eu dou a minha *playlist* e falo, cara, ouve qualquer coisa que está aí, que vai ser legal, entendeu? Mas tipo, quando a *playlist* é menor, eu faço mais para mim, eu não compartilho muito não.

Entrevistador:

Se eu entendi bem, você cria a *playlist*, mas é para o seu uso, não é na verdade para você, não é uma espécie de curadoria, que você manda para os amigos, não é?

Leandro:

Não, não. Só quando é tipo em banda, quando é uns amigos de banda, aí eu falo assim, pô gente, vamos tocar essas músicas, aí eu crio uma *playlist* para todos eles.

Entrevistador:

Mas aí é trabalho, não é?

Leandro:

É, exato.

Entrevistador:

Tá. Cara, você já introduziu numa pergunta anterior, numa resposta anterior, sobre um tipo de experiência... Deixa eu fechar a janela aqui, que as crianças estão gritando muito.

Essa hora elas estão alvoroçadas. Então, você, numa resposta, você já falou de duas coisas que são bastante importantes aqui para a pesquisa. Uma que você falou, que você costuma ouvir muito, só ouvir música mesmo, tipo audição musical em primeiro plano.

Você pode descrever como é que isso acontece para você?

Leandro:

Claro. Cara, eu acho que também, nesse tópico, eu tenho experiências diferentes com a mesma coisa. Porque para mim, como músico, uma das coisas mais importantes para fazer é escutar a música, mas não escutar como recreativo, escutar para estudar.

Então, é uma coisa que eu tenho que me concentrar. E, às vezes, eu vou lá escutar um negócio que é maçante para mim, uma peça de música que eu acho que tem um valor técnico foda ou tem um valor cultural foda, impacto que teve na época, ou algo assim, mas que eu não curto tanto, mas que eu me forço a ouvir para entender. E aí eu acabo gostando mais depois.

Mas eu, assim, também tem a parte recreativa, que é eu chegar, botar para relaxar. E eu não estou pensando em nada, ou eu estou pensando em qualquer coisa, eu não estou prestando toda a atenção em absorver a informação ali, mas eu estou prestando atenção em absorver o sentimento também, que é uma prática ótima também para estudar. Mas eu acho que é isso.

Para mim, é isso. Independente das duas formas, se eu estou para estudar, ou para me divertir, ou para relaxar, ou para botar música quando eu estou com meus amigos, que é uma coisa que eu faço sempre. Vêm as pessoas aqui para o meu quarto, a gente jogar alguma coisa, a gente bota uma música.

E quando eu estou jogando um jogo, a gente gosta de jogar Nintendo, eu e meus amigos, a gente joga um jogo de luta, a gente bota uma música animada, aí às vezes a gente vai jogar uma coisa mais calma, a gente bota uma música mais calma. É sobre isso. A música acompanha diversas coisas, desde, caraca, eu quero estudar, ou eu estou sozinho e quero relaxar, ou estou com meus amigos, quero fazer, quero escutar uma musiquinha.

Calma aí, só um segundo. Desculpa. Mas é isso.

E aí eu sinto que, como eu disse no começo, a música tem um papel tão importante para mim que eu dedico um pouco do meu dia, sempre, para escutar música. Como rezar, assim, como religião, porque se eu não faço isso, eu me sinto como se eu estivesse perdendo uma parte da minha rotina. É rotina para eu escutar músicas.

É rotina.

Entrevistador:

Legal. Você descreveu também o que me pareceu ser uma reação física que você experimenta quando você está ouvindo música, que é a sensação de se arrepiar. Isso acontece com você, não é?

Leandro:

Acontece, acontece. Ah, e outras sensações, sensações que não são só físicas, mas sentimentos, reações que são... Nossa, eu tenho coisas com música.

Ontem eu fui em uma peça de teatro, que foi o último dia dessa temporada que teve, uma peça que meu irmão estava produzindo, chamada Opoa. E é uma peça experimental, surrealista, muito diferente. E ela tem uma trilha sonora feita por um amigo meu, que é ator também e tal.

Ele produziu tudo sozinho, ele é produtor e tal. E ela tem essa coisa ambiente psicodélica, cheia de notas longas e com projeção. E aí eu vendo a peça, uma hora eu me desconectei mesmo do meu corpo de alguma forma.

Claro que não é completo, mas graças à música. Se não fosse a música, eu não teria tido aquela experiência. Eu me senti realmente saindo do meu corpo.

E poderia ser a junção das duas coisas, da peça e da música. Porque a peça era um pouco sobre isso, mas a música tem essa coisa. Às vezes eu estou ouvindo música, eu fecho meus olhos e me sinto aéreo.

É muito interessante. É uma resposta bem inconsciente também, porque você não escolhe isso. Depende da música.

Lembro até hoje, a primeira vez que eu ouvi Pink Floyd, eu tinha 13 anos. E eu não conhecia nada de rock, porque eu nunca fui do rock. Eu sempre gostei mais de jazz, de música brasileira e tal.

Mas eu ouvi Pink Floyd, o Dark Side of the Moon, e eu pirei. Eu achava foda essa coisa da psicodélica, da guitarra e tal. E eu fiquei maluco.

Eu me sentia isso. Eu fechei meus olhos por 40 minutos e não abri. E quando acabou o disco, eu falei, nossa senhora, quanto tempo durou isso?

Parece que foi um dia inteiro. Muito legal.

Entrevistador:

Muito legal, cara. Eu te agradeço. Concluimos essa entrevista.

Deu depoimentos muito legais. E é isso, cara. Se você tiver mais alguém que você tenha um perfil parecido com o seu, quiser indicar, eu estou aceitando.

Leandro:

Tá, beleza. Aí eu posso te mandar lá no zap. Vou pensar em alguém.

Entrevistador:

Tá, obrigado. Um abraço. Tchau, tchau.

Leandro:

Bom trabalho.

Marcelo Nakata

Escolaridade: graduação

Ocupação: eletricitista

Nascimento: 19/02/1975

Idade: 49

Entrevistador:

Beleza. Cara, muito obrigado pela tua participação. Nossa pesquisa aqui está...

A gente já está no... Finalmente entrei em 2020 no doutorado na PUC do Rio de Janeiro. E a nossa pesquisa está tratando sobre...

Sobre a experiência de audição de música gravada de um público que tem um interesse acima da média em música. Então estamos interessados na experiência de audição e você como um ouvinte mais especializado, vamos dizer assim.

Marcelo:

Certo.

Entrevistador:

Beleza. A entrevista é dividida em três blocos. No primeiro bloco a gente fala sobre a sua relação com música.

No segundo a gente busca entender quais são os seus hábitos de audição. E finalmente no final a gente tenta explorar um tipo de experiência que estamos mais centralmente interessados. Beleza?

Então você pode falar com as suas palavras qual é a importância da música para a sua vida. Você acha que de alguma maneira ela te ajuda a formar a tua identidade como pessoa?

Marcelo:

Cara, eu gosto muito de música. Eu acho que a pior... Assim, se você pudesse tirar uma dos seus sentidos...

Eu ficaria surdo, sabe? Eu sou músico de ator. Assim, de ator não, mas...

Toda vez que eu posso, acordo ouvindo, durmo ouvindo. Diz muito do estado de espírito, né? Tipo...

Se tá mal, você põe uma música específica. Se tá bem, põe uma música específica. Pra mim é muito importante.

Entrevistador:

Ah, beleza. O seu nome é Marcelo Nakata? É isso mesmo?

Isso. Ah, tá beleza. É que no celular tá diferente.

Marcelo:

É que é o segundo nome japonês.

Entrevistador:

Ah, tá bem. Tudo bem. Fiquei um pouco confuso.

Marcelo:

Marcelo Nakata.

Entrevistador:

Tá ótimo. Então, cara... Você...

Marcelo:

Só um minuto. Carro de som.

Entrevistador:

Tranquilo. Aqui eu não ouço nada desse carro de som, não.

Marcelo:

Ah, então tá bom. É eu que ouço.

Entrevistador:

Tá bem. Se não estiver te atrapalhando muito, vamos em frente. Você é consumidor de produtos musicais?

Mas eu não tô falando de suporte não, de vinil nem de CD. Tô falando de produtos mesmo. Revistas, camisas, memorabilia, essas coisas.

Você costuma?

Marcelo:

Sim. É, assim... Camisa, menos que... Depois de uma certa idade, eu comecei a achar isso meio ridículo. Mas revista... Tem pouca no Brasil, né? Muito poucas, né? Mas de fora... Memorabilia, pôster, quadros, algumas coisas, sim. E disco e CD, né?

Entrevistador:

Tá. Vamos falar disso também. Você... Você falou que compra tanto CD quanto vinil? Como é que é isso?

Marcelo:

É, assim... Pro mercado brasileiro... Existe uma situação que, assim...

No Brasil, disco é muito caro. Disco de vinil é muito caro, né? Eu compro menos do que eu compro CD.

Eu compro mais CD. Eu não tenho essa coisa... *vintage* de ficar comprando álbum de vinil.

Se eu conseguir achar com bom preço, eu compro. Mas, em geral, eu compro, assim, sempre...

Entrevistador:

Oi, desculpa. Você estava falando sobre que você não tinha essa onda *vintage* de comprar vinil.

Marcelo:

Isso. Assim, pra cada três CDs que eu compro, um é vinil, e olha lá, sabe? Não tenho...

Eu compro sempre, mas não compro vinil o tempo todo. Já comprei mais.

Entrevistador:

Tá. Mas é por causa do preço?

Marcelo:

Por causa do preço. No Brasil é muito caro, né? Um lançamento em CD aqui é R\$40,00. Em vinil é R\$120,00, R\$200,00. Eu compro CD.

Entrevistador:

Agora, me diz...

Marcelo:

Tenho bastante. Eu tenho bastante ainda, tá? Eu tenho bastante, mas... Ultimamente, eu tenho comprado menos.

Entrevistador:

Agora, me diz... Você é assinante também de plataforma de *streaming*?

Marcelo:

Sim.

Entrevistador:

De qual?

Marcelo:

Eu uso o Qobuz e o Spotify.

Entrevistador:

Qobuz, eu não conheço. Por que você assinou duas plataformas?

Marcelo:

O Qobuz é recente aqui, né? Pra quem ouve muito, o Spotify é um pouco baixo. Então, o Qobuz usa arquivos de áudio melhores.

Entrevistador:

Entendi.

Marcelo:

Ele não tem tanta opção de um catálogo tão grande, mas o que ele tem é de alta qualidade.

Entrevistador:

Legal. Visto que você tem o Spotify, teoricamente, ou mesmo essa plataforma, eu imagino que você não consegue competir com o teu acervo pessoal, né? Você tem muito mais música disponível na plataforma de *streaming* do que no seu acervo pessoal.

Então, por que comprar disco?

Marcelo:

Acho que é o hábito, o colecionismo, né? Mas eu gosto de ter a mídia física de segurar, sabe? O *streaming* eu uso mais pra pesquisar coisa nova, coisa recente.

Mas eu gosto de ter a mídia física.

Entrevistador:

Porque você gosta... Você consegue falar um pouquinho mais sobre isso? A mídia física você gosta de ter porque é um símbolo cultural?

Porque você gosta de pegar na mão durante a audição?

Marcelo:

Eu gosto de pegar na mão, folhear, ler o encarte, né? E assim, em *streaming* não tem... Hoje em dia começou a ter mais ficha técnica, sabe?

Mas antigamente não tinha nada. Você não conseguia saber quem estava tocando. Hoje em dia, se não me engano, no Spotify tem até clipes com a letra.

Entrevistador:

É, tem letra. Eu já notei que o Apple Music também disponibiliza a letra, né?

Marcelo:

Esse eu nunca usei.

Entrevistador:

É. Tanto o Spotify quanto o Apple Music. Provavelmente os outros estão indo nessa mesma rota, né?

Marcelo:

Entendi.

Entrevistador:

E na época... Você é de 75, então a gente tem a mesma idade.

Então a gente passou pela era do vinil, do cassete, né? E aí surgiu o CD. Especialmente no Brasil, o CD demorou um pouco mais a pegar.

Não sei se você concorda comigo. Só lá pro final dos anos 80, início dos 90 que começou realmente a ter essa transição pro CD. E aí depois temos o advento do mp3, o Napster e tal.

Você era também usuário dessas plataformas de fazer download?

Marcelo:

Fui de tudo. Eu tive Napster. Hoje em dia ainda uso pra baixar coisa que eu não consigo baixar.

Uso bastante. É meio... Coisas que são muito específicas, sabe?

Sei lá, post-punk da Noruega, que você não acha nem no Spotify. Lá você acha. Então eu procuro...

Entrevistador:

Mas por que você falou que você tem esse uso específico? Esse uso específico é pra audição desse material? Ou é pra trabalho?

Marcelo:

É pra audição. E eu tenho curiosidade. Eu uso... deixa eu lembrar o nome dele... SoulSeek.

Entrevistador:

Já usei, já usei bastante.

Marcelo:

O SoulSeek tem uma... Por exemplo, você procura lá o Black Album do Metallica. Tem uma audição lá que você consegue baixar ele...

Só a bateria, só a guitarra, só o baixo, só o vocal. Eu tenho curiosidade de ver isso. Às vezes eu...

Eu sou iniciante, tá? Mas eu tento mixar, usar só a bateria, só o baixo. Então isso você não acha em todo lugar.

Entrevistador:

E aí assim, quando você baixa ou baixava, né? Você baixava... Procurava por uma música específica ou por uma obra, um álbum.

E aí tinha interesse em baixar também a capa digitalizada. Como é que era a tua prática de download, o teu interesse?

Marcelo:

No começo, quando eu usava o Napster, no início, eram músicas específicas. No começo era muito ruim, porque não sei se chegou a usar. A qualidade era muito ruim, né?

Era muito... Você vinha uma música de 7 minutos e vinha em 2MB. Então era muito comprimido demais.

Hoje em dia, quando eu uso ainda, eu tento achar o álbum inteiro. Eu ainda tenho essa coisa de ouvir o disco inteiro, né? Então mesmo que eu não vá ouvir de novo, eu baixo ele inteiro com a capinha pra dar uma olhada.

Entrevistador:

E aí, cara, eu queria te perguntar sobre a tua atividade na internet com relação à música. Você é um cara que posta... Tanto como produtor de conteúdo como consumidor.

Você costuma fazer posts sobre música? Ou ainda você costuma interagir com posts e há blogs específicos sobre música? Como é que é a sua atividade, sua persona de internet?

Marcelo:

Então, até a época da pandemia, eu até tinha uma página, né? Chama Discover no Facebook, né? Que eu fazia com um amigo aí do Rio de Janeiro.

Porque assim, a gente pegava um álbum clássico, sei lá, Revolver dos Beatles, né? E pegava bandas que faziam *covers* dessas músicas. Então a gente fazia um álbum inteiro só de bandas que faziam *covers*, você entendeu?

Na hora do disco original, né? Mas aí veio a pandemia e meu amigo teve filhos, mas eu parei. Ultimamente eu só olho, só pesquiso e só fico olhando as coisas.

Entrevistador:

Bacana. Então, cara, vamos falar um pouquinho, tentar explorar um pouco como são os seus hábitos de audição. Como é a sua rotina e a música dentro da sua rotina?

Marcelo:

Eu tento ouvir dois discos por dia. Quando eu acordo e na hora de dormir, né? Então na hora de dormir geralmente é um álbum que eu já ouvi.

Só pra eu reouvir. E de manhã eu tento ouvir uma coisa que eu nunca ouvi. Pego inteiro, ouço e ouço.

É um costume de mais de 20 anos. Sempre ouço. Na hora do almoço, quando dá tempo.

Entrevistador:

Entendi. Então ela está bem associada a momentos específicos do seu dia, né?

Marcelo:

Sim, sim. Assim, por exemplo, se eu estiver andando, me deslocando, eu também ouço. Mas aí eu ouço aleatório, sabe?

Entrevistador:

Ah, entendi. Agora me diz, por que álbum? Por que esse formato específico?

Marcelo:

Isso meio que se perdeu, né? Por causa do Spotify e as *playlists*, né? Eu ainda gosto da coisa de ver a ordem das músicas.

Pegar um momento específico de uma banda, né? De uma artista, sei lá. Por exemplo, agora eu estou ouvindo...

Eu sempre fui fraco com jazz. Estou ouvindo o Miles Davis. Então tem aquela fase do Beaches Brew pra frente, que é meio maluca, né?

Já é jazz rock. Então eu tento entender o disco inteiro. É um costume mesmo. Mas eu sei que não é um ato recente.

Entrevistador:

Sim, sim. Então vê se eu vou traduzir o que você falou, se faz sentido pra você o que eu vou falar. Você prefere ouvir álbuns porque, de alguma maneira, o álbum é mais representativo do momento, do artista.

Ele é uma obra mais bem acabada pra você entender como é que aquilo se encaixa dentro da história da música, essas coisas. É mais ou menos por aí?

Marcelo:

Exato.

Entrevistador:

Legal.

Marcelo:

Exatamente. Aí quando eu estou em outros momentos durante o dia que não são de parar pra ouvir, aí eu ouço *playlist* mesmo.

Entrevistador:

Esses momentos que não é pra parar pra ouvir, você escuta *playlist*, aí essas *playlists* são... Como é que você escolhe? Ou é uma coisa que você cria?

Como é que é?

Marcelo:

Eu crio. Eu crio, assim, sei lá, dia chuvoso, não morado, pra cozinhar, eu passo por temas, sempre ouço por temas.

Entrevistador:

Todas as *playlists* que você escuta são... foram você mesmo que escolheu?

Marcelo:

Todas.

Entrevistador:

Aham, tá. Interessante.

Marcelo:

Eu não consigo ouvir em *random*, sabe? Pegar tudo que eu tenho e botar em *random*, eu não consigo.

Entrevistador:

Tá, entendi. Ah tá, então é uma *playlist* em que a ordem tem importância, ela não é uma coisa, não é porque tem muita gente hoje em dia que pega uma *playlist*

que toca no aleatório e vamos lá. Não, cada música ela tá ali pra funcionar como se fosse numa lógica de audição sequencial, não é?

Marcelo:

Isso, isso. Exatamente. Usar só como trilha sonora de fundo eu não faço.

Entrevistador:

Entendi, legal. Bacana. Então me diz uma coisa, você escuta música, pelo que você tá descrevendo, provavelmente você ouve um álbum, esse álbum você vai ouvir através do CD, através do vinil, ou você vai ouvir pela plataforma de *streaming*, como é?

Marcelo:

Em geral, em CD. À noite, às vezes, em vinil. Porque à noite é mais tranquilo, você consegue parar pra fazer, aí eu consigo ouvir em vinil.

Entrevistador:

Você percebe, você considera que a audição de um suporte é melhor do que o outro, do CD é melhor que o vinil, do vinil é melhor que o CD, da plataforma do *streaming* é superior, é inferior, como é que você vê? Existe uma certa hierarquia desses suportes pra você?

Marcelo:

Olha, existe um... uma... como é que eu vou explicar?

Os consumidores muito ávidos de vinil sempre vão dizer que por mais que os métodos digitais sejam superiores, a audição no vinil é melhor, tal. Não concordo, não. Eu gosto, mas assim, por exemplo, há muitos discos dos anos 1970, 1980, 1960, que foram remasterizados em CD e são muito superiores, tá? Então eu não tenho isso. Eu acho que CD é melhor, inclusive.

Entrevistador:

É. Isso também tem muito a ver com a tua aparelhagem de som, né? Depende muito daquilo.

Marcelo:

Sim, também. Essas... Você já viu essas tocadoras de vinil USB de hoje em dia? São péssimas.

Entrevistador:

Essas maletinhas, isso aí não serve pra nada.

Marcelo:

Não serve pra nada. Até estragam.

Entrevistador:

Então, cara, deixa eu te perguntar. Você... quando você vai escutar a música, você sempre sabe o que vai ouvir e aí eu acho interessante que no seu caso você tem duas rotinas diferentes.

Uma é a tua rotina da seleção do álbum e outra é a tua rotina de seleção da plataforma. Como é que você consegue comparar uma coisa com a outra? Você se vê, por exemplo, paralisado, sem saber o que vai escutar?

E se você se vê dessa maneira, o que é que você faz pra superar esse bloqueio?

Marcelo:

É bem comum... Quando você tem muita coisa, é bem comum um dia você parar na frente e ficar olhando o que eu vou ouvir hoje. É bem comum.

Acontece até que tem uma certa frequência.

Quando isso acontece, eu faço no aleatório. Eu fecho o olho e pego qualquer uma.

Entrevistador:

Entendi. Agora, eu vou te falar... Eu vou te dar... Eu vou te falar a minha experiência pessoal, como ouvinte, porque eu acho que na época do vinil, ou se você tem um acervo de vinil, o processo de seleção ele acaba sendo melhor, porque a manipulação é muito melhor do que do...

Concorda com isso?

Marcelo:

Tem toda razão. Tem toda razão. É mais fácil.

O vinil em casa é guardado num quarto mais ao fundo, então dá uma certa preguiça mesmo de ir lá. Mas se você for lá e pegar, é muito mais fácil você deixar qualquer discurso. É verdade, realmente.

CD, a letra é pequenininha...

Entrevistador:

E, em geral, se você tem muito CD, você só vê a lombada, né? É. O vinil, obrigatoriamente, você acaba tendo que ver a capa, que de uma certa maneira, se você concorda, ela vai conduzindo de alguma maneira, te ajuda a escolher pela arte e tudo.

Marcelo:

Com CD é mais fácil você se dispersar.

Entrevistador:

É, né? Acaba virando um monte de... de gavetinha ali, meio que aleatória mesmo.

Agora, deixa eu te perguntar, você, quando você vai escutar, eu acho que, pelo que você já me respondeu, você não confia muito no algoritmo da inteligência artificial para selecionar a música, né?

Marcelo:

Não.

Entrevistador:

E por quê?

Marcelo:

Eu até uso o algoritmo, mas, assim, tem que ser num momento, assim, eu vou sentar e relaxar e vou pôr um aleatório, mas por um tema, sabe? Anos 80, aí põe para eu escolher alguma coisa. Mas, assim, muito aberto eu não faço, não.

Eu não gosto. É costume meu.

Entrevistador:

Você acha que ele erra muito?

Marcelo:

Bastante.

Entrevistador:

Tá bem. Cara, você já me falou que você costuma criar *playlists*. Tem um artigo interessante que eu uso, às vezes, que ele fala, é de um filósofo italiano radicado no Brasil, chamado Lorenzo Mammì.

Ele escreveu esse artigo que saiu na Piauí em 2014. Ele fala assim, ó, quando você vai na casa de alguém, quando você ia na casa de alguém na época do CD, do vinil, você conseguia saber qual era a característica, quem era aquela pessoa pelas obras musicais que tinham ali. Assim como você vai ver a estante de um livro, você também tem a noção de quem é a pessoa, né?

E hoje isso meio que, se a pessoa pode ouvir música só através da plataforma de *streaming* e ainda assim ser fã de música, ser uma pessoa aficionada, e aí você vai na casa dela e como é que isso, como é que a persona musical dela se apresenta, né? É, eu te pergunto, você acha que essas *playlists* elas são um manifesto da sua identidade como fã de música?

Essas *playlists* que você cria.

Marcelo:

Não deixa de ser, né? Não deixa de ser. Assim, o que eu ouvia dez anos atrás era mais restrito do que é hoje, né?

Então hoje quando eu faço *playlist*, eu tento misturar, eu coloco bastante coisa misturada, né? Jazz com rock, assim. E faz parte de mim porque eu gosto de um monte de coisa, mas tem gente que é mais restrita, gosta de metal, gosta de música eletrônica.

A única música que eu não entendo direito é música clássica, assim, conheço muito pouco, assim, pra ser bem sincero. Eu tenho, mas assim, muito pouco, porque eu tento ouvir o que eu conheço e assim, não gosto muito de música eletrônica. Pra mim, eu conheço algumas coisas mais pop, as coisas mais específicas, eu não entendo quase nada, né?

Então, assim, dependendo, meus amigos, eu vou na casa deles, é o que você falou, né? Tem um tipo, tem gente que é mais compartimentada, o cara é grunge, o cara é dark, é gótico. Hoje em dia, o tempo com as *playlist* é mais difícil, porque é tudo meio diluído.

Entrevistador:

Tem uma pesquisa, uma outra pesquisa, falando que as gerações mais recentes, elas não estão muito vinculadas a estilo musical nenhum. É uma coisa meio que, diz que o processo da música digital meio que desarticulou esse vínculo identitário com a música.

Marcelo:

É verdade.

Entrevistador:

Parece que é uma tendência. Bom, agora, vamos entrar na última pergunta sobre esse assunto.

Você compartilha essas *playlists*?

Marcelo:

Já compartilhei mais. Ultimamente, não. Por falta de tempo mesmo.

Entrevistador:

Mas, as *playlists* estão no seu Spotify?

Marcelo:

Isso.

Entrevistador:

Tá, beleza. Tá bom. Então, vou tentar explorar aqui um pouquinho.

Pelo que eu estou entendendo, você faz isso. É o momento em que a experiência de audição musical está em protagonismo. Você está mais focado em fazer isso.

Eu acho que é o momento em que você está ali ouvindo um álbum. Aparentemente, você faz de fato essa distinção de uma forma bastante consciente. Agora, eu vou ouvir o álbum.

De noite, você vai escutar um álbum que você já ouviu antes. Então, você parece que realmente pratica isso. Concorda?

Faz sentido isso?

Marcelo:

Faz sentido, total.

Entrevistador:

Então, para você, a qualidade do áudio é importante para esse momento?

Marcelo:

Já foi mais. Hoje, nem tanto.

Entrevistador:

Não?

Marcelo:

Porque eu gosto muito de punk. Geralmente, o som às vezes é mal gravado. Então, já foi mais importante. Hoje, nem tanto.

Entrevistador:

E por que foi e não é mais tanto?

Marcelo:

Não sei se é a maturidade de não se importar tanto. Quem gosta de música, às vezes, acaba virando muito nerd demais, exigente demais. Hoje, sou menos com isso.

Entrevistador:

Entendi. Cara, você consegue me descrever como é que é esse teu momento? Você pode até aproveitar para me contar como é que é de manhã e como é que é de noite? Esse processo de seleção, como é que você faz? Você está sentada na sala? Onde é que é? Como é que é?

Marcelo:

Eu acordo, tomo banho, café, sento antes de trabalhar. Por exemplo, esse mês. Esse mês é um pouco diferente.

Eu estou numa de ficar ouvindo TV Sonora. Então, vou ouvir anos 70. Tem lá um filme do George Lucas, o American Graffiti, que é só música dos anos 50 e 60.

Eu puxo ele e coloco o primeiro CD, vou até o final, fico lendo a ficha técnica. E é assim, é coisa de me remeter, porque eu ganhei esse CD de um tio. Ele é, não sei se você tem os primeiros, eles não tinham nem arte, eles eram só prateados com uma impressão preta e branca, dos anos 80.

É bem antigo, das primeiras prensagens. Então, aquilo me remete. E eu tenho, nesse momento, é um momento que eu tranco a porta e não quero ser incomodado.

É bem assim. Vou ouvir até o fim.

Entrevistador:

Tá legal. E aí, você acha que, acho que você já me falou que não, você não acha que necessariamente o vinil vai ser melhor do que o CD. Você acha até que o CD, muitas vezes, é superior, né?

Marcelo:

É.

Entrevistador:

Legal. E aí, tem total relação, quer dizer, é um momento de, me corrija se eu estiver errado, aparentemente, é um momento seu de conexão com o teu espaço doméstico também, né? Você vai fazer isso sempre em casa, não é?

Marcelo:

Isso. Pra isso, é só em casa. Quando eu tô na rua, ou em outras situações, sempre *playlist*.

Porque não dá tempo de se concentrar o tempo todo, né?

Entrevistador:

Você acha que, eu vou te falar o seguinte, muitos dos meus entrevistados dizem que esse momento de conexão com a música, ele era maior antigamente do que hoje em dia. Mas você tá falando aí que você tem esse hábito rotineiro, né?

Marcelo:

Sim. Assim, meus amigos que gostam tanto quanto eu, eles falam a mesma coisa, que já, esse tempo de parar pra ouvir, já foi maior, né? Eu ainda tenho esse hábito, porque eu me prendo pra fazer, né?

Se não, não faria também. Porque mais fácil você se dispersar hoje em dia, né? Tem muito mais coisas acontecendo.

Mas eu faço isso todo dia. Mas é verdade, a maioria dos meus amigos que tem esse costume de diminuir ou nem fazem mais isso.

Entrevistador:

Entendi. Você... Essa é a última pergunta da entrevista.

Eu queria te perguntar o seguinte, como é que você pessoalmente fica nesse momento? Você acha que você se arrepia com a música? Você fica super concentrado querendo saber os detalhes?

Você canta junto? Se você puder conseguir descrever como é que é você nessas horas?

Marcelo:

Assim... Dependendo do álbum, ele te remete a momentos mais como você foi de cantar, de você cantar a música. Alguns outros eu fico... Eu sempre tive problemas com o Frank Zappa, o guitarrista lá.

De uns anos pra cá, eu aprendi a gostar bastante. Como é uma música muito difícil e complexa, cheia de coisas, eu fico ouvindo tentando entender a guitarra, a textura do baixo, da bateria. Quando é uma música muito complicada, eu tento ouvir os instrumentos.

Quando é algo mais simples, eu só presto atenção na letra e sinto a música. É mais simples isso.

Entrevistador:

Entendi. Super obrigado, Marcelo. Eu estou procurando agora meu foco, se você conhecer alguém que tiver esse perfil.

Se você tiver pessoas com menos de 35 anos, agora seria muito bom pra mim, porque eu já tenho uma massa crítica boa de uma galera mais da nossa idade, até mais velha. Eu precisava de uma galera mais jovem. Se você lembrar, puder indicar, seria maravilhoso.

Marcelo:

Tá bom. Eu mando por WhatsApp. Vou perguntar primeiro se elas querem.

Eu mando por WhatsApp. Pode ser o contato?

Entrevistador:

Pode. Tá ótimo. Muito obrigado.

Marcelo:

Imagina, cara.

Entrevistador:

Obrigado. Um abraço.

Marcelo:

Obrigado.

Entrevistador:

Um abraço. Tchau, tchau.

Marcos Cunha

Escolaridade: mestrado

Ocupação: artista visual

Nascimento: 05/08/2000

Idade: 23

Entrevistador:

Rapaz, primeiro eu queria te agradecer muito pela disponibilidade. Você está fazendo mestrado, não é?

Marcos:

Sim, comecei agora, em agosto.

Entrevistador:

Se você fizer pesquisa com o público, você vai perceber que esse momento é sempre um pouco tenso, porque não é muito fácil você conseguir o acesso ao seu público, não é? Sim. Então te agradeço, tá?

A pesquisa que a gente está desenvolvendo aqui, como está escrito lá no formulário de recrutamento, a gente está interessado na experiência de audição de música de um público que se identifica como um público que tem o interesse, acima da média, em música. Então, nossa entrevista aqui tem três blocos. Um, primeiro a gente vai procurar falar sobre a sua relação pessoal com música.

Segundo, a gente vai tentar mapear de alguma maneira os seus hábitos. E aí, no último, a gente vai tentar explorar um pouquinho o tipo de experiência específica que a gente está interessado. Então, vamos lá.

Qual a importância da música para a sua vida?

Marcos:

Nossa, eu acho que desde pequeno foi muito definidora, no caso. Eu sou uma pessoa que sempre gostou muito de artistas pretos, no caso, tipo Michael Jackson, Alcione. Sempre ouvi também muito hip-hop, rap.

Então, eu acho que é um papel meio que de formação mesmo, sabe? De personalidade, uma coisa assim.

Entrevistador:

Quer dizer, uma coisa que te ajudou até, de repente, a formar a sua identidade. Total, totalmente. Bacana.

Você consome produtos com temáticas de música, por exemplo, pôsteres, camisetas, livros, objetos decorativos, memorabilia, esse tipo de coisa?

Marcos:

Sim, eu acho que pôsteres, blusas, sim. Não diria tanto do... O que é memorabilia?

Foi memorabilia que você falou no último?

Entrevistador:

Memorabilia é um termo que abarca colecionáveis de um determinado...

Marcos:

De um determinado cantor, sim. Eu acho que de alguns, sim, que eu gosto. Na verdade, eu acho que eu costumava colecionar mais quando a gente ainda tinha CD, essa forma física mais forte.

Hoje em dia, eu vejo que tem até o mercado de venda de vinil, fita cassete, para quem é mais fã de alguns artistas. Mas não tanto quanto antigamente, mas eu tenho ainda alguns antigos, sim.

Entrevistador:

É até interessante, você está com 23 anos.

Marcos:

Isso.

Entrevistador:

Então, é interessante que esse público mais jovem identifica o suporte em si, o disco, como um colecionável também. E para quem é mais velho percebe uma distinção. Não, isso aqui é outra coisa.

Marcos:

Sim, exato.

Entrevistador:

E aí você é consumidor de disco também? Seja na forma de CD ou de vinil?

Marcos:

Então, eu já cheguei a comprar alguns vinis, de alguns artistas que eu gosto mais. O Tango in the Night do Fleetwood Mac eu tenho em vinil mesmo. Eu costumava ter a Vitrola, mas atualmente eu não tenho.

E de CDs também, de uma galera que era mais de 2010, muito cantor pop, banda pop, então sim, eu tenho.

Entrevistador:

Legal. Então, você está falando de 2010, então você já desde criança tem interesse.

Marcos:

Sim, total.

Entrevistador:

Então você se lembra de uma época da música antes das plataformas de *streaming*?

Marcos:

Total, lembro, com certeza. Nossa, a gente vendo, qual era o nome que passava no Multishow? Não, não era MTV, era TMZ, uma coisa assim no Multishow, que passava aquele bloco de clipes e tudo mais.

Então, ali era o nosso Spotify, dessa nossa geração. Sim, eu lembro totalmente.

Entrevistador:

Você costumava fazer download de música, Marcos?

Marcos:

Sim, costumava, muito.

Entrevistador:

E aí você tinha HDs repletos de música, você consegue explorar um pouquinho como era essa sua relação com o download?

Marcos:

Então, eu não diria HD cheio de músicas, mas, por exemplo, o que a memória do celular permitisse colocar lá no download, eu estava colocando, então, enfim, era mais ou menos por aí, era mais o que a memória do celular permitia e a gente ia enchendo. Entendi. Você é assinante de plataforma?

Atualmente, sim, eu assino Spotify e só, só Spotify mesmo.

Entrevistador:

Como é que você vê essa transição da música digital do mp3 para as plataformas? Como é que foi isso para você?

Marcos:

Olha, eu acho que eu posso dizer que foi muito natural, porque, enfim, ali em 2010, eu acho que a minha geração já era mais aproximada, assim, do meio digital do computador, né? Então, meio que mesmo eu tendo CDs, eu acho que entra naquela questão que você trouxe, né? A minha geração já toma CD como um colecionável, então, às vezes, mesmo a gente tendo CD e discos e etc., a gente já ia ouvir no digital, né?

Seja no YouTube, seja no Spotify, não entrando ainda no *streaming*, mas no YouTube também era muito forte, né? Então, eu acho que foi bastante natural, né? Eu acho que essa minha geração já era acostumada com o YouTube, então, foi bastante natural, eu diria.

Entrevistador:

Você, por acaso, vamos dizer assim, você se percebe tendo algum tipo de nostalgia com as fases anteriores da música ou você se sente super pleno nessa era das plataformas?

Marcos:

Não, eu tenho total uma nostalgia, né? Até porque, enfim, o som hoje em dia é muito diferente do que era nos anos 2000, né? Enfim, no TikTok também a gente tem muito esse *revival* dessas *trends*, dessas músicas antigas, então, tem total uma nostalgia, muito, muito, muito mesmo.

Entrevistador:

E aí, quando você pensa em uma nostalgia musical, você está pensando em que tipo de suporte? Você é que está pensando em suporte, está pensando em CD, está pensando em vinil, está pensando no mp3, está pensando em cassete, por exemplo, o que você está pensando?

Marcos:

Eu diria mais que é pelo CD, sim, e também essa questão da televisão, né? Como eu disse, do TMZ meio que ser o nosso Spotify da época, então, eu diria CD e televisão, com certeza.

Entrevistador:

Você, por acaso, tem o hábito de ouvir essas... Deixa eu só fechar o WhatsApp aqui para não ficar atrapalhando. Tá bom.

Você tem, por acaso, o hábito de ouvir essas plataformas, essas plataformas não, esses programas de YouTube dedicados a shows ao vivo? Vou dar alguns exemplos de Tiny Desk Concert.

Marcos:

Ah, sim, sim. Eu diria que sim, tem até um também que eu acho que é Triple J, não sei, uma coisa assim. Mas eu acho que sim, eu acho que sim, pelo que você deu o exemplo, eu diria que sim.

Tem até também um, aqueles da Vevo, que eles pegam esses artistas em ascensão e fazem meio que uma apresentação, enfim, mais produzidinha, eu diria que sim.

Entrevistador:

Assim, em geral, essas apresentações são shows curtos, de 15 a 20 minutos pelo menos, como se fosse um EP, vamos dizer, você está muito em voga também no Spotify, e é uma captação ao vivo com a captação de áudio muito boa, profissional, vamos dizer assim. O que eu ia comentar com você? Você, na sua relação com a internet, você costuma publicar muitos conteúdos sobre música?

Você costuma interagir em postagens sobre música? Você segue perfis com esse tema?

Marcos:

Eu diria que sim. Na verdade, eu também poderia dizer que antigamente, quando eu era adolescente, era uma interação maior, porque tinha aquele lance também de fã base, e interação com o fã. Hoje em dia eu ainda sigo, com certeza, algumas páginas, enfim, meus artistas favoritos, mas eu acho que a interação, comparando antigamente com atualmente, é bem diferente.

Antigamente era mais ativo, hoje em dia é mais, ah, vi uma coisa, curti, compartilhei, mas sempre tem aqueles artistas que a gente segue com mais afinco, então, seria assim. Entendi.

Entrevistador:

Vamos falar agora um pouquinho, tentar explorar um pouco como é que é a sua rotina e seus hábitos de audição. Você percebe o vínculo da sua rotina com a audição de música? Você vê que essas coisas funcionam juntas, que a música te ajuda na sua rotina?

Como é que é isso?

Marcos:

Eu diria que sim, totalmente. Eu acho que quando eu estou precisando me concentrar, enfim, tem esse lance do *mood* também da música, então, sempre tem aquela *playlist* que é mais som ambiente, ou aquele som lo-fi, instrumental, enfim, mas também quando eu estou precisando, enfim, hoje eu limpei a casa e estava lá na *playlist* mais animada, então, eu consigo ver, com certeza, essa interação da música com o dia a dia.

Entrevistador:

Legal, então, assim, você já cobriu também a minha segunda pergunta sobre hábitos, que é se a música te ajuda a desempenhar a tarefa, você já percebe que isso rola, né? Deixa eu te perguntar, você falou sobre *mood*, essas *playlists* de *mood* do Spotify, você é usuário delas? Como é que é?

Marcos:

Você acha que faz sentido? Eu acho que algumas fazem sentido sim, porque, por exemplo, eu tenho que, para mim, que algumas delas, por exemplo, aquelas de mix, “mix melancólico”, “mix...”, enfim, eu acho que eles geralmente pegam do que a gente já ouve, né, e montam a partir do que a gente já ouve, tem também aquelas que são, tipo, vou dizer uma aqui, rap caviar, que eles montam lá, não sei qual é a dinâmica deles montarem, mas acredito, não sei se os artistas pagam, etc, para estar na *playlist*, mas enfim, num geral, eu costumo gostar mais de montar a própria *playlist* do que consumir essas já já pré-feitas, né, tipo a rap caviar e tudo mais.

Entrevistador:

Legal, então assim, você se percebe desconfiando um pouco do algoritmo na seleção do seu repertório? Ou como é que é essa relação com a seleção do material que você vai escutar? Você confia no algoritmo, você desconfia?

Marcos:

Olha, eu diria que eu confio um pouco, porque algumas coisas novas que aparecem, eu acho que faz até sentido, sabe, quando eu tô ouvindo alguma coisa que eu gosto mais, e aí, tipo, aparece uma coisa nova, eu fico, ah, não conhecia, mas eu acho que faz sentido, sabe, com o que eu tenho ouvido, então, enfim, eu não diria, por um lado assim, essa questão de desconfiar do algoritmo, sempre tem aquela música mais famosa do momento que às vezes começa a tocar do nada, né, então eu já fico, gente, eu nem ouço essa música que tá tocando, mas seria mais por aí, sabe, com essas mais famosinhas, então, é, seria em menor escala, né, essa desconfiança.

Entrevistador:

Agora, você se percebe, é uma situação que muita gente comenta que passa, então, por exemplo, a pessoa quer escutar música, vai lá, vai abrir a plataforma, mas se sente congelado ali no processo de seleção, isso acontece contigo?

Marcos:

Olha, eu diria que não, porque quando eu tô, quero dizer, viciado numa música, eu acho que quando eu abro a plataforma, eu já vou direto nela, então, eu não diria que eu me sinto bloqueado, não.

Entrevistador:

Bacana. Então, você, hoje em dia, você só ouve música através das plataformas? Da plataforma, no caso, né?

Marcos:

É, eu diria que é muito difícil, por exemplo, eu colocar um CD, sabe, antigo pra tocar, eu diria que é só plataforma hoje em dia, total. Entendi.

Entrevistador:

E aí, então, é, queria entender, você falou que já comprou vinil, né? Você tem um acervo em casa?

Marcos:

Um acervo do quê? Deu uma cortada. De vinil?

Não, não, por exemplo, eu acredito que a minha mãe já chegou a ter, mas, por exemplo, são coisas também que tá naquele quartinho da bagunça, mas eu não teria um acervo, seriam só alguns assim, mas favoritos, que ficam meio que disposição, assim, no quarto, então, é, seria isso.

Entrevistador:

Legal, você, você, então, é, você, hoje em dia, nem, nem tem vitrola, eles não. Não. Como reproduzir, legal.

Sim. Então, você consegue me explicar por que que você comprou, por que que você gosta de tê-los?

Marcos:

Sim, então, eu acho que é aquela relação, por exemplo, de álbuns favoritos e então, eu acho que tem muito também uma coisa a ver com aquela parada da estética, sabe? Meio que não sei como dizer, um, não seria um compromisso de

fã, mas meio que um encantamento, assim, de fã, não sei, sabe? Eu acho que entra muito também naquele lance da nostalgia, né?

Que você fez uma pergunta relacionada a isso, então, sei lá, eu acho que tudo isso entra na conta, sabe? A nostalgia e ah, eu amo esse álbum e enfim, vai ficar exposto aqui, meio que como um pôster, como enfim, um colecionável e é, vai juntando essas coisas e vai se tornando isso.

Entrevistador:

Bacana, você falou que tem costume de criar *playlist*, né? Sim. Você costuma compartilhar essas *playlist*, qual é o papel da *playlist*, dessas *playlist* que você cria pra você?

Marcos:

Então, no Spotify, né? Particularmente, tem aquela opção da gente compartilhar tudo nos *stories*, né? Do Instagram.

Então, eu diria que, é, eu compartilho, eu costumo compartilhar bastante, mas eu também faço muito *playlist*. Qual foi a segunda pergunta que era o papel da *playlist*? Se eu compartilho e...?

Entrevistador:

É, se você compartilha e qual é a função que a *playlist* ocupa na sua audição musical?

Marcos:

Sim, é, eu acho que eu também tenho muito uma relação de fazer *playlist* quando, por exemplo, eu tô envolvido em algum projeto de trabalho, né? Alguma coisa mais artística. Então, é, eu acho que isso impacta também muito, sabe?

Essa construção da *playlist*, enfim, era um costume que eu tinha, que eu tenho ainda bastante.

Entrevistador:

Você, você, é, na planilha aqui, você é artista visual, é isso?

Marcos:

Isso, verdade.

Entrevistador:

Tá, e, que tipo de artista de visual que você é? Só pra entender melhor qual é a sua atividade.

Marcos:

Olha, principalmente, eu trabalho com colagem, mas eu sou formado como figurinista, então, basicamente, eu trabalho meio que nessa questão de tanto figurino, né? Pra audiovisual, diversos, mas enfim, eu trabalho com tudo pouco, tipo, pintura, fotografia, né? Colagem, como eu disse, né?

Que seria principal e, enfim, é, seria isso.

Entrevistador:

Bacana, então, assim, a música, ela faz parte do seu processo criativo?

Marcos:

Total, total, sim.

Entrevistador:

De que maneira? Você consegue explicar um pouquinho pra mim?

Marcos:

Por exemplo, consigo, por exemplo, hoje eu trabalhei num figurino que era sobre, foi até um trabalho, vou falar do meu TCC, no caso, foi um trabalho sobre, o nome do trabalho era que tratava de uma peça de origem japonesa, né?

Do Teatro Bunraku, o meu TCC foi meio que fazendo uma adaptação do Teatro Bunraku de bonecos e aí envolvia, enfim, a construção tanto do figurino quanto dos bonecos, etc. E aí, meio que o trabalho mesmo que se baseasse totalmente na peça original japonesa, eu meio que trazia umas coisas assim, do meu imaginário, misturava coisas tanto do Japão com referências ocidentais, tipo, etc. Então, aí, na construção da *playlist*, eu fui levando em consideração tanto essas coisas clássicas, né?

Do Teatro Bunraku, que no Spotify até que tem um acervo legal de músicas do do próprio teatro e juntando com referências que eu queria trazer, né? Por exemplo, eu trouxe muito do do o álbum e aí porque eu achava que tinha uma relação assim também, sabe? Vai meio que se construindo através das relações que eu percebo que vou colocando lá na *playlist*.

Então, entrava música de “Shamiseg” e músicas do Kid-A e enfim, uma miríade de outras pessoas. Então, vai vai se construindo assim, sabe? A partir do que eu quero propor no trabalho, a *playlist* vai se construindo também.

Entrevistador:

Entendi. Você costuma ouvir álbum? Por exemplo, um álbum completo.

Marcos:

Você quer dizer, tipo, do artista, né? Não, eu costumo, costumo.

Entrevistador:

Com relação a formato, né? Que a gente fala, tem, você pode, por exemplo, seleção de música de uma forma avulsa, uma coisa mais ou menos pensada, né? E um álbum que é o conceito pensado pelo artista e tal.

Marcos:

Sim, sim.

Entrevistador:

Você costuma ouvir álbum?

Marcos:

Costumo sim, costumo sim.

Entrevistador:

Você costuma ouvir álbum, você tem uns artistas preferidos e tal, que aí de vez em quando você você bota um álbum, é isso?

Marcos:

Sim, com certeza, exato, exatamente.

Entrevistador:

Legal, cara.

Então, olha, vamos falar aqui sobre um tipo de experiência que é a que a gente tá mais centralmente interessados, que é uma experiência em que a audição de música tá em protagonismo, é o centro da tua atenção, tá, vamos dizer assim, né? Mais do que música como uma ferramenta pra você fazer, né? Ah, vou, vou lavar roupa, vou, vou lavar louça e você bota uma música pra te acompanhar de alguma maneira, serve de uma espécie de, tem um papel quase que de condutor ali daquela tarefa.

Você se vê tendo essa experiência de música em protagonismo, em que a música tá na sua atenção mais detida?

Marcos:

Olha, eu diria que sim, por exemplo, depois de um dia cansativo, né? Eu acho que nada melhor do que ouvir uma música e se distrair um pouco, né? Então, inevitavelmente a gente vai, acho que chega a prestar mais atenção, né?

Até pra, enfim, relaxar e etc. Então, sim, eu diria que eu tenho esses momentos sim, com certeza.

Entrevistador:

Aí, quando, quando eles acontecem, você, você consegue me dizer qual é o contexto, você falou que é quando você está, sei lá, mais no final do dia, você está mais cansado, como é que você vê isso acontecendo?

Marcos:

Então, eu acho que é bem isso mesmo, sabe? Quando eu chego, talvez, do fundão, né? Que é uma distância enorme de casa, então, tem esses momentos também, né?

Que no próprio ônibus a gente coloca o fone, vai escutando ali e fica prestando mais atenção na música, porque não tem nada acontecendo além disso, então, seriam nesses momentos mesmo, sabe? Meio que tanto pra, como eu posso dizer, sair assim da realidade, quanto pra relaxar também. Entendi.

Entrevistador:

Então, é uma coisa, digamos, no seu processo de volta pra, pra casa, mais ou menos, se eu entendi direito.

Marcos:

Isso, também. Em casa você se vê experimentando? Também, também, totalmente, mas também mais pro fim do dia, né?

Que não tem nada acontecendo, então, eu sei que ninguém vai me chamar e etc.

Entrevistador:

Entendi. E aí, você acha que pra esses momentos, pra, pra que você consiga ficar mais imerso na música, você acha que a qualidade do áudio, ela é importante pra você de alguma maneira? Ou isso é, não é tão importante pra você especificamente?

Marcos:

Não, eu acho superimportante, né? Até porque, enfim, eu acho que quando você tá com, enfim, compra um fone ruim ou, desculpa, é, compra um fone ruim ou, enfim, tá com algum problema no, no amplificador, né? No, aí, alguma caixa do amplificador, enfim, afeta muito, né?

Não tem muito como se concentrar, então.

Entrevistador:

Entendi. Total. Aí, você comentou sobre fone e amplificador.

Quais são os seus recursos aí de, de sistema de som, você tem esse fone aí, tem outros fones de qualidade, preocupado com esse tipo de, de coisa ou, ou mais ou menos?

Marcos:

Então, eu fico preocupado até onde a relação do dinheiro permite, né? Eu tenho esse que é um Edifier, tipo, ele não é o melhor do mundo, mas ele é bem, bem bom. Eu tenho também um que é um amplificador, tipo, não dá pra mostrar agora, mas é aquele tipo de cachorrinho, sabe?

Que eu comprei há muito tempo atrás também, então, não seria, assim, a melhor relação de som, mas, enfim, o que, o que o dinheiro permitiu comprar, eu comprei, então, é isso.

Entrevistador:

Legal, eh, nesse momento de, de protagonismo, você se percebe escutando, eh, tendo interesse em algum tipo de material específico, por exemplo, *playlists* específicas, álbuns específicos.

Marcos:

Assim, eu diria que depende um pouco do meu humor, sabe? Acho que, com certeza, entra aí algo específico, né? Mas eu sou, eu costumo ser uma pessoa muito eclética, então, como eu disse, né?

Eu acho que eu viria desde rock até rap, então, acho que depende do dia, do meu humor no dia.

Entrevistador:

Você, você lembra da sua, da sua relação com essa, com essa audição protagonista, eh, digamos, no passado? Você percebe que, que essa relação com a, com a música em, em protagonismo, ela mudou com o tempo? Hoje tem, tem menos, outra vez tenha mais?

Marcos:

É, eu acho que, sim, como eu disse, né? Eu acho que lá no início, né? Eu acho que não acho que tenha menos, eu, enfim, eu sempre fui uma pessoa muito interessada por música, né?

Desde criança, então, eu diria que desde sempre eu acho que se manteve, sabe? O interesse só foi mudando mesmo a forma de consumir, etc, né? Digamos assim.

Entrevistador:

Entendi. Rapaz, é isso, é isso, Marcos, te agradeço pra caramba aí pelo seu tempo, valeu. Se você lembrar de algum amigo, alguma amiga que, que tem um perfil semelhante ao seu, que tenha, tem um interesse mais central em música, né? E tal.

Marcos:

Aham.

Entrevistador:

Pode mandar o formulário de, de recrutamento que eu, que eu acho que você deve ter pego em algum. Mas eu vou te mandar pra, pra facilitar o teu trabalho aí.

Marcos:

Tá ótimo.

Entrevistador:

Especialmente se for pessoas de trinta e cinco anos ou menos.

Marcos:

Tá bom, pode deixar. E quando você defende? A sua.

Entrevistador:

Seis meses aí, fevereiro, março.

Marcos:

Ah, tá, é. É, é isso, vai dar certo.

Entrevistador:

Valeu. Ó, se precisar também de, de alguma coisa, só falar, tá bom? Tá bom, pode deixar, muito obrigado, tchau, tchau.

Marcos:

Querido, um abraço, tchau, tchau, boa noite.

Natalie Horvat

Escolaridade: graduação

Ocupação: designer

Nascimento: 09/05/1973

Idade: 50

Entrevistador:

Bom, então, essa entrevista aqui faz parte da pesquisa de doutorado que a gente está tocando lá no Laboratório de Ergonomia e Interface de Usuário, lá no Leu e na PUC. Ela é dividida em três blocos. No primeiro bloco, a gente procura falar sobre sua relação com música.

No segundo, a gente tenta investigar os seus hábitos de audição musical. E, por fim, a gente tenta falar sobre um tipo de experiência específica que a gente está mais diretamente interessado. Então, normalmente, essa entrevista leva, em média, uma meia hora, para levar menos, para levar mais.

Está bom?

Natalie:

Está bom.

Entrevistador:

Então, vamos lá. Eu queria pedir que você falasse com suas palavras o que a música representa para você.

Natalie:

Caramba! Vou estar no modo pensante. É...

É... Eu acho que ela... O que a música representa para mim?

Cara, eu acho que ela é uma válvula de...

Ela marca, né? Fases da minha vida. Ela é uma válvula de escape de estresse.

Ela... Eu acho que ela é um pilar, é um dos pilares, né? Acho que é importante para caramba, né?

Sem ela, não sei como é que seria, né? Não sei, se é a resposta, eu acho que eu falei merda.

Entrevistador:

Nada, não tem certo nem errado. É...

Natalie:

Difícil, né?

Entrevistador:

É, essas perguntas são mais abertas, né? E cada um responde como lhe convém. Também está muito associado ao momento que você está vivendo naquela hora que você é perguntada, né?

Natalie:

Sim.

Entrevistador:

Mas, deixa eu te perguntar. Você acha que a música, de alguma maneira, acaba marcando a sua identidade pessoal?

Natalie:

Cem por cento. Totalmente. Eu diria, inclusive, que a música, na minha adolescência, me salvou.

Foi por ela que eu passei bem. Se não tivesse ela, não sei como é que seria. Ela me conduziu, conduziu muito o meu pensamento, ela organizou meus sentimentos, né?

É uma coisa que eu... Bom, acho que você vai falar depois, imagino que você vai falar disso no futuro, mas eu acho que a experiência, por exemplo, de uma adolescência onde a gente não compartilha música, né? A gente não ouve a música que os nossos pais ouvem, ou não ouve a música que o outro está ouvindo, a gente perdeu muito, eu acho.

Essas experiências individuais, ensimesmadas, acho que deu ruim, sei lá.

Entrevistador:

Entendi. Você acha que essa identidade, de alguma maneira, sobre o que você está falando, tem a ver com o gênero musical, ou uma coisa que vai para além disso?

Natalie:

Não, acho que é para além disso. Eu não sei, eu me conecto muito com a letra, né? Tanto que eu tenho um pouco de dificuldade, por exemplo, de citar ou de me amarrar muito a bandas estrangeiras.

Como eu não sei, não domino inglês, para mim eu não tenho uma conexão muito grande com bandas inglesas, ou gente que fala inglês. Já me conecto muito com brasileiro, ou com música cantada em espanhol, por exemplo. Então, para mim, a letra é bem importante.

Então, mais até do que o gênero musical, e mais até do que, sei lá, o ritmo, ou seja lá. Eu preciso entrar na letra.

Entrevistador:

É uma coisa muito associada à canção, né?

Natalie:

É, eu já não sei se o termo técnico, a letra e a canção, não sei.

Entrevistador:

É, porque assim...

Natalie:

A poesia, né?

Entrevistador:

Música com letra são canções, entendeu? Você pode ter música sem nada cantado, né? Aí não é canção.

Natalie:

É, é engraçado, assim, porque também, se bem que eu acho que é outra... Quando eu era adolescente, teve muito movimento de shows e de eventos gratuitos por música instrumental, né? Aqui no Rio.

Não sei se você se lembra, ou se frequentou isso, mas eu amava música instrumental de ir no show, pela experiência do show, né? Hoje eu ouço música que não seja canção, né? Música que não tem uma poesia, que não tem uma letra ali por trás, escrita, né?

Só se for para me concentrar. Porque se não for, eu prefiro ouvir música com letra.

Entrevistador:

Entendi. Na sua casa, você tem objetos, pôsteres, livros, algum tipo de memorabilia com temas musicais?

Natalie:

Lembra, hein? Acho que não. Acho que tem mais, talvez...

Talvez, sei lá, um ou outro livro. Não, sei lá. Tem aqui o negócio dos Beatles.

Entrevistador:

É, não deixa de ser, pô. Claro que sim.

Natalie:

Acho que tem alguma coisa assim.

Entrevistador:

E livros? Você costuma... Já... Buscou livros com esse tema, objetivamente?

Natalie:

Hum... Eu acho que eu já li, assim, por exemplo, acho que eu já li alguma coisa dos Beatles. Acho que eu li do... do Rolling Stones, lá, o Sobrevivente. Aquela biografia. Acho que sim.

Mas, talvez, muito mais pela figura deles do que, tipo, a história da banda. Me interessa menos a história da banda e mais a figura desses personagens.

Entrevistador:

Hum-hum. Você tem o hábito de colecionar discos?

Natalie:

Tinha, né?

Entrevistador:

Não mais.

Natalie:

Não. E nem sou uma entusiasta de quem fica atrás de CD e vinil, que acho... Eu não...

Hoje, por exemplo, para mim não é um prazer ouvir um vinil. A galera bota, aquela vitrolinha, fica querendo... Ah, gente, pelo amor de Deus!

Quando me lembro da experiência, eu fico, porra, lembra? Tem que trocar de lado. Ah, meu Deus!

Acaba, arranha, pula. Eu não tenho esse saudosismo, não. Eu acho que, nesse sentido, o Spotify me fez um favor.

Entrevistador:

Entendi. E você consegue correlacionar sua trajetória de vida com relação às tecnologias? Então, por exemplo, você, como eu, você passou pela época do vinil, talvez do cassete.

Aí, a seguir, teve o CD. Aí passou naquela fase da virada do século que o CD começou a perder a função, porque começou a surgir o Napster, teria outros... Outras ferramentas de download de música.

E agora, mais recentemente, nos últimos... Na última década, as plataformas de *streaming*. Consegue me contar essa historinha?

Como foi a sua relação com esse suporte?

Natalie:

Eu acho que, assim, na parte do vinil, eu... É engraçado. Na minha casa, na casa dos meus pais, a gente não ouvia, não tinha muito essa cultura do vinil, da compra.

Eu me lembro de ter uns clássicos, uns vinis clássicos, a gente só ouvia aquilo, não tinha muito essa... Meus pais não tinham cultura musical. Na adolescência, como eu ia pra Argentina, né?

Passar as férias lá e tudo mais. Na adolescência, na Argentina, eu comecei a me conectar com uma necessidade de ter que dizer o que eu gostava de música, porque os argentinos me perguntavam, ah, o que você ouviu? Eu fiquei...

Eu me lembro de um certo pânico, assim, de ter que ter respostas e me perguntarem, o que você quer ganhar? Que disco você quer ganhar? Aí eu falava, caralho, eu não sei nada de música, assim, me deu uma impressão.

Isso eu devia ter uns 12 anos, 13. Aí eu acho que eu embarquei mais na fita cassete, o vinil foi menos e a fita cassete foi mais, que aí a gente podia ouvir nos Walkmans. Eu comprei, eu me lembro o momento quando eu comprei o Walkman, ganhei, lá do Paraguai. O Walkman era uma alegria, você poder ficar ouvindo.

Mas o grande salto foi quando eu pude gravar minhas fitas. Aí era aquele ritual, ficar ouvindo rádio pra poder pegar o momento exato que a música começava. E o filho da puta do cara da rádio falava no meio da música que acabava com a fita.

E aí eu chego mais ou menos aos 14, 15 anos que eu comecei a dar umas festas. Eu fazia umas festas na minha casa em Jacarepaguá, que eram meio bombadinhas. E aí eu tinha o ritual da gravação da fita para a festa, né?

Festa 1, festa 2, fita cassete, né? Festa 1, festa 2, festa 3. Eram dez fitas cassetes que eu tinha que colocar ali na ordem pra poder ser o DJ da festa, né?

E isso durou, foi até, sei lá, fita cassete. E fita cassete era muito legal, porque a gente dava de presente, né? A pessoa dava de presente a fita que gravou, lembrou, e botava aquelas músicas na ordem que você queria lembrar da pessoa.

Era um presente bem bacana. Depois da fita cassete veio o CD, que eu, na verdade, sou sempre uma entusiasta, assim. Eu sempre gosto quando muda, porque eu falo assim, cara, a fita era foda, né?

Da mesma maneira que eu falo, puta, o vinil era foda de ouvir também, que pulava, que agulha. Eu me lembro da agulha quebrar, a agulha ficava cheia de poeira. Aí, quando veio fita cassete, falei, ai, graças a Deus.

Aí, quando veio CD, eu falei, ai, nossa, graças a Deus. O CD, eu não me lembro tanto da gente fazer essas gravações, embora eu me lembro de ter a possibilidade de gravar CD. Esse ritual de gravar fita se perdeu pro CD, pra mim, pelo menos.

Eu não tinha tanto. Eu tinha mais, por exemplo, de ficar baixando música. Aí, tinha aquela coisa de ficar, o amigo mandava mil músicas, aí você mandava mil músicas.

Era um negócio assim, uma quantidade de música. Acho que, se não me der, até hoje eu tenho alguns arquivos de 700 mil músicas piratas que alguém baixou e passava, mas que ficou uma coisa meio doentia, porque, na verdade, a gente tinha muitas músicas, mas eu ouvia muito pouco, né? Daquilo que estava lá gravado, né?

Pelo menos eu. Aí, depois do CD, eu acho que eu já caí direto pro *streaming*, né? Porque...

CD, eu comprei muito. Comprei muito CD. Era assim, era um ritual, por exemplo, a gente até lembrou essa semana de um episódio que a Nina, a Nina, pequeninha, sempre gostou de jazz.

E eu lembro do momento que ela fez assim, tipo, ela ficou maluca com o CD de jazz, porque a gente ia muito na livraria da Travessa e tinha aqueles fones, né? Com as publicidades dos CDs. E aí ela ficava ouvindo.

A gente levava as crianças lá para a livraria e ficavam lá ouvindo, botando para ouvir. E quando ela ouviu aquela Stacy, Stacy, quem é essa, eu acho que é o nome dela, de jazz, ela ficou maluca, ela queria ouvir, ela tinha que comprar o CD dela. E depois a gente ficou comprando e tive que, sabe, tinha que mostrar ela cantando.

A Nina devia ter uns quatro anos, assim. E ela até hoje é maluca pela maneira. Então, essa experiência de você ouvir o CD, de ir na livraria e ouvir o CD, ou de querer comprar o CD e ficar ouvindo, isso a gente viveu muito.

Eu tenho muitos CDs ainda, eu acho que esses ainda não me livreí deles, porque assim, não tem mais onde ouvir, mas adorava, adorava o encarte dos CDs. A gente tinha amigos que faziam design gráfico, a minha amiga Fabiana, por exemplo, sempre fez design gráfico de capa de CD e eu ficava fascinada. Isso, para mim, é a maior perda que tem ainda no *streaming*.

Esqueci o que você perguntou, mas enfim.

Entrevistador:

Você está contando sobre a sua relação com as tecnologias.

Natalie:

É, bom, do CD para o *streaming*, eu amei também. Porque também eu acho que eu já queria um pouco esse... A gente, de alguma maneira, ficava transitando entre jogar conteúdo no computador, de alguma maneira, para poder ter um acervo e não ter que ter o objeto físico. E aí, quando vem o *streaming*, eu não tive o Spotify primeiro, eu tive, acho que o Deezer. Era muito fã do Deezer, amava o Deezer, tive uma resistência enorme para mudar para o Spotify. Acho que eu mudei porque acho que o Deezer tinha alguns artistas que não tinham assinado com o Deezer na época, eu queria ouvir.

Acho que talvez os Beatles ou o Michael Jackson, não me lembro. E aí, eu me lembro do meu dilema, de que eu não queria mudar para o Spotify. Eu não me lembro exatamente por que eu me senti obrigada a mudar para o Spotify, porque não me lembro que foi uma transição confortável para mim, eu fui meio relutante.

Até porque eu tive uma dificuldade com a interface do Spotify, durante um bom tempo, não consegui entender direito como é que funcionava, porque o Deezer, para mim, não sei por que, fazia sentido. E aí, depois, quando eu mergulhei no Spotify, amei, estou aqui nele.

Entrevistador:

Então, você assina o Spotify hoje em dia?

Natalie:

Eu assino o Spotify desde sempre, eu nunca fui desses gratuitos, porque eu não gosto da publicidade. E aí, eu coloquei tenho família desde o início, então, na época, eu nem tinha gente para fora, botei um bando de amigos. O André Massotti é meu filho até hoje.

Eu falei, André, você continua usando o meu Spotify? Ele continua. Eu falei, irmão, você está em Portugal?

Como é que o Spotify não te derrubou ainda? Ele falou, “não derrubou não, estou aqui”. Eu falei, “então continua usando!”.

Entrevistador:

Boa!

Natalie:

Eu gosto, e é negócio da família, então, todo mundo está pendurado no meu Spotify.

Entrevistador:

E na internet, como é a sua atividade com relação a música? Você costuma interagir em postagens? Você segue os artistas que você gosta? Você produz conteúdo com tema de música?

Natalie:

Produzir conteúdo, não. Eu sigo os artistas que eu gosto no Instagram, tenho muita dificuldade no YouTube. Embora eu...

Às vezes, eu me lembro de ver clipe, porque eu gostava muito de clipe também. Também tem isso, a gente teve um momento MTV, eu ainda peguei pouco MTV, mas eu peguei MTV. Então, eu gostava muito dos clipes e tudo mais, mas às vezes eu me lembro, às vezes alguém fala de um clipe de um determinado músico, aí eu entro, quando eu caio nesse fosso do YouTube do músico, aí fico meio que obcecada, vendo vários vídeos daquele artista, depois eu abandono, esqueço que existe.

Mas eu acho que eu sigo mais eles no Instagram mesmo, muito mais para ver agenda de show do que outra coisa, me interessa menos as postagens do que saber se a pessoa vai fazer um show ou não. Porque às vezes eu fico meio ressentida, tipo, o Drexler veio para o Rio e eu fiquei sabendo no dia seguinte, puta, estou querendo ir no show dele há anos e o cara veio e eu não fiquei nem sabendo, aí eu comecei a seguir para saber quando ele vem para cá, para o Brasil. Enfim, eu sigo meio por isso, não para...

E para saber se tem lançamento de música, aí eu gosto também de ouvir.

Entrevistador:

Bacana! Então, vamos entrar agora no segundo bloco, que a gente vai falar um pouquinho sobre os seus hábitos de audição. Você consegue me descrever de que maneira a audição de música se encaixa no dia-a-dia? Existe uma rotina ou não?

Natalie:

Cara, o que aconteceu de sério na minha vida depois do *home office* foi a entrada dos podcasts, que fuderam a minha cabeça, porque eu estou ouvindo muito podcast. Então, o que antes para mim era um prazer trabalhar ouvindo música, agora é um prazer para mim trabalhar ouvindo podcast. Então, isso reduzia um pouco o meu prazer pela música no dia-a-dia.

Então, eu ouço muito mais, por exemplo, música cozinhando, se eu entro no carro, eu tenho que ouvir música, não tem nenhuma forma de andar com o carro sem ouvir música. E eu tenho ouvido também caminhando, se eu estou sozinha, eu boto também fone e caminho, embora eu tenha um pouco de... Eu tenho uma dualidade em relação a essa experiência, porque eu também não acho bom me isolar dos barulhos da rua, de onde eu estou, pela música, e a música me absorve muito.

Eu diria quase que eu tenho um hiperfoco, eu fico muito prestando atenção. Estou no lugar e estou ouvindo música, eu fico prestando atenção na música. Quando eu caminho, se eu ouço a música, às vezes me dá uma certa preocupação, mas é muito bom também, é uma experiência muito legal de caminhar, porque ela impõe um ritmo também, te coloca em outro lugar.

Hoje, por exemplo, eu acho que eu estou ouvindo prioritariamente quando eu estou cozinhando, quando eu estou andando de carro, viajando de carro, que aliás para mim é a melhor experiência de audição que existe, você no carro, que acho que ele é fechado, ele está todo ali concentrado, eu acho muito gostoso de ouvir música nesses momentos.

Entrevistador:

Desculpa, conclui.

Natalie:

Em casa está mais difícil, durante o dia, por exemplo, está mais difícil de ouvir música, eu acho mais difícil.

Entrevistador:

E aí, esses momentos você costuma ouvir mais podcast do que música, quando você está em casa no *home office*, é isso?

Natalie:

Sim. Durante o dia, de 10 às 19, é podcast.

Entrevistador:

Está bem. E, bom, você costuma ouvir, então, pelo que eu estou entendendo, você praticamente só ouve música através do *streaming*, do Spotify, hoje em dia, não é? Só.

É isso. E aí, com relação a formato, quando a gente pergunta sobre formato, a gente está perguntando sobre álbum, *playlist*, a música isolada, como é que é esse tipo de audição?

Natalie:

Então, eu tenho, eu já passei por algumas fases, mas assim, eu tenho sei lá, eu tenho uma *playlist* minha eterna, que eu chamei lá de Parei Tudo, que é, se eu estou vendo um filme, a música me mobilizou de alguma forma, eu boto o Shazam, e aí eu pego e somo a música que está lá, nessa *playlist* eterna minha, de músicas que me mobilizaram aleatoriamente. Então, é uma *playlist* super cagada, porque uma música, inclusive, não combina com a outra. Eu costumo ouvir muito essa *playlist* minha.

E, de alguma maneira, eu acho que ela norteia todas as outras coisas, porque, hoje, eu quero ouvir, eu vou por uma música, normalmente. Eu quero ouvir uma música que está na minha cabeça, de algum determinado artista. Quase nunca o álbum dele eu ouço.

Quase sempre eu ouço o artista, aquelas sugestões, aquelas músicas que o Spotify sugere, meio no modo aleatório, porque eu também não gosto de ouvir a mais bombada, eu gosto de ouvir a discografia da pessoa que eu quero ouvir. Mas eu acabava muito indo pelo rádio do artista, que é uma coisa de você ir ouvir o artista e permeado de outros artistas que fazem sentido para o algoritmo, que eu gostava mais dessa experiência. Eu tenho gostado menos, porque agora ele ficou contaminado com umas coisas que o Spotify entendeu que eu gosto.

Então, às vezes fica repetindo demais, sei lá, estou ouvindo o rádio de qualquer artista, acaba que fica meio parecido, isso está me irritando um pouco. Mas era a maneira como eu estava mais ouvindo. Então, eu ouço muito minhas *playlists* e ouço esse rádio de artista que não está sendo uma experiência bacana nas últimas vezes que eu ouvi.

Tem sido chato. Eu acho que tem uns jabás lá também que me incomodam. Por exemplo, qualquer *playlist* que eu boto toca aquelas...

Acabou o Chorare dos Novos Baianos, que eu, porra, não quero mais ouvir, sabe? O que me irrita muito é que o Spotify não tenha um botão que eu diga, assim, para de ouvir essa porra, porque ele insiste, insiste, sei lá. Sei lá, outro dia eu passei numa fase do Gilson, aí eu queria ouvir o Gilson.

Aí, caralho, nunca mais me abandonou, sabe? Qualquer coisa, botar, sei lá, Rolling Stones e toca o Gilson. Porra, gostei ali, não preciso ficar ouvindo também.

Aí eu queria dizer que eu não queria mais ouvir o Gilson, mas ele não tem lugar que eu diga para ele para parar de tocar, né?

Entrevistador:

Então, assim, está parecendo que você tem uma relação um pouco ambígua, né, com a inteligência artificial. De alguma maneira você usa, explora esse recurso, mas ao mesmo tempo você se incomoda.

Natalie:

Eu acho que ele não está redondo, pelo menos agora. Eu não sei se eu estou confundindo muito ele, porque eu fico ouvindo muito podcast, porque, por exemplo, naquela retrospectiva do Spotify, a retrospectiva do ano passado já veio totalmente esquisita, assim, eu não ouvi nem ferrando, essa foi a música que eu mais ouvi, entendeu? Primeiro que eu ouvi podcast e nem cito a podcast dentro da retrospectiva, e depois eu fiquei, cara, essas músicas não estão, não foram as que eu mais ouvi, com certeza até porque não me representavam muito.

Então, eu acho que, eu não sei se, de alguma maneira, a entrada do podcast embaralhou o algoritmo e ele está sem entender o que está acontecendo, e aí está me sugerindo coisas que eu acho que tem algum nível de jabá, porque não tem outra explicação, assim, porque que fica me insistindo em músicas que eu, às vezes, pulo elas, eu não quero ouvir, então, assim, eu não estou 100% feliz, não, estou meio, eu acho que já foi melhor, por exemplo, esse negócio da rádio do artista, né, eu acho que já foi muito melhor, porque, por exemplo, se eu vou numa rádio do artista, eu entendo que eu quero ouvir o artista, vou na rádio de Djavan, eu quero ouvir o Djavan permeado de outros artistas, pincelado de outros artistas, rádio do artista, praticamente, não tem mais Djavan, eu boto rádio do artista, pô, mas eu queria ouvir o Djavan, eu só não queria ouvir só o Djavan, eu queria ouvir o Djavan e o outro, então, assim, ainda acho que a melhor opção ainda é fazer nossas próprias *playlists*, né, e a gente fazer uma curadoria, então, tem momentos que eu estou muito, se eu estou com muito tempo, eu fico lá produzindo um monte de *playlists* que eu amo, mas depois eu dê muito esquecido delas, assim, mas é, quando eu retorno a elas, eu fico, pô, até que essa *playlist* era legal, assim, mas eu esqueço também que eu criei, né, então, mas talvez seja a melhor experiência, assim, ter um tempo e fazer a própria *playlist*, né, botando as músicas que você quer e que você não quer, eu acho que eu estou confundindo o meu algoritmo, para te falar a verdade, a internet artificial está confusa comigo, porque acho que entendeu que eu estou no meio, sei lá.

Entrevistador:

Tá bem, deixa eu te perguntar, você falou sobre esse hábito de criar *playlists*, você costuma compartilhar as *playlists* que você cria, ou é uma coisa mais para consumo pessoal?

Natalie:

Compartilhar com quem?

Entrevistador:

Ah, por exemplo...

Natalie:

Mandar para amigas, essas coisas?

Entrevistador:

É, esse tipo de coisa.

Natalie:

Não.

Entrevistador:

Não tem essa função, né?

Natalie:

Não, nem quero, não.

Entrevistador:

Uma coisa mais...

Natalie:

Inclusive, às vezes, tipo assim, aparece o que as pessoas estão ouvindo, eu fico constrangida, eu fico, ah, não quero saber, será que as pessoas estão sabendo o que eu estou ouvindo? Acho meio esquisito, assim. Agora, você...

Mas são abertas, eu acho, não sei nem se dá para fechar, tá lá, meu perfil aberto, não sei, tem isso de perfil aberto fechado? Nem sei.

Entrevistador:

Eu não sei, se é possível você fechar, você pode colocar no privado as *playlists*, não sei dizer.

Natalie:

Agora, sabe que eu sigo *playlist* dos outros, às vezes? Aquela que não quer dar, mas eu quero. Às vezes eu entro, assim, em pessoas que eu acho interessantes e vou lá e sigo *playlist* delas, sei lá, acho que são pessoas conectadas.

Não sigo tanto também, não, mas se fizer sentido.

Entrevistador:

Legal. E, escuta, você sempre sabe o que você vai ouvir? Ou você se vê congelada, às vezes, na frente da plataforma?

Natalie:

Não, é... Acho que eu sempre sei.

Você fala pelo excesso de oferta? Não, acho que eu sempre sei. Até, às vezes, eu começo achando que eu sei e aquilo me incomoda, eu mudo e está tudo bem.

Mas eu sei exatamente, sim, quando eu estou no clima samba, quando eu estou no clima chorar, quando eu estou no clima argentina saudosista. Não, acho que...

Entrevistador:

Tem uma teoria que fala que existem pessoas que quando vão, quando tem que fazer uma escolha, tem sempre que fazer a melhor escolha possível. E tem pessoas que o bom o bastante é suficiente.

Natalie:

Eu acho que eu sempre posso mudar também. Às vezes, eu estou assim, cara, eu quero ouvir samba, nossa, que maneira, e aquilo começa a me incomodar de algum jeito e eu falo, ah, foda-se, vamos dar.

Entrevistador:

Não fica travada, né?

Natalie:

Eu estou com uma questão que é muito de um incômodo auditivo, mas é um incômodo auditivo muito mais por pessoas falando do que por música ou por ambientes de pessoas falando. Isso está me incomodando pra caramba. A música, de alguma maneira, não me incomoda de jeito nenhum.

Ela me tira desse lugar do incômodo auditivo. Mas, às vezes, determinadas músicas começam a me bater. Eu falo, eita, está bom ou não?

Está chato, está repetitivo. Aí eu tenho que mudar mais por um incômodo físico do que outra coisa.

Entrevistador:

Entendi.

Natalie:

É físico mesmo. É um negócio que bate, tipo, inflamando o cerebelo. Aí eu tenho que tirar.

Entrevistador:

Caceta, bom. Então vamos falar aqui, vamos tentar falar aqui de uma experiência que eu acho que você já mencionou que você exercita de uma maneira ou de outra, que é a experiência de audição musical em protagonismo. Naquele momento em que você está ouvindo música com uma atenção mais dedicada a isso.

Você se percebe experimentando esse momento?

Natalie:

Acho que sim. Sim. Eu quero, né?

Entrevistador:

É assim, por exemplo, você falou e me pareceu que é um caso desse, você está no carro e você está tentando, você está muito atenta à música, você descreveu esse tipo de situação.

Natalie:

A música apreende minha atenção. Eu estou cozinhando, mas eu estou na música. Eu estou ali e também dirigindo, ou por exemplo, quando a gente está, sei lá, viajando, uma coisa mais relaxada, está todo mundo ali numa casa, botar uma música alta, para mim isso é um...

Eu amo, cara. Eu acho fundamental. Ela dá o tom do grupo, quando você está com um grupo que é muito variado, você precisa de alguma maneira dar uma integrada, bota uma música, você já dá uma...

Fica tudo em torno da música. Eu acho que são experiências maravilhosas. Eu gosto muito.

Entrevistador:

Entendi.

Natalie:

Eu gosto também de acordar num domingo, não é sempre, mas acordar no domingo, botar uma música e preencher a casa com a música. Acho que isso...

Entrevistador:

Ah, legal.

Natalie:

É importante.

Entrevistador:

Então, assim, quando isso ocorre, você deve estar, obviamente, pelo que você falou, vai ouvir sempre em plataformas de *streaming* mesmo, e aí você não... Aí a tua... O seu formato de audição vai ser esse que você descreveu no bloco anterior, que você vai ouvir prioritariamente *playlist*?

Como é que é? Nesse momento de protagonismo.

Natalie:

Eu acho que prioritariamente *playlist*. Principalmente viajando, a *playlist*. Eu acho que é prioritariamente *playlist*, cara.

Sim. Porque até, sei lá, carro também. Até porque em carro a gente tem ainda a questão de, em alguns momentos, perder a internet.

E quando a *playlist* está lá guardada, viagem, por exemplo, também, para não ficar pegando, perdendo dados, wi-fi. Acho que é mais seguro. Se eu quero ter uma experiência que eu estou dominando ali, para onde está indo, eu acho que uma *playlist* é mais segura.

Não sei exatamente a minha *playlist*, mas eu escolho *playlist* que eu conheço e vou nela.

Entrevistador:

Entendi. Nesses momentos, você diria que a qualidade de áudio é importante para você ou não é tão relevante para você?

Natalie:

Pois é. É porque eu acho que a qualidade do áudio para quem é músico, ela é diferente para quem não é. Eu diria que é sempre bom, mas dificilmente eu... Eu não fico...

Meu cunhado Danilo é músico, ele fala, essa música aqui não tem o baixo e tal, não sei o que. Gente, eu não tenho a menor ideia se está tocando baixo, se não está tocando, se a bateria falhou. Para mim é muito difícil ter esse ouvido tão minucioso.

Para mim, quase sempre a experiência do Spotify é uma experiência positiva. É claro que às vezes quando você bota o fone, você fala Caramba, essa experiência é outra experiência. Caramba, que incrível.

Fica uma coisa às vezes um fone ou outro fone. Aí também para mim me surpreende, mais do que me decepçiona quando eu não estou com fone. Quando estou com fone está tudo bem para mim.

Só não gosto quando para. Mas eu não consigo ter esse rigor. Eu não tenho essa régua tão grande.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar. Você fala que você segue alguns artistas. Você se lembra por exemplo...

Vou te fazer essa pergunta porque eu sei também que você é designer então você pode ter ficado ligado nisso em algum momento. Mas por exemplo, você está seguindo um determinado artista e ele está meio que preparando um lançamento. Você percebe que há algum tipo de, na sua opinião, algum tipo de narrativa para gerar aquele lançamento, sei lá, lá adiante.

Ele cria como se fosse um processo em que ele vai construindo uma narrativa em função daquela obra futura ser lançada.

Natalie:

Mas tipo *spoiler* de lançamento ou processo criativo antes de de fato ter uma...

Entrevistador:

Como se fosse um projeto de comunicação. Você vai ter o *teaser* aí vamos dizer o cara está lançando, vamos supor, estou inventando aqui, mas o cara vai lançar o disco, o álbum daqui a duas semanas. Aí esse álbum tem uma pegada em que ele se separou da mulher, ele está muito triste, aí ele está fazendo canções mais intimistas, aí de repente ele começa a tirar fotos em que se perceba esse tipo de intimismo e tal.

E aquilo vai, no final das contas, vai redundar numa obra XYZ, mas que tem essa pegada mais ou menos, entendeu? Você já viu esse tipo de coisa acontecer?

Natalie:

Não, eu já vi, eu acho que uma pessoa que faz muito bem essa coisa de amarrar os conceitos eu acho que é a Marisa Monte. Mas eu acho que já está tudo muito... A gente não está vendo um *work in progress*, a gente está vendo o lançamento fonográfico.

E como ela às vezes faz essa coisa de lançar dois ao mesmo tempo e isso aqui, eu me lembro de viver essa experiência de ser conduzida para alguma coisa que eu não estava entendendo direito e depois eu entendi. Até porque ela é muito visual e ela sabe exatamente onde ela quer chegar. Mas eu não sei se eu vejo isso em outros artistas.

Eu acho que eu vejo muito mais *teasers* ou coisas de comunicação em relação aos shows do que em relação ao lançamento fonográfico. Não sei. É bem.

Entrevistador:

Beleza, deixa eu te perguntar então.

Natalie:

Também seria o cara... Seria o cara, porque eu não sei como seria isso. Eu acho que muito mais lançamento fonográfico do que da construção do álbum.

Porque da construção do álbum o cara compartilha tanto? Acho que não. Não sei.

Entrevistador:

Tem algumas pessoas que têm essa percepção de uma condução e tal. Alguns entrevistados meus descreveram esse tipo de situação. Em geral pessoas mais jovens.

Natalie:

É, pode ser.

Entrevistador:

Talvez seja o tipo de artista também. A pessoa fala que tem muito isso...

Natalie:

Quem?

Entrevistador:

K-pop.

Natalie:

É, que é tudo construído. É uma indústria.

Entrevistador:

Pode ser. Deixa eu te perguntar. Comparando, se você consegue recuperar na sua memória como é que era essa relação de protagonismo da audição musical em relação a outras épocas da sua vida.

Se hoje acontece com mais frequência, você acha que é mais recompensador hoje ou menos? Como é que você consegue lembrar como é que era isso antes? E que tipo de tecnologia, de alguma maneira, você acha que era melhor, era pior?

Natalie:

É, espera aí. Recompensador em...

Entrevistador:

Dependendo da experiência. Estou falando aqui da experiência da audição musical dedicada, vamos dizer assim.

Natalie:

Eu acho que na minha fase de adolescente a coisa foi mais... A música era muito importante pra caramba. E realmente formativa.

E agrupava. E... Era...

Pra mim, essa experiência não existe mais. E essa foi uma experiência muito potente. Diria que dos 15 aos 25, sei lá.

Essa é uma experiência que eu não tenho mais pra música. No sentido de primeiro que agrupar, fazer os grupos em torno da música, as pessoas cantarem juntas, a gente achou junto no mundo. Aquilo entrar em mim e me modificar.

Aceitar um monte de coisas e abrir. Eu me lembro... Também estudei no SEAT.

Então as aulas de literatura eram basicamente música. O tempo todo citava música e aquilo ficava caralho! Como foi aquela letra que fazia os *big bangs* na cabeça.

Nunca tinha parado pra pensar nisso. Essa experiência lisérgica com a música, de transformação de pensamento, transformação de atitude, aceitar um monte de coisa. Eu fiquei até brincando que a gente está com essas gerações novas cheias de questões de saúde mental.

Só porque não ouviu Raul Seixas. Se tivesse ouvido Raul Seixas... Raul Seixas é pura autoajuda.

Tente outra vez. A pessoa caiu, voltou. Uma coisa de iluminação espiritual ou de perdoar certas coisas.

Quer até ver o pieguismo. Tem as letras do Legião. As letras do Legião salvaram a minha vida.

Eu perdoei meus pais. Eu mudei a minha vida por causa das coisas que o Renato Russo falava. De uma potência que eu acho que não vivo mais.

Hoje, a música entra, emociona, mas não me faz... Eu não me vejo transformando quem eu sou. Não sei se era isso.

Entrevistador:

Não, não... Fala, fala...

Natalie:

Hoje é muito mais pelo prazer, pelo lazer, pelo gozo da música, aquela coisa que entra, a vontade de dançar. Mas... Não avassalador.

A experiência avassaladora não tem mais.

Entrevistador:

E não tem, pelo que você está descrevendo, aí você me fala que estou errado, não tem uma relação direta com a tecnologia de reprodução ou com suporte. É mais uma coisa que você vê de uma época da vida mesmo.

Natalie:

Acho que sim. Primeiro que era uma época de falta de informação, de individualização, de você estar ali com mil questões mentais e aquilo fazer parte. Mas até hoje, sei lá, às vezes estou num momento meio merda.

A música já salvou meu casamento. A música já me fez odiar pessoas. Você está dirigindo, aí vem uma música, você fala eita, por que a música está tocando agora?

Isso é um sinal de... Você fica meio... Cara, achando que as coisas estão te trazendo mais mensagens do além.

Quer dizer, eu sou meio maluca. Mas... Não tem a ver com a forma de...

Por onde ela veio, se eu estava ouvindo uma fita ou se eu estava... Quer dizer, até pode ter, porque, por exemplo, rádio é uma coisa que eu sinto muita saudade de rádio. Eu amava.

Eu sou uma entusiasta de rádio. Se eu tivesse muito dinheiro, eu investiria em rádio. Sei lá por quê.

Porque eu acho que essa galera dos podcasts estão dando um sinal, entendeu? A gente quer ouvir notícias, mas a gente quer ouvir música também. E a gente quer, talvez, não ficar pensando muito no que a gente está ouvindo.

Se tivesse alguém fazendo uma curadoria dele para a gente, trazendo uma notícia, mas com uma rádio maneira, que você possa ouvir novidades, que a pessoa te apresente, com entrevista de pessoas novas, eu, com certeza, aderiria ao rádio. Eu acho que a rádio é muito foda. É uma pena.

Não entendo. Eu queria que eu entendesse um estudo sobre por que que acabou. Por que o Rio de Janeiro não tem um rádio, gente?

Todas são evangélicas, praticamente. E a rádio ainda tem essa coisa meio... Eita!

Por que que está tocando essa música? Ei, será que está tocando para mim? Que estranho, né?

Eu estava aqui pensando nisso, aí vem essa música, né? Como se alguém viesse uma mensagem do além, né?

Entrevistador:

A possibilidade de criar conexões, de alguma maneira.

Natalie:

É, meio malucas, né? Enfim, também me perdi nessa pergunta.

Entrevistador:

Não, foi ótimo. Deixa eu te perguntar. Vou te fazer agora aqui a última pergunta para saber como é a tua relação com o seu corpo na hora dessa audição mais dedicada, mais especial, vamos dizer.

Você se arrepia? Como é que você fica? Você falou que fica muito concentrada.

Você dança, você acessa os conteúdos sobre aquela música que você está ouvindo. Como é que é? Consegue descrever de alguma maneira?

Natalie:

Não, eu me arrepio, eu choro, eu danço menos, talvez, só se tiver uma galera, assim, se tiver festa, sei lá, reunião na minha casa, reunião da minha família, minha irmã, meu irmão, a gente sempre acaba, sempre tem um momento da dança, meio aleatório, mas, sim, às vezes eu fico querendo saber mais a letra, tem aquele momento da música que fica na cabeça, fica na cabeça, que pra mim sempre é, quando você não sabe a letra, eu vou lá, quero saber a letra inteira, eu fico tentando entender a letra toda, eu acho que ela tem um envolvimento, eu acho que é um envolvimento físico mesmo, ela mexe muito, ela mexe com tudo, por exemplo, eu tenho, eu amo muito a música argentina e tudo que seja em espanhol, mas não posso ouvir tanto, porque senão eu não acesso um lugar que pra mim me faz muito, me joga numa melancolia brava, mas às vezes eu quero estar nessa melancolia, então eu ouço a música pra afundar mesmo, pra ficar chorando, meio que em posição fetal. Mas o, esse, inclusive eu fiz uma *playlist* que se chama em espanhol que me acalma, porque eu tentei tirar dessas músicas em espanhol, as músicas que me deprimem, porque que eu amo ouvir, amo ouvir a Mercedes Souza, amo ouvir todas as músicas da minha família lá da argentina, mas é dureza, então acessa uma saudade ali que eu nem sei se estou conseguindo lidar. Agora eu fiz uma *playlist* de músicas que não me levam pra lá, que eu quero ouvir espanhol, me faz falta ouvir a sonoridade, me faz falta ouvir, tanto que eu ouço muito podcast em espanhol, muito menos pelo tema, porque o tema nem me interessa tanto, mas porque eu quero ouvir elas falando, eu quero ouvir um monte de gente falando, falando as gírias novas e tudo mais, mas essa *playlist* trouxe músicos em espanhol que não necessariamente são argentinos, pra suprir esse buraco que eu tenho de do idioma e das da palavra, né, do falar espanhol, mas não me deprimir, porque eu normalmente, quando eu ouço eu afundo muito. Enfim, sim, tem o corpo todo conectado, né.

Entrevistador:

Tá bem. Natalie, super obrigado aí pelo seu tempo.

Natalie:

De nada, valeu.

Nina Maia

Escolaridade: graduação

Ocupação: designer, cantora

Nascimento: 26/12/1963

Idade: 60

Entrevistador:

Essa entrevista aqui, como eu estava dizendo, faz parte de uma pesquisa de doutorado que eu estou tocando lá na PUC. Ela é dividida em três blocos. No primeiro bloco, a gente vai buscar entender sua relação pessoal com música.

No segundo bloco, a gente vai tentar abordar mais sobre os seus hábitos de audição musical. E, finalmente, a gente vai tentar explorar um pouco mais sobre um tipo de experiência específica que a gente está interessado. A pesquisa trabalha com a experiência de audição de música de um público que se identifica como fã.

Então, vamos lá? Vamos lá. Eu queria pedir para você falar um pouquinho sobre a importância da música na sua vida, se você acha que ela, de alguma forma, ajuda a formar a sua identidade pessoal.

Nina:

Completamente.

A música na minha vida ascendeu de muito cedo, porque minha avó era professora de canto orfeônico e foi pianista também. Seis anos antes até disso, ela levava a gente para aulas de iniciação musical. Com seis anos, ela deu um piano de presente, pagava as aulas de piano.

Então, eu cresci. Até os 20 anos, eu tinha aula de piano, de teoria musical, participava de coro no colégio. Então, a música está na minha vida desde sempre.

Entrevistador:

Legal.

Nina:

Depois disso, eu passei um tempinho um pouco afastada, porque eu parei piano na época da faculdade, tinha um monte de coisa nova, aquelas coisas todas. Aí eu parei um pouco, mas depois, quando eu tive meus filhos, também levei para aula de música, também levei para um monte de coisa. E aí eu voltei também, mais de dez anos, já que eu voltei a cantar também.

Nossa, é totalmente, completamente importante na minha vida.

Entrevistador:

Nina, eu queria que você tentasse me contar um pouquinho como é a sua história como ouvinte e consumidora de produtos musicais, discos. Você, como eu, com certeza passou por boa parte da história da indústria fonográfica, desde o disco de vinil, cassete, CD, depois tem aquele período de download e agora no *streaming*. Se você conseguisse me contar como é que foi para você essa história.

Nina:

Então, começou a adolescência, tudo era assim, era rádio, era aquela época do rádio, fica esperando a música tocar. Comprava o aparelho dois em um, depois

virou três em um, quando teve CD, mas ficava com a fita ali prontinha, esperando tocar aquela música para chegar e gravar, torcer para o cara da rádio não falar o nome da rádio no meio da música. Aí comecei a comprar LP, tinha bastante LP.

E foi isso, eu ouvia por um bom tempo, na verdade, nessa época era rádio, depois quando comecei a ter LP, comecei a comprar LP, ouvir LP, ou pegar coisas gravadas de outras pessoas, aquelas que tinham o aparelho um pouquinho melhor, botavam o LP que elas tinham para gravar a fita para a gente. Depois, quando começou o CD também, eu tinha assim, agora a pouco tempo me desfiz de muita coisa, mas eu tinha muito, tudo que eu gostava, eu tinha. Eu comprei, foi muita dívida de cartão de crédito, de CD.

De ouvir, quando começou, agora foi muito mais recente, que eu comecei a ouvir Spotify, que é o que eu ouço mais mesmo. Algumas críticas, sei que tem muita gente que tem algumas críticas, mas foi o primeiro e fui continuando, é o que eu ouço até agora.

Entrevistador:

Você assina o Spotify? Assino. Na internet você costuma interagir com conteúdo relacionado à música?

Você segue pessoas que são da área musical? Como é a sua atividade como internauta?

Nina:

Ah não, eu sigo assim, rede social eu sigo direto muita gente, alguns que eu interajo um pouco mais ou menos, porque também eu sigo muita gente de canto coral, de grupos vocais e tudo, então tem uma boa parte das pessoas que eu conheço que estão ali e que obviamente com esses que eu interajo mais, não com as pessoas mais famosas, uma ou outra tem algumas pessoas que são legais que a gente até de vez em quando comenta alguma coisa assim, mas não costumo fazer isso não. Mas gente de música, da minha área, de grupo vocal e de tudo, tem muito, tanto seguidor quanto pessoas que eu sigo, que trocam muita coisa, divulgam muita coisa.

Entrevistador:

Bacana, deixa eu te perguntar, como é que o hábito de ouvir música se encaixa no seu dia a dia? Você acha que a música de alguma maneira te acompanha no decorrer do seu dia, ela te ajuda a desempenhar alguma tarefa?

Nina:

Olha, já foi mais na verdade, sempre foi muito, eu sempre ficava, sempre ouvi muita música, na verdade eu não sei exatamente porquê, agora, às vezes, por estar aqui fazendo as coisas assim, eu perdi um pouquinho esse hábito de ficar fazendo tudo aqui em casa ouvindo música, mas sempre foi muito, sempre eu ouço muito no carro, no carro sempre, eu nunca ando com o carro sem estar ouvindo música. E sem dúvida que ajuda muito, eu tenho ouvido menos em casa, mas todas as vezes que eu lembro que eu ouço, sempre é muito melhor.

Entrevistador:

Bacana, pelo que eu estou entendendo, você basicamente escuta música através do Spotify, ou você tem outras formas de audição também?

Nina:

Não, geralmente é mais, mesmo no carro, às vezes eu ponho um pouquinho rádio porque eu quero deixar rolar alguma coisa diferente, mas mesmo no carro eu ponho conectado de celular, geralmente é Spotify.

Entrevistador:

Quando você vai ouvir, você já sabe o que você quer escutar, você usufrui das ferramentas do Spotify para tocar automático? De alguma maneira você confia na inteligência artificial para selecionar o repertório para você?

Nina:

Uma boa parte, mas eu tenho as minhas *playlists*, geralmente é nem muito *playlist*, de artistas que eu gosto, aí eu tenho aquilo, mas o Spotify tem aquele negócio de “daily mix”, “para você”, coisas assim, de vez em quando eu deixo rolar até para ter algumas coisas novas, porque eu sou muito aquela assim, eu ouço as coisas que eu gosto, e se deixar eu acabo ouvindo só repetindo as coisas que eu gosto.

Então de vez em quando eu ponho mesmo para ver alguma coisa nova, porque eles colocam naquela coisa, de vez em quando eu não confio totalmente, porque de vez em quando eu coloco umas coisas dali que acho que tem a ver com você, tem a ver com a sua lista, que eu olho, meu Deus do céu, o que é que colocaram nisso aqui? Mas normalmente eu até confio, a maior parte, baseado no que eu costumo ouvir, na maior parte até eu deixo rolar, coloco ali às vezes e aí encosto.

Entrevistador:

Você falou sobre *playlist*, você costuma criar *playlists*?

Nina:

Olha, eu crio algumas, mas para mim, nem aquela coisa de deixar público nem nada, às vezes é só para eu me lembrar, é mais uma coisa de guardar alguma coisa que eu gostei, porque eu tenho muita coisa que eu tenho salvo na minha biblioteca dos artistas que eu gosto. Então às vezes tem alguma coisa nova, alguma coisa eu ponho ali na *playlist*, mas eu crio poucas, não crio muita coisa não.

Entrevistador:

Bacana, queria falar um pouquinho agora sobre um tipo de audição musical específico. Eu lembro de uma matéria que saiu no LA Times, no meio da pandemia, falando sobre, sugerindo que os ouvintes selecionassem um álbum e parassem para escutar aquele álbum durante o tempo de execução dele, exclusivamente ouvir música. Uma audição musical com o protagonismo da música, não ela como segundo plano, sem ir para outras coisas.

Você se vê experimentando esse momento?

Nina:

Com certeza, porque até um dos motivos que às vezes tenho ouvido menos é por isso, porque eu gosto mais de falar as coisas que eu gosto, mas gosto de parar e ouvir, e não de ficar fazendo outra coisa. Então eu gosto bastante de fazer isso.

Entrevistador:

Que legal, você se percebe fazendo mais hoje em dia do que antigamente? Menos? Você acha que isso de alguma maneira está conectado com o padrão tecnológico?

Você acha que, por exemplo, esse momento de conexão especial com a música, ele acontece com mais frequência ou com menos frequência com relação às eras anteriores da indústria, para você?

Nina:

Para mim, agora, infelizmente, está acontecendo menos. Não sei se a facilidade acaba dificultando, até deixando as coisas que pode fazer em outra hora.

Entrevistador:

E você, de alguma maneira, induz esse momento? Ou ele acontece de surpresa, por exemplo? Você está escutando alguma coisa aleatoriamente e toca alguma música que acaba fazendo com que esse momento de protagonismo surja do nada?

Ou você mesma que coloca?

Nina:

Isso pode acontecer, de repente, numa dessas listas, tocar alguma música dessas que eu gosto muito, e ela me lembrar e eu acabar colocando outra. Mas, normalmente, quando acontece é porque eu coloco.

Entrevistador:

Legal. Você acha que esse momento de protagonismo da música, você acha que a qualidade do áudio é importante para você ou não é tão relevante?

Nina:

Ah, é. Não impede nada, porque, geralmente, quando eu ouço, muitas dessas coisas que eu ouço, quando eu paro para ouvir, são coisas que eu posso cantar junto. Então, por isso que eu paro.

Às vezes, eu paro em casa e sinto aquele momento. Então, se o áudio não for assim, não vai me impedir nada, mas eu prefiro que seja legal.

Entrevistador:

E aí, isso está associado a músicas isoladas ou *playlists* ou álbuns?

Nina:

Ah, sim. Porque eu tenho uma preferência enorme, absurda, que é a paixão da minha vida, que é Clube da Esquina. Então, geralmente, está ligado mais a isso. Ou, assim, tem mais coisas, mas a minha coisa é muito mais música brasileira, muito mais coisa dessa época, coisas que têm alguma coisa a ver com a minha história e que eu possa cantar também.

Entrevistador:

Muito obrigada. Nina, a gente concluiu, é isso aí. Eu queria te agradecer pelo seu tempo.

Nina:

Espero que eu tenha ajudado alguma coisa. Ah, bastante.

Entrevistador:

Os perfis variam um bocado. Tem momentos, tem pessoas que, quando eu chego nesse momento de tentar explorar essa conexão, esse momento de protagonismo da audição musical, fica um pouco lacônico e, às vezes, não tem muito como enveredar por esse assunto. Mas você me ajudou nisso aí.

Nina:

Ah, legal.

Entrevistador:

Está bom. Te agradeço, Nina.

Patrícia Oliveira

Escolaridade: graduação

Ocupação: analista de sistemas, aposentado(a)

Nascimento: 10/03/1954

Idade: 70

Entrevistador:

Bom dia, Patrícia. Bom dia. Faz parte do meu projeto de doutorado na PUC.

A gente está falando sobre a experiência de pessoas que se veem como fãs de música. Então, a gente tem três blocos. Primeiro, a gente vai tentar falar aqui sobre a sua relação pessoal com música.

Então, qual a importância que você vê que a música tem na sua vida? Você acha que, de alguma maneira, ela ajudou a formar a sua identidade pessoal?

Patrícia:

Com certeza. Eu comecei, como Paula até falou também, eu também comecei com o papai. O papai era aficionado por música clássica.

E aí, eu lembro, ele me deu um gravador daquele gravadorzão de fita, que ele tinha comprado um outro, aquele estava velho, e aí eu usava algumas fitas que ele tinha, e eram fitas variadas de música clássica. Então, eu escutava aquilo direto. Eram muitas músicas, algumas mais populares.

Começou com Tchaikovsky e músicas mais populares dentro das clássicas. E aí, eu escutava sempre, sempre. O gravador tirava de uma, naquela época tinha que virar, então, tinha uma fita de um lado, depois a fita do outro, e eu escutava música também de disco.

Enfim, foi uma formação bem variada. Aí, quando eu comecei a ficar mais velhinha um pouco, já com 12 anos, por aí, eu escutava muito as músicas que minha irmã escutava. Naquela época era Sérgio Mendes, eu lembro que eu ficava dançando no quarto, sozinha, e eu gostava muito de música, era Bossa Nova, basicamente era Bossa Nova.

Porque ela tinha disco, eu roubava os discos dela, escutava muita coisa dela. Mas era... Desculpa, estou com tosse.

Ela tinha muito disco, aí eu ficava ouvindo de todo mundo, raramente eu comprava, porque naquela época eu não tinha nem mesada, estou falando de quando eu tinha 10 anos, eu comecei só pegando dos outros. Quando eu comecei a comprar disco, era assim, era muito, minha coleção de compacto era enorme, tinha uma caixa de madeira, aquela de fruta, cheia de compacto, uma prateleira enorme de long play, eu escutava direto, estudando, eu só conseguia estudar com música no fundo, e nessa época já era um pouco, já comecei a ficar um pouco mais eclética de escutar tanto... Eu era mais para a Patricinha, não era de muito rock, Pauleira, Paula, exige de mim algum...

Eu não era muito de música rock, eu esqueci o nome do grupo que vocês gostam muito, e eu, muito raramente, eu cheguei até um Pink Floyd, que é aquele Dark Side of the Moon, e eu gostava do Yes, do Rick Wakeman, e era do progressivo, eu gostei muito do progressivo, então eu comecei a variar nesse... Então eu escutava muita, muita música, como as músicas vinham das outras

peessoas, como vinha do papai, vinha de Selena, minha irmã, e alguns amigos, eu comprava mais tarde, então com isso eu abri o leque de possibilidades. Aí depois, quando eu casei, eu era rato de ceder, e aos poucos começou a ceder, e a minha coleção de CD era enorme, eu tinha um armário inteiro, eu organizava por faixas e por estilos, então vinha desde funk americano até soul e rhythm'n'blues e tudo, alguma coisa de rock, alguma coisa de popular, muita coisa de popular, música pop, Beatles, o rock mais comercial, não tão roqueira, e brasileira também era mais para o MPB, eu gostava mais Tom, Chico, Caetano, Gil, e Bethânia, e Gal, e Djavan depois, eu me lembro que eu tinha um aparelho desses de cinco CDs, eu botava cinco CDs do Djavan e ficava escutando o Djavan o dia inteiro, no modo shuffle. Eu trabalhava escutando música, eu vivia ligada em música, mais tarde agora, uns 15, 20 anos para cá, entrou na fase do baixar pirata, eu entrava no Napster, eu baixava não só discos, teve uma época que eu baixei discografia, dos Beatles, do Paul McCartney, do John Lennon, do Tom Jobim, gigantesca, Chico, eu tinha muita coisa do Chico, depois eu comecei a me tocar, porque aquilo era muito pirata, e também fiquei com medo, porque a minha biblioteca tinha coisa de 30 mil músicas, e também muito, muito, muito eclética, muito samba, até pagode, não sou muito de música sertaneja, mas eu dispensei Chitãozinho e Xororó, algumas músicas, e algumas mais populares, mais tocadas. Enfim, eu diria que eu tenho uma visão bastante ampla de música, eu ia até no Italianão, na música francesa, obviamente as inglesas, muitas americanas até no country, e cheguei até a arranhar algumas músicas indianas na época da novela Caminho das Índias, eu falei, nossa, que batuque, que coisa fantástica que é essa música, eu gosto muito de ritmo, o ritmo me fascina, tanto que as músicas clássicas, eu adorava Tchaikovsky, Rimsky-Korsakov, todos eles são muito marcados, o tempo, então sempre gostei muito de música que empolgasse, Bach também, Concertos de Brandenburgo, Beethoven também tinham algumas, eu gosto de música estimulante, alegre, 1822 e tal.

Entrevistador:

Então, achei ótimo aqui que eu tinha algumas perguntas para tentar contar essa historinha da história da música, você já fez isso espontaneamente, maravilhoso. Agora, deixa eu te perguntar, você falou sobre atividade de *download* de música, e ficou faltando a gente comentar sobre essa época mais recente, de uns cinco anos para cá, que entraram as plataformas de *streaming*, você assina alguma dessas plataformas?

Patrícia:

Assino, é, eu tentei aquele outro, que agora não me vem na cabeça. Deezer? O Deezer, é, tentei o Deezer, não gostei tanto, por quê?

Por causa dos outros. Então, o Gustavo começou a fazer música, então era tudo no Spotify. E aí eu tentei, olha, eu fui e voltei no Spotify umas quatro ou cinco vezes, por quê?

Eu gosto de música original, eu não gosto de... Eu botava no Spotify, pedia assim, Tom Jobim, e vinha 450 músicas de Deus e o Mundo cantando Tom Jobim. Eu falei, não, eu quero escutar Tom Jobim, *by* Tom Jobim, discos dele.

Então, isso me irritava muito no Spotify, por isso eu saía, daí eu voltava. Hoje eu estou mais ok, por quê? Eu fiz 50 *playlists*, não digo 50, mas, sei lá, pelo menos umas 30 eu fiz.

Porque eu gosto de cada hora, eu gosto de escutar um tipo de música. E, às vezes, eu escuto uma outra música de pessoas que tocam, a Clarice, quando vem aqui, ela também tem uma *playlist* enorme de músicas dela, quer dizer, dela que ela gosta, mas o dela é completamente diferente do meu. Então, ela gosta muito de música brasileira, é do funk, eu não gosto de funk, não tenho funk, no máximo aquele Gabriel Pensador, por causa da letra e tal coisa.

Mas, enfim, voltando ao Spotify, aí eu voltei, aí eu comecei a pagar, eu peguei toda a minha discografia, está no CD, está no CD, não, está no laptop com o Dropbox. Então, ela continua lá, aí eu ouço, quando eu baixo um pouco no... Mas como tem, 90% tem no Spotify, eu uso o do Spotify para agora não usar muito o HD do celular.

Então, porque ocupa mais e tal coisa. Mas eu tinha aqui um player de música que eu escutava o tempo todo, um iPad, não, um desses, para escutar a sua música. iPod.

iPod, sim, iPod. Só que ele foi acabando a bateria, de vez em quando ele carrega até coisa, mas dá uma pena que eu não consigo mais nem botar música nele, só ficaram as *playlists*, quer dizer, as músicas antigas, eu não consegui renovar. Mas, enfim, eu escuto agora Spotify o tempo todo, eu mudo a *playlist*, hoje eu quero escutar música mais antiga, tipo, sei lá, Frank Sinatra, músicas mais...

Morreu outro cantor, esqueci o nome também, esquecer é normal. Então eu ponho as minhas *playlists*, eu ponho às vezes clássicas, eu gosto de músicas, porque às vezes estou trabalhando aqui, a cabeça fica funcionando o tempo todo, fica revendo, pensando, trabalhando com a mão, então às vezes estou meio... está cheio de tudo, eu ponho até músicas de natureza, um rio, aquelas músicas bem de natureza.

E isso o Spotify tem, tem bastante. Agora eu não gosto quando o Spotify se mete, e quando eu abro as *playlists* para mixar com a opinião deles, aí ela mete coisa que eu não gosto. Então, às vezes eu estou muito bem, daí já vai caindo para o funk.

Eu falo, pô, não quero, não quero música atual, não quero sertaneja, não quero... Não que eu não dê valor, eu não estou acostumada, eu estou cada vez mais separada do mundo atual e ficando com as minhas músicas. Então, lá de vez em quando eu abro, poxa, essa eu gostei.

No Instagram, de vez em quando, aparece um violonista tocando uma música muito legal, aí eu puxo ele, e vou procurar direto no Spotify, tem, aí eu fico... Isso já aconteceu umas duas ou três vezes.

Entrevistador:

Então, você, de alguma maneira, você também usa rede social e internet para se informar sobre...

Patrícia:

Tudo. Sobre música, sobre tudo. Internet eu uso para absolutamente tudo. Qualquer dúvida, qualquer problema, qualquer...

Como é que era isso aqui mesmo? E às vezes eu vou fundo. Tem até uma música que eu ouvia quando ainda estava noiva e até hoje não encontrei.

Eu vou lá, escarafunchar, é uma música que tocava no Projeto Mobral. E como a gente andava no carro e estava sempre tocando aquilo, só podia escutar a rádio na época, a gente não tinha nem gravador, eu fico tentando encontrar o raio da música só pela curiosidade. Mas eu vou fundo, não só na letra, mas eu já tenho até uma técnica para procurar no Google.

Então eu sou de procurar bastante. Agora, como eu te falei, não sou muito aberta, sou aberta até certo ponto. A música nova, porque está tudo muito...

comercial, muito repetido, as músicas não são criativas. Quando aparece uma música que tem uma letra, que tem alguma coisa interessante, eu vou nela, entendeu? Então, como eu te falei, o cara que toca violão, tem Arpi Alto, que eu achei maravilhosa a voz dela, e eu conheci ela na internet.

Então, coisas assim. Mas eu procuro, eu vivo no Instagram, fico danada a vida, fico horas no Instagram, perdendo tempo, e o Facebook eu já abandonei, o Twitter diminuiu um bocado, porque me irritava a política do presidente passado, então parei de ver por causa dele, estava me irritando com aquela escalada de loucura. Então, agora também não tenho...

Só o Instagram e o Spotify.

Entrevistador:

Legal. Está super legal, assim, que você está passando por o meu roteiro aqui, várias coisas, eu não preciso nem falar, você já vai me ajudando. Mas eu queria só explorar um pouquinho mais algumas coisas.

Um dos itens que eu elenco aqui é se você sempre sabe o que você vai escutar, e quando você não sabe, como é que você faz, ou que tipo de atitude você toma para selecionar o repertório?

Patrícia:

Eu, às vezes, realmente, eu fico assim, mas sempre dentro das minhas *playlists*. Eu não deixo o Spotify me indicar nada, porque eu sei para onde ele vai. Mesmo a estrangeira, mesmo estrangeira mesmo, é raro o Spotify acertar alguma coisa.

O máximo que há pouco tempo eu senti e disse, nossa, essa daqui está boa. Aí eu falei, eu quero escutar samba. Eu gosto de Maria Rita, eu gosto de Pagodinho, eu gosto de alguns sambas, sempre mais tradicional.

Mas aí ele fez uma *playlist* de samba, que eu falei, eu assinei, entendeu? Então, é raro eu chegar e falar assim, me surpreenda no Spotify, porque eu sei para onde ela vai me levar, para a música que eu não gosto, tipo funk, sertanojo e etc. Então, eu não deixo ela me surpreender muito.

Entrevistador:

Legal.

Patrícia:

Eu fico escutando aqui e ali, de vez em quando, na televisão, há pouco tempo, eu fiquei espantada, eu não conhecia direito Arnaldo Antunes. Eu falei, nossa, que música linda. Aí botei Arnaldo Antunes, comecei a escutar, escutar, escutar.

De vez em quando acontece isso. Vejo alguma coisa na televisão, eu gostava desse cara daqui e não tenho muita coisa dele, tipo João Bosco, eu gosto muito de João Bosco, mas eu só tinha duas ou três músicas, comecei a escutar. Entendeu?

As coisas que eu vou procurar fora das minhas *playlists* são sempre mais pelo cantor, eu vou atrás do estilo do cantor, do que exatamente deixar que o Spotify me surpreenda.

Entrevistador:

Você não confia muito no algoritmo para escolher as músicas para você, né?

Patrícia:

Não, não. Eu sou espantada.

Entrevistador:

Você acha que essas *playlists* que você cria e tal, acho muito interessante você falar que tem tantas *playlists* que você criou, você acha que de alguma maneira elas são manifesto do teu conhecimento, da tua bagagem? Isso. Sim, né?

Patrícia:

Volta e meia, quando eu ponho, quando a pessoa fica um pouco mais aberta para escutar o que eu gosto, porra, essa *playlist* é ótima! São todas músicas de 70, 80, 90. Entendeu?

Então tem muita música que era do meu universo, de 70, 80, 90. Semana passada, enfim, esqueci o nome dele. Enfim, não interessa.

Ele falou, nossa, tá ótimo, me passa a tua *playlist*. Olha, minha *playlist* é só de 70, 80, 90. Música normalmente popular, estrangeira.

Nessa *playlist* não tem música brasileira, só tem... Eu falo, nossa, são 570 músicas! São 570 músicas, alguma coisa assim.

Então eu escuto, você vê que eu escuto tanto que eu já cheguei no final dela várias vezes. Então eu já estou começando a ficar meio de saco cheio, porque mesmo sendo 570 músicas, eu escuto tanto que já esgotei todas elas.

Entrevistador:

Desculpa, pode falar, conclui.

Patrícia:

Não, não, o Spotify, quando vê que eu gosto, ela repete. Ela repete as músicas que eu toco mais, então as que eu toco menos ficam para o fim. Isso não significa que eu não goste.

Significa que eu estou escutando menos, às vezes eu interrompei e tal coisa, então eu me surpreendo, ela vem de novo com aquela perca de músicas. Isso atrapalha um pouco também. Então, enfim.

Entrevistador:

Você acha que existe aquele momento, ou existe, ou existiu, aquele momento em que você não está ouvindo música para acompanhar, mas a música é o foco principal da sua atenção. Você acha que isso acontece contigo? Acontece mais hoje do que antigamente?

Patrícia:

Antigamente eu escutava mais para escutar música. Hoje em dia é mais fundo, apesar de eu acompanhar a música toda, não deixo ela totalmente alheia, tanto que me incomoda quando vem música que eu não estava esperando.

Entrevistador:

Desculpa, tem a minha funcionária aqui pegando umas coisas, mas se você puder repetir É raro eu alheio a música.

Patrícia:

Normalmente eu estou ouvindo, está como pano de fundo, mas eu estou ouvindo a música. Agora, mais a música clássica, que na realidade quando eu escuto, eu escuto mesmo, eu paro para escutar, porque eu gosto muito, me emociono. Tem músicas que são realmente importantes na minha vida.

Então eu vou lá e quero escutar aquela música e paro, não faço mais nada para escutar aquela música. É questão de música mesmo. Agora, acho que não mudou tanto assim, não.

Acho que eu sempre fui muito ligada à música. A música faz a minha vida. Legal.

Entrevistador:

Esse momento de foco especial na música, ele é importante aqui para o meu projeto. Então, eu vou tentar explorar um pouquinho mais sobre isso. Quando

esse momento ocorre, você percebe que isso acontece mais quando você está ouvindo música através das plataformas ou é sempre com as *playlists* que você cria?

Como é que é isso?

Patrícia:

Desculpe, entrou uma ligação e eu não entendi o início.

Entrevistador:

Eu queria saber se nesse momento em que você está com o foco principal na música, você falou que isso tem acontecido menos. Você percebe que isso é em razão de alguma mudança na tecnologia? Ou talvez que antigamente você tinha algum tipo de relação com os discos ou com as fitas?

Ou se você acha que é tudo diferente? O que você poderia dizer sobre isso?

Patrícia:

Antigamente, eu tinha o PC e o PC ficava tocando música o tempo todo. Eu deixava lá no tocador, não lembro qual era, eu acho que eu acabei ficando com o da Apple mesmo. Eu organizei as 30 mil músicas do jeito que eu queria e com todos os detalhes.

Você vê que eu sou tão louca que eu dava até nota para cada música para eu poder saber as músicas que eu gostava mais. Eu organizava e eu tinha lá nos campos de preferência, eu criei, já que não tinha, eu coloquei uma classificação minha dentro do campo de observação. Eu ia sempre na observação e arrumava do jeito que eu queria, dava as notas e asterisco do jeito que eu queria.

Eu escutava música no PC. A migração para o Spotify é que foi meio doída. Por isso que eu te falei.

No início, por exemplo, o Spotify tocava o que ela queria, o que o Spotify queria. Eu fiquei muito danada com isso, porque eu quero escutar o que eu quero e não o que o Spotify recomenda. E o que recomenda não é o que eu gosto.

Eu levei um bom tempo para engolir o Spotify. Agora, que eu acho que ele aceitou a minha *playlist* fosse tocada e do jeito que eu queria, eu aceitei o Spotify, mas foi difícil, tanto que durante muito tempo eu usava o Music, acho que é Music, da Apple, com as minhas músicas que eu baixava. Então eu tinha lá pelo menos umas 5 mil músicas que eu deixava no celular para escutar o que eu queria.

E ficava escutando no celular mesmo. Fora do Spotify. Agora, tem algumas coisas que me incomodam.

Por exemplo, alguns dias eu descobri se a porcária tem lista de... Não é *playlist*, é a lista de músicas. Então eu botava lá, eu quero escutar essa *playlist*.

Eu botei samba, está tocando, sei lá, Beatles, qualquer. Pomba! Não é que eu não gosto de Beatles.

Eu estava querendo escutar samba e eu não entendi por que ele estava tocando essa porcária. Aí eu ficava botando voltas mesmo. Então deixa, eu não estou querendo pensar nisso agora, eu estava querendo focar no trabalho, mas depois que eu lembrei que o Spotify tem a lista para ouvir e ela põe a preferência da lista antes da *playlist* que você está ouvindo.

Aí que eu descobri, onde é que eu zero essa lista de música para tocar, eu descobri como é que é, zerei ela e ela tocou o que eu queria ouvir. Você vê, são todas músicas que eu gosto. Mas naquela hora eu estava querendo escutar o que eu queria e o software não estava, vamos dizer assim, programado para aquilo que eu queria.

Mas como eu sou analista do sistema, também sou de escarafunhar o negócio até encontrar o que eu quero, entendeu? Tanto que da Apple no PC eu não consegui. Aí como eu não consegui organizar dentro do que ele me permitia, eu criei a minha organização e eu vasculhava as 30 mil músicas para botar as informações que eu queria, em massa.

Vai lá e muda tudo isso aqui, eu quero para tudo.

Entrevistador:

Você quer ter o controle da experiência.

Patrícia:

Isso, claro. Eu quero tocar aquilo que eu quero, não o que o player sugere. Então, enfim, eu também sou muito organizada, sou de meio tita mesmo, de organização, então as minhas músicas ficaram todas muito particulares, mesmo as 30 mil ficaram com a minha cara, com o jeito que eu queria, e dos dados mesmo.

Eu trocava, botava em compositor o tipo da música, porque já não tinha tipo de música, só tinha o... enfim, agora já não lembro de mais, mas não tinha o que eu queria que tivesse lá na música para poder organizar dentro do que eu queria. Então eu alterava, eu quase não tenho autor da música, eu tenho...

é Tom Jobim, é Tom Jobim. E eu botava lá o que é o cantor, é o cantor da música, mas é Tom Jobim. Então era o meu tipo de...

é a minha maneira de contornar o software para atender aquilo que eu queria. E no Spotify mais ou menos é isso, através só da *playlist*.

Entrevistador:

Você conseguiu domar o Spotify para o jeito que você... Até onde é possível, né?

Patrícia:

Até onde é possível, porque o Spotify é muito mais dominador que eu. E aí eu... só na *playlist*, né?

Entrevistador:

Patrícia, olha, riquíssima a tua entrevista. Obrigada. Já agradeço aí pelo seu tempo.

E eu vou informando o curso da pesquisa. Ah, legal. Eu mando para você, se você tiver interesse de ouvir.

Patrícia:

Tá ótimo, quero sim. Música me interessa sempre. Tá bom?

Entrevistador:

Obrigado.

Patrícia:

Nada, tá à disposição. Tchau, tchau.

Paula Lubiana

Escolaridade: graduação

Ocupação: coordenadora técnica

Nascimento: 09/08/1976

Idade: 47

Entrevistador:

Oi, Paula, bem, é o seguinte, então, vou começar aqui a fazer as perguntas, tá? Qual a importância que a música tem para a sua vida? Você acha que, de alguma maneira, ela te ajudou a formar a tua identidade como pessoa?

Como é que é isso para você?

Paula:

Bom, a música veio para mim porque minha avó tocava piano desde criança, né? Então, quando eu nasci, a minha avó já tocava piano todos os dias, ela tinha um piano de, acho que era um quarto de cauda, não era um piano muito grande, não era um piano muito novo. O meu avô deu um piano para ela que era de mostruário, de uma loja, mas era o que ele podia comprar.

E meu avô costumava muito ouvir música clássica em casa, todos os finais de semana que ele estava em casa, ele escutava música clássica no vinil, né? Já estão os dois falecidos. E a minha avó, todos os dias, treinava piano, e eu, desde pequeninha, que eu voltei da Noruega com dois anos, então, a partir dos dois anos de idade, eu escutava música clássica todos os dias com eles, né?

Principalmente com ela. Então, dos três anos em diante, quando eu já andava melhor, já estava mais fortinha, assim, eu pedia para ela todos os dias, vó, toca piano! Aí eu empurrava os móveis da casa e dançava.

Então, ela chegou a me ensinar piano, eu sabia tocar pouquinho coisa, porque é uma coisa mais difícil, né? Uma mão pequeninha ainda. Mas a música foi o que me fez ter a profissão mais importante que eu tive na minha vida, que foi, que norteou minha vida inteira, que foi bailarina clássica, e, posteriormente, bailarina contemporânea também.

Então, a música, ela interferiu visceralmente na minha vida, né? Porque, se não fosse isso... Bom, sou formada em jornalismo, mas não é a profissão de amor que eu tenho na vida, assim.

A dança, que era a coisa que... Era o norte da minha vida, né? Então, a partir daí, modificou completamente, porque o balé entrou na minha vida rasgando, assim, digamos.

Então, desde pequeninha, eu ia para o colégio de uniformezinho de balé, por debaixo do uniforme da escola. Então, alterou completamente, assim, a minha vida, entendeu? Sem música, eu não sei o que eu seria, assim.

Talvez em alguma profissão tradicional, mas se eu não tivesse essa oportunidade, talvez eu nem teria entrado para o balé, entendeu? Eu não teria entrado para o teatro municipal, porque eu dancei oito anos lá. Então, eu escutei uma música clássica o tempo inteiro.

E depois, mais tarde, eu conheci um grupo de amigos no colégio que tinham mania de escutar música toda sexta-feira, sábado e domingo, quando a gente se encontrava na casa de um amigo meu chamado Rafael Ortman. Então, a gente ficava lá escutando vários tipos de músicas diferentes, que foi aí que introduziu a música, o rock, né? Que eu não conhecia, não tinha acesso ao rock, né?

Minha mãe escutava música muito de rádio, música mais pop dos anos 70, 80, né? E aí, eu fui escutar rock e conheci mais músicas com esse grupo de amigos, entendeu? Então, mais uma vez, foi muito importante para mim, assim.

Eu realmente sou uma pessoa movida à música, entendeu?

Entrevistador:

Entendi. Você tem o hábito, assim, você costuma comprar algum tipo de produto com tema de música, vamos dizer assim, você tem o hábito de comprar camisas, você tem pôsters em casa sobre música, livro, você lê sobre isso, como é que é isso? Você compra esse tipo de produto?

Conta aí.

Paula:

Tenho, tenho. Geralmente, eu não tenho muitas camisas, já tive algumas, eu dou muito para os meus filhos, até roupinha de bebê eles tinham, os Beatles, Led Zeppelin, etc e tal. Eu já li o livro sobre o Chopin, já li o livro sobre Beethoven, que eu ganhei.

Pôster, eu agora não moro na minha casa, mas eu tenho vários pôsters, o Jimi Hendrix, eu tenho um pôster do Pink Floyd, enfim, né? Eu curto bastante comprar esses produtos, entendeu? Eu gosto mais de comprar qualquer outro tipo de coisa, assim, entendeu?

Entrevistador:

Bacana. Você assina alguma plataforma de *streaming* de música?

Paula:

Não, não assino, eu uso tudo gratuito ainda, entendeu?

Mas eu tenho um problema, que eu não sei o que acontece, que eu não consigo assinar de jeito nenhum o Spotify Premium, eu não consigo. Eu boto, ele manda, faço cadastro, ele fica num *looping*, e eu não consigo. Inclusive, meu filho tem, meu filho é músico, compõe, tem uma banda, tem um canal só dele, né?

Enfim, eu gostaria até de ter, mas não consigo, não sei o que acontece. Acho que é um problema entre a cadeira e o computador, entendeu? Ou o celular, e aí eu não consigo assinar, mas eu ouço música o tempo inteiro.

Antes de ontem mesmo, fazíamos uma sopa aqui em casa, Leão Veloso deliciosa, por sinal, e eu começo qualquer coisa que eu vá fazer, principalmente em casa, que eu não estou trabalhando, eu não trabalho, eu não costumo ouvir muita música, porque eu trabalho com muitas pessoas em volta e incomoda, mas qualquer atividade que eu fazer em casa, eu acordo e é música. A primeira coisa que eu faço é botar música, entendeu?

Entrevistador:

Legal. Então, você costuma ouvir música de que maneira? Você usa o Spotify na versão livre mesmo?

Conhece? Como é que...

Paula:

Eu uso versão livre, eu ainda tenho, ganhei agora, tem uns dois anos, uma vitrola do Careca, do meu marido, e aí a gente vai, de vez em quando, nas feiras e compra alguns vinis, que é uma coisa que eu adoro fazer também, que eu penduro roupa lá em cima no meu quarto, no quarto da minha irmã, que é do lado, então eu já boto ali uma música também, na vitrola, ou é daquelas caixinhas que eu limpo, o Spotify, ou a Alexia, que minha mãe tem também, e aí

eu grito lá com o que eu quero, e lá está liberado, daí eu consigo dar ao artista o que eu quero, entendeu?

Entrevistador:

Entendi. Naquela época, no final dos anos 90, início dos anos 2000, você tinha o hábito de baixar música, ou você ainda tem esse tipo de hábito, ou não?

Paula:

Passando naquela época do Napster, eu baixava música sim, baixava. Tinha as minhas músicas e baixava, baixava sim.

Entrevistador:

E aí você tinha um HD com milhares de músicas? Como é que era isso?

Paula:

Não tinha tantas assim não, entendeu? Porque você ficava meio restrito ao computador, mas eu tinha algumas músicas baixadas sim. Mas eu ouvia mais nessa época música no vinil ou na fita cassete, no físico, não era tão ligado assim.

A internet custou... Ela não chegou tarde para mim, porque a minha mãe trabalhava com isso, mas... É, CD, até hoje, um monte de CD, está tudo guardado em caixa, estou ali no processo de mudança, mas eu não consigo jogar fora os CDs.

As fitas cassete eu até tenho como relíquia, porque eu não tenho mais nada para escutar, mas eu tenho ainda e curto. Felizmente, joguei fora todos os meus vinis, me arrependi, mas... Acho que muita gente deve ter passado por isso também. Eu gostava.

Entrevistador:

Então, você falou sobre internet, você tem o hábito de interagir com conteúdos relacionados à música, ou você acostuma a acessar algum tipo de site que você usa para ler, para se informar, ou não? Como é que funciona isso?

Segue pessoas que você conhece?

Paula:

Não, isso não.

Entrevistador:

Não, né?

Paula:

Sigo pessoas, se você está querendo dizer, por exemplo, o Instagram, aí eu sigo o Ney Matogrosso, que eu gosto, aí eu sigo o meu filho... E artistas, né? Alguns artistas, Caetano Veloso, grandes artistas, eu acesso e o meu filho, e divulgo também.

A coisa mais chata que eu faço na vida é ficar perturbando os vídeos das pessoas, mandando o link do Spotify para ver se alguém assina o prêmio dele para divulgar ele, entendeu? Mas, fora isso, os grandes artistas...

Entrevistador:

Paula, acho que você caiu. Eita, caralho.

Paula:

Eita, porra. Como é que eu faço agora?

Entrevistador:

Tá, voltou, voltou. Voltou? Voltou o ar.

Então, você estava dizendo sobre... Sobre... Agora já não me lembro.

Paula:

Sobre... Que eu sigo mais... Sim, os perfis, tá.

Mais artista grande e também...

Entrevistador:

Isso, isso.

Paula:

E divulgo o meu filho bastante.

Entrevistador:

Você tem uma... Quando você vai ouvir música, você tem algum modo que você prefira? Agora eu vou ouvir uma música, eu prefiro escutar em determinado lugar com tais recursos.

Como é que é essa coisa para você? Eu não tenho nada disso. Ou tanto faz?

Paula:

Tanto faz. Depende de onde eu estou para escutar música. Por exemplo, se eu estou num sábado de folga, aí eu vou aqui para fora, aí eu boto a caixinha, aí eu sintonizo.

Geralmente eu pego emprestado alguém que tem Spotify Premium, se tiver que a minha mãe tem ou não. Então eu boto o meu mesmo, entendeu? Aí, se eu estiver arrumando casa lá em cima, no meu quarto, aí eu boto na Vitrola.

Ou no celular mesmo. Mas eu estou sempre com uma música rodando atrás de mim, entendeu? Mas você tem...

Entrevistador:

Desculpa, fala aí.

Paula:

Não, depende do local que eu estou, entendeu? Na cozinha, por exemplo, eu boto o telefone do filtro d'água e fico cozinhando. Se eu estou na churrasqueira, tem uma caixinha de som já lá fora, já ligada na tomada.

É só pegar e conectar, entendeu? Se eu estiver lá no meu quarto, eu uso a Vitrola, porque a Vitrola fica lá em cima, então eu vou nos poucos CDs Vinícius que eu comprei agora e fico escutando, entendeu? Aí depende do local, entendeu?

Entrevistador:

Então você, quando vai ouvir, você sempre sabe o que vai ouvir? Como é que é isso? Você já vem com uma ideia na cabeça ou você vai ter que interagir ali com a interface desses aplicativos para decidir?

Paula:

Não, geralmente já sei o que eu quero ouvir, porque... Sabe quando é uma coisa meio casada, assim, sabe? Tipo, sábado, fazer churrasco, pra mim é pagode.

Pagode bom, né? Não é pagode ruim. Aí é Zeca Pagodinho, aí eu vou para o Martinho da Vila, entendeu?

Acho que as coisas meio que casam assim, entendeu? Quando eu vou ouvir no celular, eu tenho uma *playlist* da minha irmã que é sensacional, que ela fez, sei lá, mais de, sei lá, 10 mil músicas, só música brasileira, de todos os tipos, variadas. Ela criou essa *playlist*, compartilhou comigo, chama-se Brasel, e é essa que eu escuto no telefone, entendeu?

E essa que eu jogo na caixinha, geralmente, porque ela está pronta e ela vai embora. E lá em cima, são os minis que eu tenho, que são poucos, tem Gal Costa, tem Caetano Veloso, tem, Caetano não, tem Gal Costa, tem Barão, aí é mais limitado, entendeu? Mas assim, geralmente, são músicas nesse nível.

Aí acontece, eventualmente, a gente vira algumas pessoas aqui pra casa e a gente fazer funk melody, anos 80, entendeu? A gente bota, aí dependendo da ocasião mesmo, entendeu? A gente já fez um baile charme aqui, tomando cervejinha e só botando certas músicas antigas.

Uma amiga nossa escolhendo as músicas e a gente dançando. Mais uma vez, a música me leva pra dança, entendeu? Eu não consigo não associar, entendeu?

Mais ou menos assim.

Entrevistador:

Você, assim, quando você escolhe, mas talvez chegue aquele momento em que você selecionou, por exemplo, Zeca Pagodinho e aí depois vai vir alguma música que você não escolheu. Sim. Eu escuto.

Eu escuto. Só se for chave. Como é que é isso?

De certa maneira, você confia na inteligência artificial pra fazer essa condução da experiência? Como é que é? Ou não?

Se entrou outra coisa, você já tira? Como é que funciona?

Paula:

Não, eu deixo. O Zeca Pagodinho, a *playlist* dela é bem grande, é interna, da inteligência artificial. Então, ela vai embora bem.

Muito lá na frente, quatro horas depois, começam a entrar umas coisas estranhas. Se for chato, entendeu? Se for bacana, vai.

Agora, já na mesma linha. Agora, se entrar uma coisa muito diferente, eu acabo ou mudando de artista ou, enfim, trocando. Quando eu escuto o Gustavo, por ser Spotify normal, sem ser o Prêmio, aí eu consigo escutar uma música dele, duas, aí vem umas coisas muito estranhas.

Aí eu pego e tiro, assim, entendeu? Se a música for interessante, eu deixo, entendeu? Mas, às vezes, umas coisas chatas, que eu não estou afim de escutar.

Eu não gosto muito de música, muito de rap, que parece que está reclamando o meu ouvido, me cansa um pouco, entendeu? Então, dependendo do estilo musical que entrar, é o que vai me determinar se eu vou tirar ou não, entendeu? É mais por aí.

Ou artista que eu não suporte, Ana Carolina. Se entrar Ana Carolina, eu vou mudar na mesma hora. Na hora, exatamente.

Tem um ou outro artista que não tem parada, sabe? Eu tiro na hora.

Entrevistador:

Bacana. Então, olha só. Você acha que a música te ajuda a desempenhar alguma tarefa?

Você já falou algumas coisas, né? Você percebe que a música está encaixada na tua rotina? Você está sempre utilizando a música para te ajudar a fazer determinadas tarefas?

Como é que é isso?

Paula:

Exatamente isso. Estou no carro, tem que ter música, porque a vida fica mais fácil, sabe? Fica com outra roupagem, entendeu?

Se estiver num trânsito chato, eu prefiro ouvir rádio, JBFM, rádios mais tranquilas. Eu não gosto muito daqueles, umas rádios mais novas, enfim. Mas eu escuto música.

O careca tem uma mania de botar música clássica, porque ele fica nervoso, não é o meu caso. Mas eu... A música, para atividades diárias, é bem importante, porque ela tira...

Vamos supor, você vai fazendo faxina. Se eu estiver ouvindo música fazendo faxina, a faxina fica muito mais agradável do que se eu estiver no silêncio, sacou? Vai achar um porra aquela atividade, entendeu?

Se eu estiver lá fora, me divertindo no sábado, sem música, eu não tenho tanta graça, entendeu? Então a música, ela transforma, ela melhora, ela eleva, assim, em todos os sentidos, né? Atividade chata, atividade boa, ela eleva, ela leva para um outro lugar, entendeu?

E fora que eu acho também que ela te leva... Ela tem que te dar muitas lembranças, né? Dependendo da música que você estiver escutando.

Às vezes você nem está, assim, não está esperando escutar aquela música, aí vem a música, pô, caramba, essa música é maravilhosa, deixa eu ver quem é para eu guardar, né? E te remete a outras idades, outras épocas, a pessoas, a situações. Tem músicas que são boas, nesse sentido, tem músicas que são ruins, que aí eu pulo, mas enfim.

Mas é muito difícil a música que eu goste, assim, não é que eu gosto, como é que eu vou te dizer? Por exemplo, artista chato, eu troco, mas não é isso, mas é muito difícil a música que me dê uma dor, assim, tamanha, sabe? Já existiu, mas eu já consegui desassociar, porque eu acho que a pessoa não tem nada a ver com isso, entendeu?

Há um episódio errado, ruim na minha vida, entendeu? Porque aquela música é... porra, entendeu? Eu não posso não ouvir aquela música, é uma música que eu gosto, porque eu associei alguma coisa chata na minha vida que aconteceu, entendeu?

Isso eu já consegui, sem terapia, resolver, mais ou menos isso. Mas a música é isso, a música te leva para muitos lugares, assim, a música transforma mesmo, entendeu? O ambiente, tudo, entendeu?

Fora que ela interage, ela agrega as pessoas, ela dá uma animada boa, dependendo da música, né? Tem gente que gosta de música ruim, aí acho que, não sei, funk, sei lá, já te leva para os lugares onde a música está meio ruim, entendeu? Anitta, sei lá, um negócio assim.

Entrevistador:

Pelo que eu ouvi do teu relato aí, está me parecendo que você não tem o hábito de criar *playlists*, ou você faz isso, costuma entrar lá no Spotify ou num outro

aplicativo, no YouTube, criar uma *playlist* para você escutar ou você escuta de outras pessoas, como é que é isso?

Paula:

É, eu tentei criar, mas você gasta um tempo, né, grande, e acabo não lembrando de todas. Eu escuto bastante a da minha irmã, eu criei uma *playlist* que eu fiz para uma amiga minha, mas foi durante o aniversário dela, a gente ia na casa dela, se tivesse 10 músicas, era muito, foi o que a gente escutou ali. Acho que foi a única vez que eu criei uma *playlist*, na verdade, mas eu não sou muito de criar mesmo não, entendeu?

Eu sou meio de deixar, entendeu, ousar dos outros. Alguns amigos na pandemia mandaram *playlist* para mim e aí, pô, eu acho bacana, entendeu? É escutar o que o outro cara curte escutar, mesmo que eu não tenha tanta intimidade, no caso, foi o meu tatuador, assim, ele mandou para mim uma *playlist*, eu falei, pô, abriu o meu coração escutar outras coisas, né, porque tem várias, eu sou uma pessoa meio que eu me limito um pouco, sabe?

A não haver coisas novas, é porque, como eu não, não é que eu sou velha, é porque eu não fico muito fuçando as coisas, sabe? Eu não fico muito, aí com isso eu fico meio reduzida a uma quantidade pequena, assim, de artistas e músicas, entendeu? Eu fico meio voltando sempre no mesmo assunto, entendeu?

Em vez de ficar procurando assuntos novos, entendeu? Então, por isso é bom quando eu tenho acesso a *playlist* de outras pessoas, que aí, certamente, eu vou escutar, sei lá, o rock alemão, sei lá, entendeu? Abre, abre o leque.

Quando eu fiz esloveno há um tempo atrás, na pandemia também, um dos caras lá de Guarapuava, ele entrou no curso de esloveno, eu já entrei pro da minha família, mas ele entrou por causa de uma banda de rock esloveno, olha que loucura. Eu nem sabia que tinha rock na Eslovênia, mas tem. E aí eu pedi pra ele o nome, né?

Agora eu não lembro o nome, mas assim, aí fiquei escutando rock esloveno, achei divertido. Então tem essas coisas, né, que você perde um pouco quando você fica restrito, que é o meu caso, entendeu? Eu acho ruim, mas eu não tenho muita paciência pra sair correndo atrás pra abrir os horizontes, não.

Então se vier se pintar, eu tô dentro, entendeu? Pela menos pra escutar pela primeira vez, pra dizer se sim, gosto ou não, não gosto, entendeu?

Entrevistador:

Tá. Então agora a gente vai falar um pouco sobre aquele momento, que se é que existe, né, pra você, eu acho que sim, mas talvez não, em que você tá conectada especificamente com a música, e assim, você não tá ouvindo música pra fazer alguma coisa, você tá ouvindo música para ouvir música, que é o momento de conexão, assim, quase que exclusiva daquela hora. Esse momento existe ou já existiu pra você?

Como é que é isso?

Paula:

É, já existiu mais, talvez, do que agora, é uma questão de tempo mesmo, né? Mas, geralmente, por exemplo, fiz agora tem duas noites atrás, tava com careca batendo papo no quarto, ele não é um cara que conhece muito música clássica, e aí, vem essa história ou de explicar um pouco sobre alguns compositores, enfim, e mostrar a diferença, meio explicativo, como se eu soubesse tudo, eu não sei, mas assim, pra falar, olha que legal isso aqui, essa música aqui, mesmo sendo uma música sem ser clássica, ela tem uma estrutura meio de uma sinfonia, aí eu começo a viajar um pouco nessa parada e falar pra ele, aí é a

hora que eu paro pra escutar. Ou, quando eu tô, que também não acontece muito mais, quando eu viajava com a Débora também, no ônibus, eu ficava ali, eu escolhia a música a dedo pra botar no *headphone* pra ele escutar alto, pra poder escutar o som, entendeu, da parada ali, e prestar atenção em cada blim, blim, blim, cada coisinha, como é que foi até, que eu acho que só consigo fazer com o *headphone*, quando você consegue entender até a masterização, se vem de um lado, vem do outro, se tá no meio da cabeça, se tá pra trás, se a voz tá aqui.

Entrevistador:

Tem esse hábito, mesmo que menos, que você ainda tem esses momentos.

Paula:

É. Ainda tem esses momentos. São raros, mas eu não tenho.

Geralmente, quando eu não tenho nada pra fazer, que eu tô de bobeira mesmo, entendeu, que é difícil, mas existe, entendeu?

Entrevistador:

Mas então, você conseguir recuperar a última vez que isso aconteceu, como é que foi esse contexto, porque, de onde que veio a lembrança, porque que você escutou aquilo, naquele momento?

Paula:

É, isso foi agora, mas foi vivido, uma questão explicativa mesmo, entendeu? Agora, eu tô querendo lembrar qual foi a música que não era clássica, que eu levei pro Beethoven, entendeu? Pra falar um pouco das sinfonias.

Tentando lembrar aqui que foi por causa dela.

Entrevistador:

Foi com o seu marido pra...

Paula:

Foi, foi. Isso, eu tava sentado na cama de noite, antes de dormir, a gente começou a conversar sobre música, aí, acho que eu escutei uma música, aí eu comecei a viajar e abri o computador e comecei a mostrar pra ele algumas sinfonias, mas aí a gente, aí comecei, enfim, aí ele perguntou uma música clássica que ele sabe que eu gosto, que ele falou, pô, tem uma que você ouve direto, ou escuta direto, não sei o que, aí comecei a explicar o que era uma sinfonia, o que era um soneto, o que era não sei o que, não sei o que, soneto não, sonata, enfim, e aí comecei a viajar nessa parada aí, mas ela não veio pela clássica não, então eu vou lembrar depois eu te mando a música que me levou pra música clássica pra explicar um pouco da estrutura assim, entendeu?

Da música clássica, entendeu? Acho que era uma música de guitarra.

Entrevistador:

Pra você fazer, você acabou usando um fone de ouvido que você falou?

Paula:

Não, dessa vez não, dessa vez como eu tava explicando pra ele, eu abri o YouTube mesmo e fiquei caçando lá, a gente ficou vendo no laptop, quando eu quero escutar essa música assim, quietinha, aí eu pego o *headphone* no telefone, entendeu? Aí eu quero escutar cada detalhe da música assim, entendeu? Por exemplo, quando meu filho tava lançando o disco que ele já lançou, eu tinha esse cuidado de escutar música a música que ele tinha

masterizado, ele tinha gravado em estúdio mesmo, então eu ficava nessa viagem de escutar detalhe por detalhe, né?

Porque eu não participei das gravações por um dia só, mas eu queria escutar cada... Eu sabia também que ele usava, tinha chamado vários músicos pra fazer detalhes de violino, de piano, de não sei o que, então eu queria escutar aonde que ele tinha botado, meio que como um... Não é um adivinho, mas assim, eu não peguei os créditos primeiro pra depois escutar, eu resolvi escutar pra depois ver, entendeu?

Porque eu tinha acesso aos créditos, entendeu? Entendi. Então, fiquei nessa brincadeira de treinar o ouvido mesmo, entendeu?

Entrevistador:

Legal. Deixa eu te perguntar aqui uma outra coisa. Você diria que esse momento de conexão especial que a gente tá falando aqui, ele já ocorreu mais antes?

O que você acha que ocorria mais antes, se você percebe dessa maneira?

Paula:

O que ocorria mais antes é ter mais tempo, né? E poder encontrar com as pessoas que tinham essa conexão com a música. Eu agora trabalho com pessoas que não são muito, não são artistas.

Apesar de trabalhar com arte, isso é a quarta arte, digamos assim, né? É a parte técnica, são engenheiros do teatro, entendeu? Então, são pessoas que são ligadas, são músicos ou bailarinas, como eu, ou pintores, enfim.

Não são pessoas que, apesar de eu achar que têm um empenho artístico, é como eu falei, é uma engenharia da parte, é uma parte técnica mesmo, né? É a engenharia da arte, como fazer aquilo funcionar direito, entendeu? Mas não tem a ver com, não são artistas propriamente, entendeu?

Porque acho que, pra mim, qualquer pessoa que é artista, ela tem um vazio dentro dela, tem uma coisa, falta alguma coisa pra poder encaixar a arte, entendeu? Não que seja ruim, é só um... É o que eu, assim, na minha história de vida, né?

Com 46 anos, eu percebi, assim, entendeu? Então, não tem muita gente pra trocar. Aí, como não tem muita gente pra trocar, eu não fico muito nesse lugar, assim, entendeu?

De parar, sentar e escutar música, como eu tinha antigamente com esse grupo que eu tinha, entendeu?

Entrevistador:

Mas quando isso rolava, você se visualiza, por exemplo, se arrepiando com a música, cantando, dançando, você consegue se projetar nesse momento? E que tipo de coisa você fazia nesse momento?

Paula:

Esse momento que eu fazia há anos atrás?

Entrevistador:

É, quando você tinha, você está dizendo que agora não acontece tanto, então...

Paula:

É, porque a galera tinha uma vontade de pesquisa, né, também. Então, ficava escutando o disco, era vinil, né? Então, escutando todos os discos, como uma obra, né?

Porque antigamente, hoje em dia, acho que não tanto, mas antigamente, na década de 70, alguns, vários artistas tinham essa mania de... Não era mania, era uma característica, na verdade, de fazer uma obra, uma ópera álbum, assim, entendeu? Então, você tinha que escutar a música 1, a música 2, isso faz diferença, porque isso era pensado, entendeu?

Hoje em dia, eu já não sei se isso é pensado também, eu não tive ainda, como eu falei, não tem mais ninguém para tocar para assim, vamos escutar o Caetano Veloso, o álbum tal, a não ser, por exemplo, o meu coco recente dele, eu fiquei escutando, diz... Toda vez que eu posso escutar o que eu quero, aí eu escuto música, música, sem pular, entendeu? E isso é...

E aí, assim, para você pensar no pensamento do artista, então, esses meus amigos, a gente ficava trocando sobre isso, né? Falava, olha, essa música aqui vem assim, depois vem assado, né? E também, acho que tinha uma onda de decorar, claro, música que vem depois, né?

Porque acho que entrava tipo numa linha, assim, sabe? Contínua, né? Do início até o fim do primeiro...

Do primeiro lado, do A, e depois, depois do início ao fim, como se fosse, mesmo que não tivesse intervalo, uma música única, assim, entendeu? Uma obra única, né? Sim.

É. E aí, eu tinha essas pessoas que tinham esse interesse em, enfim, em trocar, enfim, de investigar, e também de tirar letra para cantar, ou, sacou? Tinha essa *vibe*, assim, meio que de estudo mesmo musical, sabe?

E agora não tem mais essa galera para trocar, cada um para um lado, cada um para trabalhar um negócio, a gente não consegue se encontrar, mas é isso, entendeu? Mas, é mais ou menos por aí, porque eu não tenho mais feito isso.

Entrevistador:

Mas você se arrepiava com música? Você cantava junto? Nesses momentos ou não acontecia nada disso?

Paula:

É, não, lá nos momentos a gente ficava, ficava todo mundo meio parado, assim, o foco era a música, vamos escutar a música, entendeu? Não era... Claro que ficava arrepiado, quanto mais você escutava, mais você sabia, né?

Claro que tinha uma emoção ali, mas era, era todos ouvidos, assim, todo mundo junto escutando música, assim, escutando a música, entendeu? E comentando, claro, mas era mais por aí, assim, era... E aí, hoje em dia, claro que eu escuto os artistas, eu lembro, entendeu?

Eu lembro das noites ali batendo papo e escutando música. Não, olha essa parte aqui, vamos voltar aqui, entendeu? Agora vamos botar...

Ainda tinha, que tinha, assim, meu amigo, tinha a discografia completa, então a gente, a gente escutava, vamos falar, ela é de um, ela é de dois, ela é de três, ela é de quatro, então você ia escutando, você ia escutando toda a discografia do cara, da banda, e isso era interessantíssimo, como mudava também, entendeu? O início era assim, depois foi criando, entrou no sintetizador, é bom, é ruim, né? Então você via a evolução também histórica, né, do artista, entendeu?

Então tudo isso a gente comentava ali, entendeu? Aí, pô, esse disco que eu não gosto, acho um saco, porque tem... Entrou no sintetizador, para mim já achei que foi uma merda, entendeu?

Então... E cada um tinha opinião, tinha essa coisa que era interessante, era um estudo mesmo, entendeu? Musical, assim, não era gratuito só de ficar escutando, entendeu?

Entrevistador:

Entendi.

Paula:

Era uma coisa mais, mais estudo mesmo.

Entrevistador:

Paula, então, ó, concluímos, tá?

Paula:

Tá jóia.

Paulo Haidar

Escolaridade: doutorado

Ocupação: pesquisador

Nascimento: 04/08/1973

Idade: 50

Entrevistador:

É bom que o teu vídeo está meio pós-moderno, assim. É esquisito isso, não é? Camarada, vamos lá.

Já começou. Então, vamos lá. Paulo, eu queria te pedir para você falar com as suas palavras.

O que a música representa para você?

Paulo:

Pergunta meio existencial. As primeiras coisas que eu lembro de música mesmo, que eu lembro de curtir música, era garoto com meu irmão. Porque eu tinha medo de dormir, escuro, aquelas coisas.

Criança, garota. E ele botava I Want You, do Bob Dylan. Na primeira coisa.

Depois, o Live Rust, do Neil Young inteiro. Tocava os dois lados. Eu dormia, mas tranquilo.

E isso começando... Era a época do Rock in Rio. Eu tinha 81, 82.

Eu tinha 9. Então ficou aquela... O áudio tá bom.

Apesar da imagem estar meio...

Entrevistador:

É bem, acho que é alguma coisa que encosta um fio aí. Mas tá bom. Vamos nessa.

Tá tranquilo.

Paulo:

E eu lembro muito de começar o ACDC, né, cara? Depois veio aquela onda No Rock, com o Smiths. Justamente o Johnny Marr, aquela guitarra, porra, dedilhada por assim dizer... E não tem *bend*. Você vê que o No Rock dele era um negócio assim. Ele não tem nem *bend*.

Uma organização ali. E essa música, pra mim, marcou muito essa época. Além disso, também por New Order, vamos dizer assim.

Tudo que era daquele momento. E a música ocupou um espaço muito grande. Ocupou mais um espaço muito grande na minha vida.

Mas... Eita, fio. Hoje em dia, até um pouco menos, por mais da questão do trabalho. Eu decidi não trabalhar com música. Entendeu? Toco guitarra. Tava em banda. Mas foi por cargas d'água do destino. Não fui trabalhar com isso. Fui trabalhar com outra coisa. Então a música perdeu um pouco de espaço. Mas ainda é muito grande.

Eu cantarolo o dia inteiro. O dia inteiro você tem a música que você lembra... Você lembra do filme, livro... Nick Hornsby? Que ele fala isso. A música vai ocupar um espaço grande na sua vida. Você tem uma lista de coisas. Uma época da tua vida que você tem uma música determinada. Um momento... Você acorda... Você acordou pensando numa música... De repente ela tá na tua cabeça.

Entrevistador:

Pode crer.

Paulo:

Bem... Eu acho que é isso. A música ocupa um espaço na sua vida. Ela tem uma presença. Não ocupa um espaço na questão mais, vamos dizer, física. Mas ela tem uma presença na sua vida que é muito importante pra você. Você relaciona a música com as coisas que acontecem. A tristeza, a felicidade, a euforia...

Tem algumas músicas que estão relacionadas. E não necessariamente um ritmo. Mas, às vezes, uma música em si.

Entrevistador:

Entendi. Então, pelo que você tá dizendo... A gente pode dizer que a música marca a sua identidade pessoal, de alguma maneira.

Paulo:

Um pouco. Vamos dizer assim... Eu tenho uma camisa do Bad Brains agora. Eu tenho... Sempre que as minhas camisas do Sonic Youth, do Goo, estragam, ficou rotas, eu compro uma nova. É um lugar que te ajuda a preencher um lugar no mundo, né? É uma identidade, realmente. Quando você vê uma galera assim que o cara tem uma camiseta, tu fala "caraca, eu tenho essa também, cara".

Pô, que legal. E hoje em dia tem aquela coisa meio escrota... Que você tá andando com a camisa quieto, na sua. Vem um babaca pra você e fala assim... "Pô, me diz três músicas dessa banda aí". "Eu digo pra você três shows que eu fui. Você quer?" Eu acho meio tolice, né? Uma coisa de uma geração nova querendo instigar o outro.

Entrevistador:

Tá bem. Eu nunca passei por isso, não.

Paulo:

Curioso. Já, já. Mas é por tolice mesmo.

Por besteira do outro. Eu não... É uma quebra.

Entrevistador:

Você comentou aí sobre uma das primeiras lembranças de audição musical. Você consegue se lembrar que idade você tinha, mais ou menos?

Paulo:

Cara... Sete. Mais ou menos isso. Sete, oito. Mais ou menos isso.

Porque o Life Rust é de 77. Eu não lembro agora, pô. Também não sei de cabeça o Rust inteiro. Do Neil Young, sabe?

Entrevistador:

Mas tá com 50, Paulo, é isso?

Paulo:

Eu tô com 50. Fiz 50 esse ano. É. É bom.

Entrevistador:

Se fosse o Rock in Rio, você tinha 10, né? Você mencionou aí.

Paulo:

É. Rock in Rio foi 83 ou 82?

Entrevistador:

Foi 85, né?

Paulo:

85, é. Então eu tinha 13. 12. Eu sou de humanas, né?

Matemática não é uma boa pra mim.

Entrevistador:

Cara, então você falou aí de consumo de produtos com temas musicais, camisetas. Você tem outras coisas na sua casa? Postes, livros, objetos?

Paulo:

Tenho. Tenho, peraí. Tenho.

História social do rock. Tenho. Muita coisa.

Ligada a uma cultura, né? Contracultura, por exemplo, também. Apesar de não ser da minha época.

Mas o Estranho no Ninho, quem quis, que foi da galera dos Mary Pranks, o pessoal que tomava ácido ouvindo o Grateful Dead. Então você tem não apenas a música, mas aquela história que eu te falei. Os momentos são organizados ali junto também.

Tenho. Tenho. Cara, deixa eu ver aqui.

Porra, peraí. A guitarra, né?

Entrevistador:

Ah, sim.

Paulo:

Ah, sim. Porra. Caralho, caralho.

Tudo. Eu boto aqui porque bate um sol. Desculpa.

Bate um sol aqui, então tem que proteger um pouco. Não quero lugar errado. Agora já foi.

Tá ali mesmo. Muita coisa. Camiseta.

Entrevistador:

Livro. Sabe uma coisa que é curiosa, Paulo? Que eu tô...

Você é a 38ª pessoa que eu tô entrevistando. Eu entrevistei já gente bem mais jovem. Desde os 18 até os 70 e poucos e tal.

Quando eu faço essa pergunta, se você consome produtos com temas musicais, a galera mais nova responde, sim, eu tenho disco aqui. E é uma coisa que a gente não pensa, né? Porque o disco é a música, né?

Em algum momento foi...

Paulo:

Vamos dizer assim, o meio é a mensagem. Mas é estranho isso, né? Porque eles não têm disco.

É uma geração que... Um dia eu tava vendo uma entrevista do João Gordo falando assim, pô, cara, o que eu faço com minha coleção de CD? Hoje em dia é tudo com o iPod, né?

Ou Spotify. Tudo digital.

Entrevistador:

É. Sim. Então vamos falar disso.

Você consegue correlacionar aí a sua história de vida com os suportes e as tecnologias de reprodução? Consegue me contar essa historinha? Cara, é o seguinte.

Paulo:

Ninguém na minha casa nunca gostou muito de música. Era só eu. Quer dizer, meu irmão gostava.

Mas ele não tinha essa fascínio que eu tenho. Que eu tive, não entendo. E, bem, o que é que acontece?

A vitrola lá em casa quebrou. Ninguém nunca consertou. Eu tentei consertar, não conseguia.

Ninguém colocou. Então a minha vida foi toda feita em fita cassete. Cara, eu lembro que quando chegou o CD pra mim, foi uma revolução.

A minha tia me deu, eu lembro, um CD Player. Eu sou da geração Walkman. Botava aquela bodega aqui na mochila, no cinto e ia embora. Minha vida toda era aquilo, bicicleta e... por isso que eu tinha falado muitas músicas se relacionam com lugares e com coisas e com sensações... A mídia pra mim foi isso mesmo, cara. Eu não passei pelo vinil. Quando quebrou, fodeu.

Eu lembro quando eu fui ver um show Agent Orange na Barra da Tijuca, na praia, então aquele vento, aquela porra... Os caras, "porra o som tá uma merda", não "pra mim tá ótimo". Cara, porque: som de fita velha, cara. Esse era o som deles pra mim, som de fita velha. Porque era: eu só escutava em fita velha! Depois, a chegada do CD, foi a revolução. Comecei a escutar tudo direitinho. Perceber. E eu lembro de ouvir muitos discos.

Ouvir o Psycho Candy do... Rapaz... Jesus and Mary Chain. E começar a ouvir ele de novo. E perceber coisas diferentes. *Overdubs* que eu não tinha ouvido antes. Isso até hoje acontece. Você bota um Slayer, você vai ouvir alguma coisa distinta ali.

Não, peraí. Tem uma coisa... E dá pra você notar, certamente.

Eu organizo a minha vida assim. Entendeu? A mídia pra mim era muito importante.

O cassete, o CD. E depois eu...

Entrevistador:

Entendi. Desculpa. Quando chegou a época do mp3...

Você deve ter pego... Não sei você, mas eu comecei a consumir CD lá pela década de 90.

Paulo:

É, também.

Entrevistador:

O CD estava por aí desde 83. Para o brasileiro era uma coisa mais tardia.

Paulo:

É. A tecnologia demorava um pouco para chegar.

Entrevistador:

Mas é curioso, né, Paulo? Porque parece uma mídia que teve uma vida um pouco curta para nós, terceiro mundo. Porque, em 99, já havia uma paridade maior com os processos tecnológicos mundiais.

Quando chegou o Napster nos EUA, chegou no Brasil também. Você se lembra dessa fase?

Paulo:

Não, eu não fui de usar Napster.

Entrevistador:

Você não usava Napster?

Paulo:

Você não usava música? Não. Baixava com os amigos.

Pegava de um cara para o outro. Bota aqui para mim. Grava nesse CD, eu levo para casa.

Mas eu não... O cara pensa que a nossa internet era de escada, né? Então era uma dificuldade mesmo.

Eu fui ter o computador pessoal como ferramenta na década de 2000 e pouquinho. Pelo que eu me lembre direito, que eu tenho em casa, vou usar todo santo dia. Aquela minha ferramenta de trabalho. E depois que a internet...

Banda larga. Porque, cara, internet discada era um caos. Era um caos.

Podia baixar de noite, você tinha que ficar tomando conta. Eu nunca fui nerd nesse negócio do computador, não. Para mim...

Entrevistador:

E aí você gravava as mídias no CD e escutava o CD. É isso?

Paulo:

É. Às vezes eu escutava CD.

E botava... Eu tinha também o Winamp. Eu ouvia pelo Winamp.

Entrevistador:

O computador, né?

Paulo:

O computador. Até hoje eu faço isso.

Eu boto no... Eu tenho o Spotify, mas eu boto tudo no YouTube. Boto pelo YouTube, dane-se.

Está tudo bem. O que estiver tocando para mim está jóia.

Entrevistador:

Entendi.

Paulo:

Eu sou muito mais, hoje, muito mais ligado com a coisa do instrumento em si do que com essa coisa de vamos baixar música, não vamos baixar, e tal. Eu tive uma época. Depois...

A música deixou de ocupar esse lugar todo que ela tinha. Foi meio que... Mas eu ainda uso o *headphone* direto, cara.

Geracional também. Eu tenho o zumbido.

Entrevistador:

Sim, também.

Paulo:

Perfeito.

Entrevistador:

Mas, escuta, quando chegou essas ferramentas, essas plataformas, o Spotify ou mesmo o YouTube também é uma espécie de plataforma de *streaming* de música. Como é que foi essa mudança para você? Os seus CDs, você ainda escuta os seus CDs?

Paulo:

Não, não escuto mais. Eu tenho os CDs que eu gosto, que eu tenho ali, acho maneirão. Eu boto tudo para tocar pelo YouTube, no Spotify. Eu tenho o CD. Eu gosto de olhar para ele, acho bacana. CD que eu curti pra caramba.

Hüsker Dü, né? Mas, hoje em dia, eu não uso mais o CD. Realmente, não uso, cara.

Entrevistador:

E você não compra mais disco também? Nem vinil, né? Não tem mais essa relação com a mídia, né?

Paulo:

Não, não tenho mais. A questão que eu te falei, eu compro livro. Esse livro que você alugou agora, do Johnny Marr, Marr's Guitars, que é um disco só sobre a coleção de guitarra dele. "Um disco", perdão, um livro só sobre a coleção de guitarra dele. Ele explicando o quê, como. A famosa 335 Vermelha que ele ganhou do produtor em Nova York. Que ele sentou. A primeira coisa que ele fez foi Heaven Knows I'm Miserable Now. E a segunda foi Girlfriend in a coma.

Ah, desculpa, cara. Voltando um pouquinho no tempo, década de 80, uma influência grande pra gente foi o Realce.

Entrevistador:

Aham, do Gil.

Paulo:

Não, o Realce foi o programa Realce.

Entrevistador:

Ah, não lembro.

Paulo:

Era uma coisa muito caiô, cara. Programa Realce. O Ricardo Bocão.

Então, você, cara, assistir vídeo de surf com Barton Lynch, surfando ao som de Transmission do Joy Division, era um... Engraçado que não tem nada a ver uma coisa com a outra, né? Pra mim, Girlfriend ainda é surf rock, cara.

Uma vez, eu comentando com um amigo meu, Transmission é, pra mim, a música, bota pra ouvir antes de pegar onda. Eu ia pegar onda ouvindo... I Feel Like I Don't Know What I'm Doing, do Second Come.

Por quê? Porque tocava na Fluminense também. Eu tinha a Fluminense, né?

Mas agora, uma vez eu conversando com um amigo meu, que é skatista profissional, eu falei... Skate rock, ele falou assim... Madonna é skate rock?

Aí eu... Pô, Madonna? Como assim?

Se o skatista gosta de Madonna, é, meu irmão. O importante é isso. E eu já tive discussão com o neguinho na rua.

Discussão. Eu falava... "Essa música é surf e tal?"

Aí o cara... "Pô, Smiths, você tá maluco? Você não entendeu nada? Seu idiota!"

Aí eu... "É a vida, né?"

Mas, Rafael, pensa no seguinte... Olha só... Eu...

Primeiro contato com aquele *reverb*, né? Aquele som de fundo do oceano. Foi com East Bay Ray do Dead Kennedys.

Os caras não tinham distorção. Era banda de hardcore sem distorção. Pensa nisso.

Depois veio o Mike Powell do Agent Orange. Tá? Mudou um pouquinho.

Depois veio o Johnny Marr. Ah, ainda é? Depois eu fui descobrir Dick Dale.

Entendeu como é que a minha coisa foi com o tal do surf rock? Eu... Até hoje, pra mim, o Dead Kennedys é o surf rock do apocalipse, né?

Entrevistador:

É... Assim, mas pelo menos o Dead Kennedys era da Califórnia, né? Mas...

Mas não quer muito a ver... O Johnny Marr fez as músicas dele provavelmente num céu cinza. Lá em Londres e tal, né?

Paulo:

Vegetariano. É... Enfim.

Ele e o Morrissey são vegetarianos desde sempre. É mesmo? É...

Entrevistador:

O Morrissey tem umas questões ali que são até meio esquisitas. O Morrissey é foda. Hoje em dia não dá mais, Paulo.

Paulo:

Hoje em dia não dá mais, não. Mas eu sei diferenciar... Eu...

Desculpa, um adendo. Uhum. Eu separo a pessoa física da jurídica.

Entrevistador:

Ah, por favor, né?

Paulo:

Eu continuo escutando os vídeos...

Entrevistador:

A gente parava de ver o Woody Allen, né?

Porra, senão o pessoal vai parar de ver filme do Woody Allen, né?

Paulo:

É... Pois é.

Eu separo. Eu não tenho problema com isso. É...

A galera mais nova não faz essa distinção, não. É a cultura do cancelamento. Você tem que ser cancelado.

Tudo que você fez não presta mais.

Entrevistador:

É...

Caramba. Cara, deixa eu te perguntar. Você é assinante do Spotify?

Paulo:

Não, eu sou *free trial*.

Entrevistador:

Free trial, legal. Interessante. Você não se incomoda e tal com as limitações de reprodução?

Paulo:

Um pouco.

Entrevistador:

Aí você vai para o YouTube, de repente.

Paulo:

Eu vou. Mas o YouTube não tem aquela coisa que o Spotify faz. Você faz aquela *plylistinha* e ela vai embora.

Entrevistador:

Uhum. Mas agora tem anúncio também, né?

Paulo:

É, anúncio. É chato, mas o anúncio... Fica ali um pouquinho sem ouvir e depois bota de novo.

Entrevistador:

Tá tudo bem. Entendi. Beleza.

Na internet, você costuma... Como é a tua persona? Se é que você tem uma persona mais engajada em rede social, se você tem esse tipo de atividade, você costuma interagir em postagens sobre música?

Você segue perfis sobre isso?

Paulo:

Sim. Músicos? Eu sou fã. O Bronny Marx, eu sou fã. O Vander Wilde, que é um gaúcho, do DeFalla. Juliana Linhares, agora, uma cantora mais nova. Algumas coisas.

Mas eu não sou engajado com grandes questões. Já fui mais. Depois da administração federal de 2022, eu meio que cortei com isso.

Desfiz amizades. Fiquei quatro anos desempregado por causa disso. Por causa dessa administração federal.

Daquela. Eu me ferrei, cara. Me ferrei mesmo.

Hoje em dia, eu evito mais. Eu me dou ao luxo de não ter opinião. Muitas vezes.

Quando eu tenho uma opinião, eu dou minha opinião pra você. Você me perguntou. Eu acho isso aquilo ou aquilo outro.

Mas agora, para dar a minha opinião para o mundo, eu não gosto. Eu já me sinto mais reservado.

Entrevistador:

Pode crer. Cara, vamos falar um pouquinho sobre os seus hábitos de audição. Você consegue me descrever, de alguma maneira, como é que eles se encaixam no seu dia a dia?

Paulo:

Eu tenho ouvido muito agora é rádio. Rádio pela internet. Pelo YouTube, né?

Entrevistador:

É?

Paulo:

É, muito. Direto. A minha manhã começa com rádio notícia.

Aquelas coisas que estão ficando velhas. Rádio notícia. Band News e tal.

Mas tem umas rádios aqui. Uma rádio de surf e rock bem interessante. Canadense.

Tem muito surf e rock no Canadá, cara.

Entrevistador:

Que loucura.

Paulo:

É. O nome da banda é The Man in the Gray Suit. Depois eu vou pegar essas referências contigo. Eu te passo depois os links, cara.

Tem muita coisa aqui que eu tenho. The Man in the Gray Suit. Band Factory.

Band Camp. Alguma coisa que eu vejo do Band Camp. Ainda tenho algum relacionamento com a Matador Records.

Que fez muita gente no cenário indie, né? Mas eu vou ouvindo aleatoriamente também. Eu ouço muito quando dizem...

Terminou o meu dia, vou tomar uma cerveja ali. É de fone, meu irmão. Vambora.

É também uma coisa meio do... Tem um perfil que eu sigo, Preá. Que é interessante no Instagram.

Entrevistador:

É.

Paulo:

Preá, sabe quem é?

Entrevistador:

É o cara que tira umas fotos. Só fotos de botequim. Fotos do caralho.

Paulo:

É uma coisa que é o seguinte. O famoso “vão solo”. Você entra no botequim, você dá bom dia pro cara. Porque é protocolar.

Entrevistador:

Cara, então, você acha que a música te ajuda a desempenhar determinado estereótipo? Você usa isso? Ah, vou estudar, aí vou ouvir música, vou lavar roupa...

Paulo:

Já foi assim. Hoje em dia não mais. Mas de vez em quando eu boto a musicazinha, assim... Pô, vou passear com o cachorro. Boto a musicazinha pra mim, porque eu não... Tomar uma cervejinha quietinho, aquela história. Quietos, calados, mesmo. Só faz assim. Os caras bebem tua cerveja. Pra não ficar também... Botequim tem umas coisas que são chatas, né? Que é uma hora tu tem que ouvir umas besteira que você não quer ouvir. Então é *headphone* e ‘vambora’. A música me ajuda nisso, não converso com ninguém.

Entrevistador:

Entendi. Ótimo.

Cara, o que eu ia te perguntar aqui? Você falou que você escuta música... Pelo rádio. Você não ouve mais disco. Você, pelo visto, também não tem um acervo de mp3 e tal, né?

Paulo:

Ainda tenho. Mas não uso mais.

Entrevistador:

Não usa mais. Fica no seu HD e tal?

Paulo:

Aqui. Tá guardado aqui comigo, mas eu quase não uso. Às vezes, quando eu olho pra ver alguma coisa, eu boto na nova plataforma. Eu não uso, velho.

Entrevistador:

Entendi. Cara, e com relação a formatos? Você costuma ouvir álbum, *playlist*? Como é que é isso?

Paulo:

Playlist. Hoje em dia é *playlist*. Tem um amigão meu aqui de cima. Ele sobe aqui uma vez ou outra. Guitarrista também. E, cara, ele bota a música pra

galera. A gente para pra bater papo muito. E ele tem o somzinho dele, ele bota o *playlist* dele. Às vezes, eu escuto isso aqui, escuto isso aqui. E muita aquela coisa ainda... Pô, lembrei de você, meu irmão. Eu escuto isso aqui. Isso é uma coisa que ainda... É a questão do afeto, né?

A *playlist*, acho que toma conta do álbum, né, cara? Um pouco. Tomou lugar, entendeu?

Entrevistador:

É, mas por que você acha isso?

Paulo:

Porque o álbum não é mais uma... Uma ideia que a gente tinha antigamente. De você pegar aquilo mais fisicamente. E ouvir do começo ao fim. Falar assim, pô, a música tal vai ser boa. Porque era uma relação que você tinha com um engenheiro de som que fazia, ou com a mídia da gravadora. Hoje em dia, cara, mudou tudo. Então, por isso, eu acho que o álbum perdeu um pouquinho daquele impacto que ele tinha. O álbum tinha impacto, cara. Sim.

Pô, você vê? Rainy Blood, meu irmão.

Entrevistador:

É, e ele também organizava toda a produção, né? Tanto do ponto de vista da indústria musical, desde o jornalismo, de você cobrir aqueles lançamentos. Tanto do ponto de vista dos contratos e da própria produção artística das bandas, dos artistas em si mesmo.

E o álbum, hoje em dia, virou uma coisa opcional. Eu acho isso, concordo com você.

Paulo:

Meio estranho, né? Estranho. Mas ainda assim, a *playlist* pegou um lugar diferente.

Tem muita coisa diferente, distinta. Distinta, mas correlata. Tocando em sequência. É a nova rádio, né, cara?

Entrevistador:

Sim. Mas você não acha que, de alguma maneira...

Aí fica... Diga como você pensa, né? Você não acha que, de alguma maneira, a gente ouve música com menos atenção hoje em dia?

Entrevistador:

Paulo, você travou?

Paulo:

Travou. Rafael travou. Ah, peraí, peraí, peraí. Destravou agora.

Entrevistador:

Tá, me dá um segundo que eu vou trocar a minha rede aqui.

Entrevistador:

Paulo, me escuta? Paulo, está aí? Alô?

O que eu tinha que perguntar? Eu costumo fazer uma pergunta sobre esses... Esses vídeos... Esses shows ao vivo de *pocket Show*. Não sei se você acompanha esses canais que fazem... Fazem ideias com algo desse gênero.

É, então... Eu tenho uma ideia de que esse recurso, esse novo formato... Você grava um showzinho de uns 15, 20 minutos e aí você consegue prender a atenção do cara, do ouvinte de música, por esse tempo.

Aí é o momento em que ele está realmente dedicado àquela audição. Ele não está ouvindo música e estudando, ouvindo música e correndo, ouvindo música e ir no bar, entendeu? Você costuma ver esse tipo de conteúdo?

O que você pensa sobre isso?

Paulo:

Você está coberto de razão. Como as coisas mudaram, esses 15, 20 minutos de uma apresentação em *pocket show*, consegue segurar qualquer um. Eu trabalho em casa, cara. Então, se você não for regrado, já era.

Então, o que acontece? Você... Eu faço aquele sistema Pomodoro.

Então, eu trabalho 40 minutos, descanso 5, 10, às vezes 1 hora. Mas eu tenho o meu horário, tenho as minhas coisas. Então, eu sei mais ou menos, pela rádio notícia, o que vai acontecer tal hora.

Então, esse cara que eu gosto de ouvir, esse cara que eu não gosto. Então, eu desligo. Então, está na hora de eu descansar.

Se não está na hora de eu descansar, eu boto esses *pocket shows*. E muitos cortes, né? É uma geração do corte, né?

Você notou isso? Então, tudo tem um corte. Os vídeos no YouTube hoje são shorts, né?

São aqueles vídeos... E rápidos, curtos, com informação muito concisa. Então, isso passou para a música também, para o universo musical também.

Para o universo que eu quero dizer, para o mainstream. Rapaz, está me faltando uma palavra agora. Para o mundo da música em si, para o negócio, né?

Entrevistador:

Tá. Mas, agora, é até interessante abordar essa questão com você, que você é músico também. Agora, pensa do ponto de vista da produção da linguagem fonográfica. Quando você ouve um disco dos Beatles, ou um disco do Sgt. Peppers, ou mesmo um disco do Smiths, você tem toda uma construção. Você mesmo falou de... Ah, porque eu parei para ouvir um *overdub* que eu não escutava antes. Isso não vai acontecer em uma apresentação.

É como se essa linguagem fonográfica ficasse quase obsoleta do ponto de vista da atenção. O que você pensa? O que você acha?

Paulo:

Um pouco. Mas os *pocket shows* hoje são muito interessantes, porque eles te dão uma nova leitura de um grande clássico. Tem alguns *pocket shows* que eu vejo várias vezes. Para mim, soa como um disco, né?

Que é, pô, Violent Femmes, cara. Violent Femmes está fazendo 30 anos de disco de... 30 mais?

40 anos de disco de estreia. Porra, baixo, violão e uma churrasqueira. Sabia disso?

Entrevistador:

Não.

Paulo:

A bateria do cara é uma churrasqueira. Ele toca na churrasqueira. Ah, depois você vai me mandar esses links aí.

Pô, cara, isso é... Bichão, é... E foi revolucionário, né?

Eram uns caras, pô, no meio oeste ali. Mas, bem, eu acho que... Essa...

Sempre volto a esse ponto, né? A mudança das coisas, cara. A evolução...

Desenvolvimento da tecnologia. Pegou a gente pesado. Hoje em dia, cara, muitos autores que eu acho interessantes, como Pierre Bourdieu.

Você deve trabalhar com ele. Ele é um cara difícilimo de ler. Youtube, Pierre Bourdieu, conceito tal.

Tem um cara para te explicar aquilo. Em 15 minutinhos, em 10 minutinhos... É verdade.

Mudou a forma de estudar, cara. A gente estuda... Eu estudo muito assim.

Todos os... Revistas acadêmicas são eletrônicas. Você baixa o...

Aquele negocinho de 20 páginas e vamos nessa. Sim. O mundo mudou, irmão.

A gente foi andando com ele. Eu nunca tinha parado para pensar nessas mudanças que aconteceram comigo até você me perguntar. Você me levou de um lugar a outro.

Entrevistador:

É. Cara, eu estava vendo um filme... Foi anteontem, eu acho. Um filme norueguês muito bom.

Está no Netflix. É a história de uma menina de uns 30 anos, uma *millennial*, com uma relação com um coroa feito a gente com 50 anos e tal. E aí tem um pedaço lá, quando ele já está no momento lá, mais adiante, ele fala assim...

Eu sou da época em que a cultura você pegava na mão. Você tinha os livros...

Paulo:

Cultura material.

Entrevistador:

Achei interessante.

Paulo:

Cara, pensa no seguinte. A ideia de cultura material não é uma ideia apenas do tátil. É uma ideia de coletividade, uso coletivo.

Isso aqui agora é a nossa cultura material, irmão. O uso coletivo. Todo mundo tem um filho.

Sem ele você não vive. Pensa que a cultura material é sempre um uso coletivo. E a música saiu do material, o uso coletivo que você tinha de botar um disquinho, uma fita, para um apertar de botão.

Como é que essa cultura é material hoje? Como é esse uso coletivo das coisas?

Entrevistador:

É, Paulo, mas tem um processo de reificação também, da obra, da coisificação... Ela virou objeto. É, objeto de culto.

Por isso que me parece que o vinil não morre. Não. Em parte, elas querem ter aquilo como um objeto de identidade, como você falou, o Bourdieu.

Ele vai contribuir para essa compreensão. Mas, em parte, também é por causa do culto. E, em geral, com coisas antigas.

Paulo:

Para pensar isso aí, vale a pena você pensar Hegel e Marx. Marx, o fetiche da mercadoria. Eu sou aquilo...

Eu não sou, mas eu observo aquilo que está fora de mim. Isso vai para Hegel, meu irmão. Eu estava vendo isso agora, Daniel Miller, Trevos e Coisas, onde ele estuda isso.

Ele estuda a noção de como você joga para fora e depois coloca também em você a percepção que você tem das coisas. Eu tenho já o fechamento todo, cara. Não te faz isso profissionalmente, meu irmão.

Mas é interessante. O culto, o objeto de culto... O disco virou objeto de culto.

O disco de vinil. Virou objeto de culto. O meu pai faleceu tem uns três anos.

Vai fazer três anos agora. A gente teve que... A mãe taipava na casa dele e tal.

Pega as coisas. Meu pai tinha guardado meus discos. Porrada de discos.

Porque eu não tinha como ouvir. Lembra disso? Eu falei que não tinha como ouvir.

Deu problema com a água, mas eu consegui salvar ainda o Beneath the Remains do Sepultura. Tá aqui. Eu trouxe.

É um objeto de culto, mas para mim é uma lembrança também. Se não surgiu o Sepultura, o que foi aquilo?

Entrevistador:

Você falou de Marx. Tem um autor muito bom, cara. Eu uso bastante.

Ele fez esse livro aqui. Se você gosta de música, é interessante. *Capturing Sounds*, do Marx Katz.

Ele fala *How Technology Changed Music*. Ele é um musicólogo. Ele me trouxe aqui, em um dos capítulos, uma frase do Marx que é sensacional.

Ele fala que é interessante para pensar esse processo de transformação da mercadoria. Ele fala assim, "o serviço que o cantor me presta se encerra no momento em que ele para de cantar". Mas essa é a experiência dele.

Paulo:

O serviço o quê?

Entrevistador:

"O serviço que o cantor me presta se encerra no momento em que ele para de cantar". Essa é a experiência dele, porque na época dele ele não chegou a ver a fonografia.

Paulo:

Mas é isso mesmo. Que interessante! E toda a performance é distinta e única.

Entrevistador:

É, aí a gente vai lá para o Benjamin.

Paulo:

Porra, tem uma galera, cara.

Entrevistador:

Vamos voltar aqui. Eu vou te perguntar o seguinte. Você confia na inteligência artificial para selecionar o repertório para você?

Paulo:

É o caso que acontece no Spotify. Eu tenho uma *playlist*. A *playlist* acaba, em vez de começar do começo, ele segue com mais ou menos aquilo que você provavelmente vai gostar. Algumas surpresas, né, cara?

Porque tomou o lugar do cara que fazia essa seleção na rádio.

Entrevistador:

Interessante!

Paulo:

Eu nunca parei para pensar nisso, cara.

Entrevistador:

Mas assim, você não se incomoda, né? Deixa rolar.

Paulo:

Deixa rolar, para mim está tudo bem. Eu não sou fã de inteligência artificial nesse sentido de, pô, bota ele para fazer para mim. Tem vários usos que as pessoas fazem. É uma tecnologia nova. Está sendo muito discutida. Então, com atenção vale. Mas cuidado. Atenção, cuidado.

Entrevistador:

Cara, e você, quando vai ouvir, você sempre sabe o que você vai escutar?

Paulo:

No Spotify, eu começo pelas coisas que eu tenho. Então, eu boto lá uma *playlist* de blues e eu vou, cara. O cara que eu tenho ouvido direto é Rory Gallagher, que é um guitarrista irlandês da década de 70.

Morreu em 90 e pouco. Foi fazendo transplante de fígado, rejeição, se ferrou. E, bem, tenho escutado muito ele.

Então, eu começo por ele. E depois eu vou para o estilo Yvonne, cara. Você vai meio que Hendrix, aquela galerinha sempre mais ou menos igual.

Mas eu estou ouvindo muito Muddy Waters também. Então, tem uma sequência e muita coisa do Muddy Waters que eu não conhecia. Porque eu nunca fui muito aprofundado nele, entendeu?

Então, para mim, hoje em dia, tudo é novo. Boto, pô, aquele cara do Johnny Hooker, o africano, o gringo, não esse cantor brasileiro, não. E vou por aí.

Mas aí também, o Spotify seleciona algumas coisas para mim. Boto os caras que eu não conhecia. Taj Mahal.

Nunca tinha ouvido falar na minha vida. Prazer, Paulo.

Mas eu achei interessante. Valeu. É isso aí, valeu.

Entrevistador:

Como um recurso de descoberta. Aí você não se vê, por exemplo, congelado na frente da plataforma quando você vai ter que escutar alguma coisa? Isso acontece com você?

Paulo:

Não. Boto ali, chega uma hora que eu só dou uma olhada. Você, vai. Bora, beleza. Às vezes a plataforma é, cara. Às vezes também é jogo de sorte, filho. Bota essa porra aí pra tocar. Tem uma que é boa, tem uma que é merda.

Entrevistador:

Ô, Paulo, tem uma teoria que existem alguns tipos de pessoas, estudos de processo de decisão. O cara fala que tem gente que precisa sempre escolher a melhor escolha possível, sempre, que é uma forma de vida dele. E tem pessoas que não, que o *good enough* é suficiente sempre.

Paulo:

Eu sou desse. Pra mim está tudo bem. Sem estresse. Você para... Uma coisa pra mim... Eu tendo que fazer a melhor escolha sempre, isso é uma pressão em mim mesmo que eu não preciso.

Com certeza. Eu não preciso dessa loucura. Não, você tem que fazer o melhor.

Eu já faço isso comigo quando eu escrevo, cara. Vivo de escrever. Então, porra, tem uma hora que você fala assim, caralho, fudeu.

Essa pressão sim. Pra música, não. Vamos aí, cara, tá bom.

Filme, menos. Filme pra mim é uma coisa... Lançaram agora...

Rapaz, Woody Allen fez um... Os filmezinhos curtos agora estão na Amazon Prime. É.

E o Wes Anderson fez uns filminhos curtos baseados na obra de Ronald Dahl. Então, Netflix. Aí sim, aí eu quero ver aquilo.

Essa pra mim é a melhor escolha possível. Mas de resto, cara, mais relaxada, né? Essas coisas.

Entrevistador:

Beleza. Cara, você tem o hábito de criar *playlists*?

Paulo:

Tenho. Eu faço as *playlists* pra mim, passo pros amigos. Pô, escuto isso aí.

Isso tornou uma coisa muito bacana. Você lembra que a gente jovem fazia... E depois eu fiquei sabendo que o nome em inglês era *mixtape*.

Grava uma fita pra mim aí. E o cara gravava um pro outro. Na hora ele gravava pra gente.

A *playlist* é um pouco isso também. Um pouco isso. Tomou esse lugar aí.

Entrevistador:

Mas então, cara, de certa maneira essas *playlists* servem como... Aliás, vou te perguntar, não vou dizer.

Essas *playlists* acabam servindo como manifesto da sua identidade?

Paulo:

Um pouco. Não é?

Entrevistador:

Como as fitas faziam.

Paulo:

Como as fitas faziam. A ideia mesmo mudou a tecnologia. Eu acho que alguma coisa não se perdeu.

Não no sentido, meu amigo, de, oh, meu Deus, perdemos aquele lugar bonito na memória da gente. Não, não, não. Não se perdeu, não foi modificado.

Muitas vezes as coisas... Você conhece o princípio de Lampedusa? É o seguinte, você precisa que alguma coisa mude para que tudo permaneça igual. Então, cara, volta e meia, você criou uma coisa nova, uma coisa velha em cima da nova. Você deu novos significados, mas você manteve uma ideia. O conceito está lá.

O conceito está ali, o *mixtape*, eu mandando para alguém as coisas. Pô, isso aqui que eu gosto, isso aqui que eu estou vendo agora. Lembrei do outro dia do amigo meu, a gente adolescente, que eu falei para ele, ele também é guitarra, eu falei, lembra você que me mostrou Stevie Ray Vaughn pela primeira vez na minha vida?

Fiquei assim, porra, aquele cara, aquela coisa que pavão tatuado no peito, negócio esquisitíssimo, chapéuzão, e tocando que é uma barbaridade. É uma barbaridade. É uma barbaridade.

Entrevistador:

Paulo, deixa eu te falar o seguinte, a gente vai entrar agora no último bloco da entrevista, eu queria te perguntar sobre um tipo de experiência, se você costuma praticar ou não, que é aquela experiência em que a música está com um protagonismo, vamos dizer assim, você está com a sua atenção mais voltada para a música mesmo e não como ela servindo como se fosse um facilitador de tarefa, acompanhante e tal, você se percebe experimentando esse momento? Quando você para para ouvir a música em si. Se você não para, pelo menos você está...

Às vezes eu já vi relatos de gente dizendo não, eu vou correr, eu boto a música, estou correndo, mas a minha atenção está na música. Esse é o meu momento de protagonismo. Você experimenta isso de alguma maneira?

Paulo:

Às vezes, às vezes. Mas não mais tanto, como te falei, perder um pouco do lugar. Talvez com esses vídeos que a gente tinha comentado antes, esses vídeos de shows curtos.

Nesses vídeos, sim. Eu estou pela atenção total para o cara. A atenção total.

Nesses vídeos, sim. Mas, no mais, a vida passa, a vida que segue. Ou então, alguns outros vídeos que eu assisto no YouTube sobre tutorial de música.

Estudo, teoria, aquela coisa. Agora que eu comecei a estudar essa bodega, tenho um ano e pouco. Mas eu acho que só me pega mesmo nesses momentos que você comentou agora.

Você está me chamando a atenção com as coisas que, para mim, são cotidianas. Então, você não nota. Por isso que eu estou muito mais vendo isso com você do que realmente dando uma ideia.

Mas é, nesses pequenos momentos mesmo, momento de intervalo, por exemplo. Vou fazer um café de manhã, boto a musiquinha ali para tocar. Está falando o comentarista que eu gosto, está no comercial da rádio.

Entrevistador:

Pode crer! Você não é ouvinte de podcast, não, Paulo?

Paulo:

Sou bastante também. Por o Terezinha, parece que acabou, né? Deu uma ziquizira aí, cara. A menina saiu, o outro cara também entornou e se demitiu. Muito podcast de política. Muito podcast também, cara, de linguística.

Entrevistador:

Linguística?

Paulo:

É, explicando sobre Bakhtin, explicando sobre Hegel. Então, é, você tem uma hora ali o cara falando sobre ou ensinando, uma hora de aula.

Entrevistador:

Mas linguística, achei curioso.

Paulo:

Bastante, bastante coisa sobre linguística.

Entrevistador:

Mas você não acha que isso acabou tomando teu espaço de audição musical, não, de repente?

Paulo:

Foi aquela história que a gente já tinha comentado, né, cara? A música perdeu, vamos dizer assim, hoje está em segundo plano. Preciso ganhar dinheiro, porra!

Tem que correr atrás, então, foco. E é o tesão, meu trabalho é o meu grande tesão, cara. Eu me amarro em fazer.

Cara, eu ainda escuto muita música, mas aquela história, eu vi o Fernando Sabino falando isso uma vez. Não é só porque você não está na frente do computador, não quer dizer que você não tá trabalhando. Então, cara, tua cabeça tá funcionando 24 horas por dia, o tempo inteiro.

Então, bota música, tá? Mas, pô, tem ouvido muito podcast sobre história, sobre conceitos do Bourdieu que são difícilísimos, entendeu? *Habitus*, *campo*, aquela porra toda.

Então, você tem que prestigiar alguma coisa. A minha mulher ainda escuta muito, sabia? Ela para e ouve.

Fica sentada ali, ouvindo. Eu já não tenho mais muito isso. Entendi.

Eu ontem até fiz, cara. Ela saiu, foi pra casa de uma amiga nossa aqui em cima, eu fiquei em casa. E aí eu botei o YouTube na televisão.

Na televisão smart, né? Aí eu botei, pô, cara, foi Rory Gallagher, foi Hendrix, quem foi o outro? E eu ia narrando pros amigos.

Pô, fulano, tô ouvindo isso aqui, papapá. Reclamando do Botafogo.

Entrevistador:

Cara, nesse momento você fica, você se arrepia, você canta junto, você dança. Como é que é?

Paulo:

Cara, não sei, já...

Depende do estado etílico, né? Você tá em casa sozinho, pô. Tá tomando um gorozinho ali, você tá mais assim, pá.

Canta às vezes, mas não é muito comum, não. Emociona, emociona, emociona muito. Mas cantar junto, não.

Já é um pouco... Acho que não é muito a minha cara, não. Mas emociona, emociona muito.

Lembranças e tal, você vai lembrando de lugares, pessoas. Né? É a vida.

Rachid Malik

Escolaridade: mestrado

Ocupação: produtor, dj e comerciante

Nascimento: 23/09/1970

Idade: 53

Entrevistador:

Rachid, normalmente essa entrevista tem três blocos. Um bloco a gente fala sobre a relação pessoal do indivíduo com música. No segundo a gente fala sobre os hábitos de audição musical.

No terceiro sobre experiência. Sobre um tipo de experiência específica que a gente está interessado. Mas no seu caso eu queria pegar também um pouco mais sobre a tua vida.

Porque você é brasileiro? Hoje em dia? Moro aqui há 23 anos.

23 anos. Como é que você veio pra cá? O que você puder contar um pouquinho pra gente.

Rachid:

Na verdade eu morei em muitos países. Eu venho da Argélia, morei aí na França, onde eu estudei. Morei na Inglaterra, morei nos Estados Unidos, morei na Colômbia. Morei nas Ilhas Canárias e moro aqui no Brasil há 23 anos.

Entrevistador:

E por que o Brasil?

Rachid:

Cara, foi uma coincidência. De verdade foi uma coincidência muito engraçada. De verdade tem um momento que eu morava na França.

Eu era executivo de uma gravadora e trabalhava como DJ. Uma vida bem sucedida, mas eu fiquei exausto. Porque eu trabalhava tanto e aquele desejo de sempre conseguir mais.

Aquele desejo de reconhecimento, de querer mais grana, de ser mais famoso. Aquela coisa que você não se satisfaz com o que você tem. Trabalhava envolvido na música.

Tanto no lado da gravadora quanto no lado mais comercial, vamos falar. Você vai ter uma gestão de outros artistas. E também como artista mesmo, como DJ.

E me apresentava. Ficava cinco a noite por semana. E aí eu acabei ficando muito doente.

E eu realizei que minha vida não era isso.

Entrevistador:

Você teve um *burnout*?

Rachid:

Total. Fiquei no hospital sem trabalhar por seis, nove meses. E aí eu entendi que a vida que eu tinha não era isso. E se não fosse mudar, eu ia morrer.

E aí eu decidi ir embora da França. Deixar aquela vida. Aí eu entreguei toda a minha casa.

Doei tudo o que eu queria doar. E aí eu decidi voltar a morar nas Canárias Tenerife, onde eu já tinha morado. Eu fui lá, aluguei uma casa, mandei minhas coisas que eu queria guardar pra lá.

E voltei pra tocar a última noite em Paris. Antes de ir embora. E na última noite que eu toquei em Paris, uma brasileira chegou e falou que era ótimo aquilo que eu fazia.

Que se fosse no Brasil, as pessoas iam gostar do que eu fazia. No dia seguinte, peguei uma passagem pro Brasil. E aqui eu estou.

Entrevistador:

Pelo menos deu certo, né?

Rachid:

Deu certo.

Entrevistador:

Que legal, cara.

Rachid:

Mas foi uma coincidência. Antes daquele momento, se você tinha me perguntado um dia antes, ia falar que ia morar no Brasil, eu ia falar que era impossível. Porque eu não fazia parte dos meus planos.

Foi uma coincidência da vida.

Entrevistador:

E naquela época, a música brasileira teve algum tipo de influência nessa decisão?

Rachid:

Não, não era música em geral. O meu conhecimento de música brasileira era bem pequeno. Algumas coisas. Mas era pequeno.

Entrevistador:

Bacana. Então, deixa eu pegar minha colinha aqui. Eu queria comentar com você. O André Midani, ele é sírio-francês, né? Você sabe quem é?

Rachid:

Eu sei quem é, eu sei quem é. Um executivo.

Entrevistador:

Um executivo de gravadora. Tem até um livro e tal. Tem um pouco da sua trajetória, eu lembrei.

Rachid:

Ele se acha um gênio. Onde ele conta um monte de mentiras, falou que ia ter que produzir o Miles Davis. Um grande mentiroso. Conhecido por isso.

Entrevistador:

Você leu?

Rachid:

Não, não li o livro, mas as pessoas comentaram. E eu conheço muitas pessoas que trabalham com ele. E falam que o cara conta histórias que de verdade não são verdadeiras. Que não foi exatamente. Bom, o cara, você imagina o que eles vão dizer. Os próprios artistas. E o cara é um executivo de gravadora. Tudo bem, tem um certo papel. Mas o gênio não é. Os gênios são os artistas.

Entrevistador:

Os artistas, claro. Verdade. Você chegando aqui, você chegou na ideia de trabalhar como DJ?

Rachid:

Não, de verdade, quando eu vim para o Brasil, eu decidi, eu fiz um acordo comigo mesmo, que é viver só de música. Sim. E se envolver, que era também criar música.

Hoje em dia sou produtor de música, tenho estúdio de gravação, e lancei vários discos. Então, minha ideia era recomeçar tudo de novo e viver simplesmente de música. Então, era tanto como DJ tocando, ou como produtor de música.

E gravando meus discos como artista. E disso aí, isso deu certo? Deu certo.

Já lancei seis discos, tem mais três prontos, lancei mais de 40 singles. Eu tive a sorte de viajar o mundo inteiro tocando e apresentando o meu trabalho.

Entrevistador:

Agora, como é que entrou essa ideia da loja de discos no contexto da sua vida?

Rachid:

Cara, a loja de discos, eu sempre tive uma relação forte com discos. Desde pequeno. Eu tinha uma fascinação por discos.

Eu tinha uma fascinação por a música. Mas, por exemplo, se for contar uma coisa que é engraçada, meu pai me comprou o violino e queria que eu fosse estudar o violino. É para mim, música não era tocar violino.

Para mim, a música era o disco, era a música que eu escutava na rádio. Então, desde criança, sempre sonhei com discos. Que um dia ia gravar meus discos, ia ter meus discos na parede, ia ter um estúdio de gravação e ia criar minha própria música.

E ia gravar discos como outro artista. Para mim, tipo, o disco é o... tipo... é o retrato do trabalho do artista. Sim. Eu acho que enquanto você não tem disco, você não é um artista.

Porque o disco tem um alcance, depois a gente volta a falar disso, mas para mim, você como artista, tem que gravar um disco.

Entrevistador:

Por que o disco? Porque, assim, eu te faço essa pergunta...

Rachid:

Você sabe o que eu estou falando? Eu nasci em 1970. Hoje em dia, a tecnologia evoluiu e tem outras mídias que vieram substituir o disco. Você me perguntou a minha relação, então é uma relação que vamos ter desde pequeno. Então, para mim, era o disco. Claro que a tecnologia fez coisas que, na época, não existiam.

Entrevistador:

Sim. Sim. É... Porque você... Ao falar do disco, o disco é uma coisa que surge no final da década de 40 e tal, e ele segue como um padrão, como um formato, como um suporte até o...

Se a gente considerar que o CD é um herdeiro, ele segue até o início desse século como o principal suporte, até que ele comece a ser suporte.

Rachid:

É, o CD começou a surgir nos anos 80. Eu lembro que eu estava no colégio, o CD saiu, e primeiro saiu, era só CD de música clássica. Eu lembro que eu estava no colégio, e tinha um amigo que tinha comprado um dos primeiros leitos de CD, e ele foi na casa dele e mostrou, tocou o CD e falei, pô, ele é fantástico, e na época só existia música clássica, porque a primeira música sendo lançada em CD foi música clássica, não foi música pop.

Depois teve uma evolução, e as gravadoras começaram a fazer CD de artistas. Mas nesse era só música clássica. Ele me mostrou, falei, pô, é legal, mas a música que eu escuto não é aquela, não, sabe?

Quando a Columbia inventa o vinil, ela também inventa com a ideia de atender o mercado de música clássica. Depois é que ele vem... Porque não existia nem enquanto formato.

Entrevistador:

Quando você fala que o artista tem que gravar um álbum, um disco, você fala isso por causa do projeto artístico, do conceito?

Rachid:

Não, é uma forma de mostrar para o mundo o seu trabalho. Às vezes tem artista que não grava, que não gravou um álbum. Às vezes o cara grava um 7 polegadas, uma música só.

E isso é suficiente na sua cabeça? Não, mas é uma forma que tem muitos artistas independentes que eles bancavam para gravar um, um single. Às vezes rolava, conseguia fazer um álbum, às vezes o cara na carreira só tem um single.

Não só uma música só, mas uma forma de... Você falou do ponto de vista do registro, não é isso? Exatamente, o registro.

E você mostra para o mundo o seu trabalho. E seu trabalho pode ser exportado pelo mundo inteiro. Alguém pode comprar seu disco e o escutar do outro lado do mundo.

Então, o cara não tem... Não pode ser apresentado no mundo inteiro, ou na Alemanha, ou no país inteiro. Então o cara fazia esse registro, gravava esse disco, esse disco poderia ser comprado e você poderia descobrir o trabalho do artista. Um registro do trabalho do artista.

Entrevistador:

Certo. Você é colecionador de discos também, não é?

Rachid:

Também. De verdade, bem antes de sair da loja, eu comprei discos e saí para a minha vida inteira. Mas hoje em dia eu não curto tanto essa coisa de colecionador.

Essa coisa de colecionador acho que é um termo que surgiu nesses últimos anos. Basicamente, você comprava disco porque você queria ouvir disco em casa. Não era colecionador. Você comprava discos. Eu, como DJ, eu tocava na

noite. Eu tocava na noite e levava discos para tocar. Então era como uma ferramenta de trabalho. Mas, ali em cima, eu escutei discos. Então, às vezes, as pessoas acham que todo mundo é colecionador.

Não, de verdade. Por isso que eu falei. Eu não abri uma loja para colecionador. Minha loja é para quem quer comprar discos de vinil. Quem quer ouvir música em casa, é em discos de vinil. Não é colecionador.

Essa coisa de colecionador é uma coisa meio equivocada. Pessoas que têm milhares de discos em casa, não escutam nenhum. Só para ter na estante. Hoje em dia tem uma pesquisa que saiu que muitas pessoas hoje em dia compram discos e não tem nem tocar discos, né? Tem nem toca-discos. O disco é de metade das pessoas que escutam.

Entrevistador:

Exatamente.

Rachid:

Para expor para o colecionador. Então, eu não curto tanto esse termo de colecionador. Eu me considero colecionador. Claro, porque tem uma coleção de discos bastante grande, mas eu guardo para ouvir.

Claro que eu não consigo escutar tudo. Depende do momento. Não é que eu queira escutar uma coisa ou outra.

Mas eu gosto de me diferenciar desse termo de colecionador de discos.

Entrevistador:

O que é que você acha que justifica hoje em dia, visto que a gente tem todo o acervo fonográfico, praticamente, mundial, nas plataformas externas. Por que as pessoas compram discos?

Rachid:

Hoje em dia, 70% da música gravada em formato de vinil ainda não existe em outro formato que não seja vinil. Então, 70% das gravações feitas em vinil hoje em dia não existem em arquivo digital. Nem CD, nem essas coisas.

Nem digital. Só existe 30% do acervo gravado. O acervo de disco de vinil é enorme.

Então, só tem 30%, 70% ainda inacessível de outra forma. Mas, claro, tomar de 70% também, muita coisa vai ser desconhecida e talvez não vai ser reconhecida e não vai alcançar o grande público. Mas o que diria é que o disco de vinil é muito além da música, o disco de vinil é um objeto em si. Primeiro começa pela capa, a capa pode ser uma verdadeira obra de arte, a capa é a primeira relação que você tem com o disco de vinil, uma relação visual. É a capa. Então, em si, ela pode ser considerada como objeto de arte. Então, eu acho que o primeiro alcance de vinil é esse. Coisa que você não vai ter com...

Você pode até reproduzir a arte digital, mas ela não significa nada.

Segundamente, informação. Dentro do disco de vinil, da contracapa, você tem informação de quem gravou as músicas, quem são os músicos, quem é o produtor, quem é o arranjador. Então você tem história inteira. Às vezes, tem alguém que escreveu um texto, ou falando do disco, ou falando do artista. Então, tem todo o conteúdo que não existe no arquivo digital.

E aí, depois vem a música. O terceiro passo é a música. O que eu considero é...

A qualidade sonora do vinil muito diferente do arquivo digital, porque para criar um arquivo digital você corta muitas frequências e então a reprodução não é igual. Vou dizer que o disco é um som natural. Então, ele tá mais perto da

execução que foi feita naquele momento. Menos artifícios, um som mais quente, mais natural.

E tem o objeto em si mesmo. Agora, se você quer falar de comodidade, claro que é mais fácil tocar um CD, você não precisa virar do lado. Se você usa um arquivo digital, também não precisa.

Mas aí, tem uma coisa com o disco de vinil. Se você não tem um aparelho bom de reprodução, quase não serve nada ouvir disco de vinil. Porque, se você tocar disco ruim, umas caixas ruins, ou você acaba escutando o disco de vinil numa caixa *bluetooth*, você não percebe o disco de vinil.

Você não consegue entender a dimensão do som do vinil.

Entrevistador:

Pode crer. Agora, você acha que as pessoas consomem vinil por causa dessa relação com o áudio, com o áudio superior? De que maneira você percebe isso?

Rachid:

Eu acho que o primeiro é o objeto. Primeiro é o objeto. Tanto é que as pessoas têm...

Rachid:

Porque tem gente que compra discos, que não tem. Tem gente que compra vinil, que escuta discos em aparelhos ruins, então não consegue nem entender a dimensão do som. Então, o cara vai pegar aquele disco de maleta, vai ligar numa caixa *bluetooth*.

Se você ligar sua computador em uma caixa *bluetooth*, talvez você trate um som superior. Então, eu acho que é o objeto, porque se você não tiver equipamento de reprodução, você não vai perceber a diferença.

Entrevistador:

E o que é que tem esse objeto de especial, que faz com que as pessoas queiram tê-lo?

Rachid:

E vou te falar, você pode ter 20 mil músicas no seu computador, no seu HD. Ela não representa nada, você não vai escutar nada. Nem vai saber o que está escutando.

Muita gente escuta, não sabe o nome do artista, não sabe o nome da música, não tem identificação com o disco. Vou te falar, por exemplo, eu trabalhei com muitos anos com DJ. Quando eu pego um disco, puxo uma capa e já dentro da minha mente a música soa, a relação visual que eu tenho com o disco, já sei quais são as músicas, essas músicas já estão ecoando dentro da minha mente. Aí depois eu chego a comprar CD e até a gravar CD, porque eu tocava na noite essas coisas. Mas eu não consigo ter a mesma relação. Eu pego um CD e essa relação não existe. Até que depois de ter tocado muitos anos com CD, hoje em dia voltei a tocar só com vinil.

Entrevistador:

Ah, interessante. Você, nesse momento de transição do padrão tecnológico, por exemplo, a gente tá falando aqui do vinil, depois do CD, e aí no final da década de 90, início do século XXI, entrou o mp3. Você foi consumidor?

Você baixava as músicas?

Rachid:

Olha só, eu cheguei a baixar as músicas quando eu cheguei no Brasil, porque eu não conseguia ter acesso a essas músicas. Eu não tinha grana pra comprar essas músicas, então eu comecei a tocar CD, porque eu não conseguia comprar disco novo, minhas finanças não chegavam e eu precisava tocar música na noite. Então eu comecei a usar, nem tinha computador, meus amigos que baixavam pra mim e eu gravava os CDs.

Então eu não cheguei a tocar mp3, eu cheguei a gravar CD mesmo, nem no mp3, tipo WAV, que é um CD, eu tocava com esses CDs gravados.

Entrevistador:

Sim. E aí, hoje em dia, você é assinante de alguma plataforma de *streaming*?
Não.

Rachid:

Não?

Entrevistador:

Não.

Rachid:

Eu não sou assinante de uma plataforma, porém, como artista, eu tenho minhas músicas disponíveis na plataforma de *streaming*, mas não sou usuário dessas plataformas. Inclusive, hoje em dia, eu tô priorizando pra relançar todo o meu acervo no vinil. Os próximos lançamentos vão ser no vinil.

Os que não saíram ainda, os dias que estão prontos, mas decidiram não lançar até fazer o lançamento no vinil, aí depois vão fazer o lançamento na minha plataforma. Agora eu tô até segurando meus lançamentos pra priorizar o lançamento no vinil.

Entrevistador:

Entendi. Então, assim, a sua relação com isso é, você fala, você se coloca como produtor musical.

Rachid:

Sim.

Entrevistador:

Mas o seu trabalho, ele é autoral ou você...

Rachid:

É misturado. Eu faço regravações de músicas conhecidas, de outros artistas, com arranjos novos, e tem coisa que é autoral. Você é músico também, né?

Eu não me defino como músico. Eu sou mais produtor de música. É de verdade que acontece.

Eu trabalho com um monte de músicas. Então eu tenho minhas ideias e eu trabalho com músicas pra gente conseguir realizar da melhor forma minhas ideias. Entendi.

Entrevistador:

Então, você falou um pouquinho, eu queria saber como é que é a tua atividade com relação à música na internet? Você é usuário de rede social? Como é que você...

Rachid:

Não, rede social eu uso unicamente pra promover os discos da minha loja. Eu não escuto música na internet. Não, né?

Não. O único canal que eu tenho pra escutar no meu canal, tem um canal da loja onde eu toco com vinil, até até uma filmagem, com som gravado, e são um set de música com disco de vinil gravado. E eu escuto esse canal.

Entrevistador:

O canal do YouTube?

Rachid:

Do YouTube.

Entrevistador:

Ah, interessante. Eu vou procurar.

Rachid:

E hoje em dia, como faço eventos fora, por exemplo, todo domingo faça a Feira da Glória, eu boto nas caixas de som no meu canal do YouTube e as pessoas me perguntam o que é, o que tá tocando, gostam, e falam o disco de vinil existe, o vinil é tal, o disco blá blá blá. É isso.

Entrevistador:

Legal. Cara, eu vou te pedir pra você responder de uma maneira à vontade.

Como é que você definiria a importância da música pra sua vida? Você acha que ela, de alguma forma, ajudou a te definir como pessoa? Não.

Rachid:

A música é parte de mim. Se não tivesse a música, eu não sou mais. Eu cheguei a me separar da minha mulher, da minha mulher que me pediu pra escolher e entregou a música. Eu despedi a mulher. Acho que é bem claro. Não, é... Se você tirar a música de mim, eu morro. Faz parte de mim. Faz parte da minha existência. É uma coisa que correu nas minhas veias. É tipo um vírus. Eu fiquei contando com esse vírus. Não dá mais pra tirar.

Entrevistador:

Como é que é o seu hábito de ouvir música? Você consegue me descrever? Pensando do ponto de vista da sua rotina, até do suporte que você está usando. Você sempre escuta vinil?

Rachid:

Não, eu escuto CD também. Às vezes pela comodidade, porque eu estou na loja então tem pessoas que entram e saem. Às vezes eu deixo o fundo sonoro enquanto eu estou limpando discos pra não ter essa coisa de trocar os lados as coisas.

Mas também, todos os discos novos que entraram no acervo, eu limpo os discos e vou conferindo o áudio dos discos. Então eu escuto vinil também. Mas vou dizer que hoje em dia eu escuto vinil aqui na loja e quando eu volto aí em casa eu escuto muito pouca música.

Porque como ficou tantas horas aqui na loja eu estou musicando e eu escuto pouca música. Aí depois, quando eu estou no estúdio eu estou criando música, então eu volto a fazer música. Mas quando eu estou aí em casa, apesar de ter

tocado milhares de discos aí em casa e eu estou escutando pouco disco aí em casa, porque eu escuto aqui na loja.

Antes de morar aqui a noite, eu preciso descansar.

Entrevistador:

Entendi. Você falou um pouco de uma coisa que até me chamou atenção e eu estabeleci uma relação com a forma como você descreveu esse processo de você olhar a capa e a capa tocar na sua cabeça, a música tocar na sua cabeça. Essa relação do visual para o auditivo.

No meu mestrado esse foi o pontapé iniciado. Eu percebi que esse ritual da seleção do disco era uma coisa importante para a condução da minha experiência. Que no digital praticamente...

Rachid:

Não, porque no digital você tem que tocar a música. Você tem que tocar muito para ouvir. No vilão você consegue uma relação visual da capa, saber a música. É uma coisa engraçada, por exemplo, tem discos, tem pessoas, por exemplo, tem uma clientela estrangeira bastante grande, tem pessoas que entram na loja e a primeira coisa é que vão escolhendo discos para as capas.

Não tem ideia do que soa. Mas o cara, vendo a capa ele já imagina uma coisa. Às vezes bate, às vezes não.

Não tem nada a ver com o que ele está procurando. Mas a capa influencia muito a escolha do disco.

Entrevistador:

Você sempre sabe o que você vai escutar ou é exatamente esse processo de manipulação da capa que te faz selecionar a obra?

Rachid:

Não. Hoje em dia pode ter manipulado muitos discos. Tem discos que eu sei o que são.

E quando eu não sei, eu gosto de descobrir. E tem coisas que assim, visualmente, eu vejo a capa, um disco que eu não sei, a primeira coisa é que eu vou puxar e vou tocar. É uma coisa também chamando, essa relação visual, eu preciso ouvir esse disco.

Entrevistador:

Excelente. Eu tinha algumas perguntas aqui sobre a relação do indivíduo com a plataforma, que não se aplica nesse caso.

Rachid:

Eu não sou da área de plataforma. Aí você responde essa.

Entrevistador:

No meio da pandemia teve uma matéria do LA Times sugerindo o seguinte, pensando, evidentemente não estava montado para ser o perfil exatamente daquelas pessoas que têm outro tipo de relação com música. Mas a proposta dessa matéria era sente-se, escolha um fone de ouvido e selecione três álbuns para ouvir. Então, qual era a ideia por trás dessa matéria?

Era de protagonismo à audição musical. Uma coisa nesse sentido. Você se percebe experimentando esse momento de protagonismo da audição?

Rachid:

Eu lembro de uma coisa, quando eu era adolescente, quando eu fazia parte de uma turma, alguns de nós comprava um disco novo e se encontrava em casa, comprava o disco e a gente ouvia junto.

Eu tinha uma turma de amigos e a gente gostava de música. Então, eu seguia na loja, o outro amigo ia na loja, comprava o disco e ele chamava a gente para a gente ouvir junto. E essa é uma coisa que existia também em família.

Então, tinha um processo, um certo ritual que existia. Tipo, vamos nos encontrar e vamos ouvir o disco. Coisa que nunca havíamos feito.

Você nunca vai chamar os amigos pra ouvir um disco no Spotify, talvez você vá mandar o link, mas você não vai receber seus amigos em casa e vai ouvir o disco.

Com o disco vindo, existia isso. Você convida seus amigos ou era dentro da família e você sentava e escutava o disco.

Entrevistador:

Era uma relação de sociabilidade. Mas individualmente também tinha esse momento?

Rachid:

Como assim?

Entrevistador:

Você parar para escutar você e o disco com o protagonismo da audição.

Rachid:

Olha só, tem um momento que eu morei. Morei um ano e durante um ano eu tinha um disco só. Eu escutei esse disco. Durante um ano.

Entrevistador:

Qual era o disco?

Rachid:

O disco era do Stevie Wonder, uma coletânea dupla que se chama Music Wire. É uma coletânea feita de três discos do Stevie Wonder.

É uma coletânea dupla e durante um ano eu só tinha esse disco para escutar. Na África eu escutei esse disco todo dia e nunca cansei. Hoje eu posso botar o de novo para tocar lá e não canso.

Porque também você escutando o disco você toca uma música digitalmente e vai escutar uma vez, duas vezes. O disco você vai tocar e amanhã vai tocar de novo esse disco e você vai começar a descobrir outros elementos que você não tinha ouvido e sua viagem vai se ampliar.

Então a cada nova audição você vai descobrir novos elementos.

Entrevistador:

Pode crer. A sua audição está sempre vinculada ao álbum? Mesmo que seja no CD?

Rachid:

Não, como DJ eu tocava muito single. Então era uma música só. Hoje em dia eu voltei a escutar álbum.

Mas quando eu tocava na noite como DJ de forma ativa eu comprava muito *single*. Então era uma música só. Era uma música que você tocava na noite e carregava uma caixa de discos e era só *single*, uma música só.

Entrevistador:

O que você pensa do álbum enquanto um conceito, uma ideia?

Rachid:

Você pode contar uma história.

A ordem das faixas é muito importante e você leva o ouvinte em uma viagem junto contigo. Então quando você grava um disco é muito importante você definir a ordem das faixas e você transporta o ouvinte da sua viagem, da experiência que você criou.

Entrevistador:

Pode crer. Rachid, nesses momentos de audição de conexão com a música você se sente arrepiado?

Rachid:

Claro, posso chorar.

Posso chorar, posso ficar arrepiado. Uma música pode me irritar. Tem música que eu vou tocar e não gosto e ela vai criar uma sensação que eu vou ficar irritado.

Eu preciso tirar aquela música. Quando é menino ela consegue influenciar como é a forma de ser. No teu bem-estar.

Entrevistador:

Cara, é isso, Rachid. Eu queria te agradecer muito pelo seu tempo e, cara, muito boa entrevista.

Rafael Alves

Entrevistador:

A gente vai falar um pouquinho sobre a sua relação com música, depois a gente vai falar um pouquinho sobre os seus hábitos de audição, e sobre um tipo específico de experiência que a gente está interessado.

Rafael:

Ok.

Entrevistador:

Beleza. Então, qual a importância da música para a sua vida? Você diria que ela, de alguma forma, te ajuda a encontrar uma identidade pessoal?

Como é que ela faz parte para a sua pessoa?

Rafael:

Cara, música é basicamente... pode ser até meio clichê, mas é meio combustível da minha vida. Por exemplo, eu uso música para tudo, no dia inteiro.

Eu já trabalhei por 16 ou 17 anos somente com música, e hoje eu trabalho com outras coisas, é uma outra história o porquê eu vim parar nisso, mas hoje, no meu trabalho atual, a música me ajuda imensamente. Então, pode ser até dias,

vamos supor, que eu estou mais cansado, eu preciso de mais energia, eu boto um tipo de som, se eu quero me acalmar, eu boto um outro tipo de som, e eu me considero uma pessoa extremamente eclética, porque, obviamente, você tem as vertentes que você gosta mais, que eu gosto mais, mas eu moldo um pouco o meu dia, o meu dia a dia, com as músicas. Então, se eu preciso... depende muito do estado de espírito.

Entrevistador:

Você tem o hábito de... Eu já estou vendo que você tem o hábito, que eu vi ali atrás, que tem um cartaz do Jimi Hendrix e um cartaz do João Luis Nunes.

Rafael:

Tem aqui o Pink Floyd, o Dark Side of the Moon.

Entrevistador:

Eu ia te perguntar se você consome, você tem o hábito de consumir produtos com temas de música, por exemplo, pôsters, camisas, livros, objetos decorativos?

Rafael:

Sim, sim. Sim, eu, por exemplo, gosto... foi agora o último show que eu fui, eu comprei uma camiseta da banda.

Não é sempre que eu compro nos shows, mas às vezes eu compro um artigo da banda, enfim, uma camiseta, um adesivo, alguma coisa assim. Eu não me considero um colecionador, mas eu tenho alguns daqueles bonecos Funko Pop, sabe? Aqueles cabeçudinhos, assim, pequenininhos, de várias bandas.

Eu tenho Pearl Jam, eu tenho...

Entrevistador:

Ah, interessante.

Rafael:

Sei lá, um monte de banda.

E aí eu vou muito também para o lado da música, que eu digo, de equipamento musical. Então, por exemplo, tem um guitarrista que eu gosto muito, John Mayer, não sei se você conhece. Então, saiu a guitarra do modelo John Mayer, eu fiquei curioso, comprei uma guitarra do modelo John Mayer, entendeu?

Então, sim, eu consumo isso. E eu gosto muito de, até hoje, eu gosto muito de DVD ou Blu-ray, seja lá o que for, assistir um show, um concerto. E de vez em quando, aí fica cada vez mais raro, também é um outro assunto, CDs.

Eu gosto de ter os CDs específicos, é claro. É um CD que me marcou muito a minha adolescência, a minha infância. Eu gosto de ter fisicamente.

Entrevistador:

Você está na casa dos 30?

Rafael:

Estou com 34 hoje.

Entrevistador:

Então, você falou no CD, mas não falou em vinil. Você tem o hábito, já teve o hábito de comprar vinil?

Rafael:

Nunca tive o hábito de comprar vinil. Eu confesso que eu sou curioso para ter isso em casa. Eu adoro, adoro a sensação, adoro...

É quase que um... Como é que eu posso dizer? Você pega, ajeita o disco, a agulha, as imagens são grandes, você vê aquilo dali.

Agora, o vinil, para mim, eu gostaria muito de quando tiver um aparelho que toque vinil. Primeiro, eu vou prezar muito pela qualidade, porque eu sou daqueles caras que ainda sinto uma diferença no som do vinil. Por exemplo, mp3 ou CD normal, sinto menos comprimido.

Então, me agrada muito isso. Então, eu vou querer ter um bom aparelho de som, uma boa caixa. E para ter isso tudo, eu gosto de ter tempo.

Parar. Igual as pessoas botam um filme para ver, ficar assistindo um filme por duas horas ou uma hora e meia. Botar um disco e escutar inteiro.

É como se fosse um filme, só que sem imagem.

Entrevistador:

Mas, Rafael, você está associando isso a uma experiência relacionada ao consumo de vinil. Você faz isso com CDs, por exemplo?

Rafael:

De pegar e escutar direto, raramente. Eu acho que o vinil me traz mais isso. De pegar e ter um momento assim.

O CD, não sei, acho que fica uma coisa mais rápida, tipo fast food. Não tanto quanto o mp3, por exemplo. Se ligar em uma plataforma, tipo Spotify ou Apple Music, aí é mais ainda.

Aí termina aquela música, já começa de um outro artista e por aí vai. Igual aqueles discos que tinham, por exemplo, de novela. Termina a música de uma banda, começa de outra e por aí vai.

Entrevistador:

E você, com a idade que você tem, você pegou bem a transição tecnológica da obsolescência do CD, aquela fase de transição de download de música, pirataria. Você tinha o hábito de baixar música, seja legalmente ou ilegalmente? Você tinha um HD lotado de mp3?

Porque tinha tanto esses padrões do iTunes, que era legal, como tinha também o Napster e outras plataformas e tal.

Rafael:

Sim. Na época, sim, eu comecei a ter um pouquinho. Tentei começar a baixar umas músicas.

Porque eu queria muito consumir as músicas, e na época você não tinha. Não era fácil, como hoje. Eu morava em uma cidade, na Serrana do Rio, Petrópolis, em Itaipava.

E lá não tinha tanta loja de discos e eu gostava de muitas bandas mais alternativas, eu e uns amigos meus. E aí era basicamente impossível você encontrar um disco de uma banda dessa. E na época era muito caro também.

Então, sim, eu baixava, mas depois eu comecei a ficar extremamente contra baixar música. E hoje em dia, por exemplo, eu não vejo tanto problema. Porque mudou, o mercado mudou.

As coisas mudaram. Então, por exemplo, eu adoraria encontrar o disco da minha banda sendo pirateado. Porque se está sendo pirateado, quer dizer que está sendo sucesso.

Entrevistador:

Sim. Eu lembro aquele disco do System of a Down, lembra? O Steal This Album.

Rafael:

Ok, sim.

Entrevistador:

Mas desculpa, eu...

Rafael:

Não, não. Exatamente isso. E eu gostava de umas bandas assim, com alguns amigos.

Por exemplo, se eu quisesse escutar Rolling Stones, Jimi Hendrix, Pink Floyd, é fácil. Você vai em qualquer loja, você vai encontrar um disco de cada. Agora, quando a gente fala de um, por exemplo, bandas como, sei, que eu gostaria de estar com os meus amigos, não com a minha família.

Tipo, Story of the Year, Glassjaw, Plain, uma banda de new metal francês, francesa. Eu não ia encontrar isso nunca. Então eu baixava.

Agora, depois eu comecei a... Dando um exemplo. Eu conheci um cara, zapiando assim na TV, um guitarrista chamado Kenny Wayne.

Kenny Wayne Shepard. Um guitarrista de blues. E eu adoro blues.

Me impressionou tanto aquele cara tocando que eu fui buscar no iTunes e eu falei, eu faço questão de comprar o disco desse cara. Porque eu adorei, e aí eu acho que tem que valorizar. E aí sim, eu comprei o disco.

Comprei dele, comprei de um amigo meu. Comprei de uma outra banda. Enfim, aí de vez em quando eu comprava sim.

Quando eu queria metade do disco para mais. Entendeu?

Entrevistador:

Pode crer. E aí quando, na última década, houve essa transição para as plataformas de *streaming*, aí você virou assinante de imediato. Como é que foi essa tua transição como ouvinte?

Rafael:

Sim, por exemplo, eu assino Spotify já há muito tempo. Há muitos anos. Porque é uma forma legal, né?

Você está ajudando o artista também. Então, deixa de ser pirataria. Enfim, e é extremamente fácil, né?

A facilidade é absurda. Não acho a melhor qualidade de som. Acho que você perde, sim, muito na experiência de escutar a música.

A música começa a ficar muitas vezes em segundo plano. Mas eu gosto da música como protagonista. Em muitos momentos.

E o Spotify, né? Você bota em qualquer lugar, qualquer hora. Muitas vezes você nem presta atenção na música.

A música começa a ser cada vez menor. Mas assim, já tem muitos anos que eu assino Spotify, por exemplo. Eu assinava primeiro o Apple Music.

Apple Music? iTunes? Apple Music?

Sei lá. Acho que é Apple Music. E depois eu dava aula de guitarra e violão também.

E acho que tinha uma briga da Apple com os Beatles, né? E muitos alunos queriam aprender a tocar Beatles. Normal isso, né?

E aí eu tinha esse problema. Quando era para ensinar Beatles, eu não tinha acesso às músicas. Não sei se agora já tem.

Enfim, aí eu migrei para o Spotify. Mas já tem, sei lá, muitos anos. Muitos anos.

Talvez oito, dez anos. Não sei.

Entrevistador:

Na internet, como é a sua atividade em relação à música? Você costuma interagir? Você posta alguns conteúdos com esse tipo de conteúdo relacionado à música?

Você segue pessoas que te ajudam a estar inteirado?

Rafael:

Sim. Sim, basicamente os canais que eu sigo no YouTube são basicamente de música. Não posso dizer todos, mas tipo 95% são relacionados à música.

Principalmente equipamento de música. Mas, por exemplo, Instagram eu sigo alguns artistas, não muitos. Mas eu sigo muitos.

Alguns que eu conheço pessoalmente. Outros que eu apenas gosto da maneira de tocar ou das músicas em si. Mas acho que não muito uma banda.

Acho que banda eu sigo pouquíssimas. Mas muito mais os músicos, entendeu?

Entrevistador:

Bacana. Rafael, agora vamos passar para o segundo bloco. Você acostuma no seu dia a dia...

De que maneira você ouve música? Você ouve música mais via rádio, disco, algum tipo de acesso pessoal, digital? Ou por plataformas de *streaming*?

Tem algum desses modos que você usa mais? Você prefere ouvir mais de algum desses tipos? Ou como é isso?

Rafael:

Eu ouço muito pelas plataformas de *streaming*. Muito, muito.

Como eu te disse, agora fica até mais difícil você escutar um CD, né? Por exemplo, você compra um CD e você não tem mais onde você botar o CD. Meu carro antigo, por exemplo, tinha o CD.

O atual eu não tenho. O computador já não tem mais onde você botar o CD. Então tá cada vez mais difícil.

Então você é quase que obrigado, se você gosta de música, a ir pelo *streaming*. E eu gosto de vez em quando assistir algumas bandas no YouTube, boto na televisão e assisto. Ou alguns DVDs, blu-rays, enfim, que eu também gosto.

Eu compro mesmo, eu gosto muito disso, de assistir o show e boto na televisão para ficar assistindo.

Entrevistador:

Bacana. Você já tinha falado anteriormente que a música, ela perpassa a sua rotina, te ajuda a trabalhar, não foi? Deixa eu te perguntar, você quando você vai ouvir música, você sempre sabe o que vai escutar?

Quando você não sabe, isso acontece em algum contexto especial? Como é que você sai desse dilema quando ele acontece?

Rafael:

Eu geralmente já boto sabendo o que eu vou escutar. Eu já vou meio que, já não tiro certo, já vou buscando algo. Mas às vezes eu sinto um pouco a vontade de escutar uma coisa nova.

Uma música que eu não escutei ainda. Começa a me cansar um pouco das que eu estou escutando sempre e eu vou tentar ir em busca de alguma coisa nova. E aí não sei, acaba acontecendo.

Ou eu vou num show de alguém que alguma música me agrada e eu começo a escutar muito. Ou existe muito aquele tipo artista relacionado. Eu faço muito isso.

Entrevistador:

Mas você não se vê, por exemplo, congelado na frente da plataforma, tentando, sem saber o que fazer para sair dessa situação? Não é uma coisa que te ocorra?

Rafael:

Não, isso não. Eu ouço o que eu quero e eu posso até botar, por exemplo, se eu estou fazendo uma viagem, eu até posso botar lá no aleatório e vai tocando. E caso alguma coisa me chame a atenção, eu paro para escutar.

Mas isso é errado.

Entrevistador:

Você confia, de certa maneira você confia no algoritmo para escolher a próxima música? Por exemplo, você citou situações que você estava ouvindo um determinado artista e de repente entra outro que não é aquele. Você acha que ele acerta? Você confia? Você treinou o teu algoritmo?

Rafael:

Você diz acerta no meu gosto pessoal ou no estilo?

Entrevistador:

Não, se ele acerta do ponto de vista da tua experiência. Se ele é um estranho no ninho, na tua experiência, ou se ele está conformado com a tua...

Rafael:

Não, eu acho que ele acerta. Eu acho que vai bem. Eu acho isso.

Entrevistador:

Bacana! Você tem o hábito de criar *playlists*? Você costuma compartilhar essas *playlists*?

Rafael:

Eu costumo fazer *playlists*, sim. Por exemplo, se eu vou fazer uma viagem especial, eu gosto de criar uma *playlist*. Se eu vou fazer...

Antigamente, por exemplo, eu gostava muito de correr, fazer corrida. Então eu criava uma *playlist* para aquele momento. Uma coisa que eu gosto muito de fazer também é se eu vou num show, que eu gosto muito, que eu faço.

Eu pego o *setlist* da banda e faço exatamente na ordem do show, entendeu? Que é que dali vai me lembrando os momentos da banda ao vivo. E aí de compartilhar isso...

Não, eu não fico compartilhando, tentando mostrar para os outros. Só se, por exemplo, vai algum amigo meu para um show comigo, vamos supor, e aí eu compartilho com ele. Mas não é uma coisa que eu fico tentando divulgar, no caso.

Entrevistador:

Bacana, cara! Então agora eu vou falar sobre um momento que você descreveu de uma forma interessante, que foi você falando sobre o que você imagina que seja a experiência com o disco de vinil, mas que não necessariamente precisa ser com o disco de vinil. Eu estou falando daquele momento de conexão especial com música gravada, especificamente em que você está ali interessado naquilo, e não que ela esteja em segundo plano, como você falou numa outra resposta.

Falando sobre esse momento, você se percebe experimentando esse momento com frequência? Com que frequência? Você consegue dizer qual o contexto em que isso ocorre?

Rafael:

Eu tenho esses momentos, mas acho que hoje em dia cada vez menos, infelizmente. Não é uma coisa que eu quero, mas a vida leva a isso. Mas assim, eu costumo fazer, por exemplo, se eu gosto muito de uma música, eu ouço, ouço, ouço a música, e aí de repente eu pego e começo a escutar o álbum inteiro, e aí eu paro e escuto o álbum, eu vou digerindo aquilo.

Cada vez que eu escuto, eu ouço, ainda mais com essas coisas de músico mesmo, eu ouço uma guitarra diferente, eu ouço a gravação, a qualidade da gravação, então isso são sensações que vão me dando alegria, enfim, me interessa isso, essas sensações, sentir isso, perceber isso, essas nuances da música, e eu passo isso, mas eu gostaria de fazer mais.

Entrevistador:

Bacana, quando ele rola, quando esse momento que a gente está falando aqui, ele acontece, para você seria importante a qualidade do áudio, ou isso pode acontecer até se você estiver ouvindo pelo celular?

Rafael:

Não, nesse momento é importante ter a mínima qualidade de áudio, para mim é importante. Nem que seja com os fones, que eu fique imerso naquilo, eu não gosto que fiquem falando muito, que tenham distrações, nem visuais, tipo se está a televisão ligada, mas tem um disco tocando, eu gosto de escutar o disco, e com uma qualidade legal, melhor possível.

Entrevistador:

E aí nesse momento, achei interessante você mencionar a questão visual, quem sabe você acessa algum conteúdo visual relacionado àquela banda, àquele disco, ou àquela *playlist*, não sei, ou você fica exclusivamente ouvindo o áudio?

Rafael:

Não, depende do caso um pouco, se for, se eu estiver escutando por exemplo um disco ao vivo, eu vou querer de preferência poder ver a imagem também, porque ainda tem o lance de que guitarra o cara está usando, que bateria, como ele fez isso, sabe, eu gosto muito disso também, agora se eu estiver escutando um álbum, sei lá, aleatório, vamos falar, Dark Side of the Moon, aí nada, eu

gosto de parar e ficar escutando a música, muitas vezes até diminui a luz e só escuta a música.

Entrevistador:

Muito legal, você falou antes que acha que esse momento acontece com menos frequência hoje em dia, por que você acha que isso acontece com menos frequência?

Rafael:

Porque a vida é mais corrida, no meu caso trabalho mais, tenho outras coisas para fazer, chego, tem mil coisas para fazer, cuidar da casa, cuidar da família, cuidar de outras coisas, estudar a música, falar com amigos, sei lá, você acaba gastando mais tempo, agora, é um pouco de tomar vergonha na cara e tomar esse tempo para você, tipo, isso me faz bem, eu gosto de escutar um álbum da banda X e hoje eu quero fazer isso, eu vou pegar ali uma horinha e vou ficar escutando o disco, uma hora não é nada demais, dá para fazer isso, o que eu faço muito, às vezes, é quando estou correndo, hoje em dia estou correndo menos, porque eu tive problema de varizes, quebrei o pé, mas enfim, eu estava correndo muito todos os dias e aí eu boto o disco da banda e ouço ele inteirinho, prestando atenção, parece que eu apago a corrida e fico escutando aquele disco.

Entrevistador:

Bacana, falando mais...

Rafael:

Desculpa te interromper, mas agora é aquilo, nisso eu estou correndo, eu não estou parado totalmente só escutando o disco, entendeu? Então, é quase que você está fazendo duas coisas, por mais que eu apague da corrida e preste atenção no disco, eu ainda estou correndo, não sei se estou explicando bem.

Entrevistador:

O que você está dizendo é que você não está totalmente imerso na atividade de audição musical, mas pelo que você está falando, talvez, até por esse apagamento da corrida, dá a impressão que a atividade de audição está em primeiro plano e a corrida acaba ficando em segundo.

Rafael:

Correto, você explicou muito bem, é exatamente isso.

Entrevistador:

E, cara, agora pergunta para a gente fechar a nossa entrevista, na forma como você pessoalmente, o seu corpo, você reage nesses momentos, você se arrepia, você canta junto, você fica totalmente concentrado, eu queria tentar extrair de você como é que você se percebe nesses momentos de imersão na audição musical.

Rafael:

Eu fico completamente concentrado, por isso muito de não ter outras distrações, sejam visuais ou pessoas falando ou qualquer outra coisa. Sim, eu me arrepio muitas vezes, já chorei assistindo, escutando músicas, tem algumas músicas que mexem muito comigo, muito mesmo, que não tem uma vez que eu não fico arrepiado, enfim, eu me lembro, uma memória minha que eu não me esqueço, era época de Natal, era pequeno, não sei quantos anos eu tinha exatamente, mas era pequeno, meus pais queriam sair para comprar presente de Natal, e

estava passando, na época não tinha YouTube, a gente estava passando na televisão um show do U2, em Boston, da Versaculture.

Enfim, aquele show estava passando e aquilo foi me envolvendo de tal forma, a música, tudo, que meus pais chamavam para, “Rafael, vamos sair para comprar os presentes”, tudo, eu falei, “não, não quero sair”, isso para uma criança, você não sair para comprar presente de Natal porque você quer ficar assistindo o show, e aquele show eu comecei a chorar, chorar, chorar, em Where The Streets Have No Name, aquela música para mim mexe demais comigo, como a Comfortably Numb do Pink Floyd, me arrepia, é uma emoção, parece que vem uma força interior muito grande, e eu fico concentrado, parece que fecha tudo, cria um túnel, tipo isso, em certas músicas, é muito forte para mim, é muito forte, é difícil até de explicar, para ser muito sincero, eu fico falando, mas muitas vezes eu não encontro uma palavra correta para exemplificar isso.

Entrevistador:

Não, mas achei que você descreveu muito bem, até ouvindo o teu relato, até eu me arrepiei junto, ouvindo o que você estava contando. Mas, Rafael, muito obrigado pelo teu tempo, cara, pena que a gente não teve outras oportunidades de conversar sobre música, mais em família e tal, mas as coisas que você falou de música são super legais.

Rafael:

Quando você quiser, se precisar de mais tempo, outra entrevista, essa não ficou legal, mas, cara, estou aberto aí, falar de música é sempre bom.

Entrevistador:

Show de bola! Cara, se você quiser indicar algum amigo seu que teria interesse, para mim é legal também. Perfeito, posso fazer isso, sem problema algum.

Rafael:

Pode deixar, vou falar com alguns aqui e eu faço a ponte aí.

Entrevistador:

Muito obrigado, Rafael. Valeu, cara, um abraço.

Rafael:

Eu que agradeço, cara, abraço aí. Boa noite.

Renato Toscanio

Escolaridade: graduação

Ocupação: empresário

Nascimento: 02/04/1991

Idade: 31

Entrevistador:

Então, qual é a importância da música para a sua vida, Renato?

Renato:

Olha, tem vários níveis, né? Eu sou músico, fiz faculdade de música, não trabalho só com isso, mas durante muito tempo foi a minha única forma de trabalho mesmo. Dos 15 aos 26, mais ou menos, eu só trabalhei com música.

Aí depois acabou acontecendo outras coisas, fui procurar outras formas de emprego. Mas desde pequeno eu tenho uma relação muito forte com a música, porque minha mãe era pianista, então ela tocava piano em casa. Depois a gente acabou se mudando para um apartamento, teve que vender o piano, mas continuou sempre ouvindo discos, né?

Principalmente relacionado com piano e música clássica, que era algo que ela gostava bastante. E meu pai tocava violão. Então, desde cedo, eu tive esse contato com a música bem forte e sempre ouvindo música e fazendo música também.

Então, eu tenho uma relação bem íntima com música.

Entrevistador:

Você diria que a música te ajudou a definir sua identidade como pessoa?

Renato:

Com certeza, com certeza. Eu era sempre o cara da música, sempre fui. Assim, na escola, o assunto comigo era sempre música, os meus amigos sempre estavam relacionados à música.

Os amigos que eu tenho até hoje da infância são os que têm alguma relação com música.

Entrevistador:

Qual é a sua primeira lembrança de audição musical, cara?

Renato:

Cara, tem duas fortes, assim. Uma é dessa coisa com a minha mãe, dela ouvindo um disco que... Ela tinha os discos de vinil, né?

E eu... Depois, ela já faleceu, eu acabei vendendo todos menos um, que é aquele do Keith Jarrett, o concerto lá em Colônia. Porque eu lembro dela ouvindo e eu devia ter uns 3, 4 anos e eu gostava daquele som do piano, eu ficava ouvindo com ela.

E também eu lembro, antes da primeira série na escola, uma professora apresentava os instrumentos, né? Pra sala, assim, ó, esse aqui é o violino, esse aqui é a flauta. E eu me recordo de eu ser o único que se interessava pra...

Tipo, vai, deixa eu pegar o violino, deixa eu pegar a flauta, deixa eu pegar as coisas. O resto eu só ficava, tipo, querendo brincar. E eu já queria mexer nesses instrumentos.

Legal. Acho que essas são as duas recordações mais antigas, assim, que eu tenho.

Entrevistador:

E a idade, mais ou menos?

Renato:

Ah, entre 5, 6 anos, por aí. Tá.

Entrevistador:

Você tem na sua casa produtos que... tem como tema música, por exemplo, pôsters, camisas. Você costuma ler sobre músicas?

Renato:

Não, livros sobre música eu tenho bastante. Camisa e pôster, não muito. Talvez eu não seja muito ligado na decoração ou na vestimenta, assim.

Nunca tive camiseta de banda, por exemplo. Nunca exteriorizei de uma forma como moda, assim. Mas também não achou errado nem nada.

Só não me expressava dessa maneira. Mas livros eu tenho bastante. Tem alguns CDs, alguns discos que eu acho importante eu guardar.

Mas era uma relação mais de prática mesmo. Os instrumentos e fazer música.

Entrevistador:

Entendi. Você tá com 31, 32? Então, você...

Bom, você falou já sobre a sua relação com um suporte específico, que foi o vinil, por causa da sua mãe, né? Você com 32 anos deve ter pego o finalzinho da era do CD e aí logo já chegou os tocadores de *streaming*, aquela rotina de baixar música e depois vieram as plataformas. Como é que você consegue, de alguma maneira, me contar como é esse histórico da sua relação com os suportes musicais, os discos, depois esse meio de download, finalmente, com as plataformas?

Renato:

Eu peguei o fim definitivo do vinil, né? Apesar que o vinil voltou com tudo recentemente. Mas eu peguei aquele fim da década de 90, que tava fazendo essa transição pro CD.

Então eu lembro de ganhar brindes na escola em vinil, tipo coisa do, sei lá, Patati Patatá, alguma coisa assim, sabe? Em vinil e logo eu vi essa transição pro CD. Como eu era jovem, eu não senti muita diferença, né?

Eu era muito novo, então pra mim era meio que assim, uma evolução normal. Simplesmente aconteceu do vinil pro CD. Eu não tive muito, não senti muito impacto disso, a não ser da questão espacial mesmo, né?

O CD era muito mais fácil de carregar pra cima e pra baixo. Então eu sempre usei muito o CD. Mas o *download*, o mp3, pra mim foi a grande mudança, porque foi uma época que eu consegui conhecer muita coisa.

Então era muito fácil compartilhar música, era muito fácil ir atrás de música. Às vezes você, eu lembro quando apareceu Napster, essas coisas todas, que eu peguei essa época muito forte, né? Eu e meus amigos virou tipo uma, como posso dizer?

Ah, era quem conseguia baixar mais coisa diferente, né? Tipo no Napster, no E-mule, essas coisas todas. De quem descobria aquela música mais rara, que ninguém sabia onde tinha.

Então bandas da década de 70, 80, coisas assim. Então eu acabei aproveitando muito bem. O formato mp3, né?

Mesmo que não viesse com a mesma qualidade do CD. Essa foi a manifestação que deu pra mim, assim.

Entrevistador:

Então vamos interromper aqui nesse ponto, depois você vai falar sobre as plataformas de *streaming*. É que me chamou a atenção de você falar sobre o Napster. Porque o Napster surge em 99 e morre em 2000. Você é jovem, né?

Renato:

Sim, é. Eu tinha uns 9, 10 anos por aí, mas eu tinha alguns amigos mais velhos no prédio que eu morava. E eles eram muito conectados com computador, essas coisas.

Então eles acabavam me mostrando. Eu tinha 7 anos e me mudei pra um prédio, porque eu morava em casa. Eu acabei me mudando pra esse prédio, tinha bastante gente.

E eu acabei virando amigo de uns caras que tinham 14, 13, 15 anos. Eles já mexiam com computador, eles já estavam mais antenados. Então eles me mostravam o Napster e depois veio todas as outras plataformas, né?

O LimeWire, o E-mule, todas essas coisas.

Entrevistador:

É porque você falar no vinil me chama atenção também, porque no Brasil o CD, ele... surge em 82, mas ele só vinha pegar no Brasil mesmo lá pra década de 90. Ali no início da década de 90, você ainda se lembra dessa transição.

Renato:

Sim. Pode ser uma coisa minha, eu tenho bastante memória da minha infância.

Entrevistador:

Ah, entendi. Legal. Cara, e aí?

Quando foi que... você voltou para as plataformas *streaming*? Você se lembra quanto que essa mudança entrou na sua vida?

Renato:

Olha, é relativamente recente. Porque... tinha os mp3, né?

Aqueles *pendrives*, depois vieram aqueles outros aparelhinhos, mp4, essas coisas. Que tinha aquele trabalho de você baixar a música, colocar no aparelho, e aí você ia escutar, né? E agora eu não lembro exatamente qual foi.

Qual foi o ano ou a época que isso mudou, mas eu já tava provavelmente saindo da faculdade há uns 10 anos, por aí atrás, que começou a bombar o Spotify. Ou talvez um pouco mais recente. E eu ouvia as pessoas começarem a falar não, você assina, você ouve o que você quiser, mas no começo me parecia meio trocar seis por meia dúzia.

Eu pensava, “eu já tenho aqui um aparelho com as minhas músicas, eu não preciso ficar assinando essas coisas pra ter acesso à música”. E eu lembro que quem também era usuário de Apple já teve acesso ao Apple Music, acho, né?

Entrevistador:

Na verdade é o seguinte, o Spotify chega ao Brasil, o Spotify surge na Suécia em 2008, e vem a chegar nos Estados Unidos em 2011. Quando chega nos Estados Unidos é que tem realmente o boom de globalização. Ele vem a chegar no Brasil em 2015.

E Apple Music vem ainda depois.

Renato:

É porque quem tinha produto da Apple era mais fácil, né? Pelo celular você já resolvia, você já comprava a música, você já escolhia qual você queria ouvir por causa do iPhone, do sistema deles. Então eu lembro que essas pessoas já tinham uma facilidade maior de ter acesso às músicas e eu tinha que esperar baixar ou sair de uma maneira mais ilegal, talvez.

Mas foi isso. E aí eu acabei sendo meio que levado pro Spotify. Não foi algo que eu busquei ativamente, mas pessoas ao meu redor começaram a usar e eu comecei a ver que era mais fácil mesmo do que você baixar, pegar no seu computador, jogar pro seu celular ou pro seu tocador, qualquer coisa que seja assim.

E o que me atraiu foi mais o que você falou, o *boom*, a globalização. Foi de forma mais passiva que eu comecei a utilizar o Spotify e hoje eu uso basicamente diariamente.

Entrevistador:

Você assina o Spotify?

Renato:

Sim. Na verdade é um plano familiar. A minha família toda usa.

Entrevistador:

E aí você não tem o hábito de colecionar discos?

Renato:

Não, não tenho.

Entrevistador:

Na internet, como é a sua relação com música? Você costuma seguir os seus artistas favoritos? Você mesmo costuma postar algum conteúdo relacionado à música?

Renato:

Sim, eu sigo. Principalmente os artistas que produzem mais coisa nas redes sociais. Tem alguns artistas que eu gosto que acabam não tendo muito...

não publicam muita coisa no Instagram ou no Twitter ou coisa assim. Eu acabo seguindo eles, mas eles não produzem muita coisa. Mas tem alguns que eu gosto de seguir, principalmente aqueles que produzem informações complementares da música que eles produzem.

Não só tipo agenda ou ficar falando do dia a dia. Curiosidades da música. Eu gosto muito de *youtubers* que produzem produtos sobre música, não só a música deles.

Não sei se você conhece, tem o Adam Neely, o Rick Beato. Eles são músicos, mas eles também produzem um conteúdo sobre música. Então tipo, a minha música aqui eu gosto disso, porque...

Então eu gosto de seguir essas pessoas mais informativas também. Não só uma questão de seguir ali o meu ídolo. E na internet eu posto coisas sobre música, eu tinha um podcast sobre música que eu falava sobre questões musicais também.

Entrevistador:

Ah, é mesmo?

Renato:

É. Eu acabei parando ele recentemente porque eu tava com muita coisa na agenda pra fazer e eu não tava conseguindo dar a atenção que eu queria pra esse podcast. E eram mais reflexões sobre música mesmo nesse podcast.

Então não queria fazer de qualquer jeito. Manda sim, manda sim. Legal.

E é isso. Essa é a minha relação na internet com a música e com os artistas.

Entrevistador:

Legal. Você... Como é que você situa o seu hábito de ouvir música na sua rotina?

Renato:

Ele é diário, mas ele não é tão intenso na questão da qualidade. Geralmente é quando eu tô dirigindo ou fazendo alguma outra atividade. Só que assim, se é alguma coisa que realmente puxou a minha atenção aí eu vou parar e vou tentar reproduzir ele da maneira mais...

com a melhor qualidade possível. 90% do tempo eu tô ouvindo ou no som do carro ou no som numa caixinha não tão boa, né? Aí de repente, tipo, nossa, não, essa música eu tenho que prestar atenção.

Aí eu vou colocar um fone de melhor qualidade, aí eu vou parar, sentar. Mas na maior parte do tempo é como música ambiente, digamos assim.

Entrevistador:

Tá. Depois vamos falar mais propriamente sobre essa situação onde você tá atento especificamente a música. Você acha que a música te ajuda a desempenhar tarefas?

Renato:

Ah, eu acho que sim. Tem coisas que, assim, não tem aquela pessoa que gosta de estudar com música, né? Se é alguma coisa que eu tenho que prestar atenção exatamente, a música me atrapalha.

Porque eu começo a prestar atenção na música. Então, por exemplo, tem até lugares que às vezes eu vou, algum restaurante, algum lugar assim, que eu prefiro que não tenha música. Porque eu vou acabar prestando muita atenção na música e eu não vou prestar atenção no que tá acontecendo na minha frente.

Mas existem certas coisas mais mecânicas que, se não tem música, eu acabo, acaba sendo, tipo, meio difícil pra mim executar essas funções. Por exemplo? Dirigir, arrumar a casa, fazer faxina, essas coisas triviais assim, fica difícil sem música, no meu caso.

Entrevistador:

Você é ouvinte de podcast também, cara?

Renato:

Sim, eu ouço alguns. Aham.

Entrevistador:

Você não vê o podcast roubando um pouco do tempo da sua audição musical? Isso não acontece pra você?

Renato:

Não, não acontece. Não acontece pra mim, não. Assim, eu não sei se não tivesse o *podcast*, né?

Não sei se eu ouviria a música, mas talvez ouviria. Talvez esteja roubando e não esteja sentindo, mas quando eu ouço o *podcast*, eu não sinto falta da música. E quando eu ouço a música, eu não sinto falta do *podcast*.

Não é alguma coisa que compete na minha mente.

Entrevistador:

Exatamente esse é o ponto. Você não percebe, né? Essa correlação, né?

Renato:

Se eu estiver comendo um macarrão, eu não penso “nossa, eu podia estar comendo uma pizza”. Não é essa relação, entendeu?

Entrevistador:

Entendi. Deixa eu te perguntar uma coisa, aproveitando que você tem essa visão do músico também, tem uma percepção de que a música gravada, ela acabou se tornando quase que, como você falou, 90% do tempo está sendo utilizada como um plano de fundo, está uma certa subalternização da audição, considerando que, pelo que eu estou entendendo, você também trabalha com produção musical, pelas pessoas que você citou aí, os YouTube.

Renato:

Sim.

Entrevistador:

E a gente sabe, gasta-se muito tempo com isso, né? Muito cuidado, muita atenção e é um tema super sofisticado. Particularmente eu percebo alternativas como Tiny Desk Concert e outros dessa mesma linha, fica parecendo que é uma alternativa de trazer o ouvinte, trazer a atenção do ouvinte pra aquela mídia, pra música específica.

Por outro lado, isso também é uma certa contradição com relação às práticas de estúdio, né? Basicamente, você está ouvindo música ao vivo.

Você quer falar um pouco sobre isso? Porque, no final das contas, qual é o ponto que eu estou tentando colocar aqui pra você? Existe todo um cuidado com o desenvolvimento da música gravada, do fonograma, né?

Na verdade, o ponto em que o ouvinte está, de fato, dedicando a sua atenção é o momento da audição de música ao vivo mesmo que gravada.

Renato:

Sim. Eu acho esse tema muito interessante principalmente como músico também, né? Porque a música nunca foi feita pra ser gravada, né? Se você parar pra pensar, existem aí séculos de desenvolvimento musical e a música gravada existe há mais ou menos 100 anos.

Então, na história da música, a gravação é ínfima, né? É uma coisa muito nova.

Então, eu acredito que a gente está vendo os resultados disso agora, de como o produto musical gravado, ele se torna mais um acompanhamento dos acontecimentos que você está vivendo do que realmente o acontecimento em si. Mas daí existe realmente uma questão meio irônica, né? Porque mesmo o Tiny Desk que é ao vivo, ele não é, né?

Ele é ao vivo só uma vez porque é a partir do momento que ele está no YouTube.

Entrevistador:

Exato.

Renato:

Você consegue ouvir aquilo várias vezes. Se você consegue ouvir várias vezes, ele já perdeu a classificação de algo que aconteceu no momento, né? Você pode

discutir se ele tem essa energia do momento porque são músicos tocando pra uma plateia e o que vai acontecer ali aconteceu e acabou, né?

Não tem como você refazer aquilo, mas eu acho que existe esse problema das pessoas não estarem conseguindo entender a função do ao vivo. Inclusive os próprios músicos, né? Que é essa conexão de você viver aquele momento com as pessoas que estão ali no lugar e você passar essa mensagem a partir da música.

Por mais que eu ame música e adoro ouvir coisa gravada, eu acho que não se compara. Eu acho que a música ao vivo, ela é o jeito certo de fazer música, digamos assim, né? A música gravada, ela é uma amostra daquilo que pode acontecer.

Mas eu acho que é um assunto bem complexo. Tem muita vertente. Daria, inclusive, pra fazer outra pesquisa sobre isso, né?

Entrevistador:

É. Então, deixa eu te perguntar. Você quando vai, pelo que eu tô entendendo, a sua audição musical, ela tá praticamente exclusiva, de forma exclusiva nas plataformas *streaming*, né?

Renato:

Sim.

Entrevistador:

Como você é assinante do Spotify, no Spotify, né?

Renato:

É.

Entrevistador:

Você sempre sabe o que você vai ouvir e quando você não sabe, como que você faz pra você romper essa inércia?

Renato:

É, eu gosto de ser surpreendido. Então, muitas vezes, eu coloco no aleatório e o Spotify agora tem dois tipos de aleatório, né? Tem o aleatório que eles falam que é cem por cento aleatório, não me parece ser cem por cento aleatório, porque muitas vezes eu vejo uma repetição de artistas e ele tem um aleatório que vai te levar pra um caminho de coisas que você já tá ouvindo.

Então, tipo, se naquele dia você tá ouvindo rock, ele pega um aleatório mais parecido com o que você tá ouvindo. E muitas vezes eu coloco nesse no mais aleatório possível pra tentar ouvir alguma coisa que eu nunca tinha ouvido. Então, mesmo dirigindo, eu boto lá e aí quando aparece alguma coisa que eu não conheço, muitas vezes eu consigo ouvir melhor o que eu não conheço do que eu já conheço.

Mas é uma prática que eu tenho bastante, assim, de tentar ouvir o desconhecido. Eu acho que essas plataformas me ajudam bastante.

Entrevistador:

Na parte de descoberta, você tá falando aí?

Renato:

É, eu acho, eu acho que sim. Legal.

Entrevistador:

Então, você, de certa forma, você confia na inteligência artificial pra selecionar o repertório.

Renato:

Sim, eu sei que ela vai tentar, tem a questão do algoritmo de que ele vai tentar te prender ali, né? Então, ele não vai, ele tem um certo limite do que ele pode fazer porque ele nunca vai tentar te jogar alguma coisa muito diferente. Eu sei que tem essa limitação do que você, por exemplo, numa loja de CD ou de disco, né?

Você realmente pode achar alguma coisa completamente surpreendente por acaso. Porque não tem nenhum tipo de algoritmo sendo rodado ali pra tentar te manter naquele lugar. Mas eu confio de alguma maneira.

Entrevistador:

Entendi. Você tem o hábito de criar *playlists*?

Renato:

É mais recente, eu comecei recentemente criar algumas *playlists*.

Entrevistador:

Mas aí você cria pro seu próprio uso?

Renato:

Sim. Uma ou outra eu mando pra alguém, mas acaba sendo mais pra mim mesmo.

Entrevistador:

Entendi, beleza. Cara, agora vamos tentar falar um pouquinho sobre uma experiência que você citou numa das respostas no bloco anterior. É aquele momento em que a audição musical tá em protagonismo, né?

Você já falou que se percebe experimentando esse momento. Como é que é esse momento pra você? Você consegue descrever?

Renato:

Você diz de quando eu percebo que tem alguma coisa que eu quero prestar atenção e aí eu...

Entrevistador:

É, quando a audição tá em primeiro plano.

Renato:

Geralmente vai ser no Spotify ou no YouTube mesmo. Porque assim, eu acabei não mantendo nenhum equipamento pra tocar CD ou vinil. Mesmo que eu tenha algum ou outro, eu só consigo tocar essas mídias que eu tenho se eu vou na casa de alguém que tem e eu quero mostrar, né?

Mas geralmente é o seguinte, como eu te disse, eu tô naqueles 90% ouvindo música quase que no automático, vamos dizer assim, e aí alguma coisa me chama atenção naquela música. Pode ser ou a harmonia, ou a melodia, ou a qualidade, ou os instrumentos. E aí eu vou, sei lá, quando eu chegar em casa eu tenho que ouvir isso.

Aí eu venho aqui ou pra esse quarto que eu tô, ou eu fico na sala mesmo. E eu geralmente uso esse fone de ouvido que é um fone de ouvido que eu uso pra gravar, porque ele tem realmente uma qualidade muito boa. E aí eu vou ficar lá.

Geralmente, se for um álbum, eu vou ouvir o álbum inteiro. Entendeu? Se for uma apresentação, eu vou ouvir uma apresentação inteira.

O Tiny Desk, por exemplo, é um canal que eu acabo utilizando muito pra isso. Eu deixo lá rodando os vídeos ou fico pulando de vídeo pra outro e de repente aparece alguma coisa que eu falo olha, isso aqui eu tenho que ouvir. Aí eu vou fazer dessa forma.

Entrevistador:

Entendi. Mas agora é uma curiosidade. Esse fone de ouvido ele provavelmente é pra gravação, como você falou, né?

Renato:

Sim.

Entrevistador:

Então a equalização dele é flat, né? Então ele não tem intenção de embelezar o que você tá escutando, né? A tua audição nesses momentos, ela é mais técnica, então?

Renato:

Pode ser que sim. É porque a própria música, ela vai ser gravada com uma equalização, né? Então na minha visão eu não vou distorcer essa equalização que foi o que o artista pensou ou o produtor.

Então eu vou estar recebendo essa equalização da forma mais pura possível. Se eu coloco algum fone que tenha um *boost* no baixo, eu vou estar distorcendo já o produto. Colocar mais sal na comida, né?

A comida já é salgada, eu tô colocando mais sal. Pelo menos essa é a minha visão.

Entrevistador:

Legal. Você se percebe esse momento, ele acontece com frequência contigo? Você consegue dar uma noção de qual é a...

Renato:

Ah, pelo menos uma vez por semana, duas. Geralmente de fim de semana. Entendi.

Entrevistador:

Beleza. Então, cara, deixa eu te perguntar, você quando você tá nesses momentos de conexão especial com música, você consegue descrever como é a tua relação com o seu corpo? Você percebe você se arrepiando, você se percebe batucando, se percebe...

Se puder descrever como é que é pessoalmente.

Renato:

Sim. Eu acho que no começo, primeiro vem as manifestações rítmicas, né? Então eu vou bater o pé, eu vou bater a mão, eu vou me chacoalhar de alguma maneira que eu identifique aquele ritmo e eu consiga entrar em sincronia com aquele ritmo.

Mas os arrepios, os suspiros, muitas vezes eu me emociono e consigo chorar, consigo rir de todas as maneiras possíveis. E tem muitas músicas que me dão uma sensação de sabor, assim, uma satisfação, algum acorde ou... Inclusive eu tenho uma *playlist* só de músicas que me fazem sentir essa degustação, né?

Uma coisa assim, como se fosse quase um umami. Eu até coloquei o nome de umami nessa *playlist* porque é o quinto sabor. Então você tem o salgado, o azedo, o doce, o amargo e o umami, que é um sabor que dá uma tipo uma salivação assim, tá?

Né? Então, eu acabo me relacionando muito com comida, não sei se você percebeu. Então, eu eu sinto essa sensação em muitas músicas de de uma satisfação física mesmo.

Entrevistador:

Tá, deixa eu te fazer uma última pergunta aqui, Renato, que é o seguinte, eu já eu já entrevistei algumas pessoas, especialmente mais jovens, que percebem que vem uma espécie de narrativa da experiência, quando você, vamos dizer o seguinte, né? Você tem um artista que você gosta e aí, se você acompanha esse cara, né? Ou essa mulher, essa banda nas redes sociais, é como se houvesse uma intenção de você fazer aquele discurso da obra, que era comum você ter num tendo um disco, você, isso começar a a ser feito na rede social e ele ia acabar desaguando lá nas plataformas *streaming*.

Você vê isso acontecendo, você tem algum exemplo, algum depoimento, algo que tenha te chamado a atenção.

Renato:

Mas como assim, você diz, tipo, no no CD, você tinha o de coisa?

Entrevistador:

É, assim, se você pensar que a experiência que primeiro o seguinte, essa noção de foi uma coisa que surgiu com um vinil fruto das eh das limitações daquele suporte, tinha vinte e poucos minutos de cada lado e aí aquilo é descartado numa capa e acabou se aproveitando a a a capa como um acompanhamento daquela experiência, né? E de alguma maneira como uma como uma contraparte visual da daquela música. Então, toda a narrativa do álbum, ela tava naquele, na capsulada, né?

É, nesse suporte físico ali, né?

Renato:

Uhum.

Entrevistador:

Como isso se dissipou, eu vejo algumas pessoas descrevendo algo semelhante a esse tipo de de narrativa como uma coisa que vem a partir da rede social e vai desaguar no stream. Você já viu alguma coisa assim? Você se vê embarcando nessa nessa nessa jornada?

Renato:

Uhum.

Entrevistador:

Pra você isso não acontece?

Renato:

Olha sinceramente eu acho que não acontece pode ser que existem algumas ocasiões em que eu não conheço o artista por exemplo enquanto eu tô ouvindo a música eu vá procurar sobre ele.

Entrevistador:

Uhum.

Renato:

Aí eu vejo lá na nas redes sociais que que ele fala, como é que essa pessoa é, onde ela vive, mas sinceramente eu não não consigo ter uma uma experiência além disso.

Entrevistador:

Ah, ótimo. Renato, muito obrigado pelo seu tempo, cara. Super interessante tua entrevista. Eh eu sempre falo pros entrevistados que assim quando tiver finalizado lá espero que no final de início de março aí já acabar e enfim cara o que o que eu gostaria se você puder me comentar lá me passar o seu perfil do Twitter e tal pra eu pra eu eu vou eu vou te acompanhar não sei se é Twitter que você usa né? O Instagram.

Renato:

É eu uso mais Instagram mesmo. O Twitter eu uso só passivamente assim só pra ver notícia alguma coisa assim mas no Instagram eu sou mais ativo.

Entrevistador:

Valeu. Muito obrigado cara.

Renato:

Falou.

Entrevistador:

Abraço.

Renato:

Abraço.

Ricardo Mazzi

Escolaridade: graduação

Ocupação: designer

Nascimento: 03/07/1992

Idade: 31

Entrevistador:

Então, André, queria que você falasse um pouquinho sobre a sua relação com música de uma forma geral, qual a importância que a música teve na sua vida, se ela, de alguma maneira, você avalia que ela te ajudou a definir a sua identidade pessoal, o que você tem a falar sobre isso? Teve uma hora que cortou um pouquinho, eu não ouvi o que você falou, minha relação com música e qual a importância da música para a sua vida e se você acha que, de alguma maneira, ela te ajuda a definir a sua identidade como pessoa.

Ricardo:

Para mim, me considero uma pessoa *hard user* de música, que eu escuto muita música, desde o momento que eu acordo até a hora que eu vou dormir, tem

música e isso já há muito tempo, eu acho que desde que eu comecei, quando eu era criança, adolescente, minha irmã teve um iPod, depois ela parou de usar e eu comecei a usar o iPod dela, desde então essa coisa de ter música portátil, ela acompanha todos os momentos da minha vida, e no sentido um pouco mais emocional, relacionado à minha identidade, quem eu sou e como eu me vejo, os meus momentos de mudança, em vários sentidos, a música é sempre uma grande companheira para mim e tem alguns artistas ou alguns álbuns, principalmente que, sei lá, se um dia eu estou mal, se um dia eu estou precisando ter coragem, alguma coisa assim, eu recorro à música para conseguir fazer coisas quase como se fosse um amigo, e eu acho que a minha identidade seria outra se eu não tivesse essa companhia da música na minha vida, principalmente durante a minha adolescência, quando eu comecei a parar de ouvir só música da rádio, ou que meus amigos ouviam, e comecei a ir atrás de música que eu realmente me conectava, que parecia que era mais uma experiência minha do que só uma experiência que todo mundo estava ouvindo, e isso ajudou, tanto ver roupa que eu visto, ou bancar alguma personalidade, ou ter algum artista que vira um ídolo para mim e aprender de estilo, o modo de falar, alguma coisa assim, então para mim a música, além dela ser uma grande companheira, ela também contribuiu muito para quem eu sou agora, como eu sou, como eu falo, como eu me visto, como eu quero ser, então eu diria que a música, em vários sentidos, o que eu sou tem muito a ver com a música que eu escuto, e isso já há uns 15 anos, pelo menos.

Entrevistador:

Seguinte, você comentou uma coisa interessante, que você falou que num determinado momento você passou a ouvir coisas que não eram o que os seus amigos estavam ouvindo, como se fosse um elemento distintivo da sua personalidade. Você percebe que em determinado momento você começou a se perceber com um interesse maior por música do que os seus amigos?

Você tinha essa noção?

Ricardo:

Sim! Isso foi principalmente quando eu tinha uns 14, 15 anos. E eu acho que tem relação também de alguma maneira com a internet, de eu achar blog que eu gostava de ler sobre música.

Quando eu comecei a entender que eu gostava de ler sobre música, eu comecei a ver que eu tenho um interesse maior do que os meus amigos ou as pessoas ao meu redor têm com música. Nessa época, pra mim, eu basicamente baixava música, né? Casar, 4shared, umas coisas assim.

Então eu ia atrás e ia baixando música e às vezes eu ficava horas baixando música. Eu olhava, por exemplo, em blog que eu pesquisava e comecei a gostar, eu ouvia muito jazz, eu ouvia muita música experimental. Então eu achava blog que tinha a ver com isso.

E aí isso já era completamente diferente do que os meus amigos ouviam. E aí eu ficava horas baixando e eu lembro que o iPod que eu tinha, ele podia ter 32GB de música. Então eu ficava baixando, eu tinha no meu computador, quando terminou, parei, eu tinha 230GB de música.

Caramba! Era muita coisa. E aí eu lembro que um pouquinho depois eu tive um iPod que tinha acho que 120GB e ele era lotado, então tinha que ficar tirando e botando música.

Aí nessa hora eu vi, caramba, eu tenho 12 mil músicas no meu iPod. Eu com certeza tenho um interesse de música muito mais exagerado do que os meus amigos e tudo. E também deu começar a mostrar músicas que eu gostava e que eu achava incrivelmente boas e via que as pessoas não entendiam, sabe?

Então eu falei, ok, de repente eu tenho um interesse específico e uma trajetória específica de música, sabe? E eu acho que foi um pouco isso, vendo o quanto de música eu tinha e o quanto eu gostava de, quanto tempo eu passava lendo e pesquisando sobre música, sabe?

Entrevistador:

Sim. Deixa eu te perguntar, você comentou, achei interessante também que você falou que um catalisador desse interesse mais profundo por música foi a sua relação aparentemente, né? Posso estar falando alguma bobagem, mas aparentemente um elemento facilitador foi a sua relação com o dispositivo.

Esse iPod que era da sua irmã, é isso, né? Que idade que você tinha?

Ricardo:

Cara, esse primeiro que foi da minha irmã eu nunca era o iPod, não. Acho que eu tinha tipo 13 anos.

Entrevistador:

Começou na adolescência então, né, essa coisa.

Ricardo:

Exatamente, assim. E eu tinha muito CD, eu colecionava muito CD. O primeiro CD que eu ganhei acho que foi do Gorillaz, assim.

Eu deveria ter uns 11 anos. E desde então eu peguei, mas o iPod pra mim tinha o lance de eu podia levar pra todo lugar. E o CD com Discman também podia, mas era diferente porque era um álbum só e ficava meio trambolho, assim, né?

Imagina, sei lá, ia na praia levar um bando de CD, sabe? Ficava meio, assim. Acho que o lance do iPod pra mim foi muito especial.

O lance de poder ter várias coisas e ouvir onde eu quisesse. E também de poder fazer *playlist*. Porque eu lembro que eu já fazia muita *playlist* no iPod.

Que você podia fazer, que era muito chato. Você ia, era chato assim, né? Comparado com o que é hoje, né?

Era meio irritante. Você ia e fazia, depois não dava pra mudar a ordem, enfim. Mas isso de ter, por exemplo, botar cinco músicas diferentes, assim.

Desculpa, cinco artistas diferentes numa mesma *playlist*. Isso pra mim acho que também fez... Tipo, aumentou o meu vício, assim, sabe?

Tipo, deu caramba. Eu posso estar aqui, sei lá, vou pra praia e eu quero ouvir música de praia. E botava, tipo, fazia uma lista de músicas de praia, assim.

Sim, entendi. Pô, bacana.

Entrevistador:

Você consome produtos com temas de música, cartaz, sei lá, livros, objetos decorativos, memorabilia, essas coisas?

Ricardo:

Não muito. Tipo assim, eu tenho uma *baby* coleção, né? Mas, tipo, de vinil.

E de outras coisas. É porque eu não tenho, por exemplo, cartaz. Embora eu acho lindo, mas eu não gosto de ter coisa, assim, sabe?

Então, acho que é mais uma coisa minha, assim. Tipo, eu não me ajudo não tendo um cartaz. Eu já tive quando era mais novo, assim.

Mas hoje eu acho que eu não tenho mais. Mas deixa eu pensar. Acho que é mais só vinil.

É, não. Acho que eu tenho mais um lance com vinil mesmo, assim. Acho que é a única coisa física que eu tenho de...

Eu tenho minha coleção antiga de CD, mas que eu nem olho mais pra ela. Mas vinil, assim.

Entrevistador:

Ah, legal. Então, esse lance de... Você falou que tem uma baby coleção, né?

Esse consumo do vinil, você consegue falar um pouquinho sobre ele? Quais são as razões que te fazem ter interesse por esse suporte? Porque não é mais necessário, né?

Você ter vinil pra escutar música.

Ricardo:

Eu também. Tanto que eu praticamente... É muito raro eu escutar os vinis que eu tenho, assim.

Eles ficam mais, tipo, ali, assim, de eu achar lindo, assim. Eu acho que pra mim tem um lance totalmente com uma parada meio estética, assim. Sei lá.

Tipo, eu sendo designer, então, os vinis que eu tenho, a maioria... É porque eu acho... Assim, são vinis que eu gosto de ouvir, que eu gostaria de ouvir.

Mas tem uma relação de que são vinis que eu gosto de ouvir e eu acho eles lindos, sabe? Tem um pouco dos dois, assim. Eu tenho poucos que é mais porque, tipo, sei lá, álbuns que eu considero icônicos, assim.

Que eu acho muito foda de ter. Mas a maioria é realmente porque eu acho muito lindo. E gosto de ouvir ao mesmo tempo.

Então, acho que pra mim tem um pouco disso, assim. Primeiro, acho que tem uma... Tanto que eu gosto de música, eu tenho alguma necessidade de...

De ter alguma coisa, sabe? De ser mais... Parece que, tipo, assim, quase como se pegar e ouvir no Spotify e ler sobre.

Não é o suficiente. Então, pra mim, o ato de comprar também satisfaz a minha... O meu vício em música, de alguma maneira, sabe?

Tipo, quando eu compro um vinil, assim, sabe? Isso também.

Mas aí, acho que é como se o ato de comprar vinil... Também contribuísse pro quanto eu amo música. E...

O lance, sei lá, em loja ou feira de vinil... E olhar... Eu acho isso também muito foda, assim.

E eu tenho... Eu teria vontade de um dia, tipo, ser DJ e de tocar de vinil, assim mesmo. Então, pra mim, eu sinto que eu também tô contribuindo pra um futuro.

Se isso acontecer, assim. Entendi. Mas acho que é basicamente isso, assim.

Entrevistador:

O que é que você acha bacana nessa coisa de estar em loja ou feira de vinil? Por que você acha isso legal?

Ricardo:

Cara, o que eu acho muito legal assim, eu acho que ainda mais sendo essa coisa do Spotify, você tem acesso a tudo, né? A sensação é essa, pelo menos, você pode achar tudo ali e eu assino também o YouTube Music. A sensação de que tem mais tudo ainda, sabe? Então às vezes eu sinto que um pouco de limite interessa. Do tipo, eu ir numa loja de vinil e não fazer ideia...

Tipo, assim... primeiro que não vai ter nenhum lance de algoritmo,. De nada, assim.

Qualquer pessoa que entrar ali ia achar os mesmos vinis, assim, sabe?

Entrevistador:

Sim.

Ricardo:

Então, acho que pra mim tem um lance disso de ser... Eu sinto que é uma... É um limite que deixa mais interessante, sabe?

Do tipo... Sei lá. E eu não sei, eu acho que eu tenho...

Eu acho que tem esse lance de vinil, assim, né? Por exemplo, sei lá, eu tenho... Tem um DJ que eu adoro, que ele tem uma coleção...

Sei lá, acho que é tipo 20 mil vinis, não sei. Uma coisa assim. Ele tem, sei lá, um andar da casa dele é só vinil.

Uma coisa assim. E ele, tipo... E o foda dele é que ele encontra vinis muito raros e que...

Tanto que, sei lá, tem vezes que uma música entra no Spotify... Ou volta meio que a bombar, assim. De uma cena muito pequena, né?

Mas é porque ele, que é um DJ muito foda, achou um vinil que nem... Sei lá, que deveria ter três cópias, assim. E ele tocou numa festa e voltou a fazer sucesso.

Aí a produtora falou, pô, vamos botar... Voltar com esse... Tipo, com essa música, sei lá, em *streaming* e tudo.

Então eu acho legal essa coisa, essa sensação também, tipo, com vinil de... De estar numa loja e sentir que eu posso achar uma coisa que eu não acharia no Spotify. Seja porque não tá lá ou porque tem tudo lá e não tem como encontrar.

E... E aqui no Rio não tem tanto isso. Mas em Lisboa, eu tinha, sei lá, tinha loja que eu ia.

Que eu já conhecia o pessoal da loja, mais ou menos. Aí eu já chegava e falava, pô, chegou alguma coisa da maneira de house aí? Ou chegou alguma coisa legal de eletrônico experimental?

Ou jazz, sei lá? E a pessoa já me mostrava. Então, tipo, criava uma relação legal do tipo de...

A loja que eu ia já... Sei lá, já chegava uma coisa e ele, pô, o Ricardo pode gostar disso. Então, sei lá, às vezes mandava WhatsApp.

Pô, Ricardo, chegou um vinil aqui da Sade, você vai adorar isso aqui, sabe? Então, tipo... Tinha uma parada.

Isso também eu acho maneiro da loja, sabe? E também acho que o ato de ficar olhando, assim, também é gostoso, assim.

Entrevistador:

Tem uma coisa aparentemente, me corri se eu estiver errado, da sociabilidade da loja, né? Do espaço, da pessoa lembrar de você, né? Tem alguma coisa afetiva aí no meio?

Ou tô falando bobagem?

Ricardo:

Tem sim. Tanto com a pessoa da loja, que trabalha na loja, quanto, sei lá, eu ia muito com um amigo em loja de vinil. Aí ficava, sei lá, a gente ficava lá uns 30 minutos, aí ficava cada um meio por si.

Aí, de repente, chegava, caramba, olha, Ricardo, olha isso aqui. Aí, caramba, foda. E voltar, sabe?

Então, tipo, além da parte da loja de ter essa coisa, o cara vem que te conhece, você vai te conhecendo e sabe o que você quer, o que você pode gostar. Ou, às vezes, até te apresentar uma coisa que você não conhece, mas ele fala, porra, acho que você vai gostar desse aqui. Tanto, ou também ir com amigos, assim.

Eu acho muito mais legal ir em loja de vinil com um amigo do que sozinho, por exemplo. Porque eu acho que a gente fica olhando e vai mostrando um pro outro. E, sei lá, tem vezes que um álbum que eu nunca vou comprar, mas, sei lá, de olhar ele ao vivo, já, tipo assim, caramba, olha, só de ver isso, isso já é muito foda, sabe? Tipo... É ver uma obra de arte, pessoalmente, assim, sabe?

Entrevistador:

Então, você, desses vinis... Ali tá me parecendo que esse primeiro é o da Björk? O que tá ali na frente?

Ricardo:

Sim, aham.

Entrevistador:

Ah, legal. Os vinis que você tem, eles são todos da era do vinil? Ou eles são alguma coisa mais recente?

Ricardo:

Cara, tem dos dois, assim. Tem muito... Eu acho que deve ser meio a meio, assim.

Ah, é? Tem muito novo, porque tem muito vinil também que eu compro que é novo, tipo assim, sei lá, álbum lançado recente, assim, né? Mas eu acho muito mais legal comprar vinil antigo.

Entrevistador:

Aham.

Ricardo:

Ainda mais, tipo assim, primeiro por ser usado, e às vezes ele tem... Sei lá, tem do Djavan que eu tenho, tem tipo, o cara escreveu uma coisa pra mulher dele, parece, sabe? E deu de presente pra ela, e tem o ano, assim.

Então, acho isso muito maneiro. Então, eu prefiro usado, mas tem uns, por exemplo, da Björk. Eu nunca vou encontrar, assim, vai ser muito raro eu conseguir encontrar todos da época também e tudo.

Então, eu meio que desapeguei um pouco disso, mas eu acho mais maneiro os antigos, assim.

Entrevistador:

Bacana. Você... Eu queria...

Pelo que você já falou, você é alguém ativo nas redes sociais, de alguma maneira. E na tua atual... Aliás, não é nem nas redes sociais, é na internet de um modo geral.

Como é a sua atividade como usuário de internet com relação a temas musicais? Você costuma interagir, postar? Você segue perfis com esse tema?

Consegue falar um pouquinho sobre isso?

Ricardo:

Eu acho que eu posto pouco. Eu posto mais no meu Instagram, postar uma música que eu estou ouvindo. Então, acho que de postar, eu mais mando...

Sei lá, eu tenho no WhatsApp grupos de amigos que a gente só se manda música. Então, acho que é mais assim. Mas nessa coisa mais geral, eu acho que não.

Eu não posto tanto, mas tem blog que eu leio. Eu ouço muito podcast sobre música. Acho que a maioria dos podcasts que eu escuto são sobre música.

E tem canal no YouTube que eu sigo só para ouvir sobre música. E eu não sei, nos últimos dois anos, eu tenho aprendido produção. Então, só aumentou o número de coisas que eu sigo para análise musical.

Sei lá, eu uso bastante TikTok. Não de postar, mas de ver. O TikTok é basicamente produção musical e análise musical.

Então, acho que eu mais consumo do que de fato postar, sabe?

Entrevistador:

Legal, cara. Agora a gente vai tentar falar um pouquinho sobre os seus hábitos de audição. Você consegue me falar sobre como é essa relação entre música e rotina para você?

Ricardo:

Sim, para mim é mega, sei lá. Está muito dentro da minha rotina música. Tipo, por exemplo, sei lá, aqui em casa.

Eu tenho uma caixinha de som aqui na sala. Ela é meio grande, então ela é meio fixa. E tem uma que fica só no banheiro, porque eu não tomo banho sem música.

Para mim é super estranho tomar banho. Eu tomo banho sem música, eu acho que o meu banho dura um minuto e meio. Porque, sei lá, me dá quase agonia.

Mas geralmente é tipo isso, eu acordo. Acho que nos últimos dois anos eu comecei a ouvir também muito podcast. Eu acho que o meu consumo de música deve ter diminuído muito por conta de podcast.

Mas eu acordo e geralmente eu ponho fone de ouvido. Ou deixo a música alta, mas geralmente com fone de ouvido. Porque eu acordo cedo, com medo de barulho no prédio e tudo.

Mas é isso, eu já tenho muitas *playlists*. Eu tenho, sei lá, 1.100 *playlists*. Se eu escrevo manhã, vai ter uma *playlist* só para acordar cedo de manhã.

Então, tipo, eu tenho... Acho que quase tudo que eu faço eu estou ouvindo música. E muito voltado.

Tipo assim, eu vou tomar banho, então eu já tenho o tipo de música que eu quero ouvir no banho. Ou vou ouvir um álbum. Mas eu escuto acho que mais *playlist* do que álbum nesses momentos.

E aí, sei lá, academia. Um dia eu cheguei na academia e meu fone estava sem bateria. Eu voltei.

Eu não consigo treinar sem ouvir música, sabe? E tipo... E aí tem essa coisa assim da minha rotina, do lavar louça também.

Ouçó música, sei lá, tudo que eu... Parece que se eu não preciso ter um foco 100% numa coisa, eu vou estar ouvindo música enquanto eu estou fazendo aquilo, sabe? E eu tenho muito hábito também de, sei lá, encontrar amigo para beber e ficar ouvindo música.

E a gente fica tipo... Ou, sei lá, põe no YouTube e fica vendo alguma apresentação também. Ou ficar ali e aí eu estou assim e falo, gente, quem quiser, muda.

Botei uma *playlist*, mas quem quiser pode mexer aqui e aí muda. Tipo assim, caramba, se eu vir um álbum novo de não sei quem, aí botar alguma coisa. Então acho que é um pouco isso.

Quase tudo que eu faço. Acho que eu estou num nível tão viciado. Desde que eu comecei a usar fone sem fio, aumentou mais ainda.

Porque eu posso ficar, tipo, deixo o celular aqui, fico fazendo tudo pela casa. Tem vezes que eu estou sem fone e eu tiro o fone. E não tenho fone, sabe?

Tipo, parece que eu já estou tão habituado a estar com fone. Quer dizer, tipo, pai, vou e tiro. Caramba, não estou nem com fone, assim.

Então acho que está muito dentro da minha rotina, assim, 100%.

Entrevistador:

Entendi. Cara, você está falando tanta coisa que é interessante que eu deveria estar anotando daqui a pouco. Estou esquecendo as coisas que você falou.

Ricardo:

Se quiser eu anoto.

Entrevistador:

Não, tudo bem. Vamos nessa. Eu queria falar o seguinte.

Você falou sobre essa divisão do... Divisão não é exatamente a palavra, mas essa apropriação do seu tempo dedicado à audição de música por podcast. Como se você tivesse comido uma parte desse tempo.

O que você acha que isso aconteceu? Para você.

Ricardo:

Isso foi tema já na minha terapia, até. É que eu fiquei realmente um pouco... Não chateado, mas eu fiquei assim, caramba, eu estou ouvindo bem menos música.

Tipo, eu acho que tem alguma coisa do... Sei lá, primeiro, acho que tem muito a ver com pandemia. Acho que eu passei a pandemia em Portugal.

E estar morando lá durante a pandemia, eu passei muito mais tempo sozinho do que eu acho que eu passaria se eu estivesse aqui. Então acho que é como se a música é uma companhia, mas o podcast é uma companhia ainda mais viciante. Porque é sempre alguém falando, todo dia tem vários podcasts novos, vários temas.

Então eu acho que, de alguma maneira, para mim o podcast entrou como uma companhia por eu passar muito tempo sozinho. Porque são pessoas falando. E eu acho que para mim ainda, na época que eu comecei a ouvir podcast, que foi em Portugal, eu ouvia muito podcast daqui do Brasil.

Então acho que tinha um lugar também de saudade daqui, sabe? E aí eu acho que para mim tem uma coisa quase como se, em muitos momentos, é... Tipo assim, sabe essa coisa, sei lá, você vai ver um filme e você não consegue parar de mexer no celular?

Porque parece que você precisa... Precisa estar sempre muita coisa, sabe? Um excesso de estímulo.

E parece que o podcast é um estímulo maior do que a música. Então acho que por isso que eu fiquei... Eu acho que a minha relação com podcast é um pouco...

É mais até vício, assim, do que de música. Eu amo música e o podcast eu acho que é mais, tipo, sei lá, uma relação de vício, porque é muita coisa acontecendo, sabe? Às vezes você está fazendo várias coisas e ouve no podcast e tem sempre alguma coisa nova.

A música, querendo ou não, embora tenha essa novidade, mas, sei lá, é diferente, assim, sabe? No podcast você ria, depois você pode ficar triste, depois você fica irritado, sabe?

Entrevistador:

É como se fosse... Vou opinar aqui, nem é meu papel ficar opinando, mas fica parecendo que são estímulos diferentes do cérebro, né? Estímulos de forma diferente.

Ricardo:

Minha sensação é exatamente essa.

Entrevistador:

Talvez o podcast ocupe mais a mente, né? E a música dá conta de um lugar que não estimula tanto, não sei. Deixa eu te perguntar aqui.

Então, pelo que você está descrevendo, basicamente você ouve música através de plataforma de *streaming*, né? Ou você acrescentaria algum outro meio além de *streaming*?

Ricardo:

Não, uma vez por mês eu escuto um vinil, mas o resto é só plataforma de *streaming*.

Entrevistador:

E aí por que você assina duas plataformas de *streaming*?

Ricardo:

É porque eu... Não, então eu assino as duas. O Spotify eu uso o Dava, então eu não pago o Spotify, eu ainda estou no Dava.

E o YouTube, eu comecei a usar o YouTube porque tem alguns álbuns que eu gosto que não tem no Spotify. E eu começava a baixar eles para o celular, mas aí comecei a achar chato. Aí um dia eu fui, alguma coisa, apareceu uma propaganda para mim, sei lá, YouTube três meses grátis, não sei o quê.

Aí eu comecei a assinar, mas eu estou quase parando de assinar porque um dos álbuns que eu gostava voltou para o Spotify. Aí eu estou assim, por que eu... Sei lá, não está fazendo o menor sentido, mas é que eu amo o YouTube.

O YouTube eu baixo show, tem *mixtape* no YouTube, tem *set* de DJ, é tudo. É porque eu já tenho minhas *playlists* no Spotify, senão eu sairia completamente do Spotify, porque para mim o YouTube é imensamente melhor para como eu consumo música.

Entrevistador:

É assim, eu assino o YouTube, a minha mulher assina o Spotify, uma diferença que eu percebo dos dois, no processo de seleção eu acho o YouTube muito pior, porque ele não organiza cronologicamente os álbuns, por exemplo, está tudo misturado. Eu acho que a parte é um pouco desestruturada.

Ricardo:

Sim, para mim eu também acho isso. O Spotify eu acho ele muito avançado nesse sentido, de organizar e de saber procurar as coisas. O YouTube às vezes parece que vai ter alguma coisa que eu não vou estar encontrando, mas está ali.

Entrevistador:

Sim. Você consegue comparar a sua relação com o algoritmo nas duas plataformas, no YouTube e no Spotify? Você percebe a diferença?

Ricardo:

No YouTube eu vou muito certo, eu nunca procuro música nova no YouTube. Por exemplo, isso que eu falei de procurar o *set* de algum DJ, aí eu ponho o nome do DJ que eu gosto e mais *set*, e procuro lá. Mas o YouTube é mais assim, eu já sei o que eu quero e eu vou lá.

O Spotify eu escuto toda semana, aquele Descobertas da Semana. Às vezes no Spotify ainda tem uma coisa, tem pessoas que eu sigo. Eu acho uma *playlist*, sei lá, um dia eu fui botar, sou muito fã de Björk, então eu adoro.

Quem gosta de Björk também gosta de ver o que essa pessoa escuta. Então eu procuro no YouTube, sei lá, Björk e chuva. No YouTube não, desculpa, no Spotify.

Björk e chuva ou Björk e feliz, alguma coisa assim. Aí eu acho uma *playlist*, vou nesse usuário e procuro outras *playlists* dele para ver o que ele escuta. Então no YouTube eu zero, sei lá, nem sei se dá para fazer, nunca foi.

No YouTube eu vou realmente muito certo. E é quase como se no YouTube eu só ouvisse as mesmas 20 coisas. Que é o show de fulano, o *set* de não sei quem, aquela música que não tem no Spotify, sabe?

Entrevistador:

Entendi. É como se fosse uma ação mais ativa no YouTube e no Spotify você pode dar mais espaço para o algoritmo, para a inteligência artificial.

Ricardo:

É por aí? Totalmente, exatamente isso.

Entrevistador:

Bacana. Você sempre sabe o que vai ouvir, você passa por aquele momento de congelamento, quando você... Ah, eu vou abrir aqui, eu não sei o que...

Você percebe tendo esse tipo de estado?

Ricardo:

Sim, mas para mim é sempre assim, eu estou ouvindo música, aí eu vou botar uma música e tipo, caramba. Aí você escuta e você, caramba, não está batendo, não está indo. Aí eu procuro outra e não está batendo, não está batendo, não está batendo.

Aí eu começo a ficar tipo, caramba. Aí eu fico assim, será que eu tenho que parar de ouvir? Será que simplesmente não é a hora de ouvir música?

Mas aí, geralmente, quanto eu tô assim, eu tenho dois amigos que a gente se escuta muito e se manda muita música.

Que é a Dani e o Bruno. Aí eu falo para um dos dois, tipo assim, cara, não sei o que eu ouvi hoje, me manda alguma coisa? Aí me manda alguma coisa e eu tento ouvir, assim.

Eu também, embora, sei lá, eu escuto o Discovery, isso de procurar *playlist* de outras pessoas, mas às vezes eu não amo também o... Tipo assim, eu descobri muita música interessante no “Descobertas da Semana”, por exemplo, e tudo. Mas eu não...

Eu não amo também. Tipo, porque eu acho meio... Parece que é sempre a mesma coisa, sabe?

Tipo, quando eu vou olhar, parece que é tipo... E me dá uma sensação de agonia, quando eu escuto que é tudo sempre... Que é sempre a mesma coisa, que me dá uma sensação meio, tipo...

Me dá uma sensação de que música é completamente descartável, sabe? Tipo assim, parece que aí, sei lá, o Descoberta, sei lá, me deram ali 30 músicas, para outra pessoa deu mais 30, mas semana que vem saiu. E aí eu começo a ouvir, caramba, essas músicas são...

É muito parecida com o da semana passada, mas está um pouco diferente. Então parece que, caramba, parece quase música que foi criada por robô, sabe? Porque, tipo, não sei, dá uma sensação de que não é tão especial, assim.

Para mim é diferente quando algum amigo me indica, que me dá... Parece que é uma pérola encontrada, assim, sabe?

Entrevistador:

Ah, entendi. Claro, entendi. Olha, você falou uma coisa que me chamou a atenção, você falou que tem mais de 1.100 *playlists*. São *playlists* que você criou ou são *playlists* que você segue?

Ricardo:

Que eu criei. Mas é isso, tem *playlist* com duas músicas, sabe? Não são todas *playlists* muito boas e pensadas, assim, sabe?

Mas tem *playlist* com nada, assim. Mas é isso, é muita. Caraca, você costuma compartilhar essas *playlists*?

Muito pouco. Eu mando mais para amigos, assim, para os meus amigos. Ou, sei lá, se alguém vem aqui, tipo, alguém sai, vem aqui em casa, uma coisa assim, escuta, ah, não, mas que *playlist* essa é boa, aí a pessoa pede, eu mando.

E, sei lá, se eu vou viajar com amigos também, a gente faz muito *playlist* compartilhada, aí acaba que manda, assim. Mas eu não... Acho que eu só compartilhei, tipo, uma vez no Instagram, uma vez uma *playlist*, assim, mas eu não...

Acho que eu tenho pouco... Eu sou meio tímido para fazer isso, assim, mas eu realmente não compartilho muito, não. Mas com amigos, mesmo.

Entrevistador:

Então, essa pergunta está um pouco associada com uma percepção de que na ausência... Hoje em dia você também tem, né? Mas além do vinil ser uma maneira de você...

Do vinil ou do disco, pode ser até CD ou fita cassete, ser uma maneira de você manifestar o teu interesse por música, o compartilhamento de *playlist* também era uma forma de você demonstrar o quanto que você gosta, o quanto que você conhece, né?

Ricardo:

Sim. Não, é só porque eu acho que eu... Fico assim, gente, quem vai querer ouvir uma *playlist* que eu estou compartilhando, sabe? Eu acho que me dá uma...

É, tipo, isso mesmo de timidez. Mas eu compartilho muita música com amigos. Acho que quase diariamente eu mando uma música para alguém, assim.

Tipo, olha que foda essa música. Ou nem uma música nova, mas tipo assim, caramba, esse álbum é muito foda. Tipo assim, sabe?

Olha isso. Tipo assim, sei lá. Acho que de compartilhar música assim, de compartilhar *playlist* não tanto.

Entrevistador:

Bacana. Cara, agora queria... Esse é o bloco final da entrevista. Queria explorar um pouco sobre um tipo de experiência que é aquela...

Em que a audição musical está em protagonismo, né? Você se percebe experimentando esse momento?

Ricardo:

Sim. Você diz de ouvir uma música e aquele é o ato principal que eu estou fazendo, sei lá, não é mesmo?

Entrevistador:

É.

Ricardo:

Sim. Eu tenho isso principalmente com... Com álbuns novos, assim.

Tipo... Sei lá. Alguém lançou um álbum novo que eu quero muito ouvir.

Ou que eu li num lugar que é muito foda e eu quero ouvir. E aí eu tenho muito... Sei lá, eu deito tudo na minha cama, em casa, assim, e escuto.

Ou eu gosto muito... Aí acaba que não é o ato principal, mas pra mim está sendo. Tipo, eu ando de bicicleta, ou amo andar de bicicleta ouvindo música nova, ou andar na rua ouvindo música nova.

Pra mim é tipo... Acaba que eu estou fazendo uma outra atividade, mas se não tivesse essa música nova, eu não estaria fazendo essa atividade, sabe? Entendi.

Ou tipo ir à praia também, sei lá.

Entrevistador:

Então assim, isso em geral... Quer dizer... Pelo que você falou, você ouve disco uma vez por mês, eventualmente, né? Então, esse momento pode acontecer com plataforma de *streaming*, mas você se vê experimentando esse momento quando você está ouvindo o vinil também, ou não?

Ricardo:

Eu acho que agora não tanto, assim. Eu acho que eu já fiz isso... É porque, por exemplo, agora eu estou morando num apartamento que é meio tipo de passagem, sabe?

Tipo, é um apartamento que eu não estou... Não tem... Tipo, tem coisas que são no proprietário, então eu não sinto que é a minha casa, sabe?

Eu fazia muito isso quando eu estava em um lugar que eu sentia que era a minha casa. Então assim, aí eu... Sabe?

Aí você faz realmente o momento, que aí, sei lá, tem iluminação que eu gosto, eu ponho e fico parado ouvindo, assim, sabe? Tipo... Mas aí, para mim, sei lá, não sei...

Acho que teria que ser um ambiente melhor, sabe? Para eu fazer isso.

Entrevistador:

Ah, cara, muito interessante você falar sobre essa questão do espaço. Você acha que a relação com o espaço e com o suporte, no caso do vinil, ela é importante para a experiência?

Ricardo:

Eu acho que sim. Eu acho que para mim é completamente. Era mais para a experiência do vinil.

Que eu acho que é tipo... Eu e eu acho, sei lá, outros amigos meus, assim... Pessoal, eu lembro quando eu morava...

Quando eu estava morando em Portugal, que lá era muito, tipo... Lá era muito caro o aluguel, então todo mundo estava se mudando e morando num lugar meio merda, assim. Aí era tipo assim, eu tinha essa relação, e outros amigos falavam, caramba, cara, quando eu me mudar de apartamento, só porque era um tocadorzinho de vinil e botar, chegar em casa, abrir um vinho do trabalho e ficar sentado ouvindo um vinil, assim.

Eu acho que realmente faz esse lance do vinil, principalmente eu acho que ele tem o lance tipo de criar um *mood*, assim, sabe?

Entrevistador:

Sim.

Ricardo:

Que eu acho que é muito... O Spotify não tem isso, assim, né? Eu acho que ele tem mais...

Tem isso de alguma maneira, isso para mim, andar de bicicleta ouvindo música. Isso para mim é um super *mood*, assim, também. Mas eu acho que o vinil tem mais relação com casa, sabe?

Sim. É um aparelho doméstico, né? Exatamente, assim.

E tanto por isso que eu acho que hoje em dia, sabe, a maioria das pessoas que tem vinil quer um vinil bonitinho, que também, sabe, combina com a casa. Então eu acho que tem todo um... É uma experiência também muito tipo da sua casa, assim, sabe?

Não só com música, sei lá.

Entrevistador:

Como se fosse um culto ao espaço doméstico de alguma maneira, né?

Ricardo:

Sim.

Entrevistador:

Cara, deixa eu... Estamos já encerrando aqui, só queria te perguntar o seguinte. Você... Deixa eu perguntar, espera aí. Ah, sim. A gente está falando... Você falou sobre esse momento de protagonismo, ele acontece mais com álbuns, né? Por que mais com álbuns do que com *playlists*?

Ricardo:

Eu acho que, assim, eu levo o álbum muito a sério. Eu amo o álbum, adoro, tipo... Fico sem...

As vezes eu me pego pensando, caramba, qual o álbum que eu mais gostei da minha vida? Tipo, qual o melhor álbum desse ano? Ou tipo, se eu tivesse que fazer um top três álbuns de house, o que eu...

Sabe? Então, álbum é uma coisa que eu penso bastante, sabe? E pra mim, eu levo muito a sério quando, por exemplo, algum artista lança um álbum novo ou um álbum que pra mim é inédito, assim.

Mas principalmente quando alguém lança. Então, do tipo... E eu leio muita crítica de álbum.

Então, do tipo assim, eu gosto de parar e ouvir e depois ler as críticas e ver o que as pessoas estão achando. Então, acho que pra mim tem uma coisa de parar e prestar atenção. Que com *playlist*, eu acho que não...

Sei lá, não tem... Não... Parece que a *playlist* mais embala um momento, sabe?

Do que... Do que, tipo, eu pegar e eu vou ouvir esse álbum e aí eu começo a pensar, eu vou... Tipo, se tem letra, se não é instrumental.

Eu vou, fico lendo as letras e caramba, aí tento pensar no sentido. Então, acho que pra mim o álbum tem... É tipo ver um filme, sabe?

É tipo... Até parecido um pouco ver um filme e ver uma série ruim, sabe? Sei lá, não ruim, mas meio ruim.

É tipo ver *Friends* ou ver, tipo... Um filme novo de alguém muito foda que você goste, sabe? Até mesmo uma série, assim.

Que parece que a *playlist* é uma coisa mais... Ah, fica ali também, né? Agora o álbum é tipo assim, caramba, parece que eu tenho que ter uma conclusão sobre aquilo quando terminar, sabe?

Entrevistador:

Você acha que é como se fossem funções diferentes desses formatos?

Ricardo:

Eu acho que sim, é. Que eu acho que o... A *playlist*, sei lá, essa *playlist*...

Ainda mais *playlist*, que eu acho que hoje em dia quase ninguém faz *playlist* em ordem. Pra mim, se tem uma coisa que já é no *shuffle*, eu já nem considero aqui como contando uma história, assim. Porque, tipo, cara, tá no aleatório, assim.

Então, parece que eu também não, sabe? Sei lá. Eu acho que são funções diferentes, como você falou.

Entrevistador:

Cara, então, só pra encerrar aqui, então, Ricardo, você... Eu costumo sempre... Sempre perguntar como é a relação do corpo nesse momento de protagonismo.

Se você se arrepia quando está ouvindo, se você... Se você fica super concentrado. Você já falou um pouquinho, né?

Que você lê a letra e tal. Enfim, consegue falar um pouquinho sobre isso, então?

Ricardo:

Cara, eu tenho muita... Eu sou muito, tipo, manteiga derretida, assim. Me emociono com as coisas muito fácil, assim.

Então, com música, eu fico arrepiado muito fácil. Tipo, realmente, de ficar... Eu fico com tudo, né?

Mas incluindo música, assim. De ficar realmente muito arrepiado. Às vezes eu posso chorar também, sabe?

Já tem música que eu... Não chorar muito, assim, mas, tipo, de ficar com o olho cheio d'água, sabe? E...

E aí, acho que isso mais de como eu expresso o que eu sinto, né? Ou de não necessariamente dançar, assim. Mas, tipo, sabe?

Sentir vontade de mexer, sabe? Ou de fazer alguma coisa, assim. É...

E aí, no sentido, tipo, isso. Eu vou muito atrás de letra. Pra mim, por exemplo, esse lance do Spotify, já que, sei lá, já tem um tempo, né?

Mas que é meio relativamente novo. De já ter a letra ali, eu acho perfeito, assim. E eu vou muito também no Genius, que é um site que você consegue ver.

E tem gente que... Eles meio que dão uma interpretada, assim, nas letras, sabe?

Entrevistador:

Olha!

Ricardo:

Às vezes é ótimo. Principalmente pra música, tipo, rap. Que tem umas referências que eu não faço ideia, assim.

Então, tipo, acho muito bom. E... E eu acho que isso.

Eu tenho muito isso de ouvir música com amigos também, né? Além de... Só que eu acho que esse não é necessariamente o momento que a música tá sendo protagonista, né?

Mas é isso. Com amigos, aí eu tenho um pouco de dançar. Ou de, tipo, assim, sabe?

De... Cara, essa parte é muito foda. Encostar, assim.

Ficar, tipo, pegar na mão e sacudir, sabe? Mas pra mim, tem cada vez mais ficar parado ouvindo, é... Eu fico um pouco entediado, sabe?

Se eu ficar parado, depois eu vou ouvir um álbum, tipo, sentado. Ou deitado, sei lá. Aí uma hora eu fico meio entediado, sabe?

Cada vez eu tenho dificuldade de ficar de fato parado, realmente, só ouvindo música, sabe?

Entrevistador:

É uma... Parece ser, né? Uma...

Uma... Uma sensação que o corpo pede mais estimulação, né? O tempo inteiro.

Por causa da nossa relação com... Com a contemporaneidade aí, com os dispositivos, né? Essas coisas.

Ricardo:

Sim.

Entrevistador:

Ricardo, assim, uma... Uma última questão, é... Sobre esses... Esses... Shows do YouTube, tem umas... Tem umas... Uns canais que eles exploram muito isso, né? Por exemplo, tem o Tiny Desk Concert, é... KEXP, enfim, vários desse tipo, né? Como é que você... Como é que você... Você... Você acha que esse tipo de iniciativa é uma... Uma coisa que talvez seja um recurso interessante para explorar esse protagonismo da audição musical?

Ricardo:

Tipo assim, esses recursos, tipo, desses shows, é uma forma interessante de explorar esse momento de ter a música como protagonista?

Entrevistador:

É, isso, é.

Ricardo:

Cara, eu acho muito, assim, tipo, eu até fiquei até arrepiado, assim, lembrando, porque eu acho muito, tipo, o... Eu não sei se é uma experiência... Eu não acho que é uma experiência só da minha bolha, mas eu acho que é uma experiência muito...

Não acho que é só de gay, mas eu acho que é muito de gay, assim, tipo, de pegar, você... Chamar amigos, tipo, para casa e ficar, às vezes, duas horas só vendo YouTube e vendo isso, tipo, tá em 10 que eu vendo, tipo, apresenta live de não sei quem. Então, e agora, eu nunca tinha pensado nisso, mas esse é o momento que a música fica completamente protagonista, assim.

Eu acho que é um dos poucos momentos que eu tenho com amigos que a música está como protagonista, assim, mesmo, sabe? Que não é só para dançar, não, que a gente está parado ouvindo, sabe? E, tipo...

Eu acho, realmente, assim, é um... Acho que é um espaço super para explorar a música como protagonista.

Entrevistador:

Então, Ricardo, super obrigado. Concluímos, tá? Se você puder passar aí a palavra da pesquisa...

Roberto Castro

Escolaridade: graduação

Ocupação: executivo(a), comerciante, aposentado(a)

Nascimento: 11/05/1963

Idade: 60

Entrevistador:

Roberto, então, essa entrevista faz parte do projeto de pesquisa do doutorado que a gente está tocando lá no LEUI da PUC. Essa entrevista é dividida em três etapas. Primeiro, a gente vai falar sobre a sua relação com música.

Segundo, a gente vai falar sobre os seus hábitos de audição musical. E, finalmente, a gente vai falar sobre um tipo específico de experiência que a gente está mais especificamente interessado.

Roberto:

Tá legal.

Entrevistador:

Beleza? Então, você poderia dizer qual é a importância da música na sua vida? Você acha que, de alguma maneira, ela ajuda você a formar a sua identidade pessoal?

Como é isso para você?

Roberto:

Totalmente, cara. Não sei se eu te faço só um breve histórico. Eu não acho que isso seja fundamental, por ter essa proximidade ou esse contato com a música.

Mas, por exemplo, quando eu nasci, meu pai tinha loja de discos. Então, isso, na verdade, foi só um facilitador. As pessoas, às vezes, falam isso, mas eu não acho, definitivamente, nada determinante.

Por exemplo, minha irmã não tem relação nenhuma com música. Nada. Então, a única vantagem...

Quando eu nasci, eu era criança e eu já tinha curiosidade por música. E, por sorte, eu tinha um pouquinho mais de acesso. Eu tinha mais discos disponíveis na minha casa.

Mas, desde criança, de 5, 4, 5, 6 anos, ouvir música era uma atividade... Era uma coisa minha. Ficar em casa...

Tinha o toca-disco lá, na época da Vitrola. Ficar pegando disco, LP, e ficar ouvindo. Então, a única vantagem que eu tive era que eu tinha um certo acesso mais facilitado aos discos.

Mas, só isso. Em termos de ser determinante na personalidade, caráter... Personalidade totalmente.

Porque você começa a se moldar, você vai ouvindo, se envolvendo, e depois vai se direcionando. Tanto que, com 12 anos, eu comecei a tocar violão. E aí, já fui andando por esse caminho.

Comecei a tocar. Com 14 anos, eu entrei para uma banda. E pronto, acabou.

Quer dizer, isso é determinante para a sua formação toda. Porque já vem direcionado por ali, você está sempre antenado naquele aspecto. Seus ídolos começam a vir da música.

Então, é 100% determinante para a sua formação, em termos do que eu sou hoje, ou do que a pessoa se transforma. Isso eu acho que é fato, entendeu?

Entrevistador:

Com certeza. Então, Roberto, eu queria saber o seguinte. Você está na casa dos 60 anos, mais ou menos?

É isso?

Roberto:

Eu tenho 60 em maio agora, cara.

Entrevistador:

Então, você passou por várias fases do padrão tecnológico da indústria.

Roberto:

Isso, a questão da minha vida, como vi, foi mudando totalmente.

Entrevistador:

Como é que você vê, se é que você vê alguma mudança com relação a essas fases da indústria? Você percebe que, de alguma maneira, a tua relação com a audição ou com a música em si foi mudando de acordo com essas etapas, com a evolução?

Roberto:

Foi mudando muito, cara. Eu até acho, não acho que seja o padrão. Eu até acho, Rafael, que hoje a facilidade é muito maior.

A forma de você acessar hoje música é muito mais fácil até. Você imagina uma pessoa, se ela queria ter... Vamos lá para...

Até anos 70, para ter acesso à música, você tinha que ir a uma loja e comprar a mídia física que era o disco, o long play, o compacto. Você tinha que comprar. Hoje em dia, eu acho até que é muito mais fácil, de certa forma, até muito mais democrático.

Com o iPhone na mão, você tem o que você quiser. Mas, para mim, de qualquer forma, a medida que... Eu acho, às vezes, até um pouco radical a minha posição.

Mas, à medida que a mídia física foi acabando, eu fui me distanciando um pouco mais da música. Eu era muito mais próximo, na época que eu tinha o LP. Era assim...

Era inenarrável você chegar e pegar um LP, vir com ele para casa, pegar, abrir e botar no toca disco e começar a escutar. Tinha a interação com a capa e aí você ver a capa, "quem fez?", "quem compôs?", arranjador, produtor...

Não sei se é um perfil muito meu, mas era muito legal. Aí você devorava aquele LP e conhecia profundamente. Até porque o LP, como era uma obra que já vinha completa, quando você pegava um artista qualquer, você conseguia se aproximar mais do artista, porque você viu a identidade.

Você não conhecia uma música do cara. Você chegava e ouvia 12, 14 músicas do cara. Já tinha a capa, que já te dizia muita coisa.

Então, você pegava um pouco da identidade, quem eu gosto ou não. À medida... Para o CD, acho que quando mudou para o CD, meu relacionamento não mudou em nada, era a mesma coisa.

Ficou mais pobre por causa da arte, porque o CD era menor fisicamente e tal, mas não mudou em nada. Agora, hoje em dia, eu tenho uma restrição a escutar música da forma que a gente escuta, hoje de *streaming*, mas basicamente por causa da qualidade sonora, que eu acho que é mais técnico. A própria forma de mixagem que eles fazem, que eles colocam a música no ar e tal.

Às vezes, eu vou escutar a música assim, sei lá, Spotify. Às vezes, é frustrante. Tem uma música que você lembra dela, como era escutar ela num grande som analógico, num LP.

Então, às vezes, você escuta hoje a própria forma com que a música está mixada, que ela subiu, que ela foi colocada, filtros e tal. Às vezes, elas são muito decepcionantes. E hoje em dia, eu escuto pouca música assim pelo seguinte.

O legal era, assim, quando eu comecei a tocar, o legal era você ouvir uma música, ficar meio instigado com aquela música, chegar em casa, pegar o seu instrumento e tentar reproduzir aquela música. Hoje em dia, tem muito pouca coisa que me desperta essa vontade. Chegar e pegar a guitarra, pegar o violão, pegar o piano, qualquer coisa assim, e tentar reproduzir aquela música.

Por causa das características, de uma forma geral, da música atual. É claro que se eu procuro música de nicho, eu sempre ouvi muito blues quando eu era novo. Se eu for lá procurar artistas de blues, vai continuar lá a mesma coisa.

Mas a mídia, de uma forma geral, por exemplo, assistindo uma... Se eu estou andando de carro hoje e tem um rádio ligado, é muito difícil tocar uma música lá na rádio que me dá vontade de saber, cara, eu quero conhecer esse artista, eu quero tirar essa música, aprender como eu toco essa música. Então, de certa forma, fui me afastando de vários fatores.

A própria questão da idade mesmo, você começa a ter outros afazeres. Embora hoje eu seja aposentado, basicamente, tenho toda a disponibilidade do mundo. Mas, por exemplo, a própria questão da novidade.

O que toca hoje não é o que toca hoje de uma forma geral. Quando eu estou circulando, não é algo que me atrai muito. Então, hoje, me acho até bem mais distante da música do que eu era quando eu era adolescente.

Até porque meus grandes ídolos todos eram naquela época, no final de 70, os guitarristas e tal. Hoje em dia, me vejo até mais afastado. Em termos das mudanças estruturais, em termos de mídia, como se consome música hoje, o que acabou me afastando um pouco é essa questão.

Eu acho muito ruim... De repente, estou com uns amigos aqui em casa, a gente está batendo um papo, você botar um Spotify para tocar lá atrás, uma *playlist* qualquer, sem problema. Mas botar um fone e ficar curtindo ali, como eu fazia, hoje em dia acho que a questão é só a qualidade de áudio mesmo da mídia hoje.

Entrevistador:

Você é assinante de plataforma de *streaming*?

Roberto:

Cara, não. Olha só, não sou, cara. Por exemplo, eu tenho um projeto junto com meu sobrinho, inclusive de várias músicas no Spotify, na plataforma, mas eu não tenho nem assinatura para eu ficar ouvindo.

Fico escutando... De vez em quando, quando eu quero, eu procuro uma música em um lugar qualquer. Às vezes até no YouTube, escuto quando não é algo que eu tenho físico em casa, embora eu nem tenha mais...

Eu nem tenho mais toca-disco aqui, tenho só na casa de Minas. O que não seria referência também, porque a minha quantidade de LPs é um negócio completamente fora da média. Quando eu tinha meus discos lá, eu tinha quase 3 mil LPs.

Mas fica lá em Minas, até para a questão de espaço. E CDs, sei lá, eu tenho... Se contar tudo, eu devo ter uns...

Perto de uns 800 CDs ainda, mas eu escuto pouco, cara. É isso que eu falo, de uma certa forma, eu me afastei. Se tem alguém aqui em casa, eu boto o computador para tocar, deixo ali uma *playlist* qualquer, mas aquela música ali de fundo não é muito mais aquela coisa de...

Porque a questão de ouvir música, para mim, sempre foi uma atividade de fim. As pessoas sempre... Eu sempre tive 200 amigos que sempre fizeram esse tipo de coisa.

Ah, tem uma reunião, tem uma festinha, bota a música, mas a música é um pano de fundo que está lá. E para mim, não. Desde a minha infância e adolescência, escutar música era atividade de fim.

Então tinha um momento que eu ia, botava o meu fone, aí falavam, o que você está fazendo? Eu não botava um fone e pegava um livro para ler nem alguém para bater papo. Eu botava um fone e ouvia música.

Hoje em dia, eu faço muito pouco, sabe? Até pelo seguinte, eu não tenho mais paciência. Os LPs não estão nem aqui, ficam em outro estado, não tem como.

Os CDs ficam lá, mas... Às vezes, quando eu pego, escuto um ou outro, mas é muito pouco. E aí, eu escuto música hoje...

Quando eu quero escutar, eu pego, boto um fone e conecto aqui no celular. E aí, eu vou cantar músicas que eu gosto. E também é um pouco frustrante para mim o negócio de ficar ouvindo as mesmas músicas antigas.

Você fica assim, se eles estão ouvindo músicas novas, ainda tem artistas por aí ou outro que são legais, mas eles não são mais mainstream. Hoje em dia, eu até

escuto muito menos música do que eu escutava quando eu era novo. E isso facilita.

No carro, está ok, escutando no rádio, mas aí é uma briga de mudar de estação. Sabe por quê? Ruim, ruim, não, não.

Você escuta cinco, seis estações e não tem nenhuma música que você ache legal, mas eu deixo lá tocando. Mas eu acho que, de certa forma, para mim, eu acabei me afastando um pouco mais. E até os artistas que eu conheço hoje, quando eu gosto de um cara, de um artista hoje, eu sinto que eu não me aprofundo tanto na carreira.

Eu já não sei mais, não tenho grandes preocupações em saber quem é a banda dele, quem toca, qual é a discografia do cara, não sei o quê. Eu escuto ali mais ou menos o que está... Eu falo, por exemplo, com o John Mayer, que é um cara que eu adoro.

Você perguntar a discografia dele, eu não sei, eu sei várias músicas dele, não sei o quê, mas você falar desse disco, por exemplo, eu já não sei mais, como eu saberia com... Tem um pouco a ver com a propriedade, mas também aquele interesse, que era diferente. Quando você pegava, tinha o LP físico na sua mão ali, então você decorava até a sequência de música, sabia quem estava...

Então, assim, eu acho que facilitou, é bem mais democrático hoje, mas eu acho que está muito... A música hoje, principalmente as plataformas, elas estão muito mais voltadas para quem não gosta de música, para quem está no segundo caso, escuta a música como ali... Por exemplo, se isso aqui é um churrasco, se isso aqui é uma festinha, tem que ter a música, então bota lá, do que para o cara que é o cara de música mesmo, como eu sempre fui, e tenho outros amigos músicos que gostam de tocar, que sempre tiveram aquela coisa. Então, hoje em dia, está no segundo plano, compete com mais coisas, mais ou menos isso, mas não tem...

Entrevistador:

Está bom, porque eu tenho um roteiro, mas eu não preciso nem te dar o *input*, que você já vai falando o que eu estou querendo ouvir.

Roberto:

Ok, mas qualquer coisa você me fala, se quiser algum ponto, é aprofundar isso...

Entrevistador:

Não, o mete bronca está maravilhoso, cara.

Hoje em dia, pelo que eu entendi, o seu hábito de escuta mudou muito com a mudança de padrão tecnológico, hoje no *streaming*, não te instiga tanto quanto em outros momentos da sua vida.

Roberto:

Exatamente. E o curioso é o seguinte, por vezes eu sinto até que lá você vai lá e escuta uma coisa ou outra, que você acha, pois, isso aqui é bem legal, mas aí você fala assim, podia ser muito mais legal se tivesse uma outra mídia, porque às vezes estou ouvindo sei lá, uma banda, um cantor ou uma cantora, às vezes... Outro dia estava ouvindo um pop aí, legal pra caramba, não sei o quê, e estou assim, isso aqui parece ser legal, mas está faltando alguma coisa.

Exatamente o seguinte, quando você está... O som em si, aqui podia... Se isso aqui com um bom som, quando eu digo bom som, é com um equilíbrio melhor de...

Não vou falar de mixagem, porque com certeza a mixagem foi feita certa, mas quando você bota, escutando aqui, um *streaming* aqui, não tem aquele *punch*,

sabe? Talvez isso aqui fosse legal, e aí vem uma dificuldade, como é que você acha esse cara, era uma cantora pop, nem me lembro exatamente quem, como é que você acha essa cantora fora do *streaming*? Eu tenho a opção de...

de ir a uma loja e pegar um CD para tentar ouvir com som um pouquinho diferenciado, entendeu? Talvez começasse mais. Então, na verdade, o que aconteceu, se for pegar a quantidade de hora, mês, hora, semana que eu escuto de música hoje, é absolutamente, infinitamente inferior ao que eu escutava...

Vamos falar até o CD, que acho que foi quando começou a quebra, assim, dessa questão mesmo, que você tem que entrar numa plataforma, e aí já começa a vir um pouquinho desse problema do som. Metade também pode ser da minha idade birra também, mas eu acho o som ruim, entendeu? Então já não dá, cara.

Outro dia eu fui escutar, acho que foi Guns N' Roses, eu não queria fazer nada, eu botei aqui no celular. Cara, na segunda música eu parei. Era outra coisa, sabe? Não era o que eu conhecia lá do vinil com aquele *punch*, com aquele negócio. E aí nada, está tudo igual. Inclusive, provavelmente, é até o mesmo *track* lá, é o mesmo disco, só que é feita uma mixagem.

Então, para mim, embora tenha ficado fácil, qualquer cara que você falar o nome que a gente está aqui pesquisa e acha, mas eu acabo que escuto muito menos. Agora, acho que facilitou para todo mundo, de uma forma geral. E talvez por isso mesmo que a gente percebe essa preocupação.

Aquele cara ali é o cara específico, chato para caramba. Eu, indústria, não estou aqui para vender para ele, que é chato, porque esse negócio não tem grave. Vamos aí em quem, sabe?

Você dá qualquer coisa e vai qualquer coisa, o consumo aumenta, claro, aumentou o número, a população mundial aumentou de uma forma absurda. Então, assim, se você tinha 3, 4 caras aficionados por música ouvindo, hoje em dia você bota e tem 40, 400 que não estão nem aí. Bota lá para ouvir e para o cara que está para a plataforma o resultado é inclusive melhor em termos do mérito.

Então é meio ambíguo na minha cabeça. Acho que popularizou, facilitou para todo mundo, mas acho que para quem é mais específico, por exemplo, acabou afastando de uma certa forma. Por exemplo, me lembro na época dos LPs, dos discos, quando a gente tinha loja, os discos clássicos, de música clássica, eles eram selos mais caros, porque eles eram os tal dos hi-fi, de alta qualidade, entendeu?

Porque tudo nele, a masterização, a prensagem e tal, era de uma qualidade melhor dada ao nível de exigência do ouvinte de música clássica naquela época, entendeu? Então, assim, só que o cara tinha opção, se ele queria, ele comprava um disco que era um pouco mais caro, sei lá, vou chutar assim, um era 30, ele pagava 45 no dele, mas para ele conseguir atender àquela expectativa dele de ter uma gravação com a qualidade melhor, um disco com o ruído melhor. E isso às vezes me incomoda hoje, por isso que eu te falei.

Às vezes eu escuto uma coisa que parece ser legal, mas se fosse um sonzinho um pouquinho melhor, e aí também não tem, aí falta talvez uma conexão, eu não tenho um artista hoje que eu escuto e falo assim, ah, vale eu sair daqui e ir até uma loja procurar para ver se tem CD, porque a loja não existe mais, procurando na internet para ver se tem um CD para eu comprar, aí a questão da música do que é tocado hoje, que aí também essa questão de eu falar de qualidade já é um pouco suspeita, eu acho que piorou muito, mas se você bota o fator idade, alguma coisa, você pode ficar meio subjetivo, será que só não toca mais o que você gostava de ouvir?

É que eu acho que piorou mesmo, mas de uma forma geral assim, mais acessível, mas para mim eu acabei ficando mais distante.

Entrevistador:

Entendi, cara. Eu queria, para encerrar aqui a nossa entrevista, você falou em alguns momentos sobre essa situação da música ficar em primeiro plano. Eu queria explorar um pouquinho mais disso, embora você tenha dito que isso é uma situação bem mais rara hoje em dia.

Você já me deu alguns elementos sobre isso, mas eu queria ver se você consegue recuperar na sua memória, caso isso não esteja acontecendo mais frequentemente, como é que era esse momento de conexão especial, de uma experiência mais bacana com música?

Roberto:

Primeiro o seguinte, de uma certa forma, tinha quase que um ritual. Quando eu era adolescente, 14, 15 anos, por exemplo, você escutava até um artista novo, uma música nova, até de um artista que você conhecesse no rádio. Então, você não tinha outro acesso, você ia para casa e ia ouvir.

Você tinha que ficar no rádio esperando aquela música tocar, era basicamente isso. Ou você ia até uma loja e comprava o LP do cara. Então, isso aí já começava a ficar um pouco...

Primeiro você tinha aquela expectativa, você tem que ir até um lugar, tem que ter a grana, conseguir ir lá chegar, comprar, pegar. Então, quando você chegava em casa, era muito mais... De uma forma geral, era muito mais envolvente, embora você...

A experiência era muito mais rica. Porque você chegava, pegava o LP, abria, botava ele no toca-disco, aí se preparava, pegava a capa para acompanhar o nome da música, quem está tocando o quê, fazendo. Então, era um momento, normalmente, muito impactante, muito mais impactante.

Eu acho que ficava muito mais... Te marcava muito mais, porque você tem toda uma preparação, conseguir o disco, não sei o quê. E por várias vezes, como não era uma coisa muito fácil, não era nenhum absurdo de caro, mas também não era barato.

Então, por vezes, isso se transformava assim, por exemplo, eu como sempre, com 14 anos eu entrei para a banda, então eu tinha um monte de amigos músicos, então era muito normal o cara chegar e falar assim, estou com um disco novo do CD, do fulano, aí dois, três caras para a casa do cara para ouvir, entendeu? Só que ouvir era ouvir mesmo, você chegava, botava lá no toca-disco, e ninguém falava nada durante a música, todo mundo ouvindo, a gente não estava batendo papo, tomando cerveja e a música tocando, entendeu? Ah, sei lá, cara, tem um disco novo aqui do ACDC, consegui um ao vivo do Jimmy Hedge, qualquer coisa assim, aquele era o momento, entendeu?

Você ia lá, ficava todo mundo quieto, botava aquele negócio, ficava todo mundo ouvindo, você comentava assim, pô, ouviu isso e tal, não sei o quê, pô, volta aí, vamos ouvir isso de novo, não sei o quê, aquilo ali era atividade, estava todo mundo envolvido ali, tudo bem que eu já estava num público diferenciado, quer dizer, eu já estava andando com as pessoas que também já tinham ou eram músicos, ou tocavam, até meus amigos, de forma geral, gostavam de fazer isso, entendeu? Então você chegava, ah, sai um disco novo aí, não sei o quê, sei lá, qualquer cara lá, Pink Floyd, sai um Pink Floyd ao vivo, então vamos ouvir, você ia, o evento era ouvir, entendeu?

Podia estar lá tomando uma cerveja, fazendo uma coisa assim e tal, não sei o quê, mas não tinha uma televisão ligada, a gente não estava batendo papo, o disco estava tocando, a gente estava ouvindo o disco, né? Depois, invariavelmente falava a respeito e tal, não sei o quê, coisas assim. E aí depois você ia fazer aquela forma que você tinha de fazer, que era gravar uma fita cassete com a faixa para um, no outro não sei o quê, então assim, a experiência

de ouvir um artista num disco novo era muito, assim, era tudo muito mais voltado para aquilo mesmo, aquilo era o fato.

Hoje em dia, por exemplo, eu chego na casa de amigos meus, aí eu vejo as filhas, hoje adolescentes, elas vão, pegam lá uma *playlist* qualquer, botam no som aqui para tocar numa altura do cacete, aí vão lá para o outro lado, entram na piscina, estão na piscina, estão sentados numa mesa jogando baralho, estão batendo papo, entendeu? E aquilo está lá, sabe, é o... Sabe, é como se fosse necessário ter aquele ruído de fundo, está em segundo plano.

Eu não vejo ninguém discutindo entre elas, assim, eu não vou entrar nem na qualidade do que elas escutam, não, porque senão eu vou começar a ficar grosseiro para caramba, entendeu? Cada coisa, cada aberração, que eu não sei nem como alguém para para ouvir aquilo. Mas independente disso, eu também não vejo muito envolvimento delas com essas músicas, não.

E eu acho engraçado o seguinte, eu vejo assim, de vez em quando, uma cantando a plenas pulmões, mas a sensação que eu tenho, que é muito mais para mostrar que conhece, que sabe a letra, é um para mostrar para o outro, que sabe a letra, não sei o quê, do que, sabe dizer, assim, eu não vejo uma pessoa lá parada, assim, o que você está fazendo? Ah, não, eu estou curtindo, porque essa música é maravilhosa, eu adoro, então, entendeu? Eu fico aqui quieto ouvindo.

Eu não vejo, então, assim, eu acho que... E era, assim, Rafael, uma coisa que a gente já percebia, como a gente tinha loja de disco, quer dizer, a gente só deixou ter loja de disco na família, eu trabalhei dos 14 até, sei lá, quase 40 anos com loja de disco, era uma coisa que as gravadoras, e a gente já é muito contratado, as gravadoras já tinham, meio que, sacado isso, assim, cara, a gente perde um tempão fazendo música para a gente que gosta de música, lançando música para a gente que gosta de música, aí você pega, aí tem, sei lá, 20, 30% da população que tem esse perfil, e normalmente são os caras mais chatos, né? Então, se tem 30% que tem esse perfil, e não tem 70% que não tem esse perfil, vamos fazer música para eles, assim, né?

Você começa a ficar uma coisa muito mais descartável e, assim, cara, “vambora”, quantidade, entendeu? Mas, como esse negócio de falar de qualidade é subjetivo, eu vou ficar só na questão do que eu vejo o envolvimento, né, cara? Eu vejo o envolvimento dessas pessoas com música, é assim, cara, se você vai lá, como a música é chata, aí se eu vou lá e desligo a música, aí alguém vem e reclama, entendeu?

Aí se eu troco a música, boto, sei lá, um... Vamos radicalizar, eu boto um heavy metal e em um segundo alguém chega para reclamar, entendeu? Mas começa só a pessoa estar lá, às vezes você passa assim, fala assim, essa música que acabou agora era legal, quem que estava cantando?

A pessoa, hã? Sabe? Ela nem sacou que já entrou, quando entrou a música nova, a anterior, parece que foi há 15 anos atrás.

Então, eu vejo assim, cara, virou sabe? Mais uma coisa assim, no ambiente de festa, de reunião e nunca mais eu vi assim, como era quando eu era novo, aquele negócio, sabe? Que era quase um evento você pegar o disco novo, né?

Sentar, ouvir e tal, não sei o quê. Até porque tinha dificuldade de você conseguir a música. Hoje, qualquer coisa, o cara fala assim, ah, me manda, você pega, eu mando um arquivo aqui, fala, toma, manda aí, né?

Pronto, o cara já tem também, ele vai escutar quando ele quiser. Basta o link... Oi, fala!

Entrevistador:

Falei que basta o link da música, do disco, seja lá do que for.

Roberto:

É, exatamente! Entendeu? O cara falou que isso. Dá o nome, às vezes dá só o nome, dá o nome, que eu entro aí, pesquiso entro lá embaixo.

Então, assim, talvez antes, assim, por oportunidade ser mais cara, eu não sei se as pessoas mudaram. Eu acho que as duas coisas, acho que as pessoas mudaram e como também era mais difícil, o cara tinha que aproveitar legal, sabe? Você chegava com o cara e falava assim, ah, eu tenho um pirata tem um CD pirata, não pirata, pirata nosso, né?

Aquele *bootleg*, né? Aquela gravação não autorizada, não sei o quê, dos Beatles e não sei o quê. Cara, você sabia que aquela oportunidade era muito rara.

Então, quando você parava pra ouvir, você parava pra ouvir mesmo, entendeu? Então... E também é uma questão de público, mas eu vejo inclusive as pessoas hoje que, assim, ah, eu adoro música, adoro música e às vezes você fala assim, ah, não sei, eu gosto da pessoa cantando a letra, tal, não sei o quê, às vezes ela não consegue lembrar o nome da pessoa, sabe?

E uma outra coisa que me assusta um pouco, mas aí eu acho que é uma coisa muito mais específica do músico, é que, por exemplo, eu e a grande parte dos meus amigos, em particular, quando começava a tocar uma música que eu conhecia, né? Começava a introdução, já sei, é a música tal da banda tal. Hoje, às vezes, eu vejo garotada procurando música, ah, sei lá, é uma música do...

sei lá, uma banda qualquer aí, Ed Sheeran, sei lá. É, Ed Sheeran, aí a pessoa vai, entra na internet, está procurando, ela toca um pedacinho de uma música, aí toca 30, 40 segundos da música, o cara começa a cantar, aí quando chega no refrão, a pessoa, e não, não é essa não, aí vai escutar outra, entendeu? Não consegue nem reconhecer, cara.

Aí ele quer me mostrar uma música que a pessoa diz que adora, escuta quatro, cinco músicas e não consegue achar que música é, cara. Falei, pô, cara, sabe assim, se você pegar um, aí Led Zeppelin, que eu ouvi muito, Beatles, qualquer música, tocou a introdução, falando, não é essa, não é essa, não é essa, vou até dizer, essa é tal, essa é tal, essa é tal, e hoje em dia eu vejo as pessoas, assim, dizendo que adoram, ah, eu adoro esse artista, tal, não sei o quê. Outro dia foi um negócio com o Bruno Mars, alguém, foi uma garota que falou, ah, eu adoro, adoro, falei, ah, legal, falei, achei maneiro também, legal, tal.

Aí falou, tem uma música que eu adoro, aí na quarta, quinta música ela desistiu de, só de, porque ela não sabe que música é. Então, ou seja, assim, é aquele negócio assim, né, já não é quem, não é quem curte música assim como ou se envolve com música, ou eu me envolvia, né, como alguma coisa assim, é uma coisa mais distante, entendeu? Aí também é o Bruno Mars hoje, pode ser Ed Sheeran amanhã, sei lá, a Ariana Grande daqui a pouco, não que eu acho que não tem, tem que ser isso mesmo, ter uma música da Ariana Grande maneiro é legal, vamos ouvir, mas assim, mas as pessoas não identificam, enquanto não entra a voz do artista, por exemplo, ela não sabe se é o, se a música que está tocando é da, da, da, sei lá, da Ariana Grande, se é do, do, da, da, do Ed Sheeran, exatamente, então é assim, aí eu vejo assim, é tudo, é um consumo muito mais superficial, até porque é muito mais rápido, né, cara?

Um sucesso que foi, um sucesso mesmo do Bruno Mars que foi sucesso há três, quatro anos atrás, hoje parece que ele não existe, parece que ele nunca existiu mais, né, cara, já, já, né, já, principalmente pra essa garotada, já acabou, já é, né, pô, essa aí, essa aí é música de quatro anos atrás, legal, enquanto a gente tem, se você pegar lá da década de 50, 60, 70, tem músicas lá de quando eu nasci tocando, que o pessoal ainda toca aí por, por aí, hoje, na noite, né, os lugares, claro que é lugar de, cara, mais velho, né, assim, mais, ou uma coisa

mais lixada, né, mas assim, então eu vejo assim, é tudo muito, assim, sabe? É, os 15 minutos do Andy Warhol, né, quase os 15 minutos de fama, né, carinha, eu to dando a faminha, olha, essa música já deu, vamos lançar outra.

E eu vejo muito hoje também que o artista é badalado pra caramba, e às vezes eu não escuto nada do artista, ele fica fazendo mídia social, aparecendo aqui, Anitta, né, cara, fala de Anitta pra cacete, ela lança uma musiquinha, aí aparece em 515 programas, faz a participação na novela, participação no programa, tal, não sei o que, agita na mídia social lá, fica, porra, não sei o que, cara, ela lançou com uma música, entendeu?

E fica só fazendo buchicho, e o pessoal curte isso, você não tá curtindo o artista, você tá curtindo a pessoa lá, entendeu, assim, não a obra do artista. Entendeu? Basicamente isso assim, cara, isso aí pra mim, hoje em dia, é um pouco frustrante, sabe assim, cara, nesse sentido de, né, por exemplo, eu sou guitarrista, né, cara, quase que qualquer dia alguém vai perguntar, o que que faz um guitarrista, né, sabe por quê?

O cara não sabe mais, você vê um cara que eu vi agora no, quando vinha, ah, o Guns N' Roses vai tocar de novo aí no Brasil, aí o pessoal, o público, esse público aí é o público que é ligado, né, fala assim, mas quem tá no vocal, é o Axl, é o Slash que tá na guitarra, se você falar, não, o Slash não tá na guitarra, o cara fala assim, então não é Axl, não é a Guns N' Roses, né, sabe? E hoje não, cara, hoje em dia esse cara, duvido, cara, qualquer um desses artistas novos que a gente falou assim, pega essa garotada, pergunta o cara assim, quem é o baterista do fulano, baterista mesmo, você não faz a menor ideia, entendeu, quem é o guitarrista do, então, aí isso assim, é um pouco frustrante, mas aí também eu não quero entrar no mérito, porque aí eu já acho uma questão de, já é coisa de geração mesmo, entendeu? Pô, eu fui tocar guitarra porque eu vi guitarristas, então, hoje em dia eu não vejo isso muito assim, aliás, não vejo mesmo, não tem, não tem muito essa coisa, né, cara?

Entrevistador:

É.

Roberto:

Basicamente isso aí.

Entrevistador:

Cara, é, muito boa a entrevista, cara, eu vou até fechar aqui a gravação.

Rui Pereira e Rui Pereira Jr

RUI PEREIRA

Escolaridade: graduação

Ocupação: servidor público, aposentado

Nascimento: 23/08/1957

Idade: 66

RUI PEREIRA JR

Escolaridade: graduação

Ocupação: comerciante

Nascimento: 05/06/1990

Idade: 33

Entrevistador:

Bom, pessoal. Estamos aqui com o Rui e com o nome do senhor, qual é? Rui também.

Os dois Rui. Rui e Rui Júnior?

Rui Jr:

Rui... Na verdade, eu sou bisneto e ele é neto.

Rui:

Na verdade, ele não é bisneto.

Rui Jr:

Eu não sou bisneto porque não foi colocado no meu nome.

Rui:

Minha mãe dele não deixou. Eu já sou neto, então seria bisneto.

Rui Jr:

É.

Entrevistador:

Tá bom. Estamos aqui com os Ruis.

Rui Jr:

Isso.

Entrevistador:

Você está com quantos anos, Rui? Trinta e três. Trinta e três.

E?

Rui:

Meia-meia.

Entrevistador:

Ah, interessante. É o dobro, né? Tá certo. É...

A gente vai falar primeiro sobre a relação pessoal de vocês com música. A seguir, a gente vai tentar falar um pouquinho sobre os hábitos de audição de vocês.

E no final, a gente vai tentar explorar um tipo de experiência específica que é... Estamos mais diretamente interessados. Então, eu queria pedir pra vocês, um de cada vez, né?

Falar como é que... Qual a importância da música pra vida de vocês. Se vocês acham que, por acaso, a música acaba funcionando como uma espécie de... catalizador da identidade pessoal. Se ajudou a formar o caráter de vocês. O que vocês têm a dizer sobre isso?

Rui:

Pode começar.

Rui Jr:

É... Então... Eu...

Eu cresci ouvindo as coisas que ele gostava. Então... Meu pai é DJ há muito tempo.

E tem... Uma história como DJ. E teve uma história...

Na família, também. Ele conheceu o meu tio. Sendo parceiro de festa.

Fazendo festa e depois fazendo uma equipe. Seu tio foi um pai de banho. Isso.

Entendeu? E ele, assim, fez uma... Uma equipe com o meu pai, meu tio.

Rui:

Uma equipe de som.

Rui Jr:

Uma equipe de som. E isso, depois de um tempo, eu fui discernindo. Porque...

Quando eu comecei a curtir... Música, escutar... Eu escutava pelo meu pai.

Meu pai que me apresentava as coisas em casa. Eu vi o que ele gostava. E eu comecei a gostar de disco music, principalmente.

A gente escutava muito disco music em casa. Quando tinha faxina. Quando rolava o fim de semana, a gente colocava lá uma musiquinha bem alta.

E assim, eu fui aprendendo. Principalmente com vídeo. Porque ele me mostrava clipes.

Então, isso me ajudava a entender a magia da música. Era uma experiência não só sonora, mas visual comigo.

Entrevistador:

Certo.

Rui Jr:

Isso me chocou muito na época. E me fez gostar muito de música. E assim, eu fui dando um...

Daqui a pouco, ele chegou pra mim e falou assim... Ah, quer me ajudar lá?

A fazer uma festa de aniversário. Pô, vai me ajudar que eu dou um dinheirinho e tal. E aí eu fui ajudar ele a fazer festa de aniversário.

A gente fazia juntos. E isso fez com que a minha conexão com a música começasse a ficar mais séria. Porque era realmente onde eu conseguia um dinheirinho pra comprar alguma coisa. Um CD. Onde eu ia me divertir e tal. E assim, eu fui me profissionalizando enquanto DJ.

E eu comecei a tocar assim. Meu pai me ensinou um pouco do que é ser DJ. E me apresentou um *software* chamado Virtual DJ.

E aí, a partir do Virtual DJ, foi muito rápido. Eu comecei a fazer aniversários sozinho. Comecei a tocar em boate.

E aí, depois de muito tempo, eu descobri o disco de vinil. Que não foi uma coisa que ele ficava me mostrando muito. Ele me mostrava muito mais CD e DVD do que um disco de vinil.

Rui:

Eu tinha guardado, porque naquela época, ficava muito... Era mais fácil você ouvir um CD que um vinil. Um vinil, você precisa de ter um toca-disco.

Não que eu não tivesse.

Agulha, tudo isso. Eu tinha um toca-disco. Nem um.

Tinha três toca-discos. E aí eu peguei um dos toca-discos e cedi pra ele pra ele passar a ouvir os vinis que ele tinha ganho. Mas antes, eu vou mostrar um vinil pra ele que era muito complicado pra você mostrar um vinil na época onde a facilidade de você ouvir um CD e colocar um CD é muito mais fácil.

Chamava mais a atenção e, claro, muito mais prático. E mais prático. Apesar que eu sempre gostei de vinil.

Mas ele foi gostando e foi com o que deu. Rui Jr é de 1990?

Rui Jr:

1990. Pode chamar de Rui Jr. Tá?

Entrevistador:

Então, eu fiz esse comentário. Depois quero ouvir o senhor mais detidamente. Mas eu fiz esse comentário que vocês estão falando sobre essa transição do vinil pro CD, que é mais fácil ouvir o CD e tal.

É porque, provavelmente, quando ele se interessou por música, já tinha mudado o padrão pra CD.

Rui:

É. O padrão, né? O CD de 1985.

E eu tinha deixado um pouco de lado os meus vinis porque parou, aqui no Brasil, de fabricar. E eu só escutava quando eu tinha vontade de escutar alguma coisa minha. Mas, praticamente, eu estava refazendo uma coleção a partir do momento que começou a ser o CD.

Mas não desfiz os meus vinis porque eu gosto de vinil. Eu gosto de ouvir os meus discos. E eu sabia que não haveria tanto tempo assim pra entrar tudo que você tem de anos e anos guardado em CD.

Você não começa a partir da criação do CD. Você não consegue ter tudo, né? Você começa a ter lançamentos novos, mas aquela coisa passada vai ser copiada ou transferida pra o CD, mas vai demorar um tempo.

Rui Jr:

O acervo mundial pra converter de vinil pra CD.

Rui:

O que tá acontecendo agora é o inverso. O *streaming*, né? Agora o pessoal tá tendo uma certa noção do valor e da qualidade do vinil.

Apesar de eu achar que uma coisa não tem nada a ver com a outra, nós estamos falando de mídias, né? Mas a música é a música. Que eu acho que o que é importante, que você tá tentando encontrar o fundamental da tua pesquisa, seria isso.

É saber o porquê da música, né? Por que você gosta de música, né? Eu, por exemplo, ele deu a explicação dele.

A minha se passa de uma certa forma. Eu, praticamente, muito igual a dele. Porque desde moleque, meu pai gostava muito de música.

E ele gostava muito de escutar. Em casa, tínhamos toca-disco, né? Tínhamos toca-disco e tal.

E eu escutava muita coisa que ele gostava de escutar. Era Frank Sinatra, Louis Armstrong, jazz. Nat King Cole.

É, Nat King Cole. E já a minha mãe era música brasileira. Então, desde moleque, eu comecei a ter ouvido pra esse tipo de coisa.

Aí, por acaso, eu tinha uma tia minha, minha madrinha, tia madrinha, que vinha a ser... Ela trabalhou como gerente de uma loja de disco em Copacabana. E muitas vezes eu ia pra loja de disco, eu ficava tomando conta, aí ela falou assim, manda teu filho pra cá que eu seguro ele.

Aí eu ficava na loja de disco e adorava escutar. Mas qual era a loja, pai? Ah, cara, agora não vou me lembrar do nome da loja.

Entrevistador:

Já que eu cresci em Copacabana, talvez eu...

Rui:

Era uma loja no 33. Mas isso é muito...

Entrevistador:

No 33, naquela galeria lá.

Rui:

Isso, a galeria do 33. Era uma loja que não era de baixo. Era uma loja que tinha, como se diz...

Não me lembro o andar, faz muitos anos. Vou tentar me lembrar mais tarde, talvez o nome da loja.

Rui Jr:

Mas não me lembro.

Rui:

Mas já tem muitos anos. Muitos anos, isso era moleque, né? Tô com 66.

Devia ter uns 7 anos.

Entrevistador:

Ah, sim.

Rui:

Então, eu era bem novinho, mas eu gostava disso.

Rui Jr:

E aí...

Rui:

Então... E a partir daí você vai escutando, né? E isso vai entrando na sua cabeça, né?

Tem coisas que você gosta, tem coisas que você vai... Como se diz? Depois, acrescentando outro tipo de música.

Mas a música em si é uma coisa maravilhosa, né? Então, o que eu posso falar mais com relação a isso? E você vai conhecendo mais músicas, né?

A música é muito boa.

Entrevistador:

Tem um artigo que saiu na revista Piauí uns anos atrás, falando que as décadas de... Determinadas décadas, elas marcam mais a identidade pessoal das pessoas com relação a música do que outras. Eles dizem que as décadas de 50, 60, 70 fazem com que as pessoas tenham uma relação mais íntima da identidade pessoal com música.

Vocês acham que, de alguma maneira, a música também marca muito quem são vocês?

Rui Jr:

Com certeza. Eu acho que é a arte mais palatável que a gente tem. A música é uma coisa muito curta, mas, ao mesmo tempo, muito forte.

Então, ela consegue pegar, sabe? De 8 a 80. Pega muita gente.

Então, é claro que cada um tem sua história aqui no mundo e aprendeu a gostar de algum estilo de música, tem ouvido por alguma coisa. Mas eu acho que ela é uma das artes que mais tem facilidade de trazer a pessoa para memórias, talvez. A música tem esse poder.

Você consegue lembrar do cheiro de algum lugar, da sensação, por causa de música. Eu acho que, nesse quesito, é mais um trabalho antropológico e sensorial, eu diria, científico. Nesse caso, a gente tem muita, muita intimidade com esse tipo de arte, sabe?

O brasileiro tem muito isso. Claro que a gente tem uma história muito grande com fotografia, com artes plásticas, com artes cênicas. Mas, assim, a música, para mim, eu acho que ela está no top mesmo, sabe?

Eu acho que, para mim, é a que mais... Pelo menos é a que mais me trouxe memórias. Eu acho que eu consumo música também fazendo parte...

Usando isso como uma vantagem para mim, como o Didi. Eu tenho sensibilidade na pista e eu consigo trazer os cheiros, as lembranças para as pessoas com muito mais inteligência justamente por escutar música de várias décadas.

Entrevistador:

É um olhar sobre a experiência, né?

Rui Jr:

Também, não só com a experiência, mas isso é uma questão, diria, de estudo de ritmos mesmo. Você começa a aprender que a música brasileira é uma música muito rica, talvez a mais rica que a gente tem no planeta. Só que até eu chegar nesse discernimento, eu tive que vender muito disco para entender, sabe?

Então, esse estudo, ele demorou um tempo. Na época que eu comecei a tocar, eu só tinha cabeça para house, disco e hip hop. Era isso.

E funk, eu gostava um pouco. Mas, por exemplo, James Brown, funk carioca, era mais do funk carioca do que o funk americano. E aí, ao longo do tempo, eu fui entendendo jazz e aí comecei a ver que, pô, música instrumental...

Eu comecei a consumir mais música instrumental do que música com vocal. Aí, em menos de dez anos. Eu saí de um ensinamento que era hit, hit, hit, hit, tem que tocar música poderosa, música que faz a pista, e músicas curtas.

Para um tempo, eu comecei a escutar, a consumir música com muito mais paciência. Eu acho que esse efeito também é muito difícil de você ver o movimento contrário, porque o nosso movimento começou com músicas de cinco, seis minutos. Foi para quatro, três, e agora a gente vive a era do TikTok.

Outro dia a Anitta estava falando sobre isso. A era do TikTok faz com que a gente consuma essa arte, a música, com muito mais perianidade, é muito mais difícil você ver alguém consumir três minutos de música. Três minutos de vídeo é difícil.

Rui:

As pessoas não têm mais paciência de escutar uma música inteira. Você pega uma música, dependendo de qual conjunto, cantor e tal, e dependendo do que ele produz, anos 70, 80 ou até antes disso, as músicas tinham um certo tempo. Hoje em dia a coisa está muito pequena.

Às vezes você vai ver uma música que desenvolve três tipos de ritmo em uma coisa de três minutos, dois minutos e pouco. Isso também é uma coisa muito estranha, eu não sei até onde isso vai alcançar, mas alguma coisa está errada. Eu acho que tem alguma coisa errada, mas isso também tem a ver na evolução das pessoas com relação ao celular, às redes sociais.

Muitas delas não têm paciência. O interessante do disco, do toca-disco, é essa parte onde você vai escutar talvez um disco com mais atenção. Principalmente o que você está pegando hoje em dia de coisas novas, quer dizer, novas não digo, mas coisas antigas que estão sendo replicadas, estão sendo reprintsadas.

E tem um disco que tem música de sete minutos. Será que essa pessoa consegue retornar à capacidade de ouvir uma música que tem uma introdução, tem um meio, tem um fim? Entendeu?

Mas isso aí é uma questão que nem eu sei responder. Eu não sei para onde vai o caminho, mas talvez o disco em si hoje em dia, a parte analógica, o disco como vinil, talvez faça uma reflexão disso. As pessoas têm um pouco mais de tempo calmo para ouvir uma música.

Isso é interessante.

Entrevistador:

Fala um pouquinho dessa questão da identidade, se você acha que a música acaba te definindo como pessoa de alguma maneira.

Rui:

Como pessoa? Eu acho o seguinte. É complicado.

Eu não consigo talvez explicar muito. A música é uma questão de gosto. Entendeu?

Tem pessoas que gostam de escutar música clássica. O que eu posso dizer? Essa pessoa tem um gosto mais apurado para a música.

Aquilo faz com que ela caia melhor na sensibilidade dela. Eu acho que a pessoa, o ouvido, tudo é uma sensibilidade. Então, é importante sempre que ela ouça tudo para ver o que ela gosta.

Gosta de samba, gosta de pagode, gosta de música clássica, gosta de funk, soul. A gente deve respeitar o gosto de cada um. Agora, com relação a mim, é meio complicado dizer.

Eu gosto de quase tudo, praticamente.

Rui Jr:

Nós consumimos muita música. Muita música de diversos países. Mas a americana é a principal.

Eu gosto de tudo que é tipo de música. Mas, por exemplo, a gente escutava muita música americana. E depois do disco de vinil, a gente começou a escutar muito mais música brasileira.

Talvez. Por causa justamente da minha pesquisa, do trabalho de venda de discos. O meu pai começou a escutar umas coisas que ele não escutava antes.

Então, acho que isso é que ele falou sobre a questão da música. O que faz a música ser o que você é? Como é que ela transforma isso na gente?

É mais pelos gostos, não só musicais, mas uma questão social e cultural. Meu pai é um cara muito tranquilo. Pelo menos, fora de casa, ele não é tanto.

Mas, assim, no caso da música, ele é um cara, como DJ, muito tranquilo. Eu vejo que ele é sereno. Porque ele, quando gosta de uma coisa, ele vai na dele tranquilo tocando.

Eu não vejo ele se afobar. Eu acho que ele também aprendeu, como DJ, a ser preparado. Ele não gosta, por exemplo, de tocar quando ele não está com vontade ou preparado.

Eu já percebi isso várias vezes em você. Você gosta de tocar quando você tem vontade. Quando você não tem vontade, não está preparado, você não toca.

Então, isso faz parte, acho que, da experiência dele. Isso eu vendo como filho, tá? Ele pode dizer, eu estou tentando ajudar ele aqui a complementar.

Rui:

Mas eu acho que é uma questão de que nem todo dia você quer escutar samba. Nem todo dia você quer escutar música.

Rui Jr:

Nem todo dia você quer escutar música. Sabe, às vezes eu me encontro, principalmente com venda de disco, eu não quero mexer em disco de vinil. Tem disco que eu não quero mexer.

Eu fico realmente evitando. Não é porque não gostar de música. É porque eu escuto meu Spotify quando eu vou na rua.

Vou curtindo, beleza? Mas eu não quero porque é uma mídia mais trabalhosa. Sim.

Entendeu? Você tem um processo. Por isso que, antes também, as pessoas tinham mais cuidado em prestar atenção.

Porque realmente a mídia te fazia ter mais cuidado. Você tem um processo maior. E você precisa tirar a agulha.

Você precisa virar o disco. Isso, de alguma forma, te faz lembrar.

Rui:

E não tem em qualquer lugar. É.

Rui Jr:

Entendeu?

Rui:

É outra coisa.

Rui Jr:

Mas aí é uma questão, para o que você que perguntou, seria uma questão mais social. Eu acho que o que ele viveu, ele viveu o soul brasileiro. Ele viveu o soul brasileiro e o soul americano muito.

Então essa parte você pode falar.

Rui:

Eu também tenho uma outra coisa. A música, ela também está muito ligada também à questão visual. Se você ligar ao visual.

Por exemplo, você vai ao cinema. Quanto mais que você queira, praticamente um filme tem música. Tem uma trilha sonora.

Rui Jr:

Praticamente todo filme contemporâneo tem música.

Rui:

Tem uma música, tem uma trilha sonora. E quando você vê um filme, você vai lembrar. Ou quando você ouve uma música, você vai lembrar de um filme ou de uma situação.

Ou você vai, como criança, entendeu? Você vai, por exemplo, escutar, depois de anos, você vai escutar uma Xuxa. Aí vai falar assim, poxa, a Xuxa foi há pouco tempo atrás.

Mas é, como se diz? É aquele conceito que a criança foi criada ouvindo uma música e tal. Ela vai ter aquela lembrança do passado.

Na minha época, seria mais uma coisa de um Capitão Asa, entendeu? Era Capitão Furacão, que era os ídolos. Na época não tinha a xuxa.

Então era assim, e tinha as músicas também desse pessoal. Ou trilha sonora de um seriado da televisão, de um Rim Tim Tim. Você vai pegar um disco com trilhas sonoras de seriados, que não são muitas, mas existem.

Aí você vai tocar uma música, você vai lembrar daquele seriado. Vai lembrar da sua vida. Aquela memória de garoto, quando você brincava na rua e tal.

E via um National Kid, uma coisa parecida. A música está em tudo, né? O visual também, né?

Rui Jr:

Ela é o tempero da parada. E é um tempero muito forte, muito importante. Sem ela, é difícil você entender um audiovisual da forma com que a gente...

Sem o áudio, fica... Eu acho que tem alguns filmes que eles utilizam tanto de música e tanto de clima, que eles te trazem para um lugar tão... Ele mexe com a tua angústia, mexe com tudo isso com muita facilidade.

Talvez mexa mais do que o visual. Eu acho que a música tem o poder de mexer mais com a gente do que a visão. Na audição, mais do que a visão.

Rui:

Ah, tem outra coisa também para acrescentar aí. Você vê, tem muito médico até, né? Tem pessoas.

Estou dando um exemplo de um médico. Mas que ele pode não estar fazendo uma operação, ele pode estar escutando uma música. Pede para colocar uma música, né?

Lá para tocar, para ele estar operando. Porque aquilo faz com que ele relaxe, que a atenção dele esteja redobrada para um lado. Quantas pessoas trabalham escutando música?

Sim. Outras não conseguem fazer isso. Porque tira o foco dela.

Mas a música tem isso. Para alguns, em certos momentos, ela ajuda. Para outros, sei lá, é uma fuga.

Entrevistador:

É interessante isso. Agora, deixa eu perguntar. Para além do consumo de mídia musical, CD, vinil, cassete, sei lá o que for, vocês também têm camisetas dedicadas à música, pôster em casa.

Vocês consomem esse tipo de coisa? Aqui.

Rui Jr:

Já o consumo também. Ele até faz camiseta, pô. Vende camiseta também.

Entrevistador:

É? Legal, hein? Interessa.

O que eu ia perguntar? Então, temos aqui dois exemplos bem contrastados. Porque o Rui Jr, ele nasceu em 90, então ele já pegou a era do digital.

CD. Pouco tempo depois veio mp3. E agora estamos nessa fase das plataformas *streaming*.

Já o Rui, você pegou a época do vinil, do cassete.

Rui:

Eu peguei cassete, CD. Peguei toda essa... Estou mediando tudo.

Entro em todas elas. Para mim não importa. É música.

Eu não tenho essa questão de... Ah, eu não vou escutar porque está em CD. Ou em mp3.

Não. É música. A música está em qualquer lugar.

O *streaming* ou qualquer coisa. Eu tenho no celular. No carro eu escuto CD.

Ainda tem uma coisa rara que você encontra em carro. É um tocador de CD. E escuto, coloco no carro.

E se eu tiver também, vai no celular, repasso para o aparelho do carro. Então, onde eu estiver, dentro de carro, estou escutando música ou escutando rádio.

Entrevistador:

Mas você percebe de alguma maneira que a mudança desse padrão tecnológico interferiu nos seus hábitos de audição? Ou não? Digo assim, penso o seguinte.

Seria verdadeiro dizer que hoje em dia a gente tem menos disponibilidade para a música? De alguma maneira. Apesar de ser tão fácil escutar, ou talvez por isso?

A sua atenção está voltada para aquilo?

Rui:

Como é isso para você? Para mim, não. Para mim não afeta em nada.

Se eu tiver que ouvir, eu vou ouvir de qualquer forma. No celular, não interessa.

Se eu quero escutar uma música, eu vou ouvir.

Talvez eu não tenha um disco. Não tenha aquele disco. Mas eu estou procurando aquela música, daquele cantor.

Rui Jr:

Veja uma coisa. Desculpa te interromper, pai. Isso que ele estava falando, para você entender com a cabeça do DJ, ele vai muito atrás do single, da música.

A gente tem um consumo muito da música em si. Quando a gente gosta de uma música, a gente diz, caramba, aquela música, o DJ. Aquela música que ele tem.

Porque é como se ele fizesse parte da música do nosso trabalho. E é real. A gente usa isso para mostrar para as pessoas e fazer com que as pessoas fiquem felizes.

Rui:

Tem a questão do gosto. Sabe? Tem o meu gosto, do que eu gosto de escutar.

Mas, vamos dizer, se estiver trabalhando, tocando, como ele também, da mesma forma como eu ensinei a ele, a gente não deve se guiar pelo nosso gosto. Eu posso querer escutar a Xuxa, mas a Xuxa não é o que eu vou tocar agora na pista. Entendeu?

Então eu tenho que tocar para aquele pessoal que está ali.

Rui Jr:

Você tem que ler as outras pessoas.

Rui:

Você tem que saber o que vai fazer.

Rui Jr:

Você vai tocar o ambiente. Baseado no que você gosta também, mas não adianta só você gostar.

Rui:

Você tem que entender o outro. Satisfazer o outro com a música.

Entrevistador:

Sim. E você? Perguntei a ele sobre essa mudança do padrão.

Você percebe, você vê... Por mais que você não tenha vivido a era do vinil, por exemplo, você é uma peça de arqueologia de uma época anterior. Você vai ali pegando...

Você percebe que a sua relação com a música é diferente quando você está ouvindo um CD ou um vinil?

Rui Jr:

O *streaming*, principalmente, me mostrou que eu tenho como levar a música em qualquer lugar. Eu sempre fui um cara acostumado a escutar música na rua. Sempre gostei de botar um fone de ouvido e por aí.

Mas, na época que eu comecei a ter isso, o meu primeiro contato com a música em trânsito comigo foi o Walkman. E o Walkman me ajudou muito a ter essa coisa. Eu adorava o Walkman.

Falei cassete, cara, eu adorava. Eu gravava fita, né, pai?

Rui:

Fazia uma *playlist*.

Rui Jr:

Está aí uma coisa que eu sinto falta. A facilidade de gravar alguma coisa, um programa de rádio. Eu sinto uma falta disso.

Acho que ainda não descobriram como o *streaming* pode ser mais valoroso se pudesse gravar algumas coisas ou fazer alguma coisa com podcast ou tentar gravar. Facilitar a exploração de outros sons dentro de uma própria mídia. Mas, no caso da sua pergunta, eu sinto que mudou o meu consumo.

Eu, por exemplo, aprendi a escutar disco de vinil principalmente quando eu vou tocar. Eu aqui, eu coloco disco de vinil porque eu estou limpando o disco e tal. Eu gosto de testar o disco.

Geralmente, aí eu não estou escutando Spotify. Mas facilitou muito, principalmente no carro. No carro e em outros lugares, o bluetooth facilitou muito a conexão.

Tudo isso, eu acho que o bluetooth possibilitou que a gente pudesse escutar muita coisa no *streaming*, cabo sem nada. E você consegue conectar a *playlist* da outra pessoa. Eu acho que isso foi um grande ganho para a música.

Ela estar conectada no celular e esse celular ter bluetooth. Porque na época eu tinha uma coisa interessante de falar. Que eu compartilhava música muito com o bluetooth na minha escola.

Principalmente no meu terceiro ano. As pessoas sabiam dos funks novos. E aí, pô, me manda para o bluetooth.

Tinha isso para caramba, sabe? Nessa época do *download*, você baixava no computador, botava no celular ou ficava numa rede de celulares via bluetooth. E as pessoas iam escutando no celular ou no mp3 player.

Era muito doido, muito doido. Você ainda colocava o mp3 player no computador, era um outro processo. Aí vinha vírus, a porra toda.

Entrevistador:

Você chegou a vivenciar esse processo do *download* também? Ou não foi uma coisa que passou?

Rui:

Muito. Até porque era uma febre. Você baixar a música era...

Rui Jr:

Pô, facilitou muito para a gente. Muito, muito. Só de você não precisar comprar o CD, o download fez uma coisa muito...

Rui:

Talvez tenha sido isso, talvez não. Com certeza foi isso que acabou com a empresa.

Rui Jr:

Com as *major labels*, as grandonas. O mercado da música mudou muito. Depois do download gratuito, principalmente dos P2P.

Aqueles sites para *download peer-to-peer*.

Entrevistador:

A indústria só recuperou os níveis de rentabilidade que tinha na década de 90?

Rui:

Quando ela soube mexer com a parte do *streaming*. Aí que ela começa a retornar. Porque ela levou...

A tecnologia deu uma rasteira nela. Na indústria fonográfica. A própria tecnologia deu.

Porque no momento que ela sai do vinil para o CD, o que acontece? Ela acha que ali ela não consegue fazer com que as pessoas gravassem. Então tinha uma proteção ao CD e tal.

Mas tudo na vida é quebrado. É quebrado a questão do vinil. Você gravava no vinil, você gravava numa fita cassete.

Como você muitas vezes não tinha condição, o que muita gente fazia? Gravava música do rádio. Eu fui dessa época.

Você não tinha acesso a muita música. E você pegava o quê? A Rádio Mundial.

Porra, o programa do Big Boy vai lançar música tal, vai tocar o disco tal, dos Beatles! Caramba, ninguém tinha aquele disco! Eram os poucos que estavam vindo de fora.

Nem a indústria brasileira chegava a ponto de rapidez de um lançamento que estava sendo feito lá fora. A coisa era bem devagar. Então você pegava um gravador.

Muitas vezes até de rolinho. Eu tinha um gravador de rolinho. Pra depois entrar num gravador cassete, fita cassete.

E por aí foi. Eu passei por várias situações. Porque a música faz com que você corra pra você obter aquela forma de ouvir de alguma forma.

Eu ia pra rua pra comprar disco. Comprar muito disco e tal. E por aí em diante.

Mas muitas vezes você não conseguia. Então pra você estar no topo querendo ouvir aquela coisa. Você pegava as vezes do rádio.

Gravava uma fita cassete. E aí a partir daí você ia ouvindo. Sim.

Entrevistador:

Vocês estão falando sobre... Eu achei interessante os dois falarem que a audição... O processo do mp3 e depois das plataformas de *streaming* na verdade acabou favorecendo a música.

Pelo que eu entendi que vocês falaram de alguma maneira.

Rui:

Eu acho que favoreceu outra coisa também. Favoreceu muita gente ter a possibilidade de ouvir. Como consumidor.

Como consumidor pode-se dizer até que há pirataria. A pirataria é prejudicial. Mas esse é um papo muito...

Rui Jr:

Mas ela abriu... É muito importante e muito complexo também.

Rui:

Mas ela abriu a capacidade de outras pessoas escutarem muita coisa que não tinha possibilidade por não ter dinheiro. Só que você assina.

Rui Jr:

Você assina. Você não é dono de nada.

Entrevistador:

Hoje você está falando das plataformas.

Rui Jr:

Entendeu? Você assina, mas não é dono de nada. Então aqui pelo menos a gente compra o disco e pode tocar à vontade.

Entrevistador:

Então de onde veio esse desejo de colecionar? Eu não sei... Seria até importante vocês esclarecerem o que é que veio antes.

Foi o hábito de colecionar vinil e aí a partir disso vocês fizeram uma loja.

Rui Jr:

O hábito de colecionar vinil foi o seguinte. Eu recebi uma doação de uma grande amiga. Vanessa.

E aí ela me deu uns discos. Ela falou assim, quer? O meu pai falou, Rui, pega.

Eu nem estava querendo. Ele falou, pega, de repente tem uma coisa interessante. Não foi, pai?

Aí eu peguei e tive esse momento dele tirar o toca-disco e mostrar e tal.

Rui:

No momento eu tinha três toca-discos. Aí eu deixei um dos toca-discos para ele.

Rui Jr:

Colocou em um tanque de roupa? Colocado em cima. Colocou num cesto de roupa.

Eu lembro como se fosse hoje isso. Um cesto de roupa, colocou o toca-disco. E aí eu fui escutando Sidney Magal, Boyz II Men.

Escutei alguns que vieram nessa doação de discos. Stevie Wonder. Stevie Wonder. O Original Musiquarium I. Aquele dos peixinhos do aquário.

Rui:

E por aí. Mas eu, no caso, eu já sou desde moleque. Eu gostava sempre, gostei muito de música.

E como eu comecei a trabalhar com música, eu tinha que comprar os discos. Primeiro que eu comprava porque eu gostava. Segundo, queria ouvir e tal.

E depois para tocar no baile também. Então precisava ter o vinil e por aí tal. Aí a questão da coleção.

Você vai colecionando porque acaba sendo o teu bem de trabalho e o seu prazer em ouvir música. Então você tem muita coisa de vinil, de CD. Não desfaço de nada.

Até minhas fitas cassete eu tenho.

Entrevistador:

Você acha que o disco de vinil você fazia, manteve esse hábito mesmo ele tendo ficado defasado em função da sua atividade como DJ?

Rui:

Mesmo tendo parado. Eu continuei. Muita gente jogou fora.

Entrevistador:

Mas por que você continuou?

Rui:

Primeiro que, como eu falei antes no começo, a questão de muita coisa na época ia demorar a ter. Eu tenho muito gosto pelo vinil, do manuseio do vinil. Você pegar o CD tem aquela questão.

É tudo muito resumido. Você vai pegar um CD, tem a questão da música, tem a questão de você pegar uma capa de disco. Você sentir graficamente o trabalho visual de um artista.

Rui Jr:

Você consegue discernir melhor no vinil do que no CD, abrindo aquele encarte do CD muito pequenininho, letras pequenas.

Rui:

Você vê quem está tocando, que são os músicos. Aí tem uma coisa interessante para falar disso. Tudo bem.

É uma questão de... Não é desfavorecer. Mas a mídia desfavorecia.

Rui Jr:

O CD desfavorecia. Porque ali era... Quem lia o encarte do CD?

Era tão pequeno, era tão difícil. Não foi para as pessoas. Aí é que começou o problema de ficha técnica, das pessoas não prestarem mais atenção em ficha técnica, não saberem quem são as pessoas que estão tocando.

Rui:

Hoje em dia é pior. Agora o Spotify é muito difícil.

Rui Jr:

Você não tem o autor direitinho. É muito difícil você ver os créditos ricos como no disco de vinil ou como no CD. É muito difícil.

Entrevistador:

Eles estão melhorando um pouquinho isso. Não sei se vocês já notaram, quando você está escutando alguma coisa e está olhando. Às vezes eu faço e tenho esse hábito de ouvir a música e acompanhar, por exemplo, a letra.

Isso é interessante. Mais informações aí tem ainda, alguma coisa.

Rui Jr:

É, mas ainda é muito pouco. Para mim é muito pouco. Para a experiência que a música exerce na vida das pessoas, aquilo ali tem que estar muito bem colocado.

Sabe? Eu acho que falta muito mais para o *streaming* para realmente se tornar uma ferramenta de cultura, para realmente trazer a cultura musical do jeito que o vinil fez. Entendeu?

O vinil tinha uma questão não só de pertencimento de uma geração, mas ele estava lá, um encarte em bom tamanho, você tinha a ficha técnica, você tinha, às vezes, um cartão, um pôster. Tudo isso, essa parte sensorial, o *streaming* não consegue chegar.

Entrevistador:

E aí você acha que é por isso que as pessoas consomem o disco de vinil hoje?

Rui Jr:

Eu acho, eu tenho certeza que é isso. O disco de vinil chega em locais que o *streaming* não chega. Sabe?

Entrevistador:

Ah, é? Como assim?

Rui Jr:

Ele não consegue chegar na questão...

Entrevistador:

Porque parece que é o contrário, né? Parece que o *streaming* chega a mais lugares. É o contrário também.

Rui Jr:

Não, não, eu digo o seguinte. A experiência sensorial da música, nesse sentido, ele não consegue chegar. É claro que o disco de vinil não vai conseguir chegar porque o *streaming* está na palma da mão, no celular.

O disco de vinil é caro, né? E o disco de vinil está muito caro, aumentou muito. Principalmente aqui no Brasil.

Aqui no Brasil está bizarro.

Rui:

Beleza, você vai comprar um disco, dependendo de onde você vai comprar, do jeito que você vai pegar o disco, como está o estado do disco, você pode comprar um disco de cinco reais. Vai estar bom ou não vai estar, é a sorte da pessoa que está pegando aquilo. Mas o *streaming* é de graça, na verdade.

Você está pagando, vamos dizer, a assinatura. Você paga a assinatura e você não é dono de nada. Não é dono de nada.

Rui Jr:

Se você, por acaso, chegar e desistir da plataforma, você não tem nem como você colocar a música em outro lugar. Agora eles têm outra forma de você passar a sua *playlist*. Mas quem disse que a sua *playlist* vai estar no serviço que você vai usar?

Vai estar aquela música, vai estar aquele fonograma.

Entrevistador:

O pessoal fala que é o custo de troca. Por exemplo, você está no Spotify, vamos supor que você esteja no Spotify e você tem um acúmulo de não sei quanto tempo, você já treinou o seu algoritmo e você vai mudar. Agora eu quero ir para o Deezer.

Esse tempo você não consegue exportar a sua experiência no Spotify, não consegue exportar para outra plataforma. Deixa eu perguntar, então vocês estão falando, os dois são assinantes de...

Rui Jr:

Nós assinamos o Spotify.

Entrevistador:

Que é uma assinatura que vocês compartilham?

Rui Jr:

Familiar.

Entrevistador:

Familiar.

Rui Jr:

Minha irmã também, né? Tem?

Entrevistador:

Tem.

Rui Jr:

É isso, ela não consumia música no celular.

Rui:

Ela não consumia música no celular. Ela consumia mais em escutar... Em casa, no YouTube.

Rui Jr:

Em casa, no CD.

Entrevistador:

Vocês são ativos em rede social, por exemplo, esse tipo de coisa. Somos. E aí vocês publicam muito conteúdo...

Rui Jr:

Com música, sim.

Entrevistador:

Com relação a isso.

Rui Jr:

A gente fala sobre música, volta e meia ele posta uma capa de disco, fala um pouco sobre o disco. Isso é uma coisa que a gente faz direto. Principalmente eu, por tratar mais de música, mais da venda em si.

Sou eu que posto as novidades que estão além dos discos, né? Tudo isso.

Entrevistador:

Então essa iniciativa é de vocês dois?

Rui Jr:

É, começou comigo e ele veio junto. Ele falou, é o topo, vamos lá, te ajudo.

Rui:

É porque eu estava me aposentando, aí eu falei assim, poxa, não custa nada ajudá-lo.

Entrevistador:

A gente estava falando agora há pouco sobre o que faz as pessoas consumirem vinil, comprarem hoje, né? Você fala que é por causa de um tipo de experiência que elas não têm com *streaming*. É isso que você pensa?

Concorda com o Rui Jr?

Rui:

Acho que eu não entendi bem. Você falou que a pessoa consome o vinil por causa de não ter o *streaming*?

Entrevistador:

Não, porque o que eu entendi do que ele falou...

Rui Jr:

O diferencial do vinil é esse, né? Eu mencionei justamente que ele traz uma experiência que o *streaming* não consegue. Não quer dizer que a pessoa não vai consumir o *streaming*.

Ela consome o *streaming* e o vinil. Só que o vinil, geralmente, é uma coisa que ela compra que é uma ocasião especial. Ela não vai ter tudo que ela tem no *streaming*, ela não vai ter no vinil.

Entrevistador:

É impossível.

Rui Jr:

Tem gente que tenta, só que assim, né? As pessoas vão consumir com muito mais tranquilidade no *streaming*. Só que eu acho que o vinil ganhou um status, né?

De, pô, esse é o disco, esse aqui é o disco que eu tenho. Pô, esse cara... Toda hora as pessoas falam, pô, esse cara tem muito disco, ele entende de música e tal.

Mas assim, a gente trabalha com música. Não quer dizer que eu sei tudo. Ninguém sabe tudo de música.

Não existe isso. Mas você entendeu? Então algumas pessoas levam isso como se fosse uma estante de livros, né?

Você tem uma estante enorme de livros, não quer dizer que aquela pessoa ali tem conhecimento pra caramba. E lê tudo aquilo, né? A gente aqui tem uma porrada de disco, eu prefiro nem escutar.

Tem disco que eu nem escuto pra não gostar. Porque senão eu vou querer ficar. Porque eu sou consumidor do meu próprio produto.

Entendi. Então aí eu comecei a aprender alguns dispositivos na minha cabeça também pra que eu fosse uma pessoa que pudesse ser mais desapegada. Senão eu não consigo vender nada.

Imagina. Pô, eu pego os discos que... Essa parte aqui são discos que eu toco.

Volta e meia eu vou lá e pesco um pra vender. Porque eu tenho no *streaming*. Não vai fazer falta pra mim agora.

Eu não tô usando esse disco. Uma hora ele volta. O disco vai e volta.

É muito difícil um disco sair e não voltar assim pra uma coleção. Pelo menos os que venderam bem, né? Os que são de prensagens pequenas a gente sabe que é muito difícil.

Entrevistador:

Mas é bem isso. Aqui que eu ia falar é que tem uma pesquisa da BBC que diz que quase 50%, acho que 46% das pessoas que compram vinil não tem nenhum aparelho. Você já percebeu, né?

Rui Jr:

Totalmente, tem gente que compra e não tem. E eu tento convencer. A comprar. Porque é assim que a pessoa começa a ter o toca-disco.

Rui:

Isso eu acho uma loucura, né?

Rui Jr:

Não é loucura não.

Eu não tinha. Eu quando ganhei essa doação de disco de vinil eu não tinha lugar pra tocar. Ele pegou o dele, colocou e eu comecei a comprar e eu não tinha.

Eu tinha um toca-disco da Gradiente aqui. Mas assim, não era normal eu chegar e tocar. É porque na minha experiência eu comecei a comprar disco de vinil e comecei a pensar em vender disco de vinil rapidamente também.

Foi um processo muito interessante. Como DJ eu estava precisando de dinheiro. Eu não conseguia tocar.

As pessoas não me chamavam pra festas legais que eu queria. Eu não conseguia fazer isso. As pessoas não me conheciam como DJ.

E eu resolvi fazer uma festa chamada Alive. Eu fiz essa festa pra me notarem como DJ. E aí depois de um tempo, só pra resumir pra você entender porque hoje existe isso aqui.

Essa festa se tornou a Festa Alive. Que é uma das raízes do que eu hoje trabalho. Ela fez com que eu tivesse mais noção de música e quisesse fazer uma lojinha.

Porque na época tinha uma festa chamada Sharpie. Aqui no Rio de Janeiro que começou a fazer uma lojinha de *merch*. As coisinhas deles e tal.

E eu lembro disso ser uma inspiração pra mim. Falar, pô, posso fazer uma lojinha de disco chamada Alive Pop-Up. Que na época Pop-Up eram aquelas lojinhas que ainda é.

Hoje é como se fosse um ambulante. Mas eles estavam ali pra oferecer uma experiência de um dia, dois dias no lugar. Você ia, por exemplo, numa feira, numa loja.

Entrevistador:

Cara, eu não conheço isso.

Rui Jr:

É, tipo, pega uma Farm da vida. Você vai na farm, eles fazem um dia, dois dias de discotecagem lá e promoções de roupa. Aí eles colocam uma lojinha Pop-Up dentro da loja deles.

Aí imagina eu lá com os discos. Era isso, uma loja Pop-Up. Aí eu botei Alive Pop-Up.

Entrevistador:

Como se fosse uma parte do *branding* da marca, né?

Rui Jr:

Isso, isso aí.

Entrevistador:

Legal. Gente, deixa eu perguntar aqui. Como é que o hábito de ouvir música encaixa no dia a dia de vocês?

Vocês têm uma vivência profissional também, né? Eu tô pensando mais do ponto de ouvinte, sabe?

Rui Jr:

Olha, meu pai geralmente não acorda escutando música. Mas escuta muita música no carro. Isso é uma coisa que eu acho que ele pode te dizer mais um pouquinho.

Rui:

É, eu escuto muita coisa no carro.

Rui Jr:

É um momento dele de tranquilidade, dirigindo.

Ele dirige, assim, é o momento dele. O meu momento é quando eu vou na rua buscar disco. É esse momento que eu tenho pra escutar música que eu me sinto à vontade.

É ali que eu tô prestando atenção, rodando. Só que o problema é que no meio da rua você pega o celular, faz isso tudo. Não é muito legal, né?

Pra você prestar atenção na hora de atravessar. Mas eu tenho esse momento tanto quando eu vou andando... Ou quando eu tô aqui limpando o disco.

Porque eu já tô aqui limpando o disco, já vou tocar. Isso me força a escutar o disco.

Entrevistador:

E aí você bota o disco de vinil nesses casos.

Isso, nesse caso o disco de vinil. Ou quando alguém quer uma referência, ou tá aqui vendo os discos, eu vou ali e coloco numa caixinha de *bluetooth* que eu tenho.

Rui:

Pra mim não tenho nada. Então se eu tiver que colocar vinil, eu vou colocar vinil. Se eu tiver que colocar CD, eu vou colocar CD.

Rui Jr:

Mas tem uma coisa interessante, desculpa, eu te interrompi. O meu pai, por exemplo, não escuta, nem eu. Nós não escutamos música lá em casa mesmo. A gente tem um toca-disco, a gente tem um toca-disco.

Rui:

Mas a gente não escuta. Só porque, na verdade, nós estamos com dois ambientes. Então você dizer que não escuta em casa é a mesma coisa que dizer que isso aqui também não faz parte da tua casa.

Rui Jr:

Isso aqui é uma extensão da casa. É uma extensão da casa.

Rui:

Mas você entendeu o que eu quis dizer?

Rui Jr:

É meio casa de ferreiro espeto de pau. A gente não escuta, a gente escuta o vinil aqui.

Entrevistador:

Eu penso do ponto de vista, queria puxar pro ato de vocês como ouvintes, entendeu?

Rui Jr:

Então, é.

Rui:

Eu só posso dizer casa, porque isso aqui é uma continuação da tua casa. Não tem como fugir. Isso aqui não é qualquer lugar, isso aqui é tua casa também.

Sim, sim. Então, não é porque você está dormindo lá...

Rui Jr:

Não, mas acho que ele está falando sobre...

Rui:

Essa é uma questão de música. Não, não, não.

Rui Jr:

Uma questão de hábito. Hábito. Hábito.

Eu estando aqui, eu estou escutando música. Por exemplo, a Gabi, minha namorada, ela escuta música quando ela acorda. Ela tem essa coisa de escutar música quando ela acorda.

No fim de semana, principalmente, quando ela está de folga. Ela tem essa coisa. Ela sai, ela tem essa coisa de escutar música.

Ela gosta de sempre colocar. Nós, lá em casa, não temos mais tanto esse hábito.

Entrevistador:

Tem uma... Vocês têm preferência por ouvir música de alguma maneira? Preferem ouvir música com vinil, com CD?

Ou isso é indiferente? Como é que é? Não, para mim é diferente.

Você não vai escolher, essa música eu quero ouvir... Eu vou aproveitar agora e vou ouvir no CD, porque o CD é superior, nada disso?

Rui:

Não, porque vai depender do lugar. Eu não vou poder ouvir um vinil dentro do carro. Entendeu?

Então, no carro, eu vou ouvir um CD ou vou ouvir um *streaming*.

Rui:

Eu procuro mais ouvir um CD dentro do carro. Eu tenho meus discos de CD, eu tenho muitos CD. Tenho uma coleçãozinha de CD.

Então, eu gosto de escutar CD em carro. Agora, se eu estiver aqui, eu vou escutar vinil. Se eu estiver dentro de casa, eu vou escutar vinil.

Entrevistador:

Por causa da conveniência, basicamente.

Rui:

É, por questão da conveniência. Porque eu tenho o vinil aqui, eu tenho que tocar e escutar. Mas não quer dizer que uma hora eu não vá escutar um vinil aqui também, um CD aqui.

Entrevistador:

E você não acha que tenha diferença de qualidade, por exemplo?

Rui:

A questão de qualidade, isso aí é muito complicado. É uma briga, isso já deu... Até eu me lembro de um programa do Jô Soares, que foi uma confusão danada.

Cada um opinando, né? Porque o Jô Soares é um cara que tinha um ouvido muito bom. Tinha um gosto excelente pra música e tal.

E houve uma discussão dessa, eu me lembro muito bem. Não sei se você chegou a ver isso.

Rui Jr:

Não, nunca vi.

Rui:

Não, não. Procura ver. Na internet você vai encontrar isso.

Esse programa, acho que ele discute com ela só o que é melhor. O CD, o vinil e tal. E, na verdade, como é que eu vou te dizer?

Pra mim, é o seguinte. Isso depende muito do teu ouvido. Isso depende muito da tua aparelhagem, entendeu?

Porque não adianta você escutar um disco, um CD. Você pega o CD e um vinil. Se você tá escutando um vinil com uma agulha que não tá boa, com um som que não tá legal, é a mesma coisa que você escutar com um CD também que com qualidade do toca CD, do toca CD não tá legal, a caixa não tá boa.

É tudo uma questão de você estar em um ambiente que também induz a isso. Você vai escutar uma música. Olha aqui agora, por exemplo.

É um lugar calmo pra você escutar música. Você não tem muito barulho externo. Isso também influencia muito.

Você tá escutando, dependendo do tipo de música que tá ouvindo, às vezes requer que você tenha um pouco mais de silêncio pra ouvir. Pode ser até um rock, mas você vai pegar aquilo, você tem que estar num ambiente. Acho que a música tem isso também.

O ambiente onde você tá ouvindo. O que você vai receber da música tem com relação também. Então tudo influi também, a qualidade, o estado do disco, se o tempo tá bom.

Talvez isso influencie bastante. Porque pra esse motivo também você pode escutar o CD porque o CD não tem aquela qualidade. Tudo bem, existem sim realmente diferenças.

Você pega o CD e pega um vinil, você vai. Depende muito da gravação, depende muito do... A aparelhagem tá tocando, isso é importante.

A aparelhagem é importante também. A música sim, mas a aparelhagem também. Se você não tá bem preparado pra ouvir, vai escutar uma porcaria.

Vai escutar estalo. O vinil tem um estado. Há o estalo do vinil.

Muitas vezes é um estalo. Aquilo ali, como se diz, traz recordações. Muita gente fala que é recordações.

De coisas só velho mesmo tem recordação de estalo. Prefere só o nipo do CD que não tem nada disso. Mas é aquela coisa.

Entrevistador:

Sim. E você, Rui Jr?

Rui Jr:

Me ajuda, gente, que vocês estavam aqui numa viagem.

Entrevistador:

Falando sobre se você acha que tem diferença de mídia pra mídia. Você acha que alguma é superior em termos de qualidade. O que você acha?

Rui Jr:

O vinil me pega mais porque eu consigo fazer os *scratch*. Eu não tenho muita coisa assim. Por causa do processo de seleção?

Eu não sou... não. É como DJ.

Eu gosto de tocar no vinil. Mas eu não sou um cara audiófilo. Claro que depois de eu ter viajado, ter visto alguns equipamentos e ter tocado o mesmo disco aqui e o mesmo disco no equipamento muito bom, você vê que são duas coisas diferentes.

Você fala que tem uma relação muito forte com o vinil. Muito forte. Mas assim, eu não tenho muita coisa pra isso de escutar.

A música é muito poderosa, numa qualidade leve. Eu prefiro escutar direitinho ali onde o meu fone bater.

Entrevistador:

Vocês sempre sabem o que vão ouvir? Se vocês travam em algum momento na hora de escolher o que você vai ouvir, como é que vocês destravam? Como é que isso acontece?

Rui Jr:

Eu geralmente tenho uma *playlist* que eu coloco coisas que as pessoas me recomendam ou que me chamam a atenção. Eu geralmente não escuto as mesmas coisas que eu tenho aqui. Tem coisas que eu só escuto no vinil.

É meio doido. Só escuto no vinil. Aí tem as paradas que eu só escuto no *streaming*.

Porque eu tenho essa *playlist* e essa *playlist* me ajuda muito a sair da mesmice.

Entrevistador:

Da inércia ali?

Rui Jr:

Isso. Eu me forço diretamente a escutar música nova.

Entrevistador:

Certo. E você?

Rui:

Pra mim é do dia.

Tem dias que eu quero escutar... Se eu estiver aqui escutando um vinil, eu vou pegar alguma coisa que eu tenha vontade de escutar na hora. Dentro do carro também.

Às vezes não tem... Pode ser até uma trilha sonora de um filme. Pode ser uma coisa que não tem nada a ver uma coisa com a outra.

Vai muito depender do dia. Dependendo do dia eu pego alguma coisa pra ouvir. Às vezes até...

Entrevistador:

Mas essa sensação de congelamento não é uma coisa que vocês percebiam acontecer com vocês? Por exemplo, sabe? Quero escutar alguma coisa e eu não... E não sabe o quê? Não sabe o quê.

Rui Jr:

Eu tenho um pouco disso. Eu tenho. Às vezes eu saio e falo o que eu vou escutar.

Mas essa *playlist* me ajuda. É como se eu tivesse... É como se eu tivesse uma lista do que escutar.

É bem isso. É a lista de coisas que eu tenho que escutar.

Entrevistador:

É um to-do de música.

Rui Jr:

É um to-do de música.

Entrevistador:

Vocês confiam no algoritmo já que os dois são usuários de plataformas de *streaming* pra selecionar a música pra vocês? Vocês são muito atuantes.

Rui Jr:

Eu tenho visto o algoritmo funcionar bem. Principalmente com a minha namorada. Ela coloca lá algumas coisas pra eu escutar na casa dela que, cara, o algoritmo vai mostrando coisa e daqui a pouco eu tô pegando música aqui porque ela deixou no algoritmo do Spotify.

Entrevistador:

Sim. Você?

Rui:

Cara, eu não sou muito de usar isso, não.

Mas, às vezes, eu já peguei... Tipo assim, eu tava querendo escutar uma rádio, né? Que a gente chama de rádio, é isso?

Rádio de fulano de tal. Então, é interessante, sim. Porque ela te dá muita coisa que você não conhece.

Você não é conhecedor de tudo, né? Você não tem condição de ouvir tudo.

Rui Jr:

Esse lance da rádio, da Spotify, quando acaba a música que você tava querendo ouvir, daqui a pouco ele já pula pra rádio. Isso é importantíssimo. Isso aí é recomendações.

Escuta aqui, escuta isso aqui.

Rui:

É assim, vamos dar um exemplo. A Isley Brothers. Eu vou escutar a Isley Brothers.

A Isley Brothers, quando ele coloca na rádio ali, não tem só o Isley Brothers. Tem outros que o algoritmo vai puxando, que é no estilo, que traz alguma informação. Então, isso aí é o algoritmo que vai puxando pra isso.

Eu acho interessante, porque, no fundo, quando você não tem ideia do que você quer ouvir, mas tem uma ideia de escutar uma música, ah, eu quero escutar uma música aqui. E se você colocar numa rádio dessa, é interessante que apareçam coisas pra você que você nunca viu. É interessante o conhecimento a mais que você tem de música.

Você vai gostar ou vai não gostar. Se você não gostou, pula.

Rui Jr:

E dizem, né? As pessoas ficam discutindo se é o começo do fim do DJ. Também tem isso.

Não acho que vai acabar. Mas, assim, o algoritmo fez com que a gente ficasse assim, pensando, pô, será?

Entrevistador:

Mas é pra tudo, né? Não é só pro DJ, né?

Rui Jr:

Claro, mas assim, mas quando você começa a enxergar algumas coisas que dá pra fazer com inteligência artificial, e com o algoritmo, você fica assustado. Como profissional, você fala, mano, claro que nunca, nunca vai chegar no nível de um ser humano. Eu não acredito nisso.

O ser humano é outro pique. Mas é uma coisa, sabe? Que assusta, né?

Rui:

Acho que vai ser difícil, em todos os casos. Nada é impossível. Nada é impossível pra mente humana.

Entendeu? Eu acho isso. Mas é tudo uma questão de gosto, né?

Quer dizer, se aquilo vai realmente acontecer, vai depender muito das pessoas aceitarem ou não.

Rui Jr:

Então, é. Mas é que a presença humana, ela faz com que a música seja mais. Entendeu?

A presença de um DJ na frente de um palco, ela faz com que a música seja mais. Eles vão ter que reprogramar isso, fazer com que um DJ, por exemplo, seja emulado. Tá aí a situação do Tupac lá no Coachella.

Entrevistador:

Eu tô por fora disso aí.

Rui Jr:

Qual o nome da parada mesmo? Quando eles projetam assim, como se fosse Star Wars.

Entrevistador:

Ah, faz um holograma.

Rui Jr:

Holograma. O holograma do Tupac, aquele show, que foi coisa séria. O holograma do Tupac foi muito impactante.

Pra aquelas pessoas. E eu não acho que seja uma coisa ruim. Mas é meio Blade Runner. Sabe?

Entrevistador:

Gente, deixa eu tentar trazer agora a conversa pra um tipo de experiência que vocês podem sentir, podem exercitar, ou pode ser que não também. Eu vou dar um exemplo de contexto pra ver do que eu tô falando. E aí vocês dizem que forma vocês se relacionam com isso.

Teve uma matéria que saiu em um jornal da Califórnia. O cara sugeria o seguinte contexto. Falaram assim, olha, seleciona três álbuns pra ouvir.

Pode ser no CD, pode ser no vinil, pode ser na plataforma dos filmes. Mas se desconecta de tudo, ficar só ouvindo esses álbuns durante o tempo que eles durarem, sem se interromper e tal. Qual era o propósito que tá por trás dessa ideia?

Dedique sua atenção àquela obra. Vocês percebem que vocês fazem isso, ou se não fazem, já fizeram. Você tem esse momento de protagonismo da audição musical, entendeu?

Rui Jr:

Isso no vinil principalmente. Principalmente quando eu toco no vinil, eu tenho esse momento. Por isso que eu gosto de tocar às vezes em lugares como restaurantes.

Que aí dá tempo de você fazer isso. Não, não. Nem nem, olha só.

Rui:

Você não entendeu. Como ouvinte. Você como ouvinte.

Rui Jr:

É, mas eu como ouvinte. Porque às vezes eu pego um disco que eu não escutei ainda. E eu boto pra escutar nesses momentos.

Porque, entendeu? Eu tenho aquele momento que eu acho especial. Eu falo, pô, vou botar esse disco aqui, cara.

Vou escutar. Entendeu? E aí vai o álbum todo, de repente.

Já aconteceu isso. Você tava comigo lá no fora. Eu coloquei aquele Feelings.

Eu nem tinha escutado ele todo. Eu comprei. Eu sabia que era um disco muito raro.

Rui:

Mas eu acho que o que ele tá falando é uma questão mais de você estar em casa, por exemplo.

Rui Jr:

Não, eu entendi, eu entendi.

Rui:

Ou em qualquer outro lugar.

Rui Jr:

Mas é o que eu tô falando. Eu tava em outro lugar. Eu tava em outro lugar escutando.

Rui:

Você falou que ouvia aquele disco do começo ao fim. Sim, é.

Rui Jr:

Eu já tentei fazer uma situação dessa. Não um disco do início até o fim. Mas ter uma experiência sensorial.

Assim, eu fiz uma vez num lugar chamado Esma Maluca, na Tijuca. Vira Isabel, quase. Tijuca vira Isabel.

A ideia era colocar todo mundo numa sala escura. E escutar uma música. E pegar os depoimentos das pessoas.

Então, na minha experiência de DJ e como produtor cultural, eu já penso em música assim. Apresentando de uma forma sensorial muito grande. Eu tenho uma vontade de ter essa experiência sensorial geralmente no vinil.

Eu gosto de fazer isso. Então, quando eu toco no vinil, é uma coisa especial. Eu levo os discos assim pra escutar.

E principalmente nesse momento eu tenho esse lugar que eu toco no restaurante que eu fico mais à vontade. Aí eu consigo colocar o disco todo e saber ver as pessoas reagindo à música. Isso é interessante.

Entrevistador:

E você, Rui?

Rui:

Na verdade, pra eu fazer isso, eu tenho que estar aqui em casa. Então, muitas vezes eu to aqui trabalhando e eu coloco um disco inteiro pra ouvir.

Vou mesmo. Não fico pulando, não. Entendeu?

Não vou escutando. É o disco do começo ao fim. Isso aí sem problema.

Entrevistador:

É... Vocês se percebem, assim, nesse momento que a gente tá falando, desse momento de protagonismo da audição musical, né? Vocês percebem alguma ação física?

Você experimenta, por exemplo, como uma pessoa se arrepiar, por exemplo? Ou cantar junto, ou ficar muito concentrado. Já vi vários relatos desse tipo.

Conseguem falar sobre isso?

Rui Jr:

Isso me ajuda em algumas situações. A relação que eu tenho com a música de foco, né? Eu aqui, limpando os discos, eu sou muito minucioso.

E a música me ajuda nisso. Ela desperta uma chave que eu consigo ficar aqui, eu faço o meu plano todo. E quanto eu tenho essa situação da música comigo, eu consigo prestar atenção com mais detalhe.

Acredito que eu sou mais atencioso a algumas coisas.

Entrevistador:

E você?

Rui:

Também.

Rui Jr:

Principalmente emocionalmente. Emocionalmente na rua, então, isso me ajuda muito. Muito.

Num momento que eu tô mal e tal, eu coloco uma música e isso dá um respiro. Eu sou um cara que fica com muita música na cabeça. Então, se eu tô sem fone, eu estou com o fone na cabeça.

Eu tenho isso também. Volto e meio, uma música chiclete, eu fico cantando na rua, fico pensando.

Entrevistador:

Legal, gente. O que mais que eu posso perguntar aqui pra vocês? Cara, é isso, gente. Agradecer pelo tempo de vocês. Deixa eu interromper aqui.

Sandro Geraldo

Escolaridade: graduação

Ocupação: ator e dublador

Nascimento: 20/08/1958

Idade: 65

Entrevistador:

Sim. Então, essa entrevista aqui faz parte da pesquisa de doutorado que eu estou liderando. E ela fala a respeito da experiência do fã de música na nossa era.

Ela tem basicamente três blocos. No primeiro bloco a gente vai falar sobre a sua relação pessoal com música. No segundo bloco a gente vai tentar apurar como é seus hábitos de audição musical.

E no final a gente vai tentar falar sobre um tipo específico de experiência que a gente está mais interessado. Então, você consegue dizer pra mim qual é a importância que a música tem na sua vida? Você acha que de alguma maneira ela te ajudou a definir sua identidade pessoal?

Sandro:

Ah, eu acho que sim, cara.

Eu acho que música é tudo, né, cara? Eu vejo muito a minha vida, assim, a minha trajetória toda, muito a partir disso. Eu me lembro que eu morava em Pelotas ainda, eu devia ter oito, dez anos.

Os dois primeiros vinis que eu comprei foram juntos. Eu comprei o Construção do Chico Buarque, um do The Mamas & The Papas. Então, eu sempre fui muito eclético de música.

E a música é, acho que, a trilha sonora da tua vida, né, cara? Eu acho muito legal.

Entrevistador:

Você é um cara que, de certa maneira, se eu estou olhando aqui a decoração da sua casa, você tem produtos, consome produtos com temas musicais, esse tipo de coisa?

Sandro:

Sim, musicais... Culturais, né? Culturais, tanto... Eu amo cerveja também, tem várias coisas, né?

Cerveja artesanais e tal. Temos dublagem também, tem sujeitos, tem várias coisas. Eu viajei em Praga, Budapeste.

Aqui em Nova York tem o Andorra. Acho que isso faz parte da trajetória, né, cara?

Entrevistador:

E agora me diz, você está com 65 anos, então você, como eu, você passou, o vinil surge ali no final da década de 40, então você passou pelos suportes do vinil, cassete, depois CD, e aí depois mp3, plataformas de *streaming*. Você consegue... Como é que...

Você acha que a sua relação com música foi mudando de acordo com a tecnologia? Sandro:

Foi mudando e depois voltou, né?

Ela foi mudando e depois voltou. Eu comecei com o vinil, tanto que eu falei dos dois primeiros vinis que eu comprei, sempre comprei o vinil a vida toda e tal, não sei o quê. E aí tem a fase da fita cassete, né?

Que a fita cassete, eu pelo menos não comprava fita cassete. Fita cassete era legal, porque você gravava, é rádio Fluminense. Aí vai ter o especial do Led Zeppelin, pô, montava e gravava, entendeu?

E aí tinha todas as fitas cassete, né, cara? Depois foi o CD, e aí eu já tinha sempre mantido meus vinis e tal, a não ser uma época que eu precisei necessidade de algum, sei lá, recentemente para resolver minha vida, resolver e tal. E aí é...

Aí o CD, né? E plataforma, né? É que também a gente...

Eu era muito de gravar, depois o CDzinho, tanto DVD quanto CD, gravava aqueles negócios, aqueles programas que tinha na época, como é que era? IFAE, eu não sei o quê, sei lá, não lembro o nome agora. Para queimar CD com mp3?

Isso, isso. Tanto música quanto filme, DVD, eu gravava muita coisa na época e tal. Depois foi caindo o desuso e tal, e aí eu mantive os CDs e tal, e aí, de um tempo para cá, voltei para o vinil, né?

Hoje 90% do que eu escuto é em vinil. Ah, é? Agora...

90% é vinil, 10% é aplicativo, aquele conhecido. Spotify. Spotify.

Entrevistador:

Mas assim, então, boa parte desse teu acervo de vinil, ele é antigo?

Sandro:

É antigo, não tem coisa de muito tempo. Apesar que eu vendi muita coisa, agora comecei a comprar algumas coisas também, entendeu? Aí tem comprado...

O Tom Zé, Todos os Olhos, que eu vendi porque eu estava precisando, e agora eu comprei. E por que você voltou para o vinil? Porque eu gosto muito, cara, eu gosto muito da...

Tanto de comprar o vinil, tem muito acervo, muito amigo meu, tem o Rachid, tem o Victor, tem aqui na Online Sound, na Praça de Tiradentes, tem o, que é muito legal, que você deve conhecer, na Praça de Tiradentes, com a 7 de Setembro, são três DJs das antigas, né? Então é uma sala, eles ficam tocando black music e tal, e tem um acervo muito grande. Então...

E é legal, assim, eu gosto do vinil porque o vinil tem um encarte, aí você abre o encarte, tem aquele que eu te mostrei do Gorillaz, cara, tem um design maravilhoso, fica ouvindo o disco, fica curtindo, né, cara? E você tem muito menos nos CDs e nos aplicativos, você não tem, né?

Entrevistador:

Sim.

Sandro:

Então eu gosto muito, eu curto muito essa parte, entendeu? Do visual.

Entrevistador:

Tá. Você acha que de alguma maneira, assim, primeiro, os teus vinis são todos de época, tudo do século passado? Ou maior parte?

Não, tem...

Sandro:

Tem coisas que estão saindo agora que eu comprei, né? Tem coisas antigas, tem coisas que eu compro das antigas e tal, assim, eu sou muito eclético, né? Tem desde Moreira da Silva, até Elias After, Gal Costa, até Eli Jobim, até...

Tirando sertanejo, tem tudo, entendeu? Só não tem sertanejo.

Entrevistador:

Então... Você assina o Spotify ou você usa aquele padrão, gratuito?

Sandro:

O pior é que eu tô assinando, cara, não sei porquê. É R\$ 19,90, então você... Ah, deixa.

Porque o meu, essa vitrola que eu comprei, ele tem bluetooth, né? Então, às vezes, quando eu vou deitar e tal, aí eu boto e fico ouvindo, porque o vinil, ainda mais que essa vitrola, a agulha não volta, ela fica lá, porque deu, parada, entendeu?

Aí eu vou ouvindo música, não vou, porra, pegar no sono, ficar aquele negócio ali, coisa de agulha e tal, né? E aí, quando eu vou falar, vou deitar, vou ficar ouvindo uma música, eu boto o Spotify, o bluetooth.

Entrevistador:

Entendi.

Sandro:

Aí, cara, quando eu acordo, a vitrola tá ligada, mas não tá... a agulha não tá ali no...

Entrevistador:

Entendi. Você é uma figura ativa, assim, na internet, rede social e tal?

Sandro:

Mariana diz que sim, mas eu acho que não tanto.

Entrevistador:

Mas na sua atividade, você publica coisa sobre música?

Sandro:

Não, não. Alguma, né? Pouco, mas às vezes, quando eu compro um vinil, assim, que eu gosto muito, eu comprei esse do Paco de Lucia, tocando só músicas do Garcia Lorca, né? É do Garcia Lorca.

E aí, às vezes, quando eu compro coisa, eu boto no Face, eu gravo e tal, tocando um disco, é esporádico.

Entrevistador:

Entendi.

Sandro:

É constante, não.

Entrevistador:

Como é que é o seu hábito de ouvir música?

Tem uma rotina, assim, que você consegue descrever?

Sandro:

Não, não tem rotina, não.

Entrevistador:

Você não acorda com música, ou você vai...

Como é que é?

Sandro:

Não é sempre, não. No muito... É mais fácil, é mais comum, eu dormir lendo.

Quando eu for dormir, eu deito, pego o livro e leio e tal. É mais comum do que eu ficar ouvindo música na hora de dormir. Às vezes, sim.

Entrevistador:

Você acha que a música, de alguma maneira, te ajuda a desempenhar alguma tarefa, quando você vai fazer alguma coisa específica, lavar a louça, sei lá?

Sandro:

É bom, né? Eu gosto, cara.

Entrevistador:

E aí, você falou aqui que 90% da música que você ouve é através de vinil. É isso? Por quê? Por que através de vinil?

Sandro:

Porque eu gosto, eu tenho muito vinil. Eu tenho bastante vinil. Então eu gosto, cara.

Eu gosto da sensação, eu gosto daquele chiadinho. Eu gosto.

Entrevistador:

Você... Quando você... Agora eu vou ouvir uma música você sempre sabe o que você vai ouvir? Ou não? É uma coisa que varia?

Sandro:

Não sei, velho. Varia. E quando você não sabe...

Eu tenho uma coisa muito assim. É assim, eu tenho uma coisa de fase de tempo, de hora, de dia e de momento. Aí eu falo assim, cara, tem muita trilha sonora que eu me amarro, né?

De filme, de peça e tal. Aí baixa assim, aí eu estou um pouquinho... trilha sonora, trilha sonora, trilha sonora, trilha sonora.

Aí, de repente, aí eu começo, aí eu estou meio Gal Costa. Aí eu tenho sete vinil, seis vinil do Gal Costa. Aí eu ouço um, outro, outro.

Rock'n'roll! Aí eu botei no WhatsApp, é muito assim. Eu tenho muito isso.

Mas não é uma coisa recorrente, não é uma coisa recorrente.

Entrevistador:

E na plataforma de *streaming*, quando você vai botar no Spotify, como é que é essa decisão do que você vai escutar? Ou é uma coisa que você pega... Você já vai com uma ideia lá na cabeça? Ou a interação...

Sandro:

Geralmente eu vou com uma ideia na cabeça. Geralmente eu falo assim, cara, hoje eu estou afim de assistir, hoje eu estou afim de ouvir aquele disco antigo, sei lá, do Nelson Gonçalves, aí eu boto naquele disco antigo. Ah, eu estou afim de ouvir aquele disco do *stories*, aí eu boto.

É muito por aí. Não é muito aleatório, não. A não ser quando eu estou na academia.

Na academia eu boto aleatório, dentro de uma *playlist*, do que eu gosto, e aí vai no aleatório.

Entrevistador:

E aí você deixa que a inteligência artificial escolha para você as músicas? E fica numa boa? Você não se incomoda?

Sandro:

Às vezes é uma burrice artificial. Às vezes, porra, quem escolheu essa porra?

Não, mas é dentro de uma *playlist* que eu já tenho pré-determinada, então eu escolho o que eu não quero. Tá, você já vai na *playlist* que você já conhece, tá, tá beleza. Boto aleatório e vai começar a tocar umas coisas que eu...

Entrevistador:

Você costuma criar *playlists*?

Sandro:

Não. Não, já costumei.

Quando eu retomei o negócio de vinil, isso aí, cara, que eu mudei aqui pro centro, eu retomei os meus vinis, que eu tava muito tempo sem a vitrola. Então eu tô desde que? Desde maio com a vitrola.

Então eu retomei a audição de vinil a partir de maio desse ano. Eu fiquei muito tempo, eu tinha uma vitrola muito boa, e aí a vitrola quebrou, isso daqui uns 10 anos, sei lá. E aí eu fiquei sem, entendeu?

Eu tava sem dinheiro pra comprar a vitrola. E aí eu fiquei sem. E aí eu retomei, e agora eu comprei a vitrola, agora em maio de 2003.

Entrevistador:

Uhum. Sabe que tem uma pesquisa curiosa da BBC dizendo que quase a metade dos colecionadores de vinil, dos compradores de vinil, eles não têm nem vitrola. Eles compram só pelo produto em si.

Sandro:

É. Eu tenho um grande amigo também que assinava um canal que todo mês recebe vinil. E não tem vitrola.

Eu falei, cara... Agora ele cancelou a assinatura popular mesmo. Eu sei como é a vitrola, eu vim e eu cancelo essa porra.

Aí ele resolveu cancelar, porque ele não ia comprar.

Entrevistador:

Curioso. Então, cara, eu queria tentar explorar essa ideia de uma experiência em que a audição musical está com protagonismo, vamos dizer assim, tá? Eu vou te dar um exemplo que eu sempre uso, que é uma sugestão de uma matéria do LA Times, que saiu lá na época da pandemia.

O cara falando assim, deixa o seu celular de lado e escolha três álbuns para ouvir e fica só escutando esses álbuns. O que ele está propondo ali? É um momento, assim, como se fosse uma contramão da forma como a gente escuta a música, a gente é a maior parte das pessoas, né?

Com a música sempre em segundo plano, vamos dizer assim, né? Ele fala, vamos botar a música em primeiro plano. É a sugestão que ele faz.

Você se vê com esse momento de você estar com essa audição mais dedicada, mais atenta, assim?

Sandro:

Não entendi muito não.

Entrevistador:

Não entendeu?

Sandro:

Não entendi muito não.

Entrevistador:

Assim, você se vê ouvindo música, isso sendo o foco da sua atenção ou a música acaba estando sempre num plano de fundo?

Sandro:

Num acompanhamento. Às vezes, sim. Depende.

Às vezes, como você falou, às vezes eu boto a música para lavar a louça. Às vezes eu boto determinado vinil, para ouvir, pego o encarte, fico acompanhando a letra, fico cantando junto, entendeu? Mas são duas situações que acontecem.

Entrevistador:

Tanto no plano de fundo como...

Sandro:

Sim.

Entrevistador:

E essa experiência, esse momento de protagonismo da audição, ele sempre acontece com o vinil ou ele pode acontecer com você escutando de Spotify, por exemplo?

Sandro:

Geralmente com o vinil. Geralmente com o vinil. Em casa eu escuto vinil.

Eu escuto Spotify quando eu ando de bicicleta, quando eu vou para a academia, mas em casa eu quase não escuto Spotify. A não ser quando eu vou dormir, que eu deito, que eu tenho essa condição de ficar ouvindo e depois ligar, a vitrola fica ligada e depois a agulha fica rodando.

Entrevistador:

Sim. E aí você acha que a qualidade de som é importante para você nesse momento que você está mais escutando a música mesmo, acompanhando? A qualidade do aparelho, de reprodução, você não...

Sandro:

Sim, cara, também a qualidade de som é ouvir a respiração do cantor. Você ouve no vinil e não ouve no Spotify. Isso também é qualidade de som.

Entrevistador:

Entendi.

E aí, pelo que eu estou vendo aqui, em geral uma coisa que acontece associada ao vinil, em geral com álbuns, você consegue... você acha que nesse momento você se vê se arrepiando com música? Como é que é isso?

Sandro:

Sim, sim. Emociona bastante. Um momento, às vezes, você passa numa situação, aí você bota aquela música, e tudo avisa.

Minha grande amiga, Bia, que morreu há um tempo, às vezes eu lembro dela e boto um... um vinil que é a cara dela, entendeu? Fico emocionado lembrando dela, a foto que ela faz e tal.

Entrevistador:

Sim, legal. Sandrinho, é isso, meu irmão. Isso aí.

Sonia Rodrigues

Escolaridade: graduação

Ocupação: empresária

Nascimento: 01/10/1965

Idade: 58

Entrevistador:

Boa noite, Sonia. Então, eu queria pedir para você falar um pouquinho da sua relação com música, se você acha que, de alguma maneira, ela marca a sua identidade pessoal. Contar um pouquinho dessa sua história com música.

Sonia:

Bom, resumindo, eu sou cantora, eu canto desde que me entendo como gente, minha primeira memória de cantar com o meu pai, aprenderam a tocar violão e ele era muito desafinado, então ele pedia para eu aprender as músicas para cantar para ele, para ele poder treinar o violão. Isso eu devia ter uns cinco anos de idade. Aos nove eu comecei a estudar música de forma mais consistente e fui estudar flauta doce e canto coral, teoria musical e tal.

E, desde então, nunca mais parei. Minha relação com a música é profunda, não vivo dela, mas considero, respeito e tenho muita dedicação na música como se fosse profissionalmente.

Entrevistador:

Legal. Então, você, como eu, viveu diversas fases da indústria fonográfica, você deve ter, com certeza, viveu a era do vinil, depois tivemos o CD, a partir do final da década de 80, pelo menos aqui no Brasil, depois tem aquela época da crise promovida pelo mp3 e, mais recentemente, nos últimos 15 anos, 10 anos, a gente tem essa emergência das plataformas de *streaming*. Você consegue me dar um panorama de como é que foi a sua relação com esses formatos, considerando a sua experiência como ouvinte?

Sonia:

Sim. Olha, eu, de certa forma, não tive muita escolha, tive que ir me adaptando. Sempre gostei muito de ouvir música, então, se disserem para mim que vou ter que ouvir música através de um, sei lá, de uma caneta, eu vou ficar olhando para a caneta e ouvindo música através da caneta, porque eu não consigo viver sem ela, sem isso, e até para o meu estudo, eu preciso ouvir música, conhecer muito, repertórios e novidades, enfim, faz parte da minha necessidade com relação à música. Então, eu fui evoluindo a música, fui evoluindo a forma, o meio de a música chegar a gente, foi evoluindo e eu fui evoluindo também.

Às vezes, sinto falta de um vinilzinho, mas outro dia achei um *pendrive* em casa. Sim. Tem essas coisas, não é?

A gente se adapta, eu não me sinto uma pessoa que tem dificuldade de se adaptar. Eu vou bem.

Entrevistador:

Você tinha o hábito de colecionar discos em algum momento da sua vida? Como é que era isso?

Sonia:

Tive, tive, nossa! Eu lembro, assim, muito claramente que durante a adolescência, que era mais difícil chegar para a gente o que era a música internacional, então você juntava aquele dinheiro para comprar um disco, um vinil de algum cantor ou algum grupo que você curti muito e havia muita troca. Então, sei lá, eu gostava muito de Led Zeppelin, por exemplo.

E aí, quando eu consegui comprar um LP do Led Zeppelin, eu tinha uma fila de amigos para ouvir depois de mim, quando eu enjoasse deles, entendeu? Então, assim, a gente fazia muito esse escambo. Então, tá, eu te empresto o meu Led Zeppelin, mas você vai me emprestar o último do Caetano Veloso, que eu ainda não tenho.

Então, era isso. E a gente aí gravava, às vezes gravava naqueles cassetes, sabe, que depois enrolava aquela fita, acabava enrolando. Era muito engraçado isso, mas a gente fazia isso para ter o registro, para ter a música.

Então, eu que gostava de cantar, eu escolhia aquelas músicas que eu adorava cantar, então eu gravava aquela música no cassete para depois ficar reproduzindo e eu cantando em cima, como se fosse um karaokê, sabe? Sim. Coisa absurda.

Então, tem muita memória com relação a isso.

Entrevistador:

E, você, nesse novo padrão, você assina alguma plataforma de *streaming*?

Sonia:

Sim, eu tenho o Deezer e meu marido tem o Spotify.

Entrevistador:

Como é que é a sua relação com a plataforma? Você gosta, como é que você...

Sonia:

Hoje em dia, sim, eu gosto, apesar de que eu sinto falta de muito conteúdo. Ah, é? É, sinto falta.

Tem algumas coisas assim... Eu tenho um CD de... Na verdade, como é que eu chamo aquilo?

Nem lembro mais, aquele... Antes do CD pequenininho, teve um grandão.

Entrevistador:

Video laser, né?

Sonia:

É, isso. Meu marido tinha, do David Gilmour, e ele cantava uma área de tenor do Pescador de Pérolas. É belíssimo aquilo, é muito bonito, porque ele com aquela voz de rock, cantando uma ópera, uma área de ópera.

É muito bonito, né? É muito aconchegante para o ouvido, assim, eu gosto. E não tem, não existe isso no Spotify, não existe no Deezer.

Eu já pesquisei e não tem. Você não consegue achar. Então, assim, tem algumas coisas, mas é detalhe, né?

Porque eu sou meio saudosista mesmo.

Entrevistador:

Tá certo. Você, na internet, você costuma... Eu não sei se você é usuária de rede social, quando você...

Se você é, você costuma seguir pessoas que estão ligadas à música? Você costuma interagir em posts sobre música? O que você pode falar sobre isso?

Sonia:

Muito pouco. Eu, na verdade, não gosto muito de rede social. Não gosto.

Eu uso muito profissionalmente. E para, assim, acompanho muito a minha filha. A minha filha tem uma carreira de música, ela é cantora, é professora e tal.

Então, às vezes eu entro para ver o que ela está fazendo, porque a gente gosta de ver e tal, mas não é uma coisa que eu fique fuçando muito, sabe? Não mesmo.

Entrevistador:

Tá. Você consegue me descrever como é que o seu hábito de ouvir música se encaixa no seu dia a dia? Você acha que a música acaba te ajudando a desempenhar algumas tarefas?

Como é que é isso para você?

Sonia:

Totalmente, totalmente. Eu tenho uma atividade que é... Eu sou empresária, tenho uma empresa de elaboração de aromas para empresas, de identidade profissional.

Sou terapeuta também, então, enfim. E na minha empresa, quando eu vou desenvolver um aroma para um determinado negócio, eu preciso entender aquele negócio e me inspirar muito para chegar no aroma adequado para aquele negócio. Não sei se eu estou sendo clara.

Então, eu vejo qual o público-alvo, o que se pretende chegar... É marketing olfativo, que se dá um nome mais técnico para a coisa. E aí, a música super me inspira.

Então, se é uma loja de roupa feminina, eu vou escutar um tipo de música. Se já é alguma empresa que tem utensílios para bebês, eu já vou botar outro tipo de música. E aí vou andando nessa seara maravilhosa que a gente tem da música.

Então, me ajuda demais. Te ajuda na própria condução do seu trabalho. Na própria condução do meu trabalho.

E, fora isso, fico ouvindo coisas que têm a ver com o que eu estou estudando atualmente. Por exemplo, agora estou preparando Ré Candimosa. Então, eu escuto várias versões para saber, para ouvir, pronúncia e tal.

Uso muito, muito mesmo.

Entrevistador:

Legal! Você costuma ouvir música de que maneiras? Basicamente pela plataforma ou você ouve rádio também, disco, como é que é?

Sonia:

Plataforma. Plataforma, hoje em dia, não dá tempo de ficar buscando muita coisa. Então, quando eu estou viajando, que é uma coisa que eu também faço muito, a gente tem aquele Rádios Net.

E aí é um... É uma... Como se diz?

É um site de música. Complicativo. E aí você abre e lá você tem todas as rádios possíveis e imaginárias.

Então, tem rádio de notícia, aí das músicas. Tem clássico, MPB, tem rádio do mundo inteiro. Então, se eu quero só cinema francês, tem lá uma rádio de cinema francês.

Então, vai tocar músicas que você escutou em filmes franceses. Ou rádio de cinema Hollywood. É muito interessante.

Rádios Net. É muito interessante. Então, eu ouço muito isso.

Entrevistador:

Legal.

Sonia:

Às vezes, a viagem inteira, daqui para São Paulo, a gente vai ouvindo a rádio.

Entrevistador:

Você, quando... Agora, vamos falar um pouquinho sobre a sua experiência dentro da plataforma. Você sempre sabe o que você vai escutar?

Caso aconteça de você não saber, como é que você rompe essa inércia?

Sonia:

Tá bom. Às vezes, o que eu faço é botar naquele flow, que eles botam... Eles sugerem, não é?

Uma play baseada no meu gosto pessoal. Então, de certa maneira, você confia na inteligência artificial para selecionar. Eu dou uma chance, não é?

E se eu não gosto da música, vem... Mas, olha, eu vou te falar, eles acertam muito, muito. E, como eu tenho um gosto muito eclético, eu ouço tudo.

Eu ouço música, música boa. Então, eles dificilmente me sugerem alguma coisa que eu não ouço. É muito difícil.

Eles acertam muito. Legal. E, assim, eu vou descobrindo músicas diferentes, versões diferentes para a mesma música.

Bem interessante.

Entrevistador:

É, sai do seu próprio repertório e vai explorando outras coisas. Você tem o hábito de criar *playlist*?

Sonia:

Tenho. Tenho por causa das pessoas que andam comigo, porque eu gosto mesmo de botar um randômico nas minhas preferidas e aquilo vai tocar um rock, daqui a pouco vai tocar um MPB, daqui a pouco vai tocar uma música clássica e vai assim. Mas, quando estou com o meu marido, ele fala assim, olha, estou ficando tonto, estou ficando zozinho.

Não tem uma lógica na sua *playlist*. E não tem mesmo. Mas a intenção é essa, que não tem.

Então, eu tenho lá *playlist* de clássicos, de MPB, só mulheres, só homens, tem rock'n'roll e vai. Mas, quando ele e minha filha estão no carro, eu boto uma *playlist* que seja do gosto. Para isso, eu ouço Edith Piaf e, daqui a pouco, Cassia Eller.

Entrevistador:

Entendi. Você acha, então, que essas *playlists*, de uma certa maneira... É porque essa pergunta está conectada com o seguinte pensamento.

Quando a gente tinha os discos, você podia talvez conhecer um pouco mais daquela pessoa examinando quais discos que ela tinha em casa. Hoje em dia, isso é mais difícil, porque desmaterializou. Se a pessoa não tem o hábito de colecionar vinil ou CD, como é que você vai entender quem é essa pessoa?

Você acha que essas *playlists*, de certa maneira, elas são um manifesto da sua identidade? Você tem orgulho das *playlists* que você cria?

Sonia:

Eu acho que nunca pensei nisso assim. Eu gosto das minhas *playlists*, eu acho interessantes. Eu tenho uma *playlist*, por exemplo, que é só de artista novo, que vai chegando para mim, aí eu escuto e adiciono.

E eu acho que isso é legal, porque você está dando oportunidade a quem está chegando no mercado. E tem gente boa, tem gente muito legal.

Entrevistador:

Superlegal.

Sonia:

Eu sei, agora, eu acho que se alguém fosse abrir o meu Deezer lá e ver as *playlists* que eu tenho, eu vou falar assim, nossa, ela é louca, ela é doida, como é que ela gosta disso aí? Eu tenho uma *playlist* que toca só música coral, coral clássico. São aqueles corais de Brahms, de Verdi, aquelas coraíções e tal.

E tem uma *playlist* do samba de raiz, com Dona Ivone Lara, sabe? Tá. Então, tem uma lógica, sim.

Porque sou eu.

Entrevistador:

Mas dentro da *playlist* tem uma lógica, não é?

Sonia:

Ah, sim, dentro tem. Só tem elas, não é? Classificada, bonitinha, só tem esse tipo de música.

Entrevistador:

Legal. Então, agora eu queria falar um pouquinho sobre um tipo de experiência, que é aquela experiência com música, com audição de música, em que você está conectado diretamente com a música. Você não está ouvindo música, por exemplo, para ocupar um espaço, e não você está com a sua...

A música está em primeiro plano na sua atenção. Você se percebe experimentando esse tipo de momento?

Sonia:

Eu nasci assim, Rafael. Sim, aquilo que eu te falei, eu gravava algumas músicas que eu queria performar. Então, isso acontece muito comigo.

Eu estou assim, “ah, eu vou cantar isso”. Então, passo o tempo inteiro cantando. Às vezes, é até um problema, porque eu tenho que trabalhar, tenho que fazer outras coisas.

Tenho a minha casa. E estou eu lá, cantando, fazendo, acompanhando, só ouvindo aquela... Pô, que lindo esse violino entrou agora e tal.

Eu viajo na música muito.

Entrevistador:

A música faz parte de mim. Tem um contexto específico, ou isso acontece de surpresa, ou você mesma induz esse momento?

Sonia:

Às vezes, sim. Às vezes, não. Às vezes, sim, eu vou fazer isso, porque me relaxa, porque tem um efeito terapêutico nisso aí.

Mas, às vezes, não. Às vezes, estou trabalhando, boto aquela *playlist* para criar um aroma, para fazer uma coisa. Daqui a pouco, parei tudo e estou lá, naquela música, sei lá onde.

Entrevistador:

E aí, pode ser *playlist*, pode ser álbum, pode ser uma música isolada, como é que...? É, não importa.

Sonia:

Eu acho que é mais a música, a música isolada. Às vezes, é um acorde. É um acorde que me chamou a atenção e me emocionou, e eu fui nele, e fiquei ali presa naquilo, às vezes, por alguns minutos.

E, às vezes, eu quero... Então, se estou ouvindo uma, sei lá, uma obra de um compositor, uma obra completa, às vezes, fico ali, minutos e minutos que não saio daquilo, ser presa ali, porque estou apaixonada.

Entrevistador:

Aí me diz, para que esse momento especial aconteça, para você é importante a qualidade do áudio? Você acha que esse momento pode acontecer, inclusive, pelo celular, por exemplo?

Sonia:

Não, não tem qualidade. Eu, aliás, isso é uma coisa que eu percebo bem. Eu tenho um...

O meu marido é muito audiófilo, muito. Então, ele percebe o som, se o grave está assim ou está assado. Então, ele é muito mais minucioso do que eu.

Eu ouço em qualquer lugar, sabe? Ele não. Ele, quando vai comprar um carro, por exemplo, ele vê qual é o som do carro, qual é a multimídia do carro, para poder executar bem aquilo.

E ele se preocupa com isso. Eu não. Eu me preocupo mais com a estética da música, do que com o meio como ela chega para mim.

Entrevistador:

Claro.

Sonia:

Pode ser você cantarolando. Eu vou ficar assim.

Entrevistador:

Legal. Você acha que... Pelo que você já me respondeu aqui, me parece que você não teve, por exemplo, uma oscilação, digamos, antigamente.

Esse momento de conexão especial acontecia mais, hoje em dia acontece menos, ou vice-versa. Aparentemente, pelo que você está contando, não passa por aí. Ou você percebe que, quando você era mais jovem, você tinha mais esses momentos de conexão ou não?

Sonia:

Acho que o que aconteceu é que, de acordo com como veio a maturidade, e você se entregar mais ao trabalho, filho e tal, esses momentos ficavam mais escassos. Aí, em compensação, vinham mais problemas. Até eu identificar que a música era terapêutica para mim, então é uma necessidade que, quando eu me afasto dela por um motivo ou por outro, a coisa sai do eixo, eu fico mais irritada.

Não tenho a minha válvula de escape. Então acho que você entendia isso. Eu sou artista, então o artista precisa de ter isso, é necessidade, é como beber água.

E eu só fui perceber isso num determinado momento da minha vida quando eu estava ladeira abaixo, sentindo que eu perdi, eu estava sem vontade de nada, e aí era o quê? Era a falta da música. Aí eu me enfiei num coral da faculdade, que era o tempo que eu tinha, num intervalo entre uma aula e outra, e eu ia lá cantar no coral, e pronto, aí voltei.

E foi muito importante para mim naquela época. Hoje eu entendo isso, tive que fazer terapia para entender, e aí ver que a música realmente é quase uma muleta. Sabe?

Entrevistador:

Mas é uma muleta muito boa, que ajuda a viver, não é?

Sonia:

Não pode chamar de muleta, não. Ela é praticamente... Eu falo que hoje, depois que eu passei por isso, ficou muito claro para mim que não dá para viver sem a música.

Eu vou parar de fazer qualquer coisa, mas não vou parar de cantar. De cantar, ouvir e tudo, não é?

Entrevistador:

Sim. Bacana. Sonia, concluímos.

Super agradecido pelo tempo.

Sonia:

Que bom.

Tiago Azevedo

Escolaridade: graduação

Ocupação: arquiteto(a)

Nascimento: 22/07/1988

Idade: 35

Entrevistador:

Então, a nossa entrevista tem basicamente três partes. Na primeira parte, a gente vai falar um pouco sobre a sua relação com música, sua relação pessoal com música. Em seguida, a gente vai falar sobre os seus hábitos de audição musical.

Muitas vezes essas coisas vão se inter-relacionando, não é? E, por fim, a gente vai falar sobre um tipo específico de experiência, que é o que a gente está mais objetivamente interessado. Então, vamos lá.

Você consegue dizer para mim qual é a importância da música para a sua vida? Você acha que, de alguma maneira, ela te ajuda a formar a sua identidade como pessoa?

Tiago:

Sim, sim. Ela me ajuda a formar a minha identidade como pessoa, como também me proporciona momentos em que eu preciso dar uma relaxada na vida, aquela correria do dia a dia e tal. E a música, eu vejo ela muito também como um escape para mim em certos momentos.

Entrevistador:

Você tem o hábito de consumir produtos com temas de música, como camisetas, pôsteres, livros? Como é que é isso?

Tiago:

Eu já tive mais isso na minha fase de adolescência. Hoje em dia, eu meio que perdi um pouco desse hábito. Eu comprava muitas camisas, até banners para colocar em paredes, coisas assim eu chegava a fazer.

Inclusive cadernos, capas de cadernos, etc, que remetiam a algo também referente a isso.

Entrevistador:

Bacana. Você chegou a ser colecionador de discos, você está na casa dos 30?

Tiago:

35.

Entrevistador:

Você teve o hábito de comprar discos? Quando você estava na sua adolescência, você pegou o finalzinho do vinil, depois pegou o CD, pegou aquela fase de transição do mp3, mas você tinha o hábito de colecionar discos?

Tiago:

No início da minha adolescência, eu comprava muitos CDs. Era meu hobby de comprar, de acompanhar as bandas que eu gostava, os álbuns que saíam, eu estava ali doido para comprar o CD novo que saiu, o lançamento e tudo mais. Depois eu tive uma fase na minha vida, eu tive o mp3, obviamente, como todo mundo acompanha essa transição do CD para o mp3, mas eu tive uma *vibe* meio retrô.

Isso já foi com meus 25, 26 anos. Eu comprei um toca-discos mesmo e acabei correndo atrás para garimpar discos antigos e cheguei também a comprar discos novos de bandas novas que estão lançando discos atualmente e eu cheguei a comprar também. Então eu tive essa fase na minha vida, acho que de CD, de mp3, de discos, passei por tudo isso, até por fita mesmo.

Na época de adolescência, eu lembro de ouvir muito, mas eu não cheguei a comprar porque eu era muito novo.

Entrevistador:

Mas esse teu hábito de consumir vinil, você acha que ele é motivado pelo quê? O que você identifica que te move?

Tiago:

Muito pela qualidade sonora. Eu acho que tem uma diferença muito grande.

Entrevistador:

Você é assinante de plataforma de *streaming*? Sim. Qual delas você assina?

O Spotify. Spotify. Nos seus hábitos como internauta, para usar um termo bem antigo, como é a sua atividade nesse cyberspaço?

Você costuma interagir com postagens? Você segue perfis que estão associados à música? Como é isso?

Para entender como é o teu perfil online também.

Tiago:

Ultimamente eu dei uns tempos nas redes sociais. As minhas redes sociais se tornaram algo mais voltado para o meu trabalho hoje em dia. Então eu não tenho mais aquela relação como eu tinha na minha adolescência, com o Orkut, com aquelas coisas que eu seguia, todas as bandas.

Mas hoje em dia não se tem mais isso. Hoje em dia até tem, sigo algumas coisas, mas não tem mais essa interação como eu tinha antes. Justamente por isso, por hoje em dia estar muito ocupado com muita coisa profissional e eu não vejo mais tempo para conseguir me colocar ali comentando coisas referente aos meus *hobbies*.

Não só com a música, mas com outras coisas também que eu tenho *hobby*.

Entrevistador:

Legal. Você costuma ouvir música de que forma? Se você pensar na fonte, você costuma ouvir música pelo rádio, por disco, acervo digital ou plataforma?

Qual você costuma usar mais no seu dia a dia e se você tem algum tipo de preferência por uma dessas fontes?

Tiago:

Curiosamente eu ouço muito rádio. Porque o meu carro já é um carro mais velho, então o aparelho que eu tenho de reproduzir música lá é de CD ainda. E os CDs, a parte que quando você coloca o CD, a leitura do laser não está muito boa.

Então quando eu estou andando de carro eu coloco rádio e ouço as rádios que tem, que pegam. Enfim, e também pelas plataformas digitais eu descubro muita coisa, né? Muita coisa nova.

Por esses dois meses.

Entrevistador:

E o vinil, você já não escuta isso? Foi uma fase que passou?

Tiago:

É, foi uma fase que passou porque hoje em dia o meu toca-disco deu um problema, então eu fiquei de fazer essa manutenção, mas é muito difícil achar a

correia certa e tal. Eu acabei realmente deixando de lado porque não faz mais sentido hoje para mim eu ficar tentando buscar uma correia que eu acho que eu já busquei bastante e não vou conseguir achar mais. Entendi.

Acho que improvisar eu não vou conseguir mais, então deixei de lado.

Entrevistador:

Saquei. Quando você vai ouvir música, você sempre sabe o que vai escutar? E aí quando não sabe, como é que você resolve esse dilema?

Quando isso acontece, acontece em que contexto?

Tiago:

É. Quando eu vou escutar, eu gosto muito de colocar algumas *playlists* aleatórias, principalmente nessas plataformas digitais, e eu acabo ali, por exemplo, tem uma função no Spotify que eu estou com vontade de escutar uma música específica, mas gostaria de seguir naquela *vibe* ali, como se ele me sugerir músicas parecidas com aquilo ali. Então eu uso muito essa ferramenta, que é colocar ali, ir para a rádio da música e você escutar coisas semelhantes, e acaba até mesmo descobrindo músicas novas ali, que eu falo, essa música é legal, eu não conhecia, aí passo a curtir e passo a escutar mais ela, então eu vou levando dessa forma.

Entrevistador:

Então a gente pode dizer que você, de certa maneira, você confia na inteligência artificial para selecionar a música para você, não é?

Tiago:

Sim, no momento eu acho que é uma boa interpretação do que está acontecendo comigo, acho que eu estou confiando mesmo.

Entrevistador:

Bacana, cara. Como é o seu hábito de ouvir música? Ela tem um encaixe específico na sua rotina? Você acha que a música te ajuda a desempenhar algumas tarefas, se puder dar algum exemplo?

Tiago:

Sim. Eu ouço muito a música para mim no momento que eu estou com um humor de repente que não está muito bacana, eu preciso de repente levantar um pouco o astral e eu coloco uma música mais animada, então eu uso muito nesse sentido. E também quando eu estou com amigos, fazer algum evento, uma social em casa, aí costumo também a música ser presente nesse momento, e até amigos de infância mesmo, que a gente escutava música junto, colocar músicas mais nostálgicas para lembrar, comentar, falar sobre música, então acho que isso é algo recorrente.

Entrevistador:

Legal. Você tem o hábito de criar *playlists*? Você costuma compartilhar se você cria?

Tiago:

Sim, eu crio bastante *playlists*, compartilho com amigos, estou sempre no WhatsApp enviando o link do Spotify.

Entrevistador:

Ah, interessante. Você acha que essas playlists, de certa maneira, é uma forma de você manifestar o seu conhecimento, o seu tempo gasto com música durante a vida?

Tiago:

Sim, sim. Quando eu descubro uma música diferente, um estilo musical que eu não escutava antes, que eu não conhecia, algo que nunca foi presente na minha vida, eu tento sempre passar adiante para amigos que gostam de música, ou assim, escuta e vê o que você acha, sabe? Então é sempre nesse sentido, sempre buscando novidades e tentar compartilhar com as outras pessoas aquilo que eu consigo trazer de novo para a minha vida, e também espero que possa levar para a vida de outra pessoa, se ela gostar ou não, fica a critério dela.

Entrevistador:

Sim.

Então, agora eu queria falar sobre um tipo específico de experiência, que é aquela experiência na qual você está mais... que a música está em primeiro plano, mesmo que você esteja fazendo algum outro tipo de tarefa enquanto você está escutando música, mas a tua atenção, a tua conexão com música é especial nesse momento. Você acha que esse momento ocorre para você?

Tiago:

Sim. Às vezes eu estou trabalhando e... Eu trabalho muito igual a gente está aqui, no Zoom.

Eu tenho um trabalho de casa que eu faço. Mas nos momentos em que eu não estou no Zoom, tendo reuniões e tal, eu estou trabalhando aqui e não estou interagindo com outras pessoas, a música é presente ali, ela fica em segundo plano o tempo todo, fazendo parte da minha rotina diária. É a minha companhia.

Entrevistador:

O momento que eu estou me referindo é o momento em que a música está... É o seu foco de atenção principal. Você vê isso acontecendo?

Você acha que isso já aconteceu em uma época e não acontece mais? Ou nunca aconteceu? Como é que você vê isso?

Tiago:

No meu foco como principal?

Entrevistador:

É, como se fosse o seguinte, agora eu vou sentar para ouvir música, por exemplo.

Tiago:

Ah, sim. Isso eu faço também. Às vezes, no momento em que eu quero um pouco relaxar, que eu não estou fazendo nenhuma outra atividade, que eu não estou trabalhando e tal, eu sento às vezes no sofá e não gosto muito de, por exemplo, ver televisão.

É uma coisa que não faz parte da minha vida. Já fez, mas hoje em dia não faz mais. A não ser que for um filme, um stream, alguma coisa assim, beleza.

Mas TV aberta, esse tipo de coisa, eu já cancelei da minha vida. Então, o que eu tenho a fazer, o que eu gosto de fazer é sentar na sala, onde não tem TV,

substituir a TV por um aparelho de som e colocar ali a música. Ouvir a música, apreciar uma música, tomar uma cerveja, enfim.

Curtir aquele momento ali com a música mesmo, sabe? É o que eu gosto de fazer.

Entrevistador:

E aí, quando você está nesse momento, você vai ouvir o *streaming*, é isso?

Tiago:

Isso, exatamente.

Entrevistador:

Aí, em geral, o que você escuta? São *playlists*? São músicas isoladamente?

Você falou há pouco tempo atrás que você escolheu uma música e aí você usava a função de rádio. Se você puder explorar um pouquinho mais isso.

Tiago:

É, assim, eu estou falando stream, porque eu não tenho mais oportunidade do vinil. Se tivesse ali como resgatar a minha vitrola, a vitrola é uma coisa mais antiga, para eu tocar disco, eu teria preferência, com certeza, por conta da qualidade. Mas, de certa forma, eu ficaria muito limitado àqueles discos que eu ia ter.

Então, assim, por um lado positivo, o *streaming* acaba me trazendo novas descobertas e me atualizando. Não sei se era essa a pergunta.

Entrevistador:

Não, eu estava me referindo se você vai escutar *playlists* ou álbuns ou músicas isoladas.

Tiago:

Um pouco de tudo. Como eu falei, é descobrimento, descobrir coisas novas. Às vezes me dá uma vontade de ser mais nostálgico.

Eu vou lá e coloco uma coisa que eu escutava até mesmo na adolescência. E fases da minha vida que marcaram, certas músicas que marcaram quase, lembrar aquelas fases. Coisa nova, enfim, depende muito do momento para onde eu quero ir.

Entrevistador:

Entendi. E você acha que esse momento que a gente está falando aqui, ele acontece com a mesma frequência que já aconteceu antes? Ou ele hoje em dia acontece mais ou acontece menos?

Comparando com a tua vida como adolescente, como jovem adulto.

Tiago:

Eu acho que talvez por conta da demanda de trabalho que eu estou tendo. Eu não tenho mais aquele tempo como eu tinha quando eu era adolescente. Então, acabou diminuindo nesse sentido.

Mas não porque eu não quero, eu acho que é mais por conta mesmo da minha demanda. Tempo na minha vida mesmo.

Entrevistador:

Quando essa hora rola, como é que você pessoalmente se percebe? Você se arrepia com a música? Você fica muito concentrado, só prestando atenção?

Ou você canta junto? Como é que você consegue descrever o teu comportamento nesses momentos especiais?

Tiago:

De diversas formas. Às vezes eu canto junto. Gosto muito de cantar junto.

Se eu souber a letra. Muitas das músicas que eu escuto, eu tenho um gosto muito eclético. Então, às vezes eu escuto música brasileira.

Mas se eu souber a letra que foi em inglês, eu até acompanho junto também. Mas o meu comportamento é esse. É acompanhar sempre a música.

E o que mais? Às vezes, sim, eu me arrepio dependendo da música. Uma música nova, que o Paulo Cano, olha só, que legal.

E aí chega a me arrepiar, a me trazer. E até nostalgia mesmo. É uma música de muito tempo que acaba surgindo assim, sem eu estar esperando em um apelido aleatório.

Eu falo, caraca, que maneiro. Essa música me lembra muita coisa. Então, isso me gera esse tipo de reação inesperada, uma coisa surpresa.

Acho legal isso.

Entrevistador:

Bacana. Tiago, é isso, cara. Queria te agradecer pelo seu tempo.

E para todo mundo que eu entrevisto, eu digo que minha pesquisa, assim que estiver pronta, eu vou disponibilizar, se tiver interesse de ler e tal. Ah, com certeza. Tá bom?

Tiago:

Tá bom.

Entrevistador:

Obrigadão.

Tiago:

Valeu. Boa noite. Prazer de te conhecer.

Sorte não, né? É êxito pra você, né? Porque sorte é outra coisa, né?

É o que a gente quer. E é isso. Fico feliz de ter contribuído aí.

Qualquer coisa que precisar, é só falar aí.

Vanessa Renata

Escolaridade: graduação

Ocupação: jornalista

Nascimento: 22/07/1988

Idade: 35

Entrevistador:

Então, Vanessa, essa entrevista faz parte da minha pesquisa de doutorado, que trata da experiência do fã de música com música gravada. Então, essa entrevista tem basicamente três blocos. A gente vai abordar primeiro a sua relação pessoal com música, depois buscar falar um pouquinho mais sobre os seus hábitos de audição musical e depois, finalmente, sobre um tipo de experiência específica que a gente está mais interessado.

Então, você conseguiria dizer para mim qual é a importância da música para a sua vida, se ela de alguma maneira ajuda a te definir como pessoa?

Vanessa:

A música é tudo para mim, assim. Desde criança eu tenho uma relação bem próxima, assim. Música sempre foi minha companhia.

Desde a minha infância, eu sou filha única, né, mas eu cresci na casa dos meus avós, com os meus tios também, com a minha mãe. E minha família não tem muito costume de ouvir música, mas, enfim, tinha um rádio, tinha bastante CD também, então eu ouvia algumas coisas por tabela. E eu cresci ouvindo rádio também, rádio normal, assim, jovem pan, mix, essas rádios, assim, mais para adolescente, na época, né, pelo menos.

E música, acho que sim, me ajuda a definir, tem... Não sei como eu posso explicar, mas... É difícil explicar isso, nunca parei para pensar, desculpa.

Mas é basicamente isso, música sempre foi minha companhia, assim. Na verdade, eu sempre fui uma criança meio solitária, porque filha única tem disso, né. Então eu sempre estava ouvindo música, assim, pelos cantos da casa, desde criança, sempre, sempre.

Entrevistador:

Eu estou vendo aqui que você tem 26 anos, é isso? Isso. Então, você quando...

A gente começa a se interessar por música ali, acho que, de modo geral, ali no final da infância, a partir dos 7, 8, né, mais ou menos, meio de década, vamos falar assim, mais ou menos. Então, quando isso aconteceu, você já estava numa fase em que o CD estava perdendo espaço para divulgação de música via download, mp3, essas coisas, né?

Vanessa:

Sim, eu acho que eu peguei um pouco atrasada essa fase, porque... A gente demorou muito para trocar de computador, a única pessoa que tinha computador... A minha família é bem humilde, assim, a gente foi sempre muito humilde.

A única pessoa que tinha computador é o meu tio, que ele... A primeira pessoa formada da família, ele tinha um Windows 95, por muito tempo. Então, eu não sei se ele baixava música, acho que ele não sabia também.

Então, eu acho que era mais CD. Eu ganhei o mp3 dele, ele ganhou de outra pessoa, com músicas já gravadas. Acho que foi o meu primeiro contato, assim, nessa idade, mais ou menos, foi com um mp3 que ele me deu.

Entrevistador:

Você consegue se lembrar, assim, que idade você tinha nessa época?

Vanessa:

Dez anos ou menos.

Entrevistador:

Por volta de uns dez anos.

Vanessa:

É, ou menos.

Entrevistador:

É, 2007, né, por aí, né?

Vanessa:

É, por aí, 2007, 2008.

Entrevistador:

Interessante.

Vanessa:

Em 2009, eu já comecei com CDs, porque foi bem na... Quando o Michael Jackson morreu, eu me tornei muito fã dele, né? Porque aí comecei a ver na televisão, e aí eu comecei a comprar os CDs.

Foi quando eu realmente comecei a ter relação com o CD. Aí, antes, só tinha esse mp3 que eu ganhei. Ouvia muito rádio também.

Ainda não tinha contato com música download. Eu só fui ter contato, mais ou menos, em 2011. Foi quando minha tia comprou um computador, colocou internet lá, e eu aprendi a baixar música.

Eu já tinha um mp4 também, e eu baixava as minhas próprias músicas. Já fui conhecendo as coisas ali, procurando por mim mesma, os estilos de música, conhecendo as coisas. Na escola também, no ensino fundamental, eu tinha um celular e pegava muita música por bluetooth também, das pessoas.

Mas era basicamente o que todo mundo ouvia, assim. Eu não sabia o que eu gostava de ouvir, mas ouvia ali o que todo mundo ouvia.

Entrevistador:

E aí, como é que foi esse despertar do gosto pessoal? Como é que você percebe que isso aconteceu para você? Isso acabou orientando para o que você está falando aí, a sua compra de produtos musicais, de CDs, no caso, né?

Vanessa:

Eu acho que foi quando eu fiquei fã do Michael Jackson, quando ele morreu, eu tive contato com música pop, com outros artistas dessa, dos anos 80, 90. Também já havia, nessa época, também via televisão, MTV, essas coisas assim. De maneira geral, na minha infância, eu tinha muito esse pop nos 2000 mesmo.

Eu via muita coisa assim. Via algumas coisas antigas, uma coisa que me despertou bastante interesse foi o programa da MTV Classics, que era de 20h da manhã e passava coisas antigas também. Aí, juntando com as músicas do Michael, eu fui procurando mais músicas dessa época, dos anos 80.

O meu tio também foi uma influência, ele gostava de algumas bandas dessa época, assim, Harry M, David Bowie também, mais anos 80, The Police, e aí, como eu já tinha internet, eu fui procurando. Eu ainda gravava, um pouco antes do mp4, eu comecei a gravar algumas músicas no CD também, algumas músicas do Michael Jackson no CD, Madonna, e aí, quando eu ganhei o mp4 e meu tio já tinha mostrado essas coisas, eu fui procurando na internet. E aí, fui pesquisando todos os artistas, assim, dessa época, as músicas mais famosas, e aí foi quando começou o meu gosto por música mais antiga mesmo.

Entrevistador:

Legal! Você é consumidora de produtos musicais para além do suporte, do CD ou do vinil? Você compra, sei lá, vamos dizer, pôster, camisa, memorábilia, essas coisas?

Vanessa:

Já comprei mais. Hoje eu compro, não lembro se eu tenho alguma coisa assim, mas já comprei muito pôster, camiseta também, hoje eu não tenho mais, hoje eu tenho camiseta, sim, mas hoje eu tenho menos, hoje é mais vinil mesmo, agora isso eu compro mais livro.

Entrevistador:

Interessante, você é colecionadora de vinil? Como é que isso, por que você se interessou pelo vinil?

Vanessa:

Nossa, às vezes eu fico pensando nisso, porque na minha casa, ninguém, não tinha mais vinil na minha casa, o meu avô tinha alguns discos, assim, bem velhos, no meio de uma bagunça que não dava nem pra ver direito, a gente não tinha mais tocar disco, ninguém tinha tocar disco, eu acho que a minha relação com a música foi crescendo tanto, em certo ponto, que eu queria ter algo físico pra mim, assim, porque eu já não tinha tanto CD, era mais download, isso foi em 2019, quando eu comprei o primeiro disco, aí tinha muito download, não tinha mais essa coisa do CD, eu queria ter algo físico pra mim, eu gostava tanto de um álbum, de uma banda, que eu queria ter a música, sabe, se faz sentido isso.

Entrevistador:

Eu entrevistei uma pessoa, pra minha pesquisa de mestrado, eu não sei se isso te ajuda a fazer essa associação, que ele tinha vitrola em casa, tinha vitrola, aliás, na casa dos pais, mas ele comprava os vinis e guardava em casa, mesmo sem ter onde escutar, porque pra ele era uma forma de cultuar aquele artista, não sei se isso se aproxima da forma como você se vê também usando o vinil.

Vanessa:

É, também, só que assim que eu comprei o disco, na verdade, acho que eu comprei o disco primeiro, logo depois eu comprei uma vitrola, mas acho que é bem isso também, acho que é bem essa a relação também.

Entrevistador:

Os discos de vinil que você compra, são só discos de uma época em que o vinil, são discos que foram lançados originalmente em vinil, ou você compra também discos mais recentes, como é que é isso?

Vanessa:

É, sim, acho que a maioria, se não todos, foram lançados originalmente em vinil.

Entrevistador:

Você se vê, então, consumindo mais músicas antigas do que músicas recentes, ou não?

Vanessa:

Ah, sim, sim, 100%.

Entrevistador:

Você é assinante de alguma plataforma de *streaming*?

Vanessa:

Do Spotify.

Entrevistador:

Do Spotify, legal. Então, vamos falar um pouquinho agora sobre os seus hábitos de audição. Então, como é que eles se encaixam no seu dia a dia?

Você consegue descrever a sua rotina de audição musical? Ela é todo dia? Ela é num período específico do dia?

Como é que isso rola para você?

Vanessa:

Quando eu estou sozinha, geralmente é todo dia. Eu uso música assim, quando eu vou trabalhar, quando eu vou arrumar a casa, é bem comum, ou às vezes quando eu estou descansando, eu coloco fone de ouvido. Quando eu estou trabalhando, eu coloco fone de ouvido também.

Quando eu estou arrumando a casa, eu deixo assim na televisão ou no vinil mesmo.

Entrevistador:

Entendi. Então, se você está trabalhando, você provavelmente está ouvindo o Spotify.

Vanessa:

Sim.

Entrevistador:

Ocasionalmente, você também vai escutar o vinil quando você... Enfim, deixa eu tentar reformular essa pergunta. Como é que a audição do vinil acontece no seu dia a dia?

Vanessa:

O vinil é sempre para, como eu posso dizer, razões especiais. Principalmente quando eu recebo amigos em casa ou quando, como eu posso dizer, à noite eu estou descansando, vou tomar um café e aí eu coloco o vinil. É sempre para momentos específicos.

Entrevistador:

Você acha que o vinil tem um som melhor do que o *streaming*, você não percebe? Por que você opta pelo vinil, visto que com certeza você tem menos acervo em vinil do que no Spotify?

Vanessa:

Eu acho que o som é melhor. acredito que o som esteja mais fiel, ao que foi gravado. Principalmente, quando a gente gosta muito de uma banda assim... no meu caso, sou fã de várias bandas, tem algumas que eu gosto mais, às vezes no vinil tem alguns detalhes do som que no streaming ou não tem ou a gente não percebe. Acho que é isso, é um som um pouco mais fiel. E acho que é melhor também.

Entrevistador:

Quando você vai ouvir música, você sempre sabe o que vai ouvir. Você consegue descrever esse momento antes da audição?

Vanessa:

O vinil ou o *streaming*?

Entrevistador:

Se você puder falar um pouquinho dos dois, seria ótimo.

Vanessa:

O vinil depende bastante do meu humor. Mas no vinil eu tenho muitos estilos parecidos. A maioria são bandas e artistas dos anos 60 e 70.

Basicamente a maioria é rock. Alguns gêneros diferentes do rock. Rock, Rolling Stones, George Harrison.

Mas é bem assim, com vontade de ouvir tal artista. Ou estou com vontade de ouvir aquele disco. Ou estou só com vontade de ouvir esse estilo aqui e vou colocando os discos.

Ou estou com vontade de ouvir a discografia dessa banda e vou ouvindo todos os discos. Acho que seria basicamente isso. No *streaming* eu já tenho as minhas *playlists* prontas.

Às vezes eu sempre ouço as mesmas músicas nas *playlists*. As *playlists* são divididas em uma mais anos 60 e 70 e uma mais anos 80. E aí tem uma *playlist* só para as minhas bandas favoritas.

Aí eu ouço elas assim. Às vezes quando eu estou meio de saco cheio de ouvir a mesma coisa, eu coloco nas recomendações do Spotify. Mas para colocar artistas parecidos com o que eu já estou ouvindo.

Às vezes eu até descubro umas coisas novas, mas naquela época daquele estilo.

Entrevistador:

Como é que você descreveria a sua confiança na inteligência artificial para selecionar a música para você?

Vanessa:

Não é 100%. Porque às vezes acabo colocando um estilo que não tem nada a ver com aquela música que eu coloquei para ele gerar. Ou coloca de uma época diferente.

E aí eu não gosto muito. Eu ouço as mesmas coisas da mesma época. Se eu pudesse descrever o meu hábito, o meu estilo, seria isso.

Entrevistador:

Você falou que tem o hábito de criar *playlists*. Essas *playlists* são pessoais ou você costuma compartilhar essas *playlists*? Seus amigos acessam as suas *playlists*?

Vanessa:

Não, eu não compartilho. Na verdade é essa relação mesmo que eu tenho com *playlist*. Acho muito pessoal.

Às vezes até dedico *playlist* para o meu namorado também. Acho uma coisa bem pessoal.

Entrevistador:

Entendi. Você diria que essas *playlists* são, de certa maneira, o manifesto da sua dedicação com música, do seu interesse?

Vanessa:

Sim. Sim, também. *Playlists* de mais de 10 horas.

Bastante coisa.

Entrevistador:

Bacana. Michael, eu queria agora explorar um pouquinho sobre um tipo de experiência específica que me parece que você, pelo seu relato, é uma coisa que você aparentemente experimenta. É aquele momento em que a audição musical está em protagonismo.

A gente ouve música de múltiplas maneiras. Às vezes você vai fazer exercício e aí você bota uma música para te ajudar a fazer aquele exercício. Vai cozinhar...

Mas eu queria falar sobre esse momento de protagonismo da audição musical. Você se percebe tendo esse momento? Consegue descrever como ele acontece?

Acho que você já começou a falar um pouquinho sobre isso, não é?

Vanessa:

Sim, eu acho que... O que eu ia dizer? Esse momento é de convívio.

Quando eu chamo os meus amigos, eu falo vai lá para a gente ouvir um disco, alguma coisa assim. Mas sempre é assim.

Entrevistador:

Você acha que, de alguma maneira, o suporte, a capa, o objeto físico em si, ele ajuda? Ou o ritual, não sei. Ele ajuda a cultivar esse momento?

Vanessa:

Sim, eu acho muito importante. Eu gosto muito, principalmente das capas. Eu até cheguei a...

É que agora eu estou de mudança, mas... Eu tinha uma estante ali, coloquei uns suportes para poder colocar os discos em cima. Os discos que eu mais gosto, acho as capas de destaque.

E eu gosto muito dessas duas épocas. Eu gosto muito... Além da música, também do estilo de roupa, da moda, enfim, das coisas mais visuais.

Acho que o disco tem esse apelo visual. Eu gosto muito também. É bem interessante.

Entrevistador:

Você acha que a música tinha mais importância para a sociedade naquela época do que hoje?

Vanessa:

Eu acho que sim. Eu acho que sim.

Entrevistador:

Tem um autor que fala que as décadas de 50, 60, 70, ele chama de a Era de Ouro do Disco. E aí ele diz que nesses momentos, para as pessoas, o interesse musical tinha uma proximidade maior com a identidade das pessoas. E que, por

isso, essas épocas pontuam melhor esse relacionamento das pessoas com a música.

Por isso que eu fiz essa pergunta. Se por acaso você via isso, se na sua opinião você está descrevendo que você tem também interesse nessas décadas. Não é somente é a música, mas é como se fosse quase que uma arqueologia dessa época.

Vanessa:

Sim, exatamente. Inclusive no meu Instagram, mais ou menos na época da pandemia, eu estava colecionando mais discos também e estava mais em contato, pesquisando sobre a época. Eu comecei a participar da comunidade *vintage* no Brasil.

Muita gente que gosta não só dessas duas épocas, mas de outras épocas também. Mas especificamente comecei a ter contato com muita gente que gosta dessa época. Meninas, enfim.

De vários países. E aí eu comecei a reproduzir algumas fotos nesse estilo. Nesses estilos assim.

Aí eu comecei a usar roupa vintage também. Consumia até hoje. Consumo muito conteúdo dessas épocas.

Fotos, comentários. Muita coisa assim. Tenho contato com muita gente que gosta da mesma coisa.

Entrevistador:

Legal. O que eu ia perguntar aqui agora? O seu aparelho de vinil está conectado.

Você escuta ele, pelo visto, não é por fone de ouvido. Você falou sobre amigos que compartilham esse momento com você. Você tem caixas de som?

Você se preocupa com essa qualidade do áudio quando você vai escutar?

Vanessa:

Me preocupo bastante. Mas colecionar vinil, para você consumir vinil, hoje é muito caro. Tem momentos bons.

Quando eu comecei eu tinha uma vitrola, várias vitrolas, maletinhas, bem simples mesmo, só para ter onde ouvir. Só que com o passar do tempo eu fui me preocupando com o estado do vinil. Conhecendo um pouco mais sobre as partes um pouco mais técnicas.

Aguilha, enfim, do som. Eu vi que o som não era tão legal. Era legal, funcionava aquela coisa de ouvir o vinil, mas o som não era tão bom.

Como eu compro discos dessa época, a maioria são originais e alguns são até meio raros, difíceis de encontrar, eu queria preservar. E aí eu pensei, quando eu tiver condições, eu vou comprar um toca-discos mesmo. Esse ano eu comprei um toca-discos, mas eu comprei um amplificador, porque você não precisa de amplificador, seria mais caro para mim comprar.

E a caixa de som também, não consegui comprar na época, e aí acabei comprando esses alto-falantes, tipo JBL, e o som não é 100% de uma caixa de som própria para isso, mas ainda assim o som melhora muito também, ainda consigo preservar os meus discos, então estou ouvindo um toca-discos mais próprio para isso.

Entrevistador:

Muito bacana. Deixa eu te fazer aqui uma última pergunta. Falando sobre esse momento, se você consegue descrever a sua... a forma como você reage

internamente a esse momento que a gente está falando aqui, sobre o momento de protagonismo de audição musical, você está falando que é com o vinil. Eu vou te dar algumas coisas até para te ajudar a pensar sobre isso. Por exemplo, você se arrepia quando está escutando, você fica muito concentrada só ouvindo, você está o tempo inteiro manipulando a capa.

Como é que é esse momento? Se você conseguir descrever para mim.

Vanessa:

Nossa, acho que se eu pudesse descrever, acho que é uma euforia. É uma euforia. Eu não fico tanto manuseando a capa, embora eu goste muito, mas aí eu gosto de ficar concentrada ouvindo.

Fico prestando atenção mais no som. Mas é uma euforia, até arrepio, porque acho que é o... parece ser um contato muito próximo, com as bandas da época.

Acho que é isso. Um arrepio, uma euforia, uma emoção. Não sei se todo mundo entende o que a gente sente quando está ouvindo.

Principalmente quando é uma banda que a gente gosta muito. Uma coisa é ouvir, por exemplo, um disco de Bowie em qualquer outro lugar. Outra coisa é ter um disco de Bowie na sua casa e você colocar para ouvir.

Acho que é uma situação completamente melhor. Esse contato próximo, não sei explicar, acho que seria isso.

Entrevistador:

Uma relação de intimidade, não é? É.

Vanessa:

Isso.

Entrevistador:

Vanessa, te agradeço muito. Foi uma ótima entrevista, que super me vai contribuir para o meu projeto. Quando estiver concluído, feito o trabalho, eu vou compartilhar com você também.

É isso aí. Obrigadão.

Vanessa:

Obrigada. Foi um prazer participar. Espero que eu tenha ajudado em alguma coisa no seu projeto.

Vinícius Kalil

Escolaridade: graduação

Ocupação: designer

Nascimento: 16/03/1968

Idade: 56

Entrevistador:

Vamos lá, Vinícius, qual a importância da música para a sua vida? Você acha que, de alguma maneira, ela te ajudou a formar a sua identidade pessoal? Como é que foi isso para você?

Vinícius:

Bom, música, para mim, é extremamente importante. Eu acho que, primeiro, como uma experiência mais recente, durante a pandemia, a música foi o que me manteve são, mentalmente são. Eu venho de uma família que até é bastante musical, não tem nenhum músico assim, mas minha irmã tocava piano, meu pai tocava gaita de boca, harmônica, meu irmão tocava craviola de 12 cordas, tocava violão também, enfim, ouvia esses gêneros diferentes, meu pai gostava muito de música clássica e boleros, coisas assim, minha mãe ouvia muita música francesa e italiana, meus irmãos ouviam muita coisa da MPB, da época, eu sou temporão, eu nasci 13 anos depois da minha irmã mais nova e meu irmão mais velho é 20 anos mais velho que eu, então eu sou um estranho no ninho, eu nasci, meus pais já eram mais idosos, meus irmãos já eram praticamente todos adultos e aí eu venho na onda, mas eu, na minha infância, eu ouvia muito pop rock, basicamente, alguma coisa de MPB, mas o meu universo ficava bastante entre o pop rock e estrangeiro e eu comecei a estudar violão aos 14, dos 12, 13 anos mais ou menos, comecei a estudar primeiro com a minha prima, depois eu entrei numa aula de violão, só que quando eu tava com 15 anos, 14 para 15, o meu professor foi assassinado e aí eu meio que abandonei a história da música aí, e aí assim, a música, sempre ouvi muita música e tal, mas meio que não ativamente, assim, mais como ouvinte mesmo, e aí de uns tempos para cá, em 2018, eu nunca pensei em fazer isso, nunca tive nenhum tipo de experiência com esse tipo de coisa, mas eu fui convidado para cantar no, fazer uma audição para entrar num grupo vocal, num grupo coral.

Entrevistador:

Olha!

Vinícius:

É, isso foi em meados de 2018, e aí eu fui fazer, eu acho que assim, não achava que eu cantava, era totalmente cantor de chuveiro, aquela coisa, né? E aí comecei a cantar, entrei, o regente me convidou, entrei, na verdade, em setembro, efetivamente foi em setembro, porque foi final de junho, no final de julho, mas em agosto eu viajei para o Chile, então efetivamente eu comecei em setembro. E aí, no final do ano, uma outra amiga me convidou para fazer uma audição para um outro grupo, e eu achando tudo uma maluquice, porque, mas aí fui, passei na audição em março de 2019, entrei para um outro grupo.

E aí foi indo, foi indo, foi indo, acabou que, durante a pandemia, acabei participando de um outro grupo, online, durante a pandemia, e agora, recentemente, eu entrei em outro. Mas eu tô meio sobrecarregado, eu não sei se eu vou continuar nesse não. Tá certo!

Enfim, e ouvi, como ouvinte, assim, sempre, então, ouvi de tudo, sempre muito obrigado. Eu tinha, na época, que tinha, como é que era o nome daquele site, que era sempre, que era muito sobre música, que era MySpace, através do MySpace, eu tinha uma conta no MySpace, eu fiz contato com umas bandas, tipo, uma banda da Inglaterra, que estava lançando, e aí eles me mandavam os mp3, então eu tenho umas músicas, chamava The Accidentals, aí conheci uma banda de metal da Polônia, que chamava Mickey Rurka, que era em homenagem ao Mickey Rurk, o ator, e era muito engraçado.

Enfim, essas coisas.

Entrevistador:

Então, você, eu queria ter uma noção de como que a tua experiência como ouvinte, você falou aqui, um pouco da sua experiência como ouvinte, e esse é o foco aqui da nossa pesquisa. Você, quer dizer, você perpassou aí boa parte da indústria fonográfica, porque você passou pelo disco de vinil, pelo cassete, pelo

CD, e aí finalmente teve aquela crise que levou ao mp3, e depois, agora nas plataformas de *streaming*. Você consegue me dar um panorama, assim, de como que era a tua relação com o suporte, com a mídia, né?

Com o disco, com o cassete, na sua relação como ouvinte com esses artefatos.

Vinícius:

É, exatamente. Assim, eu passei por todos esses lugares, né? Então, eu criança ainda, quando tinha 9 anos, eu ganhei a minha primeira Vitrola, era uma Vitrola portátil Philips, e a partir daí eu comecei a comprar muitos LPs, mas nem tantos, porque LP, na verdade, era uma coisa cara, né?

Esse tipo de... As mídias, antigamente, eram caras, você tinha que juntar um dinheiro pra comprar, quero comprar aquele álbum, né? A gente, aí lançava um álbum novo e ficava lá juntando dinheiro pra comprar aquele álbum.

Então, saiu, sei lá, o Queen, o álbum branco do Queen. Ah, eu quero o álbum branco do Queen. Você juntava dinheiro pra comprar, e aí a gente usava muito fita cassete, então eu fazia muito, ouvia muita rádio e fazia *mixtapes* de rádio, e aí ficava gravando as músicas da rádio, e aí você ficava torcendo pra não ter aquelas vinhetas de rádio no meio da música, porque antigamente tinha isso, né?

Tava tocando a música no meio da rádio, assim, e aí estragava a música toda. Então, assim, era essa coisa, e fazia... Aí, mais tarde, quando eu tava com 13, 14 anos, eu negocieei com meu irmão, porque meu pai tinha me dado uma motocicleta de presente, meu irmão precisava da motocicleta, e eu tinha 14 anos, imagina, não podia nem dirigir a motocicleta, mas o meu pai é maluco, enfim.

E aí eu negocieei com o meu irmão, ele falou, vou ficar com a motocicleta, e aí eu troquei a motocicleta por um mega conjunto de som e um Atari. E aí era um conjunto gradiente, com placa disco, *receiver* e tal, e tinha... o *tape-deck* dele era duplo, então dava pra gravar da rádio, do disco, do LP pra fita, da rádio pra fita ou de fita pra fita.

Então eu pegava fitas emprestadas pros meus amigos e fazia novas *mixtapes* a partir das fitas, assim, enfim. E aí tinha muita fita cassete, muita, muita, gravava, fazia coletâneas, fazia tal, inclusive uma das minhas relíquias do universo dentro da MPB foi a minha irmã, essa minha irmã mais nova, que a gente era muito ligado, ela foi morar na Paraíba, ia morar lá, e aquela distância aí de despedida, ela fez uma *mixtape* pra mim, uma fita, né, só com músicas representativas da MPB brasileira, e ela me apresentou vários cantores que eu não conhecia, tipo o Elomar, na época, assim, e aí não tinha, assim, essa experiência, porque meu universo era no pop rock americano, inglês e tal, né, de fora. E aí, sei lá, tinha Nana Caymmi, tinha Gal Costa, tinha Caetano, tinha Gil, tinha Alceu Valença, tinha, sei lá, era um universo de música de MPB bastante legal naquela fita cassete. E aí, a partir daí, eu comecei a me interessar.

Mais tarde, aí já, na transição, entrando no universo do CD, eu tinha, ainda tenho, na verdade, os CDs, eu tinha muitos CDs, muito, assim, comprei, fui comprando CD, CD, CD, e eu ia atrás de lojas que tinham coisas diferenciadas, aí comecei a entrar, fui descobrindo, sei lá, um universo bem mais vasto de música. Eu não ficava muito na, eu gostava, eu consumia o que era, né, vamos dizer assim, os CDs de, sei lá, seria o equivalente da música do *blockbuster* de filme, né, é aquele CD que você encontra em qualquer loja, mas eu ia atrás de umas lojas diferenciadas e tinha uma loja que eu, tinha um nome diferente, na verdade, não era uma loja, era uma ilha de CDs que ficava no metrô da Carioca, e eles vendiam selos diferentes, eles tinham selos alternativos, tinham gravadoras independentes, e eles tinham uma coisa muito interessante lá.

Entrevistador:

Eu não me lembro disso, mas é interessante.

Vinícius:

É, pois é, e aí eu tinha um cara lá que era o meu consultor de novidades, ele já sabia mais ou menos desse estilo, e aí nessa época, assim, eu fui pra, tipo, eu fui abrindo meu leque de opções, eu fiquei um ouvinte bastante eclético, assim, eu não tinha uma coisa, eu ouvia muito lounge, ouvia uma coisa meio de bossa nova, eletrônica, revisitada, ouvia umas coisas de MPB, mas ouvia umas coisas regionais, ouvia muito coco, muita música do Nordeste, é, sei lá, aí eu ia descobrindo umas coisas, assim, por exemplo, eu entrei num clube de CDs nos Estados Unidos, e conforme você ia comprando, você ia ganhando uns bônus, tal, não sei o que, eu sei que eu fui comprando coisas, comprando coisas, comprando coisas, e aí um dia chegou uma caixa pra mim, de bônus, que vinha, sei lá, uns 20 CDs, assim, de uma vez só, que foi, e eu não paguei, assim, foi tipo um bônus, porque eu ficava nesses clubes de CDs nos Estados Unidos, e a minha irmã tava morando lá, então era fácil dela mandar pra mim os CDs.

E aí um dia chegou lá na casa dela essa caixa, ela falou assim, Vinícius, chegou uma caixa aqui com 20 CDs pra você, 20 CDs, eu não comprei 20 CDs, ela, não, tá aqui, aí ela me mandou a caixa, e foi tipo um bônus por causa desse negócio do clube de CD, e aí vieram umas coisas bem interessantes, enfim, eu nem vou conseguir me lembrar, que eu sou péssimo pra lembrar nome das coisas, mas, aí, por exemplo, em 2008, eu estive na Alemanha trabalhando, fazendo um *workshop* lá, que foi, que era da empresa que eu trabalhava, e aí eu era em Munique, mas eu tirei uns dias a mais de férias e fui a Berlim visitar um amigo meu que morava lá, e aí fiquei uns dias lá em Berlim, e aí andando por Berlim, Berlim é uma cidade incrível, eu descobri uma loja de CDs, uma loja de CDs, assim, bem interessante, e esse meu amigo mesmo, que morava na rua de trás da rua dele, e ele não sabia da existência dessa loja, e aí eu comprei vários discos lá do leste europeu, com músicas, tipo aquelas fanfarras, que são animadíssimas, eu adoro aquela música, comprei CDs de música da Hungria, da Tchecoslováquia, sei lá, foi isso aí.

Entrevistador:

Muito bacana, cara. E aí a seguir vem aquela fase da destruição criativa do mp3, né? Você, nessa época, você parou de comprar CD, você começou a comprar música pelo iTunes, por exemplo, ou você baixava música, como é que era o teu comportamento nessa época?

Vinícius:

Então, isso é uma coisa assim, por exemplo, eu cheguei a comprar umas músicas no iTunes, sim, mas muito pouco, muito pouco, eu comprei, eu só me lembro de uma vez específica, nessa época, eu continuei comprando CDs, porque eu não tinha muito essa coisa, eu sempre, por exemplo, eu sempre trabalhei no universo da Apple, né? Sempre tive Mac, sempre tive tanto Mac como computador, e depois quando surgiram os iPhones, eu migrei para os iPhones e fiquei nos iPhones até hoje, meu universo é Mac e iPhone, mas dentro do iTunes, por exemplo, eu carregava muitos CDs, eu joguei todos os meus CDs para dentro do meu Mac, usando o iTunes, ele importava as faixas dos CDs, e aí eu usei ele para importar, sei lá, eu passei meses importando os CDs todos para dentro do iTunes, mas eu não comprava, eu comprei uma vez um álbum, um CD, uma coletânea de músicas, porque foi um presente que eu dei para minha amiga, porque ela é francesa e era um álbum que ela ouvia quando ela era criança, ela nunca mais tinha visto, eu descobri no iTunes e comprei esse presente para ela, foi a única vez que eu me lembro de comprar alguma coisa pelo iTunes, mas eu não comprava, nessa época, eu usava muito Myspace,

nessa época do mp3, eu usava muito Myspace, e aí eu fui descobrindo através do Myspace essas bandas diferentes, e eles iam me mandando os mp3, entendeu? Então eu ia fazendo uma coleção de mp3 através dessas bandas que eram independentes, que eram fora, que eram não sei o que, o resto eu continuei comprando CD, foi muito raro, muito mais recentemente, aí já tinha passado aquela coisa do mp3, eu lembro que eu troquei muito mp3 com meus amigos, isso sim, eu tinha no meu círculo de amizade, a gente trocava muito a coisa dos mp3, então eu pegava as coisas que eu tinha jogado dos meus CDs, dava para eles, eles davam e a gente gravava novos CDs, aí a *mixtape* virou mix CD, né?

E aí teve muito disso, mas eu não fazia duas coisas, eu me lembro de não piratear, porque tinha muita pirataria, tinha muita essa coisa do mp3, tinha aquela coisa das pessoas, sei lá, eu lembro que tinha uns torrents que você entrava e baixava, sei lá, por cento os álbuns, eu não cheguei a fazer isso, até porque eu tinha, por causa das minhas redes sociais, eu tinha tanto no Myspace na época e o Multiply, que era uma, não sei se você chegou a conhecer isso, acho que não, você é muito novo.

Entrevistador:

Não, cara, você tem sete anos a mais que eu só.

Vinícius:

Então, o Multiply era uma rede que existia antes do Facebook e as pessoas trocavam, ele era dividido de uma forma que eu achava bem interessante, porque ele tinha uma parte de publicação, uma parte de fotografia, uma parte de música, e as pessoas trocavam muita música através do Multiply, então eu também acontecia isso através do Multiply, eu conheci um cara da Itália, por exemplo, que era um DJ da Itália, eu não me lembro de que cidade ele era da Itália, e aí ele mandou pra mim uma vez uma coletânea de música pop espanhola de uma banda muito divertida, que eles pareciam, eu achava que a cantora principal da banda era um travesti, depois eu descobri que não, que ela era uma mulher mesmo, mas ela parecia um travesti, e eles usavam esse universo underground gay, e a banda se chamava Fangoria E eu conheci através desse cara que era DJ italiano, e a gente trocou muita música, eu mandava algumas coisas pra ele, mas ele me mandou muito, através do Multiply ele me mandou muita coisa, e aí eu fui... Hoje eu tenho conta no iTunes, a gente tem pelo Apple Family, pela conta família, então eu tenho acesso ao iTunes, eles mudaram o sistema da plataforma, porque foram mudando, e aí eu acabei que hoje eu tenho uma conta, então eu busco muita coisa Eu tenho o Spotify, mas como eu já tinha conta da Apple Family, eu não fiz conta paga no Spotify, né? Então você usa o Apple Music, na verdade?

Eu uso o Apple Music, hoje em dia Você assina, né? Assino, sou assinante do Apple Music Mas ainda vou te dizer que eu uso muito pouco, de vez em quando eu vou lá no Apple Music e dou uma fuxicada, eu pego... Na Apple Music tem, por exemplo, se você tá ouvindo uma coisa, ele dá sugestões, ou do mesmo cantor, ou de coisas parecidas relacionadas com aquele cantor Aí às vezes eu vou lá e vou ouvindo coisas que eu não conheço, e tal Mas eu vou te dizer que eu ainda uso muito a rede dos meus amigos pra trocar figurinha, assim... Então às vezes...

Eu tenho muitos amigos músicos, eu tenho muitos amigos que são músicos de banda, músicos, e muitos amigos cantores, por causa desse universo que eu entrei do canto coral Então acaba que a gente troca muita informação, e aí alguém fala Olha esse fulano de tal, olha esse lá... Aí essa semana mesmo, por exemplo, eu tô encantado com uma cantora de Acará, no Pará Chama Nanda Miranda Ela acabou de lançar um álbum que é só de boleros, que ela compôs em cima das cartas que o pai dela escrevia pra mãe e a mãe escrevia pro pai

São as cartas românticas de namoro dos pais dela E ela transformou as cartas em boleros Cara, e é incrível, é maravilhoso E aí isso foi porque eu tenho um amigo que é guitarrista lá em Belém, que chama Félix Robato E ele toca em lambateria, ele toca essa coisa da... tem esse universo da... como é que chama? Tem um estilo que chama... brega, é meio brega, assim, sabe? Que eles têm essas coisas de guitarrada e tal E uma coisa bem típica lá do Pará Que é interessante, eu gosto Mas aí ele trouxe essa E fora, assim, outros músicos, tipo, eu tenho... eu tô fissurado por músicos de Pernambuco Que têm aparecido, assim, na cena musical E aí você descobri isso através da sua rede, com seus amigos ou através da sua...

Da rede dos meus amigos, por exemplo Começou assim, por exemplo Aí eu tenho um amigo de São Paulo Ele é redator, escritor, ele participa de uns saraus de literatura e tal, não sei o quê Um dia ele postou sobre esse cantor de Pernambuco que ele achava incrível E ele falou, ah, esse cara, Almério Aí eu fui pesquisar sobre o Almério Aí eu entrei na rede social, aí me aproximei do Almério e tal E fui vendo as músicas dele e me encantei pelo Almério Através do Almério, eu comecei a descobrir, no círculo de amizades do Almério Outros cantores, que aí o Almério tava cantando Pô, essa música que eu canto, quem compôs foi o Martins Aí eu fui atrás do Martins Aí descobri que o Martins tem umas músicas lindas, maravilhosas Aí eu tô lá, fanzaço do Martins, tô seguindo o Martins Aí, vendo na rede social do Martins, eu fui descobrindo outros músicos de Pernambuco Eu fui descobrindo outros, não sei o quê E aí eu vou indo de um lugar pro outro, vou indo, vou indo É abrindo, né? E acaba que, isso pra mim, acaba que Supre qualquer necessidade de, por exemplo, usar uma sugestão de Spotify Uma sugestão do Apple Music, porque tem, né? Sugestões Spotify, sugestões Spotify Do Apple Music Eu acho que fica, sei lá, é um caminho mais gostoso Parece mais humano e não é tão baseado em algoritmo Ou alguma coisa que, de alguma forma, tem um mercantilismo por trás Tem um capitalismo ali, de você tá vendendo Enfim, não sei Eu gosto muito das minhas redes sociais pra isso, assim Dos meus amigos e das minhas redes sociais pra essa troca de Cultural, sabe?

Não só pra música, mas eu uso muito pra música Eu tenho um amigo, ele é cineasta, ele já dirigiu Inclusive foi o diretor do documentário sobre o Oscar Niemeyer Que chama A Vida é um Sopro O Fabiano, o Fabiano Marcial Ele mora em São Paulo E aí ele tava super durão, passando por um período de dificuldade e tal E ele criou um blog E aí a gente paga pra acessar o blog e tal, não sei o quê Uma coisa pra dar um dinheirinho Que é uma merreca, mas enfim, né? E nesse blog dele, ele cria listas, *playlists* E aí ele escreve falando sobre as músicas, sobre o CQ, tal Ele traz um pouco da história dele, faz a coisa do cinema Ele pega todo esse universo de coisas e no final Fala sobre as músicas, bota uns vídeos, bota isso E no final tem a *playlist* A *playlist* do Spotify E aí você ouve a *playlist* Cara, eu adoro, porque aquela *playlist* dele Vem com tantas coisas maravilhosas, é incrível

Entrevistador:

E qual é o endereço do blog? Fiquei interessado.

Vinícius:

Ele chama na Corda Bamba Deixa eu ver aqui, se passo direitinho... Já te passo até pelo WhatsApp.

Entrevistador:

Deixa eu te perguntar, então, Vinícius, você, pelo seu relato, eu estou entendendo que você usa... O teu comportamento de audição, ele é... Qual fonte musical que você usa em geral? É mais rádio, é mais disco, é mais acervo pessoal digital. Ou é nas plataformas de *streaming* mesmo?

Tem alguma dessas mídias que você prefere, por alguma razão?

Vinicius:

Então, eu uso muito o Apple Music De plataforma, acho que o que eu mais uso é o Apple Music Tanto que, mesmo na... Eu ouço no carro, porque o celular fica conectado no carro E aí eu acabo ouvindo o Apple Music Eu já criei várias *playlists* dentro do Apple Music Então eu criei um álbum, sei lá, viajando Que aí são músicas que eu gosto de ouvir quando eu estou na estrada E é, assim, na verdade o meu Apple Music é entupido de coisa Eu não sei, eu tenho mais música do que eu consigo ouvir Baixado no Apple Music Acho que eu não... Às vezes eu deixo tocando e eu falo assim Que música é essa? Adorei essa música Aí eu vou ouvir que música, ela está lá no Apple Music Está na baixada, está nos meus álbuns baixados E eu nunca tinha ouvido ela Às vezes eu deixo tocando aleatoriamente Às vezes aqui em casa eu peço para a Alexa tocar músicas do Apple Music A Alexa toca coisas do Amazon Eles têm uma *playlist* da Amazon Existe uma *playlist* padrão da Amazon Mas como o Apple Music eu tenho já as coisas Eu posso pedir para tocar um álbum específico Uma *playlist* específica e tal Eu acho em termos de plataforma Acho que o que eu uso mais é isso Rádio eu ouço muito pouco Rádio eu ouço mais para ouvir notícias E alguns podcasts, assim Mas eu ouço pouco rádio de música Quase não ouço rádio de música Porque não faz muito sentido, né? A rádio vai tocar a seleção dela E eu não sei, ainda não descobri Ah, tem uma rádio que eu ouço Só, de música Que é a Mac FM, é a de música clássica De vez em quando eu boto Que aí eu gosto, eu gosto dos programas Eu gosto de ouvir Quando eu estou afim de ouvir música clássica eu boto nela Porque é uma coisa específica, sabe? Mas as outras rádios Que acabam sendo, sei lá Mais ecléticas, assim É raro Eu ouvia muito no passado Ouvi muito, muito, muito rádio Mas hoje, não Hoje eu prefiro ir no Apple Music Porque eu tenho conta Por exemplo, se eu não tivesse conta no Apple Music Talvez uma alternativa seria o Spotify Ou um Deezer, ou sei lá, alguma outra coisa Mas como eu tenho o Apple Music E a gente tem a conta família Para mim é mais prático Só que é uma questão de...

Entrevistador:

Agora, você... Como que a música se encaixa na tua rotina? Você acha que a música te ajuda a desempenhar As tarefas do seu dia-a-dia?

Se você puder falar um pouquinho sobre isso

Vinicius:

eu acho que assim no dia-a-dia eu vou te dizer que eu ouço pouco música porque o tipo de trabalho que eu faço é um trabalho que às vezes eu preciso de uma concentração e a música me distrai tem até uma vez eu estava vendo o documentário do Chico Buarque e ele fala que ele não gosta de trabalhar ouvindo música quando ele está escrevendo, por exemplo ele não gosta de ficar ouvindo música porque a música atrapalha o pensamento dele eu não consigo... eu não sou o tipo de pessoa que trabalha bem ouvindo música porque o meu trabalho... apesar do meu trabalho ser criativo e a música tem uma coisa de estilo mas a música, ela acaba me levando para um outro lugar então eu ouço pouco música no trabalho então assim, no dia-a-dia eu acabo ouvindo muito pouco eu ouço muita música quando eu estou no carro indo de um lugar para o outro então no carro é o lugar onde eu mais ouço música ou quando especificamente eu quero ouvir alguma coisa ou quando eu quero sair para dançar e é uma coisa específica às vezes, por exemplo eu tenho umas oscilações eu tive agora um *burnout* estava num processo meio de depressão e aí eu usava a música como um estímulo para mim de botar a música e aí a música vai me... A música vai me botar para cima, mas...

Eu confesso que eu ouço pouco no dia-a-dia E... E eu também assim, né? Com essa coisa do cantar, eu tenho que estudar muito as músicas que eu estou cantando, que eu tenho que cantar. Então acaba que o que eu ouço é o que eu tenho que estudar para cantar. E aí no lazer eu também brinco muito com um software Que... Um aplicativo que chama-se Mule, que é tipo um karaokê que você canta com gente do mundo inteiro E isso para mim é um grande lazer. Mas não é tanto da parte de ficar ouvindo música, né? Porque aí já entra a coisa do cantar. Não, é legal. Mas eu gosto de ouvir as pessoas cantando. Ou mesmo que eu canto. Como uma forma de exercício... Que aí eu fico...

Estou cantando aqui Aqui eu estou microtonando, aqui eu estou saindo, estou perdendo, estou deixando o tom cair aqui. Então eu uso como um exercício. Mas é uma outra característica. Não é uma coisa específica. O meu local então de ouvir música é assim... é dentro do carro. É quando eu estou me deslocando de um lugar para o outro. Eu ouço bastante música.

Entrevistador:

Bacana, cara. Então aqui para a gente encerrar a nossa entrevista, a gente vai falar agora um pouquinho sobre um tipo de experiência específica que é aquela na qual a música está no centro da tua atenção... Um momento de profunda conexão com a música em si. Você se percebe experimentando? Esse momento Você acha que esse momento acontece com frequência? Você percebe que existe uma relação Entre a... Entre o momento histórico... Quer dizer, hoje em dia a gente ouve música através de plataformas, antigamente a gente ouvia através de discos. Você acha que naquela época, esse tipo de momento acontecia com mais frequência? Você percebe esse tipo de relação ou não? O que você pode falar sobre isso?

Vinícius:

É... Eu acho que tem várias coisas aí É... Eu acho que a relação com o ouvir a música ela meio que foi se transformando com o tempo. E com a entrada das tecnologias, eu acho que mesmo se você for pensar lá, por exemplo, antigamente, antes da existência de qualquer coisa, de qualquer sistema de gravação, você ouvia música era um evento social. Porque você ou ia num teatro, numa ópera, numa casa de espetáculos, ou em algum lugar qualquer. Ou em casa, que aí você tinha aquela as pessoas que tocavam algum tipo de instrumento. Você ia fazer algum tipo de sarau E aí tinha aquela coisa, mas sempre era um evento meio que social. Você estava... Não era uma coisa tão...

Aí com a entrada do gramofone Quando começam a aparecer os gramofones as músicas gravadas. Eu acho que ali já tem uma certa transformação da forma de você ouvir música. E acho que as pessoas começam aí a ouvir a música com uma outra característica que perde um pouco a coisa desse evento social você podia ouvir sozinho na sua casa você está lá, você botou um rolete de cera no seu gramofone e ficou ouvindo, sei lá esse tipo de situação com o passar do tempo isso foi se tornando uma coisa mais comum de você ouvir eu acho assim. A música para mim, ela está muito relacionada ainda a eventos sociais porque as pessoas continuam fazendo festas continuam fazendo saraus continuam fazendo apresentações shows, continuam tendo shows e casas de espetáculo, e coisas com a música onde a música entra nesse aspecto social mas ela ganha esse aspecto pessoal de você estar lá com o seu fone de ouvindo aquela música e essa música aí, quando você está no seu... Claro que no evento social isso também acontece porque a música, ela sempre lida com o seu emocional as músicas conversam com o seu estado emocional então a música romântica ou seja, a música de rebeldia ou a música de protesto ou a música que vai te dar raiva a música que você vai gritar ou a música que vai te fazer sofrer uma dor de cotovelo, um ciúme ou uma coisa qualquer mas as músicas passam por esse lugar. Eu sou muito afetado emocionalmente pelas músicas muito desde criança

para te dar um exemplo de como eu sou afetado por música meu pai adorava Chopin e ele tinha mania de tocar Chopin na gaita dele, na harmônica e cara, ele não podia tocar aquele opus que chama Tristesse eu tinha uns dois anos de idade dois, três anos de idade ele começava a tocar aquela música eu caía no choro eu chorava, a música me afetava que eu chorava e a minha mãe ficava falando pô, ele tá... a música chama Tristesse e tá deixando ele triste e... e isso foi assim a vida toda então eu sempre usei a música para pontuar também o meu estado de espírito e eu...

Meio que reforçar e pra mim sempre a música sempre foi uma espécie de... de... remédio para eu não entrar em depressão sempre foi o meu melhor remédio para não entrar em depressão foi a música. então assim...

Mas eu... às vezes eu tô afim de, sei lá curtir uma fossa e botar uma música triste curto aquela música triste porque faz parte, entendeu? é como se fosse uma trilha sonora da vida, né?

E eu adoro eu, por exemplo, sou fascinado por trilhas sonoras de filme adoro trilhas sonoras de filme porque... como que a música se relaciona com a história que tá sendo contada às vezes eu gosto de ler um livro não quando eu tô trabalhando mas quando eu tô lendo um livro eu gosto de ouvir música e aí às vezes eu fico procurando uma música que tenha a ver é como se eu estivesse colocando uma trilha sonora para o texto do livro, entendeu? entendi mas é raro, não é sempre, não depende muito do livro e depende muito do momento.

Entrevistador:

Vinícius, sensacional, te agradeço muito a gente tá até quase estourando o tempo aqui da reunião do zoom eu tô aqui na reta final do doutorado ainda tem mais uns seis meses assim que eu tiver com o trabalho finalizado eu mando pra você, se tiver interesse de ler te agradeço muito pela disponibilidade.

Willian Cavalcante

Escolaridade: mestrado

Ocupação: designer

Nascimento: 29/04/1993

Idade: 30

Entrevistador:

Então é o seguinte, nossa entrevista aqui, a intenção é tentar...

A minha pesquisa procura entender como é que a experiência das pessoas que se identificam com o interesse acima da média em música atualmente, né?

Como é que é essa relação da experiência para as pessoas que são aficionadas, tá? Então, a entrevista tem três blocos.

No primeiro bloco, a gente vai tentar falar sobre a sua relação pessoal com música. No segundo, sobre seus hábitos. E no último bloco, a gente vai tentar explorar um tipo de experiência que a gente está mais centralmente interessado.

Então, vamos lá. Qual a importância da música para a sua vida? O que você pode falar sobre isso?

William:

Cara, eu acho que a música na minha vida veio muito por conta da minha história na igreja, né? E é muito cultural. Na igreja evangélica, é muito forte a relação com a música.

Então, eu já nasci... Minha família é toda evangélica, meu pai é pastor. Então, eu nasci no ministério lá e aí eu ouvia sempre.

Estudei bateria, toquei bateria na igreja. Então, eu tinha essa relação enquanto eu estive lá. E aí, eu acho que vem daí.

Acho que vem desse... Vem de berço, por conta da relação com a igreja e da relação que a igreja tem com a música. Hoje, eu sou completamente afastado e não tenho a menor relação com a igreja evangélica.

Mas a música ficou e... E eu não sei também. Eu acho que tem umas coisas que são naturais.

Antes de eu fazer aula de bateria, eu tinha quase que um tique de ficar... De ficar contando o ritmo, contando o tempo e... Natural, sem saber o que era isso e sem estudar, contando a parte de ritmo, né?

Não sei. Eu acho que é natural essa relação de ouvir, escutar e contar tempo, essas coisas. Mas eu creio que foi muito por conta da relação com a igreja.

Entrevistador:

Bacana! Você acha que a música acabou moldando, de certa maneira, a sua identidade pessoal?

William:

Acho que moldar é uma palavra muito forte. Acho que não. Mas eu acho que faz parte de muitos momentos muito fortes.

Mas acho que moldar, não.

Entrevistador:

Você consome ou até você tem na sua casa produtos com temas de música?

William:

Não sei se eu entendi. Como assim?

Entrevistador:

Você tem em casa, por exemplo, pôsteres, memorabilia, enfim, qualquer tipo, livros, revistas? Você tem um estilo de hábito de consumo?

William:

Eu tenho um livro com capas de vinil, livro lindo, enorme. Tenho alguns cartazes de banda que não estão pendurados agora, mas já estiveram em algum momento.

Entrevistador:

Legal! Você está com 30 anos? Desculpa, pode falar.

William:

Eu falo que eu tinha muito CD antes de eu assinar o Spotify. Eu tinha muito CD. Hoje não tenho mais nenhum.

Mas antes eu tinha muito CD, tinha muita mídia física. Entendi.

Entrevistador:

Você está com 30 anos, né, William? Sim. Você se percebe se interessando por música?

Qual é a primeira lembrança que você tem como ouvinte de música?

William:

Cara, eu tenho uma memória muito, muito antiga, assim, com a minha avó. Eu deitava na cama com ela e tocando uma música da Fernanda Brum. E eu lembro dos acordes, lembro de tudo, assim, lembro perfeitamente daquele momento.

Por conta da música. Essa é uma música muito forte, assim, porque toda vez que eu lembro da minha avó, eu lembro dessa música. Lembro desse momento.

E eu devia ter, assim, eu era muito novinho, muito novinho. Deixa eu até ver aqui. Eu acho que, cara, eu devia ter...

William:

Deixa eu ver de quando é esse álbum. É de 2001. Eu devia ter oito anos, por aí, nove.

Entrevistador:

Legal. Então, assim, você está com 30 anos.

William:

Isso.

Entrevistador:

Então, você não deve se lembrar, acredito eu, do vinil como o principal suporte da indústria, né? Você já... Sua relação, tendo 30 anos, você se...

William:

Eu tive acesso com a fita cassete, eu usei bastante. Ah, é? Eu tive um Walkman, e aí eu usava fita, depois eu tive um Discman, mas disco eu nunca tive.

Entrevistador:

Por onde entrou essa questão da fita cassete? Porque nessa fase, o Napster, que é o marco dessa transição, ele é de 99 e acaba em 2000. Você, em 2000, você tinha sete anos, né?

William:

Em 2000, eu tinha sete. Então, mas é porque eu acho que isso também é por uma questão de classe, né? Eu fui ter acesso ao computador em 2010, 2011, assim.

Eu ia ter o computador, ia ter internet lá para 2015, assim. Então, eu não tinha... Eu lembro que o primeiro torrent que eu usei foi o LimeWire.

Já era bem moderninho, assim. Eu não peguei Napster, essas coisas. E eu tenho uma...

A mãe do meu... A madrasta do meu padrasto morou nos Estados Unidos um tempo, e aí ela trouxe esse Walkman de lá.

Entrevistador:

E esse Walkman veio antes do Discman?

William:

Veio, é. Era criança, assim. Eu o prendia aqui, assim, e ficava com a família.

Entrevistador:

E aí, quando é que acabou essa tua relação com o cassete? Quando é que ela transicionou para um outro sistema? Mais ou menos, não precisa ser preciso.

Pô, eu não vou lembrar. Quando é que o Discman entrou na sua vida?

William:

É que, assim, eu lembro... Eu tenho umas imagens de eu usando o Discman, mas eu não lembro o ano. Cara, foi muito antes de eu ter o computador.

Então, certamente, deve ter sido ali para 2005, 2006, por aí.

Entrevistador:

E até então, a sua relação com música era através do cassete?

William:

É.

Entrevistador:

Ah, que interessante.

William:

Tanto no meu Walkman quanto em casa.

Minha mãe tinha aquele somzão, aquele grande, assim. Tinha um *tape-deck*, então, né? Não sei o nome.

William:

Cara, eu lembro que ele era da... Não, é porque ele já era moderno, assim. Eu lembro que ele tinha CD e tinha fita.

Mas a gente não tinha CD e rádio. A gente não tinha CD, só fita durante muito tempo.

Entrevistador:

Bacana. Hoje, você tem o hábito de colecionar discos? Você disse que não porque você abriu mão dos seus discos a partir do momento que você começou a assinar o Spotify, né?

William:

Sim.

Entrevistador:

Você paga pelo Spotify? Você não usa o Spotify gratuito?

William:

Não, eu pago premium.

Entrevistador:

Legal. Você consegue me contar um pouquinho, do ponto de vista da sua experiência, como é que é essa transição que você viveu do suporte do cassete, depois para o CD? Me parece que você não teve muito...

Ou se teve, me fala como é que foi também essa relação com o download de mp3 e agora finalmente com as plataformas de *streaming*.

William:

Então, eu não lembro o intervalo entre o Discman e o mp3. Não lembro mesmo. Mas eu lembro que eu tive um mp3 de 128 MB, aquele pequenininho assim, tipo um *pendrivezinho*.

Eu lembro de eu ir nas Casas Bahia com a minha mãe comprar, porque na época o meu pai biológico me dava acho que 50 reais por mês. E aí eu lembro de a gente ter feito, sei lá, em 10 vezes o mp3. Eu lembro que eu era muito criança.

Não lembro o momento, mas eu lembro nas casas de Bahia, indo lá comprar e tal esse de 128. E eu baixava na Lan House, baixava música na Lan House. E aí eram músicas soltas e tal.

Eu lembro que eu fiquei muito tempo com o mp3, mp3. Aí um primo meu foi ter computador com internet. Aí eu baixava na casa dele.

Comecei a conseguir baixar álbuns inteiros. E aí eu botava nesse negócio. E aí eu lembro que veio a febre dos mp4, mp5, mp7.

E aí eu tive alguns, assim, já, tipo aqueles grandão assim, com tela colorida, não sei o quê, que cabiam mais. Então durante muito tempo a minha relação foi baixar, eu tive essa relação de baixar o mp3. Baixava muito no 4shared, naquele do azinho.

Como é que era?

Entrevistador:

É, não sei.

William:

Sabe? Ares? Pode ser?

Entrevistador:

Não sei não.

William:

Enfim, baixava álbum inteiro ali, ali no 4shared. E eu ouvia nesse mp4. E aí o tempo ia passando.

Eu lembro que aí já tinha um computador. Eu tinha muita pasta de música. Muita, muita, muita.

Eu ouvia muita música internacional. Na época eu gosto de música internacional. E aí tinha tudo lá organizadinho e tal.

Cara, eu tenho o Spotify há muito tempo. Acho que desde quando eu comecei a trabalhar, aí eu lembro que eu assinei o Spotify e parei de baixar as coisas. Porque aí foi ficando cada vez também com muita propaganda, muito vídeo dando trabalho.

E aí eu assinei o Spotify. Você não consegue lembrar o ano que você assinou o Spotify? Será que consigo ver pela conta?

Eu não lembro o ano.

Entrevistador:

Ah, sim, o Spotify foi no Brasil acho que em 2015.

William:

Então deve ter sido por aí. Porque eu estava já no estágio. Certamente.

Então deve ter sido no primeiro ano.

Entrevistador:

Tá. Você quando baixava música, você tinha a preocupação de fazer o download do álbum como um todo?

William:

Do álbum. Eu baixava o álbum, baixava a capa. Eu ia lá no iTunes, colocava a capa.

Que aí o iTunes mudava todos os aplicativos. Entrava tanto no mp4 quanto no Media Player e tal. E eu gostava da visualização também do iTunes, aquele feitinho lá de...

Esqueci o nome, mas tem os feitinhos maneirinhos lá. Baixava o álbum completo e ia fazer a questão de renomear. Se vinha um nome meio cagado, eu ajustava o nome.

Eu ia lá nos arquivos, os metadados, ajustava o nome de tudo, o nome do álbum, o ano, ajustava a capa.

Entrevistador:

A sua audição sempre esteve de alguma maneira vinculada ao álbum?

William:

Sim, até hoje.

William:

Eu sempre tento ouvir o álbum inteiro. Não gosto de ficar ouvindo... Não que eu não goste de *playlist*, eu gosto de *playlist*.

Mas eu gosto daquela música, aí eu vou no artista, eu vou no álbum e aí eu ouço. Por isso que às vezes eu pego uma *playlist* e aí eu fico assim meses nela. Porque aí eu vou naquele artista.

Aí eu gosto, eu ouço aquele artista, eu ouço aquele álbum, e aí depois eu volto nela. Aí esse processo vai seguindo. Eu tenho pouca até.

Se você vai fazer oito anos de Spotify, eu devo ter nem trinta *playlists*, tem pouca. Porque eu vou ali esgotando cada música.

Entrevistador:

Então é meio que a *playlist* serve como uma ferramenta de descoberta, na verdade.

William:

Sim, sim. Eu descubro muita gente no Spotify.

Entrevistador:

Essas *playlists* que você está se referindo, são *playlists* que você segue, você descobre ou são *playlists* que você cria?

William:

Eu sigo. Eu não gosto, eu tenho preguiça de criar. Eu tenho só três *playlists* que eu criei.

Eu prefiro as do Spotify, porque eu acho que são mais organizadas, mais bonitas, tem uma lógica melhor.

William:

Eu geralmente sigo as que o Spotify faz, a curadoria deles.

Entrevistador:

Legal. Você falou sobre as *playlists* do Spotify, isso eu acho interessante. Esse tipo de *playlist* que você segue, são aquelas relacionadas à *mood*, esse tipo de coisa?

Ou são *playlists* mais específicas com relação a gênero?

William:

Geralmente é *mood*. O que eu faço lá, tem esses dois momentos: o principal eu vou pela *vibe*, tipo café da manhã, começando o dia, ou tranquilidade para trabalhar, *lo-fi* para estudar, essas *vibes* temáticas.

E aí quando eu quero ver uma coisa específica, eu procuro pelo gênero. Mas é, sei lá, a cada dez vezes que eu procuro uma *playlist*, uma deve ser por gênero.

No geral é sempre pela *vibe*.

Entrevistador:

E aí através da *playlist* de *mood*, você consegue achar coisas que te interessam, e aí isso vai definir uma determinada rota de... Desculpa. Desculpa, minha mulher acordou.

Estou na sala porque hoje é dia de faxina. É o seguinte, eu estava dizendo... Ela era uma ferramenta de descoberta, então através dessas *playlists* você acaba determinando uma determinada rota de audição.

Você gostou de alguma coisa, me corrija se estiver errado. E aí a partir daquele artista você vai descobrindo os álbuns, e aí você vai nos álbuns para explorar a obra daquele artista.

William:

Sim, isso não é uma regra. Eu já entrei no Spotify com um grande repertório, que aí eu fui adicionando lá, então tem a minha biblioteca lá, que eu ouço muito, mas quando eu vou para as *playlists* eu faço esse caminho, eu vou ouvindo, e aí pode ser que não me interesse, aí eu ouço aquela música e passo, mas acho que eu vou me interessando, aí eu vou explorar o artista, explorar a discografia e tal. Eu gosto de ouvir tudo, não gosto de ir não só em uma música ou só em um álbum, eu gosto de ver tudo, toda a obra do artista, aí eu fico um tempo lá, geralmente é esse fluxo.

Entrevistador:

Você se identifica como alguém que gosta de um estilo específico de música ou mais um, que seja mais importante para você?

William:

Cara, não, eu não tenho, isso é uma coisa que eu tenho orgulho até, eu não tenho o menor preconceito com nada, eu vou ouvir, claro que tem momentos, mas eu ouço tudo, não tenho o menor preconceito musical. E nem vergonha, eu ouço aqui, meus sertanejos ficam dizendo, não, eu ouço mesmo.

Entrevistador:

Você sabe que tem gente em pesquisa, não a minha, porque eu não estou buscando isso, mas tem gente que fala que o fato do Spotify expor aquilo que você está ouvindo naquela aba lateral, que aquilo é um problema para elas, porque às vezes eu não quero ser identificado por alguém que escuta, sei lá, pagode dos anos 90.

William:

Isso, eu já recebi gente no WhatsApp falando, caralho, você está ouvindo, sei que lá, eu falo, é, estou ouvindo. Eu olho ali também, mas eu acho que agora eles mudaram, ficou muito confuso a versão das top, assim, está uma merda. E aí eles mudam, não aparece para mim mais aquela listinha das pessoas, que as pessoas estão ouvindo.

Entrevistador:

Isso é vinculado ao Facebook, não sei como é, não sei se talvez tenha algo relacionado ao seu Facebook, não sei. Enfim, mas deixa eu te perguntar, na internet, então, qual é a tua relação com produção de conteúdo e consumo de conteúdos relacionados à música? Você se vê compartilhando muitas coisas com esse tema?

Você se vê seguindo pessoas que produzem esse tipo de conteúdo? Como é que é?

William:

Cara, eu sigo poucas pessoas que falam sobre música, que tem a música como tema de conteúdo, mas eu sigo muitos produtores de música, então, muitos DJs, galera que faz *playlists* para o YouTube. Uma coisa clássica que eu faço e que eu consumo todos os dias é assim, acabei de fazer tudo, tudo, tudo, lá para nove da noite, assim, eu boto, e aí tem meu YouTube já até meio viciado, assim, eu boto uns DJs para tocar e aí fico escutando, mas não uma reflexão sobre, né, e sim a música em si. Tem um jornalista que eu seguia há um tempo que ele falava, ele fazia resenha de álbuns, mas quase não aparece para mim, eu quase não vejo nada dele, eu segui naquele momento, é interessante, mas no meu feed, ele não aparece no meu feed, então, de galera que produz conteúdo sobre música, eu não, acabo não consumindo muito, eu consumo muito DJ e gente que organiza *playlist*.

Entrevistador:

Beleza, então encerramos aqui o primeiro bloco, vamos falar um pouquinho sobre os seus hábitos de audição, consegue explicar para mim como é que é a tua rotina com relação à música, como é que é, de que maneira a música entra na sua rotina?

William:

É, o meu o meu despertador, que, na verdade, eu acordo sozinho, sempre, mas, geralmente, eu entendi o horário que eu costumo acordar e eu coloco na Alexa para tocar sempre uma *playlist* de *lo-fi*, só que o *lo-fi* é brasileiro, então não é só o instrumento, é as músicas brasileiras adaptadas. Então, eu já acordo sempre ouvindo música, é o meu bom dia, aí eu não ligo televisão, não vejo a televisão, notícia, nada, eu vou fazer café da manhã, tomo no café da manhã, como música tocando, e aí eu sento para trabalhar e tal, porque assim, aqui eu moro sozinho, e aí eu tenho um apartamento de dois quartos, aqui no escritório tem uma Alexa, na sala tem uma Alexa, o meu banheiro, ele dá para a área de serviço, então na área de serviço, que é na cozinha também, eu coloquei uma Alexa, então eu tanto quando eu estou na pia, lavando louça, tanto quando eu estou no banheiro, porque ela fica bem no meio, assim, então quando eu estou tomando banho também, eu boto para tocar alguma coisa, ou quando eu estou na cozinha fazendo comida, eu boto para tocar também. Então, geralmente está sempre tocando música, o único momento que eu não escuto música é quando eu estou criando, porque aí eu não consigo, eu sou meio *single-task*, assim, eu não consigo pensar ouvindo música. Se eu já determinei o que eu vou fazer, e eu só vou executar, se é só o trabalho do braçal, aí eu coloco música.

Agora, se eu tiver no momento de criar, eu não consigo, aí eu pauso e fico em silêncio. Mas fora isso, em todos os momentos eu estou ouvindo música, para transar eu boto música, para acordar eu boto música, para tomar café, acho que o tempo inteiro, assim. E aí isso reflete, tipo, eu tenho, sei lá, seis fones de ouvido, e aí eu tenho um fone para a rua, um fone para casa, um fone para trabalhar, um para cada lugar, assim.

E aí também no metrô, no ônibus, tudo, sabe?

Entrevistador:

E aí, assim, você consegue estabelecer um vínculo entre o formato, se é álbum, se é *playlist*, se é música isolada, associando esses seus momentos do dia?

William:

Sim. Geralmente, no final de semana, eu sou meio repetitivo, então no final de semana eu vou botar ou o álbum da Bethânia inteira, ou o álbum do Caetano, vou ouvir o álbum. No final de semana, geralmente, de dia, eu ouço o álbum, eu tô pensando nisso agora, tá?

Você não tinha me dado conta, mas acho que mais no final de semana eu ouço os álbuns, e aí depende, tipo, agora eu tô viciado nos Garotinho, aí eu ouço o álbum deles e como é um EP, na verdade, de quatro músicas, eu fico ouvindo o álbum inteiro, sempre, até do início ao fim, várias vezes por dia. Eu tenho esse problema também, da obsessão, assim, pelo álbum. Se eu ouço um daquele álbum, eu fico só ouvindo aquele álbum o tempo inteiro, o tempo inteiro, e na sequência direto.

Cara, tem um álbum que ele é de... deixa eu ver aqui, 2004, e eu ouço ele desde então, inteiro, sempre que eu vou ouvir, eu ouço ele inteiro, que vai fazer 20 anos, e eu ouço ele inteiro. Mas é esses momentos, assim, de final de semana.

Durante a semana eu boto as minhas músicas curtidas. O que às vezes acaba sendo também a sequência do álbum, que eu curto o álbum inteiro, acaba sendo a sequência do álbum, mas aí vai minha *playlist* de músicas curtidas inteiras.

Entrevistador:

Mas aí não é uma audição tão ativa, não é isso? Como assim? Não é uma audição em que você está selecionando o objetivo?

William:

Às vezes eu boto no aleatório pra sair da sequência do álbum, até. Entendi.

Entrevistador:

E sempre pela plataforma de *streaming*? Sim.

William:

Só à noite, com alguém aqui, que eu boto no YouTube de bob lá, e aí eu deixo no YouTube. Só quando tem gente aqui, aí eu boto no YouTube.

Aí eu ouço pelo YouTube. Mas fora isso, eu estou sempre pelo Spotify.

Entrevistador:

Aí você bota pelo YouTube por causa da visualidade?

William:

É.

Entrevistador:

Aí nesses casos você está vendo shows, na verdade?

William:

Não, clipe. São poucos os shows que eu vejo, que eu fico vendo. Engraçado.

Mais clipe, ou então... Porque tem os caras que eles fazem o que eu mais gosto, na verdade. Aí vai depender do *mood*, mas tem uns que eles colocam uma mesa lá de som, e eles ficam botando as músicas, e o cara fica no sofá, tipo, de boa.

E tem uns que já é meio que uma *vibe* de uma festinha em casa, com 4, 5 pessoas dançando ali, e o cara fica tocando, que é uma coisa mais animada. Aí depende do que está rolando aqui. E aí não é tanto o clipe, é mais a *vibe* do cara que está tocando.

Mas também eu boto muito clipe. Eu vejo muito clipe. Porque eu acho que é meio a meio.

Entrevistador:

Entendi. Então você não consome muito esses conteúdos, tipo NPR, Tiny Desk, ou consome?

William:

Colors, sim. Bastante. Bastante.

William:

É, mas assim, são shows também, né? É porque não tem plateia gritando, não tem a gente interferindo na música. Entendi.

Entrevistador:

Legal, cara.

William:

A não ser que o álbum venha ao vivo. Eu já conheço o álbum ao vivo, não tem a versão de estúdio. Mas se eu conheço a versão de estúdio, eu não gosto muito de ficar ouvindo música com gente gritando em cima.

Entrevistador:

Entendi. Beleza. Então, cara, deixa eu te perguntar.

Você acha que a música te ajuda a desempenhar tarefas? Como é que é essa relação de ferramenta?

William:

Cara, na academia... Agora não mais, porque agora eu faço *crossfit*, aí eu não posso ficar ouvindo música. Mas na academia era essencial ficar ouvindo música.

De fato, eu liguei a *playlist* lá de funk e eu sentia que a energia lá em cima tinha uma diferença enorme. E eu acho que para a tarefa nem tanto, mas mais no meu *mood* que eu estou sentindo. Impacta muito.

Às vezes, para o bem e para o mal. Às vezes, quando eu estou triste, eu quero ficar mais triste, eu consigo saber o que eu preciso ouvir para isso. E o contrário também.

Quando eu quero ficar melhor, eu ouço quando eu estou muito feliz. Eu acho que é mais para sentimento.

Entrevistador:

Aí, nesse caso, você costuma usar essas playlists de *mood* do Spotify? Para isso?

William:

Eu acho que depende. Quando eu estou feliz, sim. O que vier está bom.

Quando eu estou triste, eu sei o que me deixa mais triste. Aí eu vou lá no álbum específico. Não é que me deixa mais triste, é melancólica.

E aí eu já vou direto. Nesse momento aqui, eu acho que esse álbum ficaria muito bem. Agora, quando eu estou feliz, eu deixo.

Ou então, o que eu faço às vezes quando eu estou... Eu confesso que eu tenho muita preguiça de escolher música. Às vezes, eu vou no perfil e coloco lá a rádio do fulano.

O rádio da música. O algoritmo vai escolhendo a partir dali.

Entrevistador:

Você acha que esse recurso que você descreveu te ajuda a superar algum tipo de sensação de congelamento diante da plataforma?

William:

Congelamento em que sentido?

Entrevistador:

Em sentido de assim, eu quero ouvir música, mas eu não sei o que é. Então, eu vou botar lá.

William:

Total. Total. É essencial.

Porque, às vezes, eu tenho muito isso. Do que eu escolhi, do que eu salvei ali, do meu like lá. Às vezes, eu não quero ouvir aquilo, mas também minha memória é péssima.

Então, eu não consigo... Ah, não. Vou ouvir o Transa do Caetano.

Não vou lembrar na hora. Eu prefiro... Ah, eu quero ouvir uma coisa meio brasileira.

Eu vou lá na *vibe*, sabe? Vou lá na Maria Bethânia, vou no Caetano, ou alguma coisa mais moderna. Vou no Silva.

E aí, a partir dele, eu boto essa estação, que aí vai vir essa *vibe*. Eu não consigo. Eu sou péssimo para...

Ah, eu quero ouvir o álbum tal, do fulano de tal.

Entrevistador:

Não é uma coisa que te ocorra assim do nada, né?

William:

Não.

Entrevistador:

Então, você, de certa maneira, você confia no que o algoritmo propõe para você escutar, né? Você está acessando a rádio do artista, é programático.

William:

É. Eu confio... Assim, eu sei que...

Não inocente. Na verdade, eu sei que rola grana ali, todas as questões do algoritmo, que nada ali é ingênuo, inocente. Mas é que eu não confio na minha memória.

Então, eu coloco nele o que eu não consigo fazer. É mais nesse sentido. Não porque eu acho que vai vir aqui o Spotify maravilhoso.

Não. É só porque eu não consigo acessar a minha memória.

Entrevistador:

Cara, então, William, é o seguinte. Eu queria falar contigo sobre um tipo de experiência mais específico que é mais importante para nós aqui. É o seguinte.

É quando a música está em protagonismo, quer dizer, você está ouvindo música e ela não está como uma trilha sonora de uma outra tarefa. A sua atenção está mais focada na música mesmo. Você se vê praticando esse tipo de audição?

William:

Todo dia. Eu tenho o hábito de finalizar meu dia fazendo isso. Eu passo o dia ouvindo música e tal, mas aí depois que eu terminei de trabalhar, sei lá, no dia que eu não vou sair, terminei de trabalhar fui para as festas, voltei para casa, tomei banho, arrumei e comi. Sei lá, arrumei alguma coisa.

Acabou tudo que eu tinha para fazer. Aí eu vou lá no YouTube. Eu tenho já uma *playlist* específica para isso.

Uma única *playlist*. Que eu demoro muito para acrescentar coisa nela. Então, geralmente são as mesmas músicas.

E eu todo dia que eu estou aqui em casa, eu paro e fico vendo. Geralmente a parte. E aí eu fico lá vendo.

Porque, cara, talvez nem tanto a música, muito o conjunto da obra. O clipe, a imagem, a cinematografia, o roteiro, fotografia, etc. E aí eu fico ali, de fato, focado vendo muito.

E... E é engraçado, porque isso me traz uma sensação até um pouco babaca. Mas eu me sinto muito foda de conseguir estar ali presente, consumindo aquilo e...

Não sei essa palavra, mas...

William:

Qual é a palavra?

Entrevistador:

Absorto?

William:

Cara, assim, percebendo. Acho que talvez seria melhor a palavra. Percebendo.

Conseguir estar presente e percebendo toda a complexidade daquela arte. Eu acho isso muito foda. E aí, principalmente, para estar chapado e tal, eu consigo acessar camadas ali, tanto do áudio quanto do vídeo, que eu acho isso muito foda.

E que eu vejo que muita gente não presta atenção nessas coisas. Eu muitas vezes faço... Tipo, eu fecho o olho e boto a música e eu fico tentando não ouvir o que está no primeiro plano e fico buscando muito o que está de segundo e terceiro plano.

Eu faço muito isso, de ficar buscando aqueles sonzinhos que estão ali só para criar a textura e... E eu fico neles, assim, às vezes ignorando o que está ali na primeira camada. Eu acho isso muito foda.

Eu faço isso praticamente todo dia.

Entrevistador:

E aí, está sempre vinculado a a audição através da TV? Ou você pode fazer isso com o álbum, por exemplo?

William:

Na maioria das vezes, eu estou vendo também, estou na TV. Mas também costumo fazer deitado um pouco antes de dormir, eu boto o fone e fico... É porque, enfim, tem umas piras, né?

Na minha janela eu consigo ver o céu. Tem um prédio na metade, mas na outra metade eu consigo ver o céu. E aí eu geralmente fico ouvindo música ou olhando para o céu e viajando lá na minha cabeça, ou de olho fechado e pressionando a tensão nas camadas.

Mas eu diria, sei lá, se eu for quantificar, talvez, sei lá, 25% das vezes eu boto o fone e o restante seria pela TV. Nesse momento específico, a noite. O ângulo é diferente.

Entrevistador:

Você mencionou numa outra parte da entrevista que você ouve álbuns mais no final de semana. Quando você ouve os álbuns no final de semana, você se percebe exercitando esse momento de protagonismo da música ou não funciona dessa maneira?

William:

Não, eu acho que não. Porque aí geralmente está relacionado à tarefa de casa, fazer faxina, limpar e tal. E aí não é tão profundo, não.

Entrevistador:

Tá, legal. Então, cara, você diria que a qualidade do áudio é importante para você desfrutar?

William:

100%. Eu não consigo não consigo pegar um fone ruim. Isso é um investimento que eu faço assim, cara, eu não tenho pena de tipo, esse aqui foi um fone e obviamente eu ainda fico numa acabada muito tipo, esse aqui foi uns 300 reais, que pra mim é caro.

Mas eu sei que tem outros muito mais caros. Mas eu geralmente compro fones nessa faixa e porque pra mim é imprescindível. Deixa eu só marcar o ponto aqui rapidinho.

É imprescindível. Eu não consigo dar conta de um fone ruim.

Entrevistador:

Estamos já no finalzinho. Talvez você tenha que...

William:

Não, tranquilo, eu só preciso marcar o seu calendário. A análise começa em quatro horas. Só preciso marcar que é protocolado.

Entrevistador:

Tá bem.

William:

Pronto. Tá tranquilo. Não precisa correr não.

Entrevistador:

Tá bem. Então é o seguinte. Eu queria te perguntar sobre assim, só pra entender se na televisão você também tem um som bacana que você considera de boa qualidade.

William:

Infelizmente não. Assim, o som da minha TV não é um som ruim, é um som bom. Também foi um investimento nessa TV.

É uma TV de 65, uma TV boa. É um som bom. Às vezes eu sincronizo com a Alexa, que aí a Alexa da sala é aquela grandona.

Só que me dá nervoso porque fica com um leve *delayzinho* assim, suficiente pra me incomodar. Porque é pelo bluetooth. E aí eu acabo não fazendo, quando é vídeo eu acabo não fazendo tanto.

E eu acho que fica mais baixo do que a TV. Ela perde muita potência pela conexão Bluetooth. Aí eu acabo ficando no som da TV mesmo.

Não é um som foda, é um som suficiente pra eu não me incomodar. Mas eu quero...

Eu falo que eu quero muito, uma coisa que eu olho constantemente é uma *soundbar*. E aí também eu acho que não vale uma fraquinha. E aí é um investimento muito alto.

O preço da TV, eu fico meio assim... Mas é um desejo constante. Latente, gritante.

Entrevistador:

Então, cara, só mais duas perguntas. Eu queria te perguntar se você percebe que esse momento de protagonismo da audição é mais ou menos frequente que em outras épocas da sua vida?

William:

Na verdade, esse hábito da TV, ficar focado na música, passou a acontecer quando eu comecei a morar sozinho. Então é um hábito relativamente recente. Faz uns três anos.

Entrevistador:

Eu queria saber se esse protagonismo da audição é mais ou menos frequente que em outras épocas da sua vida? Porque isso vai demonstrar de alguma maneira em outros momentos que não tínhamos plataformas de *streaming*, se naquela época você tinha mais ou menos protagonismo da audição.

William:

Entendi. Isso sim. Eu lembro de estar deitado na laje, em Magé, ouvindo música, olhando para o céu.

Isso é uma parada que eu faço desde que eu tive um fone. Deitar e ouvir. Eu acho que até fazia mais naquela época, porque eram menos lançamentos.

Outra vez eu tinha acesso a menos lançamentos, então eu conseguia ouvir, de fato, o álbum inteiro. Principalmente na época da mídia física. Ouvia o álbum inteiro e não tinha tanta coisa.

Eu também tinha menos coisa para fazer. Então eu acho que talvez até antes do Spotify eu ouvia mais, mas não por conta da mudança de plataforma, mas sim por mudança da minha vida. Mas eu lembro, desde criança, desde quando eu fui ter o meu primeiro cassete de Discman, lá o Walkman, indo para o terraço, para a laje, ouvi tanto sozinho e eu tinha um primo que a gente ouvia muita música junto também, na laje.

Mas aí já era no radinho, assim, não era no fone. Isso são memórias muito fortes, de eu estar deitado sempre nesse estado contemplativo. Tanto no momento que eu ia para Niterói também, em Niterói eu ficava relativamente mais perto de Niterói do que do Rio, então era meia hora de ônibus.

Isso é uma memória muito forte, de eu ir para lá e ficar ali na beira. Você conhece Niterói? Onde você mora?

Entrevistador:

Moro em Santa Teresa.

William:

Mas você conhece Niterói?

Entrevistador:

Não é uma coisa que eu já tenha... que eu conheça bem, não.

William:

É porque ali do lado do terminal tem um shopping, e nesse shoppingzinho, hoje está diferente, hoje ele ficou envelopado todo de vidro, mas na época ele tinha umas varandinhas, era tudo aberto, e lá embaixo tem as pedras que dá para ver as Guanabara. E aí eu ficava ali novinho, assim que eu comecei a andar sozinho, aos 14, 15 anos, e também ficava com fone. E aí esses momentos, eles são todos, todas as minhas memórias, elas são quase que cliques, eu lembro a partir das músicas ali no Niterói, que também era muito contemplativo de eu ficar ouvindo a música, e sei lá, eu ia lá basicamente para ouvir música.

Entrevistador:

Legal. Rapaz, agora a última pergunta da entrevista é que eu queria saber como é que é a tua relação com o corpo, quando você está nesses momentos de protagonismo, você falou que você está deitado, ou muitas vezes você está assistindo a TV, mas como é que você fica internamente, você está, você se conecta com a música, fica super focado, você se arrepia, você dança, você faz *airdrum*, você imita uma guitarra, como é que é?

William:

Cara, é muito corporal mesmo, eu não sou muito de dançar, as vezes eu danço sozinho, escondido, mas eu tenho arrepios constantes, isso é básico, é o padrão, me arrepiar, chorar, eu tenho muito essa relação de ficar com o olho cheio d'água, ficar muito arrepiado, eu acho que é mais esses dois, acho que é mais esses dois, isso é constante, eu constantemente fico com o olho cheio d'água ou arrepiado, ou então assim, de ficar batendo, não tocando, mas ficar batendo o ritmo, fazendo a contagem do tempo, no joelho, na perna, isso eu faço muito, é um tique praticamente.

Entrevistador:

Cara, super obrigado pelo seu tempo, se você tiver interesse, posso te compartilhar a pesquisa quando estiver acabado, falta mais seis meses, então é isso.

William:

Não, quero ver.

Valeu, cara, bom trabalho, boa pesquisa.

Entrevistador:

Para você também, um abraço.

William:

Um abraço, tchau, tchau.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

LEUI | Laboratório de Ergodesign e Usabilidade de Interfaces da PUC-Rio

Título da Pesquisa: Fruição fonográfica na era do *streaming* - as estratégias para uma experiência estetizada

Nome do Pesquisador Responsável: Me. Rafael de Oliveira Peçanha Ortman

Professora Orientadora: Profa. Dra. Manuela Quaresma

Você está sendo convidado/a a participar da pesquisa intitulada *Fruição fonográfica na era do streaming - as estratégias para uma experiência estetizada*, sob a responsabilidade do/a pesquisador Me. Rafael Ortman aluno/a de doutorado do curso de Doutorado em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- Rio), sob a orientação da Profa. Dra. Manuela Quaresma.

Justificativa

Nossa pesquisa investiga o comportamento do usuário com interesse acima da média em música no que diz respeito às suas necessidades em direção a uma experiência fonográfica estetizada e à distinção pessoal identitária. Evidências empíricas indicam que a estratégia das plataformas de *streaming* de música de certa maneira aliena nosso público-alvo, o qual, por sua vez, se volta para o consumo de mídias analógicas obsoletas. Entendemos que nossa pesquisa promoverá contribuições no âmbito sociocultural, uma vez que vamos nos debruçar sobre as práticas de audição musical de um nicho de ouvintes, e no âmbito econômico, posto que nossos resultados podem oferecer subsídios para indústria fonográfica a respeito de um segmento de seu público.

Objetivo

O objetivo desta entrevista é traçar um perfil de usuário com interesse acima da média em música. Tencionamos investigar quais recursos, mídias ou formatos fonográficos este nicho recorre quando se trata de obter fruição musical. Pretendemos descobrir as razões subjacentes (caso se verifiquem) para o referido público buscar uma experiência estetizada fora das plataformas (se assim se provar). Desejamos verificar se este público sente sua condição de especialista ameaçada pelas plataformas e se esta percepção influencia na sua experiência.

Metodologia

A entrevista será realizada em áudio e vídeo. Você receberá um *link* para uma plataforma de videoconferência na qual transcorrerá a entrevista. Muito embora sua entrevista vá ser gravada para permitir posterior análise, nosso interesse reside apenas no conteúdo de suas respostas. As partes do seu depoimento que forem mais pertinentes ao nosso interesse acadêmico serão transcritas. Os dados serão confidenciais, restritos apenas aos pesquisadores. Estimamos que a entrevista durará cerca de uma hora e abordaremos o seu comportamento como ouvinte de música gravada dentro e fora de plataformas de *streaming*.

Participantes da pesquisa

Nosso público-alvo é composto por indivíduos com interesse acima da média em música. Você foi selecionado por ter participado do questionário *Perfil de fã de música* prévio no qual consentiu em fornecer esta entrevista.

Riscos

Esta pesquisa tem como riscos: possíveis desconfortos ou constrangimentos em compartilhar suas opiniões. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, reforçamos que suas respostas serão totalmente anônimas, e não será possível identificar sua identidade no conteúdo gerado, durante ou após a realização do estudo. O procedimento do qual participa visa somente criação e discussão de soluções e, logo, você não será testado(a) ou julgado(a).

Benefícios

Sua participação é muito importante para a compreensão do comportamento do indivíduo com interesse acima da média em música, o que poderá lhe beneficiar futuramente de forma indireta.

Sigilo e Privacidade

Para proteger o sigilo de sua identidade, seu nome não aparecerá em nenhuma publicação. Você receberá um pseudônimo (um nome falso) que será usado em vez de seu nome. Todo o material de áudio e vídeo será tratado como confidencial e restrito para fins acadêmicos. Além disso, como já exposto, os registros de áudio e vídeo serão utilizados apenas para permitir a análise do conteúdo de suas respostas e não serão divulgados de nenhuma forma.

Autorização para uso de declarações

O material que constitui o corpo de dados coletados (imagens e áudio) não será divulgado. Você autoriza o uso de suas declarações para finalidades acadêmicas – artigos acadêmicos, aulas, *papers*, *sites*, simpósios ou congressos científicos relacionados ao tema?

() autorizo

Despesas e Ressarcimento

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo e nem receberá qualquer vantagem financeira.

Assistência e acompanhamento

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada, bastando solicitar uma cópia por e-mail ao pesquisador. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Caso eventualmente a pesquisa seja interrompida, seus dados não serão publicizados de nenhuma forma.

Participação voluntária e direito de desistência

Sua participação nesta entrevista é voluntária. Você não tem nenhuma obrigação de participar. Se você necessitar de uma pausa a qualquer momento durante a entrevista, por favor, avise. Você tem o direito de mudar de ideia e sair da entrevista a qualquer momento, sem apresentar motivos e sem qualquer penalização. Qualquer nova informação que possa fazê-lo(a) mudar de ideia sobre estar na pesquisa será fornecida a você. Este documento será emitido em duas vias, sendo uma para os pesquisadores e outra para você quando assinadas. Para confirmar a sua autorização via e-mail, deverá responder para rafaortman@gmail.com, com a seguinte informação expressa: *Estou ciente do termo de consentimento e aceito participar*. Você não renuncia a qualquer de seus direitos legais ao assinar ou concordar com este termo de consentimento.

Acesso ao pesquisador em caso de dúvidas

Em qualquer etapa da pesquisa, você pode contatar o pesquisador responsável para esclarecimento de dúvidas pelo e-mail rafaortman@gmail.com ou pelo telefone (21) 99228-9883 ou com a professora orientadora através do e-mail mquaresma@puc-rio.br ou pelo telefone (21) 3527-1005.

Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

Em caso de dúvidas relacionadas à ética em pesquisas, acionar o órgão responsável na Rua Marquês de São Vicente, Nº 225, Edifício Kennedy, 2º andar, Gávea - 22453-900. Rio de Janeiro, RJ. Telefone: (21) 3527-1618

Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS

Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, e da Resolução 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre normas aplicáveis à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Afirmo que li, compreendi e concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas.

Data: _____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura do pesquisador responsável:

Assinatura da professora orientadora:

Rafael de Oliveira Peçanha Ortman

Manuela Quaresma

Departamento de Artes e Design

Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio
LEUI | Laboratório de Ergodesign e Usabilidade de Interfaces
Rua Marquês de São Vicente, 225, sala 711F – Edifício Frings
Gávea, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22453-900. Telefone: (21) 3527-1005

Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

Rua Marquês de São Vicente, 225 – Edifício Kennedy, 2º andar. Gávea, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22453-900. Telefone: (21) 3527-1618. E-mail: alef@puc-rio.br.
A Câmara tem por atribuição analisar do ponto de vista ético os projetos de pesquisa dos professores, pesquisadores e discentes da Universidade, quando solicitada.